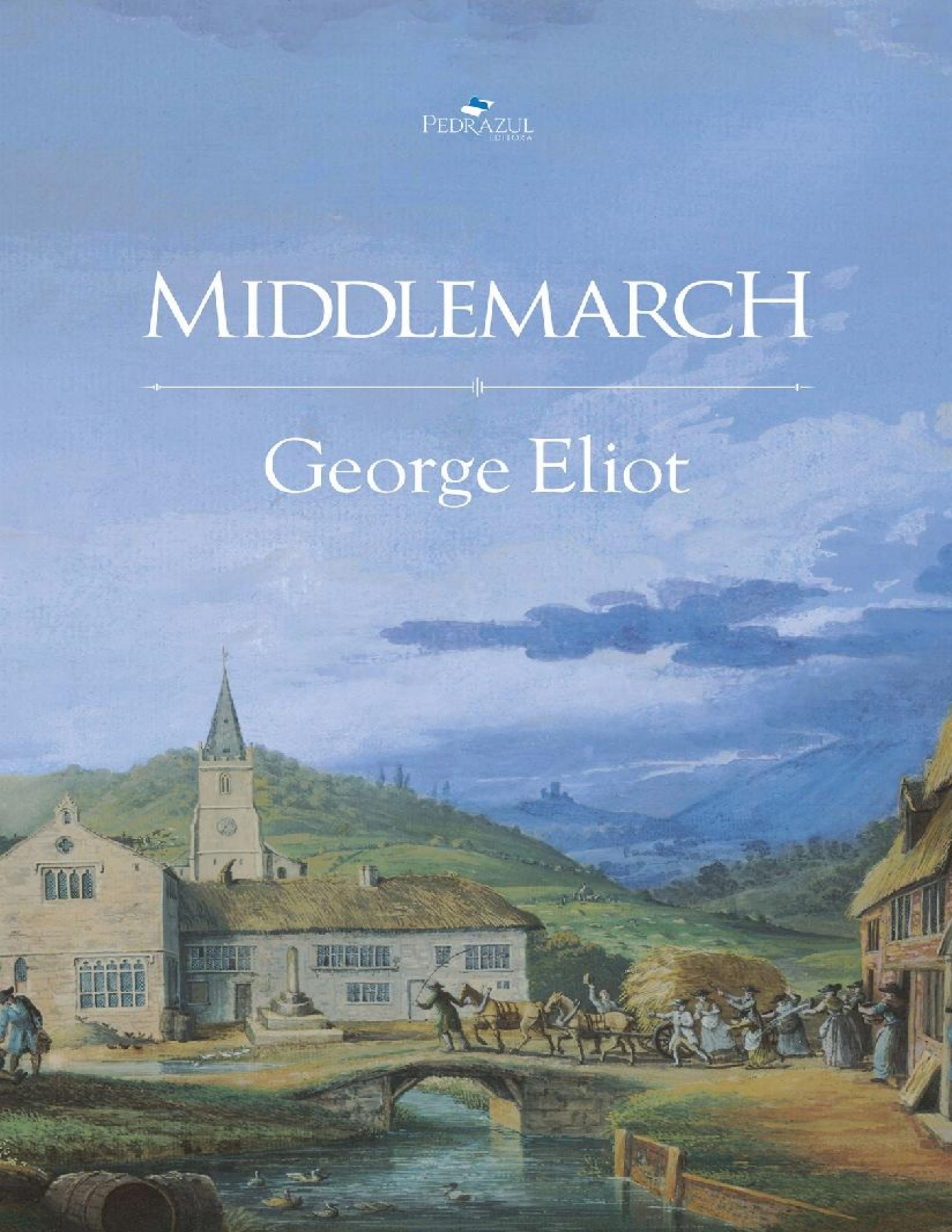
PEDRAZUL EDITORA

MIDDLEMARCH

George Eliot



MIDDLEMARCH

George Eliot

Tradução de Maria Aparecida Mello Fontes

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2022 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.
Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Maria Aparecida Mello Fontes
Revisão: Júlio Cesar Wandekoken
Pinturas das capas: Samuel Hieronymus Grimm e John Constable

E42m Eliot, George, 1819-1880.
Middlemarch / George Eliot. – Vitória, ES : Pedrazul Editora, 2022.

Título original: Middlemarch

ISBN: 978-65-88494-158

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo.
I. Título. II. Eliot, George. III. Mello Fontes, Maria Aparecida.

CDD – 823
Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

www.pedrazuleditora.com.br
www.clubedeleitorespedrazul.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

PREFÁCIO DA EDITORA
PRELÚDIO
LIVRO I
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
LIVRO II
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
LIVRO III
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
CAPÍTULO XXXIII
LIVRO IV
CAPÍTULO XXXIV
CAPÍTULO XXXV
CAPÍTULO XXXVI
CAPÍTULO XXXVII
CAPÍTULO XXXVIII
CAPÍTULO XXXIX
CAPÍTULO XL
CAPÍTULO XLI
CAPÍTULO XLII
LIVRO V
CAPÍTULO XLIII
CAPÍTULO XLIV
CAPÍTULO XLV
CAPÍTULO XLVI
CAPÍTULO XLVII
CAPÍTULO XLVIII
CAPÍTULO XLIX
CAPÍTULO L
CAPÍTULO LI

CAPÍTULO LII
CAPÍTULO LIII
LIVRO VI
CAPÍTULO LIV
CAPÍTULO LV
CAPÍTULO LVI
CAPÍTULO LVII
CAPÍTULO LVIII
CAPÍTULO LIX
CAPÍTULO LX
CAPÍTULO LXI
CAPÍTULO LXII
LIVRO VII
CAPÍTULO LXIII
CAPÍTULO LXIV
CAPÍTULO LXV
CAPÍTULO LXVI
CAPÍTULO LXVII
CAPÍTULO LXVIII
CAPÍTULO LXIX
CAPÍTULO LXX
CAPÍTULO LXXI
LIVRO VIII
CAPÍTULO LXXII
CAPÍTULO LXXIII
CAPÍTULO LXXIV
CAPÍTULO LXXV
CAPÍTULO LXXVI
CAPÍTULO LXXVII

CAPÍTULO LXXVIII
CAPÍTULO LXXIX
CAPÍTULO LXXX
CAPÍTULO LXXXI
CAPÍTULO LXXXII
CAPÍTULO LXXXIII
CAPÍTULO LXXXIV
CAPÍTULO LXXXV
CAPÍTULO LXXXVI
CAPÍTULO FINAL
CONSIDERAÇÕES DA TRADUÇÃO
APOIADORES DO PROJETO MIDDLEMARCH

PREFÁCIO DA EDITORA

Uma mente que subjugou a aparência

A beleza é mais que efêmera; evanesce, e fatalmente perece. A inteligência, por não ser tocável, é imortal.

Sobre o assunto, o irlandês e autor Oscar Wilde, disse: *"A beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente. Em si é uma espécie de exagero; desmancha a harmonia de qualquer rosto. A partir do instante em que nos metemos a pensar, vamos ficando só olhos, ou só testa, ou qualquer outro horror. Olhe para os homens que vencem em qualquer dos ramos do saber. São inteiramente hediondos!"*

Seria este o motivo da falta de boa aparência de Mary Ann Evans, a grande autora inglesa que lançou seus livros sob o pseudônimo de George Eliot? Ou ela já nasceu sem a benção da formosura?

Era uma vez uma menininha sem aquelas linhas da harmonia a que a sociedade chama de "belo". Ela nasceu na zona rural bem no meio da Inglaterra, nos arredores de Nuneaton, ao norte de Warwickshire, em 1819. Seu pai era um simples administrador de terras sem posses, portanto, essa menininha sem atrativos físicos era ainda pobre. À medida que Mary Ann Evans crescia, seus pais, Robert Evans e Christiana Evans, lamentavam que ela jamais receberia qualquer proposta de casamento. Pobre, sem dote, e ainda por cima feia! Mas Mary sempre os surpreendia e sobressaía em esperteza ao seu irmão, Isaac, três anos mais velho do que ela. Já aos cinco anos, não foram poucas as vezes, que, durante as refeições, Mary intempestivamente trazia a solução para um problema há muito debatido entre os adultos, fosse a irrigação de alguma área, a drenagem do estábulo, a canalização de um campo de cultivo, a solução do telhado de *Mrs. Alguma Coisa*, ou mesmo a saúde daquele inquilino de Mr. Newdigate que

morava lá perto da granja. Mr. Newdigate era patrão de Robert Evans.

Nessa época, Mary ainda não sabia ler, e Mr. Evans indagava de onde aquela criança tirava tantas ideias. Mary, em sua inocência respondia: “refletindo, meu pai”. E foi refletindo mais do que qualquer criança de sua idade, fosse menino ou menina, que ela conseguiu chamar a atenção de todos para uma inteligência muito acima do normal. “Não há outra solução para ela, mulher. Aquela menina não me deixa em paz. Outro dia o coadjutor do vigário foi me procurar na granja, pois Mary tinha ido à casa dele e oferecido uma ovelha em troca de ele lhe ensinar a ler. Onde ela iria arrumar essa ovelha? E não foi apenas o coadjutor que veio me falar da insolência de Mary, pois ela teve a audácia de esperar por Mr. Newdigate quando ele estava chegando no portão de Arbury Hall, saltar em frente da carruagem dele com as mãos para cima, feito uma assaltante qualquer, e implorar a ele que falasse comigo, intercedesse ao seu favor, pois ela ‘precisava aprender a ler e a escrever’. Segundo Mr. Newdigate, a pirralha disse que seria tão famosa ou mais famosa que Walter Scott. Imagina, mulher! Como eu fiquei avexado. Ela ainda citou para Mr. Newdigate partes dos livros de Scott. Como pode, Christiana? Onde essa menina aprendeu isso, ela não sabe ler uma palavra! Mr. Newdigate me disse que ela falou: *‘Um advogado sem literatura é como um mecânico, um mero pedreiro ou operário; já se um pedreiro possuir algum conhecimento sobre literatura, ele pode se aventurar a chamar a si mesmo de arquiteto’*. E que ela precisava aprender a ler para ler literatura e ser alguém na vida. E tem mais, Mr. Newdigate me contou rindo, o que mais ele poderia fazer a não ser rir dessa hilaridade, que ela disse que se ela fosse Shakespeare, ela não teria ‘subjugado Catarina de *A Megera Domada’*. Veja só, mulher, eu mesmo nunca li nada de Shakespeare. Pois ela discutiu com Mr. Newdigate como se ela fosse uma especialista em literatura. Ele me disse que ela levantou sua mãozinha, interrompendo o que Mr. Newdigate estava dizendo (pois ele defendia ‘que Shakespeare era irrepreensível’), pois ela pediu a palavra, e continuou: ‘Catarina, meu senhor, era muito interessante antes do casamento, mas depois de se casar com Petrúcio, ele calou sua voz. No meu ponto de vista,

isso não está certo. Eu soube que Walter Scott disse uma frase, e só pode ser para confirmar o que eu estou falando: (Será que as idades futuras acreditarão que tal preconceito estúpido jamais existiu!)'. Meu mestre perguntou: 'o que a menininha sabe sobre Shakespeare e como aprendeu sobre *A Megera Domada*, se eu entendi bem, ainda nem sabe ler?' Ele me disse que ela respondeu: 'Bem, saber ler eu não sei ainda, mas sei escutar, e sei pensar. Como disse Aristóteles, *o ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete*'. Como ela ouviu falar desse grego que viveu quase 400 anos, se não me engano, antes do nosso senhor Jesus Cristo? Com quem essa menina anda conversando, mulher? Daqui a pouco ela começa a citar Platão no desjejum! Meu mestre soltou uma gargalhada, pois segundo ele, ela falou de uma forma muito altiva. E não para por aí, Christiana, ela o segurou por mais de meia hora no portão, palestrando sobre as obras de Shakespeare e de Walter Scott, com frases tipo: 'Shakespeare até pode ser considerado um dos maiores gênios de todos os tempos. Em *A Megera Domada*, em minha opinião, certamente mostrou seu talento para o riso, o senhor não acha, Mr. Newdigate? Embora, se fosse eu, certamente eu mudaria algumas coisinhas, tipo as que já mencionei para o senhor. Não me leve a mal, Mr. Newdigate, é apenas a minha modesta opinião. Agora, em *A tempestade*, penso que ele foi bem original, aquela ilha era cheia de magia, não acha, Mr. Newdigate, onde moravam aquelas criaturas estranhas e acontecia aquelas coisas inacreditáveis! Já *Romeu e Julieta*, e essa é a MINHA opinião, Mr. Newdigate, não é assim tão original'. Por fim, ela mexeu com o brio de meu mestre, citando outra frase de Scott, veja bem, onde essa menina aprende isso, meu Deus! Como ela consegue memorizar só de ouvir alguém falar? *'Pois aquele que faz o bem, tendo poder ilimitado para praticar o mal, merece louvor não só pelo bem que pratica, mas pelo mal que tolera'*. E, quando meu mestre chutou um cachorro, ela mexeu com o brio dele, que se diz um grande admirador de Scott, citando uma frase do autor, que mostra o quanto ele amava cachorros: *'Às vezes tenho pensado na causa final dos cães terem vidas tão curtas e estou bastante satisfeito que seja por compaixão pela raça humana; pois se sofremos tanto em*

perder um cachorro depois de termos convivido com ele por dez ou doze anos, o que seria se eles vivessem o dobro desse tempo?', e, certamente envergonhado, pois Mr. Newdigate nem gosta de cachorro, mas o que ele podia fazer naquela situação? Bem, ele me disse que teve que pedir desculpas ao cão sarnento". "Meu Deus, Robert! E Mr. Newdigate se queixou dela para você?", perguntou Mrs. Evans, bastante preocupada. "Felizmente, não. No final ele mesmo citou o tal Aristóteles, dizendo que *'a inteligência é a insolência educada'*; evidentemente, Mary foi insolente, mas ele pareceu mais se divertir com ela do que ficar bravo", Robert balançou a cabeça mostrando certo descontentamento, mas em seus lábios perpassou um pequeno riso de orgulho da filha inteligente, que citava grandes autores ingleses e até mesmo os gregos.

E as "travessuras" da pequena Mary não pararam por aí. Certa vez, Robert Evans estava à procura de uma escola para enviar Isaac. Mary estava muito aborrecida, pois ela não seria enviada a escola alguma e Isaac, sim. Um pomposo sitiante vizinho, ao fazer uma visita a Robert Evans para tratar de negócios, foi indagado pelo anfitrião – que acreditava que esse vizinho era letrado –, sobre uma boa escola para meninos. O tal vizinho, um homem católico, falou de uma escola católica em Warwickshire. No meio da conversa dos adultos, Mary desceu do sótão onde estava escutando "sem querer", aproximou-se do homem, e disse: "em minha opinião, senhor, foi uma coisa muito ruim o que sua religião fez com Galileu Galilei". O homem, assustado com a interrupção daquela pequena menina feinha, perguntou, olhando-a friamente: "o que sabe sobre Galileu, criança?" "Apenas o suficiente, senhor. Mas o que sei já me deu bastante material para refletir. Por exemplo, Galileu provou que a Terra girava em torno do Sol, o que rebatia aquilo que acreditavam antes, de que a Terra era o centro do universo, isto é, isso tem um nome. Deixe-me lembrar. Ah, geo-cen-tris-mo, acho que é essa a palavra. Galileu comprovou outra coisa, como é mesmo o nome?", ela levou sua mãozinha à cabeça. "Ah, comprovou a te-o-ria he-lio-cên-tri-ca, daquele tal de Nicolau Co-pér-ni-co, acho que é esse o nome, mas não importa, que dizia que a nossa Terra e os planetas giravam em torno do Sol. E na

época, senhor, a sua igreja apoiava o geo...centrismo. Diziam que era o Sol e o resto dos planetas que giravam em torno da Terra. Por esse motivo, disseram que o que Galileu descobriu, o que era uma grande verdade, era uma afronta à sua igreja e ele foi considerado um herege. Sabe o que é um herege, senhor?". "Cale-se, Mary!", gritou seu pai. "Deixe a criança falar, Evans. Não menininha, o que é um herege?", perguntou o homem, que já suava em pleno inverno. Mary olhou para o pai à espera de ajuda, pois ela não fazia ideia do que significava a palavra *herege*. "Continue, menininha", bradou o vizinho. "Bem, refletindo um pouco, imagino que deva significar alguma coisa contrária àquilo que sua igreja achava que era certo. Deve ser isso! E Galileu foi ameaçado de tortura pela inquisição da sua igreja e foi obrigado a mentir. Obrigado a mentir, senhor, e o pároco disse lá na nossa igreja de Chilvers Coton que mentira é pecado. E eu ouvi o senhor agora há pouco dizer também que 'o diabo é o pai da mentira', o que eu concluí, senhor, que sua igreja não agiu corretamente. Sobre enviar meu irmão para uma escola católica, eu sou contra..." "Mary, cale-se", gritou novamente Robert Evans, e dessa vez a menina se retirou cabisbaixa e subiu novamente para seu sótão para *refletir*.

Muitas histórias semelhantes envolvendo a pequena Mary eram contadas pelas redondezas, portanto, seu pai concluiu que a menina precisava de freios; aprender a ser polida, como as damas que visitavam a casa da família Newdigate. Foi assim, incentivado pelo próprio Mr. Newdigate, que quando Mary tinha nove anos, Robert Evans decidiu investir na educação da filha. Mas ela não aprendeu apenas ser polida, aprendeu que o conhecimento abria portas e que essas portas eram infinitas.

Dos nove aos 13 anos, Mary estudou numa escola para moças de Mrs. Wallington, em Nuneaton (1828 a 1832), onde foi influenciada por Maria Lewis, a preceptora principal, que inculcou uma forte piedade evangélica na jovem. Em sua última escola (1832 a 1835), dirigida pelas filhas do ministro batista em Coventry, seu ardor religioso só aumentou. Ela se vestia com rigor e empenhava-se seriamente em boas obras.

Usando o nome do conceituado Mr. Newdigate, com a concordância dele, ela ganhou acesso à biblioteca de Nuneaton, onde morou a maior parte de sua vida numa casa chamada Grift. Ela lia e amava as obras de Walter Scott, Shakespeare, assim como todos aqueles autores georgianos.

A escola deu a ela um conhecimento de leitura de francês e italiano e, depois que a morte de sua mãe a obrigou a voltar para casa para cuidar da casa de seu pai, aos 16 anos, ela deixou de ter aulas de latim e alemão. Daqui para frente Mary tornou-se autodidata, aperfeiçoando seu latim, alemão e aprendeu grego por conta própria. Em 1841, após o casamento de Isaac, mudou-se com seu pai para Coventry. Em Coventry, ela conheceu um próspero fabricante de fitas, Charles Bray, um livre-pensador autodidata que fazia campanha por causas radicais e começou a frequentar a casa dele, onde passou a conhecer pessoas importantes, entre elas Harriet Martineau e pessoas que a levaram para esse mundo da literatura. O cunhado de Charles Bray, Charles Hennell, foi o autor de *Uma Investigação Sobre a Origem do Cristianismo* (1838), um livro que precipitou a ruptura de Mary com a doutrina ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro pela Igreja Anglicana. Vários livros sobre a relação entre a Bíblia e a ciência foram os responsáveis por uma ruptura de sua fé, uma ruptura que cobrou um alto preço como veremos mais à frente.

Em 1842, ela disse ao pai que não podia mais ir à igreja. A tempestade que se seguiu durou vários meses antes de chegarem a um acordo, deixando-a livre para pensar o que quisesse, desde que aparecesse respeitosamente na igreja e vivesse com ele até sua morte em 1849. Os Brays e os Hennells rapidamente a tiraram do provincianismo extremo, apresentando-lhe muitas ideias em violento desacordo com as visões religiosas e políticas de seu pai conservador. Quando Charles Hennell se casou em 1843, sua esposa, que até então traduzia *A Vida de Jesus Examinada Criticamente*, de David Strauss, abandonou a tradução e Mary Ann a pegou. O livro foi publicado sem o nome do tradutor em 1846, e teve uma influência profunda no racionalismo inglês.

Ao longo da sua vida, mesmo quando o sonho de ser uma autora era apenas

um sonho pueril, ela foi colhendo material para usar em suas obras futuras. A exemplo, o fato a seguir: após o casamento de Charles Hennell, o pai da agora Mrs. Hennell, um tal de R.H. Brabant convidou Mary Evans para uma visita à casa de campo da família. Ele era um homem bastante tolo, que havia trabalhado por anos em um livro (nunca concluído), que visava descartar os elementos sobrenaturais da religião. Daqui, provavelmente, Mary Ann extraiu seu personagem Mr. Casaubon de *Middlemarch*. Ela e Mr. Brabant constantemente liam alemão e grego juntos e discutiam teologia em longas caminhadas. Logo Mrs. Brabant ficou com ciúmes da intimidade deles e, antes do término de sua visita, Mary Evans foi convidada a ir embora. Mrs. Hennell sentiu que seu pai havia agido de maneira mesquinha. Esse foi um dos primeiros episódios humilhantes para a vida adulta de Mary Ann.

A vida de Mary Ann Evans foi sempre cheia de coisas inusitadas. Ela havia ingressado no mundo da literatura com a obra de David Strauss. Em seguida, traduziu também Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*. Tudo isso seria normal se Mary Ann falasse alemão fluentemente, mas ela não falava. Aprendera sozinha, usando um dicionário. Quando já famosa, em uma de suas viagens à Alemanha, David Strauss ficou sabendo que a tradutora de sua obra estava por perto e manifestou grande interesse em conhecê-la. Mas o encontro foi um fiasco, Mary não conseguiu trocar duas palavras em alemão com o autor. Isso fez com que David Strauss indagasse sobre a qualidade da tradução inglesa.

Relação com sua família

Mary Ann sempre amou muito seu irmão, Isaac. A relação dos dois está descrita em seu livro *O Moinho à Beira do Rio Floss*, notadamente autobiográfico. A inteligente Maggie Tulliver foi inspirada nela própria, numa infância perspicaz e vivaz, na qual ousou sonhar com uma vida que fosse além da própria sobrevivência. E Tom Tulliver foi inspirado em Isaac.

Mas a vida familiar de Mary Ann não foi sempre um mar de rosas. Embora,

quando se tornou autora, ela ansiasse por passar essa imagem idílica de sua infância. Mas, a despeito das contendas religiosas com Robert Evans, ela cuidou dele até a morte em 1849. Nessa época, ela já tinha 30 anos. Foi quando recebeu um convite para viajar com amigos para a Suíça. Ela passou o inverno de 1849 a 1850 em Genebra, lendo muito enquanto vivia com a família de François D'Albert Durade, que pintou um retrato dela. Nele, ela foi retratada com cabelos castanho-claros, olhos azul-acinzentados e uma pele muito clara. Voltando a Coventry, Mary passou o resto de 1850 com os Brays, pensando em como viver com as £ 100 libras por ano deixadas por seu pai. Depois que John Chapman, o editor de *A Vida de Jesus Examinada Criticamente*, deu a ela a chance de revisar *O Progresso do Intelecto*, de RW Mackay, na Revista Westminster em que ele trabalhava, em janeiro de 1851, ela decidiu se estabelecer em Londres como redatora *freelance*, morando com os Chapmans, e também com a intenção de se tornar uma escritora. Aqui ela começou a assinar suas resenhas e críticas para a Revista Westminster como *Marian Evans*.

Vida com George Henry Lewes

Logo após sua chegada a Londres, Mrs. Chapman e a governanta das crianças, que também era amante de John Chapman, ficaram com ciúmes de *Marian*, e aconteceu o segundo fato humilhante de sua vida adulta: após dez semanas, em lágrimas, ela teve que voltar para Coventry. Sem dúvida, seus sentimentos foram fortemente atraídos pelo magnético Chapman, em cujo diário havia essa informação, mas não há evidências de que ela algum dia foi sua amante. Poucos meses depois, John Chapman comprou a Revista Westminster, e Evans, arrependida com as complicações domésticas que ela havia involuntariamente causado, voltou para Londres. Por três anos, até 1854, ela serviu como subeditora da Westminster, que sob sua influência teve sua mais brilhante exibição desde os dias de John Stuart Mill. Nas festas noturnas dos Chapmans, ela conheceu muitas figuras literárias notáveis em uma atmosfera de

radicalismo político e religioso. Do outro lado da Strand, vivia o subeditor da *The Economist*, Herbert Spencer, cujo *Social Statics* Chapman acabara de publicar, em 1851. Mary compartilhava muitos dos interesses de Spencer e encontrava tanto com ele que logo se espalhou o boato de que eles estavam noivos. Embora Spencer não tenha se tornado seu marido, ele a apresentou aos dois homens que se tornariam seus maridos no futuro. Um deles foi George Henry Lewes, o mais versátil dos jornalistas vitorianos, e o outro foi John Cross. Vamos tratar de George Henry Lewes neste momento e voltaremos a Cross mais à frente. Em 1841, Lewes havia se casado com Agnes Jervis, com quem teve quatro filhos. Em 1850, Lewes e um amigo, o jornalista Thornton Leigh Hunt, fundaram um semanário radical chamado *The Leader*, para o qual escrevia nas seções literária e teatral. Em abril de 1850, duas semanas após o aparecimento do primeiro número, Agnes Lewes deu à luz um filho cujo pai era o "amigo" Thornton Hunt. Lewes, sendo um homem de opiniões liberais, registrou a criança como Edmund Lewes e manteve uma relação amigável com sua esposa e com Hunt. Mas depois que ela deu à luz um segundo filho de Hunt, em outubro de 1851, Lewes deixou de considerá-la sua esposa. Embora tendo tolerado a traição, foi impedido de entrar com um processo de divórcio, pois foi acusado de cumplicidade no adultério e de perjúrio, impedido assim de se divorciar legalmente. Neste momento de desânimo, sua casa irremediavelmente destruída, ele conheceu Mary Ann Evans. Eles discutiam artigos e foram a peças e óperas juntos. Convencido de que seu rompimento com Agnes era irrevogável, Mary Ann decidiu viver abertamente com Lewes, como sua esposa. Em tudo, exceto na forma legal, era um casamento, e continuou feliz até a morte de Lewes em 1878.

A carreira literária de George Eliot

A Revista Westminster foi um verdadeiro marco na carreira de Mary Ann. Lá, ela escreveu alguns de seus melhores ensaios e traduziu outras obras, assim

como a *Ética de Spinoza*, do latim para o inglês, publicado em 1891, e considerada a principal obra do filósofo holandês de origem portuguesa Baruch Spinoza. Enquanto Lewes trabalhava como crítico literário e em suas obras, como aquela que tratava da vida de Goethe. Vale ressaltar o caráter de Lewes. Com apenas sua pena ele sustentava seus três filhos sobreviventes na escola na Suíça, bem como a sua ex-esposa Agnes, a quem ele dava £ 100 libras por ano, o que continuou até sua morte. Agnes teve quatro filhos com Hunt, o último nascido em 1857, todos registrados com o nome de Lewes. Os poucos amigos que conheciam os fatos concordavam que em relação a Agnes a conduta de Lewes era mais do que generosa, mas havia muitos boatos maliciosos sobre a "mulher de temperamento forte" que havia "fugido" com Lewes e essa era mulher Mary Ann Evans. Não há o que refutar sobre a "força motriz" de buscar seus objetivos que a personalidade de Mary trazia. Ela era como uma pessoa que estava prestes a afogar e lutava para sair da lagoa. Gosto de imaginar Mary Ann Evans como uma flor da charneca, que acostumada à ventania atroz, às chuvas torrenciais, ao sol inclemente, ao solo ruim, a todo tipo de rudeza da natureza, tornou-se resistente e espinhenta. Vocês já pegaram uma daquelas flores das charnecas? Muito cuidado, elas contêm espinhos. Entretanto, esses espinhos não tinham o objetivo de ferir, mas sobretudo de manutenção de sua própria existência, da sobrevivência em um mundo hostil. Compare uma flor da charneca, uma planta do deserto ou mesmo do serrado com uma flor de estufa e verá que a última não sobrevive a uma mera brisa. Pois Mary Ann não teve "brisas" soprando sobre ela, mas sim "ventanias" no papel de zombarias, rejeições e mexericos sobre sua vida. Ao longo de suas obras, ela sempre trouxe um personagem ou outro cuja vida não o poupou. Ainda assim este personagem conseguiu se sobrepor à zombaria, à pobreza, à feiura.

A maior dor de Mary foi que sua união com Lewes a isolou de sua família em Warwickshire, pois seu irmão Isaac cortou relações com ela. Vemos na história da literatura inglesa dezenas de autoras que usaram a pena para subjugar suas dores: Elizabeth Gaskell foi encorajada por seu esposo a escrever para

“esquecer” a dor da perda de seu filho; Charlotte Brontë usou a pena para não sucumbir à solidão. Pois Mary Ann também foi encorajada por Lewes para que escrevesse. Inicialmente, ela se voltou para as memórias de sua infância e compôs uma história sobre um episódio que presenciara na paróquia de Chilvers Coton, já citada aqui. Publicado na Blackwood’s Magazine, em 1857, como *As Tristes Fortunas do Reverendo Amos Barton*, que foi um sucesso instantâneo. Dois outros contos, *A História de Amor de Mr. Gilfil* e *Arrependimento de Janet* também baseados em eventos de sua infância, apareceram em série no mesmo ano, e Blackwood republicou todos os três como *Cenas de uma Vida Clerical* sob o pseudônimo de George Eliot. Lewes, que fizera a intermediação da autora com o editor, havia dito que George Eliot era um pároco do interior.

Seu primeiro longo romance, de fato, foi *Adam Bede*, publicado em 1859. Mary Ann o descreveu como “uma história do interior cheia de hálito de vacas e cheiro de feno”. O livro é cheio de realismo, “a representação fiel de coisas comuns”, e rico em humor. O mote da trama foi uma anedota que sua tia metodista havia lhe contado sobre a visita de uma garota condenada por infanticídio. Ela retrata então a triste história da jovem Hetty Sorrel, uma mãe que mata o seu próprio bebê. Ambientado no final do século XVIII em um vilarejo inglês, a trama gira em torno de uma jovem fútil e vaidosa, que se apaixona por um rapaz simpático chamado Arthur Donnithorne, futuro herdeiro das terras onde sua família trabalhava. Porém, ao oficializar seu noivado com Adam Bede, um carpinteiro humilde e honesto, Hetty se vê desesperada ao descobrir que estava grávida de Arthur. A jovem, então, decide matar seu bebê logo após o seu nascimento e teve que sofrer as consequências. Ao mesmo tempo em que apresenta ao leitor uma mulher que fugia à regra dos ideais da maternidade de sua época, ao contar a história de uma moça aparentemente fútil e egoísta, o romance também denuncia o sofrimento de mulheres que viviam em meio a uma sociedade extremamente marcada por regras morais de conduta, em que a mulher não tinha voz em uma sociedade patriarcal. O dialeto dos Bedes ela retirou das conversas que ouvira entre seus tios de Derbyshire com o pai. *Adam*

Bede fez sucesso pela combinação de profunda simpatia humana e rigoroso julgamento moral. Em um ano, *Adam Bede* teve oito edições e Mary Ann percebeu que poderia ganhar muito dinheiro com sua mente e sua ficção.

Em *O Moinho à Beira do Rio Floss*, lançado em 1860, como mencionamos, ela novamente voltou às cenas de sua infância, porém, com seu irmão Isaac. A primeira metade do livro é um retrato de sua própria infância. A história do romance gira em torno de Maggie Tulliver, uma jovem inteligente que não se adequa aos moldes da mulher vitoriana "bem-comportada", delicada e obediente. O retrato da Mary Ann Evans que descrevemos no início. Mary apresenta a personagem principal em contraste com sua prima Lucy Deane que, ao contrário de Maggie, enquadrava-se perfeitamente nos papéis de gênero idealizados para a mulher inglesa do século XIX. A narrativa é construída através do difícil relacionamento entre a protagonista Maggie Tulliver, sua mãe Bessy e seu irmão Tom. A história destaca a postura de Maggie desde a sua infância, e mostra a insatisfação da personagem em seguir os caminhos que sua mãe espera que ela siga: a de esposa e dona de casa perfeitas. Novamente o romance traz uma crítica à sociedade patriarcal da Inglaterra vitoriana, que colocava as mulheres em diversas situações de frustração e sofrimento, tendo muitas vezes seus planos e aspirações desacreditados por alguma figura masculina próxima a elas, ou mesmo por outras mulheres. O desfecho deste livro é um retrato da relação "morta" da autora com o seu irmão, Isaac. Relação que ela acreditava que estaria para sempre naufragada.

Nessa época, os romances históricos estavam na moda e, durante sua visita a Florença em 1860, Lewes sugeriu Girolamo Savonarola como um bom assunto. Savonarola foi um padre dominicano e pregador na Florença renascentista, no centro do Renascimento, onde passou a criticar fortemente a imoralidade da sociedade sob o domínio dos Médicis, que mandavam na república desde o início do século XV. Os gastos exorbitantes e as festas suntuosas de Lorenzo de Médici, o Magnífico, despertaram sua ira. O frei estava decidido a combater a corrupção e resgatar o sentido da fé católica, custasse o que custasse. Pois ela,

então, agarrou com entusiasmo a sugestão e começou a planejar, estudar e pesquisar para escrever *Romola* (1862 a 1863). Mas *Silas Marner*, lançado em 1861, gritava para ter sua história contada, e se colocou entre ela e o romance italiano.

Nota: há possíveis spoilers na descrição de *Silas Marner*

O romance se passa nos primeiros anos do século XIX. Silas Marner, um tecelão, é membro de uma pequena congregação calvinista em Lantern Yard, um bairro pobre no norte da Inglaterra. Ele é falsamente acusado de roubar os fundos da congregação enquanto tomava conta de um diácono enfermo. Duas evidências colocavam Silas como principal suspeito: um canivete e a descoberta em sua própria casa da bolsa que antes continha o dinheiro. Há uma forte sugestão de que o melhor *amigo* de Silas, William Dane, o incriminou, já que Silas havia emprestado seu canivete para William pouco antes do roubo ser cometido. Silas tinha fé de que Deus, sabendo que era inocente, dirigiria o processo e estabeleceria a verdade. Mas isso não aconteceu e Silas foi julgado culpado. A mulher com quem ele iria se casar rompe o noivado e se casa com William. Com sua vida destruída, sua confiança em Deus perdida, e seu coração partido, Silas foge de Lantern Yard e vai para o sul de Midlands, onde se estabelece perto da vila rural de Raveloe, em Warwickshire. Lá, ele vive isolado e sozinho, optando por ter um contato mínimo com os outros moradores, além de seu trabalho como tecelão de linho. Ele se dedica de todo o coração ao seu ofício e guarda as moedas de ouro que ganha com sua tecelagem. Em uma noite de nevoeiro, os dois sacos de ouro de Silas são roubados por Dunsey Cass, o dissoluto filho mais novo do escudeiro Cass, o principal proprietário de terras da localidade. Ao descobrir o roubo, Silas afunda em uma profunda depressão, apesar das tentativas dos moradores de ajudá-lo. Dunsey desaparece imediatamente, mas a comunidade dá pouca importância a esse desaparecimento, já que ele já havia desaparecido várias vezes antes. Godfrey

Cass, irmão mais velho de Dunsey, também guarda um passado secreto. Ele é casado, mas está afastado de Molly Farren, uma mulher da classe trabalhadora viciada em ópio que mora em outra cidade. Este segredo impede Godfrey de se casar com Nancy Lammeter, uma jovem mulher de classe média. Em uma noite de inverno, Molly tenta ir para a festa de Ano Novo do escudeiro Cass, com sua filha, para anunciar que ela é a esposa de Godfrey. No caminho, ela desmaia na neve e perde a consciência. A criança se arrasta até a casa de Silas. Silas segue os rastros da criança na neve e descobre a mulher morta. Quando ele vai à festa para pedir ajuda, leva Godfrey ao local do acidente, mas este resolve não contar a ninguém que Molly era sua esposa. A morte de Molly é conveniente para Godfrey e para Nancy, pois põe fim ao seu primeiro casamento. Silas fica com a criança e dá a ela o nome de Eppie, em homenagem à sua falecida mãe e também irmã, ambas chamadas Hephzibah. Eppie muda a vida de Silas completamente. Silas foi roubado de seu ouro, mas acredita que fora devolvido a ele simbolicamente na forma de uma criança de cabelos dourados. [Novamente, vemos aqui na escrita de Eliot a *perda* e a *recompensa*. Ela perdera seu irmão, Isaac, mas a vida lhe dava “ouro”, recompensa financeira, um propósito na vida. Embora em sentido inverso com Silas, que perdera o ouro e ganhara o amor de uma menininha]. Godfrey Cass agora está livre para se casar com Nancy, mas continua a esconder o fato de seu casamento anterior, e a filha deles. No entanto, ele ajuda Silas a cuidar de Eppie com presentes financeiros ocasionais. Ajuda e apoio mais prático para criar a criança são fornecidos por Dolly Winthrop, a gentil vizinha de Silas. A ajuda e os conselhos de Dolly o ajudam não apenas a educar Eppie, mas também a integrá-los na sociedade da aldeia. Dezesseis anos se passam e Eppie cresce e se torna o orgulho da aldeia. Ela tem uma forte ligação com Silas, que através dela encontrou um lugar na sociedade rural e um propósito na vida. Enquanto isso, Godfrey e Nancy lamentam seu próprio estado sem filhos, após a morte de seu bebê. Algum tempo depois, o ouro de Silas é encontrado no fundo da pedreira perto da casa de Silas – junto com o esqueleto de Dunsey Cass –, que provavelmente havia sido morto pela neve, e o dinheiro é

devidamente devolvido a Silas. Chocado com esta revelação, e sofrendo por seus próprios pecados, Godfrey confessa a Nancy que Molly foi sua primeira esposa e que Eppie é sua filha. Eles se oferecem para criá-la como filha de um cavalheiro, mas isso significaria que Eppie teria que abandonar a vida com Silas. Eppie se recusa educadamente, mas com firmeza, dizendo: “Não consigo pensar em nenhuma felicidade sem ele”.

Silas revisita Lantern Yard, mas seu antigo bairro foi “varrido” nos anos seguintes; o local agora foi substituído por uma grande fábrica. Ninguém parece saber o que aconteceu com os habitantes de Lantern Yard. No entanto, Silas se resigna contente com o fato de que nunca saberá e agora leva uma existência feliz entre sua família e amigos feitos por ele mesmo. O livro termina com o desfecho da vida de Eppie, que deixaremos que o leitor descubra por si só. Mas as ações de Silas ao longo dos anos, ao cuidar de Eppie, aparentemente proporcionaram alegria para todos, e a família entende isso e comemora sua felicidade.

Silas Marner pode ter sido inspirado em alguma história real; a perfeição de forma da história do tecelão, cujo ouro perdido é substituído por uma criança perdida, fez enorme sucesso e colocou George Eliot em outro patamar na literatura inglesa.

Romola foi planejado como uma série para a Blackwood’s, até que uma oferta de £ 10.000 libras da *The Cornhill Magazine* induziu George Eliot a abandonar seu antigo editor; mas em vez de dividir o livro nas dezesseis partes que o editor queria, ela aceitou £ 3.000 libras a menos, uma evidência de integridade artística que poucos escritores teriam mostrado. Detalhes da história florentina, cenário, traje e diálogo foram escrupulosamente estudados no Museu Britânico e durante uma segunda viagem à Itália em 1861. Foi publicado em quatorze partes entre julho de 1862 e agosto de 1863. Mas *Romola* não agradou aos leitores ingleses.

Os próximos dois romances de George Eliot se passam na Inglaterra, no momento da agitação pela aprovação do Projeto de Lei da Reforma. Em *Felix*

Holt, o Radical, lançado em1866, Mary Ann descreveu o tumulto eleitoral de suas lembranças em Nuneaton em dezembro de 1832. Este mesmo assunto viria em *Middlemarch*. O impulso inicial de *Felix Holt* não foi o tema político, mas o personagem trágico de Mrs. Transome, que foi um de seus maiores triunfos. Mas a intrincada trama que o gosto popular então exigia foi contra o romance e ele também não fez o sucesso esperado.

O processo e o contexto da escrita de Middlemarch

Em 1868, ela escreveu para alguém, possivelmente Mrs. Cross (que no futuro se tornaria sua sogra), que estava trabalhando em um material, mas achava que não seria muito extenso. Ela escreveu: “É um assunto que está registrado entre possíveis temas meus desde que eu comecei a escrever ficção, mas que provavelmente tomará formas novas no desenvolvimento”. Aqui, ela estava falando de *Middlemarch*, pois dera início às pesquisas para este livro em 1868. De 1868 a 1871, ela só fez pesquisas, principalmente pesquisas de temas médicos dos últimos anos da década de 1820. Mary tornou-se assinante e lia assiduamente a revista médica famosa da época, a *Lancet*. Ela precisava de todas as informações médicas para criar seu herói no romance, até então único personagem: Dr. Lydgate. Ela fez com que Lydgate fosse formado em Edimburgo, Londres e Paris, as melhores “escolas” na época citadas pela revista. Ela se especializou no Cólera, de que maneira o Cólera tinha se espalhado pela Inglaterra e como impediram sua propagação; como eram tratados os venenos, a medicina civil e a forense; como se obtinha corpos para a dissecação; como poderia comprar um diploma de médico; como eram remunerados os práticos da Medicina por volta de 1820 a 1832. Ela investigou profundamente aspectos da pesquisa médica. De uma coisa o leitor pode ter certeza: Mary Ann nunca iniciava um projeto sem sedimentar totalmente sua base.

Todos os domingos à tarde, havia, na casa do casal chamada Priori, uma reunião de amigos. O casal Lewes relacionava-se com muitas pessoas

importantes da época, tanto da Inglaterra, da Alemanha, Estados Unidos, Áustria etc. Mary Ann se correspondia com a autora americana que havia escrito o best-seller da época, *A Cabana do Pai Tomas*, Harriet Beecher Stowe, que era grande fã de *O Moinho à Beira do Rio Floss* e de *Adam Bede*. Durante o período de "ruminação" de *Middlemarch* muitas cartas foram trocadas entre elas, principalmente entre 1869 e 1872. Mas discordavam no quesito crenças religiosas. Harriet Beecher Stowe era mística e quanto a Mary Ann, embora tenha por um período sido influenciada pela descrença ao Cristianismo, a base que fora lhe ensinada na infância sempre prevaleceu. Houve um fato em que Harriet Beecher Stowe escreveu para Mary sobre o espírito de Charlotte Brontë ter "baixado" em alguém numa reunião mística, e Mary Ann achou aquilo uma bizarrice, uma imposturice tramada por alguém. Essas diferenças de crenças fizeram com que ela se distanciasse da autora americana.

A viagem à Itália

Este foi um marco para a escrita de *Middlemarch*. Em três de marco de 1869, com a cabeça cheia de *Middlemarch* e planos de começar a escrever de imediato, o casal Lewes viajou para Florença, Nápoles e Roma. Foi um período chuvoso, Mary Ann adoeceu e a viagem foi decepcionante. O fato mais importante dessa viagem foi que em Roma eles encontraram com a filha mais velha da senhora Cross e isso provocou uma visita dessa senhora ao casal, acompanhada do belo filho de 29 anos, John Walter Cross, que no futuro tornar-se-ia o marido de Mary Ann (quando Lewes morresse). Cross era um corretor de sucesso e banqueiro, recém-chegado de Nova York para trabalhar na empresa da família, em Londres. Essa cena pressagia o encontro de Dorothea com Will Ladislaw, em Roma, um dos casais de *Middlemarch*, durante a infeliz lua de mel de Dorothea com Casaubon, e é também o desfecho da própria história real da autora: ela, Lewes e John Cross.

A volta a Londres coincidiu com o começo do pesadelo com Thornie, filho de

Lewes, que havia feito uma expedição à África e estava muito doente com um problema que nenhum médico londrino diagnosticava. Ele sentia dores excruciantes e rolava no chão. Era algum mal na espinha vertebral, que depois o impossibilitou de andar. No dia seguinte ao retorno a Londres, apareceu na porta deles Henry James, então com 26 anos, inseguro sobre a recepção que teria, mas ansioso para conhecer a famosa autora. Depois da morte de Eliot, onze anos depois, James surgiria como os maiores romancistas da língua inglesa, junto com Hardy e Conrad. Sobre essa visita, ele declarou anos mais tarde: “Magnificamente feia, deliciosamente horrorosa”, mas dizendo que tinha se apaixonado por ela.

Não houve tratamento para Thornie e ele morreu em 1868. Sobre a morte do enteado, Mary Ann escreveu em seu diário: “A morte nunca tinha rondado tão perto nos últimos vinte anos, desde que perdi o meu pai”. Ela se esqueceu da morte de sua irmã Chrissey, ocorrida em 1858. Durante este período, *Middlemarch* ficou parado, pois Mary Ann entrou em depressão profunda, ela e Lewes só pensavam na morte. Ambos adoeceram e viveram um período de caos.

Na primavera de 1869, Middlemarch ainda estava na estufa. Nesse período, Mary Ann manteve uma extensa correspondência com pessoas importantes, literatos etc. Entre essas pessoas estava a senhora Pattison, que havia se casado com o reitor do Lincoln College, em Oxford, 27 anos mais velho do que ela. No ano de 1869, enquanto ela maturava *Middlemarch,* o casal sempre a visitava. Depois de lançado, muitos disseram que Dorothea tinha sido inspirada nessa mulher e que o maçante Casaubon, no esposo dela, o senhor Pattison. Também falaram que tinha sido inspirado em Lewes e muitos outros.

Mary Ann voltou ao original de *Middlemarch* no início de 1870, mas Lewes estava com depressão nervosa e o casal decidiu viajar para Berlin e Viena. Nesta viagem, ela novamente adoeceu. Ela permaneceu no hotel por cinco dias, pois estava com a garganta inflamada, enquanto Lewes fazia turismo. Depois, quando ela estava melhor, passaram em Munique e voltaram a Londres por Paris. *Middlemarch* estava esse tempo todo parado, pois ela tinha que se dedicar ao

marido enlutado. Mas Mary Ann também estava desanimada. Nessa ocasião, seu editor, John Blackwood, fez-lhe uma visita em 23 de maio de 1870, incentivando-a a voltar a escrever. Ele tinha grandes expectativas com um romance sobre a vida provincial inglesa. Lewes, que em Viena tinha melhorado um pouco de sua depressão nervosa, teve uma recaída ao voltar a Londres. O casal decidiu que alugaria uma casa de campo em Crom. Mas no dia da partida do casal, a notícia da morte súbita de Charles Dickens, no dia 9 de junho 1870, deixou todos chocados. Dickens tinha almoçado com eles três meses antes. Na ocasião, ela julgou que ele nunca tivesse se recuperado do acidente de trem, quando voltava de Paris com Ellen Lawless, atriz e amante. A relação de Mary Ann com Dickens era de admiração e temor. Dickens fora a primeira pessoa a descobrir, através do texto da autora, que aqueles livros não poderiam ter sido escritos por um homem. De alguma forma, ela temia a sagacidade de Dickens. Vale ressaltar que, embora todo o sucesso no mundo literário, Mary Ann nunca deixou de ser “a pobre menina feia e rejeitada”, chamada de “cara de cavalo”. Ela não acreditava em seu potencial. Embora tivesse superado todos os demais autores ingleses na literatura, com exceção de Shakespeare, a menina feia nunca acreditou que fosse o suficiente. *“Duvidar de si mesmo é o primeiro sinal da inteligência”*, e *“o problema com o mundo é que os estúpidos são excessivamente confiantes, e os inteligentes são cheios de dúvidas”*, já diziam Ugo Ojetti e Bertrand Arthur William Russell, respectivamente, e essa era a realidade dessa inteligente mulher.

E foi apenas em agosto de 1870 que ela entregou a Lewes uma pequena parte de *Middlemarch*. Lewes era uma espécie de editor, agente, protetor, selecionador do que ela poderia ler nos jornais sobre as críticas das obras. Ele escondia as críticas ruins para protegê-la. Se isso não puder ser chamado de amor, o que é amor? A partir de dezembro de 1870, de fato, *Middlemarch* seria escrito de vento em polpa.

Experimento

No dia dois de dezembro de 1870, ela escreveu em seu diário: “Fazendo experiência com uma história, sem nenhuma intenção de levar adiante”. Aqui, ela estava se referindo a um material que ela havia escrito chamado *Miss Brook,* em que ela havia escrito quinze capítulos. *Middlemarch* não foi concebido da maneira como foi publicado. Na verdade, *Middlemarch,* na sua concepção original, traria apenas a história do Dr. Lydgate. Ela havia começado a escrever *Middlemarch* em meados do verão de 1869 apenas com o núcleo desse médico. Mas no livro que saiu depois, o Dr. Lydgate, outrora o personagem principal, só entra no enredo no capítulo dez. Ela juntou dois romances que estava escrevendo e fez um só. Mas o material sobre Dorothea Brook não era considerado parte do romance até novembro de 1870. No início de 1871, ela começou a fazer a junção dos dois livros. Decidiu que começaria o livro com Miss Brook e introduziria Lydgate na história num jantar de Mr. Brook, atrapalhado tio da heroína, ocasião em que Mr. Brook e os convidados, as pessoas mais importantes da cidade, falaram da chegada do novo médico na cidade de Middlemarch. “Foi uma maneira magistral de inserir o médico no livro sem sua presença física”, escreveu Frederick R. Karl em sua biografia *A Voz do Século,* editora Record.

Pesquisa minuciosa para escrever Middlemarch

Mary Ann era muito organizada. E essa organização abrangia todas as áreas de sua vida. Ela não conseguia trabalhar se sua casa não estivesse totalmente organizada, por exemplo. Pois bem, antes de escrever a obra-prima do século, ela traçou todo o esquema em seu “caderno de fontes”. No seu caderno de notas e fontes que sobreviveu à sua morte, juntamente com suas correspondências e seu diário, foi encontrada uma trama principal e as subtramas ligadas a essa trama central. Foram encontrados também: “relacionamentos a serem desenvolvidos”, com onze itens indicando o sentido real de direção do romance. São eles: Dorothea para Casaubon x Dorothea para Ladislaw. Lydgate para Rosamund. Fred Vincy para Mary Garth e a listagem completa dos personagens

para cada núcleo, a cronologia do romance e as datas referentes aos acontecimentos do livro. Uma teia completa, uma divisão minuciosa das cenas e subcenas. Informações sobre os personagens capítulo por capítulo, toda a direção que o romance deveria tomar. Em seu caderno de notas foi encontrada a lista de cada personagem e uma síntese de suas características e parentesco:

Núcleo Dorothea Brooke:

Dorothea: a heroína, moça inteligente e abastada, com grandes aspirações, tem fome de conhecimento. Não ostenta sua riqueza, humilde, envolve-se em projetos sociais, como as plantas das choupanas para os inquilinos do seu tio. Deverá se casar com Casaubon.

Edward Casaubon: pároco pedante e egoísta. Tem pretensão de escrever uma obra-prima intitulada *A Chave para Todas as Mitologias*, que nunca irá concluí-la.

Celia Brooke: irmã mais nova de Dorothea, possui grande beleza. É mais sensual do que Dorothea e não partilha do idealismo e ascetismo da irmã.

Artur Brooke: tio de Dorothea e Celia, confuso e não muito inteligente.

Sir James Chettam: homem sensato, está apaixonado por Dorothea, é rejeitado por ela, de quem sente ciúmes.

Lady Chettam: conciliadora e presa a questões sociais.

Will Ladislaw: entusiasta, idealista, orgulhoso e apaixonado.

Humphrey Cadwallader e Eleanor Cadwallader, vizinhos dos Brookes. Ele é um pároco honesto e ela, mulher pragmática, fofoqueira e cínica.

Núcleo Dr. Lydgate:

Tertius Lydgate: herói, jovem médico idealista, talentoso, porém, ingênuo.

Rosamond Vincy: vazia, bela, ambiciosa e superficial.

Fred Vincy: inocente, sonhador, esbanjador e azarado.

Mary Garth: trabalhadora, amiga, sincera e honesta.

Mr. Vincy: pai de Rosamond e Fred. Comerciante e prefeito. Ambicioso.

Mrs. Vincy: Mãe de Rosamond e Fred, filha de um hoteleiro. É tola e fútil. Sua irmã foi a segunda esposa de Peter Featherstone, um debochado, irônico e

vingativo fazendeiro.

Harriet Bulstrode: irmã de Mr. Vincy e casada com Nicolas Bulstrode. Ela é inocente e religiosa.

Nicolas Bulstrode: banqueiro, um metodista que tenta impor as suas crenças na sociedade de Middlemarch; contudo, tem um passado sórdido que tenta desesperadamente esconder. A sua religião favorece os seus desejos pessoais, sendo desprovido de simpatia pelos outros, um lobo na pele de cordeiro, o vilão da história.

Caleb Garth: pai de Mary Garth. É um homem de negócios carinhoso, honesto e generoso.

Camden Farebrother: vigário pobre, porém, muito inteligente. É um naturalista amador. É amigo de Lydgate e de Fred Vincy, e ama Mary Garth. Junto com Caleb e Fred é um dos personagens mais altruístas do livro.

Parentes de Mr. Farebrother: coadjuvantes boas, religiosas e solidárias.

Parentes de Mr. Featherstone: irmãos e irmãs. Coadjuvantes interesseiros e perversos.

Rigg Featherstone: filho ilegítimo de Mr. Featherstone que aparece na leitura do testamento de Mr. Featherstone. É também familiar de John Raffles, que vem à vila visitar Rigg, mas acaba por revelar o passado de Bulstrode. O seu aparecimento no romance é crucial ao enredo.

John Raffles: fanfarrão e um valentão, um canalha humorístico e alcoólatra. Traz a chave do passado negro de Mr. Bulstrode e do futuro de Lydgate.

Jane Waule: tola viúva e irmã de Peter Featherstone; tem um filho chamado John.

Mr. Hawley: homem de negócios desbocado e inimigo de Bulstrode.

Dr. Sprague: médico de Middlemarch invejoso.

Mr. Tyke: clérigo favorecido por Bulstrode.

Não é acaso uma obra dessa envergadura não ter brecha, não ter incoerência, não ter informações e fatos equivocados. Houve uma preparação, aliás, o período de preparação foi superior ao período, de fato, da escrita em si. Com Mary Ann

aprendemos que um autor é responsável por aquilo que escreve, que literatura deve ser levada a sério, que um romance de ficção deve e pode servir como um documento que narra a história de um povo. Portanto, literatura não deve ser vista como apenas entretenimento, mas um estudo de um povo, de uma civilização, dos costumes, erros e acertos que são como uma escola para tempos vindouros.

A autora por trás da obra-prima

Dizem que aquilo que acontece a uma criança na infância marca toda sua vida. É muito possível que a falta de atrativos físicos na pequena e rejeitada Mary Ann transformou muitos de seus sonhos em pesadelos. Ela não era apenas uma criança em que a Providência havia destituído de boa aparência. Ela nascera uma criança em que a Providência depositara uma dose enorme de inteligência e nenhuma beleza. Seus biógrafos a descrevem como “medonha”, “horrorosa”, “hedionda”. Sendo ela uma pessoa muito inteligente, talvez tenha sabido passar por isso com certa dose de superioridade –, ou talvez tenha criado essa dose de superioridade como escudo –, mas por que a falta de autoconfiança a atormentou a vida toda? Ela, certamente, lutou a vida toda para ser e saber mais do que todas as pessoas com as quais ela conviveu. Ela leu mais de dez mil livros e ela lia sobre tudo, falava com propriedade sobre todos os assuntos, da Medicina à Engenharia, discutia e escrevia sobre política, sobre a arte e sobre as especificidades das pessoas. Teria ela essa fome de conhecimento para suplantar alguma dor pungente? É muito possível. É como se dissesse: “não nasci dotada da benção da beleza, da normalidade física, mas tornar-me-ei muito mais do que esperam de uma pobre menina”. E ela se tornou. Por todo o mundo ouviu-se falar em George Eliot. Ela era famosa em toda a Europa, Estados Unidos etc. Onde ela estava, lá estavam as pessoas, rodeando-a como abelhas ao mel. Mas ainda assim ela era insegura.

E ela era ainda adoentada. Possuía problemas intestinais e uma dor de dente

crônica; problemas nas gengivas, problemas estes que a acompanharam até o fim de sua vida. Ela disse em seu diário: “Do que adianta ser famosa, ter dinheiro, se um dente me tira a paz?”. Ela era metódica; era amiga; era inteligente demais. Lewes dizia que estar com ela era como estar com um Platão ao seu lado. Mary Ann transformou sua infância pobre em um idílio. A exemplo, *O Moinho à Beira do Rio Floss*. Mas quando estava “enterrada” no interior, morria de medo de nunca sair de lá; quando era famosa e morava em Londres, vivia fugindo para o campo. Era no campo que ela mais produzia. Um fato recorrente na vida da autora é que sempre que lançava uma obra, ela fugia para o exterior. Ela tinha medo das críticas, tinha pavor e precisava fugir.

Pré-lançamento de Middlemarch

Com a escrita de *Middlemarch* progredindo, Lewes escreveu para o editor à procura de um meio de fazer o romance não cair nas mãos das bibliotecas itinerantes, que tirava o lucro do editor e do autor. Eles compravam uma pequena quantidade de livros e os emprestavam semanalmente, através do pagamento de uma mensalidade pelo assinante. Era um excelente negócio para as livrarias itinerantes e para o leitor que não tinha dinheiro para comprar o livro, mas péssimo para o autor e para o editor. Dickens havia inventado o sequenciamento semanal, visando justamente fugir do atravessador. Mas Mary Ann não tinha condições mentais de escrever para publicar semanalmente, isso a adoeceria ainda mais. Foi decidido, então, que publicariam a cada dois meses parte do romance, sequenciado em oito livros no total. Isso dificultaria para as bibliotecas itinerantes. O livro um, Miss Brooke, saiu em 1871. Quando os livros dois e três estavam prontos, Mary Ann os entregou a Lewes para lê-los, e ele achou que parte do livro três tinha que estar no dois, pois Dorothea Brooke pouco aparecia, e o leitor poderia não gostar disso, já que no livro dois ela havia introduzido o Dr. Lydgate e seu núcleo e, no original, Dorothea não aparecia. Ela então concordou, mas foi desgastante ter que mexer em tudo, copiado à mão, tinta e

pena. Mas Mary Ann passou parte do livro três para o livro dois, mas ficou preocupada porque o livro dois ficou muito pequeno. O editor decidiu que imprimiria o livro dois em um papel mais volumoso, resolvendo assim a questão da finura do livro.

As publicações terminaram no fim de 1872, uma obra-prima onde cada classe da sociedade de *Middlemarch* foi representada, desde a pequena nobreza, o clero, os fabricantes, os profissionais liberais, lojistas, fazendeiros e os trabalhadores. Vários fios da trama foram entrelaçados para reforçar uns aos outros por contraste e paralelos. Ela era uma profunda conhecedora da raça humana, isso devido ao seu talento de estudar e refletir. *Middlemarch* foi considerado um estudo completo da psicologia humana e George Eliot elogiado pelos críticos por descrever os homens de forma real, sem caricaturas. Os críticos da época, quase todos homens, ficaram abismados, como uma mulher poderia conhecer o que se passava na mente masculina daquela forma? Sobretudo, como uma mulher conseguiu descrevê-los tão fielmente. Em *Middlemarch,* todos os arquétipos de uma obra-prima estão presentes: o inocente, o mentor; o companheiro ou o ajudante; o bode expiatório; o vilão. O arquétipo da morte; o pária. Os apaixonados condenados: o jovem casal apaixonado que o destino insiste em separar. A tentadora: a beldade cuja atração física pode provocar a desgraça do herói. O ideal platônico: o ser que inspira uma atração espiritual no herói; a donzela em apuros: a mulher vulnerável que é salva pelo herói. Assim como os arquétipos da missão: quando a personagem procura algo, seja consciente ou inconscientemente. Suas ações, pensamentos e sentimentos centram-se na concretização desse objetivo, exemplo Dorothea. O arquétipo do fim da inocência: a personagem recebe uma lição da vida, seja através de uma experiência violenta, sexual ou qualquer outra. Conflito entre pai e filho: tensão derivada do afastamento entre pai e filho. Dando vida a estes arquétipos estão o bom e o mau. O otimista e o pessimista; o confiante e o invejoso; o ansioso, o caloteiro, o patife, o amoroso, o idealizador, o fofoqueiro, o altruísta. Há os perfeccionistas, o prestativo, o observador, o romântico, o

questionador, o sonhador, o confrontador, o criativo, o idiota, o tolerante, o amigável, o egoísta, o insatisfeito e o satisfeito; há o observador, o cuidadoso, o feliz, o infeliz, o desafiador e o mediador.

Exaustão

Em uma das cartas de Mary Ann para uma amiga, ela escreveu: “Minha vida no último ano foi uma espécie de pesadelo, no qual eu me sentia lutando para manter-me à tona, na margem escorregadia de um lago”. “Ainda que *Middlemarch* possa ser lido como um livro conciliador e equilibrado, Eliot estava mexendo em águas perigosas”, escreveu Frederick R. Karl. Segundo o biógrafo, o casamento de Dorothea possuía ecos da própria vida de Mary Ann com Lewes. Karl observa que Mary Ann queria ser conhecida como a senhora Lewes, com apenas uma barreira legal entre ela e a respeitabilidade. No entanto, como seu casamento não tinha a sanção da lei, ela de fato ocupou a posição social de uma “mulher escarlate”, e neste desafio à autoridade, Karl encontra não uma declaração feminista, mas sim “seu último ato de hostilidade ao pai morto”. Karl oferece um paralelo ficcional esclarecedor para a própria transformação de Eliot: em uma passagem em *Middlemarch,* Dorothea Brooke, enfrentando a perspectiva proibida de se casar com Will Ladislaw, passa pelo que Eliot chama de uma “consciência alarmada de que sua vida estava assumindo uma nova forma. Todo o seu mundo estava em um estado de mudança convulsiva”. Em cada romance de Eliot, exceto *Middlemarch*, há brutalidade e morte, mas *Middlemarch* continua sendo a peça central inevitável de sua própria biografia. Eliot começou o romance sob a sombra da recente morte inexplicável e dolorosa do filho de Lewes, Thornie, e mesmo no meio da bem-sucedida composição de sua maior obra, ela escreveu que estava em desespero. Karl encontra em Eliot dois conjuntos de desenvolvimento de personagem: um que avançou suavemente em direção à realização intelectual e artística, e outro que cortejou o fracasso e nunca substituiu verdadeiramente sua perda de fé por um substituto adequado.

Seria esse o motivo de sua depressão? É neste contexto que Karl afirma que o estudioso fracassado Casaubon “representa aquele lado temeroso de Eliot que vimos em suas depressões e desespero. [Ele] representa algum nível mais profundo de experiência que a manteve dividida, duvidosa e incerta de realização”.

Primeiro biógrafo de Eliot a ter acesso a todo material de pesquisa que diz respeito à sua vida e obra, Frederick R. Karl disse que “é impressionante que um final, com a maioria dos personagens satisfeitos com sua própria vida, tivesse sido escrito quando Eliot estava lutando tão duramente para permanecer na subida escorregadia sem se afogar”.

Críticas que recebeu Middlemarch nos jornais e revistas da época

Pela primeira vez na carreira da autora, todas as críticas foram excelentes. A última a sair era a mais importante e a mais aguardada, a do *Times*, e saiu em sete de maio de 1873. O crítico do *Times* elogiou entusiasticamente o livro. Com *Middlemarch*, Eliot foi considerada a maior entre todos os autores ingleses, abaixo apenas de Shakespeare. Sua obra foi considerada uma obra de arte e ela uma autora mestre. 40 mil exemplares foram vendidos só no Reino Unido no início de 1873 e *Middlemarch* transformou Eliot de uma famosa romancista a um ídolo!

Mas a escrita do romance a tinha debilitado. Ela confessou a seu amigo Alexander Main, e ele escreveu para alguém: “Quando um assunto começa a crescer dentro dela, ela se sente mal, até que ele seja arrancado dela”, referindo-se à exaustão em “arrancar” dela a enorme história.

Daniel Deronda foi seu último romance, lançado em 1876, cujo personagem foi uma homenagem ao povo judeu, tão desprezado pelos ingleses. Narra a história do personagem que dá nome ao título e que foi abandonado pela mãe ainda bebê para ela seguir a carreira de cantora. Daniel Deronda, na ausência de sua mãe, foi criado pelo barão Hugo Mallinger, um homem bom, com ótima

posição social e que sempre disse ser seu tio. Sem nunca ter recebido detalhes sobre o seu nascimento, e embora amasse muito Sir Hugo, Daniel vai em busca da verdade sobre sua origem e identidade. Ao final, Daniel vai descobrir que sua própria mãe o abandonara e o entregara a Sir Hugo, contrariando o modelo comportamental idealizado para as mães vitorianas. A narrativa de *Daniel Deronda,* um jovem da melhor tradição das classes altas inglesas, começa quando ele vê a bela, mimada e egoísta Gwendolen Harleth posicionada numa mesa de jogo, preparada para jogar fora a fortuna de sua família. E enquanto Gwendolen perde tudo e fica presa em um casamento opressor, a sorte de Deronda toma um rumo diferente. Depois de um encontro dramático com a jovem judia Mirah, ele se envolve na busca por sua família perdida e se sente atraído por uma simpatia cada vez mais profunda com as aspirações e identidade judaicas. George Eliot em seu último e mais ambicioso romance, ao tecer os fios do enredo, criou uma imagem ousada e ricamente texturizada da sociedade britânica e do sentimento judaico dentro dela.

A morte de Lewes

Lewes morreu em 1878. Em 1863, os Leweses tinham comprado a Priory, uma casa em North Bank, Regent's Park, onde suas tardes de domingo se tornaram uma característica brilhante da vida vitoriana. Lá, em 30 de novembro de 1878, Lewes morreu. Por quase 25 anos, ele fomentou a genialidade de Eliot e administrou todos os detalhes práticos da vida da autora, que agora recaíam sobre ela. Acima de tudo, Mary Ann sentia falta do incentivo que por si só tornava possível escrever. Durante meses, ela não viu ninguém além do filho de Lewes, Charles Lee Lewes; depois ela se dedicou a completar o último volume de seu livro *Problemas da Vida e da Mente* (1873-1879) e fundou a *George Henry Lewes Bolsa de Estudo em Fisiologia em Cambridge*. Por alguns anos, seus investimentos estiveram nas mãos de John Walter Cross (1840-1924), um banqueiro apresentado a ela por Herbert Spencer (lá atrás Spencer apresentou a

ela seus dois maridos, Lewes e Cross). A mãe de Cross, amiga de Mary Ann, havia morrido uma semana depois de Lewes. Atraída pela simpatia e pela necessidade de conselhos, Mary Ann logo começou a se apoiar em Cross para obter afeto e proteção. É engraçado como uma mulher forte como Mary Ann – uma flor da charneca – necessitava desse apoio masculino. Mas assim ela era e sempre fora. Mary Ann e Cross começaram um relacionamento "estranho", pois Cross antes a chamava de tia, e era vinte anos mais novo. Dando vida àquela cena vivida lá atrás em Roma, em 6 de maio de 1880, eles se casaram em St. George, Hanover Square. Cross tinha 40 anos; ela estava próxima do 61º aniversário. "Cross adorava Eliot e ela encontrou nele o homem certo para o momento certo. Perto dos 61 anos, ela podia não ser mais capaz do amor romântico, sobretudo com sua saúde precária, enquanto ele, aos 40, pode ter ficado tão obcecado por estar tão próximo de um ídolo mundial, apaixonado pelo talento da escritora". O casamento legal agradou a seu irmão Isaac e eles fizeram as pazes. Mary Ann e Cross viajaram em lua de mel para a Itália, começando por Veneza, onde Cross teve o que chamam de colapso mental e se jogou no Grande Canal. O motivo exato nunca saberemos. Segundo Frederick R. Karl, Cross sofria de depressão e, aparentemente, tinha um irmão excepcional ou perturbado e poderia haver algum desequilíbrio hereditário. "Um fator detonador do colapso pode ter sido uma repentina exigência sexual de Eliot, um fracasso sexual, levando Cross à grande crise. As predileções sexuais dele eram discretas. Embora tenha dito que tivera 'amigas', ele poderia ser ainda virgem. Vários comentaristas sugeriram, sem nenhuma evidência clara, que Cross era homossexual latente". No diário do médico que o atendera estava registrado: "Cross não estava doente, mas acometido de uma espécie de acesso, ou talvez um colapso nervoso, uma forma de loucura" [...] Segundo o biógrafo, Eliot ficou horrorizada ao pensar que Cross fosse louco, e que essa conclusão a deixou em profunda depressão, da qual nunca mais se recuperou. Depois da viagem à Itália, eles voltaram para sua casa de campo em Witley antes de se mudarem para Cheyne Walk, número 4, Chelsea, onde ela morreu em dezembro, um ano depois

do casamento, segundo os médicos de uma doença renal que atingiu seu coração. Ela foi enterrada no cemitério de Highgate.

George Eliot, pseudônimo aparentemente inspirado em seu companheiro George Lewes e na inglesa George Sand – (pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, aclamada romancista francesa da época) – foi uma das mais importantes escritoras do século XIX, junto com Charles Dickens.

Frederick Karl, na biografia a que nos baseamos para escrever grande parte deste material, desenha uma figura muito mais complexa do que o retrato oficial que Gordon Haight apresentou em sua biografia autorizada publicada em 1968. Haight, o editor das cartas de Eliot, limitou-se a uma crônica meticulosamente documentada, mas amplamente gentil. Frederick Karl, entretanto, explora livremente os padrões frequentemente ocultos e as tensões da vida privada de Mary Ann. Ele a apresenta, não com malícia, mas com gentileza e humanidade, como se poderia esperar do autor das biografias de Joseph Conrad e Franz Kafka. Finalizando, como escreve Karl, “Eliot sempre foi caracterizada como uma romancista moderada e equilibrada. Mas seus romances falam de morbidez, morte e formas de comportamento extremo”. Ele observa ainda que “em seus romances, ela se deleitava em fracassos, em personagens femininas errantes, em retratar escolhas ruins, em catalogar casamentos desastrosos”. Karl conclui a partir da evidência de seus romances, bem como de sua extensa correspondência, que Eliot de fato sofreu ao longo de sua vida de um estado crônico de depressão. Ele escreveu: “Frequentemente, a carreira de Eliot é vista como uma espiral consistente de sucesso após sucesso. Muito pelo contrário, ela não estava apenas cheia de dúvidas e precisava ser protegida contra críticas adversas; ela muitas vezes mal conseguia passar os dias sem cair em depressão e angústia”. Karl admite que não é possível atribuir essa depressão a nada específico, “exceto possivelmente que, em seu intenso esforço para se transformar, ela abandonou o que poderia dar uma simples alegria”. Ele descreve as repetidas ocasiões em que Eliot se sentiu totalmente derrotada e, então, reuniu seu juízo e emoções para

continuar seu trabalho, e dá atenção especial à grave depressão que ela sofreu ao escrever sua obra-prima, *Middlemarch*.

Temos a tendência de enfatizar suas qualidades mórbidas porque ela as enfatizou em suas cartas, e muitos de seus livros são sombrios, mas são sombrios porque ela sentia que a vida não era para brincadeira. Ela reconheceu, com um senso clássico de equilíbrio, que o prazer e a dor em doses iguais estão implícitos em cada ato; que toda a vida é escolha; e essa escolha não é em si uma garantia de acerto.

Karl considera a vida de Eliot como uma série de rebeliões de autoridade e expectativas conduzidas por um temperamento profundamente conservador. Ele analisa seus dois atos de rebelião mais significativos: sua recusa inicial em ir à igreja com seu pai conservador e seu casamento de fato escandaloso, mas bastante convencional, com George Henry Lewes, como evidências de conflitos não resolvidos e hostilidades que surgiram em sua depressão. Ao longo da biografia, Karl enfatiza a importância fundamental do pai de Eliot, Robert Evans, que era o administrador de uma grande propriedade rural ao norte de Coventry e que defendia firmemente as visões religiosas e políticas conservadoras da aristocracia a que servia. Ele deu à filha uma educação incomumente séria, por meio da qual ela fez seu contato inicial e altamente influente com um círculo intelectual não-conformista local. No que Karl descreve como “a primeira de suas grandes decisões de emergir como sua própria pessoa”.

Ainda assim, Karl cita uma carta na qual Eliot escreve: “Não preciso dizer a vocês que meu livro [Middlemarch] não apresentará meus próprios sentimentos sobre a vida humana se produzir nos leitores, cujas mentes são realmente receptivas, a impressão de melancolia vazia e desespero”. Karl considera esse antagonismo à depressão um reflexo da ênfase moral de Eliot na importância do dever e da realização. Ele observa que “há algo de Eliot em Dorothea: o desejo de ser e fazer o bem, a ênfase no dever e na disciplina, a tentativa de se definir em termos morais e éticos”. Karl sugere que, na atração de Dorothea por

Ladislaw, Eliot confrontou indiretamente seu próprio desejo sexual e natureza rebelde ao tentar retratar na figura de Ladislaw uma representação idealizada de George Lewes, ou quem sabe de Cross.

Concluindo, tenho por hábito colocar a data e uma observação em todos os livros que leio e, ao pegar a biografia de Eliot, lida em 2013, deparei-me com esta frase: “Mary Ann Evans foi uma pobre criatura infeliz, mas uma grande escritora”. Nessa frase se resume essa breve biografia.

Chirlei Wandekoken
Editora geral

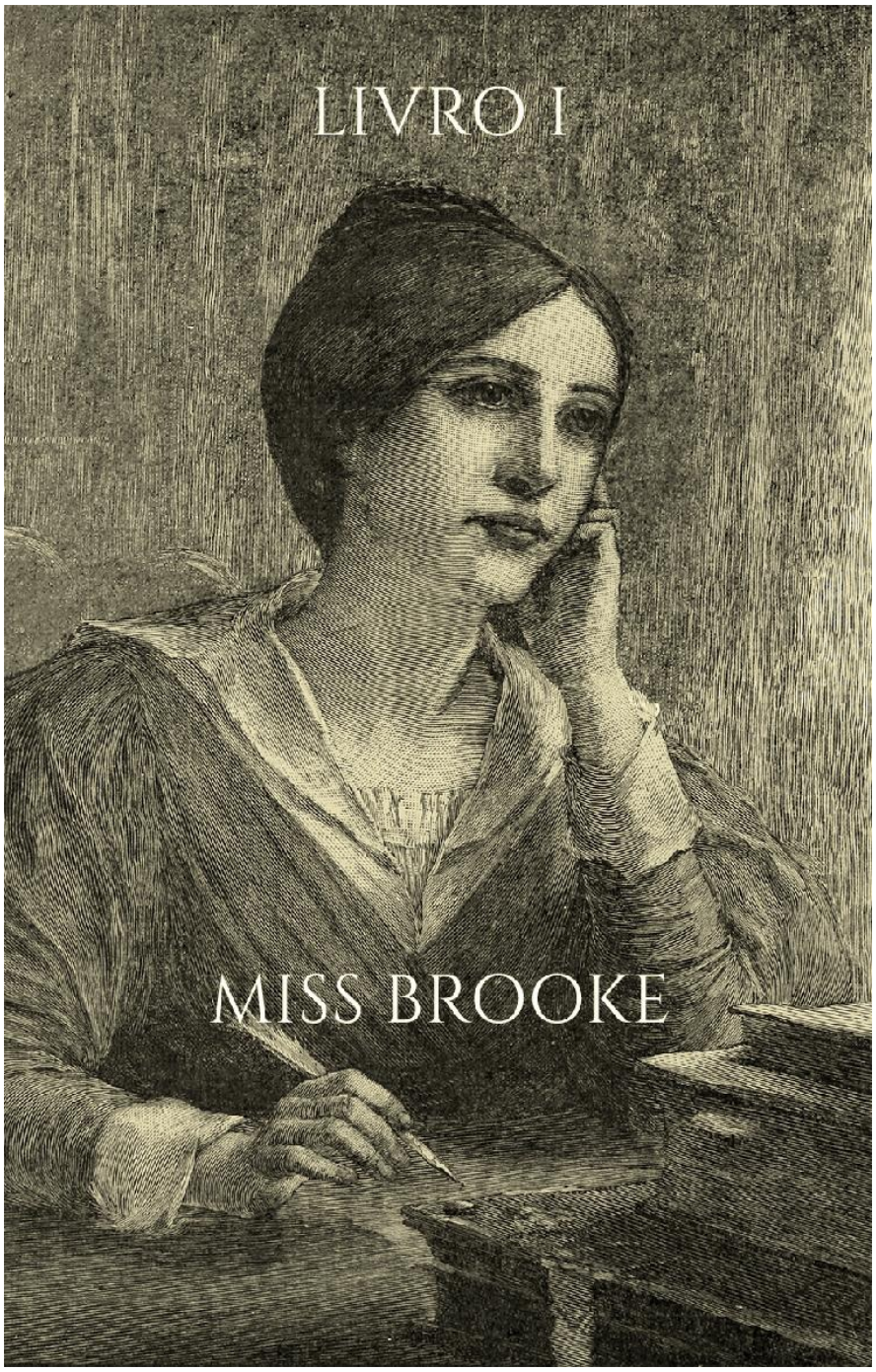
PRELÚDIO

Aqueles que se preocupam em conhecer a história do homem e a maneira misteriosa como se comporta a mistura sob os diversos experimentos do tempo não pararam para pensar, ainda que apenas por um momento, na vida de Santa Teresa? Não sorriram com ternura diante da ideia de uma pequena menina caminhando em uma manhã de mãos dadas com seu irmão menor, em busca do martírio da terra dos mouros? Com passo incerto eles caminharam pela acidentada Ávila, com os olhos arregalados e parecendo desamparados como dois filhotes, contudo com humanos corações já pulsando ao som de uma ideia nacional, até que a realidade doméstica na forma de tios os fez abandonar sua nobre determinação. Aquela peregrinação infantil foi um bom preâmbulo. A natureza apaixonada e idealista de Teresa exigia uma vida épica: o que significavam para ela os muitos volumes de romances de cavalaria e as conquistas sociais de uma jovem brilhante? Sua chama logo consumiu o débil insumo e, alimentada a partir do seu interior, ergueu-se após alguma satisfação sem limites, um objetivo que jamais justificaria o abatimento e que reconciliaria o seu desespero intrínseco com a consciência arrebatadora da vida além de si mesma. Foi na reforma de uma ordem religiosa que ela se deparou com acontecimentos extraordinários.

Aquela mulher espanhola, que viveu há trezentos anos, certamente não foi a última de sua espécie. Nasceram muitas Teresas que não encontraram para si uma vida épica em que houvesse um constante desdobramento de ação tão ressonante; talvez só tenham encontrado uma vida de erros, fruto de uma certa grandeza espiritual incompatível com a mesquinhez da oportunidade; ou talvez um trágico fracasso que não encontrou nenhum poeta sagrado e caiu inconsciente no esquecimento. Com luzes tênues e circunstâncias emaranhadas, elas tentaram moldar seus pensamentos e ações em um nobre acordo, mas,

apesar de tudo, aos olhos dos leigos, seus esforços não foram mais do que mera inconsistência e disformidade, pois essas Teresas nascidas posteriormente não foram ajudadas por nenhuma fé e ordem social coerentes que pudessem desempenhar a função do conhecimento para a alma ardente e desejosa. Seu ardor oscilava entre um ideal vago e o anseio prosaico da feminilidade, sendo que um foi reprovado por ser extravagante e o outro condenado como um lapso.

Há quem acredite que estas existências desajeitadas se devem à inconveniente indefinição com a qual o Poder Supremo moldou a natureza das mulheres: se houvesse um nível de incompetência feminina tão restrito quanto a capacidade de contar até três, a fração social das mulheres deveria ser tratada com precisão científica. Enquanto isso, a indefinição permanece e os limites da variação são realmente muito mais amplos do que qualquer um poderia imaginar pela mesmice dos penteados femininos ou das histórias de amor em prosa e verso preferidas pelas mulheres. Aqui e ali, um jovem cisne é criado, inquieto, em meio aos patinhos na lagoa marrom e nunca encontra o riacho de água corrente na companhia de outros da sua própria espécie, com pés em forma de remo (palmípede). Aqui e ali, nasce uma Santa Teresa, fundadora de nada, cujas amorosas batidas do coração e soluços depois de uma graça não alcançada estremecem e se dispersam entre os obstáculos, no lugar de concentrarem-se em algum feito de reconhecimento duradouro.


LIVRO I
MISS BROOKE

CAPÍTULO I

Já que não posso fazer nenhum bem por ser mulher,
Aspiro constantemente algo que se assemelhe a isso.
– *A Tragédia da Donzela*: BEAUMONT E FLETCHER.

Miss Brooke possuía aquele tipo de beleza que parece ser realçada por roupas modestas. Suas mãos e seu pulso eram tão finos, que ela podia usar mangas não menos despojadas do que aquelas em que a Virgem Maria aparecia para os pintores italianos; e seu semblante, bem como sua estatura e porte, pareciam ganhar mais dignidade com seus trajes simples, os quais, comparados à moda provinciana, davam-lhe a solenidade de uma bela passagem bíblica, ou a de um de nossos poetas mais antigos, em um parágrafo dos jornais de hoje. Diziam que ela era extremamente inteligente, mas que sua irmã Celia tinha mais bom senso. No entanto, Celia também não usava tantos adornos, e apenas o observador mais atento notava que seu vestido diferia do de sua irmã e que possuía um toque de elegância afetada em seus arranjos, pois a maneira simples de se vestir de Miss Brooke se devia a condições variadas, a maioria das quais compartilhada por sua irmã. O orgulho de serem mulheres tinha algo a ver com isso: os parentes das irmãs Brooke, embora não fossem exatamente aristocratas, eram inquestionavelmente “bons”, e se alguém buscasse em uma ou duas gerações atrás, não encontraria entre seus antepassados um agrimensor ou empacotador, nem nada inferior a um almirante ou clérigo; e havia até um ancestral discernível como um cavalheiro puritano, que servira sob o comando de Cromwell, mas que logo se acomodara e conseguira afastar-se dos conflitos políticos, tornando-se dono de uma respeitável propriedade familiar. Era natural que jovens deste tipo, que viviam em uma tranquila casa de campo e frequentavam uma igreja de

aldeia pouco maior do que uma sala de visitas, considerassem as roupas vistosas como a ambição da filha de um vendedor ambulante. Além disso, havia a economia das pessoas honradas, a qual, naquela época, fazia da indumentária o primeiro item a ser deduzido quando se precisava de uma reserva para despesas mais distintas da sua classe social. Tais razões, bem à margem dos sentimentos religiosos, teriam sido suficientes para justificar a vestimenta simples, mas no caso de Miss Brooke, a religião em si tinha sido determinante, e Celia aquiescia pacificamente a todos os sentimentos de sua irmã, apenas infundindo aquele bom senso que é capaz de aceitar doutrinas transcendentais sem qualquer agitação excêntrica. Dorothea sabia de cor muitas passagens de *Pensées de Pascal*,[1] assim como de Jeremy Taylor,[2] e para ela, os destinos da humanidade, vistos à luz do Cristianismo, tornavam as preocupações com a moda feminina uma ocupação para Bedlam.[3] Ela não conseguia conciliar as inquietudes de uma vida espiritual que envolvesse consequências eternas com um grande interesse pelas protuberâncias artificiais das vestimentas. Sua mente era teórica e, por natureza, ansiava por alguma concepção elevada do mundo que incluísse abertamente a paróquia de Tipton e sua própria regra de conduta. Ela era enamorada da intensidade e da grandeza, e era imprudente para abraçar tudo aquilo que parecesse apresentar tais aspectos. Da mesma forma, tinha propensão a buscar o martírio, retratar-se e, finalmente, ocorrer em sofrimento justamente onde não o havia procurado.

Certamente, tais componentes do caráter de uma jovem casadoura tendiam a interferir em seu destino, impedindo-a de se decidir, de acordo com o costume, pela aparência, vaidade e afeição meramente canina. Com tudo isso, ela, a mais velha das irmãs, não tinha ainda 20 anos, e ambas, desde que perderam seus pais quando tinham cerca de 12 anos, haviam sido educadas com planos ao mesmo tempo estreitos e dissolutos, primeiramente com uma família inglesa e posteriormente com outra família suíça em Lausanne. Seu tio solteiro e tutor procurou, desta forma, remediar as desvantagens de sua condição de órfãs.

Fazia apenas um ano que elas tinham chegado à Granja Tipton para viver

com seu tio, um homem de quase 60 anos, de temperamento complacente, opiniões diversas e votos imprevisíveis. Ele havia viajado em sua juventude e fora detido nesta parte do condado por haver contraído hábitos mentais muito irregulares. As decisões de Mr. Brooke eram tão difíceis de prever quanto o tempo, e a única coisa que se podia afirmar com segurança é que ele agiria com boas intenções e que gastaria o mínimo de dinheiro possível para realizá-las. Mesmo aqueles que possuem mentes menos definidas, quando tomados pela ganância, mantêm alguns velhos hábitos, e há relatos de homens negligentes com tudo o que se refere ao seu próprio interesse, exceto sua caixa de rapé, com a qual se mostram cuidadosos, desconfiados e apegados.

Em Mr. Brooke, a veia hereditária da energia puritana estava claramente em suspenso, mas em sua sobrinha Dorothea resplandecia tanto através de seus defeitos quanto de suas virtudes, transformando-se às vezes em impaciência diante da maneira de falar do seu tio ou de seu hábito de “deixar as coisas acontecerem” em sua propriedade, o que a deixava ainda mais ansiosa pela chegada da sua maioridade, quando teria algum comando sobre o dinheiro para destiná-lo a fins mais generosos. Ela era considerada uma herdeira, pois não apenas as irmãs recebiam cada uma setecentas libras anuais por parte de seus pais, mas se Dorothea se casasse e tivesse um filho, este filho herdaria a propriedade de Mr. Brooke, presumivelmente avaliada em cerca de três mil libras por ano, renda que parecia uma fortuna para as famílias provincianas, que ainda falavam sobre a conduta recente de Mr. Peel[4] na questão católica, e que continuavam inocentes com relação aos futuros campos de ouro e aquela gloriosa plutocracia que tão nobremente exaltava as necessidades da vida requintada.

E Dorothea não iria se casar? Uma jovem tão bela e com tais perspectivas? Nada poderia impedi-la, exceto sua tendência pelos extremos e sua insistência em regular sua vida de acordo com conceitos que poderiam fazer um homem cauteloso hesitar antes de lhe fazer uma proposta, ou mesmo de induzi-la, ao final, a recusar todas as propostas. Uma jovem dama com berço e fortuna, que se

ajoelhava repentinamente no chão de tijolos ao lado de um trabalhador enfermo e orava fervorosamente como se acreditasse estar vivendo nos tempos dos Apóstolos, e que tinha estranhos caprichos de jejuar como os papistas, e de sentar-se à noite para ler velhos livros de teologia. Tal esposa, em uma bela manhã, poderia acordar o marido com um novo plano para a aplicação de sua renda que interferiria na política econômica e na manutenção de cavalos de sela. Naturalmente, um homem pensaria duas vezes antes de arriscar-se em tal união. Não se esperava que as mulheres tivessem opiniões muito concretas, mas a grande salvaguarda da sociedade e da vida familiar era que as opiniões não eram postas em prática. As pessoas sensatas faziam o que seus vizinhos faziam, para que se algum louco estivesse à solta, alguém pudesse identificá-lo e evitá-lo.

A opinião rural sobre as jovens damas recém-chegadas, mesmo entre os aldeões, em geral era a favor de Celia, por sua amabilidade e aspecto inocente, enquanto os grandes olhos de Miss Brooke pareciam, assim como sua religião, muito incomuns e marcantes. Pobre Dorothea! Comparada com ela, a Celia de aspecto inocente era sábia e experiente; quão mais sutil é a mente humana do que sua camada externa de tecidos, que compõem para ela uma espécie de brasão ou escudo!

Ainda assim, aqueles que se aproximavam de Dorothea, embora tivessem algum preconceito contra ela por conta dos rumores alarmantes, descobriam que ela possuía um encanto inexplicavelmente reconciliável com eles. A maioria dos homens a considerava encantadora quando estava montada em um cavalo. Ela amava o ar fresco e as várias qualidades do campo, e quando seus olhos e bochechas brilhavam de prazer, ela se parecia muito pouco com uma devota. Cavalgar era uma indulgência que ela se permitia, apesar de seus escrúpulos e remorsos; ela sentia que gostava de cavalgar de um modo sensual e pagão, e sempre ansiava por renunciar à prática.

Ela era extrovertida, ardente e nem um pouco admiradora de si mesma. Na verdade, era bonito ver como sua imaginação adornava sua irmã Celia com atrativos completamente superiores aos seus, e se algum cavalheiro visitasse a

granja por algum outro motivo que não fosse ver Mr. Brooke, ela concluía que ele deveria estar apaixonado por sua irmã. Sir James Chettam, por exemplo, a quem ela constantemente considerava do ponto de vista de Celia, debatendo interiormente se seria bom para Celia aceitá-lo. Para Dorothea, o fato de ele ser considerado um pretendente seu teria parecido uma irrelevância ridícula, pois com toda a sua ânsia por conhecer as verdades da vida, ela mantinha ideias muito ingênuas sobre o casamento. Ela estava certa de que teria aceitado o ajuizado Hooker,[5] se tivesse nascido a tempo de salvá-lo daquele erro miserável que cometera ao se casar; ou John Milton, quando sua cegueira surgiu; ou qualquer um desses grandes homens cujos hábitos estranhos significariam um glorioso ato de piedade; mas como poderia considerar um baronete amável e bonito, que dizia “exatamente” aos seus comentários, mesmo quando ela expressava incerteza? Um casamento realmente maravilhoso deveria ser aquele em que seu marido seria uma espécie de pai que poderia lhe ensinar até hebraico, se você assim desejasse.

Tais excentricidades do caráter de Dorothea fizeram com que Mr. Brooke fosse ainda mais culpado pelas famílias vizinhas por não ter proporcionado às suas sobrinhas uma senhora de meia-idade que lhes servisse de guia e companhia. Porém, ele mesmo temia tanto o tipo de mulher altiva, que provavelmente estaria disposta a aceitar tal posição, que se deixou dissuadir pelas objeções de Dorothea e, neste caso, foi corajoso o suficiente para desafiar o mundo, isto é, Mrs. Cadwallader, a esposa do reitor, e o pequeno grupo de nobres com quem visitou o nordeste de Loamshire. Assim, Miss Brooke presidia a casa de seu tio e não desgostava de sua nova autoridade e do respeito que a acompanhava.

Naquela noite, Sir James Chettam iria jantar na granja com outro cavalheiro a quem as meninas nunca tinham visto antes e por quem Dorothea sentia alguma expectativa admirável. Tratava-se do reverendo Edward Casaubon, conhecido no condado como um homem de profundo saber e dedicado há muitos anos a uma grande obra relativa à história da religião; também era conhecido como um

homem de riqueza suficiente para realçar sua piedade, e de opiniões pessoais próprias, as quais seriam mais claramente verificadas na publicação de seu livro. O seu simples nome carregava uma impressão dificilmente mensurável sem uma cronologia precisa de erudição.

No início do dia, quando Dorothea já havia retornado da escola infantil que havia criado na aldeia e ocupava seu lugar habitual na bela sala de estar que dividia os quartos das irmãs, empenhada em terminar um projeto para algumas construções (tipo de trabalho que adorava fazer), Celia, que a observava com um desejo hesitante de lhe propor algo, disse:

– Dorothea, querida, se não se importa, e se não está muito ocupada, suponha que nós olhássemos as joias da mamãe hoje e as dividíssemos? Faz exatamente seis meses desde que o tio as entregou a você, e você ainda nem olhou para elas.

O rosto de Celia indicava a sombra de uma expressão amuada, cuja demonstração total desse desgosto estava contida por seu temor habitual de Dorothea e seus princípios, dois fatos associados que poderiam desencadear uma eletricidade misteriosa se alguém os tocasse incautamente. Para seu alívio, os olhos de Dorothea sorriam quando ela olhou para cima.

– Que almanaque maravilhoso é você, Celia! São seis meses do calendário ou seis meses lunares?

– Hoje é o último dia de setembro e era primeiro de abril quando o tio as entregou a você. Você sabe, ele disse que tinha se esquecido delas até então. Eu acredito que você nunca voltou a pensar nelas desde que as trancou no armário.

– Bem, querida, nós nunca devemos usá-las, você sabe – disse Dorothea, em um tom de voz cordial, meio carinhoso, meio explicativo. Ela estava com o lápis na mão e fazia pequenas anotações em uma das margens.

Celia enrubesceu e parecia muito séria.

– Eu acredito, minha querida, que deixá-las de lado e não tomar conhecimento delas é uma falta de respeito à memória da mamãe. Além disso – acrescentou ela, depois de hesitar um pouco, com um soluço crescente de mortificação –, colares são bastante comuns hoje em dia. Até Madame Poincon,

que era até mais rígida do que você com algumas coisas, costumava usar adornos. E os cristãos em geral, certamente há mulheres no céu que usam joias – Celia possuía a consciência de alguma força mental quando realmente se aplicava a alguma discussão.

– Você gostaria de usá-las? – perguntou Dorothea. Um ar de surpresa pela descoberta animou todo o seu ser com um gesto dramático que ela havia aprendido com a própria Madame Poincon, que usava os adornos. – Neste caso, é claro, vamos dar uma olhada nelas. Por que não me disse antes? Mas as chaves, as chaves! – ela pressionou as mãos nas laterais da cabeça e parecia se desesperar com a memória.

– Estão aqui – disse Celia, que levara muito tempo meditando e planejando a explicação.

– Por favor, abra a grande gaveta do armário e apanhe a caixa de joias.

A caixa foi aberta diante delas e as várias joias se espalharam formando um brilhante *parterre*[6] sobre a mesa. Não era uma grande coleção, mas algumas das peças eram realmente de extraordinária beleza, sendo à primeira vista a mais bela, um colar de ametistas roxas incrustadas em um trabalho de ouro requintado e uma cruz de pérola com cinco brilhantes. Dorothea imediatamente apanhou o colar e prendeu-o em volta do pescoço da irmã, onde ele serviu quase tão justo quanto uma pulseira, mas o círculo combinava com o estilo Henrietta Maria[7] da cabeça e do pescoço de Celia, e ela mesma comprovou o efeito no espelho *trumeau*[8] à sua frente.

– Aí está, Celia! Você pode usá-lo com sua musselina indiana. Mas esta cruz você deve usar com seus vestidos escuros.

Celia tentava não sorrir de prazer. – Mas, Dodo, você deve ficar com a cruz.

– Não, não, querida, não – disse Dorothea, levantando a mão com uma indiferença descuidada.

– Sim, você deve ficar com ela, ficaria tão bem em você, com seu vestido preto – disse Celia, insistentemente. – Você deveria usá-la.

– Nem pensar, nem pensar. Uma cruz é a última coisa que eu usaria como

adorno – Dorothea estremeceu ligeiramente.

– Neste caso, você acharia que é maldade da minha parte usá-la? – perguntou Celia, inquieta.

– Não, querida, não – disse Dorothea, acariciando o rosto de sua irmã. – As almas também têm compleições, o que serve para uma pode não servir para a outra.

– Mas você poderia querer ficar com ela, pela mamãe.

– Não, eu tenho outras coisas da mamãe; sua caixa de sândalo que tanto gosto e muitas outras coisas. Pensando bem, fique com todas as joias. Não precisamos mais falar sobre elas. Pronto, leve suas posses daqui.

Celia sentiu-se um pouco magoada. Havia uma forte presunção de superioridade nessa tolerância puritana, apenas um pouco menos agressiva para uma irmã pouco entusiasta do que uma perseguição puritana.

– Mas como posso usar joias, se você, que é a irmã mais velha, nunca usa?

– Não, Celia, isso já é pedir demais, que eu use joias para mantê-la feliz. Se eu usasse um colar como esse, eu me sentiria como se estivesse fazendo piruetas. O mundo giraria comigo e eu não saberia como andar.

Celia afrouxou o colar e o tirou.

– Ficaria um pouco apertado para o seu pescoço; seria melhor algo liso, que ficasse pendurado – disse Celia, com alguma satisfação. Sob qualquer ponto de vista, o colar era completamente inadequado para Dorothea, o que fez com que ela se sentisse mais feliz em aceitá-lo. Ela estava abrindo algumas caixas e elas descobriram um lindo anel com esmeraldas e brilhantes quando o sol, saindo de uma nuvem, lançou um brilho forte sobre a mesa.

– Como essas pedras são lindas! – exclamou Dorothea, sob uma nova corrente de sentimento, tão repentina quanto o brilho do sol. – É curioso como as cores parecem penetrar profundamente na gente, como o perfume. Suponho que seja por isso que as pedras são usadas como emblemas espirituais no Apocalipse de São João. Parecem fragmentos do céu. Acho que a esmeralda é a mais bonita de todas.

– E há uma pulseira que combina com ele – disse Celia. – Não a notamos a princípio.

– São adoráveis – disse Dorothea, deslizando o anel e a pulseira em seu dedo e pulso bem torneados, levantando-os na direção da janela à altura de seus olhos. Durante todo o tempo sua mente tentava justificar o prazer que sentia diante das cores, mesclando-as com seu júbilo místico-religioso.

– Você gostaria de ficar com elas, Dorothea? – perguntou Celia, um tanto hesitante. Ela começava a pensar, com surpresa, que sua irmã mostrava alguma fraqueza, e que as esmeraldas combinariam melhor com sua pele do que as ametistas roxas. – Você deve ficar pelo menos com o anel e a pulseira. Mas, veja, estas ágatas são muito bonitas, e discretas.

– Sim, vou ficar com estes, o anel e a pulseira – disse Dorothea. Então, ela deixou a mão cair sobre a mesa e disse em outro tom:

– No entanto, quão miseráveis são os homens que encontram essas coisas, trabalham nelas e as vendem! – ela fez uma nova pausa e Celia pensou que a irmã iria renunciar às joias, como deveria fazer para ser coerente.

– Sim, querida, eu ficarei com estes – disse Dorothea, decididamente. – Mas leve embora todo o resto, e a caixa também.

Ela pegou o lápis sem tirar as joias, as quais continuou admirando. Ela pensava em usá-las com frequência, para alimentar seus olhos com essas pequenas fontes de cores puras.

– Você irá usá-las em público? – perguntou Celia, que a observava com verdadeira curiosidade para saber o que iria fazer.

Dorothea olhou de relance para a irmã. De tempos em tempos, um discernimento aguçado, que não deixava de ser uma qualidade mordaz, sobressaía à imaginação adornada que ela tinha sobre aqueles a quem amava, e ela os enxergava como eram sem adornos. Se Miss Brooke alguma vez alcançasse submissão absoluta, não seria por falta de fogo interior.

– Talvez – respondeu ela, com bastante altivez. – Não posso prever o nível de degradação que posso chegar!

Celia enrubesceu e ficou triste; ela viu que tinha ofendido a irmã e nem sequer se atreveu a dizer algo agradável sobre as joias que ganhara de presente, que guardou na caixa e a levou embora. Dorothea, enquanto continuava com seus desenhos, também não estava feliz, questionando a pureza de seus próprios sentimentos e as palavras na cena que terminara com aquela pequena explosão.

A consciência de Celia lhe dizia que ela não estava absolutamente errada; era muito natural e justificável que ela tivesse feito a pergunta, e ela repetiu para si mesma que Dorothea não era coerente: ou ela deveria ter ficado com sua parte nas joias, ou, depois do que havia dito, renunciar a todas elas.

Estou certa, ao menos, eu acredito, pensou Celia, *que usar um colar não vai interferir com minhas orações. E não vejo razão para ser limitada pelas opiniões de Dorothea, agora que estamos começando a frequentar a sociedade, embora, é claro que ela mesma deveria se obrigar a fazê-lo. Mas Dorothea nem sempre é coerente.*

Então, Célia, debruçou-se silenciosamente sobre sua tapeçaria, até ouvir a irmã chamá-la.

– Venha, Kitty, venha ver a planta que desenhei. Eu deveria acreditar que sou uma grande arquiteta, não fossem as escadas e as lareiras incompatíveis.

Enquanto Célia se curvava sobre o papel, Dorothea repousou carinhosamente sua bochecha contra o braço da irmã. Celia entendeu o gesto. Dorothea reconheceu que estava errada e Celia a perdoou. Até onde elas podiam se lembrar, sempre houve uma mistura de crítica e admiração na atitude de Celia em relação à irmã mais velha. A mais jovem era sempre subjugada, mas existe alguma criatura dominada que careça de opinião pessoal?

CAPÍTULO II

“Diga-me, não vês aquele cavaleiro que vem em nossa direção montado em um corcel cinza malhado e que traz na cabeça um elmo de ouro?” “O que vejo”, respondeu Sancho, “não passa de um homem montado em um asno tão cinza quanto o meu, que carrega na cabeça uma coisa brilhante” “Isso mesmo”, respondeu Dom Quixote, “e este objeto resplandecente é o Elmo de Mambrino”.[9]

– CERVANTES

– Sir Humphry Davy?[10] – disse Mr. Brooke com seu habitual modo pacífico e sorridente enquanto tomava a sopa, em resposta à observação de Sir James Chettam de que estava estudando a Química Agrícola de Davy.

– Sim, Sir Humphry Davy, eu jantei com ele anos atrás em Cartwright, e Wordsworth também estava lá, o poeta Wordsworth, o senhor sabe. Bem, havia algo singular. Eu estudei em Cambridge ao mesmo tempo que Wordsworth e nós nunca nos encontramos, e vinte anos depois jantamos juntos em Cartwright. Uma coisa muito estranha, mas Davy estava lá: ele também era um poeta. Ou, como me atrevo a dizer, Wordsworth era o poeta número um e Davy, o poeta número dois. Isso era verdade em todos os sentidos, o senhor sabe.

Dorothea sentia-se um pouco mais inquieta do que o normal. No início do jantar, como o grupo era pequeno e a sala silenciosa, tais partículas da massa cerebral de um magistrado eram muito perceptíveis. Ela se perguntava como um homem como Mr. Casaubon suportava tamanha trivialidade. Seus modos eram muito sérios, pensou ela e o conjunto de cabelos grisalhos e olhos profundos faziam com que ele se parecesse com o retrato de Locke.[11] Era dono de uma forma esguia e de tez pálida, própria de um estudioso, muito distinta do tipo de

inglês saudável de bigodes ruivos representado por Sir James Chettam.

– Estou lendo Química Agrícola – disse o excelente baronete –, porque vou assumir pessoalmente uma das fazendas e quero ver se posso proporcionar aos meus arrendatários um bom modelo de cultivo. O que acha da ideia, Miss Brooke?

– É um grande erro, Chettam – interpôs Mr. Brooke. – Eletrificar suas terras e todo esse tipo de coisas, e converter seu estábulo em um salão. Não aconselho. Eu mesmo me dediquei muito à ciência durante um tempo, mas vi que não daria certo. Tudo pode acontecer e tira a sua paz. Não, não. Certifique-se de que seus arrendatários não vendam sua palha e esse tipo de coisa, e lhes ofereça as manilhas para a drenagem do esgoto, o senhor sabe. Mas essas suas extravagâncias não são aconselháveis. É como comprar um apito muito caro, quando pode muito bem manter uma matilha de cães.

– Certamente – disse Dorothea –, é melhor investir dinheiro para descobrir como os homens podem tirar o máximo proveito da terra que sustenta a todos nós do que usá-lo para manter cães e cavalos apenas que vão galopar sobre ela. Não é nenhum pecado empobrecer realizando experimentos para o bem de todos.

Ela falava com mais energia do que se poderia esperar de uma dama tão jovem, mas Sir James havia se dirigido a ela. Ele estava acostumado a fazer isso, e ela muitas vezes pensava que poderia incentivá-lo a praticar muitas boas ações quando ele se tornasse seu cunhado.

Mr. Casaubon voltou os olhos de forma muito marcante para Dorothea enquanto ela falava, como se a observasse sob uma nova luz.

– Jovens damas, como o senhor sabe, não entendem de economia política – disse Mr. Brooke, sorrindo para Mr. Casaubon. – Eu me lembro de quando estávamos todos lendo Adam Smith.[12] Este sim é um bom livro. Eu assimilei todas as novas ideias de uma só vez... a perfeição humana, digamos. Mas há quem diga que a história se move em círculos, e pode ser que tenha razão. Eu mesmo penso assim. O fato é que a razão humana pode levá-lo um pouco longe demais, além do necessário, na verdade. Houve uma época em que me deixei

levar, mas percebi que não era aconselhável. Eu me detive a tempo, mas não completamente. Eu sempre fui a favor de um pouco de teoria: devemos ter pensamento, do contrário, seríamos devolvidos à idade das trevas. Mas por falar em livros, estou lendo pelas manhãs *History of the Peninsular War* de Southey.[13] O senhor conhece Southey?

– Não – disse Mr. Casaubon, sem acompanhar a razão impetuosa de Mr. Brooke e pensando apenas no livro. – Disponho de pouco tempo livre para este tipo de literatura, no momento. Ultimamente, tenho gastado minha vista lendo personagens antigos. O fato é que gostaria de encontrar alguém que lesse para mim às noites, mas sou bastante exigente com as vozes e não suporto ouvir alguém lendo sem perfeição. De um certo modo, é um infortúnio: eu me alimento muito das fontes internas, vivo excessivamente entre os mortos. Minha mente é como o espectro de um ancestral vagando pelo mundo e tentando reconstruí-lo mentalmente como costumava ser, apesar da ruína e das perturbadoras mudanças. Mas acho necessário ter o máximo de cautela quanto à minha vista.

Esta foi a primeira vez que Mr. Casaubon falou por um longo tempo. Ele se expressou com precisão, como se tivesse sido chamado a fazer uma declaração pública, e a nitidez balanceada de sua fala, ocasionalmente acompanhada por um movimento de cabeça, era mais evidente por seu contraste com o desleixo desconexo do bom Mr. Brooke. Dorothea pensou que Mr. Casaubon era o homem mais interessante que ela já tinha visto, não excetuando nem mesmo Monsieur Liret, o clérigo de Vaudois que havia feito conferências sobre a história dos valdenses.[14] Reconstruir um mundo passado, sem dúvida, tendo em vista os mais elevados propósitos da verdade: que obra para deixar-se envolver, para colaborar, ainda que apenas à luz de um candelabro! Este pensamento elevado a levou a vencer sua irritação por ter sido criticada por sua ignorância sobre economia política, esta misteriosa ciência que interferia, assim como um extintor, sobre todas as suas luzes.

– Mas a senhorita gosta de cavalgar, Miss Brooke – Sir James aproveitou a

oportunidade para dizer. Talvez tenha interesse em conhecer um pouco os prazeres da caça. Eu gostaria que me permitisse enviar um alazão para experimentar. Ele foi expressamente treinado para uma dama. Eu a vi no sábado galopando pela colina em um pangaré que não é digno da sua pessoa. Meu cavalariço trará Corydon para a senhorita todos os dias, se apenas disser a que horas.

– Eu agradeço, o senhor é muito amável, mas eu pretendo deixar de cavalgar. Não cavalgarei mais – disse Dorothea, instigada a esta decisão brusca pelo aborrecimento causado por Sir James, que solicitava sua atenção quando tudo o que ela queria era dedicar-se a Mr. Casaubon.

– Mas isso é um exagero! – exclamou Sir James em tom de reprovação que demonstrava um forte interesse. – Sua irmã é dada à automortificação, não é? – continuou ele, voltando-se para Celia, que estava sentada à sua direita.

– Creio que sim – disse Celia, temendo dizer algo que não agradasse a irmã, e corando levemente por cima do colar. – Ela gosta de abandonar hábitos.

– Se isso fosse verdade, Celia, o fato de abandonar hábitos seria uma indulgência e não uma mortificação. Mas pode haver boas razões para alguém escolher não fazer o que lhe é muito agradável – disse Dorothea.

Mr. Brooke falava ao mesmo tempo, mas era evidente que Mr. Casaubon observava Dorothea, e ela estava ciente disso.

– Exatamente – disse Sir James. – A senhorita abandona seus hábitos por algum motivo elevado e generoso.

– Não, de fato, não exatamente. Eu não falo sobre mim mesma – respondeu Dorothea, corando. Ao contrário de Celia, que raramente corava, e quando o fazia era apenas por grande prazer ou irritação. Neste momento, Dorothea estava irritada com o perverso Sir James. Por que ele não prestava atenção em Celia e a deixava ouvir Mr. Casaubon? Ah, se aquele homem instruído decidisse falar no lugar de permitir que Mr. Brooke continuasse falando, o qual, naquele momento, lhe informava de que a Reforma significava algo ou não significava nada, que ele mesmo era protestante até o âmago, mas que o catolicismo era um fato; e

quanto a ceder um acre de suas terras por uma capela romana, todos os homens precisavam do freio da religião, a qual, falando com propriedade, significava o medo de uma outra vida.

– Eu estudei teologia durante algum tempo – continuou Mr. Brooke, como se explicasse o pensamento recém-manifestado. – Conheço um pouco sobre as escolas. Conheci Wilberforce[15] em seus melhores dias. O senhor conhece Wilberforce?

Mr. Casaubon disse: – Não.

– Bem, talvez Wilberforce não fosse um grande pensador, mas se eu fizesse parte do Parlamento, como já me pediram para fazer, deveria sentar-me na bancada independente, assim como fez Wilberforce, e trabalhar com filantropia.

Mr. Casaubon inclinou a cabeça e observou que se tratava de um campo muito amplo.

– Sim – disse Mr. Brooke, com um sorriso amável –, mas eu possuo muitos documentos. Comecei a coletá-los há algum tempo. Precisam ser organizados, isso é um fato; mas quando algo me intrigava, eu escrevia para alguém e obtinha uma resposta. Tenho muitos papéis importantes. A propósito, como o senhor organiza seus documentos?

– Em parte, em escaninhos – disse Mr. Casaubon, com um ar mais de espanto do que de esforço.

– Ah, escaninhos não servem. Eu já tentei, mas tudo acaba misturado nas prateleiras; nunca sei se um papel está em A ou no Z.

– Eu gostaria que o senhor me permitisse organizar seus papéis, tio – disse Dorothea. – Eu os classificaria por letras e faria uma lista dos assuntos embaixo de cada letra.

Mr. Casaubon sorriu em aprovação e disse a Mr. Brooke: – O senhor tem uma excelente secretária à sua disposição, como pode ver.

– Não, não – disse Mr. Brooke, balançando a cabeça. – Não posso permitir que jovens damas se intrometam com meus documentos. Elas são muito volúveis.

Dorothea sentiu-se magoada. Mr. Casaubon pensaria que havia algum motivo especial para o tio emitir tal opinião, quando o comentário não tinha mais peso em sua mente, entre todos os outros fragmentos que ali se encontravam, do que a asa quebrada de um inseto, sendo apenas uma corrente casual que tornara Dorothea seu destino.

Quando as duas moças ficaram sozinhas na sala, Celia observou:

– Como Mr. Casaubon é feio!

– Celia! Ele é um dos homens de aparência mais distinta que já vi. Ele é incrivelmente parecido com o retrato de Locke. E tem os mesmos olhos profundos.

– Locke também tinha aquelas duas verrugas peludas?

– Não, diria que não! Depende de quem olha para ele – disse Dorothea, afastando-se um pouco.

– Mr. Casaubon é tão pálido.

– Tanto melhor. Suponho que você admire um homem com a tez de um *cochon de lait*.[16]

– Dodo! – exclamou Celia, olhando para ela com surpresa. – Eu nunca a vi fazer uma comparação dessas antes.

– Por que deveria fazer antes que a ocasião se apresentasse? É uma boa comparação, uma combinação perfeita.

Miss Brooke estava claramente perdendo o controle de si mesma, e Celia observou:

– É estranho que fique tão alterada, Dorothea.

– É tão triste, Celia, que você olhe para os seres humanos como se fossem meros animais domesticados, e nunca vê uma grande alma no rosto de um homem.

– Mr. Casaubon tem uma grande alma? – perguntou Celia, com um toque de malícia ingênua.

– Sim, eu creio que sim – disse Dorothea, decidida. – Tudo o que vejo nele corresponde ao seu panfleto sobre Cosmologia Bíblica.

– Ele fala muito pouco – observou Celia.

– Não tem ninguém com quem conversar.

Celia pensou consigo mesma: “*Dorothea despreza Sir James Chettam, creio que não o aceitaria”*. Celia lamentava o fato. Ela nunca se enganara quanto ao objeto de interesse do baronete. De fato, às vezes, refletia que a irmã, talvez, não fizesse feliz um marido que não enxergasse as coisas pelo seu ponto de vista. Sufocado no fundo de seu coração estava o sentimento de que Dorothea era muito religiosa para a vida familiar. Seus princípios e seus escrúpulos eram como agulhas espalhadas pelo chão, que fazem com que alguém tenha medo de pisar, sentar-se ou mesmo comer.

Quando Miss Brooke estava à mesa do chá, Sir James veio sentar-se ao seu lado, não tendo achado ofensiva a maneira como ela o respondera. Por que deveria? Ele achava provável que Miss Brooke gostasse dele, e as maneiras, com efeito, devem ser bem observadas antes que os preconceitos, tanto de confiança quanto de receio, pudessem ser interpretados. Para ele, Dorothea era muito encantadora ainda que, naturalmente, o baronete teorizasse um pouco sobre seu afeto. Ele era feito de excelente massa humana e tinha o raro mérito de reconhecer que seus talentos, inclusive com relação à sua renda, não colocariam fogo no menor riacho do condado. Assim, ele gostava da perspectiva de uma esposa que pudesse ajudar o marido com argumentos e que também tivesse qualificação para fazê-lo. Quanto à religiosidade excessiva alegada contra Miss Brooke, ele tinha uma noção muito indefinida do que significava e acreditava que se apagaria com o casamento. Em suma, ele sentia que havia se apaixonado pela pessoa certa e estava pronto para suportar uma grande dose de predominância, a qual, no final das contas, um homem sempre poderia eliminar quando quisesse. Sir James não acreditava que algum dia tivesse a intenção de diminuir o predomínio dessa linda moça, em cuja inteligência e vivacidade ele se deliciava. Por que não? A mente de um homem, ou o que há nela, sempre tem a vantagem de ser masculina, assim como a menor bétula possui qualidade mais elevada do que a palmeira mais alta, e até mesmo sua ignorância é de uma índole

mais sólida. Sir James pode não ter originado esta estimativa, mas uma Providência amável oferece à personalidade mais indefesa um pouco de goma ou amido na forma de tradição.

– Espero que mude de ideia quanto ao cavalo, Miss Brooke – disse o perseverante admirador. – Eu posso garantir que cavalgar é o mais saudável dos exercícios.

– Estou ciente disso – disse Dorothea, friamente. – Acho que faria bem a Celia, se ela concordasse.

– Mas a senhorita é uma amazona perfeita.

– Espero que me desculpe, mas não tive muita prática e o cavalo poderia me derrubar com facilidade.

– Uma razão a mais para praticar. Todas as damas deveriam ser perfeitas amazonas, para poder acompanhar seus maridos.

– O senhor vê como divergimos amplamente, Sir James. Decidi que não serei uma amazona perfeita e, portanto, nunca poderia corresponder ao seu padrão do que é ser uma dama – Dorothea olhava diretamente para ele e falava bruscamente, com frieza, como se fosse um belo rapaz, em divertido contraste com a solícita amabilidade de seu admirador.

– Eu gostaria de conhecer suas razões para tão cruel decisão. Não é possível que a senhorita considere a equitação algo errado.

– É possível que eu a ache errado para mim.

– Mas, por quê? – perguntou Sir James, com tom de carinhosa reprovação.

Mr. Casaubon havia se aproximado da mesa e escutava com a xícara de chá na mão.

– Não devemos indagar com muita curiosidade as suas razões – interpôs ele, de forma pausada. – Miss Brooke sabe que elas tendem a enfraquecer quando expressadas: o aroma se mistura com o ar mais denso. Devemos manter afastado da luz o grão que germina.

Dorothea corou de prazer e olhou agradecida para o orador. Ali estava um homem capaz de compreender a mais elevada vida interior e com quem poderia

haver alguma comunhão espiritual; ou melhor, quem poderia iluminar os princípios com o mais amplo saber; um homem cuja erudição quase equivalia a uma prova de tudo o que ele acreditava.

As deduções de Dorothea podem parecer numerosas, mas na verdade a vida nunca poderia ter prosseguido, em qualquer época, se não fosse por esta ampla tolerância de conclusões, a qual tem facilitado o casamento sob as dificuldades da civilização. Alguém alguma vez já prendeu a sua minúscula pequenez na teia da convivência pré-matrimonial?

– Certamente – disse o bom Sir James. – Miss Brooke não deve ser forçada a revelar os motivos que prefere manter em silêncio. Estou certo de que seus motivos só lhe fariam honra.

Ele não sentia o menor ciúme do interesse que Dorothea havia demonstrado quando olhara para Mr. Casaubon. Nunca lhe ocorreu que uma moça a quem ele considerava propor casamento pudesse se importar com um rato de biblioteca a caminho dos seus cinquenta anos, a não ser, de fato, por motivações religiosas, como um clérigo de alguma distinção.

No entanto, como Miss Brooke havia iniciado uma conversa com Mr. Casaubon sobre o clero valdense, Sir James dirigiu-se a Celia e conversou com ela sobre sua irmã; ele falou sobre uma casa na cidade e perguntou se Miss Brooke gostava de Londres. Longe da irmã, Celia falava com bastante facilidade, e Sir James disse a si mesmo que a segunda Miss Brooke era certamente muito agradável, além de bonita, embora não, como algumas pessoas acreditavam, mais inteligente e sensata do que a irmã mais velha. Ele sentia que havia escolhido aquela que era, em todos os aspectos, a superior, e um homem naturalmente gosta de ter o melhor. Ele seria o próprio Mawworm[17] dos solteiros que fingiam não esperar por isso.

CAPÍTULO III

“Diga, ó deusa, o que se deu, quando Rafael,
O afável arcanjo...
Eva ouviu o relato com atenção, e se encheu de admiração e divagação
profunda, para ouvir coisas tão estranhas e elevadas.”
– MILTON, Paraíso Perdido.

Se realmente ocorrera a Mr. Casaubon pensar em Miss Brooke como uma esposa adequada para ele, os motivos que poderiam induzi-la a aceitá-lo já estavam plantados em sua mente, e na tarde do dia seguinte eles brotaram e floresceram. Eles haviam tido uma longa conversa pela manhã, enquanto Celia, que não gostava da companhia das verrugas e da palidez de Mr. Casaubon, fugira para o vicariato para brincar com os filhos maltrapilhos, porém alegres, do coadjutor.

A esta altura, Dorothea havia penetrado profundamente no reservatório incalculável da mente de Mr. Casaubon, vendo ali refletidas, em uma extensão vaga e labiríntica, todas as qualidades que ela mesma trazia. Ele havia revelado grande parte da sua própria experiência e ela, por sua vez, havia sido informada sobre a amplitude da sua grande obra, também de extensão atraente e labiríntica. Ele havia sido tão instrutivo quanto o “afável arcanjo” de Milton; e com uma espécie de vislumbre arcangélico lhe contou como se comprometera a demostrar (o que de fato já havia sido tentado antes, mas não com o mesmo rigor, equidade comparativa e eficácia de organização que Mr. Casaubon aspirava), que todos os sistemas míticos ou fragmentos míticos erráticos do mundo eram corrupções de uma tradição originalmente revelada. Uma vez confirmada a posição autêntica e fincado o pé nela, o vasto campo das construções míticas tornava-se inteligível,

ou melhor, quando não iluminada pela luz refletida das correspondências. Mas coletar informação nesta grande colheita de verdades não era uma tarefa fácil ou rápida. Suas anotações já constituíam uma gama formidável de volumes, mas a tarefa final consistiria em condensar estes resultados volumosos que ainda se acumulavam e conseguir fazer com que, assim como a primeira safra dos livros hipocráticos, coubessem em uma pequena estante. Ao explicar tudo isso a Dorothea, Mr. Casaubon se expressava quase como se estivesse conversando com um colega, pois não tinha dois estilos de falar. É verdade que quando empregava uma frase em grego ou latim, sempre oferecia o equivalente em inglês com cuidado minucioso, o que é provável que tivesse feito em qualquer caso. Um clérigo erudito provinciano está acostumado a pensar que seus conhecidos são lordes, aristocratas e outros homens nobres e dignos, mas que não dominavam o grego, talvez um modesto latim. Dorothea sentia-se totalmente cativada pela amplitude deste conceito. Aqui havia algo que ia além da trivialidade literária da educação feminina; aqui estava um Bossuet[18] vivo, cujo trabalho reconciliaria o conhecimento absoluto com a devotada piedade; aqui estava um Agostinho moderno que unia as glórias do médico e do santo.

A santidade não se destacava com menos lucidez do que a erudição, pois quando Dorothea era impelida a abrir sua mente para certos temas dos quais ela não podia falar com ninguém que tivesse visto antes em Tipton (especialmente sobre a importância secundária das formas eclesiásticas e dos artigos de fé em comparação com aquela religião espiritual, aquela imersão do ser em comunhão com a perfeição divina que parecia ver expressada na melhor literatura cristã de épocas remotas), ela encontrava em Mr. Casaubon um ouvinte que a compreendia imediatamente, que podia lhe assegurar a sua própria conformidade com aquele ponto de vista, sempre que estivesse devidamente temperado com uma sábia moderação, e podia mencionar exemplos históricos antes desconhecidos para ela.

“Ele pensa como eu”, disse Dorothea para si mesma, *“ou melhor, ele abrange um mundo inteiro, no qual meu pensamento não passa de um pobre e*

insignificante espelho. E seus sentimentos, toda a sua experiência! Que lago comparado ao meu pobre charco!”

Miss Brooke argumentava com palavras e disposições sem vestígios daquela hesitação tão comum às outras jovens da sua idade. Os gestos são pequenas coisas mensuráveis, mas as interpretações são ilimitadas, e em jovens de natureza doce e ardente, cada gesto é capaz de evocar admiração, esperança e fé, tão amplas como o céu, e coloridas por uma limitação difusa de substância na forma de conhecimento. Elas nem sempre são facilmente enganadas; o próprio Simbad pode ter encontrado uma descrição verdadeira graças à sua boa sorte, e um raciocínio equivocado pode, ocasionalmente, levar os pobres mortais a conclusões acertadas: começando muito longe do ponto verdadeiro e prosseguindo por voltas e rodeios, de vez em quando chegamos exatamente onde deveríamos estar. Como Miss Brooke fora precipitada em sua confiança, não ficou consequentemente claro que Mr. Casaubon fosse indigno dela.

Ele demorou por mais tempo do que pretendia, graças a uma leve pressão do convite de Mr. Brooke, que não oferecia nenhuma outra distração, além dos seus próprios documentos sobre quebra-quebra de máquinas e queima de grãos.[19] Mr. Casaubon foi chamado à biblioteca para examinar os documentos amontoados, enquanto seu anfitrião pegava primeiro um e depois o outro para ler em voz alta, de forma hesitante e incerta, passando de uma página inacabada a outra com um: – Sim, aqui está! – finalmente empurrando todos de lado para abrir o diário de suas viagens no estrangeiro.

– Veja, aqui está tudo sobre a Grécia. Rhamnus, as ruínas de Ramnunte; bem, o senhor é um grande helenista, agora. Não sei se estudou topografia, mas eu passei uma eternidade decifrando essas coisas. Ah! O Hélicon! Ouça! Partimos na manhã seguinte para Parnassus, o Parnassus de pico duplo. Todo este volume é sobre a Grécia, sabe? – Mr. Brooke concluiu passando o polegar transversalmente ao longo das bordas das folhas enquanto estendia as mãos exibindo o livro.

Mr. Casaubon portou-se como uma audiência digna, embora um tanto triste.

Ele acenava nos momentos adequados e evitava, na medida do possível e sem demonstrar descaso ou impaciência, olhar os documentos, ciente de que aquele palavreado desconexo estava vinculado às instituições do campo, e que o homem que o conduzira àquela específica confusão mental não era apenas um amável anfitrião, mas um latifundiário e um *custos rotulorum*.[20] Teria sua tolerância sido apoiada também pela reflexão de que Mr. Brooke era tio de Dorothea?

Certamente, ele parecia cada vez mais determinado a puxar conversa com ela, a induzi-la a falar, como Celia dizia para si mesma; e quando olhava para ela, seu rosto era frequentemente iluminado por um sorriso como um pálido sol de inverno. Na manhã seguinte, antes de partir, enquanto dava um agradável passeio com Miss Brooke ao longo do caminho de cascalho, ele havia mencionado que sentia a desvantagem da solidão, a necessidade daquela companhia alegre com a qual a presença da juventude pode iluminar ou variar as severas penas da maturidade. Ele fez esta declaração com a mesma cuidadosa precisão de um emissário diplomático cujas palavras devessem ser ouvidas. Na verdade, Mr. Casaubon não estava habituado a esperar ter de repetir ou revisar suas comunicações do tipo prático ou pessoal. Considerava suficiente referir-se às inclinações que deliberadamente tivesse manifestado no dia dois de outubro com a simples menção da data; seu critério era sua própria memória, que era um volume onde o *vide supra* poderia substituir as repetições, e não o mata-borrão comum, que simplesmente conservava os escritos esquecidos. Mas, neste caso, não era provável que a confiança de Mr. Casaubon fosse traída, pois Dorothea havia escutado e retido o que ele dissera com o ávido interesse de uma natureza jovem e fresca para a qual toda variedade de experiência é uma época.

Eram três horas de um lindo dia de brisa outonal quando Mr. Casaubon partiu para sua reitoria em Lowick, a apenas cinco milhas de Tipton, e Dorothea, vestindo seu chapéu e xale, cruzou apressadamente os arbustos e o parque a fim de caminhar pelo bosque vizinho sem outra companhia visível a não ser a de Monk, o grande cão São Bernardo que sempre vigiava as moças em seus passeios. Ela tinha diante de si a visão juvenil de um possível futuro para si

mesma, que ela aguardava com trêmula esperança, e tinha a intenção de vagar por este futuro imaginário sem interrupções. Ela caminhou com passo rápido no ar fresco; a cor tomou conta das suas bochechas e seu chapéu de palha (que nossos contemporâneos poderiam olhar com curiosidade como uma obsoleta forma de cesta) caiu um pouco para trás. Talvez não estivesse suficientemente caracterizada se fosse omitido o fato de que usava o cabelo castanho trançado e enrolado para trás de modo a expor o contorno de sua cabeça de uma maneira ousada em uma época em que o gosto público exigia que a mediocridade da natureza fosse dissimulada com altas barricadas de cachos crespos e arcos, nunca superados por nenhuma grande raça, exceto os habitantes das ilhas Fiji. Esta era uma característica do misticismo de Miss Brooke. Mas não havia nenhum traço da expressão de um místico em seus grandes olhos brilhantes quando ela olhava para o futuro, sem consciência do que via, mas absorvendo na intensidade de seu ânimo a glória solene da tarde, com suas longas faixas de luz entre as longínquas fileiras de tílias, cujas sombras se tocavam.

Todas as pessoas, jovens ou velhas (isto é, todas as pessoas naqueles tempos antes da Reforma), a teriam considerado um objeto interessante se associassem o brilho de seus olhos e das bochechas ao recém-despertado amor juvenil. A poesia *Strephon e Chloe* [21] havia consagrado suficientemente as ilusões de como escolher pela beleza poderia ser patético. Miss Pippin adorando seu jovem Pumpkin e sonhando com intermináveis horizontes de companheirismo incansável constituía um pequeno drama que nossos pais nunca se cansavam e que havia sido adotado de todas as formas. Bastava que Pumpkin tivesse uma figura que suportasse as desvantagens do fraque de cintura alta para que todos achassem não apenas natural, mas necessário para a perfeição da feminilidade, que uma doce menina fosse imediatamente convencida da sua virtude, de sua excepcional habilidade e, acima de tudo, de sua absoluta sinceridade. Porém, talvez nenhuma pessoa que vivesse na época, certamente nenhuma que vivesse em Tipton, teria compreendido os sonhos de uma jovem cujas noções sobre o matrimônio tivessem adquirido sua coloração através de um entusiasmo exaltado

dos objetivos de uma vida, um entusiasmo que fora aceso principalmente por seu próprio fogo, e que não incluía nem as delicadezas do enxoval, ou o padrão dos pratos, nem mesmo as honras e doces alegrias da radiante esposa.

A essa altura havia ocorrido a Dorothea que Mr. Casaubon poderia desejar torná-la sua esposa, e a ideia de que ele o faria a enternecia com uma espécie de reverente gratidão. Que bondade da parte dele! Era quase como se um mensageiro alado tivesse subitamente se postado ao seu lado e estendido a mão em sua direção! Durante muito tempo ela havia se sentido oprimida pela indefinição que pairava em sua mente, como uma densa névoa de verão, sobre todo o seu desejo de fazer de sua vida algo muito eficaz. O que poderia fazer, o que deveria fazer ela, pouco mais do que uma mulher em desenvolvimento, mas ainda dona de uma consciência ativa e uma grande necessidade mental, que não se satisfazia com uma instrução infantil comparada aos abocanhamentos e julgamentos de um camundongo linguarudo? Com uma certa dose de estupidez e presunção, ela poderia ter pensado que uma jovem cristã com fortuna deveria encontrar seu ideal de vida em instituições de caridade da aldeia, no patrocínio do clero mais humilde, na leitura de “Personagens Femininos das Escrituras”[22] revelando a experiência íntima de Sara segundo a Antiga Dispensação, e Dorcas segundo o Novo Testamento, cuidando de sua alma sobre o bordado em seu próprio *boudoir*, tendo ao fundo uma perspectiva de um eventual matrimônio com um homem que, embora menos severo do que ela quanto ao seu envolvimento em assuntos religiosamente inexplicáveis, poderia ser objeto de suas orações e exortado oportunamente. Porém, tal conformismo estava vedado à pobre Dorothea. A intensidade de sua disposição religiosa, a coerção que exercia sobre sua vida, era apenas um aspecto de uma natureza ardente, teórica e intelectualmente consequente; e com uma natureza assim, que lutava por um ensino rigoroso, encurralada por uma vida social que não parecesse oferecer mais do que um labirinto de vias insignificantes, uma confusão cercada de pequenos caminhos que não levavam a lugar algum, o resultado não poderia parecer menos exagero ao tempo do que inconsistência. Aquilo que lhe parecia

melhor, ela queria justificar com o conhecimento mais completo, e não viver em uma pretensa admissão de regras que nunca foram postas em prática. Nessa fome de alma, toda a sua paixão juvenil fora derramada; a união que a atraía era aquela que a resgataria de sua sujeição infantil à sua própria ignorância e lhe proporcionaria a liberdade de submissão voluntária a um guia que a conduziria ao longo do caminho mais grandioso.

– Eu aprenderia tudo – disse ela para si mesma, enquanto caminhava rapidamente ao longo da trilha que cruzava o bosque. – Deveria ser minha obrigação estudar para melhor ajudá-lo em suas grandes obras. Não haveria nada de trivial em nossas vidas. As coisas cotidianas seriam para nós as mais importantes. Seria como se casar com Pascal. Eu aprenderia a ver a verdade pela mesma luz que os grandes homens a viram. E então eu saberia o que fazer quando ficasse mais velha, e veria como é possível levar uma vida grandiosa aqui, agora, na Inglaterra. Hoje eu não tenho nenhuma certeza de estar fazendo o bem de algum modo: tudo parece ser partir em missão para um povo cuja língua eu não conheço, salvo a construção de boas moradias, é claro. Como eu gostaria de conseguir que as pessoas em Lowick estivessem bem alojadas! Vou desenhar muitos projetos enquanto tenho tempo.

Dorothea conteve-se repentinamente, reprovando sua conduta pela maneira presunçosa com a qual contava com eventos incertos, mas a aparição de um cavaleiro galopando em uma curva da estrada a poupou de qualquer esforço interior para mudar a direção de seus pensamentos. O alazão bem-cuidado e os dois belos cães de caça não deixavam dúvidas de que o cavaleiro era Sir James Chettam. Ele reconheceu Dorothea, saltou do cavalo imediatamente e, depois de entregar o animal ao cavalariço, avançou em sua direção com algo branco nos braços, que provocava o animado latido dos dois cães de caça.

– Que prazer encontrá-la, Miss Brooke! – disse ele, levantando o chapéu e exibindo os cabelos louros levemente ondulados. – Antecipou o prazer que eu aguardava.

Miss Brooke ficou irritada pela interrupção. O amável baronete, realmente

um marido adequado para Celia, exagerava na necessidade de tornar-se agradável para a irmã mais velha. Mesmo um futuro cunhado pode tornar-se uma opressão se ele sempre pressupõe um bom entendimento com você e está sempre de acordo mesmo quando você o contradiz. A ideia de que ele cometera um erro ao cortejá-la não podia tomar forma: Dorothea empregava toda a sua atividade mental em crenças de outro tipo. Mesmo assim, naquele momento seu comportamento era positivamente inoportuno e sua vênia com sua mãe com covinhas foi desagradável para ela. Sua irritação a fez corar e retribuir a saudação com certa altivez.

Sir James interpretou o rubor acentuado da maneira mais gratificante para si mesmo e pensou que nunca tinha visto Miss Brooke tão bonita.

– Eu trouxe um pequeno peticionário – disse ele –, ou melhor, eu o trouxe para ver se será aprovado antes que sua petição seja apresentada.

Ele exibiu o objeto branco que levava embaixo do braço: um cachorrinho maltês, um dos brinquedos mais ingênuos da natureza.

– É doloroso ver essas criaturas que são criadas apenas como animais de estimação – disse Dorothea, cuja opinião estava se formando naquele exato momento (como geralmente acontece), sob o calor da sua irritação.

– Mas, por quê? – perguntou Sir James, enquanto caminhavam.

– Acredito que apesar de todas as carícias que recebem, eles não são felizes. Eles são tão desamparados, suas vidas são tão frágeis. Uma doninha ou um rato que buscam seu próprio sustento são mais interessantes. Gosto de pensar que os animais que nos rodeiam têm almas parecidas com as nossas, e cuidam de seus pequenos assuntos ou nos fazem companhia, como Monk aqui. Mas essas criaturas são como parasitas.

– Fico muito feliz por saber que a senhorita não gosta delas – disse o bom Sir James. – Eu nunca teria um para mim, mas as mulheres geralmente gostam desses cães malteses. Aqui, John, pegue este cachorro, está bem?

O censurável cachorrinho, cujo nariz e olhos eram igualmente negros e expressivos, foi assim passado para outro dono, pois Miss Brooke decidiu que

seria melhor se ele não tivesse nascido. No entanto, ela sentiu necessidade de se explicar.

– O senhor não deve julgar os sentimentos de Celia pelos meus. Acho que ela gosta desses bichinhos. Ela teve um pequeno *terrier* uma vez, do qual gostava bastante. Eu sofria muito, porque tinha medo de pisar nele. Eu sou bastante míope.

– A senhorita tem a sua própria opinião sobre tudo, Miss Brooke, e é sempre uma boa opinião.

Qual resposta seria possível para elogios tão estúpidos?

– Saiba que a invejo – continuou Sir James, enquanto prosseguiam pela trilha no ritmo acelerado estabelecido por Dorothea.

– Eu não entendo bem o que o senhor quer dizer.

– Sua capacidade para formar uma opinião. Eu posso formar uma opinião sobre pessoas. Sei quando gosto delas ou não. Mas sobre outros assuntos, acredite, muitas vezes tenho dificuldade para decidir. Ouvem-se coisas muito sensatas ditas em lados opostos.

– Ou que parecem sensatas. Talvez nem sempre tenhamos a capacidade de distinguir entre o sensato e o absurdo.

Dorothea sentiu que estava sendo rude.

– Exatamente – disse Sir James. – Mas a senhorita parece ter capacidade para distinguir.

– Pelo contrário, muitas vezes sou incapaz de decidir. Mas isso é por ignorância. A decisão certa está lá, de qualquer forma, embora eu seja incapaz de vê-la.

– Acredito que poucos a veriam tão prontamente. Sabe, Lovegood estava me dizendo ainda ontem que a senhorita tem a melhor noção do mundo para um projeto de alojamentos; ele achou uma coisa surpreendente para uma jovem. Muito raro para o seu gênero, para usar a expressão que ele usou. Ele disse que a senhorita queria que Mr. Brooke construísse um novo conjunto de alojamentos, mas parecia achar que era pouco provável que seu tio consentisse. Esta é uma

coisa que desejo fazer, sabe? Quero dizer, em minha propriedade. Eu ficaria encantado em levar a cabo este seu projeto, se me deixar vê-lo. É claro que é um desperdício de dinheiro, é por isso que as pessoas se opõem a isso. Os trabalhadores nunca pagam aluguel para que seja rentável. Mas, afinal, vale a pena.

– Vale a pena! Sim, de fato – disse Dorothea, energicamente, esquecendo-se de seus pequenos aborrecimentos anteriores. – Acredito que todos nós que permitimos que nossos arrendatários vivam em pocilgas como as que vemos ao nosso redor merecemos ser expulsos de nossas belas casas embaixo de chicotadas. A vida nesses alojamentos poderia ser mais feliz do que a nossa, se fossem casas de verdade, adequadas para seres humanos, de quem esperamos deveres e afetos.

– A senhorita me deixará ver seu projeto?

– Sim, certamente. Suponho que tenha muitos defeitos. Mas estive examinando todos os projetos para casas de campo no livro de Loudon[23] e escolhi o que parece ser o melhor. Como eu gostaria de estabelecer o padrão por aqui! Creio que no lugar de ter Lázaro no portão, nós deveríamos banir esses casebres que se parecem com pocilgas.

Dorothea estava no seu melhor humor agora. Sir James, como cunhado, construindo alojamentos-modelo em sua propriedade e, então, talvez, outros sendo construídos em Lowick, e cada vez mais em outros lugares, seria como se o espírito de Oberlin[24] tivesse passado pelas paróquias para tornar bela a vida na pobreza!

Sir James viu todos os desenhos e levou um deles para discutir com Lovegood. Ele também levava uma sensação de que estava fazendo grandes progressos na opinião de Miss Brooke. O cachorro maltês não foi oferecido a Celia, uma omissão que Dorothea recordou posteriormente com surpresa, mas pela qual ela culpava a si mesma. Ela tinha monopolizado Sir James. Mas era um alívio não ter nenhum cachorrinho para pisar.

Celia, entretanto, estava presente enquanto as plantas eram examinadas e

notou o entusiasmo de Sir James. “*Ele acha que Dodo se interessa por ele, mas ela só se interessa por suas casas populares. No entanto, não estou certa de que ela o recusaria se acreditasse que ele a deixaria administrar tudo e realizar todos os seus projetos. Como seria incômodo para Sir James! Eu não suporto os seus planos*”.

Entregar-se a este aborrecimento era um luxo particular de Celia. Ela não ousava confessá-lo abertamente à irmã, pois isso significaria expor-se a uma demonstração de que, de uma forma ou de outra, estava em guerra com toda a bondade. Mas em oportunidades seguras, ela tinha um modo indireto de fazer sua sabedoria negativa afetar Dorothea e de removê-la de seu êxtase, lembrando-a de que as pessoas estavam observando, mas não estavam ouvindo. Celia não era impulsiva: o que tinha a dizer podia esperar, e ela sempre o manifestava com a mesma serenidade uniforme. Quando as pessoas falavam com energia e ênfase, ela se limitava a observar seus rostos e feições. Ela não entendia como as pessoas educadas consentiam em cantar ou abrir a boca da maneira ridícula que o exercício vocal exigia.

Não demorou muito para que Mr. Casaubon fizesse uma visita matinal, na qual foi novamente convidado a jantar na semana seguinte. Assim, Dorothea teve mais três conversas com ele e ficou convencida de que suas primeiras impressões eram justas. Ele era tudo o que ela a princípio imaginou que fosse: quase tudo o que dizia parecia ser um espécime de uma mina, ou a inscrição na porta de um museu que poderia dar acesso a tesouros de épocas passadas. Essa confiança na riqueza mental de Mr. Casaubon era ainda mais profunda e eficaz em sua predisposição, pois agora era óbvio que ela era o motivo de suas visitas. Aquele homem educado tinha a condescendência de pensar em uma jovem, e dava-se ao trabalho de falar com ela, não com elogios absurdos, mas com um apelo à sua compreensão, e às vezes fazendo alguma correção instrutiva. Que companhia maravilhosa! Mr. Casaubon parecia até mesmo inconsciente da existência de trivialidades, e nunca proferia aquela conversa fiada de homens fúteis, que é tão aceitável quanto um bolo de noiva rançoso com cheiro de

armário. Ele falava sobre aquilo que lhe interessava, ou então ficava em silêncio, curvando-se com educada tristeza. Para Dorothea, isso era uma autenticidade adorável e uma abstinência religiosa daquela artificialidade que desgasta a alma com esforços de fingimento. Ela admirava a elevação religiosa superior de Mr. Casaubon com a mesma reverência que admirava sua inteligência e sabedoria. Ele consentia com suas expressões de devoção e, geralmente, acrescentava uma citação apropriada; ele se permitiu dizer que havia experimentado alguns conflitos espirituais na juventude; em suma, Dorothea viu que neste ponto ela poderia contar com sua compreensão, simpatia e orientação. Em um, e apenas um, de seus temas favoritos, ela ficou desapontada. Mr. Casaubon não parecia ter interesse pela construção dos alojamentos, como se achasse um padrão muito elevado, e desviou a conversa para acomodações extremamente estreitas que serviam de moradia aos antigos egípcios. Depois que ele se foi, Dorothea refletiu com alguma inquietude sobre a indiferença que ele havia demonstrado, e manteve sua mente ocupada com argumentos extraídos das diferentes condições climáticas que modificavam as necessidades humanas e a reconhecida perversidade dos déspotas pagãos. Será que ela deveria expor estes argumentos a Mr. Casaubon quando ele retornasse? Porém, uma reflexão posterior lhe dizia que seria uma presunção sua exigir a atenção dele sobre o tema; ele não desaprovaria que ela se ocupasse dele nos momentos de lazer, assim como outras mulheres se ocupam com vestidos e bordados, e não a proibiria de... Dorothea sentiu vergonha ao perceber o rumo das suas especulações. No entanto, seu tio havia sido convidado a passar alguns dias em Lowick. Seria razoável supor que Mr. Casaubon apreciava a companhia de Mr. Brooke em si, mesmo sem os documentos?

Nesse meio tempo, a pequena decepção a fez desfrutar ainda mais da disposição de Sir James Chettam para colocar em prática as melhorias desejadas. Ele vinha com muito mais frequência do que Mr. Casaubon e Dorothea não mais o considerava desagradável, pois ele se mostrava mais sério; ele já havia entrado com muita habilidade prática nas estimativas de Lovegood e se mostrava

encantadoramente dócil. Ela propôs construir duas casinhas e transferir duas famílias cujos antigos barracos poderiam ser demolidos para que novas habitações fossem construídas em seu lugar. Sir James disse “exatamente”, e ela suportou bem a palavra.

Certamente, esses homens que tinham tão poucas ideias espontâneas poderiam ser membros muito úteis da sociedade sob uma direção feminina adequada, se tivessem a sorte de escolher suas cunhadas! É difícil dizer se havia ou não um pouco de obstinação cega diante da possibilidade de que outro tipo de escolha estivesse em questão com relação a ela. Porém, naquele momento, sua vida estava cheia de esperança e atividades: ela não pensava apenas em seus projetos, mas retirava muitos livros eruditos da biblioteca e lia muitas coisas apressadamente (para que pudesse mostrar-se um pouco menos ignorante ao falar com Mr. Casaubon), frequentemente se questionando se não estava exaltando estes pequenos feitos, contemplando-os com aquela complacência que era a sentença final da ignorância e da estupidez.

CAPÍTULO IV

“Primeiro cavaleiro: Nossas ações são grilhões forjados por nós mesmos.

Segundo cavaleiro: Sim, é verdade; mas acredito que é o mundo quem fornece o ferro.”

– Sir James parece estar determinado a fazer tudo o que você deseja – disse Celia, enquanto voltavam para casa depois de uma inspeção no novo canteiro de obras.

– Ele é uma boa pessoa e mais sensato do que qualquer um poderia imaginar – disse Dorothea, sem consideração.

– Você quer dizer que ele parece bobo.

– Não, não – disse Dorothea, recompondo-se e colocando a mão brevemente sobre a mão da irmã –, mas ele não fala tão bem sobre outros assuntos.

– Creio que só as pessoas desagradáveis o fazem – disse Celia, com sua habitual suavidade. – Devem ser horríveis de se conviver. Imagine! Desde o café da manhã, o tempo todo.

Dorothea riu.

– Ah, Kitty, você é uma criatura maravilhosa! – ela beliscou o queixo de Celia, agora com humor para considerá-la muito encantadora e charmosa, digna de tornar-se um eterno querubim, e se não fosse doutrinariamente errado dizer, não necessitava de mais salvação do que um esquilo. – É claro que as pessoas não precisam falar bem o tempo todo. O que acontece é que elas revelam a capacidade de sua mente quando tentam.

– Você quer dizer que Sir James tenta e falha.

– Eu falava de maneira generalizada. Por que você me catequiza sobre Sir James? Agradar-me não é o objetivo da vida dele.

– Ora, Dodo, você realmente acredita nisso?

– Certamente. Ele pensa em mim como uma futura irmã, e nada mais.

Dorothea nunca havia insinuado isso antes, esperando, a partir de uma certa timidez sobre tais temas que era mútua entre as irmãs, até que algum acontecimento decisivo o introduzisse. Celia corou, mas disse imediatamente:

– Por favor, não cometa mais esse erro, Dodo. Quando Tantripp estava escovando meus cabelos no outro dia, ela disse que o criado de Sir James soube pela criada de Mrs. Cadwallader que Sir James se casaria com a Miss Brooke mais velha.

– Como você permite que Tantripp faça esse tipo de mexericos, Celia? – disse Dorothea, indignada, não menos irritada porque detalhes adormecidos em sua memória foram então despertados, confirmando a revelação indesejável. – Você deve ter feito perguntas a ela. É degradante.

– Não vejo mal algum em conversar com a Tantripp. É bom saber o que as pessoas dizem. Você vê os erros que comete quando as pessoas dizem o que pensam. Estou certa de que Sir James pretende fazer-lhe uma proposta, e ele acredita que você a aceitará, principalmente porque se mostra tão satisfeita com ele por conta dos projetos. E o tio também... sei que ele espera por isso. Todos podem ver que Sir James está muito apaixonado por você.

A repulsa foi tão forte e dolorosa na mente de Dorothea, que as lágrimas brotaram e fluíram abundantemente. Todos os seus adorados planos estavam destruídos e ela pensou com desgosto que Sir James acreditava que ela o reconhecia como seu pretendente. Também estava aborrecida por causa de Celia.

– Como ele pôde acreditar nisso? – explodiu ela, em sua maneira mais impetuosa. – Nunca concordei com ele sobre nada além dos chalés; antes disso, eu mal conseguia conversar com ele com alguma cortesia.

– Mas você está tão satisfeita com ele desde então; ele passou a ter certeza de que você o aprecia, que está apaixonada por ele.

– Eu apaixonada por ele, Celia!? Como pode empregar expressões tão odiosas? – disse Dorothea, furiosa.

– Minha nossa, Dorothea, suponho que seria normal estar apaixonada pelo homem a quem aceitaria como marido.

– É ofensivo, para mim, você dizer que Sir James poderia acreditar que eu estou apaixonada por ele. Além disso, esta não é a palavra apropriada para o sentimento que devo ter em relação ao homem que eu aceitaria como marido.

– Bem, sinto muito por Sir James. Achei que seria certo lhe contar, porque você continuava fazendo o que sempre faz, sem jamais parar para ver onde está, e sempre pisando no lugar errado. Você sempre vê o que ninguém mais vê; é impossível satisfazê-la e, no entanto, nunca vê o que está muito claro. Esta é a sua maneira de ser, Dodo – algo certamente deu a Celia uma coragem incomum, e ela não estava poupando a irmã a quem ela ocasionalmente temia. Quais críticas o Gato Murr poderia estar fazendo de nós, seres de especulação mais ampla?

– É muito doloroso – disse Dorothea, sentindo-se ferida. – Não posso mais me envolver com as construções das casas. Terei de ser rude com ele. Devo lhe dizer que não quero mais participar do projeto. É muito doloroso – seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

– Espere um pouco. Pense. Você sabe que ele vai passar um ou dois dias fora para ver a irmã. Não haverá ninguém lá além de Lovegood – Celia não pôde deixar de suavizar seus comentários. – Pobre Dodo – continuou ela, com sua amável serenidade –, é muito difícil, eu sei, sua distração favorita é desenhar aquelas plantas.

– Distração favorita! Você acha que só me importo com a moradia de meus semelhantes dessa maneira infantil? Posso cometer erros. Como alguém pode fazer algo nobremente cristão, vivendo entre pessoas com pensamentos tão mesquinhos?

Nada mais foi dito. Dorothea estava abalada demais para recuperar seu humor e através do seu comportamento demonstrar que admitia qualquer equívoco da sua parte. Ela estava mais disposta a condenar a estreiteza intolerável e a consciência cega da sociedade ao seu redor. Celia não era mais o

eterno querubim, mas um espinho em sua alma, uma cética rosa e branca,[25] pior do que qualquer presença desencorajadora na Viagem do Peregrino.[26] *Distração favorita!* De que valia a vida, que grande fé poderia existir quando todo o efeito das ações de uma pessoa poderia ser reduzido a um lixo tosco como aquele? Quando ela desceu da carruagem, suas bochechas estavam pálidas e suas pálpebras, vermelhas. Ela era a imagem da tristeza e seu tio, quando a encontrou no corredor, teria ficado alarmado se Celia não estivesse tão perto, tão bonita e composta, e imediatamente concluiu que as lágrimas de Dorothea tinham origem em sua excessiva religiosidade. Ele havia retornado de uma viagem à cidade, a respeito de um pedido de clemência de algum criminoso.

– Bem, minhas caras – disse ele, gentilmente, enquanto elas subiam os degraus para beijá-lo –, espero que nada de desagradável tenha acontecido durante minha ausência.

– Não, tio – disse Celia –, estivemos em Freshitt inspecionando os chalés. Achamos que o senhor já estaria em casa na hora do almoço.

– Passei por Lowick para almoçar. Ah, vocês não sabiam que eu iria almoçar em Lowick. Eu trouxe alguns panfletos para você, Dorothea; eles estão na mesa da biblioteca.

Foi como se uma corrente elétrica passasse por Dorothea, levando-a do desespero à expectativa. Eram panfletos sobre os princípios da Igreja. A opressão de Celia, Tantripp e Sir James desapareceu e ela foi direto para a biblioteca. Celia, por sua vez, dirigiu-se ao andar de cima. Mr. Brooke foi detido por uma mensagem, mas quando voltou a entrar na biblioteca encontrou Dorothea sentada e já mergulhada em um dos panfletos que continha algum manuscrito de Mr. Casaubon na margem, absorvendo-o com a mesma ansiedade que absorveria o aroma de um buquê fresco depois de uma caminhada quente, seca e deprimente.

Ela estava fugindo de Tipton e Freshitt e de sua triste responsabilidade de pisar nos lugares errados no seu caminho para a Nova Jerusalém.

Mr. Brooke sentou-se em sua poltrona, esticou as pernas em direção à lareira,

cujo fogo havia se convertido em uma massa prodigiosa de dados brilhantes, e esfregou as mãos suavemente, olhando discretamente para Dorothea, mas com um olhar sereno e natural, como se não tivesse nada em particular a dizer. Dorothea fechou o panfleto assim que percebeu a presença do tio e levantou-se com a intenção de deixar a sala. Normalmente ela teria se interessado pela missão misericordiosa do seu tio a favor do criminoso, mas sua agitação recente a deixara distraída.

– Eu voltei por Lowick, sabe? – disse Mr. Brooke, sem intenção de impedir sua partida, mas aparentemente por uma tendência habitual de repetir o que já havia dito. Este princípio fundamental da fala humana estava determinantemente marcado em Mr. Brooke. – Almocei lá e vi a biblioteca de Casaubon, essas coisas. Há uma corrente de ar frio. Não quer se sentar, minha querida? Você parece estar com frio.

Dorothea sentiu-se bastante inclinada a aceitar o convite. Às vezes, quando não se tornava exasperante, a maneira fácil de seu tio de aceitar as coisas como elas eram era muito tranquilizadora. Ela tirou o xale e o chapéu e sentou-se em frente a ele, desfrutando do calor, mas erguendo as lindas mãos para proteger seus olhos vermelhos, que o brilho do fogo mostrava, dos olhos do tio. Não eram mãos finas ou pequenas, mas mãos poderosas, femininas e maternais. Ela parecia mantê-las elevadas para penitenciá-las pelo seu apaixonado desejo de saber e pensar, o qual entre os meios hostis de Tipton e Freshitt havia resultado em lágrimas e pálpebras vermelhas.

Ela, então, lembrou-se do criminoso condenado.

– Quais notícias o senhor traz sobre o ladrão de ovelhas, tio?

– O que, o pobre Bunch? Bem, parece que não poderemos salvá-lo, ele vai ser enforcado.

A testa de Dorothea se franziu em um gesto de reprovação e compaixão.

– Vai ser enforcado, sabe? – disse Mr. Brooke, com um aceno discreto. – Pobre Romilly![27] Ele teria nos ajudado. Eu o conheci. Casaubon não o conheceu. Ele está meio enterrado em livros, sabe? Casaubon está.

– Quando se é um homem de grandes estudos e se está escrevendo uma grande obra, é claro que deve renunciar a muitas coisas. Como poderia sair por aí fazendo amizades? – Dorothea o defendeu.

– Isso é verdade. Mas um homem fica deprimido, você sabe. Eu também sempre fui solteiro, mas tenho esse tipo de disposição que nunca fica deprimido: eu fui para todos os lugares e absorvi todas as coisas. Eu nunca fico deprimido, mas posso ver que Casaubon fica, sabe? Ele quer uma companheira... uma companheira.

– Seria uma grande honra para qualquer mulher ser sua companheira – disse Dorothea, energicamente.

– Você gosta dele, não gosta? – perguntou Mr. Brooke, sem demonstrar nenhuma surpresa ou outra emoção. – Bem, eu conheço o Casaubon há dez anos, desde que ele veio para Lowick. Mas eu nunca soube nada dele, nenhuma ideia, sabe? No entanto, é um homem excelente e pode vir a ser um bispo... esse tipo de coisa, sabe, se Peel[28] permanecer. Ele tem uma opinião muito boa sobre você, minha querida.

Dorothea não conseguia falar.

– A verdade é que ele tem uma opinião muito boa sobre você, minha querida – continuou o tio –, e ele fala muito bem. Ele veio até a mim, já que você é menor de idade. Resumindo, eu prometi que conversaria com você, embora tenha dito que não acreditava que tivesse muita chance. Eu fui obrigado a dizer isso. Eu disse, “minha sobrinha é muito jovem”, e todo esse tipo de coisa. Mas não achei necessário entrar em detalhes. Bom, para resumir, ele pediu minha permissão para lhe propor casamento, casamento, você sabe – disse Mr. Brooke com seu aceno explicativo. – Achei que deveria lhe contar, minha querida.

Ninguém poderia ter detectado qualquer ansiedade nos modos de Mr. Brook, mas ele realmente queria saber o que pensava sua sobrinha, pois se necessitasse de um conselho, ele poderia lhe dar a tempo. Era genuinamente bondoso o sentimento ao qual, como juiz de paz, que havia assimilado tantas ideias, ele poderia dar lugar. Mas como Dorothea não respondeu imediatamente, ele

repetiu: – Achei que deveria lhe contar, minha querida.

– Obrigada, tio – disse Dorothea, em um tom claro e decidido.

– Estou muito agradecida a Mr. Casaubon. Se ele me fizer a proposta, vou aceitá-la. Eu o admiro e respeito mais do que qualquer outro homem que já conheci.

Mr. Brooke fez uma pequena pausa e, então, disse em tom baixo e persistente: – Ah? Bem! É uma boa aliança, em alguns aspectos. Mas, veja, Chettam também é uma boa aliança. E nossas terras estão juntas. Eu nunca vou interferir contra a sua vontade, minha querida. As pessoas devem poder ter uma opinião quanto ao casamento e tudo isso..., mas até certo ponto, você sabe. Eu sempre digo isso, até certo ponto. Desejo que você se case bem, e tenho boas razões para acreditar que Chettam deseja se casar com você. Só estou dizendo, você sabe.

– É impossível que eu me case com Sir James Chettam – disse Dorothea. – Se ele pensa em se casar comigo, está cometendo um grave erro.

– Então, é isso. Nunca se sabe. Eu pensava que Chettam era exatamente o tipo de homem que uma mulher gostaria.

– Por favor, tio, eu lhe imploro que não volte a referir-se a ele nestes termos – implorou Dorothea, sentindo um pouco de sua irritação recente reviver.

Mr. Brooke se perguntava se as mulheres seriam um objeto de estudo inesgotável, já que mesmo ele, em sua idade, não se encontrava em um estado perfeito para fazer alguma previsão científica sobre elas. Ali estava um sujeito como Chettam, sem nenhuma chance!

– Bem, voltando a Casaubon. Não há pressa, quero dizer, para você. É certo que cada ano conta para ele. Já passou dos quarenta e cinco, sabe? Eu diria que tem uns bons vinte e sete anos a mais do que você. É claro, se você gosta de estudos e esse tipo de coisas, bem, não se pode ter tudo. E sua renda é boa, ele tem uma bela propriedade independente da Igreja... sim, sua renda é boa. Ainda assim, ele não é jovem, e não devo esconder de você, minha querida, que acho que sua saúde não é forte o suficiente. Não sei mais nada contra ele.

– Eu não gostaria de ter um marido cuja idade fosse muito próxima da minha – disse Dorothea, com séria decisão. – Eu gostaria de ter um marido que fosse superior a mim em discernimento e conhecimento.

Mr. Brooke repetiu seu sereno: – Ah? Achava que você tinha mais opinião do que a maioria das jovens. Achava que você gostava de ter sua própria opinião, que gostava, entende?

– Não consigo me imaginar vivendo sem algumas opiniões, mas gostaria de ter boas razões para mantê-las, e um homem sábio poderia me ajudar a enxergar quais opiniões têm melhor fundamento, e a viver de acordo com elas.

– É verdade. Você não poderia colocar a coisa melhor, não poderia colocar melhor, a princípio. Mas existem algumas coisas estranhas – continuou Mr. Brooke, cuja consciência estava realmente desperta para fazer o melhor que pudesse por sua sobrinha naquela ocasião. – A vida não pode ser moldada, ela não segue traçados e medidas, e todo esse tipo de coisa. Eu nunca me casei, o que será bom para você e para os seus, mas o fato é que nunca amei nenhuma mulher o suficiente para me colocar em um laço por ela. Porque é um laço, você sabe. Por exemplo, existe o mau humor; sim, existe o mau humor. E um marido gosta de ser o senhor.

– Eu sei que devo esperar provações, tio. O casamento é um estado de deveres mais elevados. Nunca pensei que fosse um mero conforto pessoal – disse a pobre Dorothea.

– Bem, você não gosta de ostentação, grandes mansões, bailes, jantares, esse tipo de coisas. Vejo que os costumes de Casaubon podem ser mais adequados para você do que os de Chettam. Você deve fazer o que achar melhor, minha querida. Eu não vou colocar obstáculos contra Casaubon, eu já disse isso, pois não há como saber como as coisas podem acabar. Você não tem o mesmo gosto das outras jovens, e um clérigo e estudioso, que pode vir a ser um bispo, esse tipo de coisas, pode ser mais adequado para você do que Chettam. Chettam é um bom sujeito, um sujeito de bom coração, você sabe. Mas ele não tem muitas ideias. Eu tinha, quando tinha a sua idade. Mas os olhos de Casaubon, creio que

os tenha prejudicado um pouco com tanta leitura.

– Quanto mais eu puder ajudá-lo, mas ficarei feliz, tio – disse Dorothea, ardentemente.

– Você já se decidiu, pelo que vejo. Bem, minha querida, a verdade é que tenho uma carta no bolso para você – Mr. Brooke lhe entregou a carta, mas quando viu que ela se levantava para deixá-lo, acrescentou: – Não há muita pressa, minha querida. Pense nisso, você sabe.

Quando Dorothea o deixou, ele pensou que certamente havia falado com firmeza: ele havia exposto os riscos do casamento diante dela de uma maneira notável. Era sua obrigação. Mas, quanto a fingir ser sábio para os jovens, nenhum tio, por mais que tenha viajado durante sua juventude, assimilado novas ideias e jantado com celebridades já falecidas, poderia tentar entender qual tipo de casamento daria certo para uma jovem que preferia Casaubon a Chettam. Em suma, a mulher era um problema o qual, como a mente de Mr. Brooke se paralisava ao enfrentá-lo, dificilmente poderia ser menos complicado do que as revoluções de um sólido irregular.

CAPÍTULO V

“Os grandes estudiosos são frequentemente acometidos por gota, constipação, doenças reumáticas, caquexia, bradipepsia, problemas de visão, cálculos e cólicas, indigestão, vertigens, flatulência, tuberculose, e todas aquelas enfermidades que surgem quando se passa muito tempo sentado: na sua maioria eles são magros, esqueléticos, pálidos... e tudo em virtude de esforços exagerados e extraordinários estudos. Se não acreditam na verdade disso, observem as grandes obras de Tostado e Tomás de Aquino, e diga se esses homens sentiram alguma dor.”

– BURTON, Anatomia da Melancolia.

Esta era a carta de Mr. Casaubon.

ESTIMADA MISS BROOKE, tenho a permissão de seu tutor para me dirigir à senhorita sobre um assunto que ocupa o meu coração como nenhum outro. Creio não estar enganado ao reconhecer alguma correspondência mais profunda que as circunstâncias de datas –, sobretudo a coincidência de uma necessidade em minha própria vida – terem surgido simultaneamente com a possibilidade de vir a conhecê-la. Pois no primeiro momento em que a vi, tive a impressão de sua eminente e talvez exclusiva aptidão para suprir esta necessidade (vinculada, posso dizer, a tal atividade de afeto que nem mesmo as preocupações de uma obra especial demais para ser desatendida poderiam dissimular ininterruptamente); e cada sucessiva oportunidade de observá-la me proporcionou uma profundidade adicional ao me convencer – mais enfaticamente – da adequação de sua pessoa à minha que eu havia preconcebido e, assim, evocar de forma mais decidida o afeto ao qual acabo de me referir. Acredito que nossas conversas tenham deixado suficientemente claro

para a senhorita o teor de minha vida e minhas aspirações; teor pouco adequado, tenho consciência disso, para a ordem das mentes mais comuns. Porém, eu notei na senhorita uma elevação de pensamento e uma capacidade de devoção que até então não havia concebido que fosse compatível com a flor da juventude ou com as delicadezas do seu sexo, que a um só tempo conferem distinção quando combinadas, o que admiravelmente acontece com a senhorita, com as qualidades mentais anteriormente indicadas. Confesso que estava além da minha esperança encontrar esta rara combinação de elementos ao mesmo tempo sólidos e atraentes, adaptados a proporcionar ajuda em tarefas mais sérias, assim como para lançar seu encanto nas horas de ócio; e, se não fosse o evento de meu encontro com a senhorita (o qual, permita-me dizer novamente, acredito não se tratar de uma coincidência superficial com minhas necessidades pressagiadas, mas providencialmente relacionada a elas, como etapas consecutivas em direção à consumação de um plano de vida); eu provavelmente deveria ter terminado meus dias sem qualquer tentativa de aliviar a solidão que me oprime mediante uma união matrimonial.

Esta é, minha cara Miss Brooke, a declaração exata de meus sentimentos, e confio em sua generosa indulgência para me aventurar a perguntar-lhe até que ponto os seus são de natureza tal que confirmem meu feliz pressentimento. Ser aceito pela senhorita como seu marido e o guardião terreno do seu bem-estar deve ser considerado por mim como o mais elevado presente da Providência. Em troca, posso ao menos lhe oferecer uma afeição até então não experimentada, e a fiel dedicação de uma vida que, por mais curta que possa ser após nossa união, não contenha páginas anteriores as quais, se a senhorita decidisse virá-las, não encontraria registros que justificadamente pudessem lhe causar alguma tristeza ou vergonha. Aguardo a manifestação dos seus sentimentos com uma ansiedade que corresponderia à sabedoria (se fosse possível) de ser desviada com um trabalho ainda mais árduo do que o usual. Porém, nesta ordem de experiência sou ainda jovem e, ao me deparar com uma possibilidade desfavorável, não posso deixar de sentir que a resignação à

solidão será mais difícil após a iluminação temporária da esperança. Qualquer que seja sua resposta, a senhorita sempre terá minha sincera devoção.

EDWARD CASAUBON.

Dorothea estremeceu enquanto lia a carta. Então, caiu de joelhos, escondeu o rosto e começou a chorar. Ela não podia orar diante de tão sublime e solene emoção, quando seus pensamentos eram vagos e as imagens flutuavam incertas; ela só podia se abandonar, com uma sensação infantil de descansar no colo de uma consciência divina que sustentava a sua própria. Ela manteve essa atitude até a hora de se vestir para o jantar.

Como ela poderia pensar em examinar a carta e observá-la criticamente como uma declaração de amor? Toda a sua alma estava possuída pelo fato de que uma vida mais plena estava se abrindo diante dela: ela era uma neófita prestes a entrar em um grau superior de iniciação. Ela teria espaço para as energias que se agitavam inquietamente sob a nebulosidade e pressão de sua própria ignorância e a insignificância peremptória dos hábitos do mundo.

Agora ela poderia dedicar-se a obrigações elevadas, porém concretas; agora se permitiria viver continuamente à luz de uma mente a qual poderia reverenciar. Esta esperança não deixava de ser misturada ao brilho do deleite orgulhoso e à alegre surpresa juvenil por ter sido escolhida pelo homem que sua admiração havia escolhido. Toda a paixão de Dorothea havia sido transbordada através de uma mente que lutava por uma vida ideal, e o esplendor de sua infância transfigurada caiu sobre o primeiro objeto que se aproximou do seu nível. O ímpeto com o qual a inclinação tornou-se uma resolução fora intensificado por pequenos acontecimentos do dia, que haviam despertado seu descontentamento com as circunstâncias atuais de sua vida.

Depois do jantar, enquanto Celia tocava ao piano "*Air with Variations*",[29] uma espécie de tilintar que simbolizava a parte estética da educação das moças, Dorothea subiu ao quarto a fim de responder a carta de Mr. Casaubon. Por que deveria adiar a resposta? Ela a escreveu três vezes, não porque desejasse mudar

o texto, mas porque sua escrita estava particularmente imprecisa e ela não suportava a ideia de que Mr. Casaubon achasse sua caligrafia ruim e ilegível. Ela queria escrever com uma caligrafia em que cada letra fosse distinguível sem dar margem alguma para conjecturas, e pretendia fazer muito uso deste talento para poupar os olhos de Mr. Casaubon. Três vezes ela escreveu:

PREZADO MR. CASAUBON, sou muito grata ao senhor por me amar e me considerar digna de ser sua esposa. Não posso desejar felicidade maior do que tornar-me uma só carne com o senhor. Se eu dissesse mais, seria apenas uma repetição do mesmo de forma mais extensa, pois neste momento não posso pensar em outra coisa além do que posso ser por toda a vida. Devotamente, sua

DOROTHEA BROOKE.

Mais tarde, ela acompanhou o tio até a biblioteca para lhe entregar a carta, para que ele a enviasse pela manhã. Ele ficou surpreso, mas só manifestou essa surpresa depois de alguns momentos de silêncio, durante os quais ele empurrou vários objetos de sua escrivaninha e, finalmente, ficou de costas para o fogo, com os óculos no nariz, olhando para o destinatário da carta de Dorothea.

– Você pensou bem sobre isso, minha querida? – disse ele, por fim.

– Não havia necessidade de pensar muito, tio. Não sei de nada que me faça vacilar. Se mudasse de opinião, seria por algo importante e completamente novo para mim.

– Ah! Então, você aceitou? Chettam não tem nenhuma chance? Por acaso ele ofendeu você? Você sabe, ofendeu? Do que é que você não gosta no Chettam?

– Não há nada que eu goste nele – disse Dorothea, um tanto impetuosamente.

Mr. Brooke jogou a cabeça e os ombros para trás como se alguém lhe tivesse lançado um pequeno projétil. Dorothea imediatamente sentiu algum remorso, e disse:

– Quero dizer, sob a luz de um marido. Ele é muito gentil, eu acho. Realmente muito bom com os chalés. Um homem bem-intencionado.

– Mas você prefere um estudioso, todo esse tipo de coisas? Bem, de certa forma isso está na nossa família. Eu mesmo já senti... esse amor pelo conhecimento... esse interesse por todas as coisas... talvez um pouco demais... me levou longe demais, embora esse tipo de coisa não seja frequente entre as mulheres, a não ser que ocorra de forma subterrânea, como os rios na Grécia, você sabe... e vem à tona com os filhos. Filhos brilhantes, mães inteligentes. Houve um tempo em que eu me interessava muito por isso. Porém, minha cara, eu sempre digo que as pessoas deveriam fazer o que bem entender sobre esses assuntos, até certo ponto. Como seu tutor, eu não poderia consentir em um casamento ruim. Mas Casaubon está bem, sua posição é boa. No entanto, receio que Chettam vá sofrer, e Mrs. Cadwallader vai dizer que a culpa é minha.

Naquela noite, naturalmente, Celia não soube de nada do que havia acontecido. Ela atribuiu a desatenção de Dorothea – e a evidência de mais lágrimas desde que chegaram em casa – ao mau humor provocado pelo assunto de Sir James Chettam e dos alojamentos, e teve o cuidado de não fazer perguntas. Uma vez que já dissera o que queria, Celia não se sentia inclinada a retomar os assuntos desagradáveis. Tinha sido sua natureza desde criança nunca discutir e apenas observar com admiração quando as pessoas discutiam com ela – ficando inchadas como um pavão –, e estava sempre disposta a jogar cama-de-gato com elas assim que se recuperassem. Quanto a Dorothea, sempre foi sua natureza encontrar algo errado nas palavras de sua irmã, embora Celia argumentasse interiormente que ela não fazia nada além de expor as coisas exatamente como elas eram; não era seu costume e ela nem poderia inventar coisa por iniciativa própria. Porém, o melhor de Dodo é que ela não ficava com raiva por muito tempo. Embora elas mal tivessem conversado durante toda a noite, quando Celia pôs o trabalho de lado, com a intenção de ir para a cama –, procedimento no qual ela era sempre a primeira –, Dorothea, que estava sentada em um banquinho baixo, incapaz de ocupar-se com outra atividade que não a meditação, disse com a entonação musical que em momentos de sentimento profundo, mas silencioso, tornava sua fala um belo recital:

– Celia, querida, venha me dar um beijo – estendendo os braços enquanto falava.

Célia ajoelhou-se para ficar na altura certa e a beijou suavemente enquanto Dorothea a rodeava gentilmente com os braços e pressionava seus lábios gravemente em cada bochecha.

– Não fique aqui até tarde, Dodo; você está muito pálida esta noite. Vá logo para a cama – disse Celia espontaneamente, sem nenhum toque de sentimentalismo.

– Não, querida, estou muito, muito feliz – disse Dorothea, fervorosamente.

Melhor assim, pensou Celia. *Mas que maneira estranha Dodo tem de passar de um extremo ao outro.*

No dia seguinte, no almoço, o mordomo, entregando algo a Mr. Brooke, disse:

– Jonas regressou, senhor, e trouxe esta carta.

Mr. Brooke leu a carta e, em seguida, acenando com a cabeça em direção a Dorothea, disse:

– Casaubon, minha querida, estará aqui para o jantar. Ele não esperou para escrever mais... não esperou, sabe.

Não seria estranho para Celia que um convidado para o jantar fosse anunciado para sua irmã com antecedência, mas quando seus olhos seguiram na mesma direção que os de seu tio, ela ficou impressionada com o peculiar efeito que o anúncio havia exercido sobre Dorothea. Era como se algo parecido com o reflexo de uma asa branca iluminada pelo sol tivesse passado por suas feições, culminando em um de seus raros rubores. Pela primeira vez, Celia pensou que poderia haver algo mais entre Mr. Casaubon e sua irmã além do seu deleite por conversas eruditas e o prazer dela em escutar. Até então, ela havia classificado a admiração da irmã por aquele erudito “feioso” com a mesma admiração por Monsieur Liret em Lausanne, que era igualmente feio e erudito. Dorothea nunca se cansava de ouvir o velho Monsieur Liret, mesmo quando os pés de Celia estavam gelados e ela não podia mais suportar ver a pele de sua careca se

mexendo. Por que, então, seu entusiasmo não se estenderia a Mr. Casaubon simplesmente da mesma forma que acontece com Monsieur Liret? Parecia lógico que todos os homens estudiosos considerassem as jovens do ponto de vista de um professor.

Mas, agora, Celia estava realmente assustada diante da suspeita que havia passado pela sua mente. Ela raramente era pega de surpresa dessa maneira; sua maravilhosa rapidez em observar uma certa ordem de sinais geralmente a preparava para esperar os eventos externos pelos quais tinha interesse. Não que agora ela imaginasse que Mr. Casaubon já fosse um pretendente aceito: ela simplesmente começava a repelir a possibilidade de que qualquer coisa na mente de Dorothea pudesse inclinar-se para tal resultado. Aqui estava algo que realmente a irritava a respeito de Dodo: estava tudo muito bem em não aceitar Sir James Chettam, mas casar-se com Mr. Casaubon?! Celia sentia uma espécie de vergonha misturada com uma sensação de absurdo. Mas talvez Dodo pudesse ser dissuadida, se é que realmente estivesse conjecturando tal extravagância; entretanto, a experiência já havia demonstrado muitas vezes que Dodo era imprevisível.

O dia estava úmido e elas não iriam passear, então as duas subiram para a sala de estar onde Celia observou que Dorothea, no lugar de ocupar-se com algo do seu interesse diligente, simplesmente apoiou o cotovelo em um livro aberto e olhou pela janela para o grande cedro, prateado pela umidade. Ela mesma havia começado a fazer um brinquedo para os filhos do coadjutor e não tinha a intenção de abordar nenhum assunto precipitadamente. Dorothea estava de fato pensando que seria bom se Celia soubesse da importante mudança na posição de Mr. Casaubon desde a última vez em que ele estivera na casa; não parecia justo deixá-la na ignorância daquilo que necessariamente afetaria sua atitude em relação a ele, mas era impossível não se retrair de contar-lhe tudo. Dorothea sentia-se culpada pela mesquinhez de sua timidez; sempre havia sido odioso para ela sentir qualquer pequeno temor ou pesar acerca das suas ações, mas neste momento ela buscava a maior ajuda possível para não temer a prosa corrosiva da

bela mente carnal de Celia. Seu devaneio foi interrompido e a dificuldade de decisão eliminada pela voz baixa e gutural de Celia, que comentou em seu tom usual:

– Alguém mais vem jantar além de Mr. Casaubon?

– Não que eu saiba.

– Espero que haja mais alguém. Assim não vou ser obrigada a ouvi-lo tomar a sopa daquela maneira.

– O que há de notável na sua maneira de tomar a sopa?

– Sério, Dodo, você não consegue ouvir como ele raspa a colher no prato? E ele sempre pisca antes de falar. Não sei se Locke piscava, mas tenho certeza de que sinto muito por aqueles que se sentavam à sua frente se ele o fazia.

– Celia! – exclamou Dorothea, com enfática gravidade. – Por favor, não faça mais comentários desse tipo.

– Por que não? São verdadeiros – respondeu Celia, que tinha seus motivos para insistir, embora já começasse a sentir um pouco de medo.

– Há muitas coisas que são verdadeiras, mas que apenas as mentes mais simples observam.

– Pois então acredito que as mentes mais simples devam ser bastante úteis. É uma pena que a mãe de Mr. Casaubon não tivesse uma mente mais simples: ela poderia tê-lo educado melhor – Celia estava bastante assustada e pronta para sair correndo agora que havia lançado este pequeno dardo.

Os sentimentos de Dorothea haviam se transformado em uma avalanche e não havia mais tempo para preparação.

– Devo lhe dizer, Celia, que estou noiva de Mr. Casaubon.

É provável que Celia nunca tivesse ficado tão pálida antes. O boneco de papel que estava fazendo teria uma perna quebrada, não fosse seu habitual cuidado com tudo o que tinha em mãos. Ela imediatamente colocou de lado a frágil figura e ficou perfeitamente imóvel por alguns segundos. Quando falou, havia lágrimas em seus olhos.

– Oh, Dodo, espero que você seja feliz – naquele instante, seu carinho pela

irmã não poderia deixar de impor-se sobre outros sentimentos, e seus temores eram frutos do afeto.

Dorothea ainda estava magoada e agitada.

– Está decidido, então? – perguntou Celia, em tom baixo de espanto.

– E o tio já sabe?

– Eu aceitei a proposta de Mr. Casaubon. Meu tio trouxe a carta que a continha; ele já sabia de antemão.

– Peço perdão se disse alguma coisa que te machucou, Dodo – disse Celia, com um leve soluço. Ela nunca poderia imaginar que se sentiria assim. Havia algo de fúnebre em toda a história, com Mr. Casaubon dando a impressão de ser o clérigo oficiante, sobre o qual seria indecente fazer comentários.

– Não se preocupe, Kitty, não se aflija. Nós nunca vamos admirar as mesmas pessoas. Eu frequentemente ofendo alguém de forma parecida, tenho uma tendência a falar com muita firmeza sobre aqueles que não me agradam.

Apesar dessa magnanimidade, Dorothea ainda estava magoada, talvez tanto pelo espanto velado de Celia quanto por suas pequenas críticas. É claro que ninguém em Tipton veria esse casamento com simpatia. Dorothea não conhecia ninguém que pensasse como ela sobre a vida e seus melhores desígnios.

No entanto, antes que a noite terminasse, ela estava muito feliz. Em um tête-à-tête de uma hora com Mr. Casaubon, ela conversou com ele com mais liberdade do que nunca, chegando a manifestar sua alegria diante do pensamento de dedicar-se a ele e de saber como poderia melhor compartilhar e impulsionar os seus grandes projetos. Mr. Casaubon foi tocado por um deleite desconhecido (qual homem não o seria?) diante daquele ardor juvenil desenfreado; ele não ficou surpreso (qual noivo teria ficado?) por ser ele o seu objeto.

– Minha querida jovem... Miss Brooke... Dorothea! – disse ele, apertando a mão dela entre as suas –, esta é uma felicidade maior do que jamais imaginei que estivesse reservada para mim. Estava muito longe da minha imaginação, de fato, pensar que eu pudesse alguma vez encontrar uma pessoa, uma alma tão rica nessa mescla de virtudes, capaz de me fazer desejar o casamento. A senhorita

possui todas as prendas, ou melhor, mais do que todas as qualidades que sempre contemplei como as excelências características da feminilidade. O grande encanto do seu sexo é sua capacidade para um afeto ardente e abnegado, no qual vemos sua aptidão para coroar e completar a existência do homem. Até agora, conheci poucos prazeres, exceto os mais severos; minhas satisfações têm sido as do estudioso solitário. Tive pouca disposição para colher flores que iriam murchar em minhas mãos, mas vou colhê-las agora com ansiedade, para depositá-las em seu seio.

Nenhum discurso poderia ter sua intenção mais honrada: a frígida retórica do final fora tão sincera quanto o latido de um cão ou o grasnar de uma gralha amorosa. Não seria precipitado concluir que não havia paixão por trás daqueles sonetos de Delia,[30] que nos comovem como a música terna de um bandolim?

A fé de Dorothea proporcionava tudo o que as palavras de Mr. Casaubon pareciam não dizer: qual apaixonado vislumbra uma perturbadora omissão ou infelicidade? O texto, seja do profeta ou do poeta, expande-se até admitir tudo aquilo que pretendemos introduzir nele, e até mesmo sua gramática ruim é sublime.

– Eu sou muito ignorante, o senhor vai se surpreender com minha ignorância – disse Dorothea. – Trago tantos pensamentos que podem estar completamente errados, e agora poderei lhe contar todos eles, e fazer perguntas pertinentes. Mas – acrescentou ela, com uma rápida percepção dos prováveis sentimentos de Mr. Casaubon –, eu não vou incomodá-lo muito, apenas quando estiver disposto a me ouvir. Muitas vezes o senhor deverá estar cansado seguindo o seu próprio caminho. Eu ficarei satisfeita se me deixar acompanhá-lo.

– Como poderei agora perseverar em qualquer caminho sem a sua companhia? – disse Mr. Casaubon, beijando sua testa e sentindo que o céu havia lhe concedido uma benção em todos os sentidos adequada às suas necessidades peculiares. Ele estava sendo inconscientemente afetado pelos encantos de uma natureza que era completamente desprovida de celebrações ocultas, tanto para efeitos imediatos quanto para fins mais remotos. Era isso o que fazia Dorothea

parecer tão pueril e, de acordo com alguns juízes, tão estúpida, apesar da sua suposta inteligência, como, por exemplo, neste momento, quando se achava, metaforicamente falando, aos pés de Mr. Casaubon, beijando seus sapatos antiquados como se ele fosse um Papa Protestante. Ela não pretendia que Mr. Casaubon se perguntasse se ele era bom o suficiente para ela, mas simplesmente se perguntando, com ansiedade, como ela poderia ser boa o suficiente para ele. Antes de partir no dia seguinte, foi decidido que o casamento deveria acontecer dentro de seis semanas. Por que não? A casa de Mr. Casaubon estava pronta. Não era um mero presbitério, mas uma mansão considerável, com muitas terras anexadas a ela. A casa paroquial era habitada pelo coadjutor, que cumpria todas as obrigações, exceto o sermão matinal.

CAPÍTULO VI

“A língua da minha senhora é como as lâminas que cortam,
Quem no campo a acaricia com a mão descuidada.
Um bom corte é a sua função:
Ela divide com agudeza espiritual a semente do milho,
E produz economias tangíveis.”

Quando a carruagem de Mr. Casaubon estava passando pelo portão, ela deteve a entrada de uma *fáeton* conduzida por uma senhora, atrás da qual ia sentada uma criada. Era duvidoso que o reconhecimento tivesse sido mútuo, pois Mr. Casaubon olhava distraidamente para a frente, mas a senhora tinha olhos rápidos e o saudou com um cumprimento com a cabeça e um “como tem passado, senhor?”. Apesar do chapéu surrado e do xale indiano muito velho, era evidente que a zeladora do alojamento a considerava uma personagem importante, a julgar pela exagerada reverência que fez quando a pequena *fáeton* entrou.

– Como estão as galinhas, Mrs. Fitchett? – perguntou a senhora de cor rubra e olhos escuros em um tom de voz decididamente moldado.

– A ponto de botar, senhora, mas elas estão começando a comer seus próprios ovos; não tenho paz de espírito com elas.

– Ah, umas canibais! Melhor vendê-las barato de uma vez. Quanto custam duas? Não se pode comer aves de mau caráter por um preço alto.

– Bem, madame, meia coroa; eu não poderia deixá-las por menos.

– Meia coroa, nos dias de hoje?! Vamos, é para o caldo de galinha do reitor no domingo. Ele consumiu todas as que sobraram. A senhora já está meio paga com o sermão, Mrs. Fitchett, lembre-se disso. Leve um casal de pombinhos por

elas, umas belezinhas. A senhora deve ir vê-los. A senhora não tem nenhum daquela raça entre os seus pombos.

– Bem, madame, o Mestre Fitchett irá vê-los depois do trabalho. Ele está muito interessado em novas espécies, assim vai poder lhe agradar.

– Me agradar?! Vai ser a melhor barganha que já fez na vida. Um par de pombos da igreja por duas galinhas espanholas malvadas que comem seus próprios ovos! Aposto que a senhora e Fitchett sairão se gabando depois.

A *fáeton* avançou ao som das últimas palavras, deixando Mrs. Fitchett rindo e balançando a cabeça com uma interjeição: – Claro, claro! – a partir da qual podia-se inferir que ela teria achado aquela região rural mais enfadonha se a esposa do reitor fosse menos faladeira e menos sovina. Na verdade, tanto os fazendeiros quanto os trabalhadores das paróquias de Freshitt e de Tipton teriam sentido uma triste falta de conversas, não fossem as histórias sobre o que dizia e fazia Mrs. Cadwallader: uma dama de berço incomensuravelmente nobre, descendente, por assim dizer, de condes desconhecidos, tão nebulosos como a massa de nuances heroicas. Ela alegava pobreza, regateava nos preços e contava piadas da maneira mais sociável, mas com um modo de falar que deixava sempre claro quem ela era. Esta senhora trazia para a vizinhança tanto posição social quanto religião, e mitigava os dissabores do dízimo não confirmado. Uma personalidade muito mais exemplar, com infusões de dignidade amarga, não teria promovido a compreensão dos Trinta e Nove Artigos[31] e teria sido menos unificadora socialmente.

Mr. Brooke, que via os méritos de Mrs. Cadwallader de um ponto de vista diferente, estremeceu um pouco quando o nome dela foi anunciado na biblioteca, onde ele estava sozinho.

– Vejo que o senhor recebeu nosso Cícero de Lowick – disse ela, sentando-se confortavelmente, jogando para trás os agasalhos e revelando uma figura magra, mas bem construída. – Suspeito que o senhor e ele estão tramando algum conchavo político, do contrário não veria tanto aquele “animado” senhor. Eu vou denunciar vocês, lembre-se de que ambos são personagens suspeitos desde que

apoiaram Peel na Lei Católica. Direi a todos que o senhor será o candidato de Middlemarch pelo partido Whig[32] quando o velho Pinkerton renunciar, e que Casaubon vai ajudá-lo de forma dissimulada, subornando os eleitores com panfletos e abrindo as tavernas para distribuí-los. Vamos, confesse!

– Nada disso – disse Mr. Brooke, sorrindo e esfregando os óculos, mas realmente corando um pouco com a acusação. – Casaubon e eu não conversamos muito sobre política. Ele não se preocupa muito com o lado filantrópico das coisas, punições e esse tipo de coisa. Ele só se interessa pelas questões da Igreja. Esta não é a minha linha de ação, a senhora sabe.

– E como sei, meu amigo. Eu ouvi falar de seus feitos. Que foi que vendeu uma parte de suas terras para os papistas em Middlemarch? Estou certa de que o senhor o comprou de propósito. O senhor é um perfeito Guy Fawkes. Cuidado para que um boneco seu não seja queimado no próximo cinco de novembro.[33] Humphrey não quis vir discutir o assunto com o senhor, então eu mesma vim.

– Muito bem, eu estava preparado para ser perseguido, por não perseguir... por não perseguir, sabe.

– Aí está! Esta é uma lenga-lenga que o senhor preparou para os palanques. Veja, não deixe que eles o iludam, meu caro Mr. Brooke. Um homem sempre faz papel de tolo quando faz discursos, não há desculpa, a não ser estar do lado certo; assim poderá até pedir uma benção para a barulheira que faz. Será a sua perdição, eu estou avisando. O senhor vai ser a torta de sábado de todos os partidos e será atacado por todos.

– É isso o que espero, sabe – disse Mr. Brooke, não querendo trair o quão pouco ele havia apreciado o esboço profético. – É isso o que espero por ser um homem independente. Quanto aos liberais, um homem que segue os pensadores provavelmente não será fisgado por nenhum partido. Ele pode ir com eles até certo ponto, até certo ponto, a senhora sabe. Mas isso é exatamente o que as senhoras, madame, nunca entendem.

– O que não entendemos? Qual é o certo ponto? Não. Gostaria de saber como um homem pode ir até certo ponto quando não pertence a nenhum partido e leva

uma vida errante e nunca deixa que seus amigos saibam de que lado Brooke ficará; não há como contar com Brooke, é isso o que as pessoas dizem do senhor, para ser franca. Então, sossegue. O senhor gostaria de ir às sessões com todo mundo desconfiando do senhor, enquanto leva a consciência pesada e o bolso vazio?

– Não tenho a intenção de discutir política com uma dama – disse Mr. Brooke, com um ar de sorridente indiferença, mas sentindo-se desagradavelmente consciente de que esse ataque de Mrs. Cadwallader havia dado início à campanha defensiva a que certas imprudências o haviam exposto. – O seu sexo não é pensador, sabe? *Varium et mutabile semper*...[34] esse tipo de coisas. A senhora não conhece Virgílio. Eu conheci – Mr. Brooke refletiu a tempo que não conhecia pessoalmente o poeta clássico – eu ia dizer, o pobre Stoddart, sabe? Isso é o que ele dizia. As senhoras estão sempre contra uma atitude independente... um homem se preocupa com nada além da verdade e esse tipo de coisas. Não há nenhuma parte do condado onde a opinião seja mais restrita do que aqui. Eu não quero atirar pedras, mas... se precisam de alguém que siga uma linha independente, se eu não aceitar, quem o fará?

– Quem? Ora, qualquer arrogante que não tenha berço ou posição social. Pessoas de posição deveriam consumir suas tolices independentes em casa, não sair espalhando por aí. Logo o senhor, que vai casar sua sobrinha, que é como uma filha, com um de nossos melhores homens. Seria uma crueldade com Sir James; seria muito difícil para ele se o senhor agora se virasse e começasse a desfilar com a bandeira liberal.

Mr. Brooke estremeceu novamente, pois o noivado de Dorothea mal havia sido decidido e ele pensou nos prováveis insultos por parte de Mrs. Cadwallader. Um observador ignorante poderia facilmente dizer: “Ora, coloque Mrs. Cadwallader no lugar dela”, mas para onde vai um cavalheiro da zona rural que discute com seus antigos vizinhos? Quem poderia saborear o bom nome Brooke, se fosse empregado casualmente, como um vinho sem lacre? Certamente um homem só pode ser cosmopolita até certo ponto.

– Espero que Chettam e eu sejamos sempre bons amigos, mas lamento dizer que não há perspectiva de ele se casar com minha sobrinha – disse Mr. Brooke, muito aliviado ao ver pela janela que Celia estava entrando na casa.

– Por que não? – perguntou Mrs. Cadwallader, com uma nota aguda de surpresa. – Faz apenas quinze dias que nós conversamos sobre isso.

– Minha sobrinha escolheu outro pretendente... ela escolheu, sabe? Não tive nada a ver com isso. De minha parte eu teria preferido Chettam, até diria que Chettam era o homem que qualquer moça teria escolhido. Mas não há como controlar esses assuntos. Seu sexo é caprichoso, como a senhora sabe.

– Ora, e com quem o senhor vai permitir que ela se case? – a mente de Mrs. Cadwallader examinava rapidamente as possibilidades de escolha de Dorothea.

Porém, neste momento, Célia entrou na sala, resplandecente depois de um passeio no jardim, e as saudações pouparam Mr. Brooke da necessidade de responder imediatamente. Levantando-se, apressadamente, ele disse: – A propósito, devo falar com Wright sobre os cavalos – e fugiu da sala.

– Minha querida menina, o que é isso? Sobre o noivado da sua irmã? – perguntou Mrs. Cadwallader.

– Ela está noiva de Mr. Casaubon – disse Celia, recorrendo, como sempre, à mais simples afirmação do fato, e aproveitando a oportunidade para falar a sós com a esposa do reitor.

– Oh, mas é terrível essa notícia! Desde quando?

– Eu só soube disso ontem. Eles vão se casar em seis semanas.

– Bem, minha querida, desejo-lhe felicidades com seu cunhado.

– Eu tanto por Dorothea.

– Por quê? A decisão foi dela, eu suponho.

– Sim, ela diz que Mr. Casaubon tem uma grande alma.

– Eu... duvido. Tomara que tenha mesmo.

– Ah, Mrs. Cadwallader, eu não acho que seja bom casar-se com um homem com uma grande alma.

– Bem, minha querida, tome cuidado. Você conhece a aparência de um agora;

quando o próximo vier e quiser se casar com você, não aceite.

– Tenho certeza de que nunca aceitaria.

– Não, um na família já é o suficiente. Então sua irmã nunca se importou com Sir James Chettam? O que você teria dito se o tivesse como cunhado?

– Eu teria gostado muito. Estou certa de que ele teria sido um bom marido. Só que – acrescentou Celia, corando levemente (às vezes parecia corar ao respirar) –, acho que ele não seria adequado para Dorothea.

– Não é bom o suficiente?

– Dodo é muito rígida. Ela pensa muito sobre todas as coisas e dá uma importância exagerada ao que as pessoas dizem. Sir James nunca pareceu agradá-la.

– Ela deve tê-lo encorajado, tenho certeza. Isso não é muito digno de crédito.

– Por favor, não fique zangada com Dodo; ela não vê as coisas direito, não faz por mal. Ela gostava tanto da ideia dos alojamentos e, às vezes, era até um pouco rude com Sir James, mas ele é tão gentil que nunca percebeu.

– Bem, – disse Mrs. Cadwallader, colocando o xale e se levantando, como se estivesse com pressa – devo ir imediatamente ver Sir James e lhe comunicar o fato. Ele já deve ter trazido a mãe de volta a esta altura e eu devo ir vê-lo. Seu tio nunca vai lhe contar. Estamos todos decepcionados, minha querida. Os jovens deveriam pensar em suas famílias ao se casar. Eu fui um mau exemplo, casei-me com um pobre clérigo e me tornei um objeto de compaixão entre os De Bracys, obrigada a usar estratagemas para obter meu carvão e orar aos céus pelo meu azeite. No entanto, Casaubon tem dinheiro suficiente, devo lhe fazer justiça. Quanto a sua linhagem, acredito que seja composta de três quartas partes de insossos e o resto de gente rateira. A propósito, antes de ir, minha querida, tenho que falar com sua Mrs. Carter sobre culinária. Quero enviar minha jovem cozinheira para aprender com ela. Gente pobre com quatro filhos, como nós, não se pode dar ao luxo de ter uma boa cozinheira. Não tenho dúvidas de que Mrs. Carter me atenderá. A cozinheira de Sir James é um verdadeiro dragão.

Em menos de uma hora, Mrs. Cadwallader já havia convencido Mrs. Carter e

chegado a Freshitt Hall, que não ficava longe de sua casa pastoral, pois seu marido residia em Freshitt e mantinha um coadjutor em Tipton.

Sir James Chettam havia retornado da curta viagem que o mantivera ausente por alguns dias, e havia mudado de roupa, com a intenção de cavalgar até a Tipton Grange. Seu cavalo o esperava na porta quando Mrs. Cadwallader chegou e ele apareceu imediatamente, com o chicote na mão. Lady Chettam ainda não havia retornado, mas a missão de Mrs. Cadwallader não poderia ser despachada na presença dos cavalariços, então ela pediu para ser levada à estufa para examinar as novas plantas. Ao chegar a uma parada contemplativa, ela disse:

– Eu tenho más notícias para o senhor, espero que não esteja tão apaixonado quanto aparenta.

De nada adiantava protestar contra a maneira como Mrs. Cadwallader colocava as coisas, mas o semblante de Sir James mudou ligeiramente e ele sentiu um vago alarme.

– Eu acredito que Brooke vai acabar se expondo ao ridículo depois de tudo. Eu o acusei de ter a intenção de representar Middlemarch junto aos liberais e ele fez uma cara de desentendido, mas não negou. Falou sobre sua linha independente e as bobagens de costume.

– Isso é tudo? – perguntou Sir James, muito aliviado.

– Ora – respondeu Mrs. Cadwallader, com uma nota mais contundente –, por acaso o senhor gostaria que ele se tornasse um homem público dessa maneira, fazendo de si mesmo uma espécie de idiota político?

– Ele pode ser dissuadido, penso eu. Ele não aprovaria os gastos.

– Foi o que eu disse. Nesse ponto ele é vulnerável à razão... uns poucos grãos de bom senso em alguns gramas de avareza. A mesquinhez é uma qualidade vital para as famílias, e é a maneira mais segura para levar um homem à loucura. Deve haver uma pequena falha na família Brooke, do contrário não deveríamos ver o que estamos a ponto de ver.

– O quê? Brooke representando Middlemarch?

– Pior do que isso. Eu realmente me sinto um pouco responsável. Eu sempre

lhe disse que Miss Brooke seria uma boa esposa. Sabia que ela acreditava em um monte de tolices, um tipo volúvel de material metodista. Mas essas coisas são passageiras entre as meninas. No entanto, dessa vez fui pega de surpresa.

– O que quer dizer, Mrs. Cadwallader? – perguntou Sir James. Seu receio de que Miss Brooke tivesse fugido para se juntar à Irmandade dos Morávios,[35] ou alguma seita absurda desconhecida pela boa sociedade, foi um pouco dissipado pelo conhecimento de que Mrs. Cadwallader sempre exagerava para o pior. – O que aconteceu com Miss Brooke? Por favor, diga.

– Muito bem. Ela está noiva. – Mrs. Cadwallader fez uma pausa, observando no rosto do amigo a expressão profundamente magoada que ele tentava ocultar com um sorriso nervoso, enquanto açoitava suas botas; em seguida, ela acrescentou: – Noiva de Casaubon.

Sir James deixou cair o chicote e se abaixou para pegá-lo. Talvez seu rosto nunca tivesse acumulado tanta repulsa concentrada como quando ele se virou para Mrs. Cadwallader, e repetiu: – Casaubon?

– Isso mesmo. Agora o senhor conhece minha missão.

– Meu Deus! É horrível! Ele não passa de uma múmia! (O ponto de vista deve ser considerado como o de um rival impetuoso e desapontado).

– Ela diz que ele tem uma grande alma. Uma grande bexiga onde chacoalha ervilhas secas, isso sim! – disse Mrs. Cadwallader.

– Por que um solteirão como aquele quer se casar? – perguntou Sir James. – Ele já está com o pé na cova.

– Ele tem a intenção de tirá-lo de lá, creio eu.

– Brooke não deveria permitir, ele deveria insistir para que ela esperasse até atingir a maioridade. Ela poderia pensar melhor. Para que serve um tutor?

– Como se fosse possível conseguir alguma decisão de Brooke!

– Cadwallader pode conversar com ele.

– Não conte com isso! Humphrey acha todo mundo charmoso. Nunca consigo fazer com que ele censure Casaubon. Ele até fala bem do bispo, embora eu lhe diga que isso não é natural em um clérigo beneficiado. O que se pode

fazer com um marido que presta tão pouca atenção ao decoro? Eu procuro ocultar sua fraqueza da melhor maneira censurando todo mundo. Vamos, vamos, anime-se! O senhor está livre de Miss Brooke, uma garota que exigiria que visse as estrelas à luz do dia. Entre nós, a pequena Celia vale por duas dela e, afinal de contas, é uma combinação melhor. Esse casamento com Casaubon é tão bom quanto ir para um convento.

– Em minha defesa, é pelo bem de Miss Brooke que acho que seus amigos deveriam usar sua influência.

– Bem, Humphrey ainda não sabe. Mas quando eu contar, pode estar certo de que ele dirá: "Por que não? Casaubon é um bom sujeito... e jovem... jovem o suficiente". Essas pessoas caridosas nunca distinguem o vinagre do vinho até que o tenham bebido e sintam cólicas. De qualquer forma, se eu fosse um homem, preferiria Celia, especialmente depois que não há mais Dorothea. A verdade é que o senhor tem cortejado uma e conquistado a outra. Posso ver que Celia o admira quase tanto quanto um homem espera ser admirado. Se alguém além de mim dissesse isso, o senhor poderia achar que é um exagero. Adeus!

Sir James ajudou Mrs. Cadwallader a subir na *fáeton* e em seguida montou em seu cavalo. Ele não iria renunciar ao seu passeio por causa das notícias desagradáveis que recebera, apenas cavalgaria mais rápido em alguma outra direção que não a da Tipton Grange.

Mas, por qual razão Mrs. Cadwallader estava tão agastada com o casamento de Miss Brooke; e por que, quando uma combinação que ela apreciava e acreditava que tinha nas mãos foi frustrada, ela deveria imediatamente iniciar as preliminares de outra? Havia alguma trama engenhosa, algum curso de ação oculto, que poderia ser detectado por um cuidadoso telescópio? De forma alguma: um telescópio poderia ter varrido as paróquias de Tipton e Freshitt, toda a área percorrida por Mrs. Cadwallader em sua *fáeton*, sem presenciar qualquer entrevista que pudesse levantar suspeitas, ou qualquer cena da qual ela não regressasse com a mesma imperturbável perspicácia no olhar e a mesma excitação. Na verdade, se aquele útil veículo existisse nos dias dos Sete Sábios,[36]

um deles, sem dúvida, teria observado que não se pode descobrir muita coisa sobre as mulheres seguindo-as em suas *fáetons*. Mesmo com um microscópio direcionado a uma gota d'água, nós nos encontramos fazendo interpretações que acabam sendo um tanto grosseiras, pois, enquanto sob uma lente fraca podemos acreditar ver uma criatura exibindo uma voracidade ativa na qual outras criaturas menores tomam a parte ativa como se fossem diferentes contribuições animadas, uma lente mais potente revela certos fios menores que formam vórtices para essas vítimas enquanto o consumidor espera passivamente sua clientela de costume. Desse modo, metaforicamente falando, uma lente potente aplicada às atividades casamenteiras de Mrs. Cadwallader demostrará um jogo de causas diminutas que produzem o que poderiam ser chamados de vórtices de pensamento e a palavra que lhe proporciona o tipo de alimento que necessita.

Sua vida na zona rural era simples, totalmente livre de segredos vis, perigosos ou importantes, e não era conscientemente afetada pelos grandes acontecimentos do mundo. Estes a interessavam quando comunicados por cartas de parentes bem-nascidos: a maneira como os fascinantes filhos mais jovens tinham se perdido, casando-se com suas amantes, a estupidez do jovem lorde Tapir, as furiosas e gostosas mudanças de humor do velho lorde Megatherium, o cruzamento exato de genealogias que havia atraído uma tiara a um novo ramo e ampliava as relações do escândalo... estes eram os tópicos dos quais ela retinha detalhes com a maior precisão e os reproduzia em uma excelente amálgama de epigramas, da qual ela mesma desfrutava imensamente, pois acreditava na boa linhagem e na má linhagem, assim como na caça e nas pragas. Ela jamais teria renegado alguém com base na pobreza: um De Bracy reduzido a jantar em uma bacia teria parecido a ela um exemplo comovente, digno de exagero, e temo que seus vícios aristocráticos não a teriam horrorizado. Mas seus sentimentos para com os ricos vulgares constituíam uma espécie de ódio religioso; eles provavelmente tinham ganhado todo o seu dinheiro com os altos preços do varejo, e Mrs. Cadwallader detestava preços altos de tudo o que não poderia pagar em espécie na Reitoria: essas pessoas não faziam parte do desígnio de

Deus ao criar o mundo, e sua maneira de viver era uma aflição para os ouvidos. Uma cidade onde esses monstros abundavam dificilmente seria mais do que uma espécie de comédia vulgar, que não podia ser levada em consideração em um plano bem concebido do universo. Se houvesse alguma dama inclinada a ser mais dura com Mrs. Cadwallader, deveria antes investigar a abrangência de seus maravilhosos pontos de vista, e assegurar-se, sem nenhuma dúvida, de que Mrs. Cadwallader acreditava que era uma honra para todas as pessoas de Middlemarch conviver com ela.

Com uma mente assim, ativa como o fósforo, capaz de mordiscar tudo o que se aproximasse da forma que lhe conviesse, como poderia Mrs. Cadwallader sentir que as Misses Brookes e seus respectivos casamentos fossem estranhos para ela? Sobretudo, porque durante anos havia sido seu costume repreender Mr. Brooke com a franqueza mais amigável e fazê-lo saber que ela o considerava uma pobre criatura. Desde que as jovens damas chegaram em Tipton, ela havia planejado o casamento de Dorothea com Sir James, e se tivesse acontecido, ela teria a certeza de que era obra sua. O fato de não ter acontecido depois que ela o tivesse preconcebido lhe causava uma irritação com a qual todo pensador simpatizaria. Ela era a diplomata de Tipton e de Freshitt, e o que quer que acontecesse sem o seu conhecimento caracterizava uma ofensiva irregularidade. Quanto às extravagâncias de Miss Brooke, Mrs. Cadwallader não tinha paciência para suportá-las, e agora se dava conta de que sua opinião sobre aquela moça havia sido contaminada pela tolerância débil do seu marido: aqueles caprichos metodistas, aquele ar de pretender ser mais piedosa do que o reitor e o coadjutor juntos, vinham de uma doença mais profunda e constitucional do que Mrs. Cadwallader estava disposta a acreditar.

– No entanto – disse Mrs. Cadwallader, primeiramente a si mesma e depois para o marido –, eu acho que ela está perdida. Havia uma chance, se tivesse se casado com Sir James, de que tivesse se convertido em uma mulher sã e sensata. Ele jamais a teria contrariado, e quando uma mulher não é contrariada, ela não tem motivos para obstinação em seus absurdos. Mas agora eu lhe desejo sorte

em seu cilício.[37]

Assim, Mrs. Cadwallader deveria escolher outra aliança para Sir James, e tendo decidido que seria a mais jovem das Misses Brookes, não poderia haver um movimento mais hábil para o sucesso de seu plano do que a insinuação ao baronete de que havia impressionado o coração de Celia. Ele não era um daqueles cavalheiros que suspiram pela inalcançável maçã de Safo[38], que ri do galho mais alto: “Sorria como o nó das prímulas no penhasco, inalcançáveis para as mãos ansiosas.”

Ele não tinha sonetos para escrever, e não lhe parecia agradável que não fosse o objeto de preferência para a mulher que havia escolhido. O conhecimento de que Dorothea havia escolhido Mr. Casaubon havia ferido seu afeto e moderado sua intensidade. Embora Sir James fosse um esportista, ele tinha pelas mulheres outros sentimentos que não por perdizes e raposas, e não considerava sua futura esposa como uma presa, valiosa principalmente pela emoção da caça. Tampouco estava tão familiarizado com os hábitos das raças primitivas a ponto de sentir que um combate ideal por ela, com machadinha de guerra na mão, por assim dizer, fosse necessário para a continuidade histórica do vínculo matrimonial. Pelo contrário, possuindo a amável vaidade que nos une àqueles que nos amam e nos afasta de quem nos é indiferente, e também uma natureza bondosa e agradecida, a mera ideia de que uma mulher dedicava uma atenção para ele tecia pequenas teias de ternura que iam do seu coração ao dela.

Assim aconteceu que, depois de Sir James ter cavalgado bastante rápido por meia hora em uma direção oposta à da Tipton Grange, ele finalmente diminuiu o ritmo e pegou uma estrada que o levaria de volta por um atalho. Vários sentimentos forjaram nele a determinação de ir para a granja naquele mesmo dia, como se nada de novo tivesse acontecido. Ele não podia deixar de regozijar-se por nunca ter feito a proposta e sido rejeitado; uma mera delicadeza amigável exigia que ele a visitasse para conversar com Dorothea sobre os alojamentos, e agora, felizmente, Mrs. Cadwallader o havia preparado para oferecer suas felicitações, se necessário, sem demonstrar um constrangimento excessivo. Ele

realmente não estava satisfeito: desistir de Dorothea era muito doloroso para ele, mas havia algo na decisão de fazer essa visita imediatamente e dominar toda essa vexação, que era uma espécie de angústia e alívio. Sem que ele reconhecesse o impulso com clareza, também pesava saber que Celia estaria lá, e que ele deveria prestar mais atenção a ela do que antes.

Nós, mortais, homens e mulheres, devoramos muitas decepções entre o café da manhã e o jantar. Refreamos as lágrimas e empalidecemos nossos lábios, e, em resposta às perguntas, dizemos: “Oh, não é nada!” O orgulho nos ajuda, e o orgulho não é uma coisa ruim quando apenas nos incita a esconder nossas próprias mágoas, para não ferir os demais.

CAPÍTULO VII

“O prazer e o melão têm sua estação.”
– Provérbio italiano.

Mr. Casaubon, durante estas semanas, como era de se esperar, passou grande parte de seu tempo em Tipton Grange, e o atraso que o noivado ocasionou ao progresso de sua grande obra, *A Chave de Todas as Mitologias*, naturalmente o fazia ansiar ainda mais pelo feliz desfecho da corte que lhe competia fazer. Mas ele havia incorrido deliberadamente neste atraso, tendo decidido que havia chegado o momento de embelezar sua vida com os encantos da companhia feminina, de irradiar, com a presença de uma dama, a nostalgia que a fatiga costumava difundir sobre seus estudos. Sobretudo, garantir àquela idade em que estava o consolo do cuidado feminino em seus anos de declínio. Consequentemente, ele decidiu abandonar-se à corrente dos sentimentos, e talvez tenha se surpreendido ao descobrir quão superficial era o riacho. Assim como nas regiões secas o batismo por imersão só podia ser realizado simbolicamente, Mr. Casaubon descobriu que a aspersão era a melhor abordagem para o mergulho que seu riacho lhe proporcionava, e concluiu que os poetas haviam exagerado muito a força da paixão masculina. Não obstante, observou com prazer que Miss Brooke demonstrava uma afeição ardente e submissa que prometia cumprir suas previsões mais agradáveis de casamento. Uma ou duas vezes lhe ocorrera que possivelmente houvesse alguma deficiência em Dorothea para explicar a moderação de seu abandono, mas ele não foi capaz de discernir essa deficiência ou de imaginar uma mulher que o teria agradado mais; assim, estava claro que não havia mais razões além dos exageros da tradição humana.

– Eu não poderia estar agora me preparando para ser mais útil? – perguntou

Dorothea, certa manhã, no início do noivado. – Eu não poderia aprender a ler latim e grego em voz alta, assim como fizeram as filhas de Milton com seu pai, sem entender o que liam?

– Temo que isso seja enfadonho para a senhorita – disse Mr. Casaubon, sorrindo – e, de fato, se bem me lembro, as jovens que mencionou consideravam aquele exercício em línguas desconhecidas um motivo de rebelião contra o poeta.

– Sim, mas em primeiro lugar, elas eram meninas muito travessas, caso contrário teriam se orgulhado de ajudar tal pai e, em segundo lugar, elas poderiam ter estudado por conta própria e aprendido a entender o que liam, então o resultado teria sido interessante. Acredito que o senhor não espera que eu seja travessa nem estúpida.

– Espero que seja tudo o que uma jovem requintada deve ser em todas as relações possíveis da vida. Certamente, poderia ser uma enorme vantagem se pudesse copiar os caracteres gregos, e para esse fim seria bom começar com um pouco de leitura.

Dorothea interpretou a sugestão como uma permissão preciosa. Ela não teria pedido a Mr. Casaubon que lhe ensinasse as línguas, temendo que acima de todas as coisas fossem cansativas no lugar de úteis, mas não era inteiramente por devoção ao futuro marido que ela desejava saber latim e grego. Estas parcelas de conhecimento masculino pareciam ser um ponto de partida de onde toda a verdade podia ser vista com mais clareza. Em sua condição atual, ela constantemente duvidava das suas próprias conclusões, porque se dava conta da sua própria ignorância. Como poderia ter certeza de que os alojamentos de um cômodo só não eram para a glória de Deus, quando homens que conheciam os clássicos pareciam conciliar a indiferença pelos chalés com o zelo pela glória? Talvez até o hebraico fosse necessário, pelo menos o alfabeto e algumas raízes, para chegar ao cerne das coisas e julgar com precisão os deveres sociais do Cristianismo. Ela não havia atingido o ponto de renúncia no qual ficaria satisfeita por ter um marido sábio: ela desejava, pobre criança, ser sábia ela

mesma. Miss Brooke era, certamente, muito ingênua com toda a sua alegada inteligência. Celia, cuja mente nunca havia sido considerada muito vigorosa, via o vazio das pretensões de outras pessoas com muito mais facilidade. Em geral, ter poucos sentimentos parece ser a única segurança contra sentir demais em determinadas situações.

No entanto, Mr. Casaubon consentiu em ouvir e ensinar durante uma hora, como um mestre dos pequeninos, ou melhor, como um amante, para quem a ignorância elementar e as dificuldades da sua noiva possuíam uma aptidão comovente. Poucos sábios não teriam gostado de ensinar o alfabeto em tais circunstâncias. Porém, a própria Dorothea ficou um pouco surpresa e desanimada com sua própria estupidez, e as respostas que obteve a certas tímidas perguntas sobre a pronúncia despertaram a dolorosa suspeita de que de fato poderia haver segredos sem explicação para a mente de uma mulher.

Mr. Brooke não tinha dúvidas a esse respeito e se expressou com sua energia costumeira em um dia quando entrou na biblioteca durante a leitura.

– Bem, bem, Casaubon, estudos tão profundos como clássicos, matemática, esse tipo de coisas, são muito cansativos para uma mulher, muito cansativos, sabe?

– Dorothea está aprendendo a ler os caracteres – disse Casaubon, evitando a pergunta. – Ela teve a delicada ideia de poupar meus olhos.

– Ah, bem, sem entender... pode ser que não seja tão ruim. Mas há uma leveza na mente feminina, uma incerteza... música, belas artes, esse tipo de coisas... elas deveriam estudar até certo ponto, as mulheres deveriam; mas de forma leve, sabe? Uma mulher deve ser capaz de se sentar e tocar ou cantar uma boa e velha canção inglesa. É disso que eu gosto, embora eu já tenha ouvido muitas coisas. Eu estive na ópera em Viena: Gluck, Mozart, todos eles. Mas eu sou um conservador para música, não é como ideias, sabe? Eu fico com as boas e velhas músicas.

– Mr. Casaubon não gosta de piano, e eu me alegro que não goste – disse Dorothea, cujo desprezo pela música doméstica e as belas artes femininas

deveria ser perdoado, considerando os zumbidos e os borrões em que principalmente consistiam naquele período sombrio. Ela sorriu e olhou para seu prometido com olhos de agradecimento. Se ele lhe pedisse para tocar a “Última Rosa do Verão”, ele deveria se preparar com toda a sua resignação. – Ele já me contou que só há um cravo[39] velho em Lowick e está coberto de livros.

– Ah, mas assim você fica atrás de Celia, minha querida. Ela toca muito bem e está sempre disposta. Porém, como Casaubon não gosta, você está certa. Mas é uma pena que não possa ter um pouco de distração desse tipo, Casaubon: deixar o arco sempre retesado (referindo-se ao instrumento musical cravo), esse tipo de coisa, sabe, não vai funcionar.

– Eu nunca poderia considerar uma distração ter meus ouvidos atormentados por ruídos compassados – disse Casaubon. – Uma melodia muito repetida tem o efeito ridículo de fazer com que as palavras em minha mente executem uma espécie de minueto para marcar o tempo, um efeito dificilmente tolerável; eu imagino, passada a infância. Quanto às formas musicais mais grandiosas, dignas de acompanhar as celebrações solenes, e mesmo de exercer uma influência educativa, segundo a concepção antiga, não tenho nada a dizer, pois não estamos falando delas.

– Não, mas de música desse tipo eu deveria gostar – disse Dorothea. – Quando voltávamos de Lausanne, meu tio nos levou para ouvir o grande órgão de Freiberg, que me arrancou lágrimas.

– Esse tipo de coisa não é saudável, minha querida – disse Mr. Brooke. – Casaubon, ela estará em suas mãos a partir de agora, você deve ensinar minha sobrinha a levar as coisas com mais serenidade, não é, Dorothea?

Ele concluiu com um sorriso, pois não queria magoar a sobrinha, mas pensando realmente que talvez fosse melhor para ela se casar cedo com um sujeito tão sóbrio como Casaubon, já que não queria saber de Chettam.

– No entanto, é extraordinário – ele disse a si mesmo enquanto deixava a sala –, é extraordinário que ela tenha gostado dele. De qualquer maneira, a combinação é boa. Eu não teria motivos para me opor a ela, deixe Mrs.

Cadwallader dizer o que quiser. É certo que ele vai chegar a ser um bispo, o Casaubon. Havia um panfleto muito oportuno sobre ele na Questão Católica; no mínimo, um decanato. Eles devem a ele um decanato.

Neste ponto, devo reivindicar uma reflexão filosófica observando que, nesta ocasião, Mr. Brooke pouco pensava sobre o discurso radical que, em um período posterior, seria obrigado a fazer sobre os rendimentos dos bispos. Que historiador elegante negligenciaria uma oportunidade notável de apontar que seus heróis não previram a história do mundo, nem mesmo suas próprias ações? Por exemplo, Henrique de Navarra, sendo um bebê protestante, não pensava em tornar-se um monarca católico, ou Alfredo, o Grande, quando media suas noites laboriosas pelo número de velas consumidas, não imaginava futuros cavalheiros medindo seus dias ociosos com relógios. Aqui está uma mina de verdade, a qual, por mais vigorosamente explorada, provavelmente duraria mais do que nosso carvão.

Mas, a respeito de Mr. Brooke, faço uma observação adicional: talvez menos justificado pelos precedentes, a saber, que se fosse conhecido de antemão seu discurso, não teria feito grande diferença. Pensar com prazer que o marido de sua sobrinha tinha uma grande renda eclesiástica era uma coisa, fazer um discurso liberal era outra; e só uma mente estreita não consegue olhar para um assunto de vários pontos de vista.

CAPÍTULO VIII

“Salve-a! Eu sou seu irmão agora,
E você é o pai dela. Toda donzela gentil
Deveria ter em cada cavalheiro um guardião.”

Foi maravilhoso para Sir James Chettam constatar que continuava gostando de ir à Tipton Grange depois de ter enfrentado a dificuldade de ver Dorothea pela primeira vez à luz de uma mulher comprometida com outro homem. É claro que um relâmpago bifurcado parecia ter cruzado o céu quando se aproximou dela pela primeira vez, e durante todo o encontro ele permaneceu consciente de estar ocultando sua inquietação, mas, por melhor que fosse, deve-se admitir que sua agonia era menor do que teria sido se achasse que seu rival fosse um parceiro brilhante e desejável. Ele não tinha a sensação de ser eclipsado por Mr. Casaubon, apenas ficara surpreso que Dorothea estivesse sob uma ilusão melancólica, e sua mortificação perdeu parte de sua amargura por ser misturada com compaixão.

No entanto, enquanto Sir James dizia a si mesmo que havia renunciado totalmente a ela, já que, com a perversidade de uma Desdêmona ela não havia aceitado uma união claramente conveniente e de acordo com a natureza, ele ainda não podia permanecer completamente passivo diante da ideia de seu noivado com Mr. Casaubon. No dia em que os viu juntos pela primeira vez à luz de seu atual conhecimento, pareceu-lhe que não havia levado o assunto suficientemente a sério. Brooke era realmente culpado, ele deveria tê-la impedido. Quem poderia falar com ele? Talvez alguma coisa ainda pudesse ser feita, pelo menos para adiar o casamento. No caminho para casa, ele entrou na Reitoria e perguntou por Mr. Cadwallader. Felizmente, o reitor estava em casa e

seu visitante foi conduzido ao escritório, onde estavam pendurados todos os apetrechos de pesca. Mas ele mesmo estava em uma salinha contígua, trabalhando no torno e chamou o baronete para se juntar a ele ali. Os dois eram mais amigos do que qualquer outro proprietário de terras e clérigo da comarca, um fato significativo que estava de acordo com a expressão amável de seus rostos.

Mr. Cadwallader era um homem grande, com lábios carnudos e um sorriso doce, muito simples e rude em seu exterior, mas com uma sólida e imperturbável tranquilidade e bom humor contagiantes, os quais, assim como as grandes colinas verdes ao sol, acalmam até mesmo um egoísmo irritado e faz com que se sinta envergonhado de si mesmo. – Bem, como vai? – disse ele, estendendo uma mão pouco adequada para ser apertada. – Desculpe por não ter saído para encontrá-lo. Aconteceu alguma coisa? Parece aborrecido.

A testa de Sir James mostrava um pequeno vinco, uma leve depressão nas sobrancelhas que ele parecia acentuar deliberadamente enquanto respondia.

– É apenas essa conduta de Brooke. Eu realmente acho que alguém deveria falar com ele.

– Sobre o quê? A sua candidatura? – perguntou Mr. Cadwallader, enquanto continuava a arranjar os carretéis que acabava de girar. – Eu não acho que ele falava a sério. Mas onde está o mal, se ele gosta? Qualquer um que se oponha ao liberalismo deveria ficar feliz quando os Whigs não indicam o sujeito mais forte. Eles não vão derrubar a Constituição usando a cabeça do nosso amigo Brooke como aríete.

– Ah, não é isso que eu quis dizer – disse Sir James, que, após tirar o chapéu e se jogar em uma cadeira, começou a mexer na perna e examinar a sola da bota com muita amargura. – Eu me refiro a esse casamento. Eu me refiro a ele deixar aquela jovem se casar com Casaubon.

– Qual é o problema com Casaubon? Não vejo nada errado nele... se a moça gosta dele.

– Ela é muito jovem para saber do que gosta. Seu guardião deveria interferir.

Ele não deveria permitir que a coisa fosse feita dessa maneira precipitada. Eu me pergunto como um homem como você, Cadwallader, um homem que tem filhas, pode olhar para o caso com indiferença, e com um coração como o seu! Pense seriamente sobre isso.

– Não estou brincando, estou falando sério – disse o reitor, com uma provocante risadinha interna. – Você é igual a Elinor. Ela insiste que eu vá dar um sermão em Brooke, e eu a lembrei de que seus amigos tinham uma opinião muito ruim sobre nossa união quando ela se casou comigo.

– Mas olhe para Casaubon! – disse Sir James, com indignação. – Ele deve ter cinquenta anos, e não acredito que pudesse ter sido muito mais do que a sombra de um homem. Olhe para as pernas dele.

– Vocês, homens bonitos! Pensam que podem fazer tudo a seu modo. Vocês não entendem as mulheres. Elas não admiram vocês nem metade do que vocês admiram a si mesmos. Elinor costumava dizer às irmãs que iria se casar comigo por minha feiura, era tão distinta e divertida que conquistou completamente sua prudência.

– Você não é um bom exemplo! Era muito fácil para qualquer mulher se apaixonar por você. Mas isso não é uma questão de beleza. Eu não gosto de Casaubon – esta era a forma mais categórica de Sir James insinuar que tinha um conceito ruim sobre o caráter de um homem.

– Por quê? O que tem contra ele? – perguntou o reitor, deixando de lado os carretéis e colocando os polegares nas cavas com ar de atenção.

Sir James fez uma pausa. Não apenas sentia dificuldade para expor seus motivos como lhe parecia estranho que as pessoas não suspeitassem deles sem que ele precisasse dizer, pois ele só sentia o que era sensato. Por fim, disse:

– Cadwallader, você acha que ele tem coração?

– Bem, sim. Não me refiro do tipo que se derrete, mas um núcleo sólido, disso você pode ter certeza. Ele é muito bom para seus parentes pobres: paga uma pensão a várias das mulheres e está proporcionando a um jovem uma boa parte das despesas com sua educação. Casaubon age de acordo com seu senso de

justiça. A irmã de sua mãe fez um casamento ruim... com um polaco, creio eu... se perdeu... de qualquer forma, foi rejeitada pela família. Não fosse por isso, Casaubon não teria metade do seu dinheiro. Acredito que ele mesmo foi procurar os primos e ver o que poderia fazer por eles. Nem todos os homens, ao terem ameaçado o seu vil metal, soariam tão bem assim. Você faria isso, Chettam, mas não todos.

– Não sei – disse Sir James, corando. – Não estou tão seguro de mim mesmo – disse o baronete, fez uma pausa e acrescentou: – Casaubon fez a coisa certa, mas um homem pode desejar fazer o que é certo e ainda assim ser uma espécie de código em um pergaminho. Uma mulher pode não ser feliz ao seu lado. E acho que quando uma moça é tão jovem quanto Miss Brooke, seus amigos deveriam interferir um pouco para impedi-la de fazer qualquer coisa tola. Você ri porque acha que tenho algum sentimento por ela, mas pela minha honra, não é esse o caso. Eu sentiria o mesmo se fosse irmão ou tio de Miss Brooke.

– Bem, mas o que você faria?

– Eu diria que o casamento não deve ser decidido até que ela atinja sua maioridade. E pode estar certo de que, nesse caso, nunca iria acontecer. Eu gostaria que você visse as coisas como eu vejo, eu gostaria que falasse com Brooke sobre isso.

Sir James levantou-se assim que terminou de falar, pois viu que Mrs. Cadwallader entrava no escritório. Ela trazia pela mão a filha mais nova, de cerca de cinco anos, que imediatamente correu para seu pai e foi acomodada em seus joelhos.

– Eu ouvi o que você dizia – disse a esposa. – Mas o senhor não vai conseguir convencer Humphrey. Enquanto o peixe morder sua isca, todo mundo é o que deveria ser. Valha-me Deus, mas Casaubon tem um riacho de trutas e não se importa em pescar nele: poderia existir um sujeito melhor?

– Bem, mas há algo aí – disse o reitor, com sua tranquila risada silenciosa. – É uma qualidade muito boa para um homem ter um riacho de trutas.

– Mas, falando sério – disse Sir James, cujo aborrecimento ainda não havia se

dissipado –, a senhora não acha que o reitor agiria bem em falar?

– Ah, mas eu já lhe alertei sobre o que ele diria – respondeu Mrs. Cadwallader, erguendo as sobrancelhas. – Fiz o que pude, lavo as minhas mãos com relação a esse casamento.

– Em primeiro lugar – disse o reitor, com um certo ar de gravidade – seria um absurdo esperar que eu pudesse convencer Brooke e fazê-lo agir de acordo. Brooke é um sujeito muito bom, mas inconsistente. Ele aceita qualquer molde, mas não mantém a forma.

– Ele pode manter a forma por tempo suficiente para adiar o casamento – disse Sir James.

– Mas, meu caro Chettam, por que eu deveria usar minha influência para desvantagem de Casaubon, a menos que estivesse muito seguro de estar agindo em benefício de Miss Brooke? Não sei nada de ruim sobre Casaubon. Não me importo com seus *Xisuthrus* e *Fee-fo-fum*[40] e todo o resto, mas ele também não se importa com o meu equipamento de pesca. Quanto à linha que assumiu na Questão Católica, isso foi inesperado, mas ele sempre se mostrou muito educado comigo e não vejo por que devo estragar essa relação. Pelo que sei, Miss Brooke talvez seja mais feliz com ele do que com qualquer outro homem.

– Humphrey! Eu não tenho paciência com você. Você sabe muito bem que prefere jantar embaixo da cerca do que sozinho com Casaubon. Vocês não têm nada a dizer um ao outro.

– O que isso tem a ver com o casamento de Miss Brooke com ele? Ela não está se casando para minha diversão.

– Nenhum sangue bom corre em suas veias – disse Sir James.

– Não. Alguém colocou uma gota sob uma lente de aumento e tudo o que encontrou foram pontos e vírgulas e parênteses – disse Mrs. Cadwallader.

– Por que ele não publica o seu livro em vez de se casar? – disse Sir James, com uma repulsa que considerava justificada pelo sentimento sólido de um inglês laico.

– Ah, ele sonha com notas de rodapé que vivem fugindo do seu cérebro.

Dizem que quando era um garotinho, ele fez um resumo de Tom Thumb de *O Pequeno Polegar*, e que tem feito resumos deste então. Argh! E é com esse homem que Humphrey insiste que uma mulher pode ser feliz.

– Bem, é dele que Miss Brooke gosta – disse o reitor. – Não tenho nenhuma pretensão de entender o gosto de todas as damas.

– Mas e se ela fosse sua própria filha? – perguntou Sir James.

– Este seria um assunto diferente. Ela não é minha filha, e eu não me sinto obrigado a interferir. Casaubon é tão bom quanto a maioria de nós. É um clérigo estudioso e merecedor de crédito. Um colega radical que discursou em Middlemarch disse que Casaubon era o erudito encarregado de separar o joio do trigo, Freke o encarregado pelas coisas braçais e eu o encarregado da pesca. E, francamente, não vejo como um pode ser pior ou melhor do que o outro – o reitor encerrou com sua risada silenciosa. Ele sempre via uma piada em qualquer sátira contra si mesmo. Sua consciência era ampla e tranquila, como todo o resto da sua pessoa: ele fazia apenas o que podia fazer sem perturbação.

Estava claro que não haveria interferência no casamento de Miss Brooke por parte de Mr. Cadwallader, e Sir James pensou com certa tristeza que ela teria total liberdade para fazer julgamentos errados. Era um sinal de sua boa disposição o fato de ele não ter esmorecido em nada sua intenção de executar o projeto dos alojamentos de Dorothea. Sem dúvida, esta perseverança era o melhor caminho para a sua própria dignidade, mas o orgulho apenas nos ajuda *a nos mostrar* generosos, nunca nos torna, de fato, elevados, assim como a vaidade não nos torna espirituosos. Por outro lado, Dorothea estava suficientemente ciente da posição de Sir James em relação a ela para apreciar a retidão de sua perseverança nas obrigações de um senhorio, as quais ele a princípio fora instigado pela complacência de um pretendente amoroso, e seu prazer era grande o suficiente para contar com alguma coisa até mesmo na sua felicidade presente. Talvez ela tenha dedicado aos alojamentos de Sir James Chettam todo o interesse que prescindia de Mr. Casaubon, ou talvez fosse resultado da sinfonia de sonhos esperançosos, confiança admirada e apaixonada devoção que aquele cavalheiro

erudito havia depositado em sua alma. Foi o que aconteceu nas sucessivas visitas do bom baronete: enquanto ele começava a dedicar pequenas atenções a Celia, viu-se conversando com Dorothea cada vez com mais prazer.

Agora, livre das atenções dele, Dorothea se mostrava completamente desimpedida, sobretudo não sentia irritação alguma com o baronete. Quanto a Chettam, gradualmente ia descobrindo o deleite que existe na amabilidade sincera e no companheirismo entre um homem e uma mulher, que não têm uma paixão para esconder ou confessar.

CAPÍTULO IX

1º. Cavalheiro: Uma terra antiga nos oráculos antigos é chamada de "terra sedenta de lei"; todo seu esforço buscava uma ordem e uma regra perfeita. Por favor, onde estão essas terras agora?
2º. Cavalheiro: Ora, onde jazem há tempos...nas almas humanas.

A atitude de Mr. Casaubon a respeito dos acordos foi altamente satisfatória para Mr. Brooke, e as preliminares para a cerimônia transcorreram sem problemas, encurtando as semanas de noivado. A prometida deveria conhecer seu futuro lar e indicar quaisquer mudanças que gostaria que fossem feitas. Uma mulher deve ditar as regras antes do casamento para que depois tenha apetite para a submissão. Certamente, os erros que nós, meros mortais, homens e mulheres, cometemos quando seguimos nosso próprio caminho podem nos surpreender de que tenhamos apreço por ele.

Em uma manhã cinzenta e seca de novembro, Dorothea foi a Lowick na companhia do seu tio e de Celia. A mansão de Mr. Casaubon era a casa principal da localidade. Bem perto, visível de algumas partes do jardim, ficava a pequena igreja, com a antiga casa paroquial na frente. No início de sua carreira, Mr. Casaubon apenas desfrutava dos benefícios da terra, mas a morte de seu irmão lhe proporcionara também a posse da mansão. Havia um pequeno bosque, com um belo carvalho antigo aqui e ali, e uma alameda de tílias na fachada sudoeste, com uma cerca entre o bosque e o campo de lazer, de modo que das janelas da sala a vista corria ininterruptamente ao longo de um declive gramado até que as tílias culminassem em uma planície de milho e pastos, que muitas vezes parecia fundir-se em um lago sob o sol poente. Este era o lado alegre da casa, pois os lados sul e leste possuíam um aspecto bastante melancólico, mesmo nas manhãs

mais ensolaradas. O terreno era mais confinado, os canteiros de flores não mostravam muito cuidado e grandes aglomerados de árvores, principalmente teixos sombrios, haviam crescido muito, a menos de dez metros das janelas. A construção de pedra esverdeada era de estilo tradicional inglês, não necessariamente feia, mas com pequenas janelas e aspecto triste; o tipo de casa que requer crianças, muitas flores, janelas abertas e pequenos detalhes de coisas brilhantes para converter-se em um lar alegre. Naquele final de outono, com um esparso remanescente de folhas amarelas caindo lentamente sobre as sempre-vivas escuras em uma quietude carente de sol, a casa também adquiria um ar de declínio outonal e Mr. Casaubon, quando fez sua aparição, não possuía frescor algum que pudesse ser realçado por este pano de fundo.

Oh, céus! Exclamou Celia em sua mente. *Estou certa de que Freshitt Hall seria muito mais agradável*. Ela pensou na pedra branca entalhada, nas colunas do pórtico e nos terraços cheios de flores, em Sir James dominando o cenário com um sorriso, como um príncipe saindo de seu encantamento em meio a um roseiral, com um lenço rapidamente metamorfoseado em pétalas delicadamente perfumadas... Sir James, cuja fala era agradável, sempre sobre coisas sensatas, e não sobre estudos. Celia possuía aquele gosto feminino juvenil e leve que cavalheiros sérios e desgastados às vezes preferem em suas esposas. Felizmente, a inclinação de Mr. Casaubon tinha sido diferente, pois ele não teria nenhuma chance com ela.

Dorothea, ao contrário, achou que tanto a casa quanto o terreno eram tudo o que poderia desejar: as escuras estantes cheias de livros na grande biblioteca, os tapetes e as cortinas com cores atenuadas pelo tempo, os curiosos mapas antigos e vistas panorâmicas nas paredes do corredor, aqui e ali um velho vaso embaixo das mesmas, não a deixavam deprimida e pareciam mais alegres do que os gessos e quadros de Tipton Grange, que seu tio trouxera há muito tempo de suas viagens, prováveis exponentes das ideias que o tempo fora absorvendo. Para a pobre Dorothea, os nus clássicos e as sorridentes obras renascentistas de Correggio eram dolorosamente inexplicáveis para as suas concepções puritanas,

pois ela jamais havia aprendido como entrelaçá-las com sua vida. Porém, era evidente que os proprietários de Lowick não eram viajantes, e os estudos de Casaubon sobre o passado não foram realizados por meio de tais ajudas.

Dorothea caminhou pela casa com deliciosa emoção. Tudo parecia sagrado para ela: aquele seria o lar da sua vida de casada e ela ergueu os olhos cheios de confiança para Mr. Casaubon, quando ele chamou sua atenção sobre algo em particular e lhe preguntou se ela desejava fazer alguma alteração. Ela disse que tudo estava ao seu gosto e não viu nada que gostaria de alterar. Os esforços de cortesia e ternura formal de Casaubon não tinham nenhum defeito para ela. Ela preenchia todas as lacunas com perfeições não manifestadas, interpretando-as como ela interpretava as obras da Providência e desculpando as aparentes discórdias com sua própria surdez diante de harmonias mais sublimes. E são muitas as lacunas depois de semanas de noivado que uma fé amorosa preenche com alegre segurança.

– Agora, minha querida Dorothea, desejo que me favoreça indicando qual quarto gostaria de ter como seu *boudoir* – disse Mr. Casaubon, demonstrando que seu conhecimento da natureza feminina era suficientemente amplo para incluir tal exigência.

– É muito gentil da sua parte pensar nisso – disse Dorothea –, mas garanto que prefiro que todos esses assuntos sejam decididos por mim. Ficarei muito satisfeita em aceitar tudo como está, como o senhor está acostumado, ou como gostaria que fosse. Não tenho motivos para desejar outra coisa.

– Oh, Dodo – ocorreu Celia –, você não quer o quarto com janela em arco no andar de cima?

Mr. Casaubon as conduziu até lá. A janela em arco dava para a alameda de tílias; a mobília era toda de um azul desbotado e havia na parede grupos de miniaturas de damas e cavalheiros com o cabelo empoado. Uma peça de tapeçaria sobre uma porta também mostrava um mundo azul esverdeado com um pálido veado no centro. As cadeiras e mesas tinham pernas finas e eram fáceis de virar. Era uma sala onde se poderia imaginar o fantasma de uma senhora de

espartilho revisitando a cena de seu bordado. Uma leve estante continha volumes duodécimos de literatura com capas de couro completando o mobiliário.

– Sim – disse Mr. Brooke –, este seria um quarto bonito com algumas cortinas novas, poltronas e esse tipo de coisas. Está um pouco vazio agora.

– Não, tio – disse Dorothea, ansiosamente. – Por favor, não fale em alterar nada. Há tantas outras coisas no mundo que precisam ser alteradas... eu gostaria de deixar as coisas como elas estão. O senhor gosta das coisas como elas estão, não é? – acrescentou ela, olhando para Mr. Casaubon. – Talvez este fosse o quarto de sua mãe, quando jovem.

– Era, sim – disse ele, com sua lenta inclinação de cabeça.

– Esta é sua mãe? – perguntou Dorothea, que tinha voltado para examinar o grupo de miniaturas. – É parecida com aquele minúsculo retrato que o senhor me trouxe, só que de melhor qualidade. E quem é esta?

– A irmã mais velha de minha mãe. Elas eram, assim como a senhorita e sua irmã, as duas únicas filhas de um casal, cujos retratos estão dispostos acima delas, como pode ver.

– A irmã é bonita – disse Celia, dando a entender que tinha uma opinião menos favorável sobre a mãe de Mr. Casaubon. Era uma nova revelação para a imaginação de Celia, o fato de ele vir de uma família que já foi jovem na sua época... e que as mulheres usavam colares.

– É um rosto peculiar – disse Dorothea, examinando com atenção. – Os profundos olhos cinzentos um pouco juntos..., a delicadeza do nariz irregular com uma espécie de ondulação..., e todos os cachos empoados caídos para trás. No conjunto, parece-me mais peculiar do que bonito. Não há nem mesmo uma semelhança de família entre ela e sua mãe.

– Não. E sua sorte também não foi parecida.

– O senhor não mencionou isso antes – disse Dorothea.

– Minha tia fez um casamento infeliz. Eu nunca a conheci.

Dorothea ficou um pouco surpresa, mas considerou que seria indelicado naquele momento pedir informações que Mr. Casaubon não oferecia, e ela virou-

se para a janela para admirar a vista. O sol havia transpassado o cinza e a alameda de tílias projetava suas sombras.

– Não vamos passear no jardim agora? – perguntou Dorothea.

– Você vai gostar de ver a igreja, sabe – disse Mr. Brooke. – É uma igrejinha muito graciosa. E a aldeia. Cabe tudo em uma casca de noz. A propósito, vai servir bem para você, Dorothea, pois os alojamentos são como uma fileira de asilos... pequenos jardins, flores de guelras, esse tipo de coisas.

– Sim, por favor – disse Dorothea, olhando para Mr. Casaubon –, eu gostaria de ver tudo isso.

Ela não obtivera nada mais explícito sobre os alojamentos de Lowick, além do que ele havia dito: “não são ruins”.

Eles logo estavam em um caminho de cascalho ladeado por margens gramadas e grupos de árvores, sendo este o caminho mais curto para a igreja, segundo dissera Mr. Casaubon. No pequeno portão que dava para o cemitério, houve uma pausa enquanto Mr. Casaubon foi até a casa paroquial em busca de uma chave. Celia, que estava um pouco na retaguarda, aproximou-se rapidamente quando viu que Mr. Casaubon havia partido, e disse em seu sereno estilo entrecortado que sempre parecia contradizer a suspeita de qualquer intenção maliciosa:

– Sabe, Dorothea, acabo de ver alguém muito jovem subindo uma das trilhas.

– E isso é surpreendente, Celia?

– Pode ser um jovem jardineiro, sabe? Por que não? – disse Mr. Brooke. – Eu disse a Casaubon que ele deveria trocar de jardineiro.

– Não, jardineiro não – objetou Celia –, um cavalheiro com um caderno de desenho. Ele tinha cachos castanho-claros. Eu só vi suas costas, mas ele era muito jovem.

– O filho do coadjutor, talvez – disse Mr. Brooke. – Ah, lá está Casaubon de novo, e Tucker está com ele. Ele vai te apresentar Mr. Tucker. Você ainda não conhece Tucker.

Mr. Tucker era o coadjutor de meia-idade, um dos “clérigos inferiores” a

quem geralmente não faltam filhos. Mas após a apresentação, a conversa não levou a nenhuma pergunta sobre sua família e a surpreendente aparição do jovem foi esquecida por todos, exceto por Celia. No seu íntimo, ela se negava a acreditar que o jovem de cachos castanho-claros e corpo esguio pudesse ter qualquer relação com Mr. Tucker, que era tão velho e de aparência tão bolorenta quanto ela esperava que fosse o coadjutor de Mr. Casaubon. Sem dúvida, era um homem excelente que iria para o céu (Celia queria manter os princípios), mas os cantos de sua boca eram tão desagradáveis! Celia pensou com tristeza no tempo em que deveria permanecer em Lowick como dama de honra, enquanto o coadjutor provavelmente não tinha crianças bonitas de quem pudesse gostar, independentemente dos princípios.

Mr. Tucker tornou-se uma ajuda inestimável na caminhada, e talvez Mr. Casaubon tivesse conhecimento disso, já que o coadjutor era capaz de responder a todas as perguntas de Dorothea sobre os aldeões e outros paroquianos. Todas as pessoas, ele garantiu a ela, viviam bem em Lowick; não havia um aldeão nas cabanas duplas de baixo aluguel que não tivesse um porco, e as pequenas hortas dos fundos eram bem-cuidadas. Os meninos vestiam excelente veludo corduroy e as meninas saíam como criadas bem-arrumadas ou, se permanecessem em casa, dedicavam-se a trabalhos em palha. Não havia teares, nem dissidentes metodistas, e ainda que a disposição geral fosse mais para ganhar dinheiro do que para espiritualidade, não havia muitos vícios. As aves do galinheiro eram tão numerosas que Mr. Brooke observou:

– Vejo que em suas lavouras sempre sobra um pouco de cevada para as mulheres colherem. Os pobres aqui podem contar com uma galinha em sua panela, como o bom rei francês costumava desejar para todos os seus súditos. Os franceses comem muitas galinhas, galinhas magras, sabe?

– Eu acho que este era um desejo muito mesquinho – disse Dorothea, indignada. – Os reis são tão monstruosos que um desejo como este deve ser considerado uma virtude real?

– Se ele desejava que tivessem uma galinha magra – disse Celia – isso não

estaria certo. Mas talvez ele quisesse que eles tivessem galinhas gordas.

– Sim, mas a palavra desapareceu do texto, ou talvez estivesse *subauditum*, isto é, presente na mente do rei, mas não pronunciada – disse Mr. Casaubon, sorrindo e inclinando a cabaça para Celia, que imediatamente atrasou um pouco o passo, porque não suportava que Mr. Casaubon piscasse para ela.

Dorothea mergulhou em um silêncio profundo no caminho de volta para casa. Ela sentia um certo desapontamento, do qual se envergonhava um pouco, por não haver nada para fazer em Lowick. Durante os minutos seguintes, sua mente contemplou a possibilidade, que ela teria preferido, de descobrir que sua casa ficasse em uma paróquia que contivesse uma maior parcela da miséria do mundo, de modo que pudesse ter obrigações mais ativas nela. Então, recorrendo ao futuro real que tinha à sua frente, ela desenhou um quadro de maior devoção aos objetivos de Mr. Casaubon, no qual ela aguardaria novos deveres. Muitos poderiam ser revelados através do conhecimento superior que a companhia de seu marido lhe proporcionaria.

Mr. Tucker logo os deixou, tendo algum trabalho administrativo que o impedia de almoçar em Lowick Hall. Assim, quando eles estavam entrando novamente no jardim através do pequeno portão, Mr. Casaubon disse:

– Parece um pouco triste, Dorothea? Espero que esteja satisfeita com o que viu.

– Estou sentindo algo que talvez seja tolo e errado – respondeu Dorothea, com sua franqueza habitual. – Eu quase desejaria que as pessoas necessitassem que algo mais fosse feito por elas. Conheci tão poucas maneiras de tornar minha vida útil. Claro que minhas noções de utilidade devem ser estreitas. Devo aprender novas formas de ajudar as pessoas.

– Sem dúvida – disse Mr. Casaubon. – Cada posição tem seus deveres correspondentes. A sua, eu acredito, como senhora de Lowick, não deixará nenhum desejo insatisfeito.

– De fato, eu acredito nisso – disse Dorothea, seriamente. – Não pense que estou triste.

– Está bem. Mas, se não estiver cansada, tomaremos outro caminho para casa que não aquele por onde viemos.

Dorothea não estava nem um pouco cansada, e um pequeno circuito foi feito em direção a um belo teixo, a principal glória hereditária do terreno daquele lado da casa. Ao se aproximarem, viram uma figura circunspecta sobre um fundo escuro de sempre-vivas, que estava sentada em um banco, desenhando a velha árvore. Mr. Brooke, que ia na frente com Celia, virou a cabeça e disse:

– Quem é aquele jovem, Casaubon?

Eles haviam chegado muito perto quando Mr. Casaubon respondeu:

– É um parente meu, um primo de segundo grau. O neto, na verdade – acrescentou, olhando para Dorothea –, da senhora cujo retrato a senhorita estava admirando, minha tia Julia.

O jovem colocou de lado o caderno de desenho e se levantou. Seus espessos cachos castanho-claros, assim como sua juventude, identificaram-no imediatamente com a aparição vista por Celia.

– Dorothea, deixe-me apresentá-la ao meu primo, Mr. Ladislaw. Will, esta é Miss Brooke.

O primo estava agora tão perto que, quando ergueu o chapéu, Dorothea pôde ver um par de olhos cinzentos bem próximos um do outro, um delicado nariz irregular com uma pequena ondulação e o cabelo caindo para trás. Porém, havia também uma boca e um queixo de aspecto mais proeminente e ameaçador do que o tipo da miniatura da avó. O jovem Ladislaw não sentiu necessidade de sorrir, como se estivesse encantado com a apresentação de sua futura prima em segundo grau e seus parentes, mas tinha um ar de descontentamento bastante amuado.

– O senhor é um artista, pelo que vejo – disse Mr. Brooke, pegando o caderno de esboços e folheando-o com sua característica informalidade.

– Não, eu apenas faço alguns esboços. Não há nada digno de ser visto – disse o jovem Ladislaw, corando, talvez mais por irritação do que por modéstia.

– Ah, mas isso está muito bom. Eu mesmo me dediquei ao desenho durante

algum tempo, sabe? Este, por exemplo, é o que eu chamo de trabalho de primeira, feito com o que chamávamos de brio – Mr. Brooke estendeu para as duas garotas um grande esboço colorido de um terreno pedregoso, árvores e um lago.

– Eu não posso julgar – disse Dorothea, não com frieza, mas com uma pronta depreciação do apelo feito a ela. – O senhor sabe, tio, que nunca vi beleza nesses retratos que o senhor diz serem tão elogiados. É uma linguagem que não entendo. Suponho que exista alguma relação entre as imagens e a natureza que sou muito ignorante para sentir, assim, como o senhor compreende o significado de uma frase em grego que a mim não diz nada – Dorothea olhou para Mr. Casaubon, que inclinou a cabeça na sua direção, enquanto Mr. Brooke dizia, sorrindo despreocupadamente:

– Meu Deus! Como as pessoas são diferentes! Mas você não recebeu boas lições, porque isso é coisa de meninas... o desenho, as belas artes e assim por diante. Mas você começou a desenhar plantas e não entende de *morbidezza*[41] e esse tipo de pintura e sua extrema suavidade. Espero que venha à minha casa e eu lhe mostrarei o que fiz nessa linha – continuou ele, voltando-se para o jovem Ladislaw, que precisou ser interrompido na atenção com que observava Dorothea. Ladislaw havia decidido que ela deveria ser uma moça desagradável, já que ia se casar com Casaubon, e que o que acabara de dizer sobre sua estupidez com relação aos quadros teria confirmado essa opinião, mesmo se tivesse acreditado nela. De qualquer forma, ele interpretou as palavras dela como um julgamento dissimulado e teve a certeza de que ela considerava seus esboços detestáveis. Havia muita inteligência em seu pedido de desculpas: ela estava rindo tanto do seu tio quanto dele mesmo. Mas, que voz! Era como a voz de uma alma que outrora vivera em uma harpa eólica. Aquela deveria ser uma das inconsistências da natureza. Não poderia haver nenhum tipo de paixão em uma jovem que pretendesse se casar com Casaubon. Mas ele virou-se e agradeceu o convite de Mr. Brooke.

– Repassaremos juntos minhas gravuras italianas – continuou o homem bem-

humorado. – Tenho um sem-fim delas, as quais não vejo há anos. Nós ficamos enferrujados nesta parte do país, sabe. Você não, Casaubon, você segue com seus estudos, mas minhas melhores ideias são subestimadas... por falta de uso. Vocês, jovens inteligentes, devem se proteger contra a indolência. Eu era muito indolente, sabe? Houve um tempo em que eu poderia ter conseguido alguma coisa nessa área.

– Esta é uma advertência oportuna – disse Mr. Casaubon –, mas agora vamos para casa, para que as jovens não se cansem de ficar em pé.

Quando eles estavam de costas, o jovem Ladislaw sentou-se para continuar com seu desenho e, ao fazê-lo, seu semblante adquiriu uma expressão de diversão que aumentava à medida que trabalhava, até que finalmente jogou a cabeça para trás e riu alto. Em parte, foi a recepção de sua própria produção artística que o fez rir; em parte, a ideia de que seu primo estava noivo daquela jovem, e em parte a definição de Mr. Brooke do lugar que poderia ter ocupado, não fosse o impedimento da indolência. O senso de absurdo de Sir Will Ladislaw iluminou suas feições de forma muito agradável: era o puro desfrute da comicidade, e não havia nenhuma mistura de escárnio e exaltação própria.

– O que seu sobrinho vai fazer da vida, Casaubon? – perguntou Mr. Brooke, enquanto caminhavam.

– Meu primo, o senhor quer dizer. Ele não é meu sobrinho.

– Sim, sim, primo. Quanto a seguir uma carreira, o senhor sabe.

– A resposta a esta pergunta é dolorosamente incerta. Ao terminar seus estudos em Rugby, ele recusou-se a ir para uma universidade inglesa, para onde eu o teria enviado com prazer, e escolheu o que devo considerar como uma forma anômala de estudo em Heidelberg. E agora que voltar para o exterior, sem nenhum objetivo específico, a não ser o vago propósito do que ele chama de cultura, preparação para o quê nem ele sabe. Ele se recusa a escolher uma profissão.

– Ele não tem recursos, a não ser o que o senhor oferece, eu suponho.

– Sempre dei a ele e a seus parentes razões para saber que eu lhe

proporcionaria, com alguma moderação, o que fosse necessário para adquirir uma educação acadêmica e estabelecer-se dignamente. Estou, portanto, obrigado a cumprir a expectativa assim suscitada – disse Mr. Casaubon, colocando sua conduta à luz da mera retidão, um traço de delicadeza que Dorothea observou com admiração.

– Ele tem sede de viajar; talvez se revele um Bruce ou um Mungo Park[42] – disse Mr. Brooke. – Eu mesmo pensei nisso durante algum tempo.

– Não, ele não tem inclinação para exploração, nem para a ampliação da nossa geognosia; este seria um propósito especial que eu poderia reconhecer com alguma aprovação, embora sem felicitá-lo por uma carreira que tantas vezes termina em morte prematura e violenta. Mas ele está tão longe de desejar um conhecimento mais preciso da superfície da terra, que disse preferir não conhecer as nascentes do Nilo, e que deveria haver algumas regiões desconhecidas preservadas como campos de caça para a imaginação poética.

– Bem, há algo de bom nisso, sabe? – disse Mr. Brooke, dono de uma mente imparcial.

– Temo que seja apenas uma parte de sua imprecisão generalizada e indisposição pela meticulosidade em qualquer aspecto, o que seria um mau augúrio para ele em qualquer profissão, civil ou sagrada, mesmo que fosse suficientemente submisso ao costume natural de escolher uma.

– Talvez ele tenha escrúpulos de consciência baseados em sua própria incapacidade – disse Dorothea, que estava interessada em encontrar uma explicação favorável. – Porque o Direito e a Medicina devem ser profissões difíceis de abraçar. Não é verdade? A vida e o destino das pessoas dependem delas.

– Sem dúvida, mas temo que a aversão do meu jovem parente Will Ladislaw por essas vocações seja fundamentalmente determinada por uma repulsa à aplicação constante ao estudo, ou ao tipo de conhecimento necessário instrumentalmente, mas não é imediatamente atraente ou sedutor para os apreciadores da autoindulgência. Eu insisti com ele sobre o que Aristóteles

afirmou com admirável brevidade, que para a realização de qualquer obra considerada como um fim, deve haver um exercício prévio de muitas energias ou aptidões adquiridas de ordem secundária, que exige paciência. Eu apontei para os meus próprios volumes de manuscritos, que representam o trabalho de anos, um preparatório para uma obra ainda não concluída, mas foi em vão. Para um raciocínio cuidadoso desta índole, ele responde chamando a si mesmo de Pégaso, e de "arreio" toda a forma de trabalho ordenado.

Célia riu. Ela ficara surpresa ao descobrir que Mr. Casaubon era capaz de dizer algo divertido.

– Bem, ele pode vir a ser um Byron, um Chatterton, um Churchill, ou algo assim, nunca se sabe – disse Mr. Brooke. – O senhor permitirá que vá para a Itália ou para qualquer outro lugar que ele queira ir?

– Sim, eu concordei em lhe proporcionar um valor razoável por mais ou menos um ano; ele não pede mais nada. Vou permitir que seja julgado pela prova da liberdade.

– É muito amável da sua parte – disse Dorothea, olhando para Mr. Casaubon com alegria. – É um gesto muito nobre. Afinal, as pessoas podem realmente possuir alguma vocação que elas mesmas ignoram, não é mesmo? Podem parecer indolentes e fracas porque estão em desenvolvimento. Devemos ser muito pacientes uns com os outros, creio eu.

– Suponho que seja o casamento que a faz achar que é bom ter paciência – disse Celia, assim que ela e Dorothea ficaram sozinhas, retirando seus agasalhos.

– Você está querendo dizer que eu não tenho paciência, Celia?

– Sim, quando as pessoas não fazem ou dizem exatamente o que você quer.

Desde o anúncio do noivado, Celia havia perdido um pouco o medo de "dizer coisas" a Dorothea: a inteligência lhe parecia mais lamentável do que nunca.

CAPÍTULO X

“Ele pegou um forte resfriado e não tinha outra roupa para vestir a não ser a pele de um urso que ainda não havia caçado.”
– FULLER

O jovem Ladislaw não fez a visita para a qual Mr. Brooke o havia convidado, e apenas seis dias depois Mr. Casaubon mencionou que seu jovem parente havia partido para o Continente, dando a impressão, por sua fria indefinição, de que preferia evitar mais perguntas. Na verdade, Will havia se recusado a fixar um destino mais preciso além de toda a área da Europa. A genialidade, afirmava ele, é necessariamente intolerante aos grilhões; por um lado, deve ter o máximo de espaço para sua espontaneidade, por outro, pode esperar com confiança as mensagens do universo que o convocariam a um trabalho determinado, colocando-se simplesmente em atitude de receptividade para com todas as sublimes oportunidades. As atitudes de receptividade eram várias e Will havia provado muitas delas com sinceridade. Ele não gostava muito de vinho, mas em várias ocasiões havia ingerido demais, como um simples experimento desta forma de êxtase; ele havia jejuado até desmaiar e depois jantado lagosta; ele havia adoecido com doses de ópio. Nada muito original resultara dessas medidas, e os efeitos do ópio o convenceram de que havia toda uma diferença entre sua constituição e a de De Quincey.[43]

A circunstância adicional que provocaria a genialidade ainda não havia chegado; o universo ainda não havia acenado para ele. Até mesmo o destino de César fora uma vez apenas um forte pressentimento. Conhecemos a farsa que é o desenvolvimento, e as formas tão perfeitas que um embrião indefeso pode disfarçar. Na verdade, o mundo está cheio de analogias esperançosas e lindos

ovos duvidosos denominados possibilidades. Will via claramente os patéticos exemplos de longas incubações que não produziram nenhum fruto, e se não fosse por gratidão, teria rido de Casaubon, cuja árdua aplicação, fileiras de cadernos de anotações e uma pequena amostra de teoria aprendida, explorando as ruínas do mundo, pareciam impor uma moral inteiramente encorajadora à generosa confiança de Will nas intenções do universo em relação a si mesmo. Ele considerava tal confiança uma marca da sua genialidade, e não um sinal do contrário, pois a genialidade não consiste na vaidade nem na humildade, mas em uma força para fazer e produzir, não algo generalizado, mas algo em particular. Que ele, então, parta para o Continente, sem que nos pronunciemos sobre seu futuro. Entre todas as formas de erro, a profecia é a mais gratuita.

Porém, neste momento, essa cautela contra um julgamento precipitado me interessa mais em relação a Mr. Casaubon do que em relação ao jovem primo. Se para Dorothea Mr. Casaubon tinha sido a mera ocasião que havia incendiado o belo material inflamável de suas ilusões juvenis, deve-se deduzir que ele estivesse bem representado na mente desses personagens menos apaixonados que até o momento proferiram sua opinião a respeito dele? Eu protesto contra qualquer conclusão absoluta, qualquer preconceito derivado do desprezo de Mrs. Cadwallader pela suposta grandeza de alma de um clérigo vizinho, ou a pobre opinião de Sir James Chettam sobre as pernas do rival, o fracasso de Mr. Brooke para extrair as ideias de um companheiro, ou as críticas de Celia quanto à aparência pessoal de um acadêmico de meia-idade. Não estou certa de que o maior homem de sua época, se é que este superlativo solitário existiu, poderia escapar desses reflexos desfavoráveis de si mesmo vislumbrado em diversos pequenos espelhos, e mesmo Milton, buscando sua imagem em uma colher, teve de se conformar em ter o ângulo facial de um caipira. Além disso, ainda que Mr. Casaubon possua uma retórica um tanto assustadora, não é certo, portanto, que não tenha uma boa base ou sentimentos delicados. Acaso um físico imortal e intérprete de hieróglifos não escreveu versos detestáveis? A teoria do sistema solar não avançou graças a boas maneiras e tato na conversação? Suponhamos

que deixemos de lado as estimativas externas de um homem para perguntarmos, com o mais vivo interesse, qual é o relato de sua própria consciência sobre suas ações ou capacidade, com quais obstáculos ele realiza seus trabalhos diários, qual desvanecimento de esperanças, ou qual profunda fixação de desilusão os anos estão cobrando, e com que espírito ele luta contra a pressão universal, a qual, um dia, será muito pesada para ele e levará seu coração à sua pausa final. Sem dúvida, seu destino é importante aos seus próprios olhos, e a razão principal pela qual pensamos que ele exige um lugar muito grande em nossa consideração deve ser a falta de espaço que lhe outorgamos, visto que o encaminhamos à consideração divina com absoluta confiança, ou melhor, nós até mesmo consideramos sublime que nosso vizinho espere o máximo dele, por pouco que possa ter obtido de nós mesmos. Além disso, se Mr. Casaubon era o centro de seu próprio mundo, tendia a pensar que os demais existiam providencialmente para seu benefício, e os considerava à luz de sua aptidão que supunham existir para ser o autor da “Chave de Todas as Mitologias”, este traço não é totalmente estranho para nós, e, como outras esperanças mendicantes dos outros mortais, reclama um pouco de nossa compaixão.

Certamente, o seu casamento com Miss Brooke lhe afetara mais do que a qualquer outra pessoa que até o momento havia demonstrado sua desaprovação, e no estágio atual das coisas, sinto mais ternura pelo seu êxito do que pela decepção do amável Sir James. Pois, na verdade, à medida que se aproximava o dia do seu casamento, Mr. Casaubon não se sentia animado. Tampouco sua visão do jardim matrimonial, onde, segundo a experiência, os caminhos eram adornados com flores, se mostrava mais encantadora do que as familiares criptas por onde caminhava de vela na mão. Ele não confessava a si mesmo, muito menos poderia ter sussurrado a outro, sua surpresa diante do fato de que, embora tivesse conquistado uma moça adorável e de coração nobre, ele não havia conquistado o deleite, algo que também considerava um objeto a ser encontrado por meio de sua busca. É verdade que ele conhecia todas as passagens clássicas que implicam o contrário, mas nós descobrimos que o conhecimento das

passagens clássicas é uma forma de despender energia, o que explica porque deixam tão pouca força extra para sua aplicação pessoal.

O pobre Mr. Casaubon havia imaginado que seu longo celibato dedicado ao estudo havia feito com que acumulasse juros compostos para o prazer, e que os longos rascunhos sobre seus afetos não deixariam de ser honrados, pois todos nós, sérios ou frívolos, enredamos nossos pensamentos com metáforas e, fatalmente, agimos sob sua influência. E agora ele corria o risco de ficar triste pela própria convicção de que suas circunstâncias eram inusitadamente felizes; não havia nada externo que explicasse uma certa ausência de sensibilidade que se apoderou dele justamente quando seu júbilo esperado deveria ter sido mais vivo, precisamente quando havia trocado a monotonia habitual de sua biblioteca de Lowick por suas visitas a Tipton Grange. Esta era uma experiência cansativa, na qual ele estava tão completamente condenado à solidão como quando em certas ocasiões era ameaçado pelo desespero enquanto labutava pelos pântanos da autoria literária sem parecer mais próximo do seu objetivo. E era sua a pior das solidões, a que tende retrair-se ante a simpatia. Ele não podia deixar de desejar que Dorothea o considerasse menos feliz do que o mundo esperava que fosse o seu pretendente bem-sucedido; e, em relação à sua ambição de autor, ele se apoiava na sua jovem confiança e veneração, deleitando-se em encorajá-lo; ele também gostava de despertar em Dorothea o seu novo interesse pela escuta; ao falar com ela, sua atuação e intenção demonstravam a confiança do pedagogo, liberando-se momentaneamente daquele gélido público ideal que lotava suas infrutíferas horas laboriosas com a pressão vaporosa das sombras do inferno.

Pois, para Dorothea, depois daquela história do mundo de brinquedo adaptada às moças que constituíra a maior parte da sua educação, a conversa de Mr. Casaubon sobre sua grande obra estava repleta de novas perspectivas; e essa revelação, essa surpresa diante de uma introdução mais próxima aos estoicos e alexandrinos, como pessoas cujas ideias não eram totalmente diferentes das suas, mantinham em suspenso, por algum tempo, sua ansiedade natural por uma teoria sólida que pudesse trazer à sua própria vida e doutrina uma conexão estrita com

aquele passado surpreendente, e dar às fontes mais remotas de conhecimento alguma influência sobre suas ações. Este ensino mais completo viria com o tempo... Mr. Casaubon lhe explicaria tudo. Ela esperava seu casamento com a mesma ansiedade que aguardava uma iniciação mais elevada sobre as ideias, mesclando suas confusas expectativas com vagas concepções das duas coisas. Seria um grande erro supor que Dorothea se interessava por qualquer aspecto da sabedoria de Mr. Casaubon como simples habilidade, pois embora a opinião na vizinhança de Freshitt e Tipton a declarasse inteligente, esse epíteto não a teria descrito em círculos, cujo vocabulário mais preciso e inteligente implicasse simplesmente em mera aptidão para saber e fazer, independentemente do caráter. Todo o seu anseio pela aquisição de conhecimento residia na plena corrente de motivações compreensíveis, nas quais suas ideias e impulsos discorriam normalmente. Ela não queria se adornar apenas com conhecimento e usá-lo livre dos nervos e do sangue que alimentavam suas ações, e se ela tivesse escrito um livro, o teria feito como Santa Tereza, sob o comando de uma autoridade que forçava sua consciência. Mas ela ansiava por algo, pelo qual sua vida pudesse ser preenchida com ações ao mesmo tempo racionais e ardentes, um objetivo de vida, e como já se passara o tempo de visões alentadoras e dos guias espirituais, visto que a oração aumentava o desejo, mas não a instrução, que lâmpada havia senão o conhecimento? Certamente os homens eruditos guardavam o único azeite, e quem seria mais sábio do que Mr. Casaubon para ser seu guia?

Assim, durante essas breves semanas, a alegre e grata expectativa de Dorothea foi ininterrupta, e por mais que seu noivo pudesse ocasionalmente estar consciente de sua monotonia, ele nunca poderia imputá-la a qualquer diminuição de seu interesse afetuoso.

A estação era amena o suficiente para encorajar o projeto de estender a viagem de núpcias até Roma, e Mr. Casaubon estava ansioso porque desejava inspecionar alguns manuscritos no Vaticano.

– Eu ainda lamento que sua irmã não possa nos acompanhar – disse ele em uma manhã, algum tempo depois de se ter averiguado que Celia se opunha a ir e

que Dorothea não desejava levá-la. – Você passará muitas horas solitárias, Dorothea, pois serei obrigado a aproveitar o máximo de tempo durante nossa estada em Roma, e me sentiria mais livre se você tivesse uma companhia.

As palavras “eu me sentiria mais livre” irritaram Dorothea. Pela primeira vez, ao falar com Mr. Casaubon, ela corou de aborrecimento.

– O senhor deve ter me interpretado mal – disse ela – se acha que não dou valor ao seu tempo, se acha que não renunciaria voluntariamente a tudo o que possa impedi-lo de usá-lo para o melhor propósito.

– É muito amável da sua parte, minha querida Dorothea – disse Mr. Casaubon, sem notar que ela estava magoada –, mas se tivesse a companhia de uma dama, eu as deixaria sob os cuidados de um cicerone e assim poderíamos atingir dois propósitos no mesmo espaço de tempo.

– Eu imploro que o senhor não volte a esse assunto – disse Dorothea, com certa altivez. Porém, ela imediatamente pensou que deveria estar errada, voltou-se para ele e colocou sua mão sobre a dele, acrescentando em tom diferente: – Por favor, não fique preocupado comigo. Terei muito em que pensar quando estiver sozinha. E Tantripp será suficiente companhia para cuidar de mim. Eu não suportaria viajar com Celia, e ela ficaria arrasada.

Era hora de se vestir. Haveria um jantar naquela noite, o último oferecido em Tipton Grange como preparativo formal para o casamento, e Dorothea ficou satisfeita ao som da campainha, afastando-se imediatamente como se precisasse de mais preparação do que o normal. Ela estava envergonhada por sentir-se irritada por algum motivo que não conseguia definir nem para si mesma, pois embora não tivesse intenção de mentir, sua resposta não havia tocado a verdadeira ferida. As palavras de Mr. Casaubon foram bastante razoáveis, mas eram portadoras de uma vaga sensação de indiferença de sua parte.

– Certamente me encontro em um estado de espírito estranhamente egoísta – disse ela para si mesma. – Como posso ter um marido tão superior a mim sem saber que ele precisa menos de mim do que eu dele?

Tendo se convencido de que Mr. Casaubon estava totalmente certo, ela

recobrou a serenidade e, quando entrou na sala em seu vestido cinza-prata, o cabelo castanho-escuro repartido na frente e puxado para trás, em consonância com a ausência total de seu comportamento e expressão pela busca de um mero efeito, ela oferecia uma agradável imagem de serena dignidade. Às vezes, quando Dorothea se achava em companhia dos outros, parecia estar envolvida por um ar de repouso tão completo como se fosse uma imagem de Santa Bárbara observando o exterior de sua torre. Porém, esses intervalos de calmaria tornavam a energia da sua oratória e de suas emoções ainda mais notadas quando algum apelo externo a comovia.

Ela foi, naturalmente, o assunto de muitos comentários naquela noite, pois o grupo de convidados era numeroso e mais variado quanto à porção masculina do que qualquer outro jantar realizado em Tipton Grange desde que as sobrinhas de Mr. Brooke passaram a viver com ele; de modo que a conversa se dava em grupos de duas ou três pessoas, mais ou menos desarmônicos. Havia o recém-eleito prefeito de Middlemarch, que por acaso era um industrial; seu cunhado, o banqueiro filantrópico, que mandava tanto na cidade que uns o chamavam de metodista, outros de hipócrita, segundo os recursos de seu vocabulário, e havia também vários outros profissionais. Na verdade, Mrs. Cadwallader chegou a dizer que Mr. Brooke estava começando a prestar favores aos habitantes de Middlemarch, e que ela preferia os agricultores no jantar do dízimo, que bebiam despretensiosamente à saúde dela e não tinham vergonha dos móveis de seus avós. Pois naquela parte do país, antes que a reforma fizesse sua contribuição para o desenvolvimento da consciência política, havia uma distinção mais clara de classes e uma distinção mais obscura de partidos, de modo que os convites diversos de Mr. Brooke pareciam pertencer a essa negligência generalizada, que procedia de suas viagens desordenadas e do hábito de assimilar muita coisa na forma de ideias.

Quando Miss Brooke deixou a sala de jantar, já surgiu a oportunidade para alguns comentários sussurrados.

– Uma mulher muito bela, a Miss Brooke! Uma mulher extraordinária, por

Deus! – disse Mr. Standish, o velho advogado, que depois de tantos anos de preocupação com a pequena nobreza e suas terras, havia ele mesmo se convertido em proprietário, e empregava esta exclamação de maneira profunda, com a fala de um homem que ostenta uma boa posição.

As palavras pareciam ser dirigidas a Mr. Bulstrode, o banqueiro, mas este cavalheiro não gostava de vulgaridade e profanações, e limitou-se a fazer uma reverência. O comentário foi retomado, então, por Mr. Chichely, um solteirão de meia-idade e celebridade da caça, de tez parecida com a de um ovo de Páscoa, exímios cabelos cuidadosamente arrumados e um porte que sugeria a consciência de um aspecto distinto.

– Sim, mas não é o meu tipo de mulher: eu gosto de uma mulher que se aplica um pouco mais para nos agradar. Uma mulher deveria possuir um pouco de coquetismo. Os homens gostam de desafio. A mulher, quanto mais está contra você, melhor.

– Há alguma verdade nisso – disse Mr. Standish, disposto a ser cordial. – E, por Deus, geralmente é assim! Suponho que atenda a algum sábio propósito: a Providência as fez assim, não é mesmo, Bulstrode?

– Eu remeteria a coqueteria a alguma outra fonte – disse Mr. Bulstrode. – Estaria mais bem associada ao demônio.

– Sim, com certeza, deve haver um pequeno demônio em uma mulher – disse Mr. Chichely, cujos estudos sobre o belo sexo pareciam ter sido prejudiciais para sua teologia. – E eu gosto das loiras, com um belo porte e pescoço de cisne. Entre nós, a filha do prefeito é mais do meu gosto do que Miss Brooke ou Miss Celia. Se eu fosse me casar, escolheria Miss Vincy antes de qualquer uma delas.

– Bem, aí está, aí está – disse Mr. Standish, jocosamente. – Como podem ver, os homens de meia-idade triunfaram.

Mr. Chichely sacudiu a cabeça significativamente. Ele não iria sujeitar-se a ser aceito pela mulher que escolhesse.

Mrs. Vincy, que teve a honra de ser o ideal de Mr. Chichely, obviamente não estava presente, pois Mr. Brooke, com sua objeção habitual a ir longe demais,

não desejava que suas sobrinhas conhecessem a filha de um dono de fábrica de Middlemarch, a menos que fosse em um acontecimento público. A porção feminina do grupo não incluía ninguém a quem lady Chettam ou Mrs. Cadwallader pudessem se opor, pois Mrs. Renfrew, a viúva do coronel, não era apenas irrepreensível em termos de sua origem, mas também interessante com base em sua enfermidade, a qual intrigava os médicos, e parecia um caso em que um amplo conhecimento profissional talvez necessitasse do complemento do charlatanismo. Lady Chettam, que atribuía sua notável saúde a um licor amargo caseiro unido ao constante atendimento médico, participou com grande esforço de imaginação, do relato de Mrs. Renfrew dos seus sintomas e soube da assombrosa inutilidade em seu caso de todos os medicamentos fortificantes.

– Onde vai parar toda a força desses remédios, minha querida? – perguntou a gentil, mas majestosa viúva, voltando-se pensativa para Mrs. Cadwallader, quando alguém chamou a atenção de Mrs. Renfrew.

– Ela fortalece a doença – disse a esposa do reitor, mulher muito bem-nascida para não ser uma amadora em medicina. – Tudo depende da constituição: em algumas pessoas forma gases, em outras, um pouco de sangue ou um pouco de bile. Esta é a minha opinião sobre o assunto, e o que quer que tomem, é uma espécie de grão para o moinho.

– Nesse caso, ela deveria tomar remédios para reduzir... reduzir a doença, se a senhora estiver certa, minha querida. E eu acho que o que diz é razoável.

– Certamente é razoável. Pegue duas espécies de batatas, cultivadas no mesmo solo. Uma delas fica aguada...

– Claro! Como a pobre Mrs. Renfrew... é o que eu acho. Hidropisia! Ainda não há inchaço, é interno. Eu diria que ela deveria tomar remédios secantes, não acha? Um banho de ar seco e quente. Muitas coisas podem ser tentadas, de uma natureza secante.

– Deixe-a experimentar os panfletos de uma certa pessoa – disse Mrs. Cadwallader em voz baixa, vendo os cavalheiros entrarem. – Ele não precisa ficar mais seco.

– Quem, minha querida? – perguntou lady Chettam, uma mulher encantadora, não suficientemente ágil a ponto de anular o prazer da explicação.

– O noivo, Casaubon. Ele certamente tem secado mais rápido desde o noivado: a chama da paixão, eu suponho.

– Eu diria que está muito longe de ter uma boa constituição – opinou lady Chettam, com voz ainda mais baixa. – E ainda tem os seus estudos, tão áridos, como a senhora diz.

– Realmente, ao lado de Sir James, ele parece uma caveira escalpelada para a ocasião. Guarde minhas palavras: dentro de um ano aquela garota vai odiá-lo. Ela o vê como um oráculo agora, e com o tempo estará no outro extremo. É tudo capricho!

– Que horrível! Temo que ela seja teimosa. Mas, diga, a senhora o conhece bem, há algo de ruim sobre ele? Qual é a verdade?

– A verdade? Ele é tão ruim quanto remédio errado, desagradável de tomar e ainda faz mal.

– Não poderia haver nada pior do que isso – disse lady Chettam, com uma concepção tão vívida sobre medicamentos, que parecia ter aprendido algo muito concreto a respeito das desvantagens de Mr. Casaubon. – No entanto, James não quer ouvir falar nada contra Miss Brooke. Ele ainda diz que ela é um espelho para as mulheres.

– Esta é uma bela invenção da parte dele. Ele estaria melhor com a minha pequena Celia, e ela o aprecia. Espero que a senhora aprove minha pequena Celia.

– Certamente, ela gosta de gerânios e parece mais dócil, embora não tenha uma figura tão bela. Mas estávamos falando de remédios; o que sabe sobre este novo médico, Mr. Lydgate? Disseram que é assustadoramente inteligente. Ele certamente parece ser, muito bom semblante.

– É um cavalheiro. Eu o ouvi conversando com Humphrey. Ele fala muito bem.

– Sim. Mr. Brooke diz que ele é um dos Lydgates de Northumberland, gente

muito bem relacionada, o que é inesperado para um médico desse tipo. De minha parte, prefiro um médico mais em pé de igualdade com os serviçais, eles são normalmente mais espertos. Eu lhe garanto que sempre achei o julgamento do pobre Hicks infalível. Eu nunca achei que estivesse errado. Ele era rude e parecia um açougueiro, mas conhecia minha constituição. Para mim foi uma grande perda ele partir tão repentinamente. Nossa, que conversa animada Miss Brooke parece estar tendo com esse Mr. Lydgate!

– Eles estão conversando sobre alojamentos e hospitais – disse Mrs. Cadwallader, cujos ouvidos e poder de interpretação eram rápidos. – Acredito que ele é uma espécie de filantropo, então Brooke, com certeza, vai protegê-lo.

– James – disse lady Chettam quando o filho se aproximou –, traga Mr. Lydgate e nos apresente. Quero testá-lo.

A afável viúva declarou estar encantada com a oportunidade de conhecer Mr. Lydgate, tendo ouvido falar do seu sucesso no tratamento da febre de uma nova maneira.

Mr. Lydgate possuía o talento médico de parecer perfeitamente sério, qualquer que fosse a bobagem que lhe fosse dirigida, e seus olhos escuros e firmes lhe proporcionavam uma imponência como ouvinte. Não se parecia nada com o lamentado Hicks, especialmente quanto a um certo descuidado refinamento de sua pessoa e sua elocução. Mesmo assim, lady Chettam ganhou sua confiança. Ele confirmou a opinião dela sobre a peculiaridade da própria constituição, admitindo que todas as constituições poderiam ser denominadas peculiares e sem negar que a dela pudesse ser mais peculiar do que as outras. Ele não estava de acordo com um sistema muito debilitador, incluindo as sangrias imprudentes, assim como o abuso do vinho do porto e do quinino. Ele dizia “creio que sim” com um ar de tanta deferência acompanhado da sua concordância com o diagnóstico, que ela formou a opinião mais cordial sobre seus talentos.

– Estou muito satisfeita com seu protegido – disse ela a Mr. Brooke antes de ir embora.

– Meu protegido? Meu Deus! Quem é esse? – perguntou Mr. Brooke.

– Esse jovem Lydgate, o novo médico. Ele me parece compreender admiravelmente sua profissão.

– Ah, Lydgate! Ele não é meu protegido. Eu apenas conheço um tio dele que me enviou uma carta falando sobre ele. No entanto, acho que deve ser um médico de primeira; estudou em Paris, conheceu Broussais,[44] tem ideias, sabe? Quer dignificar a profissão.

– Lydgate tem muitas ideias, bastante novas, sobre ventilação e dieta, esse tipo de coisas – continuou Mr. Brooke, depois de despedir-se de lady Chettam e se dispor a ser cortês com um grupo de moradores de Middlemarch.

– Espere, o senhor acha que isso é sensato? Mexer com os antigos tratamentos que fizeram dos ingleses o que são hoje? – perguntou Mr. Standish.

– O conhecimento médico está em declínio entre nós – disse Bulstrode, que falava em um tom moderado e tinha um aspecto bastante doentio. – Da minha parte, saúdo a chegada de Mr. Lydgate. Espero encontrar bons motivos para lhe confiar a administração do novo hospital.

– Está muito bem – respondeu Mr. Standish, que não gostava de Mr. Bulstrode, –, se o senhor aprova que ele faça experimentos com seus pacientes do hospital e mate algumas pessoas por caridade, não tenho nenhuma objeção. Mas não vou tirar dinheiro da minha carteira para que experimentos sejam feitos em mim. Eu gosto de tratamentos que já foram testados.

– Bem, Standish, você sabe que cada dose que toma é um experimento, um experimento, sabe? – disse Mr. Brooke, acenando com a cabeça em direção ao advogado.

– Bem, nesse sentido... – disse Mr. Standish, com tanta repugnância diante de tais sutilezas não jurídicas quanto um homem pode manifestar em relação a um cliente valioso.

– Eu ficaria satisfeito com qualquer tratamento que pudesse me curar sem me reduzir a um esqueleto, como o pobre Grainger – disse Vincy, o prefeito, um homem corado, que teria servido para um estudo da carne em notável contraste

com os matizes franciscanos de Mr. Bulstrode. – É muito perigoso deixar alguém sem qualquer proteção contra os golpes da doença, como alguém já disse... e eu também a considero uma expressão muito boa.

Mr. Lydgate, é claro, estava muito longe para ouvir essa conversa. Ele havia abandonado o grupo mais cedo e teria achado tudo muito tedioso não fosse a novidade de certas apresentações, em especial, a apresentação de Miss Brooke, cujo vigor juvenil, em conjunto com seu casamento à vista com aquele decrépito intelectual, e seu interesse por assuntos de utilidade social, dotavam-na de um encanto e uma combinação incomuns.

Ela é uma boa pessoa, uma bela moça, mas um pouco séria demais, pensou ele. *É difícil conversar com essas mulheres. Elas estão sempre querendo motivos, mas são muito ignorantes para entender os méritos de qualquer pergunta e geralmente recorrem ao seu senso moral para resolver as coisas a seu modo.*

Era evidente que Miss Brooke não era o tipo de mulher que agradaria Mr. Lydgate mais do que a Mr. Chichely. Na verdade, considerada em relação ao último, cuja mente estava amadurecida, ela era um erro completo, pois para ele mulher deveria se exibir um pouco para agradar um homem, sobretudo não deveria ter opiniões tão pragmáticas. Culminando que ela o deixara intrigado ao escolher para si um noivo como aquele intelectual de cara empolada. Mas Lydgate era menos maduro e talvez ainda viesse a ter experiências que pudessem modificar sua opinião quanto à excelência nas mulheres.

No entanto, Miss Brooke não foi vista novamente por nenhum desses cavalheiros com seu nome de solteira. Pouco depois daquele jantar, ela havia se tornado Mrs. Casaubon e estava a caminho de Roma.

CAPÍTULO XI

“Mas as ações e a linguagem do homem,
E os personagens escolhidos pela comédia,
Quando tiver a intenção de exibir a imagem de uma época,
E divertir-se com insensatez, não com os delitos humanos.”
– BEM JONSON

Na verdade, Lydgate já estava consciente da fascinação que sobre ele exercia uma mulher notavelmente diferente de Miss Brooke. Em absoluto, ele supunha que havia perdido o equilíbrio e se apaixonado, mas ponderou sobre aquela mulher em particular: *Ela é a personificação da graça; é perfeitamente adorável e talentosa. É exatamente o que uma mulher deveria ser; é como a sensação de uma música requintada*. Ele comparava as mulheres sem beleza às duras realidades da vida, algo para ser confrontado com a filosofia e investigado pela ciência. Porém, Rosamond Vincy parecia possuir o verdadeiro encanto melódico, e quando um homem vislumbra a mulher que teria escolhido, caso tivesse a intenção de se casar rapidamente, o fato de permanecer solteiro geralmente dependeria mais da vontade dela do que da dele. Lydgate acreditava que não deveria se casar por vários anos, até que tivesse trilhado um caminho bom e claro à margem da longa estrada que lá existia. Ele enxergara Miss Vincy em seu horizonte quase ao mesmo tempo em que Mr. Casaubon havia demorado para ficar noivo e se casar. No entanto, este cavalheiro erudito possuía uma fortuna, havia acumulado suas volumosas notas e conquistado aquele tipo de reputação que precede às realizações, e que muitas vezes constituem a maior parte da fama de um homem. Ele tomou uma esposa, como vimos, para adornar o quadrante final de seu percurso e para ser uma pequena lua que dificilmente causaria uma

perturbação calculável. Mas Lydgate era jovem, pobre, ambicioso. Ele tinha meio século pela frente, não para trás, e havia se mudado para Middlemarch empenhado em fazer muitas coisas que não se ajustavam diretamente com a possibilidade de conseguir fazer fortuna, ou mesmo lhe garantir um bom rendimento. Para um homem em tais circunstâncias, tomar uma esposa é algo mais do que uma questão de adorno, por mais importância que ele dê ao fato, e Lydgate estava disposto a lhe dar o primeiro lugar entre as funções de esposa. Para o seu gosto, guiado por uma única conversa, este era o ponto em que Miss Brooke seria considerada deficiente, apesar de sua beleza inegável: ela não considerava as coisas pelo ângulo feminino adequado. A companhia de tais mulheres era tão relaxante quanto sair do trabalho para dar aulas para o segundo ano, em vez de reclinar-se em um paraíso com risadas doces como notas de pássaros e olhos azuis como o céu.

Naturalmente, naquele momento, nada poderia parecer menos importante para Lydgate do que a mudança de opinião de Miss Brooke, ou para Miss Brooke descobrir as qualidades da mulher que havia atraído o jovem cirurgião. Porém, qualquer um que observe com atenção a furtiva convergência dos destinos humanos vê uma lenta preparação dos efeitos de uma vida sobre a outra, o que se revela, como uma ironia calculada, na indiferença ou no gélido olhar com os quais observamos nosso vizinho que acabaram de nos apresentar. O destino aguarda, sarcástico, com nossas *dramatis personae*[45] escondidas em suas mãos.

A velha sociedade provinciana teve sua participação neste movimento sutil; não apenas suas quedas marcantes, seus jovens e brilhantes dândis profissionais que acabavam experimentando uma vida monótona com seis filhos para seu estabelecimento, mas também aquelas vicissitudes menos marcantes que estão constantemente mudando os limites das relações sociais, e gerando uma nova consciência de interdependência. Alguns escorregaram um pouco e foram rebaixados, e há quem obtivesse uma posição mais elevada; algumas pessoas prescindiam de aspirações, outras alcançaram riqueza. Alguns cavalheiros

meticulosos se apresentaram nas eleições locais; alguns foram apanhados nas correntes políticas, outros pelas correntes eclesiásticas, e talvez de forma surpreendente se encontrassem agrupados como consequência. Alguns indivíduos ou famílias, que se mantiveram firmes como rocha em meio a toda essa flutuação, a despeito da solidez, foram lentamente apresentando novos aspectos entre observador e ator. Os municípios e as zonas rurais foram gradualmente estabelecendo novas conexões, à medida que o velho pé de meia dava lugar ao banco e o culto ao ouro da Guiné[46] fora extinto, enquanto escudeiros, baronetes, e até os lordes que outrora haviam vivido inocentemente longe da mente cívica, começavam a perceber as falhas de um relacionamento mais próximo. Os forasteiros também vinham de condados distantes, alguns com alarmantes novidades em suas habilidades, outros com ofensivas vantagens com sua astúcia. Na verdade, havia na velha Inglaterra um tipo de movimento e de mistura muito parecidos com o que encontramos no antigo Heródoto, que também, ao contar o que havia acontecido, acreditou que seria oportuno tomar como ponto de partida o destino das mulheres, embora Io,[47] a donzela aparentemente seduzida por mercadorias atraentes, fosse o oposto de Miss Brooke e, a esse respeito, talvez tivesse mais semelhança com Rosamond Vincy, que possuía um excelente gosto para se vestir, com a figura de ninfa e pureza da tez que proporciona a maior variedade de escolha na confecção e cor do traje. No entanto, essas coisas eram apenas parte do seu charme. Ela havia sido considerada a flor da escola de Mrs. Lemon, a principal escola do condado, onde o ensino incluía tudo o que era exigido de uma mulher talentosa, estendendo-se a algumas atividades extras como entrar e sair de uma carruagem. A própria Mrs. Lemon sempre citava Miss Vincy como exemplo: nenhuma aluna, dizia ela, superava aquela jovem em aquisição mental e correção linguística; sobretudo, sua execução musical era extraordinária. Não podemos evitar a maneira como as pessoas falam de nós e, provavelmente, se Mrs. Lemon tivesse se empenhado em descrever Julieta ou Imogen,[48] essas heroínas não teriam parecido tão poéticas, mas entre a maioria dos juízes, a primeira visão de Rosamond seria suficiente

para dissipar qualquer preconceito gerado pelos elogios de Mrs. Lemon.

Lydgate não poderia ficar muito tempo em Middlemarch sem desfrutar desta agradável visão, ou mesmo sem conhecer a família Vincy, pois embora Mr. Peacock, a quem havia pagado uma quantia para ocupar seu consultório, não fosse o médico da família (Mrs. Vincy não gostava do seu sistema de debilitação), ele contava entre sua clientela com muitos de seus pacientes e conhecidos. Pois, quem de alguma importância em Middlemarch não estava relacionado ou ao menos conhecia os Vincys? Eles eram antigos comerciantes e desfrutavam de uma boa casa há três gerações, durante as quais naturalmente houve muitos casamentos mistos com vizinhos mais ou menos declaradamente refinados. A irmã de Mr. Vincy tinha feito um bom casamento ao aceitar Mr. Bulstrode, o qual, no entanto, como um homem que não havia nascido na cidade e de origem completamente desconhecida, se considerava afortunado pela sua união com uma autêntica família de Middlemarch. Por outro lado, Mr. Vincy tinha sido um pouco rebaixado ao casar-se com a filha de um estalajadeiro. Mas também deste lado havia uma animadora sensação de dinheiro, pois a irmã de Mrs. Vincy fora a segunda esposa do velho rico Mr. Featherstone e morrera sem filhos anos antes, deixando para seus sobrinhos e sobrinhas o afeto do viúvo. O destino quis que Mr. Bulstrode e Mr. Featherstone, dois dos pacientes mais importantes de Peacock, por razões distintas, oferecessem uma recepção excepcionalmente boa ao seu sucessor, a quem havia suscitado um certo partidarismo, tanto adesões quanto discussões.

Mr. Wrench, médico da família Vincy, logo teve motivos para considerar levianamente a discrição profissional de Lydgate, e não havia comentário sobre ele que não fosse relatado na casa dos Vincys, onde os visitantes eram frequentes. Mr. Vincy estava mais inclinado às boas relações em geral do que a tomar partido, mas não havia necessidade de precipitar-se para conhecer ninguém, porém Rosamond silenciosamente desejava que seu pai convidasse Mr. Lydgate. Ela estava cansada dos rostos e das figuras aos quais estava acostumada, dos perfis irregulares, do caminhar e das expressões que

caracterizavam aqueles jovens de Middlemarch a quem ela conhecia desde meninos. Ela tinha estado na escola com meninas de posição superior, cujos irmãos, ela tinha certeza, teria considerado mais interessantes do que esses inevitáveis companheiros de Middlemarch. Mas ela não queria mencionar seu desejo ao pai, e ele, por sua vez, não tinha pressa no assunto. Um vereador, prestes a se tornar prefeito, deveria, com o tempo, aumentar o número de convidados para seus jantares, mas no momento havia convidados suficientes em sua bem-servida mesa.

Muitas vezes, a mesa permanecia coberta com os restos do café da manhã familiar muito depois de Mr. Vincy ter ido com seu segundo filho para o armazém, ou até mesmo Mrs. Morgam já estar avançada com as aulas matinais para as meninas mais novas. Ela aguardava o retardatário da família, para quem qualquer tipo de inconveniência (para os outros) era menos desagradável do que levantar-se quando era chamado. Foi o que aconteceu em uma manhã de outubro –, na mesma data em que vimos Mr. Casaubon visitar Tipton Grange. No caso da casa dos Vincys, e embora a sala estivesse um pouco superaquecida pelo fogo – o que havia enviado o Spaniel ofegante para um canto remoto –, Rosamond, por algum motivo, continuou sentada com seu bordado por mais tempo do que o usual, estremecendo-se de tempos em tempo e deitando seu trabalho no joelho para contemplá-lo com ar de tédio. Sua mãe, que havia retornado de uma excursão à cozinha, sentou-se do outro lado da pequena mesa de trabalho com um ar da mais completa serenidade, até que, quando o relógio avisou que ia bater, ela ergueu os olhos da renda que tinha nas mãos e tocou a campainha.

– Bata na porta de Mr. Fred novamente, Pritchard, e diga que já são dez e meia.

As palavras foram ditas sem nenhuma mudança no radiante bom humor do rosto de Mrs. Vincy, no qual quarenta e cinco anos não haviam esculpido nem ângulos nem rugas. Ela puxou para trás as tiras rosas do seu gorro e descansou o trabalho em seu colo, enquanto olhava com admiração para a filha.

– Mamãe – disse Rosamond –, quando Fred descer, gostaria que a senhora

não o deixasse comer arenques vermelhos. Não suporto o cheiro que deixam por toda a casa a esta hora da manhã.

– Oh, minha querida, você é tão dura com seus irmãos! É a única falha que encontro em você. Seu temperamento é o mais doce do mundo, mas você sempre se irrita com os seus irmãos.

– Não é irritação, mamãe; a senhora nunca me ouvirá falar de forma inapropriada para uma dama.

– Bem, mas você quer negar coisas a eles.

– Irmãos são tão desagradáveis.

– Oh, minha querida, você deve desculpar os jovens. Dê graças se eles tiverem bom coração. Uma mulher deve aprender a tolerar as pequenas coisas da vida. Você vai se casar algum dia.

– Não com alguém que se pareça com Fred.

– Não critique seu próprio irmão, minha querida. Poucos jovens têm algo a dizer contra ele, embora ele não tenha se formado, não consigo entender o porquê, pois ele me parece muito inteligente. Como você bem sabe, ele foi considerado igual ao que havia de melhor na universidade. Por mais exigente que seja, minha querida, me surpreende que não esteja feliz por ter um jovem cavalheiro como irmão. Você está sempre criticando o Bob porque ele não é como o Fred.

– Oh, não, mamãe, é só porque ele é o Bob.

– Bem, minha querida, você não vai encontrar um jovem em Middlemarch contra o qual não haja alguma coisa a criticar.

– Mas... – o rosto de Rosamond se abriu em um sorriso que, de repente, revelou duas covinhas. Ela mesma via com desagrado essas covinhas e sorria pouco quando tinha companhia. – Eu não vou me casar com nenhum jovem de Middlemarch.

– É o que parece, meu amor, pois você praticamente recusou a melhor colheita deles; e se há alguém melhor, estou certa de que nenhuma moça mereça mais do que você.

– Perdão, mamãe, gostaria que não dissesse “a melhor colheita deles”.

– Por que, o que mais eles são?

– Quero dizer, mamãe, é uma expressão um tanto vulgar.

– Muito provavelmente, querida; nunca fui uma boa oradora. O que devo dizer?

– Os melhores.

– Ora, isso parece tão simples e comum. Se eu tivesse tido tempo para pensar, teria dito “os rapazes mais superiores”. Mas com a sua educação, você deve saber melhor.

– O que Rosy deve saber melhor, mãe? – perguntou Mr. Fred, que entrara sem ser visto pela porta entreaberta enquanto as damas se debruçavam sobre o trabalho, e agora aproximava-se do fogo e ficava de costas para ele, esquentando as solas dos chinelos.

– Se é certo dizer “rapazes superiores” – disse Mrs. Vincy, enquanto tocava a sineta.

– Oh, há tantos chás e açúcares superiores hoje em dia. Superior está se tornando um dialeto entre os lojistas.

– Você está começando a não gostar de dialetos, então? – disse Rosamond, com moderada gravidade.

– Apenas os inapropriados. Toda escolha de palavras é um dialeto. Define uma classe social.

– Existe um inglês correto: isso não é dialeto.

– Perdão: o inglês correto é um dialeto de pedantes que escrevem histórias e ensaios. E o dialeto mais difícil de todos é o dialeto dos poetas.

– Você é capaz de dizer qualquer coisa, Fred, só para ter razão.

– Bem, diga se é dialeto ou poesia chamar um boi de trançador de pernas.

– É claro que você pode chamar de poesia, se quiser.

– Ah, Miss Rosy, a senhorita não sabe reconhecer um dialeto jônico. Vou inventar um novo jogo: vou escrever partes de dialetos e de poesia em tiras de papel para você separar – ele riu.

– Minha nossa, como é divertido ouvir os jovens falarem! – disse Mrs. Vincy, com alegre admiração.

– Não tem mais nada para o meu café da manhã, Pritchard? – perguntou Fred ao criado que trouxe café e torradas com manteiga, enquanto caminhava ao redor da mesa examinando o presunto, a carne e outros restos frios, com um ar de rejeição silenciosa e contendo educadamente qualquer sinal de repugnância.

– O senhor gostaria de ovos, senhor?

– Ovos, não! Traga-me uma costeleta grelhada.

– Na verdade, Fred – disse Rosamond, quando o criado deixou a sala –, se você aprecia coisas quentes no café da manhã, deve se levantar mais cedo. Você pode se levantar às seis horas para caçar; não entendo por que acha tão difícil se levantar nas outras manhãs.

– Esta é a sua falta de compreensão, Rosy. Posso me levantar para ir caçar porque gosto de caçar.

– O que você pensaria de mim se eu descesse duas horas depois de todos os outros e pedisse costeleta grelhada?

– Pensaria que você é uma jovem inusitadamente forte – disse Fred, comendo sua torrada com a maior compostura.

– Não vejo razão para que os irmãos tenham que se mostrar mais desagradáveis do que as irmãs.

– Eu não me mostro desagradável. É você quem me considera desagradável. Desagradável é uma palavra que descreve os seus sentimentos e não minhas ações.

– Eu acho que descreve o cheiro de costeleta grelhada.

– Em absoluto. Descreve uma sensação no seu narizinho associada a certas ideias delicadas que são típicas da escola de Mrs. Lemon. Olhe para minha mãe; você não a vê fazendo objeções a tudo, exceto ao que ela mesma faz. Ela representa a minha ideia de uma mulher agradável.

– Que Deus os abençoe, meus queridos, e não briguem mais – disse Mrs. Vincy, com cordialidade maternal. – Vamos, Fred, conte-nos tudo sobre o novo

médico. O seu tio está satisfeito com ele?

– Muito, eu acho. Ele faz todo tipo de pergunta a Lydgate e então contorce o rosto enquanto ouve as respostas, como se alguém estivesse beliscando seus dedos do pé. Esse é o jeito dele. Ah, aí vem minha carne grelhada.

– Mas, por que você ficou fora até tão tarde, meu querido? Você disse que só estava indo na casa do seu tio.

– Ah, eu jantei na casa do Plymdale. Nós jogamos uíste.[49] Lydgate estava lá também.

– E o que você acha dele? Suponho que seja um cavalheiro. Dizem que é de excelente família, e seus parentes são gente muito distinta.

– Sim – disse Fred. – Havia um Lydgate na universidade que gastava muito dinheiro. Acho que é seu primo em segundo grau. Mas os homens ricos podem ter pobres diabos como primos em segundo grau.

– Mas sempre faz diferença ser de boa família – disse Rosamond, com um tom decidido que demonstrava que ela havia pensado sobre o assunto. Ela sentia que poderia ter sido mais feliz se não fosse filha de um industrial de Middlemarch. Ela não gostava de qualquer coisa que a lembrasse que o pai de sua mãe tinha sido um estalajadeiro. E, certamente, qualquer pessoa que se lembrasse do fato poderia pensar que Mrs. Vincy tinha o ar de uma taberneira muito bonita e bem-humorada, acostumada às ordens de cavalheiros mais caprichosos.

– Achei estranho o nome dele ser Tertius – disse a matrona de rosto alegre –, mas é claro, deve ser um nome de família. Agora, diga exatamente como ele é.

– Bem, é alto, moreno, inteligente, fala bem; um tanto pedante, creio eu.

– Eu nunca entendo o que você quer dizer com pedante – disse Rosamond.

– Um sujeito que faz questão de mostrar que tem opiniões.

– Ora, meu querido, os médicos devem ter opiniões – disse Mrs. Vincy. – Por qual outro motivo estariam lá?

– Sim, mãe, as opiniões pelas quais eles são pagos. Mas um pedante é um sujeito que está sempre dando suas opiniões de graça.

– Suponho que Mary Garth admire Mr. Lydgate – disse Rosamond, com um toque cheio de segundas intenções.

– Na verdade, eu não sei dizer – disse Fred, um tanto taciturno. Ele deixou a mesa e jogou-se em uma poltrona com um romance que trouxera consigo. – Se está com ciúmes dela, deveria ir a Stone Court com mais frequência para eclipsá-la.

– Eu gostaria que você não fosse tão vulgar, Fred. Se já terminou, toque a sineta, por favor.

– Porém, é verdade o que seu irmão diz, Rosamond – começou Mrs. Vincy, depois que o criado limpou a mesa. – É uma pena que você não tenha paciência para ver mais o seu tio, tão orgulhoso de você como ele é, e queria que você morasse com ele. Não há como saber o que ele poderia ter feito por você e por Fred. Deus sabe como gosto de ter você em casa comigo, mas posso me separar de meus filhos se for para o bem deles. E agora, é lógico que seu tio Featherstone fará algo por Mary Garth.

– Mary Garth suporta ficar em Stone Court porque ela gosta mais disso do que de ser governanta – disse Rosamond, dobrando o seu trabalho. – Preferiria que ele não me deixasse nada, se para merecê-lo eu tivesse que suportar a tosse e os amigos feios de meu tio.

– Ele não pode se demorar muito neste mundo, minha querida. Eu não precipitaria o seu fim, mas com asma e aquela enfermidade interna, vamos torcer para que algo melhor esteja lhe aguardando no outro lado. Não é que eu tenha algum rancor contra Mary Garth, mas devemos pensar na justiça. A primeira esposa de Mr. Featherstone não lhe trouxe nenhum dinheiro, como minha irmã fez. Seus sobrinhos e sobrinhas não podem ter tantos direitos quanto os de minha irmã. E devo admitir que acho Mary Garth uma moça terrivelmente simples, mais adequada para uma governanta.

– Nem todos concordariam com a senhora nesse ponto, mãe – disse Fred, que parecia saber ler e ouvir ao mesmo tempo.

– Bem, meu querido – disse Mrs. Vincy, virando-se com habilidade –, se ela

tivesse herdado alguma fortuna... um homem também se casa com os parentes de sua esposa, e os Garth são muito pobres, vivem da maneira mais simples. Mas eu devo deixá-lo com seus estudos, meu querido, tenho que fazer algumas compras.

– Os estudos de Fred não são muito profundos – disse Rosamond, levantando-se com a mãe –, ele está apenas lendo um romance.

– Bem, bem, em breve ele vai aprender latim e coisas assim – disse Mrs. Vincy, suavemente, enquanto acariciava a cabeça do filho. – O fogo está aceso na sala de fumantes de propósito, para que você leia. Você sabe, Fred, meu querido, é o desejo do seu pai, e eu sempre lhe digo que você vai se sair bem e voltar para a universidade para se graduar.

Fred levou a mão da mãe aos lábios, mas não disse nada.

– Suponho que não vai cavalgar hoje? – perguntou Rosamond, demorando-se um pouco depois que sua mãe se foi.

– Não, por quê?

– Papai disse que eu posso montar o alazão.

– Você pode ir comigo amanhã, se quiser. Mas lembre-se de que eu vou para Stone Court.

– Quero tanto cavalgar que é indiferente para onde vamos – disse Rosamond, que realmente desejava ir a Stone Court mais do que a qualquer outro lugar.

– Espere, Rosy – disse Fred, quando ela estava saindo da sala –, se você vai tocar o piano, deixe-me acompanhá-la com a flauta.

– Por favor, não nesta manhã.

– Por que não nesta manhã?

– Na verdade Fred, eu gostaria que você abandonasse a flauta. Um homem parece ridículo tocando flauta. E você é muito desafinado.

– Na próxima vez em que um homem a cortejar, Miss Rosamond, eu direi a ele como você é amável.

– Por que deveria esperar que eu fosse gentil com você, ouvindo-o tocar sua flauta desafinada, mais do que esperar que você fosse gentil comigo não a tocando?

– E por que você deveria esperar que eu a levasse para passear?

A pergunta provocou um acordo, pois Rosamond, em particular, estava determinada a fazer aquele passeio.

Assim, Fred desfrutou de cerca de uma hora de "*Ar Hyd y Nos*", "*Ye Banks and Braes*,[50] e outras das favoritas do seu "Instrutor de Flauta", uma performance ofegante, na qual ele colocava muita ambição e uma esperança irreprimível.

CAPÍTULO XII

“Ele tinha mais lã na sua roca de fiar do que Gerveis imaginava.”
– CHAUCER

O passeio a Stone Court que Fred e Rosamond fizeram na manhã seguinte passou por um belo segmento da paisagem do coração da Inglaterra, formado quase na sua totalidade por prados e pastos, com sebes que ainda podiam crescer em frondosa beleza e espalhar seus frutos vermelhos para os pássaros. Alguns detalhes conferiam a cada campina uma fisionomia particular, tão cara aos olhos que a observavam desde a infância: a lagoa em uma extremidade, onde a grama era úmida e as árvores se inclinavam sussurrantes; o enorme carvalho sombreando um lugar vazio no meio do pasto; a margem alta onde cresciam os freixos; a súbita inclinação do antigo terreno de marga formando um fundo vermelho para a bardana; as medas e os telhados da quinta num amontoado confuso, sem caminho de acesso; o portão e as cercas acinzentados contrastando com as profundezas do bosque adjacente; a cabana isolada com seu velho telhado de palha repleto de ondulações cobertas de musgos e surpreendentes modulações de luz e sombra, como aquelas que, no decorrer de muitos anos, viajamos muito para ver, e quando vemos são maiores, mas não mais belas. Estes são os elementos que compõem a gama de alegrias na paisagem para as almas criadas no interior, paisagens em meio as quais os irmãos cavalgavam agora, despreocupadamente segurando as rédeas; talvez porque as conheciam de memória, pois sempre estiveram ali e suas mentes se acostumaram a elas.

Mas a estrada, até mesmo o desvio, era excelente, pois Lowick, como vimos, não era um condado de ruas lamacentas e inquilinos pobres, e foi no condado de Lowick que Fred e Rosamond entraram depois de cavalgar alguns quilômetros.

Mais uma milha os levaria a Stone Court, e no final da primeira metade, a casa já era visível, parecendo ter sido interrompida em seu crescimento até tornar-se uma mansão de pedra por um inesperado florescer de edificações agrícolas em seu flanco esquerdo, o que a havia impedido de tornar-se algo mais do que a residência sólida de um fazendeiro distinto. Mas a distância, o aglomerado de medas de palha de milho, que equilibrava a bela alameda de nogueiras à direita, não a tornava um objeto menos agradável.

Logo foi possível discernir algo que poderia ser uma carruagem na via semicircular em frente à porta frontal.

– Meu Deus – disse Rosamond –, espero que nenhum dos horríveis parentes do meu tio esteja aí.

– Mas eles estão. Aquela é a carruagem de Mrs. Waule, a última, a amarela à esquerda, creio eu. Quando vejo Mrs. Waule dentro dela eu entendo como o amarelo poderia ter sido usado para o luto. Essa carruagem me parece mais fúnebre do que um ataúde. Também, Mrs. Waule sempre veste crepe preto. Como ela consegue, Rosy? Não é possível que sempre tenha um parente morrendo.

– Eu realmente não sei. E ela não é nem um pouco evangélica – disse Rosamond, pensativamente, como se o ponto de vista religioso justificasse totalmente o crepe perpétuo. – E não é pobre – acrescentou ela, após uma pausa momentânea.

– Não, pelo rei George! Eles são tão ricos quanto judeus, esses Waules e Featherstones; quero dizer, para pessoas como eles, que não querem gastar nada. E ainda assim ficam rodeando meu tio como abutres, com medo de perder um centavo do seu lado da família. Mas eu acredito que ele odeia todos eles.

Mrs. Waule, que estava longe de ser admirável aos olhos desses parentes distantes, por acaso dissera naquela mesma manhã (não com um ar desafiador, mas em um tom baixo, abafado e neutro, como se a voz chegasse através de tecido de algodão), que ela não desejava “desfrutar do seu apreço”. Ela estava sentada, como observou, em frente à lareira de seu próprio irmão, e havia sido

Jane Featherstone durante vinte e cinco anos antes de converter-se em Jane Waule, o que a autorizava a falar quando o nome de seu próprio irmão era usado com liberdade por aqueles que não tinham o direito de fazê-lo.

– Aonde quer chegar? – perguntou Mr. Featherstone, segurando a bengala entre as pernas e ajeitando a peruca, enquanto dirigia à sua irmã um olhar rápido e penetrante, que parecia reagir a ele como uma lufada de ar frio que o fez tossir.

Mrs. Waule teve de adiar a resposta até que ele se calasse novamente, até que Mary Garth lhe trouxesse o xarope fresco e ele começasse a esfregar o castão de ouro da sua bengala, olhando para o fogo com amargura. Era um fogo forte, mas não alterava o tom arroxeado de aspecto frio do rosto de Mrs. Waule, que era tão neutro quanto sua voz, com meras fendas no lugar dos olhos e lábios que mal se moviam ao falar.

– Os médicos não conseguem controlar essa tosse, irmão. É exatamente como a minha, pois sou sua própria irmã, com a mesma constituição. Mas, como estava dizendo, é uma pena que a família de Mrs. Vincy não possa ser melhor conduzida.

– Hum! Você não disse nada disso. Disse que alguém tomou liberdades com o meu nome.

– Nada além do que pode ser provado, se o que todo mundo diz é verdade. Meu irmão Solomon me disse que a conduta do jovem Vincy é só o que se fala em Middlemarch, e que desde que voltou para casa não faz outra coisa além de apostar e jogar bilhar.

– Bobagem! Que mal há em um jogo de bilhar? É um bom jogo para cavalheiros, e o jovem Vincy não é um caipira. Agora, se o seu filho John começasse a jogar bilhar, ele sim faria papel de bobo.

– Seu sobrinho John nunca jogou bilhar ou qualquer outro jogo, irmão, e está longe de perder centenas de libras, as quais, se o que todo mundo diz é verdade, devem sair de outro lugar que não seja do bolso do velho Mr. Vincy. Pois dizem que ele está perdendo dinheiro há anos, embora ninguém imagine ao vê-lo caçando e mantendo a casa aberta como ele faz. E eu ouvi dizer que Mr.

Bulstrode censura Mrs. Vincy por sua superficialidade e por mimar os filhos.

– E eu com Bulstrode? Ele não é meu banqueiro.

– Bem, Mrs. Bulstrode é a irmã do próprio Mr. Vincy, e dizem que Mr. Vincy negocia principalmente com dinheiro do banco; julgue por si mesmo, irmão, o quanto é inconveniente para uma mulher com mais de quarenta anos usar tiras cor-de-rosa e ter aquele jeito fútil de rir de tudo. Mas satisfazer seus filhos é uma coisa, e encontrar dinheiro para pagar suas dívidas é outra. E dizem abertamente que o jovem Vincy levantou dinheiro com base nas expectativas que tem. Não digo quais são as expectativas. Miss Garth está ouvindo e pode contar o que sabe. Sei como são os jovens, vocês se conhecem.

– Não, obrigada, Mrs. Waule – disse Mary Garth. – Não gosto de ouvir escândalos e não pretendo repeti-los.

Mr. Featherstone esfregou o castão de sua bengala e deu uma breve demonstração convulsiva de riso, que tinha quase a mesma autenticidade que a risada de um velho jogador de uíste diante de uma mão ruim. Ainda olhando para o fogo, ele disse:

– E quem disse que Fred Vincy não tem expectativas? É muito provável que um sujeito tão bom e espirituoso as tenha.

Houve uma ligeira pausa antes de Mrs. Waule responder e, quando o fez, sua voz parecia ligeiramente umedecida com lágrimas, embora seu rosto ainda estivesse seco.

– Querendo ou não, irmão, é naturalmente doloroso para mim e para meu irmão Solomon ouvir seu nome sendo usado com tanta liberdade, sobretudo com essa sua condição que pode levá-lo de repente, e essas pessoas que não são mais Featherstones do que os palhaços da feira, falando abertamente quais das suas propriedades irão para eles. E eu, sendo sua própria irmã, e Solomon, seu irmão! E se for assim, para que o Todo Poderoso fez as famílias? – neste momento as lágrimas de Mrs. Waule caíram, ainda que com moderação.

– Vamos, diga de uma vez, Jane! – bradou Mr. Featherstone, olhando para ela. – Você quer dizer que Fred Vincy tem conseguido alguém que lhe adiante

dinheiro com base no que ele diz saber sobre o meu testamento, não é?

– Eu nunca disse isso, irmão! – a voz de Mrs. Waule tornou-se novamente seca e inabalável. – Quem me disse ontem à noite foi meu irmão Solomon, quando passou na minha casa na volta do mercado, isso para me aconselhar sobre o trigo velho, já que sou viúva e meu filho John tem apenas vinte e três anos, embora estável além de qualquer coisa. E ele ouviu da boca de uma fonte indiscutível, e não apenas uma, mas de várias.

– Bobagem! Não acredito em uma palavra. É pura invenção. Vá até a janela, mocinha, pensei ter ouvido um cavalo. Veja se é o médico quem está chegando.

– Não é invenção minha, irmão, tampouco de Solomon, que, seja como for, e eu não nego que ele tenha suas esquisitices, fez seu testamento e dividiu sua propriedade igualmente entre parentes e amigos; embora, de minha parte, acho que há momentos em que alguns devem ser considerados mais do que outros. Mas Solomon não faz segredos do que pretende fazer.

– Um perfeito tolo! – disse Mr. Featherstone, com alguma dificuldade. Ele teve um forte acesso de tosse que obrigou Mary Garth a ficar ao seu lado, e ela não pôde descobrir de quem eram os cavalos que pararam de pisar no cascalho diante da porta.

Antes que a tosse de Mr. Featherstone diminuísse, Rosamond entrou, vestindo seu traje de montaria com muita elegância. Ela curvou-se cerimoniosamente para Mrs. Waule, que disse rigidamente: – Como vai, senhorita? – a recém-chegada, percebeu a irritação da outra e riu em silêncio, acenou com a cabeça silenciosamente para Mary, e permaneceu de pé até que a tosse cessasse e que seu tio a notasse.

– Olá, menina – disse ele, por fim. – Que beleza de cor você traz. Onde está o Fred?

– Cuidando dos cavalos. Ele virá em seguida.

– Sente-se, sente-se. Mrs. Waule, é melhor ir agora.

Mesmo aqueles vizinhos que haviam chamado Peter Featherstone de velha raposa nunca o haviam acusado de ser falsamente educado, e sua irmã já estava

acostumada com a peculiar ausência de cerimônia com a qual ele tratava seus parentes consanguíneos. Na verdade, ela mesma estava acostumada a pensar que a necessidade de se comportar de maneira desagradável estava incluída nas intenções do Todo Poderoso em relação às famílias. Ela se levantou com calma, sem qualquer sinal de ressentimento, e disse em seu tom abafado de sempre:

– Irmão, espero que o novo médico seja capaz de fazer algo por você. Solomon diz que se fala muito sobre sua inteligência. Eu te asseguro que desejo que seja poupado. E não há ninguém mais disposta a tomar conta de você do que sua própria irmã e suas próprias sobrinhas, se você apenas disser uma palavra. Há a Rebecca, a Joanna e a Elizabeth, você sabe.

– Sim, sim, eu me lembro; você verá que me lembrei de todas elas, todas morenas e feias. Elas vão precisar de algum dinheiro, hein? Nunca houve beleza nas mulheres da nossa família, mas os Featherstones sempre tiveram algum dinheiro, e os Waules também. Waule também tinha dinheiro. Um homem muito gentil era o Waule. Sim, sim; dinheiro é um bom ovo, e se você tem algum dinheiro para deixar, é melhor mantê-lo em um ninho aquecido. Adeus, Mrs. Waule.

Neste momento, Mr. Featherstone puxou os dois lados da peruca como se quisesse tampar os ouvidos, e sua irmã foi embora ruminando sobre tal discurso profético. Apesar de seu ciúme dos Vincys e de Mary Garth, ela ainda mantinha como o mais ínfimo sedimento em suas profundezas mentais a convicção de que seu irmão, Peter Featherstone, nunca poderia deixar sua principal propriedade longe de seus parentes de sangue. Do contrário, por que o Todo Poderoso teria levado embora suas duas esposas sem deixar filhos, depois de ele ter ganhado tanto com o manganês e coisas assim, aparecendo quando ninguém esperava? E por que havia uma igreja paroquial de Lowick, e os Waules e Powderells todos sentados no mesmo banco por gerações, e o banco dos Featherstones ao seu lado, se, no domingo após a morte de seu irmão Peter, todos sabiam que a propriedade havia saído da família? A mente humana não tinha aceitado o caos moral em nenhum período, e um resultado tão absurdo não se podia conceber

literalmente. Mas são muitas as coisas que não se pode conceber literalmente que nos assustam.

Quando Fred entrou, o velho o observou com um brilho especial nos olhos, brilho que o jovem muitas vezes tinha motivos para interpretar como orgulho pelos detalhes satisfatórios de sua aparência.

– Vocês duas, saiam – disse Mr. Featherstone. – Eu quero falar com Fred.

– Venha ao meu quarto, Rosamond; você não vai se importar com o frio por pouco tempo – disse Mary.

As duas moças não apenas se conheciam desde a infância, mas também haviam frequentado a mesma escola provinciana (Mary como aluna bolsista), o que fazia com que tivessem muitas lembranças em comum e gostassem de conversar em particular. Na verdade, este tête-à-tête era um dos objetivos de Rosamond ao ir a Stone Court.

O velho Featherstone não começou a falar até que a porta fosse fechada. Ele continuou a observar Fred com o mesmo brilho e com uma de suas caretas habituais, alternadamente franzindo e alargando a boca; e quando ele falou, foi em um tom baixo, que poderia ser interpretado como o de um informante disposto a ser subornado, ao invés do tom de um idoso ofendido. Ele não era um homem que sentisse forte indignação moral, nem pelas ofensas contra si mesmo. Era natural que outros quisessem se aproveitar dele, mas ele também era muito astuto.

– Então, o senhor está pagando dez por cento pela quantia que prometeu devolver hipotecando minhas terras quando eu estiver morto, hein? O senhor previu que eu ainda viveria um mês, digamos. Mas eu ainda posso modificar o meu testamento.

Fred enrubesceu. Ele não havia tomado dinheiro emprestado dessa forma, mas por excelentes motivos. Mas ele tinha consciência de ter falado com alguma confiança (talvez com mais confiança do que podia se lembrar) sobre sua perspectiva de obter as terras de Featherstone como um meio futuro de pagar suas dívidas presentes.

– Não sei a que se refere, senhor. Certamente nunca pedi dinheiro emprestado com base em semelhante insegurança. Explique-se, por favor.

– Não, senhor, é você quem deve explicar. Eu ainda posso modificar o meu testamento, que fique bem claro. Estou em meu juízo perfeito, posso calcular os juros compostos de cabeça e lembrar o nome de cada idiota tão bem quanto podia há vinte anos. Que diabos! Ainda não tenho oitenta anos. Eu digo, você deve desmentir essa história.

– Eu já refutei, senhor – respondeu Fred, com um toque de impaciência, duvidando que seu tio pudesse discriminar verbalmente as palavras desmentir e refutar, embora ninguém estivesse mais longe de confundir as duas ideias do que o velho Featherstone, quem muitas vezes se perguntava por que muitos tolos tomavam suas próprias afirmações como provas. Mas posso desmentir mais uma vez. A história toda é uma grande invenção.

– Bobagem! Você deve trazer documentos. O relato parte de fontes de autoridade.

– Diga o nome da autoridade e faça com que ela nomeie o homem a quem pedi dinheiro emprestado, e então poderei contestar a história.

– Eu entendi que é uma autoridade muito boa; um homem que sabe quase tudo o que acontece em Middlemarch. É o bom, religioso e caridoso seu tio. Vamos! – nesse momento, Mr. Featherstone sentiu seu peculiar tremor interno, o que significava alegria.

– Mr. Bulstrode?

– Quem mais, hein?

– Então a história se transformou em uma mentira como consequência de alguns sermões que ele pode ter deixado escapar sobre mim. Eles dizem quem é o homem que me emprestou o dinheiro?

– Se existe tal homem, pode estar certo de que Bulstrode o conhece. Mas, supondo que você apenas tenha tentado obter dinheiro emprestado e não conseguiu, Bulstrode também sabe disso. Me traga uma declaração por escrito de Bulstrode dizendo que ele não acredita que você tenha prometido pagar suas

dívidas com minhas terras. Pode ir agora!

O rosto de Mr. Featherstone precisou de todo o seu estoque de caretas como uma válvula de escape muscular diante do seu triunfo silencioso com respeito à clareza das suas faculdades.

Fred se sentiu diante de um miserável dilema.

– O senhor deve estar brincando. Mr. Bulstrode, assim como outros homens, acredita em muitas coisas que não são verdade, e ele tem um preconceito contra mim. Eu poderia facilmente fazê-lo escrever que não conhece fatos que comprovem o informe que o senhor menciona, embora possa criar alguma tensão. Mas eu dificilmente poderia lhe pedir que escrevesse o que ele acredita ou não sobre mim – Fred deteve-se por um instante e então apelou diplomaticamente à vaidade do tio: – Isso não é coisa para um cavalheiro pedir – soltou o rapaz, mas ficou desapontado com o resultado.

– Sim, eu vejo o que está querendo dizer. Você prefere ofender a mim do que a Bulstrode. E quem é Bulstrode? Nunca ouvi dizer que tenha alguma terra por aqui. Um especulador que vai se arruinar a qualquer dia, quando o diabo deixar de apoiá-lo. É isso o que significa a sua religião: ele quer que o Deus Todo Poderoso intervenha! Isso é um absurdo! Há uma coisa que ficou muito clara para mim quando eu ia à igreja: que Deus Todo Poderoso segue o plano divino. Ele promete terras, dá terras e enriquece as pessoas com milho e gado. Mas você prefere ficar do outro lado. Você gosta de Bulstrode e suas especulações mais do que de Featherstone e suas terras.

– Perdão, senhor – disse Fred, colocando-se de costas para o fogo e batendo na bota com o chicote. – Não gosto de Bulstrode nem de especulações – ele falava de modo aborrecido, como se estivesse em um impasse.

– Bem, bem, você não precisa de mim, isso está bem claro – disse o velho Featherstone, secretamente descontente com a possibilidade de Fred mostrar-se tão independente. – Você não quer um pedaço de terra para tornar-se um fidalgo em vez de um pároco faminto, nem um adiantamento de cem libras. É tudo a mesma coisa para mim. Posso fazer cinco codicilos se eu quiser, e devo manter

minhas notas bancárias para um pecúlio. É tudo a mesma coisa para mim.

Fred corou novamente. Featherstone raramente lhe dava presentes em dinheiro e, naquele momento, parecia mais difícil abandonar a perspectiva imediata de notas bancárias do que a possibilidade futura das terras.

– Não sou ingrato, senhor. Nunca tive a intenção de mostrar desprezo por quaisquer boas intenções que possa ter para comigo. Pelo contrário.

– Está bem. Então prove. Você me traz uma carta de Bulstrode dizendo que não acredita que você está tagarelando e prometendo pagar suas dívidas com minhas terras e, então, se houver algum problema em que tenha se metido, veremos se não posso lhe dar um apoio. Vamos! Isso é um trato. Aqui, dê-me o seu braço. Vou tentar caminhar pela sala.

Apesar da sua irritação, Fred sentia bondade suficiente para sentir um pouco de pena do velho tão pouco respeitado e pouco querido, que, com suas pernas hidrópicas oferecia um aspecto ainda mais lamentável do que o normal ao caminhar. Enquanto estendia o braço, ele pensou que não gostaria de ser um velho com o corpo doente, e esperou com bom humor, primeiro diante da janela, para ouvir os comentários habituais sobre as galinhas-d'angola e o cata-vento, e depois diante das escassas estantes de livros, onde as grandes glórias em encadernação de couro eram Josefo, Culpeper, o Messias de Klopstock e vários volumes da The Gentleman's Magazine.[51]

– Leia para mim os nomes dos livros. Vamos! Você é um universitário.

Fred leu os títulos.

– Para que a senhorita (referindo-se a Mary Garth) precisa de mais livros? Por que você precisa levar mais livros para ela?

– Eles a divertem, senhor. Ela adora ler.

– Gosta até demais – disse Mr. Featherstone, capciosamente. – Ela queria ler para mim quando se sentava comigo, mas eu coloquei um fim nisso. Ela tem o jornal para ler em voz alta. Isso é o suficiente para um dia, creio eu. Não suporto vê-la lendo para si mesma. Você não deve trazer mais livros para ela, ouviu?

– Sim, senhor, eu ouvi – Fred já havia recebido a mesma ordem antes e a

desobedecera secretamente. Ele pretendia desobedecer mais vezes.

– Toque a campainha – disse Mr. Featherstone. Eu quero que a senhorita desça.

Rosamond e Mary estavam conversando mais rápido do que seus amigos do sexo masculino. Elas não pensaram em se sentar, mas ficaram em pé na frente do tocador que estava perto da janela enquanto Rosamond tirava o chapéu, ajustava o véu e dava pequenos toques no cabelo com as pontas dos dedos, cabelo que possuía um colorido infantil, nem ruivo nem louro.

Mary Garth parecia ainda mais insignificante, de pé em um ângulo entre as duas ninfas, a do espelho e a real, que se entreolhavam com olhos de um azul celestial, profundos o suficiente para conter os significados mais requintados que um observador engenhoso poderia desejar ver em seus olhos, ou para ocultar as intenções de sua dona se estas fossem menos requintadas. Apenas algumas crianças em Middlemarch pareciam louras ao lado de Rosamond, e a figura esguia exibida por seu traje de montaria revelava delicadas ondulações. Na verdade, a maioria dos homens em Middlemarch, exceto seus irmãos, acreditava que Miss Vincy era a melhor criatura do mundo, e alguns a chamavam de anjo. Mary Garth, ao contrário, tinha o aspecto de uma pecadora comum: era morena, seu cabelo escuro e encaracolado era áspero e teimoso, sua estatura era baixa, e não seria verdade declarar, em antítese satisfatória, que possuía todas as virtudes que faltavam na outra. E a simplicidade tem suas tentações e seus vícios peculiares, assim como a beleza. Ela é capaz de fingir amabilidade ou, sem fingir, de mostrar toda a sua repulsa pelo descontentamento. De qualquer forma, ser chamada de feia em contraste com aquela adorável criatura que era sua companheira, só poderia produzir algum efeito mais profundo além do sentimento da agradável veracidade e idoneidade da frase. Com a idade de 22 anos, Mary certamente não havia adquirido o perfeito bom-senso e os bons princípios que geralmente são recomendados para as jovens menos afortunadas, como se pudessem ser obtidos em quantidades pré-misturadas, com um toque de resignação quando necessário. Sua astúcia possuía uma veia de amargura satírica

continuamente renovada e nunca completamente dissimulada, exceto por uma forte corrente de gratidão para com aqueles que, no lugar de dizer que ela deveria estar satisfeita, faziam algo para que estivesse. O avanço da sua feminilidade havia atenuado sua insignificância, que era dessa espécie boa e humana, como as mães de nossa raça, sob uma touca mais ou menos apropriada, em todas as latitudes. Rembrandt a teria pintado com prazer e feito suas feições largas parecerem fora da tela com uma honestidade inteligente. Pois a honestidade, a justiça verdadeira, era a virtude primordial de Mary; ela não tentava criar ilusões nem se entregava a elas para a sua própria conveniência, e quando estava de bom humor tinha disposição suficiente para rir de si mesma. Quando ela e Rosamond, por acaso, se viram refletidas no espelho, ela disse, rindo:

– Eu pareço uma mancha marrom ao seu lado, Rosy! Você é a companhia mais inconveniente que existe.

– Ah, não! Ninguém pensa na sua aparência, Mary; você é tão sensata e eficiente. Na verdade, a beleza tem muito pouca importância – disse Rosamond, virando a cabeça para Mary, mas mantendo os olhos no espelho para avaliar a nova perspectiva do seu pescoço.

– Você quer dizer a minha beleza – disse Mary, sarcasticamente.

Rosamond pensou: *Pobre Mary, ela interpreta mal até mesmo os comentários mais amáveis.* Em voz alta, ela disse:

– O que você tem feito ultimamente?

– Eu? Ah, cuidado da casa, servido xarope, fingido ser amável e feliz, aprendido a ter uma opinião ruim sobre todas as pessoas.

– É uma vida miserável a sua.

– Em absoluto – disse Mary, secamente, com um pequeno movimento de cabeça. – Eu acho que minha vida é mais agradável do que a da sua Miss Morgan.

– Sim, mas Miss Morgan é tão pouco interessante e não é jovem.

– Suponho que ela seja interessante para si mesma; e não tenho certeza de

que as coisas fiquem mais fáceis à medida que envelhecemos.

– Não, – disse Rosamond, pensativamente – nós nos perguntamos o que essas pessoas fazem, sem nenhuma perspectiva. Certamente, existe a religião como consolo. Mas, – acrescentou ela, exibindo suas covinhas – o seu caso é muito diferente, Mary. Você pode receber uma proposta.

– Alguém disse a você que tem a intenção de me fazer?

– É claro que não. Quero dizer, há um cavalheiro que pode se apaixonar por você, vendo você quase todos os dias.

Uma certa alteração no rosto de Mary foi determinada principalmente pela decisão de não demonstrar nenhuma mudança.

– Isso sempre faz as pessoas se apaixonarem? – perguntou ela, com indiferença. – Me parece que frequentemente é motivo para que as pessoas se detestem.

– Não quando são interessantes e agradáveis. Ouvi dizer que Mr. Lydgate é as duas coisas.

– Ah, Mr. Lydgate – disse Mary, com inconfundível indiferença. – Você quer saber algo sobre ele – acrescentou ela, pouco disposta a satisfazer Rosamond com suas indiretas.

– Simplesmente se você gosta dele.

– Não há o que gostar no momento. Minha simpatia sempre requer um pouco de gentileza para acendê-la. Não sou magnânima o suficiente para gostar de pessoas que falam comigo sem parecer me ver.

– Ele é assim tão arrogante? – perguntou Rosamond, com crescente satisfação. – Você sabe que ele vem de uma boa família?

– Não, ele não usou isso como razão.

– Mary! Você é a garota mais estranha que conheço. Mas que tipo de homem ele é? Descreva-o para mim.

– Como alguém pode descrever um homem? Posso lhe fazer um inventário: sobrancelhas grossas, olhos escuros, nariz reto, cabelo escuro e espesso, mãos brancas, grandes, fortes... deixe-me ver, há um lindo lenço de bolso de cambraia.

Você vai vê-lo. Já está na hora da sua visita.

Rosamond enrubesceu um pouco, mas disse, pensativa: – Gosto de maneiras arrogantes. Não posso suportar um jovem tagarela.

– Eu não disse que Mr. Lydgate era arrogante, mas *il y en a pour tour les goûts*, como a pequena *Mamselle*[52] costumava dizer; e se alguma mulher pode escolher o tipo específico de vaidade que ela apreciaria, eu diria que é você, Rosy.

– Arrogância não é vaidade. Para mim, Fred é vaidoso.

– Eu gostaria que ninguém falasse mal dele. Ele deveria ter mais cuidado. Mrs. Waule estava dizendo ao tio que Fred é muito instável – Mary falou com seu impulso infantil que levou a melhor em seu julgamento. Havia uma vaga inquietação associada à palavra "instável" que ela esperava que Rosamond dissesse algo para dissipar. Mas ela deliberadamente se absteve de mencionar a insinuação mais específica de Mrs. Waule.

– Oh, Fred é terrível! – disse Rosamond. Ela não teria se permitido uma palavra tão inadequada com mais ninguém além de Mary.

– O que você quer dizer com terrível?

– Ele é indolente e deixa papai furioso, e diz que não aceita ordens.

– Acho que Fred tem razão.

– Mary, como pode dizer que ele tem razão? Achei que você tivesse mais senso de religião.

– Ele não é adequado para ser um clérigo.

– Mas ele vai ter que se adequar.

– Bem, então ele não é o que deveria ser. Conheço outras pessoas que estão no mesmo caso.

– Mas ninguém os aprova. Eu não gostaria de me casar com um clérigo, mas deve haver clérigos.

– Isso não quer dizer que Fred deva ser um.

– Depois de tudo o que papai gastou na sua educação! Além disso, suponha que ele não receba uma herança.

– Posso supor muito bem – disse Mary, secamente.

– Estou surpresa que você possa defender o Fred – disse Rosamond, disposta a seguir com o assunto.

– Eu não o defendo – disse Mary, rindo. – Eu defenderia qualquer paróquia de tê-lo como clérigo.

– Mas é claro, se ele fosse um clérigo, teria de ser diferente.

– Sim, ele teria de ser um grande hipócrita, e ele ainda não é.

– É inútil conversar com você, Mary. Você sempre fica do lado do Fred.

– Por que não deveria ficar? – disse Mary, mais animada. – Ele ficaria do meu. Ele é a única pessoa que se importa comigo.

– Você me deixa muito desconfortável, Mary – disse Rosamond, com severa tranquilidade. – Eu jamais contaria à mamãe.

– O que você não contaria a ela? – disse Mary, com raiva.

– Por favor, não fique nervosa, Mary – disse Rosamond, com a mesma tranquilidade de sempre.

– Se sua mãe teme que Fred me faça uma proposta, diga a ela que eu não me casaria com ele mesmo se ele me pedisse. Mas ele não vai fazer isso, disso eu sei. E certamente nunca fez.

– Mary, você é sempre tão agressiva.

– E você é sempre tão irritante.

– Eu? Do que você pode me culpar?

– Ah, pessoas inocentes são sempre as mais irritantes. A sineta está tocando, acho que devemos descer.

– Eu não tinha a intenção de brigar com você – disse Rosamond, colocando o chapéu.

– Brigar? Se não pudermos ficar nervosas de vez em quando, para que servem os amigos?

– Devo repetir o que você me disse?

– Faça como quiser. Eu nunca digo o que tenho medo de ser repetido. Mas vamos descer.

Mr. Lydgate chegou um pouco mais tarde naquela manhã, mas os visitantes ficaram o tempo suficiente para vê-lo, pois Mr. Featherstone pediu a Rosamond que cantasse para ele, e ela teve a gentileza de sugerir uma segunda canção predileta, *Flow on, tu shining river*, depois de cantar *Home, sweet home* (que ela detestava). Aquele velho e teimoso Overreach[53] aprovava a canção sentimental como um adereço apropriado às jovens, e também algo fundamentalmente bom, sendo o sentimento mais adequado para uma canção.

Mr. Featherstone ainda estava aplaudindo a última apresentação e garantindo a Rosamond que sua voz era clara como a de um melro, quando o cavalo de Mr. Lydgate passou na frente da janela.

Sua expectativa enfadonha da costumeira rotina desagradável com um paciente de idade avançada, que mal podia acreditar que a medicina não pudesse "remontá-lo" se o médico fosse inteligente o suficiente, unida à sua descrença geral nos encantos de Middlemarch, constituíam um pano de fundo duplamente eficaz para esta visão de Rosamond, a quem o velho Featherstone se apressou ostensivamente em apresentar como sua sobrinha, embora nunca tivesse pensado se valeria a pena falar de Mary Garth nos mesmos termos. Nada no comportamento de Rosamond escapou a Lydgate: a delicadeza e a tranquila seriedade com a qual ela desviava a atenção que a falta de gosto do velho lhe impusera, sem exibir suas covinhas na ocasião errada, mas mostrando-as mais tarde ao falar com Mary, a quem se diria com um interesse tão cordial que Lydgate, depois de examinar Mary rapidamente com mais atenção do que jamais fizera antes, vislumbrou nos olhos de Rosamond uma adorável gentileza. Mary, porém, por alguma razão, parecia bastante irritada.

– Miss Rosy estava cantando uma música para mim, você não tem nada a dizer contra isso, hein, doutor? – disse Mr. Featherstone. – Eu gosto mais do que dos seus remédios.

– Isso me fez esquecer como o tempo estava passando – disse Rosamond, enquanto se levantava para apanhar o chapéu, que ela havia deixado de lado antes de cantar, fazendo com que sua cabeça emergisse do traje de montaria

como uma flor sobre seu caule branco, e fosse vista com perfeição. – Fred, nós realmente devemos ir.

– Muito bem – disse Fred, que tinha seus próprios motivos para não estar de bom humor e queria mesmo ir embora.

– Miss Vincy é musicista? – perguntou Lydgate, seguindo-a com os olhos. Cada nervo e cada músculo de Rosamond estavam ajustados à consciência de que estava sendo observada. Era, por natureza, uma atriz de papéis que se encaixavam com seu próprio físico; ela até representava seu próprio personagem, e tão bem, que não reconhecia que era precisamente seu.

– A melhor de Middlemarch, não tenho dúvidas – disse Mr. Featherstone –, não importa quem venha depois dela. O que me diz, Fred? Diga alguma coisa a favor de sua irmã.

– Receio que não esteja apto a julgar, senhor. Meu testemunho não serviria para nada.

– Middlemarch não tem um padrão muito alto, tio – disse Rosamond, com uma leve ostentação, indo em direção ao seu chicote que havia deixado em outro lugar.

Lydgate foi rápido em antecipá-la. Ele alcançou o chicote antes dela e virou-se para entregá-lo. Ela fez uma reverência e olhou para ele. É claro que ele a observava, e seus olhares se encontraram com aquele encontro peculiar ao qual nunca se chega com esforço, mas que se assemelha a uma repentina e divina liberação da névoa. Creio que Lydgate ficou um pouco mais pálido do que de costume, mas Rosamond corou profundamente e ficou surpresa. Depois disso, ela ficou muito ansiosa para ir embora e não sabia qual tipo de estupidez seu tio estava dizendo quando se aproximou para apertar sua mão.

No entanto, esse resultado, que ela interpretou como uma impressão mútua denominada “apaixonar-se”, era exatamente o que Rosamond havia contemplado de antemão.

Desde a chegada daquela importante novidade a Middlemarch, ela havia tecido um pequeno futuro, do qual algo parecido com aquela cena era o princípio

necessário. Os desconhecidos, fossem náufragos agarrados a uma jangada, ou devidamente escoltados e acompanhados por suas malas de viagens, sempre exerceram uma fascinação circunstancial pela mente virgem, contra a qual o mérito nativo se impõe em vão. E um desconhecido era absolutamente imprescindível para o romance social de Rosamond, que sempre havia pensado em um pretendente e noivo que não fosse de Middlemarch, e que não tivesse conexões parecidas com as dela. Além disso, ultimamente, a construção parecia exigir que ele estivesse de alguma forma relacionado a um baronete. Agora que ela e o desconhecido haviam se encontrado, a realidade se mostrou muito mais impactante do que a expectativa, e Rosamond não tinha dúvidas de que aquele era o grande momento da sua vida. Ela interpretou seus próprios sintomas como o despertar do amor e considerou ainda mais natural que Mr. Lydgate tivesse se apaixonado por ela à primeira vista. Essas coisas aconteciam frequentemente nos bailes; por que não à luz do dia, quando a tez resplandecia ainda mais? Rosamond, embora não fosse mais velha do que Mary, estava bastante acostumada a que pessoas se apaixonassem por ela, mas ela, por sua vez, permanecia indiferente e meticulosamente crítica tanto com relação ao jovem mais fresco quanto ao solteirão mais desgastado. E ali estava Mr. Lydgate subitamente correspondendo ao seu ideal, um completo estranho a Middlemarch, portador de um certo ar de distinção congruente com uma boa família e dono de conexões que ofereciam vistas fora daquele paraíso de classe média: ele tinha conexões. Além disso, era um homem de talento, a quem seria especialmente delicioso escravizar. Na verdade, um homem que havia tocado sua natureza de forma totalmente inédita e proporcionado à sua vida um ávido interesse que superava qualquer “talvez” imaginário, como ela tinha o hábito de contrapor à realidade.

Assim, cavalgando de volta para casa, tanto o irmão quanto a irmã estavam preocupados e inclinados a ficar em silêncio. Rosamond, cuja base para sua estrutura possuía a leveza usual, tinha uma imaginação extraordinariamente minuciosa e realista quando já havia pressuposto os alicerces, e antes que

tivessem cavalgado uma milha ela já se encontrava vestindo os trajes e as circunstâncias de sua vida de casada, tendo decidido sobre sua casa em Middlemarch e previsto as visitas que faria aos parentes bem-educados de seu marido, de cujas maneiras esmeradas ela poderia se apropriar tão profundamente quanto havia feito com seus conhecimentos escolares, e preparando-se assim para elevações mais imprecisas que poderiam finalmente chegar. Nada havia de financeiro e menos ainda de sórdido em suas previsões; ela se interessava pelo que considerava refinamento, e não com o dinheiro que devia pagar por eles.

A mente de Fred, por outro lado, estava ocupada com uma ansiedade que nem mesmo sua pronta confiança podia reprimir imediatamente. Ele não via maneira de escapar da exigência estúpida de Featherstone sem incorrer em consequências das quais ele gostava ainda menos do que da tarefa em si. Seu pai já estava de mau humor com ele, e ficaria ainda mais se ele fosse a causa para qualquer frieza adicional entre sua própria família e os Bulstrodes. Além disso, ele detestava a ideia de ter que falar com seu tio Bulstrode quando havia a possibilidade de que, depois de algumas taças de vinho, ele tivesse dito algumas bobagens sobre a propriedade de Featherstone, e que elas tivessem sido ampliadas pelos relatos. Fred sentiu-se um sujeito miserável que se gabava das expectativas que lhe proporcionaria um velho avarento excêntrico como Featherstone e tinha de implorar por certificados a seu pedido. Mas... as expectativas! Ele realmente as tinha e não via uma alternativa agradável se renunciasse a elas. Além disso, recentemente havia contraído uma dívida que o amargurava extremamente, e o velho Featherstone quase se havia oferecido para saldá-la. O caso todo era miseravelmente pequeno: suas dívidas eram pequenas, mesmo suas expectativas não eram nada tão magníficas. Fred conhecia homens de quem teria vergonha de confessar a pequenez de suas dificuldades. Mas tais pensamentos produziam, naturalmente, um rastro de amargura misantrópica. Ter nascido filho de um industrial de Middlemarch e ser herdeiro inevitável de nada em particular quando existiam homens como Mainwaring e Vyan! Com certeza a vida era um negócio ruim quando um jovem espirituoso, com um bom apetite

pelo melhor de tudo, tinha perspectivas tão pobres.

Não havia ocorrido a Fred que a introdução do nome de Bulstrode no assunto fosse uma ficção do velho Featherstone, embora o fato não pudesse ter afetado sua posição. Ele via claramente que o velho queria exercer seu poder atormentando-o um pouco, provavelmente para obter alguma satisfação em vê-lo em maus lençóis com Bulstrode. Fred acreditava poder ver o fundo da alma do seu tio Featherstone, embora, na realidade, metade do que via não fosse mais do que o reflexo de suas próprias inclinações. A difícil tarefa de conhecer outra alma não é para jovens cavalheiros cuja consciência é principalmente composta por seus próprios desejos.

O principal ponto de debate de Fred consigo mesmo era se deveria contar ao seu pai ou tentar resolver o assunto sem o conhecimento dele. Provavelmente, tinha sido Mrs. Waule quem havia falado sobre ele, e se Mary Garth tivesse repetido as palavras de Mrs. Waule a Rosamond, elas certamente chegariam ao seu pai, que seguramente o questionaria a respeito. Assim que diminuíram a marcha, ele disse a Rosamond:

– Rosy, Mary disse a você que Mrs. Waule tinha dito algo sobre mim?

– Sim, na verdade ela disse.

– O quê?

– Que você era muito instável.

– Isso foi tudo?

– Acho que foi o suficiente, Fred.

– Você está certa de que ela não disse mais nada?

– Mary não disse mais nada. Mas, francamente, Fred, acho que você deveria se envergonhar.

– Diabos! Não me dê sermão. O que Mary disse sobre isso?

– Não sou obrigada a lhe dizer. Você se importa muito com o que Mary diz e é muito rude comigo me obrigando a falar.

– É claro que me importo com o que Mary diz. Ela é a melhor garota que conheço.

– Eu nunca pensei que ela fosse uma moça por quem se apaixonar.

– Como você sabe por quem os homens se apaixonam? As moças nunca sabem.

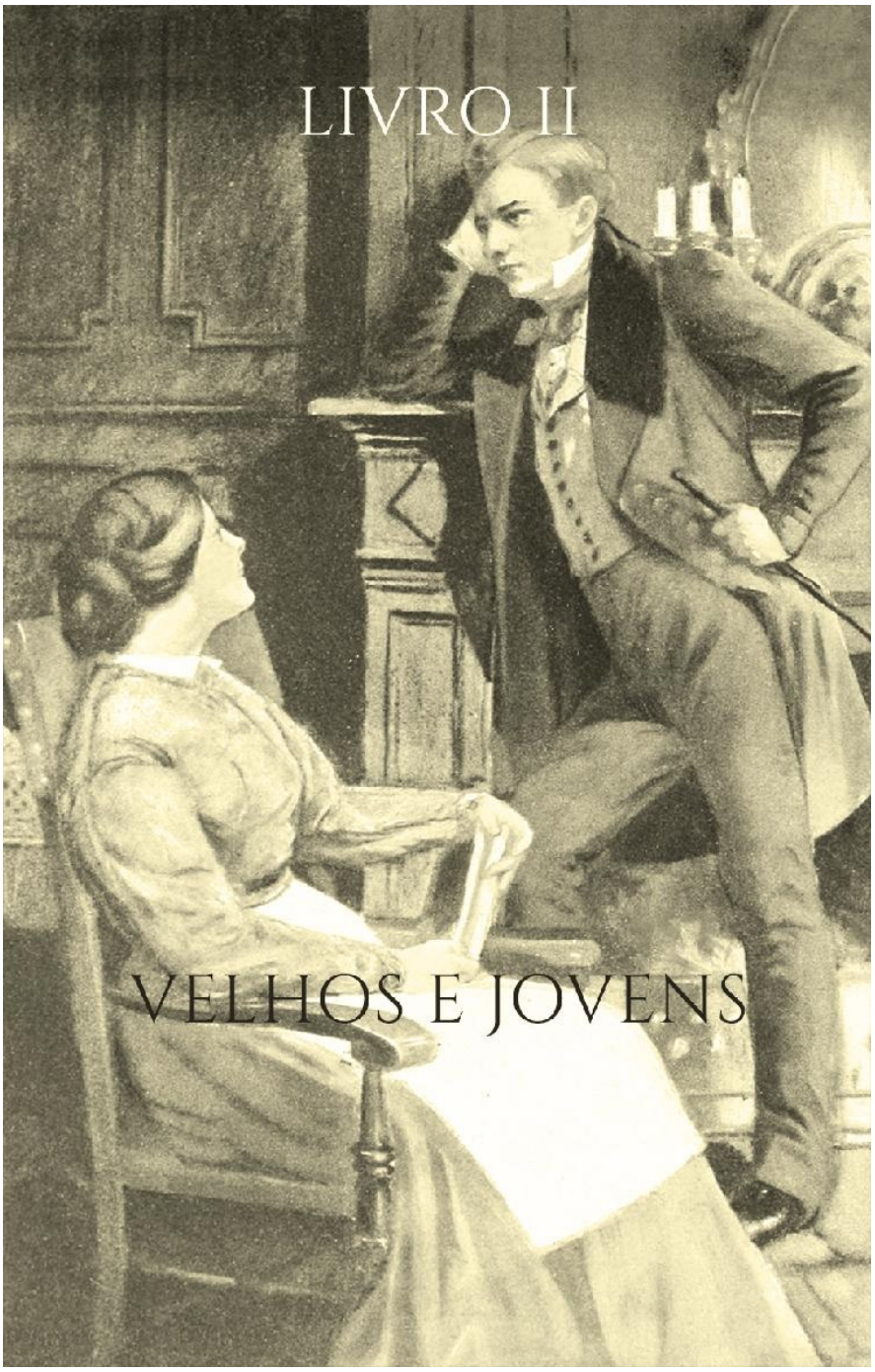
– Pelo menos, Fred, deixe-me aconselhá-lo a não se apaixonar por ela, pois ela diz que não se casaria com você mesmo se você fizesse a proposta.

– Ela pode estar esperando até que eu faça.

– Eu sabia que isso iria incomodar você, Fred.

– Nem um pouco. Ela não teria dito isso se você não a tivesse provocado.

Antes de chegar em casa, Fred decidiu que contaria tudo da forma mais simples possível para seu pai, que talvez pudesse assumir a desagradável tarefa de falar com Bulstrode.



LIVRO II

VELHOS E JOVENS

CAPÍTULO XIII

1º. Cavalheiro: Como classificar o seu homem? Melhor do que a maioria, ou parecendo ser melhor? Pior por baixo da capa? Um santo ou um vilão? Peregrino ou hipócrita?
2º. Cavalheiro: Mais do que isso. Diga-me como você classifica sua riqueza em livros, essas relíquias perdidas de todos os tempos. Também é possível classificá-los imediatamente por tamanho ou acabamento: velino, impressos e encadernações, capas de couro ou comuns. Dificilmente terá mais diversidade do que todos os títulos habilmente dispostos para classificar seus autores não lidos.

Em consequência do que tinha ouvido de Fred, Mr. Vincy decidiu conversar com Mr. Bulstrode em seu escritório no banco à uma e meia, horário em que geralmente estava livre de visitas. Porém, outro visitante havia chegado àquela hora e Mr. Bulstrode tinha tanto a lhe dizer que havia pouca chance de a entrevista terminar em meia hora. O banqueiro tinha uma oratória fluente, mas também loquaz e ele empregava uma quantidade considerável de tempo em breves pausas meditativas. Não imagine que seu aspecto doentio fosse do tipo amarelado e de cabelos negros: sua pele era clara e pálida, seus cabelos castanhos acinzentados, tinha olhos cinza-claros e uma grande testa. Homens de voz imponente denominavam sussurro o seu tom contido e, às vezes, sugeriam que era inconsistente com a franqueza, embora pareça não haver motivo para que um homem vociferante não deva ocultar alguma coisa, exceto a sua própria voz, a menos que possa demonstrar que as Sagradas Escrituras colocaram os pulmões na candura. Mr. Bulstrode também tinha uma atitude amistosa e obsequiosa ao ouvir, sobretudo, um olhar penetrante e atento que fazia com que

aquelas pessoas que se consideravam dignas de serem ouvidas deduzissem que ele esperava por um aprimoramento de seu discurso. Outras, que não esperavam causar uma grande impressão, não gostavam desse tipo de lanterna moral voltada para elas. Se você não está orgulhoso da sua adega, não há nenhuma emoção em ver seu convidado erguer sua taça contra a luz para examinar o vinho. Alegrias deste tipo estão reservadas para o mérito consciente. Consequentemente, a atenção de Mr. Bulstrode não agradava aos publicanos e pecadores de Middlemarch. Para alguns, essa atenção se dava por ser um fariseu, outros por ser um evangelista. Entre eles, os pensadores menos superficiais desejavam saber quem eram seu pai e seu avô, observando que vinte e cinco anos atrás ninguém nunca tinha ouvido falar de um Bulstrode em Middlemarch. Para o seu visitante atual, Lydgate, o olhar escrutinador era indiferente; ele simplesmente formou uma opinião pouco favorável sobre a constituição do banqueiro e concluiu que possuía uma ávida vida interior, mas não tinha muito prazer com coisas tangíveis.

– Ficarei muito agradecido se puder passar por aqui de vez em quando, Mr. Lydgate – observou o banqueiro, após uma breve pausa. – Se, como me atrevo a esperar, tenho o privilégio de encontrar um coadjutor valioso no interessante assunto de administração hospitalar, haverá muitas questões a discutir em particular. Quanto ao novo hospital, que está quase concluído, considerarei o que disse sobre as vantagens de um local especial para febres. A decisão caberá a mim, pois embora lorde Medlicote tenha doado o terreno e a madeira para a construção, ele não está disposto a dar sua atenção pessoal ao projeto.

– Existem poucas coisas que valem mais a pena em uma cidade provinciana como esta – disse Lydgate. – Um bom hospital para a febre, além da velha enfermaria, e poderia também ser o núcleo de uma faculdade de medicina quando as novas normas da reforma entrarem em vigor. E o que contribuiria mais pela educação médica do que a disseminação dessas escolas pelo país? Um provinciano nato, que tenha um mínimo de espírito público e algumas ideias, deve fazer tudo o que puder para evitar que fuja para Londres tudo o que é um

pouco melhor do que o comum. Quaisquer objetivos profissionais válidos podem muitas vezes encontrar nas províncias um campo mais livre, se não mais rico.

Uma das qualidades de Lydgate era possuir uma voz habitualmente profunda e sonora, mas capaz de se tornar muito suave e gentil no momento oportuno. Quanto à sua atitude, havia um certo arrojo, uma expectativa destemida de sucesso. Também havia uma confiança em suas próprias forças e integridade fortalecida por um desprezo por obstáculos mesquinhos ou seduções das quais ele não tinha experiência. Porém, essa franqueza altiva havia se tornado merecedora de uma expressão sincera de boa vontade. Talvez Mr. Bulstrode gostasse mais dele pela diferença em tom e maneiras que havia entre ambos; ele certamente gostava mais dele, assim como Rosamond, por ser um estranho em Middlemarch. Pode-se iniciar tantas coisas com uma nova pessoa! Até mesmo começar a ser uma pessoa melhor.

– Eu ficarei satisfeito em dar ao seu entusiasmo oportunidades mais amplas – respondeu Mr. Bulstrode. – Uma experiência mais madura como a sua favorece minha decisão, quero dizer, de passar ao senhor a superintendência do meu novo hospital, pois estou decidido a não permitir que nossos dois médicos arruínem algo de tamanha envergadura. Na verdade, sinto-me encorajado a considerar sua chegada a esta cidade como uma indicação de que meus esforços, até o momento muito obstruídos, serão recompensados com uma benção. Com relação à antiga enfermaria, ganhamos o ponto inicial: sua eleição. E agora espero que o senhor não se intimide se despertar certa dose de ciúme e antipatia de seus companheiros profissionais, apresentando-se como um reformador.

– Não vou professar bravura – disse Lydgate, sorrindo –, mas reconheço sentir uma boa dose de prazer em lutar, e não deveria me importar com minha profissão se não acreditasse que métodos melhores poderiam ser encontrados e aplicados ali assim como em qualquer outro lugar.

– O padrão da sua profissão em Middlemarch é baixo, meu caro senhor – disse o banqueiro. – Me refiro a conhecimentos e habilidades, não à posição social, pois a maioria dos nossos médicos está ligada a cidadãos respeitáveis do

lugar. Minha própria saúde precária me obrigou a prestar uma certa atenção aos recursos paliativos que a misericórdia divina colocou ao nosso alcance. Consultei homens eminentes na metrópole, e estou dolorosamente ciente do atraso com que lida a assistência médica em nossas províncias.

– Sim, mas com nossas leis atuais e formação médica, certamente devemos nos sentir satisfeitos quando ocasionalmente encontramos um profissional razoável. Quanto a todas as questões mais elevadas que determinam o princípio de um diagnóstico... a filosofia da evidência médica... qualquer vislumbre delas só pode proceder de uma cultura científica da qual nossos médicos do campo geralmente não têm mais noção do que o homem na lua.

Mr. Bulstrode, inclinado e olhando atentamente, não achou muito adequada à sua compreensão a forma como Lydgate havia dado sua aprovação. Sob tais circunstâncias, qualquer homem prudente muda de assunto e entra no terreno onde suas próprias qualidades podem ser mais úteis.

– Eu estou ciente – disse ele – do viés peculiar da habilidade médica com relação aos meios materiais. No entanto, Mr. Lydgate, espero que não discordemos quanto ao sentimento de uma medida sobre a qual é provável que o senhor não esteja ativamente preocupado, mas onde sua solícita anuência seria uma ajuda para mim. Creio que o senhor admite em seus pacientes a existência de interesses espirituais.

– Certamente que sim. Porém, essas palavras podem abranger significados distintos para mentes diferentes.

– Precisamente. E sobre esses assuntos, o ensino equivocado é tão nefasto quanto uma ausência de instrução. Agora, um ponto que tenho muito interesse em garantir é uma nova regulamentação em respeito à assistência clerical na antiga enfermaria. O edifício fica na paróquia de Mr. Farebrother. O senhor conhece Mr. Farebrother?

– Eu já o vi. Ele me deu seu voto. Devo visitá-lo para agradecer. Ele parece um sujeito muito vivo e agradável. Eu entendi que é um naturalista.

– Mr. Farebrother, meu caro senhor, é um homem profundamente doloroso de

se contemplar. Suponho que não haja um clérigo neste país com maior talento – Mr. Bulstrode fez uma pausa e pareceu meditar.

– Até o momento ainda não fui angustiado por encontrar qualquer talento excessivo em Middlemarch – disse Lydgate, sem rodeios.

– O que eu desejo – continuou Mr. Bulstrode, com o semblante ainda mais sério, – é que a presença de Mr. Farebrother no hospital seja substituída pela nomeação de um capelão, Mr. Tyke, para ser mais exato, e que nenhuma outra ajuda espiritual deva ser convocada.

– Como médico, não deveria emitir uma opinião sobre o assunto a menos que conhecesse Mr. Tyke, e mesmo assim deveria exigir conhecer os casos em que seu trabalho foi solicitado – Lydgate sorriu, mas estava decidido a ser cauteloso.

– Evidentemente, no momento, o senhor não pode entrar completamente no mérito desta questão. Mas – aqui, Mr. Bulstrode começou a pontuar suas palavras com uma ênfase bem definida –, é provável que o assunto seja encaminhado ao conselho médico da enfermaria e acredito que posso lhe pedir, em virtude da cooperação mútua que agora aguardo com prazer, que o senhor, da sua parte, não se deixará influenciar por meus oponentes neste assunto.

– Espero não me envolver em disputas clericais – disse Lydgate. – O caminho que escolhi é trabalhar bem na minha própria profissão.

– Minha responsabilidade, Mr. Lydgate, é de um tipo mais amplo. Para mim, esta questão é um dever sagrado, enquanto tenho motivos para afirmar que para meus oponentes o assunto constitui uma ocasião para satisfazer um espírito de oposição mundana. Mas eu não renunciarei nem um ápice de minhas convicções, nem deixarei de me identificar com essa verdade que uma geração malvada odeia. Eu me dediquei à melhoria dos hospitais, mas confesso ao senhor, Mr. Lydgate, que não teria nenhum interesse nos hospitais se acreditasse que não havia lugar para algo mais além da cura de doenças mortais. Tenho outros motivos para minha atuação, em face da perseguição, não os ocultarei.

A voz de Mr. Bulstrode tornou-se um sussurro alto e agitado enquanto ele dizia as últimas palavras.

– Neste ponto, certamente divergimos – disse Lydgate. Ele não lamentou que a porta tivesse sido aberta e que Mr. Vincy fosse anunciado. Aquele personagem floreado e sociável tornara-se mais interessante desde que conhecera Rosamond. Não é que, como ela, ele tivesse tecido algum futuro em que seus destinos estivessem unidos, mas um homem naturalmente se lembra com prazer de uma moça encantadora, e de bom grado vai jantar onde possa vê-la novamente. Antes de se despedir, Mr. Vincy havia feito a Lydgate aquele convite sobre o qual ele "não tinha pressa", pois, durante o café da manhã, Rosamond havia mencionado que acreditava que seu tio Featherstone havia tomado o médico em grande favor.

Mr. Bulstrode, sozinho com seu cunhado, serviu-se de um copo d'água e abriu sua caixa de sanduíche.

– Não posso persuadi-lo a adotar minha dieta, não é Vincy?

– Não, não; não tenho opinião sobre esse sistema. A vida requer um bom recheio – disse Vincy, incapaz de omitir sua teoria portátil. – No entanto – continuou ele, acentuando a palavra, como se para descartar toda irrelevância –, eu vim até aqui para tratar de um pequeno assunto do meu incorrigível jovem, o Fred.

– Este é um assunto sobre o qual você e eu provavelmente temos pontos de vista tão diferentes quanto a dieta, Vincy.

– Espero que não desta vez – Mr. Vincy estava decidido a ser bem-humorado. – Trata-se de um capricho do velho Featherstone. Alguém inventou uma história por despeito e contou ao velho, para tentar indispô-lo com Fred. Ele tem uma grande estima por meu filho e provavelmente deixará algo para ele. Na verdade, ele quase disse a Fred que pretende lhe deixar suas terras, e isso deixa outras pessoas com inveja.

– Vincy, devo repetir que você não obterá qualquer concordância minha quanto à maneira como você tem educado seu filho mais velho. Foi inteiramente por vaidade mundana que você o destinou para a igreja. Com uma família de três filhos e quatro filhas, não havia justificativa alguma para dedicar dinheiro a uma educação tão cara que não serviu para outra coisa senão dar a ele hábitos

extravagantes de ociosidade. Agora vocês estão colhendo as consequências.

Apontar os erros de outras pessoas era um dever do qual Mr. Bulstrode raramente se esquivava, mas Mr. Vincy não estava igualmente inclinado a ser paciente. Quando um homem tem a perspectiva imediata de ser prefeito e, no interesse do comércio, está disposto a assumir uma postura firme na política em geral, ele tem, naturalmente, uma consciência de sua importância para a estrutura das coisas, que parece lançar as questões de conduta privada para um segundo plano. E aquela reprovação em particular o irritava mais do que qualquer outra. Para ele, era absolutamente supérfluo saber que estava colhendo as consequências. Porém, ele sentia que seu pescoço estava sob o jugo de Bulstrode e, embora gostasse de protestar, estava ansioso para reprimir esse alívio.

– Quanto a isso, Bulstrode, não adianta nada remover o passado. Não sou seu modelo de homem e nem pretendo ser. Não podia prever o que aconteceria, não havia um negócio melhor em Middlemarch do que o nosso, e o rapaz era inteligente. Meu pobre irmão estava na igreja e estava indo bem, já tinha conseguido uma promoção, mas aquela febre estomacal o levou; do contrário, ele poderia ser um reitor a essa altura. Acredito que havia uma justificativa pelo que tentei fazer por Fred. Quando se trata de religião, me parece que um homem não deveria fingir estar tão seguro, é preciso confiar um pouco na Providência e ser generoso. É um bom sentimento britânico tentar elevar um pouco a sua família e, em minha opinião, é dever de um pai dar uma boa chance aos filhos.

– Não desejo agir de outra forma senão como seu melhor amigo, Vincy, quando digo que o que você acabou de expor não passa de um monte de bobagens inconsistentes e triviais.

– Muito bem – disse Mr. Vincy, protestando apesar das suas resoluções –, nunca afirmei ser nada além de mundano, e vou mais além, não vejo ninguém mais que não seja. Suponho que você não conduza seus negócios baseado no que vocês chamam de princípios não mundanos. A única diferença que vejo é que um mundanismo é um pouco mais honesto do que outro.

– Esse tipo de discussão não leva a nada, Vincy – disse Mr. Bulstrode, que,

tendo terminado seu sanduíche, jogou-se para trás na cadeira e cobriu os olhos como se estivesse cansado. – Você tinha alguns assuntos mais específicos.

– Sim, sim. Em resumo, alguém disse ao velho Featherstone, mencionando você como autoridade, que Fred andava pedindo ou tentando pedir dinheiro emprestado com a perspectiva de receber as terras dele como herança. Estou convencido de que você nunca disse tal absurdo. Mas o velho insiste que Fred lhe traga uma negação com a sua caligrafia, isto é, apenas um bilhete dizendo que você não acredita em uma palavra dessa história, seja por ele ter pedido emprestado ou tentado pedir dinheiro de uma maneira tão tola. Suponho que você não fará objeções.

– Perdoe-me. Eu faço uma objeção. Não estou absolutamente certo de que seu filho, em sua imprudência ou ignorância, não usarei nenhuma palavra mais severa, não tenha tentado levantar dinheiro apresentando suas perspectivas futuras, ou mesmo que alguém não pode ter sido tolo o suficiente para fornecê-lo com uma presunção tão vaga; há muitos empréstimos de dinheiro negligentes no mundo, assim como outras loucuras.

– Mas Fred me deu sua palavra de honra de que jamais pediu dinheiro emprestado sob o pretexto de qualquer entendimento sobre as terras de seu tio. Ele não é um mentiroso. Não quero torná-lo melhor do que ele é; ele me deixa louco e ninguém pode dizer que fechei os olhos para o que ele faz, mas ele não é um mentiroso. E eu diria, posso estar errado, que não há religião que impeça alguém de pensar o melhor de um jovem, quando não conhece o pior. Parece-me que seria um tipo de religião muito pobre a que faz você se recusar a dizer que não acredita em tal ofensa e que não tem nenhuma razão para acreditar.

– Não estou absolutamente convencido de que estou fazendo o bem para o seu filho abrindo caminho para a futura posse das propriedades de Featherstone. Não posso considerar a riqueza uma benção para aqueles que a utilizam simplesmente como uma colheita para este mundo. Você não gosta de ouvir essas coisas, Vincy, mas, nesta ocasião, sinto-me obrigado a lhe dizer que não tenho motivos para promover tal disposição de uma propriedade como esta, a

qual você se refere. Não me esquivo de dizer que isso não contribuirá para o bem-estar eterno de seu filho nem à glória de Deus. Por que, então, você espera que eu escreva este tipo de declaração, que não tem nenhum objetivo a não ser manter uma parcialidade tola e garantir uma herança tola?

– Se você pretende impedir que todos tenham dinheiro, exceto os santos e os evangelistas, você deve desistir de algumas parcerias lucrativas, é tudo o que posso dizer – disse Vincy, sem rodeios. – Talvez seja para a glória de Deus, mas não é para a glória do comércio de Middlemarch que Plymdale usa aqueles corantes azuis e verdes que obtém da fábrica de Brassing; eles apodrecem a seda, é tudo o que sei sobre isso. Talvez se outras pessoas soubessem que uma parcela tão grande do lucro é destinada à glória de Deus, eles poderiam gostar mais. Mas eu não me importo muito com isso, eu poderia arranjar uma bela briga, se quisesse.

Mr. Bulstrode demorou um pouco para responder. – Você me magoa muito falando dessa maneira, Vincy. Não espero que compreenda meus motivos para minhas ações, não é uma coisa fácil até mesmo trilhar um caminho de princípios em meio às complexidades deste mundo, e menos ainda torná-lo mais claro para os descuidados e depreciativos. Eu peço que não se esqueça de que estendo minha tolerância para você por ser irmão de minha esposa, e que pouco cabe a você reclamar de mim por recusar ajuda material para manter a posição mundana de sua família. Devo lembrá-lo de que não foi sua própria prudência ou julgamento que permitiram que você mantivesse seu lugar no mercado.

– Muito provavelmente não, mas você ainda não perdeu nada com meu negócio – disse Vincy, totalmente irritado (coisa que raramente era retardada por decisões anteriores). – E quando se casou com Harriet, não vejo como poderia esperar que nossas famílias não se unissem. Se você mudou de ideia e quer que minha família seja deslocada para uma posição inferior, é melhor dizer logo. Eu nunca mudei: continuo sendo o mesmo simples membro da igreja que era antes do surgimento das doutrinas. Eu aceito o mundo como ele é, no comércio e em todas as coisas. Estou contente por não ser pior do que meus vizinhos. Mas se

você quer nos ver em posição inferior, diga. Eu saberei melhor o que fazer.

– Você perdeu o juízo! Acaso teria uma posição social inferior por falta desta carta sobre seu filho?

– Bem, tanto faz se sim ou se não, eu considero muito desagradável da sua parte recusar. Esse comportamento pode estar associado a um sentimento religioso, mas por fora ele tem a aparência desagradável do cão na manjedoura.[54] Você pode muito bem caluniar Fred, dá quase na mesma, já que se recusa a dizer que não foi o autor dessa calúnia. É esse tipo de coisa, esse espírito tirânico de querer bancar o bispo e banqueiro em todos os lugares, é esse tipo de coisa que faz o nome de um homem cheirar mal.

– Vincy, se você insistir em discutir comigo, será extremamente doloroso para Harriet, assim como para mim – disse Mr. Bulstrode, com um pouco mais de ansiedade e palidez do que o normal.

– Não quero brigar. É meu interesse, e talvez o seu também, que sejamos amigos. Não guardo rancor de você e não tenho uma opinião pior de você do que das outras pessoas. Um homem que quase morre de fome por suas próprias mãos e reza em família e assim por diante, como você faz, acredita em sua religião, seja ela qual for. Você poderia entregar seu capital com a mesma rapidez com xingamentos e palavrões, muitos companheiros o fazem. Você gosta de ser mestre, não há como negar; mesmo no céu terá que ser o centro das atenções, ou não vai ficar satisfeito. Mas você é o marido da minha irmã, e devemos ficar juntos. Se eu conheço Harriet, ela vai considerar sua culpa se brigarmos, porque você está exagerando e se recusa a ajudar Fred. Eu também não vou aceitar bem. Eu considero isso muito desagradável.

Mr. Vincy levantou-se, começou a abotoar o casaco e olhou fixamente para o cunhado, insinuando que exigia uma resposta concreta.

Esta não foi a primeira vez que Mr. Bulstrode começava repreendendo Mr. Vincy e, lamentavelmente, concluía vendo um reflexo muito desfavorável de si mesmo no espelho grosseiro, e nada lisonjeiro, que a mente daquele industrial apresentava às luzes e sombras mais sutis de seus semelhantes, e talvez sua

experiência devesse tê-lo advertido de como a cena terminaria. Porém, uma fonte bem provida há de ser generosa com suas águas, mesmo na chuva, quando elas são mais que inúteis, e uma boa fonte de admoestação pode ser igualmente irreprimível. Não era da natureza de Mr. Bulstrode obedecer de imediato em consequência de sugestões incômodas. Antes de mudar de rumo, ele sempre precisava moldar seus motivos e acomodá-los ao seu padrão habitual. Ele disse, finalmente:

– Vou refletir um pouco, Vincy. Conversarei com Harriet sobre isso. Provavelmente lhe enviarei uma carta.

– Muito bem. Assim que você puder, por favor. Espero que tudo esteja resolvido antes de nos encontrarmos amanhã.

CAPÍTULO XIV

“Segue aqui a receita precisa
Para o molho daquela iguaria
Chamada de indolência, que muitos consomem
Por preferência e dizem que é doce:
Primeiro preste atenção nos pedaços, assim como um cão de caça
Misture tudo e mexa bem,
Envolva com azeite de elogios,
Ponha o tempero das mentiras e das vaidades.
Sirva quente: os recipientes que escolher
Devem ser os sapatos dos homens mortos”.[55]

A conversa que Mr. Bulstrode teve com Harriet parecia ter surtido o efeito desejado por Mr. Vincy, pois na manhã seguinte chegou uma carta que Fred poderia levar a Mr. Featherstone como o testemunho exigido.

O cavalheiro idoso estava na cama por causa do frio e, como Mary Garth não estava na sala, Fred subiu as escadas imediatamente e apresentou a carta ao tio, que, apoiado confortavelmente em almofadas, pôde desfrutar como de costume da sua consciência e sabedoria para desconfiar e frustrar a humanidade. Ele colocou os óculos para ler a carta, franzindo e puxando os cantos dos lábios.

“Nessas circunstâncias, não vou me recusar a declarar minha convicção... – Bah! Que belas palavras o sujeito usa! Ele é tão bom quanto um leiloeiro... *de que seu filho Frederic não obteve nenhum adiantamento de dinheiro em legados prometidos por Mr. Featherstone...* – Prometidos? Quem disse que eu prometi alguma coisa? Eu não prometi nada, farei quantos codicilos eu quiser... *e que, considerando a natureza de tal procedimento, não é razoável presumir que um*

jovem de bom senso e caráter tentaria fazê-lo... – Ah, veja, mas o cavalheiro não diz que você é um jovem de bom senso e caráter!... *Quanto à minha própria intervenção em qualquer relato desta natureza, afirmo claramente que jamais fiz qualquer declaração no sentido de que seu filho havia tomado dinheiro emprestado sobre qualquer propriedade que pudesse pertencer a ele com a morte de Mr. Featherstone...* – Meu Deus! Propriedade, pertencer, morte! O advogado Standish não é nada perto dele. Ele não poderia falar melhor nem se quisesse. Bem – neste momento, Mr. Featherstone olhou para Fred por cima dos óculos, enquanto lhe devolvia a carta com um gesto de desprezo –, você não acha que eu acredito nisso só porque Bulstrode escreve bem, acha?

Fred corou. – O senhor desejava receber a carta, senhor. Acho muito provável que a negação de Mr. Bulstrode seja tão boa quanto a autoridade que lhe disse o que ele nega.

– Absolutamente! Eu nunca disse que acreditava em um ou no outro. E, agora, o que você espera? – perguntou Mr. Featherstone, bruscamente, mantendo os óculos, mas retirando as mãos debaixo das cobertas.

– Não espero nada, senhor – disse Fred, com dificuldade para se conter e não expressar sua irritação. – Eu vim lhe trazer a carta. Se preferir, eu lhe desejarei um bom dia e irei embora.

– Ainda não, ainda não. Toque a sineta, quero que a moça venha aqui.

Foi um criado quem atendeu ao chamado.

– Diga à moça que venha aqui! – disse Mr. Featherstone, impaciente. – Por que ela não está aqui? – ele falou no mesmo tom quando Mary surgiu.

– Por que não ficou esperando até que eu dissesse que podia ir? Quero meu colete agora. Eu já lhe disse para sempre deixá-lo na cama.

Os olhos de Mary pareciam muito vermelhos, como se ela tivesse chorado. Estava claro que Mr. Featherstone estava em um de seus humores mais ásperos naquela manhã, e embora Fred agora tivesse a perspectiva de receber o tão necessário presente em dinheiro, ele teria preferido ser livre para poder voltar-se contra o velho tirano e dizer a ele que Mary Garth era boa demais para ficar à

sua disposição. Embora Fred tivesse se levantado quando ela entrou no quarto, ela mal o notou e parecia que seus nervos estavam tremendo com a expectativa de que algo fosse atirado nela. Mas ela nunca teve nada pior do que palavras para temer. Quando foi tirar o colete de um cabide, Fred aproximou-se e disse: – Permita-me.

– Deixe-a em paz! Traga-o, senhorita, e coloque-o aqui – ordenou Mr. Featherstone. – Agora pode ir até eu chamá-la de novo – acrescentou ele, quando o colete foi colocado ao seu lado. Era comum para ele temperar seu prazer demonstrando apreço por uma pessoa e sendo particularmente desagradável com outra, e Mary estava sempre à disposição para fornecer o condimento. Quando seus próprios parentes o visitavam, ela era tratada melhor. Ele tirou um molho de chaves do bolso do colete e lentamente apanhou uma caixa de lata que estava embaixo da roupa de cama.

– Você acha que eu vou te dar uma pequena fortuna, hein? – disse ele, olhando por cima dos óculos e parando no ato de abrir a tampa da lata.

– Absolutamente. O senhor teve a generosidade de dizer que me daria um presente no outro dia, do contrário, é claro, eu nem deveria ter pensado no assunto – disse rapidamente o rapaz, mas ele tinha uma disposição esperançosa e uma visão de uma soma grande o suficiente para livrá-lo de uma certa ansiedade. Quando Fred contraía uma dívida, sempre lhe parecia altamente provável que alguma coisa, ele não necessariamente concebia o quê, aconteceria, permitindo-lhe pagar no devido tempo. E agora que o acontecimento providencial estava aparentemente próximo, seria um completo absurdo imaginar que o suprimento seria insuficiente, tão absurdo quanto uma fé que acreditava em meio milagre por falta de força para acreditar em um milagre completo.

As mãos cheias de veias remexeram em muitas notas, uma após a outra, deixando-as de lado novamente, enquanto Fred permanecia recostado na cadeira, evitando uma aparência ansiosa. Ele se considerava um cavalheiro de coração e não gostava de cortejar um velho por seu dinheiro. Por fim, Mr. Featherstone o olhou novamente por cima dos óculos e o presenteou com um pequeno maço de

notas. Fred podia ver nitidamente que havia apenas cinco, já que as arestas menos significativas se abriam em sua direção. Mas, talvez, cada uma poderia ser de cinquenta libras. Ele as pegou, dizendo:

– Sou muito grato ao senhor – ele já ia enrolá-las sem aparentar interesse no seu valor. Mas isso não combinava com Mr. Featherstone, que o observava atentamente.

– Vamos, não acha que vale a pena contá-las? Você aceita o dinheiro como um lorde, suponho que o perde como um também.

– Eu acredito que a cavalo dado não se olham os dentes, senhor. Mas ficarei muito satisfeito em contá-las.

No entanto, Fred não ficou tão satisfeito depois de contá-las, já que realmente representavam o absurdo de ser uma quantidade menor do que sua esperança havia decidido que seria. O que pode significar uma adequação de coisas, senão a adequação às expectativas de um homem? Ao falhar, o absurdo e o ateísmo lhe dão as costas. A desilusão de Fred foi enorme quando descobriu que não havia mais de cinco notas de vinte, e de nada adiantou que houvesse frequentado a educação universitária do seu país. Entretanto, enquanto seu rosto mudava rapidamente de expressão, ele disse:

– É muito generoso da sua parte, senhor.

– Eu acho que é mesmo – disse Mr. Featherstone, enquanto trancava sua caixa e a recolocava no lugar. Em seguida, ele tirou os óculos deliberadamente e, por fim, como se sua meditação interior o tivesse convencido ainda mais, repetiu: – Eu acho que fui muito generoso.

– Eu lhe asseguro, senhor, que estou muito grato – disse Fred, que tivera tempo para recuperar o aspecto animado.

– E deveria estar mesmo. Você quer fazer uma figura no mundo, e eu acho que Peter Featherstone é o único em quem pode confiar.

Neste momento, os olhos do velho brilharam com uma satisfação curiosamente mesclada pela consciência de que aquele jovem inteligente confiava nele, e que o jovem inteligente era um tolo por fazê-lo.

– Sim, de fato. Eu não nasci com oportunidades magníficas diante de mim. Poucos homens têm sido mais limitados do que eu – disse Fred, surpreendendo-se com sua própria virtude, considerando as dificuldades com as quais tivera de conviver. – A verdade é que é muito difícil ter que ir à caça num pangaré e ver outros, que não possuem a metade do nosso juízo, capazes de desperdiçar qualquer quantia com barganhas.

– Bem, você já pode comprar um bom cavalo. Oitenta libras são suficientes para isso, creio eu; e você ainda terá vinte libras para se livrar de qualquer pequena confusão – disse Mr. Featherstone, com uma risadinha.

– O senhor é um homem muito generoso – disse Fred, consciente do contraste entre suas palavras e seus sentimentos.

– Sim, um tio muito melhor do que o presunçoso Bulstrode. Acredito que você não vai tirar muito proveito de suas falas. Ele tem uma corda bem forte em volta da perna do seu pai, pelo que ouvi, hein?

– Meu pai nunca me conta nada sobre seus negócios, senhor.

– Isso mostra que ele tem algum bom senso. Mas outras pessoas descobrem sem que ele diga. Ele nunca terá muito o que deixar para você; provavelmente vai morrer sem um testamento, ele é o tipo de homem que faz isso, por mais que se torne o prefeito de Middlemarch. Você não vai ganhar muita coisa com a morte dele sem um testamento, mesmo sendo o filho mais velho.

Fred pensou que Mr. Featherstone nunca havia sido tão desagradável antes. É verdade que ele nunca lhe dera tanto dinheiro de uma vez.

– Devo destruir a carta de Mr. Bulstrode, senhor? – perguntou Fred, levantando-se com a carta na mão, como se fosse jogá-la no fogo.

– Sim, sim, eu não quero isso. Não vale nenhum dinheiro para mim.

Fred levou a carta à lareira e a atravessou energicamente com o atiçador. Ele ansiava por sair do quarto, mas sentia vergonha de si mesmo e de seu tio, de fugir imediatamente após embolsar o dinheiro. Poucos minutos depois, o administrador da fazenda chegou para apresentar um relatório ao seu patrão, e Fred, para seu indescritível alívio, foi dispensado com a liminar de que voltaria

em breve.

Ele desejava não apenas livrar-se do tio, mas também encontrar Mary Garth. Ela estava agora em seu lugar de sempre perto do fogo, com uma costura nas mãos e um livro aberto na mesinha ao lado. Suas pálpebras haviam perdido um pouco da vermelhidão e ela havia recobrado o seu autocontrole.

– Estou sendo chamada no andar de cima? – perguntou ela, levantando-se parcialmente quando Fred entrou.

– Não, eu fui dispensado porque Simmons subiu.

Mary sentou-se novamente e retomou seu trabalho. Ela certamente o estava tratando com mais indiferença do que de costume; ela não sabia como ele se sentira afetuosamente indignado por ela no andar de cima.

– Posso ficar um pouco aqui, Mary, ou vou te aborrecer?

– Por favor, sente-se – disse Mary –, o senhor não vai me aborrecer mais do que Mr. John Waule que esteve aqui ontem e sentou-se sem pedir permissão.

– Pobre sujeito! Acho que está apaixonado pela senhorita.

– Eu não sei nada sobre isso. E para mim é uma das coisas mais odiosas na vida de uma mulher, que sempre deva haver alguma presunção de que está apaixonado por ela qualquer homem que se mostre gentil, e a quem ela é grata. Eu acreditava que, ao menos, poderia estar a salvo disso. Não tenho motivos para a vaidade absurda de imaginar que todos que se aproximam de mim estão apaixonados por mim.

Mary não pretendia trair nenhum sentimento, mas, apesar de tudo, concluiu com tom trêmulo de contrariedade.

– Aos diabos com John Waule! Não era minha intenção deixá-la zangada. Não sabia que tinha motivos para ser grata a ele. Esqueci que considera um grande favor se alguém apagar uma vela para a senhorita – Fred também tinha seu orgulho e não estava disposto a deixar transparecer que sabia muito bem o que havia provocado a explosão de Mary.

– Oh, não estou zangada, exceto com os costumes do mundo. Gosto de que me falem como se tivessem bom senso. Na verdade, muitas vezes sinto como se

pudesse entender um pouco mais do que já ouvi, mesmo de jovens senhores que frequentaram a faculdade – Mary havia se recuperado e uma agradável risada abafada e contida impregnava suas palavras.

– Não me importa o quão feliz a senhorita está às minhas custas esta manhã – disse Fred –, achei que tinha um aspecto tão triste quando subiu as escadas. É uma vergonha que deva ficar aqui para ser intimidada dessa maneira.

– Ah, minha vida já foi pior. Eu tentei ser uma professora e não estou apta para isso: minha mente gosta muito de vagar em seu próprio caminho. Creio que qualquer dificuldade é melhor do que fingir fazer o que alguém é pago para fazer, mas nunca realmente faz. Posso fazer tudo aqui tão bem quanto qualquer outra pessoa, talvez até melhor do que algumas... como Rosy, por exemplo. Embora ela seja o tipo de criatura bonita que é aprisionada com os ogros nos contos de fadas.

– Rosy! – exclamou Fred, em um tom de profundo ceticismo fraternal.

– Vamos, Fred! – disse Mary, enfaticamente. – Você não tem o direito de ser tão crítico.

– A senhorita está se referindo a algo em particular... nesse momento?

– Não, eu me refiro a algo generalizado, como sempre.

– Ah, que sou indolente e extravagante. Bem, não tenho aptidão para ser um homem pobre. Eu não teria sido um mau sujeito se fosse rico.

– Teria cumprido o seu dever naquele estado de vida para o qual não aprouve a Deus chamá-lo – disse Mary, rindo.

– Bem, eu não poderia cumprir meu dever de clérigo, assim como a senhorita não poderia cumprir o seu como professora. Deveria sentir mais simpatia, Mary.

– Eu nunca disse que deveria ser um clérigo. Existem outros tipos de trabalho. Parece-me muito triste que não se decida sobre algum curso e aja de acordo.

– Eu o faria, se... – Fred interrompeu e ficou de pé, apoiado na lareira.

– Se tivesse a certeza de que não teria uma fortuna?

– Eu não disse isso. A senhorita quer brigar comigo. É uma pena que seja

guiada pelo que outras pessoas dizem de mim.

– Como posso querer brigar com o senhor? Eu deveria estar brigando com todos os meus novos livros – disse Mary, levantando o volume sobre a mesa. – Por mais perverso que possa ser com as outras pessoas, o senhor é bom para mim.

– Porque gosto da senhorita mais do que qualquer outra pessoa. Mas eu sei que me despreza.

– Sim, eu desprezo... um pouco – disse Mary, com um sorriso e assentindo com a cabeça.

– A senhorita sentiria admiração por um sujeito estupendo, com opiniões sábias sobre tudo.

– Sim, é verdade – Mary estava costurando rapidamente e parecia provocadoramente dona da situação. Quando uma conversa se vira contra nós, apenas avançamos mais e mais no pântano do embaraço. Foi isso o que Fred Vincy sentiu.

– Suponho que uma mulher nunca se apaixone por alguém que ela sempre conheceu, desde que ela consegue se lembrar, como um homem costuma fazer. É sempre um novo sujeito que chama a atenção dela.

– Deixe-me pensar – disse Mary, curvando os cantos da boca maliciosamente. – Devo recorrer à minha experiência. Temos Julieta, ela parece um exemplo do que diz. Por outro lado, Ofélia provavelmente conhecia Hamlet há muito tempo; e Brenda Troil conhecia Mordaunt Merton desde que eram crianças, mas ele parece ter sido um jovem louvável; Minna aparentava estar profundamente apaixonada por Cleveland, que era um desconhecido. Waverley era um estranho para Flora MacIvor, mas ela não se apaixonou por ele. E há Olivia, Sophia Primrose e Corinne,[56] pode-se dizer que elas se apaixonaram por desconhecidos. No geral, minha experiência é bastante confusa.

Mary olhou para Fred com uma certa malícia que era muito cativante, e seus olhos não eram mais do que janelas claras onde a observação sorria. Fred era uma pessoa afetuosa e, à medida que crescia havia se apaixonado por sua antiga

companheira de brincadeiras, apesar de ter frequentado a educação universitária que tinha exaltado sua visão e posição de renda.

– Quando um homem não é amado, é inútil dizer que ele poderia ser uma pessoa melhor, que poderia fazer qualquer coisa, a não ser que tivesse a certeza de ser amado também.

– Não adianta nada dizer que poderia ser melhor. Poderia, podia, deveria, são condicionais desprezíveis.

– Não vejo como um homem pode ser bom a menos que tenha uma mulher que o ame ternamente.

– Eu diria que a bondade deveria vir antes da paixão.

– A senhorita sabe que isso não é verdade. Uma mulher não se apaixona por um homem por sua bondade.

– Talvez não. Mas se ela se apaixona, não acredita que ele seja mau.

– Não é justo dizer que sou mau.

– Eu não disse nada sobre o senhor.

– Nunca serei bom para nada, Mary, se não disser que me ama, se não prometer se casar comigo, quero dizer, quando eu puder me casar.

– Se eu o amasse, não me casaria com o senhor; certamente não prometeria me casar com o senhor.

– Acho isso muito perverso, Mary. Se me ama, deveria prometer se casar comigo.

– Pelo contrário, acho que seria perverso da minha parte me casar com o senhor, mesmo se o amasse.

– A senhorita se refere à minha situação atual, sem possibilidades de manter uma esposa. Eu entendo, mas eu tenho apenas 23 anos.

– Quanto ao último ponto, esta situação será alterada. Mas eu não estou muito certa sobre qualquer outra alteração. Meu pai diz que não deveriam existir homens indolentes, e que eles não deveriam se casar.

– Devo estourar os meus miolos, então?

– Não; eu penso que deveria passar no exame. Ouvi Mr. Farebrother dizer

que é vergonhosamente fácil.

– Está tudo muito bem. Qualquer coisa é fácil para ele. Não que a inteligência tenha algo a ver com isso. Eu sou dez vezes mais inteligente do que muitos homens que foram aprovados.

– Meu Deus! – exclamou Mary, incapaz de reprimir seu sarcasmo. – Isso explica os párocos como Mr. Crowse. Divida sua inteligência por dez, e o quociente... meu Deus! É o suficiente para se licenciar. Mas isso só demonstra que o senhor é dez vezes mais indolente do que os outros.

– Bem, se eu fosse aprovado, a senhorita não gostaria que eu entrasse para a igreja?

– Esta não é a questão... o que eu quero que faça. Suponho que tenha a sua própria consciência. Bem, lá vem Mr. Lydgate. Devo subir e comunicar meu tio.

– Mary – disse Fred, agarrando sua mão enquanto ela se levantava –, se não me der alguma esperança, vou piorar em vez de melhorar.

– Eu não vou lhe dar nenhuma esperança – disse Mary, corando. – Sua família não aprovaria, nem a minha. Meu pai consideraria uma vergonha para mim se eu aceitasse um homem que contrai dívidas e não trabalha.

Fred sentiu-se ferido e soltou sua mão. Ela caminhou até a porta, mas lá virou-se e disse: – Fred, você sempre foi tão bom, tão generoso comigo. Eu não sou ingrata, mas nunca mais fale comigo dessa maneira.

– Muito bem! – disse Fred, mal-humorado, pegando o chapéu e o chicote. Sua tez apresentava manchas rosa-claro que contrastavam com o branco pálido. Como muitos jovens cavalheiros despreocupados e indolentes, ele estava completamente apaixonado e por uma moça simples, que não tinha dinheiro! Porém, com as terras de Mr. Featherstone em segundo plano e a convicção de que, apesar do que Mary dissera, ela realmente se importava com ele, Fred não estava de todo desesperado.

Quando voltou para casa, deu quatro das notas de vinte para a mãe, pedindo-lhe que as guardasse para ele. – Não quero gastar esse dinheiro, mãe. Quero pagar uma dívida com ele. Portanto, mantenha-o longe do meu alcance.

– Que Deus te abençoe, meu querido! – disse Mrs. Vincy. Ela adorava o filho mais velho e sua filha mais nova (uma criança de seis anos), a quem os outros consideravam seus dois filhos mais desobedientes. Os olhos da mãe nem sempre se enganam em suas preferências: são as que melhor podem julgar qual é o filho mais carinhoso e de bom coração. Fred certamente gostava muito de sua mãe. Talvez fosse seu afeto por outra pessoa que o impulsionasse a tomar medidas contra sua própria tendência a gastar as cem libras. Mas o credor a quem devia cento e sessenta libras tinha em seu poder uma garantia mais sólida na forma de uma nota promissória assinada pelo pai de Mary.

CAPÍTULO XV

“Olhos negros que você deixou,
Você diz que olhos azuis não conseguem te atrair;
No entanto, hoje parece mais extasiada,
Do que da última vez que nos vimos.
“Oh, eu acompanho a mais bela
Pelos novos locais de prazer;
Pegadas aqui e ecos ali
Me guiam até o meu tesouro.
“Veja! Ela se transforma,
Jovem imortal forjada em uma estatura mortal,
Fresca como a luz das estrelas,
Com seus nomes variados: Natureza!

Um grande historiador, como ele insistia em chamar a si mesmo, que teve a felicidade de morrer 120 anos atrás e assim ocupar seu lugar entre os colossos por cujas imensas pernas nossa mesquinhez caminha, considera suas copiosas observações e digressões como a parte menos imitável de sua obra, especialmente nos capítulos iniciais dos sucessivos livros de sua história, onde ele parece trazer sua poltrona para o palco e conversar conosco em toda a vigorosa facilidade do seu magnífico inglês. Porém, Fielding[57] vivia quando os dias eram mais longos (pois o nosso tempo, assim como o dinheiro, é medido por nossas necessidades), quando as tardes de verão eram extensas, e o relógio marcava as horas devagar nas noites de inverno. Nós, historiadores tardios, não devemos nos demorar em seu exemplo, pois se o fizéssemos, seria provável que nossa conversa fosse inconsistente e impaciente, como se fosse pronunciada a

partir de um banquinho em uma loja de pássaros. Pessoalmente, tenho tanto trabalho para desvendar certos destinos humanos e ver como foram tecidos e entrelaçados, que toda a luz que disponho deve ser concentrada nesta teia em particular, e não dispersa sobre aquela gama tentadora de relevâncias chamada universo.

No momento, tenho a missão de tornar conhecido a quem interessar o novo habitante, Lydgate, o que parece difícil mesmo para aqueles que o viram mais de uma vez desde sua chegada a Middlemarch. Certamente, todos devem admitir que um homem pode ser admirado e exaltado, invejado, ridicularizado, considerado um instrumento, amado (ou pelo menos selecionado como um futuro marido), e ainda permanecer virtualmente um desconhecido, ou conhecido apenas como um grupo de sinais pelos quais seus vizinhos podem fazer falsas suposições. Entretanto, havia uma impressão generalizada de que Lydgate não era um médico rural comum, e em Middlemarch daquela época essa impressão significava que se esperavam grandes coisas dele, pois o médico de família era notavelmente inteligente e possuía uma habilidade incomensurável no tratamento e no conhecimento das enfermidades mais caprichosas ou cruéis. A evidência de sua inteligência era de ordem intuitiva superior, residindo na convicção inabalável de suas pacientes femininas, irrefutável a qualquer objeção, exceto a de que suas intuições eram contestadas por outras igualmente fortes: cada senhora que considerava válida a verdade de Wrench e “o tratamento fortalecedor” considerava uma perdição o “sistema debilitante” de Toller. Pois os tempos heroicos das sangrias copiosas e ventosas ainda não haviam desaparecido, muito menos os tempos de teoria absoluta, quando a doença em geral recebia um nome maligno e era, por conseguinte, tratada sem nenhuma hesitação, como, por exemplo, a insurreição, que não deveria ser combatida com cartuchos sem bala, mas ter seu sangue retirado imediatamente. Tanto os “fortalecistas” quanto os “debilitancistas” eram todos homens “inteligentes” na opinião de alguém, o que é tudo o que se pode dizer de qualquer talento vivo. A imaginação de ninguém tinha ido tão longe a ponto de conjeturar que Mr.

Lydgate pudesse saber tanto quanto o Dr. Sprague ou o Dr. Minchin, os dois únicos médicos que sozinhos poderiam oferecem alguma esperança quando o perigo era extremo e quando a mínima esperança valia um guinéu. Ainda assim, repito, havia uma impressão generalizada de que Lydgate era bastante distinto dos demais profissionais de Middlemarch. E isso era verdade. Ele tinha apenas 27 anos, uma idade em que muitos homens não são muito populares, têm esperança de triunfar e estão decididos a não fraquejar, pensando que Mammon[58] jamais colocaria um bocado em sua boca e montaria em suas costas, mas ao invés disso, Mammon, se eles têm alguma coisa a ver com ele, deveria puxar sua carruagem.

Ele havia ficado órfão assim que ingressara em uma escola pública. Seu pai, um militar, havia feito pouco para prover para seus três filhos, e quando o menino Tertius pediu para ter uma educação médica, pareceu mais fácil para seus tutores atenderem seu pedido, tornando-o aprendiz de um médico rural do que fazer qualquer objeção em função da dignidade da família. Ele era um desses rapazes mais insólitos que muito cedo sentem uma inclinação e decidem que há algo particular na vida que gostariam de fazer por si mesmos, e não porque seus pais o fizeram. A maioria de nós que se dedica a qualquer assunto com amor se lembra de alguma hora da manhã, ou da noite, quando subíamos em um banquinho alto para alcançar um volume não lido, ou nos sentávamos com os lábios entreabertos ouvindo um novo orador, ou quando, pela simples falta de livros, começávamos a ouvir as nossas vozes interiores, como o primeiro vislumbre rastreável de nosso amor. Algo parecido aconteceu com Lydgate. Ele era um sujeito rápido e, quando estava com calor depois de brincar, deitava-se em um canto e, em cinco minutos, estava mergulhado na leitura do primeiro livro que estivesse à mão. Se fosse Rasselas ou Gulliver,[59] tanto melhor, mas o dicionário de Bailey também servia, ou mesmo a Bíblia com os apócrifos. Ele tinha necessidade de ler quando não estava montando o pônei, ou correndo e caçando, ou ainda ouvindo a conversa dos homens. Tudo isso era verdade para ele aos 10 anos; idade em que havia lido “*Chrisal or The Adventures of a*

Guinea”,[60] que não era nem água com açúcar nem qualquer mistura destinada a passar por tal, e já havia ocorrido a ele que os livros eram bons, e que a vida era estúpida. Seus estudos escolares não haviam modificado significativamente essa opinião, pois embora tivesse tomado aulas sobre os clássicos e a matemática, não conseguiu se sobressair nessas artes. Dizia-se dele que Lydgate poderia fazer tudo o que quisesse, mas que até o momento ainda não havia manifestado a intenção de fazer nada notável. Ele era um animal vigoroso com uma compreensão rápida, mas nenhuma centelha havia acendido nele uma paixão intelectual. O conhecimento lhe parecia uma questão muito superficial e de fácil aquisição e, a julgar pelas conversas dos mais velhos, ele aparentemente já tinha recebido mais do que o necessário para uma vida madura. Provavelmente, este não havia sido um resultado excepcional do ensino caro da época de casacos de cintura alta e outras modas que ainda não se repetiram. Porém, durante umas férias, um dia chuvoso o enviou à pequena biblioteca familiar novamente em busca de algum livro que pudesse lhe trazer alguma novidade: vã ilusão! Exceto quando avistou uma fileira empoeirada de volumes com versos de papel cinza e etiquetas encardidas: os volumes de uma velha enciclopédia que ele nunca havia perturbado. Seria pelo menos uma novidade incomodá-los. Eles estavam na prateleira mais alta e ele subiu em uma cadeira para apanhá-los. Ele abriu o primeiro volume que tirou da estante; às vezes tendemos a ler em uma atitude improvisada, precisamente em situações em que pode parecer inconveniente fazê-lo. A página que ele abriu levava o título de Anatomia e o primeiro parágrafo que atraiu seus olhos era sobre as válvulas do coração. Ele não estava muito familiarizado com nenhum tipo de válvulas, mas sabia que *valvae*, do latim, era porta dobrável, e por essa fenda surgiu uma luz repentina que o surpreendeu com sua primeira noção clara de um mecanismo preciso no corpo humano. Uma educação liberal lhe havia proporcionado a liberdade para ler as passagens mais ousadas dos clássicos, mas havia deixado sua imaginação completamente livre de preconceitos além de um sentimento geral de segredo e obscenidade em relação à sua estrutura interna, de modo que, por tudo o que

sabia, seu cérebro continha pequenas bolsas em suas têmporas, e ele não tinha um interesse maior para entender como seu sangue circulava ou em saber como o papel era usado no lugar do ouro. Porém, o momento da vocação havia chegado e antes que descesse de sua cadeira, ele descobriu um mundo novo através de um pressentimento de processos intermináveis que preenchiam os imensos espaços fechados pela ignorância prolixa que ele chamava de conhecimento. A partir daquele momento, Lydgate sentiu nascer uma paixão intelectual.

Não temos medo de repetir mil vezes como um homem se apaixona por uma mulher e se casa com ela; ou, então, se vê fatalmente separado dela. Será devido ao excesso de poesia ou de estupidez que nunca nos cansamos de descrever o que o rei Jaime chamava de “forma e beleza” de uma mulher, ou de ouvir o tilintar das velhas cordas do Trovador e comparativamente desinteressados naquele outro tipo de “forma e beleza” que deve ser cortejada com pensamento laborioso e paciente renúncia aos pequenos desejos? Além disso, na história dessa paixão, o desenvolvimento varia: às vezes é o casamento glorioso, em outras é a frustração e a separação final. E não raramente a catástrofe está ligada à outra paixão, cantada pelos Trovadores. Pois entre a multidão de homens de meia-idade que cumprem suas vocações numa rotina diária, determinada por eles da mesma forma que o nó de suas gravatas, sempre há um bom número que já teve a intenção de moldar suas próprias ações e alterar um pouco do mundo. Quase nunca contam a si mesmos a história de como se converteram em um entre muitos, prontos para serem embalados aos montes, mesmo em sua consciência, pois talvez o seu entusiasmo convertido em trabalho generoso e não remunerado esfriasse tão imperceptivelmente quanto o ardor de outros amores da juventude, até que um dia seu eu interior caminhasse, como um fantasma, por sua velha casa, fazendo com que seu novo mobiliário parecesse cadavérico. Nada no mundo é mais sutil do que o processo de sua mudança gradual. No princípio, nós o inalamos sem saber, talvez você e eu possamos ter contribuído para infectá-lo com parte do nosso hálito quando proferimos nossas falsidades

disciplinadas ou tiramos nossas conclusões tolas, ou talvez tenha surgido com as vibrações do olhar de uma mulher.

Lydgate não tinha a intenção de ser um desses fracassados, e ele tinha ainda mais esperança porque seu interesse científico logo adotou a forma de um entusiasmo profissional. Ele possuía uma crença juvenil em seu trabalho para o seu sustento e não pretendia ser sufocado por essa iniciação improvisada chamada “dias de aprendiz”; ele levou para seus estudos em Londres, Edimburgo e Paris a convicção de que a profissão médica, assim como deveria ser, era a melhor do mundo, apresentando o mais perfeito intercâmbio entre ciência e arte, oferecendo a aliança mais direta entre a conquista intelectual e o bem social. A personalidade de Lydgate exigia esta combinação, pois ele era um homem emotivo, com um senso de companheirismo muito real que resistia a todas as abstrações de um estudo especial. Ele não apenas se importava com “casos”, mas com John e Elizabeth, especialmente Elizabeth.[61]

Havia um outro atrativo em sua profissão: ela necessitava de uma reforma e dava ao homem a oportunidade de rejeitar com indignada decisão suas condecorações banais e demais embustes, e de ser o possuidor de aptidões genuínas, embora não exigidas. Ele foi estudar em Paris com a determinação de que, quando retornasse, se estabeleceria em alguma cidade provinciana como clínico geral e resistiria à divisão irracional entre o conhecimento médico e cirúrgico no interesse de suas próprias pesquisas científicas, bem como do progresso em geral; ele se manteria fora do alcance das intrigas, ciúmes e subserviências sociais de Londres, e ganharia celebridade, embora lentamente, como Jenner[62] o fez, pelo valor independente de seu trabalho. Devemos nos lembrar de que este foi um período negro e que, apesar das veneráveis instituições que fizeram grandes esforços para garantir a pureza dos conhecimentos, tornando-os escassos e excluindo o erro por meio de uma exclusividade severa em relação a honorários e nomeações, o resultado era que jovens cavalheiros muito ignorantes eram promovidos na cidade, e muitos mais obtinham o direito legal de exercer a medicina em grandes zonas rurais. Além

disso, o prestígio público que gozava o *College of Physicians*, que sancionava a custosa e escassa instrução médica obtida por graduados em Oxford e Cambridge, não impedia a prosperidade do curandeirismo, pois a prática profissional consistia principalmente em receitar muitas drogas. O público inferia que seria melhor servido com uma quantidade maior de medicamentos, desde que pudessem ser comprados a baixo custo e, assim, engolir grandes medidas cúbicas de remédios prescritos pela ignorância inescrupulosa carente de títulos. Considerando que as estatísticas ainda não haviam propiciado um cálculo quanto aos números de médicos ignorantes ou hipócritas que forçosamente deveriam existir em função das reformas, parecia a Lydgate que uma mudança nas unidades era o modo mais direto de modificar os números. Ele pretendia ser uma unidade que faria uma certa diferença em relação a essa mudança generalizada que um dia afetaria consideravelmente a média e, nesse meio tempo, teria o prazer de contribuir de forma vantajosa para as vísceras de seus próprios pacientes. Mas seu objetivo não era simplesmente exercer um tipo de prática mais genuína do que o comum. Ele ambicionava um efeito mais amplo e estava empolgado com a possibilidade de chegar à revelação de uma concepção anatômica e criar um elo na cadeia das descobertas.

Parece incongruente que um médico de Middlemarch sonhe consigo mesmo como um descobridor? A maioria de nós, de fato, sabe pouco sobre os grandes inovadores até que eles tenham sido elevados entre as constelações e já governem nossos destinos. Por acaso Herschel,[63] por exemplo, que “rompeu as barreiras dos céus” nunca tocou um órgão de uma igreja provinciana e deu aulas de música a pianistas trôpegos? Cada um desses brilhantes teve que caminhar sobre a terra entre vizinhos que talvez apreciassem muito mais seu porte e sua vestimenta do que qualquer coisa que lhe outorgasse o direito da fama eterna; cada um deles tinha sua pequena história pessoal local salpicada de pequenas tentações e preocupações sórdidas, as quais colocavam o atrito retardador de seu curso em direção à companhia final com os imortais. Lydgate não estava alheio aos perigos de tal atrito, mas tinha bastante confiança em sua resolução de evitá-

los tanto quanto possível. Ele tinha 27 anos e acreditava possuir experiência. E ele não teria suas vaidades provocadas pelo contato com os pomposos sucessos mundanos da capital, mas viveria entre pessoas que não podiam ter rivalidade com a busca de um grande ideal que deveria ser uma finalidade gêmea da prática assídua da sua profissão. Havia uma fascinação na esperança de que as duas metas se iluminassem mutuamente: a observação minuciosa e a inferência de que consistia no seu trabalho diário o uso dos microscópios para completar seu julgamento em casos especiais aprofundariam seu pensamento como um instrumento de investigação mais ampla? Não seria essa a preeminência típica de sua profissão? Ele seria um bom médico de Middlemarch, e por isso mesmo se manteria no caminho de uma pesquisa de longo alcance. Em um ponto neste estágio específico de sua carreira, Lydgate tinha o direito de reivindicar nossa aprovação: ele não pretendia imitar os modelos filantrópicos que tiram proveitos de conservas envenenadas para se sustentar, à medida que denunciam a adulteração ou mantêm ações em um jogo de azar para que tenham tempo livre necessário para representar a causa da moralidade pública. No seu caso, ele pretendia iniciar algumas reformas particulares que certamente estavam ao seu alcance e eram muito menos problemáticas do que a demonstração de uma concepção anatômica. Uma dessas reformas era atuar com firmeza, respaldado por uma decisão legal recente e simplesmente prescrever, sem dispensar medicamentos ou receber porcentagem dos farmacêuticos. Esta era uma inovação para quem havia optado por adotar o estilo de clínico geral em uma cidade do interior e seria temido por uma ofensiva crítica aos seus colegas de profissão. Mas Lydgate também pensava em inovar os tratamentos e era suficientemente prudente para saber que a melhor garantia para o exercício honesto, segundo seus critérios, era livrar-se de tentações sistemáticas que favoreciam o contrário.

Talvez aqueles fossem tempos mais alegres para o observador e para o teórico; estamos propensos a pensar que a melhor época do mundo foi quando a América estava começando a ser descoberta, quando um ousado marinheiro,

ainda que fosse um náufrago, conseguiu chegar a um novo reino, e por volta de 1829, os tenebrosos territórios da Patologia constituíam uma bela América para um jovem e animado aventureiro. Lydgate ambicionava, acima de tudo, contribuir para ampliar a base científica e racional de sua profissão. Quanto mais ele se interessava por questões especiais da doença, como a natureza da febre ou das febres, por exemplo, mais intensamente sentia a necessidade de obter esse conhecimento fundamental da estrutura que apenas no início do século tinha sido iluminada pela breve e gloriosa carreira de Bichat,[64] que morreu quando tinha apenas 31 anos, mas que, como o outro Alexandre, deixou um reino grande o suficiente para muitos herdeiros. Este grande francês foi o primeiro a conceber que os corpos humanos, considerados fundamentalmente, não são associações de órgãos que podem ser compreendidos a partir de um estudo inicial em separado e, depois, por assim dizer, federalmente, mas devem ser considerados a partir da ideia de que são constituídos por certas estruturas ou tecidos primários, dos quais os vários órgãos: cérebro, coração, pulmões e outros são compactados assim como as distintas partes de uma casa são construídas, com diversas proporções de madeira, ferro, pedra, tijolo, zinco e assim por diante, tendo cada material sua composição e proporções peculiares. Nenhum homem, como se vê, pode compreender e avaliar toda a estrutura ou suas partes, suas debilidades e reparos, sem conhecer a natureza dos materiais. E a concepção elaborada por Bichat, com seu estudo detalhado dos diferentes tecidos, influenciava forçosamente as questões médicas, assim como o faria a aparição da luz a gás em uma rua escura iluminada com lampiões a óleo, mostrando novas conexões e realidades de estrutura até então ocultas que deveriam ser levadas em conta ao considerar os sintomas das doenças e o efeito dos medicamentos. Porém, os resultados que dependem da consciência e da inteligência humanas avançam lentamente, e agora, no final de 1829, grande parte do exercício da medicina ainda se pavoneava ou se arrastava ao longo dos velhos caminhos, e ainda havia trabalho científico a ser feito como consequência direta do trabalho de Bichat. Este grande visionário não foi além da consideração dos tecidos como as últimas

realidades do organismo vivo, marcando o limite da análise anatômica, mas manteve-se aberto para outra mente questionar: não teriam estas estruturas alguma base comum ou um casulo de onde procedem todas as outras, como o tafetá, a gaze, a malha, o cetim e o veludo? Aqui haveria outra luz, como o gás de oxi-hidrogênio, que mostraria a própria textura das coisas e revisaria todas as explicações anteriores. Lydgate estava apaixonado por esta sequência do trabalho de Bichat, que já vibrava em muitas correntes do pensamento europeu e ansiava por demonstrar as relações mais íntimas da estrutura viva e ajudar a definir com mais exatidão o pensamento dos homens, segundo a verdadeira ordem. O trabalho ainda não estava concluído, mas preparado para quem sabia como usá-lo. Qual era o tecido primitivo? Assim a questão tinha sido formulada por Lydgate, não exatamente da maneira exigida para a resposta que aguardava, mas esta falha na escolha de palavras era recorrente a muitos pesquisadores. Para iniciar sua investigação, ele contava com intervalos tranquilos, que seriam cuidadosamente aproveitados, e com as muitas ideias a serem obtidas a partir da dedicação diligente, não apenas do bisturi, mas do microscópio, que a pesquisa havia voltado a usar com renovado entusiasmo e garantia. Este era o plano de Lydgate para seu futuro: fazer um bom e modesto trabalho para Middlemarch e um ótimo trabalho para o mundo.

Ele certamente era um sujeito feliz nessa época: era jovem, não tinha nenhum vício, possuía uma determinação generosa de que seus atos deveriam ser benéficos e ideias em sua mente que tornavam a vida interessante, mesmo sem o *culto aos cavalos*[65] e outros rituais místicos de observância custosa, que as oitocentas libras que lhe restaram depois de comprar sua clínica certamente não teriam conseguido pagar. Ele estava em um ponto de partida que torna a carreira de muitos homens um ótimo tema para apostas, se houvesse algum cavalheiro dado a essa diversão que pudesse apreciar as complicadas probabilidades de um propósito árduo, com todos os possíveis contratempos e avanços da circunstância, todas as sutilezas do equilíbrio interior nas quais um homem nada e consegue seu objetivo, ou então é arrastado pela corrente. O risco

permaneceria mesmo com um conhecimento detalhado do caráter de Lydgate, pois o caráter também é um processo e um desdobramento. O homem, assim como o médico de Middlemarch e o descobridor imortal, ainda estava em formação e existiam defeitos e virtudes com capacidade para diminuir ou expandir. Espero que os defeitos não sejam uma razão para a retirada de seu interesse por ele. Entre os amigos que apreciamos não existe um ou outro que seja muito autoconfiante e desdenhoso, cuja mente privilegiada não esteja um pouco salpicada de vulgaridade, a quem preconceitos primitivos não estejam um pouco apertados aqui e protuberantes ali, ou cujas melhores energias estão sujeitas a escorregar pelo canal errado sob a influência de solicitações transitórias? Todas essas coisas podem ser alegadas contra Lydgate; entretanto, são as perífrases de um pregador cordial que fala de Adão e não deseja mencionar fatos dolorosos para seus paroquianos que pagam por seus bancos na igreja. Os defeitos específicos dos quais essas generalidades delicadas são destiladas têm uma fisionomia, dicção, sotaque e trejeitos distinguíveis que abastecem seus papéis em vários dramas. Nossas vaidades diferem assim como nossos narizes: nem todas as presunções são iguais, mas variam em correspondência com as minúcias da nossa mentalidade assim como diferimos uns dos outros. A presunção de Lydgate era do tipo arrogante: nunca sorrateiro, nunca impertinente, mas maciço em suas reivindicações e benevolentemente desdenhoso. Ele faria muito pelos tolos, pois sentia pena deles e tinha certeza de que não teriam poder sobre ele. Durante o período em que esteve em Paris, ele até pensou em unir-se aos sansimonianos,[66] a fim de colocá-los contra algumas de suas próprias doutrinas. Todos os seus defeitos levavam a marca da família, e eram os de um homem possuidor de um belo barítono, cujas roupas lhe caíam bem e que mesmo em seus gestos comuns tinha um ar de distinção inata. Onde estão, então, os pontos de vulgaridade? Pergunta uma jovem apaixonada sobre essa elegância descuidada. Como poderia haver alguma vulgaridade em um homem tão bem-educado, tão ambicioso de distinção social, tão generoso e incomum em seus pontos de vista a respeito de seus deveres sociais? Com

idêntica facilidade pode-se encontrar insensatez em um gênio se for apanhado desprevenido em um assunto equivocado, ou da mesma maneira que muitos homens que possuem a melhor vontade para avançar o milênio social poderiam não estar positivamente inspirados ao imaginar seus prazeres mais leves, incapazes de ir além da música de Offenbach, ou do trocadilho brilhante na última paródia. As vulgaridades de Lydgate residiam na textura de seus preconceitos, a metade dos quais, apesar da nobre intenção e simpatia, podia ser encontrada em homens comuns que habitam o mundo; esta distinção de espírito pertencente a seu ardor intelectual não penetrava em seus sentimento e julgamento a respeito do mobiliário, ou das mulheres, ou do desejo de tornar conhecido (sem que ele dissesse) o fato de que possuía uma origem melhor do que outros médicos do interior. Ele não tinha a intenção de pensar em mobília naquele momento, mas, sempre que o fazia, temia-se que nem a biologia nem os planos da reforma pudessem elevá-lo acima da vulgaridade de acreditar que haveria uma incompatibilidade se seus móveis não fossem os melhores.

Quanto às mulheres, ele já havia sido atraído uma vez por uma impetuosa loucura, que havia determinado seria a última, uma vez que o casamento em algum período distante, é claro, não seria impetuoso. Para aqueles que desejam compreender Lydgate, é conveniente conhecer o caso de impetuosa loucura, já que pode ser um exemplo de uma guinada de paixão à qual ele era susceptível, juntamente com a amabilidade que contribuía para torná-lo moralmente adorável. A história se resume em poucas palavras. Aconteceu enquanto estudava em Paris, bem na época em que, além de seu outro trabalho, ele estava ocupado com alguns experimentos galvânicos. Uma noite, cansado de suas experiências e incapaz de extrair os dados que precisava, ele deixou seus sapos e coelhos descansando das misteriosas e pesadas descargas inexplicáveis, e foi terminar sua noite no teatro *Porte Saint Martin*, onde se apresentava um melodrama que já tinha visto várias vezes, atraído não pelo trabalho engenhoso dos coautores, mas por uma atriz cujo papel era esfaquear seu amante, confundindo-o com o duque mal-intencionado da peça. Lydgate estava

apaixonado por essa atriz da maneira como os homens se apaixonam por uma mulher com quem nunca esperam falar. Ela era da Provença, tinha olhos escuros, perfil grego e forma arredondada e majestosa, um tipo de beleza que carrega uma doce maturidade mesmo na juventude, e sua voz era como um arrulho suave. Ela estava há pouco tempo em Paris e tinha uma reputação virtuosa: seu marido trabalhava com ela na peça no papel do amante infeliz. Sua atuação não era melhor do que deveria ser, mas o público estava satisfeito. O único consolo de Lydgate nessa época era ir olhar para aquela mulher, assim como ficar jogado por algum tempo sob o suave vento do Sul em um campo de violetas, sem prejuízo de seu galvanismo, ao qual retornaria em breve. Porém, nesta noite, o velho drama incluía uma nova tragédia. No momento em que a heroína deveria simular o assassinato de seu amante, e ele cairia no chão de forma elegante, a esposa realmente apunhalou o marido, que caiu como a morte queria. Um grito penetrante percorreu o teatro e a provençal caiu desmaiada; a peça exigia um grito e um desmaio, mas desta vez o desmaio também foi autêntico. Lydgate saltou e, sem saber como, subiu ao palco, e ajudou ativamente quando, ao reconhecer sua heroína e encontrar uma contusão em sua cabeça, ele a ergueu suavemente em seus braços. Paris ecoou a história dessa morte: teria sido um assassinato? Alguns dos mais ardentes admiradores da atriz sentiam-se inclinados a acreditar em sua culpa, razão pela qual gostavam dela ainda mais (assim era o gosto da época), mas Lydgate não estava entre eles. Ele lutou veementemente pela sua inocência, e aquela remota paixão impessoal, despertada por sua beleza, foi transformada em devoção e preocupação pelo destino da atriz. A ideia de assassinato era absurda: nenhum motivo foi descoberto, pois o jovem casal parecia se adorar e existiam precedentes de que um deslize acidental do pé havia trazido graves consequências. A investigação legal terminou com a liberdade de Madame Laure. A essa altura, Lydgate já havia estado com ela em várias ocasiões e a achava cada vez mais adorável. Ela falava pouco, mas isso era um charme adicional. Ela estava melancólica e parecia agradecida; sua presença bastava, assim como a da luz do entardecer.

Lydgate estava loucamente ansioso pelo seu afeto e com ciúme de que qualquer outro homem pudesse cortejá-la e pedi-la em casamento. Porém, no lugar de renovar seu contrato com o *Porte Saint Martin*, onde teria ficado ainda mais popular depois do episódio fatal, ela deixou Paris sem aviso, abandonando sua pequena corte de admiradores. Talvez ninguém tenha se importado tanto quanto Lydgate, para quem toda a ciência havia parado enquanto ele imaginava a infeliz Laure, aflita pela dor, vagando sem encontrar um consolo fiel. Mas as atrizes ocultas não são tão difíceis de encontrar assim como alguns outros fatos ocultos, e não demorou muito para que Lydgate reunisse indícios de que Laure havia partido para Lyon. Ele finalmente a encontrou atuando com grande sucesso em Avignon com o mesmo nome, parecendo mais majestosa do que nunca no papel de uma esposa abandonada com o filho nos braços. Ele falou com ela depois da apresentação, foi recebido com a mesma quietude, tão bela quanto águas límpidas e profundas, e obteve permissão para visitá-la no dia seguinte, ocasião em que estava decidido a lhe dizer que a adorava e propor que se casasse com ele. Ele sabia que era o impulso repentino de um louco, incongruente até mesmo com suas fraquezas habituais. Não importava! Era a única coisa que estava disposto a fazer. Era como se existissem duas identidades dentro do seu ser e elas devessem aprender a se acomodar uma à outra e suportar impedimentos recíprocos. É curioso como alguns de nós, com uma rápida visão alternativa, podem ver além de nossas paixões, e mesmo enquanto deliramos nas alturas, contemplam a vasta planície onde nosso eu destemido recua e espera por nós.

Abordar Laure com qualquer galanteio que não fosse reverentemente afetuoso teria sido simplesmente uma contradição de todos os seus sentimentos por ela.

– O senhor veio de Paris para me ver? – perguntou ela, no dia seguinte, sentada diante dele com os braços cruzados, observando com os olhos maravilhados de um animal indomado. – Todos os ingleses são assim?

– Eu vim porque não poderia viver sem ao menos tentar vê-la novamente. A senhorita está sozinha; eu a amo; quero que concorde em ser minha esposa. Eu

posso esperar, mas quero que prometa que se casará comigo, e com ninguém mais.

Laure olhou para ele em silêncio com um fulgor melancólico nos olhos, até que ele, levado por uma certeza arrebatadora, ajoelhou-se diante dela.

– Eu vou lhe dizer uma coisa – disse ela, em seu jeito arrogante, mantendo os braços cruzados. – Meu pé realmente escorregou.

– Eu sei, eu sei – disse Lydgate depreciativamente. – Foi um acidente fatal, um terrível golpe do destino que me uniu ainda mais à senhora.

Mais uma vez, Laure fez uma pequena pausa e disse, lentamente:

– Eu fiz de propósito.

Lydgate, homem forte como era, empalideceu e tremeu. Alguns momentos pareceram transcorrer antes que ele se levantasse e se afastasse um pouco dela.

– Havia um segredo, então – disse ele, por fim, com veemência. – Ele era um bruto e a senhora o odiava.

– Não! Ele me cansava; era muito carinhoso; queria viver em Paris, mas não na minha cidade, e eu não gostava disso.

– Bom Deus! – gemeu Lydgate, com horror. – Planejou assassiná-lo?

– Eu não planejei, apenas me ocorreu durante a apresentação. Eu fiz de propósito.

Lydgate ficou mudo e, inconscientemente, vestiu o chapéu enquanto olhava para ela. Ele viu aquela mulher, a primeira a quem havia entregado seu ardor juvenil, em meio à multidão de criminosos estúpidos.

– O senhor é um bom homem – disse ela –, mas eu não gosto de maridos. Nunca terei outro.

Três dias mais tarde, Lydgate achava-se mais uma vez dedicado ao seu galvanismo em seus aposentos em Paris, certo de que as ilusões haviam terminado para ele. A enorme bondade do seu coração e a crença de que a vida humana poderia ser aperfeiçoada o salvaram de efeitos endurecedores. Porém, agora que tinha tanta experiência ele tinha mais motivos do que nunca para confiar em seu julgamento. A partir de então, ele manteria uma visão

estritamente científica com relação às mulheres, alimentando nenhuma expectativa, a não ser as que fossem justificadas de antemão.

Era improvável que alguém em Middlemarch tivesse tal noção do passado de Lydgate como o que aqui foi vagamente esboçado e, de fato, os respeitáveis cidadãos não eram mais dados do que a maioria dos mortais a qualquer tentativa de exatidão na representação para si mesmos daquilo que não cabia em suas próprias experiências. Não eram apenas as jovens virgens da cidade, mas também homens de barba grisalha que, muitas vezes, tinham pressa em conjeturar como um recém-chegado poderia ser atraído para seus propósitos, satisfeitos com um conhecimento muito vago sobre a maneira como a vida o havia moldado para aquele fim. Na verdade, Middlemarch pretendia engolir Lydgate e absorvê-lo da maneira mais cômoda.

CAPÍTULO XVI

“Tudo o que na mulher é adorado
Em ti eu encontro
Pois só o teu sexo pode se permitir
O belo e o agradável”.
– SIR CHARLES SEDLEY

A questão de saber se Mr. Tyke deveria ser nomeado capelão assalariado no hospital era um assunto excitante para os habitantes de Middlemarch, e Lydgate ouvia a discussão de uma forma que lançava muita luz sobre o poder exercido na cidade por Mr. Bulstrode. O banqueiro era evidentemente o mandatário, mas havia um partido de oposição, e mesmo entre seus partidários havia alguns que se permitiam um vislumbre de que seu apoio era um compromisso e manifestavam sinceramente sua impressão de que o esquema geral das coisas, e especialmente as baixas do comércio, exigiam que você acendesse uma vela para o diabo.

O poder de Mr. Bulstrode não se devia simplesmente ao fato de ser um banqueiro rural conhecedor dos segredos financeiros da maioria dos comerciantes da cidade e com autoridade para tocar nas suas fontes de crédito; era fortalecido por uma beneficência sempre pronta e ao mesmo tempo severa: pronta para conferir obrigações e severa em observar o resultado. Como um homem engenhoso em seu posto, ele havia reunido uma parte importante na administração das instituições de caridade da cidade e suas instituições de caridade privadas eram tanto minuciosas quanto abundantes. Ele se esforçou muito na aprendizagem de Tegg, o filho do sapateiro, e vigiava de perto suas idas à igreja; ele defendia Mrs. Strype, a lavadeira, da cobrança injusta de Stubbs

na questão da secagem do solo e investigava qualquer calúnia contra ela. Seus pequenos empréstimos privados eram numerosos, mas ele escrutinaria a fundo as circunstâncias antes e depois. Desta forma, um homem acumula um domínio sobre a esperança e os temores de seus vizinhos, bem como sobre sua gratidão, e o poder, uma vez infiltrado nessa região sutil, se propaga, espalhando-se desproporcionalmente aos seus meios externos. Era um princípio para Mr. Bulstrode obter o máximo poder possível, para que pudesse usá-lo para a glória de Deus. Ele passava por muitos conflitos espirituais e discussões internas para ajustar seus motivos e deixar claro para si mesmo o que a glória de Deus exigia. Mas, como vimos, seus motivos nem sempre eram devidamente apreciados. Havia muitas mentes obtusas em Middlemarch, cujas balanças reflexivas só podiam pesar coisas por partes. Eles tinham forte suspeita de que Mr. Bulstrode, pelo pouco que comia e bebia, e pelas preocupações que tinha, incapaz de desfrutar da vida como os demais, sempre molestando com tudo, devia participar de uma espécie de banquete de vampiro com aquela ideia de dominação.

O assunto da capelania surgiu na mesa de Mr. Vincy quando Lydgate foi jantar com a família, e a relação de parentesco com Mr. Bulstrode não impedia a liberdade de comentários, mesmo por parte do próprio anfitrião, embora suas razões contrárias ao arranjo proposto descansassem unicamente em sua objeção aos sermões de Mr. Tyke, que eram todos doutrinários, e sua preferência por Mr. Farebrother, cujos sermões eram isentos de tal mácula. Mr. Vincy gostava bastante da ideia de o capelão ter um salário, sempre que fosse Farebrother quem o recebesse; ele era o melhor sujeito que já existiu e o melhor pregador do mundo, além de amigável.

– Que posição o senhor vai adotar, então? – perguntou Mr. Chichely, o legista, um grande companheiro de caça de Mr. Vincy.

– Ah, eu estou muito satisfeito por não ser um dos diretores nesse momento. Votarei para que encaminhem o assunto aos diretores e à Junta Médica. Depositarei em seus ombros, doutores, parte da minha responsabilidade – disse Mr. Vincy, olhando primeiro para Dr. Sprague, o médico mais antigo da cidade, e

depois para Lydgate, sentado à sua frente. – Os senhores, que são médicos, devem consultar que tipo de poção amargosa vão prescrever, hein, Mr. Lydgate?

– Eu sei muito pouco sobre ambos – disse Lydgate –, mas, em geral, as nomeações tendem a ser uma questão de gosto pessoal. O homem mais adequado para um determinado cargo nem sempre é o melhor companheiro ou o mais agradável. Às vezes, se pretende fazer uma reforma, o seu único caminho seria aposentar os bons camaradas de quem todos gostam e deixá-los fora de questão.

Dr. Sprague, que era considerado o médico de maior “peso”, embora geralmente se dissesse que Dr. Minchin tinha mais “penetração”, despojou seu rosto grande e forte de toda a expressão e olhou para sua taça de vinho enquanto Lydgate falava. Havia algo mais, além do que ele havia percebido de problemático e suspeito neste jovem (como por exemplo, um certo exibicionismo quanto a ideias estrangeiras e uma inclinação para remover o que havia sido organizado e consagrado pelos mais velhos), portanto, tudo que Lydgate falava era positivamente mal-recebido por ele, cuja reputação fora consolidada há trinta anos por um tratado sobre meningite, do qual pelo menos uma cópia marcada como “particular” havia sido encadernada com couro. Mas, há de termos algum sentimento de solidariedade por Dr. Sprague, pois a autossatisfação de uma pessoa é um tipo de propriedade não tributada que é muito desagradável ver depreciada.

A observação de Lydgate, no entanto, não correspondia ao senso do grupo. Mr. Vincy disse que, se pudesse fazer as coisas ao seu gosto, não colocaria gente desagradável em lugar nenhum.

– Ao diabo com suas reformas! – exclamou Mr. Chichely. – Não há maior farsa no mundo. Nunca se ouve falar de uma reforma que não seja algum truque para colocar gente nova. Espero, Mr. Lydgate, que não seja um dos homens da Lancet,[67] que pretende arrebatar minha função da profissão legal. Suas palavras parecem indicar esse caminho.

– Eu não concordo com Wakley[68] – interpôs Dr. Sprague –, ele é um sujeito

mal-intencionado que sacrificaria a respeitabilidade da profissão, que todos sabem que depende dos London Colleges, para obter alguma notoriedade. Há homens que não se importam em ser chutados, desde que se fale deles. Porém, tenho que reconhecer que, às vezes, Wakley tem razão – acrescentou o doutor, sentenciosamente. – Eu poderia mencionar um ou dois pontos em que Wakley está certo.

– Oh, bem – disse Mr. Chichely – eu não culpo ninguém por defender seu negócio, mas indo direito ao ponto, gostaria de saber como um legista pode julgar evidências sem uma formação jurídica.

– Na minha opinião – disse Lydgate –, a formação jurídica só torna mais incompetentes os homens para quem essas questões exigem conhecimento de outro tipo. As pessoas falam sobre as evidências como se elas realmente pudessem ser pesadas na balança por uma justiça cega. Ninguém pode julgar a validade de uma evidência em um determinado assunto, a menos que conheça bem esse assunto. Um advogado não é melhor do que uma velha em um exame de *post mortem*. Como ele vai saber a ação de um veneno? É como dizer que a métrica de um poema pode ensinar a medir uma produção de batatas.

– Eu suponho que o senhor esteja ciente de que não é função do legista conduzir a autópsia, mas apenas obter as evidências da testemunha médica – disse Mr. Chichely, com algum desprezo.

– Que muitas vezes é quase tão ignorante quanto o próprio legista – disse Lydgate. – Questões de jurisprudência médica não deveriam ser confiadas à chance de se obter um conhecimento decente em uma testemunha médica, e o legista não deveria ser alguém que acredita que a estricnina destrói as camadas do estômago se um médico ignorante por acaso lhe disse que sim.

Lydgate havia realmente se esquecido de que Mr. Chichely era o legista de Sua Majestade e terminou inocentemente com a pergunta: – O senhor não concorda, Dr. Sprague?

– Até certo ponto, no que diz respeito aos distritos mais populosos e na metrópole – disse o doutor. – Mas espero que ainda demore muito antes que esta

parte do país perca os serviços do meu amigo Chichely, mesmo que o melhor homem na profissão seja seu sucessor. Estou certo de que Vincy concordará comigo.

– Sim, sim, aponte um legista que seja um bom caçador – disse Mr. Vincy, jovialmente. – Na minha opinião, a gente se sente mais seguro com um advogado. Ninguém pode saber tudo. A maioria das coisas é uma "provação divina". E quanto ao envenenamento, ora, o que interessa é a lei. Vamos, podemos nos juntar às damas?

A opinião pessoal de Lydgate era a de que Mr. Chichely poderia ser muito bem um perito legista a quem as camadas do estômago não diziam nada, mas não era a sua intenção ofendê-lo. Esta era uma das dificuldades de viver entre a alta sociedade de Middlemarch: era perigoso insistir na ideia de que para qualquer cargo remunerado o conhecimento deveria ser um requisito. Fred Vincy havia chamado Lydgate de pedante e agora Mr. Chichely estava inclinado a dizer o mesmo, especialmente quando, na sala de estar, ele parecia estar sendo muito gentil com Rosamond, a quem havia monopolizado com facilidade em um tête-à-tête, já que a própria Mrs. Vincy estava sentada à mesa de chá. Ela não havia delegado nenhuma função doméstica à sua filha, e o rosto amável e rosado da matrona, com suas duas tiras rosas voláteis flutuando ao redor do seu adorável pescoço, e sua atitude alegre para com o marido e filhos, certamente, estavam entre os grandes atrativos da residência dos Vincys, atrativos que tornavam tudo mais fácil para se apaixonar pela filha. O tom de vulgaridade despretensiosa e inofensiva de Mrs. Vincy ressaltava o refinamento de Rosamond, que estava além do que Lydgate havia esperado.

Sem dúvida, pés pequenos e ombros bem modelados contribuem para a impressão de maneiras refinadas, e o comentário oportuno parece extraordinário quando acompanhado por curvas primorosas de lábios e pálpebras. Rosamond sabia fazer comentários oportunos, pois era esperta, aquele tipo de inteligência que, excetuando a veia humorística, captava todos os tons. Felizmente, ela nunca tentava fazer graça, e talvez esta tenha sido a característica mais decisiva de sua

inteligência.

Ela e Lydgate prontamente iniciaram uma conversa. Ele lamentou não a ter ouvido cantar no outro dia em Stone Court. O único prazer que havia permitido a si mesmo durante a última parte de sua estada em Paris havia sido escutar música.

– O senhor provavelmente estudou música? – perguntou Rosamond.

– Não, eu conheço as notas de muitos pássaros e conheço muitas melodias de ouvido, mas a música que não conheço, da qual não tenho noção alguma, me encanta, me afeta. Como o mundo é estúpido por não fazer mais uso de tal prazer ao seu alcance!

– Sim, e o senhor achará Middlemarch muito desafinada. Quase não há bons músicos. Eu só conheço dois cavalheiros que cantam bem.

– Suponho que seja a moda cantar canções cômicas de forma ritmada, para que as pessoas imaginem a música, algo assim como a batida em um tambor?

– Ah, o senhor ouviu Mr. Bowyer – disse Rosamond, com um de seus raros sorrisos. – Mas estamos falando muito mal de nossos vizinhos.

Lydgate quase se esqueceu de que deveria manter a conversa ao pensar na formosura de Rosamond, seu vestido do mais pálido azul-celeste, ela mesma imaculadamente loira, como se as pétalas de alguma flor gigantesca tivessem acabado de se abrir e a revelado, enquanto sua palidez infantil demonstrava tanta elegância e segurança. Desde que conhecera Laure, Lydgate havia perdido todo o gosto pelo silêncio dos grandes olhos; a vaca profana não o trairia novamente e Rosamond era o seu oposto. Afinal, ele se lembrou:

– A senhorita me permitirá ouvir um pouco de música esta noite, espero.

– Vou permitir que ouça minhas tentativas, se assim o desejar – disse Rosamond. – Papai certamente me pedirá para cantar. Mas vou tremer diante do senhor, que ouviu os melhores cantores de Paris. Ouvi muito pouco, estive em Londres apenas uma vez. Mas nosso organista em St. Peter é um bom músico, e continuo estudando com ele.

– Diga-me o que a senhorita viu em Londres.

– Muito pouco. (Uma moça mais ingênua teria dito, “Oh, tudo!”, mas Rosamond era mais perspicaz). Algumas das atrações comuns que atraem as moças ignorantes do campo.

– A senhorita se considera uma moça ignorante do campo? – perguntou Lydgate, com acentuada e involuntária admiração que fez Rosamond corar de prazer. Mas ela permaneceu séria e virou um pouco o longo pescoço, erguendo a mão para tocar suas maravilhosas tranças, um gesto habitual e tão gracioso quanto o movimento das patas de um gatinho. Não que Rosamond fosse minimamente parecida com um gatinho: ela era uma sílfide, capturada jovem e educada por Mrs. Lemon.

– Eu lhe asseguro que minha mente é ignorante – disse ela, imediatamente. – É suficiente para Middlemarch. Não tenho receio de conversar com nossos velhos vizinhos, mas estou realmente com medo do senhor.

– Uma mulher talentosa quase sempre sabe mais do que nós, homens, embora seus conhecimentos sejam de um tipo diferente. Estou certo de que a senhorita poderia me ensinar milhares de coisas, assim como um pássaro primoroso poderia ensinar a um urso se houvesse entre eles alguma linguagem comum. Felizmente, entre homens e mulheres há uma linguagem comum, e assim os ursos podem ser ensinados.

– Ah, lá está Fred começando a dedilhar! Eu devo impedi-lo de abalar os nervos das pessoas – disse Rosamond, dirigindo-se para o outro lado da sala, onde Fred, depois de abrir o piano a pedido de seu pai para que Rosamond pudesse deleitar a todos com um pouco de música, “tocava” *Cherry Ripe* com uma só mão. Homens muito hábeis que passaram em seus exames fazem essas coisas às vezes, não menos do que o reprovado Fred.

– Fred, por favor, adie sua prática para amanhã; você deixará Mr. Lydgate doente – disse Rosamond. – Ele tem bom ouvido.

Fred riu e continuou com sua melodia até o fim.

Rosamond voltou-se para Lydgate, sorrindo gentilmente, e disse: – Como pode ver, os ursos nem sempre podem ser ensinados.

– Venha, Rosy! – disse Fred, saltando do banquinho e girando-o na direção dela, com uma grande expectativa de alegria. – Algumas músicas boas e animadas para começar.

Rosamond tocou admiravelmente. Seu mestre na escola de Mrs. Lemon havia sido um desses excelentes músicos que se encontram dispersos em nossas províncias. Ele viera de uma pequena cidade com uma história memorável, que tinha suas relíquias na igreja e no castelo, e era digno de comparação com algum notável *Kapellmeister* [69] de um país que oferece melhores condições para celebridades musicais. Rosamond, com o instinto de uma intérprete, havia captado sua maneira de tocar e fez sua grande interpretação da nobre música com a precisão de um eco. Ouvi-la pela primeira vez era quase surpreendente. Dos dedos de Rosamond parecia fluir uma alma oculta, e assim era de fato, pois as almas vivem em ecos perpétuos, e todas as belas expressões incluem uma atividade originária, ainda que seja apenas de uma intérprete. Lydgate ficou enfeitiçado e começou a acreditar que Rosamond fosse algo excepcional. Afinal, pensava ele, não devemos nos surpreender ao encontrar as raras conjunções da natureza em circunstâncias aparentemente desfavoráveis; seja de onde vierem, sempre dependem de condições que não são evidentes. Ele permaneceu sentado olhando para ela e não se levantou para cumprimentá-la, deixando isso para os outros, agora que sua admiração havia se aprofundado.

Ela cantava menos espetacularmente, mas com técnica, e o resultado era doce, como um carrilhão perfeitamente afinado. É verdade que ela cantou *Meet me by moonlight* e *I've been roaming*, pois os mortais devem compartilhar as modas de seu tempo, e ninguém, exceto as antigas, podem ser sempre clássicas. Mas Rosamond também sabia cantar bem *Black-eyed Susan* ou as cantigas de Haydn, ou *Voi, che sapete* ou *Batti, batti*,[70] ela só queria saber do que o público gostava.

Seu pai olhou em volta para os convidados, deleitando-se com sua admiração. Sua mãe estava sentada, como uma Niobe diante de seus problemas, com sua filha mais nova no colo, batendo suavemente a mão da criança para

cima e para baixo no ritmo da música. E Fred, apesar de seu ceticismo geral em relação a Rosy, ouvia sua música com absoluta devoção, desejando que pudesse fazer o mesmo com sua flauta. Era a reunião familiar mais agradável que Lydgate vira desde que chegara a Middlemarch. Os Vincys tinham a pré-disposição para a diversão, uma repulsa a toda ansiedade e à crença na vida como uma festa, o que tornava a casa uma exceção na maioria das cidades pequenas da época, onde o evangelismo lançava certa suspeita de infecção moral sobre as poucas diversões que chegavam nas províncias. Na casa dos Vincys sempre se jogava uíste e as mesas de carteado estavam prontas, fazendo com que alguns convidados ficassem secretamente impacientes com a música. Antes da sua conclusão, Mr. Farebrother chegou, um homem de cerca de quarenta anos, bem-apessoado, de ombros largos, embora não fosse um homem grande, cujo traje estava surrado; todo o brilho residia em seus ágeis olhos cinzentos. Ele trouxe uma agradável mudança de luz, detendo a pequena Louisa com um mimo paternal enquanto ela era conduzida para fora da sala por Mrs. Morgan, cumprimentando a todos com uma palavra especial e parecendo condensar mais conversa em dez minutos do que todos os demais durante a noite. Ele reivindicou de Lydgate o cumprimento de uma promessa de ir visitá-lo. – Não posso deixar passar, sabe, porque tenho alguns besouros para lhe mostrar. Nós colecionadores sentimos interesse por todos os recém-chegados até que eles tenham visto tudo o que temos para lhes mostrar.

Porém, ele logo se desviou para a mesa de uíste, esfregando as mãos e dizendo: – Vamos falar sério agora. Mr. Lydgate, o senhor não joga? Ah, é muito jovem e ligeiro para esse tipo de coisa.

Lydgate disse a si mesmo que o clérigo, cujas habilidades eram tão dolorosas para Mr. Bulstrode, parecia ter encontrado um refúgio agradável nesta casa certamente pouco erudita. Ele podia compreender um pouco: o bom humor, a boa aparência dos mais velhos e dos mais jovens, a disposição para passar o tempo sem qualquer esforço de inteligência, tudo isso poderia tornar a casa atraente para pessoas que não tinham nenhuma ocupação especial para seus

horários estranhos.

Todos estavam exultantes e alegres, exceto Mrs. Morgan, lenta e resignada e, como Mrs. Vincy sempre dizia, o tipo de pessoa para ser uma governanta. Lydgate não tinha a intenção de fazer muitas visitas deste tipo. Era uma maneira lamentável de perder a noite e, agora, depois de falar um pouco mais com Rosamond, ele pretendia se desculpar e ir embora.

– O senhor não vai gostar dos habitantes de Middlemarch, tenho certeza – disse ela, quando os jogadores de uíste foram acomodados. – Nós somos muito estúpidos e o senhor está acostumado com pessoas diferentes.

– Suponho que todas as cidades do interior sejam muito parecidas – disse Lydgate. – Mas eu percebi que sempre se acredita que a própria cidade é mais estúpida de todas. Eu me propus a aceitar Middlemarch como ela é e ficarei muito grato se a cidade fizer o mesmo comigo. Eu certamente encontrei alguns encantos maiores do que eu esperava.

– O senhor quer dizer os caminhos em direção a Tipton e Lowick; todos gostam deles – disse Rosamond, com simplicidade.

– Não, eu quero dizer algo muito mais próximo de mim.

Rosamond levantou-se, apanhou seu trabalho de costura, e disse:

– O senhor gosta de dançar? Não estou certa de que homens inteligentes saibam dançar.

– Eu dançaria com a senhorita se me permitisse.

– Bem! – disse Rosamond, com uma leve risada depreciativa. – Eu apenas ia dizer que às vezes dançamos, e queria saber se o senhor se sentiria insultado se fosse convidado.

– Não na condição que mencionei.

Despois desta conversa, Lydgate pensou em ir embora, mas ao dirigir-se às mesas de uíste seu interesse foi despertado pelo jogo de Mr. Farebrother, que era extraordinário, assim como seu rosto, que era uma mistura marcante de astúcia e docilidade. Às dez horas, o jantar foi servido (este era o costume em Middlemarch) e as pessoas beberam ponche, mas Mr. Farebrother bebeu apenas

um pouco de água. Ele estava ganhando, mas parecia não haver razão para que a renovação das fichas terminasse e Lydgate finalmente se despediu.

Porém, como ainda não eram onze horas, ele decidiu caminhar na noite fria em direção à torre de St. Botolph, a igreja de Mr. Farebrother, a qual, à luz das estrelas, destacava-se pela sua figura escura, quadrada e maciça. Era a igreja mais antiga de Middlemarch; o seu benefício, porém, não passava de um vicariato que mal rendia quatrocentas libras por ano. Lydgate tinha ouvido falar sobre isso e agora se perguntava se Mr. Farebrother se importava com o dinheiro que ganhava nas cartas. Nesse momento, ele pensou: *Ele parece um sujeito muito agradável, mas Bulstrode pode ter suas razões*. Muitas coisas ficariam mais fáceis para Lydgate se descobrisse que Mr. Bulstrode tinha razão. *O que significa a sua doutrina religiosa para mim, se ele carrega consigo algumas boas ideias? Devemos nos servir das mentes que encontramos.*

Estes foram, na verdade, os primeiros pensamentos de Lydgate enquanto se afastava da casa de Mr. Vincy e, por esse motivo, temo que muitas mulheres não o considerem digno de sua atenção. Rosamond e sua música só ocupavam o segundo lugar nos seus pensamentos, mas, quando chegou a vez dela, sua imagem o acompanhou pelo resto da caminhada, e ele não sentiu a agitação nem a sensação de que uma nova corrente tivesse se instalado em sua vida. Ele ainda não podia se casar; ele não desejava se casar por muitos anos e, portanto, não estava disposto a alimentar a ideia de estar apaixonado por uma jovem que admirava. Ele admirava Rosamond excessivamente, mas aquela loucura que o assediara uma vez com Laure não era provável que se repetisse com relação a qualquer outra mulher. Certamente, se apaixonar-se por alguém estivesse em questão, não haveria nenhum perigo em apaixonar-se por uma criatura como Miss Vincy, possuidora do tipo de inteligência que se deseja em uma mulher: educada, refinada, dócil, pronta para satisfazer em todas as delicadezas da vida, e tudo isso consagrado em um corpo que se expressava com uma força de demonstração que excluía a necessidade de outras provas. Lydgate estava convencido de que, se algum dia se casasse, sua esposa irradiaria feminilidade,

aquela feminilidade distinta que deve ser classificada juntamente com as flores e a música, aquela beleza que é virtuosa por sua própria natureza, pois foi moldada exclusivamente para alegrias puras e delicadas.

Mas como ele não pretendia se casar nos próximos cinco anos, sua tarefa mais urgente era estudar o novo livro de Louis [71] sobre a febre, no qual ele estava particularmente interessado, já que havia conhecido Louis em Paris e havia seguido muitas demonstrações anatômicas a fim de verificar as diferenças específicas entre tifo e febre tifoide. Ele foi para casa e leu até altas horas da madrugada, adquirindo a partir deste estudo patológico uma visão muito mais exigente dos detalhes e relações do que jamais havia pensado ser necessário aplicar às complexidades do amor e do casamento, temas sobre os quais ele se sentia amplamente informado através da literatura e da sabedoria tradicional que é transmitida na conversação entre os homens. Considerando que a febre possuía condições obscuras e lhe trazia aquele delicioso trabalho da imaginação que não é mera arbitrariedade, mas o exercício do poder disciplinado, via-se obrigado a combinar e construir com uma visão mais clara para as probabilidades e uma mais completa obediência ao conhecimento; além disso, em uma aliança ainda mais enérgica com a natureza imparcial, era forçado a manter-se indiferente para poder inventar provas mediante as quais pudesse avaliar seu próprio trabalho.

Muitos homens foram elogiados por serem imaginativos devido à sua profusão de desenhos indiferentes ou narrativas baratas: relatos de conversas insignificantes que ocorriam em orbes distantes, retratos de Lúcifer como um ser grande e feio, com asas de morcego e lampejos fosforescentes, descendo para executar suas maldades, ou exageros de devassidão que parecem refletir a vida em um sonho doentio. Porém, tal inspiração Lydgate considerava um tanto vulgar em comparação com a imaginação que revela ações sutis inacessíveis a qualquer tipo de lente, mas que podem ser rastreadas na escuridão externa por longos caminhos de sequência necessária pela luz interior, que é o último refinamento da energia, capaz de banhar até os átomos etéreos em seu espaço idealmente iluminado. Ele, por sua vez, havia descartado todas essas invenções

baratas onde a ignorância se acha capaz e à vontade; ele estava enamorado daquela invenção árdua que é o próprio centro da pesquisa, provisoriamente enquadrando seu objeto e corrigindo-o até atingir uma precisão de relação. Queria transpassar a obscuridade daqueles processos minúsculos que preparam a miséria e a alegria humanas, aquelas vias invisíveis que são os primeiros locais de espreita da angústia, da mania e do crime, aquele delicado equilíbrio e transição que determinam o crescimento da consciência feliz ou infeliz.

Quando deixou o livro de lado, ele esticou as pernas em direção às brasas na lareira e entrelaçou as mãos na parte de trás da cabeça, naquele agradável arrebatamento de emoção que surge quando o pensamento passa do exame de um objeto específico para a embriagadora sensação de conexão com todo o resto de nossa existência (como deitar-se de costas depois de nadar vigorosamente e flutuar com o repouso da força inesgotável). Lydgate experimentava um deleite triunfal em seus estudos, e algo próximo à pena pelos homens menos afortunados que não eram da sua profissão.

Se eu não tivesse feito esta opção quando era um garoto, pensou ele, *poderia ter acabado fazendo qualquer tipo de trabalho idiota e vivido sempre em fracassos. Nunca teria sido feliz em qualquer profissão que não exigisse o máximo esforço intelectual, e, ainda assim, me mantivesse em contato estreito com meus vizinhos. Nada como a profissão médica para esse fim: pode-se usufruir da vida científica a um passo de distância e da amizade dos anciãos da paróquia. Para um clérigo é um pouco mais difícil;* Farebrother parecia ser uma exceção. O último pensamento trouxe de volta os Vincys e todas as cenas da noite. Elas flutuavam em sua mente de forma bastante agradável, e quando pegou a vela seus lábios se curvaram com aquele sorriso incipiente que acompanha recordações agradáveis. Ele era um homem ardente, mas no momento seu ardor estava absorvido pelo amor pelo seu trabalho e pela ambição de tornar sua vida reconhecida pela melhora da vida da humanidade, assim como outros heróis da ciência que não tinham nada além de uma obscura prática rural para começar.

Pobre Lydgate! Ou devo dizer, pobre Rosamond! Cada um vivia em um mundo do qual o outro nada sabia. Não havia ocorrido a Lydgate que ele pudesse ser objeto de ansiosa meditação para Rosamond, que não tinha nenhum motivo para pensar em seu casamento com uma perspectiva distante, nem estudos patológicos que desviassem sua mente daquele hábito pensativo, daquela repetição interior de olhares, palavras e frases que compõem uma grande parte da vida da maioria das moças. Não era sua intenção olhar para ela ou falar com ela mais do que a quantidade inevitável de admiração e elogios que um homem deve oferecer a uma bela moça. Na verdade, parecia-lhe que seu prazer pela música dela havia permanecido quase silencioso, pois ele temia cair na grosseria de manifestar sua grande surpresa pela habilidade que ela demonstrara. Porém, Rosamond havia registrado cada olhar e cada palavra, os quais considerava como incidentes iniciais de um romance preconcebido, incidentes que agregam valor a partir do desenvolvimento e clímax previstos. Nas fantasias de Rosamond, não era necessário imaginar muitas coisas sobre a vida interior do herói, ou sobre suas sérias ocupações no mundo. É claro, ele tinha uma profissão e era inteligente, além de muito bem-apessoado, mas o fato mais atraente sobre Lydgate era sua origem, que o distinguia de todos os pretendentes de Middlemarch e apresentava o casamento como uma perspectiva de ascensão e aproximação daquela condição celestial sobre a terra, na qual ela não teria relações com pessoas vulgares, e talvez, finalmente, pudesse se associar aos familiares bastante semelhantes às pessoas do condado, que desprezavam os habitantes de Middlemarch. Fazia parte da inteligência de Rosamond discernir com muita sutileza o mais leve aroma de posição social, e em uma ocasião, quando viu as irmãs Brookes acompanhando seu tio no tribunal do condado, sentadas entre a aristocracia, ela as invejou, apesar de seus trajes simples.

Se alguém considerar incrível que imaginar Lydgate como um homem de família pudesse causar arrepios de satisfação de alguma forma relacionados com a sensação de que Rosamond estava apaixonada por ele, peço que use seu poder de comparação com um pouco mais de eficácia, e considere se o tecido vermelho

e as dragonas nunca tiveram uma influência deste tipo. Nossas paixões não vivem isoladas em aposentos trancados, mas, vestidas com seu pequeno guarda-roupas de ideias, trazem suas provisões para uma mesa comum onde se alimentam do estoque de acordo com o apetite.

Rosamond estava, na verdade, inteiramente ocupada não exatamente com Tertius Lydgate tal como era, mas com sua relação com ela, e era compreensível que uma moça acostumada a ouvir que todos os rapazes poderiam, ou realmente estariam apaixonados por ela, poderia acreditar que Lydgate não seria uma exceção. Suas palavras significavam mais para ela do que as de outros homens, porque Rosamond se importava mais com elas: ela pensava nelas com diligência, e com a mesma diligência atendia àquela perfeição de aparência, comportamento, sentimentos e todas as outras elegâncias que faziam de Lydgate o pretendente mais adequado do que os que até o momento havia conhecido.

Pois Rosamond, embora nunca fizesse nada que fosse desagradável para si mesma, era esforçada, e agora mais do que nunca estava aplicada aos desenhos de paisagens, charretes e retratos de amigos, à prática da sua música e em corresponder, de manhã até a noite, ao seu próprio ideal de uma dama perfeita, tendo sempre uma audiência em sua própria consciência, com a adição ocasional e bem-vinda de um público externo mais variável, composto pelos numerosos visitantes que iam à sua casa. Ela também encontrava tempo para ler os melhores romances, e até mesmo os segundo-melhores, e sabia muitos poemas de cor. Seu poema predileto era *Lalla Rookh*.[72]

A melhor dama que há! Feliz aquele que a conquistar! Era o sentimento dos senhores idosos que visitavam os Vincys. Os jovens rejeitados pensavam em tentar novamente, como é o costume nas cidades do interior, onde o horizonte não está repleto de rivais próximos. Porém, Mrs. Plymdale achava que Rosamond estava sendo educada a níveis ridículos, pois de que serviam tantos talentos que seriam postos de lado assim que ela se casasse? Por outro lado, sua tia Bulstrode, que sentia uma fidelidade fraternal pela família de seu irmão, tinha dois desejos sinceros para Rosamond: que ela pudesse demostrar uma atitude

mais séria e que pudesse encontrar um marido cuja riqueza correspondesse aos seus hábitos.

CAPÍTULO XVII

“O funcionário sorriu e disse: Promise era uma empregada bonita, mas como era pobre, morreu solteira”.

O reverendo Camden Farebrother, a quem Lydgate foi visitar na tarde seguinte, vivia em uma antiga casa paroquial de pedra, venerável o suficiente para combinar com a igreja ao seu lado. Todos os móveis da casa também eram velhos, mas o padrão de tempo era outro: a idade do pai e do avô de Mr. Farebrother. Havia cadeiras brancas pintadas, com festões dourados, e alguns remanescentes de estofo vermelha adamascada com alguns rasgos ocasionados pelo tempo de uso. Havia retratos gravados de lordes Chanceleres e outros célebres juristas do século passado, e havia também enormes espelhos para refleti-los, bem como pequenas mesas de madeira e sofás que pareciam um prolongamento de assentos desconfortáveis, tudo em relevo contra o lambril escuro que revestia as paredes. Esta era a aparência da sala de visitas para a qual Lydgate foi conduzido e onde foi recebido por três senhoras igualmente antiquadas, donas de uma respeitabilidade desbotada, mas genuína: Mrs. Farebrother, a grisalha mãe do vigário, cheia de babados e lenços de esmero asseio, ereta e com olhos atentos, ainda com menos de 70 anos; Miss Noble, sua irmã, uma velhinha minúscula de aspecto mais dócil, com babados e lenços decididamente mais gastos e remendados; e Miss Winifred Farebrother, a irmã mais velha do vigário, bem parecida com ele, mas tímida e contida, como costumam ser as mulheres solteiras que passam a vida em ininterrupta submissão aos mais velhos. Lydgate não esperava encontrar um grupo tão singular. Como só tinha conhecimento de que Mr. Farebrother era solteiro, havia imaginado que seria conduzido a um retiro aconchegante, no qual o mobiliário principal

provavelmente seria composto por livros e coleções de objetos naturais. O próprio vigário parecia ter uma aparência bastante distinta, como acontece com a maioria dos homens quando seus conhecidos os veem pela primeira vez em suas próprias casas, chegando alguns a parecer atores de papéis geniais, desvantajosamente escalados para um papel inferior em uma nova peça. Mas este não era totalmente o caso de Mr. Farebrother, ele apenas parecia um pouco mais brando e mais silencioso, sendo sua mãe a oradora principal, enquanto ele apenas fazia aqui e ali um comentário moderado e bem-humorado. A velha senhora estava evidentemente acostumada a dizer aos seus acompanhantes o que deveriam pensar e a não considerar nenhum assunto totalmente seguro sem a sua orientação. Ela tinha tempo livre para esta função, pois todos os seus pequenos desejos eram atendidos por Miss Winifred. Nesse ínterim, a pequenina Miss Noble carregava no braço uma pequena cesta, na qual desviava um pouco do açúcar, que previamente havia deixado cair no pires como por engano, então olhando em volta furtivamente, e voltando-se para a sua xícara de chá com um ruído inocente como o de um minúsculo e tímido quadrúpede. Por favor, não pensem mal de Miss Noble. A cesta continha pequenas sobras de comida fácil de carregar, destinadas aos filhos de seus amigos pobres, entre os quais ela passava as manhãs quando o tempo estava bom, pois proteger e cuidar de todas as criaturas necessitadas lhe proporcionava um prazer tão espontâneo, que ela o considerava como um vício agradável do qual não sabia como renunciar. Talvez ela estivesse consciente de ser tentada a roubar daqueles que tinham muito a fim de doar aos que nada tinham, e levasse em sua consciência a culpa do desejo reprimido. É preciso ser pobre para conhecer o luxo de doar!

Mrs. Farebrother deu as boas-vindas ao convidado com uma alegre formalidade e precisão. Ela logo o informou que eles não precisavam frequentemente de ajuda médica naquela casa, pois havia ensinado os filhos a usar flanela e não comer demais, considerando o último hábito a principal razão pela qual as pessoas precisavam de médicos. Lydgate defendeu aqueles cujos próprios pais e mães comiam demais, mas Mrs. Farebrother disse que aquele era

um ponto de vista perigoso: a natureza era mais justa, pois de outro modo seria mais fácil para um criminoso alegar que seus ancestrais deveriam ter sido enforcados no seu lugar. Se aqueles que tiveram pais e mães maléficos também fossem ruins, eles seriam enforcados por isso. Não havia necessidade de retroceder até onde não se pode ver.

– Minha mãe é como o velho Jorge III – disse o vigário –, ela se opõe à metafísica.

– Eu me oponho ao que está errado, Camden. O que eu digo é: atenha-se a algumas verdades simples e faça tudo de acordo com elas. Quando eu era jovem, Mr. Lydgate, não havia qualquer dúvida sobre o certo e o errado. Nós sabíamos o catecismo, e era o suficiente; nós aprendíamos nosso credo e nosso dever. Cada pessoa respeitável dentro da igreja tinha as mesmas opiniões. Mas, agora, mesmo se repetir o que diz o livro de orações, alguém está sujeito a ser contestado.

– Isso deve ser muito divertido para aqueles que gostam de manter seu próprio ponto de vista – disse Lydgate.

– Mas minha mãe sempre cede – disse o vigário, astutamente.

– Não, não, Camden, você não deve levar Mr. Lydgate a pensar mal de mim. Eu jamais desrespeitaria meus pais para renunciar ao que eles me ensinaram. Qualquer um pode ver o que acontece: quando você muda uma vez, por que não vinte vezes?

– Um homem pode ver bons argumentos para mudar uma vez, mas não ser capaz de vê-los para mudar novamente – disse Lydgate, divertindo-se com a decidida senhora.

– Perdão, mas quando se trata de argumentos, eles nunca vão faltar quando um homem não tem constância de espírito. Meu pai nunca mudou; seus sermões pregavam a moral simples e sem argumentos, e ele era um bom homem, havia poucos como ele. Se o senhor me apresentar um bom homem cheio de argumentos, eu vou lhe oferecer um bom jantar diretamente de um livro de receitas. Esta é a minha opinião, e acredito que o estômago de qualquer um me

dará razão.

– Quanto ao jantar, com certeza, mãe – disse Mr. Farebrother.

– Dá na mesma, o jantar ou o homem. Tenho quase 70 anos, Mr. Lydgate, e conto com a experiência. Não é provável que eu siga novas ideias, embora haja muitas delas aqui, assim como em todas as partes. O que eu digo é, elas chegam como esses tecidos que não lavam bem e não duram muito. Não era assim na minha juventude: um clérigo era um clérigo, e um clérigo, pode ter certeza, era um cavalheiro. Hoje, ele pode ser apenas um dissidente e querer deixar meu filho de lado sob o pretexto da doutrina. Mas quem quiser afastá-lo, Mr. Lydgate, tenho orgulho de dizer que ele está à altura de qualquer pregador neste reino, para não dizer nesta cidade, que tem um padrão baixo para servir de base. Esta é minha opinião, porque nasci e fui criada em Exeter.

– Uma mãe nunca é parcial – disse Mr. Farebrother, sorrindo. – O que acha que a mãe de Tyke diz sobre ele?

– Ah, pobre criatura. O que pode dizer sua mãe? – disse Mrs. Farebrother, tendo sua aspereza interrompida por um momento pela sua confiança nos julgamentos maternos. – Ela diz a verdade para si mesma, pode contar com isso.

– E qual é a verdade? – perguntou Lydgate. – Estou curioso para saber.

– Ah, nada de ruim – disse Mr. Farebrother. – Ele é um sujeito zeloso; não é muito instruído e nem muito sábio, eu acho... porque eu não concordo com ele.

– Ora, Camden – disse Miss Winifred –, Griffin e sua esposa me disseram ainda hoje que Mr. Tyke havia dito que eles não teriam mais carvão se viessem ouvi-lo pregar.

Mrs. Farebrother largou o tricô, que havia recomeçado depois de sua pequena porção de chá e torradas, e olhou para o filho como se dissesse: – Está ouvindo?

Miss Noble disse:

– Coitadinhos! Coitadinhos! – em referência provável à dupla perda de pregação e carvão. Mas o vigário respondeu calmamente:

– Isso é porque eles não são meus paroquianos. E não acho que meus sermões valham um carregamento de carvão para eles.

– Mr. Lydgate – disse Mrs. Farebrother, que não podia deixar por menos –, o senhor não conhece meu filho: ele sempre se subestima. Digo que está subestimando o Deus que o criou e o tornou um excelente pregador.

– Esta deve ser uma indireta para eu levar Mr. Lydgate para o meu gabinete, mãe – disse o vigário, rindo. – Eu prometi mostrar minha coleção – acrescentou ele, voltando-se para Lydgate. – Vamos?

Todas as três senhoras protestaram. Mr. Lydgate não deveria ser levado daquela maneira precipitada sem permissão para aceitar outra xícara de chá: Miss Winifred ainda tinha muito chá no bule. Por que Camden estava com tanta pressa para levar o visitante para o seu covil? Não havia nada lá além de vermes em conserva e gavetas cheias de garrafas azuis e mariposas, e não havia tapete no chão. Mr. Lydgate deveria recusar. Um jogo de *cribbage* seria muito melhor. Em suma, estava claro que suas mulheres podiam idolatrar o vigário como o rei dos homens e pregadores, e ainda assim achar que ele precisava muito da sua orientação. Lydgate, com a usual superficialidade de um jovem solteiro se perguntava por que Mr. Farebrother não lhes provava o contrário.

– Minha mãe não está acostumada a receber visitas que possam ter algum interesse em meus hobbies – disse o vigário, enquanto abria a porta do seu gabinete, que era de fato tão desprovido de comodidades para o corpo quanto as senhoras tinham insinuado, a menos que um cachimbo curto de porcelana e uma caixa de tabaco fossem exceções.

– Homens da sua profissão geralmente não fumam – disse ele. Lydgate sorriu e balançou a cabeça. – Nem os homens da minha, eu suponho. O senhor ouvirá acusações contra mim por causa desse cachimbo por parte de Bulstrode e companhia. Eles não sabem como o diabo ficaria satisfeito se eu o abandonasse.

– Eu entendo. O senhor tem um temperamento excitável e quer um sedativo. Eu, que sou mais lento, ficaria indolente com isso. Acabaria abraçando a ociosidade e ficaria estagnado neste ponto com todas as minhas forças.

– E o senhor pretende se doar e esse trabalho. Eu sou cerca de dez ou doze anos mais velho e cheguei a um acordo. Eu alimento uma ou duas fraquezas para

que não se tornem clamorosas. Veja – continuou o vigário, abrindo várias gavetas pequenas –, acredito que tenha feito um estudo exaustivo da entomologia deste distrito. Vou fazer o mesmo com a fauna e com a flora, mas até o momento fiz um bom trabalho com meus insetos. Somos singularmente ricos em ortópteros; não sei se... Ah, o senhor pegou esta garrafa de vidro, e está olhando para ela em vez de olhar para minhas gavetas. O senhor não se interessa por essas coisas?

– Não ao lado deste adorável monstro anencéfalo. Nunca tive muito tempo para me dedicar à história natural. Eu desenvolvi muito cedo um interesse pela estrutura, o que está mais diretamente ligado à minha profissão. Não tenho nenhum hobby que me ofereça um oceano para nadar.

– Ah, o senhor é um sujeito feliz – disse Mr. Farebrother, dando meia-volta e começando a encher o cachimbo. – Não sabe como é precisar de um tabaco espiritual para contestar as emendas ruins de textos antigos ou breves tópicos sobre uma variedade de *Aphis Brassicae*, com a conhecida assinatura de *Philomicron*, para a *Twaddler's Magazine*, ou um tratado erudito sobre a entomologia do Pentateuco, incluindo todos os insetos não mencionados, mas que foram provavelmente encontrados pelos israelitas em sua passagem pelo deserto; uma monografia sobre a formiga, como tratada por Salomão, mostrando a harmonia entre o Livro dos Provérbios e os resultados de pesquisas modernas. O senhor não se importa que eu fume?

Lydgate ficou mais surpreso com a franqueza dessas palavras do que com o seu significado implícito: que o vigário não sentia muito gosto pela sua profissão. A meticulosa organização das gavetas e prateleiras, assim como a estante repleta de caros livros ilustrados sobre História Natural, o fizeram pensar novamente nos ganhos com as cartas e em seu destino. Porém, ele começava a desejar que a construção verdadeira de tudo o que Mr. Farebrother fazia fosse verdadeira. A franqueza do vigário não parecia do tipo repulsiva, que vem de uma consciência inquieta que busca impedir um julgamento externo, mas simplesmente a manifestação de um desejo pela máxima autenticidade.

Aparentemente, ele tinha a sensação de que sua liberdade de expressão poderia parecer prematura, pois ele disse imediatamente:

– Ainda não lhe disse, Mr. Lydgate, que tenho uma vantagem sobre o senhor, pois eu o conheço melhor do que o senhor me conhece. Lembra-se de Trawley, com quem compartilhou seu apartamento em Paris por algum tempo? Nós éramos correspondentes e ele me falou muito sobre o senhor. Quando o vi pela primeira vez, não tinha certeza de que era o mesmo homem. Fiquei muito satisfeito ao descobrir que era. Mas não duvido que não tenha recebido um prólogo semelhante com relação a mim.

Lydgate percebeu uma certa delicadeza de sentimento, mas não compreendeu sua extensão. – A propósito – disse ele –, o que aconteceu com Trawley? Eu o perdi de vista completamente. Ele estava muito interessado nos sistemas sociais franceses e falava em ir para algum lugar remoto e fundar uma espécie de comunidade pitagórica. Ele foi?

– Absolutamente. Ele está exercendo a medicina em um balneário alemão e se casou com uma paciente rica.

– Nesse caso, até este momento, minhas ideias são melhores – disse Lydgate, com uma risada curta e presunçosa. – Já era previsível, Trawley insistia que a profissão médica era um sistema inevitável de farsa. Eu dizia que a culpa estava nos homens... os homens que se entregam a mentiras e tolices. No lugar de pregar do lado de fora contra a farsa seria mais útil estabelecer por dentro um aparato de desinfecção. Resumindo, estou relatando minha própria conversa, o senhor pode ter certeza de que tinha o bom senso ao meu lado.

– No entanto, o seu plano é muito mais difícil de executar do que uma comunidade pitagórica. Não é só o próprio Adão original contra o senhor, mas também todos os seus descendentes que formam a sociedade ao seu redor. Veja, eu paguei doze ou treze anos a mais do que o senhor pelo meu conhecimento das dificuldades. Mas... – Mr. Farebrother se deteve por um instante, e então acrescentou: – o senhor está olhando para a garrafa de novo. Quer fazer uma troca? Não poderá tê-la a menos que seja uma troca justa.

– Eu tenho alguns ratos-do-mar, belos espécimes em álcool. E vou acrescentar o último trabalho de Robert Brown: “Observações Microscópicas sobre o Pólen das Plantas”, acaso ainda não tenha.

– Bem, levando em consideração o quanto o senhor anseia pelo monstro, posso pedir um preço mais alto. Suponha que eu lhe peça que examine minhas gavetas e me dê sua aprovação a todas as minhas novas espécies – o vigário, enquanto falava, alternava-se com o cachimbo na boca e voltava a perdurar-se com ternura sobre as gavetas. Esta seria uma boa disciplina, sabe? Para um jovem médico que deve agradar seus pacientes em Middlemarch. Lembre-se de que o senhor deve se acostumar a ficar entediado. No entanto, o senhor terá o monstro em seus próprios termos.

– O senhor não acha que os homens superestimam a necessidade de agradar a todos, até serem desprezados pelos mesmos a quem querem agradar? – disse Lydgate, aproximando-se de Mr. Farebrother e olhando distraidamente para os insetos dispostos classificados com esmero, com nomes escritos em letras primorosas. – O caminho mais curto é demonstrar o seu valor, e assim as pessoas deverão suportá-lo, quer o senhor os elogie ou não.

– Não poderia estar mais de acordo. Mas, neste caso, o senhor deve ter certeza de possuir algum valor, e deve se manter independente. Poucos homens podem fazer isso. Ou bem abandonam o serviço e se tornam inúteis, ou vestem seus arreios e vão para onde seus companheiros de jugo os levam. Mas veja esses delicados ortópteros!

Afinal, Lydgate teve de examinar cada gaveta, enquanto o vigário ria de si mesmo, mas insistia na exibição.

– A propósito do que o senhor disse sobre vestir arreios – disse Lydgate, depois que eles se sentaram –, decidi há algum tempo viver com o mínimo deles possível. Foi por isso que decidi não tentar nada em Londres, pelo menos não durante muitos anos. Não gostei do que vi quando estudava lá, muita notabilidade e trapaças. No campo, as pessoas têm menos pretensão de saber e há menos companheirismo, mas por isso mesmo afetam menos o seu amor-

próprio. Faz-se menos inimizades e pode-se seguir o próprio caminho com mais tranquilidade.

– Sim, bem, o senhor teve um bom começo: está na profissão certa, o trabalho para o qual se sente mais capacitado. Algumas pessoas se enganam e se arrependem tarde demais. Mas o senhor não deve estar muito seguro de poder manter sua independência.

– O senhor se refere a laços de família? – perguntou Lydgate, imaginando que tais laços exerciam muita pressão sobre Mr. Farebrother.

– Não completamente. É claro que eles tornam as coisas mais difíceis, mas uma boa esposa, uma boa mulher pode realmente ajudar um homem a mantê-lo mais independente. Há um paroquiano meu, um bom sujeito, mas que dificilmente teria conseguido sobreviver sem a esposa. O senhor conhece os Garths? Não creio que eram pacientes de Peacock.

– Não, mas há uma Miss Garth na casa do velho Featherstone, em Lowick.

– A filha deles, uma moça excelente.

– Ela é muito quieta, eu mal a notei.

– No entanto, ela notou o senhor, pode estar certo.

– Não compreendo – disse Lydgate. Ele dificilmente poderia dizer: – É claro.

– Ah, ela avalia todo mundo. Eu a preparei para a confirmação, é uma das minhas favoritas.

Mr. Farebrother deu algumas baforadas em silêncio, e Lydgate não se importou em saber mais sobre os Garths. Por fim, o vigário largou o cachimbo, esticou as pernas e voltou os olhos brilhantes para Lydgate, dizendo com um sorriso:

– Mas nós, habitantes de Middlemarch, não somos tão dóceis quanto imagina. Temos nossas intrigas e nossos partidos. Eu, por exemplo, sou um homem partidário, e Bulstrode é outro. Se o senhor votar a meu favor, ofenderá Bulstrode.

– O que há contra Bulstrode? – perguntou Lydgate, enfaticamente.

– Eu não disse que havia alguma coisa contra ele, apenas isto. Se o senhor

votar contra ele, o senhor o tornará seu inimigo.

– Não sei se preciso me preocupar com isso – disse Lydgate, com bastante orgulho –, mas ele parece ter boas ideias sobre hospitais e investe grandes somas em utilidade pública. Ele pode ser de grande ajuda na concretização de minhas ideias. Quanto aos seus pontos de vista religiosos... bem, como disse Voltaire, os encantamentos podem destruir um rebanho de ovelhas se elas receberem uma certa quantidade de arsênico. Eu busco o homem que vai proporcionar o arsênico, e não me importo com seus encantamentos.

– Muito bem. Mas, nesse caso, o senhor não deve ofender seu homem do arsênico. O senhor não vai me ofender, sabe? – disse Mr. Farebrother, sem afetação. – Eu não converto minha própria conveniência na obrigação de outras pessoas. Eu me oponho a Bulstrode por muitas razões. Eu não gosto do grupo ao qual ele pertence: eles formam um grupo de mente estreita e ignorante, que faz mais para deixar seus vizinhos desconfortáveis do que para torná-los melhores. Seu sistema é uma espécie de grupo de crenças mundanas e espirituais; eles realmente veem o resto da humanidade como uma carcaça condenada que deve alimentá-los até que alcancem o céu. Mas – acrescentou ele, sorrindo –, não digo que o novo hospital de Bulstrode seja uma coisa ruim, e quanto a querer me tirar do antigo, bem... se ele me acha um sujeito pernicioso, está apenas retribuindo um elogio. Eu também não sou um clérigo exemplar, apenas um discreto arranjo transitório.

Lydgate não tinha certeza de que o vigário estava se difamando. Um clérigo exemplar, assim como um médico exemplar, deveria considerar sua profissão a melhor do mundo e tomar todo o conhecimento como mero alimento para sua patologia moral e terapêutica. Ele limitou-se a perguntar:

– Qual razão Bulstrode apresenta para substituí-lo?

– Que eu não prego suas opiniões, que ele chama de religião espiritual; e que não disponho de muito tempo. Ambas as afirmações são verdadeiras. É claro que eu poderia arranjar tempo e ficaria satisfeito com as quarenta libras. Esta é a verdade do caso. Mas vamos descartá-la. Eu só queria lhe dizer que se o senhor

votar a favor do seu homem do arsênico, não vai me perder como consequência. Eu não posso prescindir da sua pessoa. O senhor é uma espécie de circunavegador que veio se estabelecer entre nós e manterá viva minha crença nos antípodas. Agora, me fale sobre Paris.

CAPÍTULO XVIII

“Oh, senhor, as esperanças mais elevadas da terra
Compartilham os destinos mais escassos:
Peitos heroicos que respiram miasmas
Correm o risco de adoecerem;
Ou, sem sucos cítricos ao cruzar a linha do Equador,
Podem definhar com o escorbuto”.

Algumas semanas se passaram depois desta conversa, antes que o assunto de capelania adquirisse qualquer importância prática para Lydgate e, sem confessar a si mesmo o motivo, ele adiou a decisão de qual lado receberia o seu voto. Realmente, o tema teria sido totalmente indiferente para ele, isto é, ele teria escolhido o lado mais conveniente e dado seu voto para a nomeação de Tyke sem qualquer hesitação, se ele não tivesse sentido um afeto pessoal por Mr. Farebrother.

Mas seu afeto pelo vigário de St. Botolph foi crescendo à medida que crescia sua familiaridade com ele. O fato de que Mr. Farebrother compreendesse o lado do novo médico, ao assumir a posição de um recém-chegado que tinha seus próprios objetivos profissionais, e não buscar trazê-lo para seu próprio interesse, mostrava uma delicadeza e generosidade incomuns, que a natureza de Lydgate apreciou muito. Somava-se a isso outros pontos da conduta de Mr. Farebrother, que eram excepcionalmente admiráveis e assemelhavam seu caráter àquelas paisagens do Sul, que parecem divididas entre uma grandeza natural e uma negligência social. Pouquíssimos homens poderiam ter sido tão carinhosos e atenciosos com suas mães, tias e irmãs, cuja dependência de si em muitos aspectos havia moldado sua vida de forma bastante incômoda; poucos homens

que sentem a pressão de pequenas necessidades são tão nobremente decididos a não disfarçar seus desejos inevitavelmente egoístas com o pretexto de melhores motivos. Nestes assuntos, ele estava consciente de que sua vida suportaria um exame mais meticuloso e que, talvez, essa consciência o encorajasse a desafiar um pouco o rigor crítico de pessoas, cujas intimidades celestiais não pareciam melhorar seus hábitos com seus familiares, e cujos objetivos elevados não eram necessários para justificar suas ações. Assim, seus sermões eram engenhosos e vigorosos, como os da Igreja da Inglaterra em sua era robusta, quando seus sermões eram proferidos sem livro. Pessoas fora de sua paróquia iam ouvi-lo; visto que encher a igreja sempre resultava na parte mais difícil entre as funções de um clérigo, esta era outra razão para um despreocupado sentido de superioridade. Além disso, ele era um homem agradável, de bom temperamento, espirituoso, franco, sem sorrisos de amargura reprimida ou outros temperos na conversação que tornam metade de nós um castigo para nossos amigos. Lydgate gostava muito dele e desejava sua amizade.

Com este sentimento predominante, ele continuou protelando o assunto da capelania e persuadindo a si mesmo de que não apenas não era de sua incumbência, como muito improvável que precisassem exigir o seu voto. Lydgate, a pedido de Mr. Bulstrode, estava traçando planos para os arranjos internos do novo hospital, e os dois frequentemente trocavam opiniões. O banqueiro pressupunha que poderia contar de forma generalizada com Lydgate como um auxiliar seu, mas não fazia nenhuma menção especial à decisão iminente entre Tyke e Farebrother. No entanto, quando, por fim, a Junta Geral do hospital se reuniu e Lydgate percebeu que o assunto da capelania havia sido encaminhado a um conselho de diretores e médicos que se reuniria na sexta-feira seguinte, ele teve uma incômoda sensação de que deveria tomar uma decisão nesta questão trivial de Middlemarch. Ele não podia deixar de ouvir uma voz interna que lhe dizia que Bulstrode era o primeiro-ministro e que o assunto Tyke constituía numa questão de poder ou não poder. Ele também não podia evitar uma aversão igualmente pronunciada por renunciar à perspectiva do cargo, pois

sua observação constantemente confirmava a crença de Mr. Farebrother de que o banqueiro não perdoaria uma oposição. *Malditas sejam suas políticas mesquinhas!* Era um de seus pensamentos nas três manhãs seguintes durante o processo meditativo de barbear-se, quando havia começado a sentir que realmente deveria fazer um juízo de consciência sobre o assunto. Certamente, havia coisas válidas a serem argumentadas contra a eleição de Mr. Farebrother: ele já tinha muitas coisas sob sua responsabilidade, sobretudo se fosse considerado o tempo que gastava com ocupações não clericais. Por outro lado, era uma surpresa continuamente repetida que perturbava a estima de Lydgate, que o vigário jogasse tão obviamente por dinheiro, até desfrutando do jogo, mas com um gosto evidente por algum fim a que servia. Em teoria, Mr. Farebrother defendia a conveniência de todos os jogos e dizia que a inteligência dos ingleses estava estagnada por falta deles. Entretanto, Lydgate estava convencido de que ele teria jogado muito menos se não fosse pelo dinheiro. Havia uma sala de bilhar no Green Dragon que algumas mães e esposas aflitas consideravam a principal tentação de Middlemarch. O vigário era um jogador de bilhar de primeira e, embora não frequentasse o Green Dragon, havia relatos de que às vezes ele ia lá durante o dia e ganhava algum dinheiro. E quanto à capelania, ele não fingia que se importava com ela, exceto por causa das quarenta libras. Lydgate não era nenhum puritano, mas não gostava de jogar e sempre considerara uma mesquinhez ganhar dinheiro desta forma. Além disso, ele tinha um ideal de vida que tornava essa subserviência de conduta ao ganho de pequenas quantias totalmente odiosa para ele. Até então, em sua própria vida, suas necessidades haviam sido supridas sem nenhum problema e seu primeiro impulso sempre fora ser generoso com meias-coroas com questões sem importância para um cavalheiro e nunca lhe ocorrera conceber um plano para obter essas meias-coroas. Ele sempre soubera de uma maneira geral que não era rico, mas nunca havia se sentido pobre e não tinha o poder de imaginar o papel que a falta de dinheiro desempenha na determinação das ações dos homens. Dinheiro nunca havia sido uma motivação para ele e, portanto, não estava

preparado para desculpar esta busca deliberada por pequenos ganhos. Para ele, ela era totalmente repulsiva e ele nunca calculou a proporção entre a renda do vigário e suas despesas mais ou menos necessárias. Era possível que ele nunca tivesse feito tal cálculo em seu próprio caso.

E agora, quando havia chegado o momento da votação, esse fato repulsivo contava mais fortemente contra Mr. Farebrother. Seria mais fácil saber o que fazer se o caráter dos homens fosse mais consistente, e especialmente se nossos amigos fossem invariavelmente adequados para qualquer função que desejassem desempenhar! Lydgate estava convencido de que se não houvesse objeção válida contra Mr. Farebrother, ele teria votado nele, independentemente da opinião de Bulstrode sobre o assunto: ele não tinha a intenção de ser um vassalo de Bulstrode. Por outro lado, havia Tyke, um homem inteiramente dedicado ao seu posto clerical, que era um simples pároco de uma pequena capela na paróquia de St. Peter, e tinha tempo para outras obrigações. Ninguém tinha nada a dizer contra Mr. Tyke, exceto que não podiam suportá-lo e suspeitavam que era um hipócrita. Na verdade, do seu ponto de vista, Bulstrode estava absolutamente justificado.

Porém, para qualquer lado que Lydgate começasse a se inclinar, ele encontrava algo que o fazia estremecer, e sendo um homem orgulhoso, ficava um pouco exasperado por ser obrigado a passar pela experiência. Ele não gostava de frustrar seus melhores propósitos ao se indispor com Bulstrode; não gostava de votar contra Farebrother e de contribuir para privá-lo da função e do salário; e surgia a questão de saber se as quarenta libras adicionais não deixariam o vigário livre daquela preocupação desprezível de ganhar nas cartas. Além disso, Lydgate não apreciava o fato de que ao votar em Tyke, estaria votando no lado mais conveniente para si mesmo. Mas, seria o resultado realmente conveniente para ele? Outras pessoas diriam que sim, alegando que ele estava caindo nas graças de Bulstrode para se tornar importante e progredir na vida. Então, o quê? Ele, por sua vez, sabia que se estivesse preocupado simplesmente com suas perspectivas pessoais, não teria se importado nem um pouco com a

amizade ou inimizade do banqueiro. O que realmente lhe interessava era um meio para o seu trabalho, um veículo para suas ideias, sendo assim, ele não deveria conseguir um bom hospital onde pudesse demonstrar as distinções específicas de febre e testar resultados terapêuticos, mais do que qualquer outra coisa relacionada com tal capelania? Pela primeira vez, Lydgate sentia a pressão limitadora das pequenas condições sociais, assim como sua frustrante complexidade. Ao término do seu debate interno, ao partir para o hospital, sua esperança estava na possibilidade de que a argumentação pudesse de alguma forma trazer um novo aspecto ao tema, fazendo inclinar a balança que excluía a necessidade de voto. Acredito que ele também confiava um pouco na energia que é gerada pelas circunstâncias, um sentimento repentino que nos invade calorosamente e facilita a decisão, ao passo que o debate a sangue frio apenas a torna mais difícil. Seja como for, ele não confessou a si mesmo em que lado votaria, e o tempo todo se ressentia interiormente pela sujeição que lhe fora imposta. De antemão, teria parecido uma amostra ridícula de lógica ruim a que ele, com suas resoluções incontestáveis de independência e seus propósitos selecionados, se encontrasse desde o início nas garras de alternativas mesquinhas, cada uma das quais era repugnante para ele. Desde seus dias de estudante ele havia planejado sua ação social de maneira bem diferente.

Lydgate demorou a sair, mas Dr. Sprague, os outros dois médicos e vários diretores haviam chegado mais cedo; Mr. Bulstrode, tesoureiro e presidente, encontrava-se entre aqueles que ainda não haviam chegado. A conversa parecia sugerir que a questão era problemática e que a maioria de Tyke não estava tão certa quanto se supunha. Surpreendentemente, os dois médicos se revelaram unânimes, ou melhor, embora tendo opiniões diferentes, coincidiram na ação. O robusto e pesado Dr. Sprague, como esperado, era um adepto de Mr. Farebrother. O doutor era mais do que suspeito de não ter religião, mas de alguma forma Middlemarch tolerava esta deficiência como se ele fosse um lorde Chanceler. Na verdade, é provável que seu peso profissional fosse ainda maior por dominar a eterna associação entre a sabedoria e o princípio do mal, mesmo entre as

pacientes que possuíam ideias mais estritas a respeito dos babados e dos sentimentos. Talvez tenha sido essa a negação do doutor que motivara seus vizinhos a chamá-lo de pragmático e pouco engenhoso, condições de morfologias que também eram consideradas favoráveis ao armazenamento de critérios relacionados com remédios. Em todo caso, é certo que se qualquer médico tivesse chegado em Middlemarch com a reputação de possuir pontos de vista religiosos muito definidos, de possuir inclinação para oração ou ainda manifestar uma piedade ativa, haveria uma presunção geral contra sua capacidade médica.

Por este motivo, profissionalmente falando, foi uma sorte para Dr. Minchin que suas simpatias religiosas fossem de ordem geral e além de qualquer adesão a princípios específicos, cuja índole outorgava uma sanção médica distante de todos os sentimentos sérios, fosse anglicano ou dissidente. Se Mr. Bulstrode insistisse, como estava apto a fazer, na doutrina luterana da justificação, como aquela pela qual a igreja deve permanecer ou cair, Dr. Minchin, por sua vez, estava convencido de que o homem não era uma mera máquina ou uma conjunção fortuita de átomos; se Mrs. Wimple insistisse em uma providência particular em relação aos seus problemas estomacais, Dr. Minchin, por sua vez, gostava de manter abertas as janelas mentais e contestava limites fixos; se o defensor unitarista zombasse do Credo Atanasiano,[73] o Dr. Minchin citaria “O Ensaio Sobre o Homem” de Pope.[74] Ele oferecia objeções ao estilo bastante livre de anedota no qual Dr. Sprague se saciava, preferindo citações bem sancionadas e apreciando o refinamento de todos os tipos. Era de conhecimento geral que ele tinha algum parentesco com um bispo e ocasionalmente passava suas férias no “palácio”.

Dr. Minchin tinha mãos macias, pele clara e contornos arredondados, não se distinguia em seu aspecto de um clérigo meigo, ao passo que Dr. Sprague era excessivamente alto, suas calças ficavam enrugadas na altura dos joelhos e exibia um excesso de botas em uma época em que botas de alças eram necessárias para qualquer porte digno; era possível ouvi-lo entrar e sair, subir e

descer, como se tivesse vindo ver o telhado. Em suma, ele tinha peso e era de se esperar que lutasse contra uma doença e a vencesse, enquanto Dr. Minchin podia ser capaz de detectá-la com uma emboscada e contorná-la. Ambos desfrutavam quase igualmente do misterioso privilégio da reputação médica e ocultavam com muito protocolo o desprezo que um sentia pela técnica do outro. Considerando a si mesmos como instituições de Middlemarch, eles estavam prontos para se unir contra todos os inovadores e contra a intromissão de qualquer não profissional. Neste ponto, ambos eram igualmente avessos a Mr. Bulstrode, embora Dr. Minchin nunca tivesse demonstrado abertamente sua hostilidade contra ele, e nunca houvesse manifestado uma opinião contrária à sua sem elaboradas explicações a Mrs. Bulstrode, que havia descoberto que apenas Dr. Minchin compreendia sua constituição. Um leigo que se intrometia na conduta profissional dos médicos e constantemente introduzisse suas reformas (embora fosse menos embaraçoso para os dois médicos do que para os cirurgiões-boticários que atendiam aos indigentes por contrato) era, no entanto, ofensivo para os narizes dos profissionais, e Dr. Minchin compartilhava completamente do novo ressentimento contra Bulstrode, animado por sua aparente determinação de patrocinar Lydgate. Os práticos curandeiros de longa data, Mr. Wrench e Mr. Toller, estavam neste momento afastados num canto da sala e mantinham uma conversa amigável, na qual concordavam que Lydgate era um moleque, disposto a servir aos interesses de Bulstrode. Quanto aos amigos que não eram médicos, eles estavam de acordo em elogiar o jovem médico que chegara para substituir Mr. Peacock em sua aposentadoria, sem outras recomendações além de seus próprios méritos e argumentos para uma sólida formação profissional, que dependia do fato de que ele, aparentemente, não havia desperdiçado seu tempo em outros ramos do conhecimento. Estava claro que Lydgate, ao não prescrever remédios, podia lançar ultraje a seus pares, assim como obscurecer o limite entre sua própria posição de clínico geral e a dos médicos, os quais, no interesse da profissão, sentiam-se obrigados a manter suas qualidades distintas, a hierarquia, especialmente contra um homem que não tinha frequentado nenhuma das

universidades inglesas, e desfrutava da ausência de estudos anatômicos e práticos nesses locais, mas que chegou com uma pretensão de experiência em Edimburgo e Paris, onde a observação pode ser abundante, mas pouco confiável.

Dessa forma, na presente ocasião, Bulstrode identificou-se com Lydgate e Lydgate com Tyke, e devido a esta variedade de nomes intercambiáveis para a questão da capelania, mentes diferentes puderam chegar ao mesmo critério a seu respeito.

Dr. Sprague comunicou ao grupo reunido assim que entrou: – Eu voto em Farebrother, também pelo salário. Por que negá-lo ao vigário? Ele não tem muito; tem que garantir sua vida, além de cuidar da casa e fazer as caridades próprias de um vigário. Que mal há em colocar quarenta libras no bolso? Ele é um bom sujeito e possui um mínimo necessário para ser um pároco.

– Vamos, vamos, doutor – disse o velho Mr. Powderell, um negociante no ramo de ferragens, já aposentado, mas de certa posição, com uma interjeição a meio caminho entre uma risada e uma desaprovação parlamentar. – Mas devemos permitir que o senhor dê sua opinião. Porém, o que temos que considerar não é a renda de ninguém, mas as almas dos pobres doentes – neste momento, a voz e o rosto de Mr. Powderell denotavam uma sinceridade patética. – Mr. Tyke é um verdadeiro pregador do Evangelho. Na verdade, eu estaria votando contra minha própria consciência se não lhe desse meu voto.

– Os oponentes de Tyke não pediram a ninguém para votar contra sua consciência, creio eu – disse Mr. Hackbutt, um rico dono de um curtume, de fala fluente, cujos óculos brilhantes e cabelos desgrenhados se voltaram com alguma severidade para o inocente Mr. Powderell. – Mas, em minha opinião, cabe a nós, como diretores, considerar se é nossa incumbência realizar propostas provenientes de uma única fonte. Há algum membro do comitê que pode afirmar ter cogitado a ideia de substituir o cavalheiro que sempre desempenhou aqui a função de capelão, se essa ideia não tivesse sido sugerida por outros, cuja disposição é considerar cada instituição desta cidade como um mecanismo para impor seus próprios planos? Eu não critico os motivos de ninguém, que fiquem

entre ele e um Poder superior, mas eu afirmo que há influências em ação aqui que são incompatíveis com a verdadeira independência, e que são circunstâncias de servilismo rastejante que os cavalheiros que assim se conduzem não poderiam suportar moralmente, nem honrar financeiramente. Eu mesmo sou um leigo e não dei nenhuma atenção desprezível às divisões da Igreja e...

– Ao diabo com as divisões! – explodiu Mr. Frank Hawley, advogado e escrivão que raramente comparecia às reuniões do conselho, mas que agora se apresentava precipitadamente com o chicote na mão. – Não temos nada a ver com elas. Farebrother tem feito o seu trabalho, o que havia, sem pagamento, e se vai haver um salário, deveria ser pago a ele. Me parece um golpe baixo tirá-lo de Farebrother.

– Acredito que seria melhor se os cavalheiros não atribuíssem um tom pessoal a seus comentários – disse Mr. Plymdale. – Eu voto pela nomeação de Mr. Tyke, mas se Mr. Hackbutt não tivesse insinuado, não saberia que sou um servil rastejante.

– Repudio alusões a quem quer que seja. Eu disse expressamente, se me permitem repetir, ou mesmo concluir o que estava prestes a dizer...

– Ah, aqui está Minchin! – disse Mr. Frank Hawley, fazendo com que todos se esquecessem de Mr. Hackbutt e o deixassem sentindo a inutilidade de dons superiores em Middlemarch. – Venha, doutor. Acredito que o senhor está do lado certo, não é?

– Espero que sim – disse Dr. Minchin, balançando a cabeça e apertando as mãos aqui e ali –, custe o que custar aos meus sentimentos.

– Se há algum sentimento aqui, deve ser pelo homem que está sendo expulso, creio eu – disse Mr. Frank Hawley.

– Confesso que também tenho sentimentos pelo outro lado. Minha estima está dividida – disse Dr. Minchin, esfregando as mãos. – Considero Mr. Tyke um homem exemplar, não há melhor, e acredito que foi indicado por razões incontestáveis. Pessoalmente, gostaria de poder lhe dar o meu voto. Porém, sou obrigado a fazer uma análise sobre o caso o que dá preponderância aos direitos

de Mr. Farebrother. Ele é um homem agradável, um pregador competente e está há mais tempo entre nós.

Mr. Powderell observava, triste e silencioso. Mr. Plymdale ajeitou a gravata, inquieto.

– Espero que o senhor não esteja definindo Farebrother como um modelo do que deve ser um clérigo – disse Mr. Larcher, o ilustre dono de uma companhia de transporte, que acabara de entrar. – Não é que eu tenha alguma coisa contra ele, mas creio que nessas nomeações nós devemos algo ao público, para não falar de algo mais elevado. Na minha opinião, Farebrother é muito relaxado para um clérigo. Não desejo levantar detalhes contra ele, mas ele não vai se esforçar para chegar mais longe.

– Melhor, diabos, do que fazer exageradamente – disse Mr. Hawley, cuja linguagem grosseira era notória naquela parte do condado. – Pessoas doentes não suportam tantas orações e sermões. E esse tipo de religião metodista faz mal para o espírito... faz mal para a alma, sabe? – acrescentou, voltando-se rapidamente para os quatro médicos reunidos.

Porém, a entrada de três cavalheiros, a quem saudaram com alguma cortesia, impediu qualquer resposta. Eram o reverendo Edward Thesiger, reitor de St. Peter, Mr. Bulstrode e nosso amigo Mr. Brooke de Tipton, que recentemente havia se permitido ser incluído no conselho administrativo, mas que nunca havia comparecido, sendo sua presença, agora, em função dos esforços de Mr. Bulstrode. Lydgate era o único que ainda não havia chegado.

Todos se sentaram e os trabalhos foram presididos por Mr. Bulstrode, pálido e contido como de costume. Mr. Thesiger, um evangélico moderado, desejava a nomeação do seu amigo Mr. Tyke, um homem zeloso e capaz, o qual, ao oficiar em uma capela tranquila, não possuía um número extenso de almas para curar, o que o deixava com tempo disponível para a nova obrigação. Era desejável que capelanias desse tipo fossem introduzidas com uma intenção fervorosa: eram oportunidades peculiares para a influência espiritual e, embora fosse bom que acompanhasse um salário, havia necessidade de uma vigilância mais escrupulosa

para que o cargo não fosse convertido em uma mera questão de dinheiro. As maneiras de Mr. Thesiger eram tão discretas que os opositores só podiam contradizê-la em silêncio.

Mr. Brooke acreditava que todos possuíam boas intenções no assunto. Ele mesmo não havia discutido a questão do hospital, embora tivesse um grande interesse por tudo aquilo que fosse um benefício para Middlemarch, e estava encantado em reunir-se com os cavalheiros presentes para qualquer questão pública – qualquer questão pública, sabe? – repetiu Mr. Brooke, com seu aceno característico, que indicava uma perfeita compreensão das coisas. – Eu estou muito ocupado como magistrado, coletando provas documentais, mas considero que meu tempo está à disposição do público, e, em suma, meus amigos me convenceram de que um capelão com salário, com salário, sabe, é algo positivo, e estou feliz por poder vir aqui e votar pela nomeação de Mr. Tyke, quem, eu entendo, é um homem irrepreensível, apostólico, eloquente e todas essas coisas, e eu seria o último homem a me privar de votar nestas circunstâncias, sabe?

– Parece-me que o senhor foi atulhado com um só lado da questão, Mr. Brooke – disse Mr. Frank Hawley, que não tinha medo de ninguém e era um conservador que desconfiava das intenções eleitorais. – O senhor parece desconhecer que um dos homens mais dignos que temos estava exercendo a função de capelão por anos sem cobrar nada, e que Mr. Tyke está sendo proposto para substituí-lo.

– Perdão, Mr. Hawley – disse Mr. Bulstrode. – Mr. Brooke foi amplamente informado sobre o caráter e a situação de Mr. Farebrother.

– Pelos seus inimigos – interrompeu Mr. Hawley.

– Creio que não haja hostilidade pessoal em causa aqui – disse Mr. Thesiger.

– Eu juro que há – respondeu Mr. Hawley.

– Cavalheiros – disse Mr. Bulstrode, em tom moderado –, o mérito da questão pode ser exposto muito brevemente, e se algum dos presentes tiver alguma dúvida de que um dos cavalheiros que está prestes a dar seu voto não foi bem esclarecido, eu posso agora recapitular as considerações que devem pesar

sobre ambos os lados.

– Não acredito que valha a pena – disse Hawley. – Suponho que todos nós sabemos em quem pretendemos votar. Qualquer homem que queira fazer justiça não espera até o último minuto para ouvir os dois lados da questão. Não tenho tempo a perder, e proponho que o assunto seja encaminhado para a votação imediatamente.

Seguiu-se uma breve, mas acalorada discussão antes de que cada pessoa escrevesse “Tyke” ou “Farebrother” em um pedaço de papel e o colocasse em um copo de vidro; nesse meio tempo, Mr. Bulstrode viu Lydgate entrar.

– Percebo que os votos estão divididos igualmente – disse Bulstrode, em uma voz clara e mordaz. Então, olhando para Lydgate:

– Ainda há um voto decisivo a ser dado. É o seu, Mr. Lydgate; o senhor teria a gentileza de escrever seu voto?

– O assunto está decidido – disse Mr. Wrench, levantando-se. – Todos nós sabemos como Mr. Lydgate vai votar.

– Suas palavras parecem ocultar um significado especial – disse Lydgate, um tanto desafiadoramente, mantendo o lápis suspenso.

– Eu apenas quis dizer que se espera que o senhor vote com Mr. Bulstrode. O senhor considera isso ofensivo?

– Pode ser ofensivo para outros. Mas não desistirei de votar com ele por esse motivo. – Lydgate imediatamente escreveu “Tyke”.

Assim, o reverendo Walter Tyke tornou-se o capelão do hospital e Lydgate continuou trabalhando com Mr. Bulstrode. Ele não estava bem certo de que Tyke era o candidato mais adequado, mas sua consciência lhe dizia que se estivesse totalmente livre de influências indiretas, ele deveria ter votado em Mr. Farebrother. O assunto da capelania tornou-se um ponto sensível em sua memória, como um caso em que a atmosfera mesquinha de Middlemarch fora forte demais para ele. Como um homem poderia ficar satisfeito ao tomar uma decisão entre semelhantes alternativas e em semelhantes circunstâncias? Não mais satisfeito do que poderia estar com o seu chapéu, que havia escolhido entre

as formas que os recursos da época lhe ofereciam, e que, na melhor das hipóteses, traziam uma resignação que fora fundamentalmente alimentada pela comparação.

No entanto, Mr. Farebrother continuou tratando Mr. Lydgate com a mesma simpatia de antes. O caráter do publicano e do pecador nem sempre é incompatível com o do fariseu moderno, pois a maioria de nós dificilmente vê com maior clareza a falha de nossa própria conduta do que a falha de nossos próprios argumentos, ou a estupidez de nossas próprias piadas. Mas o vigário de St. Botolph havia se livrado completamente da tintura do fariseu e, ao admitir a si mesmo que era muito parecido com os outros homens, havia se tornado notavelmente diferente: ele podia desculpar os outros pelo menosprezo para com ele mesmo, e julgar sua conduta com imparcialidade, mesmo quando estivessem contra ele.

– O mundo é poderoso demais para mim – disse ele um dia a Lydgate. – Mas eu não sou um homem poderoso, nunca serei um homem de renome. A escolha de Hércules é uma bela fábula, mas Pródico[75] facilitou o trabalho para o herói, como se as primeiras resoluções fossem suficientes. Outra história diz que ele veio segurar a roca e, finalmente, vestiu a camisa do Nessus.[76] Suponho que uma boa solução poderia manter um homem no caminho certo se a determinação de todos os outros o ajudasse.

A fala do vigário nem sempre era inspiradora: ele havia escapado do fariseu, mas não da pobre avaliação das nossas possibilidades a que chegamos um tanto apressadamente como uma interferência de nosso próprio fracasso. Lydgate acreditava que havia uma lamentável fraqueza de vontade em Mr. Farebrother.

CAPÍTULO XIX

“Você vê, ela fizera da palma da própria mão um leito e, suspirando, deitou-se”.[77]

Quando Jorge IV ainda reinava na intimidade de Windsor, quando o duque de Wellington era o primeiro-ministro e Mr. Vincy era o prefeito da antiga corporação em Middlemarch, Mrs. Casaubon, nascida Dorothea Brooke, partia para Roma em sua viagem de núpcias. Naqueles dias, o mundo em geral era 40 anos mais ignorante sobre o bem e o mal do que é hoje. Os viajantes não costumavam levar informações completas sobre a arte cristã, nem em suas cabeças nem em seus bolsos, e até mesmo o crítico inglês mais brilhante da época confundiu o túmulo cheio de flores da Virgem em ascensão com um vaso ornamental que obedecia a fantasia do pintor. O romantismo, que havia ajudado a preencher algumas lacunas obscuras com conhecimento e amor, ainda não havia penetrado com sua levedura, introduzindo-se e alimentando todas as pessoas. No entanto, estava em estado de fermentação visível no distinto e vigoroso entusiasmo de certos artistas alemães de cabelos compridos de Roma, e os jovens de outras nações que trabalhavam ou ficavam ociosos ao seu redor, às vezes, eram apanhados pelo movimento em expansão.

Certa manhã, um jovem cujos cabelos não eram excessivamente longos, mas abundantes e encaracolados, e quanto ao resto era evidentemente inglês, acabara de dar as costas ao Torso de Belvedere no Vaticano e observava a magnífica vista das montanhas do vestíbulo redondo adjacente. Ele estava muito absorvido e não notou a abordagem de um alemão animado de olhos escuros que se aproximou dele e, colocando a mão em seu ombro, disse com um forte sotaque:

– Venha cá, rápido! Do contrário, ela pode mudar de pose.

O jovem não demorou e logo as duas figuras passaram ligeiramente pelo Meleagro em direção ao salão onde a adormecida Ariadne, então chamada de Cleópatra, jaz no mármore voluptuoso de sua beleza, envolta por um drapeado com a mesma facilidade e ternura de algumas pétalas. Eles chegaram a tempo de ver outra figura em pé junto ao pedestal apoiada no mármore: uma jovenzinha em flor, cujas formas não eram ofuscadas pelas de Ariadne. Ela vestia uma roupa cinza quaker, trazia uma longa capa presa no pescoço, passada por trás dos ombros, e uma bela mão sem luva que servia de apoio à sua face; empurrado um pouco para trás, o gorro de pele de castor branco que, em torno das tranças dos seus cabelos castanho-escuros presos por uma fita, criava uma espécie de halo ao redor de seu rosto. Ela não olhava para a escultura, provavelmente nem pensava nela; seus grandes olhos sonhadores estavam fixados em um raio de sol que cruzava o chão. Porém, ela percebeu os dois estranhos que de repente se detiveram para contemplar a Cleópatra e, sem olhar para eles, imediatamente virou-se para unir-se a uma criada e um mensageiro que vagavam pelo corredor a uma pequena distância.

– O que acha dessa bela antítese? – perguntou o alemão, buscando no rosto do amigo uma reação de admiração, mas continuando a falar sem esperar outra resposta. – Ali jaz a beleza antiga, que nem a morte a deixa cadavérica, mas repousa na plena satisfação de sua perfeição sensual, e logo ali está a beleza viva, impregnada de séculos de cristandade. Mas ela deveria estar vestida como uma freira; creio que possui o aspecto daquilo que você chama de Quaker. Em meu quadro, certamente eu a vestiria como uma freira. No entanto, ela é casada! Vi seu anel de casamento naquela maravilhosa mão esquerda, caso contrário, teria pensado que o lívido *Geistilicher* [78] era seu pai. Eu o vi se despedindo dela há pouco tempo e acabo de encontrá-la naquela pose magnífica. Imagine! Ele talvez seja rico e queira um retrato dela. Enfim, é inútil admirá-la, lá vai ela! Vamos segui-la até sua casa!

– Não, não – disse seu companheiro, franzindo o cenho.

– Você é estranho, Ladislaw. Parece abatido. Você a conhece?

– Ela é casada com meu primo – disse Will Ladislaw, vagando pela sala com um ar preocupado enquanto seu amigo alemão, ao seu lado, o observava ansiosamente.

– O quê? O *Geistilicher*? Ele se parece mais com um tio, aliás, um tio é um grau de parentesco mais útil.

– Ele não é meu tio. Estou dizendo que é meu primo em segundo grau – disse Ladislaw, com certa irritação.

– *Schön, schön.*[79] Não fique mal-humorado. Você não está zangado comigo por eu achar que sua prima em segundo grau é a jovem Madona mais perfeita que já vi, está?

– Zangado? Não. Eu só a vi uma vez antes, por alguns minutos, quando meu primo nos apresentou, pouco antes de eu deixar a Inglaterra. Eles não eram casados na época. Eu não sabia que estavam vindo para Roma.

– Mas você irá vê-los agora; você vai descobrir o endereço de onde estão, já que sabe o nome. Podemos ir ao correio? E então você poderá falar sobre o retrato.

– Maldito seja, Naumann! Não sei o que devo fazer. Não sou tão descarado quanto você.

– Bah! Isso é porque você é um entusiasta e um amador. Se fosse um artista, imaginaria sua prima em segundo grau num retrato de uma dama resignada pelo sentimento cristão, uma espécie de Antígona cristã, uma força sensual controlada pela paixão espiritual.

– Sim, e que a razão da existência dela é ser pintada por você, a divindade adquirindo maior plenitude, e quase exausta no ato de cobrir seu pedacinho de tela. Sou amador, se isso te dá prazer, mas não acho que todo o universo está apontando para o significado obscuro dos seus quadros.

– Mas está, meu caro! Pode ter certeza. Na medida em que se move por meu intermédio, Adolf Naumann, isso é definitivo – disse o pintor bem-humorado, colocando a mão sobre o ombro de Ladislaw, e nem um pouco perturbado pelo inexplicável mau-humor do inglês. – Veja, a minha existência pressupõe a

existência de todo o universo, não é assim? E minha função é pintar, e, como pintor, tenho uma concepção totalmente *genialisch* [80] de sua tia-avó ou da sua bisavó como tema de um quadro. Portanto, o universo está apontando na direção deste quadro por meio daquele gancho, ou garra particular que se manifesta na forma da minha pessoa, não é verdade?

– Mas e se outra garra na forma da minha pessoa estiver apontando para o contrário? O caso não é assim tão simples.

– De maneira alguma: o resultado da luta é o mesmo, com quadro ou sem quadro, logicamente.

Will não pôde resistir a esse temperamento imperturbável e a nuvem que escurecia seu rosto se transformou em um sorriso luminoso.

– Vamos, meu amigo, como você vai me ajudar? – perguntou Naumann, em tom esperançoso.

– Isso é uma tolice, Naumann! As damas inglesas não estão à disposição de todos como modelos. E você quer expressar muita coisa com sua pintura. Você teria que fazer apenas um retrato comum, que poderia ser melhor ou pior, com um fundo que, por diferentes razões, poderia agradar ou repelir os entendidos. E, afinal de contas, o que é o retrato de uma mulher? Seus quadros e as estátuas não são grande coisa, afinal. Ambos perturbam e atenuam as concepções em vez de aumentá-las. A linguagem é um meio mais refinado.

– Sim, para aqueles que não sabem pintar – disse Naumann. – Nesse caso, você tem razão. Não fui eu que te aconselhei a pintar, meu amigo.

O comentário do amável artista carregava um ferrão, mas Ladislaw não quis parecer picado e continuou como se não tivesse ouvido.

– A linguagem proporciona uma imagem muito mais completa, que é melhor por ser vaga. Afinal, a verdadeira visão está no interior, e a pintura te encara com uma imperfeição insistente. Tenho essa sensação especialmente com as representações de mulheres. É como se uma mulher fosse uma mera superfície colorida. É insuficiente de movimento e de tom. Há uma diferença na própria respiração: ela muda de momento a momento. Essa mulher que você acabou de

ver, por exemplo, como você pintaria a sua voz? A sua voz é muito mais divina do que qualquer coisa que você já viu dela.

– Entendo, entendo. Você está com ciúme. Nenhum homem deve presumir que pode pintar seu ideal. É sério, meu amigo! Sua tia-avó! *Der Neffe als Onkel* [81] em um sentido trágico, *ungeheuer*![82]

– Nós vamos acabar brigando, Naumann, se chamar aquela dama de minha tia novamente.

– Como devo chamá-la, então?

– Mrs. Casaubon.

– Ótimo. Suponha que eu a conheça apesar de você e descubra que ela deseja muito ser pintada?

– Sim, suponha! – repetiu Will Ladislaw, em um tom desdenhoso, com a intenção de mudar de assunto. Ele tinha consciência de estar irritado com causas ridiculamente pequenas, a metade das quais era de sua própria criação. Por que ele estava criando confusão a respeito de Mrs. Casaubon? E ainda assim era como se algo tivesse acontecido com ele em relação a ela. Existem personagens que estão constantemente criando colisões e intrigas em tragédias que ninguém está disposto a compartilhar. Suas suscetibilidades entrarão em conflito com objetos que permanecem inocentemente tranquilos.

CAPÍTULO XX

“Uma criança abandonada desperta repentinamente,
Cujo olhar desliza ao redor de todas as coisas,
Percebe que já não pode mais
Encontrar os olhos do amor.”

Duas horas mais tarde, Dorothea estava sentada em uma sala íntima ou *boudoir* de um belo apartamento na Via Sistina.

Lamento acrescentar que ela soluçava amargamente –, com todo o abandono de um coração oprimido –, que uma mulher habitualmente controlada pelo orgulho – ou pela consideração que tinha pelos demais –, ocasionalmente se permite quando se sente seguramente sozinha. Mr. Casaubon certamente permaneceria bastante tempo no Vaticano.

No entanto, Dorothea não tinha nenhuma queixa concreta que pudesse expressar até para si mesma; no meio da sua confusão e paixão, o ato mental que lutava para aflorar era um grito de culpabilidade, de que a desolação que sentia era fruto de sua própria pobreza espiritual. Ela havia se casado com o homem de sua escolha, com a vantagem sobre a maioria das mulheres de ter contemplado seu casamento, principalmente, como o início de novas obrigações. Desde o princípio, ela havia considerado Mr. Casaubon como possuidor de uma mente muito superior à sua e que, muitas vezes, reivindicaria estudos que ela não poderia compartilhar completamente. Além disso, depois de uma breve experiência em sua infância, ela estava contemplando Roma, a cidade da história visível, onde o passado de todo um hemisfério parecia se mover em um fúnebre cortejo com estranhas imagens ancestrais e troféus vindos de longe.

Porém, essa estupenda fragmentação destacava a bizarrice intangível da sua

vida de recém-casada. Dorothea já estava há cinco semanas em Roma, e a princípio, nas manhãs agradáveis, quando o outono e o inverno pareciam andar de mãos dadas como um casal de felizes idosos, um dos quais sobreviveria em uma solidão fria, ela havia perambulado na companhia de Mr. Casaubon, mas ultimamente suas principais companhias eram Tantripp e seu guia experiente. Ela havia sido levada às melhores galerias, aos principais pontos panorâmicos, às ruínas mais grandiosas e às igrejas mais gloriosas e, frequentemente, preferia ir para a Campagna, onde poderia ficar só com a terra e o céu, longe da máscara opressora de todos os tempos, na qual sua própria vida também parecia se tornar uma máscara com trajes enigmáticos.

Para aqueles que contemplam Roma com o poder vivificador de um conhecimento que inspira uma alma crescente em todas as formas históricas, e detecta as transições suprimidas que unificam todos os contrastes, a cidade continua sendo o centro espiritual e intérprete do mundo. Porém, peço permissão para conceber um contraste histórico a mais: as gigantescas revelações acidentadas daquela cidade imperial e papal, abruptamente lançadas sobre as noções de uma jovem educada no puritanismo inglês e suíço, nutrida a base de escassas histórias protestantes e de uma arte do tipo representada em leques de mão, uma jovem cuja natureza ardente convertia em princípios toda as suas pequenas parcelas de conhecimento, e a elas ajustava suas ações, e cujas emoções imediatas dotavam às coisas mais abstratas a qualidade de um prazer ou de uma dor, uma jovem que recentemente havia se transformado em uma esposa e, partindo de uma aceitação entusiasta de uma obrigação ainda não experimentada, via-se imersa na tumultuada preocupação com seu futuro. Talvez o peso da ininteligível Roma possa recair suavemente sobre ninfas cintilantes, para as quais servia de pano de fundo o brilhante piquenique da sociedade anglo-estrangeira. Mas Dorothea não tinha tal defesa contra as impressões profundas. Ruínas e basílicas, palácios e colossos, erguendo-se no meio de um presente sórdido, onde tudo o que era vivo e animado parecia mergulhado na profunda degeneração de uma superstição afastada da veneração, a mais turva vida

hercúlea, lutando e examinando desde as paredes até o teto, as perspectivas de formas brancas, cujos olhos de mármore pareciam conter a luz monótona de um mundo estranho; toda essa vasta destruição de ideais ambiciosos, sensuais e espirituais, confusamente mesclados com sinais de esquecimento e degradação, a princípio a sacudiram como uma descarga elétrica, e mais tarde incutiram-se sobre ela com a angústia própria do excesso de ideias desordenadas, que impediam o fluxo de emoção. Formas ao mesmo tempo pálidas e resplandecentes tomaram posse do seu jovem juízo e fixaram-se em sua memória, mesmo quando ela não pensava nelas, criando associações estranhas que a acompanharam nos anos seguintes. Nosso estado de ânimo tende a trazer consigo imagens que se sucedem como figuras de uma lanterna mágica em um sonho e pelo resto de sua vida; nos momentos de aborrecimento desamparado, Dorothea continuou contemplando a vastidão da Basílica de São Pedro, o enorme dossel de bronze, a intenção excitada nas atitudes e vestimentas dos profetas e evangelistas dos mosaicos, e a cortina vermelha pendurada para o Natal que se espalhava por toda parte como uma enfermidade da retina.

Não que esse espanto interior de Dorothea fosse algo muito excepcional: muitas são as almas que em sua nudez juvenil veem-se jogadas entre as incongruências e deixadas para “encontrar o caminho”, enquanto os mais velhos cuidam de seus negócios. Também não posso supor que, quando Mrs. Casaubon for encontrada em um ataque de choro seis semanas após seu casamento, a situação será considerada trágica. Não é incomum algum desânimo, algum abatimento diante do novo futuro real que substitui o imaginário, e não esperamos que as pessoas fiquem profundamente comovidas diante do incomum. O elemento da tragédia, que reside no próprio fato da frequência, ainda não está infiltrado na tosca emotividade da humanidade, e talvez nossa estrutura dificilmente pudesse suportar uma dose muito alta dela. Se tivéssemos uma visão aguçada e um sentimento de toda a vida humana habitual, seria como ouvir a grama crescer e o coração do esquilo bater, e morreríamos daquele rugido que existe do outro lado do silêncio. Não sendo este o caso, os mais rápidos de nós

caminham bem embriagado de estupidez.

Todavia, Dorothea estava chorando, e se tivesse sido solicitada a declarar a causa, ela só poderia responder com algumas palavras genéricas como as que já empreguei. Tentar ser mais específica seria como criar uma história de luzes e sombras, pois aquele novo futuro real – que substituía o imaginário –, extraía seu material das minúcias infinitas entre as quais sua visão de Mr. Casaubon, assim como sua relação de esposa, já que ela estava casada com ele, mudava gradualmente com o movimento secreto de um ponteiro de relógio, afastando-se do que ela tinha sonhado enquanto solteira. Ainda era muito cedo para reconhecer plenamente –, ou pelo menos admitir a mudança –, ainda mais para reajustar aquela devoção, que era uma parte tão necessária de sua vida mental, que ela estava quase segura de que, mais cedo ou mais tarde, poderia recuperar. A rebelião permanente, a desordem de uma vida sem algum propósito reverente e amoroso, não era possível, mas ela se encontrava agora em um intervalo no qual a força da sua própria natureza aumentava sua confusão. Mas, os primeiros meses de um casamento costumam ser épocas de agitações críticas, seja de um charco raso ou em águas mais profundas, que posteriormente se transformam em uma alegre tranquilidade.

Ah, a obstinação das mulheres! Acaso Mr. Casaubon não era tão erudito quanto antes? Haviam mudado suas formas de expressão ou eram seus sentimentos menos louváveis? Sua cronologia o traía? Ou a sua habilidade para expor não apenas uma teoria, mas os nomes daqueles que a defendem, ou sua capacidade para fornecer a origem dos principais assuntos havia falhado? E não era Roma o lugar por excelência para dar liberdade a tais realizações? Além disso, acaso o entusiasmo de Dorothea não se concentrava especialmente na perspectiva de aliviar o peso – e talvez a tristeza –, daquele em cujos ombros recaem o peso das tarefas a serem realizadas? E o fato de que este peso oprimia Mr. Casaubon não estava mais claro do que antes?

Eram perguntas esmagadoras e fosse o que fosse que permanecesse igual, à luz, algo havia mudado, e não se pode encontrar o meio-dia no perolado do

amanhecer. É um fato inalterável um mortal, cuja natureza se conhece exclusivamente através das breves entradas e saídas de algumas semanas irreais chamadas de noivado, à luz da continuidade de um companheirismo conjugal, revelar-se como algo melhor ou pior do que o que se preconcebia, mas certamente jamais será como se esperava. E seria surpreendente descobrir quão rápido a mudança é sentida se não tivéssemos mudanças similares com quais pudéssemos compará-la. Compartilhar o aposento com um brilhante companheiro de mesa, ou ver o seu político preferido no ministério, podem provocar mudanças muito rápidas; também nestes casos começamos sabendo pouco e acreditando muito, e às vezes acabamos invertendo as quantidades.

Ainda assim, tais comparações podem levar a um equívoco, pois nenhum homem era mais incapaz de revestir-se de uma fantasia espalhafatosa do que Mr. Casaubon. Ele era um personagem tão autêntico quanto qualquer animal ruminante, e não havia participado ativamente na criação de quaisquer ilusões sobre si mesmo. Foi assim que, nas semanas após o seu casamento, Dorothea – mesmo que não se desse conta da decepção latente e iminente –, sentia uma depressão sufocante, já que as grandes paisagens e os sopros de ar fresco – que sonhava encontrar na mente de seu marido –, haviam sido substituídas por antessalas e passagens sinuosas, que mais pareciam levar a lugar nenhum. Talvez fosse porque durante o noivado tudo é considerado provisório e preliminar, e a menor amostra de virtude, ou capacidade, é entendida como garantia de provisões deliciosas, que o amplo lazer do casamento revelará. Porém, uma vez ultrapassado o limiar do casamento, a expectativa concentra-se no presente. Tendo ela embarcado em uma viagem nupcial – mesmo uma moça inocente como ela –, era impossível não se dar conta de que não estava avançando, que o mar não estava à vista, e que, na realidade, estava apenas explorando uma bacia fechada.

Em suas conversas antes do casamento, Mr. Casaubon frequentemente se demorava em alguma explicação ou detalhe questionável, cuja compreensão Dorothea não alcançava. Entretanto, ela acreditava que tal incoerência imperfeita

era devido à descontinuação de seus encontros, e amparada pela fé no futuro deles em comum, ela ouvira com fervorosa paciência um recital de possíveis argumentos contra o ponto de vista inteiramente novo que Mr. Casaubon defendia sobre o deus Filisteu Dagon e outras deidades marinhas, pensando que depois de casados ela deveria ver esse tema – visto que era tão apaixonante para ele –, e deveria compreender, talvez, com elevado nível a razão pela qual aquilo se tornara tão valioso para ele. Mas isso não aconteceu. De maneira oposta, a indiferença e a rejeição com que ele agora tratava aquilo que para ela eram os pensamentos mais excitantes – certamente o motivo pelo qual ela quisera se casar com ele – a faziam atribuir a mesma falta de compreensão que ela possuía durante o noivado. Mas agora, desde que chegara a Roma, com todas as suas emoções convertidas em tumultuosas atividades e a vida transformada em um novo problema por novos elementos, ela estava se tornando cada vez mais consciente, com certo terror, de que sua mente estava continuamente oscilando entre acessos internos de raiva e repulsa, sobretudo, um tédio desolador. Não havia como saber até que ponto o judicioso Hooker, ou qualquer outro herói da erudição, teria sido igual na idade de Mr. Casaubon, de modo que ele não poderia desfrutar da vantagem da comparação, mas a maneira como o marido comentava os objetos estranhamente impressionantes que os rodeavam havia começado a afetá-la com uma espécie de calafrio mental; ele talvez tivesse a melhor intenção de se portar dignamente, apenas cumprindo com suas obrigações. O que era novo para ela, para ele era batido, velho, e a capacidade de pensar e sentir, que a vida da humanidade em geral outrora a estimulava, há muito havia sido reduzida a uma espécie de preparação desidratada, um embalsamamento inanimado de conhecimentos.

Quando ele dizia: – Isso te interessa, Dorothea? Quer ficar mais um pouco? Estou disposto a ficar, se quiser – ir ou ficar parecia a Dorothea igualmente enfadonho. Ou: – Gostaria de ir à Villa Farnesina, Dorothea? Poderemos ver afrescos famosos desenhados ou pintados por Rafael, que a maioria acha que merecem uma visita.

– O senhor está interessado neles? – sempre era a pergunta de Dorothea.

– Eles são, creio eu, muito apreciados. Alguns representam a fábula do Cupido e Psiquê, que é provavelmente a invenção romântica de um período literário e não pode, na minha opinião, ser considerada um produto mítico genuíno. Mas se gosta desse tipo de murais, podemos facilmente ir até lá, e então você terá visto as principais obras de Rafael, qualquer uma das quais seria uma pena omitir em uma visita a Roma. Ele é o pintor a quem se atribui a combinação mais completa da elegância da forma com a sublimidade da expressão. Esta é, pelo menos, a opinião que ouvi dos entendidos.

Este tipo de resposta oferecida em tom oficioso e comedido, como o de um clérigo lendo os ritos, não ajudava a justificar as glórias da Cidade Eterna, nem lhe proporcionava a esperança de que, se soubesse mais sobre ela, o mundo se iluminaria para ela. Dificilmente existiria um contato mais deprimente para uma jovem e ardente criatura do que o de uma mente em que anos repletos de sabedoria parecem ser o fruto de uma ausência de interesse ou simpatia.

Na verdade, em outros assuntos, Mr. Casaubon demonstrava uma tenacidade de ocupação e um interesse que geralmente são considerados como resultados do entusiasmo, e Dorothea, no lugar de sentir que ela o arrastava para longe deles, estava ansiosa para seguir essa direção espontânea de seus pensamentos. Não obstante, aos poucos ela ia deixando de esperar com sua antiga confiança de que surgiria diante dela qualquer abertura por onde pudesse segui-lo. O próprio Mr. Casaubon estava perdido entre os pequenos gabinetes e escadas em espiral, desaparecido em uma inquietante obscuridade sobre os Cabeiri,[83] ou diante da exposição dos paralelos desprestigiados de outros mitólogos, e facilmente perdia de vista qualquer propósito que o havia levado a empreender tais tarefas. Com uma vela acesa à sua frente, já se esquecera que havia janelas e, entre amargas observações manuscritas sobre as ideias que outros homens tinham sobre as deidades solares, ele havia se tornado indiferente à luz do sol.

Estas características, fixas e imutáveis como um osso em Mr. Casaubon, poderiam ter permanecido despercebidas por mais tempo se Dorothea tivesse

sido encorajada a dar vazão a seus sentimentos femininos juvenis, se ele tivesse segurado as mãos dela entre as suas e escutado com o deleite de ternura e de compreensão todas as pequenas histórias que compunham sua experiência, oferecendo-lhe em troca o mesmo tipo de intimidade, fazendo com que a vida passada de ambos pudesse ser incluída em seu conhecimento e carinho mútuos; ou se ela pudesse ter alimentado sua afeição com aquelas carícias infantis às quais sente-se inclinada toda mulher doce, que começava cobrindo de beijos a rígida cabeça de sua boneca careca, dotando de uma alma alegre aquela figura de madeira a partir da riqueza de seu próprio amor. Esta era a inclinação de Dorothea. Com todo o seu anseio por conhecer aquilo que estava longe e por ser imensuravelmente magnânima, ainda lhe restava ardor suficiente para o que estava perto, para ter beijado a manga do casaco de Mr. Casaubon, ou ter acariciado seu sapato, se ele houvesse manifestado qualquer outro sinal de aceitação além do que declarava, com sua eterna justiça, dona de uma natureza mais afetuosa e verdadeiramente feminina, indicando ao mesmo tempo em que lhe oferecia uma cadeira por cortesia, que considerava estas manifestações um tanto grosseiras e desconcertantes. Tendo realizado com esmero seu asseio clerical matutino, ele estava apenas preparado para aquelas amenidades da vida que estavam de acordo com o colarinho rígido e bem ajustado da época e para uma mente carregada de material ainda não publicado.

Por uma triste contradição, as ideias e os propósitos de Dorothea eram como gelo derretido que flutuava e se perdia na cálida corrente da qual não havia sido nada além de uma outra forma. Ela sentia-se humilhada por achar-se uma mera vítima do sentimento, como se nada pudesse conhecer senão por aquele meio; todas as suas forças estavam dispersas em espasmos de agitação, de luta, de desânimo, para então tornarem-se visões de renúncia completa, transformando todas as áridas condições em obrigações. Pobre Dorothea! Ela era verdadeiramente um problema, principalmente para si mesma. Porém, naquela manhã, pela primeira vez, ela era também um problema para Mr. Casaubon.

Ela havia começado, enquanto eles tomavam o café da manhã, com a

determinação de se livrar do que interiormente chamava de egoísmo, e voltou uma face cheia de alegria e atenção para seu marido, quando ele disse:

– Minha querida Dorothea, devemos agora pensar em tudo o que ainda não foi feito, como uma preliminar para nossa partida. Eu gostaria de ter voltado para casa mais cedo para que pudéssemos estar em Lowick para o Natal, mas minhas investigações aqui foram prolongadas além do período previsto. No entanto, espero que o tempo transcorrido aqui tenha sido agradável para você. Entre todas as atrações da Europa, Roma sempre foi considerada umas das mais surpreendentes, e em alguns aspectos, a mais edificante. Lembro-me bem de que a considerei um momento culminante em minha vida quando a visitei pela primeira vez; foi após a queda de Napoleão, em um evento que abriu o continente para os viajantes. Na verdade, creio ser uma entre as várias cidades às quais uma hipérbole extrema foi aplicada: “Ver Roma e depois morrer”, mas no seu caso, eu proporia uma emenda que diria: “Ver Roma como uma noiva e viver daqui em diante como uma esposa feliz”.

Mr. Casaubon pronunciou este pequeno discurso com a mais conscienciosa intenção, piscando um pouco e movendo a cabeça para cima e para baixo, para concluir com um sorriso. Ele não achara o casamento um estado de êxtase, mas não tinha ideia de ser outra coisa senão um marido irrepreensível, capaz de fazer uma jovem encantadora tão feliz quanto ela merecia ser.

– Espero que esteja totalmente satisfeito com a nossa estadia, quero dizer, com o resultado no que diz respeito aos seus estudos – disse Dorothea, tentando manter a mente fixa no que mais afetava seu marido.

– Sim – disse Mr. Casaubon, com aquele tom de voz peculiar que confere uma certa negatividade a cada palavra. – Fui levado além do que havia previsto, e vários assuntos para anotação se apresentaram, os quais, embora não tenha necessidade direta deles, eu não poderia preterir. A tarefa, apesar da ajuda de meu amanuense, foi um tanto laboriosa, mas felizmente, sua companhia me impediu de continuar a pensar além das horas de estudo que têm sido a armadilha da minha vida solitária.

– Fico contente que minha presença tenha feito alguma diferença – disse Dorothea, que tinha uma vívida lembrança das noites em que havia suposto que a mente de Mr. Casaubon tinha ido muito a fundo durante o dia para ser capaz de voltar à superfície novamente.

– Temo que tenha havido um pouco de mau-humor na sua resposta.

– Espero que, quando chegarmos a Lowick, eu seja mais útil e possa entrar um pouco mais no que lhe interessa – respondeu ela.

– Sem dúvida, minha querida – disse Mr. Casaubon, com uma leve reverência. – As anotações que fiz aqui precisam ser filtradas e você poderá, se quiser, fazê-lo sob minha direção.

– E todas as suas anotações – disse Dorothea, cujo coração já havia queimado por dentro com aquele assunto, sendo que agora não poderia deixar de colocar em palavras –, todas aquelas fileiras de volumes, o senhor não fará agora o que costumava dizer? O senhor não decidirá qual parte irá usar, e começará a escrever o livro que tornará seu vasto conhecimento útil para o mundo? Eu posso escrever o que ditar, ou copiar e extrair o que me disser; não posso ser de outra utilidade – Dorothea, de uma maneira obscuramente feminina e inexplicável concluiu com um leve soluço e os olhos cheios de lágrimas.

A emotividade excessiva manifestada teria por si só sido altamente perturbadora para Mr. Casaubon, pois havia outras razões para que as palavras de Dorothea estivessem entre as mais cortantes e irritantes que poderia ter sido impelida a usar. Ela estava tão cega para os problemas internos de seu marido quanto ele para os dela: ela ainda não havia compreendido aqueles conflitos interiores que suscitam nossa piedade, ainda não havia escutado com paciência as batidas do coração dele, mas apenas sentia que o dela batia violentamente. Aos ouvidos de Mr. Casaubon, a voz de Dorothea era a enfática e sonora repetição daquelas abafadas sugestões de sua própria consciência, acusando-o de criar uma mera fantasia; autoacusações de sua incompetência, de dar vazão às ilusões de uma sensibilidade exagerada. Sempre, quando tais sugestões são inequivocamente repetidas no exterior são rechaçadas como cruéis e injustas. Se

ficamos irritados até mesmo com a aceitação completa de nossas confissões humilhantes, quanto mais por ouvir em sílabas duras e distintas dos lábios de um observador próximo, aqueles murmúrios confusos que tentamos chamar de mórbidos, contra os quais lutamos como se fosse a chegada do entorpecimento! E esse cruel acusador externo se encontrava ali, na forma de uma esposa, não, de uma jovem recém-casada, a qual, no lugar de observar seus abundantes arranhões e a amplitude de papel com o assombro acrítico de um canário elegante, parecia apresentar-se como uma espiã, observando tudo com um poder maligno de inferência. Aqui, neste ponto específico, Mr. Casaubon possuía uma sensibilidade que se equiparava à de Dorothea e igual rapidez para imaginar mais do que os fatos. Com aprovação, ele havia observado anteriormente a capacidade de Dorothea para adorar o que é adequado e previa agora com súbito terror que essa mesma capacidade pudesse ser substituída pela presunção –, a idolatria pela mais exasperante de todas as críticas –, a que vislumbra vagamente inúmeros objetivos sem possuir a mínima noção de como consegui-los.

Pela primeira vez desde que Dorothea o conhecera, um rubor de cólera cruzou o rosto de Mr. Casaubon.

– Meu amor – disse ele, com a irritação refreada pelo decoro –, pode confiar que eu saberei determinar o tempo e a época, adaptados às diferentes etapas de uma obra que não deve ser medida pelas conjecturas de observadores ignorantes. Para mim, teria sido fácil obter um efeito temporário por meio de uma miragem de opiniões infundadas, mas é sempre uma prova ao explorador escrupuloso ser saudado com o desprezo impaciente dos charlatães que buscam apenas as mínimas realizações, não estando capacitados para outras. E seria bom se todos pudessem ser induzidos a discriminar esses julgamentos, cujo verdadeiro tema está inteiramente fora de seu alcance, daqueles cujos elementos podem ser assimilados por um exame limitado e superficial.

Este discurso foi proferido com uma energia e prontidão bastante incomuns para Mr. Casaubon. Na verdade, não foi inteiramente uma improvisação, mas tomou forma como um colóquio interior e brotou como os grãos redondos de

uma fruta quando partida pelo calor repentino. Dorothea não era apenas sua esposa: ela era a personificação desse mundo superficial que rodeia o autor apreciando ou o desanimando.

Dorothea, por sua vez, estava indignada. Acaso não estivera ela mesmo reprimindo tudo, exceto o desejo de compartilhar os principais interesses do marido?

– Meu julgamento foi muito superficial, tal como sou capaz de formar – respondeu ela, com um ressentimento imediato, que não precisava de ensaio. – O senhor me mostrou as fileiras de anotações, sempre falou sobre elas, muitas vezes disse que precisavam ser digeridas. Mas jamais o ouvi falar do texto que vai ser publicado. Eram fatos muito simples, e meu julgamento não foi além. Eu só implorei que me permitisse ser útil.

Dorothea levantou-se para deixar a mesa e Mr. Casaubon não respondeu, limitando-se a apanhar uma carta que tinha ao seu lado como se tivesse a intenção de lê-la. Ambos ficaram surpresos com a situação de um ter ficado nervoso com o outro. Se estivessem em casa, instalados em sua vida cotidiana entre seus vizinhos de Lowick, o confronto teria sido menos embaraçoso, mas em uma viagem de núpcias, cuja finalidade expressa é isolar duas pessoas sob o argumento de que representam tudo uma para a outra, o sentimento de desacordo é, para dizer o mínimo, inquietante e desorientador. Mesmo as mentes mais aguerridas teriam considerado insatisfatória a mudança considerável de longitude e a busca por uma solidão moral para obter pequenas explosões, encontrar dificuldade para conversar e passar o copo de água sem olhar para a outra pessoa. Para a sensibilidade inexperiente de Dorothea, o fato parecia ser uma catástrofe que modificava todas as perspectivas. Para Mr. Casaubon, era uma nova agonia, ele nunca havia feito uma viagem nupcial antes, nem havia se encontrado nesta união íntima que constituía uma maior sujeição do que poderia imaginar, já que a esposa encantadora não apenas o obrigava a lhe prestar muita consideração (o que ele havia feito com diligência), mas acabara sendo capaz de inquietá-lo cruelmente logo onde ele mais precisava ser tranquilizado. No lugar

de proporcionar a si mesmo uma proteção contra o público frio, sombrio e insensível da sua vida, ele apenas lhe dera uma presença mais substancial?

Nenhum deles sentia que seria possível falar novamente naquele momento. Ter modificado um arranjo prévio e se recusado a sair teria sido uma demonstração de raiva persistente, o que a consciência de Dorothea evitava, já que começava a se sentir culpada. Por mais justa que pudesse ser sua indignação, seu ideal não era reivindicar justiça, mas de proporcionar ternura. Assim, quando a carruagem chegou, ela acompanhou Mr. Casaubon ao Vaticano, caminhou com ele pela pedregosa avenida de inscrições e, ao separar-se dele na entrada da biblioteca, cruzou o museu com puro desinteresse pelo que estava ao seu redor. Ela não tinha ânimo para voltar e pedir que a levassem para qualquer outro lugar. Foi no momento em que Mr. Casaubon a deixava que Naumann a viu pela primeira vez, e entrou na longa galeria de esculturas ao mesmo tempo que ela; neste ponto, Naumann tinha que esperar por Ladislaw, com quem deveria saldar uma aposta de champanhe feita sobre uma figura medieval enigmática. Depois de examinarem a imagem e caminharem até terminar a discussão, eles se separaram e Ladislaw ficou para trás enquanto Naumann entrava no Salão das Estátuas, onde mais uma vez viu Dorothea naquela abstração pensativa que a tornava notável. Na verdade, a luz do raio de sol que caía no chão não lhe oferecia maior interesse do que as estátuas: a luz que via interiormente era a dos anos que viriam em sua própria casa sobre os campos ingleses, dos olmos e das estradas cercadas por sebes, e ela pensava que a maneira como eles poderiam ser preenchidos com alegre dedicação não estava tão clara como antes. Na mente de Dorothea havia, contudo, uma corrente na qual todos os pensamentos e sentimentos estavam aptos a fluir mais cedo ou mais tarde: o avanço de toda sua consciência em direção à verdade mais plena, ao bem menos parcial. Claramente havia algo melhor do que raiva e desânimo.

CAPÍTULO XXI

“Sua maneira de falar também era muito feminina e simples,
Carente de termos pretensiosos para se parecer sábia”
– CHAUCER

Este foi o motivo que fez com que Dorothea começasse a soluçar assim que ficou completamente sozinha. Mas ela logo foi despertada por uma batida na porta, que a fez secar rapidamente os olhos antes de dizer: – Entre – disse ela para Tantripp, que lhe levou um cartão e disse que havia um cavalheiro aguardando no *lobby*. Tantripp já havia dito a ele que apenas Mrs. Casaubon estava em casa, mas o cavalheiro respondera que era parente de Mr. Casaubon: ela iria vê-lo?

– Sim – disse ela sem hesitar –, leve-o até a sala de visitas.

Suas principais impressões sobre o jovem Ladislaw eram que, quando o conhecera em Lowick, fora informada da generosidade de Mr. Casaubon para com ele, e que havia sido objeto do seu interesse a hesitação do sobrinho sobre sua carreira. Ela estava preparada para qualquer coisa que lhe desse uma oportunidade para ser simpática à família do marido, e naquele momento era como se a visita chegara para tirá-la de seu descontentamento egoísta, para lembrá-la da bondade de seu marido e fazê-la sentir que agora tinha o direito de ser sua ajudante em todas as boas ações. Ela aguardou uns dois minutos, mas quando entrou na sala, ainda havia sinais suficientes de que ela estivera chorando, o que fez seu rosto parecer mais franco, mais jovem e mais atraente do que o normal. Ela recebeu Ladislaw com aquele sorriso requintado de boas-vindas, ausente de qualquer vaidade, e lhe estendeu a mão. Ele era vários anos mais velho que ela, mas naquele momento parecia muito mais jovem, pois sua

tez transparente corou de repente, e ele falou com uma timidez completamente distinta da pronta indiferença que demonstrava diante do amigo, enquanto Dorothea se mostrava mais serena a fim de fazê-lo sentir-se à vontade.

– Eu não sabia que a senhora e Mr. Casaubon estavam em Roma até esta manhã quando os vi no Museu do Vaticano – disse ele. – Eu a reconheci imediatamente, mas... bem... concluí que o endereço de Mr. Casaubon poderia ser encontrado nos Correios e estava ansioso para apresentar meus respeitos a ele e à senhora o mais cedo possível.

– Por favor, sente-se. Ele não está no momento, mas estou certa de que ficará feliz em ouvir notícias suas – disse Dorothea, sentando-se sem pensar entre o fogo e a luz da janela alta, e apontando para uma cadeira à sua frente com a tranquilidade de uma matrona benevolente. Entretanto, como Ladislaw observou, os sinais de tristeza em seu rosto eram os mais impressionantes. – Mr. Casaubon está muito ocupado, mas o senhor deixará seu endereço, não? E ele lhe escreverá.

– A senhora é muito gentil – disse Ladislaw, começando a perder a timidez, resultado do interesse despertado pelos sinais de choro que via no rosto alterado. – Meu endereço está no cartão. Mas se a senhora me permitir, eu voltarei amanhã em um horário quando Mr. Casaubon provavelmente estará em casa.

– Ele vai à biblioteca do Vaticano todos os dias, e dificilmente poderá vê-lo a menos com hora marcada. Especialmente agora. Estamos prestes a deixar Roma e ele está muito ocupado. Ele normalmente fica fora do café da manhã até o jantar. Mas estou certa de que seria do seu agrado se o senhor jantasse conosco.

Will Ladislaw ficou mudo por alguns momentos. Ele nunca tinha sentido muito afeto por Mr. Casaubon, e se não fosse pelo seu senso de obrigação teria rido dele, chamando-o de morcego de erudição. Mas a ideia desse pedante seco, desse elaborador de mínimas explicações tão importantes quanto um excesso de falsas antiguidades armazenadas nos fundos da casa de um vendedor, primeiro tendo conseguido que aquela adorável jovem se casasse com ele, e depois passar a lua de mel longe dela, tateando atrás de suas futilidades bolorentas (Will era

dado a hipérboles), esta imagem repentina o comovia com uma espécie de repulsa cômica e ele estava dividido entre o impulso de soltar uma gargalhada e o impulso igualmente inapropriado de explodir em injúrias desdenhosas. Por um instante, ele sentiu que a batalha causava uma estranha contorção em suas feições, mas com um grande esforço conseguiu oferecer nada mais ofensivo do que um sorriso jovial.

Dorothea ficou surpresa, mas o sorriso era irresistível e refletiu também no rosto dela. O sorriso de Will Ladislaw era encantador, a menos que você estivesse zangada com ele de antemão: era um jorro de luz interior que iluminava a tez transparente, assim como seus olhos, e que brincava com cada uma das curvas e linhas como se algum Ariel as estivesse tocando com um novo encanto, dissipando para sempre todos os rastros de mal humor. O reflexo daquele sorriso não podia deixar de conter um pouco de alegria também, mesmo sob os cílios escuros ainda úmidos, quando Dorothea perguntou:

– Algo o diverte?

– Sim – disse Will, rápido em encontrar recursos. – Estou pensando na impressão que eu lhe causei na primeira vez que a vi, quando a senhora aniquilou meu pobre esboço com suas críticas.

– Minhas críticas? – repetiu Dorothea, ainda mais surpresa. – Certamente que não. Sempre me sinto particularmente ignorante sobre pintura.

– Eu suspeitei que soubesse tanto, que sabia exatamente o que dizer para me ferir. A senhora disse, atrevo-me a dizer que não se lembra tão bem quanto eu, que a relação do meu desenho com a natureza estava bastante oculta aos seus olhos. Pelo menos, foi o que insinuou – Will podia gargalhar agora, bem como sorrir.

– Isso foi apenas a minha ignorância – disse Dorothea, admirando o bom humor de Will. – Devo ter dito isso apenas porque nunca pude ver nenhuma beleza nas pinturas que meu tio dizia que todos os entendidos consideravam esplêndidas. E tenho andado por Roma com a mesma ignorância. Há relativamente poucas pinturas das quais eu realmente gosto. Quando entro pela

primeira vez em uma sala onde as paredes estão cobertas por afrescos, ou pinturas raras, sinto uma espécie de admiração, como uma criança presenciando uma grande cerimônia onde há grandes mantos e procissões; eu me sinto na presença de alguma vida superior à minha. Mas quando começo a examinar as pinturas uma a uma, a vida se esvai delas, ou então é algo violento e estranho que me acontece. Deve ser minha própria estupidez. Estou vendo muita coisa de uma vez sem entender a metade do que vejo. Isso sempre faz a pessoa se sentir estúpida. É muito doloroso ouvir que alguma coisa é belíssima e não ser capaz de enxergar essa beleza. É como ser cego enquanto as pessoas falam do céu.

– Bem, há uma grande quantidade de sentimento pela arte que deve ser adquirida – disse Will. (Era impossível agora duvidar da franqueza da confissão de Dorothea). – A arte é uma linguagem antiga com muitos estilos artificiais, e, às vezes, o maior prazer que se obtém ao conhecê-los é a simples sensação do conhecimento. Eu aprecio imensamente todos os tipos de arte, mas suponho que, se pudesse fatiar meu prazer descobriria que é composto de muitas camadas diferentes. Há algo no ato de pintar um pouco para ter uma ideia do processo.

– O senhor quer dizer talvez tornar-se um pintor? – perguntou Dorothea, muito interessada. – O senhor pretende fazer da pintura sua profissão? Mr. Casaubon vai gostar de saber que escolheu uma profissão.

– Não, oh, não! – disse Will, com alguma frieza. – Já me decidi contra isso. É uma vida muito unilateral. Tenho visto muitos artistas alemães aqui: viajei de Frankfurt com um deles. Alguns são bons, até mesmo brilhantes, mas eu não gostaria de compartilhar da sua maneira de ver o mundo, exclusivamente do ponto de vista do estúdio.

– Isso eu posso entender – disse Dorothea, cordialmente. – E, em Roma, parece que há tantas coisas que o mundo precisa mais do que pinturas. Mas se o senhor tem um dom para a pintura, não seria certo tomar isso como um guia? Talvez possa fazer coisas melhores, ou diferentes, de modo a não haver tantas pinturas quase todas iguais no mesmo lugar.

A sua ingenuidade era inequívoca e Will foi conquistado por essa sinceridade.

– Um homem deve ter um dom muito raro para fazer mudanças desse tipo. Receio que o meu não me levaria nem mesmo ao ponto de fazer bem o que já foi feito, pelo menos não tão bem a ponto de valer a pena. E eu nunca teria sucesso em nada se dependesse da escravidão. Se as coisas não vêm com facilidade para mim, eu nunca as concluo.

– Eu ouvi Mr. Casaubon dizer que ele lamenta sua falta de paciência – disse Dorothea, gentilmente. Ela ficou bastante surpresa com esse modo de ver a vida como se fossem férias.

– Sim, estou familiarizado com a opinião de Mr. Casaubon. Nós divergimos muito.

O ligeiro traço de desprezo na resposta apressada ofendeu Dorothea. Ela estava ainda mais suscetível em relação a Mr. Casaubon por causa do seu problema naquela manhã.

– Naturalmente que sim – disse ela, com altivez. – Não pensei em compará-los; uma capacidade para perseverança e devoção ao trabalho como a de Mr. Casaubon não é comum.

Will percebeu que ela estava ofendida, mas isso só causou um impulso à irritação adicional da sua antipatia latente por Mr. Casaubon. Era demasiado intolerável que Dorothea idolatrasse esse marido; tal fraqueza em uma mulher não agrada a nenhum homem, a não ser o marido em questão. Os mortais são facilmente tentados a arrancar a vida de glórias de seu vizinho e pensar que tal morte não é um assassinato.

– Não, de fato – respondeu ele, prontamente. – No entanto, é uma pena que deva ser desperdiçada, assim como tantos conhecimentos em inglês, por não saber o que está sendo feito no resto do mundo. Se Mr. Casaubon soubesse alemão ele economizaria uma grande quantidade de trabalho.

– Eu não compreendo – disse Dorothea, assustada e inquieta.

– Eu apenas quis dizer – disse Will, sem fazer cerimônias – que os alemães tomaram a dianteira nas investigações históricas e riem dos resultados que são obtidos tateando na floresta com uma bússola de bolso, quando eles já

construíram boas estradas. Quando estive com Mr. Casaubon, comprovei como ele se ensurdecia neste sentido; foi quase contra a sua vontade que leu um tratado em latim escrito por um alemão. Eu lamentei muito.

Will só tinha a intenção de dar um bom beliscão capaz de aniquilar aquela enaltecida laboriosidade e não podia imaginar o modo como Dorothea seria ferida. O jovem Mr. Ladislaw não era muito versado nos escritores alemães, mas não se exige muita realização para compadecer-se das limitações de outro homem.

A pobre Dorothea sentiu uma pontada diante da possibilidade de que o trabalho que constituía a vida do marido pudesse ser inútil, o que a deixou sem energia para se questionar se aquele jovem parente, que tanto devia a ele, não deveria ter reprimido sua observação. Ela não disse uma palavra, simplesmente permaneceu sentada, olhando para as próprias mãos, absorta na comiseração daquele pensamento.

Will, no entanto, depois do beliscão aniquilador, ficou um tanto envergonhado, imaginando pelo silêncio de Dorothea que ele a tinha ofendido ainda mais, e pela consciência de estar arrancando as penas da cauda de um benfeitor.

– Eu lamentei especialmente – retomou ele, tomando o curso usual da depreciação ao elogio insincero –, pelo respeito e gratidão que sinto por meu primo. Não significaria tanto em um homem cujos talentos e personalidade fossem menos distintos.

Dorothea ergueu os olhos, que a emoção fazia brilhar mais do que o normal, e disse em tom de tristeza:

– Como eu gostaria de ter aprendido alemão quando estava em Lausanne! Havia muitos professores de alemão lá. Mas agora não posso ser útil.

Havia uma nova luz, ainda que misteriosa para Will, nas últimas palavras de Dorothea. A pergunta de como ela havia aceitado casar-se com Mr. Casaubon – que ele rejeitou quando a viu pela primeira vez, dizendo a si mesmo que ela deveria ser desagradável, apesar da sua aparência – não poderia ser agora

respondida através de um método tão rápido e fácil. Fosse o que fosse, ela não era desagradável. Ela não era friamente inteligente e indiretamente mordaz, mas adoravelmente simples e emotiva. Ela era um anjo seduzido. Seria um deleite único esperar e observar como os melódicos fragmentos brotavam de forma tão direta e ingênua. A harpa eólia novamente voltou à sua mente.

Ela deve ter criado algum romance original para si mesma naquele casamento. E se Mr. Casaubon foi o dragão que, de forma simples e sem legalidade, levou-a em suas garras para seu covil, teria sido um inevitável gesto de heroísmo resgatá-la e postar-se a seus pés. Porém, Mr. Casaubon – entrando neste momento na sala – era mais intratável do que um dragão: era um *benfeitor* que trazia a sociedade em suas costas, com sua impecável correção de conduta, enquanto Dorothea parecia alterada e alarmada pelo arrependimento recém-despertado, e Will olhava animado pelas especulações que fazia a respeito dos sentimentos dela.

Mr. Casaubon experimentou uma surpresa isenta de prazer, mas não se desviou de sua cortesia usual ao saudar Will quando este se levantou e explicou o motivo de sua presença. Ele estava menos feliz do que de costume e isto, talvez, o fizesse parecer ainda mais sombrio e apagado; caso contrário, o efeito poderia facilmente ter sido produzido pelo contraste com a aparência de seu jovem primo. A primeira impressão que Will causava era a de um brilho de sol, o que acentuava a incerteza de sua mudança de expressão. Certamente, suas próprias características pareciam mudar de forma: sua boca dava a impressão de ser às vezes grande e às vezes pequena, e a ondulação do seu nariz era como uma preparação para uma metamorfose. Quando ele virava a cabeça rapidamente, seu cabelo parecia emitir luz e algumas pessoas acreditavam ver um traço de genialidade neste brilho. Mr. Casaubon, ao contrário, nada irradiava.

Enquanto os olhos de Dorothea se voltavam ansiosamente para o marido, ela talvez não fosse insensível ao contraste, mas ele só se misturava a outras causas que a tornavam mais consciente do novo alarme, daquela nova inquietude que se manifestava ao olhar para o marido –, que era o primeiro indício de um

sentimento compassivo, o de que seria subjugada pela realidade do seu destino –, certamente esse sentimento não era alimentado por seus próprios sonhos. No entanto, foi uma fonte de maior liberdade para ela que Will estivesse lá; sua juventude similar a dela era agradável, assim como talvez sua predisposição ao bom humor. Ela sentia uma enorme necessidade de ter alguém com quem falar, e nunca havia conhecido alguém que parecesse tão perspicaz e flexível assim, tão aparentemente capaz de compreender tudo. Mr. Casaubon esperava seriamente que Will estivesse passando seu tempo em Roma de maneira proveitosa; ele tivera a impressão de que o primo iria permanecer no sul da Alemanha, mas convidou que viesse jantar no dia seguinte, quando poderiam conversar com mais liberdade, pois naquele momento ele se encontrava um pouco cansado. Ladislaw compreendeu, e depois de aceitar o convite, despediu-se imediatamente.

Os olhos de Dorothea acompanharam o marido ansiosamente enquanto ele se afundava cansado na ponta de um sofá, e dobrava os cotovelos e apoiava a cabeça nas mãos enquanto olhava para o chão. Ligeiramente corada e com olhos brilhantes, ela sentou-se ao seu lado e disse:

– Perdoe-me por falar de maneira tão precipitada nessa manhã. Eu estava errada. Temo que o feri e tornei seu dia mais pesado.

– Estou satisfeito que pense assim, minha querida – disse Mr. Casaubon. Ele falou baixinho e com a cabeça inclinada, mas ainda havia uma sensação incômoda em seus olhos quando ele olhou para ela.

– Mas, o senhor me perdoa? – disse Dorothea, com um rápido soluço. Em sua necessidade por alguma manifestação de sentimento, ela estava pronta para exagerar sua própria culpa. Acaso o amor não veria que regressava o penitente e avançaria para lhe beijar?

– Minha querida Dorothea, “quem não fica satisfeito com o arrependimento não pertence ao céu tampouco à terra”.[84] Você não acredita que sou digno de uma sentença tão severa – disse Mr. Casaubon, esforçando-se para fazer uma declaração de peso, ao mesmo tempo que sorria levemente.

Dorothea ficou em silêncio, mas uma lágrima que surgiu com o soluço insistiu em cair.

– Você está alterada, minha querida. Eu também estou sentindo algumas consequências desagradáveis, fruto de uma excessiva perturbação mental – disse Mr. Casaubon. Na verdade, ele tinha a intenção de dizer a ela que ela não deveria ter recebido o jovem Ladislaw na sua ausência, mas ele se absteve, em parte porque seria indelicado apresentar uma nova queixa no momento de seu arrependimento, em parte porque queria evitar mais agitação para si mesmo com aquele discurso, e em parte porque era orgulhoso demais para trair aquela disposição ao ciúme –, que não se esgotando com seus próprios companheiros eruditos, ainda sobrava em outras direções. Há uma espécie de ciúme que não precisa de muita lenha; não chega a ser uma paixão, mas uma praga criada no úmido e escuro desânimo do egoísmo inquieto.

– Acho que está na hora de nos vestirmos – acrescentou ele, olhando para o relógio. Os dois se levantaram e nunca mais houve qualquer alusão entre eles ao que ocorrera naquele dia.

Porém, Dorothea lembrou-se do fato para sempre com a mesma nitidez com que todos nós nos lembramos de épocas em nossa experiência quando alguma expectativa querida morre, ou alguma nova ilusão nasce. Naquele momento, ela começava a vislumbrar que havia alimentado um sonho tolo ao esperar de Mr. Casaubon uma resposta aos seus sentimentos, e ela sentia o despertar de um pressentimento de que poderia haver um grande vazio na vida do seu marido, que magoava não só a ele como a ela também.

Todos nós nascemos mergulhados em uma estupidez moral, tomando o mundo como um úbere para nutrir nosso eu supremo: Dorothea havia começado a emergir dessa estupidez, mas ainda assim havia sido mais fácil para ela imaginar como se dedicaria a Mr. Casaubon, tornando-se sábia e forte em sua força e sabedoria, do que conceber com aquela distinção que não é reflexo, mas uma sensação, uma ideia forjada na objetividade dos sentimentos, como a solidez dos objetos, que seu marido possuía um centro de interesse equivalente à

sua própria existência, para onde as luzes e as sombras deviam proceder com uma certa diferença.

CAPÍTULO XXII

“Nós conversamos durante muito tempo; ela era simples e boa.
Não conhecendo a maldade, ela fazia somente o bem;
Das riquezas do seu coração, ela me dava esmolas,
E, ao escutar como o coração se doa,
Sem ousar pensar nisso, dei-lhe o meu;
Ela tirou a minha vida e eu nada mais soube.”[85]
– ALFRED DE MUSSET

Will Ladislaw mostrou-se muito agradável durante o jantar no dia seguinte e não deu oportunidade para Mr. Casaubon demonstrar desaprovação. Pelo contrário, parecia a Dorothea que a maneira como Will suscitava a conversa com seu marido – e o escutava com respeito – era a mais feliz que já tinha observado até então. Com certeza, o público de Tipton não era o mais atencioso. O próprio Will falava bastante sobre si mesmo, mas o que dizia era introduzido com tanta rapidez e tamanha falta de presunção, por sinal, que parecia um alegre repicar de sinos depois de uma grande badalada. Se Will nem sempre era perfeito, este foi certamente um de seus dias mais inspirados. Ele descrevia pinceladas de incidentes entre a nobreza de Roma, visíveis apenas por aqueles que se moviam com liberdade pela cidade; concordava com Mr. Casaubon quanto às opiniões infundadas de Middleton[86] sobre o Judaísmo e o Catolicismo; e passava com facilidade uma imagem meio entusiasmada e meio jocosa – que lhe proporcionava a diversidade de Roma –, que flexibilizava a mente em contrastes constantes, evitando que seu ouvinte tivesse que interpretar as épocas do mundo como um conjunto de compartimentos semelhantes sem conexão vital. Will observou que os estudos de Mr. Casaubon sempre foram de um tipo muito

abrangente para isso, e ele talvez nunca tivesse experimentado o efeito tão brusco, mas, de sua parte, ele confessou que Roma lhe havia proporcionado um novo sentido da história como um todo: os fragmentos estimulavam sua imaginação e o tornavam construtivo. Então, ocasionalmente, mas não com muita frequência, ele se dirigia a Dorothea e comentava o que ela dizia, como se sua opinião fosse um item a ser considerado no julgamento final até mesmo da *Madonna di Foligno* ou de *Laocoonte.* A sensação de contribuir para formar a opinião do mundo torna a conversa particularmente animada, e Mr. Casaubon também não deixou de sentir orgulho de sua jovem esposa, que falava melhor do que a maioria das mulheres, como efetivamente notara ao escolhê-la.

Visto que as coisas aconteciam de forma tão agradável, a declaração de Mr. Casaubon de que seus trabalhos na biblioteca seriam suspensos por alguns dias e que, após uma breve renovação do mesmo ele não teria mais motivos para permanecer em Roma, encorajou Will a insistir que Mrs. Casaubon não deveria ir embora sem visitar um ou dois estúdios. Mr. Casaubon não gostaria de levá-la? Não se deve perder esse tipo de coisa: era muito especial, era uma forma de vida que crescia como uma pequena vegetação fresca com sua população de insetos sobre enormes fósseis. Will ficaria encantado em guiá-los... nada muito enfadonho, apenas a alguns exemplos.

Mr. Casaubon, vendo que Dorothea o olhava com insistência, não pôde deixar de perguntar se ela estaria interessada em tais visitas; ele tinha agora todo o dia à sua disposição e ficou combinado que Will deveria vir na manhã seguinte para acompanhá-los.

Will não poderia omitir Thorvaldsen,[87] uma celebridade viva sobre a qual até mesmo Mr. Casaubon se interessou, mas antes que o dia estivesse muito avançado, ele liderou o caminho para o estúdio de seu amigo Adolf Naumann, a quem se referiu como um dos principais renovadores da arte cristã, um daqueles que não apenas a revitalizaram, mas expandiram a grandiosa concepção dos eventos supremos como mistérios dos quais as épocas sucessivas eram espectadoras, e em relação às grandes almas de todos os períodos tornam-se, por

assim dizer, contemporâneas. Will acrescentou que era um pupilo de Naumann naquele momento.

– Tenho feito alguns esboços a óleo sob sua tutela – disse Will. – Eu detesto copiar. Tenho que incorporar algo meu. Naumann tem pintado os Santos puxando a carruagem da Igreja, e eu tenho feito um esboço do Tamburlaine de Marlower conduzindo os reis derrotados em sua carruagem. Eu não sou tão eclesiástico quanto Naumann e, às vezes, eu o censuro por seu excesso de implicações. Mas, desta vez, pretendo superá-lo em amplitude de intenção. Eu levo Tamburlaine em sua carruagem para o tremendo curso da história física do mundo açoitando as dinastias controladas. Na minha opinião, esta é uma boa interpretação mítica – neste momento, Will olhou para Mr. Casaubon, quem recebeu a interpretação improvisada de simbolismo de forma desconfortável, e inclinou-se com ar neutro.

– O esboço deve ser muito grande, se transmite tantas coisas – disse Dorothea. – Eu precisaria de alguma explicação até mesmo sobre o significado que o senhor dá. O senhor pretende que Tamburlaine represente terremotos e vulcões?

– Oh, sim – disse Will, rindo –, e migrações de raças e as derrubadas de florestas, e a América e a máquina a vapor. Tudo o que puder imaginar.

– Que estenografia mais difícil! – disse Dorothea, sorrindo para o marido. – Seria necessário todo o seu conhecimento para lê-la.

Mr. Casaubon piscou furtivamente para Will. Ele tinha a suspeita de que riam dele, mas não era possível incluir Dorothea na suspeita.

Eles encontraram Naumann pintando diligentemente, mas não havia nenhum modelo presente. Seus quadros estavam arranjados de maneira vantajosa, e sua personalidade simples e viva ressaltada por uma camisa cinzenta e uma boina de veludo marrom, de modo que o conjunto era tão afortunado como se estivesse esperando uma bela jovem inglesa exatamente naquele momento.

O pintor, em seu inglês confiante, fez pequenas dissertações sobre seus temas acabados e inacabados, dando a impressão que observava tanto Mr. Casaubon

quanto Dorothea. Will irrompia aqui e ali com palavras de louvor ardente, destacando méritos especiais do trabalho de seu amigo. Dorothea sentiu que estava obtendo noções bastante novas quanto ao significado de *Madonnas* sentadas sob inexplicáveis tronos com dossel, tendo o campo como pano de fundo, e de santos com modelos arquitetônicos em suas mãos ou facas acidentalmente transpassando seus crânios. Algumas coisas que lhe pareciam monstruosas estavam ganhando inteligibilidade e até mesmo um significado natural, mas tudo isso era aparentemente um ramo do saber pelo qual Mr. Casaubon não se interessava.

– Creio que eu preferiria sentir que uma pintura é bela a interpretá-la como um enigma, eu tenderia a compreender essas imagens antes do que as suas, com um significado tão amplo – disse Dorothea a Will.

– Não fale das minhas pinturas na frente de Naumann – disse Will. – Ele dirá que são *pfuscherei*,[88] que é a palavra mais infame que conhece.

– Isso é verdade? – perguntou Dorothea, voltando seus olhos sinceros para Naumann, que fez uma leve careta, e disse:

– Ah, ele não se interessa seriamente pela pintura. Seu caminho está com as *belles lettres*. É um caminho mais amplo.

A maneira como Naumann pronunciou a consoante parecia prolongar a palavra satiricamente. Will não gostou nem um pouco, mas conseguiu rir, e Mr. Casaubon, embora sentisse certa repulsa pelo sotaque alemão do artista, começou a sentir um certo respeito por sua severidade judiciosa.

O respeito não diminuiu quando Naumann, depois de puxar Will de lado por um momento e olhar primeiro para uma grande tela e depois para Mr. Casaubon, aproximou-se novamente, e disse:

– Meu amigo Ladislaw acredita que o senhor não vai se incomodar se eu lhe disser que um esboço da sua cabeça seria inestimável para meu São Tomás de Aquino naquele quadro. Sei que é pedir demais, mas raramente vejo exatamente o que eu quero... o ideal, não o real.

– O senhor me surpreende muito – disse Mr. Casaubon, melhorando seu

aspecto com um brilho de alegria –, mas se minha pobre fisionomia, que estou acostumado a considerar como da ordem mais comum, pode ser de alguma utilidade para fornecer-lhe alguns traços para o angelical doutor, eu me sentirei honrado. Isto é, se a operação não for muito demorada e se Mrs. Casaubon não se opuser ao atraso.

Quanto a Dorothea, nada poderia tê-la agradado mais, a menos que fosse uma voz milagrosa pronunciando Mr. Casaubon o mais sábio e digno entre os filhos dos homens. Neste caso, sua fé vacilante teria se tornado firme novamente.

O aparato de Naumann estava à mão com uma perfeição assombrosa, e o esboço começou imediatamente, assim como a conversa. Dorothea sentou-se e mergulhou em um silêncio tranquilo, sentindo-se mais feliz do que há muito tempo. Todos ao seu redor pareciam bons, e ela disse a si mesma que Roma, se ela fosse menos ignorante, teria sido cheia de beleza e sua tristeza seria carregada de esperança. Nenhuma natureza poderia ser menos desconfiada do que a dela: quando criança acreditava na gratidão das vespas e na honrada suscetibilidade dos pardais, e se sentia indignada quando sua baixeza se manifestava.

O hábil artista fazia perguntas a Mr. Casaubon sobre a política inglesa, o que produzia longas respostas e, enquanto isso, Will havia se empoleirado em alguns degraus ao fundo, observando tudo.

Em seguida, Naumann disse:

– Se eu puder deixar isso de lado por meia hora e retomar em seguida, venha ver, Ladislaw... acho que está perfeito até agora.

Will proferiu aquelas interjeições ofensivas que implicam que a admiração é forte demais para a sintaxe, e Naumann disse em um tom de lamentável pesar:

– Ah, se eu pudesse ter mais algum tempo..., mas o senhor tem outros compromissos..., eu não poderia pedir ou mesmo insinuar que... voltasse amanhã.

– Oh, vamos ficar! – exclamou Dorothea. – Não temos nada para fazer hoje, a não ser andar por aí, não é? – acrescentou ela, olhando com expressão suplicante

para Mr. Casaubon. – Seria uma pena não permitir que a cabeça fique tão boa quanto possível.

– Estou à sua disposição, senhor, neste assunto – disse Mr. Casaubon, com polida condescendência. – Tendo entregado o interior da minha cabeça ao ócio, é bom que o exterior trabalhe desta maneira.

– O senhor é extraordinariamente bondoso! Como estou contente! – disse Naumann, e então continuou falando em alemão com Will, apontando aqui e ali para o esboço como se estivesse falando sobre ele. Ele o deixou de lado por um momento e olhou distraidamente ao redor, como se procurasse alguma ocupação para seus visitantes; então, ele voltou-se para Mr. Casaubon, e disse:

– Talvez a bela esposa, a graciosa dama, estivesse disposta a me deixar preencher o tempo tentando fazer um pequeno esboço da sua figura. Naturalmente, não é para este quadro... mas um simples estudo.

Mr. Casaubon, inclinando-se, não duvidou de que Mrs. Casaubon iria satisfazer sua vontade, e Dorothea disse imediatamente: – Onde devo me colocar?

Naumann pediu desculpas ao pedir-lhe que se levantasse e lhe permitisse ajustar sua postura. Ela se submetia sem nenhum dos ares afetados e risos frequentemente considerados necessários nessas ocasiões, enquanto o pintor dizia:

– Eu a quero como uma Santa Clara, de pé e um pouco inclinada, assim, com o rosto apoiado na mão, olhando para aquele banquinho, por favor! Isso!

Will estava dividido entre a inclinação de lançar-se aos pés da santa e beijar seu manto e a tentação de golpear Naumann enquanto ele ajustava o braço de Dorothea. Todo o conjunto era impertinência e profanação, e ele se arrependia de tê-la trazido.

O artista era diligente, e Will, já recuperado, entreteve Mr. Casaubon da melhor maneira que pôde, mas não conseguiu impedir que, finalmente, o tempo parecesse longo demais para aquele cavalheiro, como ficou claro ao expressar o seu temor de que Mrs. Casaubon estivesse cansada. Naumann entendeu a

insinuação, e disse:

– Agora, senhor, se puder me fazer o favor de posar novamente, eu vou liberar sua esposa.

Assim, a paciência de Mr. Casaubon resistiu um pouco mais, e quando afinal se descobriu que a cabeça de São Tomás de Aquino ficaria mais perfeita se outra sessão pudesse ser realizada, esta foi concedida no dia seguinte. Naquela oportunidade, a Santa Clara também foi retocada mais uma vez. O resultado estava tão longe de ser desagradável que Mr. Casaubon decidiu comprar o quadro em que São Tomás de Aquino, sentado entre os doutores da Igreja, mantinha uma discussão muito abstrata para ser representada, mas que era ouvida com mais ou menos atenção por uma audiência na parte superior do cenário. De Santa Clara, quadro do qual se falou em segundo lugar, Naumann declarou-se insatisfeito: ele não poderia, em sã consciência, empenhar-se em fazer dela uma obra digna. Então, a questão sobre a aquisição de Santa Clara ficou pendente.

Não vou me alongar nos gracejos de Naumann às custas de Mr. Casaubon naquela noite, assim como em seus ditirambos a respeito do charme de Dorothea, a todos os quais Will se uniu, mas com uma diferença. Assim que Naumann mencionava qualquer detalhe sobre a beleza de Dorothea, Will ficava exasperado com sua presunção; havia uma vulgaridade em sua escolha das palavras mais comuns, e quem lhe dera autorização para falar dos lábios dela? Ela não era mulher da qual se pudesse falar como as outras. Will não conseguia dizer exatamente o que pensava, mas ficou irritado. E ainda, quando depois de alguma resistência ele consentiu em levar o casal Casaubon ao estúdio de seu amigo, ele havia sido seduzido pela gratificação de seu orgulho em ser a pessoa que poderia conceder a Naumann a oportunidade de estudar a beleza de Dorothea, ou melhor, sua divindade, pois as frases comuns que poderiam se aplicar à mera beleza corporal não eram aplicáveis a ela. (Certamente, Tipton e sua vizinhança, assim como a própria Dorothea, ficariam surpresos que sua beleza fosse tão valorizada. Naquela parte do mundo, Mrs. Brooke tinha sido

apenas uma “bela jovem”.)

– Faça-me o favor de mudar de assunto, Naumann. Não se deve falar de Mrs. Casaubon como se ela fosse uma modelo – disse Will. Naumann olhou para ele.

– *Schön*! Vou falar do meu Tomás de Aquino. Afinal, a cabeça não é um tipo ruim. Ouso dizer que o próprio grande escolástico teria ficado lisonjeado se alguém pedisse para fazer o seu retrato. Ninguém é tão vaidoso quanto esses médicos engomados! E é exatamente como eu pensava: ele se importava muito menos com o retrato dela do que com o dele.

– É um maldito bobo da corte, pedante e covarde – disse Will, com impetuosidade. Quem o escutava desconhecia suas obrigações para com Mr. Casaubon, mas o próprio Will pensava muito nelas e desejava poder saldá-las com um cheque e se livrar de todas.

Naumann encolheu os ombros, e disse:

– É bom que eles vão embora logo, meu querido. Eles estão estragando seu bom humor.

Todo empenho e esperanças de Will estavam agora concentrados em ver Dorothea quando ela estivesse sozinha. Ele queria que ela o notasse de forma mais enfática; queria ser algo mais especial em sua lembrança do que até o momento pensava que poderia ser. Ele estava bastante impaciente com aquela ardente e franca boa vontade que agora compreendia que constituía o estado usual de Dorothea. A adoração remota de uma mulher entronada – fora de seu alcance – desempenha um grande papel na vida dos homens, mas na maioria dos casos o adorador aspira algum reconhecimento real, algum sinal de aprovação pelo qual a soberana de sua alma possa animá-lo sem descer de sua posição elevada. Isso era precisamente o que Will queria. Porém, havia muitas contradições em suas demandas fantasiosas. Era lindo ver como os olhos de Dorothea se voltavam suplicantes e ansiosos para Mr. Casaubon; ela teria perdido parte de seu halo se não tivesse aquela preocupação obstinada. No entanto, no momento seguinte, a absorção áspera de tal néctar por parte do marido tornava-se intolerável, e o desejo de Will por dizer coisas prejudiciais

sobre ele, talvez, não fosse menos atormentador porque sentia as razões mais fortes para reprimi-lo.

Will não havia sido convidado para jantar no dia seguinte. Consequentemente, ele convenceu a si mesmo de que deveria visitá-la e que a hora elegível seria ao meio-dia, quando Mr. Casaubon não estaria em casa.

Dorothea, que não tinha sido informada de que sua recepção anterior havia desagradado seu marido, não hesitou em vê-lo, especialmente porque seria uma visita de despedida. Quando ele entrou, ela estava admirando alguns camafeus que havia comprado para Celia. Ela cumprimentou Will como se sua visita fosse algo natural, e disse de uma vez, tendo uma pulseira de camafeu em suas mãos:

– Estou muito satisfeita que tenha vindo. Talvez o senhor entenda tudo sobre camafeus e possa me dizer se eles são realmente bons. Eu gostaria de tê-lo conosco quando os comprei, mas Mr. Casaubon se opôs, pois achava que não havia tempo. Ele concluirá seu trabalho amanhã, e nós partiremos em três dias. Estou preocupada com os camafeus que comprei. Por favor, sente-se e os examine.

– Eu não sou particularmente um bom conhecedor, mas não pode haver engano sobre essas pequenas peças homéricas: elas são primorosamente belas. E a cor é muito bonita, vai combinar com a senhora.

– São para minha irmã, que tem uma tez bem diferente. O senhor a viu comigo em Lowick: ela tem cabelos claros e é muito bonita, pelo menos eu acho que sim. Nunca estivemos tanto tempo separadas antes. Ela é muito amável e nunca foi desrespeitosa em sua vida. Antes de partir, eu descobri que ela queria que eu lhe comprasse alguns camafeus, e eu lamentaria muito se eles não fossem bons... à sua maneira – Dorothea acrescentou as últimas palavras com um sorriso.

– A senhora parece não se importar com camafeus – disse Will, sentando-se a uma certa distância e observando-a enquanto ela fechava as caixas.

– Não, francamente, não os considero algo importante na vida – disse Dorothea.

– Tenho a impressão de que a senhora seja uma herege a respeito da arte em geral. Como é isso? Eu esperava que fosse muito sensível ao belo em qualquer uma das suas formas.

– Suponho que eu seja estúpida a respeito de muitas coisas – disse Dorothea, com simplicidade. – Eu gostaria de tornar a vida bela, quero dizer, a vida de todos. E todo esse imenso gasto com arte, que parece de alguma forma estar à margem da vida sem torná-la melhor, me machuca. Ofusca o prazer das coisas pensar que a maioria das pessoas está excluída delas.

– Eu considero isso um fanatismo pela compaixão – disse Will, impetuosamente. – A senhora poderia dizer o mesmo da paisagem, da poesia, de qualquer refinamento. Se assim o fizesse, deveria se sentir infeliz por sua própria bondade, e tonar-se má, por não poder ter vantagem sobre os demais. A melhor piedade é desfrutar, quando possível. É quando se faz o máximo para salvar o caráter da Terra como um planeta agradável. E o prazer é contagioso. De nada adianta tentar cuidar do mundo; o mundo já se sente cuidado quando seus habitantes o desfrutam, através da arte ou de qualquer outra coisa. A senhora gostaria de transformar todos os jovens do mundo em um coro trágico, lamuriante e moralizador da miséria? Eu suspeito que tenha um entendimento equivocado sobre as virtudes da miséria, e se empenha em fazer de sua vida um martírio.

Will tinha ido mais longe do que pretendia, e se conteve. Mas os pensamentos de Dorothea não estavam indo na mesma direção que o seu, e ela respondeu sem nenhuma emoção especial:

– Na verdade, o senhor está enganado. Não sou uma criatura triste e melancólica; nunca fico triste por muito tempo. Eu sou rude e insolente, não sou como Celia: explodo de repente, e então tudo parece glorioso de novo. Não posso deixar de acreditar em coisas maravilhosas de uma maneira quase cega. Eu estaria bastante disposta a apreciar a arte que está aqui, mas há tantas coisas das quais desconheço sua razão de ser, tantas coisas que me parecem mais uma consagração da feiura do que da beleza. A pintura e a escultura podem ser

maravilhosas, mas o sentimento costuma ser baixo e brutal, e às vezes até mesmo ridículo. Aqui e ali, vejo coisas as quais considero nobres no momento, algo que posso comparar às Colinas Albanas ou ao pôr do sol no Monte Pinciano, mas isso torna ainda mais lamentável que haja tanta escassez dessas coisas da melhor espécie entre a massa de coisas que tanto trabalho custou aos homens.

– Claro que sempre há muito trabalho inferior: as obras mais raras requerem esse terreno para poder florescer.

– Oh, Deus! – exclamou Dorothea, convertendo o pensamento na principal corrente de sua inquietude –, vejo que deve ser muito difícil fazer algo bom. Desde que cheguei a Roma, muitas vezes tenho pensado que nossas vidas seriam muito mais feias e desajeitadas do que as pinturas, se pudessem ser expostas na parede.

Dorothea abriu os lábios novamente como se fosse dizer mais, mas mudou de ideia e fez uma pausa.

– A senhora é muito jovem; é antiquado que tenha tais pensamentos – disse Will, energeticamente e com um rápido aceno de cabeça característico dele. – A senhora fala como se nunca tivesse sido jovem um dia. É monstruoso; como se tivesse tido uma visão de Hades na sua infância, como o menino da lenda. A senhora foi criada em meio a essas horríveis noções que escolhem as mulheres mais doces para serem devoradas, como os Minotauros. E agora vai se trancar naquela prisão de pedra em Lowick; vai ser enterrada viva. Fico louco só de imaginar. Eu preferiria nunca ter tido a chance de conhecê-la do que imaginá-la com tal perspectiva.

Will mais uma vez temeu que tivesse ido longe demais, mas o significado que atribuímos às nossas palavras depende dos nossos sentimentos, e seu tom de incômodo arrependimento estava impregnado de tanta ternura que Dorothea, cujo coração sempre tinha emanado ardor, e nunca havia recebido muito daqueles que a rodeavam, sentiu uma nova sensação de gratidão e respondeu com um sorriso gentil:

– É muito bom saber que o senhor se preocupa comigo. O senhor diz isso porque não gosta de Lowick e se decidiu por outro tipo de vida. Mas Lowick é o lar que eu escolhi.

A última frase foi dita com uma cadência quase solene, e Will não sabia o que dizer, já que não teria nenhuma utilidade para ele cair aos seus pés e dizer que morreria por ela. Estava claro que ela não precisava de nada do tipo, e ambos permaneceram em silêncio por alguns instantes, antes que ela começasse a falar novamente com um ar de quem, por fim, diria o que anteriormente estivera em seus pensamentos.

– Queria lhe perguntar de novo sobre algo que disse no outro dia. Talvez seja pelo seu jeito animado de dizer as coisas, percebo que o senhor gosta de expressar-se com veemência. Eu mesma exagero muitas vezes quando falo precipitadamente.

– Do que se trata? – perguntou Will, observando uma timidez em sua fala completamente nova para ele. – Eu tenho uma língua hiperbólica: ela vai se inflamando à medida que falo. Ouso dizer que terei de me retratar.

– Sobre a necessidade de saber alemão... quero dizer, para os assuntos nos quais Mr. Casaubon está envolvido. Tenho pensado sobre isso e me parece que com seus conhecimentos ele deve ter diante de si o mesmo material que os estudiosos alemães, não é? – a timidez de Dorothea obedecia a uma imprecisa consciência de se encontrar na estranha situação de consultar uma terceira pessoa sobre a adequação do saber de Mr. Casaubon.

– Não exatamente o mesmo material – disse Will, com deliberada discrição. – Ele não é um orientalista, como sabe. Ele não professa ter mais do que um conhecimento de segunda mão sobre o tema.

– Mas existem livros muito valiosos sobre a antiguidade que foram escritos há muito tempo por estudiosos que nada sabiam dessas coisas modernas e eles ainda são usados. Por que o livro de Mr. Casaubon não seria igualmente útil como aqueles? – perguntou Dorothea, com combativa energia. Ela via-se obrigada a manifestar em voz alta o argumento que debatia em sua própria

mente.

– Isso depende da linha de estudo adotada – disse Will, também assumindo um tom de réplica. – O tema que Mr. Casaubon escolheu muda tanto quanto a química: novas descobertas estão constantemente criando novos pontos de vista. Quem quer um sistema com base nos quatro elementos? Ou um livro para refutar Paracelso? A senhora não vê que não adianta ficar rastejando atrás dos homens do século passado, homens como Bryant,[89] corrigindo seus erros, vivendo em uma despensa e erguendo teorias avariadas sobre Kush e Mizraim?[90]

– Como pode falar tão levianamente? – disse Dorothea, com um olhar entre tristeza e raiva. – Se fosse como o senhor diz, o que poderia ser mais triste do que tanto trabalho árduo em vão? Me surpreende que não o afete mais e, se realmente pensa que um homem como Mr. Casaubon, com tanta bondade, potencial e sabedoria, poderia de alguma forma falhar no que tem sido o trabalho de seus melhores anos... – ela começava a ficar assustada por ter chegado a tal ponto de suposição e a sentir-se indignada com Will por tê-la conduzido até ele.

– De fato, a senhora me questionou sobre a questão, não sobre sentimentos – disse Will. – Mas se deseja me punir pelos fatos, eu me submeto. Não estou em posição de expressar meus sentimentos por Mr. Casaubon: na melhor das hipóteses, seria um elogio de um pensionista.

– Peço suas desculpas – disse Dorothea, corando profundamente. – Percebo agora, como o senhor diz, que errei em ter introduzido o assunto. A verdade é que estou completamente equivocada. O fracasso depois de uma longa perseverança é muito mais grandioso do que nunca ter feito um esforço bom o suficiente para ser chamado de fracasso.

– Estou totalmente de acordo – disse Will, determinado a mudar a situação –, tanto que decidi não correr o risco de nunca fracassar. Talvez a generosidade de Mr. Casaubon tenha sido prejudicial para mim e pretendo renunciar à liberdade que ela me proporcionou. Penso em voltar para a Inglaterra em breve e trabalhar o meu próprio caminho, não depender de ninguém além de mim mesmo.

– Isso é bom, eu respeito este sentimento – disse Dorothea, recobrando a

gentileza. – Mas estou certa de que a única motivação de Mr. Casaubon neste assunto tem sido o seu bem-estar.

Agora que se casou com ele, ela é suficientemente obstinada e orgulhosa para prescindir do amor, pensou Will. Em voz alta, disse, levantando-se:

– Eu não a verei novamente.

– Fique até Mr. Casaubon chegar – pediu Dorothea, com seriedade. – Estou contente por termos nos encontrado em Roma. Eu queria conhecê-lo.

– E eu a deixei zangada – disse Will. – Fiz com que pensasse mal da minha pessoa.

– Em absoluto. Minha irmã me diz que estou sempre zangada com quem não diz apenas o que eu gostaria de ouvir. Mas espero não ser dada a pensar mal das pessoas. No final, acabo pensando mal de mim mesma por ser tão impaciente.

– Mesmo assim, a senhora não gosta de mim; eu me converti em um pensamento desagradável.

– Nem um pouco! – disse Dorothea, com manifesta amabilidade. – Eu gosto muito do senhor.

Will não ficou totalmente satisfeito, pensando que teria sido mais importante para ela se não fosse apreciado. Ele não disse nada, mas parecia aborrecido, para não dizer mal-humorado.

– E estou muito interessada em ver o que o senhor fará – continuou Dorothea, alegremente. – Acredito firmemente em uma diferença natural de vocação. Se não fosse assim, suponho que seria muito limitada; há tantas coisas, além da pintura, que desconheço. Dificilmente o senhor poderia acreditar no quão pouco eu aprendi sobre música e literatura, sobre as quais o senhor tanto conhece. Eu me pergunto qual será a sua vocação: talvez seja um poeta?

– Depende. Ser um poeta significa ter uma alma tão ágil para discernir, que não deixe escapar nenhum matiz de qualidade, e tão ágil para sentir, que o discernimento se converta meramente em uma mão tocando em variedades, finamente ajustada aos acordes da emoção; uma alma na qual o conhecimento se converta instantaneamente em sentimento, e o sentimento renasça como um

novo órgão de conhecimento. Poucos possuem essa capacidade.

– Mas o senhor se esquece dos poemas – disse Dorothea. – Acredito que são necessários para completar o poeta. Entendo o que quer dizer quando fala da conversão do conhecimento em sentimento, pois esta parece ser exatamente a minha experiência. Mas estou convencida de que nunca poderia escrever um poema.

– A senhora é um poema, e esta é a melhor parte do poeta, o que configura a consciência do poeta em seus melhores momentos – disse Will, mostrando a originalidade como a que todos nós somos capazes com a manhã, a primavera e outras renovações infinitas.

– Fico contente ao ouvi-lo dizer isso – disse Dorothea, conferindo às suas palavras a modulação do canto de um pássaro, e olhando para Will com uma gratidão divertida nos olhos. – Que coisas amáveis o senhor me diz!

– Eu gostaria de poder fazer qualquer coisa que a senhora considerasse amável; gostaria de lhe prestar um melhor serviço. Temo que nunca terei essa oportunidade – disse Will, com fervor.

– Oh, sim – disse Dorothea, cordialmente. – Terá, sim, e eu me lembrarei do quanto o senhor me quer bem. Eu esperava que fôssemos amigos quando o vi pela primeira vez, por causa do seu vínculo com Mr. Casaubon – havia um certo brilho úmido em seus olhos, e Will notou que os seus também estavam umedecendo. A alusão a Mr. Casaubon teria destruído tudo, se alguma coisa naquele instante pudesse destruir o poder subjugador, a doce dignidade da sua nobre e ingênua inexperiência.

– E ainda há uma coisa que o senhor pode fazer – disse Dorothea, levantando-se e caminhando um pouco sob a força de um impulso recorrente. – Prometa-me que nunca mais falará com ninguém sobre este assunto, quero dizer, os estudos de Mr. Casaubon... pelo menos nestes termos. Fui eu quem o induziu a isso; a culpa foi minha, mas quero que me prometa.

Ela concluiu seu breve passeio e ficou em frente a Will, olhando gravemente para ele.

– É claro que eu prometo – disse Will, corando. Se ele nunca mais dissesse uma palavra ofensiva sobre Mr. Casaubon, e deixasse de receber seus favores, seria claramente permitido odiá-lo ainda mais. O poeta deve saber odiar, diz Goehte, e Will estava disposto a isso. Disse que deveria partir sem esperar por Mr. Casaubon, de quem viria se despedir no último momento. Dorothea estendeu-lhe a mão e eles trocaram um simples “adeus”.

Porém, ao sair pela entrada para carruagens,[91] ele encontrou Mr. Casaubon, e expressando os melhores votos ao primo, educadamente renunciou ao prazer de uma despedida adicional no dia seguinte, alegando que estaria suficientemente ocupado com os preparativos para a partida.

– Tenho algo a lhe dizer sobre nosso primo, Mr. Ladislaw, o que creio elevará sua opinião sobre ele – disse Dorothea ao marido no decorrer da tarde. Assim que ele entrou, ela mencionou imediatamente que Will tinha acabado de sair e que voltaria novamente, mas Mr. Casaubon disse:

– Eu o encontrei lá fora e já nos despedimos – com o ar e o tom que sugeria que qualquer assunto, fosse privado ou público, não tinha interesse suficiente para desejar maiores comentários sobre ele mesmo. Então, Dorothea esperou.

– O que é, meu amor? – disse Mr. Casaubon (ele sempre dizia “meu amor” quando seus modos eram mais frios).

– Ele decidiu parar de perambular imediatamente e renunciar à dependência de sua generosidade. Ele pretende voltar em breve para a Inglaterra e trabalhar para se sustentar. Achei que o senhor consideraria isso um bom sinal – disse Dorothea, olhando solicitamente para o rosto impassível do marido.

– Ele mencionou o tipo exato de ocupação a que se dedicará?

– Não. Mas disse que sentia o prejuízo que significava para ele a sua generosidade. Naturalmente escreverá explicando tudo. O senhor não tem uma opinião melhor sobre ele por sua determinação?

– Aguardarei sua comunicação sobre o assunto – disse Mr. Casaubon.

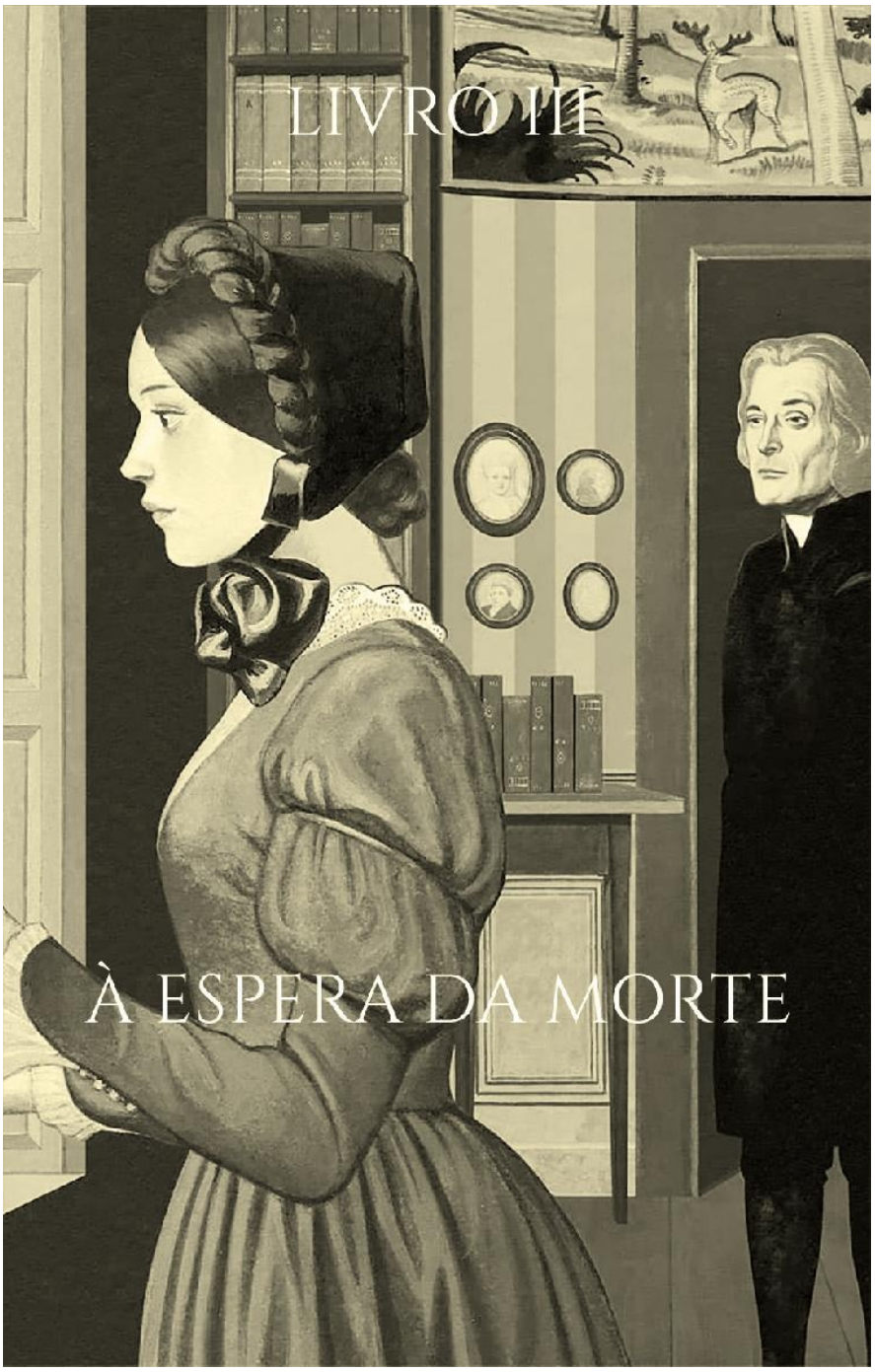
– Eu disse a ele que estava certa de que a sua única motivação em tudo o que fazia por ele era o seu próprio bem-estar. Lembrei-me de sua bondade no que

disse sobre ele quando o vi pela primeira vez em Lowick – disse Dorothea, colocando a mão dela sobre a do marido.

– Eu tinha um dever para com ele – disse Mr. Casaubon, colocando a outra mão sobre a de Dorothea em conscienciosa aceitação de sua carícia, mas com um olhar de intranquilidade. – O jovem, eu confesso, não é de outra forma um objeto de interesse para mim, nem precisamos, creio eu, discutir seu futuro, que não cabe a nós determinar além dos limites que indiquei suficientemente.

Dorothea não mencionou Will novamente.

LIVRO III



À ESPERA DA MORTE

CAPÍTULO XXIII

“Seus cavalos do Sol”, disse ele,
“E Apolo, o melhor chicote!
Quaisquer que sejam, eu garanto
Que vou derrotá-los.”

Fred Vincy, como vimos, tinha uma dívida e, embora nenhuma responsabilidade tão imaterial pudesse deprimir esse jovem cavalheiro de bom coração por muito tempo, havia circunstâncias relacionadas a essa dívida que convertiam seu pensamento sobre ela em algo extraordinariamente inoportuno. O credor era Mr. Bambridge, um negociante de cavalos da vizinhança, cuja companhia era muito procurada em Middlemarch por jovens considerados “viciados em prazer”. Durante as férias, Fred, naturalmente, precisava de mais diversão do que podia custear, e Mr. Bambridge havia sido complacente o suficiente não apenas para lhe confiar o aluguel dos cavalos e o gasto não intencional quando ele avariou um belo exemplar, mas também para lhe proporcionar pequenos adiantamentos com os quais ele pudesse ser capaz de enfrentar algumas perdas no bilhar. A dívida total era de cento e sessenta libras. Mr. Bambridge não se sentia alarmado pelo dinheiro, convencido de que o jovem Vincy possuía respaldo, mas havia exigido algo para endossar sua crença. A princípio, Fred lhe deu uma nota promissória com sua própria assinatura. Três meses depois, ele renovou a nota com a assinatura de Caleb Garth. Em ambas as ocasiões, Fred confiou que ele mesmo poderia pagar a conta, pois tinha a esperança de possuir amplos fundos à sua disposição. Não se pode exigir que sua confiança estivesse baseada em fatos externos; sabemos que uma confiança como a sua é algo menos grosseiro e materialista, é uma disposição confortável

que nos leva a esperar que a sabedoria da providência ou a insensatez de nossos amigos, os mistérios da sorte ou o mistério ainda maior do nosso supremo valor individual no universo nos proporcionassem resultados agradáveis, coerentes com nosso bom gosto para nos vestir e nossa preferência geral pelo que há de melhor no mundo. Fred estava certo de que receberia um presente de seu tio, que teria um golpe de sorte, que graças à “barganha” ele conseguiria gradualmente metamorfosear um cavalo de quarenta libras em um que lhe renderia cem a qualquer momento, sendo o “critério” equivalente sempre a uma quantia não especificada em dinheiro vivo. Além disso, mesmo supondo negativas que só uma desconfiança mórbida poderia imaginar, Fred dispunha (naquela época) da carteira de seu pai como último recurso, fazendo com que seus ativos de esperança sempre tivessem uma espécie de maravilhosa abundância. Qual seria a capacidade da carteira de seu pai, Fred tinha apenas uma vaga noção: o comércio não era sempre elástico? O déficit de um ano não era compensado pelo superávit de outro? Os Vincys levavam uma vida confortável e abastada, sem novas ostentações, mas de acordo com os hábitos e tradições familiares: seus filhos mais jovens não tinham de fazer economia e os mais velhos conservavam um pouco de sua noção infantil de que seu pai poderia pagar o que quisessem. O próprio Mr. Vincy mantinha os hábitos caros de Middlemarch: gastava dinheiro com a caça, com sua adega, oferecendo jantares, enquanto a mãe mantinha contas abertas com os comerciantes causando uma alegre sensação de obter tudo o que desejasse sem qualquer questão de pagamento. Mas Fred sabia que os pais, por natureza, poderiam ser intimidadores quanto às despesas: sempre faziam uma pequena tempestade por causa de sua extravagância e ele não gostava do mau tempo dentro de casa. Era um bom filho, não desrespeitava o pai e suportava a tormenta com a certeza de que seria passageira. No entanto, era desagradável ver a mãe chorar, assim como ser obrigado a manter um aspecto austero no lugar de se divertir, pois Fred era tão bem-humorado que se parecia taciturno ao ser repreendido, era principalmente por uma questão de decoro. Evidentemente, o caminho mais fácil seria renovar a promissória com a

assinatura de um amigo. Por que não? Com as amplas garantias da esperança a seu dispor, não havia razão para que não aumentasse o compromisso financeiro de outras pessoas, a não ser pelo fato de que aqueles cujos nomes serviam para ele eram geralmente pessimistas, indispostos a acreditar que a ordem universal das coisas seria necessariamente agradável para um jovem agradável.

Com um favor a pedir, repassamos nossa lista de amigos, fazemos justiça às suas virtudes, desculpamos suas pequenas ofensas e consideramos cada um deles, chegando à conclusão de que ficariam encantados por nos favorecer, sendo a nossa própria ânsia de sermos favorecidos tão comunicável quanto qualquer outro tipo de ardor. Mesmo assim, sempre há um reduzido número de pessoas que descartamos até que as outras se tenham negado. O que aconteceu foi que Fred descartou todos os seus amigos, exceto um, sob a alegação de que recorrer aos outros seria desagradável, convencido de que ele, pelo menos (o que quer que possa ser afirmado sobre a humanidade em geral) tinha o direito de livrar-se de qualquer coisa desagradável. Ele, que jamais se encontrara em uma situação verdadeiramente repulsiva (usar calças encolhidas por excessiva lavagem, comer carneiro frio, ter que caminhar por falta de um cavalo ou ter que “se esquivar” de qualquer evento) era um absurdo irreconciliável com a disposição alegre com a qual a natureza o havia dotado. Fred estremecia ante a ideia de ser visto como alguém que buscava fundos para pequenas dívidas. Assim, aconteceu que o amigo a quem decidiu pedir ajuda era ao mesmo tempo o mais pobre e o mais generoso, a saber, Caleb Garth.

Os Garths gostavam muito de Fred, assim como ele deles, pois quando ele e Rosamond eram pequenos e os Garths estavam em melhor situação, o leve parentesco entre as duas famílias por meio dos dois casamentos de Mr. Featherstone (o primeiro com a irmã de Mr. Garth e o segundo com a irmã de Mrs. Vincy) havia levado a uma amizade mantida mais através das crianças do que entre os pais: elas tomavam chá juntas em suas xícaras de brinquedo e passavam dias inteiros brincando. Mary era um pouco mimada e Fred, aos seis anos, a considerava a menina mais agradável do mundo, tornando-a sua esposa

com um anel de latão que ele arrancou de um guarda-chuva. Ao longo de todos os estágios de sua educação, mantivera sua afeição pelos Garths, assim como o hábito de considerar a casa deles como sua segunda casa, embora qualquer interação entre eles e os mais velhos de sua família tivesse cessado há muito tempo. Durante o período em que Caleb Garth era próspero, os Vincys tinham se mostrado condescendentes com ele e sua esposa, mas isso não acontecia mais, (exceto pelos Vincys jovens), pois havia claras diferenças de posição em Middlemarch. Da mesma forma, os antigos fabricantes (industriais e comerciantes) e os duques não se conectavam a ninguém, senão aos seus iguais, pois eles também tinham consciência de uma superioridade social inerente, que era esmeradamente definida na prática, embora mal pudessem se expressar na teoria. Desde então, Mr. Garth havia fracassado no negócio de construção, o que infelizmente ele havia acrescentado às suas outras ocupações de inspetor, avaliador e agente, conduzindo o negócio por um certo tempo, exclusivamente, para o benefício de seus credores, vivendo com economia, esforçando-se ao máximo para poder pagar suas dívidas em dia. Ele havia conseguido, e seus esforços honrosos lhe proporcionaram a estima de todos, salvo daqueles que o consideravam um mau precedente. Porém, em nenhuma parte do mundo as visitas são baseadas em apenas estima, mas na ausência de móveis adequados e serviço de jantar completo. Mrs. Vincy nunca se sentira à vontade com Mrs. Garth e frequentemente se referia a ela como uma mulher que tinha necessitado trabalhar para ganhar a vida, o que significava que Mrs. Garth fora governanta antes do casamento. Nesse caso, misturar-se com ela era o mesmo que uma intimidade entre Lindley Murray e as Questões de Mangnall,[92] algo parecido com a capacidade de reconhecer marcas de chita de um vendedor de tecido, ou a familiaridade de um guia com países estrangeiros: nenhuma mulher em melhor situação precisava desse tipo de coisa. E já que Mary passara a cuidar da casa de Mr. Featherstone, o desagrado de Mrs. Vincy pelos Garths havia se transformado em algo mais positivo, temerosa de que Fred se comprometesse com essa moça simples, cujos pais “viviam de maneira tão modesta”. Fred, consciente do fato,

nunca falava em casa sobre suas visitas a Mrs. Garth, que ultimamente se tornavam mais frequentes, já que o crescente ardor de seu afeto por Mary aproximava-o ainda mais daqueles próximos a ela.

Mr. Garth tinha um pequeno escritório na cidade e a ele Fred se dirigiu com seu pedido. Ele o obteve sem muita dificuldade, pois uma boa quantidade dolorosa de experiência não havia sido suficiente para tornar Caleb Garth cauteloso sobre seus próprios assuntos, ou desconfiado de seus semelhantes até que estes provassem ser indignos de confiança. Além disso, ele tinha uma boa opinião sobre Fred e estava convencido de que “o rapaz se sairia bem; era um sujeito franco e afetuoso, com um bom caráter, em quem se podia confiar para qualquer coisa”. Este era o argumento psicológico de Caleb. Ele era um desses raros homens que são exigentes consigo mesmos e indulgentes com os demais. Sentia uma certa vergonha dos erros de seus vizinhos e nunca falava deles voluntariamente e, portanto, não estava acostumado a desviar sua mente do melhor modo de endurecer madeira e outros dispositivos engenhosos a fim de pré-conceber esses erros. Se tivesse de culpar alguém, precisaria, antes de começar, remover todos os papéis ao seu alcance, descrever vários diagramas com sua bengala, ou fazer cálculos com as moedas que tinha no bolso, e preferia fazer o trabalho de outros homens do que apontar as faltas que os demais cometiam. Temo que não era um bom disciplinador.

Quando Fred expôs as circunstâncias de sua dívida, seu desejo de saldá-la sem incomodar seu pai e a certeza de que o dinheiro chegaria de forma a não prejudicar ninguém, Caleb levantou os óculos, escutou, olhou para os olhos jovens e claros de seu favorito e acreditou nele, confundindo a confiança no futuro com a veracidade sobre o passado. No entanto, ele sentiu que era uma ocasião para oferecer um conselho amistoso sobre a sua conduta, e que antes de colocar sua assinatura no papel, ele deveria administrar a Fred uma séria reprimenda. Assim, ele apanhou o recibo, baixou os óculos, mediu o espaço de que dispunha, pegou sua pena e a examinou, mergulhou-a na tinta e a examinou novamente, depois empurrou o papel para longe, ergueu os óculos mais uma vez,

franziu as sobrancelhas espessas em um ângulo profundo, o que conferia a seu rosto uma benevolência peculiar (peço perdão por esse excesso de detalhes, mas vocês teriam aprendido a amá-los se conhecessem Caleb Garth), e disse em um tom tranquilo:

– Foi um azar, hein, o cavalo quebrar os joelhos? Então, essas permutas, elas não funcionam quando você lida com negociantes de cavalos. Seja mais prudente no futuro, meu filho.

Em seguida, Caleb começou a escrever sua assinatura com o esmero de sempre, pois tudo o que fazia relacionado com seu trabalho, ele fazia bem. Ele contemplou as letras grandes e bem proporcionadas e o floreio final, inclinando a cabeça para o lado por um instante, depois entregou o papel a Fred, disse "adeus" e voltou sua atenção a um plano para Sir James Chettam para novas granjas.

Seja porque seu interesse no trabalho afastava o incidente da assinatura de sua memória, ou por alguma razão da qual Caleb estava mais consciente, Mrs. Garth permaneceu ignorante do caso.

Pouco tempo depois, uma mudança nos horizontes de Fred alterou sua visão de distância, razão pela qual o presente em dinheiro de seu tio Featherstone foi importante o suficiente para fazer sua cor ir e voltar, primeiro com uma expectativa muito definida, e depois com consequente decepção. Seu fracasso nos exames havia convertido suas dívidas acumuladas na faculdade ainda mais imperdoáveis para seu pai, e uma tempestade sem precedentes havia acontecido em sua casa. Mr. Vincy havia jurado que se tivesse que suportar mais coisas daquele tipo, Fred deveria partir e ganhar a vida como pudesse, e ainda não havia recuperado totalmente seu tom bem-humorado para com seu filho, que o enfureceu sobretudo ao lhe comunicar que, a essa altura, não queria ser um clérigo e preferia "não continuar com isso". Fred estava ciente de que teria sido tratado com mais severidade se sua família, assim como ele mesmo, não o considerasse secretamente o herdeiro de Mr. Featherstone, servindo-se da satisfação e do afeto que o velho cavalheiro sentia por ele como um substituto

para uma conduta mais exemplar (assim como quando um jovem aristocrata rouba joias, nós chamamos o ato de cleptomania e falamos sobre o assunto com um sorriso filosófico e nunca pensamos em enviá-lo à casa de correção como se fosse um menino maltrapilho que roubava nabos). Na verdade, as expectativas tácitas do que seu tio Featherstone faria por ele determinavam o ângulo pelo qual a maioria das pessoas em Middlemarch via Fred Vincy, e em sua própria consciência, o que o tio Featherstone faria por ele em uma emergência, ou o que ele faria simplesmente como uma sorte adicional, sempre lhe proporcionava uma altura incomensurável de perspectiva aérea. Mas aquele presente na forma de notas, uma vez feito, era mensurável e, sendo aplicado ao montante da dívida, mostrava um déficit que ainda precisava ser saldado pelo "critério" de Fred ou pela sorte de alguma outra forma. O pequeno episódio do suposto empréstimo –, o qual ele havia feito de seu pai o agente para obter a certificação de Bulstrode – era uma nova razão contrária à sua intenção de pedir dinheiro ao pai para pagar sua dívida real. Fred era bastante perspicaz para prever que a raiva confundiria as distinções e que uma negativa de que tinha feito um empréstimo com base expressa no testamento de seu tio seria interpretada como uma falsidade. Ele havia procurado o pai e contado um caso desagradável, mas deixou outro não contado. Em tais casos, a revelação completa sempre produz a impressão de uma duplicidade anterior. Fred se vangloriava por não dizer mentiras, nem mesmo a menor delas; ele frequentemente encolhia os ombros e fazia uma careta significativa diante do que chamava de mentiras de Rosamond (só os irmãos podem associar essas ideias a uma garota adorável) e antes que incorresse na acusação de falsidade, preferia assumir alguns problemas e praticar a moderação. Foi sob uma forte pressão interna desse tipo que Fred tomara a sábia precaução de depositar as oitenta libras com sua mãe. Foi uma pena que ele não as tivesse entregado imediatamente a Mr. Garth, mas ele pretendia completar a soma com mais sessenta, e para isso, tinha guardado vinte libras em seu próprio bolso como uma espécie de semente de milho, a qual, plantada judiciosamente e regada pela sorte, brotaria e poderia ser triplicada, uma multiplicação muito pobre quando o

campo é a alma infinita de um jovem cavalheiro, com todos os números à sua disposição.

Fred não era um jogador; não tinha essa doença específica na qual o condicionamento de toda a energia nervosa para uma oportunidade ou para um risco se torna tão necessário quanto um copo para um bêbado. Ele apenas tinha tendência para esta forma difusa de prazer nas apostas, a qual está desprovida de bebida alcoólica, mas é vista como uma coisa saudável, mantendo uma alegre atividade imaginativa que modela os eventos de acordo com o desejo, e não temendo seu próprio mau tempo, enxergando apenas as vantagens para aqueles que decidirem embarcar com ele. Para qualquer tipo de aposta, a esperança carrega um prazer, porque a perspectiva de sucesso é certa, e o prazer só é mais generoso quando é ampliado a outros participantes na recompensa. Fred gostava de jogar, especialmente bilhar, assim como gostava de caçar ou de corridas de obstáculos, e ele só gostava mais porque precisava de dinheiro e esperava ganhar. Porém, as vinte libras de sementes de milho, ou ao menos o que não havia sido dispersado na beira da estrada, foram plantadas em vão no verde e sedutor terreno, e Fred encontrava-se perto do vencimento do pagamento sem mais dinheiro à sua disposição além das oitenta libras que havia depositado com sua mãe. O cavalo vacilante que ele montava era um presente que havia sido dado a ele há muito tempo por seu tio Featherstone. Seu pai sempre permitiu que ele mantivesse um cavalo, os próprios hábitos de Mr. Vincy fazendo-o considerar o fato como uma exigência razoável até para um filho bastante exasperante. Este cavalo, então, era propriedade de Fred e, em sua angústia para saldar a dívida iminente, ele decidiu sacrificar um bem sem o qual a vida certamente valeria pouco. Ele tomou a decisão com uma sensação de heroísmo, um heroísmo imposto pelo medo de faltar com a palavra diante de Mr. Garth, por seu amor por Mary e respeito por sua opinião. Ele iria para a feira de cavalos de Houndsley, que aconteceria na manhã seguinte e... bem, simplesmente venderia seu cavalo, e voltaria com o dinheiro na carruagem? Mas, pensando bem, o cavalo dificilmente renderia mais de trinta libras, e não havia como saber o que

poderia acontecer. Seria uma tolice desconfiar da sorte de antemão. Era cem contra um como alguma coisa boa apareceria em seu caminho. Quanto mais ele pensava nisso, mais improvável lhe parecia que uma boa oportunidade não se apresentasse, e menos razoável que ele não se equipasse tanto com o cartucho quanto com a pólvora para o abastecer. Ele iria para Houndsley com Bambridge e Horrock, “o veterinário”, e sem pedir nada expressamente ele deveria virtualmente obter o benefício de sua opinião. Antes de partir, Fred pegou as oitenta libras que sua mãe guardara para ele.

A maioria dos que viram Fred saindo de Middlemarch na companhia de Bambridge e Horrock, a caminho da feira de cavalos de Houndsley, pensou que o jovem Vincy estava em busca de prazer como sempre, e, se não fosse por uma consciência incomum de que tinha em mãos um grave assunto, ele mesmo teria tido essa sensação de dissipação, e de estar fazendo o que se poderia esperar de um jovem alegre. Considerando que Fred não era nada grosseiro, que preferia desprezar os modos e a fala de jovens que não haviam frequentado a universidade, e que havia escrito estrofes tão pastorais e inocentes quanto sua forma de tocar a flauta, sua atração por Bambridge e Horrock era um fato interessante, que mesmo o amor por cavalos não poderia ser completamente explicado sem essa misteriosa influência que determina tantas escolhas mortais. Sob qualquer outro nome que não “diversão”, a companhia de Mr. Bambridge e Mr. Horrock certamente seria considerada monótona, e chegar com eles em Houndsley em uma tarde chuvosa, dirigir-se ao Red Lion, situado em uma rua enegrecida pelo pó de carvão, jantar em uma sala mobiliada com um mapa esmaltado do condado, um péssimo retrato de um cavalo anônimo em um estábulo, Sua Majestade Jorge IV em pé e com uma gravata, e várias escarradeiras de chumbo, poderia parecer uma árdua tarefa, não fosse o poder de sustentação da nomenclatura que determinava que a busca por essas coisas fosse “diversão”.

Mr. Horrock possuía certamente uma aparente impenetrabilidade que favorecia a imaginação. Seus trajes, à primeira vista, o associavam

emocionalmente aos cavalos (o bastante para justificar a aba do chapéu que estava virada para cima apenas para escapar da suspeita de que se curvava para baixo), e a natureza lhe havia dotado com um rosto que pela força dos olhos mongóis e um nariz, boca e queixo parecendo seguir a inclinação da aba do chapéu, davam a impressão de um sorrateiro sorriso incrédulo e imutável, uma expressão das mais tirânicas para mentes suscetíveis, e quando acompanhada por um silêncio adequado, tendia a criar uma reputação de uma compreensão invencível, uma infinita reserva de humor (excessivamente seco para fluir e provavelmente em estado de crosta consolidada) e um julgamento crítico, o qual, se tivessem a sorte de conhecê-lo, seria verdadeiro. É uma fisionomia apreciável em todas as profissões, mas que talvez nunca tenha causado tanta impressão sobre a juventude da Inglaterra quanto num perito em cavalos.

Mr. Horrock, diante de uma pergunta de Fred sobre uma articulação de seu cavalo, virou-se de lado na sela e observou o movimento do animal por três minutos, então virou-se para a frente, torceu a própria rédea e permaneceu em silêncio, com um semblante nem mais nem menos cético do que antes.

O papel assim desempenhado no diálogo por Mr. Horrock provocou um efeito tremendo. Fred foi surpreendido por sentimentos desencontrados: um desejo louco de forçar Horrock a dar sua opinião, contido pela vontade de manter sua amizade. Sempre havia a chance de Horrock dizer algo inestimável no momento oportuno.

Mr. Bambridge tinha uma atitude mais aberta e parecia expor suas opiniões sem economia. Ele falava alto, era robusto e, às vezes, era qualificado como “dado às indulgências”, principalmente para praguejar, beber e bater em sua esposa. Algumas pessoas que haviam perdido alguma coisa para ele o chamavam de homem cruel, mas ele considerava o comércio de cavalos a melhor das artes, e argumentava de maneira plausível que não tinha nada a ver com moralidade. Ele era indubitavelmente um homem próspero, suportava a bebida melhor do que os outros suportavam sua moderação e, no geral, florescia como o louro verde. Mas o alcance de sua conversa era limitado e, como a bela velha melodia

Gotas de Brandy, dava a impressão, depois de algum tempo, de voltar ao início de uma forma que poderia deixar tontas as cabeças mais fracas. Porém, uma pequena infusão de Mr. Bambridge dava tom e caráter a vários círculos em Middlemarch, e era uma figura distinta no bar e nos bilhares do Green Dragron. Ele conhecia algumas anedotas sobre os heróis do turfe e vários truques engenhosos de marqueses e viscondes, que pareciam provar que o sangue prevalecia mesmo entre os embusteiros, mas a retenção minuciosa da sua memória se manifestava principalmente a respeito dos cavalos que ele mesmo havia comprado e vendido; o número de milhas, depois de anos, que iriam percorrer em um piscar de olhos e sem nenhum problema; um tema apaixonante do qual alimentava a imaginação de seus ouvintes jurando solenemente que nunca tinham visto nada parecido. Em suma, Mr. Bambridge era um homem feito para a diversão e um animado companheiro.

Fred foi sutil e não disse aos amigos que estava indo a Houndsley com a intenção de vender seu cavalo. Ele desejava obter sutilmente a verdadeira opinião deles sobre o valor de seu cavalo, sem perceber que uma verdadeira opinião seria a última coisa que poderia esperar de tão eminentes críticos. Não era uma fraqueza de Mr. Bambridge ser um adulador gratuito. Nunca havia lhe chamado tanto a atenção o fato daquele baio desafortunado de Fred rugir tanto para exigir a palavra mais enfática e uma clara ideia do seu estado.

– Você fez um péssimo negócio ao não me consultar antes dessa troca, Vincy! Ora, você nunca jogou suas pernas sobre um cavalo melhor do que aquele castanho e você o trocou por esta besta. Se você o colocar para trotar, ele vai parecer vinte lenhadores juntos. Só uma vez em minha vida eu vi uma besta que fizesse mais barulho, e era um ruão. Pertencia a Pegwell, o vendedor de milho, ele costumava usá-lo em seu cabriolé há sete anos e queria que eu ficasse com ele, mas eu disse: “Obrigado, Peg, eu não trabalho com instrumentos de sopro”. Isso foi o que eu disse e a chacota percorreu todo o país. Mas, que diabos! O cavalo era uma joia comparado com o seu.

– Mas o senhor acabou de dizer que era pior – disse Fred, mais irritado do

que de costume.

– Eu disse uma mentira, então – disse Mr. Bambridge, enfaticamente. – Não há um centavo de diferença entre eles. Fred esporeou seu cavalo e eles trotaram um pouco. Quando afrouxaram a marcha novamente, Mr. Bambridge disse: – Ainda que o trote dele fosse melhor do que do seu.

– Estou bastante satisfeito com seu ritmo – disse Fred, que precisava ter plena consciência de encontrar-se em companhia animada para seguir adiante. – Não lhe parece, Horrock, que seu trote é extraordinariamente limpo?

Mr. Horrock continuava olhando para a frente com a mesma neutralidade do retrato de um grande mestre. Fred desistiu da esperança falaciosa de obter uma opinião verdadeira, mas ao refletir sobre o assunto, percebeu que o desprezo de Bambridge e o silêncio de Horrock constituíam virtualmente um estímulo, e indicavam que ambos tinham uma opinião melhor sobre o cavalo do que gostariam de manifestar.

Naquela mesma tarde, antes da feira ser aberta, Fred pensou ter visto uma oportunidade favorável para desfazer-se vantajosamente de seu cavalo, uma oportunidade que o fez felicitar-se por sua previsão ao trazer consigo suas oitenta libras. Um jovem fazendeiro, conhecido de Mr. Bambridge, entrou no Red Lion e mencionou durante a conversa que gostaria de se desfazer de um cavalo de caça, que ele apresentou imediatamente como Diamond, sugerindo o caráter público do animal. A razão para desfazer-se do animal era que estava prestes a se casar, que pretendia abandonar a caça e que apenas precisaria de um pangaré para algumas ocasiões. O cavalo estava no estábulo de um amigo a pouca distância e ainda havia tempo para os cavalheiros verem antes de escurecer. O estábulo do amigo era alcançado por uma rua secundária onde, assim como em qualquer outra rua sombria daquele período insalubre, você poderia facilmente ser envenenado sem nenhuma despesa com medicamentos. Fred não estava, assim como seus companheiros, fortalecido pelo conhaque para recusar, mas a esperança de ter finalmente visto o cavalo que lhe permitiria ganhar algum dinheiro era tão estimulante quanto aquela que o fizera ser

conduzido pelo mesmo caminho na primeira hora da manhã. Ele estava convencido de que, se não chegasse a um acordo com o fazendeiro, Bambridge o faria, pois a tensão das circunstâncias, Fred acreditava, estava aguçando sua percepção e lhe dotando de todo o poder construtivo da suspeita. Bambridge havia desqualificado Diamond de uma maneira que nunca teria feito (o cavalo era de um amigo) se não tivesse a intenção de comprá-lo. Todos os que viram o animal, até mesmo Horrock, ficaram evidentemente impressionados com seus méritos. Para obter todas as vantagens da companhia de homens desse tipo era necessário saber deduzir e não levar as coisas de forma literal. A cor do cavalo era cinza rajado, e Fred por acaso sabia que o criado de lorde Medlicote estava à procura de um assim. Depois de todas as suas desqualificações, Bambridge revelou no decorrer da tarde, quando o fazendeiro estava ausente, que vira cavalos piores custarem oitenta libras. É claro que ele se contradisse umas vinte vezes, mas quando se sabe o que provavelmente é verdade, pode-se valorizar as afirmações de um homem. Fred não podia deixar de pensar que sabia algo sobre cavalos. O fazendeiro havia parado diante do corcel respeitável de Fred (embora sem fôlego) tempo suficiente para indicar que o estimava digno de consideração e parecia provável que ficasse com ele, se lhe pagassem vinte e cinco libras de volta, pois Diamond valia mais. Neste caso, Fred, quando tivesse se separado de seu novo cavalo por pelo menos oitenta libras, teria cinquenta e cinco libras no bolso pela transação e cento e trinta e cinco libras para pagar a conta, de modo que o déficit temporariamente lançado sobre Mr. Garth seria de no máximo vinte e cinco libras. Quando na manhã seguinte estava se vestindo apressadamente, ele viu muito claramente a importância de não deixar passar esta rara oportunidade, que se Bambridge e Horrock quisessem dissuadi-lo, ele não se iludiria com a interpretação do que diziam, pois ele acreditava que aquelas mãos representavam algo mais do que o interesse de um jovem. Com relação aos cavalos, a desconfiança era sua única pista. No entanto, como sabemos, o ceticismo nunca pode ser totalmente aplicado, do contrário a vida ficaria paralisada. Sempre há algo no que devemos acreditar e fazer, e não importa como seja chamado, é

virtualmente nosso próprio julgamento, mesmo quando parece a dependência mais servil de outro. Fred acreditava na excelência de sua barganha e, antes mesmo que a feira estivesse bem avançada, ele obteve o cinza malhado ao preço de seu velho cavalo mais trinta libras, apenas cinco libras a mais do que esperava pagar por ele.

Porém, ele se sentia um pouco preocupado e cansado, talvez fruto do seu debate mental, e sem esperar pelas outras diversões da feira, ele partiu sozinho em sua jornada de quatorze milhas, com a intenção de fazê-la com muita calma e manter seu cavalo fresco.

CAPÍTULO XXIV

“A tristeza do ofensor empresta apenas um pequeno alívio
àquele que carrega a cruz da ofensa recebida”.
– SHAKESPEARE, sonetos

Lamento dizer que apenas três dias após os eventos propícios em Houndsley, Fred Vincy viu-se vítima do pior desânimo de sua vida. Não que ele tivesse ficado desapontado quanto a possível venda de seu cavalo, mas antes que a barganha pudesse ser concluída com o criado de lorde Medlicote, o tal Diamond, no qual uma esperança de oitenta libras havia sido depositada, havia exibido no estábulo, sem o menor aviso, uma energia das mais perversas para dar coices, que quase matou o cavalariço, que acabara se machucando gravemente ao prender uma perna em uma corda que pendia do estábulo. Não havia mais reparação para isso, assim como o descobrimento do mau humor após a celebração do casamento, o que, é claro, os velhos amigos já sabiam antes da cerimônia. Por uma razão ou outra, Fred não pôde contar com sua costumeira elasticidade para esse golpe de azar; ele estava simplesmente ciente de que tinha apenas cinquenta libras, que não havia chance de ganhar mais no momento e que a conta para cento e sessenta seria apresentada em cinco dias. Mesmo se tivesse suplicado ao seu pai que Mr. Garth fosse salvo da perda, Fred sabia que ele se recusaria furiosamente a salvar Mr. Garth das consequências do que ele denominaria extravagância e engano encorajadores. Ele estava tão abatido que não podia imaginar outro projeto a não ser ir direto a Mr. Garth e contar-lhe a triste verdade, levando com ele as cinquenta libras e assegurando a si mesmo, pelo menos, esta quantidade. Seu pai se encontrava no armazém e ainda não tinha conhecimento do acidente; quando o fizesse, ele iria protestar sobre o bruto

cruel sendo trazido para seu estábulo. Antes de enfrentar este contratempo menor, Fred queria manter toda a sua coragem para enfrentar o maior. Ele pegou o cavalo de seu pai, pois havia decidido que, uma vez que tivesse contado tudo a Mr. Garth, iria a Stone Court e faria o mesmo com Mary. Na verdade, é provável que, não fosse a existência de Mary, e o amor de Fred por ela, sua consciência teria sido muito menos ativa tanto para lembrar-se da dívida quanto para poupar a si mesmo, como de costume, adiando uma tarefa desagradável, e evitar agir tão direta e simplesmente enquanto pudesse. Mortais muito mais fortes do que Fred Vincy mantêm metade de sua retidão na mente do ser que mais amam. “O cenário de todas as minhas ações ruiu”, disse um personagem antigo quando seu melhor amigo morreu, e afortunados são os que conseguem um teatro onde o público exige o seu melhor. Certamente teria feito uma diferença considerável para Fred naquele momento se Mary Garth não tivesse ideias muito claras sobre o que era admirável em um caráter.

Mr. Garth não estava no escritório, e Fred cavalgou até sua casa, que ficava um pouco fora da cidade. Era um lugar acolhedor, com um pomar na frente de um edifício irregular, antiquado, parte de madeira, que antes que a cidade se espalhasse havia sido uma casa de fazenda, mas que agora estava cercada pelos jardins privados dos habitantes da cidade. Nós gostaríamos muito mais de nossas casas se elas tivessem fisionomia própria, assim como nossos amigos. A família Garth, que era bastante numerosa, pois Mary tinha quatro irmãos e uma irmã, gostava muito de sua antiga casa, onde todos os melhores móveis haviam sido vendidos há muito tempo. Fred também gostava e a conhecia de cor, inclusive o sótão, que cheirava deliciosamente a maçãs e marmelos, e até hoje nunca havia se aproximado dela sem agradáveis expectativas. Porém, seu coração batia inquieto ante a probabilidade de precisar fazer sua confissão diante de Mrs. Garth, por quem sentia mais temor do que de seu marido. Não que ela fosse inclinada ao sarcasmo e às brincadeiras impulsivas, como Mary. A esta altura da sua maturidade, pelo menos, Mrs. Garth nunca havia se comprometido com palavras precipitadas, pois como ela mesma afirmava, havia suportado o jugo em

sua juventude e aprendido a controlar-se. Ela possuía o raro dom de reconhecer o inalterável e se submetia a ele sem reclamar. Profunda amante das virtudes do marido, muito cedo decidiu aceitar a incapacidade dele para cuidar dos próprios interesses e enfrentava as consequências com alegria. Ela tinha sido bastante magnânima ao renunciar toda a vaidade em matéria de bules de chá ou roupas para as crianças, e nunca despejava lamentos nos ouvidos de suas vizinhas sobre a falta de prudência de Mr. Garth e a quantidade de dinheiro que ele poderia ter se fosse como os outros homens. Consequentemente, essas boas vizinhas a consideravam orgulhosa ou excêntrica e, às vezes, referiam-se a ela com seus maridos como “a tal da Mrs. Garth”. Em troca, ela também as criticava, possuindo uma educação mais esmerada que a maioria das mulheres em Middlemarch (afinal de contas, onde está essa mulher irrepreensível?), inclinada a ser um pouco severa com seu próprio sexo, que em sua opinião estava destinado à subordinação. Por outro lado, ela era desproporcionalmente indulgente com as falhas dos homens, e muitas vezes alguém a ouvia dizer que era algo natural. Além disso, deve-se admitir que Mrs. Garth era muito insistente em sua resistência ao que ela considerava desatinos; a passagem de governanta para dona de casa havia sido talhada com muita força em sua consciência, e ela raramente se esquecia de que enquanto sua sintaxe e sotaque eram superiores ao padrão da cidade, ela usava uma touca simples, cozinhava para a família e cerzia todas as meias. Em algumas ocasiões ela aceitava algumas alunas a quem instruía de modo peripatético, fazendo que a seguissem pela cozinha com seu livro ou lousa. Achava que seria conveniente para elas ver que ela podia fazer uma espuma de sabão excelente enquanto corrigia seus erros “sem olhar”, que uma mulher com as mangas dobradas acima dos cotovelos poderia saber tudo sobre o subjuntivo ou a zona tórrida; em suma, que era possível ter “educação” e outras coisas boas terminadas em “ção”, e dignas de serem pronunciadas categoricamente, sem necessidade de ser uma boneca inútil. Quando fazia comentários sobre este edificante fim, ela franzia o cenho ligeiramente, o que não chegava a anular a benevolência em seu rosto e em suas palavras, que saíam

como uma procissão, em um contralto agradável e fervoroso. Certamente, a exemplar Mrs. Garth tinha seus aspectos divertidos, mas seu caráter sustentava suas esquisitices, assim como um vinho muito fino mantém o sabor do odre.

Com relação a Fred Vincy, ela abrigava um sentimento maternal por ele e sempre estivera disposta a desculpar seus erros, embora provavelmente não tivesse desculpado Mary por se envolver com ele, pois sua filha estava sujeita àquele julgamento mais rigoroso que ela aplicava ao próprio sexo. Mas o próprio fato de sua excepcional indulgência para com ele tornava mais difícil para Fred sua inevitável queda em sua estima. As circunstâncias da sua visita eram ainda mais desagradáveis do que ele esperava, pois Caleb Garth saíra cedo para inspecionar alguns reparos não muito longe. Em um determinado horário, Mrs. Garth estava sempre na cozinha, e nesta manhã ela tinha várias ocupações ao mesmo tempo: fazer tortas na mesa imaculada de um lado da sala arejada, observar os movimentos de Sally no forno e a bandeja de massa por uma porta aberta, e dar aulas aos seus filhos mais novos, que estavam em frente a ela na mesa com seus livros e lousas diante deles. Uma tina de madeira e um varal na outra extremidade da cozinha indicavam que também ocorria uma lavagem intermitente de pequenas coisas.

Mrs. Garth, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, manipulava sua massa com habilidade, usando o rolo e dando alguns beliscões enquanto expunha com fervor gramatical quais eram os pontos de vista corretos sobre a concordância de verbos e pronomes com “substantivos coletivos ou que representavam muitos”; era uma cena agradavelmente divertida. Ela tinha o mesmo tipo de cabelo encaracolado e rosto quadrado de Mary, porém mais bonita, com traços mais delicados, pele clara, uma figura solidamente maternal e um olhar extraordinariamente firme. Com seu gorro de babados alvos, ela lembrava aquela francesa encantadora que todos nós vemos no mercado, com a cesta nos braços. Olhando para a mãe espera-se que a filha se torne como ela, o que é uma vantagem potencial equivalente a um dote, já que muitas vezes a mãe aparece como profecia maligna: “tal como eu, ela será em breve”.

– Agora vamos repassar esta parte – disse Mrs. Garth, preparando um folhado de maçã que parecia distrair Ben, (um jovem enérgico com uma sobrancelha pesada), da devida atenção à lição. – Levando-se em conta a importância da palavra como expressão de unidade ou pluralidade de ideias, diga novamente o que isso quer dizer, Ben.

(Assim como educadores mais célebres, Mrs. Garth tinha seus caminhos favoritos e, em um naufrágio geral da sociedade, ela teria tentado manter a "cartilha" de "Lindley Murray" acima das ondas).

– Oh, quer dizer é preciso pensar no que se quer dizer? – disse Ben, um tanto mal-humorado. – Eu detesto gramática. Para que serve?

– Para ensiná-lo a falar e escrever corretamente, para que possa ser compreendido – disse Mrs. Garth, com severa precisão. – Você gostaria de falar como o velho Job?

– Sim – disse Ben, vigorosamente –, é mais engraçado. – Ele diz "ocê vai", e soa tão bem quanto "você vai".

– Mas ele diz que tem medo de armas no lugar de dizer que tem medo de almas – disse Letty, com ar de superioridade. – Ninguém vai imaginar que ele está falando de fantasmas.

– Não, ninguém iria pensar isso, a menos que fosse um tolo – disse Ben. – Quem tem medo de fantasma?

– Mas este é um problema de pronúncia, que é a parte menos importante da gramática – disse Mrs. Garth. – Ben, esta casca de maçã é para os porcos. Se você comer, terei que dar o seu pedaço da torta para eles. Job só precisa falar sobre coisas muito simples. Como vocês acham que poderiam escrever ou falar sobre qualquer outra coisa mais difícil se não soubessem mais gramática do que ele? Vocês empregariam as palavras de modo errado, as usariam nas posições erradas e, no lugar de serem compreendidos, todos os tomariam por pessoas enfadonhas. O que fariam, então?

– Eu? Picaria a mula e não me importaria com nada – disse Ben, convencido de que, em relação à gramática, isso seria a melhor coisa a se fazer.

– Vejo que está ficando cansado e estúpido, Ben – disse Mrs. Garth, habituada a semelhantes argumentações obstrutoras de sua prole masculina. Terminadas as tortas, ela dirigiu-se ao varal, e disse: – Venha aqui e me conte a história que contei a vocês na quarta-feira, sobre Cincinato.

– Eu sei! Ele era um fazendeiro – disse Ben.

– Ora, Ben, ele era um romano, deixe que eu conte a história – disse Letty, usando o cotovelo de forma contundente.

– Sua boba, ele era um fazendeiro romano e estava arando.

– Sim, mas antes disso, isso não vinha primeiro, as pessoas precisavam dele – disse Letty.

– Bem, mas você deve dizer que tipo de homem ele era primeiro – insistiu Ben. – Ele era um homem sábio, como o meu pai, e isso fazia o povo buscar seu conselho. Ele era um homem valente e sabia lutar. Meu pai também, não é, mãe?

– Deixe-me contar a história sem rodeios, como a mãe nos contou – disse Letty, franzindo a testa. – Por favor, mãe, peça a Ben para ficar calado.

– Letty, tenho vergonha de você – disse a mãe, torcendo os gorros na tina. – Quando seu irmão começou, você deveria ter esperado para ver se ele não poderia contar a história. Você parece uma moça mal-educada, de cara feia, empurrando como se quisesse se impor com os cotovelos. Cincinato, estou certa disso, não teria gostado de ver sua filha se comportando assim. (Mrs. Garth proferiu esta frase terrível com majestosa dicção e Letty sentiu que, entre a loquacidade reprimida e o desprezo geral, inclusive dos romanos, a vida em si era um assunto doloroso.) – Por favor, Ben.

– Bem... ora, houve uma grande luta, e eles eram todos estúpidos, eu não sei contar exatamente como a senhora disse, mas eles precisavam de um homem para ser capitão, rei, e tudo isso...

– Um ditador – corrigiu Letty, com olhar ferido, com vontade de fazer a mãe se arrepender.

– Está bem, um ditador – disse Ben, com desdém. – Mas essa não é uma boa palavra: ele não ordenou que escrevessem em lousas.

– Vamos, Ben, você não é tão ignorante assim – disse Mrs. Garth, cuidadosamente séria. – Ouçam, alguém está na porta. Corra, Letty, e veja quem é.

Era Fred, e quando Letty disse que seu pai ainda não havia chegado, mas que sua mãe estava na cozinha, Fred não teve alternativa. Ele não poderia abandonar sua prática habitual de ir ver Mrs. Garth na cozinha se ela estivesse ali trabalhando. Ele passou o braço em volta do pescoço de Letty em silêncio e a conduziu para a cozinha sem as piadas e o carinho habituais.

Mrs. Garth ficou surpresa ao ver Fred àquela hora, mas surpresa não era um sentimento que ela gostava de expressar, e ela apenas disse, continuando seu trabalho calmamente:

– Você, Fred, tão cedo? Está muito pálido. Aconteceu alguma coisa?

– Eu queria falar com Mr. Garth – disse Fred, pouco preparado para dizer mais –, e com a senhora também – acrescentou após uma pequena pausa, pois não tinha dúvidas de que Mrs. Garth sabia tudo sobre a dívida e, eventualmente, deveria falar em sua presença, se não apenas para ela.

– Caleb voltará em alguns minutos – disse Mrs. Garth, imaginando que havia algum problema entre Fred e seu pai. – Ele não deve demorar, tem trabalho em sua mesa que deve ser feito nessa manhã. Você se importa em ficar comigo enquanto concluo minhas tarefas?

– Mas não precisamos continuar falando sobre Cincinato, não é? – perguntou Ben, que havia tirado o chicote de Fred de sua mão e estava testando sua eficácia no gato.

– Não, pode sair agora. Mas baixe esse chicote. Que maldade chicotear a pobre Tortoise. Por favor, tire o chicote dele, Fred.

– Vamos, meu velho, devolva o chicote – disse Fred, estendendo a mão.

– Você vai me deixar montar seu cavalo hoje? – perguntou Ben, entregando o chicote com ar de quem não era obrigado a fazê-lo.

– Hoje não, outro dia. Não estou montando meu próprio cavalo.

– Você vai ver Mary hoje?

– Sim, creio que sim – disse Fred, com estremecimento.

– Diga a ela para voltar para casa logo, para brincar e se divertir.

– Já chega, Ben! Saia daqui – disse Mrs. Garth, vendo que Fred ficara incomodado.

– Letty e Ben são seus únicos alunos agora, Mrs. Garth? – perguntou Fred quando as crianças foram embora, já que era preciso dizer alguma coisa para passar o tempo. Ele ainda não tinha certeza se deveria esperar por Mr. Garth ou aproveitar alguma oportunidade na conversa para se confessar a Mrs. Garth, dar-lhe o dinheiro e ir embora.

– Tenho uma, apenas uma. Fanny Hackbutt chega às onze e meia. Não estou ganhando muito no momento – disse Mrs. Garth, sorrindo. – Tenho poucos alunos. Mas fiz uma economia para os estudos de Alfred. Tenho noventa e duas libras. Ele pode ir para Mr. Hanner agora, está na idade certa.

A informação não preparava bem o caminho para a notícia de que Mr. Garth estava prestes a perder noventa e duas libras e mais. Fred ficou em silêncio.

– Jovens cavalheiros que vão para a faculdade custam bem mais do que isso – continuou Mrs. Garth inocentemente, puxando a borda de sua touca. – E Caleb acredita que Alfred se tornará um engenheiro distinto; ele quer oferecer ao menino uma boa oportunidade. Lá está ele! Eu o vi entrando. Vamos encontrá-lo na sala de estar?

Quando eles entraram na sala de estar, Caleb tinha tirado o chapéu e estava sentado à sua mesa.

– O quê? Fred, meu rapaz! – exclamou ele, com leve surpresa, mantendo a pena suspensa ainda por olhar. – Você veio cedo – disse o bom homem, porém, estranhando a falta da cordialidade costumeira no rosto de Fred, ele imediatamente acrescentou: – Aconteceu alguma coisa em casa? Algum problema?

– Sim, Mr. Garth, vim lhe dizer algo que temo vá desapontá-lo. Vim dizer ao senhor e a Mrs. Garth que não posso cumprir com minha palavra. Não consegui, afinal, o dinheiro para pagar a dívida. Não tive sorte, só tenho essas cinquenta

libras para o pagamento de uma dívida de cento e sessenta.

Enquanto falava, ele apanhou as notas e as colocou sobre a mesa diante de Mr. Garth. Ele tinha ido direto ao ponto, sentindo-se infeliz como um garotinho e sem recursos verbais. Mrs. Garth ficou muda de surpresa e olhou para o marido em busca de uma explicação. Caleb corou e, após uma pequena pausa, disse:

– Ah, eu não te contei, Susan; coloquei meu nome em uma nota promissória de Fred no valor de cento e sessenta libras. Ele me garantiu que conseguiria o dinheiro.

Houve uma mudança evidente no rosto de Mrs. Garth, mas foi como uma mudança abaixo da superfície da água que permanece tranquila. Ela fixou os olhos em Fred, dizendo:

– Suponho que você pediu a seu pai o resto do dinheiro e ele recusou.

– Não – disse Fred, mordendo o lábio e falando com mais dificuldade –, mas sei que seria inútil pedir para ele, e, a menos que servisse de alguma coisa, não gostaria de mencionar o nome de Mr. Garth no assunto.

– O momento é péssimo – disse Caleb, em seu jeito hesitante, olhando para as notas e tocando os papéis com timidez. – O Natal está chegando, as coisas estão um pouco difíceis agora. Veja, eu venho cortando as despesas com medidas bem justas, como um alfaiate. O que podemos fazer, Susan? Vou precisar de cada centavo que temos no banco. São cento e dez libras, que o diabo as leve.

– Terei que lhe dar as noventa e duas libras que economizei para os estudos de Alfred – disse Mrs. Garth, séria e decididamente, embora um bom ouvido pudesse ter percebido um leve tremor em algumas das palavras. – E não tenho dúvidas de que Mary tem vinte libras economizadas de seu salário a esta altura. Ela nos adiantará o dinheiro.

Mrs. Garth não olhou novamente para Fred, mas não imaginava sequer um pouco quais palavras ela deveria usar para feri-lo com mais eficácia. Como a mulher excêntrica que era, no momento estava absorta em considerar o que deveria ser feito, e não imaginava que seu objetivo pudesse ser melhor alcançado com comentários amargos ou explosões. No entanto, ela havia conseguido que

Fred pela primeira vez sentisse algo parecido com remorso. Curiosamente, sua angústia anterior consistia quase exclusivamente na sensação de desonra e na perda de estima dos Garths: ele não havia se preocupado com os inconvenientes e possíveis danos que sua violação poderia lhes causar, pois este exercício de imaginação sobre as necessidades de outras pessoas não é frequente entre jovens cavalheiros esperançosos. Na verdade, a maioria de nós foi criada com a noção de que o motivo mais nobre para não causar um dano é algo desvinculado dos seres que sofreriam as consequências da nossa falha. Porém, neste momento, ele via a si mesmo como um patife lamentável que estava roubando as economias de duas mulheres.

– Eu certamente pagarei tudo, Mrs. Garth, eventualmente – ele gaguejou.

– Sim, eventualmente – disse Mrs. Garth, que tinha uma aversão especial por palavras bonitas em ocasiões feias e não conseguia reprimir um sarcasmo. – Mas os meninos não podem iniciar sua educação eventualmente; eles devem ser aprendizes aos quinze – ela nunca se sentira tão pouco inclinada a criar desculpas para Fred.

– O erro foi todo meu, Susan – disse Caleb. – Fred me garantiu que teria o dinheiro. Mas eu não sei por que fui me envolver com notas promissórias. Suponho que tenha tentado todos os meios honestos para conseguir o dinheiro? – acrescentou ele, fixando seus olhos cinza misericordiosos em Fred. Caleb era muito delicado para especificar Mr. Featherstone.

– Sim, eu tentei tudo, realmente tentei. Eu deveria ter cento e trinta libras se não fosse por uma desgraça com um cavalo que estava prestes a vender. Meu tio tinha me dado oitenta libras e eu paguei trinta com meu velho cavalo para conseguir outro que eu venderia por oitenta ou mais; eu pretendia ficar sem cavalo, mas agora ele se revelou cheio de manhas, feriu um empregado de meu pai. Eu gostaria que eu e os cavalos também tivéssemos sido levados pelo diabo no lugar de ter causado esse prejuízo para vocês. Não há ninguém mais por quem eu sinta tanto afeto: o senhor e Mrs. Garth sempre foram tão bons para mim. No entanto, não adianta dizer isso agora. Vocês sempre vão pensar em mim

como um patife.

Fred deu meia-volta e saiu apressado da sala, cônscio de sua atitude infantil e confusamente ciente de que o fato de que sentia muito não ajudava os Garths. Eles puderam vê-lo montar e passar rapidamente pelo portão.

– Estou desapontada com Fred Vincy – disse Mrs. Garth. – Eu nunca teria pensado que ele o envolveria em suas dívidas. Sabia que era extravagante, mas nunca pensei que fosse tão mesquinho a ponto de colocar em perigo o seu amigo mais antigo, o que tinha menos recursos para perder.

– Eu fui um tolo, Susan.

– Sim, é verdade – disse a esposa, balançando a cabeça e sorrindo. – Mas eu não teria ido contar para todo mundo no mercado. Por que escondeu uma coisa dessas de mim? É a mesma coisa com os seus botões: o senhor os deixa cair sem me avisar, e sai com os punhos pendurados. Se tivesse sabido antes, poderia ter pensado em um plano melhor.

– Você está muito chateada, eu sei, Susan – disse Caleb, olhando para a esposa com ternura. – Não posso suportar que perca o dinheiro que juntou para Alfred.

– Menos mal que eu tenha juntado, e é o senhor quem vai ter que sofrer, porque é o senhor mesmo quem vai ensinar o menino. Terá de abandonar os maus hábitos. Alguns homens bebem e o senhor trabalha sem pagamento. Terá de se controlar um pouco mais. E terá que ir até Mary e perguntar à pobre criança quanto dinheiro ela tem.

Caleb tinha empurrado a cadeira para trás e estava inclinado para frente, balançando a cabeça lentamente e encaixando as pontas dos dedos com muita delicadeza.

– Pobre Mary! – disse ele. – Susan – continuou ele em tom mais baixo –, temo que ela goste de Fred.

– Ah, não! Ela sempre ri dele, e é improvável que ele pense nela de outra forma que não seja fraternalmente.

Caleb não respondeu, mas baixou os óculos, puxou a cadeira até a

escrivaninha, e disse:

– Com os diabos a promissória! Gostaria que estivesse em Hanover! Essas coisas são uma interrupção triste para os negócios!

A primeira parte deste discurso compreendia todo o seu arsenal de maldições, e foi proferida com um ligeiro grunhido fácil de imaginar. Mas seria difícil transmitir àqueles que nunca o ouviram pronunciar a palavra “trabalho” o tom peculiar de veneração fervorosa, de respeito religioso com que ele a envolvia, como um símbolo consagrado é envolto em seu linho com franjas de ouro.

Caleb Garth frequentemente balançava a cabeça enquanto meditava sobre o valor da dívida, o poder indispensável de um trabalho, uma miríade de cabeças e de profissões mediante a qual a sociedade é nutrida, vestida e abrigada. O trabalho havia dominado sua imaginação durante sua infância. Os ecos do grande martelo onde o teto ou a quilha eram construídos, os gritos de sinalização dos operários, o rugido da fornalha e o estrondo do motor eram uma música sublime para ele; o corte e o carregamento de madeira, o enorme tronco vibrando como uma estrela a distância ao longo da rodovia, o guindaste trabalhando no cais, os produtos empilhados nos armazéns, a precisão e variedade do esforço muscular onde quer que um trabalho tivesse que ser realizado; todas essas imagens de sua juventude haviam atuado sobre ele como uma poesia sem a necessidade de poetas, haviam lhe proporcionado uma filosofia sem precisar de filósofos, uma religião sem a ajuda da teologia. Sua ambição inicial era ter uma participação tão efetiva quanto possível nesse trabalho sublime, que era especialmente dignificado por ele com o nome de “trabalho”, e embora tivesse estado pouco tempo sob o comando de um supervisor e tenha sido o seu próprio professor, ele sabia mais sobre terra, construção e mineração do que a maioria dos homens especialistas do condado.

Sua classificação de empregos humanos era um tanto primária e, assim como as categorias de homens mais célebres, pouco aceitável nestes tempos modernos. Ele os dividia em “trabalho, política, pregação, aprendizado e diversão”. Ele não tinha nada a dizer contra os quatro últimos, mas pensava neles como um pagão

reverente que considerava outros deuses além dos seus próprios. Da mesma forma, pensava muito bem sobre todas as categorias, mas ele próprio não gostaria de pertencer a nenhuma categoria em que não tivesse um contato suficiente íntimo com o “trabalho” a ponto de ser frequentemente decorado de forma honrosa com pó e argamassa, manchas da umidade do motor ou do solo doce dos bosques e dos campos. Embora nunca tivesse se considerado diferente de um cristão ortodoxo, e discutisse sobre a Graça Preveniente se o tema fosse proposto, suas divindades latentes eram os projetos bons e práticos, a precisão no trabalho e a fiel realização de seus empreendimentos: seu príncipe das trevas era um trabalhador negligente. Mas Caleb não possuía um espírito negativo e o mundo lhe parecia tão maravilhoso que estava disposto a aceitar qualquer número de sistemas, assim como de firmamentos, se eles não interferissem obviamente com a melhor drenagem de terras, a construção sólida, a exatidão das medidas e a perfuração criteriosa (para o carvão). Na verdade, possuía uma alma reverente com uma forte inteligência prática. No entanto, ele não sabia como administrar as finanças: ele conhecia bem os valores, mas não tinha imaginação perspicaz para resultados monetários na forma de lucros e perdas, e depois de comprovar o fato às próprias custas, ele havia decidido abandonar todas as formas de seu amado “trabalho” que exigiam esse talento. Ele se entregou de corpo e alma aos muitos tipos de trabalhos que podia fazer sem lidar com capital, e era um daqueles homens preciosos em seu próprio distrito, a quem todos escolheriam para trabalhar para eles, porque ele fazia bem o seu trabalho, cobrava muito pouco, e muitas vezes se recusava a cobrar. Não é de se admirar, então, que os Garths fossem pobres e “vivessem de maneira tão modesta”. Mas eles não se importaram.

CAPÍTULO XXV

“O amor não procura agradar a si mesmo,
Nem destina qualquer cuidado a si mesmo,
Mas se dá facilmente ao outro
E constrói um Paraíso no desespero do Inferno.
O amor busca apenas a si mesmo para agradar,
Para escravizar o outro ao seu deleite,
Desfruta da perda do sossego,
E transforma o Céu em um Inferno, apesar de tudo.”
– W. BLAKE: Canções da Experiência.

Fred Vincy queria chegar a Stone Court em um momento em que Mary não estivesse esperando por ele e quando seu tio não estivesse no andar de baixo, ocasião em que poderia encontrá-la sentada sozinha na sala com paredes recobertas por lambris. Ele deixou o cavalo no pátio para não fazer barulho com o cascalho na frente da porta principal e entrou na sala sem outro barulho senão o da maçaneta. Mary estava em seu canto de sempre, rindo dos comentários de Mrs. Piozzi[93] sobre Johnson e ergueu os olhos com um sorriso divertido ainda nos lábios. Ele foi desaparecendo gradualmente quando ela notou que Fred se aproximava em silêncio, parando diante dela e apoiando o cotovelo na lareira, com aspecto doente. Ela também ficou em silêncio, apenas erguendo os olhos para ele interrogativamente.

– Mary – começou ele –, sou um canalha imprestável.

– Eu diria que apenas um desses epítetos bastaria – disse Mary, tentando sorrir, mas sentindo-se alarmada.

– Eu sei que você nunca vai me perdoar. Você vai pensar que sou um

mentiroso. E desonesto. Você vai pensar que eu não me importo com você, nem com seus pais. Você sempre pensa o pior de mim, eu sei.

– Não posso negar que pensarei tudo isso, Fred, se me der boas razões. Mas, por favor, diga-me imediatamente o que você fez. Prefiro saber a dolorosa verdade a ter que imaginá-la.

– Eu devia dinheiro – cento e sessenta libras. Pedi a seu pai que colocasse o nome dele em uma nota promissória. Achei que ele não se importaria. Estava convencido de que poderia pagar eu mesmo o dinheiro e tentei tudo o que pude... mas eu não tive sorte... a história com um cavalo acabou mal... e eu só posso pagar cinquenta libras. E não posso pedir dinheiro ao meu pai; ele não me daria um centavo. E meu tio me deu cem libras há pouco tempo. Então, o que eu posso fazer? E agora seu pai não tem dinheiro e sua mãe terá que lhe entregar as noventa e duas libras que economizou, e ela diz que também vai precisar das suas economias. Você vê o que...

– Pobre mamãe! Pobre papai! – disse Mary, com os olhos cheios de lágrimas e tentando reprimir um soluço. Ela olhava diretamente à sua frente e não dava atenção a Fred, pensando em todas as consequências que o assunto teria trazido à sua casa. Ele também permaneceu em silêncio por alguns momentos, sentindo-se mais miserável do que nunca.

– Eu não teria magoado você por nada neste mundo, Mary – disse ele, por fim. – Você nunca vai me perdoar.

– Que importância tem isso? – disse Mary, veementemente. – Acaso devolveria para minha mãe o dinheiro que vem ganhando com aulas há quatro anos para que pudesse enviar Alfred a Mr. Hanner? Acha que estaria tudo certo se eu te perdoasse?

– Diga o que quiser, Mary. Eu mereço tudo.

– Não quero dizer nada, minha raiva não tem nenhuma utilidade – disse Mary, mais calmamente. Ela secou as lágrimas, colocou o livro de lado, levantou-se e foi buscar sua costura.

Fred a seguiu com os olhos, na esperança de que encontrassem os dela e

pudesse assim lhe implorar penitência. Mas não, Mary podia facilmente evitar olhar para cima.

– É claro que eu me importo com o dinheiro da sua mãe – disse ele, quando ela estava novamente sentada e costurava rapidamente. – Eu queria perguntar a você, Mary, você acha que Mr. Featherstone, se você contasse a ele, se lhe pedisse para empregar Alfred como aprendiz, ele adiantaria o dinheiro?

– Minha família não gosta de mendigar, Fred. Nós preferimos trabalhar pelo nosso dinheiro. Além disso, você diz que Mr. Featherstone recentemente lhe deu cem libras. Ele raramente dá presentes; ele nunca deu presentes para nós. Estou certa de que meu pai não vai pedir nada a ele; e mesmo se eu decidisse pedir, seria inútil.

– Eu sinto tanto, Mary! Se você soubesse o quanto eu estou infeliz, ficaria com pena de mim.

– Há outras coisas que despertam mais pena. Mas as pessoas egoístas sempre consideram o seu próprio desconforto mais importante do que qualquer outra coisa no mundo. Vejo isso todos os dias.

– Não é justo me chamar de egoísta. Se você soubesse o que os outros jovens fazem, saberia que há piores.

– Sei que as pessoas que gastam muito dinheiro consigo mesmas sem saber como vão pagar devem ser egoístas. Estão sempre pensando no que podem obter para si mesmas, e não no que outras pessoas podem perder.

– Qualquer homem pode ter azar, Mary, e não conseguir pagar como planejava. Não há homem melhor no mundo do que seu pai, mesmo assim ele se meteu em problemas.

– Como se atreve fazer qualquer comparação entre meu pai e você, Fred? – disse Mary, com profunda indignação. – Ele nunca teve problemas por pensar no seu próprio prazer, mas porque estava sempre pensando no trabalho que fazia para outras pessoas. E ele tem sofrido muito e trabalhado muito para compensar as perdas.

– E você acha que eu nunca tentarei compensar as coisas, Mary? Não é

generoso pensar o pior de um homem. Quando você tem algum poder sobre ele, poderia usá-lo para torná-lo melhor, mas isso é o que você nunca faz. Eu vou embora – disse Fred, sem forças. – Não vou dizer mais nada. Lamento muito por todos os problemas que causei.

Mary largou o trabalho e ergueu os olhos. Frequentemente, há algo de maternal até mesmo no amor de uma menina, e a dura experiência de Mary havia dotado sua natureza de uma impressionabilidade bem diferente daquela coisa delicada que chamamos de feminilidade. As últimas palavras de Fred suscitaram uma angústia instantânea, algo parecido com o que uma mãe experimenta diante dos soluços ou gritos imaginários do filho travesso, que pode se perder e se machucar. E quando, ao erguer os olhos, ela encontrou o olhar de Fred, taciturno e deprimido, sua compaixão por ele superou sua raiva e todas as suas outras preocupações.

– Fred, você parece doente. Sente-se um momento. Não vá ainda. Deixe-me dizer ao tio que você está aqui. Ele está se perguntando por que não te viu a semana inteira – disse Mary, apressadamente, pronunciando as primeiras palavras que vieram à sua mente sem saber muito bem quais eram, mas com um tom mais calmo e suplicante, levantando-se como se fosse buscar Mr. Featherstone. É claro que Fred sentiu como se as nuvens se abrissem e um raio de sol surgisse: ele deu uns passos e ficou no caminho dela.

– Diga uma palavra, Mary, e eu farei qualquer coisa. Diga que não vai pensar o pior de mim, que não vai desistir de mim de uma vez.

– Como se fosse um prazer para mim pensar mal de você – disse Mary, com tristeza. – Como se não fosse muito doloroso para mim vê-lo como uma criatura ociosa e frívola. Como pode ser tão desprezível, quando outros trabalham e se esforçam e há tantas coisas por fazer; como você pode ser tão inútil? E com tantos talentos, Fred, você poderia valer muito.

– Tentarei ser o que você quiser, Mary, se disser que me ama.

– Eu teria vergonha de dizer que amo um homem que depende sempre dos outros, e que está sempre contando com o que os outros fariam por ele. O que

será de você quando tiver 40 anos? Será como Mr. Bowyer, eu suponho, insolente, morando na sala de Mrs. Beck, gordo e maltrapilho, esperando que alguém o convide para jantar e passando a manhã aprendendo uma canção cômica, ou melhor, aprendendo uma melodia na flauta.

Os lábios de Mary começaram a se curvar em um sorriso assim que fez a pergunta sobre o futuro de Fred (as almas jovens mudam rapidamente) e, antes de concluir, seu rosto iluminou-se totalmente divertido. Para ele, o fato de que Mary pudesse rir dele era como o término de uma dor, e com uma espécie de sorriso passivo ele tentou alcançar a mão dela. Porém, ela se esgueirou rapidamente em direção à porta, e disse:

– Vou avisar o tio. Você deve vê-lo, nem que seja por dois minutos.

Fred secretamente sentia que seu futuro estava a salvo das profecias sarcásticas de Mary, além de “qualquer coisa” que estava disposto a fazer se ela dissesse o quê. Na presença de Mary, ele nunca se atrevia a abordar o assunto de suas expectativas em relação a Mr. Featherstone, e ela sempre as ignorava, como se tudo dependesse dele mesmo. No entanto, se alguma vez ele realmente chegasse a herdar as propriedades, ela teria de reconhecer a mudança que aquilo representaria na sua posição. Tudo isso passou por sua mente de forma um tanto vaga antes de ele subir para ver seu tio. Ele ficou apenas um pouco, desculpando-se, alegando que estava resfriado, e Mary não reapareceu antes que ele fosse embora. Porém, ao voltar para casa, ele tomou consciência de que, mais do que melancólico, ele estava doente.

Quando Caleb Garth chegou a Stone Court logo após o anoitecer, Mary não se surpreendeu, embora ele raramente encontrasse tempo para visitá-la e não gostasse de ter que falar com Mr. Featherstone. O velho, por sua vez, sentia-se pouco à vontade com um cunhado a quem não podia molestar, que não se importava em ser considerado pobre, que não tinha nada a lhe pedir e que entendia de todo tipo de agricultura e mineração melhor do que ele. Mas Mary tinha certeza de que seus pais iriam querer vê-la e se ele não tivesse vindo, ela teria pedido permissão para ir para casa por uma ou duas horas no dia seguinte.

Depois de discutir os preços com Mr. Featherstone durante o chá, Caleb levantou-se para partir e disse: – Quero falar com você, Mary.

Ela levou uma vela para outra sala, onde não havia fogo, depositou a luz fraca na mesa de mogno escuro, virou-se para o pai e, colocando os braços em volta do seu pescoço, beijou-o com uma expressividade infantil que ele adorava, suavizando a expressão de suas grandes sobrancelhas, como acontece com um grande e belo cão quando é acariciado. Mary era sua filha favorita, e independentemente do que Susan pudesse dizer, e por mais que estivesse certa em todos os outros assuntos, Caleb achava natural que Fred ou qualquer outro considerasse Mary mais adorável do que as outras moças.

– Eu tenho algo para te dizer, minha querida – disse Caleb, em seu jeito hesitante. – Não são boas notícias, mas bem, podiam ser piores.

– É sobre dinheiro, pai? Acho que sei o que é.

– Sabe? Como pode saber? Você vê, eu fui um pouco idiota de novo, e coloquei meu nome em uma nota promissória; e agora tenho que pagar. Sua mãe terá que se desfazer de suas economias, essa é a pior parte, e mesmo assim elas não vão equilibrar as coisas. Necessitamos de cento e dez libras. Sua mãe tem noventa e duas e eu não tenho nada no banco; ela acha que você tem algumas economias.

– Ah, sim; tenho mais de vinte libras. Achei que você viria, papai; aqui estão elas. Veja! Que lindas notas!

Mary tirou o dinheiro dobrado de sua bolsa e colocou-o nas mãos do pai.

– Bem, filha..., mas como...? Nós só precisamos de dezoito; aqui, coloque o resto de volta, criança... mas como você sabia? – perguntou Caleb, que, em sua invencível indiferença pelo dinheiro, começava a se preocupar principalmente em como o assunto poderia afetar os sentimentos da filha.

– Fred me contou essa manhã.

– Ah! Ele veio com este propósito?

– Sim, acho que sim. Ele estava bastante angustiado.

– Receio que não se pode confiar em Fred, Mary – disse o pai, com ternura

hesitante. – Suas intenções são melhores do que suas ações, talvez. Mas eu acho uma pena que a felicidade de alguém dependa dele. Sua mãe também pensa assim.

– E eu também, papai – disse Mary, sem erguer os olhos, mas colocando as costas da mão do pai em sua bochecha.

– Eu não quero me intrometer, minha querida. Mas eu estava com medo de que pudesse haver algo entre você e Fred e eu queria alertá-la. Você vê, Mary – a voz de Caleb tornou-se mais terna; ele estava empurrando o chapéu de um lado para o outro sobre a mesa e olhando para ele, mas finalmente voltou os olhos para a filha –, uma mulher, por mais valorosa que seja, tem que levar a vida que o marido lhe proporciona. Sua mãe tem aturado muitas coisas por minha causa.

Mary levou as costas da mão do pai aos lábios e sorriu para ele.

– Bem, bem, ninguém é perfeito, mas – neste momento, Mr. Garth balançou a cabeça para compensar na inadequação das palavras –, o que estou pensando é, bem, como que deve ser para uma esposa quando ela nunca está segura com seu marido, quando ele não tem princípios que o façam mais temeroso de fazer a coisa errada e prejudicar os outros, sem sentir ele mesmo o incômodo. É isso, Mary. Os jovens podem se apaixonar antes de conhecer o que é a vida, e podem pensar que basta estar juntos para que tudo seja uma festa. Mas logo surgem os dias de trabalho, minha querida. No entanto, você tem mais bom senso do que a maioria, e não foi criada com privilégios. Pode não haver motivo para que eu diga isso, mas um pai teme por sua filha, e você está sozinha aqui.

– Não tema por mim, papai – disse Mary, olhando para os olhos do pai com seriedade –, Fred sempre foi muito bom para mim; ele é bondoso e afetuoso, e apesar da sua autoindulgência, ele não é falso. Mas eu nunca vou me comprometer com alguém que não seja independente, e que passa o tempo na espera de que outras pessoas vão cuidar dele. O senhor e minha mãe me ensinaram a ter muito orgulho para isso.

– Isso mesmo, isso mesmo. Então, fico mais tranquilo – disse Mr. Garth, pegando o chapéu. – Mas não é fácil para nós levar as suas economias, filha.

– Papai! – disse Mary, em seu tom mais profundo de protesto –, leve também todo o meu carinho para as pessoas lá de casa – foram suas últimas palavras antes que ele fechasse a porta.

– Suponho que seu pai veio atrás do seu salário – disse o velho Mr. Featherstone, com sua habitual facilidade para fazer suposições desagradáveis, quando Mary voltou para ele. – Deve ser difícil para ele pagar as contas, creio eu. Você já é maior de idade; deveria economizar para si mesma.

– Eu considero meu pai e minha mãe a melhor parte de mim mesma, senhor – disse Mary, com frieza.

Mr. Featherstone resmungou; ele não podia negar que se esperava que uma garota comum como ela fosse útil, então pensou em outra resposta, desagradável o suficiente para ser sempre oportuna.

– Se Fred Vincy vier amanhã, não fique tagarelando com ele. Deixe-o vir até mim.

CAPÍTULO XXVI

“Ele me bate e eu o repreendo: Oh, digna satisfação!
Se fosse o contrário, que eu pudesse vencê-lo enquanto ele me repreende”.
– TROILO e CRÉSSIDA

Mas Fred não foi a Stone Court no dia seguinte, por razões bastante peremptórias. Aquelas visitas às ruas nada higiênicas de Houndsley em busca de Diamond, resultaram não apenas um péssimo negócio com o cavalo, mas também o infortúnio de alguma doença que por um ou dois dias parecia uma mera depressão e dor de cabeça, mas que piorou tanto quando voltou de Stone Court que, quando entrou na sala de jantar, ele jogou-se no sofá e, em resposta à pergunta ansiosa de sua mãe, disse:

– Eu me sinto muito mal; acho que é melhor chamar Wrench.

Wrench veio, mas não encontrou nada sério; falou de uma “ligeira perturbação” e não disse que voltaria no dia seguinte. Ele tinha muito respeito pela família Vincy, mas mesmo os homens mais prudentes tendem a se deixar ofuscar pela rotina e, nas manhãs agitadas, às vezes, fazem seu trabalho com o entusiasmo do tocador de sinos. Mr. Wrench era um homem baixo, elegante e irritadiço, com uma peruca imaculada; possuía uma prática laboriosa, um temperamento irascível, uma esposa linfática e sete filhos e já estava um pouco atrasado para uma viagem de quatro milhas para encontrar Dr. Minchin na outra extremidade de Tipton, pois a morte de Hicks, um médico rural, havia aumentado o número de pacientes de Middlemarch naquela direção. Os grandes estadistas podiam errar; por que não os médicos insignificantes? Mr. Wrench não deixou de receitar os pacotinhos brancos de costume, que nesta ocasião continham consequências negras e drásticas. Seu efeito não aliviou o pobre Fred,

que, no entanto, recusava-se a acreditar que estava “prestes a ficar doente”. Levantou-se como de costume na manhã seguinte e desceu as escadas com a intenção de tomar o café da manhã, mas sem conseguir êxito além de sentar-se tremendo perto do fogo. Mr. Wrench foi novamente chamado, mas não foi encontrado e Mrs. Vincy, notando a mudança na aparência de seu predileto e a tristeza geral, começou a chorar e disse que mandaria chamar Dr. Sprague.

– Que bobagem, mãe! Não é nada – disse Fred, estendendo para ela uma mão seca e febril. – Logo estarei bem. Devo ter apanhado um resfriado naquela viagem úmida e nojenta.

– Mamãe! – disse Rosamond, que estava sentada perto da janela (as janelas da sala de jantar davam para aquela rua altamente respeitável chamada Lowick Gate) – lá está Mr. Lydgate, conversando com alguém. Acho que deveria chamá-lo. Ele curou Ellen Bulstrode. Dizem que cura todo mundo.

Mrs. Vincy correu para a janela e a abriu em um instante, pensando apenas em Fred e não no protocolo médico. Lydgate estava a apenas dois metros do outro lado de um portão de ferro e virou-se com o ruído da janela antes que ela o chamasse. Em dois minutos, ele estava na sala da qual Rosamond saiu depois de demonstrar uma certa inquietude em consonância com o que entendia ser discrição.

Lydgate precisou ouvir uma narrativa na qual a mente de Mrs. Vincy insistia com notável instinto em todos os pontos de menor importância, especialmente sobre o que Mr. Wrench havia dito sobre voltar ou não. Lydgate percebeu a situação difícil que o atendimento poderia criar entre ele e Wrench, mas o caso era sério o suficiente para fazê-lo rejeitar essa consideração: ele estava convencido de que Fred estava na fase de incubação da febre tifoide e que havia tomado os medicamentos errados. O rapaz deveria ir imediatamente para a cama, ser atendido por uma enfermeira e teria que tomar certas precauções, sobre os quais Lydgate foi muito preciso. O terror da pobre Mrs. Vincy com essas indicações de perigo encontrou vazão nas palavras que vinham com mais facilidade. Ela dizia ser “um ultraje por parte de Mr. Wrench, que havia

frequentado sua casa por tantos anos, dar preferência a Mr. Peacock, embora Mr. Peacock fosse igualmente um amigo. Não podia entender por que Mr. Wrench deveria negligenciar seus filhos mais do que os outros. Ele não tinha feito o mesmo com os filhos de Mrs. Larcher quando eles tiveram sarampo, coisa que Mrs. Vincy jamais teria desejado. E se alguma coisa acontecer...”

Neste momento, a pobre Mrs. Vincy desmoronou completamente, e seu pescoço de Niobe e seu rosto bem-humorado ficaram tristemente convulsionados. Isso aconteceu no corredor, fora do alcance de Fred, mas Rosamond havia aberto a porta da sala de estar e agora avançava ansiosamente. Lydgate pediu desculpas por Mr. Wrench, dizendo que os sintomas do dia anterior podiam ter sido equivocados, e que esse tipo de febre era muito confuso no início; ele iria imediatamente ao farmacêutico e pediria para preparar uma receita para não perder mais tempo, mas escreveria a Mr. Wrench para comunicá-lo do que havia sido feito.

– Mas o senhor deve voltar, o senhor deve continuar atendendo Fred. Eu não posso deixar meu filho nas mãos de alguém que pode vir ou não. Eu não guardo rancor de ninguém, graças a Deus, e Mr. Wrench me salvou da pleurisia, mas seria melhor que me deixasse morrer se... se...

– Virei encontrar Mr. Wrench aqui, então, certo? – disse Lydgate, convencido de que Wrench não estava preparado para lidar sabiamente com um caso como este.

– Por favor, peço que se encarregue disso, Mr. Lydgate – disse Rosamond, vindo em auxílio de sua mãe e apoiando seu braço para conduzi-la.

Quando Mr. Vincy voltou do trabalho, ficou muito zangado com Wrench e manifestou que não se importaria se ele nunca mais voltasse a pisar em sua casa. Lydgate deveria continuar com o caso, quer Wrench gostasse ou não. Não era brincadeira ter febre em casa. Deveria avisar a todas as pessoas para que não fossem jantar na quinta-feira. E Pritchard não precisaria ir buscar o vinho, conhaque era a melhor coisa contra uma infecção.

– Vou beber conhaque – acrescentou Mr. Vincy, enfaticamente, como se

estivesse dando a entender que não era ocasião para soltar fogos. – É um rapaz extraordinariamente desafortunado este Fred. Ele vai precisar de um pouco de sorte no futuro para compensar tudo isso, senão eu não sei quem iria querer ter um filho primogênito assim.

– Não diga isso, Vincy – disse a mãe, com a voz trêmula –, se não quiser que ele seja tirado de mim.

– Isso vai te matar de preocupação, Lucy, vejo isso bem claro – disse Mr. Vincy, mais suavemente. – No entanto, Wrench deve saber o que eu penso sobre o assunto.

O que Mr. Vincy pensava confusamente era que a febre poderia ter sido evitada de alguma forma se Wrench tivesse mostrado a devida solicitude com a sua (família do prefeito). – Eu sou o último homem a ceder aos pedidos de novos médicos, ou novos pastores também, sejam eles homens de Bulstrode ou não. Mas Wrench deve saber o que eu penso, aceite como quiser.

Wrench não aceitou muito bem. Lydgate foi o mais educado que sua brusca personalidade permitia, mas a educação por parte de um homem que o coloca em desvantagem constitui apenas uma exasperação adicional, especialmente se a pessoa em questão for um objeto de desagrado. Os médicos rurais costumavam ser uma espécie irritável, suscetível quanto à sua honra, e Mr. Wrench era um dos mais irritáveis entre eles. Ele não se recusou a se encontrar com Lydgate naquela tarde, mas seu temperamento foi posto à prova na ocasião. Ele teve que ouvir Mrs. Vincy dizer:

– Oh, Mr. Wrench, o que eu fiz para que o senhor me tratasse dessa maneira? Para que fosse embora e nunca mais voltasse? Meu filho poderia estar morto agora.

Mr. Vincy, que mantinha o fogo forte para combater a infecção inimiga, e por isso estava bastante acalorado, levantou-se quando ouviu Wrench entrar e foi até o corredor para lhe dizer o que pensava.

– Vou te dizer uma coisa, Wrench, isso foi mais que uma brincadeira – disse o prefeito, que recentemente tivera de repreender os infratores com um ar oficial, e

agora se alargava colocando os polegares nas cavas do colete. – Deixar a febre instalar-se assim numa casa, sem se dar conta. Há algumas coisas que deveriam ser contestadas, e não são, esta é a minha opinião!

Porém, as censuras irracionais eram mais fáceis de suportar do que a sensação de ser instruído, ou melhor, a sensação de que um homem mais jovem, como Lydgate, internamente o considerasse carente de instrução, pois “na verdade”, disse Mr. Wrench mais tarde, Lydgate expôs noções incorretas e estrangeiras, que não se sustentariam. Ele engoliu a ira por um momento, mas depois escreveu recusando-se a voltar a tratar do caso. A família podia ser boa, mas Mr. Wrench não iria ceder diante de ninguém em assuntos profissionais. Ele refletiu que seria muito provável que, com o tempo, Lydgate também fosse pego tropeçando, e que suas tentativas pouco cavalheirescas de desacreditar a venda de fármacos por seus companheiros de profissão, aos poucos se voltariam contra ele mesmo. Ele fez alguns comentários mordazes sobre os truques de Lydgate, dignos apenas de um charlatão, para conseguir uma reputação artificial entre pessoas crédulas. Nenhum médico sério empregava aqueles jargões na cura.

Esse foi um ponto em que Lydgate magoou-se tanto quanto Wrench poderia desejar. Ser acusado de ignorância não era apenas humilhante, mas perigoso, e não mais invejável do que a reputação de quem faz previsão do tempo. Ele estava impaciente com as expectativas tolas em meio às quais todo trabalho deveria ser realizado, e provavelmente o suficiente para se prejudicar tanto quanto Mr. Wrench pudesse desejar, por usar de muita franqueza, coisa que na profissão não se usava.

No entanto, Lydgate foi nomeado o médico dos Vincys e o evento foi assunto de comentário geral em Middlemarch. Alguns disseram que os Vincys se comportaram de forma escandalosa, que Mr. Vincy havia ameaçado Wrench e que Mrs. Vincy o havia acusado de envenenar seu filho. Outros opinavam que o fato de Mr. Lydgate estar passando por ali fora providencial, que ele era assombrosamente capaz em matéria de febres e que Bulstrode tinha razão em apoiá-lo. Muitas pessoas acreditavam que a vinda de Lydgate à cidade se devia,

na verdade, a Bulstrode, e Mrs. Taft, que estava sempre contando pontos e reunia suas informações em fragmentos enganosos ouvidos entre as fileiras de seu tricô, meteu na cabeça que Mr. Lydgate era filho natural de Bulstrode, fato que parecia justificar suas suspeitas a respeito dos leigos evangélicos.

Um dia, ela comunicou esta informação a Mrs. Farebrother, que não deixou de contar a seu filho, observando:

– Eu não deveria estar surpresa com nada que venha de Bulstrode, mas sinto muito por Mr. Lydgate.

– Ora, mãe – disse Mr. Farebrother, depois de uma risada explosiva –, a senhora sabe muito bem que Lydgate vem de uma boa família do Norte. Ele nunca tinha ouvido falar de Bulstrode antes de chegar aqui.

– Isso é satisfatório no que diz respeito a Mr. Lydgate, Camden – disse a velha senhora, com um ar de precisão –, mas, quanto a Bulstrode, o relato pode ser verdadeiro para algum outro filho.

CAPÍTULO XXVII

“Deixe que a musa cante o amor olímpico:
Somos apenas mortais e devemos cantar sobre o homem.”

Um eminente filósofo entre meus amigos, que pode dignificar até mesmo seu mobiliário mais feio erguendo-o à luz serena da ciência, mostrou-me este pequeno fato significativo. O espelho, ou a superfície de aço polido feita para ser lustrada por uma criada, possui múltiplos e minuciosos riscos em todas as direções... mas coloque em frente a ele uma vela acesa como centro de iluminação, e eis que os arranhões parecerão se organizar formando uma série de círculos concêntricos ao redor daquele pequeno sol. É possível demonstrar que os arranhões seguem mantendo uma direção imparcial e apenas a vela produz a ilusão lisonjeira de uma organização concêntrica, sua luz incidindo com uma seleção óptica exclusiva. Tudo isso é uma parábola. Os arranhões são acontecimentos e a vela é o egoísmo de qualquer pessoa agora ausente, de Miss Vincy, por exemplo. Rosamond tinha uma providência própria que muito gentilmente a tornara mais atraente do que as outras moças, e que parecia ter providenciado a doença de Fred e o erro de Mr. Wrench para aproximá-la efetivamente de Lydgate. Teria sido uma violação desses arranjos se Rosamond tivesse consentido em ir para Stone Court ou qualquer outro lugar, como seus pais desejavam que ela fizesse, especialmente porque Mr. Lydgate considerava a precaução desnecessária. Portanto, enquanto Miss Morgan e as crianças foram mandadas para uma casa de fazenda na manhã seguinte à declaração da doença de Fred, Rosamond recusou-se a deixar papai e mamãe.

A pobre mamãe, de fato, era um objeto comovente para qualquer criatura nascida de mulher, e Mr. Vincy, que adorava sua esposa, estava mais preocupado

com ela do que com Fred. Se não fosse por sua insistência, ela não teria sequer descansado: seu brilho havia se apagado e, desinteressada por seu vestuário, que sempre tinha sido tão fresco e alegre, ela parecia agora um pássaro doente, com olhos lânguidos e plumagem alvoroçada, os sentidos surdos a tudo que antes lhe interessava. O delírio de Fred, no qual ele parecia estar se afastando dela, partia seu coração. Depois de sua primeira explosão contra Mr. Wrench, ela caminhava pela casa em silêncio, rompido apenas quando falava com Mr. Lydgate. Ela o seguia para fora da sala e colocava a mão em seu braço, gemendo: “Salve meu menino”. Certa vez, ela implorou: “Ele sempre foi bom para mim, Mr. Lydgate, jamais teve uma palavra dura para sua mãe”, como se o sofrimento do pobre Fred fosse uma acusação contra ele. Todas as fibras mais profundas da memória da mãe foram agitadas, e o jovem cuja voz assumia um tom mais suave quando falava com ela, se confundia com o bebê que ela havia amado, com um amor novo para ela, antes de ele nascer.

– Tenho muitas esperanças, Mrs. Vincy – dizia Lydgate. – Venha comigo e vamos conversar sobre a sua alimentação.

Desse modo, ele a conduzia até a sala de visitas onde Rosamond estava, com a intenção de distraí-la, surpreendendo-a com um chá ou caldo que haviam sido preparados para ela. Havia um entendimento constante entre ele e Rosamond sobre esses assuntos. Ele quase sempre a via antes de ir para o quarto do doente, e ela pedia seus conselhos sobre o que poderia fazer por sua mãe. Sua presença de espírito e destreza em executar suas sugestões eram admiráveis, e não é maravilhoso que Rosamond começasse a se confundir com o interesse dele pelo caso? Principalmente quando o estágio crítico passou e ele começou a se sentir confiante na recuperação de Fred. Em um momento mais duvidoso, ele aconselhou chamar Dr. Sprague (quem preferia ter permanecido neutro, por causa de Wrench). Porém, depois de duas consultas, a condução do caso foi deixada para Lydgate, e havia todos os motivos para torná-lo assíduo. Ele ia à casa de Mr. Vincy de manhã e à tarde, e gradualmente as visitas se tornaram alegres à medida que Fred se tornava simplesmente fraco, e não só precisava de

um carinho extremo, mas também estava consciente dele, o que fazia com que Mrs. Vincy se sentisse como se, afinal de contas, a doença lhe houvesse proporcionado um festival para sua ternura.

Tanto o pai quanto a mãe consideraram o acontecimento como um motivo adicional de bom humor quando o velho Mr. Featherstone enviou mensagens através de Lydgate, dizendo que Fred precisava se apressar e ficar bom, pois ele, Peter Featherstone, não poderia viver sem ele e, infelizmente, ficar sem suas visitas. O próprio velho estava ficando acamado. Mrs. Vincy repassava as mensagens a Fred quando ele estava em condições de ouvir, e ele voltava para ela seu rosto delicado e contraído, do qual todo o cabelo louro e espesso havia sido cortado, e no qual os olhos pareciam ter crescido, ansiando por alguma palavra sobre Mary, perguntando-se o que ela sentia sobre a doença dele. Nenhuma palavra saiu de seus lábios, mas “ouvir com os olhos pertence ao raro engenho do amor”, e a mãe na plenitude de seu coração não apenas adivinhou, mas sentiu-se pronta para qualquer sacrifício que pudesse satisfazê-lo.

– Se ao menos eu pudesse ver meu filho forte outra vez – dizia ela, com terna insensatez – e quem sabe?... talvez, o senhor de Stone Court!... então ele poderia se casar com quem quisesse.

– Não se eles não me aceitarem, mãe – dizia Fred. A doença o tornara infantil e as lágrimas caíam enquanto ele falava.

– Vamos, vamos, pegue um pouco de geleia, meu querido – dizia Mrs. Vincy, secretamente incrédula diante de tal recusa.

Ela nunca saía do lado de Fred quando o marido não estava em casa e, portanto, Rosamond se encontrava na posição incomum de ficar muito sozinha. Naturalmente, Lydgate nunca pensava em ficar muito tempo com ela, mas parecia que as breves conversas impessoais que mantinham estavam criando aquela intimidade peculiar que consiste na timidez. Eles eram obrigados a olhar um para o outro enquanto falavam e, de alguma forma, esse olhar não podia ser sustentado como a coisa natural que realmente era. Lydgate começou a sentir esse tipo de consciência desagradável e um dia baixou os olhos e olhou para

qualquer outro lugar, como uma marionete mal manejada. Mas o resultado não foi bom; no dia seguinte, Rosamond baixou o olhar, e a consequência foi que, quando seus olhos se encontraram novamente, ambos estavam mais conscientes do que antes. Não havia ajuda para isso na ciência, e como Lydgate não queria flertar, parecia não encontrar socorro na frivolidade. Portanto, foi um alívio quando os vizinhos não consideraram mais a casa em quarentena e as chances de ver Rosamond sozinha foram muito reduzidas.

Porém, tendo uma vez existido, não é fácil esquecer os efeitos dessa intimidade fruto de um constrangimento mútuo, na qual cada um percebe que o outro está sentindo algo. Falar sobre o tempo e outros tópicos civilizados pode parecer um artifício vazio, e o comportamento dificilmente pode se tornar fácil a menos que se reconheça abertamente uma fascinação mútua, o que, é claro, não precisa significar nada profundo ou sério. Foi assim que Rosamond e Lydgate se ajustaram de forma elegante e tornaram a relação animada. Os visitantes iam e vinham como de costume, havia mais uma vez música na sala e, também, toda a hospitalidade de Mr. Vincy como prefeito. Lydgate, sempre que podia, sentava-se ao lado de Rosamond e demorava-se para ouvir sua música, dizendo ser seu prisioneiro, embora sua intenção fosse a de não ser. O absurdo da ideia de que ele poderia estabelecer-se iminente e satisfatoriamente como um homem casado era uma garantia suficiente contra o perigo. A brincadeira de fingir estar um pouco apaixonado era agradável e não interferia em atividades mais sérias. Afinal, o flerte não supunha necessariamente um processo no qual um homem poderia sair chamuscado. Rosamond, por sua vez, nunca havia gostado tanto dos seus dias: ela tinha a certeza de ser admirada por alguém que valia a pena cativar e não distinguia o flerte do amor, nem em si mesma nem na outra pessoa. Ela parecia estar navegando com vento favorável para onde queria ir, e seus pensamentos estavam muito ocupados com uma bela casa em Lowick Gate, que ela esperava que logo estivesse vazia. Ela estava bastante determinada, uma vez casada, a livrar-se habilmente de todas as visitas que não eram agradáveis na casa de seu pai, e imaginava a sala de estar de sua casa favorita com vários

estilos de móveis.

Certamente, seus pensamentos estavam muito ocupados com o próprio Lydgate, que lhe parecia quase perfeito: se ele entendesse um pouco de música, para que o encantamento que o possuía ao ouvi-la não parecesse tanto ao de um elefante emocionado, e se ele tivesse sido capaz de apreciar melhor os refinamentos de seu gosto ao se vestir, Rosamond dificilmente poderia ter encontrado um defeito nele. Como ele era diferente do jovem Plymdale ou de Mr. Caius Larcher! Esses jovens não tinham a menor noção de francês e não podiam falar sobre nenhum assunto com conhecimento de causa, exceto talvez os ramos da tinturaria e transportes, o que obviamente tinham vergonha de mencionar; eram nobres de Middlemarch, exultantes com seus chicotes de cabeça de prata e laços de cetim, mas envergonhados em suas maneiras e timidamente espirituosos. Até Fred era superior a eles, já que possuía ao menos os hábitos e os modos de um universitário. Pelo contrário, Lydgate era sempre ouvido, entediava-se com a polidez descuidada da superioridade consciente e parecia estar vestido com as roupas adequadas por uma certa afinidade natural, sem nunca ter de pensar nelas. Rosamond sentia-se orgulhosa quando ele entrava na sala, e quando ele se aproximava dela com um sorriso distinto, tinha a deliciosa sensação de ser objeto de uma homenagem invejável. Se Lydgate tivesse consciência de todo o orgulho que despertava naquele delicado coração, poderia ter ficado tão satisfeito quanto qualquer outro homem, mesmo o mais ignorante sobre a patologia dos humores ou do tecido fibroso: ele considerava uma das atitudes mais bonitas da mente feminina a adoração pela superioridade de um homem sem um conhecimento muito preciso acerca do que consistia.

Mas Rosamond não era uma dessas jovens indefesas que se traem inconscientemente, cujo comportamento é desajeitado ditado por seus impulsos, ao invés de ser governado por prudente encanto e decoro. Podem imaginar que seus prognósticos e conspirações a respeito da mobília da casa e das companhias jamais foram perceptíveis em suas conversas, até mesmo com sua mãe? Ao contrário, ela teria expressado a mais bela surpresa e desaprovação se soubesse

que outra jovem havia manifestado semelhante precipitação imodesta. Na verdade, provavelmente não teria acreditado nessa possibilidade. Rosamond nunca demonstrava conhecimentos impróprios, apresentando-se sempre com essa combinação de sentimentos corretos, música, dança, desenho, notas elegantes escritas à mão, um álbum privado de poesias escolhidas e a perfeita beleza loira que tornava a mulher irresistível para o homem condenado daquele período. Imploro que não pensem mal dela: ela não conspirava tramas perversas, nada sórdido ou mercenário; efetivamente, ela nunca pensava em dinheiro, exceto como algo necessário que outras pessoas sempre proporcionariam. Ela não tinha o hábito de inventar falsidades e se suas declarações não se ajustassem diretamente aos fatos, ela dizia que não era essa sua intenção, a menos que, assim como outros dos seus elegantes atributos, tivesse a finalidade de agradar. Ao finalizar seu período de aprendiz como a pupila favorita de Mrs. Lemon, a natureza havia inspirado numerosas artes, e a opinião geral (com exceção de Fred) era que Rosamond possuía uma rara combinação de beleza, inteligência e amabilidade.

Lydgate achava cada vez mais agradável estar com ela. Não havia mais constrangimento entre eles, apenas uma deliciosa troca de influência em seus olhares, e o que eles diziam tinha aquele excesso de significado que uma terceira pessoa observaria com certo aborrecimento, mas continuavam sem temer as conversas ou divagações das quais uma terceira pessoa seria excluída. Com efeito, eles flertaram, e Lydgate estava convencido de que não faziam nada demais. Se um homem não pudesse amar e ser prudente, certamente ele poderia flertar e ser prudente. A verdade era que os homens de Middlemarch, exceto Mr. Farebrother, eram muito chatos, e Lydgate não se interessava por política comercial nem cartas: o que ele poderia fazer para se distrair? Ele era frequentemente convidado a ir à residência dos Bulstrodes, mas ali as meninas mal tinham terminado os estudos, e a maneira ingênua com a qual Mrs. Bulstrode conciliava piedade e mundanidade, o vácuo desta vida e o desejo pelos cristais lapidados, a percepção simultânea de trapos imundos e o melhor

damasco, constituía um respiro insuficiente para o peso da invariável seriedade de seu marido. Apesar de suas falhas, a casa dos Vincys era a mais agradável em comparação; além disso, havia Rosamond, tão encantadora como uma rosa desabrochando e dotada de atributos para a refinada distração de um homem.

No entanto, seu êxito com Miss Vincy lhe rendera outros inimigos, além dos médicos. Uma noite, ele entrou na sala bastante tarde, quando vários outros visitantes já estavam lá. A mesa de cartas havia atraído os mais velhos e Mr. Ned Plymdale (um dos melhores partidos de Middlemarch, embora não fosse uma de suas melhores mentes) mantinha um tête-à-tête com Rosamond. Ele havia trazido o último número de "*Keepsake*", a maravilhosa publicação em papel de seda que indicava o progresso moderno da época, e se considerava muito afortunado por poder ser o primeiro a folheá-lo com Rosamond, detendo-se nas damas e cavalheiros com bochechas e sorrisos reluzentes, chamando de formidáveis os poemas cômicos e de interessantes as histórias sentimentais. Rosamond mostrava-se condescendente e Mr. Ned estava satisfeito por ter em suas mãos o que havia de melhor em arte e literatura como meio de "fazer a corte" e deleitar uma jovem agradável. Ele também tinha motivos, mais profundos do que ostensivos, para estar satisfeito com sua própria aparência. Para o observador superficial, seu queixo dava a impressão de estar se desvanecendo, como se estivesse sendo reabsorvido gradualmente. E isso de fato lhe causava alguma dificuldade quanto ao ajuste de suas gravatas de cetim, para as quais os queixos eram então úteis.

– Acredito que a ilustre Mrs. S. se parece um pouco com a senhorita – disse Mr. Ned. Ele mantinha o livro aberto diante do retrato encantador e olhava para ele com um ar meio lânguido.

– Os ombros dela são muito largos, e este parece ter sido o objetivo desta pose – disse Rosamond, sem nenhuma intenção satírica, mas pensando em como as mãos do jovem Plymdale estavam vermelhas e se perguntando por que Lydgate ainda não tinha aparecido. Ela continuou com seu rendado.

– Eu não disse que ela era tão bonita quanto a senhorita – disse Ned,

aventurando-se a levantar a vista da mulher do retrato para olhar para a sua rival.

– Suspeito que seja um autêntico lisonjeador – disse Rosamond, certa de que deveria rejeitar o jovem cavalheiro uma segunda vez.

Neste momento, Lydgate entrou. O livro foi fechado antes que ele alcançasse o canto onde Rosamond se encontrava, e quando ele se sentou com facilidade e confiança ao seu lado, o queixo do jovem Plymdale caiu como um barômetro em direção ao lado mais triste da mudança. Rosamond apreciou não apenas a presença de Lydgate, mas também o efeito que ela causava: ela gostava de provocar ciúme.

– O senhor chegou muito tarde – disse ela, enquanto lhe estendia a mão. – Mamãe perguntou pelo senhor há pouco. Como está Fred?

– Como sempre: recuperando-se, mas lentamente. Eu gostaria que ele fosse... para Stone Court, por exemplo. Mas sua mãe parece ter alguma objeção.

– Pobre Fred! – disse Rosamond, com doçura. – O senhor vai achar Fred tão mudado – acrescentou ela, voltando-se para o outro pretendente. – Mr. Lydgate tem sido nosso anjo da guarda durante sua doença.

Mr. Ned esboçou um sorriso nervoso enquanto Lydgate, puxando o "*Keepsake*" em sua direção e abrindo-o, soltou uma risada curta e desdenhosa e ergueu o queixo, como se estivesse maravilhado com a estupidez humana.

– Do que você está rindo tão irreverentemente? – perguntou Rosamond, com suave neutralidade.

– Eu me pergunto o que é mais idiota, as gravuras ou a escrita – respondeu Lydgate, em seu tom mais convicto, enquanto virava as páginas rapidamente, como se pretendesse ver todo o exemplar em um único momento e, como esperava Rosamond, exibindo suas grandes mãos brancas com muita vantagem. – Veja este noivo saindo da igreja: já viram uma "imagem tão açucarada", como os elisabetanos costumavam dizer? Algum dono de armarinho já pareceu tão sorridente? Mesmo assim, estou certo de que a história o transforma em um dos melhores cavalheiros do país.

– O senhor é tão severo que me assusta – disse Rosamond, mantendo sua

diversão devidamente moderada. O pobre jovem Plymdale havia admirado esta mesma gravura, e seu ânimo viu-se alterado.

– Há muitas pessoas célebres escrevendo para o "*Keepsake*" – disse ele, em um tom ao mesmo tempo irritado e tímido. – Esta é a primeira vez que ouço o anuário ser chamado de idiota.

– Acho que vou ser obrigada a acusá-lo de ser um selvagem – disse Rosamond, dirigindo-se a Lydgate com um sorriso. – Suspeito que o senhor não saiba nada sobre lady Blessington e L. E. L.[94] – a própria Rosamond apreciava estas escritoras, mas não se comprometia facilmente expressando sua admiração e estava atenta à mínima insinuação de que, de acordo com Lydgate, não fossem do mais alto gosto.

– Mas Sir Walter Scott ... suponho que Mr. Lydgate o conheça – disse o jovem Plymdale, um pouco animado com a vantagem.

– Bem, eu não estou lendo literatura neste momento – disse Lydgate, fechando o livro e colocando-o de lado. – Eu li tanto quando era menino que suponho que bastará pelo resto da minha vida. Eu costumava saber de cor os poemas de Scott.

– Eu gostaria de saber onde parou – disse Rosamond –, porque então eu poderia ter certeza de saber algo que o senhor desconhece.

– Mr. Lydgate diria que não valeria a pena saber – disse Mr. Ned, intencionadamente cáustico.

– Pelo contrário – disse Lydgate, sem se mostrar irritado, mas sorrindo para Rosamond com uma confiança exasperante –, valeria a pena saber pelo fato de que é Miss Vincy quem vai me contar.

O jovem Plymdale afastou-se na direção da mesa de uíste, pensando que Lydgate era um dos sujeitos mais presunçosos e desagradáveis que havia tido a má sorte de conhecer.

– Como o senhor é imprudente! – disse Rosamond, interiormente encantada. – Não vê que o ofendeu?

– Por quê? O livro pertence a Mr. Plymdale? Sinto muito. Eu não sabia.

– Vou começar a admitir que está certo o que disse de si mesmo quando veio aqui pela primeira vez, que é um urso e precisa ser ensinado pelos pássaros.

– Bem, há um pássaro que pode me ensinar tudo o que quiser. Não é verdade que a escuto de boa vontade?

Para Rosamond, parecia que ela e Lydgate estavam praticamente comprometidos. O fato de eles demorarem para ficar noivos há muito era uma ideia em sua mente, e nós todos sabemos que as ideias, desde que os materiais necessários estejam à mão, tendem a um tipo de existência mais sólida. É certo que Lydgate tinha uma ideia contrária de permanecer solteiro, mas esta era simplesmente uma sombra projetada por outras decisões que eram suscetíveis de desaparecer. Era quase certo que as circunstâncias estariam ao lado das ideias de Rosamond, que tinha uma atividade modeladora e a supervisão de atentos olhos azuis, enquanto as de Lydgate permaneciam cegas e despreocupadas como uma água-viva que se derrete sem saber.

Naquela noite, ao voltar para casa, ele observou seus frascos para ver como se desenrolava o processo de maceração com interesse imperturbável, e escreveu suas anotações diárias com a precisão de sempre. Os devaneios dos quais era difícil para ele se separar eram construções ideais de outras coisas que não eram as virtudes de Rosamond, e o tecido primitivo seguia sendo seu belo desconhecido. Além disso, ele começava a sentir algum entusiasmo pela crescente, embora meio suprimida, rivalidade entre ele e os outros médicos, que provavelmente se tornaria mais evidente, agora que o método de Bulstrode para administrar o novo hospital estava a ponto de tornar-se público, e havia vários sinais inspiradores de que sua recusa por alguns dos pacientes de Peacock poderia ser contrabalançada pela impressão que ele havia produzido em outras áreas. Apenas alguns dias depois, quando ele casualmente encontrou Rosamond na estrada de Lowick, e desceu de seu cavalo para caminhar ao lado dela e protegê-la de um rebanho que passava, ele foi detido por um criado a cavalo, portador de uma mensagem procedente de uma casa de certa importância, onde Peacock nunca tinha sido chamado. Era o segundo acontecimento deste tipo. O

criado era de Sir James Chettam e a casa era Lowick Manor.

CAPÍTULO XXVIII

1º. Cavalheiro: Todos os momentos, depois de casado, são bons para buscar deleite mútuo.
2º. Cavalheiro: Ora, é verdade. O calendário não tem um dia ruim para almas tornadas uma pelo amor, e até a morte. Seriam doces, se viessem como ondas ondulantes, enquanto um abraça o outro, sem jamais pensar em separar-se.

Mr. e Mrs. Casaubon regressaram a Lowick Manor de sua viagem de núpcias em meados de janeiro. Nevava um pouco quando eles se detiveram diante da porta, e pela manhã, quando Dorothea passou do quarto de vestir para o *boudoir* azul esverdeado que já conhecemos, ela viu a longa fileira de tílias erguendo seus troncos a partir da terra branca, destacando contra o céu pardo e imóvel, com seus galhos brancos espalhados. A planície distante encolhia na brancura uniforme das nuvens pendentes. Os próprios móveis do quarto pareciam ter encolhido desde que ela os vira pela última vez; o cervo na tapeçaria parecia mais um espectro em seu mundo fantasmagórico azul esverdeado; os volumes de literatura refinada na estante pareciam mais imitações imóveis de livros. O fogo brilhante de ramos secos de carvalho queimando sobre os ferros da lareira parecia uma incongruente renovação de vida e do calor, assim como a própria figura de Dorothea quando ela entrou carregando as caixas de couro vermelho que continham os camafeus para Celia.

Ela reluzia em sua toalete matinal como só uma juventude saudável poderia figurar: havia brilho em seu cabelo encaracolado e em seus olhos cor de avelã; seus lábios vermelhos exibiam calor e vida; sua garganta contrastava com cálida brancura contra o branco da sua pele, que parecia contornar seu pescoço e agarrar-se à sua peliça acinzentada com uma ternura que emanava da própria

Dorothea uma inocência sensível que mantinha sua beleza contra a pureza cristalina da neve lá fora. Enquanto colocava as caixas sobre a mesa da janela em arco, ela inconscientemente manteve as mãos sobre elas, imediatamente absorvida pelo entorno, branco e imóvel, que tornava seu mundo visível.

Mr. Casaubon, que se levantara cedo reclamando de palpitações, estava na biblioteca em audiência com seu coadjutor, Mr. Tucker. Em breve, Celia viria na qualidade de sua dama de companhia e irmã, e nas semanas seguintes mais visitas viriam e seriam feitas conforme o costume, tudo de acordo com aquela vida de transição correspondente com a emoção da felicidade nupcial, e que mantinha a sensação de agitada ineficácia, como se pertencesse a um sonho do qual o sonhador começa a suspeitar. As obrigações de sua vida de casada, tidas como tão grandes de antemão, pareciam diminuir como a mobília e a branca paisagem cercada pelas nuvens. Os cumes por onde ela esperava caminhar em plena comunhão tornaram-se difíceis de distinguir, mesmo em sua imaginação; o delicioso descanso da alma em alguém muito superior fora bruscamente transformado em um esforço incômodo, alarmado por um pressentimento indistinto. Quando começariam os dias de ativa devoção de esposa que fortaleceriam a vida do seu marido e exaltariam a sua? Nunca, talvez, como ela os havia imaginado, mas de alguma forma eles viriam. Nesta união solenemente contraída de sua vida, o dever se apresentaria sob uma nova forma de inspiração e daria um novo sentido ao amor de esposa.

Enquanto isso, havia a neve e a esmagadora arcada da densa bruma que a oprimia, a asfixia do mundo daquela dama, onde tudo era feito por ela e ninguém solicitava sua ajuda, onde a sensação de uma união com uma existência rica e frutífera deveria ser mantida dolorosamente como uma visão interior, no lugar de proceder do exterior com reivindicações que teriam moldado suas energias. “O que devo fazer?” “O que quiser, minha querida”, esta tinha sido sua breve história desde que abandonara as aulas matutinas e as prosaicas práticas de piano, as quais detestava. O casamento, que deveria trazer orientação para uma ocupação digna e imperativa, ainda não a libertara da opressiva liberdade das

damas, nem mesmo preenchera seu ócio com a alegria natural de uma ternura ilimitada. Sua juventude radiante e vigorosa se erguia em um aprisionamento moral que se fundia com a paisagem fria, incolor e estreita, com a mobília encolhida, os livros nunca lidos e o cervo fantasmagórico em um mundo esmaecido e fantástico que parecia estar desaparecendo à luz do dia.

Durante os primeiros minutos, quando Dorothea olhou pela janela, ela não sentiu nada além de melancólica opressão; então, veio uma nítida lembrança, ela afastou-se da janela e caminhou pelo quarto. As ideias e as esperanças que povoavam sua mente quando ela viu o aposento pela primeira vez, quase três meses antes, eram agora simples recordações, e ela as julgava como julgamos coisas transitórias e passageiras. Toda forma de existência parecia ter uma pulsação mais baixa do que a dela, e sua fé religiosa era um grito solitário, a luta para escapar de um pesadelo no qual cada objeto estava se apagando e se afastando dela. Cada recordação no cômodo estava desencantada, amortecida, como uma transparência sem iluminação, até que seu olhar errante pousou no grupo de miniaturas e ali, por fim, ela viu algo que havia ganhado um novo significado e alento: a miniatura de Julia, a tia de Mr. Casaubon que havia contraído aquele matrimônio infeliz, a avó de Will Ladislaw. Dorothea podia imaginá-la viva, o rosto delicado da mulher de aparência obstinada, uma peculiaridade difícil de interpretar. Foram apenas seus amigos que consideraram seu casamento infeliz? Ou ela mesma havia descoberto o erro, e sentido o gosto salgado de suas lágrimas no misericordioso silêncio da noite? Quanta experiência Dorothea parecia ter adquirido desde que vira a miniatura pela primeira vez! Ela sentia um novo vínculo entre elas, como se ela pudesse ouvi-la e pudesse ver como era observada. Ali estava uma mulher que conhecera algumas dificuldades em seu casamento. As cores se acentuaram, os lábios e o queixo pareciam ter ficado maiores, o cabelo e os olhos pareciam mais iluminados, o rosto era masculino e sorria para ela com aquele olhar direto que indica a quem o recebe que é muito interessante para que o menor movimento de sua pálpebra passe despercebido e não seja interpretado. A vívida representação

da imagem veio como uma chama agradável para Dorothea, e ela viu-se sorrindo. Ela afastou-se da miniatura, sentou-se e ergueu os olhos como se estivesse novamente falando com uma figura à sua frente. Mas o sorriso desapareceu enquanto ela continuava meditando, e por fim, disse em voz alta:

– Oh, foi muito cruel falar assim! Que triste, que horror!

Ela se levantou rapidamente e saiu do quarto, cruzando rapidamente o corredor com o impulso irresistível de ver o marido e perguntar se ela poderia fazer alguma coisa por ele. Talvez Mr. Tucker tivesse ido embora e Mr. Casaubon estivesse sozinho na biblioteca. Ela sentia que toda a tristeza da manhã desapareceria se visse que o marido se alegrava com sua presença.

Porém, quando chegou ao topo da escada de carvalho escuro, ela viu Celia subindo e Mr. Brooke e Mr. Casaubon se cumprimentando e trocando felicitações.

– Dodo! – disse Celia, em seu suave *staccato*. Ela beijou a irmã, que a abraçou sem dizer nada. Acredito que as duas deixaram escapar algumas lágrimas enquanto Dorothea desceu as escadas correndo para cumprimentar o tio.

– Não preciso perguntar como você está, minha querida – disse Mr. Brooke, depois de beijar sua testa. – Vejo que Roma fez muito bem a você: felicidade, afrescos, antiguidade... esse tipo de coisas. Bem, é muito agradável tê-la de volta, e você entende tudo sobre arte agora, hein? Mas Mr. Casaubon está um pouco pálido, eu já disse a ele, um pouco pálido, você sabe. Estudar muito durante as férias é ir longe demais. Eu também me excedi uma vez – Mr. Brooke ainda segurava a mão de Dorothea, mas virou o rosto para Mr. Casaubon – com a topografia, as ruínas, os templos. Pensei que tinha uma pista, mas vi que me daria muito trabalho e talvez não desse em nada. Há situações em que se pode gastar muito tempo, e nada pode resultar disso, você sabe.

Os olhos de Dorothea também se voltaram para o rosto do marido com certa ansiedade, com a ideia de que aqueles que o viram novamente após sua ausência pudessem estar cientes de sinais que ela não havia notado.

– Não precisa ficar alarmada, minha querida – disse Mr. Brooke, ao observar a expressão da sobrinha. – Um pouco de cordeiro e vitela à inglesa logo farão a diferença. Foi muito bom parecer pálido quando pousou para o retrato de Aquino, você sabe, recebemos sua carta bem a tempo. Mas Tomás de Aquino... ele era sutil demais, não era? Alguém lê Aquino?

– Certamente não é um autor adequado a mentes superficiais – disse Mr. Casaubon, respondendo aquelas perguntas oportunas com digna paciência.

– O senhor gostaria de um café, tio? – perguntou Dorothea, vindo em seu socorro.

– Sim, e você deve ficar com Celia, ela tem uma ótima notícia para lhe contar, sabe. Vou deixar para ela contar.

O *boudoir* azul esverdeado parecia muito mais alegre agora que Celia estava sentada ali, com uma peliça exatamente igual à da irmã, examinando os camafeus com plácida satisfação, enquanto a conversa passava para outros assuntos.

– Você gostou de ir a Roma em uma viagem de núpcias? – perguntou Celia, com seu rubor delicado ao qual Dorothea estava acostumada nas menores ocasiões.

– Não serviria para todos, não para você, querida, por exemplo – disse Dorothea, calmamente. Ninguém jamais saberia o que ela pensava sobre uma viagem de núpcias a Roma.

– Mrs. Cadwallader diz que é um absurdo que pessoas façam uma longa viagem quando se casam. Ela diz que um vai se aborrecer com o outro e que não podem brigar confortavelmente como fariam se estivessem em casa. E lady Chettam diz que foi para Bath – a face de Celia mudou de cor várias vezes, parecia que ia e vinha, como se fosse um mensageiro do coração. Deveria ter um significado maior do que os seus rubores normais.

– Celia! Aconteceu alguma coisa? – perguntou Dorothea, em um tom cheio de sentimento fraterno. – Você realmente tem alguma boa notícia para me contar?

– Foi porque você foi embora, Dodo. Então não havia ninguém além de mim com quem Sir James pudesse conversar – disse Celia, com uma certa malícia nos olhos.

– Eu entendo. É o que eu acreditava e esperava – disse Dorothea, segurando o rosto da irmã entre suas mãos e a observando com ansiedade. O casamento de Celia parecia agora mais importante.

– Foi há apenas três dias – disse Celia –, e lady Chettam é muito gentil.

– E você está muito feliz?

– Sim. Não vamos nos casar ainda. Temos que preparar tudo. E eu não quero me casar tão cedo, porque acho muito agradável estar comprometida. Além disso, vamos ficar casados pelo resto de nossas vidas.

– Eu acredito que você não poderia se casar melhor, Kitty. Sir James é um homem bom e honrado – disse Dorothea, calorosamente.

– Ele continuou com os planos para os chalés, Dodo. Ele contará a você quando chegar. Você ficará feliz em vê-lo?

– Claro que sim! Como pode me perguntar isso?

– Eu temia que você estivesse se tornado muito instruída – disse Celia, que considerava o aprendizado de Mr. Casaubon como uma espécie de umidade que poderia, no devido tempo, impregnar um corpo vizinho.

CAPÍTULO XXIX

“Descobri que nenhuma genialidade alheia poderia me agradar. Meus infelizes paradoxos haviam secado inteiramente essa fonte de conforto.”
– GOLDSMITH

Certa manhã, algumas semanas depois de sua chegada a Lowick, Dorothea, mas... por que sempre Dorothea? Seu ponto de vista era o único possível a respeito deste casamento? Protesto contra todo o nosso interesse, todo o nosso esforço de compreensão sendo dirigido apenas para pessoas jovens, que parecem florescer apesar dos problemas, pois eles também se desvanecerão e conhecerão as tristezas mais antigas e mais devoradoras da idade, que estamos ajudando a negligenciar. Apesar de piscar muito os olhos e das pintas brancas que tanto incomodavam Celia, e da falta de musculatura que era moralmente dolorosa para Sir James, Mr. Casaubon possuía uma intensa consciência dentro de si e estava espiritualmente faminto, assim como o resto de nós. Ele não havia feito nada de excepcional ao se casar, nada além do que a sociedade sanciona e considera uma ocasião para coroas de flores e buquês. Ocorreu-lhe que não deveria mais adiar sua intenção de contrair matrimônio e ele refletiu que, ao tomar uma esposa, um homem de boa posição deve esperar e escolher cuidadosamente uma jovem viçosa, quanto mais jovem melhor, porque assim seria mais educada e submissa, de uma categoria equivalente à sua, com princípios religiosos, disposição virtuosa e bom entendimento. Com uma jovem assim, ele lhe daria uma boa renda e não negligenciaria nenhum arranjo para que fosse feliz; em troca, ele deveria receber os prazeres domésticos e abandonar aquela cópia de si mesmo, que parecia tão urgentemente exigida de um homem, segundo os sonetos dos autores do século XVI. Os tempos haviam mudado desde então, e nenhum

sonetista havia insistido para que Mr. Casaubon abandonasse uma cópia de si mesmo. Além disso, ele ainda não tinha conseguido produzir cópias de sua chave mitológica, mas sempre tinha sido a sua intenção redimir-se pelo casamento, e as sensações de que estava deixando os anos para trás muito rápido, que o mundo estava ficando mais escuro e que ele se sentia solitário, proporcionaram uma razão para que ele não perdesse mais tempo para alcançar os prazeres domésticos antes que eles também fossem deixados para trás pelos anos.

Quando ele viu Dorothea, acreditou que havia encontrado ainda mais do que exigia: ela poderia realmente ser uma ajuda para ele a ponto de permitir que ele dispensasse um secretário assalariado, uma ajuda que Mr. Casaubon nunca havia empregado e da qual sentia pavor. (Mr. Casaubon estava nervosamente consciente de que a sociedade esperava que ele manifestasse uma mente poderosa). A Providência, em sua generosidade, havia lhe proporcionado a esposa de que necessitava. Uma jovem discreta, com as habilidades puramente apreciativas e pouco ambiciosas de seu sexo, certamente considerará poderosa a mente de seu marido. Se a Providência havia se esmerado de igual maneira com Miss Brooke ao apresentá-la a Mr. Casaubon era uma ideia que dificilmente poderia lhe ocorrer. A sociedade nunca faz a exigência absurda de que um homem deva pensar tanto sobre suas próprias qualificações para fazer uma jovem encantadora feliz quanto pensa nas dela para fazê-lo feliz. Como se um homem pudesse escolher não apenas sua esposa, mas também o marido de sua esposa! Ou como se ele fosse obrigado a fornecer encantos para sua posteridade em sua própria pessoa! Quando Dorothea o aceitou efusivamente, Mr. Casaubon achou natural, e acreditou que sua felicidade estava a ponto de começar.

Ele não havia desfrutado de grandes provas de felicidade em sua vida anterior. Para experimentar uma alegria intensa, sem possuir uma constituição forte, é necessário ter uma alma entusiástica. Mr. Casaubon nunca havia tido uma constituição forte e sua alma era sensível sem ser entusiástica: era lânguida demais para abandonar sua autoconsciência e se deleitar apaixonadamente, e

seguia pairando sobre o terreno pantanoso onde nasceu, pensando em suas asas sem voltar a voar. Sua experiência era daquele tipo lamentável que se esquiva da piedade e teme, acima de tudo, o que deveria saber: era aquela sensibilidade estreita e altiva que não tem envergadura suficiente para se transformar em simpatia, e estremece como um fio em pequenas correntes de preocupação consigo próprio ou, na melhor das hipóteses, de uma escrupulosidade egoísta. E Mr. Casaubon tinha muitos escrúpulos: ele era capaz de um autocontrole severo; estava decidido a ser um homem de honra de acordo com o código; seria inatacável para qualquer opinião reconhecida. Com relação à sua conduta, tais fins foram alcançados, mas a dificuldade de que sua chave para todas as mitologias fosse incontestável pesava como chumbo em sua mente, e os panfletos, ou "Parerga",[95] como ele os chamava, mediante os quais ele testava seu público e depositava pequenos registros monumentais de seu progresso, estavam longe de serem valorizados em todo o seu significado. Ele suspeitava de que o arquidiácono nem os tivesse lido; estava preso a uma dúvida conturbada sobre o que as mentes vanguardistas de Brasenose (uma das faculdades de Oxford) realmente pensavam sobre eles, e amargamente convencido de que seu velho amigo Carp tinha sido o autor daquela resenha depreciativa que era mantida a sete chaves em uma pequena gaveta da escrivaninha de Mr. Casaubon, assim como em um canto escuro de sua memória verbal. Estas eram as impressões fortes contra as quais ele lutava, que traziam consigo aquela amargura melancólica que é a consequência de todas as reivindicações excessivas. Até mesmo sua fé religiosa vacilava com sua titubeante confiança em sua própria autoria, e as consolações da esperança cristã na imortalidade pareciam se apoiar na imortalidade da chave para todas as mitologias que ainda não havia sido escrita. De minha parte, sinto muita pena dele. Na melhor das hipóteses, é uma tarefa difícil ser o que chamamos de muito instruído e ainda assim não poder desfrutar dessa instrução; estar presente neste grande espetáculo da vida e ao mesmo tempo preso a uma personalidade pequena, faminta e trêmula; nunca ser completamente possuído pela glória a qual contemplamos;

aceitar que nossa consciência jamais se transforme na realidade de um pensamento, no ardor de uma paixão, na energia de uma ação, seguindo sempre de forma erudita e sem inspiração, ambiciosa e tímida, escrupulosa e mesquinha. Temo que tornar-se reitor ou mesmo bispo faria pouca diferença para a inquietação de Mr. Casaubon. Sem dúvida, algum grego antigo deve ter observado que por trás da grande máscara e da trombeta vociferante, sempre estão nossos pobres e pequenos olhos espreitando como de costume, e nossos lábios tímidos, controlados com maior ou menor angústia.

Era a este estado mental traçado um quarto de século antes, a sensibilidades assim cercadas, que Mr. Casaubon pensara em anexar a felicidade a uma jovem e adorável noiva. Porém, como vimos, mesmo antes do casamento, ele viu-se sob uma nova depressão na consciência ao comprovar que a nova bem-aventurança não era uma bênção para ele. Sua inclinação mais cômoda ansiava por seus velhos hábitos. E quanto mais ele se aprofundava na domesticidade, mais a sensação de se abster e agir com propriedade predominava sobre qualquer outra satisfação. O casamento, assim como a religião e a erudição, ou melhor, como a própria autoria, estava fadado a se tornar uma exigência externa, e Edward Casaubon estava empenhado em cumprir escrupulosamente todas as exigências. Até mesmo colocar Dorothea em uso em seu estudo, de acordo com sua própria intenção antes do casamento, era um esforço que ele sempre tendia a adiar, e se não fosse pela insistência dela, nem sequer teria começado. Mas ela havia conseguido tornar óbvio que ela deveria tomar seu lugar cedo na biblioteca e ter o trabalho de leitura em voz alta ou de cópia a ela designado. O trabalho havia sido mais fácil de definir porque Mr. Casaubon havia adotado uma decisão de imediato: haveria um novo Parergon, uma pequena monografia sobre algumas indicações recentes a respeito dos mistérios egípcios, por meio da qual certas afirmações de Warburton[96] poderiam ser corrigidas. As referências eram extensas, mas não totalmente ilimitadas e as sentenças deveriam ser escritas na forma em que seriam lidas por Brasenose e por uma posteridade menos formidável. Essas pequenas produções monumentais sempre haviam sido

empolgantes para Casaubon; a digestão era dificultada pela interferência de citações ou pela rivalidade de frases dialéticas ressoando umas contra as outras em sua mente. Desde o início deveria haver uma dedicatória em latim sobre a qual tudo era incerto, exceto que não deveria ser endereçada a Carp: era um pesar venenoso para Mr. Casaubon que ele uma vez tenha endereçado uma dedicatória a Carp na qual ele enumerou aquele membro do reino animal entre os *viros nullo aevo perituros*,[97] um erro que infalivelmente deixaria o dedicador exposto ao ridículo na era seguinte, e poderia até provocar chacota no presente.

Assim, Mr. Casaubon se encontrava em um de seus momentos de maior ocupação, e, como dizia há pouco, Dorothea juntou-se a ele na biblioteca, onde ele havia tomado o café da manhã sozinho. Nesta época, Celia estava em uma segunda visita a Lowick, provavelmente a última antes de seu próprio casamento, e aguardava Sir James na sala.

Dorothea havia aprendido a ler os sinais do humor de seu marido e ela viu que a manhã havia ficado mais nebulosa durante a última hora. Ela se dirigia para sua mesa em silêncio quando ele disse, naquele tom distante que indicava que estava cumprindo um dever desagradável:

– Dorothea, aqui está uma carta para você, que estava incluída em uma endereçada a mim.

Era uma carta de duas páginas e ela imediatamente olhou para a assinatura.

– Mr. Ladislaw! O que ele pode ter a me dizer?! – exclamou ela, em tom de alegre surpresa. – Porém – acrescentou ela, olhando para Mr. Casaubon –, posso imaginar o que ele escreveu para o senhor.

– Você pode ler a carta, se quiser – disse Mr. Casaubon, apontando-a severamente com a pena e sem olhar para ela. – Mas posso muito bem dizer de antemão que devo recusar a proposta que contém para nos fazer uma visita. Acredito que posso ser desculpado por desejar um intervalo de completa liberdade de tais distrações que têm sido até agora inevitáveis, e especialmente de hóspedes cuja vivacidade desconexa torna sua presença fatigante.

Não tinha havido conflito de opiniões entre Dorothea e seu marido desde

aquele pequeno episódio em Roma, que havia deixado marcas tão fortes em sua mente que tinha sido mais fácil desde então reprimir a emoção do que incorrer nas consequências de avivá-las. No entanto, esta suposição mal-humorada de que ela pudesse desejar visitas que poderiam ser desagradáveis para o marido, esta defesa gratuita de si mesmo contra queixas egoístas de sua parte, era uma ferroada forte demais para uma meditação depois de ter deixado sua marca. Dorothea pensava que poderia ter sido paciente com John Milton, mas nunca poderia imaginá-lo se comportando dessa maneira, e por um momento Mr. Casaubon pareceu ser insensatamente obtuso e odiosamente injusto. A piedade, aquela criança recém-nascida que deveria acalmar muitas tempestades dentro dela, não tinha sido capaz de emitir “um simples sopro” nesta ocasião. Com suas primeiras palavras, pronunciadas em um tom que o abalou, ela fez com que Mr. Casaubon olhasse para ela e encontrasse o brilho de seus olhos.

– Por que atribui a mim o desejo por alguma coisa capaz de irritá-lo? O senhor fala comigo como se eu fosse algo contra o qual tivesse que lutar. Espere pelo menos até que eu apareça para saber se meus desejos são diferentes dos seus.

– Dorothea, você está se precipitando – respondeu Mr. Casaubon, nervoso. Decididamente, aquela mulher era muito jovem para estar no nível de esposa ideal; para isso deveria ser pálida, ter o rosto inexpressivo, e aceitar tudo sem discutir.

– Creio que o senhor foi o primeiro a se precipitar em suas falsas suposições sobre os meus sentimentos – continuou Dorothea no mesmo tom. O fogo ainda não havia se dissipado e ela considerou desprezível da parte do marido não se desculpar com ela.

– Dorothea, por favor, não diga mais nada sobre este assunto. Não tenho tempo nem energia para esse tipo de debate.

Neste momento, Mr. Casaubon molhou a pena e fez menção de voltar a escrever, embora sua mão tremesse tanto que as palavras pareciam escritas em um estilo desconhecido. Há respostas que, ao tentar afastar a ira, apenas a

enviam para o outro lado da sala, e ter uma discussão friamente suprimida quando crê que a justiça está toda do seu lado é ainda mais exasperante no casamento do que na filosofia.

Dorothea abandonou as duas cartas de Ladislaw sem ler sobre a mesa do marido e dirigiu-se para a sua; o desprezo e a indignação que borbulhavam em seu interior provocaram a recusa da leitura das cartas, assim como rechaçamos as ninharias pelas quais parecemos ser suspeitos de luxúria. Nem remotamente ela foi capaz de adivinhar as razões sutis que provocaram o mau humor do marido a respeito das cartas: ela sabia apenas que elas o haviam motivado a ofendê-la. Dorothea começou a trabalhar imediatamente e sua mão não tremeu, pelo contrário, ao escrever as citações que lhe haviam sido entregues no dia anterior, ela percebeu que modelava suas letras perfeitamente e parecia que via a construção do latim que estava copiando e que estava começando a compreender com mais claridade do que nunca. Em sua indignação, havia um sentimento de superioridade, que se manifestava com uma firmeza de seu traço, e não se comprimia em uma voz interior para declarar o outrora “afável arcanjo” numa pobre criatura.

A aparente quietude reinou por meia hora e Dorothea não tinha desviado o olhar de sua própria mesa quando ouviu o estrondo de um livro no chão e, virando-se rapidamente, viu Mr. Casaubon agarrado aos degraus da escada de mão da biblioteca como se estivesse com muita dor. Ela se levantou e correu em sua direção no mesmo instante: ele estava evidentemente com muita dificuldade para respirar. Ela subiu em um banquinho, aproximou-se do seu ombro e disse com toda a sua alma convertida em um terno alarme:

– Consegue se apoiar em mim, querido?

Ele ficou parado por dois ou três minutos, que para Dorothea pareceram uma eternidade, ofegante e incapaz de falar ou se mover. Quando finalmente desceu os três degraus e caiu para trás na grande cadeira que Dorothea havia aproximado do pé da escada, ele não fazia mais esforços para respirar, mas parecia indefeso e prestes a desmaiar. Dorothea tocou a campainha com

violência e logo Mr. Casaubon estava sentado no sofá. Ele não desmaiou, e começava a recuperar-se quando Sir James Chettam entrou, tendo sido recebido no corredor com a notícia de que Mr. Casaubon tinha tido “um ataque na biblioteca”.

Meu Deus! Isto é justamente o que se podia esperar, foi seu primeiro pensamento. Se sua alma profética tivesse sido instada a pormenorizar, teria pensado que um “ataque” teria sido exatamente a expressão empregada. Ele perguntou ao seu informante, o mordomo, se o médico havia sido chamado. O mordomo não sabia se seu mestre havia necessitado de um médico antes, mas o certo não seria mandar chamar um facultativo?

No entanto, quando Sir James entrou na biblioteca, Mr. Casaubon pôde dar alguma mostra de sua cortesia usual, e Dorothea, cuja reação ao medo inicial havia sido ajoelhar-se ao seu lado e chorar, levantou-se e propôs que alguém fosse buscar um médico.

– Eu recomendo que mande chamar Lydgate – disse Sir James. – Minha mãe precisou dele e disse que é extraordinariamente hábil; desde a morte do meu pai ela não tinha uma boa opinião sobre os médicos.

Dorothea apelou ao marido e ele fez um silencioso sinal de aprovação. Assim, Mr. Lydgate foi chamado e ele chegou muito rápido, pois o mensageiro, que era um criado de Sir James Chettam e conhecia Mr. Lydgate, o encontrou puxando seu cavalo ao longo da estrada Lowick de braços dados com Miss Vincy.

Celia, que estava na sala de estar, não sabia de nada até que Sir James lhe contou. Depois do relato de Dorothea, ele não considerava mais a doença um ataque, mas algo “dessa natureza”.

– Pobre Dodo, que horror! – exclamou Celia, sentindo-se tão triste quanto permitia sua própria felicidade. Suas pequenas mãos estavam unidas e cercadas pelas de Sir James como um botão é envolvido pelo cálice. – É terrível que Mr. Casaubon esteja doente, mas nunca gostei dele. E não creio que ele goste o suficiente de Dorothea. Ele deveria gostar, pois tenho certeza de que ninguém

mais teria se casado com ele... o senhor não acha?

– Sempre achei que seria um sacrifício horrível para sua irmã – disse Sir James.

– Sim, mas a pobre Dodo nunca fez o que as outras pessoas fazem, e acho que nunca fará.

– Ela é uma nobre criatura – disse o leal Sir James. Ele acabara de ter uma nova prova disso, ao ver Dorothea esticando o braço macio sob o pescoço do marido e olhando para ele com tristeza indescritível. Ele não sabia quanto arrependimento havia nessa dor.

– Sim – disse Celia, pensando que era bom que Sir James dissesse isso, mas ele não se sentia confortável com Dodo. – Devo ir até ela? Acha que posso ajudá-la?

– Acho que seria bom para você ir vê-la antes que Lydgate chegue – disse Sir James, magnânimo. – Só não demore muito.

Enquanto Celia esteve ausente, ele caminhou para cima e para baixo, lembrando-se do que sentira originalmente sobre o noivado de Dorothea e sentindo renascer sua repulsa pela indiferença de Mr. Brooke. Se Cadwallader e todos os outros tivessem considerado o caso da mesma forma que ele, o casamento poderia ter sido evitado. Era perverso deixar uma jovem decidir às cegas seu destino daquela maneira, sem qualquer esforço para salvá-la. Sir James há muito não lamentava por conta da sua própria condição: seu coração estava satisfeito com o noivado com Celia. Porém, ele possuía uma natureza cavalheiresca (não estava o serviço desinteressado pela mulher entre as glórias ideais do antigo cavalheirismo?): seu amor desprezado não se transformara em amargura; sua morte produziu doces aromas, recordações flutuantes que se agarravam a Dorothea com um efeito consagrador. Ele poderia permanecer sendo seu amigo fraternal, interpretando suas ações com generosa confiança.

CAPÍTULO XXX

“Quem quer dormitar sem ter razão, exaure-se”.
– PASCAL [98]

Mr. Casaubon não sofreu um segundo ataque de igual intensidade que o primeiro e, em poucos dias, começava a recuperar sua condição habitual. Mas Lydgate parecia achar que o caso merecia muita atenção. Ele não apenas usou seu estetoscópio (o que não era uma rotina na prática daqueles dias), mas sentou-se em silêncio ao lado de seu paciente e o observou. Às perguntas de Mr. Casaubon sobre si mesmo, ele respondeu que a origem da enfermidade era o erro comum dos homens intelectuais: um excesso de dedicação monótona e obsessiva. O remédio era ficar satisfeito com um trabalho moderado e buscar uma variedade de maneiras para relaxar. Mr. Brooke, que estava sentado ao lado em uma ocasião, sugeriu que Mr. Casaubon fosse pescar, como Cadwallader fazia, e que tivesse uma oficina, onde pudesse construir brinquedos, pernas de mesa e esse tipo de coisa.

– Em suma, o senhor me recomenda antecipar a chegada da minha segunda infância – disse o pobre Mr. Casaubon, com certa amargura. – Essas coisas – acrescentou ele, olhando para Lydgate – seriam para mim tão relaxantes quanto o reboque para os prisioneiros em uma casa de correção.

– Eu confesso – disse Lydgate, sorrindo – que diversão é uma receita bastante insatisfatória. É como dizer às pessoas para manterem o ânimo. Talvez seja melhor eu dizer que o senhor deve resignar-se a um pouco de tédio em vez de continuar trabalhando.

– Sim, sim – disse Mr. Brooke. – Peça a Dorothea para jogar gamão com você à noite. E peteca; não conheço melhor jogo do que peteca durante o dia.

Lembro-me de quando estava na moda. É claro que, talvez, sua vista não permita isso. Mas você deve espairecer, homem. Ora, talvez possa fazer algum estudo leve, como conquiliologia, eu sempre achei que deveria ser um estudo leve. Ou peça a Dorothea para ler coisas leves para você, Smollett,[99] *Roderick Random ou Humphrey Clinker*, por exemplo. São um pouco extensos, mas ela pode ler qualquer coisa agora que está casada, você sabe. Lembro-me de que eles me fizeram rir de maneira incomum... há um episódio engraçado sobre as calças de um postilhão. Não temos esse humor agora. Eu experimentei todas essas coisas, mas pode ser algo novo para você.

"Tão novo quanto comer cardos" teria sido uma resposta à altura dos sentimentos de Mr. Casaubon. Porém, ele limitou-se a inclinar a cabeça com resignação e o devido respeito ao tio de sua esposa, e respondeu que, sem dúvida, as obras mencionadas "serviam como um recurso para um certo tipo de mente".

– Veja – disse o hábil magistrado a Lydgate, quando eles estavam do lado de fora da porta – Casaubon é um tanto limitado, pois ele fica um tanto perplexo quando você o proíbe de realizar seu trabalho específico, que eu acredito ser algo realmente muito profundo, na linha de pesquisa, sabe? Eu nunca passaria por isso, sempre fui versátil. Mas um clérigo está um pouco amarrado. Agora, se eles o tornassem bispo... ele escreveu um panfleto muito bom para Peel. Então, ele teria mais possibilidades, mais campo; poderia até ganhar mais peso. Mas eu recomendo que você converse com Mrs. Casaubon. Ela é muito inteligente, a minha sobrinha. Diga a ela que seu marido necessita de animação e distração: sugira alguma tática divertida.

Sem precisar do conselho de Mr. Brooke, Lydgate havia decidido falar com Dorothea. Ela não estava presente quando seu tio havia enumerado aquelas sugestões agradáveis para tornar a vida em Lowick mais animada, mas geralmente estava ao lado de seu marido e as mostras espontâneas de intensa ansiedade em sua voz, e no seu rosto, sobre qualquer coisa relativa à sua mente ou saúde, consistia em um drama que Lydgate observava com atenção. Ele dizia

a si mesmo que estava apenas fazendo o que era certo ao contar a ela a verdade sobre o provável futuro do marido, mas certamente também achava que seria interessante conversar confidencialmente com ela. Um médico gosta de fazer observações psicológicas e, às vezes, na busca por tais estudos, vê-se tentado a fazer as profecias momentâneas que a vida e a morte facilmente desprezam. Lydgate costumava satirizar essas previsões gratuitas e nesta ocasião pretendia ser cauteloso.

Ele perguntou por Mrs. Casaubon, mas foi informado de que ela estava caminhando; ele estava a ponto de ir embora quando Dorothea e Celia apareceram, ambas asfixiadas pela luta contra o vento de março. Quando Lydgate pediu para falar com ela a sós, Dorothea abriu a porta da biblioteca, que por acaso era a mais próxima, sem pensar em nada além do que ele poderia ter a dizer sobre Mr. Casaubon. Era a primeira vez que ela entrava naquela sala desde que o marido adoecera, e a criada optou por não abrir as janelas. No entanto, pelos estreitos painéis das janelas superiores passava luz suficiente para ler.

– Espero que o senhor não se importe com esta luz sombria – disse Dorothea, de pé no meio da sala. – Já que o senhor proibiu os livros, a biblioteca está fora de uso. Mas Mr. Casaubon logo estará aqui de novo, espero. Como ele está progredindo?

– Mais rápido do que pensei a princípio. Na verdade, ele já está quase em seu estado normal de saúde.

– O senhor não teme uma recaída? – perguntou Dorothea, cujo ouvido atento havia detectado um certo significado no tom de Lydgate.

– É particularmente difícil se pronunciar sobre casos como o dele – disse Lydgate. – Só posso afirmar com segurança que terá de vigiá-lo, para que ele não se esforce.

– Eu imploro que o senhor fale abertamente – disse Dorothea, em um tom suplicante. – Não suportaria pensar que possa haver algo que eu não soubesse e que, do contrário, me faria agir de outra forma – as palavras saíram como um grito; era evidente que era a voz de alguma experiência mental que não estava

muito distante. – Sente-se – acrescentou ela, apropriando-se da cadeira mais próxima e tirando o chapéu e as luvas, com um abandono instintivo da formalidade diante do peso do seu destino.

– O que acaba de dizer justifica meu próprio ponto de vista – disse Lydgate. – Acredito que é função de um médico evitar, tanto quanto possível, arrependimentos desse tipo. Mas peço que observe que o caso de Mr. Casaubon é precisamente do tipo em que o desfecho é mais difícil de prever. Ele pode possivelmente viver por quinze anos ou mais, sem que sua saúde fique pior do que agora.

Dorothea ficou muito pálida e, quando Lydgate fez uma pausa, ela disse em voz baixa:

– O senhor quer dizer, se formos muito cuidadosos.

– Sim, cuidado com qualquer tipo de excitação mental e trabalho em excesso.

– Ele ficaria infeliz se tivesse que desistir de seu trabalho – disse Dorothea, com uma rápida antecipação dessa infelicidade.

– Estou ciente disso. O único caminho é tentar por todos os meios, diretos e indiretos, moderar e variar suas ocupações. Se as circunstâncias forem favoráveis, não há, como eu disse, nenhum perigo iminente da emoção para o seu coração, o que acredito ter sido a causa do ataque recente. Por outro lado, é possível que a doença se desenvolva mais rapidamente; é um desses casos em que a morte pode se apresentar subitamente. A senhora não pode se descuidar de nada que possa resultar em um desfecho desse tipo.

Houve silêncio por alguns momentos, enquanto Dorothea manteve-se como se tivesse sido transformada em mármore, embora a vida dentro dela fosse tão intensa que sua mente nunca havia recorrido em tão curto espaço de tempo a uma variedade semelhante de cenas e motivos.

– Por favor, me ajude – disse ela, por fim, na mesma voz baixa de antes. – Diga-me o que devo fazer.

– Que tal viajar para o exterior? Soube que vocês estiveram recentemente em Roma.

As memórias que tornaram este recurso totalmente sem esperança formavam uma nova corrente que sacudiu Dorothea de sua pálida imobilidade.

– Oh, isso não funcionaria, isso seria pior do que qualquer coisa – disse ela, com indícios de um abatimento infantil, enquanto as lágrimas caíam. – Nada vai adiantar a menos que ele goste.

– Eu gostaria de tê-la poupado dessa dor – disse Lydgate, profundamente comovido, mas pensando no casamento de Dorothea. Mulheres como ela não faziam parte de suas tradições.

– Foi certo me contar. Agradeço por me dizer a verdade.

– Gostaria que entendesse que não direi nada ao próprio Mr. Casaubon. Acho desejável que ele não saiba de nada além de que não deve se sobrecarregar e seguir certas regras. Ansiedade de qualquer tipo seria precisamente a condição mais desfavorável para ele.

Lydgate se levantou e Dorothea o imitou mecanicamente, desabotoando a capa e desfazendo-se dela como se a estivesse sufocando. Ele fez uma reverência e já pretendia deixá-la, quando um impulso resultado pelo fato de estarem a sós se converteu em uma oração e a fez dizer, com voz entrecortada:

– O senhor é um homem sábio, não é? Sabe tudo sobre a vida e a morte. Aconselhe-me. Pense no que posso fazer. Mr. Casaubon tem passado sua vida trabalhando e olhando para o futuro. Ele não se interessa por mais nada. E eu não me interesso por mais nada.

Anos depois, Lydgate ainda se lembrava da impressão produzida por aquela súplica involuntária, aquele grito de alma para alma, sem outra consciência além de seu movimento, assim como naturezas afins no mesmo meio enredado, a mesma vida perturbadora e de iluminação tão instável. Mas, o que ele poderia dizer agora, exceto que voltaria a ver Mr. Casaubon novamente no dia seguinte?

Quando ele se foi, as lágrimas de Dorothea jorraram e aliviaram sua opressão sufocante. Então, ela enxugou os olhos, lembrando-se de que sua angústia não deveria ser revelada ao marido, e olhou em volta da sala pensando que deveria ordenar à criada que a limpasse como de costume, já que Mr. Casaubon poderia

agora querer utilizá-la a qualquer momento. Em sua escrivaninha havia cartas que permaneciam intocadas desde a manhã em que ele adoecera, e entre elas, como Dorothea bem se lembrava, estavam as cartas do jovem Ladislaw, aquela endereçada a ela ainda fechada. As associações dessas cartas tinham se tornado mais dolorosas por aquele súbito ataque de doença que ela acreditava que a agitação causada por sua raiva poderia ter ajudado a provocar: teria tempo suficiente para lê-las quando fossem novamente impostas a ela, e o impulso de vir buscá-las na biblioteca nunca lhe ocorrera. Mas agora ocorreu-lhe que deveriam ser afastadas da vista do marido: quaisquer que fossem as origens de seu aborrecimento despertado por elas não deveriam, se possível, ser repetidas. Ela correu os olhos primeiro pela carta dirigida a ele, para assegurar-se de que seria ou não necessário escrever para impedir a ofensiva visita.

Will escrevia de Roma e começava dizendo que os favores para com Mr. Casaubon eram grandes demais, que nem os maiores agradecimentos pareceriam uma impertinência. Era evidente que se não se mostrasse agradecido seria um patife que jamais encontrara um amigo mais generoso. Estender-se em palavras de agradecimento seria como dizer: “sou honrado”. Porém, Will tinha percebido que seus defeitos, defeitos que o próprio Mr. Casaubon apontava com frequência, necessitavam, para sua correção, daquela situação mais adversa que a generosidade de seu parente havia, até o momento, impedido. Ele confiava que poderia fazer a devolução, se a devolução fosse possível, demonstrando a eficácia da educação pela qual estava em dívida e deixando no futuro de precisar de qualquer fundo para si mesmo sobre os quais outros poderiam ter mais direito. Ele estava voltando para a Inglaterra para tentar fortuna, assim como muitos outros jovens, cujo único capital residia em seus cérebros. Seu amigo Naumann manifestara o desejo de que ele se incumbisse da “Disputa”, o quadro pintado para Mr. Casaubon, com sua permissão, e o de Mrs. Casaubon, que Will se encarregaria pessoalmente de levar a Lowick. Uma carta dirigida ao *Posta Restante* em Paris dentro de quinze dias impediria, se necessário, que ele chegasse em um momento inoportuno. Ele anexava uma carta a Mrs. Casaubon,

na qual continuava uma discussão sobre arte, iniciada em Roma.

Ao abrir sua própria carta, Dorothea viu que era uma continuação animada dos protestos de Will com relação à sua fanática simpatia e sua falta de um sólido prazer neutro pelas coisas como elas eram, uma manifestação de sua jovem vivacidade que era impossível ler naquele momento. Ela deveria considerar imediatamente o que deveria ser feito da outra carta: talvez ainda houvesse tempo para impedir Will de vir para Lowick. Dorothea acabou entregando a carta ao tio, que ainda estava na casa, e implorando para que ele informasse a Will que Mr. Casaubon estava doente e que seu estado de saúde não permitia receber visitas.

Ninguém tinha mais disposição para escrever uma carta do que Mr. Brooke: sua única dificuldade era escrever uma carta curta e, neste caso, suas ideias se expandiram ao longo de três páginas grandes e nas dobras internas. Ele havia dito a Dorothea:

– É claro que vou escrever, minha querida. Este Ladislaw é um jovem muito inteligente, ouso dizer que vai longe. Sua carta é boa, indica suas ideias sobre as coisas, você sabe. De qualquer forma, eu lhe informarei sobre Casaubon.

Porém, a ponta da pena de Mr. Brooke era um órgão pensante com frases em evolução, em especial do tipo benevolente, antes que o resto de sua mente pudesse controlá-las. Ele expressava pesar e sugeria soluções que, quando lidas, pareciam bem formuladas, surpreendentemente adequadas, e determinantes de uma sequência na qual ele nunca havia pensado. Neste caso, sua pena lamentava tanto que o jovem Ladislaw não pudesse visitá-lo naquele momento, para que Mr. Brooke pudesse conhecê-lo melhor e que eles pudessem examinar juntos os desenhos italianos há muito negligenciados (além de também sentir um grande interesse por um jovem que estava começando a vida com um estoque de ideias), que o final da segunda página convenceu Mr. Brooke a convidar o jovem Ladislaw, já que não poderia ser recebido em Lowick, para ficar em Tipton Grange. Por que não? Eles poderiam encontrar muitas coisas para fazer juntos, e aquele era um período de grandes mudanças, o horizonte político estava se

expandindo e, em suma, a pena de Mr. Brooke se lançou em um pequeno discurso que recentemente havia escrito para aquele órgão mal editado, o “Middlemarch Pioneer”. Enquanto Mr. Brooke estava selando a carta, ele se sentiu exultante com um influxo de projetos vagos: um jovem capaz de dar forma às ideias, a compra do “Pioneer” para abrir caminho para uma nova candidatura, a utilização de documentos, quem sabe como poderia terminar tudo aquilo? Já que Celia estava prestes a se casar, seria muito agradável ter um jovem à mesa com ele, ao menos durante um tempo.

Ele foi embora sem dizer a Dorothea o que havia escrito na carta, pois ela estava ocupada com o marido e, na verdade, essas coisas não tinham importância para ela.

CAPÍTULO XXXI

Como conhecer o timbre deste sino, grande demais para que você possa vibrar?
Deixe apenas uma flauta tocando junto do metal bem temperado;
Ouça com atenção até que a nota certa flua, como um riacho prateado;
Então, o enorme sino irá tremer e a massa com uma miríade de ondas
simultâneas responderá ao seu suave sonido.

Naquela noite, Lydgate falou sobre Mrs. Casaubon com Miss Vincy, e enfatizou o forte sentimento que ela parecia ter por aquele homem formal e estudioso trinta anos mais velho do que ela.

– É claro que ela é devotada ao marido – disse Rosamond, sugerindo uma noção de devoção que o homem da ciência considerou a mais bonita possível em uma mulher. Entretanto, ela estava pensando que não era tão triste ser a senhora de Lowick Manor com um marido que provavelmente morreria em breve. – O senhor a acha muito bonita?

– Ela certamente é bonita, mas não pensei sobre isso – disse Lydgate.

– Suponho que não seja profissional – disse Rosamond, expondo suas covinhas. – Mas como suas consultas estão se espalhando! Há pouco tempo foi chamado pelos Chettams, e agora os Casaubons.

– Sim – disse Lydgate, em tom de admissão obrigatória. – Mas a verdade é que eu realmente não gosto de atender essas pessoas tanto quanto aos pobres. Os casos são monótonos, e é preciso aguentar mais rebuliço e ouvir bobagens com mais atenção.

– Não mais do que em Middlemarch – disse Rosamond –, pelo menos o senhor atravessa grandes corredores e sente o aroma de folhas de rosa por toda parte.

– Isso é verdade, Mademoiselle de Montmorenci[100] – disse Lydgate, inclinando levemente a cabeça sobre a mesa e levantando com o dedo o delicado lenço de Rosamond que escapava de sua bolsa aberta, como se quisesse desfrutar do seu perfume enquanto a olhava com um sorriso.

Porém, a maneira deliciosa e festiva com a qual Lydgate pairava ao redor da flor de Middlemarch não poderia continuar indefinidamente. Não era mais possível encontrar isolamento social naquela cidade do que em qualquer outro lugar, e duas pessoas que flertavam persistentemente não podiam escapar dos "vários embaraços, pesos, golpes, choques, gestos, os quais, acertadamente, fazem com que as coisas sigam". Tudo o que Miss Vincy fazia deveria ser observado, e naquele momento ela talvez tenha sido mais visível para seus admiradores e críticos, pois Mrs. Vincy, depois de alguma resistência, fora com Fred passar uma temporada em Stone Court, não havendo outra maneira de simultaneamente agradar o velho Featherstone e vigiar Mary Garth, que parecia uma nora menos tolerável à medida que a doença de Fred desaparecia.

Tia Bulstrode, por exemplo, ia com um pouco mais de frequência a Lowick Gate para ver Rosamond, agora que estava sozinha. Mrs. Bulstrode tinha um verdadeiro sentimento fraternal pelo irmão e, ainda que sempre tenha acreditado que ele poderia ter se casado melhor, desejava o bem dos seus filhos. E ela mantinha uma íntima amizade de longa data com Mrs. Plymdale. Elas tinham quase as mesmas preferências por sedas, padrões de roupas íntimas, porcelanas e clérigos; elas confidenciavam uma à outra, seus pequenos problemas de saúde e administração doméstica e vários pequenos pontos de superioridade por parte de Mrs. Bulstrode, a saber: uma seriedade mais decidida, maior admiração pela mente e uma casa fora da cidade, que às vezes serviam para dar cor a sua conversa, sem discordar. Eram mulheres bem-intencionadas, que conheciam muito pouco os seus próprios motivos.

Mrs. Bulstrode, fazendo uma visita matinal a Mrs. Plymdale, por acaso disse que ela não poderia ficar mais tempo, porque iria ver a pobre Rosamond.

– Por que a senhora diz "pobre Rosamond?" – perguntou Mrs. Plymdale, uma

mulher de olhos redondos e afiados, como um falcão domesticado.

– Porque é muito bonita e foi criada com muita indiferença. A mãe, como sabe, sempre teve aquela superficialidade que me faz temer por seus filhos.

– Bem, Harriet, para ser sincera – disse Mrs. Plymdale, com ênfase –, devo dizer que qualquer um imaginaria que tanto a senhora quanto Mr. Bulstrode estariam encantados com o ocorrido, pois a senhora fez de tudo para favorecer Mr. Lydgate.

– Selina, o que está querendo dizer? – perguntou Mrs. Bulstrode, com autêntica surpresa.

– Não que eu não esteja agradecida por Ned – disse Mrs. Plymdale. – Ainda que ele pudesse se dar ao luxo de manter uma esposa assim mais do que algumas pessoas, eu gostaria que ele se casasse com outra. De qualquer maneira, uma mãe se preocupa, e alguns rapazes poderiam levar uma vida ruim como consequência. Além disso, se fosse obrigada a falar, diria que não gosto que estranhos entrem na cidade.

– Eu não sei o que dizer, Selina – disse Mrs. Bulstrode, com um pouco de ênfase, por sua vez. – Mr. Bulstrode já foi um estranho aqui uma vez. Abraão e Moisés também eram estranhos, e somos ensinados a tratar bem os estrangeiros. E, especialmente – acrescentou ela, após uma ligeira pausa –, quando eles são irrepreensíveis.

– Eu não falava no sentido religioso, Harriet. Falava como uma mãe.

– Selina, estou certa de que você nunca me ouviu dizer nada contra uma sobrinha minha se casar com seu filho.

– Bem, é o orgulho de Miss Vincy, tenho certeza de que não é nada mais do que isso – disse Mrs. Plymdale, que nunca havia conversado com Harriet com tanta seriedade sobre esse assunto. – Nenhum jovem em Middlemarch era bom o suficiente para ela; já ouvi isso da mãe dela. Penso que não é um espírito cristão. Mas, agora, pelo que ouvi dizer, ela encontrou um homem tão orgulhoso quanto ela.

– A senhora não quer dizer que existe alguma coisa entre Rosamond e Mr.

Lydgate? – perguntou Mrs. Bulstrode, mortificada por descobrir sua própria ignorância.

– Não é possível que não saiba, Harriet!

– Bem, eu saio tão pouco. E não gosto de fofocas. Na verdade, nunca ouço nenhuma. Você vê tantas pessoas que eu não vejo. Seu círculo de amizades é bastante diferente do nosso.

– Bem, mas tratando-se da sua própria sobrinha e do grande favorito de Mr. Bulstrode... e o seu também, tenho certeza, Harriet! Em algum momento cheguei a pensar que você o havia escolhido para Kate, quando fosse um pouco mais velha.

– Não acredito que possa haver algo sério entre eles no momento – disse Mrs. Bulstrode. – Meu irmão certamente teria me dito alguma coisa.

– Bem, as pessoas são diferentes, mas eu entendi que não há ninguém que veja Miss Vincy e Mr. Lydgate juntos e não fale sobre noivado. De qualquer maneira, não é da minha conta. Ou será que devo hesitar em tocar no assunto com você?

Depois disso, Mrs. Bulstrode dirigiu-se à casa da sobrinha com um novo peso em sua mente. Ela estava elegantemente vestida, mas observou com mais pesar do que de costume que Rosamond, que acabara de entrar e a recebera em traje de passeio, estava quase tão dispendiosamente enfeitada. Mrs. Bulstrode era uma versão feminina e menor de seu irmão, e nada tinha da palidez de seu marido. Ela tinha um olhar bom e honesto e não fazia rodeios.

– Vejo que está só, minha querida – disse ela, quando entraram juntas na sala de estar, lançando um olhar severo ao redor do aposento. Rosamond tinha certeza de que sua tia tinha algo especial a dizer e elas se sentaram perto uma da outra. Mesmo assim, a pena do gorro de Rosamond era tão charmosa que seria impossível não desejar o mesmo tipo de coisa para Kate, e os olhos de Mrs. Bulstrode, que eram muito bonitos, giraram em torno daquele amplo circuito de penas enquanto falava.

– Acabei de ouvir algo sobre você que me surpreendeu muito, Rosamond.

– O que foi, tia? – os olhos de Rosamond também percorriam o grande colarinho bordado de sua tia.

– Eu mal posso acreditar... que você esteja comprometida sem que eu saiba... sem que seu pai me dissesse – os olhos de Mrs. Bulstrode, finalmente, pousaram nos olhos da sobrinha, que corou profundamente, e disse:

– Eu não estou comprometida, tia.

– Como é que todo mundo está dizendo isso, então? Pois é o assunto em toda a cidade.

– Não creio que o que dizem na cidade tenha muita importância – disse Rosamond, interiormente agradecida.

– Oh, minha querida, você precisa ser mais prudente e não deve desprezar seus vizinhos dessa maneira. Lembre-se de que você está com 22 anos agora e não herdará nenhuma fortuna: seu pai, estou certa, não poderá lhe deixar nada. Mr. Lydgate é muito inteligente e talentoso, sei que isso exerce muita atração. Eu mesma gosto de conversar com homens assim, e seu tio o acha muito útil. Mas sua profissão aqui não é lucrativa. Claro que essa vida aqui não é tudo, mas raramente um médico tem autênticas convicções religiosas; eles possuem muito orgulho intelectual. E você não foi feita para se casar com um homem pobre.

– Mr. Lydgate não é um homem pobre, tia. Ele tem ligações muito importantes.

– Ele mesmo me disse que não tinha dinheiro.

– Isso porque ele está acostumado com pessoas que têm um padrão de vida elevado.

– Minha querida Rosamond, você não deve pensar em um padrão de vida muito elevado.

Rosamond baixou os olhos e brincou com sua bolsa. Ela não era uma jovem impetuosa e não tinha respostas precisas, mas pretendia viver como bem entendesse.

– Então é realmente verdade? – disse Mrs. Bulstrode, olhando seriamente para a sobrinha. – Você está pensando em Mr. Lydgate e há algo entre vocês,

embora seu pai não saiba? Seja sincera, minha querida Rosamond. Mr. Lydgate fez alguma proposta?

A pobre Rosamond se viu numa situação bem incômoda. Até o momento ela estava muito tranquila quanto aos sentimentos e intenções de Lydgate, mas agora que sua tia fazia tal pergunta, não era agradável não poder responder sim. Seu orgulho estava ferido, mas seu controle habitual veio em seu auxílio.

– Desculpe-me, tia. Prefiro não falar sobre o assunto.

– Creio que você não daria seu coração a um homem sem uma perspectiva decidida, minha querida. E pense nas duas propostas excelentes que eu sei que você recusou! Uma delas ainda está ao seu alcance, se não a desperdiçar. Conheci uma beldade que escolheu mal e acabou fazendo um casamento péssimo. Mr. Ned Plymdale é um bom rapaz, há quem diga que tem boa aparência. Além disso, é filho único, e um negócio como o seu é melhor do que uma profissão. Não que casar seja tudo. Eu gostaria que você procurasse primeiro o reino de Deus. Mas uma jovem deve saber controlar o seu coração.

– Eu nunca entregaria meu coração a Mr. Ned Plymdale. Eu já o recusei. Se eu amasse, eu deveria amar desde o primeiro instante, sem mudança – disse Rosamond, com uma grande sensação de ser uma heroína romântica que interpretava lindamente o seu papel.

– Estou entendendo, minha filha – disse Mrs. Bulstrode, com a voz cheia de tristeza, levantando-se para ir embora. – Você permitiu que suas afeições fossem comprometidas sem ser correspondida.

– De forma alguma, tia! – disse Rosamond, com ênfase.

– Então você está bastante confiante de que Mr. Lydgate sente algo sério por você?

A essa altura, as bochechas de Rosamond ardiam persistentemente e ela sentia-se mortificada. Ela permaneceu em silêncio e sua tia foi embora ainda mais convencida.

Nas coisas mundanas e indiferentes, Mr. Bulstrode estava disposto a fazer o que sua esposa lhe ordenava, e ela agora, sem explicar suas razões, solicitava

que na próxima conversa com Mr. Lydgate ele tentasse descobrir se o médico tinha alguma intenção de se casar em breve. O resultado foi decididamente negativo. Mr. Bulstrode, ao ser questionado pela mulher, revelou que Lydgate tinha falado como nenhum homem faria se tivesse qualquer apego que pudesse resultar em matrimônio. Mrs. Bulstrode sentiu que tinha uma obrigação grave diante de si e logo conseguiu arranjar um tête-à-tête com Lydgate, durante o qual passou das indagações sobre a saúde de Fred, a sincera preocupação que tinha pela grande família, a observações gerais sobre os perigos que cercavam os jovens no que diz respeito ao seu futuro. Os rapazes costumavam ser rebeldes e decepcionantes, dando pouco retorno pelo dinheiro gasto com eles, e uma jovem era exposta a inúmeras circunstâncias que poderiam interferir em suas perspectivas.

– Especialmente quando ela possui muitos atrativos e seus pais têm muita companhia – disse Mrs. Bulstrode. – Os cavalheiros lhe dedicam muita atenção e absorvem-na só para eles, pelo mero prazer do momento, e isso afasta os demais. Creio, Mr. Lydgate, que é uma grande responsabilidade interferir nas perspectivas de uma jovem – neste ponto, Mrs. Bulstrode fixou os olhos nele, com um propósito inconfundível de advertência, senão de repreensão.

– Com toda certeza – disse Lydgate, olhando fixamente para ela. – Por outro lado, um homem deve ser muito presunçoso para andar por aí com a ideia de que não deve se dirigir a nenhuma jovem, para que ela não se apaixone por ele, ou que os outros pensem que assim deveria ser.

– Mr. Lydgate, o senhor sabe bem quais são as suas vantagens. Sabe que nossos jovens não podem competir com o senhor. O fato de o senhor frequentar assiduamente uma casa pode dificultar, e muito, que uma jovem suscite um futuro desejável ao impedi-la de aceitar alguma proposta, caso alguém chegue a fazê-la.

Lydgate ficou menos lisonjeado com sua vantagem sobre os Orlandos[101] de Middlemarch do que aborrecido ao perceber o significado das palavras de Mrs. Bulstrode. Ela, por sua vez, acreditou que havia falado de forma tão

impressionante quanto necessária e que, ao utilizar a palavra superior “dificultar”, havia jogado um véu sobre um conjunto de particularidades que eram bastante evidentes.

Lydgate estava um pouco irritado; ele puxou o cabelo para trás com uma das mãos, apalpou com curiosidade o bolso do colete com a outra, e, então, se abaixou para chamar o pequeno Spaniel preto, que teve a perspicácia de recusar suas carícias vazias. Não teria sido apropriado ir embora, porque ele estivera jantando com outros convidados e acabara de tomar o chá. No entanto, Mrs. Bulstrode, convencida de que fora compreendida, mudou a conversa.

Creio que os Provérbios de Salomão omitiram dizer que, assim como o palato irritado tende a encontrar os grãos de areia, uma consciência inquieta tende a ouvir insinuações. No dia seguinte, ao despedir-se de Lydgate na rua, Mr. Farebrother sugeriu que eles voltassem a se encontrar à noite na residência dos Vincys. Lydgate respondeu com aspereza que não, que tinha trabalho a fazer e que deveria deixar de sair à noite.

– O quê!? O senhor vai ser amarrado ao mastro e vai tapar os ouvidos?[102] – disse o vigário. – Bem, se não tem a intenção de ser conquistado pelas sereias, faz bem em tomar as devidas precauções enquanto há tempo.

Poucos dias antes, Lydgate não teria dado atenção àquelas palavras e as teria interpretado apenas como a maneira usual do vigário de dizer as coisas. Mas, agora, elas pareciam incluir uma insinuação que confirmava a impressão de que ele estivera fazendo papel de bobo e se comportando de forma a induzir ao erro. Não a um erro por parte da própria Rosamond, que, ele tinha certeza, interpretava tudo com tanta superficialidade quanto ele pretendia. Afinal, ela possuía um tato e um discernimento requintado em relação a todos os aspectos das boas maneiras. Entretanto, as pessoas entre as quais ela vivia eram grosseiras e intrometidas. Mas o erro não deveria ir mais longe. Ele decidiu, e manteve sua decisão, que não iria à casa dos Vincys, exceto a negócios.

Rosamond ficou muito infeliz. A inquietação inicialmente provocada pelas perguntas de sua tia cresceu e aumentou até que, transcorridos dez dias sem ter

visto Lydgate, converteu-se em terror diante do vazio que se avizinhava, um pressentimento como uma esponja fatídica que absorve de maneira tão barata as esperanças dos mortais. Seu mundo tornou-se lúgubre, como um deserto que por obra de um mago havia sido convertido por um breve espaço de tempo em um jardim. Ela começou a saborear a acidez do amor não correspondido, e a acreditar que nenhum outro homem seria capaz de despertar nela sentimentos tão maravilhosos como ela desfrutara nos últimos seis meses. A pobre Rosamond perdeu o apetite e se sentiu tão desamparada quanto Ariadne, como uma encantadora Ariadne do teatro, que havia sido abandonada com todos os seus camarotes cheios de fantasias e sem a esperança de uma carruagem.

Há no mundo muitas misturas maravilhosas, todas chamadas de amor, que reivindicam os privilégios de uma fúria sublime que é a desculpa para qualquer coisa (na literatura e no drama). Felizmente, Rosamond não pensava em cometer nenhum ato desesperado; ela trançava o cabelo louro com a elegância de sempre e mantinha-se orgulhosamente tranquila. Sua suposição mais otimista era que sua tia Bulstrode havia interferido de alguma forma para impedir as visitas de Lydgate: qualquer coisa era melhor do que uma indiferença espontânea por parte dele. Qualquer um que considere dez dias um período muito curto, não para entregar-se ao langor e emagrecer, ou outros efeitos mensuráveis da paixão, senão para o circuito espiritual de conjecturas alarmantes e desilusão, ignora o que pode passar pela mente de uma jovem em seus momentos elegantes de ócio.

Entretanto, no décimo primeiro dia, Lydgate estava se preparando para deixar Stone Court quando Mrs. Vincy lhe pediu que informasse a seu marido que a saúde de Mr. Featherstone havia sofrido uma mudança marcante e que ela desejava que ele fosse a Stone Court naquele mesmo dia. Lydgate poderia ter ido procurá-lo no armazém, ou poderia ter escrito uma mensagem em uma folha de sua caderneta e deixado na porta. No entanto, tais dispositivos simples aparentemente não lhe ocorreram, o que nos faz concluir que ele não tinha grande objeção em passar pela casa de Mr. Vincy em um momento em que ele não estava em casa, e deixar o recado com Miss Vincy. Um homem pode, por

vários motivos, recusar sua companhia, mas talvez nem mesmo um sábio ficaria satisfeito se ninguém sentisse sua falta. Seria uma maneira elegante e fácil de reconstituir os novos hábitos aos antigos, trocar algumas palavras divertidas com Rosamond sobre sua resistência à dissipação e sua firme resolução de fazer longas abstinências, até dos mais doces sons. Deve-se admitir também que especulações momentâneas quanto a todos os possíveis motivos para as insinuações de Mrs. Bulstrode haviam conseguido se entrelaçar, como fios de cabelo fracos e pegajosos, na teia mais substancial de seus pensamentos.

Miss Vincy estava sozinha e corou tão profundamente quando Lydgate entrou, que ele sentiu um constrangimento correspondente e, no lugar das brincadeiras previstas, começou imediatamente a falar sobre o motivo da visita e a implorar, quase formalmente, que entregasse o recado ao seu pai. Rosamond, que no primeiro momento sentiu como se sua felicidade estivesse voltando, ficou profundamente magoada com a atitude de Lydgate. Ela perdeu o rubor e assentiu com frieza, sem acrescentar uma palavra desnecessária, usando algum trabalho corriqueiro que tinha nas mãos para evitar olhar para Lydgate acima do seu queixo. Em todos os fracassos, o princípio é certamente a metade do todo. Depois de dois longos minutos de silêncio, durante os quais ele movia o chicote sem dizer uma palavra, Lydgate levantou-se para ir embora e, Rosamond, nervosa pela luta que mantinha entre a mortificação e o desejo de não traí-la, de repente deixou cair o tear e mecanicamente abaixou-se. Lydgate também se abaixou instantaneamente para pegar o objeto. Quando se levantou, estava muito perto de um rosto adorável sobre um pescoço longo e charmoso, que ele estava acostumado a ver se movendo com o perfeito controle da elegância presunçosa. Mas, agora, ao erguer os olhos, ele viu um certo tremor impotente, que o tocou pelo desconhecido, e o fez olhar para Rosamond com um lampejo questionador. Nesse momento, ela estava tão natural como sempre estivera aos cinco anos: ela sentiu que as lágrimas brotavam em seus olhos e percebeu que era inútil tentar fazer qualquer coisa, senão deixar que elas caíssem como gotas sobre uma flor azul, ou que rolassem pela face, à mercê de sua grande emoção.

Este momento de naturalidade foi o toque sutil da cristalização que transformou o flerte em amor. Lembrem-se de que o homem ambicioso que admirava os miosótis debaixo da água era muito afetuoso e imprudente. Ele não sabia onde o tear tinha ido parar; uma ideia havia atravessado as arestas do seu coração, com o efeito milagroso de despertar o poder do amor apaixonado enterrado ali, não sob um sepulcro selado, mas em um molde mais leve e facilmente quebrável. Suas palavras foram bastante abruptas e desastrosas, mas a entonação as fazia soar como uma confissão ardente e suplicante:

– Qual é o problema? Parece angustiada. Diga-me, por favor.

Nunca ninguém havia falado com Rosamond nesse tom. Não estou certa de que ela sabia quais foram as palavras, mas ela olhou para Lydgate e as lágrimas escorreram pelo seu belo rosto. Não poderia haver uma resposta mais clara do que aquele silêncio, e Lydgate, esquecendo-se de tudo o mais, completamente dominado pelo ímpeto da ternura ante a repentina crença de que aquela doce criatura dependia dele para ser feliz, envolveu-a com seus braços, de maneira gentil e protetora (ele estava acostumado a ser gentil com os fracos e sofredores) e beijou cada uma das duas grandes lágrimas. Foi uma maneira estranha de chegar a um entendimento, mas foi rápida. Rosamond não ficou zangada, mas afastou-se um pouco em tímida felicidade, e Lydgate pôde sentar-se junto a ela e falar menos incoerentemente. Rosamond fez sua pequena confissão e ele derramou palavras de gratidão e ternura com impulsiva generosidade. Depois de meia hora, ele deixou a casa como um homem comprometido, cuja alma já não lhe pertencia, mas sim à mulher a quem tinha se vinculado.

Ele voltou à noite para falar com Mr. Vincy, que, acabando de voltar de Stone Court, tinha certeza de que não demoraria muito para ouvir sobre a morte de Mr. Featherstone. A feliz palavra “morte”, que oportunamente lhe ocorrera, havia elevado seu ânimo ainda mais do que sua habitual animação noturna. A palavra certa é sempre uma força e comunica à nossa ação sua exatidão. Considerada como pensamento, a morte do velho Featherstone assumia um aspecto meramente legal, de forma que Mr. Vincy podia abrir sua caixa de rapé e ir

pensando a respeito sem deixar de ser jovial, sem nem sequer temer uma simulação intermitente de solenidade, pois tanto a solenidade quanto a simulação eram coisas que Mr. Vincy odiava. Quem já se encheu de reverência ante a um testamentário ou cantarolou por causa de um título de propriedade de terras? Mr. Vincy sentia-se inclinado a ter uma visão jovial sobre todas as coisas naquela noite: ele até comentou com Lydgate que Fred havia conseguido resgatar, depois de tudo, a constituição familiar e logo voltaria a ser um sujeito tão bom como antes; e quando sua aprovação do compromisso de Rosamond foi solicitada, ele a concedeu com surpreendente facilidade, passando imediatamente a observações genéricas sobre a conveniência do matrimônio para rapazes e moças e, aparentemente, deduzindo do todo a conveniência de um pouco mais de ponche.

CAPÍTULO XXXII

“Eles vão aceitar a sugestão como o gato lambe o leite.”
– SHAKESPEARE, A Tempestade

A confiança triunfante do prefeito, fundamentada na exigência insistente de Mr. Featherstone de que Fred e sua mãe não o abandonassem, era uma emoção débil em comparação à que agitava os corações dos parentes consanguíneos do velho, que naturalmente manifestavam mais o seu senso de vínculo familiar, e eram mais visivelmente numerosos, agora que ele se encontrava acamado. Naturalmente, pois quando o “pobre Peter” ocupava sua poltrona na sala forrada de lambris, nenhum besouro assíduo (para quem a cozinheira os aguardava com água fervente) poderia ser menos bem-vindo a uma casa, cujo proprietário preferia perto dele pessoas em que o sangue dos Featherstone era esmaecido em parentesco, não devido à sua mesquinhez, mas como consequência da pobreza de espírito de seus parentes, que somente estavam interessados em sua fortuna. O irmão Solomon e a irmã Jane eram ricos, e a franqueza familiar e a total ausência de cortesia com as quais sempre foram recebidos não lhes pareciam argumento para que seu irmão, no ato solene de fazer seu testamento, ignorasse as reivindicações dos superiores direitos de riqueza. Ao menos com eles, ele nunca havia sido desnaturado o suficiente para banir de sua casa, e não parecia um ato de excentricidade que tivesse mantido afastados o irmão Jonah, a irmã Martha e os demais, que não tinham nem de longe os mesmos direitos. Eles conheciam a máxima de Peter de que o dinheiro era um bom ovo, e deveria ser incubado em um ninho aquecido.

Mas o irmão Jonah, a irmã Martha e todos os exilados necessitados tinham um ponto de vista diferente. As probabilidades são tão diversas quanto os rostos

que podem ser vistos à vontade em arabescos ou em papel de parede: todas as formas estão lá, de Júpiter a Judy,[103] se os buscarmos com disposição criativa. Para os mais pobres e menos favorecidos, parecia provável que, uma vez que Peter não havia feito nada por eles em vida, ele iria se lembrar deles na morte. Jonah argumentou que os homens gostavam de surpreender com seus testamentos, enquanto Martha dizia que ninguém iria se surpreender se ele deixasse a maior parte de seu dinheiro para quem menos se esperava. Também não se podia ignorar que o próprio irmão "jogado ali" com hidropisia nas pernas devia concluir que o sangue era mais espesso do que a água e, mesmo se não alterasse seu testamento, talvez tivesse algum dinheiro com ele. De qualquer forma, alguns parentes de sangue deveriam estar no local, vigilantes contra aqueles que nem eram parentes. Coisas como testamentos forjados e testamentos em litígio existiam e pareciam ter a vantagem dourada de permitir, de alguma maneira, que não-legatários vivessem deles. Novamente, aqueles que não eram parentes de sangue poderiam ser pegos furtando coisas, e o pobre Peter "jogado ali", indefeso! Alguém deveria estar vigiando. No entanto, nesse ponto eles coincidiam com Solomon e Jane. Adicionalmente, alguns sobrinhos, sobrinhas e primos, argumentando com ainda maior sutileza sobre o que poderia ser feito com um homem com grandes doses de esquisitice e capaz de deixar "a Deus dará" suas propriedades, sentiam-se de uma forma magnânima, que havia um interesse familiar a se resguardar, e pensavam em Stone Court como um lugar de visita obrigatória. A irmã Martha, ou melhor, Mrs. Cranch, que vivia com alguma dificuldade respiratória em Chalky Flats, não pôde fazer a viagem, mas seu filho, sendo o próprio sobrinho do pobre Peter, poderia representá-la com vantagem, e cuidar para que seu tio Jonah não fizesse um uso injusto das coisas improváveis que pareciam prováveis de acontecer. Na verdade, havia um sentimento geral que corria nas veias dos Featherstones de que todos deveriam vigiar todos os outros, e que seria bom para todos refletir sobre o que o Todo-Poderoso observava.

Assim, Stone Court era um cenário de constantes idas e vindas de um ou

outro parente consanguíneo, e Mary Garth ficou com a desagradável tarefa de levar suas mensagens a Mr. Featherstone, que se negava a recebê-los e a enviava de volta com a missão ainda mais desagradável de comunicá-los. Como governanta da casa, ela sentiu-se obrigada, segundo o estilo provinciano, a convidá-los para o almoço, mas optou por consultar Mrs. Vincy sobre o consumo extra, agora que Mr. Featherstone estava acamado.

– Ah, minha querida, você deve fazer as coisas com generosidade quando há uma doença terminal e uma propriedade. Deus sabe, eu não vou controlar todo o presunto que há na casa, mas guarde o melhor para o funeral. Tenha sempre preparada uma vitela recheada e um bom queijo. Você deve manter a casa aberta em casos de doenças terminais – disse a generosa Mrs. Vincy, recuperados o seu tom alegre e suas roupas vistosas.

Porém, alguns dos visitantes chegavam e não partiam depois da bela refeição de vitela e presunto. O irmão Jonah, por exemplo (existem pessoas desagradáveis na maioria das famílias; talvez até na mais alta aristocracia haja espécimes de Brobdingnag,[104] gigantescamente endividados e engordados a um alto custo), mas como eu dizia, o irmão Jonah, praticamente um indigente, mantinha-se principalmente graças a uma vocação da qual, por suficiente modéstia, ele não se gabava, embora fosse melhor do que trapacear no mercado ou no hipódromo, mas que não exigia sua presença em Brassing, desde que tivesse um bom canto para sentar-se e um fornecimento de boa comida. Ele escolheu um canto da cozinha, em parte porque gostava mais e em parte porque não queria sentar-se com Solomon, a respeito de quem tinha uma péssima opinião de irmão. Sentado em uma excelente poltrona com seu melhor traje, tendo sempre em vista um bom assado, sentia-se com a consciência tranquila de estar ali no centro dos acontecimentos, uma impressão que se misturava a fugazes sugestões de domingo e do pub Green Man; ele informou a Mary Garth que não se afastaria do seu irmão Peter enquanto o pobre sujeito ainda estivesse neste mundo. Os problemáticos em uma família geralmente são os espirituosos ou os idiotas. Jonah era o espirituoso entre os Featherstones e brincava com as

criadas quando elas se aproximavam do fogão, mas parecia considerar Miss Garth uma personagem suspeita e a seguia com olhos frios.

Mary teria suportado esse par de olhos com relativa facilidade, mas infelizmente havia o jovem Cranch, que, tendo vindo de Chalky Flats para representar sua mãe e cuidar de seu tio Jonah, também acreditava que era seu dever ficar e sentar-se, principalmente na cozinha, para fazer companhia ao tio. O jovem Cranch não era exatamente o ponto de equilíbrio entre o espirituoso e o idiota, ligeiramente mais inclinado para o último tipo, apertando os olhos para deixar tudo em dúvida sobre seus sentimentos, exceto que eles não eram de um caráter convincente. Quando Mary Garth entrava na cozinha, e Mr. Jonah Featherstone começava a segui-la com seus olhos frios de detetive, o jovem Cranch, virando a cabeça na mesma direção, parecia insistir que ela observasse como ele estava apertando os olhos, como se o fizesse de propósito, assim como os ciganos quando Borrow[105] lia o Novo Testamento para eles. Isso era demais para a pobre Mary. Às vezes, ela ficava de mal humor, às vezes chegava a ficar alterada. Um dia, quando a oportunidade surgiu, ela não pôde resistir e descreveu a cena da cozinha para Fred, que não pôde ser impedido de ir imediatamente vê-la, fingindo simplesmente passar pelo local. Mas, assim que ele encarou os quatro olhos, teve que correr pela porta mais próxima, que por acaso levava à leiteria, e lá, sob o teto alto e entre as panelas, ele deu uma gargalhada cuja ressonância oca era perfeitamente audível na cozinha. Ele saiu por outra porta, mas Mr. Jonah, que nunca tinha visto a tez branca, as pernas longas e a delicadeza do rosto de Fred, preparou muitos sarcasmos nos quais tais características combinavam com os mais baixos atributos morais.

– Ora, Tom, você não usa calças tão elegantes, nem tem metade dessas pernas compridas – disse Jonah ao sobrinho, piscando ao mesmo tempo, para dar a entender que o comentário escondia algo mais do que evidente. Tom olhou para as pernas, mas não sabia se preferia suas vantagens morais a um comprimento de membro mais perverso e calças de elegância censurável.

Na grande sala de lambris, também havia constantemente pares de olhos

vigilantes e parentes dispostos a “velar o defunto”. Muitos chegavam, comiam e partiam, mas o irmão Solomon e a senhora que fora Jane Featherstone por vinte e cinco anos antes de se tornar Mrs. Waule achavam bom permanecer ali várias horas por dia, sem outra ocupação senão observar a “astuta” Mary Garth (que possuía uma característica tão defensiva que nunca pisava em falso) e, oferecendo ocasionais mostras de choro seco e enrugado, como evoluções de torrentes em uma estação mais úmida, diante do fato de que eles não tinham permissão para entrar nos aposentos de Mr. Featherstone. A antipatia do velho por sua própria família parecia aumentar à medida que diminuía sua capacidade de se divertir dizendo coisas mordazes para eles. Abatido demais para picar, o veneno se acumulava no seu sangue.

Sem acreditar totalmente na mensagem trazida por Mary Garth, eles se apresentaram juntos na porta da alcova, ambos vestidos de preto: Mrs. Waule com um lenço branco parcialmente desdobrado na mão, e ambos com os rostos em uma espécie de roxo de luto, enquanto Mrs. Vincy, com suas bochechas rosadas e fitas rosas ao vento, administrava um tônico ao doente, e Fred, de pele clara, com o cabelo curto e encaracolado como seria de esperar em um libertino, relaxava confortavelmente em uma grande cadeira.

Assim que o velho Featherstone avistou essas figuras fúnebres se aproximando apesar de suas ordens, a raiva o fortaleceu com mais êxito do que o tônico. Ele estava apoiado na cama, e sempre tinha sua bengala com empunhadura de ouro ao seu lado. Ele a agarrou e a balançou de um lado para o outro em uma área tão grande quanto podia, aparentemente tentando banir aqueles horríveis espectros, gritando em uma espécie de guincho rouco:

– Para trás, para trás, Mrs. Waule! Para trás, Solomon!

– Mas, irmão Peter – começou a dizer Mrs. Waule. O irmão Solomon levantou a mão para detê-la. Ele era um homem de bochechas grandes, próximo dos 70 anos, com pequenos olhos furtivos, e não apenas dono de temperamento mais brando, mas que se considerava muito mais esperto do que seu irmão Peter. Na verdade, não era provável que fosse enganado por nenhum de seus

semelhantes, uma vez que estes não poderiam ser mais gananciosos e mentirosos do que ele suspeitava que fossem. Ele acreditava que mesmo os poderes invisíveis poderiam ser apaziguados por um suave parêntesis aqui e ali, procedentes de um homem de posses, que poderia ter sido tão indigno quanto os outros.

– Irmão Peter – disse ele, em um tom bajulador, mas gravemente oficial –, não é senão obrigação minha vir mencionar o manganês e os três terrenos. O Todo-Poderoso sabe o que tenho em mente...

– Então ele sabe mais do que eu quero saber – disse Peter, soltando a bengala em uma demonstração de trégua, que também trazia uma ameaça, pois ele inverteu sua posição fazendo com que a empunhadura de ouro servisse como um porrete no caso da luta se tornar mais íntima, e olhou fixamente para a careca de Solomon.

– Há coisas das quais você pode se arrepender, irmão, por não querer falar comigo – disse Solomon, sem avançar. – Eu poderia me sentar com você esta noite, e Jane também, de boa vontade, e você poderia usar o seu próprio tempo para falar, ou me deixar falar.

– Sim, sim, vou usar o meu tempo como eu quiser, não preciso do seu – disse Peter.

– Mas você não pode escolher a hora de morrer, irmão – começou Mrs. Waule, com seu tom aveludado. – E quando não puder mais falar, poderá estar cansado de ter estranhos ao seu redor, e pode pensar em mim e em meus filhos... – sua voz falhou diante do pensamento comovente que atribuía a seu irmão sem voz; a menção de que somos naturalmente emotivos.

– Não, não – disse o velho Featherstone, contraditoriamente. – Não pensarei em nenhum de vocês. Já fiz meu testamento; eu repito, já fiz meu testamento – ele virou a cabeça para Mrs. Vincy e engoliu um pouco mais de seu tônico.

– Há quem se envergonhe de ocupar um lugar que pertence por direito a outros – disse Mrs. Waule, virando seus olhos estreitos na mesma direção.

– Irmã – disse Solomon, com irônica doçura –, você e eu não somos bons,

elegantes e espertos o suficiente; devemos ser humildes e permitir que as pessoas espertas se apresentem antes de nós.

O espírito de Fred não conseguiu suportar a ofensa; ele levantou-se, olhou para Mr. Featherstone, e disse: – Quer que minha mãe e eu deixemos o quarto, senhor, para que fique sozinho com seus irmãos?

– Eu quero que você se sente – disse o velho Featherstone, rispidamente. – Fique onde está. Adeus, Solomon – adicionou ele, tentando empunhar sua bengala novamente, mas fracassando já que havia invertido sua posição. – Adeus, Mrs. Waule. Não volte.

– Eu ficarei no andar de baixo, irmão, quer você queira ou não – disse Solomon. – Cumprirei com a minha obrigação e resta saber o que permitirá o Todo-Poderoso.

– Sim, porque isso de propriedades saindo das famílias – continuou Mrs. Waule –, onde há jovens ajuizados para cuidar... me compadeço daqueles que não são assim, e também de suas mães. Adeus, irmão Peter.

– Lembre-se, Peter, eu sou o mais velho depois de você, irmão, e prosperei desde o início, assim como você fez, e já tenho terras com o nome de Featherstone – disse Solomon, confiando muito naquela reflexão, como tema que poderia ser sugerido nas vigílias da noite de seu irmão moribundo. – Mas eu me despeço de você por enquanto.

Sua saída foi apressada diante da visão do velho Mr. Featherstone puxando a peruca e fechando os olhos com uma careta que alargava sua boca, como se estivesse decidido a ser surdo e cego.

No entanto, eles continuaram indo a Stone Court diariamente e permaneciam em seu posto de vigília, às vezes mantendo um diálogo lento e sussurrante, no qual a observação estava tão distante da resposta que, ao ouvi-los alguém poderia imaginar autômatos falantes, e havia uma dúvida se o engenhoso mecanismo realmente funcionaria, ou se ficariam em silêncio. Solomon e Jane lamentavam a leviandade: era evidente que aquilo os levaria a serem vistos como o outro do outro lado da parede, na pessoa do irmão Jonah.

Porém, sua vigília na sala de lambris era às vezes alterada pela presença de outros convidados vindos de longe ou de perto. Agora que Peter Featherstone estava acamado no andar de cima, sua propriedade poderia ser discutida com todo o colorido local encontrado no próprio lugar. Alguns vizinhos rurais e de Middlemarch estavam muito de acordo com a família e expressavam sua simpatia por seus interesses contra os Vincys; havia também visitantes femininas que se comoviam até as lágrimas em conversas com Mrs. Waule, ao recordar como elas mesmas haviam se decepcionado no passado por codicilos e casamentos por rancor por parte de senhores idosos ingratos, os quais, alguém poderia supor, haviam recebido uma longevidade para fazer melhor uso dela. Tais conversas eram repentinamente interrompidas como um órgão quando o fole é liberado, se Mary Garth entrasse na sala, e todos os olhos se voltavam para ela como uma possível legatária, ou alguém que poderia ter acesso aos baús de ferro.

No entanto, os homens mais jovens, que eram parentes ou estavam vinculados à família, dispunham-se a admirá-la sob este prisma problemático, como uma jovem que mostrava grande conduta e que, entre todas as chances que ali se encontravam, poderia acabar sendo um prêmio não desprezível. Consequentemente, ela recebia sua cota de elogios e atenções.

Em especial, recebia atenções de Mr. Borthrop Trumbull, um distinto solteirão e leiloeiro da região, muito preocupado com a venda de terras e gado. Era certamente uma pessoa pública, cujo nome era visto em cartazes amplamente distribuídos, e que poderia muito bem compadecer-se daqueles que não o conheciam. Era primo em segundo grau de Peter Featherstone e fora tratado por ele com mais cortesia do que qualquer outro parente, sendo útil em matéria de negócios e no planejamento de seu funeral, que o próprio velho havia ditado, e foi nomeado como carregador. Não havia indício da odiosa ganância em Mr. Borthrop Trumbull, nada além de um sentimento sincero de seu próprio mérito, o qual, ele bem sabia, em caso de rivalidade, poderia atuar a seu favor, fazendo com que Peter Featherstone, que dizia a respeito do próprio Trumbull, se

comportara como uma alma tão boa como qualquer outra, que teria feito qualquer coisa por ele, e tudo o que podia dizer era que ele nunca o havia enganado ou bajulado, mas que o havia aconselhado com o melhor de sua experiência, que agora se estendia por mais de 20 anos a partir do momento de seu aprendizado aos 15, e que era improvável que tivesse conhecimento de algo obtido por meios ilícitos. Sua admiração estava longe de ser limitada a si mesmo, mas estava acostumado, tanto profissional quanto pessoalmente, a desfrutar das coisas de alto nível. Ele era um amante de grandes frases e nunca empregava uma linguagem pobre sem corrigir-se imediatamente, o que era uma sorte, já que ele falava muito alto, e costumava se sobressair, ficando em pé e com frequência caminhando enquanto dava alguma explicação, puxando o colete para baixo com ares de um homem que sabe o que quer, utilizando o dedo indicador para ajeitar o cabelo e marcando cada nova série de movimentos com uma breve brincadeira com seus grandes anéis. Ocasionalmente, havia um pouco de ferocidade em seu comportamento, mas era dirigido principalmente contra as falsas opiniões, sobre as quais há tantas a corrigir no mundo que um homem com alguma leitura e experiência necessariamente vê sua paciência posta à prova. Ele acreditava que a família Featherstone, no geral, tinha uma compreensão limitada, mas sendo um homem experiente e uma pessoa pública, levava tudo como uma coisa natural, e até ia conversar com Mr. Jonah e o jovem Cranch na cozinha, seguro de haver impressionado muito o último com suas questões sobre Chalky Flats. Se alguém tivesse observado que Mr. Borthrop Trumbull, sendo um leiloeiro, era obrigado a conhecer a natureza de todas as coisas, ele teria rido e dito para si mesmo em silêncio que o comentário era bastante acertado. No geral, como leiloeiro, era um homem honrado, não se envergonhava de seu trabalho e dizia que “o célebre Peel, agora Sir Robert”,[106] não deixaria de reconhecer sua importância caso fossem apresentados.

– Eu não me importaria de comer uma fatia desse presunto e tomar um copo de cerveja, Miss Garth, se a senhorita permitir – disse ele, entrando na sala às onze e meia, depois de ter tido o excepcional privilégio de ver o velho

Featherstone e ficar de costas para o fogo entre Mrs. Waule e Solomon.

– Não é necessário que saia, deixe-me tocar a sineta.

– Obrigada – disse Mary –, mas tenho que ir à cozinha.

– Bem, Mr. Trumbull, o senhor foi altamente favorecido – disse Mrs. Waule.

– Por ver o velho? – perguntou o leiloeiro, brincando com seus anéis desapaixonadamente. – A senhora verá que ele confiou muito em mim – ele apertou os lábios e franziu a testa, pensativo.

– Pode-se perguntar o que nosso irmão andou dizendo? – perguntou Solomon, em um tom suave de humildade que lhe proporcionava uma sensação de astúcia suntuosa, pois era um homem rico e não precisava disso.

– É claro que sim – disse Mr. Trumbull, com um sarcasmo contundente e bem-humorado. – Qualquer um pode perguntar. Qualquer um pode transformar seus comentários em um interrogatório – continuou ele, sua sonoridade aumentando juntamente com seu estilo. – Isso é o que bons oradores fazem constantemente, mesmo quando não esperam nenhuma resposta. É o que chamamos de retórica, fazer uma boa figura e falar, como se pode dizer – o eloquente leiloeiro sorriu com sua própria engenhosidade.

– Eu não lamentaria saber que ele se lembrou do senhor, Mr. Trumbull – disse Solomon. – Jamais me opus àqueles que merecem. É contra os que não merecem que me oponho.

– Ah, essa é a questão, o senhor vê, essa é a questão – disse Mr. Trumbull, significativamente. – Não se pode negar que pessoas não merecedoras têm sido legatárias, até mesmo herdeiros universais. Assim é com as disposições testamentárias – mais uma vez, ele franziu os lábios e também um pouco a testa.

– O senhor está afirmando que meu irmão deixou suas terras fora de nossa família? – perguntou Mrs. Waule, sobre quem, como mulher de pouca esperança, aquelas longas palavras tiveram um efeito deprimente.

– Um homem pode muito bem decidir deixar suas terras para a caridade no lugar de deixá-las para algumas pessoas – observou Solomon, ao não obter resposta para a pergunta da sua irmã.

– Como? Terras para caridade? – disse Mrs. Waule. – Oh, Mr. Trumbull, é isso o que está tentando dizer? Seria atentar contra o Todo-Poderoso, que o fez prosperar.

Enquanto Mrs. Waule falava, Mr. Borthrop Trumbull se afastou da lareira e caminhou em direção à janela, passando o dedo indicador no interior do colarinho, depois ao longo dos bigodes e finalmente pelas curvas do cabelo. Ele foi até a mesa de trabalho de Miss Garth, abriu um livro que lá se encontrava e leu o título em voz alta com ênfase pomposa, como se o estivesse oferecendo à venda:

– *Anne de Geierstein* (pronuncia-se *Jeersteen*) ou a "Donzela da Névoa", do autor de *Waverley*.

Em seguida, virando a página, ele começou com sonoridade: – Passaram-se quase quatro séculos desde que os eventos que são relatados nos capítulos seguintes acontecessem no continente – ele pronunciou a última palavra de forma verdadeiramente admirável, com ênfase na última sílaba, não por desconhecimento, mas acreditando que a novidade realçava a bela sonoridade que sua leitura havia proporcionado ao conjunto.

Neste momento, a criada entrou com a bandeja, fazendo com que a ocasião para responder à pergunta de Mrs. Waule desaparecesse, que, assim como Solomon, observava os movimentos de Mr. Trumbull e pensava que o alto grau de conhecimento interferia lastimosamente nos assuntos sérios. Na verdade, Mr. Borthrop Trumbull não sabia nada a respeito do testamento do velho Featherstone, mas dificilmente poderia ter sido levado a declarar sua ignorância, a menos que tivesse sido preso por encobrir uma traição.

– Vou comer só um pouco de presunto e tomar um copo de cerveja – disse ele, tranquilizadoramente. – Como homem que vive em função dos negócios, eu como alguma coisa quando posso. Aposto que não há nos três reinos – acrescentou, depois de engolir alguns pedaços com velocidade alarmante – nenhum presunto como este. Em minha opinião é melhor do que os presuntos de Freshitt Hall, e acredito que sou um juiz bastante razoável.

– Há quem não goste de tanto doce em seus presuntos – disse Mrs. Waule –, mas meu pobre irmão sempre gostou assim.

– Se há quem exija algo melhor, está no seu direito; mas, bendito seja! Que aroma! Eu gostaria muito de poder comprar um com esta qualidade. Devemos agradecer a um cavalheiro – nesse momento a voz de Mr. Trumbull foi acompanhada de um protesto emocional – por servir este tipo de presunto em sua mesa.

Ele empurrou o prato para o lado, serviu o copo de cerveja e puxou um pouco a cadeira para a frente, aproveitando a ocasião para olhar a parte interna das pernas que acariciou com aprovação, pois possuía aqueles ares e gestos menos frívolos que distinguem as raças predominantes do Norte.

– Vejo que tem aí um trabalho interessante, Miss Garth – observou ele, quando Mary voltou a entrar. – É do autor de *Waverley*, ou seja, Sir Walter Scott. Eu mesmo comprei uma de suas obras... uma coisa muito bonita, uma publicação muito superior, intitulada *Ivanhoe*. Creio não haver escritor que o supere com facilidade; na minha opinião, não irão superá-lo tão cedo. Acabei de ler uma parte da introdução de *Anne de Jeersteen*. Começa bem. – (As coisas nunca tinham início com Mr. Borthrop Trumbull, elas sempre começavam, tanto na vida privada quanto em seus prospectos). – A senhorita gosta de ler, pelo que vejo. Acaso é assinante da nossa biblioteca de Middlemarch?

– Não – disse Mary –, Mr. Fred Vincy trouxe este livro.

– Eu também gosto de livros – respondeu Mr. Trumbull. – Tenho mais de duzentos volumes encadernados, e presumo que foram bem selecionados. Também possuo obras de Murillo, Rubens, Teniers, Ticiano, Vandyck e outros. Ficarei feliz em emprestar-lhe qualquer trabalho que desejar, Miss Garth.

– Fico muito agradecida – disse Mary, dispondo-se a sair novamente –, mas tenho pouco tempo para ler.

– Suponho que meu irmão deixará algo para ela em seu testamento – disse Mr. Solomon, em voz baixa, quando ela fechou a porta atrás de si, apontando com a cabeça para a ausente Mary.

– No entanto, sua primeira esposa não era um bom partido – disse Mrs. Waule. – Ela não lhe trouxe nada e aquela jovem é apenas sua sobrinha. E muito orgulhosa. E meu irmão sempre pagou o salário dela.

– Porém, é uma jovem sensata, na minha opinião – disse Mr. Trumbull, terminando sua cerveja e colocando-se de pé com um ajuste enfático de seu colete. – Eu a tenho observado quando ela mistura as gotas dos remédios. Ela se importa com o que faz. Isso é muito importante em uma mulher, e muito importante para nosso amigo no andar de acima, pobre alma. Um homem cuja vida tem algum valor deveria pensar em sua esposa como uma enfermeira; é o que eu faria, se me casasse. Creio que estou solteiro há bastante tempo para não cometer um erro nessa linha. Alguns homens precisam se casar para se elevar um pouco, mas quando eu precisar disso, espero que alguém me diga, espero que alguém me avise do fato. Desejo-lhe um bom dia, Mrs. Waule. Bom dia, Mr. Solomon. Espero que nos encontremos sob auspícios menos melancólicos.

Quando Mr. Trumbull saiu depois da mais profunda reverência, Solomon inclinou-se para a frente e comentou com sua irmã: – Pode estar certa, Jane, meu irmão deixou uma grande soma para essa jovem.

– Qualquer um pensaria assim pelo modo de falar de Mr. Trumbull – disse Jane. Então, após uma pausa, ela acrescentou: – Ele fala como se minhas filhas não fossem confiáveis para dar remédios.

– Leiloeiros dizem muitas loucuras – disse Solomon. – Embora Mr. Trumbull tenha feito algum dinheiro.

CAPÍTULO XXXIII

“Feche seus olhos e a cortina; vamos todos meditar.”
– SHAKESPEARE. Henrique VI – Parte 2, ato 3

Um pouco depois da meia-noite, Mary Garth substituiu a vigília no quarto de Mr. Featherstone e ficou sentada sozinha durante a noite toda. Muitas vezes ela se voluntariava para a tarefa, na qual encontrava algum prazer, apesar da impertinência do velho quando requeria sua atenção. Havia intervalos nos quais ela podia ficar absolutamente imóvel, desfrutando da luz tênue e do silêncio lá fora. O fogo vermelho com seu suave movimento audível era como uma existência solene, pacificamente independente das paixões mesquinhas, dos desejos ridículos, do esforço por incertezas inúteis, que diariamente provocavam seu desprezo. Mary gostava de seus próprios pensamentos e podia se distrair muito bem sentada na penumbra com as mãos sobre o colo, pois, tendo desde cedo tido fortes razões para acreditar que as coisas provavelmente não seriam arranjadas para sua própria satisfação, ela não perdia tempo com espanto e aborrecimento. Além disso, já havia aprendido a levar a vida como uma comédia na qual havia adotado uma decisão generosa, não orgulhosa, de não representar o papel mesquinho ou traiçoeiro. Mary poderia muito bem ter se tornado cínica se não tivesse pais a quem respeitasse, assim como uma fonte de gratidão no seu interior, fonte que estava ainda mais completa porque ela havia aprendido a não fazer reivindicações irracionais.

Nesta noite, ela revolvia, como de costume, as cenas do dia; seus lábios frequentemente esboçavam um sorriso com as esquisitices que sua imaginação convertia em outras ainda mais exóticas: as pessoas eram tão ridículas com suas ilusões, carregando suas carapuças de tolos sem perceber, acreditando que suas

próprias mentiras eram opacas, enquanto as de todos os outros eram transparentes, fazendo de si mesmas a exceção de tudo, quando todo o mundo parecia amarelo sob a luz de um lampião, e só elas continuassem rosadas. No entanto, aos olhos de Mary existiam certas ilusões que não lhe ofereciam muito conforto. Ela estava secretamente convencida, embora não tivesse nenhum outro fundamento além de sua observação atenta da natureza do velho Featherstone, de que apesar de sua predileção por ter os Vincys por perto, eles provavelmente ficariam desapontados como qualquer um dos parentes que ele mantinha a distância. Ela sentia muito desprezo pela evidente preocupação de Mrs. Vincy de que ela e Fred ficassem a sós, mas isso não a impedia de pensar ansiosamente na maneira como Fred seria afetado, caso descobrisse que seu tio o deixara tão pobre como antes. Mary podia ridicularizar Fred quando ele estava presente, mas não gostava de suas loucuras quando ele estava ausente.

Mesmo assim, ela gostava de seus pensamentos: uma mente jovem e vigorosa, não desequilibrada pela paixão, tira um bom proveito da vida e observa seus próprios poderes com interesse. Mary possuía muita alegria interior.

Seu pensamento não era marcado por qualquer solenidade ou emoção pelo velho acamado; é mais fácil simular do que sentir tais sentimentos por uma criatura idosa cuja vida, aparentemente, não passa de um resquício de vícios. Ela sempre vira o lado mais desagradável de Mr. Featherstone: ele não tinha orgulho dela e ela era apenas útil para ele. Inquietar-se por uma alma que está constantemente no ataque é trabalho para os santos que habitam a terra e Mary não estava entre eles. Ela jamais havia retribuído uma só palavra áspera e sempre lhe atendia com fidelidade, e isso era tudo. O próprio Featherstone não estava nem um pouco preocupado com sua alma e havia se recusado a falar com Mr. Tucker a respeito.

Naquela noite, ele não tinha grunhido uma só vez e nas primeiras duas horas permaneceu extraordinariamente quieto, até que finalmente Mary o ouviu bater o molho de chaves na caixa de lata que sempre mantinha ao lado da cama. Por volta das três horas, ele disse, com surpreendente nitidez:

– Senhorita, venha aqui!

Mary obedeceu e descobriu que ele já havia retirado a lata debaixo das cobertas, embora normalmente pedisse que outros o fizessem; ele também já havia selecionado uma chave. Ele destrancou a caixa e tirou dela outra chave; então, olhou diretamente para ela com olhos que pareciam ter recuperado toda a sua perspicácia, e disse:

– Quantos deles estão na casa?

– O senhor se refere a seus próprios parentes, senhor? – perguntou Mary, acostumada com a maneira de falar do velho. Ele acenou ligeiramente com a cabeça e ela continuou: – Mr. Jonah Featherstone e o jovem Cranch estão dormindo aqui.

– Ah, sim, eles grudam, não é? E os outros, estou certo de que eles vêm todos os dias... Solomon e Jane, e os jovens. Eles vêm espiar, calcular e me censurar?

– Nem todos vêm todos os dias. Mr. Solomon e Mrs. Waule, sim; os outros vêm com frequência.

O velho ouviu com uma careta enquanto ela falava e depois disse, relaxando o rosto: – São os mais idiotas. Ouça, senhorita. São três horas da manhã e estou em pleno uso das minhas faculdades mentais. Eu conheço todas as minhas posses, onde está o dinheiro e tudo mais. Eu deixei tudo pronto para poder mudar de ideia e fazer o que eu quiser no final. Está ouvindo, senhorita? Estou em meu juízo perfeito.

– Sim, senhor – disse Mary, calmamente.

Ele baixou o tom com um ar mais astuto.

– Fiz dois testamentos e vou queimar um. Agora faça o que eu digo. Esta é a chave do meu cofre ali no armário. Empurre com força a lateral da placa de metal na parte superior até que ela saia como uma fechadura; então, coloque a chave na fechadura da frente e gire. Depois, faça o seguinte: retire o papel que está no topo, *Última Vontade e Testamento*, com letras bem grandes.

– Não, senhor – disse Mary, com voz firme –, não posso fazer isso.

– Como não pode fazer? Estou ordenando que faça – disse o velho, a voz

começando a tremer diante do assombro que a resistência havia produzido.

– Eu não posso tocar em seu cofre ou em seu testamento. Devo me recusar a fazer qualquer coisa que possa me deixar sob suspeita.

– Estou lhe dizendo, estou no meu juízo perfeito. Quer dizer que não vou poder fazer o que eu quero no final? Fiz dois testamentos de propósito. Pegue a chave.

– Não, senhor, não posso – disse Mary, mais decidida ainda. Sua repulsa estava ficando mais forte.

– Eu estou dizendo que não há tempo a perder.

– Não posso fazer nada, senhor. Não posso permitir que o fim da sua vida manche o início da minha. Não vou tocar no cofre nem no testamento. Ela se afastou um pouco da cama.

O velho permaneceu com um olhar vazio por um momento, segurando a única chave que estava separada na argola. Então, depois de alguns espasmos, ele começou a esvaziar com sua ossuda mão esquerda a caixa de lata à sua frente.

– Senhorita – começou a dizer, de forma ofegante. – Veja! Pegue o dinheiro, as notas e o ouro, veja, pegue tudo para você, faça o que eu digo.

Ele fez um esforço para estender a chave em sua direção, tanto quanto possível, e Mary recuou mais uma vez.

– Não vou encostar na sua chave ou no seu dinheiro, senhor. Por favor, não me peça para fazer isso de novo. Se o fizer, devo chamar o seu irmão.

Ele deixou cair a mão e, pela primeira vez na vida, Mary viu o velho Peter Featherstone chorar como criança. Com o tom tão gentil que foi capaz, ela disse: – Por favor, guarde seu dinheiro, senhor – e voltou para o seu assento junto ao fogo, esperando que isso ajudasse a convencê-lo de que era inútil insistir. Depois de alguns minutos, ele se recompôs e disse ansiosamente:

– Está bem, então. Chame o jovem. Chame Fred Vincy.

O coração de Mary começou a bater mais rápido. Várias ideias passaram por sua mente a respeito das implicações na queima de um segundo testamento. Ela

teve que tomar uma decisão difícil rapidamente.

– Vou chamá-lo, se o senhor permitir que eu chame também Mr. Jonah e outros.

– Ninguém mais. O jovem rapaz. Eu vou fazer o que eu quiser.

– Espere o dia amanhecer, senhor, quando todos estiverem acordados. Ou deixe-me chamar Simmons para que ele vá buscar o advogado. Ele pode chegar aqui em menos de duas horas.

– O advogado? Para que eu quero um advogado? Ninguém saberá... ouviu? Ninguém saberá. Eu vou fazer o que eu quiser.

– Deixe-me chamar outra pessoa, senhor – disse Mary, persuasivamente. Ela não gostava da sua situação: a sós com o velho, que parecia mostrar uma estranha explosão de energia nervosa que lhe permitia falar repetidas vezes sem ser acometido pela tosse habitual. No entanto, ela não desejava forçar desnecessariamente a negativa que o agitava. – Por favor, deixe-me chamar outra pessoa.

– Deixe-me em paz! Olhe aqui, senhorita. Pegue o dinheiro. Você nunca terá a chance de novo. São quase duzentas libras, há mais no cofre, e ninguém sabe quanto havia. Pegue e faça o que eu digo.

Mary, de pé junto ao fogo, viu como sua luz vermelha se projetava sobre o velho, recostado em seus travesseiros, a mão ossuda estendendo a chave e o dinheiro espalhado na colcha à sua frente. Ela nunca esqueceria aquela visão de um homem querendo fazer sua vontade até o final. Mas a maneira como ele fez a oferta do dinheiro a incentivou a falar com mais firmeza do que nunca.

– Não adianta, senhor. Não farei isso. Guarde seu dinheiro. Não tocarei nele. Farei qualquer outra coisa para confortá-lo, mas não tocarei em suas chaves ou em seu dinheiro.

– Qualquer outra coisa... qualquer outra coisa! – disse o velho Featherstone, com uma fúria rouca, que, como em um pesadelo, tentava falar, mas a voz quase não saía. – Eu não quero mais nada. Venha aqui... venha aqui.

Mary se aproximou com cautela, pois o conhecia muito bem. Ela o viu soltar

as chaves e tentar apanhar sua bengala enquanto a olhava como uma hiena envelhecida, os músculos de seu rosto distorcidos pelo esforço que fazia com a mão. Ela se deteve a uma distância segura.

– Deixe-me administrar um pouco de tônico – disse ela, calmamente –, tente se recompor. Talvez consiga dormir e amanhã, à luz do dia, o senhor poderá fazer o que quiser.

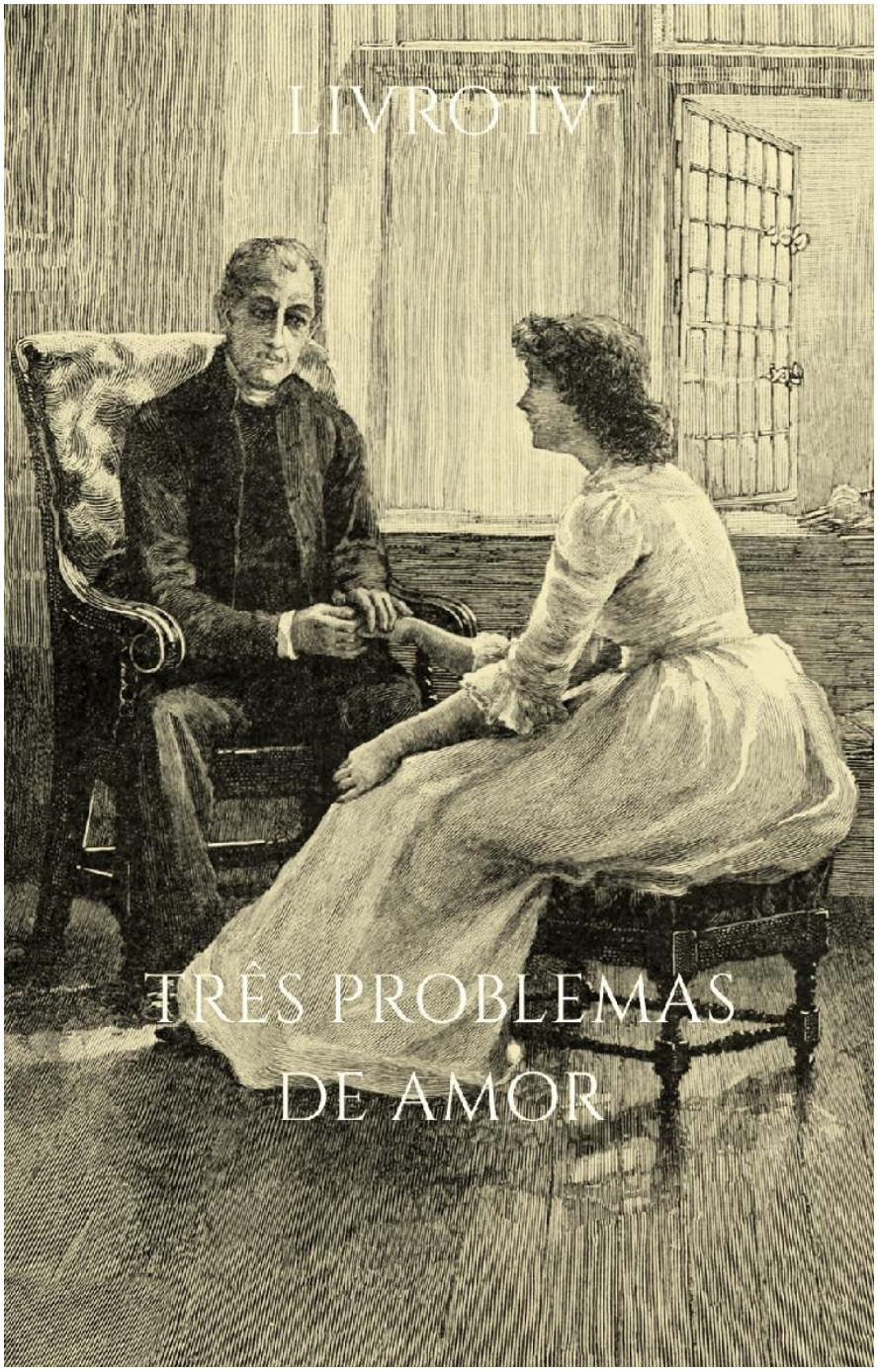
Ele ergueu a bengala, apesar de ela estar fora de seu alcance, atirou-a com um grande esforço que não passou de impotência. A bengala caiu, escorregando no pé da cama. Mary a deixou ali e voltou para sua cadeira perto do fogo. Dentro de alguns minutos ela lhe levaria o tônico. A fadiga o tornaria passivo. O momento mais frio da manhã se aproximava, o fogo tinha diminuído e ela podia ver pela fresta entre as cortinas a luz esbranquiçada. Depois de colocar um pouco de lenha no fogo e jogar um xale sobre os ombros, ela se sentou, esperando que Mr. Featherstone agora pudesse adormecer. Se ela chegasse perto dele, a irritação poderia ser mantida. Ele não disse nada depois de atirar a bengala, mas ela o viu pegar as chaves novamente e colocar a mão direita sobre o dinheiro. No entanto, ele não o guardou e ela pensou que ele estava dormindo.

Porém, a lembrança do que havia acontecido começou a inquietá-la mais do que a própria realidade, e ela se questionou sobre aqueles atos que surgiram de forma tão imperativa, excluindo qualquer dúvida no momento crítico.

Aos poucos, a lenha seca produziu uma chama que iluminou cada canto e Mary viu que o velho estava deitado quieto com a cabeça um pouco inclinada para o lado. Ela se aproximou com passos silenciosos e pensou que seu rosto parecia estranhamente imóvel. Mas, no momento seguinte, os movimentos da chama iluminando todos os objetos a deixou incerta. As batidas violentas de seu coração tornavam suas percepções tão duvidosas que, mesmo quando ela o tocou e ouviu sua respiração, não podia confiar em suas conclusões. Ela foi até a janela e gentilmente afastou as cortinas e a persiana, para que a luz caísse sobre a cama.

No momento seguinte, ela correu para a sineta e a tocou energeticamente. Em poucos minutos não havia mais dúvidas de que Peter Featherstone estava morto,

com a mão direita segurando as chaves e a esquerda sobre a pilha de moedas de ouro.



LIVRO IV

TRÊS PROBLEMAS DE AMOR

CAPÍTULO XXXIV

1º. Cavalheiro: Homens como este são como penas, lascas e palhas; sem peso nem força.
2º. Cavalheiro: Mas há leveza.
Também deve ser considerada e faz peso;
O poder se instala onde não há poder;
Avançar é ceder, e o barco à deriva
Pode encalhar porque o timoneiro pensa
Que não tem valor para equilibrar as forças.

Peter Featherstone foi enterrado em uma manhã de maio. Na prosaica vizinhança de Middlemarch, o mês de maio nem sempre era quente e ensolarado, e naquela manhã em particular um vento frio soprava as flores dos jardins circundantes para os montículos verdes do cemitério de Lowick. Nuvens que se moviam rapidamente só ocasionalmente permitiam que um brilho iluminasse qualquer objeto, feio ou bonito, que por acaso estivesse dentro de seus raios dourados. No adro da igreja, as peças eram notavelmente diversas, pois havia um pequeno grupo rural concentrado para ver o funeral. Notícias de que seria “um grande enterro” tinham se espalhado; o velho senhor deixara instruções por escrito sobre tudo e pretendia ter um funeral “melhor que o de seus superiores”. Isso era verdade, pois o velho Featherstone tinha sido um Harpagon,[107] cujas paixões foram todas devoradas pela sempre esguia e faminta paixão por economizar, e que tinha feito uma barganha com seu agente funerário de antemão. Ele amava o dinheiro, mas também gostava de gastá-lo para satisfazer seus gostos peculiares, e talvez o amasse mais como um meio de fazer os outros sentirem seu poder de maneira mais ou menos desconfortável. Se alguém quiser

argumentar que deveriam existir traços de bondade no velho Featherstone, não pretendo negar, mas devo observar que a bondade é de natureza modesta, facilmente desencorajada, e quando a privacidade, cutucada no início da vida por vícios ousados, está mais apta a se retirar para uma privacidade extrema, para que seja mais facilmente acreditada por aqueles que constroem teoricamente um conceito egoísta a um velho cavalheiro, do que por aqueles que formam os julgamentos mais restritos com base em seu conhecimento pessoal. Em todo caso, ele estava decidido a ter um belo funeral e a obrigar pessoas que preferiam ficar em casa a comparecer. Ele até ordenou que parentes do sexo feminino o acompanhassem até o túmulo, e a pobre irmã Martha foi obrigada a fazer uma viagem difícil com esse propósito desde Chalky Flats. Ela e Jane teriam ficado alegres (ainda que de maneira lastimosa) por este sinal de que um irmão que não gostava de vê-las em vida se mostrava satisfeito com sua presença ao converter-se em um testador, se o sinal não tivesse sido equivocado ao ser estendido a Mrs. Vincy, cujo gasto com um crepe elegante parecia implicar nas expectativas mais presunçosas, agravadas pela cor rosada do seu roso, claro indicador de que ela não era uma parente de sangue, mas que pertencia àquela classe geralmente questionável, denominada família da esposa.

Todos nós somos, de uma forma ou de outra, imaginativos, pois as imagens são o fruto do desejo, e o pobre Featherstone, que ria muito da maneira como as pessoas se bajulavam umas às outras, não escapou do companheirismo da ilusão. Ao escrever o programa de seu enterro, ele certamente não deixou claro a si mesmo que seu prazer no pequeno drama do qual fazia parte se limitava à antecipação. Ao rir dos aborrecimentos que poderia infligir pela rigidez de seu punho inerte, ele inevitavelmente misturava sua consciência com essa presença lívida e estagnada, e se alguma preocupação tinha com uma vida futura, consistia na gratificação dentro de seu caixão. Portanto, o velho Featherstone também era, à sua maneira, imaginativo.

Assim, as três carruagens de luto foram ocupadas de acordo com as ordens escritas do falecido. Havia carregadores do ataúde a cavalo, com as mais ricas

vestimentas e fitas no chapéu, e até mesmo os ajudantes levavam adornos de luto de boa qualidade. A procissão negra, ao desmontar, parecia ainda maior pela pequenez do cemitério. Os rostos humanos sombrios e os trajes negros tremendo ao vento pareciam falar de um mundo estranhamente incongruente com as flores e os raios de sol sobre as margaridas. O clérigo que recebeu o cortejo foi Mr. Cadwallader, também de acordo com o pedido de Peter Featherstone, impelido, como sempre, por motivos peculiares. Por desprezar os padres, a quem sempre chamava de subalternos, decidiu ser enterrado por um clérigo anglicano. Mr. Casaubon estava fora de questão, não apenas porque ele recusava este tipo de obrigação, mas porque Mr. Featherstone sentia por ele uma antipatia especial como reitor de sua própria paróquia, que possuía uma garantia sobre a terra na forma de dízimo, e também por ser o encarregado dos sermões matinais, que o velho, do seu banco e bem desperto, havia sido obrigado a assistir com um resmungo para si mesmo. Não lhe agradava nada um pároco presunçoso lhe fazendo sermões. Mas suas relações com Mr. Cadwallader tinham sido de um tipo diferente: o riacho de trutas que corria pelas terras de Mr. Casaubon também passava pelas terras de Mr. Featherstone, e Mr. Cadwallader era um pároco que precisava pedir um favor em vez de pregar. Além disso, ele pertencia à alta nobreza que vivia a quatro milhas de Lowick e, portanto, compartilhava o mesmo céu que o xerife do condado e outros altos cargos vagamente considerados necessários para o funcionamento das coisas. Seria uma satisfação ser enterrado por Mr. Cadwallader, cujo próprio nome oferecia uma ótima oportunidade para se pronunciar incorretamente, se este fosse o objetivo.

Esta deferência conferida ao reitor de Tipton e Freshitt era a razão pela qual Mrs. Cadwallader fazia parte do grupo que assistia ao funeral do velho Featherstone de uma janela superior da casa grande. Ela não gostava de visitar aquela casa, como costumava dizer, mas gostava de ver reuniões de criaturas estranhas, como as que estariam naquele funeral, e ela havia persuadido Sir James e a jovem lady Chettam a levarem o reitor e ela mesma a Lowick, a fim de que a visita fosse totalmente agradável.

– Irei a qualquer lugar com a senhora, Mrs. Cadwallader – dissera Celia –, mas eu não gosto de funerais.

– Ah, minha filha, quando você tem um clérigo na família, você deve ajustar seus gostos. Eu fiz isso muito cedo. Quando me casei com Humphrey, decidi que gostaria dos sermões e comecei apreciando o final. Este ponto logo se estendeu à parte central, depois ao começo, porque sem eles, não poderia haver um final.

– Naturalmente que não – disse a viúva lady Chettam, com ênfase majestosa.

A janela superior de onde se podia ver o funeral ficava na sala ocupada por Mr. Casaubon durante o período em que estava proibido de trabalhar. Porém, apesar das advertências e prescrições, ele havia quase retomado seu estilo de vida habitual, e depois de receber educadamente Mrs. Cadwallader, ele voltou para a biblioteca para ruminar um erro erudito sobre Cush e Mizraim.

Se não fossem suas visitas, Dorothea também poderia ter se trancado na biblioteca, e não teria presenciado a cena do funeral do velho Featherstone, o qual, distante como parecia estar de sua vida, se lembraria para sempre ao tocar certos pontos sensíveis da memória, assim como a visão da Basílica de São Pedro em Roma estava vinculada a certos momentos de desânimo. As cenas que produzem mudanças vitais no destino de nossos vizinhos são apenas o pano de fundo para as nossas; no entanto, assim como um aspecto particular dos campos e das árvores, nós as associamos com épocas de nossa própria história e elas passam a fazer parte desta unidade que reside na seleção de nossa consciência mais aguda.

A associação, como a de um sonho, de algo estranho e mal compreendido com os segredos mais profundos de sua existência parecia refletir a sensação de solidão que se devia ao próprio ardor da natureza de Dorothea. A pequena nobreza rural daqueles tempos vivia em um ambiente social rarefeito, disseminada em suas casas nas montanhas, observando com imperfeita discriminação os cinturões de vida mais densa lá embaixo. Dorothea não se sentia à vontade com a perspectiva e a frieza daquela altura.

– Não vou mais assistir – disse Celia, depois que o cortejo entrou na igreja,

colocando-se um pouco atrás do cotovelo do marido para poder tocar astutamente em seu casaco com a bochecha. – Ouso dizer que Dodo gosta; ela gosta de coisas melancólicas e de gente feia.

– Gosto de conhecer as pessoas com quem vivo – disse Dorothea, que assistia a tudo com o interesse de um monge em sua viagem de férias. – Tenho a impressão de que não sabemos nada sobre nossos vizinhos, a menos que sejam fazendeiros. Alguém pode se perguntar que tipo de vida eles levam, como eles fazem as coisas. Estou muito agradecida a Mrs. Cadwallader por me tirar da biblioteca.

– Faz muito bem – disse Mrs. Cadwallader. – Os ricos fazendeiros de Lowick são tão curiosos quanto qualquer búfalo ou bosboque, e eu ouso dizer que metade não é vista nas missas. Eles são bem diferentes dos arrendatários de seu tio ou de Sir James, uns monstros, fazendeiros sem senhorios, não se pode classificá-los.

– A maioria dessa gente não é de Lowick – observou Sir James. – Imagino que sejam legatários vindos de longe, ou de Middlemarch. Lovegood me disse que o velho deixou muito dinheiro além das terras.

– Pensei nisso agora! Quando tantos filhos mais novos não podem jantar às suas próprias custas – disse Mrs. Cadwallader. – Ah! – continuou ela, virando-se ao ouvir a porta sendo aberta –, aqui está Mr. Brooke. Parecia que o grupo estava incompleto antes, e aqui está a explicação. O senhor veio para ver este estranho funeral, não foi?

– Não, vim dar uma olhada em Casaubon, ver como ele está, sabe. E para trazer uma notícia, minha querida, uma pequena notícia – disse Mr. Brooke, acenando para Dorothea enquanto ela caminhava em sua direção. – Entrei na biblioteca e vi Casaubon imerso em seus livros. Disse-lhe que não era bom. Eu disse: “Isso não está certo, pense na sua esposa, Casaubon”. E ele me prometeu que iria subir. Eu não contei minhas novidades, eu disse que ele teria que subir.

– Ah, agora eles estão saindo da igreja! – exclamou Mrs. Cadwallader. – Meu Deus, que grupo mais variado! Mr. Lydgate, como médico, suponho. Aquela é

realmente uma mulher bonita, e o belo jovem deve ser seu filho. Quem são eles, Sir James?

– Vejo Vincy, o prefeito de Middlemarch; eles provavelmente são sua esposa e filho – disse Sir James, olhando interrogativamente para Mr. Brooke, que assentiu e disse:

– Sim, uma família muito respeitável... um bom sujeito é o Vincy; uma honra para os interesses industriais. Você o viu em minha casa.

– Ah, sim; um membro do seu comitê secreto – disse Mrs. Cadwallader, de forma provocante.

– Um entusiasta da caça – disse Sir James, expressando a antipatia que sentia por um caçador de raposas.

– É um daqueles que sugam a vida dos miseráveis tecelões artesanais de Tipton e Freshitt. É assim que sua família parece tão bela e elegante – disse Mrs. Cadwallader. – Aquelas pessoas de rosto arroxeado são um contraste magnífico. Nossa, parecem uma coleção de jarras! Olhem para Humphrey, parece um arcanjo feio elevando-se acima deles em sua sobrepeliz branca.

– A verdade é que um funeral é uma coisa solene – disse Mr. Brooke –, se alguém considerá-lo sob esta luz, sabe.

– Mas não estou vendo isso sob este prisma. Não posso abusar da solenidade se não quero me desgastar. Já era hora de o velho morrer, e nenhuma dessas pessoas está sofrendo.

– Que pena! – disse Dorothea. – Este funeral me parece a coisa mais deprimente que já vi. É uma nódoa na manhã. Não suporto pensar que alguém deva morrer sem deixar para trás um rasto de amor.

Ela ia dizer mais, mas viu o marido entrar e sentar-se um pouco ao fundo. Sua presença nem sempre a alegrava, pois muitas vezes tinha a impressão de que intimamente ele desaprovava o que ela dizia.

– Decididamente! – exclamou Mrs. Cadwallader. – Há um novo rosto saindo de trás daquele homem grande, é o mais estranho de todos: uma cabecinha redonda com olhos esbugalhados, uma espécie de cara de sapo. Vejam. Ele deve

ser de outra família, creio eu.

– Deixe-me ver! – disse Celia, com sua curiosidade despertada, postando-se atrás de Mrs. Cadwallader e inclinando-se sobre sua cabeça. – Oh, que rosto mais estranho! – então, com uma surpresa repentina e diferente, ela acrescentou: – Ora, Dodo, você nunca me disse que Mr. Ladislaw estava de volta!

Dorothea foi tomada pela surpresa e todos notaram sua palidez repentina quando ela olhou imediatamente para seu tio, enquanto Mr. Casaubon olhava para ela.

– Ele veio comigo, você sabe; ele é meu convidado; é meu hóspede em Tipton Grange – disse Mr. Brooke, em seu tom despreocupado, assentindo com a cabeça para Dorothea, como se a declaração fosse exatamente o que ela esperava. – Nós trouxemos o quadro na carruagem. Eu sabia que você gostaria da surpresa, Casaubon. É a sua imagem viva, na forma de Aquino, você sabe. Exatamente esse tipo de coisa. E vocês vão ouvir o jovem Ladislaw falar sobre isso. Ele fala extraordinariamente bem, explicando isso e aquilo... conhece arte e tudo o mais. Uma boa companhia, conversa sobre qualquer tema... justo o que eu precisava há muito tempo.

Mr. Casaubon curvou-se com fria polidez, controlando sua irritação, mas apenas até o ponto de poder permanecer em silêncio. Ele se lembrava da carta de Will tão bem quanto Dorothea; ele havia notado que não estava entre as cartas que aguardavam sua recuperação; ele concluiu interiormente que Dorothea o havia comunicado de que não deveria ir a Lowick e esquivou-se de voltar ao assunto por orgulho. Ele agora deduzia que ela havia pedido ao tio para convidar Will para ficar em Tipton Grange e ela sentiu que seria impossível naquele momento oferecer qualquer explicação.

Os olhos de Mrs. Cadwallader se desviaram do cemitério para assistir a uma cena muda que não era tão inteligível para ela quanto desejava, e não conseguiu reprimir a pergunta: – Quem é Mr. Ladislaw?

– Um jovem parente de Mr. Casaubon – disse Sir James, prontamente. Sua boa disposição frequentemente o tornava rápido e claro em assuntos pessoais, e

pelo olhar de Dorothea a seu marido ele adivinhou que algo a perturbava.

– Um jovem muito simpático; Casaubon fez tudo por ele – explicou Mr. Brooke. – O rapaz compensa os gastos que teve com ele, Casaubon – prosseguiu ele, acenando com a cabeça encorajadoramente. – Espero que ele fique comigo por um bom tempo e que possamos fazer algo com os meus documentos. Tenho muitas ideias e muitas informações, você sabe, e vejo que ele é o homem certo para lhes dar alguma forma; lembra quais são as citações certas, *omne tulit punctum*,[108] e esse tipo de coisas; tira o melhor de cada assunto. Eu o convidei há algum tempo quando você estava doente, Casaubon; Dorothea disse que você não poderia ter ninguém em casa, você sabe, e ela me pediu para escrever para ele.

A pobre Dorothea acreditava que cada palavra de seu tio era tão agradável quanto um grão de areia no olho de Mr. Casaubon. Seria totalmente impróprio explicar naquele momento que ela não desejava que seu tio convidasse Will Ladislaw. Ela não podia explicar as razões da antipatia do marido pela presença de Will, uma antipatia dolorosamente gravada em sua mente pela cena na biblioteca, mas ela não achava apropriado dizer qualquer coisa que pudesse sugerir sua inquietação aos demais. A verdade era que Mr. Casaubon não havia explicado a si mesmo toda essa mescla de razões: assim como nós, ele sentia que a irritação buscava primeiramente uma justificativa do que um conhecimento dos motivos. Mas ele desejava reprimir os sinais externos, e apenas Dorothea poderia discernir as mudanças no rosto de seu marido antes que ele respondesse com mais uma reverência e monotonia em seu tom do que de costume:

– O senhor é extremamente hospitaleiro, e eu devo lhe agradecer por exercer sua hospitalidade para com um parente meu.

O funeral estava encerrado e o cemitério da igreja começava a esvaziar.

– Agora a senhora pode vê-lo, Mrs. Cadwallader – disse Celia. – Ele é igualzinho a uma miniatura da tia de Mr. Casaubon que está pendurada no *boudoir* de Dorothea, muito bonita. Um raminho muito bonito – disse Mrs. Cadwallader, secamente. – Qual será o futuro do seu sobrinho, Mr. Casaubon?

– Perdoe-me, ele não é meu sobrinho. Ele é meu primo.

– Bem, agora já sabe – interpôs Mr. Brooke –, ele está experimentando suas asas. Ele é exatamente o tipo de jovem que voará alto. Eu ficaria feliz em lhe dar uma oportunidade. Ele seria um bom secretário, como Hobbes, Milton, Swift, esse tipo de homem.

– Entendo – disse Mrs. Cadwallader. – Alguém que saiba escrever discursos.

– Vou buscá-lo agora, hein, Casaubon? – disse Mr. Brooke. – Ele não queria entrar até ser anunciado, sabe? E nós desceremos para ver o quadro. É sua imagem viva: um tipo de pensador profundo e sutil com o dedo indicador assinalando a página, enquanto São Boaventura ou não sei quem, um tanto gordo e corado, olha para a Trindade. Tudo é simbólico, você sabe, esse estilo superior de arte. Eu gosto disso até certo ponto, mas não muito... é um pouco difícil de acompanhar. Mas este é o seu terreno, Casaubon. E seu pintor fez um bom trabalho com a pele: sólida, transparente, todas essas coisas. Eu já me dediquei a isso uma vez. Mas eu vou buscar Ladislaw.

CAPÍTULO XXXV

“Não, eu não conheço um prazer mais deleitoso,
Do que ver uma tropa de herdeiros angustiados,
Que ao ler um longo testamento, perdem a compostura e,
Pálidos e espantados, com suas faces alongadas,
Percebem que foi lhes deixado um boa-noite com desprezo.
Para ver naturalmente essa profunda tristeza,
Eu voltaria, de bom grado, de outro mundo!”
– REGNARD [109] – O Legatário Universal

Quando os animais entraram na Arca aos pares, pode-se imaginar que as espécies aglomeradas fizeram muitos comentários particulares umas sobre as outras, e que, sovinas, ficaram tentadas a pensar, que várias espécies que se alimentavam do mesmo estoque de forragem eram eminentemente supérfluas, pois apenas diminuíam a provisão de rações. (Temo que para a arte, seria muito doloroso descrever o papel desempenhado pelos abutres naquela ocasião, pois esses mesmos pássaros estavam em desvantagem por estarem nus da garganta para cima e aparentemente não possuíam ritos ou cerimônias).

O mesmo tipo de tentação se abateu sobre os “cristãos” carnívoros que formavam o cortejo fúnebre de Peter Featherstone: a maioria deles trazia a mente voltada para um estoque limitado do qual cada um gostaria de obter o máximo. Os parentes de sangue e os parentes pelos matrimônios reconhecidos formavam um grupo numeroso, o qual, multiplicado pelas possibilidades, oferecia amplitude suficiente para conjecturas ciumentas e esperanças patéticas. A inveja dos Vincys havia criado uma irmandade de hostilidade entre todas as pessoas que possuíam o sangue Featherstone, fazendo com que, na ausência de uma clara

indicação mais precisa de que um deles herdaria algo mais do que os demais, o temor de que Fred Vincy, com suas pernas compridas, herdasse a terra era necessariamente predominante, embora deixando folga a um sentimento abundante para ciúmes mais imprecisos, como aqueles nutridos por Mary Garth. Solomon encontrou tempo para comentar que Jonah não merecia nada, e Jonah para qualificar Solomon como ganancioso; Jane, a irmã mais velha, afirmava que os filhos de Martha não deveriam esperar receber tanto quanto os jovens Waules, e Martha, mais tolerante sobre o assunto da primogenitura, lamentava que Jane fosse tão "possessiva". Esses familiares mais próximos ficaram naturalmente muito impressionados com a irracionalidade das expectativas dos primos e primas de segundo grau, e usaram sua aritmética para calcular as grandes somas que pequenos legados poderiam acumular, se houvesse muitos deles. Dois primos estiveram presentes na leitura do testamento, e um primo de segundo grau, além de Mr. Trumbull. Este primo de segundo grau era um comerciante de Middlemarch, de maneiras educadas e aspirações supérfluas. Os dois primos eram homens idosos de Brassing, um deles ciente de seus direitos sobre as despesas inconvenientes com presentes de ostras e outros alimentos que tivera que gastar para seu rico primo Peter. O outro, completamente sinistro, apoiava as mãos e o queixo em sua bengala e não baseava seus direitos em nenhuma ação estreita, mas no mérito em geral. Ambos eram cidadãos respeitáveis de Brassing, que desejavam que Jonah Featherstone não vivesse ali. O humor de um familiar, geralmente, é melhor apreciado entre estranhos.

– Podem estar certos de que o próprio Trumbull conta com quinhentas libras; não estranharia se meu irmão tivesse prometido tal quantia a ele – disse Solomon aos irmãos, meditando em voz alta na tarde anterior ao funeral.

– Valha-me Deus! – exclamou a pobre irmã Martha, cuja noção de centenas costumava se restringir ao valor do aluguel não pago.

Porém, pela manhã, todas as correntes normais de conjecturas viram-se perturbadas pela presença no enterro de um desconhecido que apareceu entre eles como se tivesse vindo da lua. Era o desconhecido descrito por Mrs.

Cadwallader como dono de uma cara de sapo: um homem de cerca de 32 ou 33 anos, cujos olhos proeminentes, lábios finos, boca curvada para baixo, e cabelo escovado suavemente para longe de uma testa que afundava de repente acima das sobrancelhas, certamente dotavam seu rosto de uma imutável expressão de uma rã. Estava claro que se tratava de um novo legatário, caso contrário, por que teria sido convidado para o enterro? Aqui estavam novas possibilidades, levantando uma nova incerteza, que quase impediu os comentários nas carruagens fúnebres. Todos nos sentimos humilhados com a descoberta repentina de um fato, há muito existente confortavelmente e que, talvez, tenha nos vigiado intimamente, enquanto construímos nosso mundo inteiramente sem ele. Ninguém, além de Mary Garth, havia visto o estranho antes, e ela não sabia nada além de que tinha estado duas vezes em Stone Court quando Mr. Featherstone ainda estava no andar de baixo, e que havia ficado sentado sozinho com ele por várias horas. Ela havia tido a oportunidade de mencionar o visitante a seu pai, e talvez os olhos de Caleb fossem os únicos, além do advogado, que examinara o estranho com mais curiosidade do que desgosto ou suspeita. Caleb Garth, tendo pouca expectativa e menos ainda ambição, estava interessado na verificação de suas próprias conjecturas, e a tranquilidade com a qual esfregava o queixo meio sorridente, e lançava olhares inteligentes como se estivesse avaliando uma árvore, contrastava com a inquietude ou desprezo visível em outros rostos quando o enlutado desconhecido, cujo nome se supôs que era Rigg, entrou na sala de lambris e sentou-se perto da porta para fazer parte da audiência quando o testamento deveria ser lido. Só então Mr. Solomon e Mr. Jonah subiram as escadas com o advogado para buscar o testamento, e Mrs. Waule, vendo dois assentos vazios entre ela e Mr. Borthrop Trumbull, teve o espírito de sentar-se ao lado daquela grande autoridade, que brincava com seus anéis e arranjava seus cabelos determinado a não dar mostras de perplexidade ou surpresa, tão comprometedoras para um homem de talento.

– Suponho que saiba tudo sobre a última vontade do meu irmão, Mr. Trumbull – disse Mrs. Waule, no mais baixo de seus sussurros, enquanto

aproximava de Mr. Trumbull seu chapéu de luto de crepe.

– Minha boa senhora, tudo o que me foi dito foi em confiança – disse o leiloeiro, erguendo a mão como se tivesse a intenção de esconder o segredo.

– Talvez aqueles que estivessem seguros de sua boa sorte ainda venham a ficar desapontados – continuou Mrs. Waule, encontrando algum alívio na possibilidade.

– As esperanças costumam ser ilusórias – disse Mr. Trumbull, ainda confiante.

– Ah! – exclamou Mrs. Waule, olhando para os Vincys, e depois regressando para o lado de sua irmã Martha.

– É extraordinário como o pobre Peter era reservado – disse ela, no mesmo tom. – Nenhum de nós sabe o que ele estava pensando. Só espero e confio que ele não fosse mais azedo do que pensamos, Martha.

A pobre Mrs. Cranch era corpulenta e, por sofrer de asma, tinha um motivo adicional para tornar seus comentários irrepreensíveis e dar-lhes um tom geral; até mesmo seus sussurros eram audíveis e sujeitos a explosões repentinas como os de um realejo avariado.

– Eu nunca fui avarenta, Jane – respondeu ela –, mas eu tenho seis filhos, já enterrei três, e não me casei por dinheiro. O mais velho, que está sentado ali, tem apenas 19 anos, então você pode imaginar. Os suprimentos nunca são suficientes e a terra é muito ingrata. Mas eu nunca rezei ou implorei a outro que não a Deus, nosso senhor... embora onde haja um irmão solteiro e o outro sem filhos depois de se casar duas vezes, qualquer um pensaria que...

Enquanto isso, Mr. Vincy observava o rosto inexpressivo de Mr. Rigg. Ele pegou sua caixa de rapé, mas voltou a guardá-la fechada como uma indulgência que, embora esclarecesse seu julgamento, era inadequada para a ocasião. – Eu não acharia estranho se o velho Featherstone tivesse sentimentos melhores do que qualquer um de nós acreditava – observou ele, no ouvido de sua esposa. – Este funeral demonstra que ele pensou em todos. Está certo que um homem queira que seus familiares se despeçam dele, e que se forem humildes, ele não se

envergonhe deles. Eu ficaria ainda mais satisfeito se ele tivesse deixado muitos pequenos legados. Eles poderiam ser extraordinariamente úteis para aqueles que não têm muito.

– Tudo está muito elegante, crepe, seda e tudo mais – disse Mrs. Vincy, satisfeita.

No entanto, lamento dizer que Fred tinha dificuldades para reprimir uma risada, o que seria mais inoportuno do que a caixa de rapé de seu pai. Fred acabara de ouvir como Mr. Jonah fazia uma sugestão sobre um “filho do amor” e, com esse pensamento em sua mente, o rosto do desconhecido, que por acaso estava na sua frente, o afetava de forma grotesca. Mary Garth, percebendo sua angústia nas contrações de sua boca e no recurso à tosse, veio habilmente em seu socorro, pedindo-lhe que trocasse de lugar com ela, fazendo com que Fred se sentasse em um canto sombrio. Fred sentia-se tão bem-disposto quanto possível com aquelas pessoas, incluindo Rigg, e simpatizava com as pessoas que ele pensava que eram menos afortunadas do que ele mesmo, e não queria por nada no mundo comportar-se mal; ainda assim, era particularmente fácil rir.

Mas a entrada do advogado e dos dois irmãos chamou a atenção de todos. O advogado era Mr. Standish, e ele havia chegado naquela manhã em Stone Court, acreditando saber perfeitamente quem ficaria satisfeito e quem ficaria desapontado antes que o dia acabasse. O testamento que ele esperava ler era o último dos três que havia redigido para Mr. Featherstone. Mr. Standish não era um homem que variava seus modos: ele se dirigia a todos com a mesma voz grave e displicente educação, como se não visse nenhuma diferença entre eles, falando principalmente sobre a colheita de feno que seria “excelente, graças a Deus!”, dos últimos boletins relativos ao Rei, e sobre o duque de Clarence, que era um marinheiro autêntico, justamente o homem para governar uma ilha como a Grã-Bretanha.

O velho Featherstone muitas vezes refletia, enquanto se sentava olhando para o fogo, que Standish se surpreenderia algum dia. É verdade que se ele tivesse feito o que queria no final e queimado o testamento redigido por outro advogado,

ele não teria garantido aquele final secundário. Ainda assim, o velho sentira prazer ao ruminar sobre isso. E, certamente, Mr. Standish ficou surpreso, mas não lamentou nem um pouco; pelo contrário, ele apreciou a curiosidade que a descoberta de um segundo testamento acrescentava ao eventual assombro por parte da família Featherstone.

Quanto aos sentimentos de Solomon e Jonah, eles foram mantidos em total suspense: parecia-lhes que o antigo testamento teria uma certa validade, e que poderia haver suficiente entrelaçamento entre as primeiras e últimas intenções do pobre Peter a ponto de criar intermináveis “litígios” antes que alguém tomasse posse do que era seu, um inconveniente que teria pelo menos a vantagem de adiar as coisas. Portanto, os irmãos mostraram uma gravidade absolutamente neutra quando regressaram com Mr. Standish, embora Solomon tivesse retirado novamente o lenço branco, supondo que, de qualquer modo, haveria passagens emotivas, e o choro nos funerais, por mais falso que fosse, era sempre bem-vindo.

Talvez a pessoa que sentisse a maior emoção naquele momento fosse Mary Garth, consciente de que havia sido ela quem seguramente determinara a aparição deste segundo testamento, que poderia produzir consequências singulares no destino de alguns dos presentes. Nenhuma alma, exceto ela mesma, sabia do ocorrido naquela última noite.

– O testamento que tenho em mãos – disse Mr. Standish, que, sentado à mesa no centro da sala, demorou-se em tudo, inclusive na tosse com a qual demonstrava disposição para limpar a voz – foi redigido por mim e assinado por nosso falecido amigo em 9 de agosto de 1825. Mas descobri que existe um instrumento subsequente até então desconhecido por mim, com data de 20 de julho de 1826, quase um ano depois do anterior. E vejo que há também – Mr. Standish examinava cuidadosamente o documento com seus óculos – um codicilo a este último testamento, datado de 1º de março de 1828.

– Valha me Deus! – exclamou a irmã Martha, sem querer ser audível, mas motivada a alguma articulação sob a pressão das datas.

– Começarei lendo o primeiro testamento – continuou Mr. Standish – uma vez que tal parece a intenção do falecido já que não o destruiu.

O preâmbulo foi considerado um tanto longo, e vários, além de Solomon, balançavam a cabeça pateticamente, olhando para o chão. Todos os olhares evitavam se encontrar e se fixavam principalmente em manchas da toalha de mesa ou na cabeça calva de Mr. Standish, exceto Mary Garth. Enquanto todos os demais tentavam não olhar para nenhum lugar em particular, era seguro para ela olhar para eles.

Ao som do primeiro “outorga e cede” ela viu todas as compleições mudando sutilmente, como se alguma leve vibração passasse por elas, com exceção de Mr. Rigg. Ele permaneceu sentado com uma calma inalterada e, de fato, todo o grupo, preocupado com problemas mais importantes e a complicação de ouvir legados que poderiam ou não ser revogados, havia deixado de pensar nele. Fred corou e Mr. Vincy achou impossível prescindir de sua caixa de rapé, embora a mantivesse fechada.

Primeiro vieram os pequenos legados, e nem mesmo a lembrança de que havia outro testamento, e de que o pobre Peter poderia ter pensado melhor sobre o assunto, não conseguiu suprimir o crescente desgosto e indignação. Nós gostamos de ser bem-sucedidos em todos os tempos, passado, presente e futuro. E aqui estava Peter capaz de cinco anos atrás deixar aos seus pobres irmãos e irmãs apenas duzentas libras para cada um, e apenas cem para cada um de seus próprios sobrinhos e sobrinhas; os Garth não foram mencionados, mas Mrs. Vincy e Rosamond deveriam receber cada uma, cem libras. Mr. Trumbull ficaria com a bengala de empunhadura de ouro e cinquenta libras; a mesma quantia considerável receberiam os outros primos de segundo grau e os primos presentes, a qual, como observou o primo sinistro, era uma espécie de legado que não deixava um homem em lugar nenhum. Ouviram-se muitas ofensas similares em favor de pessoas ausentes, familiares problemáticos e, como era de se temer, indesejáveis. Ao todo, calculando por cima, até o momento já haviam sido concedidas cerca de três mil libras. Para onde, então, teria Peter pretendido

que fosse o resto do dinheiro? E as terras? E o que havia sido revogado e o que não havia? E a revogação tinha sido para melhor ou para pior? Todas as emoções devem ser condicionais e podem acabar sendo equivocadas. Os homens eram fortes o suficiente para manter a compostura e ficar em silêncio em meio à confusão, alguns deixando cair o lábio inferior e outros franzindo-o, de acordo com o hábito de seus músculos. No entanto, Jane e Martha sucumbiram à enxurrada de perguntas e começaram a chorar enquanto a pobre Mrs. Cranch se debatia entre a consolação de receber algumas centenas sem nunca ter trabalhado por elas e meio ciente de que sua parte era exígua. A mente de Mrs. Waule estava completamente embargada com a sensação de ser sua própria irmã e ficar com pouco, enquanto outras pessoas deveriam ficar com muito. A expectativa geral agora era que o “muito” recairia sobre Fred Vincy, mas os próprios Vincys ficaram surpresos quando dez mil libras em investimentos específicos foram declaradas como seu legado. Ele também iria herdar a terra? Fred mordeu os lábios: era difícil evitar o sorriso e Mrs. Vincy sentia-se a mais feliz das mulheres, perdendo de vista a possível revogação ante a visão deslumbrante.

Ainda havia um resíduo de propriedade pessoal, bem como a terra, mas o todo fora deixado para uma pessoa, e essa pessoa era... Oh, quantas possibilidades! Oh, expectativas fundadas nas graças de um velho “reservado”! Oh, vocativos intermináveis se seguiriam deixando impotente a possibilidade de expressar a necessidade humana sem justa medida!... o legatário residual era Joshua Rigg, que também era o único executor, e quem, daquele momento em diante, assumiria o nome de Featherstone.

Ouviu-se um farfalhar que parecia um estremecimento percorrendo a sala. Todos olharam de novo para Mr. Rigg, que não aparentava surpresa alguma.

– Uma disposição testamentária muito singular! – exclamou Mr. Trumbull, preferindo pela primeira vez que fosse considerado um ignorante sobre o passado. – Mas há um segundo testamento, um outro documento. Ainda não ouvimos a última vontade do falecido.

Mary Garth pensou que o que lhes restava para ouvir não era a última

vontade do falecido. O segundo testamento revogava tudo, exceto os legados para as pessoas mais humildes anteriormente mencionadas (algumas variações das quais constituíam a razão do codicilo), e o legado de todas as terras, incluindo a paróquia de Lowick, assim como todo o estoque e móveis da casa, para Joshua Rigg. O restante da propriedade seria dedicado à construção e doação de casas de caridade para idosos, chamadas de Asilos Featherstone, a serem construídas em um terreno perto de Middlemarch já adquirido para este fim pelo testador, sendo seu desejo, assim declarava o documento, agradar ao Deus Todo-Poderoso. Nenhum dos presentes recebeu um centavo sequer, mas Mr. Trumbull manteve a bengala com empunhadura de ouro. Demorou um pouco para que as pessoas recuperassem sua capacidade de expressão. Mary não ousou olhar para Fred.

Mr. Vincy foi o primeiro a falar, depois de usar sua caixa de rapé com energia, e falou com grande indignação. – O testamento mais inexplicável que já ouvi! Ele não deveria estar em seu juízo perfeito quando o fez. Ouso dizer que este último testamento é nulo – acrescentou Mr. Vincy, com a sensação de que a expressão colocava as coisas em seu lugar. – O que acha, Standish?

– Nosso amigo falecido sempre soube o que fazia, eu acho – disse Mr. Standish. – Tudo é bastante regular. Aqui está uma carta de Clemmens de Brassing junto ao testamento. Ele a redigiu. Um advogado muito respeitável.

– Eu nunca percebi qualquer alienação mental, ou qualquer aberração do intelecto no falecido Mr. Featherstone – disse Borthrop Trumbull –, mas entendo que este testamento seja excêntrico. Eu sempre estive voluntariamente a serviço da velha alma, e ele insinuou claramente um senso de obrigação que se manifestaria em seu testamento. A bengala com empunhadura de ouro é um ridículo reconhecimento para mim; mas felizmente estou acima das considerações mercenárias.

– Não há nada de muito surpreendente no assunto – disse Caleb Garth. – Qualquer um poderia ter razões para se perguntar se o testamento era o que se esperava de um homem sincero e de mente aberta. Da minha parte, gostaria que

nem existisse testamento.

– Este é um sentimento estranho vindo de um homem cristão – disse o advogado. – Gostaria de saber como explica esse comentário, Garth!

– Bem – disse Caleb, inclinando-se para frente, enquanto juntava as pontas dos dedos com delicadeza e olhava pensativamente para o chão. As palavras sempre representaram para ele parte mais difícil dos “negócios”. Mas, neste momento, fez-se ouvir Mr. Jonah Featherstone. – Meu irmão sempre foi um absoluto hipócrita. Mas este testamento passa do ponto. Se eu soubesse, nem uma carroça com seis cavalos teria me tirado de Brassing. Amanhã de manhã vou botar um chapéu branco e um casaco de cor.

– Meu Deus! – disse Mrs. Cranch, soluçando –, com tudo o que nos custou a viagem, e esse pobre moço sentado aí e ocioso por tanto tempo! É a primeira vez que ouço dizer que meu irmão Peter tivesse tanto interesse em agradar a Deus. Ainda que ficasse impotente, devo admitir que é muito difícil, não consigo pensar em outra coisa.

– Não vai adiantar nada aonde ele foi, esta é a minha opinião – disse Solomon, com uma amargura que era notavelmente genuína, embora seu tom não pudesse evitar ser astuto. – Peter era genioso, e as casas de caridade não vão encobrir o fato quando ele teve a ousadia de demonstrar sua maldade até o final.

– E o tempo todo ele teve sua própria família, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, e sentou-se na igreja com eles sempre que lhe parecia oportuno – disse Mrs. Waule. – Ele poderia ter deixado suas propriedades tão respeitáveis para aqueles que nunca foram dados à extravagância ou irresponsabilidade de nenhum tipo, e ao mesmo tempo que não fossem tão pobres para que pudessem ter economizado cada centavo para tê-las ampliado. E eu... quantas vezes fiz questão de vir aqui e fazer meu papel de irmã e o tempo todo ele estava pensando em coisas que fazem qualquer um se arrepiar. Mas se o Todo-Poderoso permitir, ele será castigado por isso. Irmão Solomon, eu vou embora agora, se me acompanhar.

– Não tenho nenhum desejo de colocar meus pés aqui novamente – disse

Solomon. – Eu tenho minhas próprias terras e propriedades para deixar para quem quiser.

– É muito triste a forma como a sorte é distribuída pelo mundo – disse Jonah. – Nunca compensa ter um pouco de brio. É melhor ser como o cachorro do jardineiro. Mas aqueles que não estão embaixo da terra podem aprender uma lição. O testamento de um tolo é o suficiente em uma família.

– Há várias maneiras de ser um tolo – disse Solomon. – Não vou deixar meu dinheiro ser despejado pelo ralo e não vou deixá-lo para desvalidos na África. Eu gosto dos Featherstones por nascimento e não daqueles que se transformaram Featherstone por apropriação do nome.

Solomon dirigiu os comentários a Mrs. Waule em voz alta, enquanto se levantava para acompanhá-la. O irmão Jonah sentia-se capaz de uma sagacidade muito mais pungente do que isso, mas refletiu que seria inútil ofender o novo proprietário de Stone Court até certificar-se de que ele não tinha intenções hospitaleiras para com homens espirituosos cujo nome ele estava prestes a adotar.

Na verdade, Mr. Joshua Rigg parecia pouco se incomodar com as insinuações, mas demonstrou uma notável mudança de atitude, olhando com serenidade para Mr. Standish, a quem dirigiu questões de negócios com muita frieza. Ele tinha uma voz estridente e um sotaque hediondo. Fred, a quem não mais provocava risadas, o considerava o monstro mais inferior que já vira. Mas Fred estava se sentindo muito mal. O comerciante de tecidos de Middlemarch esperou por uma oportunidade para envolver Mr. Rigg em uma conversa: ele não sabia quantos pares de pernas o novo proprietário vestiria, e os lucros eram mais confiáveis do que os legados. Além disso, o comerciante, como primo de segundo grau, era desapaixonado o suficiente para sentir-se curioso.

Mr. Vincy, após sua única explosão, permaneceu orgulhosamente silencioso, embora muito preocupado com sentimentos desagradáveis para pensar em se mover, até que percebeu que sua esposa tinha ido para o lado de Fred e chorava silenciosamente enquanto segurava a mão de seu predileto. Ele levantou-se

imediatamente, virou as costas para as pessoas, e disse a ela em voz baixa: – Não se entregue, Lucy; não se faça de boba diante dessas pessoas, minha querida – e acrescentou com seu costumeiro tom de voz: – Vá chamar a carruagem, Fred; não tenho tempo a perder.

Mary Garth estava se preparando para ir para casa com seu pai. Ela encontrou Fred no saguão e, pela primeira vez, teve a coragem de olhar para ele. Ele tinha aquela espécie de palidez abatida que às vezes surge em rostos jovens, e sua mão estava muito fria quando ela a apertou. Mary também estava alterada; ela tinha consciência de que fatalmente, sem intenção, talvez tivesse feito uma grande diferença no destino de Fred.

– Adeus – disse ela, com uma tristeza afetuosa. – Seja corajoso, Fred. Eu acredito que você está melhor sem o dinheiro. De que serviu para Mr. Featherstone?

– Está tudo muito bem – disse Fred, mal-humorado. – Mas, o que um sujeito deve fazer? Terei que ir para a Igreja agora – (ele sabia que isso irritaria Mary; pois bem, ela que dissesse a ele que outra coisa ele poderia fazer). – E eu achava que poderia pagar seu pai imediatamente e resolver tudo. E para você ele não deixou nem cem libras. O que você vai fazer agora, Mary?

– Assumir uma outra função, é claro, assim que consegui-la. Meu pai já faz o bastante para manter os outros. Adeus.

Em poucos minutos, Stone Court foi esvaziada de autênticos Featherstones e outros visitantes interesseiros. Um outro desconhecido tinha sido trazido para se estabelecer na vizinhança de Middlemarch, mas no caso de Mr. Rigg Featherstone havia mais descontentamento com as consequências visíveis imediatas do que especulação quanto ao efeito que sua presença poderia ter no futuro. Nenhuma alma foi profética o suficiente para ter qualquer pressentimento sobre o que poderia aparecer no rastro de Joshua Rigg.

E aqui eu me vejo naturalmente obrigada a refletir sobre os meios de elevar uma pessoa velhaca. Os paralelos históricos são notavelmente eficientes nesse sentido. A principal objeção a eles é que o narrador diligente pode carecer de

espaço, ou (o que muitas vezes é a mesma coisa) pode não ser capaz de pensar neles com qualquer grau de particularidade, embora possa ter uma confiança filosófica de que, se conhecidos, seriam ilustrativos. Parece um caminho mais fácil e mais curto para a dignidade observar que, uma vez que nunca houve uma história verdadeira que não pudesse ser contada em parábolas, transformando um macaco em um margrave, e vice-versa, qualquer coisa que foi ou vá ser narrada por mim sobre pessoas ralés pode ser enobrecida se for contada na forma de uma parábola. Assim, se maus hábitos e consequências negativas são trazidos à luz, o leitor possa encontrar um alívio ao considerá-los nada além de figurativamente pouco educados e possa sentir-se virtualmente na companhia de pessoas de certa educação. Ao passo que, a verdade sobre os tolos, não é necessário que a imaginação dos meus leitores prescinda de ocupar-se com os lordes, e as insignificantes quantias, que qualquer devedor de posição elevada lamentasse perder, possam ser elevadas ao nível de transações comerciais pelo acréscimo barato de cifras proporcionais.

Quanto a qualquer história provinciana na qual os agentes tenham todos um alto padrão moral, esta deve ser de datas muito posteriores ao primeiro Projeto de Lei da Reforma Eleitoral e, como podem perceber, Peter Featherstone estava morto e enterrado alguns meses antes que lorde Grey[110] assumisse o cargo.

CAPÍTULO XXXVI

“É estranho ver os humores desses homens,
Esses grandes e ambiciosos espíritos que deveriam ser sábios;
Por ser a natureza dos grandes espíritos gostar
De estar nas posições mais eminentes,
Acreditando que eles mesmos estão tão acima de nós,
Com quem eles com frequência imaginam
O quanto admiramos e apreciamos
Tudo o que eles fazem ou dizem; o que os faz se esforçar
Para tornar nossa admiração mais extrema,
O que supõem que não podem realizar,
A menos que observem e demonstrem
Seus pensamentos extremos e elevados.”
– DAMIEL: A Tragédia de Philotas

Mr. Vincy voltou para casa depois da leitura do testamento com seu ponto de vista consideravelmente alterado em relação a muitos assuntos. Ele era um homem de mente aberta, mas dado a modos indiretos de se expressar: quando não se saía bem numa negociação de suas fitas de seda, ele esbravejava com seu empregado; quando seu cunhado Bulstrode o irritou, ele fez comentários maldosos sobre o metodismo; e agora era evidente que ele considerava a ociosidade de Fred com uma severidade repentina e ampliada, quando, na sala de fumantes ele jogou violentamente seu chapéu bordado no chão.

– Bem, meu jovem – observou ele, quando o filho se preparava para deixar a sala e ir para a cama –, espero que você tenha se decidido a ir para a universidade no próximo semestre e fazer seus exames. Já tomei minha decisão,

então aconselho a você que não perca tempo para tomar a sua.

Fred não respondeu: estava deprimido demais. Vinte e quatro horas antes ele pensara que, no lugar de saber o que deveria fazer, a essa altura saberia que não deveria fazer nada: só ir caçar esplendidamente vestido e montado em um cavalo de raça, o qual ensinaria a ele alguns truques para parecer um cavalo ruim, e seria respeitado por isso. Ele também acreditava que poderia devolver o dinheiro imediatamente a Mr. Garth, e que Mary não teria motivos para não se casar com ele. E tudo isso deveria ter acontecido sem a necessidade de estudar ou outros inconvenientes, simplesmente pela graça da providência disfarçada em um capricho de um velho cavalheiro. Mas, agora, ao final das vinte e quatro horas, todas as expectativas haviam sido frustradas. Era muito duro que, enquanto ainda sentisse as ferroadas da decepção, ele fosse tratado como se pudesse tê-la evitado. Mas ele afastou-se em silêncio e sua mãe intercedeu por ele.

– Não seja duro com o pobre rapaz, Vincy. Ele ainda vai ficar bem, embora aquele homem perverso o tenha enganado. Estou tão certa de que ele vai ficar bem quanto de que estou sentada aqui. Se não fosse assim, por que ele foi trazido de volta das garras da morte? Eu chamo isso de extorsão: prometer que lhe deixaria as terras era como se já tivesse deixado. Para que prometer senão para fazer todos acreditarem nisso? E você vê que ele lhe deixou dez mil libras, e, em seguida, retirou-as novamente.

– Retirou-as novamente – repetiu Mr. Vincy, mal-humorado. – Eu lhe digo que o rapaz é um azarado, Lucy. E você sempre o mimou demais.

– Bem, Vincy, ele era o meu primeiro filho, e você fez um grande alvoroço quando ele nasceu. Você estava tão orgulhoso! – disse Mrs. Vincy, recuperando com rapidez seu alegre sorriso.

– Quem sabe o que vai ser dos bebês? Ouso dizer que fui um tolo – disse o marido, com um pouco mais de suavidade.

– Quem tem filhos mais bonitos e melhores do que os nossos? Fred está muito além dos filhos de outras pessoas: você pode ouvir em suas falas que ele tem amigos na universidade. E Rosamond... onde se encontra uma jovem assim?

Ela pode ficar ao lado de qualquer dama do reino e ainda terá melhor aparência. Veja, Mr. Lydgate, que tem vivido entre a melhor sociedade, e esteve em todos os lugares, apaixonou-se por ela imediatamente. Mesmo assim, eu quase desejei que Rosamond não tivesse se comprometido. Ela poderia ter conhecido alguém em uma visita que teria sido um partido muito melhor, quero dizer, na casa de sua amiga de escola, Miss Willoughby, por exemplo. Esta família tem parentes tão elevados quanto os de Mr. Lydgate.

– Ao diabo com os parentes! – disse Mr. Vincy. – Já estou farto deles. Não quero um genro que só tem seus parentes para recomendá-lo.

– Ora, meu caro – disse Mrs. Vincy –, você parecia tão satisfeito quanto poderia estar com isso. É verdade, eu não estava em casa, mas Rosamond me disse que você não tinha uma palavra a dizer contra o noivado. E ela já começou a comprar o melhor linho e cambraia para suas roupas de baixo.

– Não com o meu consentimento – disse Mr. Vincy. – Já vou ter o suficiente que fazer este ano com um patife indolente, sem precisar pagar por um enxoval. Os tempos estão muito difíceis; todo mundo está sendo arruinado e eu não acredito que Lydgate tenha um centavo. Não darei o meu consentimento para que se casem. Deixe-os esperar, como seus pais o fizeram antes deles.

– Rosamond vai sofrer muito, Vincy, e você sabe que nunca poderia contrariá-la.

– Sim, eu poderia. Quanto mais cedo romperem o noivado, melhor. Do jeito que está agora, não acredito que ele venha a ter alguma renda um dia. Até agora, tudo o que fez foi arrumar inimigos.

– Mas Mr. Bulstrode o tem em alta estima, meu querido. Acredito que o casamento iria agradá-lo.

– O que importa? – disse Mr. Vincy. – Bulstrode não vai pagar por seu sustento. E se Lydgate pensa que vou dar dinheiro para seus gastos domésticos, ele está muito enganado. Acredito que terei que me desfazer dos cavalos em breve. É melhor que diga tudo isso a Rosy.

Este não foi um procedimento incomum para Mr. Vincy: precipitar-se e

assentir jovialmente e, ao tomar consciência de que tinha sido precipitado, empregar outros para fazer a retratação ofensiva. No entanto, Mrs. Vincy, que nunca se opusera voluntariamente ao marido, não perdeu tempo e na manhã seguinte deixou Rosamond a par do que ele havia dito. Rosamond, que examinava alguns trabalhos de musselina, ouviu em silêncio e, quando sua mãe terminou, ela moveu levemente o pescoço gracioso, o que apenas uma longa experiência poderia interpretar como um sinal de absoluta obstinação.

– O que me diz, minha querida? – disse a mãe, com deferência afetuosa.

– Que papai não quer dizer nada disso – respondeu Rosamond com tranquilidade. – Ele sempre disse que desejava que eu me casasse com o homem que eu amasse. E eu me casarei com Mr. Lydgate. Já se passaram sete semanas desde que papai deu seu consentimento. E espero que possamos ficar com a casa de Mrs. Bretton.

– Bem, minha querida, vou deixá-la cuidar do assunto com seu pai. Você sempre consegue o que quer de todo mundo. Mas se precisarmos comprar damasco, Sadler’s é o lugar; é muito melhor do que o de Hopkins. É claro que, ainda que eu adorasse a ideia de que tivesse uma casa, a de Mrs. Bretton é muito grande; vai exigir uma grande quantidade de móveis, tapetes e tudo o mais, além de louças e cristais. E você ouviu o que seu pai disse sobre não dar dinheiro. Você acha que Mr. Lydgate está preparado para isso?

– A senhora não pode achar que eu deveria perguntar a ele, mamãe. É claro que ele entende dos seus próprios negócios.

– Mas ele pode estar esperando algum dinheiro, minha querida, e todos nós acreditávamos que você, assim como o Fred, receberia um belo legado. E, agora, tudo é tão horrível, nada mais me dá prazer, vendo aquele pobre menino tão deprimido.

– Isso não tem nada a ver com o meu casamento, mamãe. Fred terá que deixar de vaguear. Vou subir para levar este trabalho para Miss Morgan: ela faz a bainha aberta muito bem. Mary Garth também poderia fazer alguma coisa para mim agora. Sua costura é primorosa; é a melhor coisa que sabe fazer. Eu gostaria

muito de ter todos os meus babados de cambraia com bainha dupla, e isso toma muito tempo.

A crença de Mrs. Vincy de que Rosamond poderia cuidar de seu pai era bem fundada. Além de seus jantares e da caça, Mr. Vincy, tempestuoso como era, impunha sua vontade tão pouco como se fosse um primeiro-ministro: a força das circunstâncias, por vezes, era demais para ele, assim como é para a maioria dos homens pomposos e amantes do prazer, e a circunstância chamada Rosamond era particularmente forte por meio daquela persistência suave que, como sabemos, permite que uma doce e branca substância viva abra caminho apesar das rochas adversárias. Seu pai não era uma rocha; ele não tinha outra firmeza além da firmeza de impulsos alternados, às vezes chamados de hábitos, e isso era totalmente desfavorável ao fato de ele adotar a única linha de conduta decisiva em relação ao noivado de sua filha, a saber: investigar minuciosamente as circunstâncias de Lydgate, declarar sua própria incapacidade de fornecer dinheiro e proibir tanto um casamento precipitado quanto um noivado que forçosamente deveria ser muito longo. Como afirmação, isso parece muito simples e fácil, mas uma decisão desagradável, tomada durante as frias horas da manhã, tinha tantas condições contra ela quanto a geada precoce, e raramente se mantinha sob as influências do aquecimento do dia. A indireta, embora uma enfática maneira de expressar a opinião da qual Mr. Vincy era propenso, sofreu muita repressão neste caso. Lydgate era um homem orgulhoso, para quem as indiretas eram arriscadas, e jogar o chapéu no chão estava fora de questão. Mr. Vincy sentia um certo medo dele, sentia-se vaidoso por ele querer se casar com Rosamond, e estava pouco disposto a suscitar a questão do dinheiro, já que sua própria posição não era vantajosa, um pouco temeroso de ser derrotado no diálogo com um homem de família melhor e mais bem educado do que ele, e também com um pouco de medo de desagradar a filha. O papel preferido de Mr. Vincy era o de anfitrião generoso a quem ninguém criticava. Na primeira metade do dia, o trabalho impediu qualquer comunicação formal de uma resolução adversa; na segunda metade, havia jantar, vinho, uíste e satisfação geral.

Entretanto, no meio do tempo as horas foram deixando cada uma o seu pequeno depósito, conformando gradualmente a razão final para a inatividade, a saber, que era tarde demais para ação.

O noivo passava a maior parte de suas tardes em Lowick Gate, e diante dos próprios olhos de Mr. Vincy, seguiu florescendo um galanteio que não dependia de adiantamentos de dinheiro dos sogros ou de supostas rendas de uma profissão. Ah, os galanteios juvenis!... teias de aranhas delicadas! Mesmo os pontos onde se apoiam, as coisas que sustentam seus entrelaçamentos sutis são quase imperceptíveis: breves encontros das pontas dos dedos, cruzamento de olhares procedentes de orbes azuis e escuras, frases inacabadas, leves mudanças de cor das bochechas e lábios, levíssimos estremecimentos. A teia em si é feita de crenças espontâneas e alegrias indefiníveis, anseios de uma vida pela outra, visões de plenitude, confiança ilimitada. E Lydgate começava a tecer aquela teia que partia do seu próprio ser com espantosa rapidez, apesar da experiência supostamente encerrada com o drama de Laure, e apesar também da medicina e da biologia, pois a observação de músculos macerados ou de olhos apresentados em um prato (como o de Santa Luzia), assim como outros incidentes de investigação científica, são considerados menos incompatíveis com o amor poético do que um entorpecimento natural ou um gosto vívido da prosa mais baixa. Quanto a Rosamond, ela estava sendo invadida pelo sonho crescente maravilhoso do lírio-d’água em sua vida mais plena, e tecia diligentemente a teia mútua. Tudo isso acontecia no canto da sala onde ficava o piano, e por mais sutil que fosse, a luz o convertia em uma espécie de arco-íris visível a muitos observadores além de Mr. Farebrother. A certeza de que Miss Vincy e Mr. Lydgate estavam comprometidos generalizou-se em Middlemarch, sem precisar da ajuda de um anúncio formal.

Mais uma vez, tia Bulstrode foi movida pela preocupação, mas desta vez ela se dirigiu ao irmão, indo ao armazém expressamente para evitar a frivolidade de Mrs. Vincy. As respostas que obteve não foram satisfatórias.

– Walter, você não vai me dizer que permitiu que tudo isso continuasse sem

questionar as perspectivas de Mr. Lydgate, não é? – disse Mrs. Bulstrode, com os olhos cheios de gravidade para o irmão, que estava com um humor de cão, o que acontecia com frequência quando estava no armazém. – Pense nessa jovem criada no luxo, de uma forma muito mundana, temo dizer, o que ela fará com uma pequena renda?

– Que diabos, Harriet! O que posso fazer quando os homens chegam na cidade sem minha permissão? Por acaso você fechou sua casa para Lydgate? Bulstrode é quem lhe dá mais apoio. Nunca fiz barulho por causa desse jovem. Você deveria falar com seu marido sobre ele, não comigo.

– Mas, Walter, como pode Mr. Bulstrode ser o culpado? Estou certa de que ele não desejava esse noivado.

– Mas se Bulstrode não o tivesse segurado pela mão, eu jamais o teria convidado.

– Mas você o chamou para cuidar de Fred, e tenho certeza de que foi uma benção – disse Mrs. Bulstrode, perdendo o controle diante das complexidades do assunto.

– Não sei nada sobre bênçãos – disse Mr. Vincy, irritado. – O que sei é que estou mais preocupado com minha família do que gostaria. Fui um bom irmão para você, Harriet, antes de se casar com Bulstrode, e devo dizer que ele nem sempre mostra aquele espírito amigável para com sua família que seria de ser esperar – Mr. Vincy se parecia muito pouco com um jesuíta, mas nenhum jesuíta mais talentoso poderia ter formulado a questão com mais habilidade. Harriet viu-se obrigada a defender o marido em vez de culpar o irmão, e a conversa terminou em um ponto tão distante do início quanto uma discussão recente entre os cunhados em uma reunião paroquial.

Mrs. Bulstrode não repetiu as queixas do irmão ao marido, mas à noite conversou com ele sobre Lydgate e Rosamond. No entanto, ele não compartilhava de seu caloroso interesse limitando-se a falar com resignação sobre os riscos inerentes do início da carreira médica e da conveniência da prudência.

– Teremos de orar por aquela jovem imprudente, resultado da educação que recebeu – disse Mrs. Bulstrode, desejando despertar os sentimentos do marido.

– Certamente, minha querida – disse Mr. Bulstrode, assentindo. – Aqueles que não são deste mundo pouco podem fazer para impedir os erros dos obstinadamente mundanos. Isso é o que devemos nos acostumar a reconhecer no que diz respeito à família de seu irmão. Eu gostaria que Mr. Lydgate não tivesse realizado tal união, mas minhas relações com ele são limitadas ao uso de seu talento para os propósitos de Deus, que nos é ensinado pelo governo divino em cada dispensação.

Mrs. Bulstrode não disse mais nada, atribuindo alguma insatisfação que sentia à sua própria falta de espiritualidade. Ela acreditava que seu marido era um daqueles homens cujas memórias deveriam ser escritas quando morressem.

Quanto ao próprio Lydgate, tendo sido aceito, estava disposto a assumir todas as consequências que acreditava prever com absoluta clareza. É claro que ele deveria se casar dentro de um ano, talvez até meio ano. Não era o que ele havia planejado, mas isso não o impediria de dar continuidade aos seus outros projetos: ele simplesmente teria de reajustá-los. O casamento, é claro, deveria ser preparado da maneira usual. Ele teria de procurar uma casa no lugar do quarto que atualmente ocupava, e depois de ouvir Rosamond falar com admiração sobre a casa da velha Mrs. Bretton (situada em Lowick Gate), notou quando ela ficou vazia depois da morte da velha senhora e imediatamente iniciou as negociações para sua obtenção.

Ele o fez de forma episódica, seguindo seu estilo de dar ordens ao seu alfaiate para cada detalhe de uma vestimenta perfeita, sem a menor noção de ser extravagante. Ao contrário, ele havia desprezado qualquer ostentação de despesas, pois sua profissão o havia familiarizado com todos os graus de pobreza e ele se importava muito com os que sofriam. Ele teria se comportado perfeitamente em uma mesa onde o molho fosse servido em uma jarra sem a alça, e não teria se lembrado de nada sobre um jantar elegante, exceto de que havia um homem que falava muito bem. No entanto, nunca lhe ocorreu que

deveria viver de outra forma que não fosse o que ele teria chamado de um modo normal, com copos verdes para o vinho e excelente serviço de mesa. Ao se aproximar das teorias sociais francesas, ele não voltara com nenhum cheiro de queimado. Podemos lidar até mesmo com opiniões extremas com impunidade, enquanto nossa mobília, nosso jantar e a preferência por brasões nos vinculam indissoluvelmente à ordem estabelecida. Lydgate não tinha tendência para opiniões extremas: ele teria preferido que não existissem as doutrinas descalças, não sendo exigente com suas próprias botas. Ele não era radical em relação a nada além da reforma médica e do prosseguimento da descoberta científica. No restante da vida prática, ele clamava pelo hábito hereditário, em parte devido ao orgulho pessoal e egoísmo irrefletido que já chamei de vulgaridade, e em parte pela ingenuidade que pertencia à preocupação com suas ideias favoritas.

Qualquer debate interno que Lydgate tivesse sobre as consequências desse noivado que chegou de forma sorrateira, apontava para a escassez de tempo, e não de dinheiro. Evidentemente, estar apaixonado e ser esperado continuamente por alguém que sempre se revelara a mais bonita do que a memória poderia representar, interferia no uso diligente das horas livres que poderiam servir a algum “alemão obstinado” para fazer a grande descoberta iminente. Este era realmente um bom argumento para não adiar o casamento por muito tempo, como ele sugeriu a Mr. Farebrother, um dia que o vigário foi visitá-lo com alguns produtos do lago que ele queria examinar sob um microscópio melhor do que o seu, e, encontrando a mesa de Lydgate em uma confusão de aparelhos e espécimes, disse sarcasticamente:

– Eros degenerou; ele começou introduzindo ordem e harmonia, e agora traz de volta o caos.

– Sim, em algumas etapas – disse Lydgate, erguendo as sobrancelhas e sorrindo, enquanto começava a ajustar o microscópio. – Mas depois virá uma ordem melhor.

– Em breve? – perguntou o vigário.

– Espero que sim. Este estado tão instável de coisas consome muito tempo e,

quando se tem alguma noção de ciência, cada momento é uma oportunidade. Estou convencido de que o casamento deve ser a melhor coisa para um homem que deseja trabalhar constantemente. Ele tem tudo em casa, não há lugar para provocações de especulações pessoais. Há tranquilidade e liberdade.

– Eu o invejo – disse o vigário – por ter semelhante perspectiva... Rosamond, tranquilidade e liberdade, tudo para você. E eis-me aqui, nada além do meu cachimbo e dos animálculos do lago. Bem, está pronto?

Lydgate não mencionou ao vigário outra razão para querer abreviar o período de noivado. Era bastante irritante para ele, mesmo com o vinho do amor em suas veias, ser obrigado a se misturar tanto com a família Vincy, participar dos falatórios de Middlemarch, da animação prolongada, dos jogos de cartas e da futilidade geral. Ele tinha de mostrar-se respeitoso quando Mr. Vincy decidia algo com flagrante ignorância, especialmente quanto aos melhores vinagres que previnem uma pessoa dos efeitos do ar nocivo. A franqueza e a simplicidade de Mrs. Vincy eram totalmente isentas de suspeita quanto à sutil ofensa que ela poderia causar ao gosto de seu futuro genro, e Lydgate teve de confessar a si mesmo que estava decaindo um pouco ao unir-se à família de Rosamond. Mas a própria criatura requintada sofria da mesma maneira, e era muito gratificante pensar que, ao se casar com ela, ele poderia lhe proporcionar um transplante muito necessário.

– Minha querida! – disse ele em uma tarde, em seu tom mais gentil, enquanto se sentava ao lado dela e olhava atentamente para seu rosto.

Porém, primeiro devo dizer que ele a havia encontrado sozinha na sala de estar, onde a grande janela antiga, quase tão grande quanto a parede lateral da sala, abria-se para os aromas de verão do jardim na parte de trás da casa. Seus pais estavam em uma festa e os demais em algum evento social.

– Minha querida, suas pálpebras estão vermelhas.

– Estão? – disse Rosamond. – Não sei por quê.

Não era de sua natureza manifestar desejos ou queixas. Estes só surgiam graciosamente se solicitados.

– Como se você pudesse esconder alguma coisa de mim! – disse Lydgate, pousando a mão ternamente sobre as dela. – O que eu vejo não é uma pequena lágrima em seus cílios? Alguma coisa a está preocupando, e você não me diz o que é. Isso é falta de amor.

– Por que eu deveria dizer o que você não pode alterar? São coisas do dia a dia, embora, talvez, tenham estado um pouco piores ultimamente.

– Aborrecimentos familiares. Não tenha medo de falar. Eu posso ver.

– Papai tem estado mais irritado ultimamente. Fred o deixa enfurecido e nessa manhã houve uma nova briga porque Fred ameaçou jogar fora toda a sua educação e fazer algo muito abaixo dele. E, além disso...

Rosamond hesitou, e suas bochechas começaram a ficar ligeiramente coradas. Lydgate nunca a vira em apuros desde a manhã do noivado e nunca se sentira tão apaixonado por ela como naquele momento. Ele beijou os lábios hesitantes suavemente, como se para encorajá-los.

– Eu sinto que papai não está muito satisfeito com o nosso noivado – continuou Rosamond, quase em um sussurro – e ele disse ontem à noite que falaria com você para convencê-lo a desistir do casamento.

– Você quer desistir? – perguntou Lydgate, com ímpeto, quase com raiva.

– Eu nunca desisto de nada que decido fazer – disse Rosamond, recuperando sua calma ao tocar este acorde.

– Abençoada seja! – disse Lydgate, beijando-a novamente. A constância de propósito no lugar certo era adorável. Ele continuou:

– É tarde demais para seu pai dizer que devemos romper nosso noivado. Você é maior de idade e eu a reclamo como minha. Se alguma coisa for feita para torná-la infeliz, esta é uma razão para apressar nosso casamento.

Um deleite inconfundível brilhou dos olhos azuis que encontraram os seus, e seu reflexo parecia iluminar todo o seu futuro com um sol suave. A felicidade ideal (do tipo conhecido nas *Mil e Uma Noites*, em que você é convidado a abandonar o trabalho e a discórdia das ruas e adentrar um paraíso onde tudo é dado a você e nada é reivindicado) parecia coisa de esperar algumas semanas,

mais ou menos.

– Por que devemos adiá-lo? – disse ele, com insistência ardente. – Eu já tenho a casa, tudo o mais logo estará pronto, não? Suponho que não vai se importar com roupas novas. Elas podem ser compradas depois.

– Que ideias mais originais vocês, homens inteligentes, têm! – disse Rosamond, acentuando suas covinhas com uma risada mais marcada do que o costume diante dessa incongruência humorística. – Esta é a primeira vez que ouço falar de um enxoval sendo comprado depois do casamento.

– Mas você não vai me dizer que insistiria em que eu esperasse meses por causa do enxoval? – disse Lydgate, hesitando entre o fato de que Rosamond o estava atormentando com muito charme, e o temor de que ela realmente estivesse evitando um casamento rápido. – Lembre-se de que ansiamos por um tipo de felicidade ainda maior do que esta, estarmos sempre juntos, independentes dos outros e organizando nossas vidas como quisermos. Vamos, querida, diga-me quando você poderá ser totalmente minha.

Havia um tom sério de súplica no tom de Lydgate, como se ele achasse que com qualquer atraso fantástico ela o estaria ferindo. Rosamond também ficou séria e ligeiramente meditativa; na verdade, ela tinha nas mãos muitos meandros de orlas de renda, lingerie e anáguas para poder dar uma resposta que fosse pelo menos aproximada.

– Seis semanas seriam suficientes, diga que sim, Rosamond – insistiu Lydgate, soltando as mãos dela para abraçá-la com delicadeza.

Imediatamente, ela ajeitou o cabelo com uma pequena mão, enquanto ela movia o pescoço meditativamente, e então disse com seriedade:

– Haveria o enxoval e os móveis a serem providenciados. Mesmo assim, mamãe poderia se encarregar disso enquanto estamos fora.

– Sim, com certeza. Devemos nos ausentar por uma semana ou mais.

– Oh, mais do que isso! – disse Rosamond, seriamente. Ela estava pensando em seus vestidos de noite para a visita a Sir Godwin Lydgate, que ela antecipava secretamente como uma deliciosa ocupação para pelo menos um quarto da

viagem de núpcias, mesmo que adiasse sua apresentação ao tio que era doutor em Teologia (também uma classe agradável, embora sóbria, quando amparada pelo parentesco). Ela olhou para o noivo com uma certa objeção curiosa enquanto falava, e ele prontamente compreendeu que ela poderia desejar prolongar o doce tempo de solidão a dois.

– O que você quiser, minha querida, assim que marcar a data. Mas vamos tomar um rumo decidido e acabar com qualquer desconforto que você possa estar sofrendo. Seis semanas! Tenho certeza de que serão suficientes.

– Eu certamente poderia acelerar o trabalho – disse Rosamond. – Quer, então, mencionar isso ao papai? Acho que seria melhor lhe escrever – ela corou e olhou para ele como as flores do jardim olham para nós quando caminhamos felizes entre elas na luz sublime do entardecer: não existe uma alma além da expressão, metade ninfa, metade criança, pétalas delicadas que brilham e respiram nos centros de cores profundas?

Ele tocou com seus lábios o lóbulo da sua orelha e um pouco do pescoço e eles permaneceram imóveis por muitos minutos, os quais fluíram como um pequeno riacho borbulhante com os beijos do sol sobre ele. Rosamond pensou que ninguém poderia estar mais apaixonado do que ela; e Lydgate pensou que, depois de todos os seus erros primitivos e credulidade absurda, ele havia encontrado a mulher perfeita, sentindo-se como se já se derramara sobre ele um afeto conjugal concedido por uma criatura encantadora, que venerava suas reflexões elevadas e trabalhos importantes, e nunca interferiria com eles; uma criatura que colocaria ordem na casa e nas contas com tranquila magia, mantendo os dedos prontos para tocar o alaúde e transformar a vida em romance a qualquer momento; uma criatura instruída para ser o verdadeiro limite feminino e nem um fio de cabelo além, dócil, portanto, e disposta a cumprir os requerimentos procedentes deste limite. Estava mais claro do que nunca que sua ideia de permanecer solteiro por muito mais tempo fora um erro: o casamento não seria um obstáculo, mas um avanço. E no dia seguinte, ao acompanhar um paciente a Brassing, viu ali um serviço de jantar que lhe pareceu tão certo que o

comprou imediatamente. Economizava tempo para fazer essas coisas no mesmo momento em que pensava nelas, e certamente sua noiva odiava louças feias. O serviço de jantar em questão era caro, mas talvez esta fosse a natureza dos serviços de jantar. A mobília era necessariamente cara, mas então isso deveria ser feito apenas uma vez.

– Deve ser adorável – disse Mrs. Vincy, quando Lydgate mencionou sua compra com alguns toques descritivos. – Exatamente o que Rosy deveria ter. Espero que não o quebrem!

– É preciso contratar empregados que não quebrem as coisas – disse Lydgate. (Certamente, este era um raciocínio com uma visão imperfeita das sequências. Mas naquele período não havia nenhum tipo de raciocínio que não fosse mais ou menos sancionado pelos homens da ciência).

É claro que era desnecessário adiar a menção de qualquer coisa à mãe, que não apenas adotava prontamente pontos de vista que não fossem amistosos e que, sendo ela própria uma esposa feliz, dificilmente teria qualquer sentimento a não ser orgulho pelo casamento da filha. Mas Rosamond tinha boas razões para sugerir a Lydgate que apelasse ao seu pai por escrito. Ela preparou a chegada da carta caminhando com seu pai até o armazém na manhã seguinte e dizendo a ele durante o caminho que Mr. Lydgate gostaria de se casar em breve.

– Bobagem, minha querida! – disse Mr. Vincy. – O que ele tem para se casar? É muito melhor você desistir do noivado. Eu já disse isso e fui muito claro. De que serve a educação que você recebeu se vai se casar com um homem pobre? É uma coisa cruel para um pai ver algo assim.

– Mr. Lydgate não é pobre, papai. Ele comprou o consultório de Mr. Peacock, o qual, segundo dizem, rende oitocentas ou novecentas libras por ano.

– Bobagem! O que significa comprar um consultório? Ele pode muito bem comprar as andorinhas do próximo ano. Todas vão escapar pelos seus dedos.

– Pelo contrário, papai, ele vai aumentar o consultório. O senhor vê que ele foi procurado pelos Chettams e pelos Casaubons.

– Espero que ele saiba que eu não vou lhe dar nada; com essa decepção com

o Fred, o Parlamento a ponto de ser dissolvido, máquinas quebrando em todos os lugares e às vésperas de uma eleição...

– Querido papai! O que isso pode ter a ver com meu casamento?

– Muita coisa! Podemos estar todos arruinados pelo que eu sei... no estado que está o país. Há quem diga que é o fim do mundo, e que eu seja enforcado se não concordar com isso. De qualquer forma, não é momento para tirar dinheiro do meu negócio, e gostaria que Lydgate soubesse disso.

– Estou certa de que ele não espera nada, papai. E ele tem conexões muito importantes. Com certeza vai progredir de uma forma ou de outra. Ele está empenhado em fazer descobertas científicas.

Mr. Vincy ficou em silêncio.

– Não posso abandonar a única perspectiva de felicidade que eu tenho, papai. Mr. Lydgate é um cavalheiro. Eu jamais me apaixonaria por alguém que não fosse um perfeito cavalheiro. Você não gostaria que eu contraísse tuberculose, como aconteceu com Arabella Hawley. E o senhor sabe que eu nunca mudo de ideia.

Mais uma vez o pai ficou em silêncio.

– Prometa-me, papai, que consentirá com o nosso desejo. Não vamos renunciar um ao outro e o senhor sabe que sempre se opôs a longos namoros e casamentos tardios.

Houve um pouco mais de urgência deste tipo, até que Mr. Vincy disse: – Bem, bem, minha filha, ele deve escrever para mim antes que eu possa dar uma resposta – Rosamond supôs que ele havia entendido seu ponto de vista.

A resposta de Mr. Vincy consistia principalmente em uma exigência de que Lydgate fizesse um seguro de vida, a qual foi imediatamente concedida. Era uma ideia deliciosamente reconfortante, supondo que Lydgate morresse, mas, por enquanto, não era uma ideia autossustentável. No entanto, parecia deixar tudo resolvido para o casamento de Rosamond e as compras necessárias prosseguiram com muito ânimo. Entretanto, não faltaram considerações prudenciais. Uma noiva (que vai visitar a casa de um baronete) deve possuir alguns lenços de

primeiríssima qualidade, mas além da meia dúzia absolutamente necessária, Rosamond consentiu em renunciar o mais alto estilo de bordado e com renda Valenciennes. Lydgate também, ao descobrir que sua reserva de oitocentas libras havia sido consideravelmente reduzida desde que viera para Middlemarch, restringiu sua inclinação por algumas peças de prata de um padrão antigo que lhe foram mostradas quando entrou no estabelecimento de Kibble em Brassing para comprar garfos e colheres. Ele era orgulhoso demais para pressupor que Mr. Vincy adiantaria algum dinheiro para a compra dos móveis, e embora, por não ser necessário pagar tudo de uma vez, poderia deixar algumas contas pendentes, ele não perdeu tempo em conjeturar quanto seu sogro lhe daria em forma de dote para facilitar os pagamentos. Ele não tinha a intenção de fazer nada extravagante, mas as coisas necessárias deveriam ser compradas, e seria uma economia ruim comprá-las de má qualidade. Todos esses assuntos estavam fora de questão. Lydgate previa que a ciência e sua profissão eram os únicos objetos que ele deveria perseguir com entusiasmo, mas não se imaginava perseguindo-os em uma casa como a de Wrench: portas abertas, oleado gasto, as crianças com aventais sujos e o almoço na forma de ossos, facas de cabo preto e pratos com padrões de árvores. Mas Wrench tinha uma pobre esposa linfática, uma múmia enrolada em um grande xale; e ele deveria ter começado com um aparato doméstico inadequado.

Entretanto, Rosamond, por seu lado, estava muito ocupada com conjecturas, embora sua pronta iniciativa a aconselhasse a não demonstrá-las com crueza.

– Vou gostar muito de conhecer sua família – disse ela um dia, quando a viagem de núpcias estava sendo discutida. – Talvez possamos tomar uma direção que nos permita vê-los na volta. De qual dos seus tios você mais gosta?

– Oh, meu tio Godwin, eu acho. Ele é um sujeito muito amável.

– Você ia muito à casa dele em Quallingham quando era menino, não ia? Eu gostaria muito de ver esse lugar e tudo aquilo a que você estava acostumado. Ele sabe que você vai se casar?

– Não – disse Lydgate, descuidadamente, virando-se na cadeira e puxando o

cabelo para cima.

– Pois então diga a ele, seu sobrinho travesso e desobediente. Ele talvez lhe peça para me levar a Quallingham, e então você poderia me mostrar o lugar, e eu poderia imaginar você ali quando era um menino. Lembre-se, você me vê na minha casa, que é a mesma desde que eu era criança. Não é justo que eu seja tão ignorante sobre a sua infância. Mas talvez você tenha um pouco de vergonha de mim. Eu me esqueci disso.

Lydgate sorriu com ternura e aceitou com gosto a sugestão de que para obter o orgulhoso prazer de exibir uma noiva tão charmosa, valia a pena algum esforço. E agora que pensava nisso, ele gostaria de voltar a ver os velhos lugares com Rosamond.

– Vou escrever para ele, então. Mas meus primos são cansativos.

Parecia magnífico para Rosamond poder falar tão levianamente da família de um baronete, e ela se sentiu muito contente com a perspectiva de poder avaliá-los ela mesma com indiferença.

Mas Mrs. Vincy esteve a ponto de estragar tudo dois dias mais tarde, dizendo:

– Espero, Mr. Lydgate, que seu tio Sir Godwin não despreze Rosy. Espero que ele faça algo elegante. Mil libras ou duas mil não devem ser nada para um baronete.

– Mamãe! – disse Rosamond, corando profundamente. Lydgate sentiu tanta pena dela que permaneceu em silêncio e foi até o outro extremo da sala examinar uma gravura com curiosidade, como se estivesse distraído. Mrs. Vincy recebeu posteriormente uma pequena reprimenda filial, a qual aceitou com tanta docilidade como sempre. Mas Rosamond refletiu que se algum daqueles primos nobres, que eram aborrecidos, fosse induzido a visitar Middlemarch, eles veriam muitas coisas em sua própria família que poderiam surpreendê-los. Portanto, parecia aconselhável que Lydgate, aos poucos, conseguisse alguma posição de primeira em outro lugar que não em Middlemarch; o que não deveria ser muito difícil para um homem que tinha um tio nobre e fazia descobertas. Lydgate, como se percebe, havia falado fervorosamente a Rosamond sobre suas

esperanças quanto aos usos mais elevados de sua vida, e achou encantador ser ouvido por uma criatura que lhe apontaria o doce avanço de um afeto gratificante..., beleza..., repouso..., toda a ajuda que recebem nossos pensamentos de um céu de verão e dos prados orlados de flores.

Lydgate confiava muito na diferença psicológica entre o que, por amor à variedade, chamarei de ganso e gansa, especialmente na submissão inata da fêmea como bela correspondente da força do macho.

CAPÍTULO XXXVII

“Feliz aquela que está tão segura
De si mesma, e tranquilo está seu coração,
Que não seja seduzida a melhorar nada,
Nem teme que ocorra o pior,
Mas, qual como um navio constante e forte parte,
Acena para as ondas e mantém o curso invariável;
Que não foge da tormenta e nem se ilude,
Com os falsos deleites do tempo bom.
Esta autoconfiança não precisa temer o rancor
Dos inimigos relutantes, nem o favor de procurar amigos;
Mas na permanência da sua firme estabilidade,
Não se inclina nem por uma coisa nem por outra.
Feliz aquela que está tão segura,
E mais feliz aquele que não se cansa de a amar.”
– EDMUND SPENCER

A dúvida apontada por Mr. Vincy, se eram apenas as eleições gerais ou se era o fim do mundo que estava chegando, agora que Jorge IV estava morto, que o Parlamento fora dissolvido, que Wellington e Peel se encontravam generalizadamente desprestigiados, e o novo rei que se agarrava à retórica, era uma fraca mostra das incertezas da vida provincial da época. À luz da pobre iluminação das residências rurais, como as pessoas poderiam discernir seus próprios pensamentos em meio à confusão de um governo conservador, que adotava medidas liberais, nobres e eleitores conservadores ansiosos para eleger liberais no lugar dos amigos dos ministros desleais, quando os clamores por

ordem, que pareciam ter uma relação misteriosamente remota com interesses privados, eram tornados suspeitos pelo apoio de desagradáveis vizinhos? Os leitores dos jornais de Middlemarch se encontravam em uma posição anômala: durante a agitação sobre a questão católica, muitos desistiram de comprar o "*Pioneiro*", que carregava um lema de Charles James Fox[111] e estava na vanguarda do progresso, por ter tomado o partido de Peel sobre os papistas, e assim manchado seu liberalismo com uma tolerância do jesuíta e de Baal. Porém, eles não estavam satisfeitos com o "*Trombeta*", o qual, desde suas explosões contra Roma, e em meio à flacidez geral da opinião pública (ninguém sabia quem apoiaria quem) havia se tornado fraco.

Era uma época, de acordo com um notável artigo no "*Pioneiro*", em que as necessidades gritantes do país bem poderiam neutralizar uma relutância à vida pública por parte de homens, cujas mentes haviam adquirido, por longa experiência, amplitude de vistas, bem como concentração, decisão de julgamento, bem como tolerância, desapego, bem como de energia. Na verdade, todas aquelas qualidades que, na experiência melancólica da humanidade, foram as menos dispostas a serem encontradas juntas. Mr. Hackbutt, cujo discurso fluente se estendia com mais amplitude do que o normal naquela época, e deixava muita incerteza quanto ao seu último canal, foi ouvido dizer no escritório de Mr. Hawley, que o artigo em questão "emanava" de Brooke de Tipton, e que Brooke havia comprado secretamente o "Pioneiro" há alguns meses.

– Com segundas intenções, não? – disse Mr. Hawley. – Ele agora tem o capricho de ser uma figura pública, depois de ficar pendurado aqui e ali como uma tartaruga perdida. Tanto pior para ele. Eu estou de olho nele há algum tempo. Vamos bombardeá-lo. Ele é um péssimo senhorio. Por qual razão um velho homem do condado vai obter favores de um bando de pessoas insignificantes? Quanto ao jornal, só espero que ele mesmo possa escrever. Valeria a pena pagar por ele.

– Eu entendi que ele tem um jovem muito brilhante para editá-lo, que escreve

artigos da melhor qualidade, à altura de qualquer jornal de Londres. E ele pretende se comprometer muito com a reforma.

– O melhor que Brooke tem a fazer é reformar sua fonte de aluguel. Ele é um velho maldito e todas as construções de sua propriedade estão desmoronando. Suponho que esse jovem seja alguém que foi rejeitado em Londres.

– O nome dele é Ladislaw. Dizem que é descendente de estrangeiros.

– Eu conheço o tipo – disse Mr. Hawley –, algum infiltrado. Ele vai começar elogiando os direitos humanos e terminar assassinando uma prostituta. Esse é o estilo.

– Você deve admitir que há abusos, Hawley – disse Mr. Hackbutt, prevendo algum desacordo político com o advogado de sua família. – Eu mesmo nunca apoiaria pontos de vista extremos. Na verdade, eu me posiciono ao lado de Huskisson,[112] mas não posso fechar os olhos para as considerações de que a falta de representação nas grandes cidades...

– Ao diabo com as grandes cidades! – exclamou Mr. Hawley, impaciente com a explicação. – Eu sei mais do que gostaria sobre as eleições de Middlemarch. Ainda que anulem todos os condados controlados por um só indivíduo e incluam todas as cidades em crescimento do reino, eles só vão aumentar os gastos para entrar no Parlamento. Baseio-me em fatos.

A aversão de Mr. Hawley pela ideia de que o “Pioneiro” fosse dirigido por um infiltrado e de que Brooke havia se tornado um político ativo, como se uma tartaruga cuja trajetória indecisa tivesse projetado a sua pequena cabeça ambiciosamente e se tornasse desenfreada, não se igualava ao aborrecimento sentido por alguns membros da própria família de Brooke. O resultado foi surgindo gradualmente, como a descoberta de que seu vizinho havia instalado um tipo desagradável de indústria que ficaria permanentemente embaixo do seu nariz sem que houvesse contra ele algum remédio legal. O “Pioneiro” havia sido comprado secretamente antes mesmo da chegada de Will Ladislaw, tendo-se apresentada a oportunidade com a pressa do proprietário para se desfazer de uma propriedade valiosa que não era rentável, e, no intervalo, desde que Mr. Brooke

havia escrito seu convite, aquela convicção de fazer o mundo conhecer suas ideias, que ele levava desde a sua juventude, mas que até então permanecera soterrada, brotara sob o disfarce.

O projeto foi muito favorecido pela satisfação com seu hóspede, que se mostrou ainda maior do que ele havia previsto. Will não apenas parecia estar totalmente à vontade com os assuntos artísticos e literários que Mr. Brooke havia uma vez estudado, mas estava surpreendentemente pronto para apreender os aspectos interessantes da situação política e lidar com eles de forma ampla, a qual, auxiliada por uma memória adequada, se presta à citação e eficácia geral de tratamento.

– Ele me parece uma espécie de Shelley,[113] sabe – Mr. Brooke aproveitou a oportunidade para agradar Mr. Casaubon. – Não me refiro no sentido inconveniente do relaxo ou ateísmo, ou nada parecido. Estou certo de que os sentimentos de Ladislaw são bons... na verdade, conversamos muito na noite passada. Mas ele tem o mesmo tipo de entusiasmo por liberdade, independência, emancipação... o que é muito bom, sob orientação, você sabe. Acho que poderei encaminhá-lo na direção certa, e estou ainda mais satisfeito porque ele é um parente seu, Casaubon.

Se a direção certa implicava alguma coisa mais profunda do que o resto do discurso de Mr. Brooke, silenciosamente Mr. Casaubon desejou que se referisse a alguma ocupação a uma grande distância de Lowick. Ele não gostava de Will nem no tempo em que o ajudava financeiramente, mas passara a gostar ainda menos desde que recusara sua ajuda. Este é o nosso comportamento quando abrigamos em nosso caráter um ciúme inquieto: se nossos talentos são principalmente do tipo escavador, nosso primo apreciador de mel (a quem temos graves razões para fazer objeções), provavelmente terá um desprezo secreto por nós, e qualquer um que o admira estará fazendo uma crítica indireta a nós mesmos. Tendo os escrúpulos de retidão abrigados em nossas almas, estamos acima da mesquinhez de prejudicá-los, mas atendemos a todas as suas merecidas reivindicações por meio de subsídios ativos. Com a assinatura de cheques em

seu nome, demonstrando uma superioridade que ele está obrigado a reconhecer e confere à nossa amargura uma infusão mais suave. Mas quando ele rejeita nossos cheques? Mr. Casaubon agora encontrava-se privado dessa superioridade (limitada a algo mais do que uma lembrança) de uma maneira repentina e caprichosa. Sua antipatia por Will não brotava do ciúme vulgar de um marido desgastado pelo inverno; era mais profunda, fruto de suas reivindicações e descontentamentos ao longo da vida, mas Dorothea (agora que se achava presente), como uma jovem esposa que havia demonstrado uma capacidade de crítica ofensiva, necessariamente dava concretização ao mal-estar que antes era vago.

Will Ladislaw, por sua vez, sentia que sua antipatia aumentava às custas de sua gratidão, e despendia muito discurso interno para justificar essa aversão. Casaubon o odiava, ele sabia muito bem disso. Ele percebeu desde seu primeiro encontro uma amargura nos lábios e um veneno no olhar que, apesar dos benefícios do passado, quase justificaria uma declaração de guerra. Ele havia sido muito grato a Casaubon naquele tempo, mas realmente o ato de se casar com tal esposa compensava a sua dívida; era uma questão de saber se a gratidão que se refere ao que é feito para si mesmo não deveria ceder à indignação pelo que é feito contra outrem. E Casaubon tinha feito um mal a Dorothea ao se casar com ela. Um homem deveria se conhecer melhor e se sua escolha era definhar seus ossos cinzentos numa caverna, ele não deveria atrair uma jovem para lhe fazer companhia. “É o mais horrível dos sacrifícios de virgens”, dizia Will a si mesmo ao imaginar o interno pesar de Dorothea como se estivesse escrevendo um lamento em coro. Mas ele nunca iria perdê-la de vista: ele iria cuidar dela... mesmo se tivesse que renunciar a tudo nesta vida, ele iria cuidar dela, e ela saberia que tinha um escravo no mundo. Will possuía, para usar a frase de Sir Thomas Browne, uma “prodigalidade apaixonada” de afirmação tanto para si mesmo quanto para os outros. A verdade simples era que nada o atraía tão fortemente quanto a presença de Dorothea.

No entanto, os convites do tipo formal faziam falta, pois Will nunca foi

convidado em Lowick. Mr. Brooke, confiante de fazer todas as coisas agradáveis que Casaubon, pobre sujeito, estava muito absorvido para desfrutar, levou Ladislaw a Lowick várias vezes (não negligenciando, entretanto, apresentá-lo em outros lugares e em todas as oportunidades como “um jovem parente de Casaubon”). E, embora Will não tivesse visto Dorothea sozinha, seus encontros foram suficientes para que ela restaurasse a antiga sensação do companheirismo juvenil com alguém que era mais inteligente do que ela, e, no entanto, disposto a ser influenciado por ela. A pobre Dorothea não havia encontrado antes de seu casamento muitas mentes receptivas para o que mais lhe importava, e ela não apreciou, como sabemos, a instrução superior de seu marido tanto quanto esperava. Se ela se dirigisse a Mr. Casaubon com vivo interesse, ele a ouviria com ar de paciência, como se ela estivesse citando Delectus,[114] familiar para ele desde sua tenra infância, mencionando sucintamente o que seitas ou personagens ancestrais, que tinham mantido ideias semelhantes, como se já houvesse muito desse tipo em estoque. Em outras ocasiões, ele a informava de que ela estava enganada e reafirmava o que seu comentário questionava.

Mas Will Ladislaw sempre parecia ver mais no que ela dizia do que ela mesma. Dorothea tinha pouca vaidade, mas ela tinha a necessidade ardente de mulher de governar beneficentemente, fazendo a alegria de outra alma. Portanto, a mera chance de ver Will ocasionalmente era como uma abertura na parede de sua prisão que lhe proporcionava um vislumbre do ar ensolarado. Este prazer começou a anular seu alarme inicial com o que seu marido poderia pensar sobre a apresentação de Will como convidado de seu tio. Sobre este assunto Mr. Casaubon permaneceu mudo.

Mas Will queria falar com Dorothea a sós e estava impaciente que as circunstâncias não se apresentavam. Por menor que fosse a relação terrestre entre Dante e Beatriz ou Petrarca e Laura, o tempo modifica a proporção das coisas, e recentemente era preferível ter menos sonetos e mais conversa. A necessidade admitiria um estratagema, mas este era limitado pelo medo de ofender Dorothea. Ele finalmente descobriu que queria fazer um esboço de uma determinada vista

em Lowick, e, certa manhã, quando Mr. Brooke teria que passar pela estrada de Lowick a caminho da sede do condado, Will pediu para descer da carruagem com seu álbum de desenho e seu banquinho dobrável e, sem se fazer anunciar na casa, ele começou o esboço a partir de uma posição em que deveria ver Dorothea se ela saísse para caminhar, e ele sabia que ela geralmente caminhava uma hora pela manhã.

Mas o estratagema foi derrotado pelo clima. As nuvens se acumularam com uma rapidez traiçoeira, a chuva caiu e Will foi obrigado a se abrigar na casa. Ele pretendia, baseado em sua relação de parentesco, ir para a sala e esperar ali sem ser anunciado, e ao ver no corredor seu velho conhecido, o mordomo, ele disse: – Não diga que estou aqui, Pratt; vou esperar até o almoço. Sei que Mr. Casaubon não gosta de ser incomodado quando está na biblioteca.

– O mestre saiu, senhor; apenas Mrs. Casaubon está na biblioteca. Irei dizer a ela que está aqui, senhor – disse Pratt, um homem de bochechas rosadas, dado a conversar animadamente com Tantripp, e muitas vezes concordando com ela que a vida devia ser enfadonha para a senhora.

– Está bem. Esta maldita chuva me impediu de desenhar – disse Will, sentindo-se tão feliz que simulou indiferença com uma facilidade deliciosa.

No minuto seguinte ele estava na biblioteca, e Dorothea vinha ao seu encontro com um sorriso doce e espontâneo.

– Mr. Casaubon foi ver o arquidiácono – disse ela, imediatamente. – Não sei se estará de volta antes da hora da refeição. Ele não tinha certeza de quanto tempo deveria demorar. Você queria lhe dizer alguma coisa em especial?

– Não; vim desenhar, mas a chuva me obrigou a entrar. Do contrário, eu não a teria incomodado. Imaginei que Mr. Casaubon estivesse aqui, e sei que ele não gosta de interrupções a esta hora.

– Neste caso, estou em dívida com a chuva. Estou muito feliz que esteja aqui – Dorothea proferiu essas palavras comuns com a sinceridade simples de uma criança infeliz, quando a visitam na escola.

– Na verdade eu vim pela chance de vê-la sozinha – disse Will,

misteriosamente impulsionado a ser tão sincero quanto ela. Ele não se deteve para perguntar: por que não? – Eu queria conversar sobre as coisas, como fazíamos em Roma. Sempre faz diferença quando outras pessoas estão presentes.

– Sim – disse Dorothea, em seu tom claro e pleno de assentimento. – Sente-se – disse ela e sentou-se em um sofá otomano escuro com os livros marrons atrás dela, vestindo um traje simples de fina lã branca e sem um único ornamento além de sua aliança de casamento, como se ela tivesse feito um voto de ser diferente de todas as outras mulheres. Will sentou-se em frente a ela a dois metros de distância; a luz incidia sobre seus cachos brilhantes e perfil delicado, ainda que bastante petulante, com suas curvas desafiadoras nos lábios e queixo. Eles se observaram como se fossem duas flores que se abriam ali mesmo. Por um momento, Dorothea se esqueceu da misteriosa irritação de seu marido por Will: falar sem medo com a única pessoa que ela considerava perceptiva parecia água fresca para seus lábios sedentos, pois ao olhar para trás em meio à tristeza, ela exagerava um consolo do passado.

– Muitas vezes pensei que gostaria de falar com o senhor de novo – disse ela, imediatamente. – Parece-me estranho quantas coisas eu disse ao senhor.

– Eu me lembro de todas elas – disse Will, sentindo sua alma invadida por um prazer indescritível por se encontrar na presença de uma criatura digna de ser perfeitamente amada. Creio que seus próprios sentimentos naquele momento eram perfeitos, pois nós, mortais, temos nossos momentos divinos, quando o amor se satisfaz na plenitude do objeto adorado.

– Tenho tentado aprender muito desde que estivemos em Roma – disse Dorothea. – Já posso ler um pouco de latim e estou começando a entender um pouco de grego. Posso ajudar melhor Mr. Casaubon agora. Posso buscar referências e poupar seus olhos em muitas ocasiões. Mas é muito difícil ser uma pessoa culta; parece que as pessoas se desgastam em sua busca pelos grandes pensamentos e nunca podem apreciá-los porque estão muito cansadas.

– Se um homem tem capacidade para grandes pensamentos, é provável que os supere antes de ficar decrépito – disse Will, com presteza irreprimível. No

entanto, em função de certas sensibilidades, Dorothea era tão rápida quanto ele, que, vendo seu rosto mudar, acrescentou imediatamente: – Mas é bem verdade que as melhores mentes às vezes ficam sobrecarregadas no processo de elaboração de suas ideias.

– Você me corrige – disse Dorothea. – Eu me expressei mal. Devia ter dito que aqueles que têm grandes pensamentos se cansam muito de elaborá-los. Eu costumava sentir isso, mesmo quando era uma menina; e sempre me pareceu que eu gostaria de empregar minha vida na ajuda de alguém dedicado a grandes obras, para que seu fardo fosse mais leve.

Dorothea viu-se conduzida a este trecho de autobiografia sem a sensação de fazer uma revelação. Mas ela nunca havia dito nada a Will que esclarecesse tanto o seu casamento. Ele não encolheu os ombros, e na falta desse escape muscular ele pensou com mais irritação em belos lábios beijando crânios sagrados e outros vazios eclesiasticamente consagrados. Ele também precisou ter cuidado para que suas palavras não traíssem esse pensamento.

– Mas a senhora poderia facilmente levar essa ajuda longe demais – disse ele –, e se esforçar demais. Não anda muito trancada? Me parece mais pálida. Seria melhor se Mr. Casaubon tivesse um secretário; ele poderia facilmente conseguir alguém que fizesse metade do trabalho. Isso pouparia suas energias de forma mais eficaz, e a senhora só precisaria ajudá-lo de forma mais leve.

– Como pode pensar isso – disse Dorothea, em tom de protesto sincero. – Eu não seria feliz se não o ajudasse em seu trabalho. O que eu poderia fazer? Não há bem a ser feito em Lowick. A única coisa que desejo é ajudá-lo ainda mais. E ele se opõe a um secretário; por favor, não volte a tocar no assunto.

– Naturalmente que não, agora que sei o que a senhora sente. Mas ouvi Mr. Brooke e Sir James Chettam expressarem o mesmo desejo.

– Sim – disse Dorothea –, mas eles não entendem; eles querem que eu ande a cavalo, mande reformar o jardim e faça novos conservatórios para preencher meus dias. Eu acreditava que o senhor pudesse entender que a mente pode ter outras necessidades – acrescentou ela, um tanto impaciente. – Além disso, Mr.

Casaubon não suporta ouvir falar de um secretário.

– Meu erro é justificável – disse Will. – Em outros tempos, eu ouvia Mr. Casaubon falar como se ansiasse por um secretário. Na verdade, ele chegou a me apresentar a perspectiva deste cargo. Mas acabei não sendo... bom o suficiente.

Dorothea estava tentando extrair disso uma justifica para a evidente repulsa de seu marido, quando disse, com um sorriso brincalhão: – O senhor não foi um trabalhador suficientemente estável.

– Não – disse Will, balançando a cabeça um pouco para trás como um cavalo animado. E, então, o velho demônio irritado o incitou a dar outra boa mordida nas asas da mariposa da glória do pobre Mr. Casaubon, e ele continuou: – E desde então eu notei que Mr. Casaubon não gosta que ninguém leia seu trabalho e saiba exatamente o que ele anda fazendo. Ele é muito indeciso sobre si mesmo. Posso não ser bom para muitas coisas, mas ele não gosta de mim porque eu discordo dele.

Will tinha a intenção de ser sempre generoso, mas nossas línguas são pequenos gatilhos que geralmente são apertados antes que as intenções gerais possam ser aplicadas. E era intolerável não poder justificar para Dorothea a antipatia que Mr. Casaubon sentia por ele. No entanto, quando concluiu, sentiu-se bastante inquieto quanto ao efeito das suas palavras.

Porém, Dorothea estava estranhamente quieta, sem indignar-se de imediato com o que havia ocorrido em uma ocasião semelhante em Roma. E a causa era profunda. Ela não mais lutava contra a percepção dos fatos, mas estava se ajustando ao seu reconhecimento total; e, agora, quando olhava sem hesitação para o fracasso do marido, ainda mais para sua possível consciência do fracasso, ela parecia estar contemplando o caminho onde o dever se transformava em ternura. A falta de indiscrição de Will poderia ter sido tratada com maior severidade, se ele já não tivesse sido recomendado à sua própria misericórdia pela antipatia do marido, o que deveria ser doloroso para ela até descobrir a razão para isso.

Ela não respondeu de imediato, mas depois de olhar para baixo

meditativamente disse, com seriedade: – Mr. Casaubon deve ter superado sua antipatia por você no que diz respeito aos seus atos, e isso é admirável.

– Sim; ele mostrou senso de justiça em questões familiares. Foi uma coisa abominável que minha avó fosse deserdada porque fez o que eles chamam de *mesalliance*, embora não houvesse nada a ser dito contra seu marido, exceto que era um refugiado polonês e que ganhava a vida dando aulas.

– Eu gostaria de saber tudo sobre ela! – disse Dorothea. – Eu me pergunto como ela suportou a mudança da riqueza para a pobreza, e se ela foi feliz com o marido. Você sabe alguma coisa sobre eles?

– Não; só que meu avô era um patriota, um sujeito brilhante, que falava muitas línguas, com bom ouvido para música, e que ganhava a vida ensinando todo tipo de coisas. Ambos morreram muito cedo. E eu nunca soube muita coisa sobre o meu pai, além do que minha mãe me contou; mas ele herdou os talentos musicais do pai. Lembro-me de seu andar pausado e de suas mãos longas e finas; e tem um dia que não me esqueço quando ele estava deitado doente, e eu estava com muita fome, e só tinha um pouco de pão para comer.

– Que vida diferente da minha! – disse Dorothea, com grande interesse, colocando as mãos sobre o colo. – Eu sempre tive muito de tudo. Mas diga como foi... Mr. Casaubon não deveria saber de você nessa época.

– Não, mas meu pai se apresentou a Mr. Casaubon e aquele foi o último dia em que passei fome. Meu pai morreu logo depois, e minha mãe e eu fomos bem cuidados. Mr. Casaubon sempre reconheceu que era seu dever cuidar de nós por causa da dura injustiça mostrada à irmã de sua mãe. Mas agora eu estou lhe contando algo que não é novo para você.

No íntimo de sua alma, Will estava consciente de desejar contar a Dorothea o que era bastante novo, mesmo para sua própria interpretação das coisas, a saber, que Mr. Casaubon nunca havia feito mais por ele do que saldar uma dívida. Will era um sujeito bom demais para acomodar-se com a ingratidão. E quando a gratidão se torna uma questão de lógica, há muitas maneiras de escapar de suas amarras.

– Não – respondeu Dorothea. – Mr. Casaubon sempre evitou deleitar-se com suas próprias ações honrosas.

Ela não sentia que a conduta de seu marido estivesse sendo depreciada, mas a ideia do que a justiça havia exigido em suas relações com Will Ladislaw tomou conta de sua mente. Depois de um momento de pausa, ela acrescentou: – Ele nunca me disse que ajudava sua mãe. Ela ainda está viva?

– Não; ela morreu em um acidente, uma queda, quatro anos atrás. É curioso que minha mãe também tenha se afastado de sua família, mas não por causa de seu marido. Ela nunca me disse nada sobre sua família, exceto que ela os abandonou para seguir seu próprio caminho, o teatro. Ela era uma criatura de olhos escuros, com cachos anelados, que parecia nunca envelhecer. Como vê, eu possuo sangue rebelde de ambos os lados – concluiu Will, com um sorriso brilhante para Dorothea, enquanto ela continuava olhando com uma certa seriedade, como uma criança que assiste um drama pela primeira vez.

Porém, seu rosto também se abriu em um sorriso quando ela disse: – Suponho que este seja o seu pedido de desculpas por ter sido um tanto rebelde; quero dizer, de acordo com os desejos de Mr. Casaubon. Você deve se lembrar de que não fez o que ele pensava ser melhor para você. E se ele não gosta de você, você falava sobre essa aversão há pouco, devo dizer que, se ele demonstrou algum sentimento de dor por você, deve levar em conta o quão sensível ele se tornou com o desgaste dos estudos. Talvez – continuou ela, em tom de súplica – meu tio não tenha explicado a gravidade da doença de Mr. Casaubon. Seria muito mesquinho da nossa parte, que estamos bem e podemos suportar as coisas, pensar muito nas pequenas ofensas que nos afligem por parte daqueles que carregam o peso da provação.

– Acabei de aprender uma lição – disse Will. – Nunca mais vou me lamentar sobre este assunto – havia uma gentileza em seu tom que procedia da inconfessável felicidade de perceber (o que Dorothea mal tinha consciência), que ela havia iniciado uma viagem para a remota distância de pura piedade e lealdade para com seu marido. Will estava disposto a adorar essa piedade e

lealdade se ele estivesse associado a ela nas manifestações. – Às vezes, fui realmente um sujeito perverso – continuou ele –, mas, se puder evitar, nunca mais farei ou direi o que a senhora desaprovaria.

– É muita bondade da sua parte – disse Dorothea, com outro sorriso aberto. – Assim eu terei um pequeno reino onde poderei dar as ordens. Mas o senhor logo irá embora, irá para longe de mim, eu imagino. Logo se cansará de Tipton Grange.

– Este é um tema sobre o qual eu gostaria de falar com a senhora, uma das razões pelas quais eu queria falar a sós. Mr. Brooke propõe que eu me estabeleça na vizinhança. Ele comprou um dos jornais de Middlemarch e me convidou para dirigi-lo, e para ajudá-lo de outras maneiras.

– Isso não significaria o sacrifício de perspectivas mais elevadas para o senhor? – perguntou Dorothea.

– Talvez; mas sempre fui culpado por pensar em perspectivas e não me decidir por nada. E aqui está algo que me foi oferecido. Se a senhora não quiser que eu aceite, eu desistirei. Caso contrário, prefiro ficar nesta parte do país do que ir embora. Eu não pertenço a ninguém em nenhum outro lugar.

– Eu gostaria muito que o senhor ficasse – disse Dorothea, imediatamente, de maneira tão simples e tão prontamente como havia falado com ele em Roma. Não havia nem sombra de motivo no momento que a impedisse de dizer o que pensava.

– Então, eu ficarei – disse Ladislaw, balançando a cabeça para trás, levantando-se e indo em direção à janela, como se quisesse se certificar de que a chuva tinha parado.

Porém, no momento seguinte, Dorothea, de acordo com um hábito que estava ficando cada vez mais forte, começou a refletir que seu marido tinha outros sentimentos diferentes dos dela, e corou profundamente com o duplo embaraço de ter expressado o que poderia ser contrário aos desejos dele, e de ser obrigada a sugerir tal oposição a Will. O rosto dele não estava voltado para ela, o que tornava mais fácil dizer:

– Mas minha opinião tem pouca importância sobre esse assunto. Creio que o senhor deveria ser orientado por Mr. Casaubon. Falei pensando apenas nos meus próprios sentimentos, que nada têm a ver com a verdadeira questão. Mas agora me ocorre que, talvez, Mr. Casaubon não considere a proposta adequada. O senhor não pode esperar e conversar com ele?

– Eu não posso esperar hoje – disse Will, internamente assustado com a possibilidade de Casaubon entrar. – A chuva já passou. Eu pedi a Mr. Brooke que não viesse me buscar; prefiro caminhar as cinco milhas. Vou cruzar Halsell Common e ver os brilhos na grama molhada. Gosto disso.

Ele aproximou-se dela para apertar sua mão apressadamente, desejando, mas não ousando dizer: “Não mencione o assunto a Mr. Casaubon”. Não, ele não ousaria, não poderia lhe pedir isso. Pedir que ela fosse menos sincera e direta seria como expirar no cristal através do qual se quer ver a luz. E sempre havia o outro grande temor: ele mesmo tornar-se opaco aos olhos dela.

– Eu gostaria que o senhor pudesse ficar – disse Dorothea, com uma leve tristeza, enquanto se levantava e estendia a mão. Ela também tinha um pensamento que não gostaria de expressar: certamente Will não deveria perder tempo para consultar os desejos de Mr. Casaubon, mas poderia parecer uma injunção indevida se ela mencionasse isso.

Assim, eles apenas disseram “adeus” e Will deixou a casa, avançando pelos campos para não correr o risco de encontrar a carruagem de Mr. Casaubon, o qual, entretanto, só entrou pelo portão às quatro horas. Aquela era uma hora pouco propícia para voltar para casa: era muito cedo para obter apoio moral sob o *ennui* e vestir sua pessoa para o jantar, e muito tarde para despir sua mente da frivolidade do dia, a fim de preparar-se para um bom mergulho na seriedade dos seus estudos. Em tais ocasiões, ele geralmente se jogava em uma poltrona da biblioteca e permitia que Dorothea lesse os jornais de Londres para ele, enquanto mantinha os olhos fechados. Hoje, porém, ele recusou o consolo, observando que já o haviam saturado com detalhes públicos. Mesmo assim, ele conversou mais alegremente do que de costume quando Dorothea perguntou sobre seu

cansaço, e acrescentou com aquele ar de esforço formal que nunca o abandonava, mesmo quando não estava vestindo seu colete ou gravata:

– Tive a satisfação de encontrar meu antigo conhecido, Dr. Spanning, e de ser elogiado por alguém que é ele mesmo um destinatário digno de elogios. Ele falou muito bem de meu último tratado sobre os mistérios egípcios, utilizando, na verdade, termos que não me caberia repetir – ao proferir a última frase, Mr. Casaubon inclinou-se sobre o braço de sua poltrona, movendo a cabeça para cima e para baixo, como se o discurso tivesse sido uma válvula de escape muscular no lugar de uma recapitulação não apropriada.

– Estou muito feliz que o senhor tenha tido essa satisfação – disse Dorothea, encantada por ver seu marido menos cansado do que o normal àquela hora. – Antes do senhor chegar, eu estava lamentando que tivesse saído hoje.

– Por que isso, minha querida? – perguntou Mr. Casaubon, jogando-se para trás novamente.

– Porque Mr. Ladislaw esteve aqui; ele mencionou uma proposta de meu tio sobre a qual eu gostaria de saber sua opinião – ela sentiu que suas palavras preocuparam muito seu marido. Mesmo com sua ignorância do mundo, ela tinha uma vaga impressão de que a posição oferecida a Will não estava de acordo com suas conexões familiares, e evidentemente Mr. Casaubon tinha o direito de ser consultado. Ele não falou, apenas inclinou a cabeça.

– Meu querido tio, como sabe, tem muitos projetos. Parece que ele comprou um dos jornais de Middlemarch e pediu a Mr. Ladislaw que se estabelecesse na vizinhança e dirigisse o jornal para ele, além de ajudá-lo com outras coisas.

Dorothea olhou para o marido enquanto falava, mas ele primeiro piscou e finalmente fechou os olhos, como se quisesse poupá-los, ao mesmo tempo que seus lábios se tornavam mais tensos.

– Qual é a sua opinião? – acrescentou ela, bastante tímida, após uma ligeira pausa.

– Mr. Ladislaw veio com o propósito de pedir minha opinião? – disse Casaubon, entreabrindo os olhos e lançando a Dorothea um olhar afiado. Ela

estava realmente incomodada com o ponto sobre o qual ele perguntava, mas limitou-se a ficar um pouco mais séria sem desviar os olhos.

– Não – respondeu ela, imediatamente. – Ele não disse que veio pedir sua opinião. Mas quando mencionou a proposta, é claro que ele esperava que eu lhe contasse.

Mr. Casaubon ficou em silêncio.

– Eu temia que o senhor tivesse alguma objeção. Mas certamente um jovem com tanto talento poderia ser de grande utilidade para meu tio; poderia ajudá-lo a fazer o bem de uma maneira melhor. E Mr. Ladislaw deseja ter uma ocupação fixa. Ele tem sido acusado, segundo o que ele mesmo diz, de não buscar algo desse tipo, e ele gostaria de ficar nesta região porque ninguém se importa com ele em outro lugar.

Dorothea sentiu que aquela era uma consideração capaz de abrandar seu marido. No entanto, ele continuou calado e ela logo retomou o tema do Dr. Spanning e do café da manhã com o arquidiácono. Porém, não havia mais luz do sol sobre esses assuntos.

Na manhã seguinte, sem o conhecimento de Dorothea, Mr. Casaubon despachou a seguinte carta, iniciada com “Caro Mr. Ladislaw” (no passado, ele sempre se dirigira a ele como “Will”):

“Mrs. Casaubon me informa que uma proposta foi feita a você, a qual (de acordo com uma inferência que não requer grande esforço) de sua parte foi aceita, em alguma medida, o que implica na sua residência nesta região numa situação que, tenho justificativas para dizer, afeta minha própria posição de tal forma que torna minha intervenção não apenas natural e justificável, quando o efeito produzido é visto sob a influência de sentimento legítimo, mas incumbe a mim quando o mesmo efeito é considerado à luz de minhas responsabilidades, declarar imediatamente que sua aceitação da proposta acima indicada seria altamente ofensiva para mim. Que eu tenho aqui algum direito ao poder de veto neste assunto, não seria, creio eu, negado por qualquer pessoa razoável, ciente

das relações entre nós; relações que, embora relegadas ao passado por seu procedimento recente, não são assim anuladas em seu determinante caráter como antecedentes. Não vou fazer aqui reflexões sobre o julgamento de ninguém. É o suficiente apontar que existem certas considerações e adequações sociais que deveriam impedir um parente, relativamente próximo a mim, de se tornar um sábio conspícuo nesta vizinhança adotando um status não apenas muito abaixo do meu, mas associado, na melhor das hipóteses, à falsa erudição de aventureiros literários ou políticos. De qualquer forma, uma solução contrária deve forçosamente excluí-lo de futuras recepções em minha casa.

Com os melhores cumprimentos,
EDWARD CASAUBON"

Enquanto isso, a mente de Dorothea trabalhava inocentemente para agravar ainda mais a amargura de seu marido, pensando, com uma simpatia que se transformava em inquietude, no que Will lhe contara sobre seus pais e avós. As horas privadas que dispunha em seu dia eram geralmente passadas em seu *boudoir* azul-esverdeado, e ela passou a apreciar sua palidez singular. Nada havia sido alterado, mas enquanto o verão avançava gradualmente sobre os campos ocidentais além da alameda de olmos, a sala vazia reunia dentro dela aquelas memórias de uma vida interior, que impregnavam o ar como uma nuvem de anjos bons ou maus, as formas invisíveis, porém ativas de nossos triunfos espirituais ou de nossas quedas espirituais. Ela estava tão acostumada a lutar e a encontrar alento ao descansar os olhos ao longo da alameda em direção ao arco, a partir de uma luz ocidental cuja própria visão havia adquirido um poder de comunicação. Até mesmo o cervo pálido parecia ter recordações em seu olhar e querer transmitir um silencioso "sim, nós entendemos". O conjunto de delicadas miniaturas compunha uma audiência formada por seres que não eram mais perturbados por seu destino na terra, mas ainda assim humanamente interessados. Em especial, a misteriosa "Tia Julia", sobre quem Dorothea sempre tivera dificuldades para questionar seu marido.

E, agora, desde sua conversa com Will, muitas novas imagens se reuniam em torno daquela tia Julia que era a avó de Will, e a presença daquela delicada miniatura, tão parecida com um rosto vivo que ela conhecia, a ajudava a concentrar seu pensamento. Que maldade excluir a jovem da proteção e herança da família pelo simples fato de ter escolhido um homem pobre para se casar! Dorothea, que desde cedo incomodava os mais velhos com perguntas sobre os fatos ao seu redor, havia forjado uma certa clareza independente quanto às razões históricas e políticas pelas quais os filhos mais velhos tinham mais direitos, e por que a terra deveria ser a eles vinculada. Estas razões, impressionando-a com um certo respeito, podiam ter um peso maior do que ela imaginava, mas aqui estava uma questão de vínculos que excluía tais razões. Aí estava uma filha cujo filho, mesmo de acordo com a imitação comum de instituições aristocráticas por pessoas que não são mais nobres do que comerciantes aposentados, e que não possuíam mais terras para "manter juntas" além de um gramado e um pomar, teria um direito prioritário. Seria a herança uma questão de gosto ou de responsabilidade? Toda a energia da natureza de Dorothea se inclinava para o lado da responsabilidade, pelo cumprimento de reivindicações baseadas em nossos próprios atos, como o casamento e a linhagem.

Era verdade, ela dizia a si mesma, que Mr. Casaubon tinha uma dívida com os Ladislaws e que devia devolver o que lhes havia usurpado. E agora ela começava a pensar no testamento do marido, que havia sido feito na época do casamento, deixando a maior parte de seus bens para ela, com ressalva no caso de ela ter filhos. Isso deveria ser alterado e não havia tempo a perder. Esta mesma questão que acabara de surgir sobre a ocupação de Will Ladislaw foi a ocasião para colocar as coisas em seu devido lugar. Ela estava certa de que seu marido, de acordo com a sua conduta anterior, estaria disposto a adotar um ponto de vista tão adequado se ela mesma, em quem recaía uma injusta concentração de bens, o propusesse. O senso de justiça do marido havia prevalecido e continuaria prevalecendo sobre qualquer coisa que pudesse ser chamada de

antipatia. Ela suspeitava que o esquema de seu tio seria desaprovado por Mr. Casaubon, e isso fez com que parecesse ainda mais oportuno que um novo entendimento tivesse início, para que, ao invés de Will precisar empreender uma vida profissional sem um centavo e aceitar a primeira função que se oferecia, ele se encontraria na posse de uma renda legítima, que deveria ser paga pelo marido enquanto vivesse, e, por uma alteração imediata do testamento, deveria ser assegurada em sua morte. A visão de que isso era o que deveria ser feito parecia a Dorothea uma repentina entrada da luz do dia, capaz de despertá-la de sua estupidez anterior e da sua ignorância pouco curiosa e egocêntrica sobre a relação de seu marido com os outros. Will Ladislaw havia recusado a ajuda futura de Mr. Casaubon por razões que não lhe pareciam adequadas, e o próprio Mr. Casaubon nunca vira com clareza qual era sua obrigação. – Mas ele verá! – disse Dorothea. – Esta é a grande força de seu caráter. E o que estamos fazendo com nosso dinheiro? Sequer utilizamos metade de nossa renda. Meu próprio dinheiro não me traz mais do que remorsos de consciência.

A divisão dos bens destinada a ela, e que sempre havia considerado excessiva, exercia sobre Dorothea um fascínio peculiar. Ela estava cega para muitas coisas que para outros eram evidentes, inclinada, como Celia a advertira, a pisar nos lugares errados. No entanto, sua cegueira para tudo o que não residia em seu próprio propósito a mantinha a salvo de precipícios onde a visão teria sido perigosa como consequência do medo.

Os pensamentos que se intensificaram na solidão de seu *boudoir* detiveram toda a sua atenção durante o dia em que Mr. Casaubon enviou sua carta para Will. Tudo parecia um obstáculo para ela até que pudesse encontrar uma oportunidade de abrir seu coração ao marido. Dada sua mente atormentada, todos os assuntos deveriam ser abordados com cautela, e ela nunca, desde a sua enfermidade, removera de sua consciência o medo de agitá-lo. Porém, quando o ardor juvenil medita sobre a concepção de um ato imediato, o próprio ato parece começar a andar com vida própria, dominando os obstáculos. O dia transcorreu de maneira sombria, nada incomum, embora Mr. Casaubon estivesse

estranhamente calado. No entanto, havia horas da noite que poderiam ser consideradas oportunidades de conversa, pois Dorothea, quando ciente da insônia do marido, havia estabelecido o hábito de levantar-se, acender uma vela e ler para ele até que ele adormecesse. Naquela noite ela não conseguia dormir, agitada com suas decisões. Ele dormiu por algumas horas, como de costume, mas ela passou quase uma hora se levantando e se sentando na escuridão, até que ele dissesse:

– Dorothea, já que você está acordada, pode acender uma vela?

– Não se sente bem, meu querido? – foi sua primeira pergunta, ao obedecê-lo.

– Não, não, de jeito nenhum; mas ficaria agradecido, já que está acordada, se pudesse ler para mim algumas páginas de Lowth.[115]

– Em vez disso, posso falar como senhor? – perguntou Dorothea.

– Certamente.

– Passei o dia todo pensando em dinheiro... que sempre tive muito e, especialmente, a perspectiva de ter ainda mais.

– Esses, minha querida Dorothea, são desígnios da Providência.

– Mas se alguém tiver muito como consequência de que outros sejam prejudicados, parece-me que a voz divina que nos diz para consertar esse erro deve ser obedecida.

– Qual é, meu amor, o significado de sua observação?

– Que o senhor tem sido muito generoso nos arranjos para mim... quero dizer, no que diz respeito aos bens. E isso me deixa infeliz.

– Por quê? Não tenho mais ninguém, além de conexões relativamente distantes.

– Tenho pensado em sua tia Júlia, e em como ela ficou na pobreza pelo simples fato de ter se casado com um homem pobre, o que não era nenhuma desonra, já que ele não era indigno. Foi por esse motivo, eu sei, que o senhor assumiu a responsabilidade da educação de Mr. Ladislaw e que sustentou sua mãe.

Dorothea esperou alguns momentos por uma resposta que a ajudasse a seguir

em frente. A resposta não veio e suas próximas palavras pareceram ainda mais contundentes, irrompendo nitidamente no silêncio lúgubre.

– Mas acredito que deveríamos considerar que ele tem mais direitos; talvez até direito à metade dos bens que sei que destinou para mim. E, com base nesse entendimento, acredito que ele deveria ser beneficiado imediatamente. Não é justo que ele tenha de viver na dependência da pobreza enquanto nós somos ricos. E se houver qualquer objeção à proposta que ele mencionou, ao lhe devolver o lugar que lhe corresponde e a parte que lhe pertence, estaríamos evitando qualquer motivo que tivesse para aceitá-la.

– Mr. Ladislaw provavelmente tem falado com você sobre esse assunto – disse Mr. Casaubon, com uma certa rapidez mordaz, que não lhe era habitual.

– É claro que não! – exclamou Dorothea, com seriedade. – Como poderia, já que ele recentemente recusou qualquer ajuda sua? Temo que o senhor seja muito duro com ele, meu querido. Ele só me contou alguma coisa sobre seus pais e avós, e quase tudo em resposta às minhas perguntas. O senhor é tão bom e tão justo... fez tudo o que julgou ser correto. Mas parece-me claro que não foi o suficiente, e eu não posso ficar calada já que sou a pessoa que obteria o que é chamado de benefício porque “o suficiente” não foi feito.

Houve uma pausa perceptível antes de Mr. Casaubon responder, não tão prontamente como antes, mas com uma ênfase ainda mais mordaz.

– Dorothea, meu amor, esta não é a primeira vez, mas seria bom que fosse a última, na qual você assumiu um julgamento sobre assuntos além de seu escopo. Não vou entrar na questão de quão longe uma conduta, especialmente em matéria de alianças, constitui uma perda de direitos familiares. O que eu quero é que você compreenda que eu não aceito revisão alguma e, ainda menos, ordens em assuntos que considero clara e exclusivamente meus. Não cabe a você interferir entre mim e Mr. Ladislaw, e muito menos alentar comunicações de sua parte que constituam uma crítica ao meu procedimento.

A pobre Dorothea, envolta na noite pouco iluminada, desaparecia em um tumulto de emoções conflitantes. O alarme diante do possível efeito sobre seu

marido que aquela raiva tão fortemente manifestava fizera com que ela contivesse qualquer expressão de seu próprio ressentimento, mesmo que estivesse completamente livre de dúvidas e remorso sob a consciência de que poderia haver alguma justiça em sua última insinuação. Ao ouvi-lo respirar rapidamente depois de falar, ela permaneceu quieta, ouvindo, assustada, infeliz, com um mudo grito interno por socorro para poder suportar o pesadelo de uma vida em que todas as energias eram detidas pelo pavor. Porém, nada mais aconteceu, exceto que ambos permaneceram muito tempo sem dormir, e sem voltar a falar.

No dia seguinte, Mr. Casaubon recebeu a seguinte resposta de Will Ladislaw:

"Caro Mr. Casaubon. Eu dediquei à sua carta de ontem toda a devida consideração, mas não posso ter exatamente o mesmo ponto de vista. Reconheço e agradeço profundamente sua conduta generosa para comigo no passado, mas devo insistir que uma obrigação deste tipo não pode, por justiça, me acorrentar como o senhor parece esperar. Estou de acordo que os desejos de um benfeitor possam constituir uma exigência, mas sempre deve haver um limite quanto à qualidade desses desejos. Eles podem entrar em conflito com considerações mais imperativas. Por outro lado, o veto de um benfeitor pode impor tal negação à vida de um homem para quem o consequente vazio pode ser mais cruel do que a generosidade da dádiva. Estou apenas usando alguns exemplos vigorosos. No presente caso, não posso adotar seu ponto de vista sobre a repercussão que minha aceitação da posição, que certamente não é enriquecedora, mas também não é desonrosa, terá sobre sua própria posição, que me parece demasiado substancial para ser afetada dessa maneira sombria. E, embora eu não acredite que poderá ocorrer qualquer mudança em nossas relações (certamente ainda nenhuma ocorreu) que possa anular as obrigações que me foram impostas pelo passado, perdoe-me por não entender que essas obrigações deveriam me impedir de usar a liberdade natural de escolher o lugar onde quero viver, assim como de manter-me com qualquer ocupação legal que eu mesmo escolher.

Lamentando que exista essa discrepância entre nós, numa relação em que a concessão de benefícios tem estado inteiramente do seu lado, aproveito para reafirmar meu obstinado e constante agradecimento, seu,

WILL LADISLAW”

O pobre Mr. Casaubon sentia (e não devemos nós, sendo imparciais, nos solidarizarmos um pouco com ele?) que nenhum homem tinha mais motivos para repulsa e desconfiança do que ele. Ele estava convencido de que o jovem Ladislaw pretendia desafiá-lo e irritá-lo, ganhar a confiança de Dorothea, e semear em sua mente o desrespeito e talvez aversão ao marido. Deveria haver algum motivo soterrado para justificar a repentina mudança de rumo de Will ao rejeitar a ajuda de Mr. Casaubon e abandonar suas viagens. Esta determinação desafiadora de se estabelecer na vizinhança para assumir algo tão diferente de suas escolhas anteriores assim como os projetos de Mr. Brooke para Middlemarch deixava muito claro que o motivo oculto tinha alguma relação com Dorothea. Nem por um momento Mr. Casaubon suspeitou de sua esposa; ele não suspeitava dela. Porém, o que ele tinha (e que era um pouco menos desconfortável) era a absoluta convicção de que sua tendência a formar opiniões sobre a conduta de seu marido era acompanhada por uma disposição para considerar Will Ladislaw favoravelmente e deixar-se influenciar pelo que ele dissera. Sua orgulhosa reserva o havia impedido de retificar sua suposição de que Dorothea originalmente havia pedido ao tio para convidar Will para sua casa.

E, agora, ao receber a carta de Will, Mr. Casaubon foi obrigado a considerar qual era a sua obrigação. Nunca havia sido fácil chamar as suas ações de outra coisa senão obrigação, mas, neste caso, motivos conflitantes o empurravam de volta às negações.

Deveria ele dirigir-se diretamente a Mr. Brooke e exigir daquele cavalheiro problemático que revogasse sua proposta? Ou deveria consultar Sir James Chettam e conseguir sua concordância em protesto contra um passo que afetava

toda a família? Em ambos os casos, Mr. Casaubon estava ciente de que o êxito era tão provável quanto o fracasso. Era impossível para ele mencionar o nome de Dorothea no assunto e, sem precisar expô-la a alguma urgência alarmante, Mr. Brooke provavelmente, depois de enfrentar todas as delegações com aparente consentimento, concluiria dizendo: “Não tema, Casaubon! Pode confiar que o jovem Ladislaw vai lhe dar crédito. Pode ter certeza, eu coloquei meu dedo na coisa certa”. Mr. Casaubon tinha horror de falar sobre o assunto com Sir James Chettam, com quem nunca havia existido nenhuma cordialidade e que imediatamente pensaria em Dorothea mesmo sem qualquer menção ao seu nome.

O pobre Mr. Casaubon, principalmente como marido, desconfiava dos sentimentos de todos por ele. Permitir que qualquer um suspeitasse que ele estava com ciúmes seria admitir suas visões (suspeitas) de que estava em desvantagem.[116] Deixá-los saber que ele não considerava o casamento particularmente feliz implicaria em sua conversão à (provavelmente) desaprovação anterior. Seria tão ruim quanto deixar Carp e todos em Brasenose saber o quanto ele estava atrasado na organização do material de sua “Chave para todas as mitologias”. Durante toda a vida, Mr. Casaubon havia tentado não admitir nem para si mesmo os ressentimentos da insegurança e da inveja. E no mais delicado de todos os assuntos pessoais, o hábito de um silêncio altivo e desconfiado falou duas vezes.

Assim, Mr. Casaubon permaneceu em um silêncio orgulhoso e amargo. Mas ele proibiu Will de ir a Lowick Manor, e preparou-se mentalmente para outras frustrações.

CAPÍTULO XXXVIII

“É muito que o julgamento dos homens sobre as ações humanas, mais cedo ou mais tarde, entrará em vigor”.
– FRANÇOIS PIERRE GUIZOT

Sir James Chettam não podia olhar com satisfação para a nova carreira de Mr. Brooke, mas era mais fácil discordar do que impedir. Certo dia, explicou por que havia ido sozinho almoçar com os Cadwallader, dizendo:

– Não posso conversar com vocês como quero diante de Celia, pois poderia ferir seus sentimentos. De fato, não seria certo.

– Eu sei a que se refere, o “Pioneiro” em Tipton Grange! – arriscou Mrs. Cadwallader, quase sem deixar o amigo terminar. – É assustador, essa coisa de dedicar-se a comprar apitos e soprá-los para que todos possam ouvir. Seria muito mais discreto e suportável ficar deitado na cama o dia todo e jogar dominó, como o pobre lorde Plessy.

– Vejo que estão começando a atacar nosso amigo Brooke no “Trombeta” – disse o reitor, reclinando-se e sorrindo tranquilamente, como teria feito se ele próprio tivesse sido atacado. – Há muitos comentários sarcásticos contra um proprietário de terras a menos de cem milhas de Middlemarch, que recebe seus aluguéis e não faz investimentos.

– Eu gostaria que Brooke deixasse isso de lado – disse Sir James, com seu ligeiro franzir de sobrancelhas, sinal de aborrecimento.

– Será que ele realmente vai sair candidato? – perguntou Mr. Cadwallader. – Eu encontrei Farebrother ontem, ele próprio é um *whig*, apoia Brougham e a Conhecimento Útil;[117] isso é o pior que eu conheço dele; e ele me disse que Brooke está montando um partido bastante forte. Bulstrode, o banqueiro, é seu

homem principal. Mas ele acha que numa escolha de candidaturas o Brooke se sairia mal.

– Exatamente – disse Sir James, com seriedade. – Tenho investigado o assunto, pois nunca antes soube de nada sobre a política de Middlemarch, o condado é o meu trabalho. O que Brooke confia é que eles vão rejeitar Oliver por ele ser a favor do Peel.[118] Mas Hawley me disse que se eles indicarem um *whig*, com certeza será Bagster, um daqueles candidatos que só os céus sabem de onde vêm, mas que são parlamentares experientes e confrontam os ministros. Hawley é um tanto rude, ele se esqueceu de que estava falando comigo e disse que se Brooke quisesse levar ovadas, havia formas mais baratas de consegui-lo do que em um palanque.

– Eu adverti todos eles – disse Mrs. Cadwallader, gesticulando com as mãos. – Eu disse a Humphrey há muito tempo que Mr. Brooke vai fazer um papel ridículo. E agora ele faz isso.

– Bem, ele poderia ter pensado em se casar – disse o reitor. – Isso teria sido ainda pior do que um pequeno flerte com a política.

– Ele pode fazer isso depois – disse Mrs. Cadwallader – quando sair do outro lado da lama com calafrios.

– O que mais me preocupa é a sua dignidade – disse Sir James. – É claro que me importo mais por causa da família. É um homem já maduro e não gosto de pensar que vai se expor. Eles vão jogar tudo contra ele.

– Suponho que seja inútil tentar persuadi-lo – disse o reitor. – Há uma mistura estranha de obstinação e mutabilidade em Brooke. Você já conversou com ele sobre o assunto?

– Bem, não – disse Sir James –, pode parecer uma indelicadeza, que lhe estou dando ordens. Mas tenho conversado com aquele jovem, o Ladislaw, a quem Brooke está transformando em um factótum.[119] Ladislaw me parece bastante inteligente e esperto. Achei que seria interessante saber o que ele pensa e ele não está de acordo com a posição de Brooke de se candidatar. Acho que ele vai convencê-lo; pode ser que evitemos sua indicação.

– Eu sei – disse Mrs. Cadwallader, balançando a cabeça. – O candidato independente não memorizou bem seus discursos.

– Mas sobre esse Ladislaw... há outro assunto intrigante – disse Sir James. – Nós o recebemos duas ou três vezes para jantar (a propósito, você o conheceu) como convidado de Brooke e parente de Casaubon, pensando que ele estava apenas em uma visita passageira. E agora eu descubro que ele está na boca de todos em Middlemarch como o editor do “Pioneiro”. Existem rumores dizendo que ele é um escritor de panfletos, um espião estrangeiro, e não sei mais o quê.

– Casaubon não vai gostar disso – disse o reitor.

– Há algum sangue estrangeiro em Ladislaw – respondeu Sir James. – Espero que ele não se aprofunde em opiniões extremas e arraste Brooke com ele.

– Oh, ele é um jovem perigoso, esse Mr. Ladislaw – disse Mrs. Cadwallader –, com suas canções de ópera e sua língua ágil. Uma espécie de herói byroniano; me parece ser um conspirador amoroso. E Tomás de Aquino não gosta dele. Eu pude ver isso, no dia em que o quadro foi trazido.

– Eu não gostaria de tocar nesse assunto com Casaubon – disse Sir James. – Ele tem mais direito de interferir do que eu. Mas é um assunto desagradável para todos. Um personagem com quem nenhuma pessoa com conexões decentes quer se aproximar! Um daqueles tipos que se vê nos jornais! Basta a gente olhar para Keck, que dirige o “Trombeta”. Eu o vi no outro dia com o Hawley. Ele até escreve bem, admito, mas é um sujeito tão pouco apresentável, que eu gostaria que estivesse bem longe.

– O que se pode esperar desses jornalistas de Middlemarch? – disse o reitor. – Duvido que pudesse encontrar um homem de alto estilo escrevendo sobre temas com os quais ele se importa muito pouco, e ainda com um salário miserável.

– Exatamente, é tão constrangedor que Brooke tenha colocado um homem que tem uma espécie de ligação com a família em uma posição dessas. Pessoalmente, acho que Ladislaw foi um tolo ao aceitar.

– É culpa de Aquino – disse Mrs. Cadwallader. – Por que ele não usou seus interesses para tornar Ladislaw um adido ou para ser enviado para a Índia? É

assim que as famílias se livram de raminhos problemáticos.

– Não há como saber até que ponto isso pode chegar – disse Sir James, ansioso. – Mas se Casaubon não diz nada, o que eu posso fazer?

– Oh, meu caro Sir James – disse o reitor –, não vamos dar muita importância a tudo isso. É provável que acabe virando fumaça. Dentro de um mês ou dois, Brooke e esse jovem Ladislaw se cansarão um do outro. Ladislaw vai levantar voo, Brooke vai vender o "Pioneiro" e tudo vai ser como sempre.

– Há uma boa chance que ele não goste de ver seu dinheiro indo embora – disse Mrs. Cadwallader. – Se eu conhecesse os gastos eleitorais, poderia assustá-lo. Não adianta usar palavras amplas como despesas. Eu não falaria sobre flebotomia,[120] eu esvaziaria um pote de sanguessugas na sua cabeça. O que nós, os autênticos avarentos, não gostamos é que nos tirem nossos trocados.

– E ele não gostará que levantem coisas contra ele – disse Sir James. – Eles já começaram com a administração de sua propriedade. Para mim é muito doloroso ver. É um incômodo debaixo do próprio nariz. Acredito que é nossa obrigação fazer o melhor por nossas terras e nossos arrendatários, especialmente nestes tempos difíceis.

– Talvez o "Trombeta" o incite a fazer uma mudança, e algum bem possa resultar de tudo isso – disse o reitor. – Eu ficaria contente. Ouviria menos resmungos na hora de receber os dízimos em gêneros alimentícios. Não sei o que faríamos se não houvesse um dízimo em espécie em Tipton.

– Quero que ele tenha um homem adequado para cuidar das coisas, quero que ele contrate Garth novamente – disse Sir James. – Ele dispensou Garth há doze anos e tudo deu errado desde então. Eu mesmo penso em contratar Garth como administrador; ele fez alguns planos muito bons para as minhas construções e Lovegood não está à altura. Mas Garth não assumiria a propriedade de Tipton novamente, a menos que Brooke a deixasse inteiramente em suas mãos.

– E ele tem razão – disse o reitor. – Garth é um sujeito independente, um tipo original e simplório. Em certa ocasião, quando estava fazendo uma avaliação para mim, ele me disse sem rodeios que os clérigos não entendiam nada sobre

negócios e que atrapalhavam quando se intrometiam. Mas ele falou com o mesmo respeito e tranquilidade como se estivesse falando comigo sobre marinheiros. Ele faria de Tipton uma paróquia diferente se Brooke o deixasse administrar. Espero que, com a ajuda do “Trombeta”, o senhor venha a conseguir isso.

– Se Dorothea tivesse ficado perto de seu tio, haveria alguma chance – disse Sir James. – Ela poderia ter adquirido algum poder sobre ele com o tempo, e ela sempre se sentiu desconfortável com o estado da propriedade. Ela tinha ideias maravilhosas sobre essas coisas. Mas, agora, Casaubon a absorve completamente. Celia reclama muito. Ela raramente janta conosco desde que ele teve aquele ataque – Sir James concluiu com uma expressão de repulsa e compaixão, e Mrs. Cadwallader encolheu os ombros sinalizando que não era provável que ela visse nada de novo nesse sentido.

– Pobre Casaubon! – disse o reitor. – Foi um ataque feio. Ele me pareceu muito abatido no outro dia na casa do arquidiácono.

– Na verdade – retomou Sir James, pouco inclinado a prolongar o assunto dos “ataques” –, Brooke não quer o mal de seus inquilinos ou qualquer outra pessoa, mas ele tem essa maneira de economizar e reduzir despesas.

– Bem, isso é uma bênção – disse Mrs. Cadwallader. – Isso o ajuda a se encontrar pela manhã. Ele pode não conhecer com clareza as suas próprias opiniões, mas conhece bem seu próprio bolso.

– Não acredito que um homem possa enriquecer sendo avarento com suas terras – disse Sir James.

– Ora, a avareza pode ser abusada, assim como outras virtudes: não adianta manter os próprios porcos magros – disse Mrs. Cadwallader, que se levantara para olhar pela janela. – É só falar de um político independente e ele aparece.

– Quem? Brooke? – perguntou o marido.

– Sim. Agora você o atormenta com o “Trombeta”, Humprey, e eu lhe aplico as sanguessugas. O que o senhor fará, Sir James?

– O fato é que devido à nossa relação, eu não gostaria de me envolver com o

Brooke; a coisa toda é tão desagradável. Eu gostaria que as pessoas se comportassem como cavalheiros – disse o bom baronete, sentindo que aquele era um programa simples e inteligível para o bem-estar social.

– Aqui estão vocês, hein? – disse Mr. Brooke, arrastando os pés e estendendo a mão. – Eu estava indo para sua casa, Chettam. Mas é muito agradável encontrar todo mundo, sabe? Bem, o que vocês estão achando de tudo? Está indo um pouco rápido, não é? É a pura verdade o que disse Lafitte [121]: "Desde ontem, um século se passou". Lá do outro lado das águas eles já estão no próximo século. Os franceses vão mais rápido do que nós.

– Ah, sim – disse o reitor, pegando no jornal. – Aqui está o "Trombeta", o acusando de ficar para trás; você viu?

– O quê? Não – disse Mr. Brooke, colocando as luvas dentro do chapéu e ajustando apressadamente o monóculo. Porém, Mr. Cadwallader manteve o jornal na mão, e disse, com um sorriso nos olhos:

– Veja! Tudo isso é sobre um proprietário de terras que vive a menos de cem milhas de Middlemarch, que recebe seus próprios aluguéis. Dizem que ele é o homem mais retrógrado do condado. Suponho que você tenha ensinado essa palavra a eles no "Pioneiro".

– Esse é o Keck; um sujeito analfabeto, você sabe. Retrógrado! Ora, isso é incrível. Ele acha que significa destrutivo: eles querem me fazer passar por um sujeito destrutivo – disse Mr. Brooke, com aquela alegria que geralmente é sustentada pela ignorância do adversário.

– Acho que ele conhece o significado da palavra. Aqui estão um ou dois golpes certeiros. *"Se tivéssemos que descrever um homem que é retrógrado no sentido mais perverso da palavra, deveríamos dizer que é aquele que se autointitula um reformador de nossa constituição, enquanto todos os interesses pelos quais ele é imediatamente responsável irão decair; um filantropo que não aceita que um vigarista seja enforcado, mas que não se importa que cinco arrendatários honestos morram de fome; um homem que brada contra a corrupção, mas que arrenda suas terras a um preço exorbitante; que ruboriza*

ante a visão de bairros pobres, mas não se importa que todos os campos de suas terras tenham uma porteira podre; um homem que abre seu coração para Leeds e Manchester, o qual, sem dúvida consentiria em qualquer número de representantes que pagassem por suas posições com dinheiro do próprio bolso, mas que reluta em oferecer um desconto no aluguel e, assim, ajudar o arrendatário a comprar provisões, ou ainda em desembolsar alguma quantia em reparos para amenizar os efeitos das intempéries em um celeiro ou fazer com que a casa de um inquilino se pareça um pouco menos com um cottier irlandês. Porém, todos nós conhecemos a definição de um filantropo: um homem cuja caridade aumenta em proporção direta ao quadrado da distância...” E assim por diante. Todo o resto serve para mostrar que tipo de legislador um filantropo provavelmente seria – concluiu o reitor, jogando o jornal no chão e unindo as mãos atrás da nuca, enquanto observava Mr. Brooke com ar de divertida neutralidade.

– Ora, isso é muito bom – disse Mr. Brooke, pegando o jornal e tentando suportar a crítica com tanta facilidade quanto seu vizinho, mas corando e sorrindo com nervosismo –, aquela coisa de ruborizar ante a visão de bairros pobres... eu nunca fiz um discurso sobre bairros pobres na minha vida. E quanto a ruborizar e esse tipo de coisa, esses homens nunca entendem o que é uma boa sátira. Sátira, você sabe, deveria ser verdade até certo ponto. Lembro-me de que disseram isso em “The Edinburgh”... deve ser verdade até certo ponto.

– Bem, isso das porteiras foi um tiro certeiro – disse Sir James, com cautela. – Dagley reclamou no outro dia que não tinha uma porteira decente em sua fazenda. Garth inventou um novo padrão de porteira, gostaria que você experimentasse. Parte da madeira deveria ser empregada dessa forma.

– Você se dedica à agricultura como um capricho, Chettam – disse Mr. Brooke, fingindo olhar para as colunas do “Trombeta”. – Este é o seu passatempo, e você não se importa com os gastos.

– Eu achava que o passatempo mais caro do mundo era candidatar-se ao Parlamento – disse Mrs. Cadwallader. – Dizem que o último candidato

fracassado em Middlemarch... Giles, não era esse o nome dele?... Gastou dez mil libras e não conseguiu porque não subornou o suficiente. Que reflexão amarga para um homem!

– Alguém estava dizendo – disse o reitor, rindo –, que em matéria de subornos, East Retford não era nada comparado a Middlemarch.

– Nada disso – disse Mr. Brooke. – Os conservadores subornam, você sabe; Hawley e sua turma subornam com jantares, petiscos quentes e coisas desse tipo; e levam os eleitores bêbados para a votação. Mas eles não farão as coisas à sua maneira no futuro... não no futuro, você sabe. Middlemarch está um pouco atrasada, eu admito... os homens livres são um pouco atrasados. Mas vamos educá-los, vamos provocá-los, você sabe. As melhores pessoas estão do nosso lado.

– Hawley diz que você tem homens a seu lado que vão acabar lhe prejudicando – observou Sir James. – Ele disse que Bulstrode, o banqueiro, vai acabar sendo prejudicial.

– E que se o senhor levar uma ovada – interpôs Mrs. Cadwallader – metade dos ovos podres será jogada por ódio que sentem pelo seu homem do comitê. Céus! Pense em como deve ser levar uma ovada por opiniões equivocadas. E eu ainda me lembro da história de um homem que eles fingiram ajudar e o deixaram cair em uma lixeira de propósito!

– Levar uma ovada não é nada comparado com a descoberta dos seus pontos fracos – disse o reitor. – Confesso que é isso o que me daria medo se nós, pastores, tivéssemos que subir em um palanque para recebermos uma promoção. Eu teria medo de que eles contassem todos os meus dias de pescaria. Dou minha palavra, eu acho que a verdade é o projétil mais forte que se pode arremessar em alguém.

– O fato é – disse Sir James – se um homem quer entrar para a vida pública, ele deve estar preparado para as consequências. Ele deve se tornar à prova de calúnias.

– Meu caro Chettam, está tudo muito bem, sabe – disse Mr. Brooke. – Mas

como alguém pode se tornar à prova de calúnias? Veja a história, veja o ostracismo, a perseguição, o martírio e esse tipo de coisas. Elas sempre acontecem com os melhores homens, você sabe. Como é mesmo aquela frase de Horácio? *Fiat justitia, ruat* [122] ... algo assim.

– Exatamente – disse Sir James, um pouco mais exaltado do que de costume. – O que eu quero dizer com ser imune a calúnias é ser capaz de mostrar que o fato é uma inverdade.

– E não é um martírio pagar por aquilo que alguém jogou contra si mesmo – disse Mrs. Cadwallader.

Mas foi o aborrecimento evidente de Sir James o que mais comoveu Mr. Brooke.

– Bem, você sabe, Chettam – disse ele, levantando-se, pegando o chapéu e apoiando-se em sua bengala –, você e eu temos métodos diferentes. Você é a favor de gastar com suas fazendas. Não pretendo dizer que meu método seja bom em todas as circunstâncias... não em todas as circunstâncias, você sabe.

– É preciso fazer de tempos em tempos uma nova avaliação – disse Sir James. – Os rendimentos eventuais são muito bons, mas eu prefiro uma avaliação justa. O que você me diz, Cadwallader?

– Concordo com você. Se eu fosse Brooke, calaria o "Trombeta" de uma vez, fazendo com que Garth fizesse uma nova avaliação das fazendas e dando-lhe *carte blanche* para as porteiras e os reparos; este é o meu ponto de vista da situação política –disse o reitor, estufando o peito, enfiando os polegares nas cavas das mangas e rindo para Mr. Brooke.

– É um tipo de coisa bastante pretensiosa de se fazer, sabe – disse Mr. Brooke. – Mas eu gostaria que você me falasse de outro proprietário que incomodou seus inquilinos por atrasos tão pouco quanto eu. Eu permiti que antigos inquilinos ficassem. Eu sou excepcionalmente compreensivo, deixe-me dizer, excepcionalmente compreensivo. Tenho minhas próprias ideias e as coloco em prática, você sabe. Um homem que faz isso é sempre tachado como excêntrico e inconsistente, esse tipo de coisas. Quando eu mudar minha forma de

agir, vou seguir minhas próprias ideias.

Depois disso, Mr. Brooke lembrou-se de que havia um pacote que tinha se esquecido de enviar e se despediu de todos apressadamente.

– Eu não queria tomar liberdades com Brooke – disse Sir James. – Vejo que ele ficou irritado. Porém, o que ele diz sobre os antigos inquilinos, a verdade é que nenhum novo inquilino aceitaria as fazendas nas condições atuais.

– Tenho a impressão de que poderemos convencê-lo com o tempo – disse o reitor. – Mas você, Elinor, ia por um lado, e nós pelo outro. Você queria afugentá-lo para longe das despesas e nós pretendíamos assustá-lo para assumir despesas. É melhor deixá-lo tentar ganhar popularidade e descobrir que sua reputação como proprietário acabará obstruindo seu caminho. Não acredito que o “Pioneiro”, ou Ladislaw, nem o discurso de Brooke tenham a menor importância para a população de Middlemarch. Mas é importante que os paroquianos de Tipton tenham seu bem-estar garantido.

– Peço perdão, mas são vocês dois que estão no caminho errado – disse Mrs. Cadwallader. – Vocês deveriam ter mostrado que ele perde dinheiro com sua má gestão, e então todos nós estaríamos do mesmo lado. Se vão deixá-lo cavalgar pela política, eu vou preveni-los das consequências. É muito bom fingir que está cavalgando com pedaços de pau e chamá-los de ideias.

CAPÍTULO XXXIX

“Se, como eu, você também vê
A virtude adornando a mulher,
E ousa amá-la, e manifestar seu amor,
E se esquece se é Ele ou Ela;
E se este amor, embora assim colocado,
Te esconde dos homens profanos,
Que não outorgam nenhuma fé sobre isso,
Ou, se o fazem, é para ridicularizá-lo;
Então, você fez uma coisa mais corajosa,
Do que fizeram os que são mais dignos,
E um ainda mais corajoso surgirá,
Ou seja, para manter tudo escondido.”
– DR. DRONE

A mente de Sir James Chettam não era praticamente engenhosa, mas sua crescente ansiedade para “influenciar Brooke”, uma vez associada à sua crença na capacidade de Dorothea para influenciá-lo, resultou em um pequeno plano, a saber: usar o pretexto da indisposição de Celia para levar Dorothea sozinha a Freshitt Hall, e deixá-la em Tipton Grange, depois de torná-la totalmente ciente da situação a respeito da administração da propriedade. Assim foi um dia, perto das quatro horas, quando Mr. Brooke e Ladislaw estavam sentados na biblioteca, a porta se abriu e Mrs. Casaubon foi anunciada.

Alguns momentos antes, Will se encontrava mergulhado nas profundezas do tédio e, sendo forçado a ajudar Mr. Brooke a organizar “documentos” sobre enforcamento de ladrões de ovelhas, ia exemplificando o poder que tem nossas

mentes de montar vários cavalos ao mesmo tempo, já que interiormente ele pensava nas medidas a adotar para conseguir uma moradia em Middlemarch e, assim, encurtar sua permanência em Tipton Grange, enquanto estas imagens mais concretas viam-se intermitentemente interrompidas pela graciosa visão de um poema épico sobre o roubo de ovelhas, escrito com características homéricas. Quando Mrs. Casaubon foi anunciada, sua chegada foi recebida como uma descarga elétrica e com formigamento nas pontas dos dedos. Qualquer pessoa que o observasse teria notado uma mudança em sua tez, a contração de seus músculos faciais, o brilho de seu olhar, o que poderia tê-lo feito imaginar que cada molécula de seu corpo havia transmitido a mensagem de um toque mágico. E assim era. A magia eficaz é uma natureza transcendente e, quem pode medir a sutileza desses toques –, que transmitem uma mudança no estado da alma –, bem como do corpo, e fazem a paixão de um homem por uma mulher diferir de sua paixão por outra, da mesma maneira como a alegria na luz da manhã sobre o vale e o rio e o topo da montanha branca difere da alegria entre lanternas chinesas e painéis de vidro? Will também era feito de um material muito impressionável. O arco de um violino, tocado com habilidade, poderia com um só acorde modificar para ele o aspecto do mundo, e seu ponto de vista mudava com tanta facilidade quanto seu humor. A entrada de Dorothea foi como o frescor da manhã.

– Ora, minha querida, que agradável surpresa! – exclamou Mr. Brooke ao aproximar-se dela e dar-lhe um beijo. – Você deixou Casaubon com seus livros, eu suponho. Fez bem. Não devemos permitir que você se torne instruída demais para uma mulher, sabe?

– Não há perigo, tio – disse Dorothea, virando-se para Will e apertando sua mão com manifesta alegria, enquanto continuava a resposta ao seu tio. – Sou muito lenta. Quando quero dedicar-me aos livros, frequentemente começo a vadiar em meus pensamentos. Creio que adquirir cultura não é tão fácil quanto planejar chalés.

Ela se sentou ao lado de seu tio em frente a Will, claramente preocupada com

alguma coisa que tomava toda a sua atenção. Will sentiu-se ridiculamente desapontado, como se tivesse imaginado que a vinda de Dorothea tinha algo a ver com ele.

– É verdade, minha querida, planejar chalés era o seu passatempo. Mas foi bom interromper isso um pouco. Os passatempos tendem a nos dominar, você sabe, e isso não é bom. Temos que manter as rédeas. Eu nunca me permiti ser dominado, sempre puxei a rédea antes desse momento. É o que digo a Ladislaw. Ele e eu somos parecidos, sabe; ele gosta de se envolver em tudo. Estamos trabalhando com a pena de morte. Faremos muitas coisas juntos, Ladislaw e eu.

– Sim – disse Dorothea, com sua franqueza característica –, Sir James estava me dizendo que espera ver uma grande mudança em breve na administração de sua propriedade, que o senhor está pensando em avaliar as fazendas e fazer os reparos, e também melhorar as cabanas, e Tipton parecerá um lugar completamente diferente. Eu fico imensamente feliz! – continuou ela, apertando as mãos, voltando àquela maneira impetuosa, mas infantil, que havia sido sufocada desde seu casamento. – Se eu ainda estivesse em casa, deveria voltar a cavalgar, para poder acompanhá-lo e ver tudo isso! E Sir James diz que o senhor vai contratar Mr. Garth, que tanto elogiou meus planos para os chalés.

– Chettam é um pouco apressado, minha querida – disse Mr. Brooke, corando ligeiramente –, um pouco apressado, você sabe. Eu nunca disse que faria nada parecido. Também nunca disse que não faria, sabe?

– Ele apenas acredita que o senhor fará – disse Dorothea, com a voz clara e precisa, como uma jovem corista entoando um credo –, já que o senhor pretende entrar para o Parlamento como um membro que se preocupa com o bem-estar das pessoas, e uma das primeiras coisas a serem melhoradas é o estado de suas terras e dos trabalhadores. Pense em Kit Downes, tio, que mora com sua esposa e sete filhos em uma casa com uma sala e um dormitório pouco maior do que esta mesa! E aqueles pobres Dagleys, naquela casa em ruínas, que moram na cozinha de trás e deixam os outros cômodos para os ratos! Esta é uma das razões pelas quais eu não gostava dos seus quadros, querido tio, sobre os quais o senhor

me considera estúpida. Eu costumava voltar da aldeia com toda aquela sujeira e indignidade, sentindo uma dor dentro de mim, e as cenas artificiais na sala de estar me pareciam uma tentativa perversa de encontrar prazer no que é falso, sem nos importarmos com a crua realidade dos nossos vizinhos. Não creio que temos o direito de avançar na política e exigir melhorias para o bem-estar das pessoas até que tenhamos tentado modificar aquilo que está em nossas próprias mãos.

Dorothea se emocionava à medida que prosseguia, esquecendo-se de tudo, exceto do alívio de expressar seus sentimentos com total liberdade, uma experiência outrora habitual para ela, mas dificilmente presente desde seu casamento, ocasiões em que enfrentava uma luta perpétua de energia contra o medo. Por um momento, a admiração de Will foi acompanhada por uma gélida sensação de distância. Um homem raramente se envergonha de sentir que não pode amar tanto uma mulher quando ela se mostra esplendorosa, uma vez que os homens foram destinados à grandeza pela própria natureza. No entanto, ocasionalmente a natureza comete enganos lamentáveis ao realizar sua intenção, como no caso do bom Mr. Brooke, cuja consciência masculina se encontrava neste momento em condições titubeantes ante a eloquência de sua sobrinha. Ele não conseguiu encontrar imediatamente nenhum outro modo de se expressar além de se levantar, ajeitar o monóculo e passar os dedos nos papéis à sua frente. Por fim, ele disse:

– Há algo de verdade no que você diz, minha querida, algo de verdade, mas não em tudo, hein, Ladislaw? Você e eu não gostamos que nossas pinturas e estátuas sejam criticadas. As jovens são um pouco impetuosas, você sabe... um pouco parciais. Belas artes, poesia, esse tipo de coisas, elevam uma nação... *emollit mores*...[123] você entende um pouco de latim agora. Mas... o que foi?

A interrogação havia sido dirigida ao lacaio que havia entrado para dizer que o guardião havia encontrado um dos meninos de Dagley com uma lebre nas mãos, que tinha acabado de matar.

– Estou indo, estou indo. Vou perdoá-lo rapidinho, você sabe – disse Mr. Brooke a Dorothea em voz baixa, enquanto se afastava alegremente.

– Espero que reconheça o quão necessária é esta mudança que eu... que Sir James deseja – disse Dorothea para Will, assim que seu tio se foi.

– Sim, agora que a ouvi falar sobre o assunto. Não vou esquecer o que disse. Mas a senhora pode pensar em outra coisa neste momento? Posso não ter outra oportunidade de falar com a senhora sobre o que aconteceu – disse Will, levantando-se com um gesto impetuoso e apoiando ambas as mãos no espaldar de uma cadeira.

– Por favor, diga – disse Dorothea, ansiosa, também se levantando e indo até a janela aberta, por onde Monk a observava, ofegante e abanando o rabo. Ela debruçou na janela e passou a mão na cabeça do cachorro, pois, embora, como sabemos, ela não gostasse de animais de estimação que podiam ser carregados nas mãos ou pisados, ela estava sempre atenta aos sentimentos dos cães e se mostrava muito educada se precisasse recusar seus avanços.

Will a seguiu apenas com os olhos, e disse:

– Suponho que saiba que Mr. Casaubon me proibiu de ir à sua casa.

– Não, eu não sabia – disse Dorothea, após uma pausa momentânea. Ela ficou evidentemente muito comovida. – Eu sinto muito, muito mesmo – acrescentou ela, com tristeza na voz. Ela estava pensando no que Will não sabia, na conversa entre ela e o marido na escuridão, e ela foi novamente tomada pela impotência de não poder exercer alguma influência sobre as ações de seu marido. No entanto, a expressão marcada de sua tristeza convenceu Will de que ele não era o único que a ocasionava, e tampouco lhe havia ocorrido que a antipatia e o ciúme que Mr. Casaubon sentia por ele pudessem voltar-se contra ela. Ele sentiu uma estranha mistura de deleite e aborrecimento: o deleite por poder habitar na mente dela e ser tratado com carinho, sem suspeitas e sem restrições, sentimento puro e imaculado; e de aborrecimento porque ele era insignificante para ela, não era importante o suficiente, tratado com uma benevolência inabalável que nada o lisonjeava. Mas seu medo de qualquer mudança em Dorothea era mais forte do que seu descontentamento, e ele começou a falar novamente em um tom de mera explicação.

– A razão de Mr. Casaubon é o seu descontentamento por eu ter assumido uma posição aqui que ele considera inadequada para o meu status de primo de um homem da sua posição. Eu disse a ele que não posso ceder neste ponto. É um pouco difícil para mim esperar que o rumo da minha vida deva ser dificultado por preconceitos que considero ridículos. A obrigação pode ser estendida até o ponto de não se tornar melhor do que uma espécie de escravidão, com a qual fomos marcados quando éramos muito jovens para saber o seu significado. Eu não teria aceitado a posição se não acreditasse que era útil e honrada. Não sou obrigado a considerar a dignidade da família sob qualquer outra luz.

Dorothea se sentiu péssima. Ela achava que seu marido estava totalmente errado, por mais motivos do que Will havia mencionado.

– É melhor não falarmos sobre o assunto – disse ela, com um tremor não comum em sua voz – já que o senhor e Mr. Casaubon estão em desacordo. Pretende ficar? – ela olhava para o gramado, em meditação melancólica.

– Sim, mas dificilmente poderei vê-la agora – disse Will, em um tom de queixa quase infantil.

– Não – disse Dorothea, virando os olhos para ele –, quase nunca. Mas eu receberei notícias suas. Eu saberei o que está fazendo por meu tio.

– Eu não saberei quase nada sobre a senhora – disse Will. – Ninguém vai me dizer nada.

– Oh, minha vida é muito simples – disse Dorothea, esboçando um sorriso requintado, que irradiava sua melancolia. – Estou sempre em Lowick.

– É uma prisão terrível – disse Will, impetuosamente.

– Não, não diga isso – disse Dorothea. – Eu não tenho aspirações.

Ele não perguntou, mas ela respondeu a alguma mudança em sua expressão. – Quero dizer, para mim mesma. Exceto que gostaria de não ter muito mais do que minha parte sem fazer nada pelos outros. Mas eu tenho uma crença própria, e isso me conforta.

– Qual é? – perguntou Will, com bastante ciúme da crença.

– A crença de que, ao desejar o que é perfeitamente bom, mesmo quando não

sabemos bem o que é e não podemos fazer o que queremos, somos parte do poder divino contra o mal, ampliando o círculo da luz e tornando a luta contra as trevas mais estreita.

– Este é um belo misticismo... é um...

– Por favor, não chame minha crença por nenhum nome – disse Dorothea, estendendo as mãos suplicantemente. – O senhor vai dizer que é persa, ou qualquer coisa geográfica. É minha vida. Eu a descobri e não posso prescindir dela. Sempre descobri minha religião desde pequena. Eu costumava orar muito..., agora quase nunca oro. Tento não desejar nada para mim mesma, porque isso pode não ser bom para os outros, e eu já tenho demais. Eu apenas revelei ao senhor para que saiba como passo os dias em Lowick.

– Deus te abençoe por me contar! – disse Will, com ardor e bastante surpreso consigo mesmo. Eles olhavam um para o outro como duas crianças afetuosas que conversavam confidencialmente sobre pássaros.

– Qual é sua religião? – perguntou Dorothea. – Quero dizer, não o que sabe sobre religião, mas a crença que mais te ajuda.

– Amar o que é bom e belo quando o vejo – disse Will. – Mas sou um rebelde: não me sinto obrigado, como a senhora, a me submeter ao que não gosto.

– Mas se o senhor gosta do que é bom, dá no mesmo – disse Dorothea, sorrindo.

– Agora está sendo inconsistente – disse Will.

– Sim, Mr. Casaubon sempre diz que sou muito inconsistente. Não me sinto inconsistente – disse Dorothea, brincando. – Como meu tio está demorando! Devo ir procurá-lo. Devo mesmo voltar a Freshitt Hall. Celia está me esperando.

Will se ofereceu para comunicar Mr. Brooke, que entrou em seguida e disse que acompanharia Dorothea na carruagem até a casa de Dagley, para falar sobre o pequeno delinquente que havia sido pego com a lebre. Dorothea retomou o assunto da fazenda durante o caminho, mas Mr. Brooke, não sendo pego de surpresa, manteve a conversa sob seu próprio controle.

– Bem, filha – respondeu ele –, Chettam... ele sempre me critica. Mas eu não protegeria a caça se não fosse por Chettam, e ele não pode dizer que essa despesa é para o bem dos inquilinos, sabe. Vai um pouco contra o que eu sinto: a caça furtiva, se você olhar para isso... muitas vezes pensei em levantar o assunto. Não faz muito tempo, prenderam Flavell, o pregador metodista, por derrubar uma lebre que cruzou seu caminho quando ele e sua esposa estavam passeando juntos. Ele foi muito rápido, e deu-lhe um golpe no pescoço.

– Isso foi muito brutal, eu acho – disse Dorothea.

– Bem, pareceu bastante ruim para mim, eu confesso, e partindo de um pregador metodista, você sabe. E Johnson disse: "Julgue o hipócrita que ele é". E, juro, pensei que Flavell se parecia muito pouco com "o estilo mais elevado de um homem", como dizem dos cristãos, acho que foi Young, o poeta Young...[124] você conhece Young? Bem, Flavell, em suas polainas pretas surradas, suplicando que acreditava que o Senhor lhes havia enviado a ele e à sua esposa um bom jantar, e que tinha o direito de lhe apertar o pescoço, embora não fosse, como Nimrod,[125] um caçador poderoso diante do Senhor, eu lhe garanto que foi bastante cômico. Fielding teria escrito alguma coisa sobre... ou Scott.[126] Scott teria trabalhado bem. Mas, realmente, quando pensava nisso, não podia deixar de me satisfazer com a ideia de que o sujeito tivesse um pouco de lebre sobre o qual dar graças. É tudo uma questão de parcialidade; parcialidade com a lei ao seu lado, sabe? A vara, e as polainas, e assim por diante. No entanto, não adianta raciocinar sobre as coisas; e lei é lei. Mas fiz com que Johnson se calasse e silenciei o assunto. Tenho minhas dúvidas se Chettam não teria sido mais severo, mesmo assim me trata como se eu fosse o homem mais duro do condado. Mas aqui estamos nós na casa de Dagley.

Mr. Brooke desceu na porteira de uma propriedade e Dorothea seguiu em frente. É espantoso como as coisas parecem mais feias quando apenas suspeitamos que somos culpados por elas. Até mesmo nossas próprias imagens diante do espelho podem mudar seu aspecto depois de termos escutado algum comentário sincero sobre suas facetas menos admiráveis; e, por outro lado, é

surpreendente como a consciência aceita de maneira agradável nossas usurpações sobre aqueles que nunca reclamam ou não têm ninguém para reclamar por eles. A casa de Dagley nunca antes havia parecido tão sombria para Mr. Brooke como hoje, com sua mente tão dolorida pelas críticas do “Trombeta”, ecoadas por Sir James.

É certo que um observador, sob aquela influência confortadora das belas-artes que torna pitorescas as adversidades de outras pessoas, poderia ter ficado encantado com aquele lugar chamado Freeman’s End.[127] A velha casa possuía uma água-furtada sob o telhado vermelho-escuro, duas das chaminés estavam cobertas pela hera, o grande alpendre estava bloqueado com feixes de gravetos e metade das janelas estava fechada com venezianas cinzentas corroídas, sobre as quais cresciam ramos de jasmim em exuberância selvagem; o muro desmoronando do jardim com malvas-rosa espreitando por cima era um estudo perfeito do atenuado contraste de cores, e havia uma velha cabra (sem dúvida mantida por interessantes motivos supersticiosos) deitada contra a porta aberta da cozinha. O telhado de palha coberto de musgo do estábulo, as portas cinzentas e quebradas do celeiro, os trabalhadores indigentes em calças esfarrapadas, que estavam quase terminando de descarregar uma carroça de milho no celeiro, pronto para debulhar; o escasso número de vacas leiteiras sendo amarradas para ordenha e que transformava a metade do galpão em uma variedade de tons de marrom; os próprios porcos e patos brancos parecendo desanimados enquanto vagavam pelo pátio irregular e abandonado, como consequência da baixa qualidade das sobras que os alimentavam; todos esses objetos sob a luz tênue de um céu salpicado com nuvens altas teriam constituído uma espécie de pintura diante da qual todos nós teríamos nos detido por ser “encantadora”, removendo outras sensibilidades que não as que se veem afetadas com a depressão dos interesses agrícolas, com a triste falta de capital para a agricultura, como se via constantemente nos jornais da época. Porém, estas associações problemáticas só agora estavam fortemente presentes para Mr. Brooke, estragando a cena para ele. O próprio Mr. Dagley representava uma

figura na paisagem, carregando um forcado e usando seu chapéu de ordenha, um velho chapéu castor achatado na frente. Seu casaco e suas calças eram os melhores que possuía, e ele não os estaria usando na ocasião se não tivesse ido ao mercado e voltado mais tarde do que de costume, tendo se dado ao raro luxo de um jantar simplório na mesa pública do Blue Bull. Talvez na manhã seguinte ele se arrependesse de ter sucumbido a tal extravagância, mas alguma coisa na situação do país, uma ligeira pausa na colheita antes que os preços da colheita despencassem, as histórias sobre o novo rei e os numerosos cartazes nos muros, pareciam justificar um pouco de imprudência. Era uma máxima em Middlemarch, considerada como óbvia, que carne boa deve ser acompanhada de boa bebida, a qual Dagley interpretou como cerveja em abundância seguida de rum com água. Estas bebidas tinham tanta autenticidade que não foram falsas o suficiente para alegrar o pobre Dagley, limitando-se a fazer com que seu descontentamento fosse menos obstinado do que o normal. Ele também havia ingerido muita conversa política incompreensível, um estimulante perigosamente perturbador para seu conservadorismo agrícola, que consistia em sustentar que tudo o que é ruim é ruim e qualquer mudança provavelmente seria pior. Ele estava corado e mantinha um olhar decididamente briguento enquanto estava de pé, segurando seu forcado, enquanto seu senhorio se aproximava com seu andar arrastado, uma mão no bolso da calça e a outra balançando uma bengala fina.

– Dagley, meu bom homem – começou Mr. Brooke, decidido de que seria muito amigável com o assunto do menino.

– Oh, sim, eu sou um bom sujeito, não sou? Obrigado, senhor, obrigado – disse Dagley, com um rosnado alto e irônico que fez Fag, o cão pastor, se mexer na cadeira e erguer as orelhas; mas ao ver Monk entrar no pátio atrás do seu mestre, Fag sentou-se novamente em uma atitude de observação. – Fico feliz em saber que sou um bom sujeito.

Mr. Brooke lembrou-se de que era dia de mercado e que seu digno inquilino provavelmente estivera comendo e bebendo, mas não via motivos para não continuar, já que poderia ter a precaução de repetir a Mrs. Dagley o que tinha a

dizer.

– Seu menino Jacob foi pego matando uma lebre, Dagley. Eu pedi a Johnson para trancá-lo no estábulo vazio por uma ou duas horas, só para assustá-lo, você sabe. Mas ele será trazido para casa em breve, antes de anoitecer. Então, você vai se encarregar dele, não vai? E deve repreendê-lo.

– Não, eu não vou; eu não vou bater no meu filho *prá agradá ocê* ou qualquer outra pessoa, nem mesmo se *ocê* fosse vinte proprietários e não um, e ainda um bem ruim.

As palavras de Dagley foram pronunciadas em volume suficiente para atrair sua esposa para a porta da cozinha, a única entrada que usavam e que estava sempre aberta, exceto quando fazia mau tempo. Mr. Brooke disse em tom apaziguador:

– Bem, bem, vou falar com sua esposa, eu não quis dizer bater nele, você sabe – ele virou-se para caminhar até a casa. Mas Dagley, mais inclinado a "dizer umas palavras" a um cavalheiro que lhe dava as costas, o seguiu imediatamente, com Fag pulando em seus calcanhares e esquivando-se melancolicamente de alguns pequenos e provavelmente bondosos avanços por parte de Monk.

– Como vai, Mrs. Dagley? – disse Mr. Brooke, apressadamente. – Vim falar sobre o seu filho; não pretendo que o castiguem com a vara, sabe – ele teve o cuidado de falar claramente desta vez.

A sobrecarregada Mrs. Dagley, uma mulher magra e abatida, cujo prazer da vida havia desaparecido tão completamente que ela não tinha nenhuma roupa de domingo que pudesse lhe proporcionar a satisfação de se preparar para a missa, já havia tido um desentendimento com seu marido desde que ele chegara em casa, e estava desanimada, esperando pelo pior. Mas seu marido se adiantou na reposta.

– Não, é claro que não vou *castigá* ele com a vara, quer *ocê* queira ou não – prosseguiu Dagley, elevando a voz como se quisesse ferir o dono das terras. – *Ocê* não tem nenhum direito de vir aqui e falar sobre vara e essas coisas, já que

ocê não contribui nem com uma estaca para os reparos. Vá a Middlemarch, vá ver o que eles pensam do seu caráter.

– É muito melhor você ficar calado, Dagley – disse a esposa – e não atirar pedras no próprio telhado. Quando um pai de família vai ao mercado, gasta dinheiro com bebidas e chega em casa bêbado, ele já fez maldades suficientes para um dia. Mas eu gostaria de saber o que meu filho fez, senhor.

– Não importa o que ele fez – disse Dagley, mais ferozmente – sou eu quem tem que falar, e não *ocê*. E eu vou falar. Vou falar o que eu acho, com jantar ou sem jantar. E o que eu digo é que eu vivi nas suas terras desde os tempos do meu pai, e antes dele, do meu avô e aqui nós temos deixado nosso dinheiro, e tanto eu quanto meus filhos podemos cair mortos e apodrecer no chão para servir de adubo, já que não temos dinheiro para comprar, se o rei não colocar um fim nisso.

– Meu bom homem, você está bêbado, sabe – disse Mr. Brooke, confidencialmente, mas não com cautela. – Um outro dia, um outro dia voltamos a falar – acrescentou ele, virando-se como se fosse partir.

Mas Dagley imediatamente o enfrentou, e Fag em seus calcanhares rosnou baixo, enquanto a voz de seu mestre ficava mais alta e mais insultuosa, ao mesmo tempo em que Monk também se aproximava em silenciosa e digna vigilância. Os trabalhadores da carroça pararam para escutar e parecia mais sensato permanecer absolutamente passivos do que tentar uma fuga ridícula perseguida por um homem aos berros.

– Não estou mais bêbado, nem *ocê*, ou nem tanto – disse Dagley. – Eu posso *aguentá* minha bebida e sei o que eu digo. E o que eu digo é que o rei vai *colocá* um fim nisso, porque dizem os entendidos que vai haver uma *renforma* e os senhorios, que nunca fizeram a coisa certa *pros* seus inquilinos, serão tratados de uma maneira que terão que sair correndo. E tem gente em Middlemarch que sabe o que é a *renforma* e sabe quem terá que sair correndo. Eles falaram: “Eu sei quem é o seu senhorio”. E eu digo: “Espero que ele seja bom *prá ocê*, para mim não é”. Eles continuaram: “Ele é um avarento”. “Sim”, eu digo. “Ele é um

homem para a *renforma*”, eles falaram. Isso é o que eles disseram e eu descobri o que era a *renforma*; é para mandar *ocê* e os seus para longe. E *ocê* pode fazer o que quiser agora, pois não tenho medo. E é melhor deixar meu menino em paz e tomar conta da sua vida antes que a *renforma* chegue. É isso o que eu tenho a dizer – concluiu Mr. Dagley, batendo o forcado no chão com uma firmeza, que se revelou pouco conveniente quando tentou puxá-lo novamente.

Depois desta última ação, Monk começou a latir alto e foi o momento para Mr. Brooke escapar. Ele deixou o pátio o mais rápido que pôde, espantado com a novidade de sua situação. Ele nunca havia sido insultado em suas próprias terras antes, e estava inclinado a se considerar um favorito entre a maioria (todos nós podemos sentir o mesmo quando pensamos em nossa amabilidade mais do que no que as pessoas esperam de nós). Quando ele brigou com Caleb Garth doze anos antes, ele pensou que os inquilinos ficariam satisfeitos com o senhorio se encarregando de tudo.

Aqueles que seguem a narrativa desta experiência podem se surpreender com o pessimismo de Mr. Dagley, mas nada era mais fácil naqueles tempos que um homem do campo de sua categoria fosse ignorante, apesar de haver um reitor na paróquia vizinha que era um perfeito cavalheiro até a espinha dorsal, um pároco mais próximo que pregava com mais sabedoria do que o reitor, um senhorio que se dedicava a tudo, especialmente às belas artes e ao progresso, e todas as luzes de Middlemarch a apenas três milhas de distância. Quanto à facilidade com que os mortais escapam da instrução, coloque à prova um conhecido mediano da elite intelectual de Londres, e imagine como essa pessoa se portaria em um jantar, se tivesse pouco acesso a conhecimentos de aritmética, por exemplo numa paróquia como a de Tipton, e lesse um capítulo da Bíblia com imensa dificuldade, porque nomes como Isaías ou Apolo permaneciam indômitos depois de soletrados duas vezes. O pobre Dagley, às vezes, lia alguns versículos nas noites de domingo, e o mundo pelo menos não era mais escuro para ele do que antes. Ele sabia a fundo algumas coisas, como por exemplo: os hábitos descuidados da propriedade e a volubilidade do clima, do gado e das safras em

Freeman’s End, assim chamada aparentemente por meio de sarcasmo, para sugerir que um homem era livre para desistir se quisesse, mas que não havia na terra nenhum “além” para ele.

CAPÍTULO XL

Ele era sábio em seu trabalho diário:
Aos frutos da diligência,
E não às crenças nem aos mandatários,
Prestava mais obediência.
Perfeitos em suas limitadas condições
Aqueles cujo trabalho é todo seu prêmio:
Sem eles, como surgiriam
As leis, as artes e as grandes cidades?

Ao observar os efeitos, mesmo que apenas de uma invenção elétrica, muitas vezes é necessário mudar de lugar e examinar uma determinada mistura, ou um conjunto de coisas a uma certa distância do ponto onde o movimento que estamos interessados foi originado. O conjunto ao qual me refiro está na mesa do café da manhã de Caleb Garth, na grande sala onde estavam os mapas e sua escrivaninha: pai, mãe e cinco dos filhos. Mary estava em casa à espera de um novo trabalho, enquanto Christy, o rapazinho ao seu lado, obtinha lendo sobre o passado remoto da Escócia uma modesta educação, tendo para a decepção de seu pai se dedicado aos livros no lugar da sagrada vocação chamada “negócios”.

O correio havia chegado: nove cartas onerosas, pelas quais o carteiro recebera três *shilings* e dois centavos, e Mr. Garth se esqueceu de seu chá e torradas enquanto lia suas cartas e as deixava abertas umas sobre as outras, às vezes movendo a cabeça lentamente, às vezes franzindo os lábios em um debate interno, mas não se esquecendo de retirar um grande selo vermelho intacto, que Letty agarrou como se fosse um *terrier* ansioso.

A conversa entre os demais continuou sem restrições, pois nada perturbava a

atenção de Caleb, exceto sacudir a mesa enquanto ele estava escrevendo.

Duas das nove cartas eram para Mary. Depois de lê-las, ela as passou para a mãe e continuou brincando distraidamente com a colher de chá até que, de repente, lembrou-se da sua costura, que havia mantido no colo durante o café da manhã.

– Ah, Mary, não costure agora! – disse Ben, enquanto puxava o braço dela. – Faça um pavão com essa migalha de pão – ele estivera amassando uma pequena quantidade com esse propósito.

– Não, não, sem travessuras! – disse Mary, bem-humorada, enquanto picava levemente a mão dele com a agulha. – Tente moldá-lo você mesmo, você já me viu fazer isso muitas vezes. Preciso terminar esta costura. É para Rosamond Vincy; ela vai se casar na semana que vem e não pode se casar sem este lenço – concluiu Mary alegremente, divertindo-se com a última ideia.

– Por que não, Mary? – perguntou Letty, seriamente interessada neste mistério e aproximando sua cabeça tão perto da irmã que Mary agora dirigia a agulha ameaçadoramente na direção do nariz de Letty.

– Porque este é um de uma dúzia, e sem ele haveria apenas onze – disse Mary, com um ar de grave explicação, o que fez Letty recuar com uma sensação de conhecimento.

– Você já se decidiu, minha querida? – perguntou Mrs. Garth, afastando as cartas.

– Eu devo ir para a escola em York – disse Mary. – Estou menos incapacitada para lecionar em uma escola do que em uma família. Gosto mais de dar aulas. E, veja, devo lecionar, não há mais nada a fazer.

– Lecionar me parece o trabalho mais agradável do mundo – disse Mrs. Garth, com um toque de repreensão em seu tom. – Eu poderia entender sua objeção se você não tivesse conhecimento suficiente, Mary, ou se não gostasse de crianças.

– Suponho que nunca compreendemos muito bem por que outra pessoa não gosta do que nós gostamos, mamãe – disse Mary, de maneira bastante brusca. –

Não gosto muito de uma sala de aula, prefiro o mundo exterior. É uma falha muito inconveniente da minha parte.

– Deve ser muito enfadonho ficar o tempo todo em uma escola para meninas – disse Alfred. – Um bando de idiotas, como as alunas de Mrs. Ballard caminhando de duas em duas.

– E elas não têm jogos que valham a pena jogar – disse Jim. – Elas não podem jogar nem pular. Não me admira que Mary não esteja muito animada.

– O que é que Mary não gosta, hein? – perguntou o pai, olhando por cima dos óculos e parando antes de abrir a próxima carta.

– Ficar entre um monte de meninas idiotas – disse Alfred.

– Falam sobre o trabalho que te ofereceram, Mary? – perguntou Caleb, com doçura, olhando para sua filha.

– Sim, pai; a escola em York. Decidi aceitá-la. É a melhor. Trinta e cinco libras por ano e um pagamento extra para ensinar piano aos menores.

– Pobre criança! Eu gostaria que ela pudesse ficar em casa conosco, Susan – disse Caleb, olhando desconsolado para sua esposa.

– Mary não ficaria feliz sem cumprir com seu dever – disse Mrs. Garth, magistralmente, consciente de ter cumprido o seu.

– Eu não ficaria feliz em cumprir um dever tão asqueroso como esse – disse Alfred, ao que Mary e seu pai riram em silêncio, mas Mrs. Garth disse, com seriedade:

– Encontre uma palavra mais adequada do que asqueroso, meu caro Alfred, para tudo o que você acha desagradável. E suponha que Mary pudesse ajudá-lo a ir para Mr. Hanmer com o dinheiro que ela ganha?

– Me parece uma lástima. Mas ela é boa *pra diabolus* – disse Alfred, levantando-se da cadeira e puxando a cabeça de Mary para trás para beijá-la.

Mary enrubesceu e riu, mas não conseguiu esconder as lágrimas que afloravam. Caleb, olhando por cima dos óculos, com as sobrancelhas em arco, tinha uma expressão entre alegria e tristeza ao continuar abrindo as cartas e até mesmo Mrs. Garth, com os lábios franzidos com uma tranquila serenidade,

permitiu que aquela linguagem imprópria passasse sem correção, embora Ben imediatamente a tenha retomado e cantado: “Ela já é boa *pra diabolus*, *pra diabolus*, *pra diabolus*!” – acompanhada de alguns socos no braço de Mary.

Mas os olhos de Mrs. Garth estavam, agora, cravados no marido, que estava muito concentrado na carta que estava lendo. Seu rosto tinha uma expressão de grave surpresa, o que a assustou um pouco, mas ele não gostava de ser questionado enquanto lia, e ela continuou observando com muita inquietude até que o viu repentinamente sacudido por uma risadinha alegre, voltar ao começo da carta e dizer em voz baixa, olhando para ela por cima dos óculos:

– O que acha, Susan?

Ela se colocou atrás dele, descansando a mão no ombro do marido enquanto eles liam a carta juntos. Era de Sir James Chettam, oferecendo a Mr. Garth a administração das propriedades da família em Freshitt, assim como em outros lugares, e acrescentando que Sir James havia sido procurado por Mr. Brooke de Tipton para verificar se Mr. Garth estaria disposto, ao mesmo tempo, a retomar sua gestão nas propriedades de Tipton. O baronete acrescentava com palavras muito amáveis que ele próprio estava pessoalmente interessado que as propriedades de Freshitt e Tipton estivessem a cargo da mesma administração, e esperava ser capaz de demostrar que a dupla gestão poderia ser mantida em termos satisfatórios para Mr. Garth, a quem ele ficaria feliz em receber em Freshitt Hall às doze horas do dia seguinte.

– Ele escreve bem, não é, Susan? – disse Caleb, erguendo os olhos para sua esposa, que retirou a mão de seu ombro e a pousou em sua orelha, enquanto descansava o queixo em sua cabeça. – Vejo que Brooke não quis perguntar ele mesmo – continuou Caleb, rindo em silêncio.

– Aqui está uma honra para o seu pai, crianças – disse Mrs. Garth, olhando para os cinco pares de olhos, todos fixos nos genitores. – Ele foi convidado a assumir um cargo novamente por aqueles que o demitiram há muito tempo. Isso mostra que ele fez um bom trabalho, e que eles sentem sua falta.

– Como Cincinnatus, hurra! – disse Ben, montando em sua cadeira, com uma

agradável confiança de que a disciplina estava relaxada.

– Eles virão buscá-lo, mamãe? – perguntou Letty, pensando no prefeito e na corporação em suas vestes.

Mrs. Garth afagou a cabeça de Letty e sorriu, mas vendo que seu marido estava juntando as cartas e provavelmente logo estaria absorto em seu santuário de “negócios”, ela pressionou seu ombro e disse enfaticamente:

– Agora, lembre-se de pedir um pagamento justo, Caleb.

– Oh, sim – assentiu Caleb, com voz profunda, como se fosse irracional supor qualquer outra coisa. – Vai dar entre quatrocentas e quinhentas libras as duas juntas.

Então, com um pequeno sobressalto de lembrança, ele disse: – Mary, escreva para a escola e recuse a oferta. Fique e ajude sua mãe. Estou mais feliz do que um pinto no lixo agora que pensei nisso.

Nada mais de acordo com o caráter de Caleb, mas seus talentos não residiam em encontrar a frase mais acertada, embora ele fosse muito meticuloso ao escrever cartas e considerasse sua esposa um tesouro quanto à linguagem correta.

Houve um alvoroço entre as crianças e Mary ergueu o bordado de cambraia em direção à mãe, suplicante, para que ficasse fora de alcance enquanto os meninos a arrastavam para uma dança. Mrs. Garth, com plácida alegria, começou a recolher as xícaras e os pratos enquanto Caleb afastava sua cadeira da mesa, como se decidido a ir para sua escrivaninha, mas continuasse sentado com as cartas na mão e olhando para o chão meditativamente, esticando os dedos da mão esquerda, de acordo com uma linguagem muda de sua autoria. Por fim, ele disse:

– É uma pena que Christy não se dedique aos negócios, Susan. Com o tempo, vou precisar de ajuda. E Alfred deve ir para a aprendizagem da engenharia, isso já está decidido – ele continuou com sua meditação e retórica de dedos por algum tempo e, então, disse: – Farei com que Brooke tenha novos acordos com os inquilinos e farei um rodízio de safras. E aposto que podemos conseguir

alguns bons tijolos com a argila tirada *pros* lado de Bott. Tenho que ver isso, iria baratear os reparos. É um belo trabalho, Susan! Um homem sem família ficaria feliz em fazer isso de graça.

– Espero que não seja o seu caso – disse a esposa, levantando o dedo.

– Não, não; mas é uma coisa boa que venha para um homem quando ele conhece a natureza dos negócios: ter a oportunidade de dar um jeito num pedaço de terra, como eles dizem, orientar os homens com sua agricultura, fazer algumas construções sólidas para que vivam melhor os que hoje estão vivos e também os que virão depois. Eu prefiro isso a ter uma fortuna. É o trabalho mais honroso que existe.

Então, Caleb colocou as cartas de lado, enfiou os dedos entre os botões do colete e sentou-se muito ereto, para prosseguir com um certo temor na voz e movendo a cabeça lentamente para o lado:

– É um grande presente de Deus, Susan.

– É isso, Caleb – disse sua esposa, com idêntico fervor. – E será uma bênção para seus filhos ter tido um pai que realizou esse trabalho, um pai cujo bom trabalho permanecerá, embora seu nome possa ser esquecido – ela não poderia dizer mais nada a ele sobre o pagamento.

À noite, quando Caleb, bastante cansado depois do seu dia de trabalho, estava sentado em silêncio com sua caderneta aberta sobre os joelhos, enquanto Mrs. Garth e Mary estavam costurando e Letty em um canto sussurrava um diálogo com sua boneca, Mr. Farebrother subiu a trilha do pomar, que dividia as luzes e sombras brilhantes de agosto com a grama tufada e os galhos das macieiras. Sabemos que ele gostava de seus paroquianos, a família Garth em particular, e acreditava que Mary fosse digna de ser mencionada a Lydgate. Ele utilizava ao máximo o privilégio de clérigo para desconsiderar a discriminação de classes de Middlemarch e sempre dizia à mãe que Mrs. Garth se parecia mais com uma dama do que qualquer matrona da cidade. Ainda assim, os leitores notarão que ele passava suas noites na casa da família Vincy, onde a dona da casa, embora não se parecesse tanto com uma dama, presidia uma sala de estar bem iluminada

e havia o jogo de uíste. Naqueles dias, as relações humanas não eram determinadas apenas pelo respeito. Mas o vigário respeitava sinceramente a família Garth, e não era motivo de surpresa para eles quando ele os visitava. No entanto, naquela noite ele se explicou ao mesmo tempo em que apertava as mãos, dizendo: – Venho com uma missão, Mrs. Garth, tenho algo a dizer à senhora e a Mr. Garth em nome de Fred Vincy. O fato é – continuou ele, enquanto se sentava e olhava em volta com seu olhar brilhante para os três que o escutavam –, ele me tornou seu confidente.

O coração de Mary bateu mais rápido e ela se perguntava até que ponto Fred havia sido sincero.

– Há meses que não vemos o rapaz – disse Caleb. – Eu não sei o que foi feito dele.

– Ele esteve fora, visitando alguém – disse o vigário –, porque o ambiente em sua casa estava esquentando demais para ele, e Lydgate disse à sua mãe que o pobre sujeito ainda não devia começar a estudar. Mas ontem ele veio e se abriu comigo. Estou muito satisfeito que o tenha feito, porque eu o vi crescer desde que tinha 14 anos e me sinto tão à vontade entre a família que as crianças são como sobrinhos e sobrinhas para mim. Mas é difícil dar conselhos nesse caso. De qualquer forma, ele me pediu para vir e lhe dizer que está indo embora, e que está tão infeliz com a dívida que tem com vocês e com sua incapacidade de saldá-la que não se atreve a vir ele mesmo se despedir.

– Diga a ele que isso não tem nenhuma importância – disse Caleb, acenando com a mão. – Nós passamos por maus momentos, mas já superamos. E agora vou ficar tão rico quanto um judeu.

– O que significa – disse Mrs. Garth, sorrindo para o vigário – que vamos ter o suficiente para criar bem os meninos e manter Mary em casa.

– Que tesouro é esse? – perguntou Mr. Farebrother.

– Vou ser o gestor de duas propriedades, Freshitt e Tipton; e talvez de um belo pedaço de terra em Lowick também: é a mesma conexão familiar, e o trabalho, uma vez começado, se espalha como água. Estou muito feliz, Mr.

Farebrother – Caleb jogou a cabeça um pouco para trás e colocou os cotovelos sobre os braços da cadeira – por ter uma oportunidade novamente com as terras arrendadas e de poder colocar em prática algumas ideias para melhorá-las. É muito sufocante, como já disse muitas vezes a Susan, olhar por cima das cercas do lombo de um cavalo e ver as coisas erradas sem poder colocar a mão para consertá-las. Não consigo imaginar o que fazem as pessoas que entram na política, eu fico quase louco ao constatar uma má administração em apenas algumas centenas de hectares.

Raramente, Caleb fazia um discurso tão longo, mas sua felicidade tinha o efeito do ar da montanha: seus olhos brilhavam e as palavras fluíam sem esforço.

– Eu o felicito de coração, Garth – disse o vigário. – São as melhores notícias que eu poderia levar a Fred Vincy, pois ele falou muito sobre o prejuízo que causou a vocês ao fazer com que se desfizessem do dinheiro, sequestrando-o, como ele disse, já que vocês o destinavam a outros propósitos. Eu gostaria que Fred não fosse tão indolente; ele tem algumas coisas boas e seu pai é um pouco duro com ele.

– Para onde ele vai? – perguntou Mrs. Garth, com certa frieza.

– Ele pretende fazer os exames de novo e estudar antes do semestre iniciar. Eu o aconselhei a fazer isso. Não o incentivo a entrar para a igreja, pelo contrário. Mas se ele se dispõe a estudar para passar, isso será alguma garantia de que ele tem força de vontade. Além disso, ele está completamente perdido e não sabe mais o que fazer. Dessa forma, ele vai agradar ao pai, e eu prometi, enquanto isso, tentar reconciliar Vincy com a ideia de que seu filho quer seguir outro caminho na vida. Fred diz abertamente que não serve para clérigo, e eu faria tudo o que pudesse para impedir um homem de dar o passo fatal de escolher a profissão errada. Ele citou para mim o que a senhora disse, Miss Garth, está lembrada? (Mr. Farebrother costumava dizer “Mary” em vez de Miss Garth, mas fazia parte da sua delicadeza tratá-la com mais deferência porque, de acordo com a frase de Mrs. Vincy, ela trabalhava para ganhar a vida).

Mary sentiu-se desconfortável, mas, determinada a encarar o assunto de

forma despreocupada, respondeu imediatamente:

– Já disse tantas coisas impertinentes a Fred, somos antigos companheiros de brincadeiras.

– Segundo ele, a senhorita disse que ele seria um desses clérigos ridículos que ajudam a tornar todo o clero ridículo. Realmente, isso foi tão perturbador, que eu mesmo me senti um pouco ofendido.

Caleb riu: – Ela herdou a língua ferina de Susan – disse ele, com certo prazer.

– Não se trata de insolência, pastor – disse Mary rapidamente, temendo que sua mãe ficasse descontente. – É uma pena que Fred tenha repetido minhas impertinências ao senhor.

– Foi certamente um discurso precipitado, minha querida – disse Mrs. Garth, que considerava uma contravenção falar mal de dignitários. – Não devemos depreciar nosso vigário porque há um pároco ridículo na paróquia vizinha.

– No entanto, há algo no que ela diz – disse Caleb, pouco disposto a ter a perspicácia de Mary subestimada. – Um mau trabalhador, em qualquer área, torna seus companheiros suspeitos. As coisas andam juntas – acrescentou ele, olhando para o chão e movendo os pés inquietamente com a sensação de que palavras eram mais escassas do que pensamentos.

– É evidente – disse o vigário, divertido –, por sermos desprezíveis, colocamos as mentes dos homens na sintonia do desprezo. Certamente, estou de acordo com o ponto de vista de Miss Garth sobre o assunto, quer eu seja condenado por ele ou não. Mas quanto a Fred Vincy, é justo que ele seja um pouco desculpado; o comportamento ilusório do velho Featherstone ajudou a estragá-lo. Houve algo bastante diabólico em não lhe deixar um tostão, afinal. Mas Fred tem o bom gosto de não tocar no assunto. E o que ele mais se preocupa é por tê-la ofendido, Mrs. Garth; ele supõe que a senhora nunca confiará nele novamente.

– Fiquei decepcionada com ele – disse Mrs. Garth, com firmeza. – Mas estou disposta a voltar a confiar nele quando ele me der um bom motivo para fazê-lo.

Nesse momento, Mary saiu da sala, levando Letty com ela.

– Devemos perdoar os jovens quando estão arrependidos – disse Caleb, observando Mary fechar a porta. – E como você diz, Mr. Farebrother, o velho levava o próprio demônio com ele. Agora que Mary saiu, devo lhe contar uma coisa. Só eu e Susan sabemos disso, e você não deve repetir o que ouvir. O velho canalha queria que Mary queimasse um dos testamentos na mesma noite em que morreu, quando ela estava sozinha com ele e ele lhe ofereceu uma quantia em dinheiro que ele tinha no cofre se ela o fizesse. Mas Mary, você entende, não poderia fazer isso, ela não queria tocar no seu cofre de ferro. Agora, veja, o testamento que ele queria queimar era este último, e se Mary tivesse feito o que ele queria, Fred Vincy teria recebido dez mil libras. O velho voltou-se para ele no final. Isso afetou muito a pobre Mary. Foi inevitável, ela fez o que era certo, mas se sente, como diz, como se tivesse assolado a propriedade de alguém e a destruído contra sua vontade, quando só estava se defendendo. Eu a compreendo, de alguma forma, e se eu pudesse reparar o pobre rapaz, em vez de guardar rancor pelo mal que ele nos fez, ficaria feliz em fazê-lo. Agora, qual é a sua opinião? Susan não concorda comigo; ela diz que... bem, diga você mesma, Susan.

– Mary não poderia ter agido de outra forma, mesmo se soubesse qual seria o resultado para Fred – disse Mrs. Garth, fazendo uma pausa no trabalho e olhando para Mr. Farebrother. E ela o ignorava completamente. Parece-me que uma perda que recai sobre outro porque agimos corretamente não deve recair sobre nossa consciência.

O vigário não respondeu imediatamente, e Caleb disse: – É o sentimento que conta. A menina se sente assim, e eu a compreendo. Você não quer que seu cavalo pise em um cachorro quando está recuando, mas se sente afetado por isso se acontecer.

– Estou certo de que neste ponto Mrs. Garth concorda com você – disse Mr. Farebrother, que por alguma razão parecia mais disposto a pensar do que a falar. – Não se pode dizer que o sentimento que você expõe sobre Fred seja injusto, ou melhor, errado, embora ninguém deveria querer ter tal sentimento.

– Bem, bem – disse Caleb –, é um segredo. Você não vai contar a Fred.

– Certamente que não. Mas devo lhe transmitir a outra boa notícia, que vocês podem lidar com a perda que ele lhes causou.

Mr. Farebrother deixou a casa pouco depois e, ao ver Mary no pomar com Letty, foi despedir-se dela. Elas formavam um belo quadro à luz do Oeste que realçava o brilho das maçãs nos velhos galhos de folhas escassas: Mary em seu vestido de algodão lilás e fitas pretas segurando uma cesta, enquanto Letty em seus trajes surrados, recolhia as maçãs do solo. Se tiver interesse em conhecer mais particularmente como era Mary na aparência, é dez contra um como verá um rosto como o dela na rua movimentada amanhã, se você estiver lá observando; ela não estará entre as arrogantes filhas de Sião, que caminham com a cabeça erguida, lançando olhares impudentes, com passos afetados. Deixe todas elas passarem e fixe seus olhos em uma pessoa pequena, rechonchuda e morena, de porte firme, mas discreto, que olha ao seu redor, mas não supõe que alguém a esteja observando. Se tiver um rosto largo, sobrancelhas bem marcadas e cabelos escuros e cacheados, uma certa expressão divertida em seu olhar, como se sua boca guardasse um segredo, e quanto ao resto, características totalmente insignificantes... tome essa pessoa comum, mas não desagradável, por um retrato de Mary Garth. Se você a fizesse sorrir, ela lhe mostraria pequenos dentes perfeitos; se a contrariasse, ela não levantaria a voz, mas provavelmente diria uma das coisas mais amargas que já experimentou; se você lhe fizesse uma gentileza, ela nunca se esqueceria. Mary admirava o vigário de rosto forte e bonito, em suas roupas puídas e bem escovadas, mais do que a qualquer homem que ela tivera a oportunidade de conhecer. Ela nunca o tinha ouvido dizer uma tolice, embora soubesse que ele fazia coisas insensatas, e talvez sentisse mais objeção pelas palavras tolas do que por qualquer uma das ações imprudentes de Mr. Farebrother. Pelo menos, era notável que as imperfeições reais do caráter clerical do vigário nunca parecessem suscitar o mesmo desprezo e antipatia que ela demonstrara anteriormente pelas imperfeições prenunciadas do caráter clerical sustentado por Fred Vincy. Imagino que tais irregularidades de

julgamento sejam encontradas mesmo em mentes mais maduras do que a de Mary Garth; nossa imparcialidade é mantida para o mérito e demérito abstratos, que nenhum de nós jamais viu. Seria alguém capaz de adivinhar com qual daqueles homens tão diferentes Mary sentia uma ternura peculiarmente feminina? Com qual ela se mostrava mais severa, ou o contrário?

– Você tem alguma mensagem para seu antigo companheiro de brincadeiras, Miss Garth? – perguntou o vigário, enquanto apanhava uma maçã do cesto que ela lhe oferecia e a colocava no bolso. – Algo para suavizar esse julgamento severo? Vou vê-lo agora mesmo.

– Não – disse Mary, balançando a cabeça e sorrindo. – Se eu dissesse que ele não seria ridículo como clérigo, deveria dizer que faria algo ainda pior. Mas estou muito feliz em saber que ele está disposto a trabalhar.

– Eu, por outro lado, fico muito feliz em saber que você não vai trabalhar. Minha mãe, estou certo, ficará muito mais feliz se você for vê-la no vicariato. Você sabe que ela gosta de ter jovens com quem conversar, e ela tem muito a contar sobre os velhos tempos. Você realmente fará uma gentileza.

– Eu gostaria muito, se o senhor me permite – disse Mary. – A vida parece sorrir para mim de repente. Acreditava que sempre faria parte da minha vida sentir saudades de casa, e perder essa mágoa me faz sentir uma espécie de vazio: suponho que servia para preencher minha mente no lugar do sentido comum.

– Posso ir com você, Mary? – sussurrou Letty, uma criança muito inconveniente, que ouvia tudo. Mas ela ficou exultante por ter seu queixo beliscado e sua bochecha beijada por Mr. Farebrother, um incidente que ela narrou para seus pais.

Qualquer um que observasse com atenção enquanto o vigário caminhava até Lowick, poderia tê-lo visto encolher os ombros duas vezes. Creio que os raros ingleses que fazem este gesto nunca são do tipo corpulento, mas por receio de algum exemplo em contrário, direi, quase nunca; eles geralmente têm um temperamento refinado e muita tolerância para com os erros menores dos homens (inclusive os deles mesmos). O vigário mantinha um diálogo interno no

qual dizia a si mesmo que provavelmente havia algo mais entre Fred e Mary Garth do que o afeto de velhos companheiros de brincadeira, e respondeu com uma pergunta se aquela jovem não era uma escolha muito boa para o jovem imaturo. A contestação a isto foi o primeiro encolher de ombros. Depois riu de si mesmo por ter provavelmente sentido ciúme, como se fosse um homem capaz de se casar, o que, acrescentou ele, “é tão claro quanto o dia que eu não sou”. Em seguida, o segundo encolher de ombros.

O que dois homens tão diferentes um do outro poderiam ver nesta “mancha marrom”, como Mary chamava a si mesma? Certamente, não foi sua simplicidade que os atraiu (e que todas as moças simples sejam advertidas contra o encorajamento perigoso da sociedade para confiarem em sua falta de beleza). Nesta nossa nação envelhecida, um ser humano é um todo maravilhoso, a lenta criação de longas influências que se intercambiam, e o encanto é o resultado de dois desses todos, o que ama e o que é amado.

Quando Mr. e Mrs. Garth estavam sentados sozinhos, Caleb disse:

– Susan, adivinhe o que estou pensando.

– Rodízio de safras – disse Mrs. Garth, sorrindo para ele, por cima de seu tricô – ou então nas portas dos fundos das cabanas de Tipton.

– Não – disse Caleb, com seriedade. – Estou pensando que poderia fazer um favor a Fred Vincy. Christy se foi, Alfred também irá logo, e ainda faltam cinco anos até que Jim esteja pronto para começar a trabalhar. Vou precisar de ajuda, e Fred poderia aprender a natureza das coisas e trabalhar sob meu comando, e isso poderia talvez fazer dele um homem útil, se ele desistir de ser um pastor. O que você acha?

– Eu acho que deve haver poucas coisas mais honradas as quais sua família objetaria mais – disse Mrs. Garth, com firmeza.

– O que me importa a objeção deles? – disse Caleb, com uma firmeza que costumava mostrar quando tinha uma opinião. – O rapaz é maior de idade e precisa ganhar a vida. Ele tem bom senso e agilidade; ele gosta de estar na terra, e acredito que poderia aprender bem o ofício, se realmente se interessasse pelo

trabalho.

– Mas ele aceitaria? Seu pai e sua mãe queriam que ele se tornasse um bom cavalheiro, e creio que ele também tem o mesmo tipo de sentimento. Todos nos consideram inferiores. E se a proposta vier de você, estou certa de que Mrs. Vincy diria que queríamos Fred para Mary.

– A vida seria uma história pobre se tivesse que ser resolvida com bobagens desse tipo – disse Caleb, com desgosto.

– Sim, mas há um tipo de orgulho que é apropriado, Caleb.

– Na minha maneira de ver trata-se de um orgulho impróprio permitir que ideias tolas te impeçam de praticar uma boa ação. Não há nenhum tipo de trabalho – disse Caleb, com fervor, estendendo a mão e movendo-a para cima e para baixo para marcar a ênfase nas palavras – que pudesse ser bem feito sem se importar com o que os tolos dizem. Você deve acreditar que seu plano é bom, e esse plano você deve seguir.

– Não vou me opor a nenhum plano que você tenha decidido, Caleb – disse Mrs. Garth, que era uma mulher firme, mas que sabia que havia alguns pontos em que seu marido era ainda mais. – Ainda assim, parece estar decidido que Fred voltará para a universidade. Não seria melhor esperar e ver o que ele escolherá fazer depois disso? Não é fácil manter as pessoas contra sua vontade. E você ainda não está bastante seguro de sua própria posição, ou do que deseja.

– Pode ser que seja melhor esperar um pouco. Mas quanto a conseguir bastante trabalho para dois, tenho quase certeza disso. Sempre tive minhas mãos ocupadas com coisas aqui e ali e sempre aparece algo novo. Ora, ainda ontem, Deus me abençoe, acho que não disse a você! Foi bastante estranho que dois homens me pedissem para fazer a mesma avaliação. E quem você acha que eram? – disse Caleb, pegando uma pitada de rapé e segurando-a entre os dedos, como se fosse parte de sua exposição. Ele gostava de uma beliscada quando lhe ocorria, mas geralmente se esquecia que tal prazer estava à sua disposição.

Sua esposa abandonou o tricô e parecia atenta.

– Ora, aquele Rigg, ou Rigg Featherstone, foi um deles. Mas Bulstrode

chegou primeiro, então vou fazer o trabalho para Bulstrode. Ainda não sei dizer se é para hipotecar ou vender.

– Será possível que aquele homem vai vender a terra que acabou de herdar, e pela qual ele adotou o nome? – disse Mrs. Garth.

– Só o diabo pode dizer – disse Caleb, que nunca atribuía o conhecimento de atos desprezíveis a qualquer poder mais elevado. – Mas Bulstrode há muito deseja colocar as mãos em um bom pedaço de terra, isso eu sei. E é difícil de se obter nesta parte do país.

Caleb espalhou seu rapé com cuidado em vez de recolhê-lo, e então acrescentou:

– Como as coisas são curiosas. Aqui está a terra que todos esperavam que fosse para Fred, a qual parece que o velho nunca quis deixar nem um palmo para ele, mas deixou para este filho ilegítimo que ele mantinha oculto, e o colocou ali para irritar a todos tão bem quanto poderia tê-los aborrecido se continuasse vivo. Seria curioso se, afinal, fosse parar nas mãos de Bulstrode. O velho o odiava e nunca quis fazer negócio com ele.

– Quais razões poderia ter a miserável criatura para odiar um homem com quem não tinha nada a ver? – disse Mrs. Garth.

– Ora! De que adianta questionar as razões de alguém assim? A alma de um homem – disse Caleb, com o tom grave e pausado de cabeça que sempre vinha quando ele usava tal frase –, a alma de um homem, quando apodrece, espalha todo tipo de fezes de sapos venenosos, e nenhum olho pode ver de onde veio esse germe.

Uma das peculiaridades de Caleb era que, em sua dificuldade de encontrar palavras para seu pensamento, ele recorresse a, por assim dizer, fragmentos de dicção que ele associava a vários pontos de vista ou estados de espírito; e sempre que tinha um sentimento de admiração, era perseguido por um senso de fraseologia bíblica, embora dificilmente pudesse ter feito uma citação exata.

CAPÍTULO XLI

Por me gabar, eu nunca poderia prosperar,
Para a chuva, todos os dias chove.
– Noite dos Reis

As transações mencionadas por Caleb Garth como tendo ocorridas entre Mr. Bulstrode e Mr. Joshua Rigg Featherstone, a respeito das terras anexadas a Stone Court, ocasionaram a troca de uma ou duas cartas entre os dois personagens.

Quem pode adivinhar o efeito da escrita? Se fosse talhada na pedra, embora permanecesse com a face para baixo durante séculos em uma praia abandonada, ou "descansasse tranquilamente sob os tambores e pegadas de muitas conquistas", poderia terminar nos revelando o segredo das usurpações e outros escândalos sobre os quais se cochichavam nos antigos impérios, aparentando para este mundo uma enorme galeria de sussurros. Tais condições são frequentemente representadas com detalhes em nossa insignificante existência. Assim como a pedra que foi pisada por gerações de ignorantes pode rolar, através de curiosos pequenos elos de efeito, sob os olhos de um estudioso, através de cujos trabalhos ele pode finalmente fixar a data de invasões e desvendar religiões, então um pouco de tinta e papel, que há muito tem sido um invólucro inocente ou tapa-buraco, pode finalmente ser aberto sob um único par de olhos com conhecimento suficiente para transformá-lo no princípio de uma catástrofe. Para Uriel,[128] que observa o progresso da história planetária a partir do sol, um resultado seria tão fortuito quanto o outro.

Depois de tão sublime comparação, fico menos preocupada em chamar a atenção para a existência de pessoas abjetas por cuja interferência, por menos que se goste, o rumo do mundo está determinado. Certamente, seria bom se

pudéssemos ajudar a reduzir seu número, e algo talvez pudesse ser feito não dando ocasião leviana à sua existência. Socialmente falando, Joshua Rigg teria sido geralmente qualificado como um supérfluo. Mas aqueles, como Peter Featherstone, que nunca pediram uma cópia de si mesmos, são precisamente os últimos a esperar por tal pedido, seja em prosa ou verso. A cópia, neste caso, tinha mais semelhança externa com a mãe, em cujo sexo os traços de sapo, acompanhados de bochechas rosadas e uma figura bem torneada, são compatíveis com muito charme para uma certa ordem de admiradores. O resultado, às vezes, é um macho com cara de sapo, pouco desejável, certamente, a todas as ordens de seres inteligentes. Especialmente quando ele é repentinamente posto em evidência para frustrar as expectativas de outras pessoas, o aspecto mais abjeto no qual uma superficialidade social pode se apresentar.

No entanto, as características abjetas de Rigg Featherstone eram todas de índole sóbria e moderada. Desde a primeira até a última hora do dia, ele se mostrava tão elegante, organizado e fresco quanto o sapo que parecia ser, e o velho Peter secretamente teria rido de um ramo quase mais calculista e muito mais imperturbável do que ele mesmo. Acrescentarei que suas unhas eram escrupulosamente cuidadas e que ele pretendia se casar com uma jovem bem-educada (ainda não especificada), que fosse uma boa pessoa e cujos vínculos com uma sólida classe média fossem inegáveis. Assim, suas unhas e sua modéstia eram comparáveis às da maioria dos cavalheiros, embora sua ambição tivesse sido educada conforme as oportunidades de um escriturário e contador nas pequenas casas comerciais de um porto marítimo. Ele achava os Featherstones rurais uma gente muito simples, e eles, por sua vez, consideravam sua “criação” em uma cidade portuária um exagero da monstruosidade que seu irmão Peter, e ainda mais as propriedades de Peter, terem de ter tais pertences.

O jardim e o acesso de cascalho, vistos a partir das duas janelas da sala de lambris em Stone Court, jamais estiveram em melhor estado do que agora, quando Mr. Rigg Featherstone, de pé, com as mãos nas costas, olhava para eles

como seu mestre. Porém, a dúvida estava em se ele observava pelo prazer da contemplação ou para dar as costas a uma pessoa que se encontrava de pé, no meio da sala, com as pernas consideravelmente abertas e as mãos nos bolsos das calças, uma pessoa que em todos os aspectos contrastava com a elegância e a frieza de Rigg. Ele era um homem obviamente a caminho dos 60 anos, muito corado e peludo, com espessos bigodes grisalhos e grossos cabelos crespos, um corpo robusto que mostrava de forma desvantajosa as costuras um tanto gastas de suas roupas, e o ar de fanfarrão, que pretendia não passar despercebido mesmo numa queima de fogos, que considerava suas próprias observações sobre o desempenho de qualquer outra pessoa como provavelmente mais interessantes do que o próprio desempenho.

Seu nome era John Raffles, e ele às vezes escrevia jocosamente W.A.G. depois de sua assinatura, observando quando o fazia, que uma vez foi ensinado por Leonard Lamb de Finsbury, que escrevia B.A.[129] depois do seu nome, e que ele, Raffles, teve a sagacidade de chamar aquele célebre professor *Ba-Lamb*.[130] Tais eram a aparência e o sabor mental de Mr. Raffles, os quais pareciam ter impregnado o rançoso odor dos quartos de viajantes nos hotéis comerciais da época.

– Vamos, vamos, Josh – ele estava dizendo, com voz estrondosa –, veja por este ponto de vista: aqui está sua pobre mãe avançando na idade e você poderia fazer algo bom para deixá-la confortável.

– Não enquanto você viver. Nada a deixará confortável enquanto você viver – respondeu Rigg, em sua voz alta e fria. – O que eu der a ela, você tomará.

– Você guarda rancor de mim, Josh, eu sei. Mas vamos, de homem para homem, sem rodeios, um pequeno capital me permitiria transformar a loja num negócio de primeira. O comércio de tabaco está crescendo. Eu cortaria meu próprio nariz se não desse o melhor de mim. Eu me agarraria a isso como uma pulga em uma lã, para meu próprio bem. Eu estaria sempre no local. E nada faria sua pobre mãe mais feliz. Eu já passei da idade de fazer maluquices, já estou com 55 anos. Quero me instalar no canto da minha chaminé. E se eu entrasse no

comércio de tabaco, poderia contribuir com um cérebro e experiência que não se encontram tão fácil. Não quero incomodá-lo vez após vez, mas sim acertar as coisas de uma vez por todas. Considere isso, Josh, de homem para homem, e pense em sua pobre mãe, para facilitar a vida dela. Eu sempre gostei da velha, meu Deus!

– Terminou? – perguntou Mr. Rigg, baixinho, sem desviar os olhos da janela.

– Sim, terminei – disse Raffles, segurando o chapéu que estava diante dele sobre a mesa e dando-lhe uma espécie de empurrão retórico.

– Então, ouça bem. Quanto mais coisas você disser, menos eu vou acreditar. Quanto mais você insistir para que eu faça algo, mais motivos terei para não fazê-lo, nunca. Você acha que eu vou esquecer os chutes que me dava quando eu era um menino, e que comia a melhor comida longe de mim e da minha mãe? Acha que me esqueço que você sempre voltava para casa para vender e embolsar tudo o que encontrava, e ia embora nos deixando em apuros? Eu ficaria muito feliz em ver você chicoteado na traseira de uma carroça. Minha mãe foi uma tola com você, ela não tinha o direito de me dar um padrasto e foi punida por isso. Ela receberá sua pensão semanal e nada mais, e isso será interrompido se você se atrever a voltar aqui, ou se voltar a me procurar. A próxima vez que você aparecer no portão, você será expulso com os cães e o chicote do cocheiro.

Enquanto Rigg pronunciava as últimas palavras, ele se virou e olhou para Raffles com seus olhos gélidos e proeminentes. O contraste era tão impressionante quanto poderia ter sido 18 anos antes, quando Rigg era um menino insípido e *chutável,* e Raffles era o Adônis bastante musculoso dos bares e salões dos fundos. Mas a vantagem agora estava do lado de Rigg, e aqueles que ouviam essa conversa provavelmente esperariam que Raffles se retirasse com o rabo entre as pernas. Em absoluto. Ele fez uma careta que era habitual quando perdia um jogo, deu uma gargalhada e tirou um cantil do bolso.

– Vamos, Josh – disse ele, em tom de adulação –, dê-me um pouco de conhaque e um soberano[131] para pagar a viagem de volta, e eu irei embora. Palavra de honra! Vou como uma bala, por Júpiter!

– Lembre-se – disse Rigg, puxando um molho de chaves –, se aparecer na minha frente de novo, não vou lhe dirigir a palavra. Eu não vou dar mais sinais de reconhecimento do que se visse um corvo, e se você der sinais de que me reconhece, você não ganhará nada com isso, além da fama de ser o que você é: um canalha detestável, atrevido e descarado.

– É uma pena, Josh – disse Raffles, fingindo coçar a cabeça e franzir as sobrancelhas como se estivesse perplexo. – Tenho muita estima por você; por Júpiter, tenho sim! Não há nada que eu goste mais do que atormentá-lo, você é tão parecido com sua mãe, e eu não vou ter o que eu quero. Mas o conhaque e o soberano são um trato.

Ele empurrou o cantil para a frente e Rigg dirigiu-se a uma antiga escrivaninha de carvalho com as chaves nas mãos. Mas o movimento que Raffles havia feito com a garrafa o lembrou de que o fundo de couro estava perigosamente solto e, ao avistar um papel dobrado que havia caído dentro do guarda-fogo, ele o apanhou e introduziu sob o couro para ajustar bem o vidro.

A esta altura, Rigg apareceu com uma garrafa de conhaque, encheu o frasco e entregou um soberano a Raffles, sem olhar para ele nem falar com ele. Depois de trancar a escrivaninha novamente, ele caminhou até a janela e olhou para fora com a mesma imperturbabilidade que o fizera no início da entrevista, enquanto Raffles ingeria uma pequena quantidade do frasco, enroscava a tampa e o guardava no bolso lateral com uma lentidão provocadora, fazendo uma careta às costas do enteado.

– Adeus, Josh, e talvez para sempre! – disse Raffles, virando a cabeça para trás ao abrir a porta.

Rigg o viu deixar a fazenda e seguir pela estrada. O dia cinzento havia se transformado em uma chuva leve, que refrescava as sebes e as bordas gramadas das estradas e apressava os trabalhadores que carregavam as últimas colheitas de milho. Raffles, com o andar desajeitado de um vagabundo da cidade forçado a caminhar pelo campo, parecia tão incongruente em meio ao trabalho e à quietude úmida e rural como se fosse um babuíno fugido de um zoológico. Mas não havia

ninguém para observá-lo, exceto os bezerros há muito desmamados, e ninguém para mostrar antipatia por sua aparência, exceto os pequenos ratos d'água que se afastavam com sua aproximação.

Ele teve a sorte de alcançar a diligência que o levou para Brassing, onde tomou o trem na estrada de ferro recém-construída, observando aos seus companheiros de viagem que a considerava bastante segura, agora que tinham matado Huskisson.[132] Na maioria das ocasiões, Mr. Raffles dava a entender que tinha sido educado em uma academia e que era capaz, se quisesse, de se dar bem em qualquer lugar; na verdade, não havia nenhum de seus semelhantes a quem ele não se sentisse em posição de ridicularizar e atormentar, confiante no entretenimento que desse modo proporcionava a todo o resto do grupo.

Ele desempenhava esse papel agora com tanto ânimo, como se sua jornada tivesse sido inteiramente bem-sucedida, recorrendo a intervalos frequentes ao cantil. O papel que ele havia nele introduzido era uma carta assinada por Nicholas Bulstrode, mas não era provável que Raffles a movesse da sua útil posição.

CAPÍTULO XLII

Quanto eu poderia desprezar este homem,
Se não fosse impedido pela caridade!
– SHAKESPEARE, Henrique VIII

Uma das visitas profissionais feitas por Lydgate logo após seu retorno de sua lua de mel foi a Lowick Manor, como resultado de uma carta que lhe pedia que marcasse um horário para sua visita.

Mr. Casaubon nunca fizera qualquer pergunta sobre a natureza de sua doença a Lydgate, nem mesmo a Dorothea ele havia traído qualquer ansiedade sobre até que ponto isso poderia interromper seu trabalho ou sua vida. Neste ponto, assim como em todos os outros, ele evitava a piedade e se amargurava com a suspeita de ser digno de pena por um destino presumido ou conhecido contra a sua vontade; a ideia de provocar uma demonstração de compaixão admitindo francamente uma inquietude – ou uma tristeza – era necessariamente intolerável para ele. Toda mente altiva tem algum conhecimento desta experiência, e talvez apenas possa ser superada com um senso de companheirismo profundo o suficiente para fazer todos os esforços de isolamento parecerem ruins e mesquinhos em vez de exaltantes.

Porém, Mr. Casaubon, agora, meditava sobre alguma coisa através da qual a questão da sua saúde e vida assombrava seu silêncio com uma importunação muito maior do que a imaturidade outonal de sua condição de autor. É verdade que esta última pode ser considerada a sua ambição central, mas existem alguns tipos de autoria nas quais, de longe, o maior resultado é a incômoda suscetibilidade acumulada na consciência do autor; descobre-se o rio por alguns sulcos em meio a um depósito há muito acumulado de lama desconfortável. Era

assim com o árduo trabalho intelectual de Mr. Casaubon. Seu resultado mais característico não era a “Chave para todas as mitologias”, mas uma consciência mórbida de que os outros não lhe deram o lugar que ele não tinha demonstrado merecer, uma eterna e suspeita conjectura de que as opiniões sobre ele não eram favoráveis, uma melancólica ausência de entrega em seus esforços de realização e uma resistência apaixonada à confissão de que nada havia conquistado.

Assim, sua ambição intelectual, que para outros parecia tê-lo absorvido e ressecado, não constituía nenhuma segurança contra as feridas, muito menos contra as que procediam de Dorothea. E ele começava, agora, a imaginar possibilidades para o futuro que eram, de alguma forma, mais amargas para ele do que qualquer coisa que sua mente tivesse pensado antes.

Contra certos fatos, ele estava impotente: contra a existência de Will Ladislaw, sua permanência desafiadora na vizinhança de Lowick e seus modos desrespeitosos em relação aos possuidores de uma sólida e autêntica erudição; contra a personalidade de Dorothea, que sempre adotava uma nova forma de atividade frenética, e mesmo em submissão e silêncio ocultava motivos fervorosos que era irritante até mesmo pensar neles; contra certas ideias e gostos que se apossaram de sua mente em relação a assuntos que ele não poderia discutir com ela. Não havia como negar que Dorothea era a jovem mais adorável e virtuosa que ele poderia ter tomado como esposa, mas era uma jovem que havia se transformado em algo mais problemático do que ele imaginara. Ela cuidava dele, lia para ele, antecipava seus desejos e era solícita com seus sentimentos, mas havia penetrado na mente do marido a certeza de que ela o julgava, e que sua devoção de esposa era como uma expiação penitencial por seus pensamentos incrédulos, acompanhada de um poder de comparação pelo qual ele e seus atos eram vistos com excessiva clareza como parte das coisas em geral. Seu descontentamento passou como um vapor por todas as ternas manifestações de carinho de Dorothea, e se agarrava àquele mundo ingrato que ela apenas trouxera para mais perto dele.

Pobre Mr. Casaubon! Tal sofrimento era mais difícil de suportar porque

parecia uma traição: a jovem criatura que o idolatrara com absoluta confiança rapidamente havia se transformado em uma esposa crítica, e as primeiras mostras de oposição e ressentimento haviam causado uma impressão que nenhuma ternura e submissão posteriores poderiam remover. Para sua interpretação suspeita, o silêncio de Dorothea constituía uma rebelião reprimida; uma observação dela que ele não tinha de forma alguma antecipado se convertia em uma afirmação de superioridade consciente; suas respostas gentis possuíam uma cautela irritante; e quando ela acedia, era um esforço condescendente de tolerância. A tenacidade com a qual Mr. Casaubon lutava para ocultar este drama interior o convertia em algo ainda mais real para ele, assim como ouvimos com mais nitidez o que não queremos que os outros ouçam.

No lugar de me surpreender com este resultado, fruto da miséria de Mr. Casaubon, ele me parece bastante comum. Uma partícula minúscula muito próxima da nossa visão não elimina a glória do mundo, deixando apenas uma margem pela qual vemos a mancha? Não conheço nenhuma partícula tão problemática quanto a própria pessoa. E quem, se Mr. Casaubon tivesse optado por expor seus descontentamentos, suas suspeitas de que não era mais adorado sem críticas, poderia negar que eram baseados em boas razões? Ao contrário, havia um forte motivo a ser acrescentado, que ele mesmo havia considerado explicitamente, a saber: que ele não era completamente adorável. No entanto, ele suspeitava disso como suspeitava de outras coisas, sem confessá-las, e assim como todos nós, sentia que teria sido consolador possuir uma companheira que jamais as tivesse descoberto.

Esta penosa suscetibilidade em relação a Dorothea estava cuidadosamente preparada mesmo antes que Will Ladislaw regressasse a Lowick, e o que aconteceu desde então havia ativado desesperadamente a capacidade de construção da suspeita de Mr. Casaubon. A todos os fatos que conhecia, ele acrescentava outros imaginários, tanto presentes quanto futuros, que se tornaram mais reais do que aqueles porque despertavam uma aversão mais forte, uma amargura mais predominante. A suspeita e o ciúme das intenções de Will

Ladislaw, assim como a suspeita e o ciúme das impressões de Dorothea, estavam constantemente em sua teia de pensamentos. Seria muito injusto para ele supor que pudesse ter interpretado de maneira errônea e grosseira as atitudes de Dorothea; seus próprios hábitos mentais e sua conduta, tanto quanto a sinceridade de sua natureza, o salvaram de tal erro. Do que ele sentia ciúme era da opinião dela, do rumo que poderia ser dado à sua mente ativa e as possibilidades futuras a que poderia ser conduzida. Quanto a Will, embora até sua última carta desafiadora não tivesse nada concreto que pudesse alegar contra ele formalmente, Mr. Casaubon acreditava possuir garantias para crer que era capaz de qualquer desígnio que pudesse fascinar um temperamento rebelde e uma impulsividade indisciplinada. Ele estava convencido de que Dorothea era a causa do seu regresso de Roma e sua determinação de se estabelecer na vizinhança, e ele era penetrante o suficiente para imaginar que Dorothea havia inocentemente encorajado esse curso. Estava muito claro que ela estava favoravelmente predisposta a favor de Will e a ser complacente com suas sugestões: eles nunca haviam tido um *tête-à-tête* sem que ela tivesse saído com alguma impressão nova e problemática, e a última entrevista que Mr. Casaubon se recordava (Dorothea, ao retornar de Freshitt Hall, pela primeira vez havia guardado silêncio sobre seu encontro com Will) havia levado a uma cena que despertou um sentimento mais raivoso contra ambos do que ele jamais sentira. A manifestação de Dorothea, de suas noções sobre dinheiro, na escuridão da noite, não havia feito outra coisa senão introduzir uma mistura de pressentimentos mais odiosos na mente de seu marido.

E havia o susto recentemente causado à sua saúde, que sempre estava tristemente presente. Ele certamente estava restabelecido. Ele havia recobrado toda a sua capacidade de trabalho; a doença pode ter sido resultado pelo mero cansaço, e ainda poderia haver 20 anos de realizações pela frente, o que justificaria os 30 anos de preparação. Essa perspectiva tornava-se ainda mais doce por um sabor de vingança contra os precipitados escárnios de Carp & Company, pois mesmo quando Mr. Casaubon carregava sua vela entre os

túmulos do passado, essas figuras modernas surgiam na penumbra e interrompiam sua diligente exploração. Convencer Carp de seu erro, para que ele tivesse que engolir as próprias palavras com uma boa dose de indigestão, seria um acidente agradável de autoria literária triunfante, que nem a perspectiva de viver por séculos futuros na terra e por toda a eternidade no céu poderia excluir como objeto de contemplação. Assim, uma vez que a previsão de sua própria felicidade infinita não poderia anular os sabores amargos do ciúme e do rancor, é menos surpreendente que a probabilidade de uma felicidade terrena transitória para outras pessoas, quando ele mesmo deveria ter entrado na glória, não tivesse um efeito potencialmente doce. Se a verdade fosse que alguma doença debilitante estava operando dentro dele, poderia haver grande oportunidade para algumas pessoas serem mais felizes quando ele partisse, e se uma dessas pessoas fosse Will Ladislaw, Mr. Casaubon se opunha tão fortemente, que parecia que o aborrecimento faria parte de sua existência incorpórea.

Esta é uma maneira muito simples e, portanto, incompleta de expor o caso. A alma humana se move por muitos canais e, como sabemos, Mr. Casaubon possuía um sentido de retidão que lhe impulsionava a encontrar outros motivos para sua conduta além do ciúme e da vingança. Mr. Casaubon apresentava o caso da seguinte maneira:

“Ao me casar com Dorothea Brooke é obrigação minha cuidar de seu bem-estar no caso da minha morte. Mas o bem-estar não é obtido mediante a posse ampla e independente da propriedade; pelo contrário, podem surgir ocasiões nas quais tal posse a exponha a perigos maiores. Ela é uma presa fácil para qualquer homem que saiba como jogar habilmente com sua afetividade, ou seu entusiasmo quixotesco. E há um homem com precisamente essa mesma intenção em mente, um homem sem outros princípios além do capricho transitório, e que, além disso, sente uma animosidade pessoal por mim, estou certo disso, uma animosidade alimentada pela consciência de sua ingratidão, e que constantemente despeja sua raiva me expondo ao ridículo, do qual estou tão certo quanto se o tivesse ouvido. Mesmo se eu viver, não ficarei tranquilo quanto

ao que ele pode tentar por meio de influência indireta. Esse homem ganhou os ouvidos de Dorothea; ele ofuscou sua atenção, ele evidentemente tentou impressionar sua mente com a ideia de que possui direitos além de qualquer coisa que eu tenha feito por ele. Se eu morrer, e ele espera que isso aconteça, ele vai persuadi-la a se casar com ele. Isso seria calamitoso para ela e um triunfo para ele. Ela não pensaria no assunto como uma calamidade, ele a faria acreditar em qualquer coisa; ela tem uma tendência a apegos desmedidos, aqueles que interiormente me censura por não corresponder e que já ocupam sua mente com os infortúnios de Ladislaw. Ele pensa em uma conquista fácil e em apoderar-se do meu ninho. Mas eu o impedirei! Tal união seria fatal para Dorothea. Ele já persistiu em alguma coisa, exceto na contradição? No que diz respeito ao conhecimento, ele sempre tentou ser ostentoso pagando um preço muito baixo por isso. Na religião, ele poderia ser, desde que lhe conviesse, o eco fácil dos caprichos de Dorothea. Quando foi a falsa erudição desvinculada da negligência? Desconfio totalmente de sua moral e é meu dever impedir ao máximo a realização de seus propósitos".

Os arranjos feitos por Mr. Casaubon ao casar-se deixaram aberta para ele a possibilidade de tomar algumas medidas importantes, mas ao pensar sobre elas sua mente inevitavelmente se demorava tanto nas probabilidades de sua própria vida – que o desejo de obter o cálculo mais próximo possível finalmente superava seu silêncio altivo – e o havia determinado a pedir a opinião de Lydgate quanto à natureza de sua doença. Ele disse a Dorothea que havia marcado com Lydgate às três e meia e, em resposta à sua ansiosa pergunta se ele se sentia mal, respondeu:

– Não, eu apenas gostaria de ter sua opinião sobre alguns sintomas habituais. Você não precisa vê-lo, minha querida. Vou dar ordens para que ele seja enviado para mim na alameda dos teixos, onde sempre faço meus exercícios de costume.

Quando Lydgate entrou na alameda ele viu Mr. Casaubon caminhando lentamente com as mãos para trás, de acordo com seu hábito, e a cabeça inclinada para a frente. Era uma tarde adorável: as folhas altas das tílias caíam

silenciosamente sobre as sempre-vivas sombrias, enquanto as luzes e sombras dormiam lado a lado; não havia som senão o grasnar das gralhas, que para o ouvido acostumado é uma canção de ninar, ou aquela última canção de ninar solene, os cantos fúnebres. Lydgate, consciente de sua estrutura enérgica na plenitude da sua vida, sentiu uma certa compaixão quando a figura que ele provavelmente logo alcançaria se virou e, ao avançar em sua direção, mostrou com mais clareza do que nunca os sinais da idade prematura: os ombros curvados do estudioso, os membros definhando e as linhas melancólicas da boca. *"Pobre sujeito"*, pensou ele, *"alguns homens com sua idade são como leões, não se pode dizer nada sobre sua idade, exceto que já estão totalmente maduros"*.

– Mr. Lydgate – disse Mr. Casaubon, com seu ar invariavelmente educado –, estou extremamente grato por sua pontualidade. Podemos continuar nossa conversa enquanto caminhamos.

– Espero que seu desejo de me ver não seja devido ao reaparecimento de sintomas desagradáveis – disse Lydgate, preenchendo a pausa.

– Não, de forma imediata, não. A fim de explicar este desejo, devo mencionar o que, de outra forma, seria desnecessário dizer: que minha vida, insignificante em outros aspectos colaterais, adquire uma possível importância da incompletude dos trabalhos que se estenderam por todos os meus melhores anos. Em suma, há muito tempo tenho em mãos uma obra que, de bom grado, deixaria para trás em condições de que ao menos fosse confiada a impressão a... outras pessoas. Se eu tivesse a certeza de que isto é o máximo que posso razoavelmente aspirar, esta certeza seria útil na hora de delimitar meus esforços, ao mesmo tempo em que me guiaria, tanto positiva quanto negativamente, no curso das minhas atividades.

Neste ponto, Mr. Casaubon fez uma pausa, tirou uma das mãos das costas e enfiou-a entre os botões de seu casaco abotoado. Para uma mente com ampla experiência diante do destino humano, dificilmente algo poderia ser mais interessante do que o conflito interno implícito em seu discurso formal e solene

proferido com a habitual ladainha e o movimento da cabeça. Não existem muitas situações mais sublimemente trágicas do que a luta da alma contra a exigência de renunciar a uma obra que constituiu o significado de uma vida, um significado que desaparecerá como as águas que vêm e vão aonde nenhum homem precisa delas? Porém, não havia nada que parecesse sublime aos demais em Mr. Casaubon, e Lydgate, que sentia um certo desprezo pela erudição fútil, notou um pouco de diversão misturada com sua compaixão. No momento, ele estava muito pouco familiarizado com o desastre para entrar no dramatismo de um destino no qual tudo está abaixo do nível da tragédia, exceto o egoísmo apaixonado do sofredor.

– O senhor se refere aos possíveis obstáculos da falta de saúde? – perguntou o médico, desejando facilitar o propósito de Mr. Casaubon, que parecia obstruído por alguma hesitação.

– Sim. Você não me deu a entender que os sintomas que, eu me lembro bem, você observou com escrupuloso esmero, fossem de uma doença fatal. Mas se for assim, Mr. Lydgate, eu desejaria saber a verdade sem reservas, e apelo que me faça uma exposição exata de suas conclusões. Peço como uma demonstração de amizade. Se puder me dizer que minha vida não está ameaçada por outros incidentes além dos normais, eu me regozijarei pelos motivos que já indiquei. Do contrário, o conhecimento da verdade é ainda mais importante para mim.

– Neste caso, não posso mais hesitar quanto à minha linha de conduta – disse Lydgate –, mas a primeira coisa que devo deixar claro é que minhas conclusões são duplamente incertas; incertas não apenas por causa de minha falibilidade, mas porque doenças do coração são eminentemente difíceis de se basear em previsões. Em qualquer caso, apenas se pode aumentar apreciavelmente a tremenda incerteza da vida.

Mr. Casaubon estremeceu perceptivelmente, mas fez uma reverência.

– Eu acredito que o senhor está sofrendo do que é chamado de degeneração adiposa do coração, uma doença que foi primeiramente descoberta e explorada por Laennec, o homem que, há poucos anos, nos deu o estetoscópio. O assunto

precisa de muita experiência e uma observação prolongada. No entanto, depois do que disse, é minha obrigação lhe comunicar que para esta enfermidade é frequente que a morte seja de forma repentina. Ao mesmo tempo, não se pode prever tal resultado. Seu estado pode ser compatível com uma vida relativamente tranquila por 15 anos ou até mais. Eu não poderia acrescentar nenhuma informação além de alguns detalhes anatômicos ou médicos, o que deixaria as expectativas precisamente no mesmo ponto.

O instinto de Lydgate era suficientemente sutil para adverti-lo de que um discurso simples, livre de cautela ostensiva, seria recebido por Mr. Casaubon como uma mostra de respeito.

– Eu lhe agradeço, Mr. Lydgate – disse Mr. Casaubon, após uma pausa momentânea. – Mais uma coisa que eu gostaria de perguntar: você comunicou o que agora me disse a Mrs. Casaubon?

– Em parte, quero dizer, quanto aos possíveis problemas – Lydgate estava disposto a explicar por que havia contado a Dorothea, mas Mr. Casaubon, com um desejo inconfundível de encerrar a conversa, acenou levemente com a mão e disse novamente: – Obrigado – passando a comentar sobre a rara beleza do dia.

Lydgate, certo de que seu paciente desejava ficar sozinho, logo o deixou, e a figura negra com as mãos para trás, e a cabeça inclinada para a frente, continuou caminhando onde os teixos escuros lhe proporcionavam uma companhia muda à sua melancolia, e as pequenas sombras de pássaros ou folhas que transpassavam velozmente as ilhas de luz deslizavam em silêncio como se estivessem na presença de uma desgraça. Aqui estava um homem que pela primeira vez via a si mesmo contemplando os olhos da morte, que atravessava um daqueles raros momentos de experiência em que descobrimos a verdade de um lugar-comum, que é tão diferente do que chamamos conhecê-lo, como é diferente a visão das águas sobre a terra da visão delirante da água que não pode ser obtida para refrescar a língua ardente. Quando o lugar-comum “todos devemos morrer” se transforma subitamente na nítida consciência de “devo morrer, e logo”, então a morte nos agarra, e seus dedos são cruéis; depois, ela talvez venha para nos

envolver em seus braços como fez nossa mãe, e nosso último momento de vago discernimento terreno talvez seja como o primeiro. Para Mr. Casaubon, era como se ele de repente se encontrasse na margem escura do rio e ouvisse o barulho do remo que se aproximava, sem discernir as formas, mas esperando a convocação. Nessa hora, a mente não muda a tendência de toda uma vida, mas a leva adiante na imaginação para o outro lado da morte, olhando para trás, talvez com a calma divina da beneficência, talvez com as ansiedades mesquinhas do egoísmo. Quais eram as tendências de Mr. Casaubon, seus atos nos darão uma pista. Ele se considerava, com algumas reservas acadêmicas e pessoais, um cristão fervoroso, quanto às estimativas do presente e às esperanças do futuro. Porém, o que nos esforçamos para satisfazer, embora possamos chamar de uma esperança distante, é um desejo imediato; a situação futura pela qual os homens se arrastam pelas ruas da cidade já existe em sua imaginação e em seu amor. E o desejo imediato de Mr. Casaubon não era a comunhão da luz com a divindade desprovida de condições terrenas; seus anseios apaixonados, pobre homem, pairavam baixo e como uma névoa em lugares muito sombreados.

Dorothea percebeu quando Lydgate partiu a cavalo e dirigiu-se ao jardim, com o impulso de ir imediatamente até o marido. Mas ela hesitou, temendo ofendê-lo com uma presença não desejada, pois seu ardor, continuamente repelido, servia, juntamente com sua intensa memória, para aumentar seu pavor, ao mesmo tempo que a energia reprimida se transformava em um estremecimento. Assim, ela perambulou lentamente pelos grupos de árvores mais próximas até que o viu caminhando em sua direção. Então, ela se aproximou dele, e poderia ter representado um anjo enviado do céu portando a promessa de que as poucas horas restantes ainda seriam preenchidas com aquele amor fiel que se intensifica com o sofrimento compreendido. O olhar dele em resposta ao dela foi tão frio que ela sentiu sua timidez aumentar; mesmo assim, ela se virou e passou a mão pelo braço dele.

Mr. Casaubon manteve as mãos nas costas e permitiu que o braço flexível da esposa se agarrasse ao seu com alguma dificuldade.

Para Dorothea, havia algo horrível na sensação que essa dureza indiferente infligia a ela. Essa é uma palavra forte, mas não muito forte; e é nesses atos chamados de trivialidades que as sementes da alegria são desperdiçadas para sempre, até que homens e mulheres olhem ao seu redor, com rostos abatidos para a devastação que seus próprios dejetos ocasionaram e dizem: “a terra não produz colheita de doçura...”, chamando sua negação de conhecimento. Vocês se perguntarão por que, em nome da virilidade, Mr. Casaubon deveria ter se comportado daquela maneira. Considerem que a mente dele recusava a comiseração; vocês já observaram alguma vez o efeito que produz sobre essas mentes a suspeita de que o que a pressiona como uma dor pode ser na verdade uma fonte de satisfação, presente ou futura, para o ser que já incorre em ofensa pelo compadecimento? Por outro lado, ele sabia pouco sobre as sensações de Dorothea e não havia lhe ocorrido que, em uma ocasião como aquela, elas fossem comparáveis em intensidade às suas próprias diante das críticas de Carp.

Dorothea não retirou o braço, mas não se atreveu a falar. Mr. Casaubon não disse: “Eu gostaria de ficar sozinho”, mas dirigiu seus passos em silêncio na direção da casa, e, ao cruzar a porta de vidro do lado leste, Dorothea retirou o braço e permaneceu em pé, sobre o tapete, a fim de deixar seu marido totalmente livre. Ele entrou na biblioteca e lá ficou, sozinho com sua dor.

Ela subiu para seu *boudoir*. A janela em arco aberta deixava entrar a serena glória da tarde que se estendia na alameda, onde as tílias projetavam longas sombras. Mas Dorothea estava alheia à essa cena. Ela se jogou em uma cadeira, sem se dar conta de que se encontrava em meio aos raios deslumbrantes do sol; se havia algum desconforto nisso, como ela poderia saber que não fazia parte de seu sofrimento interior?

Ela reagia com uma cólera rebelde mais forte do que qualquer outra que sentira desde o casamento. No lugar de lágrimas, brotavam as palavras:

– O que eu fiz... o que sou eu... para que ele me trate assim? Ele nunca sabe o que se passa em minha mente... ele nunca se importa. Qual é a utilidade de tudo o que eu faço? Ele gostaria de nunca ter se casado comigo.

Ela começou a ouvir a si mesma e ficou em silêncio. Como quem se perde e está cansado, ela permaneceu sentada e viu num relance todos os caminhos da sua esperança juvenil que nunca mais voltaria a encontrar. E com a mesma nitidez, embaixo da luz da sua infelicidade, ela viu a sua própria solidão e a do marido, como eles caminhavam separados e ela se via obrigada a observá-lo. Se ele a tivesse atraído para si, Dorothea nunca o teria examinado, nunca teria pensado: “Vale a pena viver por ele?” Ela o teria considerado simplesmente parte de sua própria vida. Agora ela dizia com amargura: – É culpa dele, não minha.

No frasco de todo o seu ser, a compaixão havia sido derramada. Era culpa dela ter acreditado nele... acreditado em seu valor? E o que, exatamente, ele era? Ela era capaz de avaliá-lo, ela que esperava seus olhares com tremor, e fechava o melhor de sua alma em uma prisão, realizando apenas visitas escondidas, para ele insignificantes, mas para ela com a intenção de agradá-lo. Em uma crise como esta, algumas mulheres começam a odiar.

O sol estava baixo quando Dorothea pensou que não voltaria a descer, mas mandaria uma mensagem ao marido dizendo que ela não se encontrava bem e preferia ficar no andar de cima. Ela nunca havia permitido deliberadamente que seu ressentimento a governasse dessa forma antes, mas agora acreditava que não poderia vê-lo novamente sem falar a verdade sobre seus sentimentos, e deveria esperar até que pudesse fazê-lo sem interrupções. Talvez ele se surpreendesse e sofresse com o recado. Seria bom se assim fosse. Sua raiva lhe dizia, como a raiva costuma dizer, que Deus estava com ela, que todo o céu, embora repleto de almas que nos observavam, deviam estar do seu lado. Ela estava determinada a tocar a campainha, quando ouviu uma batida na porta.

– Mr. Casaubon mandou avisar que jantará na biblioteca. Gostaria de ficar sozinho esta noite, já que tem muito trabalho.

– Neste caso, eu não vou jantar, Tantripp.

– Mas, senhora, deixe-me trazer alguma coisa!

– Não, não estou bem. Deixe tudo preparado no meu quarto de vestir, mas por favor, não me incomode novamente.

Dorothea permaneceu sentada, quase imóvel, em sua luta meditativa, enquanto o entardecer lentamente foi se transformando em noite. Porém, a luta se modificava constantemente, como a de um homem que começa com um movimento de ataque e termina com seu desejo de golpear. A energia que impulsiona um delito não é maior do que a requerida para inspirar uma submissão decidida, quando o nobre costume da alma se reafirma. Aquele pensamento com o qual Dorothea havia saído para encontrar o marido, sua convicção de que ele havia perguntado ao médico sobre a possível interrupção de todo o seu trabalho, e que a resposta deveria ter partido seu coração, não poderia demorar muito para colocá-la junto à imagem de Mr. Casaubon, tal qual uma monitora sombria olhando com amarga reprovação para sua raiva. Custou-lhe uma ladainha de tristezas imaginadas e de gritos silenciosos para chegar à conclusão de que deveria condoer-se daquelas tristezas do marido, mas finalmente chegou à submissão decisiva; e quando a casa ficou em silêncio, e ela supôs que se aproximava a hora em que Mr. Casaubon costumava retirar-se para descansar, ela abriu a porta suavemente e ficou do lado de fora na escuridão, esperando que ele subisse as escadas com um candelabro na mão. Se ele não viesse logo, ela pensava em descer e até mesmo arriscar uma nova angústia. Ela nunca mais esperaria outra coisa dele. Porém, ela ouviu a porta da biblioteca se abrir e, lentamente, a luz foi avançando escada acima, sem ruído de passos no tapete. Quando o marido ficou em frente a ela, observou que o rosto dele estava ainda mais abatido. Ele se assustou ao vê-la, e ela lhe dirigiu um olhar suplicante, sem dizer nada.

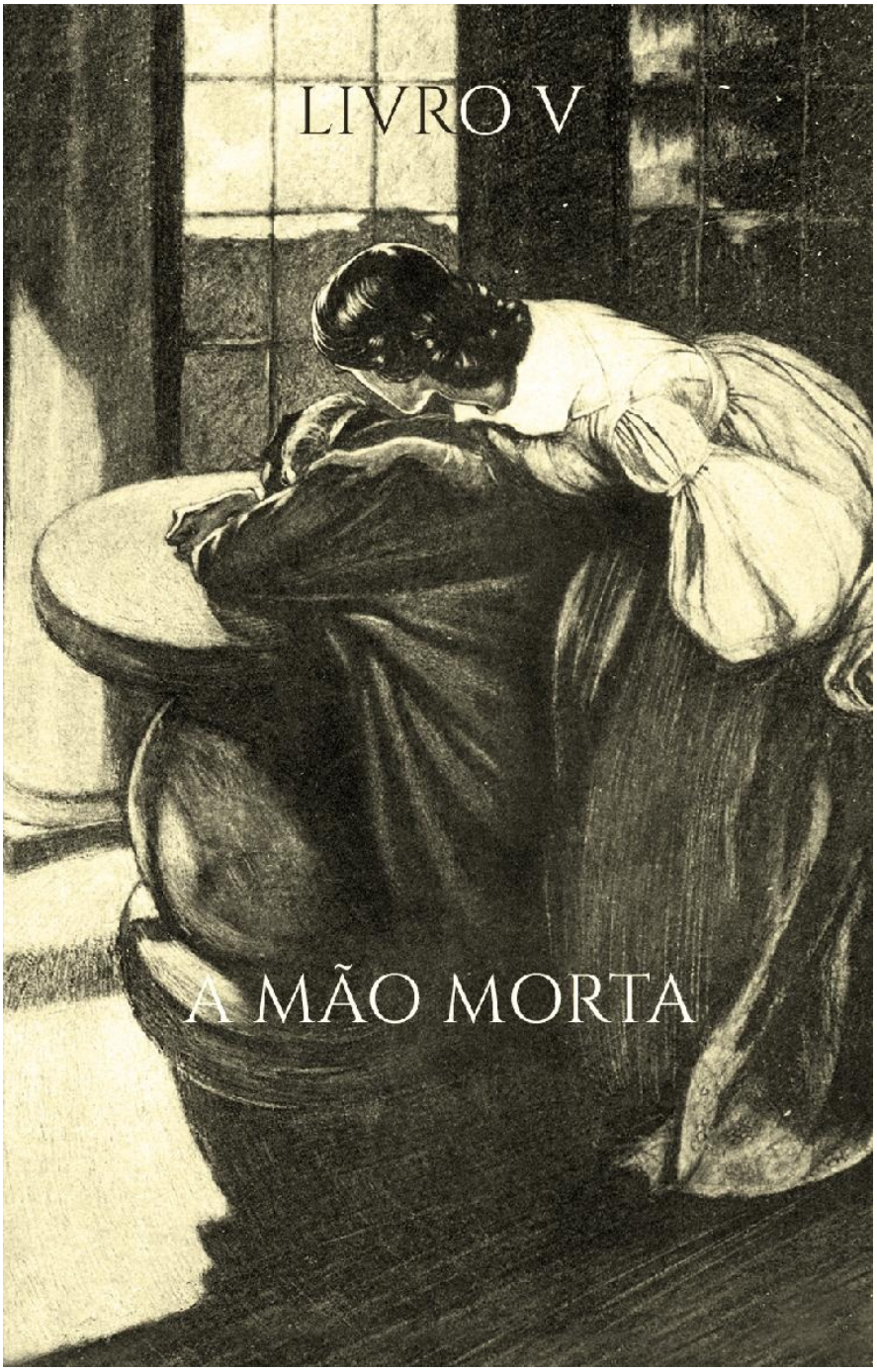
– Dorothea! – disse ele, com uma surpresa suave em seu tom. – Você estava esperando por mim?

– Sim, eu não queria incomodá-lo.

– Venha, minha querida, venha. Você é jovem e não precisa estender sua vida com vigílias.

Quando a doce melancolia daquele discurso caiu nos ouvidos de Dorothea, ela sentiu algo parecido com gratidão que surge quando temos a sensação de ter

escapado por pouco de machucar uma criatura aleijada. Ela segurou a mão do marido e os dois seguiram juntos pelo amplo corredor.



LIVRO V

A MÃO MORTA

CAPÍTULO XLIII

“Esta figura é muito valiosa; foi forjada com amor
Séculos atrás, no melhor marfim;
Nada de modismo, linhas puras e nobres
De uma generosa feminilidade que sempre se adapta.
É também uma faiança suntuosa: maiólica
De fina habilidade, para agradar a olhos exigentes,
Seu sorriso, você vê, é perfeito, maravilhoso
Como mera faiança! Um ornamento de mesa
Que se presta a coroar a arrumação mais luxuosa”.

Dorothea raramente saía de casa sem o marido, mas de vez em quando ia de carruagem a Middlemarch sozinha, em pequenas incumbências de compras ou caridade, como ocorre com qualquer dama de certa posição quando vive a menos de três milhas de um vilarejo. Dois dias depois da cena na alameda dos teixos, ela decidiu usar uma daquelas oportunidades para, se possível, ver Lydgate e saber se seu marido realmente havia experimentado alguma desalentadora mudança de sintomas e estava escondendo dela, e se ele havia insistido em conhecer toda a verdade sobre sua saúde. Sentia-se quase culpada por pedir informações a outra pessoa, mas o temor do desconhecimento, o pavor daquela ignorância que poderia torná-la injusta ou endurecida, impôs-se a todos os escrúpulos. Ela estava segura de que havia alguma crise na mente do marido; no dia seguinte ao incidente, ele havia iniciado um novo método para ordenar suas anotações e a incorporara inusitadamente à execução de seu plano. A pobre Dorothea precisou de uma reserva de paciência.

Eram cerca de quatro horas quando ela se pôs a caminho da casa de Lydgate

em Lowick Gate, e desejava, diante da sua dúvida de encontrá-lo em casa, que tivesse escrito antes. E, efetivamente, ele não estava em casa.

– Mrs. Lydgate está em casa? – perguntou Dorothea, que nunca, pelo que sabia, tinha visto Rosamond, mas agora se lembrava do casamento. Sim, Mrs. Lydgate estava em casa.

– Vou entrar e falar com ela, se ela permitir. Poderia lhe perguntar se ela pode receber Mrs. Casaubon por alguns minutos?

Quando a criada a deixou para transmitir o recado, Dorothea pôde ouvir sons de música através de uma janela aberta, algumas notas com voz masculina e, em seguida, um piano explodindo em uma série de notas rápidas. Porém, elas cessaram repentinamente, e então a criada voltou dizendo que Mrs. Lydgate ficaria encantada em receber Mrs. Casaubon.

Quando a porta da sala se abriu e Dorothea entrou, houve uma espécie de contraste não raro na vida rural, quando os hábitos das diferentes classes sociais eram menos misturados do que agora. Deixem que os conhecedores no assunto nos digam exatamente o que Dorothea vestia naqueles dias de outono ameno, aquele tecido fino de lã branca, macio ao toque e aos olhos. Sempre parecia recém-lavado e com aroma de ervas, e sempre na forma de uma peliça com mangas amplas, totalmente fora de moda. Se ela tivesse aparecido diante de uma audiência tranquila como Imogen ou a filha de Caton, o vestido poderia ter sido apropriado; a elegância e a dignidade estavam nas extremidades e no pescoço de Dorothea, e em torno do seu cabelo simplesmente repartido e seus olhos cândidos, o grande e redondo gorro que estava então no destino das mulheres não parecia mais estranho que um adorno dourado que chamamos de halo. Pela presente audiência de duas pessoas, nenhuma heroína dramática poderia ser esperada com mais interesse do que Mrs. Casaubon. Para Rosamond, ela era uma daquelas divindades locais que não se misturava com os mortais de Middlemarch, cujos menores indícios de conduta ou aparência eram dignos de seu estudo; além disso, Rosamond estava satisfeita que Mrs. Casaubon tivesse a oportunidade de estudá-la. Qual a utilidade de ser uma dama requintada se você

não é vista pelos melhores juízes? E como Rosamond havia recebido os maiores elogios na casa de Sir Godwin Lydgate, ela se sentia bastante segura da impressão que devia causar entre pessoas bem-nascidas. Dorothea estendeu a mão com sua costumeira amabilidade e simplicidade e olhou com admiração para a adorável esposa de Lydgate, ciente de que havia um cavalheiro parado à distância, embora tudo o que pudesse ver fosse apenas uma figura coberta em um ângulo espaçoso. O cavalheiro estava muito ocupado com a presença de uma mulher para refletir sobre o contraste entre as duas, um contraste que certamente teria impressionado um observador sereno. Ambas eram altas e seus olhos estavam no mesmo nível; mas tentem imaginar a beleza infantil e loira de Rosamond e a maravilhosa coroa de tranças, com seu vestido azul-claro de ajuste e moda tão perfeitos que nenhuma modista poderia olhar para ele sem emoção, uma grande gola bordada que se esperava que todos os observadores soubessem o preço, suas mãozinhas devidamente realçadas com anéis e aquela atitude controlada de maneiras que é o substituto caro da simplicidade.

– Muito obrigada por me permitir interrompê-la – disse Dorothea, imediatamente. – Estou ansiosa para ver Mr. Lydgate, se possível, antes de ir para casa, e pensei que talvez possa me dizer onde devo encontrá-lo, ou mesmo permitir que eu o espere aqui, se ele não for demorar.

– Ele está no novo hospital – disse Rosamond –, não tenho certeza de quando voltará para casa. Mas posso mandar chamá-lo.

– A senhora permitiria que eu mesmo fosse? – perguntou Will Ladislaw, enquanto se aproximava. Ele já havia apanhado seu chapéu antes de Dorothea entrar. Ela corou de surpresa, mas estendeu a mão com um sorriso de prazer inconfundível, dizendo:

– Eu não sabia que era o senhor; nem pensava em vê-lo aqui.

– Gostaria que eu fosse ao hospital e dissesse a Mr. Lydgate que deseja vê-lo? – repetiu Will.

– Seria mais rápido enviar a carruagem – disse Dorothea –, se fizer a gentileza de dar a mensagem ao cocheiro.

Will estava se encaminhando na direção da porta quando Dorothea, cuja mente passou em um instante por muitas recordações entrelaçadas, virou-se rapidamente e disse: – Eu mesma irei, obrigada. Não quero perder tempo antes de voltar para casa. Irei ao hospital e falarei com Mr. Lydgate. Por favor, me desculpe, Mrs. Lydgate. Eu fico muito agradecida.

Sua mente foi evidentemente presa por algum pensamento repentino e ela abandonou a sala mal consciente do que estava imediatamente ao seu redor, mal consciente de que Will lhe abriu a porta e lhe ofereceu o braço para conduzi-la até a carruagem. Dorothea aceitou o braço, mas não disse nada. Will, por seu lado, estava se sentindo bastante aborrecido e miserável, e não encontrou nada para dizer. Ele a ajudou a subir na carruagem em silêncio, eles se despediram e Dorothea foi embora. Durante os cinco minutos de viagem até o hospital, ela teve tempo para algumas reflexões que pareciam ser completamente novas. Sua decisão de ir embora, assim como sua preocupação ao deixar a sala obedeciam a uma súbita sensação de que havia uma espécie de engano permitir-se voluntariamente qualquer comunicação com Will que ela não pudesse mencionar ao marido, já que sua missão em procurar Lydgate era uma questão a ser ocultada. Isso era tudo o que estava explicitamente em sua mente, mas ela também havia sido instigada por uma vaga inquietude. Agora que estava sozinha na carruagem, ela ouviu as notas da voz masculina e o piano que a acompanhava e compreendeu o que havia passado despercebido no momento: ela se pegou pensando com certo espanto que Will Ladislaw estava passando seu tempo com Mrs. Lydgate na ausência de seu marido. A seguir, ela não pôde deixar de recordar que ele havia passado algum tempo com ela em circunstâncias parecidas, então por que haveria qualquer inadequação no fato? Mas Will era parente de Mr. Casaubon, e alguém por quem ela era obrigada a mostrar-se amável. Mesmo assim, havia indícios de que talvez ela tivesse interpretado como implicações de que Mr. Casaubon não gostava das visitas do primo durante sua ausência. *“Talvez eu tenha me enganado em muitas coisas”*, pensou a pobre Dorothea, enquanto as lágrimas rolavam e ela precisou enxugá-las rapidamente.

Ela se sentia confusamente infeliz, e a imagem de Will que tinha sido tão clara para ela antes ficou misteriosamente turvada. A carruagem parou no portão do hospital e ela logo se viu caminhando pelo gramado com Lydgate, tendo recuperado seus sentimentos pela força que a fizera buscar aquela entrevista.

Entretanto, Will Ladislaw estava mortificado e sabia bem qual era o motivo. Suas oportunidades para encontrar Dorothea eram raras, e pela primeira vez surgiu uma chance onde ele se encontrava em desvantagem. Não era apenas, como tinha acontecido até então, que ela não se interessava exclusivamente por ele, mas desta vez ela o tinha visto em circunstâncias nas quais ele não parecia se interessar exclusivamente por ela. Ele sentia-se empurrado para uma nova distância dela, entre os círculos dos habitantes de Middlemarch que não faziam parte da vida de Dorothea. Mas não era culpa dele: era lógico que desde que se instalara na cidade, vinha fazendo o máximo de amizades que podia, sua posição exigia que conhecesse tudo e todos. Lydgate era decididamente a pessoa mais importante da vizinhança, e por acaso ele tinha uma esposa que gostava de música e valia a pena ser visitada. Aqui estava toda a história da situação em que Diana havia descido inesperadamente sobre seu adorador. Foi mortificante. Will estava consciente de que não estaria em Middlemarch se não fosse por Dorothea e, no entanto, sua posição ameaçava separá-lo dela com aquelas barreiras do sentimento habitual que são mais perniciosas para a perseverança do interesse mútuo do que toda a distância entre Roma e a Grã-Bretanha. Era muito fácil desafiar os preconceitos sobre as classes e posições sociais, que adotavam a forma de uma carta tirânica de Mr. Casaubon, mas os preconceitos, assim como corpos malcheirosos, têm uma existência tanto sólida quanto sutil, sólida como as pirâmides, sutil como o vigésimo eco de um eco, ou como o aroma de jacintos que uma vez impregnaram a escuridão. Will possuía um temperamento que captava a presença de sutilezas: um homem de percepções mais grosseiras não teria sentido, como ele sentiu, que pela primeira vez havia surgido na mente de Dorothea uma sensação de que era inadequada a perfeita liberdade com a qual ela o tratava, e que o silêncio que os acompanhou enquanto ele a conduzia à

carruagem trazia uma certa frieza. Talvez Casaubon, com seu ódio e ciúme, tivesse insinuado a Dorothea que Will se encontrava abaixo dela socialmente. Maldito Casaubon!

Will voltou a entrar na sala de estar, pegou o chapéu e, parecendo irritado ao avançar em direção a Mrs. Lydgate, que havia se sentado junto à mesa de trabalho, disse: – É sempre fatal ter música ou poesia interrompida. Posso voltar outro dia para terminar *Lungi dal caro bene*?

– Ficarei contente em aprender – disse Rosamond. – Mas estou certa de que o senhor reconhece que foi uma interrupção muito charmosa. Tenho muita inveja de sua amizade com Mrs. Casaubon. Ela é muito inteligente? Parece que sim.

– Na verdade, eu nunca pensei sobre isso – disse Will, mal-humorado.

– Foi precisamente essa a resposta que Tertius me deu quando perguntei se ela era bonita. O que é que vocês, cavalheiros, pensam quando estão com Mrs. Casaubon?

– Pensamos nela mesma – disse Will, com alguma disposição para provocar a encantadora Mrs. Lydgate. Quando um homem vê uma mulher perfeita, nunca pensa em seus atributos; ele simplesmente se conscientiza da sua presença.

– Ficarei com ciúme quando Tertius for para Lowick – disse Rosamond, formando covinhas e falando com alegre frivolidade. – Quando voltar eu lhe parecerei muito insignificante.

– Até o momento, esse não parece ter sido o efeito em Lydgate. Mrs. Casaubon é muito diferente das outras mulheres para que possam ser comparadas a ela.

– Vejo que é um devoto admirador. Suponho que a veja com frequência.

– Não – disse Will, quase de maneira mesquinha. – Adoração é geralmente uma questão de teoria, e não de prática. Mas estou praticando em excesso neste momento, devo realmente ir, ainda que não queira.

– Por favor, volte em alguma tarde. Mr. Lydgate vai gostar de ouvir a música, e não posso apreciá-la tão bem sem ele.

Quando o marido voltou para casa, Rosamond, de pé na frente dele e

segurando a gola do casaco com as duas mãos, disse: – Mr. Ladislaw esteve aqui cantando comigo quando Mrs. Casaubon chegou. Ele parecia irritado. Você acha que ele não gostou que ela o visse em nossa casa? Certamente sua posição não é melhor do que a sua... qualquer que seja seu parentesco com Mr. Casaubon.

– Não, não; se ele ficou realmente irritado deve ser outra coisa. Ladislaw é uma espécie de boêmio; ele não se importa com coisas insignificantes.

– Com exceção da música, ele nem sempre é muito agradável. Você gosta dele?

– Sim, eu acho que ele é um bom sujeito; um tanto deslocado e frívolo, mas agradável.

– Sabe, acho que ele adora Mrs. Casaubon.

– Pobre diabo! – disse Lydgate, sorrindo e beliscando as orelhas da esposa.

Rosamond sentia que começava a conhecer muitas coisas do mundo, especialmente ao descobrir, o que para ela era inconcebível quando solteira – exceto em livros que traziam tragédia em trajes antigos de outras eras –, que as mulheres, mesmo depois do casamento, podiam fazer conquistas e escravizar os homens. Naquela época, as jovens da zona rural, mesmo quando educadas por Mrs. Lemon, liam pouca literatura francesa posterior a Racine, e a imprensa não havia lançado sua magnífica luz atual sobre os escândalos da vida. Ainda assim, a vaidade, podendo trabalhar todos os dias sobre a mente de uma mulher, é capaz de levantar abundantes edifícios a partir de pequenas insinuações, especialmente em sugestões como a possibilidade de conquistas indefinidas. Como é delicioso tornar cativo do trono do casamento um marido como príncipe consorte ao seu lado, ele mesmo um súdito, enquanto outros cativos erguem desesperançados seus olhos, provavelmente perdendo o sono, e se seu apetite também. Mas as ideias românticas de Rosamond voltavam-se principalmente para seu príncipe consorte, bastando-lhe desfrutar de sua sujeição garantida. Quando ele disse: “Pobre diabo!”, ela perguntou, com uma curiosidade brincalhona:

– Por que diz isso?

– Ora, o que pode fazer um homem quando se apaixona por uma de vocês

sereias? Ele apenas negligencia seu trabalho e acumula contas.

– Estou certa de que você não negligencia o seu trabalho. Você está sempre no hospital, ou visitando pacientes pobres, ou pensando em alguma desavença com algum médico; e quando está em casa está sempre com seus frascos e microscópio. Confesse que gosta dessas coisas mais do que de mim?

– Você não tem a ambição de que seu marido seja algo melhor do que um médico de Middlemarch? – perguntou Lydgate, enquanto colocava as mãos nos ombros da mulher e olhava para ela com afetuosa seriedade. – Vou fazer você aprender minha passagem favorita de um velho poeta:

"Por que tanto frenesi de nosso orgulho em ser,
Para ser esquecido? O aprazível, em suma, é isto,
Enaltecer a escrita, tornando-a
Digna de leitura, e o deleite do mundo?"

– O que eu quero, Rosy, é deixar algo digno de ser escrito, ou escrever eu mesmo o que fiz. E para isso, meu amor, um homem deve trabalhar.

– É claro que eu desejo que você faça descobertas; ninguém poderia desejar mais do que eu que você alcançasse uma posição mais elevada em algum lugar melhor do que Middlemarch. Nunca poderá dizer que tentei impedi-lo de trabalhar. Mas não podemos viver como eremitas. Você não está descontente comigo, Tertius?

– Não, querida, não. Estou muito contente.

– Mas por que Mrs. Casaubon queria falar com você?

– Meramente para perguntar sobre a saúde do marido. Mas creio que ela será muito generosa com nosso novo hospital; creio que ela vai nos dar duzentas libras por ano.

CAPÍTULO XLIV

Eu não irei rastejar ao longo da costa, navegarei
Mar adentro, guiado pelas estrelas.

Enquanto caminhava com Lydgate por entre os canteiros de louro do novo hospital, Dorothea soube que não havia nenhum sinal de mudança na saúde de Mr. Casaubon, além de um estado mental de ansiedade por saber a verdade sobre sua doença. Ela ficou em silêncio por alguns momentos, ponderando se havia dito ou feito alguma coisa para despertar esta nova angústia. Lydgate, não querendo deixar escapar a oportunidade de promover seu projeto favorito, atreveu-se a dizer:

– Não sei se a sua atenção ou a de Mr. Casaubon foram atraídas para as necessidades de nosso novo hospital. As circunstâncias me fazem parecer um tanto egoísta em abordar o assunto, mas não é minha culpa; a minha insistência é porque há uma luta sendo travada por outros médicos contra a instituição. Acredito que a senhora geralmente se interessa por essas coisas, pois me recordo de que, quando tive o prazer de conhecê-la em Tipton Grange antes de seu casamento, a senhora fez algumas perguntas sobre a maneira pela qual a saúde dos pobres era afetada pelas condições miseráveis de suas casas.

– Sim, de fato – disse Dorothea, ficando animada. – Ficarei muito grata se me disser como posso ajudar a tornar as coisas um pouco melhores. Esse tipo de atividades ficou esquecido desde que me casei. Quero dizer – disse ela, após um momento de hesitação –, que as pessoas em nossa aldeia vivem com razoável conforto, e minha mente está ocupada demais para que eu faça maiores averiguações. Mas aqui, em um lugar como Middlemarch, deve haver muito a fazer.

– Está tudo por fazer – disse Lydgate, com energia abrupta. – E este hospital é uma obra importante que se deve inteiramente aos esforços de Mr. Bulstrode, e em grande parte, ao seu dinheiro. Mas um homem não pode fazer tudo em um projeto desta envergadura. É claro que ele ansiava por ajudar. E agora há uma rixa mesquinha travada contra o hospital na cidade, por certas pessoas que querem torná-lo um fracasso.

– Quais podem ser seus motivos? – perguntou Dorothea, com ingênua surpresa.

– Para começar, fundamentalmente, a impopularidade de Mr. Bulstrode. Metade da cidade faria qualquer coisa para frustrá-lo. Neste mundo estúpido, a maioria das pessoas nunca considera que uma coisa seja boa a menos que seja feita por seu próprio grupo. Eu não tinha nenhuma conexão com Bulstrode antes de vir para cá. Olho para ele com muita imparcialidade e vejo que ele tem algumas boas ideias, que colocou algumas em prática e que posso usá-las para um bom propósito público. Se um bom número dos homens mais educados trabalhasse acreditando que suas observações poderiam contribuir para a reforma da doutrina e da prática médica, logo veríamos uma mudança para melhor. Este é o meu ponto de vista. Eu defendo que, ao me recusar a trabalhar com Mr. Bulstrode, eu estaria dando as costas a uma oportunidade de me tornar mais útil na minha profissão.

– Estou completamente de acordo como senhor – disse Dorothea, ao mesmo tempo fascinada pela situação esboçada pelas palavras de Lydgate. – Mas o que há contra Mr. Bulstrode? Eu sei que meu tio é amigo dele.

– As pessoas não gostam de seu tom religioso – disse Lydgate, sucintamente.

– Razão suficiente para desprezar tal oposição – disse Dorothea, olhando para os assuntos de Middlemarch à luz das grandes perseguições.

– Para colocar a questão de maneira bastante justa, eles têm outras objeções contra ele: ele é autoritário e pouco sociável, e se dedica ao comércio, setor que tem suas próprias queixas das quais eu nada sei. Mas o que isso tem a ver com a questão de que seria uma coisa boa estabelecer aqui um hospital melhor do que

qualquer outro do condado? No entanto, o principal motivo para a oposição é o fato de que Bulstrode colocou a direção médica em minhas mãos. É claro que estou feliz. Isso me dá a oportunidade de fazer um bom trabalho, e estou ciente de que tenho que justificar sua escolha. Mas a consequência é que todos os médicos em Middlemarch estão empenhados em lutar contra o hospital, e não apenas se recusam a colaborar, mas também tentam denegrir todo o assunto e impedir as doações.

– Que mesquinho da parte deles! – exclamou Dorothea, indignada.

– Suponho que eu deva lutar pelos meus próprios meios: dificilmente se consegue algo sem lutar. E a ignorância das pessoas por aqui é estupenda. Não reivindico nada mais do que ter aproveitado algumas oportunidades que não chegaram ao alcance de todos, mas não há como sufocar a ofensa de ser jovem e recém-chegado, e de, por acaso, saber um pouco mais do que os antigos habitantes. Ainda assim, se acredito que sou capaz de estabelecer um método melhor de tratamento, se acredito que posso prosseguir com certas observações e investigações que podem vir a ser um benefício definitivo para a prática da medicina, eu seria um adulador desprezível se permitisse que qualquer consideração pessoal de conforto me atrapalhasse. E meu propósito é ainda muito mais claro por não haver nenhum salário para colocar em dúvida toda a minha persistência.

– Me alegro que tenha me contado tudo isso, Mr. Lydgate – disse Dorothea, cordialmente. – Estou certa de que posso ajudar um pouco. Tenho algum dinheiro e não sei o que fazer com ele, isso costuma ser um pensamento desconfortável para mim. Estou certa de que posso prescindir de duzentas libras por ano para um grande propósito como este. Como o senhor deve sentir-se feliz por conhecer coisas que sabe farão um grande bem! Eu gostaria de poder acordar todas as manhãs com este conhecimento. Parece que há tantos problemas que dificilmente podemos ver algo positivo na vida.

Havia uma cadência melancólica na voz de Dorothea enquanto ela dizia as últimas palavras. Porém, ela logo acrescentou, com mais animação:

– Por favor, venha a Lowick e nos conte mais sobre isso. Mencionarei o assunto para Mr. Casaubon. Devo voltar para casa agora.

Dorothea conversou com o marido naquela noite, e disse que gostaria de doar duzentas libras por ano; ela dispunha de setecentas libras anuais, equivalentes à sua própria fortuna, recebidas na ocasião do casamento. Mr. Casaubon não fez nenhuma objeção além de uma observação passageira de que a soma poderia ser desproporcional em relação a outras boas obras; mas quando Dorothea, em sua ignorância, resistiu a essa sugestão, ele aquiesceu. Ele não se importava em gastar dinheiro e não relutava em doá-lo. Se em alguma ocasião sentia qualquer interesse por dinheiro, era através de outra paixão que não o amor por bens materiais.

Dorothea disse a ele que tinha visto Lydgate e repetiu a essência de sua conversa com ele sobre o hospital. Mr. Casaubon não fez nenhuma pergunta, mas estava certo de que Dorothea desejava saber o que se passara entre ele e Lydgate. “Ela sabe que eu sei”, disse a sempre inquieta voz interior, mas esse aumento do conhecimento tácito apenas diminuiu ainda mais a confiança entre eles. Ele desconfiava de seu afeto; e que solidão é mais solitária do que a desconfiança?

CAPÍTULO XLV

É o caráter de muitas cabeças exaltar os dias de seus antepassados e declamar contra a maldade dos tempos atuais. O que, não obstante, eles não podem fazer bem sem recorrer à ajuda e à sátira dos tempos passados, condenando os vícios de sua própria época mediante a expressão dos vícios em épocas que eles vangloriam, o que não pode deixar de demonstrar a existência de vícios em ambas. Portanto, Horácio, Juvenal e Pérsio não eram profetas, embora suas linhas parecessem dirigir-se e apontar para o nosso tempo.
– SIR THOMAS BROWNE: Pseudodoxia Epidemica.

A oposição ao novo Hospital das febres que Lydgate esboçara para Dorothea deveria, assim como outras oposições, ser vista sob muitos pontos de vista diferentes. Ele a considerava uma mistura de ciúmes e preconceitos estúpidos. Mr. Bulstrode via não apenas um ciúme profissional, mas também uma determinação de o contrariar, motivada principalmente por um ódio contra a religião vital da qual ele se esforçava para ser um representante leigo e eficaz, ódio que certamente encontrava outros pretextos além da religião, e que eram facilmente encontrados nas complicações da ação humana. Estas poderiam ser chamadas de visões ministeriais. Mas as oposições dispõem de uma gama ilimitada de objeções que não precisam ser detidas na fronteira do conhecimento, mas podem nutrir-se eternamente na vastidão da ignorância. O que a oposição em Middlemarch dizia sobre o novo hospital e sua administração certamente encontrava um grande eco, pois o céu havia se encarregado de que nem todos fossem criadores. No entanto, existiam diferenças que representavam todos os matizes sociais entre a moderação educada de Dr. Minchin e a afirmação incisiva de Mrs. Dollop, a proprietária do Tankard em Slaughter Lane.

As próprias afirmações de Mrs. Dollop a convenciam cada vez mais de que o Dr. Lydgate pretendia deixar as pessoas morrerem no hospital, se não para envenená-las, para mutilar seus corpos sem nem sequer pedir permissão, pois era de conhecimento de todos que ele queria cortar Mrs. Goby, uma mulher tão respeitável como qualquer outra em Parley Street, que tinha fortuna própria antes de se casar... uma história não muito boa para um médico, que se realmente fosse bom, deveria saber o que estava acontecendo com uma pessoa antes de morrer e não precisar bisbilhotar em seu interior quando já estava morta. Se isso não fosse motivo suficiente, Mrs. Dollop desejava saber qual era; mas havia um sentimento predominante em seu público de que sua opinião era um baluarte e que, se fosse derrubada, não haveria limites para a dissecação de corpos, como havia ficado muito claro no caso de Burke e Hare com emplastros...[133] ninguém queria aquele tipo de negócio em Middlemarch!

E não se deve supor que a opinião em Tankard, em Slaughter Lane, não fosse importante para a profissão médica: aquela antiga e autêntica taberna, o Tankard original, conhecida pelo nome de Dollop›s, era o refúgio de um grande clube beneficente, que alguns meses havia colocado em votação se seu médico de longa data, “Dr. Gambit”, não deveria ser dispensado em favor deste “Dr. Lydgate”, que era capaz de realizar as curas mais surpreendentes e recuperar pessoas completamente desenganadas por outros profissionais. Mas a balança havia sido posta contra Lydgate pelo voto de dois membros, que por alguns motivos particulares sustentavam que esse poder de ressuscitar pessoas quase mortas era uma recomendação duvidosa e poderia interferir com os desígnios da providência. Porém, no decorrer de um ano, houve uma mudança na opinião pública, da qual a unanimidade em Dollop’s era um expoente.

Há muito mais de um ano, antes que se soubesse de qualquer coisa sobre as habilidades de Lydgate, os julgamentos sobre as mesmas estavam naturalmente divididos, dependendo do senso de probabilidade, situado talvez na boca do estômago ou na glândula pineal, e diferindo em seus veredictos, mas não menos valiosos como um guia na ausência total de evidências. Pacientes com doenças

crônicas, ou cujas vidas estavam desgastadas há muito tempo, como a do velho Featherstone, imediatamente se inclinaram a experimentar o novo médico. Além disso, muitos que não gostavam de pagar as contas do médico viram com simpatia a oportunidade de abrir uma conta com um novo médico e mandar chamá-lo sem restrição se a febre das crianças precisasse de medicação, ocasiões em que os médicos antigos se mostravam mal-humorados, e assim, todas as pessoas que empregaram Lydgate achavam provável que ele fosse inteligente. Alguns consideraram que ele poderia fazer mais do que outros “pelo fígado”, pelo menos não haveria nenhum mal em tomar alguns dos seus frascos, pois mesmo se estes se provassem inúteis ainda seria possível retornar às pílulas purificadoras, que se não fizessem desaparecer o tom amarelado, ao menos o manteriam vivo. No entanto, estas eram as pessoas de menor importância. É claro que as boas famílias de Middlemarch não iriam mudar de médico sem uma boa razão, e todos que haviam se tratado com Mr. Peacock não se sentiam obrigados a aceitar um novo homem simplesmente porque era seu sucessor, alegando que ele “provavelmente não seria igual a Peacock”.

Entretanto, Lydgate não precisou de muito tempo na cidade para que fossem relatados detalhes suficientes sobre ele para gerar expectativas muito mais específicas e intensificar as diferenças para o partidarismo; alguns dos detalhes sendo daquela ordem impressionante, cujo significado está inteiramente oculto, como uma quantidade estatística sem critério de comparação, mas com um ponto de exclamação no final. Os metros cúbicos de oxigênio ingeridos anualmente por um homem adulto, por exemplo, que estremecimento eles poderiam ter causado em alguns círculos de Middlemarch! “Oxigênio! Ninguém sabe o que é... e com essas coisas no ar, não é de se surpreender que a cólera tenha chegado a Dantzig! E ainda há pessoas que consideram as quarentenas inúteis”.

Uma notícia que rapidamente se espalhou foi a de que Lydgate não receitava remédios. O fato era ofensivo tanto para os médicos, cujas prerrogativas pareciam violadas, quanto para os cirurgiões-boticários com quem ele se relacionava, e apenas um pouco antes, eles poderiam ter contado com a lei ao

seu lado contra um homem que sem ser formado em Londres[134] se atrevia a cobrar honorários e não receitava remédios. Mas Lydgate não tinha experiência suficiente para prever que seu novo modo de atuar seria ainda mais ofensivo para os leigos. Ele foi bastante imprudente ao oferecer uma explicação precipitada de seus motivos a Mr. Mawmsey, um importante dono de mercearia, que, embora não fosse um de seus pacientes, o questionou de maneira afável sobre o assunto, apontando que o prestígio dos médicos estava se degradando e que era um dano constante para o público se a única forma de receberem por seu trabalho fosse mediante as longas faturas de poções, pílulas e xaropes.

– É assim que médicos que trabalham duro podem vir a ser quase tão perniciosos quanto os charlatães – disse Lydgate, um tanto irrefletidamente. – Para ganhar a vida, eles administram grandes doses de remédios aos vassalos do rei e isso é um tipo de traição ruim, Mr. Mawmsey, mina a constituição de uma forma fatal.

Mr. Mawmsey não era apenas um provedor dos pobres (era sobre uma questão de salário dos camponeses que ele estava conversando com Lydgate), mas era também asmático e tinha uma família em crescimento; portanto, do ponto de vista médico, bem como por conta própria, ele era um homem importante; na verdade, um comerciante excepcional, cujo cabelo estava arrumado na forma de uma pirâmide, semelhante a uma chama, e cuja deferência no varejo era do tipo cordial e inspiradora, jocosa e com uma certa abstinência atenciosa na hora de manifestar sua capacidade intelectual. Foi a jocosidade amigável de Mr. Mawmsey ao questioná-lo que deu o tom da resposta de Lydgate. Porém, que os sábios se previnam contra a prontidão para explicações que só multiplicam as fontes de erro para aqueles que, ao fazer as operações, provavelmente se equivocarão.

Lydgate sorriu ao concluir sua explicação enquanto colocava o pé no estribo e Mr. Mawmsey riu mais do que teria feito se soubesse quem eram os vassalos do rei, dizendo: “Bom dia, senhor, bom dia, senhor”, com o ar de quem via tudo com bastante clareza. Mas, na verdade, suas opiniões andavam confusas.

Durante anos, ele havia pago faturas onde cada item estava bem especificado, ou seja, para cada meia coroa e dezoito centavos ele tinha a certeza de que algo mensurável fora entregue. Ele o fazia com satisfação, acreditando ser parte das suas responsabilidades como marido e pai, e considerando uma conta mais longa do que o normal como uma honra digna de ser mencionada. Adicionalmente, além do enorme benefício dos remédios para ele mesmo e para sua família, ele havia desfrutado do prazer de formar uma opinião acertada quanto aos seus efeitos imediatos e podia fazer comentários inteligentes para orientar Mr. Gambit, um profissional um pouco inferior a Wrench ou Toller, socialmente falando, e particularmente estimado como parteiro, sobre cuja habilidade Mr. Mawmsey tinha uma pobre opinião, mas que na prática médica, ele costumava dizer em voz baixa, estava acima de qualquer um deles.

Aqui havia razões mais profundas do que as palavras superficiais de um recém-chegado, que pareciam ainda mais inconsistentes na sala de estar em cima da loja, quando foram repetidas a Mrs. Mawmsey, uma mulher respeitada por ser uma mãe fértil, geralmente assistida com maior ou menor frequência por Mr. Gambit, e sujeita a eventuais ataques que exigiam a presença do Dr. Minchin.

– Será que esse Mr. Lydgate está dizendo que não adianta tomar remédio? – disse Mrs. Mawmsey, que era ligeiramente dada a arrastar as palavras. – Eu gostaria que ele me dissesse como eu poderia aguentar a temporada de feiras sem tomar um remédio fortificante um mês antes. Pense no que eu tenho que fazer para agradar aos clientes, minha querida! – neste ponto, Mrs. Mawmsey voltou-se para uma amiga íntima que estava sentada ao seu lado –, uma grande torta de vitela, carne recheada, bifes de lagarto, presunto, língua etc...etc. Mas o que me faz bem mesmo é a mistura rosa, não a marrom. Eu me surpreendo, Mr. Mawmsey, como teve paciência para escutar, com toda a experiência que possui. Eu teria dito a ele imediatamente que eu sabia um pouco mais do que ele.

– Não, não, não – disse Mr. Mawmsey –, eu não ia dar a ele minha opinião. Ouvir tudo e julgar por mim mesmo é o meu lema. Mas ele não sabia com quem estava falando. Eu não posso ser acusado de nada. As pessoas costumam fingir

que me dizem coisas, quando elas também poderiam dizer: “Mawmsey, você é um tolo”. Mas eu dou risada, eu dou boas risadas dos pontos fracos de todo mundo. Se um remédio tivesse feito mal a mim e à minha família eu já teria descoberto.

No dia seguinte, Mr. Gambit foi informado de que Lydgate andava dizendo que remédios não serviam para nada.

– É mesmo? – disse ele, erguendo as sobrancelhas com cautelosa surpresa. (Ele era um homem corpulento e robusto com um grande anel no dedo anular). – E como, então, ele pensa em curar seus pacientes?

– É isso mesmo o que eu digo – respondeu Mrs. Mawmsey, que habitualmente enfatizava seus comentários carregando os pronomes. – Ele pensa que as pessoas vão pagar apenas para ele vir, sentar-se com eles e ir embora de novo?

Mrs. Mawmsey havia tido muitas conversas com Mr. Gambit, incluindo detalhados pormenores de seus próprios hábitos corporais e outros assuntos, mas é claro que ele sabia que não havia nenhuma insinuação em seu comentário, já que nunca havia cobrado por seu tempo livre nem por suas narrativas pessoais. Assim, ele respondeu, bem-humorado:

– Bem, Lydgate é um jovem muito atraente.

– Mas não serei eu quem vai utilizar seus serviços – disse Mrs. Mawmsey. – Quanto aos outros, que façam o que acharem melhor.

Consequentemente, Mr. Gambit poderia deixar a mercearia sem medo de rivalidade, mas não sem a sensação de que Lydgate era um daqueles hipócritas que tentam desacreditar os outros anunciando sua própria honestidade, e que talvez valesse a pena se algumas pessoas o colocassem no lugar dele. No entanto, Mr. Gambit tinha uma clientela satisfatória, muito impregnada pelos odores do comércio de varejo, que sugeria a redução dos pagamentos em dinheiro para se obter um equilíbrio. Ele achou que não valia a pena desmascarar Lydgate até saber como. Ele não tinha, de fato, grandes recursos de educação e teve que trabalhar seu próprio caminho contra uma boa dose de desprezo

profissional, mas ele não era pior parteiro por chamar o sistema respiratório de “pulmões”.

Outros médicos se sentiam mais capazes. Mr. Toller tinha a maior clientela da cidade e pertencia a uma antiga família de Middlemarch: havia Tollers advogados e em todas as demais profissões acima dos comerciantes. Ao contrário do nosso irascível amigo Wrench, ele lidava com a maior facilidade do mundo com as coisas que poderiam supostamente irritá-lo, sendo um homem bem-educado, calmamente brincalhão, que mantinha uma boa casa, gostava muito de caçar um pouco quando era possível, muito amigo de Mr. Hawley e hostil com Mr. Bulstrode. Pode parecer estranho que, possuindo hábitos tão agradáveis, ele fosse adepto do tratamento heroico, que consistia em sangrar, aplicar ventosas e deixar seus pacientes famintos, com um desprezo desapaixonado por seu exemplo pessoal. Porém, a incongruência favorecia seu prestígio entre seus pacientes que frequentemente comentavam que Mr. Toller tinha hábitos indolentes, mas seu tratamento era tão ativo quanto se podia desejar; nenhum homem, diziam eles, carregava mais seriedade em sua profissão: ele demorava um pouco para chegar, mas quando se apresentava, fazia alguma coisa. Ele era um grande favorito em seu próprio círculo, e tudo o que insinuava em detrimento de alguém era mais destacado por seu tom irônico e descuidado.

Ele naturalmente se cansou de sorrir e dizer: “Ah!” quando foi comunicado que o sucessor de Mr. Peacock não tinha a intenção de receitar remédios; certo dia, quando Mr. Hackbutt fez uma referência a isso depois de um jantar, entre um gole de vinho e outro, Mr. Toller disse, rindo:

– Dessa forma, Dibbitts poderá jogar fora seus medicamentos embolorados. Eu gosto do pequeno Dibbitts, fico feliz que ele tenha sorte.

– Entendo o que quer dizer, Toller – disse Mr. Hackbutt –, e sou da mesma opinião. Aproveitarei a oportunidade para me expressar nesse sentido. Um médico deve ser responsável pela qualidade dos medicamentos consumidos por seus pacientes. Essa é a razão de ser do sistema de cobrança que até agora se

obteve, e não há nada mais ofensivo do que essa ostentação da reforma quando não há uma melhora efetiva.

– Ostentação, Hackbutt? – disse Mr. Toller, ironicamente. – Não vejo assim. Um homem não pode ostentar aquilo em que ninguém acredita. Não há reforma alguma neste assunto; a questão é se o benefício econômico dos medicamentos é pago ao médico pelo farmacêutico ou pelo paciente, e se haverá remuneração extra ao atendimento dado.

– Claro, claro! Uma dessas malditas novas versões dos velhos embustes – disse Mr. Hawley, passando a garrafa para Mr. Wrench.

Mr. Wrench, que era geralmente abstêmio, costumava beber vinho com certa liberdade quando era convidado para um jantar, ficando mais irritado em consequência.

– Quanto aos embustes, Hawley – disse ele –, esta é uma palavra fácil de dizer. Mas o que eu defendo é a maneira como os médicos estão atirando pedras em seu próprio telhado e causando um tumulto em todo o país como se um clínico geral que prescreve medicamentos não pudesse ser também um cavalheiro. Rejeito a imputação com desprezo. Na minha opinião, a pior rasteira da qual um homem pode ser culpado é vir entre os membros de sua profissão com inovações que são uma calúnia contra seus consagrados procedimentos. Esta é a minha opinião, e estou disposto a sustentá-la contra qualquer um que me contradiga – a voz de Mr. Wrench tornou-se excessivamente aguda.

– Eu não posso ajudá-lo com isso, Wrench – disse Mr. Hawley, enfiando as mãos nos bolsos das calças.

– Meu caro amigo – disse Mr. Toller, intervindo conciliadoramente e olhando para Mr. Wrench –, os facultativos estão sendo mais pisados do que nós. Se falamos de dignidade, esta é uma questão para Minchin e Sprague.

– A jurisprudência médica não fornece nada contra essas infrações? – perguntou Mr. Hackbutt, com um desejo desinteressado de oferecer seu talento. – O que diz a lei sobre isso, hein, Hawley?

– Não há nada a ser feito – disse Mr. Hawley. – Eu examinei a questão para

Sprague. Você só iria bater de frente contra a decisão de um maldito juiz.

– Ora! Para que precisamos da lei? – disse Mr. Toller. – No que diz respeito à sua clientela, a tentativa é um absurdo. Nenhum paciente vai gostar disso... certamente não um paciente de Peacock, acostumado com a debilitação. Passe o vinho.

A previsão de Mr. Toller foi parcialmente cumprida. Se Mr. e Mrs. Mawmsey, que não tinham ideia de empregar Lydgate, estavam inquietos com sua suposta declaração contra os medicamentos, era inevitável que aqueles que o chamassem observassem com um pouco de ansiedade para verificar se usava “todos os meios ao seu alcance” no caso. Até mesmo o bondoso Mr. Powderell, que em sua constante caridade interpretativa tendia a estimar mais Lydgate pelo que parecia uma busca conscienciosa de um plano melhor, teve sua mente perturbada por dúvidas durante o ataque de erisipela de sua esposa, e não pôde se abster de mencionar a Lydgate que Mr. Peacock, em uma ocasião semelhante, lhe havia administrado algumas pílulas que não eram definíveis de outra forma senão por seu notável efeito de restabelecer Mrs. Powderell antes da Festa de São Miguel, de uma enfermidade contraída em um mês de agosto extremamente quente. Por fim, dividido entre seu desejo de não ferir Lydgate e sua ansiedade para que não faltassem “meios”, ele induziu sua esposa em particular a tomar as pílulas purificadoras de Widgeon, um estimado remédio muito apreciado em Middlemarch, que detinha todas as doenças no início porque atuava diretamente no sangue. Esta medida cooperativa não deveria ser mencionada a Lydgate, e o próprio Mr. Powderell não confiava totalmente nela, apenas esperava que pudesse ser atendido com uma bênção.

Porém, nesta etapa incerta da sua iniciação, Lydgate foi assistido pelo que nós mortais precipitadamente chamamos de boa sorte. Suponho que nenhum médico tenha chegado a algum lugar novo sem efetuar curas que surpreendessem alguém, curas que pudessem ser chamadas de testemunhas do destino e que mereciam tanto respeito quanto as escritas ou impressas. Vários pacientes melhoraram enquanto Lydgate os atendia, alguns até se recuperaram

de enfermidades perigosas; e foi observado que o novo médico, com seus novos métodos, tinha pelo menos o mérito de devolver à vida as pessoas que estavam no seu leito de morte. As tolices ditas em tais ocasiões eram ainda mais vexatórias para Lydgate, já que proporcionavam precisamente o tipo de prestígio que um homem incompetente e inescrupuloso desejaria, e com certeza seriam imputadas a ele pela aversão latente dos outros colegas, com a finalidade de favorecer a máxima ignorância. Porém, mesmo sua altiva franqueza foi reprimida pelo discernimento de que era tão inútil lutar contra as interpretações da ignorância quanto chicotear a névoa, e a "boa sorte" insistia em fazer uso dessas interpretações.

Em uma ocasião, Mrs. Larcher sentiu-se caridosamente preocupada com os sintomas alarmantes de sua arrumadeira, e pediu a Dr. Minchin que viesse vê-la e lhe desse um atestado para a enfermaria. Depois de examinada, o médico redigiu um atestado, no qual diagnosticava um tumor e recomendava à portadora do mesmo, Nancy Nash, a uma consulta ambulatorial. Nancy passou por sua casa a caminho da enfermaria e permitiu que o fabricante de espartilhos e sua esposa, em cujo sótão ela se hospedava, lessem o texto do Dr. Minchin, e por esse meio se tornou tema de conversa compassiva nas lojas vizinhas de Churchyard Lane, como tendo um tumor inicialmente declarado ser tão grande e duro quanto um ovo de pata, mas que mais tarde naquele mesmo dia adquiriu as dimensões de um punho. A maioria dos ouvintes concordou que teria de ser removido, mas alguém tinha ouvido falar de um óleo e de uma "cochonilha" que eram adequados para amolecer e reduzir qualquer caroço no corpo quando usados em quantidade suficiente: o óleo porque o amoleceria gradualmente, a cochonilha porque se alimentaria dele.

Enquanto isso, Nancy se apresentou à enfermaria em um dos dias em que Lydgate estava lá. Depois de fazer algumas perguntas e examiná-la, Lydgate disse ao cirurgião em voz baixa: "Não é tumor, é cãibra". Ele receitou um emplasto e um xarope e a mandou para casa para descansar, e também escreveu uma nota para Mrs. Larcher, a qual, segundo a paciente, era sua melhor patroa, a

fim de testemunhar que ela precisava de boa alimentação.

Porém, aos poucos, Nancy, em seu sótão, piorou consideravelmente, quando o suposto tumor tendo de fato cedido ao emplasto, apenas deslocou-se para outra região, aumentando sua dor. A esposa do fabricante de espartilho foi buscar Lydgate e ele continuou por duas semanas a cuidar de Nancy em sua própria casa, até que sob seu tratamento ela se recuperou e voltou a trabalhar. No entanto, tanto em Church Lane quanto em outras ruas, o caso continuou a ser descrito como um tumor, inclusive por Mrs. Larcher, pois quando a notável cura de Lydgate foi mencionada ao Dr. Minchin, ele sentiu-se naturalmente relutante em dizer: “O caso não era de tumor, e eu me enganei ao descrevê-lo como tal”, mas, continuou, certamente, eu logo vi que era um caso cirúrgico, ainda que não fosse fatal”. Não obstante, ele ficou interiormente aborrecido quando perguntou na enfermaria sobre a mulher que havia recomendado dois dias antes, e ouviu do médico da casa, um jovem que não lamentou irritar Minchin impunemente, exatamente o que havia acontecido. Ele declarou em particular que era impróprio da parte de um clínico geral contradizer o diagnóstico de um médico de forma tão descarada, e concordou mais tarde com Wrench que Lydgate era desagradavelmente indiferente às regras da etiqueta. Lydgate não fez do caso um motivo para valorizar a si mesmo ou (muito particularmente) desprezar Minchin, pois tal retificação de erros de julgamento frequentemente acontecia entre homens de igual qualificação. Porém, os rumores logo passaram a abordar o assombroso caso do tumor, não claramente distinguido do câncer, e considerado o mais terrível por pertencer à classe dos que andavam, até o ponto em que o preconceito contra o método de Lydgate quanto aos medicamentos foi superado por sua maravilhosa habilidade na rápida recuperação de Nancy Nash, que todos sabiam estar se retorcendo de dor pela presença de um tumor duro e obstinado, mas que ainda assim acabou cedendo.

O que Lydgate poderia fazer? É ofensivo dizer a uma senhora quando ela está expressando sua admiração pela sua habilidade, que ela está totalmente enganada e que não há motivos para admiração? Entrar na natureza da doença

apenas aumentaria suas violações do decoro profissional. Assim, ele teve de suportar a promessa de êxito outorgada por essa adulação ignorante que perdia todas as qualidades válidas.

No caso de um paciente mais conspícuo, Mr. Borthrop Trumbull, Lydgate tinha consciência de ter se mostrado superior a um médico comum, embora aqui também tenha obtido uma vantagem equivocada. O eloquente leiloeiro havia sido acometido de pneumonia e, sendo um antigo paciente de Mr. Peacock, mandou chamar Lydgate, a quem ele havia manifestado a intenção de consultar. Mr. Trumbull era um homem robusto, um bom sujeito para testar a teoria da expectativa, observar o curso de uma doença interessante quando deixada por conta própria pelo máximo de tempo possível, a fim de que os estágios pudessem ser anotados para orientação futura. Ao julgar pela maneira como descrevia suas sensações, Lydgate presumiu que Trumbull gostaria de gozar da confiança de seu médico e ser representado como um partícipe de sua própria cura. O leiloeiro soube, sem grande surpresa, que se tratava de uma constituição que (sempre com a devida vigilância) poderia encarregar-se de si mesma, a fim de oferecer um belo exemplo de uma doença com todas as suas fases vistas claramente delineadas, e que provavelmente possuía a rara força mental para se tornar voluntariamente o ensaio de um procedimento racional e, assim, converter o distúrbio de suas funções pulmonares em um benefício geral para a sociedade.

Mr. Trumbull aquiesceu imediatamente e afirmou energicamente que uma doença sua era uma ocasião extraordinária para a ciência médica.

– Não tema; o senhor não está falando com alguém que desconhece totalmente a *vis medicatrix* [135] – disse ele, com sua costumeira superioridade de expressão, tornada um tanto patética pela dificuldade de respirar. Ele valentemente manteve sua abstinência de medicamentos, muito reconfortada pelo uso do termômetro que implicava a importância de sua temperatura, pelo convencimento de que proporcionava elementos para o microscópio, assim como para aprender muitas palavras novas que pareciam adequadas à dignidade de suas secreções. Pois Lydgate era perspicaz o bastante para satisfazê-lo com

algumas explicações técnicas.

Pode-se imaginar que Mr. Trumbull levantava-se da cama muito disposto a falar de uma doença, durante a qual havia manifestado a força de sua mente, bem como de sua boa constituição; e ele não hesitava em conceder crédito ao médico que discerniu a qualidade do paciente que tratava. O leiloeiro não era um homem mesquinho e gostava de dar aos outros o que lhes era devido, convencido de que era seu direito. Ele havia captado as palavras “método expectante” e as repetia constantemente junto a outras frases eruditas para acompanhar a afirmação de que Lydgate “sabia uma ou duas coisas a mais do que o resto dos médicos e era muito mais versado nos segredos de sua profissão do que a maioria de seus colegas”.

O fato havia acontecido antes que o caso da doença de Fred Vincy tivesse dado à inimizade do Mr. Wrench por Lydgate um terreno pessoal mais definido. O recém-chegado já ameaçava ser um incômodo na forma de rivalidade e, certamente, era um incômodo na forma de críticas práticas ou reflexões sobre seus colegas mais velhos obstinados, que estavam ocupados com coisas melhores do que ideias experimentais. Sua clientela havia se expandido por uma ou duas áreas, e desde o início dos rumores sobre a linhagem de sua família, o levara a receber geralmente muitos convites, o que fazia com que os outros médicos o encontrassem em jantares nas melhores casas, e ver-se forçado a encontrar um homem de quem você não gosta nem sempre termina em um apego mútuo. Quase nunca houvera tanta unanimidade entre eles quanto na opinião de que Lydgate era um jovem arrogante, e ainda assim pronto para mostrar uma subserviência rastejante a Bulstrode. O fato de que Mr. Farebrother, cujo nome era a principal bandeira do partido oposto a Bulstrode, sempre defendera Lydgate e se tornara seu amigo se associava à maneira inexplicável de Farebrother de lutar em duas frentes.

Havia, então, bastante preparação para a explosão de indignação profissional diante do anúncio das leis que Mr. Bulstrode estava estabelecendo para a direção do novo hospital, que eram ainda mais exasperantes porque não havia

possibilidade, até o momento, de obstruir sua vontade e seus gostos, sendo que todos, exceto lorde Medlicote, tendo se recusado a contribuir para a construção, alegavam que preferiam fazer doações para a antiga enfermaria. Mr. Bulstrode havia assumido todas as despesas e deixou de lamentar que estava adquirindo o direito de colocar em prática suas ideias de melhoria sem impedimento de colaboradores preconceituosos; mas ele havia investido grandes somas, e a construção demorara muito. Caleb Garth havia se encarregado dela, fracassando durante o progresso e, antes que os trabalhos internos fossem iniciados, havia se retirado da administração do negócio; e quando se referia ao hospital, ele costumava dizer que, não importava o que acontecesse, Bulstrode gostava de boa carpintaria e alvenaria sólida, e tinha tanto conhecimento de ralos quanto de chaminés. Na verdade, o hospital havia se convertido em um objeto de intenso interesse para Bulstrode, e ele teria voluntariamente continuado a investir uma grande soma anual para que pudesse governá-lo ditatorialmente, sem qualquer junta diretiva. Porém, ele possuía uma outra predileção que também precisava de dinheiro para sua realização: ele desejava comprar terras na vizinhança de Middlemarch e, portanto, desejava obter contribuições consideráveis para a manutenção do hospital. Enquanto isso, ele elaborava seu plano de gestão. O hospital deveria ser reservado para febre em todas as suas formas; Lydgate seria o diretor clínico para assim poder obter total liberdade para realizar todas as investigações comparativas das quais seus estudos, particularmente em Paris, haviam demostrado a importância, enquanto os demais médicos visitantes teriam uma influência consultiva, mas nenhum poder para violar as decisões finais de Lydgate. A administração geral deveria ser alocada exclusivamente nas mãos de cinco diretores associados a Mr. Bulstrode, que teriam um número de votos proporcional às suas contribuições, com a própria junta encarregada de cobrir qualquer vaga, evitando que uma multidão de pequenos contribuintes pudesse participar da administração do hospital.

Houve uma recusa imediata por parte de todos os médicos da cidade para se tornarem visitantes do Hospital da Febre.

– Muito bem – disse Lydgate a Mr. Bulstrode –, temos um excelente cirurgião residente e farmacêutico, um sujeito sensato e habilidoso; traremos Webbe, de Crabsley, um médico rural tão bom quanto qualquer um desses, para vir duas vezes por semana, e no caso de alguma operação excepcional, Protheroe virá de Brassing. Devo trabalhar mais, isso é tudo, e renunciei ao meu posto na enfermaria. O plano vai florescer, apesar deles, e então eles ficarão felizes em colaborar. As coisas não podem ficar como estão: deve haver todo tipo de reformas em breve, e então os jovens poderão vir estudar aqui – Lydgate estava animado.

– Não vou vacilar, pode estar certo disso, Mr. Lydgate – disse Mr. Bulstrode. – Enquanto estiver realizando propósitos elevados com vigor, você terá todo meu apoio. E tenho a humilde confiança de que as bênçãos que até agora assistiram meus esforços contra o espírito perverso desta cidade não me abandonarão. Eu não tenho dúvidas de que conseguirei diretores adequados. Mr. Brooke de Tipton já me deu seu consentimento, assim como uma promessa de contribuir anualmente; ele não especificou a quantia... provavelmente não será muito. Mas ele será um membro útil do conselho.

Um membro útil talvez devesse ser definido como alguém que não suscitaria problemas e sempre votaria com Mr. Bulstrode.

A partir de então, a aversão médica a Lydgate dificilmente era disfarçada. Os doutores Sprague e Minchin diziam que não se tratava do conhecimento de Lydgate, ou de sua disposição para melhorar o tratamento, o que eles não gostavam era da sua arrogância, a qual ninguém poderia negar completamente. Eles insinuavam que ele era insolente, pretensioso e dado àquela inovação imprudente por amor ao burburinho e à exibição, que eram a essência do charlatão.

A palavra charlatão, uma vez lançada ao ar, não podia ser recolhida. Naqueles dias, o mundo andava inquieto com os feitos surpreendentes de St. John Long, “nobre e cavalheiro” que declarava poder extrair um fluido como o mercúrio das têmporas de um paciente.

Certo dia, Mr. Toller comentou rindo, para Mrs. Taft, que “Bulstrode havia encontrado em Lydgate um homem a seu gosto: um charlatão na religião certamente gostará de outros tipos de charlatães”.

– Sim, de fato, posso imaginar – respondeu Mrs. Taft, mantendo o número de trinta pontos cuidadosamente em sua mente durante todo o tempo. – Há tantos desse tipo. Lembro-me de Mr. Cheshire, com seus ferros, tentando endireitar as pessoas quando o Todo-Poderoso as havia encurvado.

– Não, não – disse Mr. Toller –, Cheshire estava certo, tudo justo e honesto. Mas há as façanhas de Mr. St. John Long,[136] este é o tipo de pessoa que chamamos de charlatão, anunciando curas de maneiras que ninguém conhece; um sujeito que quer fazer barulho fingindo ir mais fundo do que as outras pessoas. No outro dia, ele estava fingindo furar o cérebro de um homem e tirar mercúrio dele.

– Meu Deus! Que maneira horrível de usar o corpo das pessoas! – exclamou Mrs. Taft.

Depois disso, em vários lugares se afirmou que Lydgate brincava até mesmo com os corpos de pessoas respeitáveis para seus próprios propósitos, e que era provável que em seus experimentos volúveis ele usasse seis ou sete pacientes do hospital. Em especial, era de se esperar, como dissera Miss Tankard, que ele dessecasse os cadáveres de maneira imprudente. Pois Lydgate, depois de atender Mrs. Goby, que morreu aparentemente de uma doença cardíaca de sintomatologia não muito clara, com muita ousadia pediu licença a seus parentes para abrir o corpo, incorrendo assim em uma ofensa que logo se espalhou para além da Parley Street, onde aquela senhora havia vivido muitos anos com uma renda que convertia a associação de seu corpo com as vítimas de Burke e Hare um flagrante insulto à sua memória.

Aquele era o estado das coisas quando Lydgate abordou o assunto do hospital com Dorothea. Como se vê, ele suportava inimizades e equívocos tolos com muito bom humor, ciente de que eram em parte criados pelo êxito que estava obtendo.

– Eles não vão me afastar – disse ele, falando confidencialmente no escritório de Mr. Farebrother. – Tenho aqui uma boa oportunidade para alcançar os fins que mais me interessam; e tenho quase certeza de que vou ter uma renda suficiente para as nossas necessidades. Em breve, poderei levar uma vida tranquila: não me seduzem as coisas externas à minha casa e meu trabalho. E estou cada vez mais convencido de que será possível demonstrar a origem homogênea de todos os tecidos. Raspail[137] e outros estão no mesmo caminho, e estou perdendo tempo.

– Não tenho poder de profecia sobre este assunto – disse Mr. Farebrother, que estava fumando o cachimbo pensativamente enquanto Lydgate falava –, mas quanto à hostilidade na cidade, você vai resistir se for prudente.

– Como posso ser prudente? – perguntou Lydgate. – Simplesmente resolvo os problemas que aparecem. Assim como Vesalius,[138] não posso evitar a ignorância e o rancor das pessoas. Não é possível adequar a conduta de uma pessoa a conclusões tolas que ninguém pode prever.

– É verdade, mas eu não me referia a isso, mas a duas outras coisas. Primeiro, mantenha-se o mais afastado possível de Bulstrode; evidentemente, você pode continuar fazendo um bom trabalho com sua ajuda, mas não se prenda a ele. Talvez o que eu digo pode parecer um sentimento pessoal, e há um bom componente disso, eu admito, mas os sentimentos pessoais nem sempre estão errados se você os resumir às impressões que os transformam em uma simples opinião.

– Bulstrode não é nada para mim – disse Lydgate, despreocupadamente –, exceto em interesses públicos. Quanto a me prender muito a ele, não gosto o suficiente dele para isso. Mas qual é a outra coisa a qual se referia? – perguntou Lydgate, ajeitando a perna o mais confortavelmente possível e sentindo que não precisava de nenhum conselho.

– Aí está. Tome cuidado, *experto crede*,[139] tome cuidado para não se atrapalhar com questões financeiras. Eu sei por uma palavra que você deixou escapar no outro dia, que você não gosta que eu jogue cartas por dinheiro. Você tem toda a razão. Mas tente evitar precisar de pequenas somas das quais você

não dispõe. Talvez eu esteja falando sem necessidade, mas um homem gosta de assumir superioridade sobre si mesmo, expondo seu mau exemplo e fazendo sermões sobre ele.

Lydgate aceitou as sugestões de Mr. Farebrother com muita cordialidade, embora dificilmente as aceitaria de outro homem. Não pôde deixar de lembrar que recentemente havia contraído algumas dívidas, mas elas pareciam inevitáveis, e ele não tinha intenção de fazer mais do que cuidar da casa de uma maneira simples. Muito tempo se passaria antes que os móveis que ele devia precisassem ser renovados, assim como o estoque de vinho.

Muitos pensamentos o animavam naquele momento, e ele tinha motivos para isso. Diante de hostilidades mesquinhas, um homem consciente de seu entusiasmo por objetivos dignos é sustentado pela memória de grandes trabalhadores que tiveram que abrir seu caminho, não sem feridas, e que pairam em sua mente como santos padroeiros, ajudando sem que ninguém veja. Uma vez em casa, na mesma noite em que estivera conversando com Mr. Farebrother, Lydgate tinha as longas pernas esticadas no sofá, a cabeça jogada para trás e as mãos entrelaçadas na nuca de acordo com sua atitude favorita para pensar, enquanto Rosamond, sentada ao piano, tocava uma melodia após a outra, das quais seu marido apenas sabia (como o elefante emocional que era) que elas se encaixavam ao seu estado de espírito como se fossem melodiosas brisas marinhas. Havia algo magnífico no visual de Lydgate naquele momento, e qualquer um poderia ter sido encorajado a apostar em seu êxito. Em seus olhos escuros e em sua boca e testa havia aquela placidez que deriva da plenitude do pensamento contemplativo, a mente que não busca, mas contempla, cujo olhar parecia estar preenchido com o que está por trás dele. Um pouco depois, Rosamond deixou o piano e sentou-se em uma cadeira perto do sofá e em frente ao marido.

– Já teve música suficiente, meu senhor? – perguntou ela, cruzando as mãos diante de si e assumindo um ar de submissão.

– Sim, querida, se você está cansada – disse Lydgate gentilmente, virando os

olhos e pousando-os nela, porém sem mudar a postura. A presença de Rosamond naquele momento talvez não fosse mais do que uma colherada adicionada ao lago, e seu instinto feminino nestes assuntos não era enfadonho.

– O que está absorvendo sua atenção? – perguntou ela, inclinando-se para a frente e aproximando o rosto do dele.

Lydgate moveu as mãos e as colocou suavemente atrás dos ombros de Rosamond.

– Estou pensando em um grande sujeito, que tinha mais ou menos a minha idade trezentos anos atrás, e já havia iniciado uma nova era na anatomia.

– Não consigo adivinhar quem é – disse Rosamond, balançando a cabeça. – Costumávamos brincar de adivinhar personagens históricos na escola de Mrs. Lemon, mas não anatomistas.

– Eu vou dizer quem é. O nome dele era Vesalius. E a única maneira de conhecer anatomia como ele conhecia era roubando corpos à noite em cemitérios e locais de execução.

– Oh! – exclamou Rosamond, com uma expressão de desgosto em seu lindo rosto, – alegro-me que não seja Vesalius. Creio que ele poderia ter encontrado uma maneira menos horrível do que essa.

– Não, ele não conseguiu – disse Lydgate, entusiasmado demais para prestar muita atenção à resposta dela. – Ele só poderia obter um esqueleto completo roubando os ossos embranquecidos de um criminoso enforcado, enterrando-os primeiro e desenterrando-os mais tarde, pouco a pouco, às escondidas durante a calada da noite.

– Espero que ele não seja um de seus grandes heróis – disse Rosamond, meio de brincadeira, meio preocupada –, do contrário, eu já o vejo levantando-se à meia-noite para ir ao cemitério de São Pedro. O senhor mesmo me disse como as pessoas ficaram furiosas com o assunto de Mrs. Goby. O senhor já tem inimigos suficientes.

– Vesalius também tinha, Rosy. Não é de admirar que os médicos de Middlemarch tenham ciúmes, quando alguns dos melhores médicos da

atualidade se opuseram a Vesalius porque acreditaram em Galeno, e ele demonstrou que Galeno estava errado. Eles o chamaram de mentiroso e de monstro venenoso. Mas a realidade do esqueleto humano estava do seu lado, portanto, ele levou a melhor sobre eles.

– E o que aconteceu com ele depois? – perguntou Rosamond, com algum interesse.

– Bem, ele lutou bastante até o fim. E eles o exasperaram o suficiente de uma só vez para fazê-lo queimar uma boa parte de seu trabalho. Então, ele naufragou quando estava vindo de Jerusalém para ocupar uma cátedra em Pádua. Ele teve uma morte muito triste.

Houve uma pausa momentânea antes de Rosamond dizer: – Sabe, Tertius, muitas vezes gostaria que não fosse um médico.

– Não, Rosy, não diga isso – disse Lydgate, puxando-a para mais perto dele. – É como dizer que você gostaria de ter se casado com outro homem.

– Em absoluto; o senhor é inteligente o suficiente para qualquer coisa: poderia facilmente ter se dedicado a outra profissão. E todos os seus primos em Quallingham pensam que caiu socialmente ao escolher tal profissão.

– Os primos de Quallingham podem ir para o inferno! – disse Lydgate com desprezo. – É típico da sua insolência que digam algo do tipo para você.

– Mesmo assim – disse Rosamond – não acho que seja uma profissão... bonita – disse ela e sabemos que ela tinha muita perseverança silenciosa em sua opinião.

– É a mais bela profissão do mundo, Rosamond – disse Lydgate, com gravidade. – E afirmar que você me ama sem amar o médico que há em mim é o mesmo que dizer que gosta de comer pêssegos, mas não gosta do seu sabor. Não diga isso de novo, querida, isso me fere.

– Muito bem, doutor sisudo – disse Rosamond, formando covinhas –, no futuro eu afirmarei que adoro esqueletos e ladrões de corpos e restos de coisas em tubos de ensaios e brigas com todo mundo, que terminam em uma morte miserável.

– Não, não, não é tão ruim assim – disse Lydgate, desistindo de protestar e acariciando-a com resignação.

CAPÍTULO XLVI

“Bem, já que não podemos ter o que queremos, queremos o que podemos”.[140]
– SPANISH PROVERB

Enquanto Lydgate, convenientemente casado e com o hospital sob seu comando, sentia-se em luta contra Middlemarch pela reforma médica, Middlemarch se tornava cada vez mais consciente da luta nacional por outro tipo de reforma.

Na época em que a medida de lorde John Russell[141] estava sendo debatida na Câmara dos Comuns, havia uma nova animação política em Middlemarch e uma nova definição de partidos que poderia mostrar uma decidida mudança de equilíbrio se uma nova eleição ocorresse. Havia quem já previsse este evento, declarando que um projeto de lei de reforma jamais seria aprovado pelo próprio Parlamento. Era isso o que Will Ladislaw salientava a Mr. Brooke como um motivo de alegria por ele ainda não ter medido suas forças nos palanques.

– As coisas vão crescer e amadurecer como se fosse um ano de cometa – disse Will. – Agora que a questão da reforma já foi apresentada, a temperatura do público subirá astronomicamente. É provável que haja outra eleição em breve, e, então, Middlemarch terá mais ideias na cabeça. O que temos que fazer agora é trabalhar no “Pioneiro” e nas reuniões políticas.

– Muito bem, Ladislaw; vamos trazer algo novo para a nossa opinião – disse Mr. Brooke. – Só quero me manter independente em relação à reforma, sabe? Não quero ir muito longe. Quero seguir a linha de Wilberforce e Romilly, sabe, e trabalhar na emancipação dos negros, no direito penal, esse tipo de coisas. Mas é claro que vou apoiar Gray.

– Se está de acordo com o princípio da reforma, deve estar preparado para

aceitar o que a situação oferece – disse Will. – Se todos lutassem contra todos os demais, toda a questão desmoronaria.

– Sim, sim, concordo com você, e compartilho o seu ponto de vista. Devo colocá-lo sob essa luz. Devo apoiar Gray, você sabe. Mas não quero mudar o equilíbrio da constituição, e penso que tampouco Gray o faria.

– Mas é isso o que o país quer – disse Will. – Do contrário, não haveria nenhum sentido para as alianças políticas ou qualquer outro movimento que saiba do que se trata. O país quer uma Câmara dos Comuns que não seja composta por nomeados da classe proprietária, mas por representantes de outros interesses. E quanto a lutar por uma reforma diferente disso, é como pedir um pouco de uma avalanche que já começou a trovejar.

– Está tudo muito bem, Ladislaw: é assim que deve ser. Escreva isso. Precisamos começar a reunir documentos sobre o sentimento do país, bem como sobre a quebra de máquinas e a angústia geral.

– Quanto aos documentos – disse Will – cabe tudo em um cartão de duas polegadas. Algumas fileiras de números são suficientes para deduzir a miséria, e mais algumas mostrarão a taxa em que a determinação política do povo está crescendo.

– Bem, estenda isso um pouco mais detalhadamente, Ladislaw. Essa é uma ideia: publique-a no jornal. Exponha os números e deduza a miséria, você sabe; e coloque os outros números e deduza... e assim por diante. Você sabe como colocar as coisas. Burke, quando penso em Burke, não posso deixar de desejar que alguém tivesse um pequeno distrito para lhe entregar, Ladislaw. Você nunca seria eleito, sabe. E sempre vamos precisar de talentos na Câmara: podemos ter a reforma que queremos, e sempre precisamos de talentos. Aquela avalanche e o trovão, agora, foram realmente um pouco como Burke. É esse tipo de coisa que eu quero... não ideias, você sabe, mas a maneira de expressá-las.

– Os pequenos distritos seriam uma coisa boa – disse Ladislaw – se estivessem sempre nas mãos certas e sempre houvesse um Burke disponível.

Will não ficou descontente com aquela comparação elogiosa, mesmo partindo

de Mr. Brooke; é um pouco exasperante para a condição humana estar consciente de se expressar melhor do que outros e nunca ser reconhecido, e na ausência geral de admiração, mesmo alguns aplausos casuais no momento oportuno são muito consoladores. Will pensava que seus refinamentos literários estavam além dos limites da percepção de Middlemarch; no entanto, ele estava começando a entusiasmar-se pelo trabalho sobre o qual, no princípio, havia dito a si mesmo com indiferença: “Por que não?”, e estudava a situação política com o mesmo ardor que antes dedicava à métrica do medievalismo. É inegável que se não fosse pelo desejo de estar onde Dorothea estava, e talvez por não saber que outra coisa fazer, Will não estaria neste momento meditando sobre as necessidades do povo inglês ou criticando os estadistas ingleses. Ele provavelmente estaria perambulando pela Itália esboçando planos para algum drama, ensaiando com a prosa e achando-a muito árida, experimentando versos e achando-os muito artificiais, começando a copiar “partes” de quadros antigos, e deixando-as de lado porque “não eram boas”, e observando que, depois de tudo, o mais importante era aumentar a própria cultura enquanto na política ele simpatizaria calorosamente com a liberdade e o progresso em geral. Nosso senso de dever muitas vezes deve aguardar a aparição de algum trabalho que ocupe o lugar do diletantismo e nos faça sentir que a qualidade de nossas ações não pode ser indiferente.

Ladislaw já havia aceitado sua parte do trabalho, embora não fosse a coisa mais indeterminada e elevada com a qual um dia sonhara como a única digna de esforço contínuo. Sua natureza se animava facilmente diante de temas que estavam visivelmente relacionados com a vida e a ação, e sua facilidade para rebelar-se o ajudava a fazer brilhar o espírito público. Apesar de Mr. Casaubon e do seu banimento de Lowick, ele estava bastante feliz, obtendo muitos conhecimentos novos de uma forma viva e para fins práticos, e tornando o “Pioneiro” célebre até em Brassing (não importa a pequenez da área; a escrita não era pior do que grande parte do que acontece nos quatro cantos do mundo).

Mr. Brooke era, às vezes, irritante, mas a impaciência de Will era aliviada

pela divisão de seu tempo entre as visitas a Tipton Grange e as reclusões em seus aposentos em Middlemarch, o que dava variedade à sua vida. *"Veja por outro lado"*, pensava ele, *"Mr. Brooke poderia estar no gabinete, enquanto eu seria o subsecretário. Esta é a ordem lógica das coisas: as pequenas ondas fazem as grandes e são do mesmo padrão. Estou melhor aqui do que levando o tipo de vida para o qual Mr. Casaubon teria me educado, onde tudo seria estabelecido por um precedente muito rígido para que eu pudesse reagir. Não ligo para prestígio ou um bom salário"*.

Como Lydgate havia dito sobre ele, Will Ladislaw era uma espécie de cigano que gostava bastante da sensação de não pertencer a nenhuma classe; sua situação lhe proporcionava a sensação de uma aventura romântica e também uma agradável convicção de provocar uma certa surpresa aonde quer que fosse. Esse desfrute foi perturbado quando sentiu um distanciamento entre ele e Dorothea em seu encontro acidental na casa de Lydgate, e sua irritação se dirigiu contra Mr. Casaubon, que havia declarado de antemão que Will perderia sua categoria. "Eu nunca tive nenhuma categoria", teria dito, se aquela profecia tivesse sido feita em sua presença, e o sangue teria rapidamente aparecido e desaparecido de sua pele transparente como um sopro. Porém, uma coisa é gostar de desafio e outra é gostar de suas consequências.

Enquanto isso, a opinião da cidade sobre o novo editor do "pioneiro" tendia a confirmar a visão de Mr. Casaubon. O parentesco de Will naquela área distinta não servia, assim como as altas conexões de Lydgate, como apresentação vantajosa, e se houvesse rumores de que o jovem Ladislaw era sobrinho ou primo de Mr. Casaubon, também havia rumores de que "Mr. Casaubon não teria nada a ver com dele".

– Brooke o adotou – disse Mr. Hawley –, porque isso é o que nenhum homem em seu juízo perfeito poderia esperar. Casaubon, podem estar certos disso, tem todas as razões para dar as costas para um jovem cuja educação ele financiou. É típico de Brooke, um desses sujeitos que elogiam um gato para vender um cavalo.

Algumas esquisitices de Will, mais ou menos poéticas, pareciam dar razão a Mr. Keck, o editor do “Trombeta”, quando afirmava que Ladislaw, se a verdade fosse conhecida, não era apenas um espião polonês, mas um louco desvairado, o que explicava a rapidez e desenvoltura sobrenatural de seu discurso quando subia a uma tribuna, o que fazia sempre que surgia uma oportunidade, falando com uma facilidade que contrastava com a rigidez inglesa em geral. Keck ficava enjoado ao ver um jovem despojado, com cachos loiros em volta da cabeça, levantar-se e discursar durante horas contra instituições “que existiam desde quando ele estava no berço”. Em um editorial do “Trombeta”, Keck caracterizou o discurso de Ladislaw em uma reunião a favor da reforma como “a agressividade de um energúmeno, um esforço miserável para envolver com o brilho dos fogos de artifício a ousadia de afirmações irresponsáveis e a pobreza de um conhecimento que retratava a descrição mais recente e improvisada”.

– Foi um artigo estrondoso aquele de ontem, Keck – disse Dr. Sprague, com intenções sarcásticas. – Mas o que é um energúmeno?

– Ah, é um termo que surgiu na Revolução Francesa – explicou Keck.

Este aspecto perigoso de Ladislaw era estranhamente contrastado com outros hábitos que se tornaram motivo de comentários. Ele sentia um carinho, meio artístico, meio afetuoso, por crianças pequenas; quanto menores elas fossem, com pernas toleravelmente ativas, e quanto mais engraçadas suas roupas, mais Will gostava de surpreendê-las e agradá-las. Sabemos que em Roma era dado a vagar entre os pobres, e o gosto não o abandonou em Middlemarch.

De alguma forma, havia reunido um bando de crianças divertidas, garotinhos sem chapéu com seus calções muito gastos e camisas para fora, garotinhas que afastavam o cabelo dos olhos para olhar para ele, e irmãos guardiões na idade madura de sete anos. Ele conduzia essa tropa em excursões a Halsell Wood na época de nozes, e desde que chegara o frio, eles tinham ido em um dia claro colher gravetos para uma fogueira na descida de uma encosta, onde serviu um pequeno banquete de pão de gengibre e improvisou uma peça de teatro[142] com algumas marionetes de fabricação caseira. Esta era uma esquisitice. Outra era

que, nas casas onde se tornava amigo, ele costumava se alongar em cima do tapete enquanto falava, atitude na qual o encontravam, alguns visitantes ocasionais, para quem tal irregularidade provavelmente confirmava as ideias sobre sua perigosa mistura de sangue e desleixo.

Porém, os artigos e discursos de Will naturalmente eram recomendados em famílias que o novo rigor da divisão partidária havia deixado de lado da reforma. Ele foi convidado para a casa de Mr. Bulstrode, mas lá ele não podia se deitar no tapete e Mrs. Bulstrode achava que a maneira como se referia a países católicos, como se houvesse uma trégua com o Anticristo, exemplificava a inclinação natural para a insanidade nos homens intelectuais.

No entanto, na casa de Mr. Farebrother, a quem a ironia dos acontecimentos havia alienado com Bulstrode na política nacional, Will se tornou o favorito das mulheres; especialmente da pequena Miss Noble, a quem, manifestando outra de suas esquisitices, costumava escoltar quando a encontrava na rua com sua cestinha, oferecendo-lhe o braço diante de toda a cidade e insistindo em acompanhá-la em suas visitas, onde ela distribuía seus pequenos mantimentos desviados de casa e sua própria cota de doces.

Mas a casa que ele visitava com mais frequência e onde mais se deitava no tapete era a de Lydgate. Os dois homens não eram nada parecidos, mas concordaram em muitas coisas. Lydgate era bruto, mas não irritado, e prestava pouca atenção às melancolias de pessoas saudáveis; e Ladislaw não costumava desperdiçar suas suscetibilidades com aqueles que não as apreciavam. Com Rosamond, por outro lado, ele se dava a amuos e era obstinado, às vezes era até descortês, para surpresa da anfitriã. Mesmo assim, ele se tornava gradualmente indispensável para seu entretenimento ao acompanhá-la no piano, pois sua conversa amena e sua ausência de preocupações sérias, as quais, apesar de toda a ternura e indulgência do marido, muitas vezes tornavam seus modos insatisfatórios e confirmavam sua antipatia pela profissão médica.

Lydgate, inclinado a ser sarcástico sobre a fé supersticiosa das pessoas na eficácia do “projeto de lei”, enquanto ninguém se importava com o mau estado

da patologia, às vezes atacava Will com perguntas incômodas. Em uma noite de março, Rosamond, em seu vestido cor-de-cereja com penas de cisne enfeitando o pescoço, sentou-se à mesa de chá; Lydgate, que acabara de chegar cansado do trabalho, sentou-se em uma poltrona perto do fogo com uma perna dobrada sobre o cotovelo e a testa um pouco franzida enquanto seus olhos vagavam pelas colunas do “Pioneiro”. Nesse meio tempo, Rosamond, tendo notado que ele estava perturbado, evitou olhar para ele e interiormente deu graças aos céus por ela mesma não ter um temperamento depressivo. Will Ladislaw estava esticado no tapete, contemplando distraidamente o mastro da cortina, e cantarolando em voz baixa as notas de “*Quando eu vi o teu rosto pela primeira vez*”; enquanto o *spanie*l, também estendido, porém com pouca escolha de lugar, observava por entre as patas o usurpador do tapete com uma forte e silenciosa objeção.

Quando Rosamond trouxe uma xícara de chá para Lydgate, ele jogou o jornal de lado e disse a Will, que havia se levantado e se aproximava da mesa:

– Não adianta você apregoar que Brooke é um proprietário reformista, Ladislaw. Eles simplesmente acham mais motivos para sabotá-lo no “Trombeta”.

– Não importa; aqueles que leem o “Pioneiro” não leem o “Trombeta”. – disse Will, engolindo o chá e caminhando pela sala. – Você acha que o público lê tendo em vista uma mudança de opinião? Se fosse assim, precisaríamos de uma poção mágica vingativa... “mistura, mistura, mistura bem, quem puder misturar” [143] e ninguém saberia qual partido escolher.

– Farebrother diz que não acredita que Brooke seria eleito se a oportunidade surgisse: os próprios homens que dizem estar a seu favor tirariam da manga um outro candidato no momento oportuno.

– Não há mal nenhum em tentar. É bom ter parlamentares residentes.

– Por quê? – indagou Lydgate, que costumava usar as palavras inconvenientes em um tom brusco.

– Eles representam melhor a estupidez local – disse Will, rindo e sacudindo os cachos – e se comportam da melhor maneira possível com seus vizinhos. Brooke não é um sujeito ruim, mas ele fez algumas coisas boas em sua

propriedade que nunca teria feito se não fosse por essa atração parlamentar.

– Ele não está apto a ser um homem público – disse Lydgate, com uma firmeza desdenhosa. – Ele decepcionaria a todos que contaram com ele, isso eu posso ver no hospital. Só que lá Bulstrode segura as rédeas e o conduz.

– Isso depende de como você fixa seu padrão de homens públicos – disse Will. – Ele é bom o suficiente para a ocasião: quando as pessoas tomam uma decisão como agora, não querem um homem, querem apenas um voto.

– É assim com vocês, escritores políticos, Ladislaw... clamam por uma medida como se fosse uma cura universal, e clamam por homens que fazem parte da mesma doença que precisa de cura.

– E por que não? Os homens podem contribuir com a cura sem saber disso – disse Will, que podia encontrar razões de improviso sem ter pensado na pergunta previamente.

– Isso não é desculpa para encorajar o exagero supersticioso de esperança sobre esta medida em particular, ajudar o clamor a engoli-la inteira e enviar ao Parlamento papagaios votantes que só servem para conseguir sua aprovação. Você luta contra a corrupção e não há nada mais corrupto do que fazer as pessoas acreditarem que a sociedade pode ser curada mediante uma artimanha política.

– Está tudo muito bom, meu caro. Porém, a sua cura deve começar em algum lugar, e suponha que as mil coisas que degradam uma população nunca poderão ser reformadas sem essa medida específica para começar. Veja o que Stanley disse no outro dia, que a Câmara passava muito tempo entretida com pequenas questões de suborno, investigando se este ou aquele eleitor tinha recebido um guinéu quando todos sabem que os assentos são vendidos no atacado. Esperar que os agentes públicos sejam sábios e conscientes... tolice! A única consciência em que se pode confiar é o sentimento massivo de injustiça de uma classe, e a melhor sabedoria é a que equilibra os direitos. Meu lema é: qual é o lado mais prejudicado? Apoio quem apoia os direitos dos prejudicados e não o virtuoso defensor das injustiças.

– Todas essas generalidades sobre um caso particular é mais do mesmo,

Ladislaw. Quando eu digo que apoio a dose que cura, não quero dizer que apoio o uso do ópio em um determinado caso de gota.

– Não estou alimentando a questão: se não devemos tentar nada até encontrarmos homens imaculados com quem trabalhar. Você seguiria esse plano? Se houvesse um homem que apresentasse a você uma reforma médica e um outro que se oporia a ela, você se perguntaria qual deles teria os melhores motivos ou mesmo os melhores cérebros?

– Naturalmente – disse Lydgate, vendo-se em xeque-mate por um movimento que ele mesmo costumava usar –, se não podemos trabalhar com os homens que temos à mão, as coisas chegariam a um impasse. Supondo que fossem verdadeiras as piores opiniões que correm pela cidade sobre Bulstrode, isso não tornaria menos verdade o fato de que ele tem o bom senso e a decisão para fazer o que eu acho que deveria ser feito nos assuntos que eu conheço e me interessam mais; mas este é o único fundamento no qual eu o apoio – acrescentou Lydgate, com bastante orgulho, tendo em mente os conselhos de Mr. Farebrother. – Em outros aspectos, não tenho o menor interesse por ele; eu não iria reverenciá-lo em qualquer terreno pessoal, eu ficaria longe disso.

– Você quer dizer que eu reverencio Brooke por algum motivo pessoal? – perguntou Will Ladislaw, irritado, voltando-se bruscamente. Pela primeira vez ele se sentia ofendido com Lydgate; não menos, talvez, porque ele teria recusado qualquer investigação minuciosa sobre o desenvolvimento de suas relações com Mr. Brooke.

– Em absoluto – disse Lydgate –, eu estava simplesmente explicando minhas próprias ações. Eu quis dizer que um homem pode trabalhar para um fim determinado com outros cujos motivos e perspectivas em geral sejam ambíguos, sempre e quando ele tiver certeza de sua independência pessoal e de que não está trabalhando por interesses particulares, sejam eles posição ou dinheiro.

– Neste caso, por que você não estende sua liberalidade aos outros? – indagou Will, ainda irritado. – Minha independência pessoal é tão importante para mim quanto a sua é para você. Você não tem maiores razões para imaginar

que espero algo pessoal de Brooke do que eu tenho para imaginar que você as tenha com relação a Bulstrode. Suponha que os motivos sejam questões de honra... ninguém pode provar. Mas quanto à posição e ao dinheiro – concluiu Will, jogando a cabeça para trás –, acho que está muito claro que não sou condicionado por considerações desse tipo.

– Você me entendeu mal, Ladislaw – disse Lydgate, surpreso. Ele estava preocupado com sua própria justificativa, pois não havia considerado o que Ladislaw poderia inferir por conta própria. – Peço perdão por incomodá-lo sem querer. Na verdade, prefiro atribuir a você um desprezo romântico por seus próprios interesses mundanos. Sobre a questão política, referi-me simplesmente aos preconceitos intelectuais.

– Como vocês dois estão desagradáveis esta noite! – disse Rosamond. – Não consigo conceber o porquê de o dinheiro ser mencionado. Política e medicina são suficientemente desagradáveis para se discutir. Vocês dois podem continuar brigando com todo o mundo e um com o outro sobre esses dois tópicos.

Rosamond tinha um aspecto neutro ao dizer isso enquanto se levantava para tocar a campainha e depois se dirigir à sua mesa de trabalho.

– Pobre Rosy! – disse Lydgate, estendendo a mão quando ela passou por ele. – As discussões não divertem os querubins. Toque um pouco de música. Peça a Ladislaw para cantar com você.

Quando Will se foi, Rosamond perguntou ao marido:

– Por que estava tão irritado esta noite, Tertius?

– Eu? Era Ladislaw quem estava de mau humor. Ele era um pavio de pólvora.

– Quero dizer, antes disso. Algo o aborreceu antes de você entrar, você parecia zangado. E isso o fez discutir com Ladislaw. Você me magoa muito quando está assim, Tertius.

– Eu? Então sou um bruto – disse Lydgate, acariciando-a penitentemente.

– O que o irritou?

– Oh, assuntos externos... negócios.

Na verdade, era uma carta insistindo no pagamento de uma conta de móveis.

Mas Rosamond esperava um filho e Lydgate desejava poupá-la de qualquer perturbação.

CAPÍTULO XLVII

O verdadeiro amor jamais foi amado em vão
Pois o verdadeiro amor é a maior conquista.
Nenhuma arte é capaz de criá-lo: ele deve brotar
Onde os elementos são estimulantes.
Então, no lugar e hora do céu
Nasce a pequena flor silvestre,
Raiz descendente e caule ascendente,
Formada pelo céu e pela terra.

Foi em uma noite de sábado que Will Ladislaw teve aquela pequena discussão com Lydgate. O efeito, quando chegou ao seu próprio aposento, foi ficar acordado a noite toda pensando uma e outra vez, com uma irritação renovada, em tudo o que ele havia pensado antes de ter se estabelecido em Middlemarch e se comprometido com Mr. Brooke. As hesitações anteriores a esse passo haviam se transformado em suscetibilidade diante de cada insinuação de que ele teria sido mais sábio se não o tivesse dado: daí o ardor para com Lydgate, um ardor que ainda o mantinha inquieto. Estaria ele fazendo o papel de um tolo? E em um momento em que estava mais consciente do que nunca de ser algo melhor do que um tolo? E com qual finalidade?

Bem, nenhuma em especial. É verdade que ele tinha fantasias sobre possibilidades; não há um ser humano que, tendo suas paixões e pensamentos, não pense sob influência de suas paixões, não encontre imagens surgindo em sua mente que acalmem sua paixão com esperança ou a atormentem com pavor. Mas isso, que acontece a todos nós, acomete algumas pessoas de uma maneira especial, e Will não era desses cujo juízo “mantém o rumo certo”: ele possuía

seus desvios nos quais encontrava pequenas alegrias de sua própria escolha, desvios que os cavalheiros que galopam na estrada principal poderiam ter considerado um tanto quanto idiotas. Um exemplo disso era a forma pela qual ele transformara seus sentimentos por Dorothea em uma espécie de felicidade. Pode soar estranho, mas o fato é que a perspectiva ordinária e vulgar de que Mr. Casaubon suspeitava dos sentimentos de Will por Dorothea –, ou seja, que Dorothea poderia ficar viúva e que o interesse que ele havia despertado na mente dela poderia tornar-se a aceitação dele como um marido –, não tinha poder tentador nem convincente sobre Will, já que ele não vivia com a possibilidade de tal evento, e assim seguia, como todos nós fazemos com aquele "dilema" imaginário que constitui nosso paraíso prático. Não era apenas que ele não estava disposto a nutrir pensamentos passíveis de acusação de ordinários, e que já se sentia inquieto por precisar se justificar da acusação de ingratidão, mas a consciência latente de muitas outras barreiras entre ele e Dorothea, além da existência de seu marido, havia contribuído para desviar sua atenção da especulação sobre o que poderia acontecer a Mr. Casaubon. E ainda havia outras razões. Will, como sabemos, não suportava a possibilidade de qualquer falha em seu cristal; ele ficava imediatamente exasperado e encantado com a serena liberdade com a qual Dorothea olhava para ele e falava com ele, e havia algo tão requintado em pensar nela tal como era, que ele não poderia desejar uma mudança que, de alguma forma, fosse modificá-la. Não é verdade que evitamos a versão de rua de uma boa melodia? Ou que nos esquivamos da notícia de que uma peça exótica, talvez uma escultura ou uma gravura, diante da qual nos detivemos –, quase com exultação pelo trabalho que tivemos para vislumbrá-la –, não é realmente uma coisa incomum, e pode ser adquirida como um objeto cotidiano? Nosso bem-estar depende da qualidade e amplitude de nossa emoção, e para Will, uma criatura que pouco se importava com o que chamamos de coisas sólidas da vida, mas se importava muito com suas influências mais sutis, possuir dentro de si um sentimento como o que experimentava por Dorothea, era como se tivesse herdado uma fortuna. O que outros poderiam ter chamado de

futilidade de sua paixão constituía um deleite adicional para sua imaginação: ele estava consciente de um movimento generoso, assim como de verificar em sua própria experiência aquela sublime poesia de amor que havia encantado sua imaginação. Dorothea, ele dizia a si mesmo, estaria para sempre entronizada em sua alma; nenhuma outra mulher poderia ocupar um lugar mais elevado, e se ele pudesse escrever em sílabas imortais o efeito que ela produzia nele, poderia ter se gabado do exemplo do velho Drayton,[144] que diz:

"A partir de agora, as rainhas podem viver felizes
Pois reinam sobre as esmolas do elogio que para elas é supérfluo".

Porém, o resultado era questionável. E o que mais ele poderia fazer por Dorothea? Qual era o valor de sua devoção? Era impossível saber. Ele se manteria por perto. Ele não via entre suas amizades ninguém a quem pudesse acreditar que ela falasse com a mesma confiança e sinceridade que demonstrava com ele. Em uma ocasião ela disse que gostaria que ele ficasse; e ele ficaria, não importavam os muitos dragões cuspidores de fogo que a rodeassem.

Essa havia sido sempre a conclusão das hesitações de Will. Mas ele não estava isento de contradições e rebeliões até mesmo em relação à sua própria decisão. Ele costumava ficar irritado, como naquela noite em particular, por alguma demonstração externa de que seus esforços públicos com Mr. Brooke como chefe poderiam não parecer tão heroicos como ele gostaria que fossem, o que estava sempre associado a outro motivo de irritação: apesar de estar sacrificando sua dignidade pelo bem de Dorothea, ele quase nunca podia vê-la. Com isso, não sendo capaz de contradizer esses fatos desagradáveis, ele contradizia suas inclinações mais fortes e dizia: "Eu sou um tolo".

No entanto, uma vez que o debate interno necessariamente se voltava para Dorothea, ele terminava, como fizera muitas vezes antes, apenas obtendo uma consciência mais viva do que sua presença era para ele. E ao se lembrar de que o dia seguinte era domingo, decidiu ir à igreja de Lowick para vê-la. Will foi dormir com esse objetivo, mas enquanto se vestia à luz racional da manhã, a objeção disse: "Isso é quase um desafio à proibição de Mr. Casaubon de visitar

Lowick, e Dorothea ficará descontente". "Bobagem!", argumentou a propensão; seria monstruoso demais da parte dele me impedir de ir a uma bela igreja rural em uma manhã de primavera. "E Dorothea ficará feliz". "Ficará claro para Mr. Casaubon que você foi para irritá-lo ou para ver Dorothea". "Não é verdade que vou aborrecê-lo, e por que não deveria ir ver Dorothea? Será que ele deve ter tudo para si e estar sempre confortável? Deixe-o sofrer um pouco, como as outras pessoas são obrigadas a fazer. Sempre gostei da singularidade da igreja e da congregação; além disso, eu conheço os Tuckers; ficarei no banco deles".

Tendo silenciado a objeção pela força da irracionalidade, Will caminhou até Lowick como se estivesse a caminho do paraíso, cruzando Halsell Common e contornando o bosque, onde os raios de sol iluminavam o caminho sob os ramos que brotavam, trazendo à tona as belezas do musgo e dos líquens, e dos ternos brotos verdes que ultrapassavam o acastanhado. Tudo parecia saber que era domingo e aprovar sua ida à igreja de Lowick. Will sentia-se feliz com facilidade quando nada contrariava seu humor, e a essa altura a ideia de irritar Mr. Casaubon havia se tornado bastante divertida para ele, fazendo seu rosto se abrir em um sorriso alegre, tão agradável de ver como o raiar da luz do sol sobre a água, embora a ocasião não tivesse nada de exemplar. No entanto, a maioria de nós tende a estabelecer dentro de nós mesmos que o homem que bloqueia nosso caminho é odioso, e não nos importamos em causar-lhe um pouco da repulsa que sua personalidade desperta em nós. Will caminhava com um livrinho embaixo do braço e uma mão em cada bolso lateral, nunca lendo, mas cantando um pouco, enquanto imaginava as cenas que teriam lugar na igreja e na saída. Ele experimentava melodias que se adaptavam a uma letra de sua autoria, às vezes testando uma melodia existente, às vezes improvisando. A letra não era exatamente um hino, mas certamente se encaixava em sua experiência dominical:

"Ai de mim, de que alegria frugal
Se alimenta o meu amor!

Um toque, um raio que não está visível,
Uma sombra que se foi;
O alento sonhado que pode estar próximo,
O som de um eco interior,
O pensamento a que acham que me curvo,
O lugar onde a vi.
O tremor de um medo banido,
Um mal que nunca foi feito
Ai de mim, de que alegria frugal
Se alimenta o meu amor!”

Às vezes, quando tirava o chapéu e balançava a cabeça para trás exibindo sua garganta delicada enquanto cantava, parecia uma encarnação da primavera cujo espírito preenchia o ar: uma criatura luminosa, plena em promessas incertas.

Os sinos ainda tocavam quando ele chegou a Lowick e se acomodou no banco do coadjutor antes que qualquer outra pessoa chegasse. Porém, quando os fiéis chegaram e a congregação se reuniu, ele continuava só. O banco do coadjutor ficava em frente ao do reitor, na entrada do pequeno presbitério, e Will teve tempo de temer que Dorothea não viesse enquanto olhava em volta para o grupo de rostos rurais que compunham a congregação, ano após ano, entre as paredes caiadas de branco e bancos velhos e escuros, refletindo apenas algumas poucas mudanças, como nos galhos de uma árvore aqui e ali quebrados pela idade, mas que ainda assim continuavam produzindo novos brotos. A cara de sapo de Mr. Rigg soava estranha e inexplicável, mas apesar deste atropelo na ordem natural das coisas, ainda havia os Waules e a linhagem rural dos Powderells em seus bancos, lado a lado; a bochecha do irmão Samuel tinha a mesma marca rosada de sempre, e as três gerações de nobres aldeões chegavam como antigamente com um sentimento de dever para com seus superiores: as crianças menores olhando para Mr. Casaubon, que vestia uma veste preta e estava posicionado no local mais elevado, como o chefe de todos eles, com uma

face taciturna como se dissesse que ofendê-lo seria terrível. Mesmo em 1831, Lowick estava em paz, não mais agitada pela reforma do que pelo teor solene do sermão dominical. A congregação estava acostumada com a presença de Will na igreja em outros tempos, e ninguém deu muita atenção a ele, exceto o coro, que esperava que ele se destacasse durante os cânticos.

Neste pitoresco cenário, apareceu por fim Dorothea, caminhando pelo curto corredor, vestindo seu gorro de castor branco e capa cinza, mesma veste que ela havia usado no Vaticano. Como desde a entrada seu rosto estivesse voltado para o presbitério, até mesmo seus olhos míopes logo discerniram Will; não houve, porém, nenhuma demonstração externa de seus sentimentos, exceto uma ligeira palidez e uma grave reverência quando passou por ele. Para sua própria surpresa, Will se sentiu repentinamente desconfortável e não ousou olhar para ela depois que se cumprimentaram. Dois minutos mais tarde, quando Mr. Casaubon saiu da sacristia e se sentou diante de Dorothea, Will sentiu-se mais paralisado. Ele não conseguia olhar para lugar nenhum, exceto para o coro na pequena galeria acima da porta da sacristia. Talvez Dorothea estivesse sofrendo e ele cometera um erro terrível. Já não era mais divertido irritar Mr. Casaubon, que provavelmente tinha a vantagem de observá-lo e verificar que ele não ousava virar a cabeça. Por que ele não tinha imaginado isso de antemão? Mas ele não podia prever que estaria sentado naquele banco sozinho, sem o socorro de algum dos Tucker, que aparentemente haviam partido de Lowick, pois um novo ministro estava no púlpito. Ele continuou se chamando de estúpido por não prever que seria impossível olhar para Dorothea... talvez ela interpretasse sua presença como uma impertinência. No entanto, não havia como escapar de sua jaula e Will concentrou-se no seu livro como se fosse um professor de escola, sentindo que o serviço matinal nunca havia sido tão longo, que ele estava fazendo um papel ridículo, estava de mau humor e não era feliz. Era essa a recompensa por idolatrar a mera visão de uma mulher! O maestro do coro observou com surpresa que Mr. Ladislaw não se juntou a eles durante o hino de Hanover e pensou que ele poderia estar resfriado.

Mr. Casaubon não pregou naquela manhã, e não houve mudança na situação de Will até que a bênção fosse pronunciada e todos se levantassem. Era costume em Lowick que “as pessoas importantes” saíssem primeiro. Com uma determinação repentina de quebrar o feitiço que estava sobre ele, Will olhou diretamente para Mr. Casaubon, mas os olhos do cavalheiro estavam cravados no trinco da porta do banco, a qual ele abriu, permitindo que Dorothea passasse, e a seguiu sem levantar as pálpebras. O olhar de Will cruzou com o de Dorothea enquanto ela saía do banco, e novamente ela fez uma inclinação de cabeça, mas desta vez com um olhar de agitação, como se estivesse reprimindo as lágrimas. Will saiu atrás deles, mas o casal seguiu em direção ao pequeno portão que separava o pátio da igreja dos arbustos, sem olhar para trás.

Era impossível segui-los e Will só pôde traçar com tristeza o mesmo caminho que com tanta esperança percorrera pela manhã. As luzes haviam mudado completamente, tanto no seu interior quanto no exterior.

CAPÍTULO XLVIII

As horas douradas tornaram-se cinzentas
Já não dançam mais e em vão se esforçam para correr;
Eu vejo seus cachos brancos flutuando ao vento,
Suas faces abatidas quando me olham,
Virando-se lentamente, em seu constante aperto
Impulsionado pelas tormentas.

A angústia de Dorothea quando deixou a igreja era proveniente fundamentalmente da percepção de que Mr. Casaubon estava determinado a não falar com seu primo, e que a presença de Will na igreja havia servido para marcar ainda mais a distância entre eles. A presença de Will lhe parecia bastante desculpável, ela até a considerava como um gesto amistoso na direção de uma reconciliação que ela mesma sempre desejara. Ele provavelmente tinha imaginado, como ela, que se Mr. Casaubon e ele pudessem se encontrar de uma maneira natural, eles se dariam as mãos e talvez a relação amigável pudesse recomeçar. Mas, agora, Dorothea se sentia bastante privada dessa esperança. Will havia sido banido mais do que nunca, pois aquela imposição de sua presença – a qual seu marido se negava a reconhecer – deveria ter agravado a amargura de Mr. Casaubon.

Ele não se encontrava muito bem naquela manhã, sofrendo de alguma dificuldade para respirar, e por isso não havia pregado; ela não ficou surpresa, portanto, que ele ficasse quase em silêncio durante o almoço, muito menos que não fizesse nenhuma alusão a Will Ladislaw. De sua parte, ela sentia que nunca mais poderia voltar a tocar no assunto. Eles geralmente ficavam separados nas horas entre o almoço e o jantar nos domingos; Mr. Casaubon ficava na biblioteca

cochilando quase todo o tempo, e Dorothea ficava em seu *boudoir*, onde costumava se distrair com alguns de seus livros favoritos. Havia uma pequena pilha deles na mesa da janela em arco, livros de vários tipos, desde Heródoto, que ela estava aprendendo a ler com Mr. Casaubon, até seu antigo companheiro Pascal e o “Ano Cristão” de Keble. Mas hoje ela abriu um após o outro e não conseguiu ler nenhum. Tudo parecia sombrio: os presságios anteriores ao nascimento de Ciro, as antiguidades judaicas... meu Deus!... as epigramas dos devotos, os ritmos sagrados dos seus hinos favoritos... tudo era tão insignificante quanto uma canção tocada com batidas na madeira; até mesmo as flores da primavera e a grama tinham um tom apagado e frio sob as nuvens da tarde que escondiam o sol intermitentemente; até mesmo os pensamentos consoladores que haviam se tornado um hábito pareciam estar impregnados de tédio de longos dias futuros em que ela seguiria vivendo com eles como seus únicos companheiros. A pobre Dorothea estava sedenta de outra pessoa, ou melhor, de uma companhia mais completa, e essa sede nascia de um esforço perpétuo que exigia dela sua vida de casada. Ela estava constantemente tentando ser o que o marido desejava sem que jamais pudesse descansar na satisfação de Mr. Casaubon pelo que ela era. As coisas das quais ela gostava, aquelas que espontaneamente apreciava, pareciam estar eternamente excluídas de sua vida, pois se fossem apenas concedidas, e não compartilhadas por seu marido, era como se tivessem sido negadas. Sobre Will Ladislaw, havia diferentes pontos de vista entre eles desde o princípio, e a conclusão, já que Mr. Casaubon havia recusado tão severamente a inquietude de Dorothea com relação aos direitos de Will sobre a propriedade familiar, era a de que ela estava certa e que seu marido estava errado, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Nesta tarde, essa impotência se tornara mais entorpecente do que nunca: ela ansiava por objetos inspiradores, pelos quais ela mesma também pudesse ser inspirada. Ela ansiava por um trabalho que fosse diretamente benéfico como o sol e a chuva, e agora parecia que, cada vez mais, estava destinada a viver em uma tumba, onde se encontravam as ferramentas para um trabalho horripilante

que produzia resultados que nunca veriam a luz. Hoje, ela estivera na porta da tumba, e tinha visto Will Ladislaw recuando para o mundo distante de atividades calorosas e companheirismo, virando o rosto para ela enquanto caminhava. Os livros eram inúteis. Pensar era inútil. Era domingo e ela não podia dispor da carruagem para ir ver Celia, que há pouco havia dado à luz. Não havia mais refúgio contra o vazio espiritual e o descontentamento, e Dorothea tinha de suportar seu mau humor como teria suportado uma enxaqueca.

Depois do jantar, quando ela costumava começar a ler em voz alta, Mr. Casaubon propôs que fossem à biblioteca, onde, segundo ele, havia ordenado que preparassem o fogo e as velas. Parecia que ele havia revivido e que pensava intensamente.

Na biblioteca, Dorothea observou que ele havia recentemente organizado uma fileira de seus cadernos sobre uma mesa; ele apanhou um deles e colocou nas mãos dela um volume familiar, que continha um índice para todos os outros.

– Você vai me fazer um favor, minha querida – disse ele, enquanto se sentava –, no lugar de outra leitura, esta noite gostaria que você pudesse ler isto em voz alta, com um lápis na mão, e a cada ponto onde eu disser “marcar”, fizesse uma cruz com o seu lápis. Esta é a primeira etapa de um processo de separação que há muito tempo tenho em vista e, à medida que prosseguirmos, poderei indicar a você certos princípios de seleção pelos quais você terá, creio eu, uma participação inteligente no meu trabalho.

Essa proposta não era mais do que um sinal adicionado a muitos outros desde sua memorável entrevista com Lydgate, de que a relutância inicial de Mr. Casaubon em deixar Dorothea trabalhar com ele havia dado lugar à disposição contrária, ou seja, de exigir dela um grande interesse e dedicação.

Depois de ler e marcar por duas horas, ele disse:

– Vamos levar este volume para cima, e o lápis, por favor, e no caso de lermos alguma coisa à noite, podemos prosseguir nesta tarefa. Não é muito cansativo para você, eu suponho.

– Sempre prefiro ler o que o senhor prefere ouvir – disse Dorothea,

expressando uma simples verdade, pois o que ela mais temia era dedicar-se à leitura ou a qualquer outra coisa que o deixasse tão indiferente como sempre.

Era uma prova de força com a qual certas características de Dorothea impressionavam aqueles ao seu redor, que seu marido, com todos os seus ciúmes e suspeitas, tivesse reunido confiança implícita na integridade de suas promessas assim como na capacidade de sua mulher de se dedicar à sua ideia pessoal do que era o certo e o melhor. Ultimamente, Mr. Casaubon começava a considerar que estas qualidades eram uma posse particular e queria absorvê-las por completo.

Houve leitura à noite. Dorothea, com seu cansaço juvenil, dormiu rápida e profundamente; ela foi despertada por uma sensação de luz, que a princípio lhe pareceu uma visão repentina do pôr do sol depois de ter escalado uma colina íngreme. Ela abriu os olhos e viu seu marido envolto em seu manto quente acomodado na poltrona perto da lareira, onde as brasas ainda brilhavam. Ele havia acendido duas velas, esperando que Dorothea acordasse, pois não gostava de acordá-la por meios mais diretos.

– Está se sentindo mal, Edward? – perguntou ela, levantando-se imediatamente.

– Senti um certo mal-estar em uma postura reclinada. Vou ficar sentado aqui por um tempo.

Ela jogou mais lenha no fogo, enrolou-se em uma manta, e disse:

– Quer que eu leia para você?

– Eu agradeceria muito se o fizesse, Dorothea – disse Mr. Casaubon, com um pouco mais de docilidade do que o costume em sua cortesia habitual. – Estou acordado e com a mente extraordinariamente lúcida.

– Temo que a agitação acabe lhe fazendo mal – disse Dorothea, lembrando-se das advertências de Lydgate.

– Não, não tenho consciência de estar excessivamente agitado. Pensar é fácil.

Dorothea não ousou insistir e leu por uma hora ou mais da mesma maneira que havia feito antes, mas lendo as páginas com mais rapidez. A mente de Mr.

Casaubon estava mais alerta e parecia antecipar o que estava por vir, bastando uma leve indicação verbal para dizer: “É suficiente, pode marcar”, ou então: “Passe para o próximo parágrafo, omitirei o segundo apêndice sobre Creta”. Dorothea estava surpresa com a rapidez com que sua mente examinava o terreno por onde estivera rastejando por anos. Por fim, ele disse:

– Feche o livro agora, minha querida. Retomaremos nosso trabalho amanhã. Eu o adiei por muito tempo e ficaria feliz em vê-lo concluído. Mas você deve ter observado que o princípio que guia a minha seleção é o de oferecer uma ilustração adequada e não desproporcional a cada uma das teses enumeradas em minha introdução, como esboçadas no momento. Você notou isso, não notou, Dorothea?

– Sim – disse Dorothea, com um certo tremor na voz e angústia na alma.

– Agora, acho que posso descansar um pouco – disse Mr. Casaubon. Ele voltou a se deitar e pediu que ela apagasse as velas. Quando ela também se deitou e a escuridão só era interrompida por um brilho opaco na lareira, ele disse:

– Antes de dormir, tenho um pedido a fazer, Dorothea.

– O que é? – perguntou Dorothea, com medo no coração.

– Que você me informe expressa e deliberadamente se, no caso de minha morte, você realizará meus desejos; se evitará fazer algo que eu desaprovaria e se empenhará para fazer o que eu aprovaria.

Dorothea não foi pega de surpresa: muitos incidentes a levaram a conjecturar que seu marido abrigava intenções que poderiam representar para ela novos jugos. Ela não respondeu imediatamente.

– Você se recusa? – indagou Mr. Casaubon, com mais severidade em seu tom.

– Não, eu ainda não me recuso... – respondeu Dorothea com voz clara, afirmando dentro dela a necessidade de liberdade –, mas é muito solene; não creio que seja certo prometer algo quando ignoro a que isso vai me vincular. Eu faria tudo o que meu afeto me solicitasse sem a necessidade de fazer uma promessa.

– Mas você estaria usando o seu próprio critério; eu estou pedindo que obedeça ao meu; e você se recusa.

– Não, meu querido, não! – suplicou Dorothea, destroçada por temores opostos. – Mas posso esperar e refletir um pouco? Desejo com toda a minha alma fazer o possível para confortá-lo, mas não posso fazer qualquer promessa tão repentinamente, muito menos prometer que farei algo que ignoro.

– Você não pode confiar na natureza dos meus desejos?

– Conceda-me um prazo até amanhã – disse Dorothea, em tom de súplica.

– Até amanhã, então – disse Mr. Casaubon.

Logo depois ela pôde ouvir que seu marido dormia, mas não havia mais sono para ela. Enquanto ela se obrigava a permanecer imóvel para não perturbá-lo, sua mente travava um conflito no qual a imaginação distribuía suas forças primeiro de um lado e depois do outro. Ela não tinha nenhum pressentimento de que o poder que seu marido desejava exercer sobre suas ações futuras estivesse relacionado com outra coisa senão o próprio trabalho. Porém, ela via com muita nitidez que Mr. Casaubon esperava que ela se dedicasse a separar aquelas pilhas heterogêneas de material que deveriam se converter em uma ilustração duvidosa de princípios ainda mais duvidosos. A pobre criatura havia se tornado completamente descrente da confiabilidade daquela “chave” que havia constituído a ambição e os esforços da vida de seu marido. Não era de se surpreender que, apesar de sua escassa formação, seu julgamento sobre o assunto fosse mais verdadeiro do que o dele, pois ela comparava de forma imparcial e em seu juízo perfeito as probabilidades nas quais ele havia arriscado todo o seu egoísmo. E agora ela imaginava os dias, meses e anos que deveria passar classificando o que poderiam ser chamadas de múmias despedaçadas e fragmentos de uma tradição que era em si um mosaico forjado de ruínas destruídas, classificando-as como alimento para uma teoria que já nascia franzina como um bebê duende. Sem dúvida, um erro vigoroso perseguido com tenacidade havia mantido embriões da verdade respirando; sendo a busca do ouro, ao mesmo tempo, um questionamento sobre as substâncias, consegue que o

corpo da química esteja preparado para receber sua alma, e nasce Lavoisier. Porém, era improvável que a teoria de Mr. Casaubon dos elementos que constituíam a semente de todas as tradições fosse acidentalmente prejudicada por outras descobertas: ela flutuava entre conjecturas flexíveis não mais sólidas do que aquelas etimologias que parecem fortes pela semelhança entre os sons, até que alguém demonstrasse que tais semelhanças não eram impossíveis. Era um método de interpretação que não se verificava pela necessidade de formar qualquer coisa que tivesse colisões mais nítidas do que uma noção elaborada de Gog e Magog; era tão livre de interrupções como um plano para unir as estrelas. Dorothea, tantas vezes, havia tido de controlar seu cansaço e impaciência com a questionável tarefa de adivinhar enigmas, que se apresentavam para ela, no lugar daquele compartimento de conhecimentos sublimes que tornariam sua vida mais digna! Ela compreendia agora muito bem por que seu marido tinha se apegado a ela como possivelmente a única esperança que restava de que seus esforços tomassem uma forma na qual pudessem ser apresentados ao mundo. A princípio parecia que ele desejava mantê-la afastada de qualquer conhecimento detalhado do que estava fazendo, mas gradualmente o terrível rigor da necessidade humana..., a perspectiva de uma morte muito rápida...

Neste ponto, a piedade de Dorothea foi desviada do seu próprio futuro para o passado de seu marido, não, para sua difícil luta presente com um destino que havia surgido daquele passado: o trabalho solitário, a ambição respirando com dificuldade sob a pressão da desconfiança de si mesmo, a meta que retrocedia e os membros cada vez mais pesados; e agora, finalmente, a espada que balançava sobre sua cabeça! Não havia sido seu desejo se casar com ele para ajudá-lo no trabalho de sua vida? No entanto, ela havia imaginado que o trabalho de Mr. Casaubon seria algo maior, ao qual ela poderia servir por devoção ao seu próprio valor. Era correto, mesmo para mitigar seu sofrimento, prometer algo? Seria possível mesmo que ela prometesse... trabalhar como uma condenada? E, ainda assim, poderia ela negar-se a atender ao seu desejo? Poderia dizer: “Eu me recuso a satisfazer tal desejo insuportável?” Seria como se recusar a fazer por ele

morto o que ela seguramente teria de fazer por ele vivo. Se ele vivesse, como Lydgate dissera que viveria, por quinze anos ou mais, Dorothea passaria sua vida, sem dúvida alguma, ajudando e obedecendo ao marido.

De qualquer forma, havia uma diferença profunda entre a devoção aos vivos e aquela promessa indefinida de devoção aos mortos. Enquanto ele vivesse, Mr. Casaubon poderia reivindicar o que quisesse que ela não protestaria, ou mesmo recusaria. Mas... a ideia passou por sua mente mais de uma vez, embora ela não pudesse acreditar nela: será que seu marido tinha a intenção de exigir dela alguma coisa que ela sequer tinha sido capaz de imaginar, já que ele pedia que ela se comprometesse a obedecer a seus desejos sem explicar exatamente quais eram? Não, Mr. Casaubon havia entregado seu coração apenas ao seu trabalho, este era o fim pelo qual sua vida debilitada deveria ser complementada pela dela. E agora, se ela dissesse: “Não! Se você morrer, não colocarei nenhum dedo no seu trabalho”, pareceria que ela estava esmagando aquele coração ferido.

Por quatro horas Dorothea permaneceu neste conflito, até que ela se sentiu doente e confusa, incapaz de resolver, orando em silêncio. Desamparada como uma criança que chorou e especulou por muito tempo, ela dormiu até tarde na manhã seguinte e, quando acordou, Mr. Casaubon já havia se levantado. Tantripp lhe disse que seu marido havia feito suas orações, tomado o café da manhã e estava na biblioteca.

– Nunca a vi tão pálida, senhora – disse Tantripp, uma mulher de corpo sólido que estivera com as irmãs em Lausanne.

– Alguma vez eu tive alguma cor, Tantripp? – perguntou Dorothea, com um leve sorriso.

– Bem, não uma boa cor, talvez um tom mais rosado. Mas, o que se pode esperar se está sempre cheirando aqueles livros de couro? Descanse um pouco esta manhã, senhora. Deixe-me dizer que está doente e que não poderá descer para se fechar naquela biblioteca.

– Oh não, não! Devo me apressar – disse Dorothea. – Mr. Casaubon precisa de mim hoje, especialmente hoje.

Quando desceu, ela tinha a certeza de que deveria prometer cumprir os desejos do marido, mas isso seria mais tarde, não naquele momento.

Quando Dorothea entrou na biblioteca, Mr. Casaubon virou-se da mesa onde estava colocando alguns livros, e disse:

– Eu estava esperando sua chegada, minha querida. Gostaria de começar a trabalhar imediatamente nesta manhã, mas me sinto ligeiramente indisposto, provavelmente pela agitação de ontem. Vou caminhar um pouco no jardim já que o ar está mais ameno.

– Alegro-me em ouvir isso – disse Dorothea. – Sua mente, eu temia, estava muito ativa na noite passada.

– Eu gostaria de ficar tranquilo a respeito da nossa última conversa, Dorothea. Espero que possa agora me dar uma resposta.

– Posso acompanhá-lo no seu passeio dentro de alguns minutos? – disse Dorothea, ganhando um pouco de espaço para respirar.

– Estarei na alameda dos teixos pela próxima meia hora – disse Mr. Casaubon, e então a deixou.

Dorothea, sentindo-se muito cansada, pediu a Tantripp que trouxesse alguns agasalhos. Ela ficou sentada por alguns minutos, imóvel, mas não sem que sentisse renovado seu conflito anterior; ela pressentia que iria simplesmente dizer “sim” à sua própria sentença, ela estava muito fraca, muito assustada diante da possibilidade de infligir a seu marido um golpe certeiro se fizesse qualquer outra coisa que não fosse submeter-se completamente. Ainda sem se mexer, ela permitiu que Tantripp colocasse o chapéu e seu xale, uma passividade que era incomum para ela, pois gostava de cuidar de si mesma.

– Deus te abençoe, senhora! – disse Tantripp, com um irreprimível gesto de amor para com a bela e gentil criatura por quem ela se sentia incapaz de fazer mais nada, agora que havia acabado de amarrar o chapéu.

Isso foi demais para a tensão de Dorothea e ela começou a chorar, soluçando contra o braço de Tantripp. Porém, ela logo se conteve, enxugou as lágrimas e saiu pela porta de vidro em direção ao jardim.

– Eu gostaria que cada livro dessa biblioteca fosse uma catacumba onde colocar o seu mestre – disse Tantripp a Pratt, o mordomo, ao encontrá-lo na sala do café da manhã. Ela havia estado em Roma e visitado as antiguidades, como sabemos, e ela sempre se recusava a chamar Mr. Casaubon de qualquer outra coisa que não fosse “seu mestre”, ao falar com os outros criados.

Pratt riu. Ele gostava muito de seu mestre, mas gostava mais de Tantripp.

Quando Dorothea se aproximou dos caminhos de cascalho, ela deteve-se entre os grupos de árvores mais próximos, hesitando, como já havia feito antes, embora por uma causa diferente. Então, ela temeu que seu esforço de comunhão fosse indesejável; naquele momento ela temia dirigir-se ao lugar onde previa que deveria comprometer-se a uma servidão da qual se esquivava. Nem a lei nem a opinião do mundo a compeliam a isso, apenas a natureza do marido e sua própria compaixão, apenas o ideal e não o jugo real do casamento. Ela via claramente toda a situação, mas estava acorrentada; não poderia ferir a alma abatida que lhe suplicava. Se isso fosse fraqueza, então Dorothea era fraca. Porém, meia hora se passou e ela deveria se apressar. Quando ela entrou na alameda dos teixos, não viu o marido, mas a alameda tinha algumas curvas e ela prosseguiu, esperando avistar a figura envolta em uma capa azul, a qual, junto com um gorro de veludo quente constituía sua vestimenta para sair ao jardim nos dias frios. Ocorreu-lhe que ele poderia estar descansando no caramanchão, para onde o caminho divergia um pouco. Ao fazer a curva, ela o viu sentado no banco, perto de uma mesa de pedra. Seus braços estavam apoiados na mesa e sua testa estava descansando sobre eles, com a capa azul arrastada para frente, ocultando completamente o seu rosto, e um livro caído no chão.

“*Ele se esgotou ontem à noite”*, pensou Dorothea, a princípio imaginando que ele estivesse dormindo, e que o caramanchão era um lugar úmido para descansar. Mas, então, ela se lembrou de que recentemente o vira tomar essa atitude enquanto lia para ele, como se ele achasse mais cômoda do que qualquer outra, e que, às vezes, além de escutar, ele também falava com o rosto naquela posição. Ela entrou no caramanchão e disse:

– Eu estou aqui, Edward; estou pronta.

Ele não se moveu, e ela pensou que ele devia estar dormindo profundamente. Ela colocou a mão em seu ombro e repetiu:

– Estou pronta!

Ele continuou imóvel e, com um repentino e confuso temor, Dorothea se inclinou sobre ele, tirou seu gorro de veludo e encostou a bochecha em sua cabeça, exclamando em um tom angustiado:

– Acorde, meu querido, acorde! Me escute. Eu vim te dar uma resposta.

Mas Dorothea nunca deu sua resposta.

Mais tarde, no decorrer do dia, Lydgate estava sentado em sua cabeceira, enquanto ela falava delirantemente, pensando em voz alta e revivendo o que lhe passara pela mente na noite anterior. Ela o reconhecia e o chamava pelo nome, mas parecia achar conveniente explicar tudo a ele, e repetidamente implorava que Lydgate explicasse tudo ao marido.

– Diga a ele que irei em seguida; estou disposta a prometer o que ele quiser. É só que, pensar nisso foi tão terrível que fiquei doente. Não muito doente. Logo estarei melhor. Vá e diga a ele.

Mas o silêncio no ouvido do marido nunca mais seria quebrado.

CAPÍTULO XLIX

“Uma tarefa muito dura para feitiços
De um mago este escudeiro executou;
É fácil jogar pedras em poços,
Mas quem vai tirá-las de lá?”

– Eu gostaria que pudéssemos evitar que Dorothea soubesse disso – disse Sir James Chettam, com um ligeiro franzir de sobrancelhas e uma expressão de intensa repulsa nos lábios.

Ele estava de pé sobre o tapete da biblioteca de Lowick Grange, e falava com Mr. Brooke. Era o dia seguinte ao enterro de Mr. Casaubon e Dorothea ainda não havia deixado o seu quarto.

– Isso seria difícil, você sabe, Chettam, já que ela é executora e aprecia esse tipo de coisas... propriedades, terras, esse tipo de coisas. Ela tem suas ideias, você sabe – disse Mr. Brooke, enquanto ajeitava os óculos com um certo nervosismo e explorava as bordas de um papel dobrado que tinha nas mãos. – Ela vai querer fazer alguma coisa, pode contar com isso, como executora Dorothea vai querer fazer alguma coisa. Além disso, ela completou 21 anos em dezembro passado, você sabe. Não posso impedi-la de nada.

Sir James olhou para o tapete por um minuto em silêncio e, em seguida, ergueu os olhos de repente e fixou-os em Mr. Brooke, dizendo:

– Vou lhe dizer o que podemos fazer. Até que Dorothea esteja bem, todos os negócios devem ser mantidos longe dela, e assim que ela puder se mover deve vir para casa, para ficar com sua família. Estar com Celia e o bebê será a melhor coisa do mundo para ela, e o tempo passará mais facilmente. E, enquanto isso, você deve se livrar de Ladislaw: mande-o para fora do país – neste momento, o

olhar de desgosto de Sir James reapareceu com toda a sua intensidade.

Mr. Brooke colocou as mãos nas costas, caminhou até a janela e endireitou a coluna com uma pequena sacudida antes de responder:

– Isso é fácil de dizer, Chettam, é fácil de dizer, você sabe.

– Meu caro Mr. Brooke – insistiu Sir James, contendo sua indignação da forma mais respeitosa –, foi o senhor quem o trouxe para cá e é o senhor quem o mantém aqui, quero dizer, pela ocupação que dá a ele.

– Sim, mas não posso dispensá-lo de repente, sem nenhuma razão, meu caro Chettam. Ladislaw tem sido inestimável, seu trabalho é muito satisfatório. Considero que prestei um serviço a esta parte do país trazendo-o... trazendo-o para cá, você sabe – Mr. Brooke concluiu com um aceno de cabeça, enquanto se voltava para Sir James.

– É uma pena que esta parte do país não possa prescindir dele, é tudo o que tenho a dizer sobre isso. De qualquer forma, como cunhado de Dorothea, sinto-me na obrigação de contestar veementemente que ele seja mantido aqui por qualquer ação por parte da família de minha cunhada. O senhor está de acordo, pelo menos assim espero, que tenho o direito de falar sobre o que diz respeito à dignidade da irmã de minha esposa? – Sir James estava ficando com calor.

– É claro, meu caro Chettam, é claro. Mas você e eu temos ideias diferentes... diferentes...

– Não com relação a esta ação de Casaubon, espero – interrompeu Sir James. – Minha opinião é a de que ele comprometeu Dorothea da maneira mais injusta. Nunca houve uma ação mais mesquinha e menos cavalheiresca do que essa... um codicilo desse tipo para um testamento que ele redigiu na época de seu casamento com o conhecimento e confiança da família de sua mulher... é positivamente um insulto a Dorothea!

– Bem, você sabe, Casaubon era um pouco estranho com relação a Ladislaw. Ladislaw me contou a razão, não gosto da direção que as coisas tomaram, você sabe, Ladislaw não gostava muito das ideias de Casaubon, Toth e o dragão, esse tipo de coisas, e imagino que Casaubon não gostou da postura independente que

Ladislaw havia assumido. Eu vi a correspondência entre eles, você sabe. O pobre Casaubon estava um pouco enterrado em livros... ele não conhecia o mundo.

– Está tudo muito bem para Ladislaw descrevê-lo dessa maneira – disse Sir James –, mas acredito que Casaubon só teve ciúmes dele por causa de Dorothea, e o mundo vai supor que ela deu a ele algum motivo; e é isso que torna o assunto tão abominável: associar o nome dela ao daquele jovem.

– Meu caro Chettam, isso não levará a nada, você sabe – disse Mr. Brooke, enquanto se sentava e colocava os óculos novamente. – É tudo parte das esquisitices de Casaubon. Este papel, agora, o "quadro sinótico" e assim por diante, "para uso de Mrs. Casaubon", estava trancado na escrivaninha junto ao testamento. Suponho que ele pretendia que Dorothea publicasse suas pesquisas, hein? E ela vai fazer isso, você sabe; ela se interessou pelos estudos dele de forma incomum.

– Meu caro Mr. Brooke – disse Sir James, impaciente –, isso não tem a menor importância. A questão é: o senhor está de acordo comigo sobre a conveniência de mandar o jovem Ladislaw embora?

– Bem, não estou de acordo quanto à urgência da coisa. Com o tempo, talvez, isso possa mudar. Quanto aos rumores, você sabe, mandá-lo embora não vai evitar que aconteçam. As pessoas dizem o que querem dizer, e elas não precisam de capítulo e versículo para isso – disse Mr. Brooke, brandindo com habilidade as verdades que estavam condicionadas aos seus próprios desejos. – Eu poderia me desfazer de Ladislaw até certo ponto... tirar a direção do "Pioneiro" de suas mãos, e esse tipo de coisas, mas eu não poderia mandá-lo para fora do país se ele não quisesse... se não escolhesse ir embora.

Mr. Brooke, insistindo com a mesma tranquilidade como se estivesse apenas discutindo a natureza do clima do ano passado, acenou com a cabeça ao concluir sua amabilidade usual, um exemplo exasperante de obstinação.

– Bom Deus! – exclamou Sir James, com o máximo de mortificação que jamais havia demonstrado. – Vamos conseguir um cargo para ele; vamos gastar dinheiro com ele. Se ele pudesse se juntar a algum governador colonial! Talvez

Grampus o quisesse com ele... posso escrever a Fulke sobre isso.

– Mas Ladislaw não será despachado como uma cabeça de gado, meu caro; Ladislaw tem suas próprias ideias. Eu tenho a impressão de que se ele se separasse de mim amanhã, você só ouviria mais sobre ele no país. Com seu talento para falar e redigir documentos, alguns poderiam vê-lo como um agitador... um agitador, você sabe.

– Agitador! – disse Sir James, com enfática amargura, sentindo que a repetição das sílabas desta palavra dita de forma apropriada era uma exposição suficiente de seu ódio.

– Mas seja razoável, Chettam. Como você disse, é melhor Dorothea ir para junto de Celia o mais rápido possível. Ela pode ficar sob seu teto, e enquanto isso as coisas podem se acalmar. Não vamos disparar os canhões com muita pressa. Standish seguirá nossas orientações e a notícia será velha antes de ser conhecida. Mil coisas podem acontecer para obrigar Ladislaw a se afastar sem que eu tenha que intervir, você sabe.

– Neste caso, devo concluir que o senhor se recusa a fazer qualquer coisa?

– Recuso-me, Chettam? Não, eu não disse que me recuso. Mas realmente não vejo o que posso fazer. Ladislaw é um cavalheiro.

– Alegro-me em sabê-lo! – disse Sir James, muito irritado. – Estou certo de que Casaubon não era.

– Bem, teria sido pior se ele tivesse feito o codicilo para impedi-la de se casar novamente, você sabe.

– Isso eu já não sei – disse Sir James. – Teria sido menos indelicado.

– Uma das extravagâncias do pobre Casaubon! Aquele ataque perturbou um pouco sua mente. E tudo para nada. Dorothea não quer se casar com Ladislaw.

– Mas a redação deste codicilo parece induzir todos a acreditarem que sim. Não que eu acredite em nada disso sobre Dorothea – disse Sir James –, mas suspeito de Ladislaw. Sinceramente, suspeito de Ladislaw.

– Eu não poderia tomar nenhuma ação imediata com relação a isso, Chettam. Na verdade, se fosse possível despachá-lo... enviá-lo para a Ilha Norfolk, esse

tipo de coisa... ficaria ainda pior para Dorothea para aqueles que sabem do assunto. Pareceria que desconfiamos dela... desconfiamos dela, você sabe.

O fato de Mr. Brooke ter encontrado um argumento inegável não foi suficiente para acalmar Sir James. Ele estendeu a mão para pegar o chapéu, dando a entender que não pretendia continuar discutindo e disse, com tom ainda mais acalorado:

– Bem, eu só posso dizer que Dorothea já foi sacrificada uma vez, porque seus familiares foram muito descuidados. Agora, como seu irmão, eu farei o que puder para protegê-la.

– O melhor que pode fazer é levá-la para Freshitt o quanto antes, Chettam. Eu aprovo totalmente este plano – disse Mr. Brooke, satisfeito por ter vencido a discussão. Teria sido muito pouco conveniente para ele separar-se de Ladislaw naquele momento, quando a dissolução do Parlamento poderia acontecer a qualquer instante e os eleitores precisavam ser convencidos do curso pelo qual os interesses do país seriam melhor atendidos. Mr. Brooke acreditava sinceramente que esta finalidade poderia ser garantida pelo seu próprio retorno ao Parlamento; ele estava honestamente oferecendo à nação o poder da sua inteligência.

CAPÍTULO L

"'Este lolardo[145] quer pregar.'
'Pela alma de meu pai que não fará,'
Disse o marinheiro: 'aqui ele não deve pregar.
Não deve declamar nem ensinar o evangelho aqui,
Nós deixamos tudo nas mãos de Deus', disse ele
Ele só semearia algumas dificuldades."
– CANTERBURY TALES

Dorothea estava segura em Freshitt Hall há quase uma semana antes de fazer qualquer pergunta perigosa. Todas as manhãs, ela se sentava com Celia na mais bonita das salas de estar no andar de cima, que se abria para uma pequena estufa. Celia, toda de branco e lilás como um buquê de violetas de duas cores, contemplava as proezas do bebê, que eram tão indecifráveis para sua mente inexperiente que a conversa era frequentemente interrompida por apelos à babá oracular para que as interpretasse. Dorothea sentava-se junto a ela, no seu vestido de luto, com uma expressão que provocava Celia, por considerá-la muito triste, pois não apenas o bebê estava muito bem, mas, na verdade, quando um marido havia sido em vida tão enfadonho e problemático, e ainda... bem, bem! Sir James, é claro, tinha contado tudo a Celia, com uma enérgica recomendação de como era importante que Dorothea não soubesse do assunto antes que fosse inevitável.

Porém, Mr. Brooke estava certo ao predizer que Dorothea não permaneceria por muito tempo inativa quando uma tarefa havia sido atribuída a ela; ela conhecia o conteúdo do testamento de seu marido redigido na época de seu casamento, e sua mente, assim que teve uma clara consciência de sua situação,

estava silenciosamente ocupada com o que ela deveria fazer como a proprietária de Lowick Manor, e com a patronagem do benefício eclesiástico que a acompanhava.

Uma manhã, quando seu tio fez sua visita habitual, embora com uma vivacidade incomum em sua maneira, que ele explicou dizendo que agora era quase certo que o Parlamento seria dissolvido em breve, Dorothea disse:

– Tio, seria conveniente agora considerar quem vai receber o benefício de Lowick. Depois que Mr. Tucker foi provido, nunca ouvi meu marido mencionar nenhum clérigo como seu sucessor. Creio que deveria pegar as chaves de Lowick para examinar os papéis de meu marido. Pode haver algum lá capaz de lançar alguma luz sobre seus desejos.

– Não se apresse, minha querida – disse Mr. Brooke, com tranquilidade. – Logo, logo você poderá ir, se quiser. Mas eu dei uma olhada na escrivaninha e nas gavetas e não havia nada, nada além de assuntos profundos, você sabe, além do testamento. Não há pressa. Quanto ao benefício eclesiástico, alguém já mostrou interesse... e eu diria que é alguém muito recomendável. Disseram-me boas coisas sobre Mr. Tyke... e eu tive alguma participação em sua nomeação anterior. Eu entendi que é um homem apostólico, creio eu... o tipo para se dar bem com você, minha querida.

– Eu gostaria de saber um pouco mais sobre ele, tio, e julgar por mim mesma, se é que Mr. Casaubon não tenha deixado nada escrito sobre isso. Ele talvez tenha feito algum acréscimo ao seu testamento... pode haver algumas instruções para mim – disse Dorothea, que o tempo todo tinha essa conjectura em mente com relação ao trabalho do marido.

– Nada sobre a reitoria, minha querida, nada – disse Mr. Brooke, enquanto se levantava para ir embora e estendia a mão para suas sobrinhas –, nem sobre suas pesquisas, você sabe. Não há nada no testamento.

Os lábios de Dorothea tremeram.

– Vamos, você não deve pensar nessas coisas ainda, minha querida. Em breve, você sabe.

– Estou muito bem agora, tio; quero me esforçar.

– Bem, bem, veremos. Mas eu devo ir agora, tenho muito trabalho... estamos em uma crise... uma crise política, você sabe. E aqui está Celia e seu homenzinho... você é uma tia, e eu sou uma espécie de avô – disse Mr. Brooke, com uma certa urgência, ansioso para sair e dizer a Chettam que não seria culpa sua (de Mr. Brooke) se Dorothea insistisse em investigar tudo.

Dorothea afundou na cadeira quando seu tio saiu da sala e baixou os olhos meditativamente sobre as mãos cruzadas.

– Veja, Dodo! Veja! Você já viu algo assim? – disse Celia, em seu confortável tom staccato.

– O quê, Kitty? – disse Dorothea, levantando os olhos distraidamente.

– O quê? Ora, seu lábio superior; veja como ele está puxando para baixo, como se quisesse fazer uma careta. Não é maravilhoso? Ele pode ter seus pequenos pensamentos. Gostaria que a babá estivesse aqui. Olhe para ele.

Uma grande lágrima, que estava se formando por algum tempo, rolou pelo rosto de Dorothea enquanto ela levantava a vista e tentava sorrir.

– Não fique triste, Dodo; beije o bebê. No que você está pensando? Estou certa de que você fez tudo o que pôde, e muito mais. Você deveria estar feliz agora.

– Eu me pergunto se Sir James me levaria a Lowick. Quero dar uma olhada em tudo, para ver se ele deixou alguma coisa escrita para mim.

– Você não deve ir até que Mr. Lydgate lhe dê autorização. E ele ainda não deu (aqui está você, babá; pegue o bebê e passeie com ele pela galeria). Além disso, como sempre, você está errada, Dodo... eu posso ver isso e isso me irrita.

– Onde estou errada, Kitty? – perguntou Dorothea, com docilidade. Ela estava disposta a pensar que Celia era mais sábia do que ela, e realmente se perguntava com um certo temor onde estava errada. Celia percebeu sua vantagem e estava determinada a usá-la. Ninguém conhecia Dodo tão bem quanto ela, ou sabia como lidar com ela. Desde que seu filho nascera, Celia havia adquirido uma nova percepção de sua solidez mental e de sua tranquila

sabedoria. Parecia claro que onde havia um bebê, as coisas iam suficientemente bem e que o erro, em geral, era uma mera falta daquela força central de equilíbrio.

– Eu posso ver claramente o que você está pensando, Dodo – disse Celia. – Você quer saber se há algo desconfortável para você fazer agora, só porque Mr. Casaubon assim desejou. Como se você não tivesse se sentido desconfortável o suficiente antes. E ele não merece isso, você vai ver. Ele se comportou muito mal. James está furioso com ele. E é melhor que eu lhe diga, para prepará-la.

– Celia – disse Dorothea, suplicante –, você me angustia. Diga-me agora mesmo do que se trata.

Passou por sua mente que Mr. Casaubon tivesse deixado a propriedade para outra pessoa... o que não seria tão angustiante.

– Bem, ele fez um codicilo em seu testamento que diz que você perderá a propriedade se se casar... bem, quero dizer...

– Isso não tem nenhuma importância – disse Dorothea, interrompendo impetuosamente.

– Mas só se você se casar com Mr. Ladislaw, com ninguém mais – continuou Celia, com calma perseverante. – É claro que isso não tem nenhuma importância porque você nunca se casaria com Mr. Ladislaw, mas isso só piora as coisas para Mr. Casaubon.

O sangue correu pelo rosto e pescoço de Dorothea ardentemente, mas Celia estava administrando o que considerava uma dose realista dos fatos. Eram as fantasias de Dorothea que haviam prejudicado tanto a sua saúde. Então, ela continuou em seu tom neutro, como se estivesse comentando as vestes do bebê:

– É o que James diz. Ele diz que é algo abominável e impróprio de um cavalheiro. E nunca houve um juiz melhor do que James. É como se Mr. Casaubon quisesse fazer as pessoas acreditarem que você gostaria de se casar com Mr. Ladislaw, o que é ridículo. Mas James diz que era para impedir que Mr. Ladislaw quisesse se casar com você pelo seu dinheiro, como se ele alguma vez tivesse pensado em lhe fazer uma proposta. Mrs. Cadwallader disse que você

poderia muito bem se casar com um italiano que tivesse ratos brancos! Mas tenho que ir dar uma olhada no bebê – acrescentou Celia, sem a menor mudança de tom, jogando um xale leve sobre os ombros e se afastando.

A esta altura, Dorothea já estava recomposta e recostou-se desamparadamente em sua cadeira. Ela poderia ter comparado sua experiência naquele momento com uma vaga e alarmada consciência de que sua vida estava assumindo uma nova forma, que ela estava passando por uma metamorfose a qual a memória não se ajustaria ao despertar de novos órgãos. Tudo estava mudando de aspecto: a conduta do marido, seus próprios sentimentos de obrigação para com ele, cada divergência entre eles... e ainda mais, toda a sua relação com Will Ladislaw. Seu mundo estava em um estado de mudança convulsiva; a única coisa que ela podia dizer claramente para si mesma era que deveria esperar e repensar as coisas. Uma mudança a apavorava como se fosse um pecado: o violento sentimento de repulsa pelo marido falecido, que tinha pensamentos ocultos, que talvez tivessem deturpado tudo o que ela dizia e fazia. Então, novamente, ela teve consciência de outra mudança que também a fez estremecer: um súbito e estranho anseio do coração em relação a Will Ladislaw. Nunca antes havia passado por sua mente que ele poderia, sob quaisquer circunstâncias, ser seu amante. Imaginem o efeito da revelação inesperada de que outra pessoa havia pensado nele sob essa luz... que talvez ele mesmo tivesse consciência de tal possibilidade, e isso com a visão apressada e aglomerada de condições inadequadas e questões que dificilmente seriam resolvidas rapidamente.

Pareceu haver transcorrido um longo tempo, ela não sabia quanto, até ouvir Célia dizer:

– Já é o bastante, babá; ele vai ficar quieto no meu colo agora. Você pode ir almoçar, e deixe Garratt no quarto ao lado. O que eu acho, Dodo – continuou Celia, apenas notando que Dorothea estava recostada na cadeira, ao que parecia, em atitude passiva –, é que Mr. Casaubon era rancoroso. Eu nunca gostei dele, e James também não. Eu sempre achei que os cantos de sua boca eram

terrivelmente rancorosos. E agora que ele se comportou dessa maneira, estou convencida de que a religião não exige que você se sinta inquieta por ele. É uma benção que ele foi levado embora, e você deveria ser grata. Não há motivo para lamentar-se, não é, bebê? – disse Celia, confidencialmente para aquele centro inconsciente e equilíbrio do mundo, que tinha os punhos mais notáveis, até mesmo as unhas, e cabelo suficiente, na verdade, quando retiravam seu gorro para fazer... nem se sabe o quê; em suma, ele era Buda em uma forma ocidental.

Em meio a essa crise, Lydgate foi anunciado, e uma das primeiras coisas que disse foi:

– Temo que não esteja tão bem como antes, Mrs. Casaubon; alguma coisa a está perturbando? Permita-me sentir seu pulso – a mão de Dorothea era de uma frieza de mármore.

– Ela quer ir a Lowick, para examinar os papéis – disse Celia. – Ela não deveria ir, não é?

Lydgate ficou calado por alguns instantes. Então ele disse, olhando para Dorothea.

– Eu não sei. Em minha opinião, Mrs. Casaubon deveria fazer o que lhe daria a maior tranquilidade de espírito. E esta tranquilidade nem sempre virá da proibição de agir.

– Obrigada – disse Dorothea, fazendo um esforço. – Estou certa de que é um conselho muito prudente. Há tantas coisas que eu deveria decidir, por que deveria ficar aqui sem fazer nada? – com um esforço para falar de assuntos não relacionados com sua agitação, ela acrescentou, abruptamente: – Imagino que o senhor conheça todo mundo em Middlemarch, Mr. Lydgate. Vou pedir-lhe que me conte muitas coisas. Tenho assuntos sérios para decidir agora. Eu devo conceder um benefício eclesiástico. O senhor conhece Mr. Tyke e... – o esforço foi demais para Dorothea e ela rompeu em prantos.

Lydgate a fez beber uma dose de sal volátil.

– Deixe Mrs. Casaubon fazer o que quiser – disse ele a Sir James, com quem pediu para falar antes de deixar a casa. Mais do que qualquer outra receita, o que

ela precisa é de sua liberdade total.

Ao atender Dorothea nos dias em que seu estado mental permitia, Lydgate formou certas conclusões verdadeiras sobre os infortúnios de sua vida. Ele estava certo de que ela sofria tensões e os conflitos devidos à autorrepressão, e que era provável que em tais circunstâncias se sentisse presa de outro tipo de clausura quase igual à primeira da qual fora libertada.

O conselho de Lydgate foi muito mais fácil para Sir James seguir quando descobriu que Celia já havia contado a Dorothea o fato desagradável sobre o testamento. Não havia remédio para isso agora, nenhuma razão para qualquer atraso adicional na execução dos assuntos importantes. Assim, no dia seguinte, Sir James atendeu imediatamente ao pedido de Dorothea e a levou a Lowick.

– Não tenho o menor desejo de ficar lá no momento – disse Dorothea –, eu não poderia suportar. Estou muito mais feliz em Freshitt com Celia e serei capaz de pensar melhor sobre o que deve ser feito em Lowick de longe. Também gostaria de ficar um tempo em Tipton Grange com meu tio, e percorrer os velhos caminhos e estar entre as pessoas da aldeia.

– Ainda não, eu acho. Seu tio tem hóspedes políticos e é melhor que fique longe dessas coisas – disse Sir James, que naquele momento pensava em Tipton Grange principalmente como um refúgio do jovem Ladislaw. Porém, nenhuma palavra foi trocada entre ele e Dorothea a respeito do codicilo ofensivo do testamento. Na verdade, ambos sentiam que seria impossível mencioná-lo. Sir James era muito tímido, mesmo entre os homens, quando os assuntos eram temas desagradáveis, e a única coisa que Dorothea teria dito, se tivesse falado sobre o assunto, que ele era proibido para ela no momento, pois parecia ser mais uma exposição da injustiça de seu marido. No entanto, ela desejava que Sir James soubesse o que se passou entre ela e o marido acerca da reivindicação moral de Will Ladislaw sobre a propriedade, pois acreditava que então ficaria claro para o seu cunhado o quão estranho e indelicado era o codicilo redigido por seu marido, estimulado principalmente por sua amarga resistência para admitir a ideia daquela reivindicação, e não meramente por sentimentos pessoais mais

difíceis de mencionar. Além disso, deve-se admitir, Dorothea desejava que isso pudesse ser conhecido pelo bem de Will, uma vez que seus amigos pareciam considerá-lo simplesmente como um objeto de caridade de Mr. Casaubon. Por que ele deveria ser comparado a um italiano que exibia ratos brancos? A citação de Mrs. Cadwallader parecia uma caricatura burlesca forjada na escuridão por um dedo travesso.

Em Lowick, Dorothea vasculhou a escrivaninha e as gavetas, todos os locais em que seu marido poderia guardar escritos particulares, mas não encontrou nenhum papel endereçado especialmente a ela, exceto a “Tabela Sinótica”, que provavelmente foi apenas o começo de muitas instruções pretendidas para sua orientação. Ao adjudicar a tarefa a Dorothea, como em tudo o mais, Mr. Casaubon havia sido lento e hesitante, tão oprimido no planejamento de transmitir sua obra assim como havia sido em executá-la, com a sensação de se mover pesadamente em um ambiente escuro e obstrutivo; sua desconfiança na capacidade de Dorothea para organizar o que ele havia preparado foi subjugada apenas pela sua desconfiança em qualquer outro redator. No entanto, a natureza de Dorothea lhe havia proporcionado um ponto de confiança: ela era capaz de fazer o que ela resolvesse fazer e ele, de boa vontade, a imaginava trabalhando sob os grilhões de uma promessa de edificar uma tumba com seu nome. (Não que Mr. Casaubon chamasse os futuros volumes de tumba; ele os chamava de “Chave para todas as mitologias”). Mas os meses haviam avançado deixando seus planos atrasados; ele só teve tempo de pedir aquela promessa pela qual buscava manter a vida de Dorothea sob seu frio controle.

O controle havia desaparecido. Obrigada por uma promessa feita do fundo de sua compaixão, ela teria sido capaz de empreender uma labuta que seu julgamento lhe dizia ser inútil para todos os usos, exceto para a consagração da fidelidade que é uma utilidade suprema. Porém, agora, seu julgamento, no lugar de ser controlado por devoção obediente, tornava-se ativo pela amarga descoberta de que em sua união passada havia ocultado a alienação do segredo e da suspeita. O homem vivo e sofredor não estava mais diante dela para despertar

sua piedade; restava apenas a lembrança dolorosa de submissão a um marido cujos pensamentos eram mais indignos do que ela acreditava, cujas reivindicações exorbitantes haviam cegado o mais esmerado cuidado pelo seu próprio caráter, e o fizeram destruir seu próprio orgulho escandalizando homens de honra comum. Quanto à propriedade que era o símbolo do laço rompido, ela teria ficado feliz em ver-se livre dela, e não possuir nada além da sua fortuna fixada para ela, não fosse os deveres a ela vinculados, os quais ela não deveria recusar. Muitas eram as questões problemáticas que insistiam em se levantar a respeito dessa propriedade: ela não estava certa em pensar que metade dela deveria ir para Will Ladislaw? No entanto, não era agora impossível para ela realizar aquele ato de justiça? Mr. Casaubon havia adotado medidas cruelmente eficazes para impedi-la; apesar da indignação que em seu coração ela levantava contra ele, qualquer ato que parecesse uma fuga triunfante de seus propósitos a revoltava.

Depois de reunir papéis de negócios que desejava examinar, ela voltou a trancar as escrivaninhas e gavetas, todas isentas de mensagens pessoais para ela, isentas de qualquer indicação de que, durante os melancólicos momentos de solidão do marido, seu coração havia se compadecido dela para pedir desculpas ou explicações. Ela voltou para Freshitt com a sensação de que havia se rompido o silêncio em torno de sua última e cruel exigência e sua última e prejudicial imposição de seu poder.

Dorothea tentou voltar seus pensamentos para as obrigações imediatas, e uma delas era de um tipo que outros estavam empenhados em não deixá-la esquecer. O ouvido de Lydgate havia captado com interesse sua referência ao benefício eclesiástico e assim que foi possível, retomou o tema, enxergando a possibilidade de reparar o voto de qualidade que dera uma vez com a consciência insatisfeita. – No lugar de lhe dizer qualquer coisa sobre Mr. Tyke – disse ele –, gostaria de lhe falar sobre outra pessoa, Mr. Farebrother, o vigário de St. Botolph. Seu benefício atual é paupérrimo e lhe proporciona uma provisão limitada para ele e sua família. Sua mãe, tia e irmã vivem com ele e dependem

dele. Acredito que ele nunca se casou por essa razão. Nunca ouvi uma pregação tão boa como a sua, com uma eloquência tão simples e fácil. Poderia ter pregado perante a Cruz de Saint Paul depois do velho Latimer.[146] Seu discurso é igualmente bom sobre qualquer tema, de maneira original, simples e clara. Eu o considero um sujeito extraordinário; ele deveria ter feito mais do que fez.

– E por que ele não fez mais? – perguntou Dorothea, agora interessada em todos os que ficaram abaixo de suas próprias aspirações.

– Essa é uma pergunta difícil – disse Lydgate. – Eu mesmo penso que é inusitadamente complicado fazer a coisa certa; há tantas cordas sendo puxadas ao mesmo tempo. Farebrother frequentemente sugere que ele escolheu a profissão errada; ele necessita de mais campo do que o que é oferecido a um pobre clérigo, e eu imagino que ele carece de outros recursos que o ajudem economicamente. Ele adora História Natural e vários assuntos científicos, e tem dificuldade em conciliar esses interesses com sua posição. Não lhe sobra dinheiro, o que recebe é insuficiente, e isso o levou ao jogo de cartas... Middlemarch é um ótimo lugar para o jogo de uíste. Ele joga por dinheiro e ganha muitas vezes. É claro que acaba se relacionando com pessoas que não estão à sua altura e se torna negligente com relação a algumas coisas. Mesmo assim, com tudo isso, eu o considero um dos homens mais irrepreensíveis que já conheci. Não há maldade nem falsidade nele, e isso muitas vezes acompanha um aspecto externo mais correto.

– Eu me pergunto se sua consciência sofre por causa desse hábito – disse Dorothea. – Eu me pergunto se ele gostaria de poder abandoná-lo.

– Não tenho dúvidas de que ele o abandonaria, se tivesse uma melhor situação econômica: ele ficaria agradecido se pudesse dedicar tempo a outras coisas.

– Meu tio diz que Mr. Tyke é considerado um homem apostólico – disse Dorothea, pensativa. Ela gostaria que fosse possível restaurar os tempos de zelo primitivo e, no entanto, Mr. Farebrother possuía um forte desejo de resgatar a si mesmo do dinheiro obtido com jogos de azar.

– Não pretendo afirmar que Farebrother seja apostólico – disse Lydgate. – Sua posição não é exatamente como a dos apóstolos; ele é apenas um clérigo entre os paroquianos cujas vidas ele tenta melhorar. Na prática, eu acho que o que hoje em dia se chama de apostólico é uma impaciência por tudo aquilo em que o ministro não constitui a figura principal. Vejo um pouco disso em Mr. Tyke no hospital: uma boa parte de sua doutrina consiste em uma espécie de beliscão forte para deixar as pessoas desconfortavelmente cientes de sua presença. Além disso, um apostólico em Lowick! Ele pensaria que, como São Francisco, é necessário pregar aos pássaros.

– É verdade – disse Dorothea. – É difícil imaginar que tipo de ideias nossos granjeiros e trabalhadores obtêm de seus ensinamentos. Tenho lido um volume de sermões de Mr. Tyke, e esse tipo de sermão seria inútil em Lowick... quero dizer, sobre predestinação e as profecias do Apocalipse. Sempre pensei nas diferentes maneiras como o Cristianismo é ensinado, e sempre que encontro uma maneira, que o torna uma bênção mais ampla do que qualquer outra, apego-me a ela como a mais verdadeira... quero dizer, aquela que inclui o bem maior de todos os tipos, e acolhe a maioria das pessoas. Certamente, é melhor perdoar demais do que condenar demais e eu gostaria de ver Mr. Farebrother e ouvi-lo pregar.

– Faça isso – disse Lydgate. – Eu confio no efeito que produzirá. Ele é muito querido, embora também tenha seus inimigos; sempre há pessoas que não conseguem perdoar um homem capaz por ser diferente delas. E esse negócio de ganhar dinheiro com as cartas é realmente um problema. A senhora não tem relações, é claro, com muitas pessoas de Middlemarch, mas Mr. Ladislaw, que constantemente visita Mr. Brooke, é um grande amigo dos parentes de Mr. Farebrother, e ficará feliz em fazer seus elogios ao vigário. Uma das velhas senhoras, Miss Noble, a tia, é uma imagem maravilhosamente pitoresca da bondade mais absoluta, e Ladislaw, às vezes, lhe faz companhia. Eu os encontrei um dia em uma rua secundária; a senhora conhece a aparência de Ladislaw, imagine uma espécie de Daphnis de paletó e colete, com aquela pequena e velha

solteirona de braços dados com ele... pareciam um casal saído de uma comédia romântica. Mas a melhor evidência sobre Farebrother é vê-lo e ouvi-lo.

Felizmente, Dorothea estava em sua sala de estar particular quando esta conversa ocorreu, e não havia ninguém presente para tornar dolorosa para ela a inocente referência a Ladislaw por Lydgate. Como era seu costume em questões de fofocas, Lydgate havia se esquecido completamente do comentário de Rosamond de que ela pensava que Will idolatrava Mrs. Casaubon. Naquele momento, ele estava apenas preocupado com o que poderia recomendar à família Farebrother e propositalmente havia dado ênfase ao pior que poderia ser dito sobre o vigário, a fim de evitar objeções. Nas semanas desde a morte de Mr. Casaubon, ele mal tinha visto Ladislaw e não tinha ouvido nenhum rumor que o advertisse de que o secretário particular de Mr. Brooke era um tema perigoso para Mrs. Casaubon. Quando ele se foi, a imagem de Ladislaw descrita pelo médico permaneceu na mente de Dorothea, e passou a disputar terreno com a questão do benefício de Lowick. O que Will Ladislaw estaria pensando sobre ela? Teria ele conhecimento sobre o fato que fazia suas bochechas queimarem como nunca antes? E como se sentiria ao saber? Porém, a imagem que via com mais clareza era Will sorrindo para a velhinha. Um italiano com ratos brancos! Pelo contrário, Will era uma criatura que compreendia os sentimentos de todas as pessoas e podia aguentar a pressão de seus pensamentos angustiosos no lugar de impor os seus com férrea resistência.

CAPÍTULO LI

Sendo a parte natureza também, você verá
Pelo rigor da lógica, como ambas se acomodam:
Os muitos em um só, e um em muitos;
Nem tudo é alguma coisa, nem alguma coisa é o mesmo que qualquer um;
O gênero contém as espécies, ambas são grandes ou pequenas;
Um gênero é maior, outro bem menor;
Cada espécie também se diferencia,
Esta não é aquela, e ele nunca foi você;
Embora esta e aquela sejam SINS, e você e ele
Sejam como um é para um, ou três são para três.

Nenhum rumor sobre o testamento de Mr. Casaubon ainda havia chegado aos ouvidos de Ladislaw; o ar parecia estar preenchido com a dissolução do Parlamento e as próximas eleições, e assim como as antigas feiras e velórios estavam repletos da gritaria rival dos espetáculos itinerantes, os sons privados eram pouco notados. Estavam a ponto de celebrar as famosas “eleições secas”, nas quais a profundidade do sentimento público podia ser medida pelo baixo consumo de bebida. Will Ladislaw era uma das pessoas mais ocupadas do momento, e embora a viuvez de Dorothea estivesse continuamente em seu pensamento, ele estava tão longe de desejar falar sobre o assunto, que quando Lydgate o procurou para lhe contar o que havia acontecido sobre o benefício de Lowick, ele respondeu com certa irritação:

– Por que você teve que me meter neste assunto? Eu nunca vejo Mrs. Casaubon, e não é provável que a veja, já que ela está em Freshitt. Eu nunca vou lá. É um território dos conservadores, onde nem eu nem o “Pioneiro” somos

mais bem-vindos do que um caçador furtivo e sua escopeta.

O fato era que Will havia se tornado mais suscetível desde que notara que Mr. Brooke, no lugar de desejar que ele, como antes, visitasse Tipton Grange com mais frequência do que ele mesmo queria, parecia agora planejar para que ele fosse lá o menos possível. Esta era uma concessão atrapalhada de Mr. Brooke ao protesto indignado de Sir James Chettam, e Will, alerta ao menor indício naquele sentido, concluiu que deveria ser mantido longe da casa por causa de Dorothea. Seus parentes, então, o olhavam com alguma suspeita? Seus temores eram infundados: eles se enganavam muito se imaginavam que ele se apresentaria como um aventureiro necessitado tentando conquistar o favor de uma mulher rica.

Até este momento, Will não havia se dado conta completamente do abismo que havia entre ele e Dorothea; até este momento no qual ele chegava à beira do precipício e a via do outro lado. Não sem alguma raiva interior, ele começou a pensar em ir embora da vizinhança: seria impossível para ele demonstrar qualquer interesse por Dorothea sem se sujeitar a imputações desagradáveis... talvez até mesmo na mente da própria Dorothea, que outros poderiam tentar envenenar.

“Estamos separados para sempre. Eu poderia muito bem estar em Roma e ela não estaria mais longe de mim”. Porém, o que chamamos de desespero muitas vezes é apenas a dolorosa ânsia por uma esperança não alimentada. Havia muitos motivos pelos quais ele não deveria ir, motivos públicos pelos quais ele não deveria deixar seu cargo naquele momento de crise, deixando Mr. Brooke em apuros quando ele precisava de “treinamento” para as eleições, e quando havia muita campanha, direta e indireta, a ser realizada. Will não queria abandonar suas próprias peças de xadrez no melhor momento do jogo, e qualquer candidato reformista, mesmo que seu cérebro e tutano fossem tão moles quanto fosse compatível com uma postura cavalheiresca, ele poderia ajudar a obter a maioria. Preparar Mr. Brooke e mantê-lo firme na ideia de que ele deveria se comprometer a votar a favor do projeto de lei da reforma eleitoral,

em vez de insistir em sua independência e na possibilidade de recuar a tempo, não era uma tarefa fácil. A profecia de Mr. Farebrother de um quarto candidato “na manga” ainda não havia sido cumprida e nem a Sociedade de Candidatos Parlamentares nem qualquer outro grupo à espreita de assegurar uma maioria reformista encontrava motivos válidos para interferir enquanto existisse um segundo candidato reformista como Mr. Brooke, que podia pagar todos os gastos, e a briga era inteiramente travada entre Pinkerton, o antigo membro conservador, Bagster, o novo membro Whig, vencedor das últimas eleições, e Brooke, o futuro membro independente, que havia se comprometido apenas para esta ocasião. Mr. Hawley e seu partido concentrariam todas as suas forças na volta de Pinkerton e o sucesso de Mr. Brooke dependeria de eleitores que deixassem Bagster na retaguarda, ou da conversão de votos conservadores em votos reformistas. Este último, é claro, seria preferível.

A perspectiva de converter votos era uma distração perigosa para Mr. Brooke: sua impressão de que os indecisos provavelmente seriam atraídos com declarações ambíguas, assim como sua tendência a aceitar argumentos opostos quando surgiam em sua memória, davam muito trabalho a Will Ladislaw.

– Você sabe que há táticas nesses assuntos – dizia Mr. Brooke –, conhecer pessoas no meio do caminho, moderar as próprias ideias, dizer: “Bem, há algo de verdade nisso” e assim por diante. Concordo com você que esta é uma ocasião peculiar, o país com vontade própria, alianças políticas, esse tipo de coisa, mas às vezes fazemos cortes com uma faca muito afiada, Ladislaw. Essas famílias com dez libras,[147] por exemplo: por que dez? Deve-se estabelecer a linha em algum lugar... sim, mas por que precisamente dez? Essa é uma pergunta difícil, se você pensar bem.

– É claro que é – respondia Will, impaciente. – Mas se você vai esperar até que consigamos uma reforma perfeitamente lógica, você deve se apresentar como um revolucionário, e neste caso temo que Middlemarch não o elegeria. Quanto aos cortes, este não é momento para cortar nada.

Mr. Brooke sempre terminava concordando com Ladislaw, a quem seguia

como uma espécie de Burke com fermento de Shelley, mas depois de um intervalo, a sabedoria de seus próprios métodos se reafirmava, e ele era novamente levado a usá-los com grande otimismo. Nesse estágio das coisas, ele estava de excelente humor, o que até o sustentava com grandes adiantamentos de dinheiro, pois seus poderes de convencer e persuadir ainda não tinham sido testados por nada mais difícil do que o discurso como presidente de uma junta apresentando outros oradores, ou de um diálogo com algum eleitor de Middlemarch, dos quais ele saía com a sensação de que era um estrategista nato, e que era uma pena que ele não tivesse se dedicado antes a esse tipo de coisa. No entanto, ele estava um pouco consciente da derrota com Mr. Mawmsey, um representante destacado em Middlemarch, de grande poder social, o comerciante de varejo e, naturalmente, um dos eleitores mais duvidosos do condado, disposto a pessoalmente fornecer uma igual qualidade de chás e açúcares para reformistas e antirreformistas, bem como para concordar imparcialmente com ambos, assim como os burgueses de antigamente, de quem essa necessidade de eleger membros para o Parlamento era um grande fardo para uma cidade, pois mesmo que não houvesse esperanças a todos os partidos de antemão, haveria a dolorosa necessidade de decepcionar pessoas respeitáveis cujos nomes estivessem em seus livros. Ele estava acostumado a receber grandes encomendas de Mr. Brooke de Tipton, mas também havia muitos membros do comitê de Pinkerton cujas opiniões tinham um grande peso de mantimento do seu lado. Mr. Mawmsey, pensando que Mr. Brooke, por não ser muito “inteligente em seus intelectos”, tinha mais probabilidade de perdoar um dono da mercearia que dera seu voto contra ele sob pressão, havia feito certas confidências em sua sala dos fundos.

– Quanto à Reforma, senhor, coloque-a sob o ponto de vista de uma família – disse ele, sacudindo as moedas em seu bolso e sorrindo afavelmente. – Ela ajudará a manter Mrs. Mawmsey, permitindo que ela crie seis filhos quando eu lhe faltar? Fiz a pergunta de maneira fictícia, pois já sei qual deve ser a resposta. Pois bem, senhor. Minha pergunta é o que devo fazer, como marido e pai, quando os cavalheiros vêm a mim e dizem: “Faça o que quiser, Mawmsey, mas

se você votar contra nós, eu comprarei meus mantimentos em outro lugar; quando eu adoço meu chá, gosto de sentir que estou beneficiando o país por manter comerciantes que sabem votar". Essas mesmíssimas palavras foram ditas para mim, senhor, na mesma cadeira onde está sentado agora. Não quero dizer por sua honorável pessoa, é claro, Mr. Brooke.

– Não, não, não, isso seria manter a mente muito estreita, você sabe. Até que meu mordomo reclame da sua mercadoria, Mr. Mawmsey – disse Mr. Brooke, conciliadoramente –, até ouvir que o senhor nos envie açúcar ruim, especiarias de má qualidade, esse tipo de coisa, eu nunca vou mandá-lo comprar em outro lugar.

– Senhor, sou seu humilde servo e muito grato – disse Mr. Mawmsey, sentindo que a política estava se esclarecendo um pouco. – Seria um prazer votar em um cavalheiro que fala de maneira tão nobre.

– Bem, de qualquer forma, Mr. Mawmsey, o senhor estaria fazendo a coisa certa se colocando do nosso lado. Esta reforma afetará a todos com o tempo... é uma medida amplamente popular, uma espécie de A, B, C, sabe, isso deve vir antes que o resto possa seguir. Estou de pleno acordo que é preciso olhar para a coisa sob o ponto de vista de uma família, mas lembre-se da coisa pública. Somos todos uma família, sabe, é tudo uma trama de interesses. Um voto, por exemplo, ora, pode contribuir para que um homem se enriqueça na cidade do Cabo, não há como saber qual pode ser o efeito de um voto – concluiu Mr. Brooke, com a sensação de estar um pouco confuso, embora ainda se achando agradável. Porém, Mr. Mawmsey respondeu em tom decisivo.

– Perdão, senhor, mas isso eu não posso permitir. Quando eu voto, devo saber o que estou fazendo; devo considerar quais serão os efeitos em meu caixa e no meu livro, isso eu lhe digo com respeito. Preços, eu devo admitir, são imprevisíveis, e depois de comprar frutas secas, que são mercadorias perecíveis, baixam de repente... eu mesmo nunca entendi os meandros de tudo isso, o que é uma boa lição para o orgulho humano. Mas, quanto a uma família, acredito que há um devedor e um credor; isso a reforma não vai modificar, caso contrário, eu

votaria para que as coisas permanecessem como estão. Pessoalmente, poucos homens têm menos necessidade de clamar por mudanças do que eu, isto é, falando por mim e por minha família. Não sou daqueles que não têm nada a perder; me refiro à respeitabilidade, tanto na paróquia como nos assuntos privados, e não há nada a respeito de sua própria honra e dos seus costumes, os quais o senhor foi bom o suficiente para dizer que não retiraria de mim, votando ou não, enquanto a mercadoria enviada for satisfatória.

Depois dessa conversa, Mr. Mawmsey subiu e se gabou para sua esposa de que tinha ganhado a partida com Brooke, de Tipton, e que agora não se importava muito em ir votar.

Nessa ocasião, Mr. Brooke se absteve de se gabar de suas táticas para Ladislaw, que, por sua vez, ficava feliz em persuadir a si mesmo de que não havia nenhuma preocupação com a campanha, exceto as do tipo meramente argumentativo, e que ele não operava nenhuma máquina pior do que o conhecimento. Mr. Brooke possuía, necessariamente, seus agentes, que compreendiam a natureza do eleitor de Middlemarch e os meios de alistar sua ignorância ao lado do projeto de lei, meios notavelmente semelhantes aos métodos para alistá-los do lado contrário ao projeto de lei. Will tapava os ouvidos. Ocasionalmente, o Parlamento, como o resto de nossas vidas, até mesmo nossa alimentação e vestuário, dificilmente poderia prosseguir se nossa imaginação fosse muito ativa a respeito dos seus processos. Havia muitos homens no mundo com as mãos sujas dispostos a fazer negócios sujos, e Will convencia a si mesmo que sua participação na tarefa de levar Mr. Brooke adiante era completamente inocente.

No entanto, ele tinha muitas dúvidas quanto ao seu êxito com aquele método de contribuir para a maioria favorável à reforma. Ele havia escrito vários discursos e memorandos para discursos, mas começava a perceber que a mente de Mr. Brooke, se tivesse que suportar o fardo de recordar qualquer linha de pensamento, iria abandoná-lo e correr em sua busca, e dificilmente voltaria ao ponto de partida. Reunir documentos é uma maneira de servir ao seu país, e

lembrar o conteúdo de um documento é outra. Não! A única maneira pela qual Mr. Brooke poderia ser coagido a pensar nos argumentos certos na hora certa era exercitá-los a fundo até que ocupassem todo o espaço de seu cérebro. Mas aqui havia a dificuldade de encontrar espaço, já que tantas coisas haviam sido acumuladas de antemão. O próprio Mr. Brooke comentava que suas ideias o atrapalhavam quando ele falava.

No entanto, o treinamento de Ladislaw foi imediatamente posto à prova, pois antes do dia da nomeação dos candidatos, Mr. Brooke deveria se apresentar aos respeitáveis eleitores de Middlemarch da sacada do White Hart, que dava vantajosamente para uma esquina da praça do mercado, dominando uma grande área em frente a duas ruas convergentes. Era uma bela manhã de maio e tudo parecia promissor: havia alguma perspectiva de um acordo entre o comitê de Bagster e o de Brooke, para o qual Mr. Bulstrode, Mr. Standish como advogado liberal e alguns produtores como Mr. Plymdale e Mr. Vincy, prestavam uma solidez que quase compensava Mr. Hawley e seus associados que se reuniam a favor de Pinkerton no Green Dragon. Mr. Brooke, consciente de ter enfraquecido as críticas do “Trombeta” contra ele graças às reformas como proprietário que havia feito durante os últimos seis meses, e ouvindo alguns aplausos enquanto entrava na cidade, sentiu seu coração consideravelmente mais leve sob seu colete ocre. Mas, no que diz respeito a ocasiões críticas, muitas vezes acontece que todos os momentos parecem confortavelmente remotos até o último.

– Isso parece bom, hein? – disse Mr. Brooke enquanto a multidão se reunia. – Terei uma boa audiência, de qualquer forma. Eu gosto disso... esse tipo de público composto pelos meus próprios vizinhos, você sabe.

Ao contrário de Mr. Mawmsey, os tecelões e curtidores de Middlemarch nunca haviam considerado Mr. Brooke um vizinho e não sentiam por ele mais afeto do que se tivesse sido enviado de Londres em uma caixa. Mas eles ouviram sem muita perturbação os oradores que apresentaram o candidato, ainda que um deles, um personagem político de Brassing, que veio dizer a Middlemarch seu dever, falou tão abertamente, que era alarmante pensar o que o candidato poderia

encontrar para dizer depois dele. Enquanto isso, a multidão ficava mais densa, e conforme o personagem político se aproximava do final de seu discurso, Mr. Brooke sentia uma mudança notável em suas sensações enquanto ainda manuseava seu monóculo, brincava com os documentos à sua frente e trocava comentários com seu comitê, como um homem a quem o momento da convocação era indiferente.

– Vou tomar outro copo de xerez, Ladislaw – disse ele, com um ar tranquilo para Will, que estava logo atrás dele, e lhe entregou o suposto fortificador. Foi uma decisão infeliz, pois Mr. Brooke era um homem abstêmio, e beber uma segunda taça de xerez em um intervalo tão curto de tempo foi uma surpresa para seu organismo, que tendia a dispersar suas energias no lugar de concentrá-las. Suplico que tenham compaixão dele: tantos cavalheiros ingleses se sentem péssimos ao discursarem em terrenos inteiramente privados! Enquanto Mr. Brooke desejava servir a seu país concorrendo ao Parlamento, o que, de fato, também pode ser feito em bases privadas, mas uma vez tomada a decisão, ela inexoravelmente exigia algum discurso.

Não era o princípio de seu discurso que inquietava Mr. Brooke; quanto a isso, ele estava convencido de que iria bem, sairia perfeito, elaborado de forma tão ordenada quanto um conjunto de estrofes de Pope. Embarcar seria fácil, mas a visão de mar aberto que poderia vir depois era alarmante. “E as perguntas”, sussurrava o demônio que começava a despertar em seu estômago, “alguém pode fazer perguntas sobre o programa”. – Ladislaw – continuou ele, em voz alta – passe-me o memorando do programa.

Quando Mr. Brooke se apresentou na sacada, os aplausos foram altos o suficiente para contrabalançar os gritos, uivos, berros e outras manifestações da teoria adversa, que foram tão moderadas que Mr. Standish (decididamente um homem muito astuto) observou no ouvido de quem estava ao seu lado: – Isso parece perigoso, por Deus! Hawley tem um plano melhor do que esse.

Mesmo assim, os aplausos foram estimulantes, e nenhum candidato poderia parecer mais amável do que Mr. Brooke, com o memorando no bolso do paletó,

a mão esquerda no parapeito da varanda e a direita brincando com o monóculo. Os pontos marcantes em sua aparência eram o colete ocre, o cabelo loiro muito curto e a fisionomia neutra. Ele começou com alguma confiança.

– Cavalheiros, eleitores de Middlemarch!

A fala foi tão apropriada que uma pequena pausa depois parecia natural.

– Estou extraordinariamente feliz por estar aqui, nunca me senti mais orgulhoso e feliz em minha vida; nunca, sabem?

Era uma figura de linguagem ousada, mas não exatamente adequada, pois, infelizmente, a abertura perfeita havia evaporado, e até mesmo as estrofes de Pope podem ser apenas “desmoronamentos, desaparecimentos”, quando o medo se apodera de nós e um copo de xerez se precipita por nossas ideias. Ladislaw, que estava de pé junto à janela e atrás do orador, pensou: “Está tudo acabado agora. A única chance é que, já que a melhor coisa nem sempre funciona, tropeçar pode dar resultado, ao menos uma vez”. Enquanto isso, Mr. Brooke, tendo perdido completamente o fio da meada, recorreu a si mesmo e aos seus méritos, tema sempre elegante e apropriado para um candidato.

– Eu sou um vizinho de vocês, meus bons amigos... vocês me conhecem há tempos como juiz de paz... eu sempre fui muito interessado em questões públicas, as máquinas, a quebra das máquinas... muitos de vocês estão preocupados com as máquinas, e eu tenho me interessado por isso ultimamente. Não vai funcionar, vocês sabem, quebrar as máquinas; as coisas devem seguir adiante... o comércio, a indústria, os negócios, o intercâmbio de matéria-prima... esse tipo de coisas... elas devem seguir adiante desde Adam Smith. Devemos olhar para todo o globo: “Observar com uma perspectiva mais ampla”, devemos olhar para todos os lados, “da China ao Peru”, como alguém já disse... creio que foi Johnson, em *The Rambler,* vocês sabem. É o que eu tenho feito até certo ponto; não até o Peru, mas nem sempre fiquei em casa... vi que não funcionaria. Estive no Oriente, para onde vão alguns dos produtos de Middlemarch, e depois, novamente, ao Báltico. Ao Báltico, sim.

Repassando suas lembranças dessa maneira, Mr. Brooke poderia ter se dado

bem e teria voltado dos mares mais remotos sem problemas, mas um procedimento diabólico foi organizado pelo inimigo. Em um abrir e piscar de olhos, quase em frente a Mr. Brooke e a uns dez metros de distância, foi erguida acima dos ombros da multidão uma imagem sua: colete ocre, monóculo e fisionomia neutra, pintada em um pano. Ela havia surgido, aparentemente no ar, como a nota do cuco, um eco de suas palavras com a voz de um papagaio. Todos olharam para as janelas abertas das casas nos ângulos opostos das ruas convergentes, mas elas estavam vazias ou cheias de ouvintes risonhos. O eco mais inocente tem alguma coisa como uma zombaria travessa quando segue um orador sério e persistente, e esse eco não era inocente; se não repetia com a precisão de um eco natural, escolhia com perversidade as palavras empregadas. No momento em que disse “ao Báltico, sim”, a risada que corria pela plateia tornou-se uma gargalhada generalizada, que se não fosse pelo efeito apaziguador e da solidariedade daquela grande causa pública que o emaranhado de coisas havia identificado com “Brooke de Tipton”, teria contagiado o seu próprio comitê. Mr. Bulstrode perguntou, repreensivamente, o que a nova polícia estava fazendo, mas era difícil capturar uma voz, e um ataque à efígie do candidato teria sido um equívoco, uma vez que Hawley provavelmente pretendia que ela fosse atacada.

O próprio Mr. Brooke não estava em situação de se conscientizar rapidamente de nada, exceto de um desaparecimento geral de ideias dentro de si: ele tinha até um pouco de canto nos ouvidos e era a única pessoa que ainda não havia percebido nem o eco nem a imagem de si mesmo. Poucas coisas são capazes de aprisionar mais as percepções do que a angústia sobre o que temos a dizer. Mr. Brooke ouviu as risadas, mas ele esperava das partes dos conservadores alguns esforços para perturbá-lo, e naquele momento ele se encontrava ainda mais exaltado pela sensação formigante e dolorosa de que seu preâmbulo perdido estava voltando para buscá-lo no Báltico.

– Isso me lembra – continuou ele, enfiando a mão no bolso lateral, com ar tranquilo –, se eu necessitasse de um precedente... ainda que nunca necessitamos

de um precedente para fazer a coisa certa, mas aí está Chatham, por exemplo; não posso dizer que deveria ter apoiado Chatham, ou Pitt, o Pitt mais jovem... ele não era um homem de ideias, e nós precisamos de ideias, vocês sabem.

– Ao diabo com suas ideias! Queremos a reforma – disse uma voz alta e áspera entre a multidão.

Nesse mesmo instante, o encrenqueiro invisível, que até então havia seguido Mr. Brooke, repetiu: “Ao diabo com suas ideias! Queremos a reforma”. A risada foi mais alta do que nunca, e pela primeira vez Mr. Brooke, estando ele próprio em silêncio, ouviu distintamente o eco zombeteiro, mas parecia ridicularizar aquele que o interrompeu e, sob esse aspecto, era encorajador; então ele respondeu com amenidade:

– Há algo de verdade no que você diz, meu bom amigo, e para que nos reunimos senão para falar o que pensamos? Liberdade de opinião, liberdade de imprensa, liberdade... esse tipo de coisas? O projeto de lei, bem... vocês terão a reforma – aqui Mr. Brooke parou por um momento para colocar o monóculo e tirar o papel do bolso do paletó, com a sensação de estar sendo prático ao fornecer os detalhes. O encrenqueiro invisível continuou:

– Você terá a reforma, Mr. Brooke, através de corrida eleitoral e um lugar na porta do Parlamento, cinco mil libras, sete xelins e quatro centavos.

Mr. Brooke, em meio a gargalhadas, ficou vermelho, deixou cair o monóculo e, olhando em volta confuso, viu a imagem de si mesmo que se aproximara. No momento seguinte, ele a contemplou dolorosamente coberta de ovos. Seu espírito se elevou um pouco, e sua voz também.

– As palhaçadas, os truques, ridicularizar a verdade... tudo isso está muito bem... – um ovo desagradável caiu no ombro de Mr. Brooke, no momento em que o eco dizia: “Tudo isso está muito bem”, depois veio uma chuva de ovos, dirigida principalmente à imagem, mas ocasionalmente atingindo o original, como por acaso. Havia um fluxo de novos espectadores empurrando a multidão; assobios, gritos e berros aumentaram a algazarra porque havia gritos e luta para abatê-los. Nenhuma voz teria sido potente o suficiente para se erguer acima do

tumulto, e Mr. Brooke, desagradavelmente ungido, abandonou o campo. A frustração teria sido menos exasperante se fosse menos jocosa e infantil: um ataque sério do qual o repórter do jornal poderia afirmar que “pôs em perigo as costelas do erudito cavalheiro” ou que lhe permitiram dar um testemunho respeitoso de que “as solas das botas desse cavalheiro eram visíveis acima do parapeito”, talvez tivesse mais consolos anexados a ele.

Mr. Brooke voltou a entrar na sala onde estava seu comitê, dizendo, da forma mais despreocupada que pôde:

– Isso é uma pena, sabem? Pouco a pouco eu conseguiria a atenção das pessoas... mas eles não me deram tempo. Eu ia chegar na reforma... – acrescentou ele, olhando para Ladislaw. – De qualquer forma, as coisas correrão bem com a nomeação.

Mas não havia unanimidade se as coisas iriam dar certo; pelo contrário, o comitê parecia bastante sério, e o personagem político de Brassing escrevia atarefado, como se estivesse preparando novos estratagemas.

– Foi Bowyer quem fez isso – disse Standish, evasivamente. – Estou tão certo como se ele tivesse sido anunciado. Ele é um ventríloquo extraordinário, por Deus! E ele foi muito bem! Hawley o convidou para jantar ultimamente: há um fundo de talento em Bowyer.

– Bem, sabe, você nunca o mencionou para mim, Standish, senão eu o teria convidado para jantar – disse o pobre Mr. Brooke, que havia sido anfitrião em muitas noites pelo bem de seu país.

– Não há sujeito mais mesquinho em Middlemarch do que Bowyer – disse Ladislaw, indignado –, mas parece que os mesquinhos são sempre os que acabam pesando na balança.

Will estava de muito mal humor consigo mesmo, assim como com seu “chefe”, e foi se trancar em seu alojamento meio decidido a abandonar o “Pioneiro” e Mr. Brooke ao mesmo tempo. Por que ele deveria ficar? Se o abismo intransponível que existia entre ele e Dorothea nunca deveria ser superado, antes ele deveria ir embora e obter uma posição completamente

diferente da sua permanência em Middlemarch, acumulando um merecido desprezo como subordinado de Brooke. Então, veio o jovem sonho juvenil das maravilhas que ele poderia fazer, em cinco anos, por exemplo: redação política, discurso político, obteria um valor mais alto agora que a vida pública seria mais ampla e mais nacional, e eles poderiam lhe oferecer tanto prestígio que não pareceria estar pedindo a Dorothea para descer ao seu nível. Cinco anos: se ele pudesse ter certeza de que ela se importava mais com ele do que com os outros; se ele pudesse apenas torná-la ciente de que ele permaneceria longe até que pudesse declarar seu amor sem se rebaixar, então ele poderia ir embora tranquilo e começar uma carreira que aos 25 anos parecia bastante plausível segundo a ordem natural das coisas, onde o talento traz fama, e fama todas as coisas maravilhosas. Ele sabia falar e escrever; ele poderia dominar qualquer assunto se quisesse, e pretendia sempre ficar do lado da razão e da justiça, sobre a qual dedicaria todo o seu entusiasmo. Por que não deveria um dia ser erguido acima dos ombros da multidão e sentir que havia conquistado com êxito sua distinção? Sem dúvida, ele deixaria Middlemarch, iria para Londres e se tornaria famoso e saberia aproveitar as vantagens disso.

Mas não imediatamente: não até que ele e Dorothea tivessem tido algum tipo de comunicação. Ele não ficaria satisfeito até que ela soubesse que ele não se casaria com ela mesmo se fosse o homem da sua escolha. Portanto, ele deveria manter seu posto e ter um pouco mais de paciência com Mr. Brooke.

Porém, ele logo teve motivos para suspeitar que Mr. Brooke antecipara seu desejo de romper a conexão. Delegações externas e vozes internas haviam concordado em induzir o filantropo a adotar uma medida mais enérgica do que o normal para o bem da humanidade, ou seja, retirar-se em favor de outro candidato, a quem ele deixava as vantagens de sua máquina eleitoral. Ele mesmo a denominou uma medida enérgica, mas observou que sua saúde era menos resistente à agitação do que ele imaginava.

– Estou sentindo um desconforto no peito... e não é conveniente me exceder – disse ele a Ladislaw ao explicar sua decisão. – Preciso puxar o freio. O pobre

Casaubon foi um aviso, você sabe. Fiz alguns avanços importantes, mas abri uma brecha. Isso de fazer campanha eleitoral é um trabalho um tanto grosseiro, hein, Ladislaw? Não estranharia se você também estivesse cansado. De qualquer forma, nós abrimos uma brecha com o “Pioneiro”... nós encaminhamos algumas coisas. Um homem mais comum do que você pode continuar agora... alguém mais comum, você sabe.

– Você deseja que eu o deixe? – perguntou Will, a cor surgindo rapidamente em seu rosto, enquanto ele se levantava da escrivaninha e dava três passos com as mãos nos bolsos. – Estou pronto para fazer isso quando você desejar.

– Quanto a desejar, meu caro Ladislaw, tenho a mais elevada opinião sobre sua capacidade, você sabe. Mas sobre o “Pioneiro”, tenho consultado alguns dos homens do nosso lado, e eles estão inclinados a encarregar-se do jornal, com o que estariam me indenizando até certo ponto. E, nessas circunstâncias, você pode deixá-lo, pode encontrar melhores oportunidades. Essas pessoas podem não estimá-lo como eu, como se fosse meu alter ego, meu braço direito... embora eu sempre tenha esperado que você fizesse outra coisa. Estou pensando em ir à França por uns tempos. Mas prontifico-me a escrever as cartas de apresentação que precisar, sabe, para o Althorpe[148] e pessoas desse tipo. Eu conheço o Althorpe.

– Eu fico extremamente grato – disse Ladislaw, com orgulho. – Já que você vai se desfazer do “Pioneiro”, não preciso incomodá-lo com os passos que devo tomar. Posso escolher continuar aqui por enquanto.

Depois que Mr. Brooke o deixou, Will pensou: *“O resto da família tem insistido para que ele se livre de mim e ele já não se importa que eu vá embora. Vou ficar o tempo que eu quiser. Partirei por minha própria decisão e não porque eles têm medo de mim”*.

CAPÍTULO LII

“Seu coração
Sujeitou aos deveres mais humildes”.
– WILLIAM WORDSWORTH.

Naquela tarde de junho, quando Mr. Farebrother soube que receberia o benefício eclesiástico de Lowick, houve uma grande alegria na sala de estar antiquada, e até mesmo os retratos dos célebres jurisconsultos pareciam olhar com satisfação. Sua mãe deixou o chá e a torrada intocados, mas manteve sua costumeira atitude cordial, apenas demostrando sua emoção por aquele rubor nas bochechas e brilho nos olhos, que oferecem a qualquer pessoa de idade uma comovente identidade momentânea com seu eu jovem tão distante, e dizendo com decisão:

– O mais reconfortante, Camden, é que você mereceu.

– Quando um homem consegue uma boa cama, mãe, metade dos merecimentos deve vir depois – disse o filho, transbordando de prazer e sem tentar disfarçá-lo. A alegria refletida em seu rosto era do tipo ativo que parece possuir energia suficiente não apenas para brilhar externamente, mas para iluminar uma visão atarefada no seu interior: era como se pudéssemos ver seus pensamentos, bem como seu deleite, através de seus olhos.

– Agora, tia – continuou ele, esfregando as mãos e olhando para Miss Noble, que fazia barulhos suaves como o de um castor –, sempre haverá torrões de açúcar na mesa para a senhora roubar e entregar às crianças, e a senhora terá muitas meias novas para presentear e cerzirá as suas mais do que nunca!

Miss Noble assentiu com a cabeça com uma risada contida e meio assustada, consciente de já ter jogado mais um torrão de açúcar em sua cesta em razão da

nova nomeação do sobrinho.

– Quanto a você, Winnie – continuou o vigário –, não terei dificuldades para casá-la com qualquer solteiro de Lowick, Mr. Solomon Featherstone, por exemplo, assim que descobrir que está apaixonada por ele.

Miss Winifred, que não havia parado de olhar para o irmão e chorar, o que era sua maneira de se alegrar, sorriu em meio às lágrimas e disse:

– Você deve dar o exemplo, Cam; você é que deveria se casar.

– Com todo o meu coração. Mas quem vai me querer? Sou um velhote maltrapilho – disse o vigário, levantando-se, afastando a cadeira e olhando para si mesmo. – O que me diz, mãe?

– Você é um homem bonito, Camden, embora não tenha uma figura tão bela quanto a de seu pai – disse a velha senhora.

– Eu gostaria que você se casasse com Miss Garth, irmão – disse Miss Winifred. – Ela nos deixaria tão animadas em Lowick.

– Perfeito! Você fala como se as moças estivessem engaioladas e prontas para serem escolhidas, como as aves do mercado; como se eu só tivesse que me declarar para que todas elas me aceitassem – disse o vigário, sem se importar em ser mais específico.

– Não queremos todas elas – disse Miss Winifred. – Mas a senhora aprovaria Miss Garth, não é, mãe?

– A escolha de meu filho será a minha – disse Mrs. Farebrother, com majestosa discrição –, e uma esposa seria muito bem-vinda, Camden. Quando formos para Lowick você vai querer jogar uíste em casa e Henrietta Noble nunca jogou. (Mrs. Farebrother sempre chamava sua irmã por esse magnífico nome).

– Não vou mais jogar uíste, mãe.

– Por que isso, Camden? Na minha época, o uíste era considerado um entretenimento inegável para um bom clérigo – disse Mrs. Farebrother, alheia ao significado que o uíste tinha para seu filho, e falando de maneira bastante severa, como se antecipasse um apoio perigoso à nova doutrina.

– Estarei muito ocupado para o uíste; terei duas paróquias – disse o vigário,

preferindo não discutir as virtudes daquele jogo.

Ele já havia dito a Dorothea: “Não me sinto obrigado a renunciar a St. Botolph. Será um protesto suficiente contra a pluralidade de cargos que eles querem reformar se eu der a outra pessoa a maior parte do dinheiro. O mais eficiente não é desistir do poder, mas usá-lo bem”. “Eu pensei nisso”, dissera Dorothea, “mas no que diz respeito a mim mesma, acho que seria mais fácil desistir do poder e do dinheiro do que mantê-los. Parece muito inadequado que eu possua esta patronagem, mas senti que não deveria permitir que outras pessoas a utilizem no meu lugar”. “Sou eu quem deve agir de forma que a senhora não venha a se arrepender”, respondera Mr. Farebrother.

Era sua uma dessas personalidades nas quais a consciência se torna mais ativa quando o jugo da vida cessa de atormentá-las. Ele não fez nenhuma demonstração de humildade, mas no fundo do seu coração se sentia bastante envergonhado por sua conduta ter apresentado negligências das quais estavam livres outros que não recebiam benefícios.

– Eu costumava desejar ter sido outra coisa e não um clérigo – disse ele a Lydgate, –, mas talvez seja melhor tentar fazer de mim mesmo um clérigo tão bom quanto possível. Você observará que este é um ponto de vista muito benéfico, com o qual as dificuldades são muito simplificadas – finalizou ele, sorrindo.

O vigário sentiu, então, que sua parcela de obrigações seria fácil. Mas a obrigação tem um truque para se comportar inesperadamente; algo como um amigo corpulento a quem gentilmente convidamos para uma visita e que quebra a perna dentro de nossos portões. Apenas uma semana mais tarde, a obrigação se apresentou em seu gabinete sob o disfarce de Fred Vincy, agora de volta do Omnibus College com seu diploma de bacharel.

– Tenho vergonha de incomodá-lo, Mr. Farebrother – disse Fred, cujo rosto sincero predispunha a seu favor –, mas o senhor é o único amigo a quem posso consultar. Eu já lhe disse tudo uma vez, e o senhor foi tão bom que não posso deixar de recorrer à sua ajuda novamente.

– Sente-se, Fred, estou pronto para ouvir e fazer tudo o que estiver ao meu alcance – disse o vigário, que se encontrava ocupado empacotando alguns pequenos objetos para a mudança, e continuou o trabalho.

– Eu queria dizer... – Fred hesitou um instante e depois continuou, precipitadamente –, que posso entrar para a igreja agora; e, realmente, por mais que eu procure, não consigo encontrar outra coisa para fazer. Não gosto disso, mas reconheço que será muito difícil dizer não ao meu pai depois que ele gastou uma boa quantia de dinheiro com a minha educação – Fred se deteve novamente por um instante e depois repetiu –, e não consigo encontrar outra coisa para fazer.

– Eu conversei com seu pai sobre isso, Fred, mas não consegui muita coisa. Ele disse que era tarde demais. Mas você já cruzou uma ponte agora; quais são as suas outras dificuldades?

– Sinceramente, eu não gosto disso. Não gosto da teologia, de pregar, nem de me sentir obrigado a parecer sério. Gosto de cavalgar e fazer o que os outros fazem. Não quero dizer que quero ser um sujeito mau, mas não tenho nenhuma inclinação pelo tipo de coisa que as pessoas esperam de um clérigo. E, no entanto, que outra coisa posso fazer? Meu pai não tem nenhum capital sobrando, ou eu poderia me dedicar à agricultura. E ele não tem espaço para mim em seu comércio. E é claro que não posso começar a estudar Direito ou Medicina agora, quando meu pai quer que eu comece a ganhar alguma coisa. Está tudo muito bem dizer que estou errado ao entrar para a igreja; mas aqueles que assim o dizem podem muito bem me mandar morar no mato.

A voz de Fred assumiu um tom de protesto resmungão, e talvez Mr. Farebrother tenha se sentido inclinado a sorrir se sua mente não estivesse muito ocupada imaginando mais do que Fred dizia.

– Você tem alguma dificuldade com relação à doutrina... com os artigos de fé? – perguntou ele, tentando pensar na questão simplesmente pelo bem de Fred.

– Não; suponho que os artigos estejam certos. Não tenho nenhum argumento para refutá-los, e, além disso, pessoas muito mais inteligentes do que eu os

aceitam totalmente. Creio que seria bastante ridículo da minha parte incitar escrúpulos dessa índole, como se eu fosse um juiz – disse Fred, simplesmente.

– Suponho, então, que lhe ocorreu que você poderia ser um pároco justo sem chegar a ser um grande teólogo?

– Claro, se eu for obrigado a ser um clérigo, tentarei cumprir meu dever, ainda que não goste. O senhor acha que alguém poderia me culpar?

– Por entrar para a igreja nestas circunstâncias? Isso depende da sua consciência, Fred... até que ponto você calculou o custo e viu o que sua posição exigirá de você. Só posso falar de mim mesmo, que sempre fui também relaxado e, consequentemente, tenho me sentido muito intranquilo.

– Mas há outro obstáculo – disse Fred, corando –, eu não disse antes, embora talvez possa ter dito coisas que o fizeram adivinhar. Há alguém de quem gosto muito; eu a amo desde que éramos crianças.

– Miss Garth, eu presumo? – disse o vigário, examinando atentamente alguns rótulos.

– Sim. Eu não me importaria com nada se ela me aceitasse. E eu sei que poderia ser um bom sujeito então.

– E você acha que ela sente o mesmo?

– Ela jamais admitirá; e há muito tempo ela me fez prometer que não voltaria a tocar no assunto. Ela decidiu que eu não devo ser um clérigo, eu sei disso. Mas eu não posso renunciar a ela. Acho que ela se preocupa comigo. Eu encontrei Mrs. Garth ontem à noite e ela me disse que Mary estava na reitoria de Lowick com Miss Farebrother.

– Sim, ela tem amavelmente se prestado a ajudar minha irmã. Você gostaria de ir até lá?

– Não, quero lhe pedir um grande favor. Tenho vergonha de incomodá-lo dessa maneira, mas talvez Mary o escute se o senhor tocar no assunto, quero dizer, sobre minha entrada na igreja.

– É uma tarefa bastante delicada, meu caro Fred. Terei que pressupor que sente carinho por ela e para entrar no assunto como você deseja, pedirei a ela que

me diga o que sente por você.

– É exatamente isso o que eu quero que ela diga – disse Fred, sem rodeios. – Eu não saberei o que fazer até que saiba quais são seus sentimentos por mim.

– Você quer dizer que seria guiado pela reação dela quanto à sua entrada na igreja?

– Se Mary disser que jamais se casará comigo, não me importa o caminho que vou seguir.

– Isso é um absurdo, Fred! Os homens sobrevivem ao seu amor, mas não sobrevivem às consequências de sua própria imprudência.

– Não é o meu caso: nunca deixei de amar Mary. Se eu tivesse que desistir dela, seria como começar a viver sobre pernas de pau.

– Ela não vai se ofender com a minha intromissão?

– Não, estou certo de que não. Ela o respeita mais do que a qualquer um, e ela não se esquivaria com brincadeiras como faz comigo. É claro que eu não poderia ter contado a ninguém mais, ou pedido a ninguém para falar com ela além do senhor. Ninguém mais poderia ser tão amigo de nós dois – Fred se deteve por um instante e disse, em tom de reclamação: – Além disso, ela deveria reconhecer que eu me esforcei para ser aprovado. Ela deveria saber que eu me esforçaria por ela.

Houve um momento de silêncio antes que Mr. Farebrother encerrasse seu trabalho e, estendendo a mão para Fred, dissesse:

– Muito bem, meu garoto. Eu farei o que você me pede.

Naquele mesmo dia, Mr. Farebrother foi ao presbitério de Lowick no cavalo que acabara de montar. *"Decididamente, eu sou um galho velho"*, pensou ele, *"os brotos novos estão me empurrando para o lado"*.

Ele encontrou Mary no jardim, colhendo rosas e espalhando as pétalas sobre um lençol. O sol estava baixo e as árvores altas projetavam suas sombras pelos caminhos gramados onde Mary se movia sem chapéu ou guarda-sol. Ela não percebeu a aproximação de Mr. Farebrother pela grama e acabara de se abaixar para repreender um pequeno terrier preto e castanho que insistia em caminhar

sobre o lençol e cheirar as pétalas de rosas enquanto Mary as espalhava. Ela segurou as patas dianteiras dele com uma das mãos e ergueu o dedo indicador da outra, enquanto o cachorro murchava as orelhas e parecia envergonhado.

– Fly, Fly, tenho vergonha de você – dizia Mary em um grave contralto. – Isso não é digno de um cão sensato; qualquer um pensaria que você é um jovem e tolo cavalheiro.

– Você é impiedosa com os jovens cavalheiros, Miss Garth – disse o vigário, a menos de dois metros dela.

Mary se sobressaltou e corou.

– Sempre dá bons resultados com Fly – disse ela, rindo.

– Mas não com jovens cavalheiros?

– Bem, com alguns, eu suponho, já que alguns deles se transformam em homens excelentes.

– Fico feliz com essa admissão, porque neste exato momento gostaria de chamar sua atenção para um jovem cavalheiro.

– Espero que não seja um tolo – disse Mary, começando a colher as rosas novamente e sentindo seu coração bater desconfortavelmente.

– Não, embora talvez a sabedoria não seja seu ponto forte, mas sim o afeto e a sinceridade. No entanto, a sabedoria reside mais nessas duas qualidades do que as pessoas podem imaginar. Espero que você saiba por estas características de qual jovem cavalheiro estou falando.

– Sim, acho que sim – disse Mary, corajosamente, seu rosto ficando mais sério e as mãos geladas. – Deve ser Fred Vincy.

– Ele me pediu para consultá-la sobre seu ingresso na igreja. Espero que você não pense que eu tomei muita liberdade ao prometer que o faria.

– Pelo contrário, Mr. Farebrother – disse Mary, desistindo das rosas e cruzando os braços, porém incapaz de erguer os olhos. – Eu me sinto honrada sempre que tem algo a me dizer.

– Porém, antes de entrar nessa questão, deixe-me apenas tocar em um ponto sobre o qual seu pai me falou confidencialmente; a propósito, foi naquela mesma

noite em que eu cumpri uma outra missão de Fred, logo depois de ele ir para a faculdade. Mr. Garth me contou o que aconteceu na noite da morte de Mr. Featherstone... como você se recusou a queimar o testamento; e ele me disse que você sentiu um pouco de remorso por isso, porque você foi o meio inocente de impedir que Fred recebesse suas dez mil libras. Tenho mantido isso em mente e ouvi algo que pode aliviá-la a este respeito... pode lhe mostrar que você não precisa fazer nenhuma penitência por aquele pecado.

Mr. Farebrother fez uma pausa e olhou para Mary. Ele pretendia dar a Fred todas as vantagens, mas seria bom, ele pensou, limpar a mente de Mary de quaisquer superstições, como as que as mulheres às vezes seguem quando cometem o erro de se casar com um homem como um ato de expiação. As bochechas de Mary começaram a queimar um pouco e ela aguardava em silêncio.

– O que eu quero dizer é que sua ação não fez nenhuma diferença real para o destino de Fred. Acredito que o primeiro testamento não teria sido legalmente válido após a queima do segundo; não teria resistido se tivesse sido contestado, e você pode ter certeza de que teria sido contestado. Portanto, quanto a isso, você pode ficar tranquila.

– Obrigada, Mr. Farebrother – disse Mary, sinceramente. – Eu sou grata ao senhor por se lembrar dos meus sentimentos.

– Bem, agora posso continuar. Fred, você sabe, se formou. Ele se esforçou como pôde até este ponto, e agora a pergunta é: o que ele deve fazer? Essa pergunta é tão difícil que ele se sente tentado a seguir os desejos de seu pai e entrar para a igreja, embora você saiba melhor do que eu que ele era totalmente contra a ideia no passado. Eu o questionei sobre o assunto e confesso que não vejo nenhuma objeção insuperável a que ele seja um clérigo do jeito como estão as cosias. Ele diz que estaria disposto a dedicar-se completamente a esta vocação, com uma condição. Se essa condição fosse cumprida, eu faria todo o possível para ajudar Fred a seguir em frente. Depois de algum tempo, não, é claro, a princípio, ele poderia ficar comigo como meu coadjutor, e ele teria tanto

trabalho que sua remuneração seria quase o que eu costumava receber como vigário. Mas eu insisto que há uma condição sem a qual nada disso poderá acontecer. Ele abriu seu coração para mim, Miss Garth, e me pediu para interceder por ele. A condição está inteiramente no que sente por ele.

Mary parecia tão comovida, que Mr. Farebrother disse depois de um momento:

– Vamos caminhar um pouco – e enquanto caminhavam, ele acrescentou: – Para falar com clareza, Fred não tomará nenhuma atitude que diminua as possibilidades de você aceitar ser sua esposa, mas se existisse essa perspectiva, ele daria o seu melhor em qualquer profissão que você aprovasse.

– Não posso dizer com certeza absoluta que algum dia serei sua esposa, Mr. Farebrother, mas certamente nunca serei sua esposa se ele se tornar um clérigo. O que o senhor disse é muito generoso e gentil, e nem por um momento pensei em corrigir seu parecer. É só que tenho um jeito infantil e zombeteiro de ver as coisas – disse Mary, com uma centelha brincalhona em sua resposta que tornava sua modéstia mais charmosa.

– Ele deseja que eu relate exatamente o que você pensa – disse Mr. Farebrother.

– Eu não poderia amar um homem ridículo – disse Mary, evitando se aprofundar ainda mais. – Fred tem bom senso e capacidade suficiente para tornar-se uma pessoa respeitável, se ele quiser, em alguma ocupação mundana, mas nunca posso imaginá-lo pregando e exortando, dando bênçãos e orando pelos enfermos, sem sentir como se estivesse olhando para uma caricatura. O fato de ele ser um clérigo seria apenas por motivos sociais, e na minha opinião não há nada mais desprezível do que obter uma posição social por meio de métodos tão absurdos. Eu costumava pensar o mesmo sobre Mr. Crowse, com seu rosto vazio, seu guarda-chuva bem-feito e pequenos discursos mesquinhos. Que direito têm esses homens de representar o Cristianismo, como se fosse uma instituição para promover socialmente os idiotas, como se... – Mary se conteve. Ela havia se deixado levar como se estivesse falando com Fred no lugar de Mr.

Farebrother.

– Mulheres jovens são severas; elas não sentem a pressão da ação como os homens, embora talvez eu devesse abrir uma exceção para você. Mas você não coloca Fred Vincy em um nível tão baixo assim, não é?

– Não, é claro que não; ele tem muito bom senso, mas acho que não demonstraria isso como um clérigo. Ele seria um fingimento de afetação profissional.

– Neste caso, a resposta está bem clara. Como clérigo, ele não teria nenhuma esperança?

Mary balançou a cabeça.

– Mas se ele enfrentar todas as dificuldades para conseguir seu ganha-pão de alguma outra maneira, você lhe daria o conforto da esperança? Ele pode contar com essa conquista?

– Acho que Fred não deveria precisar ouvir de novo o que eu já disse – respondeu Mary, com um leve ressentimento. – Quero dizer que ele não deveria fazer essas perguntas até que tenha feito algo digno, em vez de dizer que poderia fazê-lo.

Mr. Farebrother ficou em silêncio por um minuto ou mais, e então, quando eles deram a volta e pararam sob a sombra de um bordo no final de uma trilha, ele disse:

– Eu entendo que você mostre resistência a qualquer tentativa de ligar-se a ele, mas os seus sentimentos por Fred Vincy determinam que você desenvolva uma ligação, ou não: ou ele pode contar que você permanecerá solteira até que ele mereça a sua mão, ou pode, de qualquer forma, ficar desapontado. Perdoe-me, Mary... você sabe que eu costumava chamá-la assim durante a catequese... mas quando a situação do afeto de uma mulher influi na felicidade de outra vida... de mais de uma vida... acho que seria o caminho mais nobre para ela ser perfeitamente direta e aberta.

Mary, por sua vez, ficou em silêncio, pensando não nos modos de Mr. Farebrother, mas em seu tom, que continha uma grave emoção contida. Quando

passou pela sua mente a estranha ideia de que suas palavras poderiam se referir a ele mesmo, ela parecia incrédula e sentiu vergonha do seu pensamento. Ela nunca havia pensado que qualquer homem pudesse amá-la, exceto Fred, que a havia desposado com um anel de um guarda-chuva, quando ela usava meias e sapatinhos de alça; muito menos que ela pudesse significar alguma coisa para Mr. Farebrother, o homem mais inteligente em seu estreito círculo. Ela só teve tempo de sentir que tudo isso era nebuloso e talvez ilusório, mas uma coisa era direta e decidida: sua resposta.

– Já que o senhor considera que é meu dever, Mr. Farebrother, vou lhe dizer que meus sentimentos por Fred são muito fortes para desistir dele por qualquer outra pessoa. Eu nunca me sentiria feliz se pensasse que ele se sentia triste por ter me perdido. Está tão enraizado dentro de mim... minha gratidão por sempre ter preferido me amar e se importar tanto se eu me machucasse, desde quando éramos muito pequenos. Não consigo imaginar nenhum sentimento novo que enfraqueça este. E o que eu mais gostaria era de vê-lo merecedor do respeito de todos. Mas, por favor, diga a ele que não prometerei me casar com ele até então; eu seria uma vergonha para meus pais e os fariam sofrer. Ele é livre para escolher outra pessoa.

– Neste caso, cumpri totalmente minha missão – disse Mr. Farebrother, estendendo a mão para Mary – e voltarei imediatamente para Middlemarch. Com esta perspectiva diante dele, colocaremos Fred no caminho certo de alguma forma, e eu espero que viva para juntar suas alianças. Deus os abençoe!

– Oh, por favor, fique e deixe-me lhe servir um pouco de chá – disse Mary. Seus olhos se encheram de lágrimas, pois algo indefinível, algo como a supressão voluntária de uma dor na atitude de Mr. Farebrother a fez sentir-se subitamente infeliz, como uma vez se sentiu quando viu as mãos de seu pai tremendo em um momento de angústia.

– Não, minha querida, não. Devo voltar.

Em três minutos, o vigário estava de novo no cavalo, tendo cumprido magnanimamente uma obrigação muito mais difícil do que renunciar ao uíste, ou

mesmo que escrever meditações penitenciais.

CAPÍTULO LIII

É apenas uma pressa superficial que infere a insinceridade daquilo que os estrangeiros chamam de inconsistência, sustentada por um mecanismo morto de "talvez" e "consequências" para as milhares de sanguessugas ocultas, por meio das quais a crença e a conduta são consideradas em apoio mútuo.

Mr. Bulstrode, que havia adquirido um novo interesse por Lowick, naturalmente possuía um desejo especial de que o novo clérigo fosse alguém de sua própria aprovação, e entendeu como um castigo (e advertência dirigida às suas próprias fraquezas), assim como da nação em geral, que exatamente na época em que obteve a posse das escrituras que o tornaram proprietário de Stone Court, Mr. Farebrother tenha entrado na igrejinha pitoresca para pregar o seu primeiro sermão para a congregação de granjeiros, trabalhadores e artesãos da aldeia. Não que Mr. Bulstrode tivesse a intenção de frequentar a igreja de Lowick ou residir em Stone Court em um futuro próximo; ele havia comprado a excelente fazenda e o belo casarão simplesmente como um refúgio, o qual poderia gradualmente ampliar, no tocante às terras, e embelezar, no tocante à propriedade, até que a glória divina achasse que era oportuno que ele a tomasse como sua residência, retirando-se parcialmente de seus atuais esforços na administração de negócios, e lançando mais visivelmente para o lado da verdade do Evangelho o peso das propriedades rurais locais, que a Providência talvez ampliasse com novas aquisições imprevistas. Uma forte liderança nesta direção parecia ser a surpreendente facilidade com a qual havia obtido Stone Court, quando todos esperavam que Mr. Rigg Featherstone se agarrasse a ela como o Jardim do Éden. Isso era o que o próprio pobre Peter esperava, pois frequentemente, e na sua imaginação, havia levantado a vista através dos

gramados acima dela e, sem obstrução da perspectiva, visto seu legatário com cara de sapo desfrutando da bela residência para a desilusão perpétua e desapontamento de outros sobreviventes.

Mas quão pouco sabemos o que constitui o paraíso para nossos vizinhos! Nós julgamos a partir dos nossos próprios desejos, e nossos próprios vizinhos nem sempre são sinceros o suficiente para demostrar um mínimo indício dos seus. O frio e criterioso Joshua Rigg não havia permitido que seu pai percebesse que Stone Court era para ele nada menos do que o bem principal, e ele certamente desejava chamá-la de sua. Porém, assim como Warren Hastings olhava para o ouro e pensava em comprar Daylesford, Joshua Rigg olhava para Stone Court e pensava em comprar ouro. Ele tinha uma visão muito clara e intensa do bem mais importante da sua herança, pois a vigorosa ganância também herdada havia adquirido uma forma especial devido às circunstâncias: seu maior bem era ser um cambista. Desde seu primeiro emprego como menino de recados em um porto marítimo, ele olhava pelas janelas dos cambistas enquanto outros meninos olhavam pelas janelas dos confeiteiros; o fascínio havia se convertido gradualmente em uma paixão especial e profunda; ele tinha a intenção, quando fosse o proprietário, de fazer muitas coisas, uma delas era casar-se com uma jovem de boa posição, mas todas essas coisas eram acidentes e alegrias que a imaginação poderia dispensar. A única alegria que sua alma cobiçava de verdade era ter uma loja de câmbio em um cais muito frequentado, estar rodeado de fechaduras das quais ele mantinha as chaves, e possuir um aspecto de sublime frieza ao manusear as moedas de todos os países, enquanto a impotente ganância olhava para ele com inveja do outro lado de uma treliça de ferro. A força dessa paixão foi o motor que lhe permitiu dominar todo o conhecimento necessário para satisfazê-la. E quando os outros pensavam que ele havia se estabelecido em Stone Court para o resto da vida, o próprio Joshua pensava que não estava longe o momento em que deveria se estabelecer no cais do Norte com os melhores cofres e fechaduras.

Já é o suficiente. Estamos interessados na venda de suas terras por Joshua

Rigg do ponto de vista de Mr. Bulstrode, e este a interpretou como uma alentadora dispensação, portadora talvez de uma sanção ao propósito com o qual ele passara algum tempo se entretendo sem encorajamento externo; ele a interpretou desta maneira, mas não com muita confiança, dando graças com fraseologia cautelosa. Suas dúvidas não surgiram das possíveis relações do sucesso com o destino de Joshua Rigg, que pertencia às desconhecidas regiões que não eram compreendidas pelo governo da Providência, exceto, talvez, de um modo colonial imperfeito; elas surgiram da reflexão de que tal dispensação também poderia ser um castigo para ele, como claramente o foi a indução de Mr. Farebrother na reitoria de Lowick.

Não era isso que Mr. Bulstrode dizia às pessoas, com o objetivo de enganar a si mesmo: era o que ele repetia, um modo tão genuinamente autêntico de explicar os eventos quanto qualquer teoria pode ser, se você discordar dela, pois o egoísmo que impregna nossas teorias não afeta sua sinceridade, pelo contrário, quanto mais satisfeito está nosso egoísmo, mais robusta é a nossa crença. No entanto, seja como recompensa ou como castigo, Mr. Bulstrode, quase quinze meses após a morte de Peter Featherstone, tornou-se o proprietário de Stone Court, e o que Peter diria “se fosse digno de saber”, havia se tornado um assunto inesgotável e consolador para seus parentes desolados. As cartas estavam agora contra o querido irmão falecido, e contemplar a frustração de sua astúcia pela astúcia superior das coisas em geral era um regalo de deleite para Solomon. Mrs. Waule obteve um triunfo melancólico ao demonstrar que não dava bons resultados criar falsos Featherstones e deserdar os autênticos, e a irmã Martha, ao receber a notícia em Chalky Flats, disse: “Óh, céus! Afinal, o Todo-Poderoso não ficou muito satisfeito com os asilos”.

A afetuosa Mrs. Bulstrode estava particularmente satisfeita com a vantagem que a saúde de seu marido provavelmente obteria com a compra de Stone Court. Poucos dias se passavam sem que ele fosse até lá a cavalo e observasse alguma parte da fazenda com o administrador, e o cair da tarde era delicioso naquele lugar tranquilo, quando os novos montes de feno recentemente erguidos emitiam

aromas que se misturavam ao alento do velho e exuberante jardim. Em uma tarde, enquanto o sol ainda estava acima do horizonte e ardia em feixes dourados entre os grandes ramos de nogueira, Mr. Bulstrode deteve o cavalo por um momento do lado de fora do portão principal à espera de Caleb Garth, que o encontrara na hora marcada para dar uma opinião sobre uma questão da drenagem do estábulo, e que naquele momento aconselhava o administrador no pátio.

Mr. Bulstrode tinha consciência de estar em uma boa disposição espiritual e mais sereno do que de costume, sob a influência de sua inocente distração. Estava doutrinariamente convencido de que havia em si mesmo uma ausência total de mérito, mas essa convicção doutrinária pode ser mantida sem dor, quando a sensação de falta de mérito não assume uma forma distinta na memória e revive o formigamento da vergonha ou a aflição de remorso. E mais, pode ser mantida com intensa satisfação, quando a profundidade dos nossos pecados é apenas uma medida para calcular a profundidade do nosso perdão, e uma prova contundente de que somos instrumentos peculiares da intenção divina. A memória tem tantos caprichos quanto o caráter e muda seu cenário como um diorama.[149] Nesse momento, Mr. Bulstrode se sentia como se a luz do sol fosse a mesma daquelas tardes longínquas quando ele era muito jovem e costumava pregar para além de Highbury. De bom grado teria acolhido agora a perspectiva daqueles atos de exortação. Os textos ainda estavam lá, assim como sua própria facilidade para comentá-los. Seu breve devaneio foi interrompido pelo retorno de Caleb Garth, que também estava a cavalo e sacudia as rédeas para voltar a cavalgar, quando exclamou:

– Santo Deus! Quem é aquele sujeito de preto vindo pela trilha? Se parece com um daqueles homens que a gente vê depois das corridas.

Mr. Bulstrode virou seu cavalo e olhou ao longo da trilha, mas não respondeu. O sujeito era nosso recém conhecido Mr. Raffles, cuja aparência não apresentava nenhuma outra mudança além da que era devida a um terno preto e uma faixa de crepe no chapéu. Ele estava a poucos metros dos cavaleiros e eles

puderam ver o lampejo de reconhecimento em seu rosto enquanto ele girava sua bengala para cima, olhando o tempo todo para Mr. Bulstrode, e finalmente exclamando:

– Por Deus, Nick, é você mesmo! Não poderia estar enganado, embora estes 25 anos tenham atuado contra nós dois! Como vai? Você não esperava me ver aqui, não é? Venha, vamos apertar as mãos.

Dizer que os modos de Mr. Raffles eram bastante entusiasmados seria apenas um modo de dizer que era noite. Caleb Garth percebeu que Mr. Bulstrode lutou e hesitou por um momento, mas terminou estendendo a mão friamente para Raffles, dizendo:

– Eu realmente não esperava vê-lo neste lugar remoto.

– Bem, esta propriedade pertence a um enteado meu – disse Raffles, assumindo uma atitude arrogante. – Eu já estive aqui antes. Não estou tão surpreso em vê-lo, meu velho, porque encontrei uma carta... o que você chamaria de uma coisa providencial. Foi uma sorte incomum ter encontrado você, porque não tenho nenhum interesse em ver meu enteado: ele não é afetuoso para comigo e sua pobre mãe se foi agora. Para falar a verdade, eu vim pelo afeto que sinto por você, Nick; vim atrás do seu endereço, porque... veja! – Raffles tirou um papel amassado do bolso.

Quase qualquer outro homem além de Caleb Garth poderia ter sido tentado a permanecer no local para ouvir tudo o que pudesse sobre um homem, cujas relações com Bulstrode pareciam implicar em episódios na vida do banqueiro tão diferentes de tudo que se conhecia dele em Middlemarch, e que deveriam ter a natureza de um segredo para despertar a curiosidade. Mas Caleb era especial: certas tendências humanas, que são comumente fortes, estavam quase totalmente ausentes em sua mente, e uma delas era a curiosidade sobre assuntos dos outros. Especialmente se houvesse algo desonroso a ser descoberto em relação a outro homem, Caleb preferia não saber; e se ele tivesse que contar a algum subordinado que suas maldades haviam sido descobertas, ele se sentia mais envergonhado do que o culpado. Ele esporeou o cavalo e disse:

– Tenha uma boa tarde, Mr. Bulstrode; preciso voltar para casa – e partiu a trote.

– Você não colocou seu endereço completo nesta carta – continuou Raffles. – Isto não é próprio do homem de negócios de primeira que você costumava ser. “O Arbusto”, bem, isso existe em toda parte. Você mora perto daqui, não? Talvez possua uma mansão rural para a qual me convide. Meu Deus, quantos anos! A velha deve ter morrido há muito tempo... está descansando em paz sem a dor de saber como sua filha era uma pobre infeliz, hein? Mas, por Júpiter! Você está muito pálido, sem cor, Nick. Vamos, se for para casa, vou caminhar ao seu lado.

A palidez usual de Mr. Bulstrode tinha de fato assumido um tom quase cadavérico. Cinco minutos antes, a extensão de sua vida tinha estado submersa na luz do entardecer que iluminava aquela manhã recordada; o pecado parecia ser uma questão de doutrina e penitência interior, a humilhação uma prática secreta; a consequência de seus atos uma questão de ponto de vista pessoal ajustado unicamente por relações espirituais e concepções dos propósitos divinos. E, agora, como se por alguma magia hedionda, aquela figura corada e desagradável se erguia diante dele com uma solidez indomável, um passado incorporado com o qual sua imaginação não havia contado como castigo. Porém, o pensamento de Mr. Bulstrode estava em ação e ele não era homem que agisse ou falasse precipitadamente.

– Eu estava indo para casa – disse ele –, mas posso me atrasar um pouco. E você, se quiser, pode descansar aqui.

– Obrigado – disse Raffles, fazendo uma careta. – Não tenho interesse em ver meu enteado. Prefiro ir para casa com você.

– Seu enteado, se é que era Mr. Rigg Featherstone, não está mais aqui. Eu sou o proprietário agora.

Raffles arregalou os olhos e deu um longo assobio de surpresa antes de dizer:

– Bem, então não tenho objeções. Eu andei bastante desde que desci da diligência. Nunca fui um bom andarilho. O que eu gosto é de um veículo elegante e um cavalo robusto. Mas sempre me senti um pouco pesado na sela.

Que agradável surpresa deve ser para você me ver, meu velho! – continuou ele, enquanto eles se dirigiam em direção à casa sede. – Você não diz isso, mas nunca aceitou sua boa sorte com o coração, estava sempre pensando em melhorar as coisas, e você teve um verdadeiro talento para melhorar a sua sorte.

Mr. Raffles parecia gostar muito de seu próprio humor e balançava a perna de maneira arrogante, o que foi demais para a paciência judiciosa de seu companheiro.

– Se bem me lembro – observou Mr. Bulstrode, com a voz gélida – nossas relações há muitos anos não tinham o tipo de intimidade que você está assumindo agora, Mr. Raffles. Quaisquer serviços que você desejar de mim serão prestados mais prontamente se você evitar esse tom de familiaridade que não existia antes, e que dificilmente se justifica por mais de 20 anos de separação.

– Você não gosta de ser chamado de Nick? Pois eu sempre o chamei de Nick em meu coração, e embora o tenha perdido de vista, mantive minha estima na memória. Por Júpiter! Meus sentimentos por você amadureceram como um bom conhaque. Espero que tenha um pouco em casa. Josh encheu bem meu frasco da última vez.

Mr. Bulstrode ainda não havia compreendido completamente que mesmo o desejo por conhaque não era mais forte em Raffles do que o desejo de atormentar, e que a menor insinuação de aborrecimento sempre lhe servia como um novo estímulo. Estava claro que mais objeções seriam inúteis, e Mr. Bulstrode, ao dar ordens à governanta para acomodação do hóspede, tinha um ar resoluto de tranquilidade. Havia o consolo de pensar que a governanta também estava a serviço de Rigg e poderia aceitar a ideia de que Mr. Bulstrode recebia Raffles apenas como amigo de seu antigo mestre. Quando havia comida e bebida servidas diante de seu visitante na sala de lambris e nenhuma testemunha na sala, Mr. Bulstrode, disse:

– Seus costumes e os meus são tão diferentes, Mr. Raffles, que dificilmente podemos desfrutar da companhia um do outro. Portanto, o mais prudente para nós dois é nos separarmos o quanto antes. Já que disse que gostaria de me ver,

você provavelmente deve ter algum assunto a tratar comigo. Mas, dadas as circunstâncias, vou convidá-lo a passar a noite aqui e voltarei de manhã cedo, antes do café da manhã, momento em que poderei receber qualquer comunicação que você tenha que fazer a mim.

– Com muito gosto – disse Raffles. – Este é um lugar confortável, um pouco enfadonho para ficar muito tempo, mas posso aguentar por uma noite, com este conhaque tão bom e a perspectiva de vê-lo novamente amanhã. Você é um anfitrião muito melhor do que meu enteado era, mas Josh sentia um pouco de rancor de mim por eu ter me casado com a mãe dele, e entre mim e você nunca houve nada além de gentileza.

Mr. Bulstrode, esperando que a mistura peculiar de jovialidade e desdém nas maneiras de Raffles fosse em grande parte efeito da bebida, decidiu esperar até que estivesse completamente sóbrio antes de trocarem mais palavras. No entanto, ele voltou para casa com uma visão terrivelmente lúcida da dificuldade que haveria em chegar a qualquer acordo no qual pudesse confiar completamente naquele homem. Era inevitável que ele desejasse se livrar de John Raffles, embora seu reaparecimento não pudesse ser considerado fora do plano divino. O espírito do mal podia tê-lo enviado para ameaçar a subversão de Mr. Bulstrode como um instrumento do bem; mas a ameaça devia ter sido permitida e era um castigo de um novo tipo. Foi uma hora de angústia para ele, muito diferente das horas em que sua luta havia sido privada, e que havia terminado com uma sensação de que seus delitos secretos haviam sido perdoados e seus serviços aceitos. Tais delitos, mesmo quando cometidos, não haviam sido meio santificados pela simplicidade de seu desejo de devotar a si mesmo e tudo o que possuía para a promoção do plano divino? E não iria ele, afinal, tornar-se uma mera pedra de tropeço e uma rocha de escândalo? Pois quem entenderia o trabalho no seu íntimo? Quem, quando havia o pretexto de lançar a desgraça sobre ele, não confundiria toda a sua vida com as verdades que ele havia abraçado, transformando tudo em um monte de infâmias?

Em suas meditações mais íntimas, o costume de toda uma vida fazia com que

a mente de Mr. Bulstrode revestisse seus terrores mais egoístas com referências doutrinárias a fins sobre-humanos. No entanto, mesmo enquanto conversamos e meditamos sobre a órbita da Terra e o sistema solar, sentimos e ajustamos nossos movimentos à estabilidade do solo e às mudanças do dia. E, agora, junto a toda a sucessão automática de frases teóricas, tão distintas e íntimas como o arrepio e a dor que antecipa a febre quando estamos discutindo a dor abstrata, surgia o prognóstico da desonra diante de seus vizinhos e de sua própria esposa. Pois a dor, assim como a estimativa pública da desonra, depende de aspirações prévias. Para os homens que visam apenas escapar do delito, nada além do banco dos réus supõe uma desonra. Não obstante, Mr. Bulstrode pretendia ser um cristão eminente.

Não passava das sete e meia da manhã quando ele voltou a Stone Court. A casa velha e formosa nunca havia parecido mais encantadora do que naquele momento: os grandes lírios brancos estavam em flor, as capuchinhas, com suas lindas folhas prateadas com orvalho, cobriam o muro baixo de pedra; os próprios ruídos ao redor encerravam uma pulsação de tranquilidade. Entretanto, tudo estava maculado para seu dono enquanto ele caminhava pelo cascalho e aguardava a descida de Mr. Raffles, com quem estava condenado a tomar o café da manhã. Não tardaram a se encontrar sentados juntos na sala de lambris, tomando chá e torradas, que era tudo o que Raffles conseguia comer naquela hora. A diferença entre seu estado matutino e vespertino não era tão grande quanto seu companheiro imaginara; o prazer de atormentar talvez fosse ainda mais forte porque seu espírito estava menos exaltado. Certamente, suas maneiras pareciam mais desagradáveis à luz da manhã.

– Como tenho pouco tempo a perder, Mr. Raffles – disse o banqueiro, que não podia fazer mais do que bebericar seu chá e partir sua torrada sem comê-la –, ficarei agradecido se você disser o quanto antes a razão para me procurar. Suponho que tenha uma casa em algum lugar para onde deseja regressar.

– Mas, se um homem tem coração, não é lógico que ele queira ver um velho amigo, Nick? Não consigo evitar chamá-lo de Nick; nós sempre o chamamos de

jovem Nick quando soubemos que você pretendia se casar com a velha viúva. Alguns diziam que você tinha uma bela semelhança familiar com o velho Nick,[150] mas foi culpa da sua mãe chamá-lo de Nicholas. Você não está feliz em me ver de novo? Eu esperava um convite para ficar com você em algum lugar bonito. Minha própria casa está destruída agora que minha mulher morreu. Não tenho nenhum apego particular a qualquer lugar; tanto faz se eu me estabelecer por aqui ou em outro lugar.

– Posso perguntar por que você voltou da América? Considerei que o forte desejo que você expressou de ir para lá, quando uma quantia adequada foi fornecida, era equivalente a um compromisso de que você permaneceria lá por toda a vida.

– Nunca soube que um desejo de ir para um lugar fosse a mesma coisa que um desejo de ficar. Mas eu fiquei dez anos; não me convinha ficar mais. E eu não penso em voltar, Nick – Mr. Raffles piscou lentamente enquanto olhava para Mr. Bulstrode.

– Você deseja se estabelecer em algum negócio? Qual é a sua vocação agora?

– Fico muito agradecido, minha vocação agora é me divertir o máximo que puder. Não tenho mais interesse em trabalhar. Se eu fizesse alguma coisa, seria no ramo do tabaco, ou algo assim, coisas que proporcionam a um homem uma companhia agradável. Mas não sem uma independência para recorrer. É isso que eu quero: não sou tão forte quanto antes, Nick, embora tenha mais cor do que você. Eu quero uma independência.

– Isso poderia ser fornecido a você, se você se comprometesse a manter distância – disse Mr. Bulstrode, talvez com um pouco de ansiedade demais em seu tom.

– Deve ser o que me convém – disse Raffles friamente. – Não vejo razão para não fazer algumas amizades por aqui. Não tenho vergonha de mim mesmo diante de ninguém. Deixei minha maleta na barreira do pedágio quando desci da carruagem, uma muda de roupa de linho, genuína, palavra de honra! Mais do que peitilhos e punhos; e com este terno de luto, faixas e tudo mais, eu teria algum

crédito entre os nobres aqui – Mr. Raffles afastou a cadeira e inspecionou a si mesmo, especialmente as faixas. Sua principal intenção era irritar Bulstrode, mas ele realmente pensava que sua aparência atual produziria um bom efeito, e que ele não era apenas bonito e espirituoso, mas que estar vestido de luto sugeria conexões sólidas.

– Se você pretende contar comigo de alguma forma, Mr. Raffles – disse Bulstrode, após uma pausa momentânea –, você vai fazer o que estiver de acordo com a minha vontade.

– Ah, com certeza – disse Raffles, com uma cordialidade zombeteira. – Eu não fiz isso sempre? Céus! Você me usou bastante, e eu não recebi quase nada em troca. Desde então, tenho pensado muitas vezes que teria sido muito melhor se eu tivesse dito à velha que tinha encontrado sua filha e seu neto; estaria mais de acordo com os meus sentimentos; tenho essa fraqueza no coração. Mas a essa altura você já enterrou a velha, eu suponho, e de nada vai adiantar. E você também fez fortuna com aquele negócio lucrativo com um monte de bênçãos. Você se tornou um figurão, compra terras, é um paxá do campo. Ainda na linha dos dissidentes, hein? Ainda é um devoto? Ou passou para o lado da igreja anglicana porque é mais elegante?

Desta vez, a piscadela lenta de Mr. Raffles e a ligeira protuberância de sua língua foi pior do que um pesadelo, porque trazia a certeza de que não era um sonho ruim, mas um açoite muito real. Mr. Bulstrode sentiu uma náusea terrível e ficou em silêncio, mas estava considerando diligentemente se não deveria deixar Raffles fazer o que quisesse e simplesmente desafiá-lo como um caluniador. O homem logo se mostraria infame o suficiente para fazer as pessoas deixarem de acreditar nele. “Mas se ele contar sobre você alguma verdade pavorosa” disse a consciência em alerta. E de novo, não parecia errado manter Raffles a distância, mas Mr. Bulstrode evitava a mentira direta de negar afirmações verdadeiras. Uma coisa era olhar para trás para os pecados perdoados, ou melhor, explicar uma conformidade questionável a costumes frouxos, e outra era entrar deliberadamente no terreno da obrigação de mentir.

Mas como Bulstrode não falava, Raffles continuou usando o tempo ao máximo:

– Eu não tive tanta sorte quanto você, por Júpiter! As coisas ficaram confusas em Nova York; aqueles ianques não possuem escrúpulos, e um homem de sentimentos cavalheirescos não tem chance com eles. Eu me casei quando voltei, uma boa mulher no ramo do tabaco, gostava muito de mim, mas o negócio era limitado, como costumamos dizer. Ela havia se instalado nesse ramo há muitos anos graças a um amigo, mas havia um filho demais no caso. Josh e eu nunca nos demos bem. De qualquer forma, tirei o máximo proveito da situação e sempre bebi em boa companhia. Tudo em minha vida tem sido digno, sou tão claro quanto o dia. Você não vai ficar zangado comigo por não ter procurado você antes. Tenho uma condição que me torna um pouco lento. Pensei que você ainda estivesse negociando e rezando em Londres e não te encontrei lá. Veja que eu fui enviado para você, Nick, talvez como uma bênção para nós dois.

Mr. Raffles concluiu com uma fungada jocosa; não havia homem que se sentisse intelectualmente superior à hipocrisia religiosa. E se a astúcia que opera sobre os sentimentos mais mesquinhos dos homens pode ser chamada de intelecto, ele teve sua parte, pois sob a forma brusca como falava com Bulstrode, havia uma evidente seleção de comentários, como se fossem movimentos em uma jogada de xadrez. Enquanto isso, Mr. Bulstrode determinou seu próximo movimento, e disse com decisão:

– Você deveria refletir sobre isso, Mr. Raffles, se é possível que um homem se exceda no esforço de obter vantagens indevidas. Embora eu não esteja de forma alguma vinculado a você, estou disposto a fornecer-lhe uma renda anual, em pagamentos trimestrais, desde que você cumpra a promessa de permanecer longe deste lugar. Está em suas mãos. Se insistir em permanecer aqui, mesmo que por pouco tempo, não receberá nada de mim. E eu vou negar que o conheço.

– Ha, ha! – debochou Raffles, com uma gargalhada afetada –, isso me lembra um ladrão engraçado que se recusou a reconhecer o policial.

– Suas alusões não me dizem nada, senhor – disse Bulstrode irado –, a lei nada tem contra mim, nem por mediação sua ou de qualquer outra pessoa.

– Você não sabe entender uma piada, meu bom amigo. Só quis dizer que eu nunca me recusaria a reconhecê-lo. Mas vamos falar sério. Seu pagamento trimestral não vai me agradar muito. Gosto da minha liberdade.

Então, Raffles se levantou e caminhou um pouco pela sala, balançando a perna e assumindo um ar de profunda meditação. Por fim, parou em frente a Bulstrode, e disse:

– Vou te dizer uma coisa! Dê-me duas centenas, vamos, é pouco... e eu irei embora... palavra de honra! Vou pegar minha maleta e ir embora. Mas não vou renunciar à minha liberdade por uma anuidade imunda. Eu vou para onde quiser. Talvez me convenha ficar longe e me corresponder com um amigo, talvez não. Está com o dinheiro?

– Não, só tenho cem libras – disse Bulstrode, sentindo que a libertação imediata de Raffles seria um alívio grande demais para ser rejeitado com base em incertezas futuras. – Vou encaminhar o resto se você me der um endereço.

– Não, vou esperar aqui até você trazer – disse Raffles. – Vou dar um passeio e comer qualquer coisa, e então você estará de volta.

O corpo enfermo de Mr. Bulstrode, destroçado pelas tribulações que havia passado desde a noite anterior, fez com que ele se sentisse abjetamente sob o poder daquele homem barulhento e invulnerável. Naquele momento, ele se agarrava a um repouso temporário sem se importar com as condições. Ele estava se levantando para fazer o que Raffles sugeriu, quando o último disse, levantando o dedo como se tivesse uma recordação repentina:

– Eu tentei encontrar Sarah de novo, embora não tenha lhe contado; eu estava com a consciência pesada a respeito daquela jovem bonita. Não a encontrei, mas descobri o nome de seu marido e anotei. Mas, maldito seja, eu perdi minha caderneta. No entanto, se eu ouvisse o nome de novo eu o reconheceria. Mantenho minhas faculdades como se estivesse nos meus melhores tempos, mas os nomes me escapam, por Júpiter! Às vezes, sou como um maldito documento fiscal antes de ser preenchido. De qualquer forma, se ouvir alguma coisa sobre ela ou sobre sua família, você ficará sabendo, Nick. Você vai querer fazer algo

por ela, agora que é sua enteada.

– Sem dúvida – disse Mr. Bulstrode, com a habitual expressão firme de seus olhos cinza-claros –, embora isso possa reduzir meu poder de ajudá-lo.

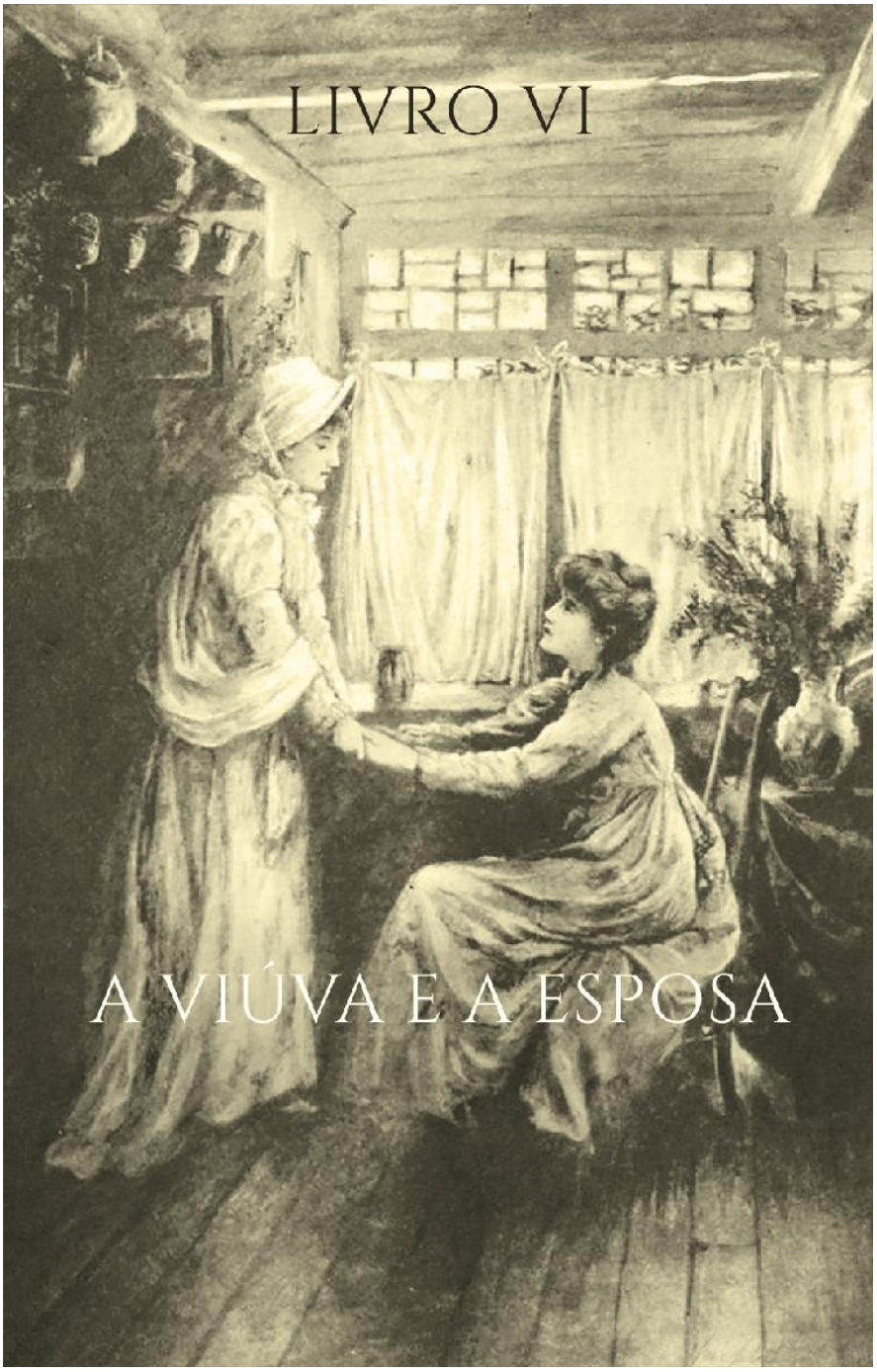
Enquanto ele saía da sala, Raffles piscou lentamente para suas costas e, então, se virou para a janela para observar o banqueiro se afastando... certamente, em suas mãos. Seus lábios primeiro se curvaram em um sorriso e depois se abriram em risada curta e triunfante.

– Mas, que diabo era o nome? – disse ele, meio em voz alta, coçando a cabeça e franzindo as sobrancelhas. Ele realmente não havia se importado ou pensado sobre esse ponto de esquecimento até que a ideia lhe ocorreu em meio à sua invenção de aborrecimentos para Bulstrode. – Começava com “L”; parece que tinha mais de um “L” – continuou ele, com a sensação de que o nome escorregadio estava voltando à sua mente. Mas a sensação era muito leve e ele logo se cansou dessa perseguição mental, pois poucos homens se impacientavam mais com uma ocupação solitária ou tinham maior necessidade de se fazer ouvir constantemente do que Mr. Raffles. Ele preferia usar seu tempo em conversas agradáveis com o administrador e a governanta, de quem tirou toda a informação que queria sobre a posição de Mr. Bulstrode em Middlemarch.

No entanto, depois de tudo, houve um espaço de tempo entediante que precisou ser aliviado com pão, queijo e cerveja, e quando estava sentado sozinho com esses recursos na sala de lambris, de repente bateu no joelho e exclamou: – Ladislaw!

Aquela ação da memória que ele tentara desencadear, e que abandonara em desespero, de repente se havia completado sem esforço consciente, uma experiência comum, grata como um espirro completo, mesmo que o nome lembrado não tivesse nenhum valor. Raffles imediatamente apanhou sua caderneta e anotou o nome, não porque esperava usá-lo, mas apenas para não ficar perdido se por acaso precisasse dele. Ele não ia contar a Bulstrode: não havia nenhum benefício em contar e, para uma mente como a de Mr. Raffles, sempre há possibilidade de um benefício em um segredo.

Ele estava satisfeito com o sucesso obtido, e por volta das três horas daquele mesmo dia pegou sua maleta e subiu na carruagem, aliviando os olhos de Mr. Bulstrode de uma feia mancha negra na paisagem de Stone Court, mas sem livrá-lo do temor de que a mancha negra pudesse reaparecer e converter-se em uma visão inseparável de seu próprio lar.



LIVRO VI

A VIÚVA E A ESPOSA

CAPÍTULO LIV

Minha amada leva nos olhos o amor;
Onde perpassa seu olhar torna-se gentil;
Por onde ela passa, todos os homens se voltam,
E o coração de quem ela saúda estremece.
E, abaixando o rosto, empalidece;
E por cada defeito suspira;
Orgulho e ira fogem diante dela;
Ajudem-me, mulheres, façam lhe honra.
Cada doçura, cada pensamento humilde
Nasce no coração daqueles que a ouvem falar;
Portanto, aquele que a viu primeiro é abençoado.
O que ela parece quando sorri um pouco,
Não podemos dizer, nem ter em mente,
Pois é um gentil milagre novamente.[151]
– DANTE: A Vida Nova

Naquela manhã deliciosa, quando as medas de feno em Stone Court perfumavam o ar de maneira bastante imparcial, como se Mr. Raffles fosse um convidado digno do melhor incenso, Dorothea havia novamente assumido sua residência em Lowick Manor. Depois de três meses, Freshitt havia se tornado bastante opressora: sentar-se como uma modelo de Santa Catarina e lançar olhares extasiados para o bebê de Celia não satisfaziam muitas horas do seu dia, e permanecer na presença da pequena criatura com desinteresse persistente era uma atitude que não poderia ser tolerada por uma irmã sem filhos. Dorothea seria capaz de carregar o bebê nos braços com alegria por uma milha se

houvesse necessidade, e de amá-lo com mais ternura pelo esforço realizado, mas para uma tia que não reconhece seu sobrinho bebê como Buda, e não tem nada a fazer por ele a não ser admirá-lo, seu comportamento tende a parecer monótono e o interesse em observá-lo exaurível. Esta possibilidade foi completamente escondida de Celia, que sentia que a viuvez sem filhos de Dorothea se encaixava perfeitamente com o nascimento do pequeno Arthur (o bebê foi nomeado em homenagem a Mr. Brooke).

– Dodo é o tipo de pessoa que não se importa em ter nada para ela mesma: nem filhos nem nada parecido! – disse Celia para o marido. – E mesmo se ela tivesse tido um bebê, nunca poderia ser tão encantador como Arthur, não é verdade, James?

– Não se fosse parecido com Casaubon – disse Sir James, consciente de uma certa insinuação em sua resposta, e de manter uma opinião estritamente particular quanto às perfeições de seu primogênito.

– Não! Claro que não! Foi realmente uma benção – disse Celia –, e eu acho que é muito bom para Dodo ser viúva. Ela pode amar o nosso bebê como se fosse dela e continuar com suas próprias ideias.

– É uma pena que ela não tenha sido uma rainha – disse o devoto Sir James.

– Mas, nesse caso, o que deveríamos ter sido então? Deveríamos ter sido outra coisa – disse Celia, opondo-se a um exercício de imaginação tão laborioso. – Eu gosto mais dela do jeito que ela é.

Portanto, quando descobriu que Dorothea estava fazendo os preparativos para sua volta definitiva a Lowick, Celia ergueu as sobrancelhas com desgosto e com sua característica tranquilidade e pouca pretensão, deu uma ferroada de sarcasmo.

– O que você vai fazer em Lowick, Dodo? Você mesma diz que não há nada a fazer lá, que todo mundo está tão limpo e que vive tão bem que te deixa bastante melancólica. E aqui você tem estado tão feliz, indo para Tipton com Mr. Garth e se enfiando nos piores quintais. E agora que o tio está no exterior, você e Mr. Garth poderiam fazer tudo do seu jeito, e estou certa de que James faz tudo o que

você pede.

– Eu virei muitas vezes aqui, e poderei comprovar como o bebê cresce – disse Dorothea.

– Mas você nunca vai vê-lo no banho – disse Celia –, e essa é a melhor parte do dia – era tão duro para ela ver Dodo indo embora que ela quase fez um beicinho.

– Querida Kitty, pode deixar que virei passar uma noite com esse propósito – disse Dorothea –, mas agora quero ficar sozinha, e em minha própria casa. Desejo conhecer melhor a família Farebrother e conversar com Mr. Farebrother sobre o que deve ser feito em Middlemarch.

A força de vontade inata de Dorothea não era mais convertida em resoluta submissão. Ela tinha um grande desejo de estar em Lowick e estava simplesmente determinada a ir, não se sentindo obrigada a comunicar todos os seus motivos. Porém, todos ao seu redor estavam em desacordo. Sir James ficou muito aflito e propôs que todos deveriam migrar para Cheltenham por alguns meses com a arca sagrada, também chamada de berço: naqueles dias, um homem dificilmente saberia o que propor se a ideia de Cheltenham fosse rejeitada.

A viúva lady Chettam, que acabara de regressar de Londres em uma visita à sua filha, desejava que ao menos escrevessem a Mrs. Vigo e a convidassem a aceitar o cargo de dama de companhia de Mrs. Casaubon: não se podia imaginar que Dorothea, uma jovem viúva, pensasse em morar sozinha na casa de Lowick. Mrs. Vigo havia sido leitora e secretária de personagens da realeza e, no que se refere ao conhecimento e aos sentimentos, nem mesmo Dorothea poderia se opor a ela.

Mrs. Cadwallader disse em privado:

– Você certamente ficará louca naquela casa sozinha, minha querida. Você terá visões. Todos nós temos que nos esforçar um pouco para manter a sanidade e chamar as coisas pelos mesmos nomes que outras pessoas chamam. É claro que, para filhos mais novos e mulheres que não têm dinheiro, enlouquecer é uma espécie de solução, porque sempre tem alguém para cuidar deles. Mas você não

deve correr esse risco. Ouso dizer que fica um pouco entediada aqui com nossa boa lady Chettam, mas pense em como você mesma poderia se tornar entediante para seus semelhantes se estivesse sempre bancando a rainha da tragédia e levando as coisas de maneira sublime. Sentada sozinha naquela biblioteca de Lowick, você pode se imaginar controlando o clima; você deve se cercar de algumas boas pessoas que não acreditariam, mesmo se você dissesse a elas. Esse é o melhor remédio.

– Eu nunca chamei tudo pelo mesmo nome que as pessoas ao meu redor – disse Dorothea, com firmeza.

– Mas suponho que você descobriu seu engano, minha querida – disse Mrs. Cadwallader –, e isso é uma prova de sanidade.

Dorothea estava ciente da ferroada, mas não sentiu dor.

– Não – disse ela –, ainda acho que a maior parte das pessoas está errada sobre muitas coisas. Certamente, alguém pode ser são e pensar assim, já que a maior parte do mundo muitas vezes teve que mudar de opinião.

Mrs. Cadwallader não disse mais nada sobre o assunto com Dorothea, mas ela comentou com seu marido: – Será bom para ela se casar novamente assim que for apropriado, se alguém puder colocá-la entre as pessoas certas. É claro que a família Chettam não gostaria, mas vejo claramente que um marido é a melhor coisa para mantê-la centrada. Se não fôssemos tão pobres, eu convidaria lorde Triton para cá. Ele será marquês algum dia, e não há como negar que Dorothea seria uma boa marquesa: ela parece mais bonita do que nunca em seu luto.

– Minha cara Elinor, deixe a pobre mulher em paz. Esses artifícios não servem para nada – disse o reitor, tranquilo.

– Não servem para nada? Como são formados os casais se não unimos homens e mulheres? E é uma pena que Mr. Brooke tenha fugido e fechado Tipton Grange bem agora. É o momento para que as pessoas em Tipton Grange e Freshitt Hall comecem a receber alguns convidados elegíveis. Lorde Triton é precisamente o homem: cheio de planos para fazer as pessoas felizes de uma

maneira tola. Isso seria muito adequado para Mrs. Casaubon.

– Deixe Mrs. Casaubon escolher por si mesma, Elinor.

– Esse é o tipo de bobagem que vocês homens sábios dizem! Como ela pode escolher se não há ninguém para escolher? A escolha de uma mulher geralmente significa pegar o único homem que ela tem ao alcance. Guarde minhas palavras, Humphrey. Se seus parentes não se esforçarem, ainda poderão ter coisa pior do que Casaubon.

– Pelo amor de Deus, Elinor, não toque nesse assunto! É um ponto muito sensível para Sir James. Ele ficaria profundamente ofendido se você falasse sobre isso com ele sem necessidade.

– Eu nunca falei sobre isso com ele – disse Mrs. Cadwallader, abrindo as mãos. – Celia me contou tudo sobre o testamento desde o início, sem que eu perguntasse.

– Sim, sim, mas eles querem abafar o assunto e eu soube que o rapaz está indo embora.

Mrs. Cadwallader ficou em silêncio, mas inclinou a cabeça de forma significativa três vezes, com uma expressão muito sarcástica em seus olhos escuros.

Apesar das reprovações e tentativas para convencê-la, Dorothea manteve sua decisão firme. Assim, no final de junho, as venezianas foram todas abertas em Lowick Manor, e o sol da manhã entrou suavemente na biblioteca, iluminando as fileiras de cadernos como brilha sobre uma terra estéril, com enormes pedras plantadas, o memorial mudo de uma crença esquecida; e o entardecer carregado de rosas entrou silenciosamente no *boudoir* azul-esverdeado onde Dorothea preferia ficar. No início, ela caminhou por todas as salas, questionando os dezoito meses de sua vida de casada, e continuando seus pensamentos como se fossem um discurso que seu marido deveria ouvir. Mais tarde, ela permaneceu na biblioteca e não descansou até que tivesse cuidadosamente organizado todos os cadernos, pois imaginava que ele gostaria de vê-los em uma sequência ordenada. A compaixão, que tinha sido o principal motivo para se restringir a uma vida em

comum, ainda pairava sobre sua imagem, mesmo quando, mentalmente indignada, ela protestava com ele e dizia que ele era injusto. Um pequeno ato de Dorothea talvez possa produzir um sorriso nos supersticiosos: ela guardou e lacrou a “tabela sinóptica para uso de Mrs. Casaubon”, escrevendo dentro do envelope: “*Eu não poderia usá-la. Você não vê agora que eu não poderia submeter minha alma à sua, trabalhando inutilmente no que eu não acredito? Dorothea*”. Em seguida, ela guardou o papel em sua própria escrivaninha.

Aquela conversa silenciosa foi talvez mais intensa, pois motivara o profundo desejo que a havia feito voltar a Lowick. O desejo de ver Will Ladislaw. Ela não sabia bem o que esperar daquele encontro; ela estava desamparada, com as mãos atadas por ter tentado compensá-lo por qualquer injustiça em seu destino. Mas a sede de vê-lo lhe possuía a alma. Como poderia ser diferente? Se nos dias dos contos de fadas uma princesa tivesse visto uma criatura de quatro pés dentre aquelas que vivem em rebanhos, recorrer a ela uma e outra vez com um olhar humano de preferência e súplica, o que ela pensaria durante suas viagens? O que iria procurar quando os rebanhos passassem por ela? Certamente, buscaria o olhar que a encontrara e que ela voltaria a reconhecer. A vida não seria mais do que meros enfeites, à luz de velas, e um desperdício, à luz do dia, se nossos espíritos não fossem tocados pelo que já foi, nas questões de anseios e perseverança. Era verdade que Dorothea queria conhecer melhor a família Farebrother e, especialmente, conversar com o novo reitor, mas também é verdade que, lembrando-se do que Lydgate lhe dissera sobre Will Ladislaw e a pequena Miss Noble, ela esperava que Will viesse a Lowick para ver a família Farebrother. No primeiro domingo, antes de entrar na igreja, ela o viu como o vira da última vez, sozinho no banco do clérigo. Porém, quando ela entrou, sua figura havia desaparecido. Nos dias de semana, quando ia visitar as damas na reitoria, ela buscava em vão alguma palavra que elas pudessem deixar escapar sobre Will, mas parecia a ela que Mrs. Farebrother falava de todas as pessoas dentro e fora do vilarejo, menos dele.

– É provável que alguns dos paroquianos de Middlemarch de Mr. Farebrother

venham ouvi-lo alguma vez em Lowick. A senhora não acha? – disse Dorothea, desprezando-se pelo motivo oculto na pergunta.

– Se forem sábios, eles o farão, Mrs. Casaubon – disse a velha senhora. – Vejo que aprecia a pregação de meu filho. Seu avô materno foi um excelente clérigo, mas seu pai se dedicou ao Direito: foi o homem mais exemplar e honesto, razão pela qual nunca fomos ricos. Dizem que a sorte é uma mulher caprichosa. Mas, às vezes, ela é uma boa mulher e favorece quem merece, como é o seu caso Mrs. Casaubon, que deu um sustento ao meu filho.

Mrs. Farebrother retomou seu tricô com uma satisfação digna em seu pequeno esforço oratório, mas não era isso o que Dorothea queria ouvir. Pobre criatura! Ela sequer sabia se Will Ladislaw ainda estava em Middlemarch, e não havia ninguém a quem ela ousasse perguntar, com exceção de Lydgate. Mas, naquele momento, ela não podia ver Lydgate sem mandar chamá-lo ou ir procurá-lo. Talvez Will Ladislaw, tendo ouvido falar daquela estranha proibição contra ele deixada por Casaubon, tivesse achado melhor que eles não se encontrassem novamente, e talvez ela estivesse errada em desejar um encontro ao que todos os outros pareciam encontrar muitas boas razões para se opor. Ainda assim, ao final daquelas sábias reflexões, e com a mesma naturalidade que prendemos a respiração para sufocar um soluço, surgia um “ainda desejo”. E o encontro aconteceu, mas de uma maneira bastante inesperada.

Certa manhã, por volta das onze, Dorothea estava sentada em seu *boudoir* tendo um mapa do terreno anexo à casa senhorial e outros papéis à sua frente, que deveriam ajudá-la a fazer uma relação exata de sua renda e negócios. Ela ainda não havia se dedicado ao trabalho, apenas estava sentada com as mãos cruzadas sobre o colo, olhando ao longo da alameda de tílias para os campos distantes. Cada folha descansava ao sol, a cena familiar permanecia imutável e parecia refletir a perspectiva de sua vida, repleta de tranquilidade sem objetivo, sem nenhum propósito a menos que sua própria energia encontrasse razões para uma ação apaixonada. A touca de viúva daqueles tempos possuía uma moldura ovalada para o rosto, parecida com uma coroa; o vestido era um experimento

sobre a exuberância do crepe, mas essa solenidade nas roupas fazia seu rosto parecer ainda mais jovem, com seu desabrochar restaurado e a doce e inquiridora candura de seus olhos.

Seu devaneio foi interrompido pela entrada de Tantripp, dizendo que Mr. Ladislaw estava no andar de baixo e pedia permissão para ver a senhora se não fosse muito cedo.

– Eu vou vê-lo – disse Dorothea, levantando-se imediatamente. – Peça que seja conduzido à sala de visitas.

A sala de visitas era para Dorothea o cômodo mais neutro da casa, o menos associado às adversidades de sua vida de casada: o damasco combinava com a marcenaria, toda branca e dourada; havia dois espelhos altos e mesas vazias; em resumo, uma sala onde não havia preferência para sentar-se em um lugar em vez do outro. Ficava exatamente abaixo do seu *boudoir* e também possuía uma janela em arco que dava para a alameda. Mas, quando Pratt deu passagem a Will Ladislaw, a janela estava aberta e um visitante alado, que entrava e saía de vez em quando, sem se importar com a mobília, fazia a sala parecer menos formal e desabitada.

– Alegro-me em vê-lo aqui novamente, senhor – disse Pratt, demorando-se para ajustar uma cortina.

– Vim apenas para me despedir, Pratt – disse Will, que desejava que até o mordomo soubesse que ele tinha orgulho demais para manter-se perto de Mrs. Casaubon, agora que ela era uma viúva rica.

– Lamento muito ouvir isso, senhor – disse Pratt, retirando-se. É claro que, como um criado a quem nada devia ser dito, ele sabia do fato que Ladislaw ainda ignorava e tirou suas próprias conclusões. Na verdade, estava plenamente de acordo com Tantripp, sua prometida, quando ela disse: “Seu mestre era tão ciumento quanto um demônio, e sem motivo. Madame está acima de Mr. Ladislaw, ou eu não a conheço. A criada de Mrs. Cadwallader diz que vai chegar um lorde que vai se casar com ela quando o luto acabar”.

Não houve muito tempo para Will andar de um lado para outro com o chapéu

na mão antes que Dorothea entrasse. O encontro foi muito diferente daquele primeiro encontro em Roma, quando Will ficara confuso e Dorothea tranquila. Desta vez, ele se sentia miserável, mas determinado, enquanto ela estava em um estado de agitação que não podia ocultar. Antes de passar pela porta, Dorothea sentiu que o tão esperado encontro seria afinal muito difícil, e quando viu Will avançando em sua direção, o rubor intenso que era raro em Mrs. Casaubon coloriu suas bochechas repentinamente. Nenhum deles sabia como isso aconteceu, mas nenhum deles falou. Dorothea estendeu a mão por um momento e depois eles se sentaram junto à janela, ela em um sofá e ele em outro do lado oposto. Will estava peculiarmente inquieto; ele não entendia como Dorothea, pelo simples fato de ter enviuvado, pudesse apresentar tal mudança em sua maneira de recebê-lo; e ele não conhecia nenhuma outra razão que pudesse ter afetado sua relação anterior, a não ser que, como sua imaginação imediatamente lhe disse, seus parentes pudessem estar envenenando sua mente com suas suspeitas sobre ele.

– Espero não ter sido muita presunção da minha parte vir visitá-la – disse Will –, não suportaria partir e começar uma nova vida sem me despedir.

– Presunção? Certamente que não. Eu teria pensado que seria injusto da sua parte se não quisesse me ver – disse Dorothea, seu hábito de falar com perfeita franqueza, afirmando-se através de toda a sua incerteza e agitação. – O senhor vai partir imediatamente?

– Creio que muito em breve. Pretendo ir para Londres e ganhar a vida como advogado, já que, dizem, esta é a preparação para todas as facetas da vida pública. Haverá muito trabalho político a ser feito daqui para a frente, e eu pretendo me aproveitar disso. Outros homens sem família e sem dinheiro conseguiram posições honrosas dessa maneira.

– E isso a torna ainda mais honrosa – disse Dorothea, com ardor. – Além do mais, o senhor tem tantos talentos. Ouvi do meu tio como fala bem em público, e como todos ficam tristes quando acaba, e como o senhor pode explicar as coisas com clareza. E que se preocupa que a justiça chegue a todos. Isso me deixa

muito feliz. Quando estávamos em Roma, pensei que o senhor só se importasse com poesia e arte, e as coisas que adornam a vida de quem tem dinheiro. Mas, agora, eu sei que o senhor se interessa pelo resto do mundo.

Enquanto falava, Dorothea havia perdido seu constrangimento pessoal e se tornado como era antes. Ela olhou para Will com um olhar direto, repleto de satisfação e confiança.

– A senhora aprova, então, que eu me ausente por anos e só retorne quando tiver alcançado uma posição no mundo? – perguntou Will, tentando conciliar o máximo de orgulho com o máximo de esforço para obter de Dorothea uma manifestação de forte sentimento.

Ela não sabia dizer quanto tempo demorou para responder. Ela tinha virado a cabeça e contemplava pela janela as roseiras, que pareciam conter os verões de todos os anos em que Will estaria ausente. Aquele não era um comportamento prudente, mas Dorothea nunca estudava seus gestos e só pensava em aceitar a triste necessidade que a separava de Will. Aquelas primeiras palavras sobre suas intenções pareciam deixar tudo claro para ela: ele sabia, ela supôs, tudo sobre a atitude final de Mr. Casaubon em relação a ele, e o fato o havia impactado assim como o fizera com ela. Ele nunca sentira mais do que amizade por ela, nunca tivera nada em sua mente que justificasse o que ela considerava ser um ultraje do marido pelos sentimentos de ambos, e aquela amizade seguia existindo. Algo que poderia ser chamado de um soluço interior silencioso foi produzido em Dorothea antes que ela dissesse com uma voz pura, apenas tremendo nas últimas palavras, como se fosse fruto de sua flexibilidade e fluidez:

– Sim, parece que é o melhor para o senhor. Ficarei muito feliz quando souber que conseguiu reconhecer o seu valor. Mas o senhor deve ter paciência. Talvez precise de muito tempo.

Will nunca soube bem como evitou cair aos pés dela quando Dorothea disse “muito tempo”, com um leve tremor. Ele só podia dizer que o tom horrível e a textura de seu vestido de crepe bastaram, provavelmente, como força controladora. No entanto, ele ficou quieto, e disse apenas:

– Eu nunca terei notícias suas. E vai se esquecer de mim.

– Não – disse Dorothea –, eu nunca me esquecerei de você. Eu nunca me esqueci de ninguém que conheci. Nunca houve muita gente na minha vida, e parece que continuará assim. E eu tenho muito espaço para as recordações em Lowick, não é? – ela sorriu.

– Bom Deus! – Will explodiu apaixonadamente, levantando-se, com o chapéu ainda na mão, e caminhando até uma mesa de mármore, onde de repente virou-se e apoiou-se nela. O sangue havia subido em seu rosto e pescoço, e ele parecia quase zangado. Parecia-lhe que eram como duas criaturas lentamente se transformando em mármore na presença uma da outra, enquanto seus corações continuavam batendo e com olhos ansiosos. Mas não havia como evitar. Jamais poderia consentir que este encontro, ao qual comparecera com amarga resolução, terminasse com uma confissão que poderia ser interpretada como se estivesse requisitando sua fortuna. Além disso, era realmente verdade que ele temia o efeito que tais confissões poderiam ter sobre a própria Dorothea.

De onde estava sentada, ela olhou para ele com preocupação, imaginando que talvez suas palavras o tivessem ofendido. Mas o tempo todo um pensamento subsistia sobre a provável necessidade de Will por dinheiro e a impossibilidade dela para ajudá-lo. Se o tio estivesse em casa, algo poderia ter sido feito por meio dele! Foi esta preocupação com as dificuldades financeiras de Will, enquanto ela desfrutava do que deveria ser a parte dele, que a levou a dizer, visto que ele permanecia em silêncio e não olhava para ela:

– Eu me pergunto se o senhor gostaria de ter aquela miniatura que está na parede no andar de cima, quero dizer, aquela linda miniatura da sua avó. Eu acho que não é certo eu ficar com ela, se você quiser. Vocês se parecem muito.

– A senhora é muito amável – disse Will, irritado. – Não, não tenho nenhum interesse. Não é muito consolador ter um retrato que se parece com a gente. Seria melhor se outros o quisessem.

– Pensei que gostaria de guardar a memória dela... eu pensei – Dorothea parou por um instante, sua imaginação, de repente, alertando-a para longe da

história de tia Julia –, que você certamente gostaria de ter a miniatura como uma recordação de família.

– Por que eu iria querer se não tenho mais nada? Um homem com apenas uma maleta de viagem deve manter suas recordações em sua cabeça.

Will falou ao acaso: ele estava apenas extravasando sua irritação; era um pouco exasperante ter o retrato de sua avó oferecido em um momento como aquele. No entanto, suas palavras feriram Dorothea de uma forma especial. Ela ficou de pé e disse com um toque de indignação e também de altivez:

– Você é o mais feliz de nós dois, Mr. Ladislaw, por não ter nada.

Will ficou surpreso. Qualquer que fosse o sentido das palavras, o tom parecia de despedida; ele abandonou sua postura apoiada na mesa e deu dois passos na direção dela. Seus olhos se encontraram, mas com uma estranha e inquisitiva gravidade. Alguma coisa mantinha suas mentes distantes, e cada um deles foi deixado para conjeturar o que se passava com o outro. Will realmente nunca pensou que teria direito sobre as propriedades que Dorothea havia herdado e precisava de uma explicação para fazê-lo entender o que ela estava sentindo.

– Até agora, nunca havia considerado que não ter nada fosse uma infelicidade – disse ele. – Mas a pobreza pode ser tão ruim quanto a lepra, se nos separa daquilo que mais queremos.

As palavras feriram Dorothea no coração e a fizeram abrandar suas palavras. Ela respondeu em um tom de triste solidariedade.

– A tristeza vem de muitas maneiras. Há dois anos eu não sabia disso, quero dizer, das maneiras inesperadas como surgem os contratempos, atando nossas mãos e nos obrigando a guardar silêncio quando desejamos falar. Eu costumava desprezar um pouco as mulheres por não moldarem mais suas próprias vidas, e por não fazerem coisas melhores. Eu gostava muito de fazer o que queria, mas quase desisti – finalizou ela, com um sorriso brincalhão.

– Eu não desisti de fazer o que eu quero, mas raramente posso fazer – disse Will. Ele estava de pé a dois metros dela, com sua mente cheia de impulsos e resoluções contraditórias, desejando obter alguma prova inconfundível de que

ela o amava, mas temendo a posição em que tal prova poderia deixá-lo. – Aquilo que mais queremos pode estar rodeado de condições intoleráveis.

Nesse momento, Pratt entrou e disse:

– Sir James Chettam está na biblioteca, senhora.

– Peça a Sir James para vir aqui – disse Dorothea, no mesmo instante. Foi como se a mesma descarga elétrica tivesse passado por ela e Will. Cada um deles sentiu-se orgulhosamente resistente e nenhum olhou para o outro, enquanto aguardavam a entrada de Sir James.

Depois de apertar a mão de Dorothea, Sir James dirigiu a mínima inclinação de cabeça possível a Ladislaw, que retribuiu a negligência da mesma maneira, e então indo em direção a Dorothea, disse:

– Devo dizer adeus, Mrs. Casaubon; e provavelmente por um longo tempo.

Dorothea estendeu a mão e despediu-se cordialmente. A sensação de que Sir James depreciava Will e não estava se comportando com educação despertou nela uma atitude resoluta e digna e que não deixava transparecer nenhum início de sua confusão. E quando Will saiu da sala, ela olhou com tanta tranquilidade e autocontrole para Sir James, dizendo: – Como está Celia? – que ele foi obrigado a se comportar como se nada o tivesse incomodado. E qual seria a utilidade de se comportar de outra forma? Na verdade, Sir James repudiava com muita aversão tanto a associação, mesmo mental, de Dorothea e Ladislaw como seu possível amante, que ele mesmo teria desejado evitar uma demonstração externa de desagrado, que teria confirmado a possibilidade desagradável. Se alguém lhe perguntasse a razão do seu repúdio, não estou certa de que sua primeira resposta teria sido nem mais completa nem mais precisa do que “esse Ladislaw”, embora, depois de refletir por alguns instantes ele pudesse ter sugerido que o codicilo de Mr. Casaubon, que vetava, ou no caso, penalizava o casamento de Dorothea com Will, era o suficiente para descartar qualquer relação entre eles. Sua aversão era ainda mais forte porque ele se sentia incapaz de interferir.

Mas Sir James constituía uma força inimaginável para si mesmo. Ao entrar naquele momento, ele foi a incorporação dos motivos principais através dos

quais o orgulho de Will converteu-se em uma força repelente, mantendo-o separado de Dorothea.

CAPÍTULO LV

Ela tem seus defeitos? Eu gostaria que você os tivesse também.
Eles são o mosto frutado do melhor vinho;
Ou melhor, são como o fogo mais regenerador
Que transformou o denso elemento negro
Em um caminho de cristal para o sol.

Se a juventude é a época da esperança, muitas vezes é apenas no sentido de que nossos anciãos se sentem esperançados quanto a nós, pois nenhuma idade está tão disposta a acreditar que suas emoções, separações e decisões são as últimas de sua espécie. Cada crise parece definitiva, simplesmente porque é nova. Dizem que os habitantes mais antigos do Peru estão sempre apreensivos com os terremotos, mas provavelmente enxergam além de cada abalo e refletem que há muito mais por vir.

Para Dorothea, ainda naquela época da juventude em que os olhos com seus longos e espessos cílios continuam, depois de uma chuva de lágrimas, límpidos e descansados como uma flor de maracujá recém-aberta, a despedida de Will Ladislaw naquela manhã parecia ser o fim de suas relações pessoais. Ele estava mergulhando na distância de anos desconhecidos, e se algum dia regressasse, seria outro homem. O estado mental de Will, sua decisão altiva de desmentir de antemão qualquer suspeita de que ele iria bancar o aventureiro necessitado em busca de uma mulher rica, estava completamente fora da sua imaginação e, sem nenhuma dificuldade ela havia interpretado seu comportamento supondo que, assim como para ela, o codicilo de Mr. Casaubon lhe parecia uma proibição grosseira e cruel para qualquer amizade ativa entre eles. O deleite juvenil que experimentavam ao falar um com o outro e dizer o que ninguém mais gostaria de

ouvir havia terminado para sempre e havia se tornado um tesouro do passado. Esta era precisamente a razão para que ela criasse um elo com ele sem a menor reserva interior. Essa felicidade singular também estava morta, e em sua câmara silenciosa e sombria ela poderia dar vazão à dor apaixonada da qual ela mesma se surpreendia. Pela primeira vez ela tirou a miniatura da parede e a colocou diante de si, gostando de misturar aquela mulher que fora julgada com excessiva rigidez com o neto a quem seu próprio coração e julgamento defendiam. Aquele que já desfrutou da ternura de uma mulher poderá reprovar Dorothea por segurar o pequeno quadro ovalado na palma da mão e o embalar contra sua bochecha, como se pudesse acalmar a criatura que havia sofrido uma condenação injusta? Ela não sabia então que era o amor que a tinha visitado brevemente, como em um sonho antes de acordar, com as asas repletas dos matizes da manhã; que era o amor de quem se despedia com soluços enquanto o inocente rigor do dia bania sua imagem. Ela apenas sentia que havia algo irrevogavelmente errado e perdido em seu destino, e seus pensamentos sobre o futuro eram mais facilmente moldados em decisões. As almas ardentes, prontas para construir suas vidas futuras, tendem a se comprometer a cumprir suas próprias visões.

Um dia em que foi a Freshitt para cumprir sua promessa de passar a noite toda e ver o bebê sendo banhado, Mrs. Cadwallader apareceu para o jantar, pois o reitor estava fora em uma excursão de pesca. Era uma noite quente, e mesmo na encantadora sala de estar, onde a bela e antiga relva descia pela janela aberta até um lago de lírios de água e montículos bem cuidados, o calor era suficiente para fazer Celia, em sua musselina branca e seus cabelos presos em cachos, se compadecer do que Dodo deveria estar sentindo em seu vestido preto e touca apertada. Tal, porém, só se deu depois de alguns episódios relacionados ao bebê estarem concluídos, quando sua mente se viu mais à vontade. Ela havia permanecido sentada e se abanando por algum tempo, quando disse com sua voz tranquila e um pouco gutural:

– Querida Dodo, tire essa touca, por favor. Estou certa de que essa roupa vai fazer você se sentir mal.

– Estou tão acostumada com a touca... ela se tornou uma espécie de concha – disse Dorothea, sorrindo. – Sinto-me um pouco exposta quando não estou usando.

– Deve tirá-la; ela nos aquece a todos – disse Celia, deixando o leque de lado e indo até Dorothea. Constituía uma bela imagem ver esta dama de musselina branca desamarrando a touca de viúva de sua irmã, mais majestosa, e colocando-a sobre uma cadeira. No instante em que as mechas e as tranças do cabelo castanho-escuro foram soltas, Sir James entrou na sala. Ele olhou para a cabeça livre e disse: “Ah!” em tom de satisfação.

– Fui eu quem fez isso, James – disse Celia. – Dodo não precisa fazer do seu luto uma escravidão; ela não precisa mais usar esta touca diante da família.

– Minha querida Celia – disse lady Chettam –, uma viúva deve usar seu luto por pelo menos um ano.

– Não se ela se casar antes disso – disse Mrs. Cadwallader, que experimentava um certo prazer em surpreender sua boa amiga, a viúva. Sir James ficou irritado e se inclinou para a frente para brincar com o cachorro maltês de Celia.

– Espero que isso não ocorra com frequência – disse lady Chettam, em um tom que pretendia prevenir tais ocorrências. – Nenhuma de nossas amizades jamais se comprometeu dessa maneira, a não ser Mrs. Beevor, e foi muito doloroso para lorde Grinsell quando ela o fez. Seu primeiro marido era questionável, o que tornou a surpresa ainda maior. E ela foi severamente punida por isso. Dizem que o capitão Beevor a arrastava pelos cabelos e a ameaçava com pistolas carregadas.

– Ah, ela escolheu o homem errado! – disse Mrs. Cadwallader, que estava de humor decididamente perverso. – Nesses casos, o casamento é sempre ruim, seja ele o primeiro ou o segundo. A prioridade é que, se houve uma recomendação ruim para o primeiro casamento, não ocorra no segundo. Eu preferiria ter um segundo marido bom a um primeiro indiferente.

– Minha querida, essa sua língua inteligente é sua perdição – disse lady

Chettam. – Estou certa de que você seria a última mulher a se casar de novo prematuramente, se nosso querido reitor fosse levado embora.

– Não prometo nada, poderia ser uma economia necessária. Suponho que não seja ilegal se casar novamente; do contrário, poderíamos muito bem ser hindus em vez de cristãos. Claro, se uma mulher aceita o homem inadequado, ela deve aceitar as consequências, e aquela que faz isso duas vezes merece seu destino. Mas se ela pode se casar com alguém de berço, boa presença e valentia, quanto antes melhor.

– Acredito que o tema da nossa conversa foi muito mal escolhido – disse Sir James, com uma expressão de desagrado. – Sugiro que mudemos de assunto.

– Não por minha causa, Sir James – disse Dorothea, determinada a não perder a oportunidade de libertar-se de certas referências indiretas a excelentes partidos. – Se está falando em meu nome, lhe asseguro que não há tema que seja mais indiferente e impessoal para mim do que um segundo casamento. Não me afeta mais do que se estivessem falando de mulheres caçando raposas: se isso é admirável ou não, eu não as seguirei. Deixe que Mrs. Cadwallader desfrute deste tema tanto como de qualquer outro.

– Minha querida Mrs. Casaubon – disse lady Chettam, em sua maneira mais majestosa –, espero que não pense que tenha havido qualquer alusão a você ao mencionar Mrs. Beevor. Foi apenas um exemplo que me ocorreu. Ela era enteada de lorde Grinsell: ele se casou com Mrs. Teveroy no seu segundo casamento. Não poderia haver alusão possível a você.

– Não, não – disse Celia. – Ninguém escolheu este tema, foi por causa da touca de Dodo. Mrs. Cadwallader não disse mais do que a verdade. Uma mulher não pode se casar enquanto usa uma touca de viúva, James.

– Calma, minha querida! – disse Mrs. Cadwallader. – Não farei mais ofensas. Nem vou me referir a Dido ou Zenobia.[152] Então, sobre o que vamos falar? Eu, de minha parte, me oponho à discussão sobre a natureza humana, porque esta é a natureza das esposas de reitores.

Mais tarde, quando Mrs. Cadwallader já havia ido embora, Celia disse em

particular para Dorothea:

– Na verdade Dodo, tirar sua touca fez você se parecer mais com você mesma, e por mais de um motivo. Você manifestou sua opinião exatamente como costumava fazer quando alguém dizia algo que lhe desagradava. Mas eu dificilmente poderia dizer se foi James ou Mrs. Cadwallader que a desagradou.

– Nenhum dos dois – disse Dorothea. – James foi movido por sua delicadeza para comigo, mas ele se enganou ao supor que eu me importava com o que dizia Mrs. Cadwallader. Eu só me importaria se houvesse uma lei que me obrigasse a aceitar qualquer exemplar que tivesse berço e boa presença que ela ou qualquer outra pessoa recomendasse.

– Mas Dodo, se você voltasse a se casar, seria melhor se ele tivesse berço e boa presença – disse Celia, pensando que Mr. Casaubon não tinha sido bem-dotado de ambas as qualidades, e que seria bom advertir Dorothea a tempo.

– Não se preocupe, Kitty. Tenho ideias muito diferentes para minha vida. Nunca mais me casarei – disse Dorothea, tocando o queixo da irmã e olhando para ela com indulgência afetuosa. Celia estava amamentando seu bebê, e Dorothea tinha ido lhe desejar boa noite.

– É verdade... você está decidida? – perguntou Celia. – Com ninguém mesmo... mesmo se ele fosse realmente maravilhoso?

Dorothea balançou a cabeça lentamente.

– Com absolutamente ninguém. Tenho planos maravilhosos. Gostaria de tomar uma grande extensão de terra, drená-la e fazer uma pequena colônia, onde todos deveriam trabalhar, e todo o trabalho deveria ser bem-feito. Eu conheceria todas as pessoas e seria amiga delas. Vou consultar Mr. Garth sobre os detalhes e ele pode me dizer quase tudo que preciso saber.

– Então você será feliz, se tiver um objetivo, Dodo? – disse Celia. – Talvez o pequeno Arthur goste de planos quando crescer, e então ele poderá te ajudar.

Sir James foi informado naquela mesma noite de que Dorothea estava realmente decidida a não se casar com ninguém, e iria se dedicar a “todos os tipos de planos”, exatamente como antes. Sir James não fez comentários.

Intimamente, havia algo de repulsivo em um segundo casamento, e nenhuma união o impediria de pensar nela como uma espécie de profanação de Dorothea. Ele estava consciente de que o mundo consideraria tal sentimento absurdo, especialmente em relação a uma mulher de 21 anos, sendo o costume “do mundo” dar como certo um segundo casamento de uma jovem viúva e sorrir significativamente se a viúva agisse de acordo. Mas se Dorothea decidisse abraçar sua solidão, ele sentia que seria uma boa solução para ela.

CAPÍTULO LVI

“Quão bem-nascido e treinado é aquele
Que não está abaixo da vontade de outro;
Cuja armadura é seu honrado pensamento,
E a verdade sua destreza superior.
Este homem está livre da subserviência,
Da esperança de subir ou do medo de cair.
Senhor de si mesmo, embora não das terras;
E ainda que não tenha nada, tudo possui”.
– SIR HENRY WOTTON.

A confiança de Dorothea nos conhecimentos de Caleb Garth, que começou quando ela soube que ele aprovava seu projeto de chalés, cresceu rapidamente durante sua estada em Freshitt, já que Sir James a induzira a cavalgar pelas duas propriedades na companhia dele e de Caleb, que, muito admirado, disse à esposa que Mrs. Casaubon tinha uma cabeça para os negócios pouco frequente em uma mulher. Devemos nos lembrar que por “negócios” Caleb nunca quis dizer transações financeiras, mas a habilidosa dedicação a uma tarefa.

– Muito pouco frequente! – repetiu Caleb. – Ela disse uma coisa que muitas vezes eu mesmo costumava pensar quando era jovem: “Mr. Garth, se eu viver até a velhice, gostaria de sentir que fiz melhorias em uma grande extensão de terra e que construí muitos chalés de boa qualidade, porque o trabalho é saudável enquanto está sendo feito e, uma vez concluído, as pessoas são beneficiadas por ele”. Estas foram exatamente as suas palavras: ela vê as coisas dessa maneira.

– Mas de uma maneira feminina, espero – disse Mrs. Garth, meio suspeitando que Mrs. Casaubon pudesse não ter o verdadeiro princípio da subordinação.

– Você nem imagina quanto! – disse Caleb, balançando a cabeça. – Você gostaria de ouvi-la falar, Susan. Ela fala com palavras tão simples e uma voz que parece música. Bendita seja! Isso me lembra partes do Messias: “e, no mesmo instante, surgiu uma grande multidão do exército da hoste celestial, louvando a Deus e dizendo...”; é um tom que satisfaz os ouvidos.

Caleb gostava muito de música, e quando possível ia ouvir qualquer oratório das proximidades, retornando com um profundo respeito pela grandiosa estrutura de tons que o fazia sentar-se meditativo, olhando para o chão e embebendo muita linguagem inexprimível em suas mãos estendidas.

Com esse bom entendimento entre eles, era natural que Dorothea pedisse a Mr. Garth que se encarregasse de todos os assuntos relacionados às três fazendas e às numerosas habitações anexadas a Lowick Manor. Na verdade, sua expectativa de conseguir trabalho para dois anos estava sendo rapidamente satisfeita. Como ele mesmo dizia: “negócio gera negócios”. E uma forma de negócio que estava começando a crescer era a construção de ferrovias. Uma linha em projeto deveria passar pela paróquia de Lowick, onde até então o gado havia pastado em uma paz ininterrupta, e assim aconteceu que as lutas iniciais do sistema ferroviário passaram a fazer parte dos assuntos de Caleb Garth, determinando o curso desta história em relação a duas pessoas que lhe eram muito queridas.

A estrada de ferro submarina pode ter suas dificuldades, mas o fundo do mar não está dividido entre vários proprietários de terras com pedidos de indenização não apenas materiais, mas sentimentais. Na circunscrição do condado a que Middlemarch pertencia, as ferrovias eram um tema tão empolgante quanto o projeto de lei da reforma ou os horrores iminentes da cólera, e aqueles que tinham as opiniões mais decididas sobre o assunto eram as mulheres e os proprietários de terras. As mulheres, tanto as mais velhas como as jovens, consideravam as viagens a vapor presunçosas e perigosas, e argumentavam contra elas dizendo que nada as induziria a subir em um vagão de trem, enquanto os proprietários, por sua vez, diferindo uns dos outros em seus argumentos tanto

quanto Mr. Solomon Featherstone diferia de lorde Medlicote, ainda eram unânimes na opinião de que, ao vender terras, fosse para o inimigo da humanidade ou para uma empresa obrigada a comprar, estas agências perniciosas deveriam pagar um preço muito alto aos proprietários de terras pelo dano causado à humanidade.

Porém, os mais lentos, como Mr. Solomon e Mrs. Waule, ambos donos de terras, demoraram muito para chegar à mesma conclusão, detendo-se diante da vívida imagem do que seria partir o grande pasto em dois, transformá-lo em pedaços de três cantos, o que aconteceria “de maneira alguma”, enquanto as pontes de serviço e os altos pagamentos eram remotos e inacreditáveis.

– As vacas vão perder seus bezerros, irmão – disse Mrs. Waule, em tom de profunda melancolia –, se a ferrovia cruzar o Near Close, e eu não deveria me surpreender com a égua também, se ela estivesse prenha. É uma coisa muito ruim que separem as terras de uma viúva e a lei não diz nada sobre isso. O que as impede de cortar à direita e à esquerda se começarem? Está claro que eu não posso lutar.

– A melhor coisa seria não dizer nada e mandar alguém espantá-los quando viessem bisbilhotar e fazer medições – disse Solomon. – Pelo que eu entendi, as pessoas em Brassing fizeram isso. É tudo uma farsa, se a verdade fosse conhecida, sobre serem forçados a passar por aqui. Que vão dividir terras em outra paróquia. E eu não acredito em nenhum pagamento para compensar um monte de arruaceiros pisoteando as plantações. De que fundos dispõe uma companhia?

– O irmão Peter, que Deus o tenha, tirou dinheiro de uma companhia – disse Mrs. Waule. – Mas foi para o manganês. Não era para as ferrovias explodirem você em pedaços.

– Bem, Jane, o que está claro – concluiu Mr. Solomon, baixando a voz de maneira cautelosa –, é que quanto mais atrapalharmos os seus planos, mais eles nos pagarão para deixá-los continuar, se é que vão vir mesmo.

Este raciocínio de Mr. Solomon era talvez menos profundo do que ele

imaginava, pois sua esperteza a respeito do andamento das ferrovias equivalia mais ou menos à mesma astúcia de um diplomata a respeito de resfriamento total ou eventuais resfriados do sistema solar. Porém, ele se dispôs a agir de acordo com seu ponto de vista de maneira totalmente diplomática, estimulando a suspeita. O seu lado de Lowick era o mais remoto da aldeia, e as casas dos trabalhadores eram chalés isolados ou agrupados em um vilarejo chamado Frick, onde um moinho de água e alguns poços de pedra formavam um pequeno centro de lento e laborioso trabalho.

Na ausência de uma ideia concreta sobre o que eram as ferrovias, a opinião pública em Frick era contrária a elas, pois a mente humana naquele rincão gramado não possuía a tendência proverbial de admirar o desconhecido, sustentando que provavelmente elas seriam contra os pobres e que a única atitude prudente nesses casos era desconfiar. Nem mesmo os rumores da reforma haviam despertado expectativas milenares em Frick, não havendo nenhuma promessa definitiva naquele vilarejo, como grãos gratuitos para engordar o porco de Hiram Ford, ou de um taberneiro de *Pesos e Escalas* que fabricava cerveja de graça, ou de uma oferta por parte dos três agricultores vizinhos para aumentar os salários durante o inverno. E sem vantagens claras desse tipo, a reforma parecia estar em pé de igualdade com a gabolice dos mascates, o que era um sinal de desconfiança para todos os conhecedores. As pessoas de Frick não passavam fome e eram menos dadas ao fanatismo do que a uma vigorosa suspeita, menos dispostas a acreditar que eram peculiarmente cuidadas pelo céu, do que a considerar o próprio céu disposto a engoli-las... uma disposição evidente no próprio clima. Assim, a mentalidade de Frick era justa e adequada a Mr. Solomon Featherstone, já que possuía maior abundância de ideias da mesma ordem, com uma suspeita sobre o céu e a terra bem alimentada e inteiramente à vontade.

Naquela época, Solomon era o supervisor das estradas e costumava fazer rondas por Frick em seu cavalo lento para ver os operários retirando pedras, detendo-se com uma deliberação misteriosa, o que teria de forma equivocada

induzido qualquer um a pensar que eram outros os motivos para ficar do que a mera falta de impulso para se mover. Depois de olhar por muito tempo qualquer trabalho que estivesse em andamento, ele levantava um pouco a vista e olhava para o horizonte; finalmente, sacudia a rédea, tocava o cavalo com o chicote e o fazia marchar lentamente. O ponteiro das horas de um relógio era rápido em comparação com Mr. Solomon, que tinha uma sensação agradável de que podia se dar ao luxo de ser lento. Ele tinha o hábito de fazer uma pausa para uma conversa cautelosa e vagamente projetada com todos que encontrava pelo caminho, e gostava especialmente de ouvir notícias que já conhecia, sentindo-se em vantagem sobre qualquer narrador por desacreditar parcialmente dele. Um dia, porém, ele iniciou um diálogo com Hiram Ford, um carroceiro, no qual ele mesmo contribuiu com informações. Queria saber se Hiram tinha visto alguns sujeitos com estacas e instrumentos bisbilhotando as cercanias; eles se autodenominavam gente da ferrovia, mas não dava para saber o que eram ou o que pretendiam fazer. O mínimo que aparentavam é que iam dividir a paróquia de Lowick inteira.

– Ora, nesse caso não haverá movimento de um local para outro – disse Hiram, pensando em sua carroça e seus cavalos.

– Nem um pouco – disse Mr. Solomon. – E dividir terras boas como as desta paróquia! Que vão para Tipton, é o que eu digo. Mas não há como saber o que há no fundo disso tudo. Eles dizem que é para melhorar o transporte, mas quem sairão prejudicados serão a terra e os pobres.

– Devem ser tipos de Londres, eu acho – disse Hiram, que tinha uma vaga noção de Londres como um centro hostil contra o campo.

– Sim, com certeza. E pelo que ouvi dizer, em algumas partes de Brassing, o pessoal caiu em cima deles quando eles estavam fazendo medições e quebraram suas engenhocas para ver o que eles carregavam, e os expulsaram do lugar, fazendo com que pensassem melhor antes de voltar.

– Aposto que foi divertido, eu teria ajudado – disse Hiram, cuja diversão era muito restrita pelas circunstâncias.

– Bem, eu não me meteria com eles – disse Solomon. – Mas há quem diga que esta região já teve dias melhores, e a prova é que está sendo invadida por esses tipos pisoteando à direita e à esquerda e querendo cortar tudo para construir ferrovias; e tudo para que o grande transporte engula o pequeno, de modo a não deixar sobre a terra nem uma parelha, nem um chicote a estalar.

– Vou estalar meu chicote na orelha deles, antes que eles cheguem a esse ponto – disse Hiram, enquanto Mr. Solomon, sacudindo a rédea, se pôs em marcha.

Não é preciso cuidar da semente da urtiga. A ruína que a ferrovia causaria àquela região era comentada não apenas no *Pesos e Escalas*, mas também nos campos de feno, onde a abundância de trabalhadores oferecia oportunidades de conversa como raramente ocorria durante o ano agrícola.

Certa manhã, não muito depois daquela conversa entre Mr. Farebrother e Mary Garth, na qual ela lhe confessou seus sentimentos por Fred Vincy, seu pai precisou ir à granja Yoddrell, na direção de Frick. Ele precisava medir e avaliar um pedaço de terra periférico que pertencia a Lowick Manor, que Caleb esperava poder vender com alguma vantagem para Dorothea (deve-se confessar que sua intenção era obter os melhores termos possíveis das companhias ferroviárias). Ele deixou sua charrete na granja Yoddrell e, enquanto caminhava com seu assistente e a fita de medição até o local de seu trabalho, encontrou alguns empregados da companhia que estavam repondo seu nível de bolha. Depois de uma curta conversa, ele os deixou, observando que pouco a pouco eles o alcançariam novamente onde ele iria medir. Era uma daquelas manhãs cinzentas depois de chuvas passageiras, que se tornam deliciosas por volta do meio-dia, quando as nuvens se abrem um pouco e o cheiro da terra é doce ao longo das estradas e dos arbustos.

Para Fred, que vinha a cavalo por aquelas estradas, o aroma teria sido mais doce se não estivesse preocupado com os esforços infrutíferos de imaginar o que poderia fazer, com seu pai de um lado esperando que ele entrasse imediatamente para a igreja, com Mary, por outro lado, ameaçando abandoná-lo se o fizesse, ao

mesmo tempo em que o mercado de trabalho não apresentava nenhuma necessidade por um jovem cavalheiro sem capital e desqualificado. Era ainda mais difícil porque seu pai, satisfeito por ele não ser mais rebelde, se mostrava de bom humor com ele e o havia enviado naquele agradável passeio para ver alguns galgos. Mesmo quando ele tivesse decidido o que deveria fazer, haveria a tarefa de contar a seu pai. No entanto, deve-se admitir que a decisão, que deveria vir primeiro, era a tarefa mais árdua: qual ocupação secular poderia existir na terra para um jovem (cuja família não conseguira uma “nomeação” para ele) que fosse ao mesmo tempo digna, lucrativa e que não precisasse de nenhum conhecimento específico? Enquanto percorria as estradas de Frick com este estado de espírito, e diminuía o passo enquanto refletia se deveria se aventurar a passar pela reitoria de Lowick para visitar Mary, ele podia ver por cima dos arbustos de um campo a outro. De repente, um barulho chamou sua atenção e, na outra extremidade de um campo, à sua esquerda, ele viu seis ou sete homens vestindo aventais e forquilhas de feno nas mãos, avançando agressivamente contra os quatro agentes ferroviários que os enfrentavam, enquanto Caleb Garth e seu assistente cruzavam apressadamente o campo para unirem-se ao grupo ameaçado. Fred, detido alguns instantes por ter que encontrar o portão, não conseguiu chegar no local antes do grupo de aventais, cujo trabalho de virar o feno não tinha sido muito diligente depois da cerveja do meio-dia, que empurrava os homens de casaco diante deles com a ponta das suas forquilhas, enquanto o assistente de Caleb Garth, um rapaz de 17 anos, que havia se apoderado da cerveja restante por ordem de Caleb, havia sido derrubado e parecia estar inconsciente. Os homens de casaco levaram vantagem na hora de correr e Fred cobriu sua retirada postando-se na frente dos aventais, lançando-se contra eles com rapidez suficiente para desarticular a perseguição.

– O que diabos vocês pretendem? – gritou Fred, perseguindo o grupo disperso em zigue-zague e estacando à direita e à esquerda com seu chicote. – Eu vou testemunhar contra cada um de vocês perante um juiz. Vocês derrubaram o rapaz e o mataram, pelo que eu sei. Cada um de vocês será condenado à forca

no próximo inquérito judicial, se é que vocês se importam – disse Fred, que mais tarde riu muito ao lembrar-se de suas próprias palavras.

Os trabalhadores foram obrigados a passar pelo portão para entrar no campo de feno, e Fred parou para verificar seu cavalo, quando Hiram Ford, ao notar que estava a uma distância segura e desafiadora, deu meia-volta e lançou um desafio que não sabia ser heroico.

– *Ocê* é um covarde, é isso o que *ocê* é. Desça do cavalo, patrãozinho, e vamos dar uma volta. *Ocê* não tem coragem sem o cavalo e o chicote. Eu ia acabar com *ocê* rapidinho, eu ia.

– Espere aí que daqui a pouco eu já vou e, se vocês quiserem, eu acerto conta com todos, um depois do outro – disse Fred, que confiava na sua capacidade quando lutava com seus amados irmãos. Mas, naquele momento, ele queria voltar correndo para Caleb e o jovem prostrado.

O rapaz havia torcido o tornozelo e sentia muitas dores, mas quanto ao resto estava ileso e Fred o colocou no cavalo para que ele pudesse ir até a propriedade de Yoddrell, onde cuidariam dele.

– Deixe-os colocar o cavalo no estábulo e diga aos agrimensores que eles podem voltar para buscar suas tralhas – disse Fred. – O terreno está limpo agora.

– Não, não – disse Caleb –, houve uma interrupção. Eles terão que desistir por hoje, é o melhor a fazer. Aqui, Tom, coloque as coisas que estão à sua frente no cavalo. Eles verão você e vão voltar.

– Alegro-me por estar passando por aqui no momento certo, Mr. Garth – disse Fred, enquanto Tom partia. – Quem sabe o que teria acontecido se o reforço não tivesse chegado a tempo?

– Sim, sim, foi sorte – disse Caleb, com um ar distraído e olhando para o local onde estivera trabalhando no momento da interrupção. – Mas... veja... isso é o que acontece quando os homens são tolos... eles atrapalham meu trabalho. Não posso dar conta sem alguém que me ajude com a fita de medição. Enfim! – ele estava começando a se mover em direção ao local com uma expressão contrariada, como se tivesse se esquecido da presença de Fred, mas de repente

ele se virou e disse rapidamente: – Tem alguma coisa para fazer hoje, jovem?

– Nada, Mr. Garth. Vou ajudá-lo com muito gosto... posso? – disse Fred, com a sensação de que deveria estar cortejando Mary quando estava ajudando seu pai.

– Bem, se você não se incomodar em se agachar e passar calor.

– Não me importo com nada. Só quero ir primeiro acertar com aquele sujeito corpulento que me desafiou. Vou dar uma boa lição nele. Não demora nem cinco minutos.

– Bobagem! – disse Caleb, com um tom mais autoritário. – Vou falar pessoalmente com os homens. É pura ignorância. Alguém anda contando mentiras para eles. Os pobres tolos não sabem disso.

– Vou com o senhor, então – disse Fred.

– Não, não; fique onde está. Eu não quero sua impetuosidade juvenil. Eu posso cuidar de mim mesmo.

Caleb era um homem forte e não conhecia o medo, exceto o medo de machucar os outros e o medo de fazer discursos. Porém, naquele momento ele sentiu que era seu dever tentar fazer uma pequena preleção. Havia uma mistura notável na sua personalidade, que vinha do fato de ter sido sempre um homem trabalhador, de ideias muito severas sobre os trabalhadores e a indulgência prática para com eles. Considerava que uma boa jornada e um trabalho bem-feito eram partes do bem-estar dos homens, visto que era o componente principal de sua própria felicidade; mas ele também possuía um forte senso de camaradagem. Quando avançou em sua direção, eles não haviam voltado ao trabalho, mas mantinham uma espécie de agrupamento rural, que consistia em cada um virar um ombro para o outro, a uma distância de duas ou três jardas. Eles lançaram um olhar agressivo para Caleb, que caminhava rapidamente com uma das mãos no bolso e a outra entre os botões do seu colete, e parou diante deles com seu ar amável de todos os dias.

– Bem, rapazes, o que foi isso? – começou ele, adotando como de costume frases curtas, que pareciam cheias de sentido para ele por serem fruto de muitos

pensamentos soterrados, como as raízes abundantes de uma planta, que mal consegue espreitar acima da água. – Como vocês podem ter cometido um erro desses? Alguém andou mentindo para vocês. Vocês achavam que aqueles homens lá em cima queriam lhes causar danos.

– Ah! – foi a resposta, proferida por cada um deles em intervalos de acordo com seu grau de despreparo.

– Que bobagem! Isso não existe! Eles estão examinando para ver qual caminho a ferrovia vai tomar. Agora, meus rapazes, vocês não podem atrapalhar a ferrovia: ela será feita, gostem ou não. E se vocês lutarem contra ela, vocês vão se meter em apuros. A lei dá permissão a esses homens para entrarem nessas terras. O proprietário não tem nada a dizer contra isso, e se vocês se intrometerem, vão ter que se entender com o juiz Blakesley e com as algemas e a prisão de Middlemarch. E vocês podem estar com problemas agora mesmo, se alguém denunciá-los.

Caleb fez uma pausa e talvez o melhor orador não pudesse ter escolhido o melhor momento ou imagens para a ocasião.

– Mas, ora, vocês não tinham má intenção. Alguém disse que a ferrovia era uma coisa ruim e isso é uma mentira. Pode causar algum dano aqui e ali, para uma coisa ou outra, a mesma coisa que acontece com o sol no céu. Mas a ferrovia é uma coisa boa.

– Sim! Boa para os poderosos ganharem dinheiro – disse o velho Timothy Cooper, que havia ficado para trás revirando o feno enquanto os outros tinham dado uma escapada. – Eu já vi muita coisa desde que era jovem... a guerra e a paz, os canais, o velho rei George, o regente, o novo rei George, e o outro, que tem um nome diferente, e nada mudou para os pobres. Para que "*serve*" os canais? Eles não trouxeram mais carne, nem bacon, nem dinheiro para guardar, porque eles não foram "*construído*" com base na fome. Os tempos ficaram piores para os pobres desde que eu era jovem. E vai ser a mesma coisa com as ferrovias. Elas só vão servir para deixar o pobre ainda mais pobre. Mas esses que se metem com isso são uns tolos, e foi o que eu disse a esses sujeitos. Este

mundo é para os poderosos, sim senhor. Mas o senhor está com eles, Mr. Garth, está sim.

Timothy era um velho e magro trabalhador, de um tipo persistente naqueles tempos, que mantinha suas economias em um pé de meia, vivia em uma cabana solitária e não se deixava convencer por qualquer oratória, e com tão pouco espírito feudal e tal desconfiança, como se não estivesse totalmente alheio à Idade da Razão e aos Direitos do Homem. Caleb se achava em uma posição difícil, a que conhece todas as pessoas as quais, em tempos sombrios e sem a ajuda de um milagre, tentam raciocinar com a gente do campo que possui uma verdade inegável, que conhece através de um duro processo emocional, e que pode deixar cair como a clava de um gigante sobre seu argumento ordenado a respeito do benefício social que eles não percebem. Caleb não era bom com as palavras, mesmo se tivesse desejado utilizá-las, e, além disso, estava acostumado a enfrentar todas as dificuldades apenas cumprindo nobremente com o seu papel. Ele respondeu:

– Não importa se você não tem uma boa opinião sobre mim, Tim, não faz nenhuma diferença. As coisas podem estar ruins para os pobres, você tem razão, mas eu não quero que esses rapazes as piorem ainda mais. Talvez o gado carregue um fardo pesado, mas não ajuda jogá-lo na valeta da estrada, já que parte da carga é sua própria alimentação.

– *Nóis* só *queria se* divertir um pouco – disse Hiram, que estava começando a ver as consequências dos seus atos –, só isso.

– Bem, prometa que isso não vai se repetir e vou cuidar para que ninguém denuncie vocês.

– Eu não saí daqui e não tenho que prometer nada – disse Timothy.

– Mas os outros, sim. Tenho tanto trabalho quanto qualquer um de vocês e não posso perder muito tempo. Prometam que ficarão quietos sem precisar da presença de um policial.

– Está bem, nós não vamos aprontar nada... por nós eles podem fazer o que quiserem.

Foi a promessa que Caleb conseguiu arrancar deles, e então ele correu de volta para Fred, que o seguira e o observava do portão.

Eles se puseram a trabalhar e Fred ajudou vigorosamente. Ele estava muito animado e riu com gosto quando escorregou na terra úmida sob a cerca e sujou suas magníficas calças de verão. O que o teria deixado mais alegre, o êxito da sua investida ou a satisfação de ajudar o pai de Mary? Algo mais. Os contratempos da manhã haviam contribuído a forjar em sua imaginação frustrada uma ocupação que continha vários atrativos. Não estou certa de que certas fibras da mente de Mr. Garth não tivessem retomado sua antiga vibração precisamente para este fim, que agora se revelava a Fred. O contratempo eficaz é apenas o toque do fogo onde há óleo e estopa, e sempre pareceu a Fred que foi a ferrovia que proporcionou o toque necessário. No entanto, eles continuaram em silêncio, exceto quando o trabalho exigia que conversassem. Por fim, quando eles terminaram e estavam indo embora, Mr. Garth disse:

– Um jovem não precisa ter um diploma para fazer esse tipo de trabalho, hein, Fred?

– Eu gostaria de ter me dedicado a ele antes de pensar no diploma – disse Fred. Ele fez uma pausa e acrescentou, porém, hesitante: – O senhor acha que estou muito velho para aprender o seu ofício, Mr. Garth?

– Meu negócio é muito variado, meu rapaz – disse Mr. Garth, sorrindo. – Muito do que sei só pode vir com a experiência, não se pode aprender como se aprende coisas em um livro. Mas você ainda é jovem o suficiente para estabelecer uma base – Caleb pronunciou a última frase enfaticamente, mas deteve-se com alguma incerteza. Recentemente, ele tinha a impressão de que Fred havia decidido entrar para a igreja.

– O senhor acha que eu poderia fazer algo de bom nesse ramo se eu tentasse? – perguntou Fred, com mais animação.

– Depende – disse Caleb, virando a cabeça para o lado e baixando a voz, com o ar de quem está convencido de estar dizendo algo profundamente religioso. – Você deve estar certo de duas coisas: deve amar o seu trabalho, e não ficar

sempre desejando que acabe para que comece a diversão. E a outra é, você não deve sentir vergonha de seu trabalho e pensar que seria mais honrado se estivesse fazendo outra coisa. Você deve sentir orgulho do seu próprio trabalho e de aprender a fazê-lo bem, e não estar sempre dizendo: tem isso e aquilo... se eu tivesse isso ou aquilo poderia fazer melhor. Eu não daria dois centavos por alguém, fosse quem fosse – nesse momento Caleb franziu os lábios em um gesto amargo e estalou os dedos –, um primeiro-ministro ou um camponês que cobre o feno, se não fizesse bem o que se comprometeu a fazer.

– Eu nunca poderia sentir isso sendo um clérigo – disse Fred, com a intenção de dar um passo adiante na conversa.

– Então deixe isso para lá, meu rapaz – disse Caleb, abruptamente –, ou sua vida nunca será fácil. Ou pior, se você for fácil, você será um pobre coitado.

– Esta é quase a mesma opinião de Mary – disse Fred, corando. – Suponho que conheça os meus sentimentos por Mary, Mr. Garth. Espero que não o desagrade o fato de sempre tê-la amado mais do que a qualquer outra pessoa e que jamais amarei alguém como a amo.

A expressão do rosto de Caleb foi suavizando visivelmente à medida que Fred falava. Mas ele balançou a cabeça com uma lentidão solene, e disse:

– Isso torna as coisas mais sérias, Fred, se você quiser ter a felicidade de Mary sob seus cuidados.

– Eu sei disso, Mr. Garth – disse Fred, ansioso –, e eu faria qualquer coisa por ela. Ela diz que nunca me aceitará se eu for para a igreja, e se eu a perder, serei a criatura mais miserável do mundo. Na verdade, se eu encontrasse alguma outra profissão ou negócio, qualquer coisa para a qual eu tivesse aptidão, eu trabalharia duro e mereceria sua aprovação. Eu gostaria de trabalhar com alguma atividade ao ar livre. Já sei muito sobre terras e gado. Eu costumava acreditar, embora o senhor me ache um tanto tolo por isso, que teria minhas próprias terras. Estou certo de que esse tipo de conhecimento seria fácil para mim, especialmente se eu pudesse estar sob sua orientação.

– Calma, meu garoto – disse Caleb, tendo a imagem de Susan diante de seus

olhos. – O que você disse ao seu pai sobre isso?

– Nada, ainda; mas devo dizer. Estou apenas esperando para saber o que posso fazer no lugar de entrar para a igreja. Lamento desapontá-lo, mas um homem com 24 anos deve ter permissão para julgar por si mesmo. Como eu poderia saber aos 15 anos o que seria conveniente agora? Minha educação foi um erro.

– Mas, ouça, Fred – disse Caleb –, está certo de que Mary gosta de você e de que se casaria com você?

– Eu pedi a Mr. Farebrother que falasse com ela, porque ela me proibiu de falar sobre isso... eu não sabia mais o que fazer – disse Fred, desculpando-se. – E ele diz que tenho todos os motivos para ter esperança, se puder conseguir uma posição digna, quero dizer, fora da igreja. Ouso dizer que achará injustificável da minha parte, Mr. Garth, que eu o incomode e preocupe com meus próprios sentimentos por Mary antes de fazer qualquer coisa por mim mesmo. É claro que eu não tenho o mínimo direito... na verdade, já tenho uma dívida com o senhor que jamais poderei saldar, nem mesmo sei se conseguirei pagá-la na forma de dinheiro.

– Sim, meu rapaz, você tem esse direito – disse Caleb, com muita emoção na voz. – Os jovens sempre têm o direito de pedir aos velhos para ajudá-los a seguir adiante. Eu mesmo já fui jovem e tive que me virar sem muita ajuda, mas a ajuda teria sido bem-vinda, ainda que não fosse mais do que um sentimento de solidariedade. Mas eu devo pensar. Vá até meu escritório amanhã, às nove horas. No escritório, lembre-se.

Mr. Garth não daria nenhum passo importante sem consultar Susan, mas deve-se confessar que antes de chegar em casa ele já havia tomado sua decisão. Com respeito a muitos assuntos sobre os quais outros homens são decididos e obstinados, Caleb era o homem mais maleável do mundo. Ele nunca sabia que carne escolher, e se Susan tivesse dito que eles deveriam viver em uma casa de quatro cômodos, a fim de economizar, ele teria dito: “Vamos”, sem indagar os detalhes. Mas onde o sentimento e o critério de Caleb se pronunciavam

fortemente, ele era o senhor, e apesar de sua brandura e timidez em suas reprovações, todos ao seu redor sabiam que nas ocasiões excepcionais em que escolhia alguma coisa, ele era absoluto. De fato, ele nunca escolhia ser absoluto, exceto em nome de outra pessoa. Em noventa e nove assuntos era Mrs. Garth quem decidia, mas no centésimo ela frequentemente estava ciente de que teria que realizar a tarefa singularmente difícil de renunciar aos seus próprios princípios e tornar-se subordinada.

– Aconteceu como eu pensava, Susan – disse Caleb, quando ficaram a sós naquela noite. Ele já havia narrado a aventura que havia provocado a participação de Fred em seu trabalho, mas nada havia dito sobre o resultado posterior. – As crianças se gostam... me refiro a Fred e Mary.

Mrs. Garth descansou o trabalho sobre os joelhos e fixou os olhos penetrantes ansiosamente em seu marido.

– Depois que terminamos nosso trabalho, Fred me contou tudo. Ele não suportaria ser um clérigo, e Mary diz que ela não o aceitará se ele se tornar um; e o rapaz gostaria de trabalhar comigo e dedicar-se aos negócios. E eu estou decidido a aceitá-lo e fazer dele um homem.

– Caleb! – disse Mrs. Garth, em um tom grave que expressava seu assombro resignado.

– É uma coisa boa – disse Mr. Garth, enquanto se acomodava firmemente contra o encosto da cadeira e segurava os braços da mesma. – Ele me trará complicações, mas acho que posso aguentar. O rapaz ama Mary, e um amor verdadeiro por uma boa mulher é uma grande coisa, Susan. Coloca muitos sujeitos rudes nos trilhos.

– Mary falou com você sobre o assunto? – perguntou Mrs. Garth, intimamente um pouco magoada por ela mesma precisar ser informada.

– Nem uma palavra. Eu perguntei a ela sobre Fred uma vez e dei a ela uma pequena advertência. Mas ela me garantiu que nunca se casaria com um homem indulgente e preguiçoso... mais nada desde então. No entanto, parece que Fred pediu a Mr. Farebrother para falar com ela, porque ela mesma o proibiu de tocar

no assunto, e Mr. Farebrother descobriu que ela gosta de Fred, mas diz que ele não deve se tornar um clérigo. Fred está apaixonado por Mary, isso está claro, o que me leva a ter uma boa opinião do rapaz... e sempre gostamos dele, Susan.

– Acho que é uma pena – disse Mrs. Garth.

– Por que uma pena?

– Porque, Caleb, ela poderia ter se casado com um homem que vale vinte Fred Vincys.

– É mesmo? – disse Caleb, surpreso.

– Estou convencida de que Mr. Farebrother está interessado nela e pretendia lhe fazer uma proposta; mas, é claro, agora que Fred o usou como mensageiro, essa perspectiva acabou – havia uma precisão severa na declaração de Mrs. Garth. Ela estava contrariada e desapontada, mas decidida a se abster de palavras inúteis.

Caleb ficou em silêncio por alguns minutos, cheio de sentimentos conflitantes. Ele olhou para o chão e moveu a cabeça e as mãos em acompanhamento a alguma argumentação interna. Por fim, ele disse:

– Isso teria me deixado muito orgulhoso e feliz, Susan, e eu teria ficado feliz por você. Sempre achei que a vida que leva não está à sua altura, mas você me aceitou, embora eu fosse um homem muito simples.

– Escolhi o homem melhor e mais inteligente que já conheci – disse Mrs. Garth, convencida de que nunca teria amado ninguém que não tivesse essas características.

– Bem, talvez outros pensassem que você poderia ter se casado melhor. Mas teria sido pior para mim. E é isso que me afeta muito em Fred. No fundo, o rapaz é bom, e é inteligente o suficiente para seguir adiante, se for bem encaminhado; e ele ama e respeita minha filha acima de todas as coisas, e ela fez uma espécie de promessa. Eu digo, a alma daquele jovem está em minhas mãos, e eu farei o melhor que puder por ele, com a ajuda de Deus! É meu dever, Susan.

Mrs. Garth não era dada às lágrimas, mas já havia uma rolando por seu rosto antes que seu marido terminasse. Era fruto de diversos sentimentos, nos quais

havia muito carinho e uma certa contrariedade. Ela a enxugou rapidamente, dizendo:

– Poucos homens considerariam um dever aumentar seus problemas dessa forma, Caleb.

– Isso não significa nada... o que os outros homens pensariam. Tenho um sentimento claro dentro de mim e eu me guiarei por ele. Espero que seu coração me acompanhe, Susan, para tornar tudo o mais leve possível para Mary, pobre criança.

Caleb, recostado na cadeira, olhou para a esposa com uma súplica angustiada. Ela se levantou e o beijou, dizendo:

– Deus o abençoe, Caleb! Nossos filhos têm um bom pai.

Mas ela saiu e chorou muito para compensar a supressão de palavras. Ela estava certa de que a conduta de seu marido seria mal interpretada e, em relação a Fred, ela era realista e não tinha esperança. No final, o que teria uma visão melhor do futuro: sua racionalidade ou a ardente generosidade de Caleb?

Quando Fred chegou ao escritório na manhã seguinte, havia um teste para o qual ele não estava preparado.

– Agora, Fred – disse Caleb –, você vai fazer um trabalho administrativo. Quase sempre tenho feito pessoalmente a maior parte do trabalho escrito, mas necessito de ajuda e como quero que entenda a contabilidade e se familiarize com os valores, penso que posso prescindir de outro empregado.

O coração de Fred deu um pulo: ele não tinha pensado em trabalho de escritório, mas estava decidido e disposto a não recuar.

– Não tenho medo de aritmética, Mr. Garth: sempre foi fácil para mim. Acho que o senhor conhece minha caligrafia.

– Vamos ver – disse Caleb. Ele pegou uma pena, examinou-a cuidadosamente e passou-a para Fred, bem molhada, com uma folha de papel pautado. – Copie uma linha ou duas dessa avaliação, com os números no final.

Naquela época, existia a opinião de que era indigno de um cavalheiro escrever de forma legível, ou com uma letra minimamente apropriada para um

escriturário. Fred escreveu as linhas exigidas com uma caligrafia tão cavalheiresca quanto a de qualquer visconde ou bispo da época: as vogais eram todas iguais e as consoantes apenas diferenciadas quando aumentavam ou diminuíam, os traços tinham uma solidez borrada e as letras desprezavam a linha reta, em suma, era um manuscrito daquele tipo venerável, fácil de interpretar quando você sabe de antemão o conteúdo das palavras.

Enquanto Caleb o observava, seu rosto mostrava uma decepção crescente, mas quando Fred lhe entregou o papel, ele deu uma espécie de rugido e golpeou a folha vigorosamente com as costas da mão. Um trabalho malfeito como aquele fazia desaparecer toda a brandura de Caleb.

– Que diabo! – exclamou ele, rosnando. – E pensar que este é um país onde a educação de um homem pode custar centenas e centenas de libras, para ter um resultado como este! – continuou ele, em tom mais patético, erguendo os óculos e olhando para o infeliz escriba: – Que o Senhor tenha misericórdia de nós, Fred, não posso suportar isso.

– O que posso fazer, Mr. Garth? – perguntou Fred, muito desanimado, não apenas com a avaliação de sua caligrafia, mas com a possibilidade de ser incorporado aos escrivães.

– O que pode fazer? Ora, pode aprender a escrever e manter as palavras em uma linha reta. De que adianta escrever se ninguém consegue entender? – perguntou Caleb, energicamente, bastante preocupado com a má qualidade do trabalho. – Há tão pouco trabalho no mundo para você precisar enviar esses enigmas por todo o país? Mas é assim que as pessoas são educadas. Não sei quanto tempo eu perderia com algumas cartas que me enviam se Susan não as decifrasse para mim. É ultrajante – Caleb jogou o papel dele.

Qualquer estranho que observasse o escritório naquele momento poderia ter se perguntado qual era o drama entre o indignado homem de negócios e o jovem de boa aparência, cuja tez clara estava salpicada de manchas enquanto ele mordia o lábio com humilhação. Fred lutava contra diversos pensamentos. Mr. Garth havia se mostrado tão gentil e encorajador no início da entrevista, que a

gratidão e a esperança atingiram seu estágio mais alto e a queda foi proporcional. Ele não pensava em realizar trabalho de escritório. Na verdade, como a maioria dos jovens cavalheiros, ele queria uma ocupação que fosse livre de coisas desagradáveis. Não posso dizer quais teriam sido as consequências se ele não tivesse claramente prometido a si mesmo que iria a Lowick para ver Mary e dizer a ela que estava comprometido a trabalhar com seu pai. Ele não pretendia se decepcionar nesse ponto.

– Eu sinto muito – foram as únicas palavras que ele conseguiu reunir. Porém, Mr. Garth já estava cedendo.

– Precisamos tirar o melhor proveito disso, Fred – continuou ele, recobrando seu tom calmo de costume. – Todo homem pode aprender a escrever. Eu aprendi sozinho. Faça isso com vontade e continue à noite se o dia não for suficiente. Seremos pacientes, meu rapaz. Callum deve continuar com os livros por um tempo, enquanto você aprende. Mas agora tenho que ir – disse Caleb, levantando-se. – Você deve dizer ao seu pai sobre o nosso acordo. Quando puder escrever, vai me poupar o salário de Callum e eu poderei lhe pagar oitenta libras no primeiro ano, e mais depois.

Quando Fred fez a revelação necessária aos pais, o efeito que surtiu em ambos foi uma surpresa que ficou profundamente gravada em sua memória. Ele foi direto do escritório de Mr. Garth para o depósito, acertadamente sentindo que a maneira mais respeitosa de se comportar com o pai era fazer a dolorosa comunicação da maneira mais séria e formal possível. Além disso, a decisão seria mais certamente entendida como definitiva se a entrevista ocorresse durante as horas mais solenes de seu pai, que eram sempre aquelas passadas em seu escritório privado no armazém.

Fred foi diretamente ao assunto e expressou resumidamente o que havia feito, assim como seus propósitos, manifestando ao final seu pesar por ter sido causa de decepção para seu pai e responsabilizando-se por suas próprias deficiências. O arrependimento era genuíno e inspirou Fred com palavras simples e cheias de sentimento.

Mr. Vincy ouviu com profunda surpresa, sem pronunciar sequer uma exclamação, um silêncio que em seu temperamento impaciente era um sinal de emoção incomum. Ele não estava de bom humor com o comércio naquela manhã, e a leve amargura refletida em seus lábios foi se intensificando à medida que escutava. Quando Fred terminou, houve uma pausa de quase um minuto, durante a qual Mr. Vincy recolocou um livro na mesa e girou a chave da gaveta ostensivamente. Então, ele olhou para o filho com firmeza e disse:

– Então você finalmente se decidiu?

– Sim, pai.

– Muito bem; persista. Não tenho mais nada a dizer. Você jogou fora sua educação e escolheu descer socialmente quando eu havia lhe proporcionado os meios para ascender, isso é tudo.

– Lamento muito que não estejamos de acordo, pai. Acredito que posso ser tão cavalheiro na ocupação que escolhi como se tivesse me tornado em um pároco. Mas sou grato ao senhor por fazer todo o possível por mim.

– Muito bem; não tenho mais nada a dizer. Eu lavo as minhas mãos. Só espero que quando tiver um filho, ele retribua melhor as dores que despendeu com ele.

Fred sentiu-se muito ferido. Seu pai estava usando aquela vantagem injusta que todos nós possuímos quando nos encontramos em uma situação patética e contemplamos nosso próprio passado como se fosse simplesmente parte dessa tristeza. Na verdade, os desejos de Mr. Vincy para o filho continham uma boa dose de orgulho, falta de consideração e egoísmo insensato. Mesmo assim, o desapontado pai seguia sendo uma forte alavanca e Fred tinha a sensação de que estava sendo banido com uma maldição.

– Espero que não se oponha à minha permanência em sua casa, senhor – disse ele, depois de se levantar para ir embora –, terei um salário suficiente para pagar minha alimentação, como é claro que desejo fazer.

– Ao diabo a sua alimentação – disse Mr. Vincy, recuperando-se do desgosto pela ideia de que sentiria falta de uma contribuição de Fred para seu sustento. –

É claro que sua mãe vai querer que você fique, mas eu não vou lhe dar nem um cavalo, está entendendo? E você vai pagar seu próprio alfaiate. Imagino que quando o dinheiro sair do seu bolso você poderá prescindir de um ou dois ternos.

Fred demorou-se; ainda havia algo a ser dito. Por fim, ele se decidiu.

– Eu espero que possa me dar um aperto de mão, pai, e me perdoar pelo desgosto que lhe causei.

Mr. Vincy, de sua cadeira, lançou um rápido olhar para o filho, que avançara para perto dele, e então estendeu a mão, dizendo apressadamente:

– Sim, sim, não falemos mais sobre isso.

Fred passou por muito mais narrativas e explicações com sua mãe, mas ela se mostrou inconsolável, tendo diante de seus olhos o que talvez seu marido nunca tivesse pensado, a certeza de que Fred se casaria com Mary Garth, de que sua vida dali em diante seria arruinada por uma invasão perpétua de Garths e seus costumes, e que seu adorado filho, com seu belo rosto e cabelo elegante, “muito mais do que o filho de qualquer outra pessoa em Middlemarch”, estava condenado a ser contagiado por aquela família em sua aparência simples e descuido com suas roupas. Para ela, parecia haver uma conspiração dos Garths para obter a posse do desejável Fred, mas ela não ousou se estender sobre o tema, porque uma mera alusão bastou para que seu filho “voasse” para cima dela como nunca havia feito antes. O temperamento de Mrs. Vincy era doce demais para demonstrar raiva, mas ela sentiu que sua felicidade havia recebido uma mácula e, por vários dias, o simples fato de olhar para Fred a fazia chorar um pouco, como se ele fosse o objeto de alguma profecia maléfica. Talvez ela tenha demorado a recuperar a alegria de sempre, pois Fred a havia advertido que ela não deveria tocar no assunto delicado com o pai, que aceitara sua decisão e o perdoara. Se seu marido tivesse sido veemente contra Fred, ela teria sido instada a defender seu filho. Foi no final do quarto dia que Mr. Vincy disse:

– Vamos, Lucy, minha querida, não desanime. Você sempre mimou o menino e não vai parar agora.

– Nada jamais me magoou tanto antes, Vincy – disse a esposa, com a

garganta elegante e o queixo começando a tremer novamente –, apenas a doença dele.

– Bem, bem, deixa para lá! Devemos esperar ter problemas com nossos filhos. Não torne tudo mais difícil mostrando-se tão depressiva.

– Está bem – disse Mrs. Vincy, encorajada por este apelo, recompondo-se com uma ligeira sacudida, como se fosse um pássaro ajustando sua plumagem.

– Não podemos nos preocupar com apenas um – disse Mr. Vincy, desejando combinar um pouco de protesto com alegria doméstica. – Também há Rosamond, além de Fred.

– Sim, pobrezinha. Eu senti muito quando ela perdeu seu bebê, mas ela superou muito bem.

– O bebê? O pior é que estou vendo que Lydgate está acabando com seu consultório e, além disso, pelo que ouvi, endividando-se também. Um dia desses eu terei Rosamond vindo até mim com uma bela história. Mas eles não vão levar meu dinheiro, eu garanto. Deixe a família dele ajudá-lo. Eu nunca aprovei esse casamento. Mas não adianta falar. Toque a campainha para pedir uns limões e trate de se animar, Lucy. Vou levar você e Louisa a Riverston amanhã.

CAPÍTULO LVII

Eles somavam quase oito verões quando um nome
Ergueu-se em suas almas, estimulando tais movimentos,
Como na penetração viva do ar
Despertando os botões e moldando sua forma oculta;
Era esse nome que contava as façanhas do leal Evan Dhu,
Do singular Bradwardine, e Vich Ian Vor,
Transformando o reduzido mundo da sua infância
Em algo tão grande quanto montanhas, lagos e rochedos,
E maior ainda com admiração, amor e crença.
Para Walter Scott, que vive tão longe
Enviavam-lhes esta riqueza de nobre dor e alegria.
O livro e eles se separaram, mas dia a dia,
Em linhas que se cruzam como aranhas a tecer,
Eles escreveram a história de Tully Veolan.[153]

Na tarde em que Fred Vincy caminhou até a casa paroquial de Lowick (ele havia começado a comprovar que este era um mundo no qual até mesmo um jovem cavalheiro, por falta de um cavalo, às vezes, devia andar a pé), ele saiu às cinco horas e passou antes na casa de Mrs. Garth, com a intenção de se certificar que ela aceitava suas novas relações de bom grado.

Ele encontrou o grupo familiar, cães e gatos incluídos, sob a grande macieira do pomar. Era uma festa para Mrs. Garth, pois seu filho mais velho, Christy, sua alegria e maior orgulho, tinha voltado para casa para umas férias. Christy, para quem a coisa mais desejável do mundo era ser professor, estudar todas as literaturas e converter-se em um novo Porson,[154] e que constituía uma crítica ao

pobre Fred, uma espécie de lição objetiva dada a ele pela mãe educadora. O próprio Christy, uma versão masculina da mãe, com sobrancelhas quadradas e ombros largos, que mal chegava aos ombros de Fred, razão a mais para se estranhar que o considerassem superior, era sempre o mais simples possível e não dava mais importância ao desinteresse de Fred pela bolsa de estudos do que a uma girafa, desejando que ele próprio tivesse mais altura. Ele estava deitado no chão ao lado da cadeira de sua mãe, com o chapéu de palha sobre os olhos, enquanto Jim, do outro lado, lia em voz alta aquele escritor tão querido que tanto contribuiu para a felicidade de muitas vidas jovens. O volume era Ivanhoé, e Jim estava na grande cena de arco e flecha do torneio, mas era frequentemente interrompido por Ben, que havia levado seus próprios arco e flechas antigos e estava se tornando terrivelmente desagradável, na opinião de Letty, implorando a todos os presentes que se fixassem em seus disparos erráticos, o que ninguém queria fazer, exceto Brownie, o vira-lata de mente ativa, mas provavelmente torpe, enquanto o terra-nova grisalho, deitado ao sol, observava com a neutralidade de olhos opacos da extrema velhice. A própria Letty, mostrando na boca e no avental certos sinais de que havia colaborado na colheita das cerejas que estavam amontoadas como um coral na mesa de chá, estava sentada na grama, ouvindo a leitura com olhos bem abertos.

Mas o centro de interesse mudou para todos com a chegada de Fred Vincy. Quando, sentado em um banquinho de jardim, ele disse que estava a caminho da reitoria de Lowick, Ben, que havia abandonado seu arco e agarrado um gatinho relutante, montou sobre a perna estendida de Fred, e disse:

– Me leve com você.

– Eu também – disse Letty.

– Você não pode acompanhar Fred e eu – disse Ben.

– Posso, sim. Mãe, por favor, diga que eu também vou – implorou Letty, cuja vida era muito prejudicada pela resistência em ser relegada por ser uma menina.

– Eu vou ficar com Christy – observou Jim, insinuando que tinha alguma vantagem sobre aqueles simplórios, o que fez com que Letty levasse a mão à

cabeça e olhasse de um para o outro com indecisão e ciúmes.

– Vamos todos ver Mary – disse Christy, abrindo os braços.

– Não, meu querido, não devemos ir todos como um enxame de abelhas para o presbitério. E aquele seu velho terno de Glasgow não serve mais. Além disso, seu pai vai voltar para casa logo. Devemos deixar Fred ir sozinho. Ele pode dizer a Mary que você está aqui, e ela virá amanhã.

Christy olhou para seus próprios joelhos puídos, e então para as belas calças brancas de Fred. Certamente, a alfaiataria de Fred sugeria as vantagens de uma universidade inglesa, e ele parecia elegante até quando sentia calor e na forma que ajeitava o cabelo para trás com seu lenço.

– Vamos, crianças – disse Mrs. Garth –, está muito quente para ficarmos ao redor dos amigos. Levem seu irmão e mostrem os coelhos para ele.

O mais velho entendeu e levou as crianças imediatamente. Fred compreendeu que Mrs. Garth queria dar a ele a oportunidade de dizer qualquer coisa que ele tinha a dizer, mas ele só conseguiu começar observando:

– Deve estar muito feliz por Christy estar aqui!

– Sim, ele veio mais cedo do que eu esperava. Ele desceu da diligência às nove horas, logo depois que seu pai saiu. Estou ansiosa para que Caleb volte e ouça quanto progresso Christy está fazendo. Ele pagou as suas despesas do último ano dando aulas ao mesmo tempo em que estudava. Ele espera em breve conseguir uma tutela privada e ir para o exterior.

– Ele é um grande sujeito – disse Fred, para quem estas alegres verdades tinham gosto de remédio – e não é um fardo para ninguém.

Após uma breve pausa, ele acrescentou: – Mas temo que a senhora pense que vou trazer problemas para Mr. Garth.

– Caleb gosta de assumir problemas; ele é um desses homens que sempre fazem mais do que lhe pedem – respondeu Mrs. Garth. Ela estava tricotando e podia olhar para Fred ou não, como quisesse, o que é sempre uma vantagem quando alguém está empenhado em conferir às suas palavras um significado útil e, embora Mrs. Garth tivesse a intenção de manter-se devidamente reservada, ela

queria dizer a Fred algo para o seu próprio bem.

– Eu sei que a senhora me considera muito indigno, Mrs. Garth, e não lhe faltam razões para isso – disse Fred, animando-se um pouco diante da disposição de Mrs. Garth para lhe dar um sermão. – Eu tenho me comportado da pior maneira possível com as pessoas que mais tenho interesse em agradar. Mas, se dois homens como Mr. Garth e Mr. Farebrother não desistiram de mim, não vejo por que devo desistir eu mesmo – Fred achou que seria bom mencionar estes dois exemplos masculinos.

– Naturalmente – disse ela, com ênfase crescente. – Um jovem por quem os pais tenham se devotado tanto seria com efeito péssimo se os desprezasse e tornasse seus sacrifícios inúteis.

Fred estranhou um pouco as duras palavras, mas limitou-se a dizer:

– Espero que não seja o meu caso, Mrs. Garth, já que tenho algum incentivo para acreditar que posso conquistar Mary. Mr. Garth lhe falou sobre isso, não? Suponho que não tenha ficado surpresa – concluiu Fred, referindo-se inocentemente ao seu manifesto sentimento por Mary.

– Se não fiquei surpresa que Mary tenha lhe dado encorajamento? – respondeu Mrs. Garth, que achava que seria bom para Fred estar mais ciente do fato de que a família de Mary não havia desejado isso, independentemente do que os Vincys pudessem supor. – Sim, confesso que fiquei surpresa.

– Ela nunca me deu o mínimo encorajamento quando falei com ela – disse Fred, ansioso para defender Mary. – Mas quando pedi a Mr. Farebrother que falasse por mim, ela permitiu que ele me dissesse que havia uma esperança.

A força de admoestação (e a decepção) que se remexia no peito de Mrs. Garth ainda não havia se esgotado. Era muito irritante, mesmo para seu autocontrole, que este jovem imaturo florescesse graças às decepções de pessoas mais sábias e desgostosas, fazendo, sem o saber, muita confusão – pensando em Mr. Farebrother, que também amava Mary e tivera que renunciar seu amor por Fred – e que o tempo todo a família dele imaginasse que os Garths necessitavam daquele rebento. Por outro lado, a indignação de Mrs. Garth havia fermentado

ainda mais por sua absoluta impotência ante seu marido. Esposas exemplares ocasionalmente encontram bodes expiatórios dessa maneira, e nesta ocasião Mrs. Garth disse com decisão enérgica:

– Você cometeu um grande erro, Fred, ao pedir Mr. Farebrother que falasse por você.

– É mesmo? – disse Fred, corando instantaneamente. Ele ficou alarmado, mas ignorava o que Mrs. Garth queria dizer e acrescentou em tom de desculpas: – Mr. Farebrother sempre foi um grande amigo nosso, e Mary, eu sabia, o escutaria com atenção. Ele aceitou de bom grado.

– Sim, os jovens geralmente são cegos para tudo, exceto para seus próprios interesses, e raramente imaginam quanto esses interesses custam aos outros – disse Mrs. Garth. Ela não pretendia ir além dessa salutar doutrina geral e despejou sua indignação em um desenrolar desnecessário de seu novelo, franzindo a testa para o mesmo com um ar grandioso.

– Não posso imaginar como isso poderia ser doloroso para Mr. Farebrother – disse Fred, que, no entanto, sentia que concepções surpreendentes estavam começando a se formar.

– Certamente, você não pode imaginar – disse Mrs. Garth, pronunciando suas palavras com a maior nitidez possível.

Por um momento, Fred olhou para o horizonte com uma angústia consternada e, em seguida, virando-se com um movimento rápido, disse quase bruscamente:

– A senhora está querendo dizer, Mrs. Garth, que Mr. Farebrother está apaixonado por Mary?

– Se fosse assim, Fred, acho que você seria a última pessoa a se surpreender – respondeu Mrs. Garth, deixando o tricô de lado e cruzando os braços. Era um sinal incomum de emoção de sua parte retirar o trabalho de suas mãos. Na verdade, seus sentimentos estavam divididos entre a satisfação de dar uma lição em Fred e a sensação de ter ido longe demais. Fred pegou o chapéu e a bengala e se levantou rapidamente.

– Então a senhora acha que estou me intrometendo no seu caminho, e no de

Mary também? – perguntou ele, em um tom que parecia exigir uma resposta.

Mrs. Garth não conseguiu falar imediatamente. Ela havia se colocado na posição desagradável de ser forçada a dizer o que realmente pensava, mas ela também sabia que fortes razões a obrigavam a ocultar. Para ela, a consciência de ter excedido em suas palavras era especialmente humilhante. Além disso, Fred havia liberado uma eletricidade inesperada, e acrescentou:

– Mr. Garth parecia satisfeito por Mary me querer. Ele não poderia saber de nada disso.

Mrs. Garth sentiu uma pontada de remorso com a menção de seu marido; ela não suportava a ideia de que Caleb pudesse achar que ela estava errada, e ela respondeu em uma tentativa de mitigar consequências indesejadas.

– Falei apenas por dedução. Não me consta que Mary saiba nada sobre isso.

Porém, ela hesitou em implorar que ele guardasse silêncio absoluto sobre um assunto que ela mesma havia mencionado desnecessariamente, por não estar acostumada a se rebaixar daquela maneira; e, enquanto hesitava, já havia uma onda de consequências não intencionais sob a macieira onde ficavam as coisas do chá. Ben, saltando pela grama com Brownie nos calcanhares, quando viu o gatinho arrastando o tricô por um longo fio de lã que se prolongava mais e mais, começou a gritar e bater palmas; Brownie latiu, o gatinho, desesperado, saltou sobre a mesa de chá derramando o leite, depois saltou de novo e levou metade das cerejas com ele. Ben agarrou a meia tricotada pela metade e a ajustou na cabeça do gatinho, o que funcionou como uma nova fonte de loucura, enquanto Letty, que apareceu naquele exato momento, gritava para que sua mãe impedisse aquela crueldade; era uma cena tão cheia de confusão como "*This is the house that Jack built*".[155] Mrs. Garth foi obrigada a interferir, os outros jovens surgiram e o *tête-à-tête* com Fred foi encerrado. Ele partiu assim que pôde, e Mrs. Garth só pôde sugerir uma retratação de sua severidade dizendo: "Deus te abençoe" quando apertou a mão dele.

Ela tinha a desagradável sensação de que estivera prestes a falar como "uma das mulheres tolas", que primeiro diziam e suplicavam silêncio depois. Mas ela

não havia implorado silêncio e para evitar a fúria de Caleb, ela decidiu culpar a si mesma e confessar tudo naquela mesma noite. Era curioso como o tribunal do moderado Caleb pudesse ser horrível para ela, sempre que ele se encontrava em ação. Mas ela queria dizer a ele que a revelação poderia fazer muito bem a Fred Vincy.

Sem dúvida, aquelas palavras estavam tendo um forte efeito sobre Fred enquanto ele caminhava para Lowick. A sua natureza otimista e despreocupada talvez nunca tivesse sofrido tanto quanto diante da sugestão de que se ele estivesse fora do caminho, Mary poderia ter feito um casamento perfeito. Ele também estava incomodado por ter sido tão estúpido a ponto de pedir a intervenção de Mr. Farebrother. Mas não era da natureza de um amante, não era da natureza de Fred, que a nova preocupação suscitada a respeito dos sentimentos de Mary não se sobrepusesse a todas as outras. Apesar de sua confiança na generosidade de Mr. Farebrother, apesar do que Mary lhe dissera, Fred não podia deixar de sentir que tinha um rival: era uma sensação nova, que incomodava, pois não estava disposto a desistir de Mary para o seu próprio bem, estando antes disposto a lutar por ela contra qualquer homem. Mas a luta com Mr. Farebrother deveria ser de um tipo metafórico, muito mais difícil para Fred do que teria sido a do tipo muscular. Certamente, esta experiência foi para Fred uma lição não menos severa do que sua decepção com o testamento do tio. O ferro não havia entrado em sua alma, mas ele começou a imaginar o quanto sua lâmina seria afiada. Não ocorreu a Fred que Mrs. Garth pudesse estar enganada a respeito de Mr. Farebrother, mas ele suspeitava que talvez não estivesse a respeito de Mary, que nos últimos tempos estava hospedada na reitoria, e sua mãe podia saber muito pouco do que se passava em sua mente.

Ele não se sentiu tranquilo quando a encontrou com aspecto muito alegre na companhia das três damas na sala de estar. Elas estavam em uma animada discussão sobre algum assunto que foi abandonado quando ele entrou, e Mary estava copiando, com uma letra minúscula, na qual era exímia, as etiquetas de uma série de gavetas do armário. Mr. Farebrother estava em algum lugar da

aldeia, e as três damas nada sabiam da relação peculiar de Fred com Mary; era impossível para qualquer um dos dois propor um passeio pelo jardim, e Fred previa que acabaria indo embora sem que trocassem uma palavra em particular. Primeiro, ele lhe contou sobre a chegada de Christy, e depois sobre a contratação por Caleb, consolando-se ao observar a emoção com a qual Mary recebeu a última notícia.

– Eu fico muito feliz – disse ela, apressadamente, inclinando-se novamente sobre sua tarefa para impedir que alguém visse seu rosto. Mas este era um tema que Mrs. Farebrother não podia deixar passar.

– Você não quer dizer, minha querida Miss Garth, que fica feliz ao saber que um jovem desistiu da igreja, para a qual foi educado; você apenas quer dizer que dado ao atual estado das coisas, você fica feliz que ele trabalhe para um homem tão excelente como seu pai.

– Na verdade, Mrs. Farebrother, estou feliz pelas duas coisas – disse Mary, habilmente se livrando de uma lágrima rebelde. – Tenho uma mente terrivelmente secular. Nunca gostei de nenhum clérigo, exceto do vigário de Wakefield e de Mr. Farebrother.

– Ora, minha querida, por quê? – perguntou Mrs. Farebrother, descansando suas grandes agulhas de tricô de madeira e olhando para Mary. – Você sempre tem um bom motivo para suas opiniões, mas isso é surpreendente. É claro que descarto aqueles que pregam uma nova doutrina. Mas, por que você não deveria gostar dos clérigos?

– Oh, Deus! – exclamou Mary, com uma expressão divertida enquanto parecia refletir por um momento –, eu não gosto dos lenços que eles põem no pescoço.

– Então, você não gosta do Camden? – perguntou Miss Winifred, um tanto ansiosa.

– Sim, gosto – disse Mary. – Não gosto dos lenços no pescoço dos outros clérigos, porque são eles que os usam.

– Que enigmático! – disse Miss Noble, imaginando que sua própria

capacidade intelectual era deficiente.

– Minha querida, você está brincando. Você tem razões melhores do que essa para desprezar uma classe de homens tão respeitável – disse Mrs. Farebrother, majestosamente.

– Miss Garth tem noções tão severas sobre o que as pessoas deveriam ser que é difícil satisfazê-la – disse Fred.

– Bem, me alegro de que ao menos tenha feito uma exceção em favor do meu filho – disse a velha senhora.

Mary estava se perguntando a razão do tom irritado de Fred quando Mr. Farebrother entrou e teve que ouvir as notícias sobre a contratação de Fred por Mr. Garth. No final, o pároco disse com uma satisfação silenciosa: “Isso é bom”, e então inclinou-se para olhar as etiquetas de Mary e elogiar sua caligrafia. Fred sentiu um ciúme tremendo; estava feliz, é claro, que Mr. Farebrother fosse tão apreciável, mas teria preferido que fosse feio e gordo como os homens aos 40 anos às vezes são. O resultado era evidente, já que Mary abertamente colocava Mr. Farebrother acima de todos, e todas as outras mulheres evidentemente encorajavam a relação. Ele estava certo de que não teria oportunidade de falar com Mary, quando Mr. Farebrother disse:

– Fred, ajude-me a carregar essas gavetas de volta ao meu gabinete... você ainda não viu meu belo escritório novo. Por favor, venha também, Miss Garth. Quero que veja uma aranha magnífica que encontrei esta manhã.

Mary percebeu imediatamente a intenção do vigário. Ele nunca, desde aquela tarde memorável, havia se desviado de sua antiga amabilidade pastoral para com ela, e seu espanto e dúvida momentâneos foram abrandados. Mary estava acostumada a pensar com bastante rigor no que era provável, e se uma opinião lisonjeava sua vaidade, ela a rejeitava por ser ridícula, tendo em tais rejeições grande prática. Foi como ela havia previsto: quando Fred foi convidado a admirar a arrumação do gabinete, e ela a admirar a aranha, Mr. Farebrother disse:

– Esperem aqui um ou dois minutos. Vou buscar uma gravura para que Fred,

que é bastante alto, possa pendurá-la para mim. Voltarei em seguida – então, ele deixou a sala. No entanto, as primeiras palavras que Fred disse a Mary foram:

– É inútil, Mary. Você acabará se casando com Farebrother – havia uma certa raiva em seu tom.

– O que você está dizendo, Fred? – exclamou Mary, com indignação, corando profundamente, e surpresa para responder.

– É impossível que você não veja o que está tão claro; logo você, que vê tudo.

– Tudo o que vejo é que você está se comportando muito mal, Fred, ao falar assim de Mr. Farebrother, depois de ele ter defendido sua causa de todas as maneiras. Como você pode ter tido essa ideia?

Apesar de sua irritação, Fred era habilidoso. Se Mary realmente não suspeitava, não adiantava contar o que Mrs. Garth lhe dissera.

– É simplesmente lógico – respondeu ele. – Quando você está constantemente diante de um homem que é melhor do que eu em tudo, a quem você admira mais do que todos, eu não posso ter nenhuma chance.

– Você é muito ingrato, Fred – disse Mary. – Eu gostaria de nunca ter dito a Mr. Farebrother que eu tinha o mínimo interesse por você.

– Não, eu não sou ingrato; eu seria o sujeito mais feliz do mundo se não fosse por isso. Eu contei tudo ao seu pai, e ele foi muito gentil; ele me tratou como se eu fosse seu filho. Eu poderia me dedicar ao trabalho com vontade, a caligrafia e tudo o mais, se não fosse por isso.

– Por isso? Isso o quê? – perguntou Mary, imaginando que algo específico deveria ter sido dito ou feito.

– Essa terrível certeza de que serei derrotado por Farebrother.

Mary sentiu vontade de rir.

– Fred – disse ela, tentando atrair os olhos dele, que de mau humor se afastavam dela. – Você é muito ridículo. Se você não fosse um simplório tão charmoso, que tentação seria bancar a coquete malvada, e deixar você acreditar que alguém além de você me corteja.

– Você realmente gosta mais de mim, Mary? – perguntou Fred, voltando os olhos cheios de afeto para ela e tentando segurar sua mão.

– Não gosto nem um pouco de você neste momento – disse Mary, recuando e colocando as mãos para trás. – Eu apenas disse que nenhum mortal jamais me fez a corte além de você. E isso não significa que um homem muito sábio o fará – terminou ela, alegremente.

– Eu gostaria que você me dissesse que nunca vai pensar nele – disse Fred.

– Não ouse voltar a dizer isso para mim, Fred – disse Mary, ficando séria de novo. – Não sei se é mais estúpido ou mesquinho da sua parte não perceber que Mr. Farebrother nos deixou sozinhos de propósito, para que pudéssemos falar com liberdade. Estou desapontada que você esteja tão cego quanto à sua delicadeza.

Não houve tempo para dizer mais nada antes que Mr. Farebrother voltasse com a gravura, e Fred teve que voltar para a sala de estar ainda com o medo do ciúme em seu coração, mas agora com os argumentos reconfortantes das palavras e atitude de Mary. O resultado da conversa foi, em geral, mais doloroso para Mary; inevitavelmente sua atenção assumira uma nova atitude e ela via a possibilidade de novas interpretações. Ela estava em uma posição na qual parecia estar menosprezando Mr. Farebrother, e isso, em relação a um homem que é muito respeitado, é sempre perigoso para a firmeza de uma mulher agradecida. Foi um alívio ter um motivo para voltar para casa no dia seguinte, pois Mary desejava sinceramente deixar sempre claro que amava Fred mais do que os outros. Quando uma terna afeição fica armazenada dentro de nós durante muitos anos, a ideia de que podemos aceitar qualquer troca por outra parece baratear nossa existência. E podemos zelar por nossos afetos e nossa constância como vigiamos outros tesouros.

– Fred perdeu todas as suas outras expectativas; ele deve manter esta – disse Mary para si mesma, com um sorriso nos lábios. Era impossível evitar visões fugazes de outro tipo, novas dignidades e um valor reconhecido, o que muitas vezes sentira falta. Mas todas essas coisas sem Fred, abandonado e entristecido

por causa dela, nunca poderiam tentar seu pensamento deliberado.

CAPÍTULO LVIII

“Pois em teus olhos não pode haver ódio,
Assim, nisso não percebo a tua mudança.
De muitas formas a história do falso coração
Se escreve em estranhas alterações de humor;
Mas o céu, ao criar-te, decretou
Que em teu rosto o doce amor sempre vivesse;
Teu olhar não expressaria senão a doçura
Que passasse por tua mente ou teu coração.”
– SHAKESPEARE: Sonetos

Na época em que Mr. Vincy manifestou seus pressentimentos sobre Rosamond, ela mesma não havia se dado conta de que deveria ser levada a fazer o tipo de apelo que ele previra. Apesar de sua vida doméstica ser cara e muito agitada, ela ainda não havia experimentado nenhuma angústia econômica. Ela havia perdido seu bebê e teve que abandonar todos os mantos e gorros bordados. Este infortúnio foi inteiramente atribuído à sua insistência em sair a cavalo quando o marido havia lhe pedido que não o fizesse. Porém, não se deve supor que ela tenha ficado aborrecida na ocasião, ou que tenha dito bruscamente ao marido que faria o que quisesse.

O que a levou particularmente a desejar montar o cavalo foi a visita do capitão Lydgate, o terceiro filho do baronete, o qual, lamento dizer, era detestado por nosso Tertius com o mesmo sobrenome por ser um janota insípido que repartia o cabelo da testa à nuca em uma moda desprezível (não seguida pelo próprio Tertius), e por mostrar uma convicção ignorante de que sabia o que dizer sobre cada assunto. Lydgate interiormente amaldiçoava sua própria estupidez por

ter propiciado esta visita ao consentir em ver o tio durante a viagem de núpcias, tornando-se desagradável para Rosamond quando lhe disse isso em particular. Para Rosamond, a visita era uma fonte de exultação sem precedentes, ainda que elegantemente dissimulada. Ela estava tão intensamente consciente de que hospedava um primo que era filho de um baronete, que imaginava que as implicações de sua presença seriam difundidas por todas as mentes; e quando apresentou o capitão Lydgate aos convidados, teve a plácida sensação de que a posição dele penetrava nos demais como se fosse um perfume. A satisfação foi suficiente para dissipar por algum tempo parte da decepção sobre as condições de ter se casado com um médico, mesmo que tivesse berço: parecia agora que seu casamento estava visivelmente bem, como idealmente acima do nível de Middlemarch, e o futuro parecia brilhante com cartas e visitas de e para Quallingham e, como consequência, progressos indefinidos na situação de Tertius. Acima de tudo, porque provavelmente por sugestão do capitão, sua irmã casada, Mrs. Mengan, viera com sua criada e passara duas noites no seu caminho de regresso a Londres. Portanto, estava claro que os esforços de Rosamond, ao se preocupar com sua música e a seleção cuidadosa de suas rendas, valiam a pena.

Quanto ao próprio capitão Lydgate, sua testa estreita, seu nariz aquilino curvado para um lado e sua fala um tanto pesada poderiam ter sido uma desvantagem para qualquer jovem cavalheiro que não tivesse porte militar e bigode para dar a ele o que algumas delicadas cabeças loiras chamam de “estilo”. Além disso, ele possuía aquele tipo de educação aristocrática que consiste em estar livre das mesquinhas solicitudes próprias da classe média, e era um grande crítico dos encantos femininos. Rosamond se deliciava com sua admiração, agora ainda mais do que quando estivera em Quallingham, e ele achava fácil passar várias horas do dia flertando com ela. A visita foi uma das aventuras mais agradáveis que ele já tivera, talvez por também suspeitar que seu estranho primo Tertius desejava que ele partisse. Mas Lydgate, que preferia (hiperbolicamente falando) morrer a demonstrar falta de hospitalidade, reprimia

sua antipatia e apenas fingia não ouvir os galanteios do galante oficial, confiando a Rosamond a tarefa de respondê-los. Ele não era um marido ciumento e preferia deixar um jovem e tolo cavalheiro sozinho com sua esposa a lhe fazer companhia.

– Eu gostaria que conversasse mais com o capitão durante o jantar, Tertius – disse Rosamond, uma noite quando o convidado importante foi a Loamford para ver alguns oficiais ali alojados. – Você, às vezes, parece tão ausente, parece estar vendo algo por trás da cabeça dele, em vez de olhar para ele.

– Minha querida Rosy, você não espera que eu converse com um idiota tão vaidoso como aquele – disse Lydgate, bruscamente. – Se ele quebrasse a cabeça, talvez eu o olhasse com interesse, mas não antes disso.

– Não posso compreender por que você precisa falar de seu primo com tanto desprezo – disse Rosamond, seus dedos movendo-se em seu trabalho enquanto falava, com um tom de gravidade, que continha um toque de desdém.

– Pergunte a Ladislaw se ele não acha que seu capitão é o maior chato que ele já conheceu. Ladislaw quase não vem aqui desde que ele chegou.

Rosamond acreditava saber perfeitamente por que Mr. Ladislaw não gostava do capitão: ele estava com ciúme dela e ela gostava que ele sentisse ciúme.

– É impossível dizer o que convém a pessoas excêntricas – respondeu ela –, mas, em minha opinião, o capitão Lydgate é um perfeito cavalheiro e penso que, por respeito a Sir Godwin, não deveria tratá-lo com negligência.

– Não, querida, mas temos oferecido jantares em sua homenagem. E ele entra e sai quando quer. Ele não precisa de mim.

– Ainda assim, quando ele estiver na sala, você poderia lhe dar mais atenção. Ele pode não ser uma fênix de inteligência segundo os seus parâmetros; sua profissão é diferente, mas seria melhor você falar um pouco sobre assuntos do seu interesse. Acho que sua conversa é bastante agradável. E ele é tudo, menos um homem sem princípios.

– O fato é que você gostaria que eu fosse um pouco mais parecido com ele, Rosy – disse Lydgate, numa espécie de murmúrio de resignação, com um sorriso

que não era exatamente terno e certamente não alegre. Rosamond ficou em silêncio e não voltou a sorrir, mas as lindas curvas de seu rosto pareciam bem-humoradas.

Aquelas palavras de Lydgate foram como um marco triste que estabelecia a distância que lhe separava da sua antiga terra dos sonhos, na qual Rosamond Vincy parecia ser um exemplo perfeito de feminilidade, que reverenciaria a mente de seu marido como se fosse uma sereia completa, utilizando seu pente e seu espelho e cantando suas canções com o único fim de relaxar sua adorada inteligência. Ele começava a distinguir entre aquela adoração imaginária e a atração que exercia o talento de um homem porque lhe proporciona prestígio, como se fosse uma condecoração na lapela ou um Honorável antes do seu nome. Pode-se supor que Rosamond também tenha se afastado muito desde que considerara perfeitamente enfadonha a inútil conversa de Mr. Ned Plymdale, mas para a maioria dos mortais existe uma estupidez insuportável e outra totalmente aceitável, do contrário, o que seria dos vínculos sociais? A estupidez do capitão Lydgate era delicadamente perfumada, portava-se com “estilo”, falava com boa pronúncia e era intimamente relacionada a Sir Godwin. Rosamond a achava bastante agradável e adotou muitas de suas frases.

Portanto, como Rosamond, como sabemos, gostava de cavalos, havia muitas razões para se sentir tentada a retomar a equitação quando o capitão Lydgate, que havia ordenado que seu criado viesse com dois cavalos e se hospedasse no “Green Dragon”, implorou que ela montasse o cinzento, que ele garantiu ser gentil e treinado para levar uma dama... na verdade, ele o havia comprado para sua irmã e o estava levando a Quallingham. Rosamond saiu pela primeira vez sem dizer ao marido e retornou antes que ele voltasse para casa, mas o passeio havia tido tanto êxito, e Rosamond declarou encontrar-se tão melhor em consequência dele, que Lydgate foi informado do acontecimento, com absoluta confiança de seu consentimento para que ela o fizesse novamente. Mas, ao contrário, Lydgate mostrou-se mais do que ferido; ele estava absolutamente perplexo que Rosamond tivesse se arriscado a montar um cavalo estranho sem

consultá-lo. Depois das primeiras exclamações de surpresa, quase estrondosas, que advertiram suficientemente Rosamond do que estava por vir, ele ficou em silêncio por alguns momentos.

– No entanto, você voltou sã e salva – disse ele, por fim, em um tom decisivo. – Não há o que dizer Rosy, você não vai montar de novo. Ainda que fosse o cavalo mais tranquilo e familiar do mundo, sempre haveria a chance de um acidente. E você sabe muito bem que esta é a razão pela qual eu te pedi para que desistisse de cavalgar.

– Mas também existe a chance de um acidente dentro de casa, Tertius!

– Minha querida, não diga bobagens – respondeu Lydgate, em tom suplicante. – Certamente eu sou a pessoa mais indicado para julgar este caso. Acho que é o suficiente que eu te diga que não deve voltar a montar.

Rosamond estava arrumando seu cabelo antes do jantar, e o reflexo de sua cabeça no espelho não mostrava nenhuma alteração em sua beleza, exceto um pequeno desvio do longo pescoço. Lydgate andava de um lado para o outro com as mãos nos bolsos e então parou ao seu lado, como se esperasse uma resposta.

– Você poderia prender minhas tranças, meu querido? – perguntou Rosamond, deixando cair os braços com um leve suspiro, para que seu marido sentisse vergonha de ficar ali parado como um bruto. Lydgate já havia prendido as tranças antes, sendo um dos homens mais hábeis com seus dedos grandes e finamente formados. Ele reuniu as suaves mechas de tranças e as prendeu com um pente (até isso fazem os homens!) e, o que mais ele poderia fazer a não ser beijar a nuca delicada que se oferecia com todas as suas curvas delicadas? Mas quando fazemos o que já fizemos antes, frequentemente encontramos diferenças. Lydgate ainda estava zangado e não havia se esquecido do seu argumento.

– Eu direi ao capitão que ele deveria ter pensado melhor antes de lhe oferecer o cavalo – disse ele, enquanto se afastava.

– Imploro que não faça nada parecido, Tertius – implorou Rosamond, olhando para o marido com mais ênfase do que seu tom habitual. – Você estaria me tratando como se eu fosse uma criança. Prometa que vai deixar o assunto

comigo.

Parecia haver alguma verdade em sua objeção. Lydgate disse: “Está bem”, com uma obediência carrancuda, e assim a discussão terminou com sua promessa a Rosamond, no lugar da promessa dela a ele.

Na verdade, ela estava decidida a não fazer promessa alguma. Rosamond tinha aquela obstinação vitoriosa que jamais desperdiça sua energia em resistências impetuosas. O que ela queria fazer era a coisa certa para ela, e toda a sua inteligência estava voltada para conseguir os meios de fazê-lo. Ela tinha a intenção de voltar a montar o cinzento e aproveitou a primeira oportunidade brindada pela ausência do marido, não pretendendo que ele soubesse até que fosse tarde o suficiente para ter alguma importância. A tentação era certamente grande: ela gostava muito do exercício e da satisfação de cavalgar em um belo cavalo, com o capitão Lydgate, filho de Sir Godwin, ao seu lado em outro belo exemplar. E o fato de ser vista por qualquer pessoa, exceto seu marido, era tão maravilhoso quanto seus sonhos de solteira. Além disso, assegurava a conexão com a família de Quallingham, o que era uma coisa muito sensata. Porém, o dócil cinzento, surpreendido pela queda de uma árvore que estava sendo derrubada na beira da floresta de Halsell, assustou-se e causou um susto ainda maior em Rosamond, o que levou finalmente à perda de seu bebê. Lydgate não conseguia demonstrar sua raiva por ela, mas estava bastante aborrecido com o capitão, cuja visita naturalmente logo terminou.

Em todas as conversas futuras sobre o assunto, Rosamond se mostrava tranquilamente convencida de que o passeio não tinha sido o responsável e que se tivesse ficado em casa, os mesmos sintomas teriam surgido e o final teria sido o mesmo, porque já havia sentido algo parecido antes.

Lydgate só podia dizer: “Pobre, pobre querida!” – mas secretamente se perguntava sobre a tenacidade terrível daquela dócil criatura. Crescia dentro dele uma sensação espantosa de sua própria impotência diante de Rosamond. No lugar de seu conhecimento superior e sua força mental ser como havia imaginado um santuário para consultas em todas as ocasiões, eles eram

simplesmente deixados de lado em todas as questões práticas. Ele havia considerado a inteligência de Rosamond precisamente do tipo receptivo, adequado para uma mulher. Agora, começava a descobrir qual era exatamente a forma que ela havia adotado: uma rede fechada e independente. Ninguém era mais rápido do que Rosamond para prever as causas e efeitos que coincidiam com seus próprios gostos e interesses: ela tinha visto claramente a preeminência de Lydgate na sociedade de Middlemarch e seguiu traçando em sua imaginação efeitos sociais ainda mais agradáveis quando seu talento o tivesse feito ascender, mas para ela, sua ambição profissional e científica não tinha outra relação com esses efeitos desejáveis do que se eles tivessem sido a feliz descoberta de um óleo malcheiroso. E à parte do óleo, com o qual ela não tinha nada a ver, é claro que confiava mais na própria opinião do que na do marido. Lydgate ficou pasmo ao descobrir que, em inúmeras questões triviais, bem como neste último caso grave sobre o cavalo, o afeto não a tornava submissa. Ele não tinha dúvidas de que o afeto existia, e não tinha nenhum pressentimento de que havia feito algo para dissipá-lo. De sua parte, dizia a si mesmo que a amava com a ternura de sempre e que poderia acostumar-se com suas negativas. Mas, enfim! Lydgate estava muito preocupado e consciente de novos elementos em sua vida tão nocivos para ele quanto a lama de um charco para uma criatura acostumada a nadar, respirar, banhar-se e correr atrás de sua presa iluminada nas águas mais cristalinas.

Rosamond logo voltou à sua mesa de trabalho, mais bela do que nunca, desfrutando de passeios na fáeton do seu pai e pensando que provavelmente seria convidada para ir a Quallingham. Ela sabia que era um adorno muito mais requintado para aquela sala de estar do que qualquer filha da família e, ao refletir que os cavalheiros estavam cientes disso, talvez não tenha considerado se as damas estivessem ávidas para ver a si mesmas eclipsadas.

Lydgate, uma vez superada sua preocupação pela esposa, recaiu no que ela interiormente chamava de mau humor, um nome que para ela significava tanto o esmerado interesse do marido por temas que não lhe diziam respeito, bem como

aquele gesto inquieto da testa e a aversão por todas as coisas corriqueiras como se estivessem misturadas com ervas amargas, o que realmente constituía uma espécie de barômetro de seu aborrecimento e maus presságios. Esses últimos estados de ânimo tinham, entre outras coisas, uma causa que ele, generosamente, embora erroneamente, havia ocultado de Rosamond, para que não afetasse a saúde e ânimo de sua mulher. Entre eles, de fato, havia aquela ausência total de contato dos respectivos conteúdos mentais, o que é evidentemente possível, mesmo entre pessoas que estão constantemente pensando uma na outra. Para Lydgate, parecia que ele vinha passando mês após mês sacrificando mais da metade de suas melhores intenções e energia por sua ternura por Rosamond; suportando suas pequenas reivindicações e interrupções sem impaciência, e, acima de tudo, suportando sem manifestação de amargura, e com crescente falta de ilusão, a superfície vazia e irrefletida que a mente de Rosamond apresentava frente ao seu entusiasmo pelos fins mais desinteressados de sua profissão e de seu trabalho científico, um entusiasmo que ele havia imaginado que a esposa ideal deveria de alguma forma cultuar como sublime, embora desconhecesse a razão. Mas sua resistência de suportar mesclava-se com um descontentamento de si mesmo que, se formos sinceros, devemos confessar que constituía mais da metade da amargura que os sofrimentos impõem, quer se trate da esposa ou do marido. É sempre verdade que, se fôssemos maiores, as circunstâncias contra nós teriam sido menores. Lydgate estava ciente de que suas concessões a Rosamond muitas vezes eram pouco mais do que o fruto da hesitação de sua própria vontade, da paralisia progressiva capaz de agarrar um entusiasmo desajustado com uma parte constante de nossas vidas. O entusiasmo de Lydgate não era constantemente pressionado apenas pelo simples peso da tristeza, mas a presença corrosiva de uma preocupação mesquinha e degradante, que lança a desgraça da ironia sobre todos os esforços superiores.

Este era o pesar que até então ele havia se recusado a mencionar a Rosamond; e acreditava, não sem espanto, que isso nunca havia passado por sua mente, embora certamente nenhuma dificuldade pudesse ser menos misteriosa.

Era uma inferência que saltava aos olhos de todos, e que muitos observadores indiferentes já haviam deduzido: Lydgate estava endividado. Ele não conseguia afastar por muito tempo de seu pensamento o fato de que a cada dia se afundava mais naquele pântano que tenta os homens com um disfarce charmoso de flores e folhagens. É assombroso como um homem consegue se afundar até o pescoço em uma condição em que, a despeito de si mesmo, é obrigado a pensar em se libertar, mesmo que carregue o universo na alma.

Há dezoito meses, Lydgate era pobre, mas desconhecia completamente a impiedosa necessidade de pequenas somas, e experimentava um certo desprezo ardente por aqueles que desciam um degrau na escala social a fim de obtê-las. Mas atualmente ele experimentava algo pior do que um simples déficit: ele era assombrado por provações vulgares e odiosas de um homem que havia comprado, e usado muitas coisas das quais poderia ter prescindido, e pelas quais não podia pagar, embora a cobrança do pagamento fosse insistente. Como havia chegado a esse ponto é fácil de entender, e não é preciso muita aritmética ou conhecimento de preços. Quando um homem, ao montar uma casa e se preparar para o casamento, descobre que sua mobília e outras despesas iniciais superam o capital que possui em quatrocentas ou quinhentas libras; quando, no final de um ano, constata que suas despesas domésticas, cavalos e *muitos outros*, chegam a quase mil, enquanto os honorários do seu consultório, calculados nos livros anteriores em oitocentas libras por ano, haviam sido reduzidos como uma lagoa de verão e proporcionavam apenas quinhentas, sendo na sua maior parte constituídos de contas não pagas, a dedução evidente é que, quer ele se importe ou não, ele estava endividado. Eram tempos menos dispendiosos do que os nossos, e a vida provinciana era relativamente modesta, mas a facilidade com que um médico, que recentemente acabara de comprar seu consultório, que se julgava obrigado a manter dois cavalos, cuja mesa não conhecia restrições, que pagava um alto aluguel pela casa com jardim, descobria que suas despesas eram o dobro de suas receitas pode ser concebida por qualquer pessoa que não considere esses detalhes indignos de sua atenção. Rosamond, acostumada desde

a infância à extravagância, acreditava que uma boa administração doméstica consistia simplesmente em se encarregar do melhor em todas as coisas, nada mais a satisfazia; e Lydgate supunha que “se as coisas devem ser feitas, devem ser feitas de maneira adequada” e não via como poderiam viver de outro modo. Se cada despesa tivesse sido comunicada a ele de antemão, ele provavelmente teria observado que “não teria chegado a esse ponto”, e se alguém tivesse sugerido uma economia em um artigo específico, por exemplo, a substituição de um peixe mais caro por outro barato, teria parecido a ele simplesmente uma ideia tacanha e mesquinha. Rosamond, mesmo sem uma ocasião como a visita do capitão Lydgate, gostava de receber, e Lydgate, embora sempre achasse os convidados cansativos, não apresentava objeções. Essa sociabilidade parecia ser uma parte necessária da prudência profissional, e o entretenimento deveria estar à altura. É verdade que Lydgate visitava constantemente as casas dos pobres e ajustava as dietas que prescrevia aos poucos recursos; mas, meu Deus! Acaso nos dias de hoje não deixou de ser notável... ou melhor, acaso não esperamos que os homens que possuem várias vertentes de experiência, uma ao lado da outra, nunca as compare entre si? Os gastos, assim como a feiura e os erros, tornam-se algo totalmente novo quando atribuímos nossa própria personalidade a eles e os medimos com base na grande diferença que existe (em nossos próprios julgamentos) entre nós e os demais. Lydgate acreditava ser descuidado com suas roupas e desprezava um homem que calculava os efeitos de sua indumentária; parecia-lhe algo natural possuir roupas novas em abundância... essas coisas eram naturalmente ordenadas em pilhas. Devemos nos lembrar de que ele nunca havia sentido até então o freio de uma dívida inoportuna, e andava a pé por hábito, não por autocrítica. Mas a pressão havia chegado.

A novidade o tornava ainda mais irritante. Ele ficou surpreso e enojado que circunstâncias tão estranhas a todos os seus propósitos, tão odiosamente desvinculadas de tudo o que lhe importava, tivessem armado uma emboscada na qual, desprevenidamente, ele havia caído. E não havia apenas a dívida real, mas a certeza de que, em sua posição atual, ele deveria continuar a aumentá-la. Dois

comerciantes de móveis em Brassing, cujas faturas eram anteriores ao seu casamento, e a quem gastos imprevistos lhe haviam impedido de pagar, haviam lhe enviado repetidas cartas desagradáveis que ele havia sido obrigado a atender. O fato dificilmente poderia ter sido mais humilhante para outras pessoas do que para Lydgate, com seu orgulho imenso, sua aversão a pedir favores ou a ter obrigações para com alguém. Ele havia desprezado até mesmo formar conjecturas sobre as intenções de Mr. Vincy em questões financeiras, e nada além da indulgência poderia tê-lo induzido a recorrer a seu sogro, mesmo que ele não tivesse sido informado de várias maneiras indiretas desde seu casamento que os negócios do próprio Mr. Vincy não estavam prosperando, e que o mesmo ressentiria um pedido de ajuda. Alguns homens confiam facilmente na prontidão dos amigos; Lydgate nunca havia imaginado que pudesse ser obrigado a fazê-lo e nunca havia pensado como seria para ele pedir dinheiro emprestado; mas agora que a ideia havia entrado em sua mente, ele preferia enfrentar qualquer outra dificuldade. No entanto, ele não tinha dinheiro nem perspectivas de obtê-lo e seu consultório não era mais lucrativo.

Não é estranho que Lydgate tenha sido incapaz de suprimir todos os sinais do problema durante os últimos meses, e agora que Rosamond estava recuperando sua vigorosa saúde, ele contemplava a ideia de ser inteiramente sincero com ela. Uma maior familiaridade com as faturas dos comerciantes o havia obrigado a raciocinar utilizando um novo canal de comparação: ele começava a considerar, a partir de um novo ponto de vista, o que seria necessário e desnecessário comprar, e a perceber que deveria haver alguma mudança nos hábitos da casa. Como tal mudança poderia ser feita sem a concordância de Rosamond? A ocasião para comunicar a ela o fato desagradável lhe foi oferecida.

Sem dinheiro e tendo buscado aconselhamento particular sobre quais garantias poderia oferecer um homem em sua posição, Lydgate ofereceu a única boa garantia em seu poder ao credor menos peremptório, que era um ourives e joalheiro, e que consentiu em assumir também a dívida com o estofador, aceitando juros por prazo determinado. A garantia requerida era o mobiliário de

sua casa, o que poderia tranquilizar um credor por um tempo razoável a respeito de uma dívida que não chegava a quatrocentas libras; e o ourives, Mr. Dover, estava disposto a reduzi-la aceitando a devolução de parte do faqueiro e qualquer outro artigo que estivesse como novo. “Qualquer outro artigo” era uma frase que delicadamente sugeria joias, e mais particularmente algumas ametistas roxas que custavam trinta libras, que Lydgate comprara como presente de casamento.

As opiniões podem ser divididas quanto à sua sensatez e o presente: alguns podem pensar que foi um detalhe elegante, próprio de um homem como Lydgate, e que a falha de quaisquer consequências problemáticas residia na pequenez da vida provinciana naquela época, que não oferecia nenhuma comodidade aos profissionais cuja fortuna não era proporcional a seus gostos; também, na ridícula meticulosidade de Lydgate em pedir dinheiro aos seus familiares. No entanto, naquela bela manhã quando fora confirmar a compra do faqueiro, aquilo pareceu ser um gasto sem importância; diante de outras joias caríssimas e juntamente com os encargos, cujo valor não havia sido exatamente calculado, trinta libras para ornamentos tão primorosamente adequados ao pescoço e aos braços de Rosamond dificilmente poderiam parecer um excesso quando não havia dinheiro disponível para excedê-los. Porém, neste momento de crise, a imaginação de Lydgate não pôde deixar de se deter na possibilidade de deixar as ametistas ocuparem novamente seu lugar entre os estoques de Mr. Dover, embora ele recuasse diante da ideia de propor o negócio a Rosamond. Tendo sido alertado para discernir consequências que nunca fora de seu hábito, ele estava disposto a agir com os novos dados com parte do rigor (de forma alguma todo ele) que teria aplicado em um experimento. Ele estava se preparando para este rigor enquanto regressava de Brassing e meditava sobre como deveria apresentar a situação a Rosamond.

Já era noite quando chegou em casa. Aquele homem de 29 anos e muitos talentos sentia-se profundamente infeliz. Ele não dizia com raiva que havia cometido um grave erro; mas o erro operava em seu interior como uma doença crônica diagnosticada, mesclando suas inquietantes importunações com qualquer

perspectiva e enfraquecendo todo seu pensamento. Ao percorrer o corredor para a sala de estar, ele ouviu piano e vozes cantando. Claro, Ladislaw estava lá. Fazia algumas semanas que Will havia se despedido de Dorothea, mas ele continuava em Middlemarch. Lydgate não se incomodava com as visitas de Ladislaw, mas neste momento ficou incomodado por não encontrar livre de estranhos o seu lar. Quando ele abriu a porta, os dois cantores prosseguiram buscando a nota principal, erguendo os olhos para ele, mas não considerando sua entrada como uma interrupção. Para um homem atormentado como o pobre Lydgate, com a sensação de que ainda havia certas tarefas dolorosas a fazer antes de concluir seu dia, não é reconfortante ver duas pessoas gorjeando para ele quando chega em casa. Seu rosto, mais pálido do que o normal, ficou carrancudo quando ele cruzou a sala e se deixou cair em uma cadeira.

Os cantores, sentindo-se desculpados pelo fato de terem apenas três compassos para terminar, voltaram-se para ele.

– Como vai Lydgate? – perguntou Will, aproximando-se para lhe apertar as mãos.

Lydgate estendeu a mão, mas não achou necessário responder.

– Você já jantou, Tertius? Eu o esperava mais cedo – disse Rosamond, que já havia percebido que seu marido estava de “péssimo humor”. Ela se sentou em seu lugar habitual enquanto falava.

– Sim, já jantei. Gostaria de um pouco de chá, por favor – disse Lydgate secamente, ainda carrancudo e olhando fixamente para as pernas esticadas à sua frente.

Will era rápido e não precisava de mais.

– Eu já estava indo embora – disse ele, alcançando o chapéu.

– O chá já vai ser servido – disse Rosamond. – Por favor, não vá ainda.

– Não, Lydgate está cansado – disse Will, que compreendia melhor o médico do que Rosamond, e não se sentia ofendido com suas maneiras, imaginando facilmente causas externas para seu aborrecimento.

– Mais uma razão para você ficar – disse Rosamond, brincando, de forma

superficial –, ele não vai falar comigo a noite toda.

– Sim, Rosamond, eu vou – disse Lydgate, com sua voz sonora. – Eu tenho um assunto importante para conversar com você.

Nenhuma introdução ao tema poderia ter sido menos parecida com a que Lydgate pretendia, mas a atitude indiferente de sua esposa era muito provocadora.

– Pronto! Aí está – disse Will. – Vou à reunião do Instituto de Mecânica.[156] Até logo – e ele saiu rapidamente da sala.

Rosamond não olhou para o marido, mas logo se levantou e ocupou seu lugar diante da bandeja de chá. Ela estava pensando que nunca o tinha visto em atitude tão desagradável antes. Lydgate voltou seus olhos escuros para ela e a observou enquanto ela delicadamente lidava com o serviço de chá com seus dedos finos e mantinha sua atenção nos objetos que tinha diante de si, com o rosto imperturbável, mas com um ar de protesto contra todas as pessoas com modos desagradáveis. Por um momento, ele perdeu a noção do seu pesar em uma especulação repentina sobre essa nova configuração de impassibilidade feminina revelada naquela forma de sílfide, que em outros tempos ele havia interpretado como sinal de uma sensibilidade pronta e inteligente. Pensando em Laure enquanto contemplava Rosamond, ele se perguntou interiormente: “Será que *ela* me mataria se estivesse cansada de mim?”, e então, continuou: “É assim com todas as mulheres”. Mas esse poder de generalização que outorga aos homens a superioridade do erro sobre os animais estúpidos foi imediatamente frustrado pela vaga recordação das impressões que lhe causaram o comportamento de outra mulher: o aspecto de Dorothea e o tom angustiado quando se referia ao seu marido quando Lydgate começou a tratá-lo, o seu grito de partir o coração para que ele lhe dissesse o que mais confortaria aquele homem por quem parecia que ela deveria suprimir todos os seus impulsos, exceto os anseios de fidelidade e compaixão. Aquelas imagens revividas se sucederam rápida e nebulosamente diante de Lydgate, enquanto o chá era preparado. Ele havia fechado os olhos no último instante de devaneio, enquanto se lembrava do que dissera Dorothea:

“Aconselhe-me, pense no que eu posso fazer, ele passou toda a sua vida trabalhando por esse objetivo. Ele não se interessa por mais nada, e eu por nada mais me interesso”.

Aquela voz de uma feminilidade profundamente espiritual havia permanecido dentro dele, assim como as concepções estimulantes de gênios mortos e consagrados (não há um gênio dos sentimentos nobres que também reina sobre os espíritos humanos e suas conclusões?); o tom da sua voz ia se convertendo em uma música cada vez mais distante... e ele realmente estava um pouco adormecido quando Rosamond com sua voz nítida e neutra disse:

– Aqui está seu chá, Tertius – colocando-o na mesa ao seu lado e voltando ao seu lugar sem olhar para ele. Lydgate fora muito precipitado em atribuir-lhe insensibilidade; à sua maneira, Rosamond era sensível o suficiente e mantinha as impressões que captava. Naquele momento, ela se sentia ofendida e repudiava seu marido. No entanto, como não expressava sua irritação e nunca levantava a voz, estava convencida de que ninguém poderia censurá-la.

Talvez Lydgate e ela nunca tivessem se sentido tão distantes um do outro, mas havia fortes razões para não postergar a revelação, mesmo se ele já não a tivesse iniciado com aquele anúncio abrupto; na verdade, parte do desejo raivoso de despertar nela uma maior sensibilidade para com ele, e que o havia induzido a falar prematuramente, ainda estava misturada com a dor que sentia diante da perspectiva do quanto iria machucá-la. Assim, ele esperou até que a bandeja fosse retirada, as velas fossem acesas, para poder contar com o sossego noturno; o intervalo lhe dera tempo para que a ternura repelida voltasse a ocupar seu velho curso. Lydgate falou gentilmente:

– Rosy, minha querida, deixe seu trabalho e venha se sentar ao meu lado – disse ele, gentilmente, afastando a mesa e esticando o braço para puxar uma cadeira.

Rosamond obedeceu. Quando ela se aproximou dele com sua musselina transparente e levemente tingida, sua figura esguia, porém arredondada, nunca tinha sido mais graciosa; quando ela se sentou ao lado dele e repousou uma mão

sobre o braço de sua cadeira, finalmente fixando os seus olhos nos dele, seu delicado pescoço, bochecha e lábios bem perfilados nunca haviam tido uma maior proporção entre a beleza imaculada que nos emociona na primavera e na infância, quando tudo possui um doce frescor. Lydgate ficou emocionado e mesclou os primeiros momentos de seu amor por ela com todas as outras recordações que foram despertadas neste momento de crise. Ele pousou sua grande mão sobre a dela, e disse:

– Minha querida! – com a enunciação prolongada que o afeto confere às palavras. Rosamond também ainda estava sob o poder desse mesmo passado, e seu marido ainda era em parte o Lydgate cuja aprovação despertara tanta alegria. Ela afastou levemente o cabelo de sua testa, pôs a outra mão sobre a dele e teve o cuidado de perdoá-lo.

– Sou obrigado a lhe dizer algo que vai machucá-la, Rosy. Mas há coisas que marido e mulher devem decidir juntos. Atrevo-me a afirmar que já lhe ocorreu que estou sem dinheiro.

Lydgate fez uma pausa, mas Rosamond virou a cabeça e olhou para um vaso na lareira.

– Não fui capaz de pagar por todas as coisas que tivemos que comprar antes de nos casarmos, e desde então temos tido despesas que fui obrigado a pagar. A consequência é que há uma grande dívida em Brassing, trezentas e oitenta libras, o que tem me pressionado por um bom tempo, e a verdade é que estamos nos endividando cada vez mais, pois as pessoas não vão me pagar mais rápido só porque outros querem o dinheiro que eu lhes devo. Eu me esforcei para poupá-la enquanto esteve doente, mas agora devemos pensar juntos sobre isso, e você deve me ajudar.

– O que... eu... posso fazer, Tertius? – perguntou Rosamond, voltando os olhos para ele. Aquela pequena fala de cinco palavras, como tantas outras em todas as línguas, é capaz de, mediante variadas inflexões vocais, expressar todos os estados da mente, desde a total incompreensão, até a absoluta percepção argumentativa; desde a mais completa solidariedade até a neutralidade mais

distante. A expressão tênue com a qual Rosamond pronunciou: “O que... eu... posso fazer?” conferia às palavras toda a neutralidade quanto poderiam conter. Elas caíram como um calafrio mortal sobre a ternura despertada por Lydgate. Ele não a interrompeu indignado, mas sentiu um aperto de tristeza no coração. E quando voltou a falar, foi mais no tom de quem se obriga a cumprir uma tarefa.

– É preciso que você saiba, porque eu tenho que oferecer uma garantia da dívida por algum tempo, e um homem virá fazer um inventário dos móveis.

Rosamond corou profundamente. – Você não pediu dinheiro ao papai? – perguntou ela, assim que foi capaz de falar.

– Não.

– Então eu terei que pedir! – disse ela, soltando as mãos das de Lydgate e levantando-se para ficar a dois metros de distância dele.

– Não, Rosy – disse Lydgate, em tom decisivo. – É muito tarde para isso. O inventário será iniciado amanhã. Lembre-se de que é uma mera garantia, não quer dizer nada; é um assunto temporário. Insisto que seu pai não deva saber, a menos que eu decida o contrário – acrescentou Lydgate, com uma ênfase mais peremptória.

Foram palavras duras, mas Rosamond as repelia na expectativa de que pudesse criar uma linha de desobediência tenaz e silenciosa. Aquela grosseria lhe parecia imperdoável: ela não era dada a lágrimas e não gostava de chorar, mas seu queixo e lábios começaram a tremer e as lágrimas começaram a brotar. Talvez não fosse possível para Lydgate, pressionado tanto pelas dificuldades materiais como por sua própria orgulhosa resistência a consequências humilhantes, imaginar completamente o que essa súbita provação significava para uma jovem criatura, que não conhecia nada além de indulgência, e cujos sonhos consistiam em novos caprichos, ainda mais próximos do seu gosto. Mas Lydgate desejava apenas poupá-la o máximo possível e as lágrimas chegaram ao seu coração. Ele não conseguiu voltar a falar imediatamente, mas Rosamond parou de chorar; ela tentou controlar sua agitação e enxugou as lágrimas, com o olhar ainda fixo na cornija da lareira.

– Tente não sofrer, minha querida – disse Lydgate, erguendo os olhos para ela. O fato de Rosamond ter escolhido se afastar dele neste momento de dificuldade tornava tudo mais difícil de dizer, mas ele precisava continuar. – Devemos nos preparar para fazer o que for necessário. A culpa é toda minha, eu deveria ter percebido que não podíamos nos dar ao luxo de viver assim. Mas muitas coisas se voltaram contra mim em meu consultório, e neste momento tenho poucos pacientes. Posso recuperá-los, mas, nesse meio tempo, devemos nos conter um pouco... devemos mudar nosso modo de vida. Nós devemos resistir. Quando eu tiver dado essa garantia, terei tempo para analisar a situação; e você é tão inteligente que, se decidir se dedicar ao gerenciamento da casa, vai me ensinar a ter mais cuidado. Tenho sido um irresponsável com relação às contas... mas vamos, querida, sente-se ao meu lado e me perdoe.

Lydgate baixou a cabeça diante do jugo como uma criatura com garras, mas que também era dotada de razão, o que muitas vezes nos torna mais mansos. Quando ele disse as últimas palavras em um tom suplicante, Rosamond voltou a sentar-se junto a ele. Ao reconhecer sua culpa ele lhe dava alguma esperança de que escutaria o que ela tinha a dizer, e ela disse:

– Por que você não adia o inventário? Você pode mandar os homens embora amanhã, quando eles vierem.

– Não vou mandá-los embora – disse Lydgate, com autoritarismo. Adiantaria alguma coisa explicar-lhe a situação?

– E se deixássemos Middlemarch? Faríamos naturalmente um leilão, o que também daria certo.

– Mas não vamos deixar Middlemarch.

– Estou convencida, Tertius, de que seria o melhor a fazer. Por que não podemos ir para Londres? Ou para perto de Durham, onde sua família é conhecida?

– Não podemos ir a lugar nenhum sem dinheiro, Rosamond.

– Seus parentes não gostariam que você ficasse sem dinheiro. E certamente esses odiosos comerciantes poderiam ser levados a entender isso e esperar, se

você lhes desse as explicações adequadas.

– Seria em vão, Rosamond – disse Lydgate, com raiva. – Você deve aprender a aceitar meu julgamento sobre assuntos que você não compreende. Eu fiz os arranjos necessários e eles devem ser cumpridos. Quanto aos meus parentes, não espero nada deles e não vou lhes pedir nada.

Rosamond permaneceu imóvel. Seu único pensamento era que se soubesse como Lydgate se comportaria, nunca teria se casado com ele.

– Não podemos perder tempo, minha querida, com palavras desnecessárias – disse Lydgate, tentando ser gentil novamente. – Há alguns detalhes que quero examinar com você. Dover diz que está disposto a abater uma boa parte da dívida com o faqueiro, e as joias que não tivermos interesse em manter. Ele realmente se comporta muito bem.

– Devemos ficar sem colheres e garfos, então? – indagou Rosamond, cujos lábios pareciam ficar mais finos ao som das suas palavras. Ela estava decidida a não oferecer mais resistência ou fazer mais sugestões.

– Oh não, minha querida! – disse Lydgate. – Veja! – continuou ele, tirando um papel do bolso e abrindo-o –, aqui está o recibo de Dover. Veja, marquei uma série de artigos que, se os devolvêssemos, reduziriam a dívida em trinta libras ou mais. Não marquei nenhuma das joias – Lydgate ficava especialmente amargurado sobre o ponto das joias, mas ele havia superado o sentimento com firmes argumentos. Ele não podia propor a Rosamond que devolvesse qualquer presente em particular, mas disse a si mesmo que tinha a obrigação de expor a oferta de Dover diante dela, e talvez um impulso interior pudesse facilitar a tarefa.

– É inútil, para mim, olhar, Tertius – disse Rosamond, calmamente –, devolva o que quiser – ela se negava a colocar os olhos no papel e Lydgate, corando até a raiz dos cabelos, puxou-o de volta e o colocou sobre o joelho. Enquanto isso, Rosamond saiu silenciosamente da sala, deixando Lydgate desamparado e atônito. *Será que ela iria voltar?* Ele tinha a impressão de que ela não se identificava mais com ele do que se fossem criaturas de espécies diferentes e

interesses opostos. Ele sacudiu a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos como uma espécie de vingança. Ainda havia a ciência... ainda havia bons objetivos pelos quais trabalhar. Ele teria que seguir lutando, quanto mais melhor, porque outras satisfações estavam se esvaindo.

Porém, a porta se abriu e Rosamond voltou a entrar. Ela carregava a caixa de couro contendo as ametistas e uma pequena cesta ornamental que continha outras caixas; ela as colocou sobre a cadeira onde estivera sentada, e disse, com perfeita propriedade:

– Estas são todas as joias que você me deu. Você pode devolver o que quiser, e também a prataria. Você não espera, é claro, que eu fique em casa amanhã. Vou para a casa do meu pai.

Para muitas mulheres, o olhar que Lydgate lançou para ela teria sido mais terrível do que a raiva: ele continha uma aceitação desesperada da distância que ela colocava entre eles.

– E quando você deve voltar? – perguntou ele, com amargura.

– Bem, ao entardecer. Claro que não direi nada a mamãe – Rosamond estava convencida de que nenhuma mulher poderia se comportar de maneira mais irrepreensível e foi sentar-se junto à sua mesa de trabalho. Lydgate permaneceu alguns minutos meditando e o resultado foi que, com a antiga ternura em sua voz, disse:

– Agora que estamos casados, Rosy, você não deveria me abandonar na primeira dificuldade que se apresenta.

– Certamente que não – disse Rosamond –, farei tudo o que for necessário.

– Não acho bom que a coisa deva ser deixada nas mãos dos criados, ou que eu deva falar com eles sobre isso. E amanhã serei obrigado a sair cedo, ainda não sei a que horas. Eu compreendo a sua relutância diante da humilhação sobre essas questões financeiras. Mas, minha querida Rosamond, como uma questão de amor-próprio, que me afeta tanto quanto está afetando você, não será melhor administrarmos a coisa nós mesmos, e deixar que os criados saibam o mínimo possível? E já que você é minha esposa, não há como impedir sua participação

em minha desonra, se houver alguma.

Rosamond não respondeu imediatamente, mas finalmente disse:

– Está bem, ficarei em casa.

– Não vou tocar nessas joias, Rosy. Leve-as embora. Mas vou escrever uma lista do que podemos devolver, e que pode ser embalado e enviado imediatamente.

– Os criados saberão disso – disse Rosamond, com um mínimo toque de sarcasmo.

– Bem, devemos encarar alguns dissabores como necessários. Onde está mesmo a tinta, hein? – perguntou Lydgate, levantando-se e deixando a lista em cima de uma mesa maior onde pretendia escrever.

Rosamond foi buscar o tinteiro e, depois de colocá-lo sobre a mesa, afastou-se dela; Lydgate, que estava por perto, passou o braço em volta da sua cintura e puxou-a para si, dizendo: – Venha, minha querida, vamos tirar o melhor proveito das coisas. Espero que não precisemos ser sovinas durante muito tempo. Me dê um beijo.

Sua ternura natural exigia muito de seu apaziguamento, e faz parte da masculinidade de um marido sentir intensamente o fato de que uma jovem inexperiente se meteu em problemas ao se casar com ele. Ela aceitou seu beijo e o retribuiu debilmente; assim, para o momento, uma aparência de acordo mútuo foi recuperada. Mas Lydgate não podia deixar de olhar com pavor para as inevitáveis discussões futuras sobre gastos e a necessidade de uma mudança completa em seu modo de vida.

CAPÍTULO LIX

“Disseram que antigamente a alma tinha a forma humana,
Porém, menor, e muito mais sutil do que o corpo carnal,
E assim vagueava pelo ar o quanto quisesse.
Veja! Ao lado de seu rosto de querubim
Flutua uma forma pálida e aérea,
Que faz suas sugestões naquela pequena concha do seu ouvido.”

As notícias costumam ser disseminadas de maneira tão impensada e eficaz quanto o pólen que as abelhas carregam (sem fazer ideia de como são poeirentas) quando estão zunindo em busca de seu néctar preferido. Esta bela comparação faz referência a Fred Vincy, que naquela noite na reitoria de Lowick ouviu uma animada discussão entre as damas, sobre as notícias que sua antiga criada recebera de Tantripp, concernente à estranha menção que Mr. Casaubon havia feito sobre Mr. Ladislaw em um codicilo de seu testamento feito pouco antes de morrer. Mrs. Winifred ficou surpresa ao descobrir que seu irmão já sabia do fato, e observou que Camden era o homem mais maravilhoso para saber as coisas e não contá-las; Mary Garth disse que o codicilo talvez já estivesse agora em meio aos hábitos das aranhas, das quais Miss Winifred não queria nem ouvir falar. Mrs. Farebrother considerou que a notícia tinha algo a ver com o fato de eles terem visto Mr. Ladislaw apenas uma vez em Lowick, e Miss Noble soltou muitos pequenos miados compassivos.

Fred sabia pouco e se importava ainda menos com Ladislaw e os Casaubons, e nunca mais pensou naquela conversa até que um dia, ao visitar Rosamond a pedido de sua mãe para levar uma mensagem quando estivesse de passagem, ele viu Ladislaw saindo. Fred e Rosamond tinham pouco a dizer um ao outro desde

que o casamento a afastara da colisão com as coisas desagradáveis dos irmãos, e especialmente agora que ele havia dado o que ela considerava um passo estúpido e até mesmo reprovável de renunciar à igreja para dedicar-se à profissão de Mr. Garth. Consequentemente, Fred falava preferencialmente do que considerava notícias indiferentes, e “a propósito daquele jovem Ladislaw” ele mencionou o que ouvira na reitoria.

Lydgate, assim como Mr. Farebrother, sabia muito mais do que dizia, e quando uma vez começou a pensar sobre a relação entre Will e Dorothea, suas conjecturas foram além dos fatos. Ele imaginou que existia um mútuo e apaixonado afeto e isso parecia ser muito sério para virar tema de fofocas. Ele se lembrou da irritabilidade de Will quando lhe falou de Mrs. Casaubon, e ficou ainda mais circunspecto. De modo geral, suas suposições, além do que sabia dos fatos, aumentaram sua simpatia e tolerância para com Ladislaw, e o fizeram compreender as dúvidas que o retinham em Middlemarch depois de ter anunciado sua partida. Era sintomática a distância entre as mentes de Lydgate e Rosamond e ele não sentia nenhum impulso de falar com ela sobre o assunto; na verdade, ele não confiava muito na reticência dela em relação a Will. E ele estava certo, embora desconhecesse a maneira pela qual sua mente agiria ao incitá-la a falar.

Quando ela repetiu a notícia de Fred para Lydgate, ele disse: – Tome cuidado para não fazer nenhuma insinuação para Ladislaw, Rosy. É provável que ele saia correndo como se você o tivesse insultado. É claro que é um assunto doloroso.

Rosamond virou o pescoço e acariciou seu cabelo, parecendo a imagem de uma plácida indiferença. Mas na primeira oportunidade que Will apareceu na ausência de Lydgate, ela ironizou o fato de ele não ter ido para Londres como havia ameaçado.

– Eu sei de tudo. Eu tenho um passarinho confidente – disse ela, mostrando a cabeça por cima do trabalho que mantinha erguido entre seus dedos ativos. – Há um ímã poderoso nesta vizinhança.

– É evidente. Ninguém sabe disso melhor do que você – disse Will, com

ligeira galanteria, mas interiormente preparado para sentir raiva.

– É realmente o romance mais encantador: Mr. Casaubon ciumento, e prevendo que não havia ninguém mais com quem Mrs. Casaubon gostaria de se casar, e ninguém que gostaria tanto de se casar com ela como um certo cavalheiro; e, em seguida, traçar um plano para estragar tudo, fazendo-a renunciar à sua propriedade se ela se casasse com aquele cavalheiro... e, então... e, então..., não tenho dúvidas de que o final será totalmente romântico.

– Santo Deus! O que está dizendo?! – disse Will, corando até as orelhas, suas feições parecendo mudar como se ele tivesse sentido um tremor violento. – Não brinque comigo; diga logo o que quer dizer.

– Você realmente não sabe? – disse Rosamond, deixando de brincar, e desejando lhe contar tudo para que pudesse apreciar os efeitos.

– Não! – respondeu ele, impaciente.

– Não sabe que Mr. Casaubon deixou escrito em seu testamento, que se Mrs. Casaubon se casar com você, ela perderá todos os seus bens?

– Como você sabe que isso é verdade? – perguntou Will, com interesse.

– Meu irmão Fred ouviu dos Farebrothers – Will se levantou da cadeira e apanhou seu chapéu.

– Ouso dizer que ela gosta mais de você do que dos seus bens – disse Rosamond, olhando para ele de uma certa distância.

– Por favor, não diga mais nada sobre isso – disse Will, em um tom rouco extremamente diferente de sua voz leve de costume. – É um insulto asqueroso para ela e para mim – então ele se sentou distraidamente, olhando para a frente sem ver nada.

– Agora você está com raiva de mim – disse Rosamond. – E isso não é justo. Você deveria estar agradecido por eu ter contado.

– E estou – disse Will, abruptamente, falando com aquele tipo de alma dupla, própria dos sonhadores que respondem perguntas.

– Espero ouvir sobre o casamento – disse Rosamond, brincando.

– Nunca! Você nunca vai ouvir falar desse casamento!

Com essas palavras proferidas impetuosamente, Will se levantou, estendeu a mão para Rosamond, ainda com ar de sonâmbulo, e foi embora.

Quando ele se foi, Rosamond deixou sua cadeira e caminhou até a outra extremidade da sala, apoiando-se em uma *chiffonniere* e olhando pela janela com ar cansado. Ela estava deprimida pelo tédio e por aquela insatisfação que nas mentes das mulheres continuamente se transforma em um ciúme trivial, sem fundamento, que surge de nenhuma paixão mais profunda do que a vaga exatidão do egoísmo, e ainda capaz de impulsionar tanto a ação como também a fala. – Não há realmente nada com que se preocupar – disse a pobre Rosamond para si mesma, pensando na família de Quallingham, que não escrevia para ela, e que talvez Tertius, quando voltasse para casa, a incomodasse com as despesas. Ela já o havia desobedecido secretamente, pedindo ao pai que os ajudasse, e ele concluiu a conversa dizendo: – É mais provável que eu precise de ajuda para mim mesmo.

CAPÍTULO LX

“Boas frases são certamente, e sempre foram, muito recomendáveis.”
– JUIZ SHALLOW [157]

Poucos dias depois, já no final de agosto, houve um acontecimento que causou certo alvoroço em Middlemarch: o público, se quisesse, teria a oportunidade de comprar, sob os distintos auspícios de Mr. Borthrop Trumbull, os móveis, livros e quadros que, de acordo com os catálogos eram os melhores de sua espécie, pertencentes a Edwin Larcher. Este não era um dos leilões indicadores da crise do comércio; pelo contrário, obedecia ao enorme sucesso de Mr. Larcher no negócio de transportes, o que lhe permitiu a aquisição de uma mansão perto de Riverston, já decorada em alto estilo por um ilustre médico de um balneário, mobiliada, na verdade, com várias e caras telas de nu artístico na sala de jantar, que Mrs. Larcher não se tranquilizou até descobrir que retratavam motivos bíblicos. Daí a bela oportunidade para os compradores, tão bem apontada nos catálogos de Mr. Borthrop Trumbull, cujo conhecimento de história da arte lhe permitia afirmar que o mobiliário do vestíbulo, a ser vendido sem um preço mínimo, consistia em uma peça de entalhe de um contemporâneo de Gibbons.

Naquela época, em Middlemarch, um grande leilão era considerado uma espécie de festa. Havia uma mesa aberta com as melhores iguarias frias, como em um funeral de primeira classe; facilidades eram oferecidas para o consumo generoso de bebidas estimulantes, as quais poderiam propiciar lances generosos por artigos indesejáveis. O leilão de Mr. Larcher era ainda mais atraente com o tempo bom, porque a casa ficava exatamente no limite da cidade, com um jardim e estábulos anexados, naquela agradável saída de Middlemarch chamada London

Road, que também era a estrada para o Novo Hospital e para a residência retirada de Mr. Bulstrode, conhecida como The Shrubs. Em suma, o leilão era quase uma feira, e atraía todas as classes sociais que dispunham de tempo; e para alguns, que se arriscavam a dar lances simplesmente para elevar os preços, era quase como apostar nas corridas. No segundo dia, quando os melhores móveis estavam para ser vendidos, “todo mundo” estava lá; até mesmo Mr. Thesiger, o reitor da paróquia de Saint Peter, havia dado uma passada no lugar, desejoso de comprar a mesa esculpida, e esfregava os cotovelos com Mr. Bambridge e Mr. Horrock. Um grupo de senhoras de Middlemarch estava sentado ao redor da grande mesa da sala de jantar, onde Mr. Borthrop Trumbull estava instalado com uma mesa e um martelo, mas as fileiras posteriores, repletas na sua maior parte de rostos masculinos, variavam frequentemente com as entradas e saídas que se efetuavam tanto através da porta quanto pela ampla janela em arco que dava para o gramado.

“Todo mundo” naquele dia não incluía Mr. Bulstrode, cuja saúde não suportava multidões e correntes de ar. Mas Mrs. Bulstrode tinha especial interesse por um certo quadro, a “Ceia em Emaús”, atribuída no catálogo a Guido, e no último momento, no dia anterior ao leilão, Mr. Bulstrode havia visitado o escritório do “Pioneiro”, do qual ele agora era um dos proprietários, para implorar a Mr. Ladislaw, como um enorme favor, que ele gentilmente usasse seu notável conhecimento de pinturas em favor de Mrs. Bulstrode e julgasse o valor desta pintura em particular, “se”, acrescentou o banqueiro escrupulosamente educado, “o comparecimento ao leilão não interferir nos preparativos para sua partida, que eu sei ser iminente”.

Esta condição poderia ter soado um tanto satírica aos ouvidos de Will se ele estivesse com disposição para se preocupar com tal sátira. Referia-se a um acordo firmado muitas semanas antes com os proprietários do jornal, de que ele teria a liberdade, a qualquer dia que quisesse, de entregar a gestão ao subeditor que vinha treinando, já que ele finalmente havia decidido abandonar Middlemarch. Porém, visões indefinidas relativas às ambições são fracas se

comparadas à facilidade de fazer o que é habitual ou sedutoramente agradável, e todos nós conhecemos a dificuldade de cumprir uma resolução quando intimamente desejamos que ela se torne desnecessária. Em tais estados de espírito, a pessoa mais incrédula tem uma tendência particular para o milagre: ainda assim, é impossível conceber como nosso desejo poderia ser realizado, mas... coisas maravilhosas acontecem! Will não confessava essa fraqueza para si mesmo, mas adiava a partida. De que adiantava ir para Londres naquela época do ano? Os antigos alunos de Rugby, que poderiam se lembrar dele, não estariam lá; e, no que dizia respeito à escrita política, ele preferia continuar por algumas semanas com o jornal interiorano. Entretanto, naquele momento, enquanto Mr. Bulstrode falava com ele, ele estava tão decidido a partir, como a não o fazer até que tivesse visto Dorothea mais uma vez. Portanto, ele respondeu que tinha motivos para adiar um pouco sua partida e que ficaria feliz em ir ao leilão.

Will estava com um humor desafiador, sua consciência de que todas as pessoas que o viam provavelmente conheciam um fato equivalente a uma acusação contra ele, como se fosse um sujeito com propósitos abjetos que seriam frustrados por um codicilo que distribuía alguns bens. Como a maioria das pessoas que defendem sua liberdade contra classificações convencionais, ele estava preparado para ser repentino e rápido na briga com qualquer um que pudesse insinuar que ele tinha motivos pessoais para defender esta postura; que havia algo em seu sangue, em seu comportamento ou em seu caráter que ele encobria com a máscara de uma opinião. Quando se encontrava preso desta impressão irritante, passava dias com uma aparência desafiadora, a cor mudando em sua pele transparente como se ele estivesse à espera de alguma coisa para lançar-se contra.

Esta expressão estava peculiarmente perceptível no leilão, e aqueles que só o conheciam com humor ligeiramente excêntrico, ou de radiante alegria, teriam se surpreendido com o contraste. Ele não lamentou ter a oportunidade de aparecer em público perante as tribos de Middlemarch: os Tollers, os Hackbutts e os demais, que o desprezavam por ser um aventureiro e se encontravam em um

estado de ignorância brutal sobre Dante, que zombava do seu sangue polonês, quando eles mesmos pertenciam a uma raça bastante mestiça. Ele se instalou em um lugar conspícuo não muito longe do leiloeiro, com um dedo indicador em cada bolso lateral e a cabeça jogada para trás, sem se importar em falar com ninguém, embora tenha sido cordialmente recebido por Mr. Trumbull, que estava desfrutando da atividade máxima de suas grandes faculdades.

E, sem dúvida, entre todos os homens cuja vocação exige que exibam sua capacidade de oratória, o mais feliz é um próspero leiloeiro provinciano, que se deleita com suas próprias piadas e se atribui conhecimento enciclopédico. Algumas pessoas, soturnas e de sangue azedo, podem se opor à necessidade de insistir nos méritos de cada um dos artigos, desde dispositivos para facilitar a retirada das botas até obras de Berghem, mas Mr. Borthrop Trumbull possuía um líquido gentil correndo nas veias, era um entusiasta por natureza e gostaria de ter o universo sob seu martelo, convencido de que obteria uma cifra mais elevada por suas recomendações.

Enquanto isso, a mobília da sala de visitas de Mrs. Larcher era suficiente para ele. Quando Will Ladislaw entrou, uma segunda tela para lareira, supostamente esquecida entre o lote correspondente, subitamente reivindicou o entusiasmo do leiloeiro, entusiasmo que ele compartilhou aplicando o princípio equitativo de elogiar as coisas que mais precisavam de elogios. A tela era de aço polido, com muitas aberturas em forma de lanceta e uma borda afiada.

– Agora, senhoras – disse ele – eu me dirijo a vocês. Aqui está um guarda-fogo que em qualquer outro leilão dificilmente sairia sem um preço mínimo, por ser, permitam-me dizer, pela qualidade do aço e originalidade na forma, o tipo de coisa – nesse momento, Mr. Trumbull baixou a voz e seu tom tornou-se ligeiramente anasalado, enquanto com o dedo esquerdo marcava as palavras –, que talvez não satisfaça ao gosto comum. Permitam-me dizer que com o tempo, esse tipo de trabalho artesanal será o único em voga... meia coroa, você disse? Obrigado... meia coroa por esta tela de lareira tão especial; e tenho informações particulares de que o estilo antigo é muito apreciado nas altas esferas. Três

xelins... três xelins e seis centavos... segure mais alto, Joseph! Observem, senhoras, a nitidez do desenho... não tenho dúvidas de que foi feito no século passado! Quatro xelins, Mr. Mawmsey? Quatro xelins.

– Não é uma coisa que eu colocaria na minha sala de visitas – disse Mrs. Mawmsey, de forma audível, para advertência do ousado marido. – Estou surpresa com Mrs. Larcher. Cada cabeça abençoada de uma criança que caísse contra ela seria cortada em duas. O gume é como uma faca.

– É verdade – respondeu Mr. Trumbull, rapidamente – e é incomumente útil possuir uma tela de lareira à mão para cortar, se alguém tiver uma gravata de couro ou um pedaço de barbante que precise ser cortado e nenhuma faca à mão; muitos homens já se enforcaram por falta de uma faca para cortar a corda. Senhores, aqui está uma tela de lareira que, se vocês tivessem a infelicidade de se enforcar, os salvaria em um piscar de olhos... com uma rapidez surpreendente... quatro xelins e seis centavos... cinco... cinco e seis centavos... uma coisa muito apropriada para um quarto de hóspedes onde há um dossel e um convidado um pouco fora de si... seis xelins... obrigado, Mr. Clintup... seis xelins... seis xelins... vendido! – os olhos do leiloeiro, que haviam esquadrinhado à sua volta, com uma suscetibilidade sobrenatural, em busca de todos os sinais de lance, descansaram sobre o papel diante dele, e sua voz também adquiriu um tom de formalidade indiferente ao dizer: – Mr. Clintup. Ajude-o, Joseph.

– Valeu a pena pagar seis xelins para ter uma tela de lareira sobre a qual você sempre pode contar essa piada – disse Mr. Clintup, rindo baixinho e se desculpando com a pessoa sentada ao seu lado. Ele era um homem desconfiado, embora distinto, e temia que o público pudesse considerar sua oferta tola.

Nesse ínterim, Joseph apareceu com uma bandeja cheia de pequenos artigos. – Agora, senhoras – disse Mr. Trumbull, apanhando um dos artigos –, esta bandeja contém um lote muito *recherché*, uma coleção de miudezas para a mesa da sala de estar, e as miudezas resumem as coisas humanas, nada mais importante do que as miudezas... (sim, Mr. Ladislaw, sim, daqui a pouco)... por favor, Joseph, passe a bandeja, esses bibelôs devem ser examinados, senhoras.

Isso que eu tenho em minhas mãos é um invento bem engenhoso, uma espécie de enigma, se é que posso chamá-lo assim; vejam, assim parece uma elegante caixa em forma de coração, portátil... para levar no bolso; e, agora, ela se transforma em uma esplêndida flor dobrada... um ornamento de mesa – neste momento, Mr. Trumbull deixou a flor cair e ela se desfez de forma alarmante em cadeias de folhas em forma de coração – um livro de enigmas! Pelo menos quinhentas delas, impressas em um magnífico tom de vermelho. Senhores, se eu tivesse uma consciência menos escrupulosa, não gostaria que dessem lances altos por este lote, gostaria de ficar com ele. O que é melhor para provocar a alegria inocente, e até mesmo a virtude, do que um bom enigma? Evita a linguagem profana e vincula o homem à sociedade de mulheres refinadas. Este engenhoso objeto por si mesmo, mesmo sem a elegante caixa de dominó e a cesta de cartas etc., deveria aumentar o preço do lote. Carregado no bolso, pode abrir as portas a qualquer um em qualquer reunião social. Quatro xelins, senhor? Quatro xelins por esta notável coleção de enigmas e todo o resto. Aqui está um exemplo: “O que todos têm dois, você tem um e eu não tenho nenhum? Resposta: a letra “o”. É uma diversão para aguçar o intelecto; tem uma armadilha, tem o que chamamos de sátira e sagacidade sem indecência. Quatro e seis centavos... cinco xelins.

Os lances continuaram com uma rivalidade crescente. Mr. Bowyer era um interessado, e isso era muito exasperante. Bowyer não podia se permitir o luxo de comprá-lo e só queria impedir que qualquer outro homem fizesse uma boa figura. A corrente incluía até mesmo Mr. Horrock, mas este compromisso era acompanhado de um pequeno sacrifício de sua expressão neutra, pois o lance poderia não ter sido detectado como seu, não fosse pelas discrepâncias amistosas de Mr. Bambridge, que queria saber o que Horrock faria com as malditas coisas, adequadas apenas para armarinhos entregues àquele estado de perdição que o negociante de cavalos tão cordialmente detectava na maioria das existências humanas. O lote foi finalmente arrematado por um guinéu por Mr. Spilkins, um jovem esbelto do condado, que era imprudente com seu dinheiro e consciente da

sua falta de memória para charadas.

– Vamos, Trumbull, isso já é demais... você está colocando bugigangas de solteironas à venda – murmurou Mr. Toller, aproximando-se do leiloeiro. – Quero ver como vão as gravuras e devo partir logo.

– Agora mesmo, Mr. Toller. Foi apenas um ato de compaixão que seu nobre coração aprovaria. Joseph! Traga as gravuras, lote 235. Agora, cavalheiros, vocês que são conhecedores vão poder desfrutar deste lote. Aqui está uma gravura do Duque de Wellington cercado por seus oficiais no Campo de Waterloo; apesar dos acontecimentos recentes que, por assim dizer, envolveram nosso grande herói em uma nuvem, atrevo-me a dizer, pois um homem na minha profissão não deve ser levado por ventos da política, que o entendimento do homem apenas pode conceber... dentro da ordem moderna, pertencente à nossa própria época... que em um assunto mais nobre do que este, talvez os anjos pudessem, mas não os homens, senhores, não os homens.

– Quem o pintou? – perguntou Mr. Powderell, muito impressionado.

– É uma prova de impressão, Mr. Powderell, o pintor não é conhecido – respondeu Mr. Trumbull, engasgando-se um pouco com as últimas palavras, depois do que franziu os lábios e olhou em volta.

– Vou dar um lance de uma libra! – disse Mr. Powderell, com tom de emoção contida, como se fosse um homem disposto a se lançar no ringue. Seja por espanto ou piedade, ninguém aumentou o lance.

Em seguida vieram duas gravuras holandesas que Mr. Toller aguardava com ansiedade e, depois de adquiri-las, foi embora. Outras gravuras, e depois algumas pinturas, foram vendidas a importantes moradores de Middlemarch que tinham um interesse especial por elas, e houve uma maior atividade do público que entrava e saía: saíam os que haviam comprado o que queriam, entravam outros, alguns regressavam depois de uma breve visita aos refrescos que estavam espalhados sob a marquise no gramado. Eram esses toldos que Mr. Bambridge estava empenhado em comprar, e ele parecia gostar de visitá-los com frequência, como se antecipasse sua posse. Na última vez em que regressou, ele trouxe

consigo um novo companheiro, um desconhecido para Mr. Trumbull e para todos os demais, cuja aparência, no entanto, os levou a supor que seria um parente do negociante de cavalos, também dado “à extravagância”. Seus grandes bigodes, sua arrogância imponente e o balanço da perna o tornavam uma figura impressionante, mas seu terno preto, um tanto surrado nas bordas, causou a inferência prejudicial de que ele não podia se permitir tanta extravagância quanto desejava.

– Quem é que você trouxe, Bam? – perguntou Mr. Horrock, em voz baixa.

– Pergunte a ele você mesmo – respondeu Mr. Bambridge. – Ele disse que acabou de chegar.

Mr. Horrock observou o desconhecido, que com uma das mãos recostava-se na bengala, com a outra usava o palito de dentes e olhava à sua volta com uma certa inquietação, aparentemente sob o silêncio que as circunstâncias lhe impunham.

Por fim, a “Ceia em Emaús” foi apresentada, para imenso alívio de Will, pois ele estava ficando tão cansado daqueles trâmites que havia se retirado um pouco e se apoiado na parede logo atrás do leiloeiro. Ele se aproximou novamente e seus olhos encontraram o conspícuo desconhecido, que, para sua surpresa, o olhava fixamente. Mas a atenção de Will foi imediatamente solicitada por Mr. Trumbull.

– Sim, Mr. Ladislaw, sim; isso lhe interessa, pelo que entendi. É um prazer – continuou o leiloeiro com um crescente entusiasmo – poder lhes mostrar, senhoras e senhores, um quadro como este, um quadro que vale qualquer quantia para um indivíduo cujos recursos estão à altura de seu critério. É um quadro da escola italiana... do célebre Guydo, o maior pintor do mundo, o melhor dos antigos mestres, como eles são chamados... eu suponho que seja porque eles tinham conhecimento de algo além da maioria de nós... possuíam segredos agora perdidos para o resto da humanidade. Permitam-me que lhes diga, cavalheiros, eu tenho visto muitos quadros dos antigos mestres, e eles não chegam nem perto da qualidade deste... alguns deles são mais sombrios do que gostaríamos que

fossem e não são temas adequados para uma família. Mas aqui está um Guydo... só a moldura vale muitas libras... que qualquer dama se sentiria orgulhosa de exibir... uma coisa adequada para o que chamamos de refeitório em uma instituição de caridade, se algum cavalheiro da corporação desejar demostrar sua generosidade. Quer que vire um pouco, senhor? Sim. Joseph, vire um pouco na direção de Mr. Ladislaw... notem que Mr. Ladislaw, que já esteve no exterior, valoriza essas coisas.

Todos os olhos se voltaram por um momento para Will, que disse friamente: – Cinco libras.

O leiloeiro explodiu em profundo protesto.

– Ora, Mr. Ladislaw! Só a moldura vale isso. Senhoras e senhores, pensem no prestígio para esta cidade! Vamos supor que seja descoberto daqui a algum tempo que temos entre nós uma obra de arte, e ninguém em Middlemarch tinha noção disso. Cinco guinéus... cinco libras, sete xelins e seis centavos, cinco libras e dez. Continuem subindo, senhores, continuem! É uma joia, e “muitas joias”, como diz o poeta, foram compradas a um preço simbólico porque o público não estava informado do seu valor, porque eram oferecidas em círculos onde havia... eu ia expressar alguns sentimentos inferiores, mas não! Seis libras, seis guinéus... um Guydo de primeira ordem por seis guinéus... é um insulto à religião, senhoras; afeta a todos nós como cristãos, senhores, que um tema como este deva obter um valor tão baixo... seis libras e dez... sete...

Os lances corriam rapidamente e Will continuou participando, lembrando que Mrs. Bulstrode tinha um grande interesse no quadro, e pensando que poderia chegar até doze libras. Porém, dez libras foram suficientes; então, ele abriu caminho em direção à janela em arco e saiu. Ele caminhou embaixo da marquise em busca de um copo de água, pois sentia calor e estava com sede: o lugar estava vazio e ele pediu à atendente que lhe trouxesse um pouco de água fresca, mas antes que ela fosse buscá-la, ele ficou aborrecido ao ver entrar o desconhecido corado que o fitara intensamente. Ocorreu a Will neste momento que o homem poderia ser um daqueles parasitas políticos do tipo presunçoso que

em algumas poucas ocasiões alegaram conhecê-lo, por tê-lo ouvido falar sobre a questão da reforma, e que pensavam que poderiam ganhar um xelim em troca de alguma notícia. Sob essa luz, aquela pessoa que só de ver já dava bastante calor em um dia de verão, parecia ainda mais desagradável, e Will, meio sentado sobre o braço de uma cadeira de jardim, desviou os olhos com cuidado. No entanto, o gesto pouco perturbou nosso conhecido, Mr. Raffles, que nunca hesitava em se dirigir a outras pessoas, se isso fosse adequado ao seu propósito. Ele deu um ou dois passos até ficar diante de Will e disse apressadamente:

– Com licença, Mr. Ladislaw, o nome de sua mãe era Sarah Dunkirk?

Will, começando a se levantar, deu um passo para trás, franzindo a testa, e disse com alguma frieza:

– Sim, senhor, era. E o que importa para o senhor?

Era da natureza de Will que a primeira faísca que ele emitisse fosse uma resposta direta à pergunta e um desafio às consequências. Ter dito: “O que importa para o senhor?” em um primeiro momento poderia ter parecido confuso, como se ele se importasse com quem soubesse alguma coisa sobre sua origem!

Raffles, por sua vez, não tinha o mesmo interesse por um enfrentamento que parecia estar implícito no ar ameaçador de Ladislaw. O jovem esbelto com tez delicada parecia um gato selvagem pronto para saltar sobre ele. Sob tais circunstâncias, o prazer que Mr. Raffles sentia em incomodar os demais foi reprimido.

– Não era minha intenção ofendê-lo, senhor. Eu apenas me lembro de sua mãe... a conhecia quando era menina. Mas é com seu pai que o senhor se parece. Tive o prazer de conhecer o seu pai também. Ainda estão vivos, Mr. Ladislaw?

– Não! – trovejou Will, na mesma atitude de antes.

– Eu gostaria muito de lhe ser útil, Mr. Ladislaw, por Deus, como eu gostaria! Espero que voltemos a nos encontrar.

Diante disso, Raffles, que havia levantado o chapéu com as últimas palavras, deu meia volta com um movimento das pernas e se afastou. Will o acompanhou com os olhos por um momento e percebeu que ele não voltou para a sala de

leilões, mas parecia estar caminhando em direção à estrada. Por um instante, ele pensou que tinha sido um tolo em não deixar que o homem continuasse falando; mas não! Geralmente, ele preferia prescindir de conhecimentos desse tipo.

No entanto, no final da tarde, Raffles o alcançou na rua e, parecendo ter esquecido a agressividade de sua recepção anterior ou pretendendo vingá-la com uma familiaridade indulgente, o cumprimentou jovialmente e caminhou ao seu lado, comentando a princípio sobre o quanto a cidade e a região eram agradáveis. Will suspeitou que o homem tinha bebido e estava pensando em como se livrar dele, quando Raffles disse:

– Eu também já estive no exterior, Mr. Ladislaw, já vi o mundo, costumava falar um pouco de francês. Foi em Boulogne que conheci seu pai, o senhor tem uma semelhança muito incomum com ele, por Júpiter! A boca, o nariz, os olhos, o cabelo caído na testa como o dele, um pouco no estilo estrangeiro. John Bull[158] não produz muitos assim. Mas seu pai estava muito doente quando eu o vi. Por Júpiter! Suas mãos eram transparentes. Você era um menininho na época. Ele se recuperou?

– Não – disse Will, secamente.

– Ah! Bem! Eu sempre me perguntei o que tinha sido de sua mãe. Ela fugiu de casa quando era uma jovem moça, uma jovem altiva e muito bonita, por Júpiter! Eu sei por que ela fugiu – disse Raffles, piscando lentamente enquanto olhava de soslaio para Will.

– Não sabe nada de desonroso sobre ela, senhor – disse Will, voltando-se para ele de forma bastante fria. Mas, neste momento, Mr. Raffles não estava receptivo a matizes de atitude.

– Em absoluto! – disse ele, com um gesto decisivo de cabeça. – Ela era um pouco nobre demais para gostar dos parentes... era isso... – nesse momento, Raffles voltou a piscar lentamente. – Valha-me Deus, eu conhecia um pouco da família... estavam na linha que você pode chamar de roubo respeitável, receptadores de primeira... nada malfeito nem de baixa qualidade. Tudo de primeira. Uma loja elegante, bons lucros e nenhum engano. Mas, Senhor! Sarah

não sabia nada sobre isso, era uma jovem elegante, de bom internato, digna de ser a esposa de um lorde, mas Archie Duncan lhe contou tudo por despeito, porque ela não queria nada com ele. E, então, ela fugiu de tudo aquilo. Eu viajava para eles, senhor, como um cavalheiro... com um bom salário. A princípio eles não se importaram que ela havia fugido de casa... era gente religiosa, gente muito religiosa... e ela queria trabalhar no palco. O filho estava vivo então, e a filha estava malvista. Homem! E aqui estamos nós no Blue Bull. O que me diz, Mr. Ladislaw? Podemos entrar e tomar um trago?

– Não, devo me despedir – disse Will, precipitando-se por uma passagem que levava ao portão de Lowick, quase correndo para sair do alcance de Raffles.

Ele caminhou um longo tempo na estrada de Lowick, agradecido pela luminosidade das estrelas quando a noite chegou. Ele se sentia como se alguém tivesse jogado lixo sobre ele em meio a gritos de desprezo. Ao menos uma coisa confirmava as palavras daquele sujeito: sua mãe nunca quis lhe contar o motivo pelo qual ela havia fugido de sua família.

Ah, bem! O que havia feito Will Ladislaw, supondo que a verdade sobre sua família era a mais feia? Sua mãe enfrentara dificuldades para se separar dela. Mas se os parentes de Dorothea soubessem dessa história... se os Chettams soubessem... eles teriam uma boa razão para reforçar suas suspeitas, um motivo para considerá-lo indigno de aproximar-se dela. Mas... que suspeitem o que quiserem, acabariam descobrindo que estavam enganados. Eles descobririam que o sangue em suas veias estava tão livre da sujeira e da maldade quanto o deles.

CAPÍTULO LXI

“Duas incoerências – respondeu Imlac – não podem ser ambas corretas, mas imputadas ao homem, talvez, ambas possam ser verdadeiras.”
– RASSELAS

Naquela mesma noite, quando Mr. Bulstrode voltou de uma viagem de negócios a Brassing, sua boa esposa o encontrou no vestíbulo e o conduziu ao seu gabinete particular.

– Nicholas – disse ela, fixando nele os olhos sinceros com intranquilidade –, um homem tão desagradável perguntou por você... eu me senti muito desconfortável.

– Que tipo de homem, minha querida? – disse Mr. Bulstrode, temendo a inevitável resposta.

– Um homem de rosto vermelho, bigodes grandes e de modos muito atrevidos. Ele declarou ser um velho amigo seu e disse que você lamentaria não estar em casa para vê-lo. Ele queria esperar por você aqui, mas eu disse que poderia vê-lo no banco amanhã de manhã. Que atrevido ele era! Ficou olhando para mim e disse que seu amigo Nick tinha sorte com suas esposas. Acredito que ele não teria ido embora se Blucher não tivesse quebrado a corrente e vindo correndo pelo cascalho, pois eu estava no jardim; então, eu disse: “É melhor o senhor ir embora, o cachorro é muito feroz e não posso segurá-lo”. Sabe quem é esse homem?

– Eu acredito que sei quem é, minha querida – disse Mr. Bulstrode, em sua voz abatida de costume –, um pobre desgraçado, a quem ajudei muito no passado. No entanto, presumo que você não será mais incomodada por ele. Provavelmente, irá ao banco... para pedir alguma coisa, sem dúvida.

Nada mais foi dito sobre o assunto até o dia seguinte, enquanto Mr. Bulstrode se vestia para o jantar depois de voltar da cidade. Sua esposa, sem saber se ele estava em casa, olhou em seu quarto de vestir e o encontrou sem casaco e gravata, apoiando um braço em uma cômoda e olhando distraidamente para o chão. Ele se assustou com a entrada de sua mulher e ergueu os olhos.

– Parece doente, Nicholas. Há algum problema?

– Estou com muita dor de cabeça – disse Mr. Bulstrode, que adoecia com tanta frequência que sua esposa estava sempre pronta a acreditar que essa era a causa da sua depressão.

– Sente-se e deixe-me fazer uma compressa com vinagre.

Fisicamente, Mr. Bulstrode não precisava do vinagre, mas moralmente a atenção afetuosa da esposa o acalmou. Embora sempre muito educado, tinha o hábito de aceitar com frieza estes serviços conjugais, como parte das obrigações de sua esposa. Mas, agora, enquanto ela se curvava sobre ele, ele disse: – Você é muito boa, Harriet – em um tom que tinha algo novo para o seu ouvido; ela não sabia exatamente qual era a novidade, mas a solicitude feminina se transformou em um pensamento precipitado de que ele poderia estar realmente doente.

– Alguma coisa te preocupou hoje? – perguntou ela –, aquele homem foi vê-lo no banco?

– Sim; foi como eu havia imaginado. Ele é um homem que em algum momento poderia ter feito algo melhor por sua vida. Mas ele se converteu em um bêbado depravado.

– Ele já foi embora? – perguntou Mrs. Bulstrode, ansiosa; ainda que por alguma razão, ela se absteve de acrescentar: “Foi muito desagradável ouvi-lo dizer que era um amigo seu”. Naquele momento, ela não pretendia dizer nada que sugerisse seu conhecimento de que as ligações anteriores do marido não estavam exatamente à altura das suas. Não que ela soubesse muita coisa sobre elas: que o marido estivera primeiro empregado em um banco, que depois havia entrado no que chamava de negócios, ganhando uma fortuna antes dos 33 anos, que havia se casado com uma viúva muito mais velha do que ele, uma

dissidente, e de outras maneiras, provavelmente possuidora daquela qualidade desvantajosa, geralmente perceptível em uma primeira esposa quando é examinada com o critério desapaixonado da segunda; e isso era quase tudo o que ela se importava em conhecer, além das vagas indicações que a narrativa de Mr. Bulstrode ocasionalmente proporcionava de sua pronta inclinação para a religião, seu desejo de tornar-se um pregador, e seus laços com causas filantrópicas e missionárias. Ela acreditava que ele era um homem excelente, cuja piedade carregava uma eminência peculiar por pertencer a um leigo, cuja influência havia voltado sua mente para a seriedade, e cuja contribuição de bens recebidos por herança fora o meio de elevar sua própria posição. Mas ela também gostava de pensar que Mr. Bulstrode era bom em todos os sentidos, que havia obtido a mão de Harriet Vincy, cuja família era incontestável à luz de Middlemarch, uma luz certamente melhor do que qualquer outra lançada nas ruas de Londres ou nos pátios de capelas dissidentes. A mente provinciana não reformada desconfiava de Londres, e enquanto a verdadeira religião podia salvar a partir de qualquer lugar. A honrada Mrs. Bulstrode estava convencida de que ser salva na igreja seria mais respeitável. Ela desejava que as demais pessoas ignorassem que seu marido alguma vez fora um dissidente de Londres, e preferia nem tocar no assunto, mesmo ao falar com ele. Ele estava bem ciente disso; na verdade, em alguns aspectos, ele tinha muito medo dessa esposa ingênua, cuja piedade imitativa e mundanidade inata eram igualmente sinceras, que não havia nada do que se envergonhar, e com quem ele havia se casado por um afeto absoluto que ainda subsistia. Porém, seus temores eram os de um homem que se preocupa em preservar sua reconhecida supremacia: a perda da alta estima de sua esposa, assim como a de qualquer outra pessoa que não o odiasse abertamente por ser inimigo da verdade, seria para ele o início da morte. Quando ela disse:

– Ele já foi embora?

– Oh, eu acredito que sim – respondeu ele, esforçando-se para dotar suas palavras de toda a despreocupação possível.

Mas, na verdade, Mr. Bulstrode estava muito distante de um estado de confiança serena. Na conversa mantida no banco, Mr. Raffles havia deixado evidente que sua ânsia por atormentar as pessoas era quase tão poderosa quanto qualquer outra classe de ganância. Ele havia dito abertamente, que havia se desviado do caminho para Middlemarch, apenas para dar uma olhada e conferir se o local seria adequado para ele morar. Ele, certamente, possuía algumas dívidas as quais deveria saldar, um pouco mais do que esperava, mas as duzentas libras ainda não haviam desaparecido completamente: umas vinte e cinco seriam suficientes para o momento para ele poder ir embora. O que ele estava mais interessado era em ver seu amigo Nick e sua família, e saber mais sobre a prosperidade de um homem a quem ele estava tão ligado. Talvez com o tempo ele pudesse voltar e ficar por uma temporada. Desta vez, Raffles recusou ser “colocado na rua”, como ele mesmo disse, e se negou a deixar Middlemarch sob os olhos de Mr. Bulstrode. Ele pretendia ir na diligência no dia seguinte... se sentisse vontade. Bulstrode se sentiu desamparado. De nada serviram ameaças, nem persuasão; ele não podia contar com nenhum medo persistente nem com qualquer promessa. Ao contrário, ele sentia no coração a fria certeza de que Raffles, a menos que a Providência o impedisse com sua morte, regressaria a Middlemarch em pouco tempo. E esta certeza constituía o seu terror. Não que ele corresse o risco de ser punido pela lei ou de perder seus bens: ele só corria o risco de ver revelados ao julgamento de seus vizinhos, e à triste percepção de sua esposa, certos fatos de sua vida passada que o tornariam objeto de desprezo e desonra para a religião com a qual ele havia se associado diligentemente.

O terror de ser julgado aguça a memória, lança um brilho inevitável sobre aquele passado há muito não visitado, e que habitualmente é lembrado apenas em frases genéricas. Mesmo sem a necessidade da memória, a vida se unifica por uma zona de dependência em crescimento e decadência, mas a memória intensa obriga o homem a aceitar seu passado condenável. Com a memória exposta como uma ferida reaberta, o passado de um homem deixa de ser simplesmente uma história morta, uma preparação desgastada do presente; não é

um erro do qual nos arrependemos e que se desprende da vida: é uma parte ainda trêmula de si mesmo, causadora de estremecimentos, sabores amargos e os arrepios de uma vergonha merecida.

O passado de Bulstrode surgia agora nesta segunda vida do banqueiro e os prazeres do presente pareciam ter perdido sua qualidade. Noite e dia, sem interrupção, exceto por um breve sono, que apenas transformava o retrospecto e o medo em um fantástico presente, ele sentia as cenas de sua vida anterior se interpondo entre ele e tudo o mais, com a mesma obstinação com a qual olhamos pela janela de um quarto iluminado, os objetos para os quais viramos as costas ainda estão diante de nós, ocupando o lugar da grama e das árvores. Os acontecimentos sucessivos interiores e exteriores estavam lá em uma perspectiva; embora cada um deles pudesse ser vivido por sua vez, os demais seguiam enraizados na consciência.

Mais uma vez ele se viu como jovem funcionário do banco, uma pessoa agradável, tão hábil com números como fluente na fala e apaixonado por definições teológicas; embora jovem, um eminente membro de uma igreja dissidente calvinista em Highbury, com notável experiência em sua convicção da condenação do pecado e sentimento do perdão. De novo ele se ouviu sendo chamado de irmão Bulstrode em reuniões de oração, falando em tribunas religiosas, pregando em casas particulares. De novo ele se encontrou pensando no ministério como possivelmente sua vocação e inclinado para o trabalho missionário. Aquela foi a época mais feliz de sua vida; aquele foi o momento que ele tinha escolhido para despertar e descobrir que o resto era um sonho. As pessoas entre as quais o irmão Bulstrode se distinguia eram muito poucas, mas eram muito próximas a ele e lhe proporcionavam grande satisfação; seu poder se estendia por um espaço estreito, mas ele sentia seus efeitos com maior intensidade. Ele acreditava, sem nenhum esforço, na obra especial da graça dentro dele e nos sinais de que Deus o havia destinado para uma instrumentalidade especial.

Então, chegou o momento de transição: ele teve a mesma sensação de

ascensão social quando ele, um órfão educado em uma escola comercial beneficente, foi convidado para a bela vila pertencente a Mr. Dunkirk, o homem mais rico da congregação. Logo, ele se tornou assíduo, respeitado pela esposa, por sua piedade, e apreciado pelo marido, por sua habilidade, cuja riqueza se devia a um negócio próspero e ao comércio no West End, na área central de Londres. Esse foi o início de uma nova corrente para sua ambição, direcionando suas perspectivas de "instrumentalidade" para a união de notáveis dons religiosos com o êxito nos negócios. Com o tempo, surgiu um claro estímulo exterior: um sócio subordinado de confiança morreu, e ninguém parecia ao diretor tão preparado para preencher a vaga tão sentida quanto seu jovem amigo Bulstrode, se ele se tornasse seu contador confidencial. A oferta foi aceita. O negócio era uma casa de penhores, do tipo mais magnífico, tanto pela extensão quanto pelos lucros, e Bulstrode logo observou que uma fonte de lucros esplêndida era a fácil aceitação de qualquer mercadoria oferecida e a ausência de perguntas sobre a sua procedência. Mas a casa possuía uma sucursal em West End, sem mesquinharias ou mal-estar que pudessem causar vergonha.

Ele recordou seus primeiros momentos de dúvida. Foram íntimos e cheios de argumentações, que às vezes adotavam a forma de oração. O negócio estava estabelecido e tinha raízes antigas; por acaso não é a mesma coisa construir uma taberna nova ou aceitar um investimento em uma antiga? Os lucros obtidos com as almas perdidas... onde pode ser traçada a linha que lhes converte em princípio das transações humanas? Não era essa a maneira de Deus para salvar seus escolhidos? "Vós sabeis", o jovem Bulstrode tinha dito então, como o Bulstrode mais velho estava dizendo agora. "Vós sabeis como minha alma está livre dessas coisas, como eu as vejo como instrumentos para cultivar vosso jardim resgatado aqui e ali da região selvagem".

Não faltavam metáforas e precedentes; também não faltavam determinadas experiências espirituais que finalmente fizeram com que a manutenção de sua posição parecesse um serviço que era exigido dele. A perspectiva de uma fortuna já estava aberta e as dúvidas de Bulstrode continuavam sendo íntimas. Mr.

Dunkirk jamais esperou que houvesse qualquer vacilação; ele não considerava que o comércio tivesse algo a ver com os planos da salvação. E era verdade que Bulstrode acabou levando duas vidas distintas: sua atividade religiosa, tão logo se convenceu dela, não poderia ser incompatível com seu negócio.

Mentalmente rodeado por esse passado, Bulstrode tinha agora as mesmas desculpas... na verdade, os anos as haviam tornado mais densas, assim como massas de teia de aranha, que preenchiam a sensibilidade moral; e mais, à medida que a idade aprimorava o egoísmo, ainda que diminuísse a capacidade de desfrutá-lo, sua alma se tornava mais saturada com a crença de que ele fazia tudo por amor a Deus, e que o resultado dessas obras era indiferente para ele. E ainda, se pudesse voltar àquele lugar distante da sua pobreza juvenil, ora, então ele escolheria ser um missionário.

Mas a sequência de causas nas quais ele havia se encerrado prosseguia. Havia problemas na bela vila de Highbury. Anos atrás, a única filha havia fugido, desafiado os pais e se dedicado ao teatro; logo morreu o único varão, e pouco tempo depois Mr. Dunkirk também morreu. A esposa, uma mulher simples e piedosa, deixada com todos os bens dentro e fora do magnífico negócio, do qual ela nunca conheceu a natureza exata, passou a confiar em Bulstrode e a adorá-lo inocentemente, como as mulheres muitas vezes adoram seu sacerdote ou o ministro “feito pelos homens”. Era natural que depois de algum tempo se pensasse no casamento entre eles. Porém, Mrs. Dunkirk tinha escrúpulos e anseios por sua filha, que há muito havia sido considerada perdida tanto para Deus quanto para seus pais. Era sabido que a filha havia se casado, e nada mais. A mãe, tendo perdido o filho, sentia falta de um neto e desejava encontrar a filha pelos dois motivos. Se fosse encontrada, haveria uma via para os bens, talvez uma via ampla, se houvessem vários netos. Antes que Mrs. Dunkirk voltasse a se casar, deveria haver um esforço para encontrá-la. Bulstrode estava de acordo, mas depois de divulgarem anúncios e também de outras formas de investigação, a mãe acreditou que seria impossível encontrar sua filha e aceitou casar-se sem reserva de propriedades.

A filha havia sido encontrada, mas apenas um homem além de Bulstrode sabia disso, e ele foi pago para guardar silêncio e desaparecer.

Essa era a verdade desnuda que agora Bulstrode era forçado a contemplar no rígido perfil com que os fatos se apresentam aos espectadores. No entanto, para ele mesmo, naquele tempo distante, e mesmo agora na memória ardente, o fato estava dividido em pequenas sequências, cada uma delas, na medida em que se apresentava, era justificada por raciocínios que pareciam provar sua retidão. A trajetória de Bulstrode até então tinha, ele pensava, sido sancionada por atos notáveis da Providência, que pareciam apontar o caminho para que fosse o agente na hora de obter o máximo proveito de uma grande propriedade e resgatá-la da perversão. Houve mortes e outros sucessos marcantes como a confiança feminina, e Bulstrode fez suas as palavras de Cromwell: “Chamas isso de meros acontecimentos? Que Deus tenha misericórdia de ti!” Os eventos foram relativamente banais, mas encerravam a condição essencial: favoreciam seus próprios fins. Era fácil para ele enxergar que aquela herança não era dele, mas de outra pessoa, perguntando quais eram as intenções de Deus com respeito a si mesmo. Poderia ele colocar a serviço de Deus aquela fortuna, ou que ela recaísse em uma considerável proporção sobre aquela jovem e seu marido que se ocupavam das atividades mais frívolas, e que poderiam dilapidá-la no exterior com trivialidades? Pessoas que pareciam estar à margem do caminho da Providência? Bulstrode nunca havia dito a si mesmo de antemão: “A filha não será encontrada”, mas quando chegou o momento, ele ocultou sua existência e quando outros momentos se seguiram, ele consolou a mãe com a probabilidade de que a jovem infeliz poderia estar morta.

Havia horas em que Bulstrode sentia que sua ação era injusta; mas, como poderia voltar atrás? Ele refletiu, chamou a si mesmo de insignificante, apegou-se à redenção e seguiu seu rumo de instrumentalidade. E cinco anos mais tarde, a morte chegou novamente para alargar seu caminho, levando embora sua esposa. Pouco a pouco foi retirando seu capital, mas não fez os sacrifícios necessários para encerrar o negócio, que prosseguiu por outros treze anos antes de

finalmente entrar em colapso. Enquanto isso, Nicholas Bulstrode havia empregado com discrição suas cem mil libras e estava se convertendo em um importante provinciano... um banqueiro, um homem da igreja, um benfeitor público. Também um sócio oculto de empresas comerciais, nas quais sua habilidade era direcionada para a economia da matéria-prima, como no caso dos corantes que apodreciam a seda de Mr. Vincy. E agora, quando esta respeitabilidade havia durado quase trinta anos ininterruptamente, quando seu passado permanecia entorpecido na consciência, aquele feio passado ressurgia e preenchia seus pensamentos como se fosse a terrível irrupção de um novo sentido que sobrecarregava seu débil ser.

Enquanto isso, em sua conversa com Raffles, ele tomou conhecimento de algo de enorme importância, algo que passou a formar uma parte ativa na sua luta contra os desejos e os temores. Ali, pensou ele, havia uma saída para a salvação espiritual, talvez para o resgate material. A salvação espiritual era para ele uma necessidade genuína. Podem existir hipócritas grosseiros, que conscientemente simulem as crenças e emoções com o objetivo de enganar o mundo, mas Bulstrode não era um deles. Ele era simplesmente um homem cujos desejos foram mais fortes do que suas crenças teóricas, e que pouco a pouco adequava essas crenças à satisfação de seus desejos. Se isso é hipocrisia, é um processo que se evidencia ocasionalmente em todos nós, qualquer que seja a confissão, quer acreditemos na perfeição futura da nossa raça ou na data mais próxima para o fim do mundo, se considerarmos o mundo como um meio putrefato para alguns poucos escolhidos, incluindo a nós mesmos, ou se possuímos uma crença apaixonada na solidariedade humana. O serviço que ele poderia prestar à causa da religião havia sido sempre o que alegara a si mesmo para justificar seus atos; havia sido o motivo repetido em suas orações. Quem empregaria melhor o dinheiro e a posição? Quem poderia superá-lo no desprezo por si mesmo e na exaltação da causa divina? Para Mr. Bulstrode, a causa divina era algo distinto de sua própria retidão de conduta: ela envolvia uma discriminação dos inimigos de Deus, que deveriam ser usados meramente como

instrumentos, e a quem seria conveniente, se possível, manter longe do dinheiro e da sua consequente influência. Além disso, os investimentos lucrativos em negócios em que o poder do príncipe deste mundo demonstrava seus melhores ativos foram santificados pela aplicação adequada dos lucros nas mãos do servo de Deus.

Esse raciocínio implícito não é essencialmente o mais típico da crença evangélica do que o uso de frases amplas para motivos estreitos é característico dos ingleses. Não existe uma doutrina geral que não seja capaz de devorar nossa moralidade, se esta não for controlada pelo hábito arraigado de um sentimento direto de solidariedade para com cada um de nossos congêneres. Porém, um homem que acredita em alguma coisa além da sua própria ganância, tem necessariamente uma consciência ou um padrão ao qual ele mais ou menos se adapta. O padrão de Bulstrode tinha sido sua utilidade para a causa divina: “Sou um pecador e sou insignificante, um vaso para ser consagrado pelo uso, então use-me!” Esse tinha sido o molde no qual ele havia restringido sua imensa necessidade de ser algo importante e predominante. E, agora, havia chegado um momento em que aquele molde corria perigo de ser quebrado e totalmente descartado. E se os atos com os quais ele havia se reconciliado, por fazerem dele o mais poderoso instrumento da glória divina, se tornassem o pretexto do escarnecedor e um obscurecimento dessa glória? Se estes fossem os desígnios da Providência, ele estava sendo expulso do templo como alguém que levara oferendas impuras.

Durante muito tempo ele havia proferido arrependimento. Mas, agora, havia chegado uma expiação de sabor mais amargo, e uma Providência ameaçadora que o exortava a uma espécie de propiciação que não era simplesmente uma transação doutrinária. O tribunal divino havia mudado de aspecto para ele; a humilhação não era mais suficiente, e ele deveria apresentar a restituição. Era diante de seu Deus que Bulstrode estava prestes a tentar fazer uma restituição na medida do possível; um grande terror havia se apoderado de seu corpo frágil, e a aproximação abrasadora da vergonha forjava nele uma nova necessidade

espiritual. Dia e noite, enquanto o ressurgente passado ameaçador criava uma consciência dentro dele, ele pensava de que maneira poderia recuperar a paz e a confiança, por qual sacrifício poderia deter o castigo. Ele acreditava, nesses momentos de angústia, que se fizesse algo bom espontaneamente, Deus o salvaria das consequências de fazer o mal. Pois a religião só pode mudar quando mudam as emoções que a constituem, e a religião do medo pessoal permanece quase no nível do selvagem.

Ele tinha visto Raffles indo embora na diligência de Brassing, o que representava um alívio temporário, pois afastava a pressão de um temor imediato, mas não colocava um ponto final no conflito espiritual e na necessidade de obter proteção. Por fim, ele chegou a uma difícil decisão e escreveu uma carta a Will Ladislaw, solicitando sua presença em sua casa naquela noite para uma conversa particular. Will não ficou surpreso com o convite, e o relacionou com alguma nova ideia sobre o “Pioneiro”. Porém, quando foi conduzido ao gabinete particular de Mr. Bulstrode, ele ficou perplexo com a expressão dolorosamente cansada no rosto do banqueiro e estava disposto a dizer: “O senhor está doente?”, quando se deteve abruptamente e limitou-se a perguntar por Mrs. Bulstrode, e se estava satisfeita com o quadro comprado.

– Obrigado, ela está bastante satisfeita; ela saiu com as filhas esta noite. Eu pedi que viesse, Mr. Ladislaw, porque tenho uma comunicação de uma natureza muito particular, na verdade, eu diria que de natureza confidencialmente sagrada, que desejo fazer a você. Eu me atreveria a afirmar que nada está mais longe de seus pensamentos do que o fato de que existiram no passado laços importantes que uniram a sua vida e a minha.

Will sentiu algo parecido com uma descarga elétrica. Ele já se encontrava em um estado de grande sensibilidade e ansiedade que mal conseguia controlar sobre seus laços com o passado, e seus pressentimentos não eram nada agradáveis. Pareciam as flutuações de um sonho, como se a ação iniciada por aquele estranho inchado e chamativo estivesse sendo continuada por este exemplar de respeitabilidade, de olhos claros e de aparência doentia, cujo tom

suave e formalidade desenvolta na fala eram neste momento quase tão repulsivos para ele como seu contraste que ele mantinha na memória. Ele respondeu, com uma evidente mudança de cor:

– Não, de fato, nada.

– Tem diante de si, Mr. Ladislaw, um homem profundamente abalado. Se não fosse pela urgência da consciência e pelo conhecimento de que estou diante do tribunal Daquele que vê como nenhum homem vê, não me sentiria obrigado a fazer uma revelação, motivo pelo qual pedi-lhe que viesse aqui esta noite. Mas, em relação às leis humanas, você não tem nenhum direito sobre mim.

Will ficou mais desconfortável do que surpreso. Mr. Bulstrode fez uma pausa, apoiando a cabeça nas mãos e olhando para o chão. Então, ele fixou seu olhar examinador em Will, e disse:

– Soube que o nome de sua mãe era Sarah Dunkirk e que ela fugiu de seus parentes para dedicar-se ao teatro. Além disso, que seu pai foi consumido por uma enfermidade. Pode confirmar estes fatos?

– Sim, eles são todos verdadeiros – disse Will, impressionado com a ordem daquele interrogatório, pois poderia ser considerada preliminar às insinuações anteriores do banqueiro. Porém, Mr. Bulstrode naquela noite seguia a ordem de suas emoções; ele não tinha dúvidas de que a oportunidade para a restituição havia chegado e sentia um impulso avassalador para expressar seu arrependimento penitencial pelo qual pretendia exorcizar o castigo.

– Você conhece algum detalhe da família de sua mãe? – continuou ele.

– Não, ela não gostava de falar deles. Ela era uma mulher muito generosa e honrada – disse Will, quase com raiva.

– Eu não pretendo alegar nada contra ela. Ela nunca mencionou a mãe dela para você?

– Eu a ouvi dizer que achava que sua mãe não sabia o motivo de sua fuga. Ela dizia “pobre mamãe” em tom de compaixão.

– Aquela mãe se tornou minha esposa – disse Bulstrode, e então se deteve um momento antes de acrescentar –, você tem alguns direitos sobre mim, Mr.

Ladislaw. Como eu disse antes, não direitos legais, mas de algum tipo que minha consciência reconhece. Eu enriqueci com esse casamento, algo que provavelmente não teria acontecido, certamente não na mesma medida, se sua avó pudesse ter encontrado sua filha. Essa filha, eu suponho, não está mais viva!

– Não – disse Will, sentindo a suspeita e a repugnância crescendo tão fortemente dentro dele, que sem saber bem o que fazia, ele pegou o chapéu do chão e se levantou. O seu impulso interior era de rejeitar a conexão revelada.

– Por favor, sente-se, Mr. Ladislaw – disse Mr. Bulstrode, angustiado. – Sem dúvida está surpreso com o repentino desta revelação. Mas eu imploro que seja paciente com quem se encontra há muito tempo prejudicado por amarguras internas.

Will se sentou novamente, sentindo uma certa compaixão que em parte era desprezo por aquele rebaixamento voluntário de um homem idoso.

– É meu desejo, Mr. Ladislaw, reparar a privação que se abateu sobre sua mãe. Eu sei que não possui fortuna, e desejo provê-lo adequadamente empregando uma quantia que provavelmente teria sido sua se sua avó estivesse certa de que sua mãe estava viva e se tivesse conseguido encontrá-la.

Mr. Bulstrode fez uma pausa. Ele sentiu que estava realizando um ato notável de meticulosidade no julgamento de seu auditor, assim como um ato de penitência aos olhos de Deus. Ele não tinha ideia do estado de espírito de Will Ladislaw, dolorido como estava diante das claras insinuações de Raffles, e com sua agilidade natural para ligar as coisas estimulada pela expectativa de descobertas que ele teria preferido relegar de novo às trevas. Will não respondeu durante alguns momentos, até que Mr. Bulstrode, que ao finalizar seu discurso tinha fixado os olhos no chão, agora os ergueu com um olhar inquisidor, que Will sustentou, dizendo:

– Imagino que o senhor sabia da existência de minha mãe e sabia onde ela poderia ser encontrada.

Bulstrode se encolheu... havia um tremor visível em seu rosto e mãos. Ele estava totalmente despreparado para que seus avanços fossem atendidos dessa

forma, ou para se ver instigado a revelar mais coisas além daquelas que considerava necessárias. Mas naquele momento não ousou mentir e, de repente, sentiu-se inseguro quanto ao terreno que havia pisado anteriormente com certa confiança.

– Não vou negar que suas conjecturas estão certas – respondeu ele, com um tom hesitante. – E eu desejo compensá-lo, como o único sobrevivente, que sofreu uma perda por minha culpa. Confio que vai concordar com minhas intenções, Mr. Ladislaw, que fazem referência a uma injustiça mais elevada do que as injustiças humanas, e como eu já disse, estão à margem de qualquer obrigação legal. Estou disposto a reduzir meus próprios recursos e as perspectivas de minha família, comprometendo-me a lhe conceder quinhentas libras anuais pelo resto da minha vida, e a deixar-lhe um capital proporcional na minha morte... e mais, me comprometo a fazer ainda mais, se mais fosse necessário para algum projeto louvável de sua parte – Mr. Bulstrode prosseguiu com os detalhes na expectativa de que afetariam Ladislaw fortemente e mesclariam outros sentimentos à gratidão.

Mas Will tinha um ar obstinado, com os lábios apertados e os dedos nos bolsos laterais. Ele não estava nem um pouco comovido e disse com firmeza:

– Antes de oferecer qualquer resposta à sua proposta, Mr. Bulstrode, devo implorar que responda a uma ou duas perguntas. O senhor estava conectado com o negócio que originariamente propiciou a fortuna da qual falava?

Mr. Bulstrode pensou: *Raffles contou a ele*. Como ele poderia se negar a responder quando havia oferecido voluntariamente a informação que suscitara a pergunta? Ele respondeu: – Sim.

– E esse negócio... era ou não era... totalmente desonesto, ou melhor, algo que, tivesse sua natureza se tornado pública, poderia ter classificado os envolvidos como ladrões e condenados?

O tom de Will continha uma amargura cortante e ele se sentia impelido a colocar sua pergunta tão abertamente quanto podia.

Bulstrode corou de raiva. Ele estava preparado para uma cena de auto

humilhação, mas seu intenso orgulho e seu hábito de dominar sobrepujavam a penitência e até o temor, quando esse jovem, a quem ele pretendia beneficiar, se voltava contra ele com ar de juiz.

– O negócio havia sido estabelecido antes de eu entrar em contato com ele, cavalheiro; nem cabe a você instituir um inquérito desse tipo – respondeu ele, sem levantar a voz, mas falando em tom desafiante.

– Cabe sim – disse Will, levantando-se de novo com o chapéu na mão. – Cabe a mim fazer essas perguntas, quando sou eu quem deve decidir se vou fazer transações com você e aceitar seu dinheiro. Minha honra imaculada é importante para mim. É importante para mim que não haja mácula alguma em meu nascimento e nas minhas relações. E descubro, agora, que há uma mancha que não posso evitar. Minha mãe tomou conhecimento dela e tentou se manter o mais longe possível, e eu farei o mesmo. Fique com seu dinheiro desonesto. Se eu tivesse alguma fortuna própria, estaria disposto a entregá-la a qualquer um que pudesse refutar o que você disse. O que tenho para lhe agradecer é que tenha guardado o dinheiro até hoje, quando posso recusá-lo. É a consciência de um homem que o distingue como um cavalheiro. Tenha uma boa noite.

Bulstrode ia falar, mas Will, com decidida rapidez, saiu da sala em um instante e, no outro, a porta do corredor se fechava atrás dele. Ele estava fortemente dominado por uma rebelião apaixonada contra tal mancha herdada que havia sido obrigado a conhecer para refletir se não tinha sido muito duro com Bulstrode, muito arrogante e impiedoso com um homem de 60 anos, que estava se esforçando para se redimir quando o tempo tornava seus esforços inúteis. Nenhuma terceira pessoa que tivesse escutado a conversa poderia ter entendido completamente a impetuosidade da repulsa de Will ou a amargura em suas palavras. Ninguém além dele mesmo sabia como tudo relacionado com o sentimento de sua própria dignidade tinha uma influência imediata com sua relação com Dorothea e no tratamento que recebera de Mr. Casaubon. Entre os impulsos que o fizeram rejeitar aquela oferta de Bulstrode, havia uma mistura com a sensação de que teria sido impossível para ele dizer a Dorothea que a

aceitara.

Quanto a Bulstrode, quando Will se foi, ele teve uma violenta reação e chorou como uma mulher. Era a primeira vez que encontrava uma expressão aberta de desprezo por parte de alguém superior a Raffles, e com aquele desprezo correndo por suas veias como veneno, não havia sensibilidade para consolações. Contudo, o alívio do choro precisava ser controlado. Sua esposa e filhas logo voltariam para casa depois de ouvir o discurso de um missionário oriental, lamentando-se de que o papai não tivesse ouvido, em primeira mão, as coisas interessantes que elas tentariam repetir para ele.

Talvez, em meio a todos os outros pensamentos ocultos, o que lhe proporcionava maior consolo, era que não era provável que Will Ladislaw falasse para ninguém o que havia ocorrido naquela noite.

CAPÍTULO LXII

“Ele era um escudeiro de baixa estirpe, que amava a filha do rei da Hungria.”
– Romance antigo

A mente de Will Ladislaw estava, agora, totalmente voltada para ver Dorothea novamente, e imediatamente abandonar Middlemarch. Na manhã seguinte à inquietante cena com Mr. Bulstrode, ele escreveu uma breve carta para ela, explicando que várias razões o haviam retido no local por mais tempo do que esperava, e pedindo-lhe permissão para vê-la novamente em Lowick no horário que ela determinasse o mais cedo possível, pois estava ansioso para partir, mas sem vontade de fazê-lo até que ela lhe concedesse uma entrevista. Ele deixou a carta no escritório, ordenando ao mensageiro que a levasse para Lowick Manor, e esperasse por uma resposta.

Ladislaw sentia o constrangimento de dizer novas palavras de despedida. Sua despedida anterior fora feita na presença de Sir James Chettam e anunciada como final até mesmo para o mordomo. Certamente, fere a dignidade de um homem reaparecer quando não se espera que ele o faça; uma primeira despedida é patética, mas voltar para uma segunda despedida proporciona uma abertura para uma comédia, e era possível até que pudesse haver rumores e comentários amargos sobre os motivos de Will para demorar-se a partir. Ainda assim, era mais satisfatório para seus sentimentos usar o caminho mais direto para ver Dorothea do que recorrer a qualquer artifício que pudesse dar um ar de casualidade a um encontro que ele queria deixar muito claro que era o que ele buscava fervorosamente. Quando ele se despediu dela pela primeira vez, ele ignorava os fatos que davam um novo aspecto à relação entre eles e causavam uma separação maior do que ele esperava. Ele nada sabia sobre a fortuna

particular de Dorothea e, estando pouco acostumado a refletir sobre tais assuntos, dava por certo que, de acordo com o arranjo de Mr. Casaubon, ao casar-se com ele, Will Ladislaw, significaria que Dorothea consentia em ficar sem um tostão. Isso não era o que ele poderia desejar, mesmo no fundo do seu coração, ou mesmo se ela estivesse disposta a enfrentar um contraste tão difícil por ele. Além disso, também havia a novidade daquela revelação sobre a família de sua mãe, que se conhecida seria uma razão adicional para que os parentes de Dorothea o considerassem absolutamente indigno dela. A esperança secreta de que depois de alguns anos ele pudesse voltar com a sensação de que ao menos possuía um valor pessoal equivalente à fortuna dela, parecia agora a continuação de um sonho. Sem dúvida, essa mudança justificaria seu pedido para que Dorothea o recebesse uma vez mais.

No entanto, Dorothea não estava em casa naquela manhã para receber a mensagem de Will. Como resultado de uma carta de seu tio anunciando sua intenção de voltar para casa em uma semana, ela havia ido primeiro a Freshitt para levar a notícia, com a intenção de ir a Tipton Grange e transmitir algumas ordens que seu tio a confiara, pensando, como ele dizia, que “uma pequena ocupação mental desse tipo é boa para uma viúva”.

Se Will Ladislaw pudesse ter ouvido parte da conversa em Freshitt naquela manhã, ele teria sentido todas as suas suposições confirmadas quanto à predisposição de certas pessoas para zombar de sua permanência na vizinhança. Sir James, de fato, embora muito aliviado em relação a Dorothea, estivera alerta para conhecer os movimentos de Ladislaw e tinha um informante instruído na pessoa de Mr. Standish, que era necessariamente de sua confiança neste assunto. O fato de Ladislaw ter ficado em Middlemarch quase dois meses depois de anunciar sua partida imediata exacerbava as suspeitas de Sir James, ou pelo menos justificava sua aversão pelo “jovem” que ele considerava superficial, volúvel e propenso a demostrar essa imprudência que naturalmente acompanhava uma posição que não era influenciada por laços familiares ou por uma profissão séria. Mas ele acabara de saber algo por Standish que, embora

justificasse essas suposições sobre Will, oferecia um meio de anular todo perigo em relação a Dorothea.

Circunstâncias não habituais podem tornar-nos muito diferentes de nós mesmos: há condições em que a pessoa mais majestosa se vê obrigada a espirrar e nossas emoções podem estar igualmente sujeitas de forma incongruente. O bom Sir James estava naquela manhã tão diferente de si mesmo, que se sentia irritadamente ansioso para falar com Dorothea sobre um assunto que ele geralmente evitava, como se fosse uma vergonha para ambos. Ele não podia recorrer a Celia como intermediária, porque não queria que ela suspeitasse do tipo de boato que ele tinha em mente; e antes que Dorothea chegasse, ele estava tentando imaginar como, com sua timidez e língua despreparada, ele conseguiria iniciar a conversa. A presença inesperada de Dorothea o levou ao desespero absoluto em sua própria capacidade de dizer qualquer coisa desagradável, mas o desespero sugeriu um recurso e ele enviou o cavalariço ao outro lado do parque, em um cavalo sem sela, com uma nota a lápis para Mrs. Cadwallader, que já conhecia o boato e não se comprometeria em repeti-lo quantas vezes fossem necessárias.

Dorothea foi detida com o bom pretexto de que Mr. Garth, a quem ela queria ver, era esperado dentro de uma hora, e ela ainda estava conversando com Caleb no jardim quando Sir James, à espreita da chegada da esposa do reitor, ao vê-la se aproximando, saiu para recebê-la com as instruções necessárias.

– É suficiente! Eu entendo! – disse Mrs. Cadwallader. – O senhor deve ser inocente. Eu já sou tão má que nada pode me tornar pior.

– Não que isso tenha alguma importância – disse Sir James, não satisfeito que Mrs. Cadwallader entendesse demais. – Só é conveniente que Dorothea saiba que existem razões pelas quais ela não deve voltar a vê-lo, e eu realmente não posso dizer isso a ela. A senhora o fará com mais facilidade.

E assim foi. Quando Dorothea se despediu de Caleb e se virou para encontrá-los, parecia que Mrs. Cadwallader havia cruzado o parque por pura casualidade, apenas para conversar com Celia sobre o bebê. – Então Mr. Brooke está

regressando? Que boa notícia! Regressando, curado, era de se esperar, da febre parlamentar e do pioneirismo. A propósito, o “Pioneiro”... alguém havia profetizado que logo seria como um golfinho agonizante, e que mudaria de cor por não saber como continuar, porque o protegido de Mr. Brooke, o brilhante jovem Ladislaw, estava de partida ou já havia partido. Sir James tinha ouvido falar?

Os três caminhavam lentamente pelo cascalho e Sir James, virando-se para o lado para chicotear um arbusto, disse ter ouvido algo a respeito.

– Tudo mentira! – disse Mrs. Cadwallader. – Ele não se foi, nem parece que vai embora; o “Pioneiro” mantém suas cores e Mr. Ladislaw está causando um triste escândalo ao passar os dias tagarelando com a esposa de seu amigo Mr. Lydgate, que me dizem ser tão bonita quanto pode ser. Parece que ninguém pode entrar na casa sem encontrar este jovem cavalheiro deitado no tapete ou cantando junto ao piano. Mas, como sabem, as pessoas das cidades industriais nem sempre têm boa reputação.

– A senhora começou dizendo que um dos rumores era falso, Mrs. Cadwallader, e eu acredito que este também é falso – disse Dorothea, com indignação –, ao menos, estou convencida de que é uma má interpretação. Não quero ouvir coisas ruins sobre Mr. Ladislaw; ele já sofreu muita injustiça.

Dorothea, quando completamente emocionada, pouco se importava com o que pudessem pensar de seus sentimentos; e mesmo se ela tivesse sido capaz de refletir, teria considerado mesquinho manter o silêncio diante de palavras ofensivas sobre Will por medo de ser ela mesma mal compreendida. Seu rosto estava vermelho e seus lábios tremiam.

Sir James, ao observá-la, arrependeu-se de seu estratagema, mas Mrs. Cadwallader, que nunca se alterava, estendeu as palmas das mãos e disse:

– Deus queira, minha querida... quero dizer, que todos os boatos ruins sobre as pessoas sejam falsos. Mas é uma pena que o jovem Lydgate tenha se casado com uma dessas mocinhas de Middlemarch. Por ser de família importante, ele poderia ter encontrado uma mulher com sangue bom nas veias, e não muito

jovem, que fosse capaz de tolerar sua profissão. Temos a Clara Harfager, por exemplo, cujos parentes não sabem o que fazer com ela; e ela tem um dote. Então, poderíamos tê-la entre nós. Mas, enfim! De nada adianta ser prudente por outras pessoas. Onde está Celia? Podemos entrar?

– Eu estou indo para Tipton Grange – disse Dorothea, com altivez. – Até logo.

Sir James não pôde dizer nada enquanto a acompanhava até a carruagem. Ele estava totalmente descontente com o resultado de um artifício que havia lhe custado uma humilhação secreta de antemão.

Dorothea passou pelas sebes de frutas silvestres e pelos campos de milho debulhados, sem ver ou ouvir nada ao redor. As lágrimas vieram e rolaram por seu rosto sem que ela se desse conta delas. O mundo, ao que parecia, estava ficando feio e inóspito, e não havia lugar para sua confiança. “Não é verdade, não é verdade!” era a sua voz interior que ela ouvia, mas, durante todo o tempo, uma lembrança da qual sempre havia sentido uma certa inquietude atraía sua atenção... a lembrança daquele dia em que ela encontrara Will Ladislaw com Mrs. Lydgate e ouvira sua voz acompanhada pelo piano.

– Ele disse que nunca faria nada que eu desaprovasse... eu gostaria de ter dito a ele que desaprovava aquilo – dizia a pobre Dorothea para si mesma, sentindo uma estranha alternância entre a raiva e a defesa apaixonada de Will. *Todos tentam desprestigiá-lo diante de mim, mas não me importa a dor, se ele não é culpado. Sempre acreditei em sua bondade*. Estes foram seus últimos pensamentos antes de notar que a carruagem passava sob o arco dos portões de Tipton Grange, quando ela rapidamente apertou o lenço contra os olhos e começou a pensar em suas tarefas. O cocheiro pediu permissão para levar os cavalos por meia hora, porque havia algo errado com uma ferradura, e Dorothea, com a sensação de que iria descansar, tirou as luvas e o chapéu enquanto se reclinava contra uma estátua no *hall* de entrada, e conversava com a governanta. Por fim, ela disse:

– Devo ficar aqui um pouco, Mrs. Kell. Irei à biblioteca e escreverei uma

nota com as recomendações do meu tio, se a senhora abrir as venezianas para mim.

– As venezianas já estão abertas, senhora – disse Mrs. Kell, seguindo Dorothea, que caminhava enquanto falava. – Mr. Ladislaw está lá, procurando por algo.

(Will tinha ido buscar um portfólio de seus próprios esboços que não conseguira encontrar enquanto empacotava seus bens pessoais e que não queria deixar para trás).

O coração de Dorothea pareceu virar como se ela tivesse levado um golpe, mas ela não foi detida de forma perceptível; na verdade, a sensação de que Will estava ali era, no momento, totalmente gratificante para ela, como a visão de algo precioso que havia se perdido. Quando chegou diante porta, ela disse a Mrs. Kell:

– Entre primeiro e diga a ele que estou aqui.

Will havia encontrado seu portfólio e o havia colocado sobre a mesa do outro lado da sala, para virar os esboços e desfrutá-los, estudando a obra de arte memorável que tinha uma relação com a natureza, que era misteriosa demais para Dorothea. Ele ainda estava sorrindo para si mesmo, e colocava os esboços em ordem com o pensamento de que poderia encontrar uma carta dela esperando por ele em Middlemarch, quando Mrs. Kell se aproximou, e disse:

– Mrs. Casaubon está entrando, senhor.

Will se virou rapidamente e, no momento seguinte, Dorothea estava entrando. Quando Mrs. Kell fechou a porta, eles ficaram frente a frente, olhando-se mutuamente, e a consciência foi inundada por algo que suprimia as palavras. Não foi a confusão que os manteve em silêncio, pois ambos sentiam que a separação estava próxima, e diante de uma despedida triste, não existe vergonha.

Ela se moveu automaticamente em direção à cadeira de seu tio junto da escrivaninha, e Will, depois de afastá-la um pouco para ela se sentar, afastou-se alguns passos e permaneceu de pé na sua frente.

– Por favor, sente-se – disse Dorothea, cruzando as mãos no colo –, estou

muito feliz que esteja aqui.

Will pensou que o rosto de Dorothea tinha o mesmo aspecto de quando lhe deu a mão pela primeira vez em Roma, pois a touca de viúva, presa ao chapéu, tinha sido retirada junto com ele, e Will podia ver que ela tinha chorado. Mas a mistura de raiva em sua agitação havia desaparecido ao vê-lo; quando eles se encontravam cara a cara, ela sempre sentira uma confiança e a liberdade alegre que acompanha o entendimento mútuo, e como as palavras de outras pessoas poderiam de repente impedir esse efeito? Deixemos que a música que pode tomar posse de nossos corpos e preencher o ar de alegria soe mais uma vez... o que importa que se é criticada em sua ausência?

– Eu enviei uma carta para Lowick Manor hoje, solicitando vê-la mais uma vez – disse Will, sentando-se em frente a ela. – Estou partindo imediatamente e não poderia ir sem falar com a senhora de novo.

– Eu pensei que havíamos nos despedido quando o senhor esteve em Lowick há algumas semanas... achei que estava partindo naquela ocasião – disse Dorothea, a voz tremendo um pouco.

– Sim, mas na época eu ignorava as coisas que sei agora, coisas que alteraram meus sentimentos sobre o futuro. Quando a vi da outra vez, sonhava que poderia voltar algum dia. Agora, não creio que vá fazê-lo – Will fez uma pausa.

– E o senhor queria que eu soubesse os motivos? – disse Dorothea, timidamente.

– Sim – disse Will, impetuosamente, balançando a cabeça para trás e desviando o olhar dela com irritação no rosto. – Claro que sim. Fui grosseiramente insultado aos seus olhos e aos olhos dos outros. Houve uma implicação maldosa contra o meu caráter. Quero que saiba que em nenhuma circunstância eu teria me rebaixado... em nenhuma circunstância teria dado às pessoas a chance de dizer que eu buscava dinheiro sob o pretexto de buscar... outra coisa. Não havia necessidade de nenhuma salvaguarda contra mim... a salvaguarda do dinheiro era o suficiente.

Will se levantou da cadeira com a última palavra e se dirigiu... ele mal sabia

para onde, mas foi em direção à janela mais próxima, que, agora, estava aberta como há um ano atrás, quando ele e Dorothea estiveram ali conversando. Todo o seu coração simpatizava com a indignação de Will e ela só queria convencê-lo de que nunca havia sido injusta com ele, enquanto ele parecia lhe dar as costas como se ela também fizesse parte desse mundo inóspito.

– Seria muito cruel da sua parte supor que eu algum dia atribuí qualquer maldade a você – começou ela. Então, com seu ardor habitual, desejando convencê-lo, ela se afastou da cadeira e colocou-se frente a ele, no seu antigo lugar na janela, dizendo: – O senhor acha que eu alguma vez desconfiei de você?

Quando Will a viu ali, ele estremeceu e se afastou da janela, desviando seu olhar. Dorothea ficou magoada com este movimento que seguia a raiva anterior de seu tom de voz. Ela estava a ponto de dizer que era tão difícil para ela quanto para ele, e que ela estava indefesa, mas aqueles estranhos detalhes de sua relação, que nenhum dos dois poderia mencionar explicitamente, a mantinham sempre com medo de falar demais. Naquele momento, ela não acreditava que Will, de qualquer forma, quisesse se casar com ela, e temia usar palavras que pudessem sugerir tal crença. Ela apenas disse com seriedade, recorrendo às suas últimas palavras:

– Estou certa de que nenhuma salvaguarda contra o senhor jamais se fez necessária.

Will não respondeu. No tempestuoso vaivém de seus sentimentos, as palavras dela lhe pareceram cruelmente neutras, e ele parecia pálido e triste depois de sua explosão de raiva. Ele foi até a mesa e fechou seu portfólio, enquanto Dorothea o observava a certa distância. Eles estavam desperdiçando aqueles últimos momentos juntos em um penoso silêncio. O que ele poderia dizer, já que o que mais obstinadamente dominava sua mente era o amor apaixonado por ela que ele se proibia de manifestar? O que ela poderia dizer, já que não poderia lhe oferecer nenhuma ajuda, já que era forçada a ficar com o dinheiro que deveria ter sido dele... já que hoje ele parecia não reagir como costumava fazer à confiança e simpatia dela?

Porém, Will finalmente se afastou de seu portfólio e se aproximou da janela novamente.

– Tenho de ir – disse ele, com aquele olhar peculiar que às vezes acompanha o sentimento de amargura, como se seus olhos estivessem cansados e queimados de tanto olhar para uma luz.

– O que fará da sua vida? – disse Dorothea, timidamente. – Suas intenções são as mesmas de quando nos despedimos antes?

– Sim – disse Will, com um tom que parecia considerar o assunto desinteressante. – Vou trabalhar na primeira coisa que aparecer. Suponho que é possível adquirir o hábito de viver sem felicidade ou esperança.

– Oh, que palavras tristes! – exclamou Dorothea, perigosamente perto de começar a soluçar. Em seguida, tentando sorrir, ela acrescentou: – Costumávamos concordar que éramos parecidos em exagerar as coisas.

– Eu não exagerei minhas palavras agora – disse Will, recostando-se contra o ângulo da parede. – Há certas coisas pelas quais um homem só pode passar uma vez na vida; e em algum momento ele sabe que o melhor já passou. Eu tive essa experiência quando era muito jovem, isso é tudo. O que me importa mais do que qualquer coisa é absolutamente proibido para mim, não quero dizer apenas por estar fora do meu alcance, mas proibido, mesmo que estivesse ao meu alcance, por meu próprio orgulho e pela minha própria honra, por tudo aquilo que me faz respeitar a mim mesmo. É claro que seguirei vivendo como um homem que viu o céu em seus sonhos.

Will fez uma pausa, imaginando que seria impossível para Dorothea não compreender o que ele queria dizer; na verdade, ele sentia que estava se contradizendo e ofendendo sua autoestima ao falar com ela de maneira tão franca; mas ainda assim, não se podia dizer que estaria cortejando uma mulher ao dizer a ela que ele nunca a cortejaria. Deve-se admitir que é uma maneira fantasmagórica de fazer a corte.

Mas a mente de Dorothea estava rapidamente revivendo o passado com uma visão bem diferente da dele. A ideia de que ela mesma poderia ser o que Will

mais se importava a fez vibrar por um instante, mas então veio a dúvida: a memória do pouco que eles viveram juntos empalideceu e encolheu diante da memória que sugeria o quão mais completa poderia ter sido a relação entre Will e outra pessoa com quem ele tinha como companhia constante. Tudo o que ele dissera poderia referir-se a essa outra relação, e tudo o que se passara entre ele e ela poderia ser completamente explicado pelo que ela sempre considerara como uma simples amizade e os cruéis impedimentos impostos pelo ato injurioso do seu marido. Dorothea permaneceu em silêncio, com os olhos voltados para baixo, em atitude sonhadora, enquanto imagens se aglomeravam, deixando a certeza terrível de que Will estava se referindo a Mrs. Lydgate. Mas por que terrível? Ele queria que ela soubesse que também aqui sua conduta deveria estar acima de qualquer suspeita.

Will não ficou surpreso com o silêncio dela. Sua mente também trabalhava enquanto a contemplava, e ele sentia que algo devia acontecer para impedir sua separação... algum milagre que evidentemente suas palavras deliberadas não iriam produzir. Ainda assim, depois de tudo, ela sentia algum amor por ele? Não podia fingir para si mesmo que preferia acreditar que ela não sofresse por esse motivo. Ele não podia negar que um desejo secreto de confirmação de que ela o amava estava na raiz de todas as suas palavras.

Nenhum deles soube quanto tempo permaneceram assim. Dorothea estava levantando os olhos, e estava prestes a falar, quando a porta se abriu e seu lacaio veio dizer:

– Os cavalos estão prontos, senhora, podemos ir quando quiser.

– Em seguida – disse Dorothea. Ela voltou-se para Will e disse: – Tenho algumas notas para escrever para a governanta.

– Eu devo ir – disse Will, quando a porta se fechou novamente, enquanto avançava em sua direção. – Deixarei Middlemarch depois de amanhã.

– O senhor agiu corretamente em todos os sentidos – disse Dorothea, em um tom baixo, sentindo uma pressão em seu coração que tornava difícil falar.

Ela estendeu a mão e Will a segurou por um instante sem falar, pois suas

palavras lhe pareceram cruelmente frias e impróprias. Seus olhos se encontraram, mas havia descontentamento nos dele e nos dela, apenas tristeza. Ele se virou e colocou sua pasta debaixo do braço.

– Eu nunca fui injusta com você. Por favor, lembre-se de mim – disse Dorothea, reprimindo um soluço crescente.

– Por que você disse isso? – disse Will, com irritação. – Como se eu corresse o risco de a esquecer.

Naquele momento, Will teve um movimento de raiva contra ela, e isso o impelia a ir embora imediatamente. Para Dorothea, tudo se passou como um relâmpago... suas últimas palavras... sua saudação distante quando ele alcançou a porta... a sensação de que Will não estava mais lá. Ela deixou-se cair na cadeira e por alguns momentos permaneceu ali, como uma estátua, enquanto imagens e emoções a invadiam. Primeiro foi a alegria, apesar das sequências ameaçadoras que a acompanhavam... a alegria fruto da impressão de que realmente era ela a quem Will amava e renunciava, que na verdade não havia outro amor menos permissível, mais digno de culpa, do qual a honra o fizera se afastar. De qualquer forma, eles estavam separados, mas... Dorothea respirou fundo e sentiu sua força retornar... ela podia pensar nele sem restrições. Naquele momento, foi fácil suportar a separação: a primeira sensação de amar e ser amada excluía a tristeza. Era como se aquela pressão dura e gélida houvesse derretido, e sua consciência tivesse espaço para se expandir; seu passado voltava para ela com uma interpretação mais ampla. A alegria não era menor, talvez fosse mais completa naquele momento, por causa da separação irrevogável, pois não havia reprovação, não teria que imaginar o assombro desdenhoso de ninguém que espreitasse seus olhares e lábios. Will havia agido de modo desafiador ao reprovar e transformar o assombro em respeito.

Qualquer um que estivesse observando a cena poderia ter notado que havia um pensamento fortificante dentro dela. Assim como quando a força inventiva trabalha com facilidade e satisfação e qualquer pequena reivindicação de atenção se resolve perfeitamente como se fosse apenas uma fenda aberta à luz do sol;

agora era fácil para Dorothea escrever suas instruções. Ela disse suas últimas palavras à governanta em tom alegre e, quando se sentou na carruagem, seus olhos brilhavam e suas bochechas desabrochavam sob o chapéu sombrio. Ela jogou para trás os pesados “véus” e olhou para a frente, imaginando qual caminho Will havia tomado. Era de sua natureza sentir-se orgulhosa de que ele fosse inocente, e através de todos os seus sentimentos corria a frase: “Eu estava certa em defendê-lo”.

O cocheiro estava acostumado a conduzir seus cavalos cinzentos em um bom ritmo, pois Mr. Casaubon se impacientava e não desfrutava de tudo que estava fora da sua escrivaninha, e desejava chegar ao final de todas as viagens, e Dorothea enfrentava os solavancos com presteza. O passeio foi agradável, pois a chuva da noite havia varrido a poeira e o céu azul parecia distante, muito longe da região das grandes nuvens que pairavam agrupadas. A terra parecia um lugar feliz sob o vasto céu, e Dorothea desejava que pudesse alcançar Will e vê-lo mais uma vez.

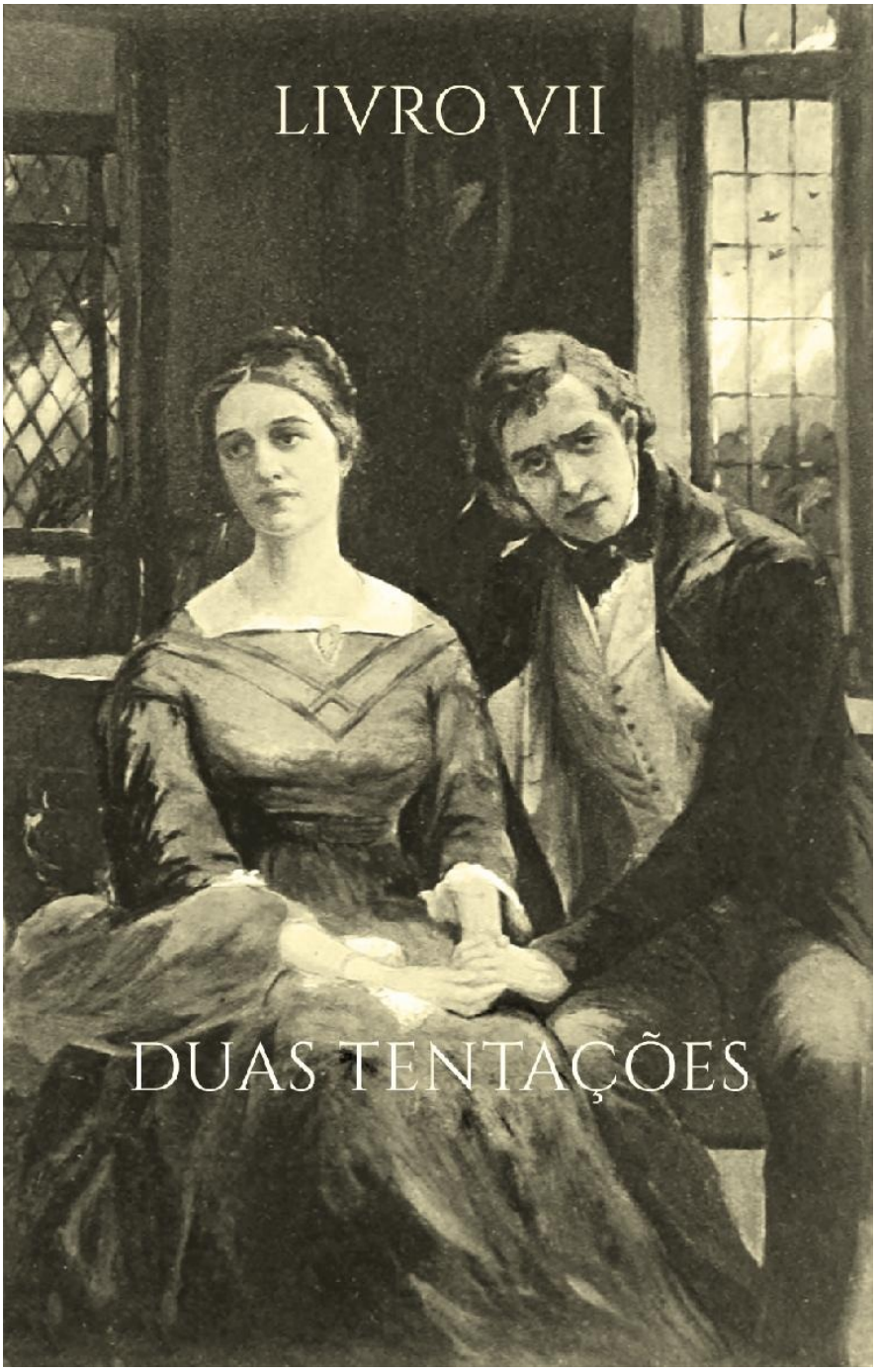
Ao dobrar uma curva na estrada, lá estava ele com a pasta debaixo do braço, mas no minuto seguinte ela estava passando por ele enquanto ele erguia o chapéu, e ela sentiu uma pontada por estar sentada ali em uma espécie de exaltação, deixando-o para trás. Ela não conseguia olhar para ele. Era como se uma multidão de objetos indiferentes os houvesse separado e obrigado a percorrer caminhos diferentes, levando-os cada vez mais para longe um do outro e tornando inútil olhar para trás. Ela não poderia mais fazer qualquer gesto que parecesse dizer: “Precisamos nos separar?” do que parar a carruagem para esperar por ele. Não, um mundo de razões se avolumava em seu interior contra qualquer movimento de seu pensamento em direção a um futuro que pudesse reverter a decisão deste dia!

Eu só gostaria de ter sabido antes... gostaria que ele soubesse... que poderíamos ser felizes pensando um no outro, embora estejamos separados para sempre. E se eu pudesse ao menos ter dado a ele o dinheiro e tornado as coisas mais fáceis! Eram os anseios que se impunham com mais insistência. E, no

entanto, o mundo exercia tanto peso sobre ela, apesar de sua independência que lhe dava energia, que juntamente com a ideia de um Will necessitado de tal ajuda e em desvantagem frente ao mundo, sempre surgia a visão daquela inadequação de qualquer relação mais estreita entre eles que estava implícita na opinião de todos que estavam vinculados a ela. Ela compreendia completamente a urgência dos motivos que impeliam a conduta de Will. Como ele poderia sonhar que ela desafiaria a barreira que seu marido havia colocado entre eles? Como ela poderia dizer a si mesma que poderia desafiá-la?

A certeza de Will, enquanto a carruagem ficava menor à distância, continha muito mais amargura. Não precisava de muita coisa para irritá-lo quando estava de mau humor, e a visão de Dorothea passando por ele enquanto ele se sentia como um pobre diabo, arrastando-se em busca de uma posição no mundo que, em seu atual estado de ânimo, lhe oferecia pouco do que ele cobiçava, fez com que sua conduta parecesse uma mera questão de necessidade, suprimindo o apoio da decisão. Afinal, ele não tinha certeza de que ela o amava; poderia algum homem fingir que ficava simplesmente feliz, em tal caso, por ter todo o sofrimento do seu lado?

Will passou aquela tarde com os Lydgates; na noite seguinte, ele se foi.



LIVRO VII

DUAS TENTAÇÕES

CAPÍTULO LXIII

“Estas pequenas coisas são grandes para o homem pequeno.”
– GOLDSMITH

– Você tem visto Lydgate ultimamente, a sua fênix da ciência? – disse Mr. Toller a Mr. Farebrother, que estava sentado à sua direita em um de seus jantares de Natal.

– Não muito, lamento dizer – respondeu o vigário, acostumado a se desviar das brincadeiras de Mr. Toller sobre sua crença na nova luz da medicina. – Vivo um pouco longe e ele está muito ocupado.

– Está? Me alegro em saber – disse Dr. Minchin, com uma mistura de amabilidade e surpresa.

– Ele dedica muito tempo ao hospital novo – disse Mr. Farebrother, que tinha seus motivos para continuar no assunto: – Eu ouvi isso da minha vizinha, Mrs. Casaubon, que vai lá com frequência. Ela diz que Lydgate é incansável e está fazendo algo bom da instituição de Bulstrode. Ele está preparando uma nova ala para o caso de a cólera chegar até nós.

– E preparando novas teorias para tratamentos experimentais com os pacientes, eu suponho – disse Mr. Toller.

– Vamos, Toller, seja sincero – disse Mr. Farebrother. – Você é muito inteligente para não ver algo de positivo em uma mente nova e corajosa na medicina, assim como em tudo o mais; e quanto à cólera, imagino que vocês não têm muita certeza do que deve fazer. Se um homem vai longe demais em um novo caminho, geralmente é a si mesmo que ele prejudica mais do que a qualquer outra pessoa.

– Estou certo de que você e Wrench deveriam estar agradecidos – disse Dr.

Minchin, olhando para Toller –, pois ele lhes enviou a nata dos pacientes de Peacock.

– Lydgate leva um ritmo de vida muito alto para um jovem iniciante – disse Harry Toller, o cervejeiro. – Suponho que seus parentes no Norte o apoiem.

– Assim espero – disse Mr. Chichely –, do contrário ele não deveria ter se casado com aquela moça simpática de quem todos gostamos tanto. Droga, alguém pode sentir inveja de um homem que toma para si a moça mais bonita da cidade.

– Sim, por Deus! E a melhor também – disse Mr. Standish.

– Meu amigo Vincy não gostou nem um pouco do casamento, eu sei disso – disse Mr. Chichely. – Ele não fez muito por eles. O que eu não sei é como as relações do outro lado responderam – havia um tipo enfático de reticência na sua maneira de falar.

– Bem, eu não diria que Lydgate alguma vez contou com sua clientela para ganhar a vida – disse Mr. Toller, com um ligeiro sarcasmo, e neste ponto o assunto foi abandonado.

Não era a primeira vez que Mr. Farebrother ouvia insinuações de que os gastos de Lydgate eram obviamente muito elevados para serem pagos com suas consultas. Entretanto, pensava ele, era improvável que houvesse recursos de fora para os grandes gastos na época do casamento, somado a isso, as consequências de uma clientela exígua. Uma noite, quando se deu ao trabalho de ir a Middlemarch com o propósito de conversar com Lydgate como antigamente, ele notou no amigo um ar de esforço nervoso, muito diferente de sua maneira tranquila de manter o silêncio ou quebrá-lo bruscamente sempre que tinha algo a dizer. Antes, Lydgate falava incansavelmente quando eles estavam em seu gabinete, apresentando argumentos a favor e contra a probabilidade de determinadas visões biológicas, mas na ocasião ele não forneceu nem de forma verbal nem experimental nada dessas coisas concretas que constituem as marcas de uma investigação paciente e contínua, que ele mesmo costumava considerar imprescindíveis, dizendo que “em toda investigação deve haver uma sístole e

uma diástole", e que "a mente de um homem deve estar em uma contínua expansão e contração entre todo o horizonte humano e o horizonte de um objeto de um microscópio". Naquela noite, ele parecia falar sem mais motivos além de evitar qualquer referência pessoal e logo se dirigiram à sala de estar, onde Lydgate, depois de pedir a Rosamond que tocasse para eles, afundou-se em sua cadeira em silêncio, com uma luz estranha nos olhos. *Talvez tenha tomado algum opiato,* foi o pensamento que cruzou a mente de Mr. Farebrother, *alguma neuralgia facial... ou preocupações médicas.* Não lhe ocorreu que o casamento de Lydgate não fosse maravilhoso: ele acreditava, como todo o mundo, que Rosamond era uma criatura amável e dócil, embora sempre a tivesse considerado pouco interessante, ajustada demais ao modelo "perfeito" e ensaiado, resultado de um internato para moças, e a mãe do vigário não podia perdoar Rosamond porque parecia sempre ignorar a presença de Henrietta Noble. *De qualquer forma, Lydgate se apaixonou por ela*, pensava Mr. Farebrother, *e ela deve ser do seu agrado.*

Mr. Farebrother sabia que Lydgate era um homem orgulhoso, mas como ele possuía pouca fibra desta estirpe, e talvez pouco cuidado com a dignidade pessoal, exceto a dignidade de não ser mesquinho ou tolo, ele dificilmente poderia compreender a maneira pela qual Lydgate se encolhia, como se estivesse queimando, ao ouvir qualquer referência sobre seus assuntos particulares. E pouco depois daquela conversa na casa de Mr. Toller, o vigário soube de algo que o fez esperar com mais ansiedade uma oportunidade de comunicar a Lydgate, de forma indireta que, se ele quisesse conversar sobre suas dificuldades, havia um ouvido amigo à disposição.

A oportunidade se apresentou na residência de Mr. Vincy, onde houve uma festa no dia de Ano Novo, para a qual Mr. Farebrother se viu obrigado a comparecer diante da súplica de que não deveria abandonar seus velhos amigos no primeiro Ano Novo da sua vida de homem importante, de reitor, bem como de vigário. A festa foi muito agradável: todas as damas da família Farebrother estavam presentes; todos os filhos dos Vincys cearam à mesa, e Fred havia

convencido sua mãe de que, se ela não convidasse Mary Garth, os Farebrothers considerariam isso uma afronta pessoal, sendo Mary sua amiga particular. Mary compareceu, e Fred estava de bom humor, embora sua alegria fosse do tipo duvidosa: triunfo por sua mãe reconhecer a importância de Mary entre os convidados principais e ciúmes quando Mr. Farebrother se sentou ao seu lado. Fred costumava ser muito mais tranquilo a respeito de suas próprias qualidades nos dias em que não temia ser substituído por Mr. Farebrother, e esse terror ainda estava diante dele. Mrs. Vincy, em seu mais completo esplendor matronal, contemplava a pequena figura de Mary, cabelos grossos e ondulados e rosto totalmente sem enfeites de lírios ou rosas, e ficou tentando se imaginar cuidando da aparência de Mary no vestido de noiva, ou sentir complacência pelos netos que seriam “réplicas” dos Garths. De qualquer forma, a festa foi alegre e Mary estava particularmente animada; estava feliz, pelo bem de Fred, que seus parentes estivessem se tornando mais gentis com ela, e também desejosa de que eles vissem o quanto ela era valorizada por outros, que evidentemente deveriam ser os juízes.

Mr. Farebrother percebeu que Lydgate parecia aborrecido e que Mr. Vincy falava apenas o indispensável com o genro. Rosamond estava encantadora e serena, e apenas uma observação sutil, que ela não havia despertado no vigário, a total ausência de interesse pela presença de seu marido – que uma esposa amorosa sempre deveria revelar –, mesmo que a etiqueta a mantivesse distante dele. Quando Lydgate participava da conversa, ela nunca lhe dirigia o olhar, como se fosse uma psique modelada para olhar em outra direção; mais tarde, quando ele voltou para a sala depois de ter se ausentado por uma ou duas horas, ela parecia não se dar conta do fato de que dezoito meses antes teria o efeito de um numeral diante das cifras. Porém, na verdade, ela estava muito ciente da voz e dos movimentos de Lydgate e seu ar de descontraída inconsciência era uma negação estudada, pela qual ela satisfazia sua oposição interna a ele sem comprometer o decoro. Quando as damas se achavam na sala de estar depois que Lydgate foi chamado durante a sobremesa, Mrs. Farebrother disse a Rosamond,

quando estava ao seu lado:

– Você deve renunciar a uma grande parte da companhia de seu marido, Mrs. Lydgate.

– Sim, a vida de um médico é muito árdua, especialmente quando ele é tão devotado à sua profissão como Mr. Lydgate – disse Rosamond, que estava de pé e se afastou facilmente ao final da resposta correta.

– É terrivelmente tedioso para ela quando não há convidados – disse Mrs. Vincy, que estava sentada ao lado da velha senhora. – Ao menos foi o que pensei quando estive cuidando de Rosamond enquanto ela estava doente. Sabe Mrs. Farebrother, nossa casa é uma casa alegre. Eu tenho uma personalidade alegre e Mr. Vincy sempre gosta de alguma atividade na casa. Rosamond está acostumada com isso. Muito diferente de um marido que sai em horários estranhos, sem nunca saber quando voltará para casa; além disso, no meu entender, de personalidade reservada e orgulhosa – a indiscreta Mrs. Vincy baixou a voz ligeiramente durante este parêntese. – Mas Rosamond sempre teve um temperamento angelical; seus irmãos muitas vezes não costumavam agradá-la, mas ela nunca demonstrou mau humor; desde bebê ela sempre foi tão boa, e com uma pele incomparável. Mas, graças a Deus, todos os meus filhos têm bom temperamento.

Isso não era difícil de acreditar para qualquer um que olhasse para Mrs. Vincy enquanto ela jogava para trás as largas fitas de sua touca e sorria para suas três filhas, com idades entre sete e onze anos. Mas naquele olhar sorridente ela se viu obrigada a incluir Mary Garth, a quem as três meninas haviam encurralado em um canto para que ela lhes contasse histórias. Mary estava concluindo o delicioso conto de Rumpelstiltskin [159] que ela sabia de cor, porque Letty nunca se cansava de contá-lo aos ignorantes mais velhos a partir de um livro vermelho favorito. Louisa, a queridinha de Mrs. Vincy, correu para ela com os olhos arregalados, muito emocionada e gritando:

– Mamãe, mamãe, o homenzinho pisou com tanta força no chão que não pode levantar a perna de novo!

– Deus te abençoe, meu anjo! – disse sua mãe –, você me contará tudo amanhã. Vá e ouça! – e, então, enquanto seus olhos seguiram Louisa de volta para o canto atraente, ela pensou que se Fred desejasse que ela convidasse Mary novamente, ela não faria objeções, pois as crianças estavam encantadas com ela.

Mas logo o canto ficou ainda mais animado, pois Mr. Farebrother se aproximou e, sentando-se atrás de Louisa, colocou-a no colo; então, todas as meninas insistiram que ele deveria ouvir Rumpelstiltskin, e Mary deveria começar tudo de novo. Ele também insistiu, e Mary, sem se fazer de rogada, recomeçou com sua precisão habitual, exatamente com as mesmas palavras de antes. Fred, que também havia se sentado por perto, teria experimentado um triunfo absoluto no êxito de Mary se Mr. Farebrother não a estivesse observando com evidente admiração, enquanto exteriorizava um intenso interesse pela história para agradar às crianças.

– Vocês nunca mais vão ligar para o Loo, o meu gigante caolho – disse Fred no final.

– Sim, eu vou. Conte sobre ele agora – disse Louisa.

– Ah, não sei se estou preparado. Peça a Mr. Farebrother.

– Sim – acrescentou Mary –, peça a Mr. Farebrother para lhe contar sobre as formigas, cuja bela casa foi destruída por um gigante chamado Tom, que achava que elas não se importavam porque não conseguia ouvi-las chorar ou vê-las usar seus lenços de bolso.

– Por favor! – implorou Louisa, olhando para o vigário.

– Não, não, sou um pároco velho e sério. Se tento tirar uma história da minha bolsa, vem logo um sermão. Devo lhes pregar um sermão? – disse ele, colocando os óculos de visão curta e franzindo os lábios.

– Sim – disse Louisa, hesitante.

– Deixe-me ver, então. Um sermão contra os bolos; como os bolos são coisas ruins, principalmente se forem doces e contiverem ameixas.

Louisa levou o assunto muito a sério e desceu do joelho do vigário para aproximar-se de Fred.

– Ah, vejo que não adianta pregar no dia de Ano Novo – disse Mr. Farebrother, levantando-se e indo embora. Ele descobrira recentemente que Fred sentia ciúmes dele e também que ele mesmo não estava perdendo sua preferência por Mary acima de todas as outras mulheres.

– Uma jovem encantadora, Miss Garth – disse Mrs. Farebrother, que observava os movimentos do filho.

– Sim – disse Mrs. Vincy, sentindo-se obrigada a responder, enquanto a velha senhora se virava para ela com expectativa. – É uma pena que não seja mais bonita.

– Eu não diria isso – disse Mrs. Farebrother, com firmeza. – Gosto da sua expressão. Não devemos sempre pedir beleza, quando o bom Deus achou por bem criar uma jovem magnífica sem ela. Eu coloco a boa educação em primeiro lugar, e Miss Garth sabe como se comportar em qualquer situação.

A velha senhora foi um pouco áspera em seu tom, tendo uma referência de possibilidade futura de que Mary se tornasse sua nora, pois como havia esse inconveniente de não tornar pública a posição de Mary em relação a Fred, as três damas da reitoria de Lowick ainda tinham esperança de que Camden escolhesse Miss Garth.

Novos convidados chegaram e a sala foi inundada com música e jogos, enquanto as mesas de uíste eram preparadas na sala silenciosa do outro lado do vestíbulo. Mr. Farebrother jogou uma partida para satisfazer sua mãe, que considerava seu uíste ocasional como um protesto contra o escândalo e as novas opiniões, à luz das quais até mesmo uma renúncia tinha sua dignidade. Mas, no final, ele conseguiu que Mr. Chichely ocupasse seu lugar e saiu da sala. Ao cruzar o vestíbulo, Lydgate, que acabara de entrar, estava tirando o casaco.

– É você o homem que eu estava procurando – disse o vigário; no lugar de entrar na sala, eles caminharam pelo vestíbulo e se postaram junto à lareira, onde o ar gelado ajudava a formar uma nuvem resplandecente. – Sabe, posso deixar a mesa de uíste com bastante facilidade – continuou ele, sorrindo para Lydgate –, agora não jogo mais por dinheiro. Devo isso a você e é o que diz Mrs. Casaubon.

– Como assim? – perguntou Lydgate, com frieza.

– Ah, você não queria que eu soubesse; eu chamo isso de discrição pouco generosa. Você deveria deixar um homem ter o prazer de sentir que você lhe fez um favor. Eu não compartilho a aversão de algumas pessoas por sentirem-se em dívida com alguém. Em minha opinião, prefiro estar em dívida com todos por terem se portado bem comigo.

– Não consigo entender o que você quer dizer – disse Lydgate –, a menos que se refira a uma ocasião quando falei de você com Mrs. Casaubon. Mas não pensei que ela iria quebrar sua promessa e mencionar o que eu tinha falado – disse Lydgate, encostando-se na ponta da lareira e exibindo um rosto desanimado.

– Foi Brooke quem deixou escapar no outro dia. Ele me cumprimentou dizendo que estava muito feliz que o benefício tenha sido bom para mim, embora você tenha descoberto suas manobras e me elogiado como um Ken e um Tillotson, e todo esse tipo de coisa, até que Mrs. Casaubon não quisesse ouvir falar de mais ninguém.

– Ah, Brooke é um tagarela idiota – disse Lydgate com desdém.

– Bem, nesse caso eu fiquei feliz com sua tagarelice. Não entendo por que você não quer que eu saiba que desejava me fazer um favor, meu caro. E você certamente me fez um grande favor. É uma maneira muito forte de controlar sua vaidade ao descobrir o quanto de suas boas ações depende de não estar precisando de dinheiro. Um homem que não precisa dos serviços do diabo será mais tentado a dizer uma oração ao Senhor do que agradar ao diabo. Eu não preciso mais depender dos sorrisos do acaso.

– Não vejo como conseguir dinheiro sem ajuda da sorte – disse Lydgate. – Se um homem o obtém com sua profissão, é quase certo que seja por casualidade.

Mr. Farebrother acreditava que poderia explicar esse discurso, que tanto contrastava com a antiga maneira de falar de Lydgate, como a perversidade que muitas vezes surge do mau humor de um homem pouco à vontade em seus negócios. Ele respondeu em um tom de admissão jovial:

– É preciso ter muita paciência com o mundo. Mas é mais fácil para um homem esperar pacientemente quando tem amigos que o querem bem, e não pedem nada além de poder ajudá-lo, desde que esteja em seu poder.

– Oh, sim – disse Lydgate, em um tom despreocupado, mudando de postura e olhando para o relógio. – As pessoas exageram suas dificuldades além do necessário.

Ele sabia perfeitamente que se tratava de uma oferta de ajuda de Mr. Farebrother, e ele simplesmente não podia suportar o fato. Tão estranhamente estamos determinados, nós, os mortais, que, depois de ter ficado muito satisfeito com a sensação de que havia feito um favor ao vigário, a insinuação de que o vigário percebesse sua necessidade de um favor em troca, o fez encolher em um silêncio invencível. Além disso, o que mais poderia vir por trás de um oferecimento como esse? A obrigação de expor seu caso, de sugerir que ele necessitava de coisas concretas? Naquele momento, o suicídio parecia mais fácil.

Mr. Farebrother era um homem muito perspicaz para não entender o significado daquela resposta, e a atitude e o tom de Lydgate continham uma certa solidez muito em consonância com seu físico, que, se a princípio recusava seus oferecimentos, parecia descartar completamente qualquer estratégia de persuasão.

– Que horas são? – perguntou o vigário, engolindo seus sentimentos feridos.

– Passa das onze – disse Lydgate. E eles entraram na sala de estar.

CAPÍTULO LXIV

1° Cavalheiro: Onde está o poder, está também a censura.
2° Cavalheiro: De modo algum, o poder é relativo;
Não se pode assustar a peste com muralhas,
Ou pescar carpas com argumentos sutis.
Toda força é dupla em si: uma causa não é uma causa,
A menos que contenha um efeito;
E a própria ação leva sua passividade.
A ordem não existe, mas a obediência.

Mesmo que Lydgate estivesse inclinado a ser bastante sincero sobre sua situação, ele sabia que dificilmente estaria em poder de Mr. Farebrother oferecer-lhe a ajuda que ele imediatamente necessitava. Com as faturas anuais de seus fornecedores começando a chegar, a ameaça de Dover sobre sua mobília e podendo apenas contar com alguns pagamentos pingados de pacientes que não deveriam ser ofendidos com cobranças (os excelente honorários que recebera de Freshitt Hall e Lowick Manor já haviam sido absorvidos), nada inferior a mil libras o teria livrado do seu apuro e deixado um resíduo que, de acordo com a frase predileta de esperança em tais circunstâncias, teria lhe dado “tempo para examinar a situação”.

Naturalmente, o feliz Natal havia trazido o feliz Ano Novo, momento em que os concidadãos esperam ser pagos pelo trabalho e pelas mercadorias que sorridentemente haviam proporcionado aos seus vizinhos, o que havia aumentado de tal forma a pressão de preocupações sórdidas na mente de Lydgate, que ele dificilmente podia pensar ininterruptamente em qualquer outro assunto, nem mesmo os mais habituais e absorventes. Ele não era um homem

mal-humorado; sua atividade intelectual, a bondade solícita de seu coração, bem como sua constituição forte, em condições relativamente toleráveis, sempre o haviam mantido acima das suscetibilidades insignificantes e descontroladas que causam o mau humor. Porém, ele era agora uma presa daquela pior irritação que surge não apenas de aborrecimentos, mas da segunda consciência subjacente a esses aborrecimentos, da energia desperdiçada em uma preocupação degradante, que era o inverso de todos os seus propósitos anteriores. *É nisso que eu estou pensando, mas é naquilo que eu deveria pensar*, era o seu incessante e amargo murmúrio interior, que convertia cada dificuldade em uma ferroada dupla para a sua impaciência.

Alguns cavalheiros constituíram uma figura surpreendente na literatura ao fazer do descontentamento geral com o universo uma armadilha de mesmice na qual suas grandes almas caíram no engano; mas a sensação de um ego estupendo e de um mundo insignificante pode ter seus consolos. O descontentamento de Lydgate era muito mais difícil de suportar, era a sensação de que havia à sua volta uma grande existência dedicada ao pensamento e ação efetiva, enquanto seu ego estava sendo reduzido ao isolamento miserável de medos egoístas e angústias vulgares por eventos que poderiam apaziguar tais medos. Talvez, suas preocupações pareçam terrivelmente sórdidas sob a atenção de pessoas nobres que nada sabem sobre dívidas, exceto em uma escala soberba. Sem dúvida, elas eram sórdidas; e para a maioria, que não é excelsa, não há como escapar da sordidez, a não ser por estar livre da ânsia de dinheiro, com todas as suas esperanças e tentações superficiais, sua espera pela morte, suas solicitações insinuadas, seu desejo de fazer o mal trabalho passar por bom, sua busca por uma função que deveria ser de outro, sua frequente compulsão de ansiar pela fortuna sob a forma de uma grande calamidade.

Era porque Lydgate se revolvia com a ideia de colocar o pescoço sob aquele jugo vil, que ele havia caído em um estado de mau humor que continuamente aumentava seu distanciamento de Rosamond. Depois da primeira revelação sobre a dívida, ele havia feito muitos esforços para que sua esposa colaborasse

com ele nas possíveis medidas de reduzir gastos, e com a ameaçadora aproximação do Natal suas propostas tornaram-se cada vez mais concretas. “Nós dois podemos nos virar com apenas um criado e viver com muito pouco”, disse ele, “e eu ficarei bem com um cavalo”. Pois Lydgate, como vimos, havia começado a raciocinar com uma visão mais lúcida sobre os gastos, e qualquer parcela de orgulho que sentisse com aparências desse tipo era ínfima em comparação com o orgulho que o fazia repudiar ver-se exposto como devedor, ou de pedir a outros ajuda financeira.

– É claro que você pode dispensar os outros dois criados, se quiser – disse Rosamond –, mas eu diria que é muito prejudicial para a sua posição que vivamos como pobres. Isso vai diminuir sua clientela.

– Minha querida Rosamond, não é uma questão de escolha. Começamos gastando muito. Peacock, você sabe, vivia em uma casa muito menor do que essa. É minha culpa, eu deveria ter tido mais bom senso, e eu mereço uma sova por isso, se houvesse alguém com o direito a me dar uma, por obrigá-la a viver de uma maneira pior do que está acostumada. Mas suponho que nos casamos porque nos amávamos. E isso nos ajudará a seguir em frente até que as coisas melhorem. Vamos, querida, largue esse trabalho e venha até mim.

Naquele momento, ele estava realmente desanimado a respeito de Rosamond, mas temia um futuro sem afeto e estava decidido a resistir à separação iminente. Rosamond obedeceu e ele a colocou no colo, mas no fundo da sua alma ela se sentia muito distante. A pobrezinha via apenas que o mundo não se adaptava aos seus gostos e Lydgate fazia parte desse mundo. Mas ele segurou sua cintura com uma mão e colocou a outra suavemente sobre as dela, pois esse homem um tanto brusco tinha muita ternura em seus modos com as mulheres, parecendo ter sempre presente em sua imaginação a debilidade de suas constituições e o delicado equilíbrio de sua saúde, tanto corporal quanto mental. Ele começou novamente a falar de forma persuasiva:

– Agora que estou mais envolvido com as coisas, Rosy, descobri que é assombrosa a quantidade de dinheiro que se esvai na administração da casa.

Suponho que os criados sejam descuidados e recebemos muitas visitas. Mas deve haver muitos em nossa mesma posição que vivem com muito menos; imagino que eles se conformem com as coisas mais comuns, e saibam administrar as sobras. Parece que o dinheiro não tem tanta influência nessas questões, pois Wrench leva uma vida muito modesta, e ele tem um consultório muito grande.

– Bem, se você pensa em viver como a família Wrench... – disse Rosamond, virando levemente o pescoço. – Mas eu já ouvi você expressar seu desagrado por este modo de vida.

– Sim, eles têm mau gosto para tudo... e fazem a economia parecer algo feio. Não precisamos fazer isso. Eu só quis dizer que eles evitam despesas, embora Wrench tenha uma clientela magnífica.

– E por que você não tem uma boa clientela, Tertius? Mr. Peacock tinha. Você deveria ter mais cuidado para não ofender as pessoas, e deveria fazer o mesmo que os outros em relação aos remédios. Eu diria que você começou bem, e conseguiu várias famílias boas. Não é bom ser muito excêntrico; você deveria pensar no que será apreciado pela maioria – disse Rosamond, em um tom decidido de repreensão.

A raiva de Lydgate aumentou; ele estava disposto a ser indulgente com a fraqueza feminina, mas não com os ditames femininos. A superficialidade da alma de uma ninfa aquática pode ter seu encanto até que ela se torne didática. Mas ele se controlou e disse apenas, com um toque de firmeza despótica:

– O que devo fazer em meu consultório, Rosy, cabe a mim julgar. Esta não é a questão entre nós. Basta que você saiba que nossa renda provavelmente será muito exígua... apenas quatrocentas libras, talvez menos, durante muito tempo, e devemos tentar reorganizar nossas vidas de acordo com essa realidade.

Rosamond ficou em silêncio por um ou dois minutos, olhando para ele, e então disse:

– Meu tio Bulstrode deveria lhe dar um salário pelo tempo que você dedica ao hospital: não é certo que você trabalhe de graça.

– Ficou entendido desde o início que meus serviços seriam gratuitos. Uma vez mais, isso não faz parte de nossa discussão. Eu já apontei qual é a única solução – disse Lydgate, impaciente. Em seguida, ele se controlou e continuou com mais tranquilidade:

– Acredito que há um recurso que nos libertaria de boa parte das dificuldades atuais. Ouvi dizer que o jovem Ned Plymdale vai se casar com Mrs. Sophy Toller. Eles são ricos e não é sempre que uma boa casa fique vaga em Middlemarch. Estou certo de que eles ficariam encantados em ficar com esta casa e com a maioria de nossos móveis, e estariam dispostos a pagar um bom aluguel. Posso contratar Trumbull para falar com Plymdale sobre isso.

Rosamond abandonou o colo do marido e caminhou lentamente até o outro extremo da sala; quando ela se virou e caminhou em sua direção, era evidente que mordia o lábio inferior e que apertava as mãos para reprimir as lágrimas que se acumulavam em seus olhos. Lydgate ficou desesperado, abalado pela raiva, e ainda assim considerando que seria uma covardia sucumbir a ela naquele momento.

– Eu sinto muito, Rosamond; sei que isso é doloroso.

– Eu pensei, pelo menos, quando consenti em devolver o faqueiro e que aquele homem fizesse um inventário dos móveis... eu pensei que havia sido o suficiente.

– Eu expliquei a você na época, minha querida. Aquilo era apenas uma garantia e por trás dessa garantia há uma dívida. E essa dívida deve ser paga nos próximos meses, do contrário teremos que vender nossos móveis. Se o jovem Plymdale quiser ficar com a nossa casa e a maior parte dos nossos móveis, poderemos pagar essa dívida, e algumas outras também, e ficaremos livres de um lugar que é muito caro para nós. Poderíamos escolher uma casa menor: Trumbull, eu sei, tem uma muito decente para alugar por trinta libras por ano, e esta custa noventa – Lydgate proferiu este discurso com um tom cortante e vigoroso, o qual costumamos empregar para que uma mente dispersa entenda bem os fatos imperativos. As lágrimas rolaram silenciosamente pelo rosto de

Rosamond; ela apenas pressionou o lenço contra elas e ficou olhando para o grande vaso sobre a lareira. Aquele era o momento mais amargo de sua vida. Por fim, ela disse, sem pressa e com ênfase cuidadosa:

– Eu nunca teria imaginado que você gostasse de se comportar assim.

– Gostasse? – explodiu Lydgate. Levantou-se da cadeira, enfiou as mãos nos bolsos e afastou-se da lareira –, não é uma questão de gostar. Claro que não gosto, mas é a única coisa que posso fazer – virou-se para ela.

– Eu tenho pensado que há outros meios além desse – disse Rosamond. – Vamos fazer um leilão e deixar Middlemarch.

– Para fazer o quê? De que servirá eu deixar meu trabalho em Middlemarch para ir aonde não tenho outro? Seríamos tão pobres em outro lugar quanto somos aqui – disse Lydgate, ainda mais furioso.

– Se chegamos a este ponto, é inteiramente por sua culpa, Tertius – disse Rosamond, virando-se e falando com a mais plena convicção. – Você se nega a se comportar como deveria com sua própria família. Você ofendeu o capitão Lydgate. Sir Godwin foi muito amável comigo quando estávamos em Quallingham, e estou convencida de que se demonstrasse a devida consideração e lhe explicasse seus problemas, ele faria qualquer coisa por você. Mas, em vez disso, você prefere entregar nossa casa e nossos móveis a Mr. Ned Plymdale.

Havia algo parecido com ferocidade nos olhos de Lydgate quando ele respondeu com renovada agressividade:

– Bem, então, se é assim que você quer, eu prefiro. Admito que prefiro isso a fazer papel ridículo e mendigar onde seria inútil. Que fique claro, então, que é o que eu prefiro fazer.

O tom das suas últimas palavras equivalia à pressão de sua mão forte no braço delicado de Rosamond. Mas, apesar de tudo, a vontade dele não era nem um pouco mais forte que a dela. Ela imediatamente saiu da sala em silêncio, mas com uma determinação intensa de impedir o que Lydgate queria fazer.

Lydgate saiu de casa, mas quando seu sangue esfriou, sentiu que o principal resultado da discussão fora um acúmulo de espanto dentro dele com a ideia de

discutir o futuro com sua esposa sobre temas que poderiam novamente incitá-lo a um discurso violento. Era como se uma fratura em um delicado cristal tivesse começado e ele temia qualquer movimento que pudesse torná-lo fatal. Seu casamento se tornaria uma amarga ironia se eles não pudessem continuar se amando. Já fazia algum tempo que ele havia aceitado o que chamava de caráter negativo de sua mulher, sua falta de sensibilidade que se demonstrava em sua falta de consideração, tanto pelos desejos concretos de seu marido quanto pelos seus objetivos em geral. A primeira grande decepção havia sido suportada: ele tivera que renunciar à terna devoção e à adoração da esposa ideal, e aceitar a vida em um estágio inferior de expectativa, como fazem os homens que perderam algum dos seus membros. Mas a verdadeira esposa não tinha apenas seus direitos, ela ainda tinha domínio sobre seu coração, e era seu desejo intenso que aquele domínio permanecesse forte. No casamento, a certeza de que “ela nunca sentirá muito amor por mim” é mais fácil de suportar do que o medo de “não a amo mais”. Portanto, depois daquela explosão, seus esforços internos se encaminhavam a desculpá-la e a culpar as circunstâncias difíceis que eram em parte sua responsabilidade. Naquela noite, ele tentou curar as feridas abertas durante a manhã com carícias, e não era da natureza de Rosamond recusá-las ou mostrar-se de mau humor; na verdade, ela recebeu com agrado os sinais de que seu marido a amava e estava sob controle. Mas isso era algo bem distinto de amá-lo.

Lydgate havia decidido a não insistir no plano de livrar-se da casa; ele estava decidido a colocá-lo em prática e falar o menos possível sobre ele. Mas a própria Rosamond abordou o assunto no café da manhã, dizendo, suavemente:

– Você já falou com Trumbull?

– Não – disse Lydgate –, mas irei vê-lo esta manhã. Não se deve perder tempo.

Ele interpretou a pergunta de Rosamond como um sinal de que ela retirava sua oposição e beijou sua cabeça carinhosamente quando se levantou para ir embora.

Assim que considerou tarde o bastante para fazer uma visita, Rosamond foi à casa de Mrs. Plymdale, a mãe de Ned, e deu os parabéns ao assunto do casamento que estava por vir. A visão maternal de Mrs. Plymdale era que, talvez agora, Rosamond vislumbrasse retrospectivamente sua própria tolice, e, segura de que as vantagens estavam no momento ao lado de seu filho, era uma mulher bondosa demais para não se comportar com amabilidade.

– Sim, devo dizer que Ned está muito feliz. E Sophy Toller é tudo o que eu poderia desejar em uma nora. Claro que seu pai pode se dar ao luxo de ser generoso com ela... isso é apenas o que seria de esperar de uma cervejaria como a dele. E quanto às suas relações, é tudo o que poderíamos desejar. Mas não é isso o que me importa. Ela é uma moça encantadora... sem ares de grandeza, sem maiores pretensões, embora esteja à altura da melhor. Não me refiro à aristocracia com títulos. Não acho positivo que alguém aspire sair de sua própria esfera. Quero dizer que Sophy está à altura das melhores da cidade, e está satisfeita com isso.

– Sempre a achei uma jovem muito agradável – disse Rosamond.

– Eu vejo isso como uma recompensa para Ned, que nunca foi muito pretensioso, ele que já estava vinculado a uma das melhores famílias – continuou Mrs. Plymdale, suavizando sua mordacidade natural com uma sensação fervorosa de que adotava um ponto de vista adequado. – E sendo os Tollers uma gente muito especial, eles poderiam ter feito algumas objeções porque alguns de nossos amigos não são amigos deles. É bem sabido que sua tia Bulstrode e eu temos sido íntimas desde a nossa juventude, e Mr. Plymdale sempre esteve ao lado de Mr. Bulstrode. Eu mesma prefiro a seriedade. De qualquer forma, a família Toller ficou encantada ao receber Ned.

– Tenho certeza de que ele é um jovem muito merecedor e de bons princípios – disse Rosamond, com um ar protetor, em resposta às saudáveis observações de Mrs. Plymdale.

– Bem, ele não tem o porte de um capitão do exército, nem aquele ar de estar por cima de todo mundo, ou aquela forma vistosa de falar e cantar, ou ainda

grande capacidade intelectual. Mas eu sou grata por ele não ser assim. É uma preparação pobre, tanto para este mundo como para o além.

– É claro que sim, as aparências têm muito pouco a ver com felicidade – disse Rosamond. – Creio que eles têm todas as probabilidades de ser um casal feliz. Onde eles vão morar?

– Ah, quanto a isso, eles vão ter que se conformar com o que puderem encontrar. Eles estiveram olhando uma casa em St. Peter's Place, ao lado da de Mr. Hackbutt; é dele e ele a está conservando muito bem. Suponho que provavelmente não ouvirão falar de outra melhor. Na verdade, acho que Ned decidirá o assunto hoje.

– Acho que é uma bela casa; gosto de St. Peter's Place.

– Bem, fica perto da igreja e é uma zona elegante. Mas as janelas são muito estreitas e tem que subir e descer muito. Por acaso você não sabe de nenhuma outra que estaria disponível? – perguntou Mrs. Plymdale, fixando seus olhos negros e redondos em Rosamond, com a animação de um pensamento repentino neles refletido.

– Oh, não; eu não estou muito a par das coisas.

Rosamond não havia previsto aquela pergunta; ela simplesmente pretendia reunir qualquer informação que a ajudasse a evitar deixar sua própria casa em circunstâncias totalmente desagradáveis para ela. Quanto à falta de verdade em sua resposta, ela não refletiu mais sobre isso do que na falsidade de responder que as aparências tinham muito pouco a ver com felicidade. Ela estava convencida de que seu objetivo era inteiramente justificável: eram as intenções de Lydgate que não tinham desculpa e havia em sua mente um plano que, quando ela o tivesse executado em sua totalidade, provaria quão ruim teria sido para ele ter descido de sua posição.

No caminho para casa, ela passou no escritório de Mr. Borthrop Trumbull. Era a primeira vez em sua vida que Rosamond havia pensado em fazer algo relacionado a negócios, mas ela se sentia à altura da ocasião. Que ela se viu obrigada a fazer o que não gostava, transformou sua tenacidade silenciosa em

invenção ativa. Este era um caso em que não bastava simplesmente desobedecer e manter uma serena tranquilidade, ela deveria agir segundo o seu critério, e ela disse a si mesma que seu julgamento estava certo; se não fosse assim, ela não teria desejado seguir adiante.

Mr. Trumbull estava nos fundos de seu escritório e recebeu Rosamond com suas melhores maneiras, não apenas porque era muito sensível aos seus encantos, mas porque sua fibra de boa índole se via comovida diante da certeza de que Lydgate se encontrava em dificuldades, e que essa mulher extraordinariamente bonita, essa jovem dama, com os maiores atrativos pessoais, provavelmente acusara um indício do infortúnio e se encontrava envolta em circunstâncias além de seu controle. Ele implorou que ela lhe fizesse a honra de sentar-se e ficou em pé diante dela, comportando-se com uma solicitude ansiosa, que era principalmente benevolente. A primeira pergunta de Rosamond foi se seu marido havia visitado Mr. Trumbull naquela manhã para falar sobre sua casa.

– Sim, senhora, sim, ele esteve aqui e falamos sobre isso – disse o bom leiloeiro, tentando dotar suas reiterações em um tom tranquilizador. – Eu estava prestes a atender a seu pedido, esta tarde, se possível. Ele não gostaria que eu me demorasse.

– Eu passei aqui para lhe dizer que não siga adiante, Mr. Trumbull, e peço-lhe que não mencione o que foi dito sobre o assunto. Pode me fazer um favor?

– Certamente, Mrs. Lydgate, certamente. As confidências são sagradas para mim, seja nos negócios ou em qualquer outro assunto. Devo, então, considerar que a ordem foi retirada? – perguntou Mr. Trumbull, ajustando as pontas compridas de sua gravata azul com as duas mãos e olhando para Rosamond com deferência.

– Sim, por favor. Eu soube que Mr. Ned Plymdale já alugou a casa em St. Peter’s Place, ao lado da casa de Mr. Hackbutt. Mr. Lydgate ficaria aborrecido que suas ordens fossem cumpridas inutilmente. E, além disso, existem outras circunstâncias que tornam a proposta desnecessária.

– Muito bem, Mrs. Lydgate, muito bem. Estou às suas ordens, sempre que

precisar de qualquer serviço de minha parte – disse Mr. Trumbull, que sentiu prazer em conjeturar que algumas novas soluções surgiam no horizonte. – A senhora pode confiar em mim. O assunto não irá adiante.

Naquela noite, Lydgate se sentiu um pouco aliviado ao constatar que Rosamond estava mais animada do que nos últimos dias, e até parecia sentir interesse em fazer o que o agradasse sem a necessidade de pedir. Ele pensou: *se ela ficar feliz e eu puder vencer esse problema, que importância tem todo o resto? Não passa de um pântano estreito que temos que cruzar em uma longa jornada. Se eu conseguir clarear minha mente novamente, tudo ficará bem.*

Ele ficou tão animado que começou a procurar uma relação de experimentos que há muito pretendia examinar e que havia abandonado diante daquele desespero rastejante que surge na sequência das ansiedades mesquinhas. Ele sentiu novamente um pouco da antiga e fascinante abstração em uma investigação profunda, enquanto Rosamond tocava a música tranquila que era tão útil para sua meditação quanto o bater de um remo no lago ao anoitecer. Já era bastante tarde; ele havia retirado todos os livros e estava olhando para o fogo com as mãos cruzadas atrás da cabeça em esquecimento de tudo, exceto da construção de um novo experimento de controle, quando Rosamond, que havia deixado o piano e estava recostada na cadeira e o observava de longe, disse:

– Mr. Ned Plymdale já alugou uma casa.

Lydgate, surpreendido e abalado, ergueu os olhos em silêncio por um momento, como um homem perturbado durante o sono. Em seguida, sentindo-se ruborizar desagradavelmente, perguntou:

– Como você sabe?

– Fui ver Mrs. Plymdale esta manhã, e ela me disse que ele tinha alugado a casa em St. Peter’s Place, ao lado da casa de Mr. Hackbutt.

Lydgate permaneceu em silêncio. Tirou as mãos de trás da cabeça e as pressionou contra os cabelos que caíam, como era de se esperar, em uma massa na testa, enquanto apoiava os cotovelos nos joelhos. Ele sentia uma decepção amarga, como se tivesse aberto uma porta de um lugar sufocante e a tivesse

encontrado murada; mas também tinha certeza de que Rosamond estava satisfeita com a causa de sua decepção. Ele preferiu não olhar para ela e não falar com ela até que tivesse superado o primeiro espasmo de contrariedade. Afinal, ele pensou em sua amargura, *com o que uma mulher pode se importar tanto como uma casa e os móveis? Sem isto, ter um marido é um absurdo.* Quando ele ergueu os olhos e afastou o cabelo para o lado, seus olhos escuros refletiam uma infeliz ausência de expectativa de simpatia, mas ele disse apenas, com frieza:

– Talvez apareça outra pessoa. Eu pedi a Trumbull para ficar alerta se falhasse com Plymdale.

Rosamond não fez comentários. Ela confiava na chance de que nada mais aconteceria entre seu marido e o leiloeiro até que alguma questão justificasse sua interferência; de qualquer forma, ela havia impedido o evento que temia de imediato. Depois de uma pausa, ela disse:

– De quanto dinheiro necessitam essas pessoas desagradáveis?

– Que pessoas desagradáveis?

– As que fizeram aquela lista... e os outros. Quero dizer, quanto dinheiro os satisfaria para que você não precisasse mais se preocupar?

Lydgate a examinou por um momento, como se buscasse sintomas, e então disse:

– Bem, se eu tivesse conseguido seiscentas libras de Plymdale pelos móveis e pela luva, uma boa parte estaria resolvida. Eu poderia ter pagado a Dover, e aos outros teria dado o suficiente para fazê-los esperar pacientemente... se cortássemos nossas despesas.

– Mas o que eu quero saber é de quanto você necessita sem que deixemos esta casa?

– Mais do que é provável que eu consiga em qualquer lugar – disse Lydgate, com um sarcasmo bastante áspero em seu tom. Ele ficava irritado ao perceber que a mente de Rosamond vagava por desejos ilusórios em vez de enfrentar os esforços possíveis.

– Por que não me diz o total? – disse Rosamond, com uma leve indicação de que não gostava de suas maneiras.

– Bem – disse Lydgate, como se estivesse calculando –, seriam necessárias pelo menos mil libras para eu ficar tranquilo. Mas – acrescentou ele, em tom incisivo –, tenho de pensar no que farei sem elas, não com elas.

Rosamond não disse mais nada.

Mas no dia seguinte ela pôs em prática seu plano de escrever para Sir Godwin Lydgate. Desde a visita do capitão, ela havia recebido uma carta dele, assim como uma de Mrs. Mengan, sua irmã casada, oferecendo suas condolências pela perda de seu bebê e expressando vagamente o desejo de vê-la novamente em Quallingham. Lydgate havia dito que aquela cortesia não significava nada, mas ela estava secretamente convencida de que qualquer reticência da família de Lydgate se devia ao comportamento frio e desdenhoso do seu marido, e havia respondido às cartas com todo o seu encanto, confiando que um convite concreto se seguiria. Mas só houve um silêncio total. O capitão, evidentemente, não era dado a escrever, e Rosamond refletiu que, talvez, as irmãs estivessem no exterior. No entanto, era chegada a época de pensar nos parentes que estavam em casa, e de qualquer forma em Sir Godwin, que havia acariciado seu queixo e declarado que ela se parecia com Mrs. Croly, uma célebre beldade que o conquistara em 1790, e que se comoveria ao ver que ela recorrera a ele e, por ela, deveria se comportar como devia para com seu sobrinho. Rosamond estava ingenuamente convencida de que caberia a um velho cavalheiro fazer para evitar que ela sofresse algum aborrecimento. Ela escreveu o que considerou a carta mais judiciosa possível, uma que sem dúvida daria a Sir Godwin uma prova de seu excelente bom senso, indicando como era desejável que Tertius abandonasse um lugar como Middlemarch por um mais adequado aos seus talentos, como o caráter desagradável dos habitantes havia prejudicado seu sucesso profissional e, em consequência, ele se encontrava em dificuldades financeiras, das quais seriam necessárias mil libras para livrá-lo completamente. Ela não disse que Tertius desconhecia sua intenção de escrever, pois acreditava

que a suposta objeção à sua carta não estaria de acordo com a consideração que ela dissera que seu marido sentia por seu tio Godwin, entre todos os parentes, o que sempre fora seu melhor amigo. Tal era a força das táticas da pobre Rosamond, que agora ela aplicava aos assuntos do mundo.

Isso tinha ocorrido antes da festa do dia de Ano Novo e ainda não havia recebido nenhuma resposta de Sir Godwin. Porém, na manhã daquele mesmo dia, Lydgate ficaria sabendo que Rosamond havia revogado a ordem que ele dera a Borthrop Trumbull. Ele achava que seria conveniente que sua esposa se acostumasse aos poucos com a ideia de abandonar sua casa em Lowick Gate e superou sua relutância em falar com ela novamente sobre o assunto durante o café da manhã:

– Vou procurar Trumbull esta manhã e dizer a ele para anunciar a casa no “Pioneiro” e no “Trombeta”. Se a casa for anunciada, talvez interesse a alguém que de outra forma não teria pensado em uma mudança. Em províncias como esta, muitas pessoas continuam vivendo em suas antigas casas mesmo que suas famílias sejam grandes demais para elas, por desconhecimento de como encontrar outra. E não parece que Trumbull tenha tido muito êxito.

Rosamond sabia que o momento inevitável havia chegado. – Eu pedi a Trumbull que não procurasse mais – disse ela, com uma calma deliberada, que era evidentemente defensiva.

Lydgate olhou para ela com mudo espanto. Apenas meia hora antes ele estava prendendo suas tranças e lhe dirigindo aquelas pequenas frases de afeto, que Rosamond, embora não retribuísse, havia aceitado como se fosse uma imagem serena e adorável, que de vez em quando sorria miraculosamente para o seu devoto. Com aquelas sensações ainda latentes, a surpresa que recebeu não poderia ser claramente de raiva, era mais uma dor confusa. Ele deixou de lado a faca e o garfo com os quais estava trinchando a carne e, jogando-se para trás na cadeira, disse por fim, com uma ironia fria em seu tom:

– Posso perguntar quando e por que você fez isso?

– Quando eu soube que os Plymdales tinham alugado uma casa, passei para

lhe dizer que não deveria oferecer a nossa a eles, e ao mesmo tempo disse que não deveria prosseguir com o assunto. Eu sabia que seria muito prejudicial para você se as pessoas soubessem que pretendia se desfazer de sua casa e dos seus móveis, e eu tinha uma objeção muito forte a isso. Creio que eram motivos suficientes.

– Não foi importante, então, que eu lhe desse razões imperativas de outra índole; não foi importante que eu tivesse chegado a uma conclusão diferente e dado uma ordem de acordo com ela? – perguntou Lydgate, causticamente, acumulando trovões e relâmpagos ao redor de sua testa e de seus olhos.

A raiva alheia sempre fizera com que Rosamond se retraísse com fria antipatia, acentuando ainda mais sua resolução e sua convicção de que não seria ela quem não saberia como se comportar, fizessem os outros o que fizessem.

– Eu creio – disse ela – que tenho todo o direito de falar sobre um assunto que preocupa a mim tanto quanto preocupa a você.

– É claro que você tinha o direito de falar, mas apenas comigo. Você não tinha o direito de contradizer minhas ordens secretamente e me tratar como se eu fosse um idiota – disse Lydgate, no mesmo tom de antes. Então, com um pouco de desprezo, adicionou: – Será possível fazê-la entender quais serão as consequências? Será de alguma utilidade dizer mais uma vez por que é necessário que nos livremos dessa casa?

– Não é necessário que você me diga de novo – disse Rosamond, com um tom de voz que caía como gotas de água fria. – Eu me lembro bem do que você disse. Você falou com a mesma agressividade que agora. Mas isso não muda minha opinião de que você deveria tentar todos os outros meios em vez de dar um passo que é tão doloroso para mim. E quanto a anunciar a casa, eu acho que seria absolutamente degradante para você.

– Suponha que eu desconsidere sua opinião como você desconsiderou a minha?

– Você pode fazer isso, é claro. Mas eu acho que você deveria ter me dito, antes de nos casarmos, que me colocaria na pior posição de minha vida, antes de

renunciar à sua própria vontade.

Lydgate ficou em silêncio, mas jogou a cabeça para o lado e contraiu os cantos da boca em desespero. Rosamond, vendo que ele não estava olhando para ela, levantou-se e colocou sua xícara de café diante dele, mas ele não deu atenção a isso e continuou com seu drama interior e seus pensamentos, movendo-se ocasionalmente em sua cadeira, apoiando um braço na mesa e esfregando a mão no cabelo. Havia uma confluência de emoções e pensamentos que o impedia de ceder totalmente à sua raiva ou perseverar em sua decisão com uma simples rigidez. Rosamond aproveitou seu silêncio.

– Quando nos casamos, todos achavam que a sua posição era muito elevada. Eu não poderia ter imaginado então que você iria querer vender nossos móveis e alugar uma casa em Bride Street, onde os quartos são como jaulas. Se é para vivermos assim, pelo menos vamos sair de Middlemarch.

– Estas seriam considerações muito fortes – disse Lydgate, ironicamente (ainda havia uma palidez em seus lábios enquanto ele contemplava o café sem tocá-lo) –, essas seriam considerações muito fortes se eu não estivesse endividado.

– Muitas pessoas se endividam da mesma maneira, mas se são respeitáveis, as pessoas confiam nelas. Tenho certeza de que ouvi papai dizer que os Torbits estavam endividados, e eles iam muito bem. Não pode ser bom agir precipitadamente – disse Rosamond, com serena sabedoria.

Lydgate ficou paralisado por impulsos opostos: uma vez que nenhum raciocínio que pudesse aplicar a Rosamond parecia capaz de conquistar seu consentimento, ele queria esmagar e triturar algum objeto no qual pudesse pelo menos produzir alguma impressão, ou então dizer à sua esposa brutalmente que ele era o mestre e que ela deveria obedecer. Mas ele não só temia o efeito de uma medida tão extrema sobre suas vidas, mas também tinha um medo crescente da obstinação silenciosa e evasiva de Rosamond, que não permitia que nenhuma afirmação de poder fosse definitiva; por outro lado, ela o havia ferido onde mais lhe doía ao sugerir que havia sido iludida com uma falsa visão de felicidade ao

se casar com ele. Quanto a dizer que era o mestre, não correspondia com a realidade. A própria resolução imposta pela força da lógica e o sentido de honra estava começando a ceder diante do torpedo da esposa. Ele engoliu metade da xícara de café e se levantou para ir embora.

– Posso pelo menos pedir que não vá ver Trumbull por agora... até que se prove que não há outros meios? – disse Rosamond. Embora não tivesse muito medo, ela sentiu que era mais seguro não revelar ter escrito a Sir Godwin. – Prometa-me que não irá procurá-lo por algumas semanas, ou sem me avisar.

Lydgate deu uma risada curta.

– Acho que sou eu quem deve exigir a promessa de que você não fará nada sem me avisar – disse ele, voltando os olhos bruscamente para ela e dirigindo-se à porta.

– Você se lembra que vamos jantar na casa de papai, não? – perguntou Rosamond, desejando que ele se virasse e fizesse uma concessão mais precisa. Mas ele apenas disse “sim”, com impaciência, e foi embora. Ela achava muito odioso da parte dele não considerar que bastavam as dolorosas propostas que havia feito, sem a necessidade de mostrar-se tão desagradável. E também foi cruel da sua parte que, diante do seu pedido para que adiasse sua visita a Trumbull, ele não a tranquilizasse quanto às suas intenções. Ela estava convencida de ter agido bem, e cada palavra áspera ou raivosa de Lydgate servia apenas como um acréscimo ao registro de ofensas em sua mente. Havia meses que a pobre Rosamond havia começado a associar o marido com sentimentos de decepção, e a relação terrivelmente inflexível do casamento havia perdido o encanto de fomentar sonhos maravilhosos. Seu casamento a havia libertado das desavenças da casa de seu pai, mas não lhe havia proporcionado tudo o que ela desejava e esperava. O Lydgate por quem ela havia se apaixonado era um conjunto de condições abstratas, a maioria das quais tinha desaparecido, enquanto seu lugar era tomado por detalhes cotidianos que deviam ser vividos lentamente, de hora em hora, no lugar de flutuar ligeiramente através deles, selecionando os aspectos favoráveis. Os hábitos da profissão de Lydgate, sua

preocupação quando estava em casa com assuntos científicos, que pareciam a ela quase como o gosto de um vampiro mórbido, seus pontos de vista peculiares, que jamais haviam formado parte da linguagem do noivado... todas essas influências constantemente alienadoras, mesmo se ignorado o fato de que ele mesmo havia se colocado em posição desvantajosa na cidade, e prescindindo do susto da revelação sobre a dívida com Dover, teriam bastado para que sua presença se tornasse enfadonha para ela. Havia outra presença que desde os primeiros dias de seu casamento, até quatro meses atrás, havia resultado em uma empolgação agradável, mas havia desaparecido. Rosamond se recusava a confessar a si mesma o quanto o consequente vazio tinha a ver com seu tédio absoluto, e lhe parecia (talvez ela estivesse certa), que um convite para ir a Quallingham, e uma oportunidade para Lydgate se estabelecer em outro lugar que não em Middlemarch, em Londres, ou em qualquer lugar livre de preocupações, iria satisfazê-la muito bem e torná-la indiferente à ausência de Will Ladislaw, por quem ela sentia algum ressentimento por seus elogios a Mrs. Casaubon.

Este era o estado de coisas entre Lydgate e Rosamond no dia de Ano Novo, quando eles jantaram na casa de Mr. Vincy: ela parecendo levemente neutra em relação a ele, tendo em mente o seu comportamento mal-humorado no café da manhã, e ele sofrendo um efeito muito mais profundo do conflito interno, no qual aquela cena matutina era apenas uma de muitas manifestações. Seu esforço acalorado enquanto conversava com Mr. Farebrother, seus esforços após simular cinicamente que todas as formas de ganhar dinheiro são essencialmente as mesmas, e que a chance de possuir um império que reduzisse a escolha à ilusão de um tolo era apenas o sintoma de uma resolução vacilante, uma resposta entorpecida aos velhos estímulos de entusiasmo.

O que ele deveria fazer? Ele via ainda com maior nitidez do que Rosamond a tristeza de levá-la para uma pequena casa na Bride Street, onde ela teria poucos móveis ao seu redor e muito descontentamento interior; uma vida de privações e uma vida com Rosamond eram duas imagens que se tornavam cada vez mais

irreconciliáveis desde que a ameaça de privação se revelou. Mas mesmo que suas resoluções tivessem forçado a combinação das duas imagens, as preliminares úteis para aquela mudança difícil não pareciam estar visivelmente ao seu alcance. Embora ele não tivesse feito a promessa que sua esposa havia pedido, ele não voltou ao escritório de Trumbull. Ele até começou a pensar em fazer uma viagem rápida para o Norte e ver Sir Godwin. Ele acreditara de início que nada o levaria a fazer um pedido de dinheiro ao seu tio, mas ele não conhecia a pressão absoluta de alternativas ainda mais desagradáveis. Não podia depender do efeito de uma carta; apenas em um encontro pessoal, por mais desagradável que fosse, poderia oferecer uma explicação completa e comprovar a eficácia do parentesco. Nem bem havia começado a considerar este passo como o mais fácil, e surgiu nele uma reação de cólera diante do fato de que ele, que há muito tempo decidira viver à margem de cálculos tão abjetos, de angústias egoístas sobre as inclinações e os bolsos daqueles com quem se orgulhava de não ter objetivos em comum, ele não apenas havia descido ao mesmo nível, mas ao nível de lhes pedir ajuda.

CAPÍTULO LXV

Um de nós dois, sem dúvida, deve ceder,
E como o homem é mais razoável do que a mulher,
É você, homem, quem deve sofrer mais.
– Os Contos de Cantuária, CHAUCER.

A tendência da natureza humana de ser lenta na correspondência triunfa até mesmo sobre a presente aceleração do curso geral das coisas: não é surpreendente, então, que em 1832, o velho Sir Godwin Lydgate demorasse a escrever uma carta que era mais importante para os outros do que para ele mesmo? Quase três semanas do Ano Novo se passaram, e Rosamond, esperando uma resposta ao seu urgente apelo, ficava decepcionada todos os dias. Lydgate, completamente alheio às suas expectativas, via as contas chegarem e percebia que era iminente que Dover fizesse uso de sua vantagem sobre outros credores. Ele nunca mencionou a Rosamond sua penosa intenção de ir a Quallingham: ele não queria, até o último momento, admitir para ela o que pareceria ser uma concessão aos seus desejos após uma recusa indignada, mas ele realmente esperava partir logo. Uma parte concluída da ferrovia permitiria que ele fizesse a viagem de ida e volta em quatro dias.

No entanto, em uma manhã, depois que Lydgate saiu, uma carta endereçada a ele chegou, carta que Rosamond viu claramente ser de Sir Godwin e que a encheu de esperança. Talvez dentro haveria uma nota para ela, mas, naturalmente, era com Lydgate que ele deveria abordar as questões de dinheiro ou outra ajuda, e o fato de que ele escrevera, ou melhor, até mesmo a demora para responder parecia garantir que a resposta seria afirmativa. Ela estava muito animada com essas ideias para fazer qualquer coisa, exceto costurar em um

canto quente da sala de jantar, com o envelope da carta extraordinária sobre a mesa à sua frente. Por volta de meio-dia, ela ouviu os passos do marido no corredor e, correndo para abrir a porta, disse em seu tom mais despreocupado: – Tertius, venha cá... chegou uma carta para você.

– Ah? – disse ele, sem tirar o chapéu, mas passando o braço pelo ombro da mulher para virá-la e caminharem juntos até o local onde estava a carta. – Meu tio Godwin! – exclamou ele, enquanto Rosamond se sentava novamente, e o observava enquanto ele abria a carta. Ela esperava que ele ficasse surpreso.

Enquanto os olhos de Lydgate percorriam rapidamente a breve carta, ela viu seu rosto, geralmente de um moreno pálido, adquirir uma brancura seca; com narinas e lábios tremendo, ele jogou a carta diante dela e disse com violência:

– Será impossível suportar a vida com você se continuar insistindo em agir em segredo... em agir contra mim e esconder suas ações.

Ele se deteve e deu as costas para ela... depois andou de um lado para o outro, sentou-se e voltou a levantar-se com inquietação, agarrando com força os objetos que levava no fundo dos bolsos. Ele tinha medo de dizer algo irremediavelmente cruel.

Rosamond também mudou de cor enquanto lia. A carta foi escrita desta forma:

"Caro Tertius,

Não mande sua esposa escrever para mim quando você tiver algo a pedir. É uma espécie de adulação indireta que eu não esperaria de você. Eu jamais escreveria a uma mulher sobre assuntos de dinheiro. Quanto à hipótese de lhe fornecer mil libras, ou mesmo a metade desta quantia, não posso fazer nada do tipo. Minha própria família consome até meu último centavo. Com dois filhos pequenos e três filhas, é improvável que me sobre dinheiro. Você parece ter liquidado seu próprio dinheiro muito rapidamente e feito uma bagunça por aí; quanto mais cedo você for para outro lugar, melhor. Mas não tenho relações com homens da sua profissão e não posso ajudá-lo. Fiz o melhor que pude por

você como seu tutor e permiti que você fizesse o que quisesse com relação à medicina. Você poderia ter ingressado no exército ou na igreja. Seu dinheiro teria sido suficiente para isso, e haveria uma carreira mais segura diante de você. Seu tio Charles sempre guardou rancor por você não seguir a profissão dele, mas eu não. Sempre lhe desejei o melhor, mas agora você deve se considerar totalmente independente.

Seu carinhoso tio,

GODWIN LYDGATE."

Quando Rosamond terminou de ler a carta, sentou-se imóvel, com as mãos cruzadas diante de si, contendo qualquer demonstração de sua profunda decepção e entrincheirando-se em silenciosa passividade contra a ira de seu marido. Lydgate fez uma pausa em seus movimentos, olhou para ela novamente e disse, com severidade mordaz:

– Será que isso é o suficiente para convencê-la do mal que você pode causar com suas intromissões secretas? Você tem bom senso o suficiente para reconhecer agora sua incompetência para julgar e agir por mim, para interferir com sua ignorância em assuntos que cabe a mim decidir?

As palavras eram duras, mas não era a primeira vez que Lydgate se sentia frustrado com ela. Ela não olhou para ele e não respondeu.

– Eu estava quase decidido a ir a Quallingham. Teria me custado muito fazê-lo, mas poderia ter sido de alguma utilidade. Mas não foi útil para mim pensar em qualquer coisa. Você sempre me neutraliza secretamente. Você me engana com um falso assentimento, e então fico à mercê de suas artimanhas. Se você pretende resistir a todos os meus desejos, então diga e me desafie. Eu pelo menos saberei onde estou pisando.

É um momento terrível nas vidas dos jovens quando a proximidade do vínculo de amor adquire tal capacidade para destruir. Apesar do autocontrole de Rosamond, uma lágrima caiu silenciosamente e rolou até seus lábios. Ela continuou sem dizer nada, mas sob aquela quietude escondia-se uma reação

intensa: ela sentia tanta aversão pelo marido que desejou nunca o ter visto. A grosseria de Sir Godwin para com ela e a total ausência de sentimentos o equiparavam a Dover e a todos os outros credores... pessoas desagradáveis que só pensavam em si mesmas e não se importavam com o quão irritantes eram para ela. Até seu pai era cruel e poderia ter feito mais por eles. Na verdade, havia apenas uma pessoa no mundo a quem Rosamond não considerava culpada, e essa era a graciosa criatura com tranças louras e pequenas mãos cruzadas na frente, que jamais havia dito palavras tão inconvenientes e sempre agira da melhor maneira... sendo, naturalmente, a que mais correspondia ao seu gosto.

Lydgate fez uma pausa e olhou para ela novamente; ele começou a sentir aquela sensação enlouquecedora de impotência, que toma conta das pessoas apaixonadas quando sua paixão se depara com um silêncio de aparência inocente, cujo ar de vítima parece colocá-las no erro e, por fim, infecta até mesmo a indignação mais justa com uma dúvida de sua retidão. Ele precisava recuperar a consciência de que estava certo ao moderar suas palavras.

– Você não vê, Rosamond – começou novamente, procurando ser simplesmente sério e não amargo –, que nada pode ser tão fatal quanto a falta de sinceridade e confiança entre nós? Mais de uma vez eu expressei um desejo decidido, e você pareceu concordar, mas depois desobedeceu a meu desejo em segredo. Dessa forma, eu nunca poderei saber em que devo confiar. Haveria alguma esperança para nós se você admitisse isso. Será que sou um animal tão bruto e irracional? É por isso que você não é sincera comigo?

O silêncio continuava.

– Você não pode dizer ao menos que se enganou e que posso confiar que você não vai agir secretamente no futuro? – disse Lydgate com urgência, mas com algo de súplica em seu tom que Rosamond logo percebeu. Ela falou com frieza.

– Não posso fazer admissões ou promessas em resposta às palavras que você usou comigo. Não estou acostumada a uma linguagem desse tipo. Você falou da minha “intromissão secreta”, da minha “ignorância intrometida” e de “falso assentimento”. Nunca me expressei dessa forma com você e acho que você

deveria se desculpar. Você disse que é impossível viver comigo. Certamente, você não tem tornado minha vida agradável ultimamente. Creio que era de se esperar que eu tentasse evitar algumas das dificuldades que nosso casamento me trouxe.

Outra lágrima caiu quando Rosamond parou de falar, e ela a secou tão silenciosamente quanto a primeira.

Lydgate deixou-se cair em uma cadeira, sentindo-se encurralado. Em que lugar na mente de sua esposa se instalaria uma admoestação como essa? Ele tirou o chapéu, passou o braço pelas costas da cadeira e olhou para baixo por alguns instantes, em silêncio. Rosamond tinha sobre ele a dupla vantagem de ser insensata ao ponto de ver justiça em sua reprovação, e insensível às inegáveis adversidades agora presentes em sua vida de casada. Embora sua falsidade no assunto da casa tivesse excedido o que ele sabia, e realmente tivesse impedido os Plymdales de saber da disponibilidade da mesma, ela não tinha consciência de que sua própria conduta pudesse ser corretamente chamada de falsa. Não somos obrigados a identificar nossos atos, não mais que os itens de nossa alimentação e vestuário, de acordo com uma classificação rigorosa. Rosamond estava magoada e era isso que Lydgate precisava reconhecer.

Quanto a ele, a necessidade de se acomodar à natureza dela, inflexível em proporção à sua capacidade de refutação, o mantinha preso como uma pinça. Ele começava a ter uma premonição alarmante da perda irrevogável do amor de sua mulher, e a consequente tristeza de suas vidas. A pronta intensidade de suas emoções fazia com que esse pavor se alternasse rapidamente com os primeiros movimentos violentos de sua raiva. Certamente, teria sido vaidade dizer que ele era seu mestre.

“Você não tem tornado minha vida agradável ultimamente”... “as dificuldades que nosso casamento me trouxe”... estas palavras atormentavam sua imaginação como uma dor que provoca pesadelos. Acaso ele não estaria não apenas descendo de seus propósitos mais elevados, mas mergulhando na prisão sinistra do ódio doméstico?

– Rosamond – disse ele, virando os olhos para ela com um olhar melancólico –, você deve desculpar as palavras de um homem quando ele está desiludido e zangado. Você e eu não podemos ter interesses opostos. Não posso separar minha felicidade da sua. Se eu estou zangado com você, é porque você parece não perceber como qualquer segredo nos divide. Como eu poderia desejar tornar as coisas difíceis para você, seja com minhas palavras ou conduta? Quando eu te machuco, eu machuco parte de mim mesmo. Nunca ficaria zangado com você se você fosse absolutamente sincera comigo.

– Eu só queria impedir que você nos arrastasse para a miséria sem qualquer necessidade – disse Rosamond, cujas lágrimas voltavam agora que o marido falava com mais suavidade. – É muito difícil saber que seremos denegridos por todas essas pessoas que nos conhecem e viver de uma maneira tão miserável. Eu gostaria de ter morrido com o bebê.

Ela falava e chorava com aquela mansidão que torna as palavras e as lágrimas onipotentes para um homem de coração amoroso. Lydgate puxou sua cadeira para perto da dela e com sua mão forte e carinhosa pressionou a cabeça delicada contra seu rosto. Ele apenas a acariciou, não disse nada, pois o que havia para ser dito? Ele não podia prometer protegê-la da terrível miséria, pois não via um meio seguro de fazê-lo. Quando a deixou para voltar a sair, disse a si mesmo que era dez vezes mais difícil para ela do que para ele; ele tinha uma vida fora de casa e apelos constantes à sua atividade em prol de outras pessoas. Ele desejava desculpá-la, se possível, mas era inevitável que naquele estado de ânimo não pensasse nela como um animal de outra espécie e mais débil. No entanto, ela o havia vencido.

CAPÍTULO LXVI

“Uma coisa é ser tentado, Escalus,
Outra coisa é cair.”
– Medida por Medida.

Lydgate certamente tinha bons motivos para refletir sobre o que lhe proporcionava sua profissão como contrapartida para suas preocupações pessoais. Ele não dispunha mais de energia suficiente para investigações espontâneas e pensamento especulativo, mas, quando estava próximo ao leito dos seus pacientes, os apelos alheios ao seu julgamento e sua compreensão lhe ofereciam o impulso adicional necessário para tirá-lo do seu devaneio. Não era simplesmente aquele dispositivo benéfico da rotina que permite aos homens tolos viver respeitavelmente e aos homens infelizes viver com tranquilidade; era uma reivindicação constante de novas e imediatas aplicações de pensamentos, assim como de considerar as necessidades e angústias de outrem. Muitos de nós, ao olhar para trás, diríamos que o homem mais amável que já conhecemos foi um médico, ou talvez aquele cirurgião cujo fino tato, guiado por uma percepção profundamente adestrada, veio até nós em nossa necessidade com uma caridade mais sublime do que a dos milagreiros. Parte dessa caridade duplamente abençoada sempre acompanhava Lydgate em seu trabalho no hospital ou em casas particulares, sendo mais útil do que qualquer ópio para o tranquilizar ou o sustentar em suas ansiedades e seu senso de degeneração mental.

Entretanto, a suspeita de Mr. Farebrother quanto ao opiáceo era verdadeira. Sob a primeira pressão das dificuldades previstas, e a primeira percepção de que seu casamento, não fosse por um isolamento atrelado, deveria converter-se em um contínuo esforço para seguir amando sem se preocupar muito em ser amado,

Lydgate havia provado uma ou duas vezes uma dose de ópio. Mas ele não tinha nenhum desejo hereditário por tais fugas passageiras dos antros da miséria. Ele era forte, podia beber muito vinho, mas não ligava para isso, e quando os homens ao seu redor bebiam álcool, ele tomava água com açúcar, pois sentia uma vergonha desrespeitosa pela excitação causada ainda nos primeiros estágios da bebida. Era o mesmo com o jogo. Ele havia visto muitos jogos de azar em Paris, observando-os como se fosse uma epidemia, e não se sentia mais tentado pela vitória do que pela bebida. Ele havia dito a si mesmo que a única vitória que realmente importava deveria ser alcançada por um processo consciente de elevadas e difíceis combinações que teriam um resultado benéfico. O poder que ele ansiava não poderia ser representado por dedos agitados segurando um monte de moedas, ou pelo triunfo meio bárbaro, meio idiota, nos olhos de um homem que toma em seus braços as desventuras de vinte companheiros abatidos.

No entanto, assim como havia experimentado o ópio, seu pensamento agora começava a se voltar para o jogo; não com apetite para emoção, mas como uma espécie de nostalgia por uma maneira tão fácil de conseguir dinheiro, que não implicava em pedir e não trazia nenhuma responsabilidade. Se ele estivesse em Londres ou Paris naquela época, é provável que tais pensamentos, apoiados pela oportunidade, o tivessem levado a uma casa de jogos, não mais para observar os jogadores, mas para observá-los com semelhante ganância. A repugnância teria sido superada pela imensa necessidade de vencer, se a sorte tivesse a amabilidade de permitir. Um incidente que aconteceu não muito tempo depois que descartara a vaga ideia de obter ajuda de seu tio foi uma poderosa indicação do efeito que poderia ter surtido em qualquer oportunidade real de êxito.

As salas de bilhar do Green Dragon eram o refúgio constante de determinado grupo, a maioria dos quais, como nosso conhecido Mr. Bambridge, era considerada homens degenerados. Foi aqui que o pobre Fred Vincy contraiu parte de sua dívida memorável, tendo perdido dinheiro em apostas e vendo-se obrigado a pedir dinheiro ao seu alegre companheiro. Era de conhecimento geral em Middlemarch que uma grande quantidade de dinheiro era perdida e

embolsada desta forma, e a consequente reputação do Green Dragon, como um lugar de dissipação, naturalmente aumentava a tentação de ir visitá-lo. É provável que seus visitantes regulares, como os iniciados na maçonaria, desejassem que houvesse algo mais formidável para guardar para si mesmos, mas não se tratava de uma comunidade fechada e muitos cidadãos respeitáveis, bem como os jovens, entravam de vez em quando nas salas de bilhar para ver o que estava acontecendo. Lydgate, que possuía aptidão muscular para o bilhar e gostava do jogo, havia ido ao Green Dragon uma ou duas vezes nos primeiros dias após sua chegada a Middlemarch, mas depois perdera a disposição para o jogo e também para a vida social que ali se encontrava. Uma noite, entretanto, teve de ir até lá procurar Mr. Bambridge. O negociante de cavalos havia se comprometido a encontrar um cliente para o único cavalo que lhe restava, pelo qual Lydgate havia decidido substituir por um cavalo barato, esperando com essa redução de estilo conseguir talvez vinte libras, pois ele se importava agora com qualquer pequena quantidade como uma ajuda para alimentar a paciência de seus fornecedores. Passar pelo Green Dragon lhe pouparia tempo.

Mr. Bambridge ainda não havia chegado, mas certamente chegaria logo, disse seu amigo Mr. Horrock, e Lydgate ficou por ali, jogando uma partida para passar o tempo. Naquela noite, ele tinha aquele brilho peculiar nos olhos e a vivacidade incomum uma vez observada em Mr. Farebrother. O fato excepcional de sua presença foi muito comentado no salão, onde estava uma boa parte dos moradores de Middlemarch, e vários espectadores, assim como alguns dos jogadores que apostavam com animação. Lydgate estava jogando bem e se sentia confiante; as apostas continuavam ao seu redor e, com um rápido pensamento do ganho provável que poderia dobrar a soma que estava economizando com seu cavalo, ele começou a apostar em seu próprio jogo e ganhou repetidas vezes. Mr. Bambridge já havia chegado, mas Lydgate não notou. Ele não estava apenas empolgado com seu jogo, mas começava a planejar ir no dia seguinte a Brassing, onde havia jogos de azar em maior escala, e onde, por um golpe poderoso da isca do diabo, ele poderia tirá-la sem ficar preso ao anzol e assim comprar sua

liberdade das solicitações diárias.

Ele ainda estava ganhando quando dois novos visitantes entraram. Um deles era o jovem Hawley, recém-chegado de Londres, onde estudava Direito, e o outro era Fred Vincy, que ultimamente passava várias noites em seu antigo refúgio. O jovem Hawley, um talentoso jogador de bilhar, trouxe uma mão fresca ao taco. Porém, Fred Vincy, surpreendido por ver Lydgate e espantado ao vê-lo apostar com ar exaltado, afastou-se e manteve-se fora do círculo em torno da mesa.

Ultimamente, Fred vinha recompensando sua seriedade com um pouco de negligência. Ele estava trabalhando há seis meses com entusiasmo em todas as tarefas ao ar livre sob o comando de Mr. Garth, e por força da severa disciplina quase havia dominado os defeitos de sua caligrafia, disciplina esta, talvez, um pouco menos rígida já que, com frequência, era feita durante a noite na casa de Mr. Garth, sob os olhos de Mary. Porém, na última quinzena, Mary estivera hospedada na reitoria de Lowick com as senhoras de lá, já que Mr. Farebrother estava em Middlemarch, onde executava alguns planos paroquiais. Fred, não tendo nada mais agradável para fazer, decidiu ir ao Green Dragon, em parte para jogar bilhar, em parte para saborear novamente as antigas conversas sobre cavalos, esportes e outras generalidades, consideradas de um ponto de vista que não era exageradamente correto. Ele não tinha saído para caçar nenhuma vez durante a temporada, não possuía seu próprio cavalo para montar, deslocando-se de um lugar para outro principalmente com Mr. Garth em seu cabriolé, ou no cavalo que Mr. Garth poderia lhe emprestar. Fred começava a pensar que era um pouco demais ser endireitado com mais rigidez do que se fosse um clérigo. “Vou lhe dizer uma coisa, Mary, será muito mais difícil aprender a agrimensura e a desenhar projetos do que teria sido escrever sermões”, dissera ele, desejando que ela apreciasse o que ele fazia por ela, “e quanto a Hércules e Teseu, eles não são páreo para mim. Eles se divertiam e nunca tiveram de aprender a escrever livros de contabilidade”. E agora que Mary estava fora por alguns dias, Fred, como qualquer outro cão forte que não consegue desfazer-se da coleira, arrancou a

argola de sua corrente e deu uma pequena escapada, é claro, sem a intenção de ir muito longe nem muito rápido. Não poderia haver motivo para ele não jogar bilhar, mas ele estava decidido a não apostar. Quanto ao dinheiro, Fred tinha agora em mente o heroico propósito de economizar a maior parte das oitenta libras que Mr. Garth lhe oferecia e devolvê-las, o que ele poderia fazer com facilidade renunciando a todos os gastos inúteis, uma vez que tinha um estoque supérfluo de roupas e nenhuma despesa com alimentação. Deste modo, ele poderia, em um ano, avançar bastante na devolução das noventa libras das quais havia privado Mrs. Garth, desgraçadamente em um momento em que ela precisava daquela quantia mais do que agora. No entanto, deve-se reconhecer que nesta noite, que foi a quinta de suas recentes visitas ao salão de bilhar, Fred tinha, não no bolso, mas na mente, as dez libras que pretendia reservar para si de seu meio ano de salário (tendo diante de si o prazer de levar trinta libras para Mrs. Garth quando Mary voltasse para casa), dez libras na mente como um fundo do qual poderia arriscar alguma coisa, se houvesse oportunidade de uma boa aposta. E por quê? Bem, porque quando há soberanos[160] voando à sua volta, por que ele não deveria pegar alguns? Ele nunca voltaria a ir longe por aquela estrada, mas um homem gosta de assegurar a si mesmo, e aos libertinos em geral, de quanta maldade poderia fazer se quisesse, e que se ele se abstivesse de adoecer, ou de mendigar, ou ainda de se expressar com a máxima liberdade que os exíguos limites da capacidade humana permitem, não seria porque ele é um tolo. Fred não entrou nas razões formais, que eram uma maneira muito artificial e inexata de representar a volta do formigamento dos velhos hábitos e os caprichos do sangue jovem, mas havia nele um sentido profético naquela noite de que quando começasse a jogar ele também deveria começar a apostar... de que deveria gostar de beber um pouco de ponche e, em geral, estaria preparado para se sentir “um tanto abatido” pela manhã. É nesses movimentos indefiníveis que a ação frequentemente começa.

Porém, a última coisa que provavelmente havia passado pela imaginação de Fred era que veria seu cunhado Lydgate – de quem ele nunca havia abandonado

por completo sua antiga opinião de que era um pretensioso e tremendamente consciente de sua superioridade –, muito empolgado e apostando, assim como ele próprio poderia ter feito. Fred sentiu um impacto maior do que poderia explicar pelo vago conhecimento de que Lydgate estava endividado e que seu pai se recusara a ajudá-lo, e que seu próprio impulso para jogar fora subitamente controlado. Era uma estranha inversão de atitudes, que o rosto claro e os olhos azuis de Fred, normalmente vivos e despreocupados, dispostos a dar atenção a qualquer coisa que prometesse diversão, parecessem agora involuntariamente sérios e quase constrangidos como se tivessem visto algo inadequado. Ao passo que Lydgate, que costumava emanar um ar de força serena e esconder uma certa reflexão que parecia estar por trás de sua atenção mais observadora, estivesse agindo, observando e falando com aquela consciência pontual e exaltada que lembrava a Fred um animal com olhos ferozes e garras retráteis.

Lydgate, apostando em suas próprias tacadas, ganhou dezesseis libras, mas a chegada do jovem Hawley mudou o equilíbrio das coisas. O rapaz realizava jogadas de primeira classe e começou a apostar contra Lydgate, cuja tensão nervosa foi assim transferida, da simples confiança em seus próprios movimentos a desafiar a dúvida de outra pessoa sobre os mesmos. O desafio era mais excitante do que a confiança, mas era menos seguro. Ele continuou a apostar em seu próprio jogo, mas começou a falhar com frequência. Mesmo assim, ele seguiu apostando, pois sua mente estava seriamente envolta naquela fenda íngreme do jogo, como se ele fosse o vadio mais ignorante da sala. Fred observou que Lydgate perdia com rapidez e se encontrou na situação desconhecida de planejar alguma coisa mediante a qual, sem ser ofensivo, pudesse desviar a atenção de Lydgate e, talvez, sugerir um motivo para ele deixar o local. Ele viu que outros observavam o inusitado comportamento do seu cunhado e pensou que talvez o simples ato de tocar seu cotovelo, e chamá-lo de lado por um momento, bastasse para despertá-lo de seu devaneio. Não conseguia pensar em nada mais inteligente do que a ousada improbabilidade de dizer que ele queria ver Rosy e que gostaria de saber se ela estaria em casa naquela noite;

ele já estava disposto a seguir desesperadamente com aquele plano quando um garçom se aproximou com uma mensagem, dizendo que Mr. Farebrother estava lá embaixo, e queria falar com ele.

Fred ficou surpreso e não muito à vontade, mas enviou um recado de que desceria imediatamente, aproximou-se de Lydgate com um novo impulso e disse: – Posso falar com você um minuto? – e puxou-o de lado.

– Farebrother acaba de me enviar uma mensagem dizendo que precisa falar comigo. Ele está lá embaixo. Achei que você gostaria de saber que ele estava lá, se você tivesse algo a dizer a ele.

Fred simplesmente agarrou esse pretexto para falar, porque ele não podia dizer: "Você está perdendo de maneira estúpida e todo mundo está olhando para você; é melhor você ir embora". Mas a inspiração dificilmente poderia ter sido melhor. Lydgate não havia notado a presença de Fred e sua repentina aparição anunciando Mr. Farebrother teve o efeito de um forte abalo.

– Não, não – disse Lydgate –, não tenho nada em particular a dizer a ele. Mas... o jogo acabou... preciso ir... vim só para ver Bambridge.

– Bambridge está ali, mas está armando uma confusão... não acho que seja momento para negócios. Venha comigo ver Farebrother. Suponho que ele vá querer acabar comigo e você pode me proteger – disse Fred, com certa diplomacia.

Lydgate sentiu vergonha, mas não podia deixar transparecer recusando-se a ver Mr. Farebrother, e acabou descendo com seu cunhado. Eles apenas apertaram as mãos e falaram sobre a geada e quando os três alcançaram a rua, o vigário parecia bastante disposto a despedir-se de Lydgate. Seu propósito era claramente conversar a sós com Fred, e ele disse, gentilmente:

– Eu o interrompi, jovem, porque tenho alguns assuntos urgentes para tratar com você. Acompanhe-me até St. Botolph?

Era uma bela noite, o céu estava estrelado e Mr. Farebrother sugeriu que dessem uma volta para chegar até a velha igreja pela estrada de Londres. A próxima coisa que o pároco disse foi:

– Eu achava que Lydgate nunca fosse ao Green Dragon.

– Eu também – respondeu Fred. – Mas ele disse que foi para ver Bambridge.

– Ele não estava jogando, então?

Fred não pretendia dizer, mas agora via-se obrigado a contestar:

– Sim, estava. Mas suponho que tenha sido acidental. Nunca o vi lá antes.

– Você tem frequentado os bilhares ultimamente?

– Bem, cerca de cinco ou seis vezes.

– Eu achava que você tinha bons motivos para abandonar esse hábito, Fred.

– Sim. Você sabe disso – respondeu Fred, não gostando de ser catequizado daquela maneira. – Eu fui sincero com você.

– Suponho que isso me autorize a tocar no assunto agora. Existe entre nós uma relação de amizade, não é? Eu ouvi o que tinha a dizer e agora você deve me ouvir. Posso falar um pouco sobre mim?

– Tenho a mais profunda obrigação para com você, Mr. Farebrother – disse Fred, dominado por incômodas conjecturas.

– Não pretendo negar que você tem alguma obrigação comigo. Mas vou confessar a você, Fred, que estou tentado a reverter tudo isso mantendo o silêncio desta vez. Quando alguém me disse: “O jovem Vincy voltou para a mesa de bilhar todas as noites... ele não aguentará muito tempo”, fiquei tentado a fazer o oposto do que estou fazendo... calar-me e aguardar até você se afundar novamente, apostando primeiro e depois...

– Eu não fiz nenhuma aposta – disse Fred apressadamente.

– Fico feliz em saber. Mas como eu dizia, estava tentado a observar e ver você tomar o caminho errado, esgotar a paciência de Mr. Garth e perder a melhor oportunidade da sua vida... a oportunidade que você fez um grande esforço para conseguir. Você pode adivinhar o sentimento que despertou essa tentação em mim, estou certo de que você sabe disso. Estou seguro de que você sabe que a satisfação do seu afeto está no caminho do meu.

Houve uma pausa. Mr. Farebrother parecia esperar por um reconhecimento do fato e a emoção perceptível nos tons de sua bela voz dava solenidade às suas

palavras. Mas nenhum sentimento poderia sufocar o alarme de Fred.

– Não se poderia esperar que eu desistisse dela – disse Fred, depois de um momento de hesitação; não era momento para simular generosidade.

– Claro que não, quando o afeto dela encontrou o seu. Mas relações desse tipo, mesmo quando são muito antigas, estão sempre sujeitas a mudar. Não é difícil conceber que você vai agir de forma a afrouxar os laços que a unem a você; não deve se esquecer de que ela está apenas condicionalmente ligada a você, e que, neste caso, outro homem, que pode orgulhar-se de ter alguma influência sobre ela, poderia conquistar um lugar sólido em seu coração, bem como em sua mente, que você deixou escapar. Posso facilmente conceber tal resultado – repetiu Mr. Farebrother, enfaticamente. – Existe um companheirismo na afinidade de gostos que pode levar vantagem mesmo sobre as associações mais longas.

Parecia a Fred que se Mr. Farebrother tivesse um bico e garras em vez de uma língua muito hábil, seu ataque dificilmente poderia ter sido mais cruel. Ele tinha a terrível convicção de que por trás de toda essa afirmação hipotética havia o conhecimento de alguma mudança real nos sentimentos de Mary.

– Claro que sei o quanto é fácil que tudo termine – disse Fred, com voz preocupada. – Se ela está começando a comparar... – ele se interrompeu, não querendo revelar tudo o que sentia, e então continuou, com a ajuda de um pouco de amargura –, mas eu pensei que você fosse meu amigo.

– Eu sou, é por isso que estamos aqui. Mas estou muito inclinado a não ser. Eu disse a mim mesmo: “Se há uma probabilidade de que aquele jovem prejudique a si mesmo, por que haveria eu de interferir? Você vale tanto quanto ele, e seus dezesseis anos a mais, nos quais você passou muita fome, não lhe dão mais direito à satisfação dos seus afetos? Sim, existe uma possibilidade de que ele ponha tudo a perder, talvez você não pudesse impedir, e assim recolherá o benefício”.

Houve uma pausa, durante a qual Fred foi tomado por um calafrio muito desagradável. O que viria a seguir? Ele temia ouvir que algo havia sido dito a

Mary; era como se estivesse ouvindo uma ameaça e não uma advertência. Quando o vigário recomeçou, havia uma mudança em sua voz, como uma transição encorajadora para uma tonalidade maior.

– Mas eu já tive intenções melhores do que essa e estou de volta à minha intenção original. Achei que não haveria maneira de me proteger melhor, Fred, do que contar a você tudo o que estava pensando. E agora, diga, você me entende? Quero que você a faça feliz, e que você também seja feliz, e se houver alguma chance de que uma palavra de advertência minha possa afastar qualquer risco em contrário, bem, eu já disse.

Houve uma queda na voz do vigário quando disse as últimas palavras. Ele fez uma pausa. Eles estavam parados sobre a grama, onde a estrada divergia em direção a St. Botolph, e ele estendeu a mão, como se estivesse indicando que a conversa estava encerrada. Fred se comoveu de forma estranha. Alguém muito suscetível à contemplação de um ato excelente disse que o ato produz uma espécie de estremecimento regenerador no corpo, e faz com que a pessoa se sinta pronta para começar uma nova vida. Uma boa medida de um efeito parecido inundou Fred Vincy.

– Tentarei ser merecedor deste voto de confiança – disse ele, interrompendo-se antes que pudesse dizer “tanto da sua parte quanto da dela”. Enquanto isso, Mr. Farebrother reunia impulso suficiente para dizer algo mais.

– Você não deve imaginar que eu acredito que haja atualmente qualquer declínio na preferência dela por você, Fred. Tranquilize seu coração, pois se você continuar bem, as outras coisas vão dar certo.

– Jamais esquecerei o que você fez – respondeu Fred. – Não posso dizer nada que valha a pena ser dito, apenas que tentarei fazer com que sua bondade não seja desperdiçada.

– Isso é o suficiente. Boa noite, e que Deus te abençoe.

Dessa forma, eles se separaram. Porém, os dois caminharam um bom tempo antes de abandonarem o céu estrelado. Grande parte da reflexão de Fred poderia ser resumida nas palavras: – Certamente teria sido uma coisa boa para ela se

casar com Farebrother, mas se ela me ama mais e eu me tornar um bom marido?

Talvez a reflexão de Mr. Farebrother possa se concentrar em um único encolher de ombros e um pequeno discurso. – Pensar no papel que uma pequena mulher pode desempenhar na vida de um homem, de modo que renunciá-la seja uma ótima imitação de heroísmo, assim como conquistá-la possa ser uma disciplina!

CAPÍTULO LXVII

A alma está agora em guerra civil,
Do trono o acordo é afastado,
Pela clamorosa necessidade;
O orgulho, o grão-vizir,
Faz um pacto com ela
E desempenha o papel flexível
Do mensageiro e hábil defensor de rebeldes famintos.

Felizmente, Lydgate acabou perdendo no bilhar e ficou sem ânimo para um novo ataque de sorte. No dia seguinte, ele ficou bastante aborrecido consigo mesmo quando teve que pagar quatro ou cinco libras além de seus ganhos, e carregava consigo uma visão muito desagradável da figura que havia feito, não apenas esfregando os cotovelos com os homens do Green Dragon, mas se comportando exatamente como eles. Um filósofo que aposta dificilmente se distingue de um filisteu nas mesmas circunstâncias: a diferença virá principalmente de suas reflexões posteriores, e sobre isso Lydgate meditou bastante. Sua razão lhe apontou como o caso poderia ter sido ampliado até a ruína por uma ligeira mudança de cenário, se ele tivesse entrado em uma casa de jogos, onde a sorte pudesse ser agarrada com as duas mãos e não com o polegar e dedo indicador. No entanto, embora a razão estrangulasse o desejo de jogar, restava a sensação de que, com uma certeza de sorte na medida necessária, ele teria gostado de jogar, em vez de aceitar a alternativa que começava a se impor como inevitável.

A alternativa era procurar Mr. Bulstrode. Lydgate havia se vangloriado tantas vezes, tanto para si mesmo quanto para os outros, de ser totalmente independente

de Bulstrode, a cujos planos se havia prestado exclusivamente porque lhe permitiam realizar seus próprios conceitos de trabalho profissional e benefício público. Tantas vezes, em suas relações pessoais, havia mantido seu orgulho sustentado pela sensação de que estava fazendo um bom uso social daquele banqueiro prepotente, cujas opiniões ele considerava desprezíveis e cujos motivos, muitas vezes, lhe pareciam uma mistura absurda de impressões contraditórias, que ele vinha criando para si grandes obstáculos teóricos contra uma exigência considerável em benefício próprio.

Ainda assim, no início de março, seus negócios se achavam naquele ponto em que os homens começam a dizer que seus juramentos foram proferidos na ignorância, e a perceber que o ato que haviam classificado como impossível para eles estava se tornando manifestamente possível. Com a desagradável garantia de Dover prestes a vencer, com os honorários de seu consultório sendo imediatamente absorvidos no pagamento de dívidas atrasadas, a possibilidade, se o pior fosse conhecido, de que lhe negassem suprimentos diários a crédito e, sobretudo, a imagem do descontentamento de Rosamond o perseguindo continuamente, Lydgate começou a perceber que deveria inevitavelmente se curvar e pedir ajuda a alguém. A princípio havia considerado escrever a Mr. Vincy, mas, ao questionar Rosamond, descobriu que, como havia suspeitado, ela já havia pedido ajuda ao pai em duas ocasiões, a última depois da decepção com Sir Godwin, e o sogro dissera que Lydgate precisava cuidar de si mesmo. “Papai disse que com um ano ruim após outro, cada vez mais negocia com capital emprestado e precisou renunciar a muitos caprichos: ele não pode prescindir de cem libras. Ele disse para você pedir a Bulstrode, pois ‘sempre foram unha e carne’”.

Na verdade, o próprio Lydgate chegara à conclusão de que, se tivesse que terminar pedindo um empréstimo sem juros, sua relação com Bulstrode, pelo menos mais do que com qualquer outro homem, poderia assumir a forma de uma reivindicação que não era puramente pessoal. Indiretamente, Bulstrode havia contribuído com o fracasso do seu consultório, e também ficara muito satisfeito

por contar com um parceiro médico para seus planos, mas quem entre nós foi reduzido à dependência de Lydgate sem tentar acreditar que possui direitos que diminuem a humilhação de pedir? Era verdade que ultimamente parecia haver diminuído o interesse de Bulstrode pelo hospital, mas sua saúde havia piorado e mostrava sinais de uma afeição nervosa profundamente arraigada. Em outros aspectos, ele não parecia ter mudado: sempre havia sido muito educado, mas Lydgate observara nele, desde o início, uma frieza acentuada em relação ao seu casamento e outras circunstâncias particulares, uma frieza que até então preferia a qualquer familiaridade entre eles. Ele adiava sua intenção dia a dia, enfraquecendo seu hábito de atuar de acordo com suas conclusões por repugnância a qualquer conclusão possível e seus atos consequentes. Ele via Mr. Bulstrode com frequência, mas não tentava usar nenhuma ocasião para seus fins particulares. Em um momento, ele pensou: *Escreverei uma carta. Prefiro isso a qualquer conversa torturante*; em outro pensou: *Não, se eu falasse com ele, poderia fazer uma retirada antes de qualquer sinal de aversão*.

Ainda assim, os dias se passaram e nenhuma carta foi escrita, nenhuma entrevista especial solicitada. Em seu encolhimento diante da humilhação de uma atitude de dependência em relação a Bulstrode, sua imaginação começou a se familiarizar com outra medida ainda menos parecida com a sua forma de ser. Ele começou a considerar espontaneamente se seria possível levar a cabo aquela ideia pueril de Rosamond que tanto o irritava: eles deveriam deixar Middlemarch sem pensar no que viria depois. A pergunta era: *Havia alguém para comprar meu consultório, mesmo agora, que não vale muito? Neste caso, a venda poderia acontecer como uma preparação necessária para partir.*

Mas contra ele dar esse passo, que ele ainda sentia ser uma renúncia desprezível do seu trabalho atual, um afastamento envergonhado do que era real e poderia transformar-se em um canal mais amplo para uma atividade digna, e tudo para começar de novo sem qualquer destino justificado, havia este obstáculo: o comprador, no caso de existir, poderia não estar disponível rapidamente. E depois? Rosamond em um alojamento pobre, embora na maior

cidade de todas, ou numa cidade mais distante, não encontraria a vida que poderia salvá-la da tristeza e salvá-lo da reprovação de tê-la tornado sua esposa. Pois quando um homem se encontra no sopé da colina do êxito, ele pode permanecer ali por muito tempo, apesar de sua competência profissional. No clima britânico, não há incompatibilidade entre a visão científica e acomodações mobiliadas: a incompatibilidade está principalmente entre a ambição científica e uma esposa que se opõe a esse tipo de residência.

Porém, em meio à hesitação, uma oportunidade se apresentou. Uma nota de Mr. Bulstrode solicitava a Lydgate que fosse vê-lo no banco. Nos últimos tempos, o banqueiro havia manifestado uma tendência hipocondríaca, e a falta de sono, que na verdade era apenas um ligeiro exagero de um sintoma dispéptico habitual, fora considerada por ele como um sinal de uma possível demência. Queria consultar Lydgate sem demora naquela manhã em particular, embora não tivesse nada novo a dizer além do que dissera antes. Ele ouviu atentamente o que Lydgate tinha a dizer para tranquilizá-lo, embora isso também fosse apenas uma repetição, e neste momento em que Bulstrode recebia uma opinião médica com uma sensação de alívio parecia mais fácil do que Lydgate havia contemplado, comunicá-lo da sua necessidade pessoal. Ele vinha insistindo que seria bom para Mr. Bulstrode afastar-se um pouco dos negócios.

– Vê-se como qualquer tensão mental, por mais leve que seja, pode afetar um quadro delicado – disse Lydgate naquela fase da consulta em que os comentários tendem a passar do pessoal para o generalizado –, quando observamos a marca profunda que a ansiedade deixa durante um tempo, até mesmo para os jovens e vigorosos. Eu sou muito forte por natureza e, no entanto, tenho estado muito abalado recentemente por um acúmulo de problemas.

– Presumo que uma constituição no estado suscetível em que a minha atualmente se encontra seria especialmente propensa a cair vítima de cólera, se ela chegar à nossa região. Desde seu surgimento em Londres, faríamos bem em assediar o propiciatório para nossa proteção – disse Mr. Bulstrode, sem intenção de escapar da alusão de Lydgate, mas realmente preocupado com alarmes sobre

si mesmo.

– Em todo caso, você assumiu sua parte de responsabilidade na hora de tomar precauções práticas para a cidade, e esta é a melhor maneira de pedir proteção – disse Lydgate, ressentindo ainda mais a metáfora incompleta e a falta de lógica da religião do banqueiro pela sua aparente surdez diante dos problemas alheios. Porém, ele havia iniciado os movimentos para se obter ajuda e não pensava em interrompê-los. Ele acrescentou: – A cidade tem feito muito pela limpeza e pela obtenção de equipamentos, e acredito que se a cólera chegar, até mesmo nossos inimigos admitirão que a organização do hospital seria de utilidade pública.

– É verdade – disse Mr. Bulstrode, com alguma frieza –, com relação ao que diz, Mr. Lydgate, sobre meu afastamento do trabalho, há algum tempo venho pensando em algo... algo muito concreto. Estou considerando retirar-me ao menos temporariamente de grande parte dos meus negócios, sejam os benevolentes ou comerciais. Também penso em mudar de residência por um tempo; provavelmente fecharei ou alugarei minha atual casa e irei para algum lugar perto da costa, dependendo das informações sobre a salubridade, é claro. Você recomendaria esta medida?

– Ah, sim – disse Lydgate, recostando-se na cadeira, com impaciência mal dissimulada sob os olhos pálidos e preocupados do banqueiro e intensa preocupação consigo mesmo.

– Há algum tempo sinto que deveria falar com você sobre este assunto do nosso hospital – continuou Bulstrode. – Nas circunstâncias que indiquei, é claro que devo deixar de ter qualquer participação pessoal na sua gestão, e é contra o meu senso de responsabilidade continuar aportando uma considerável quantia a uma instituição que não posso supervisionar, e até certo ponto dirigir. Devo, portanto, caso minha decisão final seja deixar Middlemarch, retirar do hospital qualquer outra ajuda além daquela que subsistirá pelo fato de ter sido eu que paguei pelas principais despesas da sua construção, além de ter contribuído para a sua operação com quantidades subsequentes bastante significativas.

O pensamento de Lydgate, quando Bulstrode, de acordo com seu costume,

fez uma pausa, foi: *Ele talvez tenha perdido muito dinheiro*. Era a explicação mais plausível para um discurso que causava uma mudança alarmante em suas expectativas. Ele disse em resposta:

– Temo que será difícil compensar a perda para o hospital.

– Sim – respondeu Bulstrode, com o mesmo tom suave e decidido –, exceto mediante algumas mudanças nos planos. A única pessoa com quem se pode contar definitivamente para aumentar sua contribuição é Mrs. Casaubon. Tive uma conversa com ela sobre o assunto, e indiquei a ela, como estou prestes a fazer com você, que será desejável ganhar um apoio mais generalizado para o novo hospital mediante uma mudança no sistema.

Houve outra pausa, mas Lydgate se manteve em silêncio.

– A mudança a que me refiro é uma fusão com a enfermaria, para que o novo hospital passe a ser considerado um anexo especial da antiga instituição, com a mesma diretoria. Será necessário, também, que a direção médica também seja unificada. Desta forma, qualquer dificuldade quanto à manutenção adequada de nosso novo estabelecimento será eliminada; os interesses benevolentes da cidade deixarão de estar divididos.

Mr. Bulstrode baixou os olhos do rosto de Lydgate para os botões do casaco, enquanto fazia uma nova pausa.

– Sem dúvida, é um bom plano quanto à manutenção do hospital – disse Lydgate, com uma ponta de ironia em seu tom. – Mas não creio que se espere que eu me sinta entusiasmado, já que um dos primeiros resultados será que os outros médicos perturbarão ou interromperão meus métodos, ainda que seja apenas porque são meus.

– Eu mesmo, como sabe, Mr. Lydgate, valorizo muito a oportunidade de contar com procedimentos novos e independentes que foram empregados diligentemente; o plano original, eu confesso, significava muito para mim, que sempre me submeti à vontade divina. Mas uma vez que a Providência exige de mim uma renúncia, eu renuncio.

Bulstrode demonstrou uma habilidade bastante exasperante durante a

conversa. A metáfora incompleta e a lógica defeituosa do motivo que havia suscitado o desprezo de seu ouvinte eram bastante consistentes com uma forma de expor os fatos que tornava difícil para Lydgate expressar sua própria indignação e decepção. Após uma rápida reflexão, ele limitou-se a perguntar:

– O que disse Mrs. Casaubon?

– Este é outro assunto que eu gostaria de discutir com você – disse Bulstrode, que havia preparado completamente sua explicação pastoral. – Como você sabe, ela é uma mulher de disposição muito generosa, e felizmente em posse de... não direi de grande fortuna, mas de fundos que ela pode muito bem dispensar. Ela me informou que, embora tenha destinado a maior parte desses fundos a outro propósito, está disposta a considerar se não poderia ocupar meu lugar no hospital. Mas ela deseja algum tempo para amadurecer suas ideias sobre o assunto, e eu disse a ela que não precisa ter pressa, porque, na verdade, meus próprios planos ainda não estão totalmente decididos.

Lydgate estava pronto para dizer: “Se Mrs. Casaubon ocupasse seu lugar, seria um ganho, e não uma perda”. No entanto, ainda havia um peso em sua mente que deteve essa franqueza jovial e ele respondeu:

– Suponho, então, que posso tratar o assunto com Mrs. Casaubon.

– Precisamente; isso é o que ela deseja expressamente. Ela diz que sua decisão dependerá em grande parte do que você puder dizer a ela. Mas não no momento; eu entendi que ela fará uma viagem. Tenho sua carta aqui – disse Mr. Bulstrode, puxando-a e lendo: *“No momento estou ocupada com outro assunto. Vou a Yorkshire com Sir James e lady Chettam e as conclusões a que chegar sobre algumas terras que vou ver ali podem afetar minhas possibilidades de contribuir com o hospital”*. Portanto, Mr. Lydgate, não há necessidade de pressa neste assunto, mas eu gostaria de adverti-lo de antemão do que pode acontecer.

Mr. Bulstrode voltou a guardar a carta no bolso lateral e mudou de atitude, como se o assunto estivesse encerrado. Lydgate, cuja esperança renovada em relação ao hospital apenas o tornava mais consciente dos fatos que envenenavam sua esperança, supôs que, se fosse buscar ajuda, deveria fazê-lo naquele

momento e com vigor.

– Estou muito grato por me deixar a par da situação – disse ele, com voz firme, mas entrecortando as palavras, o que demonstrava que era difícil pronunciá-las. – Minha profissão é o mais importante para mim, e identifiquei o hospital como o melhor uso que posso fazer dos meus conhecimentos no momento. Porém, o melhor uso nem sempre coincide com o sucesso econômico. Tudo o que tornou o hospital impopular contribuiu, juntamente com outras causas, acredito que todas relacionadas ao meu zelo profissional, para me tornar impopular como médico. Eu atendo principalmente pacientes que não podem me pagar. Seriam os que mais gosto, se eu não tivesse nada nem ninguém para pagar – Lydgate esperou um pouco, mas Bulstrode apenas assentiu, enquanto mantinha os olhos fixos no médico, que continuou da mesma forma entrecortada, como se estivesse mordendo algo relutantemente.

– Tenho tido dificuldades financeiras das quais não vejo saída, a menos que alguém que confia em mim e em meu futuro me adiante uma quantia sem outra garantia. Eu tinha muito pouca fortuna quando cheguei aqui. Não tenho perspectivas de dinheiro por parte da minha família. Minhas despesas, em consequência do meu casamento, têm sido muito maiores do que eu esperava. O resultado neste momento é que seriam necessárias mil libras para eu me libertar. Quero dizer, para me livrar do risco de ter todos os meus bens vendidos como garantia da dívida mais importante... bem como para saldar minhas outras dívidas... e guardar alguma coisa para nos manter por algum tempo com nossa pequena renda. Acho que está fora de questão que o pai de minha esposa me proporcione tal adiantamento. É por isso que menciono minha situação ao... ao único outro homem que pode ter alguma relação pessoal com minha prosperidade ou ruína.

Lydgate sentia repulsa de ouvir a si mesmo. Mas ele tinha falado, e falado de forma inequivocamente direta. Mr. Bulstrode respondeu sem pressa, mas também sem hesitação.

– Lamento, se bem que não estou surpreso com esta informação, Mr.

Lydgate. De minha parte, lamentei sua aliança com a família do meu cunhado, que sempre foi de hábitos pródigos e que já tem uma dívida comigo por ajudar a mantê-los em sua posição atual. Meu conselho, Mr. Lydgate, é que no lugar de contrair novas obrigações e continuar uma luta de resultado duvidoso, simplesmente se declare falido.

– Isso não iria melhorar minha perspectiva – disse Lydgate, levantando-se e falando com amargura –, mesmo que fosse uma coisa mais agradável por si mesma.

– Estamos constantemente sendo postos à prova – disse Mr. Bulstrode –, mas isso, meu caro senhor, é o nosso destino, e é um corretivo necessário. Recomendo que pondere sobre meu conselho.

– Muito obrigado – disse Lydgate, sem saber muito bem o que dizia. – Já tomei muito do seu tempo. Tenha um bom dia.

CAPÍTULO LXVIII

Que gracioso traje veste a Virtude
Se o Vício fizer o mesmo, se sairá tão bem?
E se o Erro, a Astúcia e a Indiscrição
Agirem com nobreza e com fins tão louváveis?
De tal modo que esse grande volume de feitos,
O mundo, o mapa universal dos acontecimentos
Controle com firmeza e prove com lógica,
Que o caminho mais direto é o melhor.
Pois, como consequência da experiência,
Que enxerga com todos os olhos do mundo,
E com a inteligência de todas as idades,
Supera o Engano sem precisar de guia!
– *Musophilus*, de SAMUEL DANIEL.

A mudança de planos e de interesse que Bulstrode manifestou, ou revelou em sua conversa com Lydgate, havia sido estabelecida por uma experiência severa pela qual ele havia passado desde o leilão dos bens de Mr. Larcher, quando Raffles reconheceu Will Ladislaw e quando o banqueiro havia tentado em vão um ato de restituição que poderia levar a Providência divina a deter consequências dolorosas.

Sua certeza de que Raffles, a menos que ele estivesse morto, retornaria a Middlemarch em pouco tempo havia sido justificada. Na véspera de Natal, ele reapareceu em sua propriedade. Bulstrode estava em casa para recebê-lo e impedir que se comunicasse com o resto da família, mas ele não poderia evitar que as circunstâncias da visita lhe comprometessem e alarmassem sua esposa.

Raffles mostrou-se mais incontrolável do que em suas aparições anteriores, seu estado crônico de instabilidade mental, o efeito progressivo da intemperança habitual, afastava rapidamente toda a impressão do que lhe era dito. Ele insistiu em ficar em sua casa, e Bulstrode, pesando os dois tipos de males, achou que esta não era uma alternativa pior do que ir para a cidade. Ele o manteve no quarto reservado para ele durante a noite e ficou com ele até Raffles ir para a cama, e o tempo todo Raffles se divertindo com o aborrecimento que estava causando àquele próspero e respeitável companheiro de pecados, diversão que ele expressava jocosamente pela satisfação de ver Bulstrode entretendo um homem que havia sido de grande utilidade para ele e que não havia sido devidamente recompensado. Havia um cálculo astuto sob essa brincadeira de mau gosto, uma decisão fria de extrair uma boa quantia de Bulstrode como pagamento para se livrar daquela nova forma de tortura. Mas sua astúcia havia passado um pouco do ponto.

Bulstrode, realmente, estava ainda mais angustiado do que a tosca alma de Raffles lhe permitia imaginar. Ele havia dito à sua esposa que estava simplesmente cuidando daquela criatura miserável, a vítima do vício, que de outra forma poderia se machucar; ele insinuou, sem chegar a mentir, que havia um laço de família que o obrigava a tomar esse cuidado, e que havia sinais de alienação mental em Raffles que exigiam cautela. Ele próprio levaria o infeliz embora na manhã seguinte. Considerava que com essas insinuações ele proporcionava à sua esposa uma informação adequada para suas filhas e criados, ao mesmo tempo em que explicava que ninguém além dele mesmo deveria entrar no aposento, nem mesmo para levar comida e bebida. Mas ele viveu momentos de agonia e terror de que Raffles fosse ouvido em suas referências diretas e bem articuladas sobre fatos passados, e que Mrs. Bulstrode não se sentisse tentada a ouvir atrás da porta. Como ele poderia impedi-la, como poderia revelar seu terror abrindo a porta para detectá-la? Ela era uma mulher de hábitos honestos e diretos, e era pouco provável que empregasse um método tão abjeto para chegar a um conhecimento doloroso, mas o medo era mais forte do

que o cálculo de probabilidades.

Assim, Raffles abusou do seu método de tortura e produziu um resultado que não estava em seus planos. Ao se mostrar irremediavelmente incontrolável, ele obrigou Bulstrode a pensar que um desafio aberto era o único recurso restante. Depois de levar Raffles para a cama naquela noite, o banqueiro solicitou que sua carruagem fechada estivesse pronta às sete e meia da manhã seguinte. Às seis horas, ele já estava vestido havia muito tempo e tinha passado parte de sua angústia em oração, pleiteando seus motivos para evitar o mal pior se, em algum momento, havia empregado a mentira e faltado com a verdade diante de Deus. Pois Bulstrode se esquivava de uma mentira direta com uma intensidade desproporcional ao número de suas transgressões indiretas. Porém, muitas delas eram como movimentos musculares sutis, que não são registrados pela consciência, embora produza o fim que decidimos e desejamos. E é apenas aquilo que registramos vivamente, que podemos imaginar que pode ser visto pela Onisciência divina.

Bulstrode levou sua vela até a cabeceira de Raffles, que parecia estar tendo um pesadelo. Ele permaneceu em silêncio, esperando que a presença da luz servisse para despertar o adormecido gradual e suavemente, pois temia algum ruído como consequência de um despertar muito repentino. Ele observara por alguns minutos ou mais os estremecimentos e ofegos que pareciam terminar ao acordar, quando Raffles, com um longo gemido meio abafado, se levantou e olhou em volta aterrorizado, tremendo e ofegando. Mas ele não fez mais barulho, e Bulstrode, pousando a vela, aguardou sua recuperação.

Havia passado um quarto de hora antes que Bulstrode, com uma fria indelicadeza de maneiras que não havia demonstrado antes, dissesse:

– Vim chamá-lo tão cedo, Mr. Raffles, porque ordenei que a carruagem estivesse pronta às sete e meia e pretendo acompanhá-lo pessoalmente até Ilsely, onde poderá pegar o trem ou esperar a diligência dos correios.

Raffles estava prestes a falar, mas Bulstrode se antecipou imperiosamente com as palavras:

– Fique em silêncio e ouça o que tenho a dizer. Vou lhe dar algum dinheiro agora e uma quantia razoável de tempos em tempos, mediante pedido que me enviará por carta; mas se você decidir aparecer aqui novamente, se retornar a Middlemarch, se usar sua língua de forma injuriosa contra mim, você terá que viver dos frutos que sua malícia puder lhe proporcionar, sem nenhuma ajuda da minha parte. Ninguém vai lhe pagar por me criticar: eu sei o pior que você pode fazer contra mim, e terei coragem de enfrentá-lo se você voltar aqui. Levante-se e faça o que eu digo, sem barulho, ou mandarei chamar um policial para tirá-lo de minha casa, e você poderá levar suas histórias para cada taberna da cidade, mas você não terá nem um centavo meu para pagar suas despesas.

Poucas vezes em sua vida Bulstrode havia falado com tanta energia; ele estivera deliberando sobre este discurso e seus prováveis efeitos durante uma boa parte da noite, e embora não confiasse que fosse capaz de salvá-lo de qualquer retorno de Raffles, ele concluiu que era a melhor jogada que poderia fazer. O resultado foi que ele conseguiu obter a submissão do homem exausto naquela manhã: seu organismo saturado fraquejou diante da postura fria e resoluta de Bulstrode, e ele foi levado calmamente na carruagem antes da hora do café da manhã da família. Os criados imaginaram que se tratava de um parente pobre e não se surpreenderam que um homem severo como seu mestre, que mantinha a cabeça erguida perante o mundo, tivesse vergonha de tal primo e quisesse se livrar dele. A viagem de dez milhas do banqueiro com seu odiado companheiro foi um triste começo para o dia de Natal, mas, ao seu término, Raffles havia recuperado o ânimo e se separou com a satisfação produzida pelas cem libras que o banqueiro lhe dera. Vários motivos impeliram Bulstrode a essa generosidade, mas ele não se deteve a examiná-los minuciosamente. Enquanto ele observara Raffles em seu sono inquieto, certamente passou por sua mente que o homem tinha ficado muito abalado desde o primeiro presente de duzentas libras. Ele teve o cuidado de repetir a declaração incisiva de não se deixar enganar novamente, e tentou mostrar a Raffles que ele havia mostrado que os riscos de comprar seu silêncio ou desafiá-lo eram os mesmos. Mas quando, livre

de sua presença repulsiva, Bulstrode voltou para sua tranquila casa, ele não trazia consigo nenhuma confiança de que havia assegurado mais do que uma trégua. Era como se ele tivesse tido um pesadelo repulsivo e não pudesse se livrar das imagens com sua odiosa espécie de sensações, como se um réptil perigoso tivesse deixado seu rastro viscoso em todas as coisas agradáveis que rodeavam sua vida.

Quem pode saber qual parte de sua vida interior é composta de pensamentos que acredita que outros homens têm sobre ele, até que esse tecido de opinião esteja ameaçado com a ruína?

Bulstrode estava ainda mais consciente de que havia um depósito de pressentimentos inquietantes na mente de sua esposa, porque ela cuidadosamente evitou qualquer alusão ao assunto. Ele estava acostumado a saborear diariamente a supremacia e o tributo do mais absoluto respeito, e a certeza de que era vigiado, ou regulado com uma suspeita oculta de que possuía algum segredo vergonhoso, fazia-o vacilar a voz quando falava de edificação. Para pessoas de temperamento angustiado como o de Bulstrode, prever um resultado costuma ser pior do que ver, e sua imaginação aumentava constantemente a angústia de uma desgraça iminente. Iminente, sim, pois se seu desafio a Raffles não conseguisse mantê-lo afastado, e embora ele orasse por esse resultado, dificilmente esperava obtê-lo: a desgraça era certa. Em vão dizia a si mesmo que, se acontecesse, seria uma manifestação divina, um castigo, uma preparação. Mas logo ele se retrocedia da queima imaginária, e concluía que seria melhor para a glória divina, se ele escapasse da desonra. Esse recuo finalmente o incitou a fazer os preparativos para deixar Middlemarch. Se a verdade sobre ele tivesse de ser revelada, ao menos estaria a uma distância menos abrasadora do desprezo de seus antigos vizinhos, e em um novo cenário, onde sua vida não teria adquirido ainda a mesma ampla sensibilidade; seu algoz, caso o perseguisse, seria menos formidável. Afinal, ele sabia que deixar aquele lugar seria extremamente doloroso para sua esposa e, por outras razões, Bulstrode teria preferido ficar onde havia criado raízes. É por isso que a princípio ele fez os preparativos de

forma condicional, desejando deixar todas as portas abertas para um retorno após uma breve ausência, se qualquer intervenção favorável da Providência dissipasse seus temores. Ele se preparava para transferir a direção do banco, e para renunciar a qualquer controle ativo de outros negócios comerciais na região, usando como argumento sua saúde debilitada, mas sem excluir uma futura retomada do trabalho. A medida causaria a ele alguma despesa adicional e alguma diminuição de receita além do que já havia sofrido com a crise geral do comércio, e o hospital se apresentava como o principal objeto de investimento no qual ele poderia economizar bastante.

Foi essa experiência que determinou sua conversa com Lydgate. Mas, nesse momento, seus preparativos não haviam passado de um estágio em que ele poderia revogá-los, caso se mostrassem desnecessários. Ele adiava continuamente os últimos passos em meio a seus temores, como muitos homens que estão em perigo de naufragar, ou de serem arremessados de sua carruagem por cavalos em fuga, e tinha a impressão de que algo aconteceria para evitar o pior, e que estragar sua vida por uma mudança tardia poderia ser precipitado, especialmente porque era difícil explicar satisfatoriamente à esposa o projeto de um exílio indefinido do único lugar onde ela gostaria de viver.

Entre os assuntos que Bulstrode tinha que cuidar, estava a administração de Stone Court, no caso de precisar se ausentar; e sobre isso, bem como sobre todos os outros assuntos relacionados com quaisquer casas e terras que possuía em Middlemarch ou nos arredores, ele havia consultado Caleb Garth. Como qualquer pessoa que tivesse negócios desse tipo, ele queria contar com o administrador, que se preocupava mais com os interesses de seu empregador do que com os seus. No que diz respeito a Stone Court, uma vez que Bulstrode desejava manter seu controle sobre o estoque e chegar a um acordo pelo qual ele próprio pudesse, caso desejasse, retomar sua distração favorita de supervisão, Caleb o aconselhou a não confiar em um simples capataz, mas alugar a terra, o estoque e os implementos anualmente, tomando para si uma parte proporcional dos rendimentos.

– Posso confiar em você para me encontrar um inquilino nestas condições, Mr. Garth? – perguntou Bulstrode. – E me indicaria o valor anual que o recompensaria adequadamente por administrar estes assuntos que discutimos juntos?

– Vou pensar sobre isso – disse Caleb com sua maneira direta. – Vou ver como posso resolver.

Se não tivesse que considerar o futuro de Fred Vincy, Mr. Garth provavelmente não teria ficado feliz com qualquer acréscimo ao seu trabalho, do qual sua esposa sempre temia que se tornasse excessivo à medida que envelhecia. Mas ao separar-se de Bulstrode depois dessa conversa, ocorreu-lhe uma ideia muito atraente sobre o dito arrendamento de Stone Court. O que aconteceria se Bulstrode concordasse em colocar Fred Vincy na fazenda, na condição de que ele, Caleb Garth, seria o responsável pela sua administração? Seria um excelente treinamento para Fred; ele poderia ter uma renda modesta e ainda teria tempo de sobra para obter conhecimento, ajudando em outros negócios. Ele mencionou sua ideia a Mrs. Garth com tão evidente deleite, que ela não se atreveu a refrear sua alegria expressando seu temor constante de que ele estava assumindo muito trabalho.

– O rapaz ficaria tão feliz! – exclamou ele, recostando-se na cadeira com aspecto radiante – se eu pudesse dizer a ele que estava tudo resolvido. Pense, Susan! Ele passou anos sonhando com aquele lugar antes que o velho Featherstone morresse. E seria bom se ele finalmente pudesse viver na fazenda trabalhando duro... depois de se envolver no negócio. Pois é bastante provável que Bulstrode o deixe continuar e gradualmente comprar parte da terra e dos animais. Sei que ele ainda não decidiu se vai ou não se estabelecer em outro lugar. Nunca fiquei tão satisfeito com uma ideia em minha vida! E então, com o tempo, os meninos poderiam se casar, Susan!

– Você não dirá nada a Fred até que tenha certeza de que Bulstrode concordará com o plano, não é? – disse Mrs. Garth, em um tom gentil de cautela. – E quanto ao casamento, Caleb, nós, os mais velhos, não precisamos apressá-lo.

– Ah, eu não sei – disse Caleb, balançando a cabeça. – O casamento é uma coisa que domina as pessoas. Fred necessitaria menos de mim e dos meus freios. De qualquer forma, não direi nada até conhecer o terreno que estou pisando. Vou falar com Bulstrode novamente.

Ele aproveitou a primeira oportunidade para fazê-lo. Bulstrode tinha tudo, menos um grande interesse por seu sobrinho Fred Vincy, mas ele tinha um forte desejo de assegurar os serviços de Mr. Garth em vários e dispersos assuntos de negócios, nos quais ele certamente teria uma perda considerável se estivessem nas mãos de um administrador menos consciencioso. Com base nisso, ele não fez nenhuma objeção à proposta de Mr. Garth, e havia também outra razão pela qual não lamentou dar um consentimento que beneficiaria alguém da família Vincy. Mrs. Bulstrode, tendo conhecimento das dívidas de Lydgate, quis saber se o marido não poderia fazer algo pela pobre Rosamond. Ela ficou muito preocupada ao saber que os assuntos de Lydgate não tinham uma solução fácil, e que o mais prudente seria que “seguissem seu curso”. Mrs. Bulstrode disse pela primeira vez:

– Creio que você sempre se mostra um pouco duro com minha família, Nicholas. E estou certa de que não tenho motivos para renegar qualquer um dos meus parentes. Eles podem ser muito mundanos, mas ninguém pode dizer que não são respeitáveis.

– Minha querida Harriet – disse Mr. Bulstrode, estremecendo sob o olhar da esposa, cujos olhos se enchiam de lágrimas –, eu supri seu irmão com grandes quantidades de capital. Não cabe a mim cuidar de seus filhos casados.

Aquilo parecia certo e o protesto de Mrs. Bulstrode transformou-se em lamentos pela pobre Rosamond, de cuja educação extravagante ela sempre previra os frutos.

Porém, lembrando-se daquele diálogo, Mr. Bulstrode sentiu que, quando tivesse que conversar com sua esposa sobre seu plano de deixar Middlemarch, ele ficaria feliz em dizer a ela que havia feito um acordo que poderia beneficiar seu sobrinho Fred. No momento, ele apenas mencionara a ela que pensava em

fechar sua casa atual por alguns meses e alugar uma casa na costa sul.

Consequentemente, Mr. Garth obteve a confirmação que desejava: no caso da partida de Bulstrode de Middlemarch por um tempo indefinido, Fred Vincy deveria ter o arrendamento de Stone Court nos termos propostos.

Caleb estava tão entusiasmado com essa “virada” das coisas, que se seu autocontrole não tivesse sido reforçado por uma afetuosa repreensão da mulher, ele teria contado tudo a Mary, com o desejo de “dar um consolo à menina”. No entanto, ele se conteve e manteve em sigilo absoluto de Fred certas visitas que fazia a Stone Court, a fim de examinar mais detalhadamente o estado da terra e do gado, e fazer uma estimativa preliminar. Ele certamente estava mais ansioso por essas visitas do que a provável velocidade dos acontecimentos, mas ele estava estimulado pelo paterno deleite de ocupar sua mente com essa parcela de felicidade, que ele guardava como um presente de aniversário escondido para Fred e Mary.

– Mas suponha que todo o esquema acabe sendo um castelo no ar? – disse Mrs. Garth.

– Bem, bem – respondeu Caleb –, o castelo não cairá sobre a cabeça de ninguém.

CAPÍTULO LXIX

“Se ouviu uma palavra, deixe-a morrer com você.”
– Eclesiástico

Mr. Bulstrode ainda estava sentado em seu escritório no banco por volta das três horas do mesmo dia em que recebera Lydgate, quando um assistente entrou para dizer que seu cavalo estava esperando, e também que Mr. Garth desejava falar com ele.

– Certamente – disse Bulstrode, e Caleb entrou. – Por favor, sente-se, Mr. Garth – continuou o banqueiro, com sua voz suave. – Estou feliz que tenha chegado a tempo de me encontrar aqui. Eu sei que você valoriza cada minuto.

– Bem – disse Caleb, gentilmente, com um movimento lento de cabeça para um lado, enquanto se sentava e colocava o chapéu no chão. Ele olhou para baixo, inclinando-se para a frente e deixando seus longos dedos caírem entre as pernas, enquanto movia cada dedo sucessivamente, como se estivesse compartilhando algum pensamento que preenchia sua grande e tranquila testa.

Mr. Bulstrode, como qualquer pessoa que conhecia Caleb, estava habituado à sua parcimônia quando abordava qualquer assunto que considerasse importante, e esperava que estivesse prestes a recorrer à compra de algumas casas em Blindmans’s Court, para derrubá-las, como um sacrifício de propriedades que seria amplamente recompensado pela entrada de ar e luz naquele local. Era por meio de propostas desse tipo que Caleb, às vezes, tornava-se problemático para seus empregadores, mas ele normalmente encontrava Bulstrode favorável para aprovar seus projetos de melhoria, e eles se davam bem. No entanto, quando ele voltou a falar foi para dizer, com uma voz bastante moderada:

– Estou vindo de Stone Court, Mr. Bulstrode.

– Não encontrou nada de errado lá, espero – disse o banqueiro –, eu mesmo estive lá ontem. Abel se deu bem com os cordeiros este ano.

– Ah, sim – disse Caleb, erguendo os olhos com expressão séria – sim, há algo de errado... um forasteiro, que está muito doente, eu acho. Ele precisa de um médico, e é por isso que eu vim lhe contar. O nome dele é Raffles.

Ele viu o impacto que suas palavras causaram em Bulstrode. O banqueiro havia pensado que suas inquietações estavam constantemente vigilantes e que não seria apanhado de surpresa, mas havia se enganado.

– Pobre criatura! – disse ele, em tom compassivo, embora seus lábios tremessem ligeiramente. – Sabe como ele chegou lá?

– Eu mesmo o levei – disse Caleb, calmamente –, eu o levei em meu cabriolé. Ele havia descido da diligência e caminhava um pouco além da curva da portagem quando eu o alcancei. Ele se lembrou de que me havia visto com o senhor em uma ocasião em Stone Court, e me pediu para levá-lo até lá. Eu percebi que ele estava doente e me pareceu a coisa certa a fazer, abrigá-lo sob um teto. E agora creio que o senhor não deve perder tempo em buscar um médico para ele – Caleb pegou o chapéu do chão ao concluir e se levantou lentamente de sua cadeira.

– Certamente – disse Bulstrode, cuja mente se encontrava muito ativa. – Talvez você mesmo possa me fazer um favor, Mr. Garth, e avisar Mr. Lydgate quando passar... não, espere! A esta hora ele provavelmente deve estar no hospital. Enviarei um criado a cavalo com um recado e eu mesmo irei a Stone Court.

Bulstrode escreveu rapidamente uma nota e saiu para entregá-la pessoalmente ao criado. Quando voltou, Caleb estava de pé como antes, com uma das mãos nas costas da cadeira, segurando o chapéu com a outra. Na mente de Bulstrode, o pensamento dominante era: *Talvez Raffles só tenha falado com Garth sobre sua doença. Garth pode estar surpreso, como da outra vez, que aquele sujeito maltrapilho alegue ter alguma intimidade comigo, mas ele não deve saber de nada. E nossas relações são boas, posso ser útil a ele.*

O banqueiro ansiava por alguma confirmação dessa conjectura esperançosa, mas fazer qualquer pergunta sobre o que Raffles havia dito ou feito seria trair seu medo.

– Estou extremamente agradecido a você, Mr. Garth – disse ele, em seu habitual tom cortês. – Meu criado estará de volta em alguns minutos, e então irei eu mesmo ver o que pode ser feito por aquela infeliz criatura. Talvez você tenha algum outro assunto comigo? Se for assim, por favor, sente-se.

– Obrigado – disse Caleb, fazendo um leve gesto com a mão direita para dispensar o convite. – Eu gostaria de dizer, Mr. Bulstrode, que devo pedir-lhe que coloque seu negócio em outras mãos que não as minhas. Fico muito agradecido pela generosidade com a qual consentiu com o... o arrendamento de Stone Court, e todos os outros negócios. Mas eu não posso continuar.

Uma certeza aguda atravessou a alma de Bulstrode como uma navalha.

– Isso é muito repentino, Mr. Garth – foi tudo o que ele conseguiu dizer no momento.

– Sim, é – disse Caleb –, mas é definitivo. Eu não posso continuar.

Ele falou com uma firmeza muito gentil, mas pôde ver que Bulstrode parecia se encolher sob aquela gentileza, que seu rosto parecia seco e que desviava os olhos antes pousados sobre ele. Caleb sentiu uma enorme compaixão, mas não poderia ter usado nenhum pretexto para explicar sua decisão, mesmo que tivesse alguma utilidade.

– Você foi levado a isso, eu acho, por algumas calúnias a meu respeito, proferidas por aquela infeliz criatura – disse Bulstrode, agora ansioso para conhecer toda a verdade.

– É verdade. Não posso negar que agi de acordo com o que ouvi dele.

– Você é um homem muito consciente, Mr. Garth; um homem, eu confio, que se sente responsável perante Deus. Você não vai querer me prejudicar por estar disposto a dar crédito a calúnias – disse Bulstrode, procurando súplicas que pudessem ser adaptadas à mente de seu ouvinte. – Esta é uma razão muito pobre para desistir de uma relação que acredito poderia ser mutuamente benéfica.

– Eu não prejudicaria ninguém se pudesse evitar – disse Caleb –, nem mesmo se eu achasse que Deus faria vistas grossas sobre isso. Confio que sempre me mostrarei piedoso com um semelhante. Mas... sou obrigado a acreditar que esse Raffles não está mentindo. E não posso ser feliz trabalhando com o senhor, ou me beneficiando graças a você. Vai contra tudo o que acredito. Devo implorar que procure outro administrador.

– Muito bem, Mr. Garth. Mas ao menos devo ter o direito de saber o pior que foi dito sobre mim. Devo ter conhecimento da retórica sórdida da qual posso ser uma vítima – disse Bulstrode, em quem a ira começava a misturar-se com a humilhação diante daquele homem tranquilo que renunciava a seus benefícios.

– Isso é desnecessário – disse Caleb, com um gesto de mão, inclinando a cabeça ligeiramente, e não se desviando do tom que tinha a intenção misericordiosa de poupar aquele homem digno de compaixão. – O que ele me disse nunca sairá dos meus lábios, a menos que algo que agora desconheço me obrigue a fazê-lo. Se o senhor levou uma vida desonrosa para enriquecer, e por engano privou outros de seus direitos de enriquecer ainda mais, ouso dizer que se o senhor se arrepende... e gostaria de voltar atrás, mas não pode; isso deve ser muito difícil – Caleb fez uma pausa e balançou a cabeça –, e não sou eu quem vai tornar a sua vida ainda mais difícil.

– Mas é o que está fazendo... você está tornando as coisas mais difíceis para mim – disse Bulstrode, contido em um grito de súplica. – Você torna as coisas mais difíceis para mim me dando as costas.

– Não tenho outra alternativa – disse Caleb, ainda mais gentilmente, estendendo a mão. – Sinto muito. Não vou julgá-lo dizendo “ele é mau e eu sou um virtuoso”. Deus me livre. Não sei tudo. Um homem pode errar e consertar seu erro com força de vontade, ainda que não possa limpar seu nome. É um castigo muito duro. Se este é o seu caso... sinto muito. Porém, tenho um princípio dentro de mim que me impede de continuar trabalhando para o senhor. Isso é tudo, Mr. Bulstrode. Ao que me diz respeito, todo o mais está enterrado. Tenha um bom dia.

– Um momento, Mr. Garth! – chamou Bulstrode apressadamente –, posso confiar então em sua solene promessa de que não repetirá nem para um homem nem para uma mulher o que... ainda que houvesse algum grau de verdade nisso... no momento não passa de uma representação maliciosa?

A ira de Caleb foi despertada, e ele disse, indignado:

– Por que eu deveria ter dito isso se não tivesse a intenção de fazê-lo? Não tenho medo de você. Histórias como esta jamais tentarão a minha língua.

– Peço desculpas... estou nervoso... sou vítima desse homem incontrolável.

– Espere um momento! Você tem que considerar se não contribuiu para torná-lo pior, quando se aproveitou de seus vícios.

– Você está sendo injusto comigo ao acreditar tão prontamente nele – disse Bulstrode, estarrecido, como se estivesse no meio de um pesadelo, pela incapacidade de negar categoricamente o que Raffles poderia ter dito, e ainda sentindo um alívio por Caleb não lhe exigir uma negativa direta.

– Não – disse Caleb, levantando a mão suplicante – estou disposto a retificar minha opinião se provar que estou errado. Não vou lhe privar de nenhuma oportunidade. E quanto a falar, considero um crime expor o pecado de um homem, a menos que esteja claro que deva ser feito para salvar inocentes. Esta é minha maneira de pensar, Mr. Bulstrode, e o que eu digo, não preciso jurar. Tenha um bom dia.

Algumas horas mais tarde, quando já estava em casa, Caleb incidentalmente comentou com sua esposa que haviam surgido algumas pequenas diferenças com Bulstrode e que, em consequência, havia desistido da administração de Stone Court, assim como de outros negócios do banqueiro.

– Ele estava disposto a interferir demais, não é? – disse Mrs. Garth, imaginando que seu marido havia sido tocado em seu ponto sensível, ao ser impedido de seguir seu próprio critério a respeito de materiais e formas de trabalho.

– Bem – disse Caleb, inclinando a cabeça e acenando com a mão gravemente. Mrs. Garth sabia que isso era um sinal de que ele não pretendia falar mais sobre

o assunto.

Quanto a Bulstrode, ele quase imediatamente montou em seu cavalo e partiu para Stone Court, ansioso por chegar lá antes de Lydgate.

Sua mente estava repleta de imagens e conjecturas, que eram uma linguagem para seus medos e suas esperanças, assim como ouvimos os tons das vibrações que abalam todo o nosso sistema. A profunda humilhação com a qual havia estremecido diante do conhecimento de Caleb Garth sobre seu passado, assim como a rejeição do seu patronato, flutuava e quase dava lugar à sensação de segurança diante do fato de que fora Garth, e nenhum outro, o homem com quem Raffles havia falado. Pareceu-lhe uma espécie de prova de que a Providência pretendia resgatá-lo de consequências piores, deixando assim o caminho aberto para a esperança do segredo. Que Raffles estivesse enfermo, que ele deveria ter sido levado a Stone Court e não a outro lugar... o coração de Bulstrode palpitava diante da visão das probabilidades que a sucessão de eventos evocava. Se fosse poupado do perigo da desonra... se pudesse respirar em perfeita liberdade... sua vida estaria mais consagrada do que nunca. Ele ergueu mentalmente tal promessa, como se pretendesse exigir o resultado desejado... tentou acreditar na força daquela decisão devota... sua força para provocar a morte. Ele sabia que deveria dizer: “Seja feita a Tua vontade”, e disse isso muitas vezes. Porém, permanecia o desejo intenso de que a vontade de Deus pudesse ser a morte daquele homem odiado.

No entanto, ao chegar a Stone Court, ele não pôde ver a mudança em Raffles sem sofrer um choque. Se não fosse por sua palidez e fraqueza, Bulstrode teria classificado a mudança como um transtorno mental. No lugar do humor alardeador e provocador, ele demonstrava um terror vago e intenso, e parecia querer aplacar a ira de Bulstrode, porque o dinheiro havia sumido... ele havia sido roubado... tinham levado a metade. Ele só tinha voltado porque estava doente e alguém o estava perseguindo... alguém estava atrás dele; ele não havia dito nada a ninguém, havia mantido a boca fechada. Bulstrode, sem saber o significado desses sintomas, interpretou essa nova suscetibilidade nervosa como

um meio de obter do aterrorizado Raffles uma confissão verdadeira, e o acusou de mentir ao afirmar que não havia dito nada, já que acabara de contar ao homem que o havia levado a Stone Court em seu cabriolé. Raffles negou tudo com juramentos solenes; o fato é que vinha tempo alguns lapsos de memória, e que sua narrativa minuciosa e aterrorizada para Caleb Garth havia sido fruto de um conjunto de impulsos visionários, que logo voltaram a desaparecer na escuridão.

O coração de Bulstrode encolheu novamente diante deste sinal de que não conseguia entender a mente do infeliz, e que não podia confiar em nenhuma palavra de Raffles a respeito do que mais queria saber, ou seja, se ele realmente tinha mantido silêncio com todos na vizinhança, exceto com Caleb Garth. A governanta lhe disse, sem o menor constrangimento, que desde a partida de Mr. Garth, Raffles havia pedido cerveja, e depois disso não disse mais uma palavra, dando a impressão de estar muito doente. Por este lado, pode-se concluir que não houve traição. Mrs. Abel, assim como os demais criados de sua residência principal, acreditavam que o homem estranho pertencia ao grupo de desagradáveis “parentes” que formam parte dos problemas dos ricos. A princípio, ela havia atribuído o parentesco a Mr. Rigg, e onde ainda havia bens, a presença barulhenta de parasitas desse tipo parecia bastante natural. Como ele poderia ser “parente” de Bulstrode também não estava muito claro, mas Mrs. Abel concordou com seu marido que “não importava”, um pensamento que abrigava grande alimento mental, de modo que com um movimento de cabeça ela afastou maiores especulações.

Em menos de uma hora, Lydgate chegou. Bulstrode encontrou-se com ele do lado de fora da sala de lambris onde Raffles estava, e disse:

– Eu o chamei, Mr. Lydgate, para atender um infeliz que há muitos anos esteve a meu serviço. Depois disso, ele foi para a América e, temo, voltou a uma vida ociosa e dissoluta. Como é um indigente, eu me senti na obrigação de ajudá-lo. Ele estava ligeiramente ligado a Rigg, o antigo dono deste lugar, e em consequência encontrou seu caminho até aqui. Creio que está gravemente

doente; aparentemente, sua mente está afetada. Eu me sinto obrigado a fazer o que puder por ele.

Lydgate, que tinha fortemente a lembrança de sua última conversa com Bulstrode, não estava disposto a dizer palavras desnecessárias e limitou-se a fazer um gesto com a cabeça como resposta, mas pouco antes de entrar na sala, ele se virou automaticamente e perguntou:

– Qual é o seu nome? – conhecer os nomes fazia parte do trabalho tanto do médico quanto do político.

– Raffles, John Raffles – disse Bulstrode, que acreditava que, não importava o que acontecesse com Raffles, Lydgate não deveria ter mais informações sobre ele.

Depois de examinar e avaliar minuciosamente o paciente, Lydgate ordenou que ele fosse para a cama e que se mantivesse o mais quieto possível, e então foi com Bulstrode para a outra sala.

– Vejo que é um caso sério – disse o banqueiro, antes que Lydgate começasse a falar.

– Não... e sim – disse Lydgate, meio duvidoso. – É difícil decidir sobre o possível efeito de complicações de longa data, mas é um homem de constituição muito forte. Eu não diria que este ataque seja fatal, embora, é claro, seu organismo esteja em um estado delicado. Ele deve ser bem vigiado e bem atendido.

– Eu mesmo ficarei aqui – disse Bulstrode. – Mrs. Abel e seu marido não têm experiência. Não me custa nada ficar aqui esta noite, se puder me fazer o favor de levar um recado a Mrs. Bulstrode.

– Não creio que seja necessário – disse Lydgate. – Ele parece dócil e assustado, embora possa se tornar mais incontrolável. Mas há um homem na casa, não?

– Em mais de uma ocasião eu fiquei aqui alguma noite para ficar só – disse Bulstrode, com indiferença. – Estou bastante disposto a fazê-lo agora. Mrs. Abel e seu marido podem me substituir ou ajudar, se necessário.

– Muito bem. Neste caso, darei minhas instruções apenas a você – disse Lydgate, não se sentindo surpreso com uma pequena peculiaridade de Bulstrode.

– Você acredita, então, que há esperança? – perguntou Bulstrode, quando Lydgate terminou de dar suas instruções.

– Sim, a menos que haja mais complicações, o que no momento não detectei – disse Lydgate. – Ele pode passar para uma fase pior, mas não me surpreenderia se melhorasse em alguns dias, desde que siga o tratamento que prescrevi. Deve haver firmeza. Lembre-se, se ele pedir qualquer tipo de bebida alcoólica, não ceda. Em minha opinião, os homens em sua condição são mais frequentemente mortos pelo tratamento do que pela doença. Mesmo assim, novos sintomas podem surgir. Voltarei amanhã de manhã.

Depois de esperar pelo bilhete para Mrs. Bulstrode, Lydgate partiu a cavalo, sem fazer, a princípio, nenhuma conjectura sobre a história de Raffles, mas repassou toda a controvérsia que recentemente havia sido renovada pela publicação da vasta experiência do Dr. Ware na América quanto à maneira correta de tratar casos de envenenamento por álcool como aquele que tinha em mãos.

Lydgate, quando no exterior, já se interessara pela questão e estava fortemente convencido contra a prática prevalente de permitir o álcool e administrar persistentemente grandes doses de ópio; repetidamente havia atuado com êxito segundo a própria convicção.

O homem está muito doente, pensou ele, *mas ainda resta muita força. Suponho que seja um beneficiário da caridade de Bulstrode. Que curiosas são a dureza e a ternura que compõem o modo de ser dos homens. Bulstrode parece ser o sujeito mais antipático do mundo com algumas pessoas, e, ainda assim, se preocupa e gasta muito dinheiro com atos de caridade. Suponho que exista alguma escala pela qual ele descobre por quem os céus se preocupam... e decidiu que eu não sou um deles*. Essa onda de amargura vinha de uma fonte abundante, e continuou aumentando na corrente de seus pensamentos enquanto se aproximava de Lowick Gate. Ele não havia voltado desde sua primeira

conversa com Bulstrode pela manhã, tendo sido encontrado no hospital pelo mensageiro do banqueiro, e pela primeira vez voltava para sua casa sem qualquer expectativa que lhe permitisse manter a esperança de conseguir dinheiro suficiente para livrá-lo da iminente destituição de tudo que tornava sua vida de casado tolerável, tudo que restava a ele e Rosamond daquele árido isolamento em que seriam forçados a reconhecer quão pouco consolo poderiam ser um para o outro. Era mais suportável prescindir de receber carinho do que ver que seu próprio carinho não compensava a falta de outras coisas para ela. Os sofrimentos de seu próprio orgulho procedentes de humilhações passadas e futuras eram muito intensos, mas dificilmente os diferenciava da dor ainda mais aguda que o dominava: a dor de prever que Rosamond viria a considerá-lo principalmente como a causa da sua decepção e infelicidade. Ele nunca havia gostado das improvisações da pobreza e elas jamais haviam formado parte de suas perspectivas, mas agora ele começava a imaginar que eram duas criaturas que se amavam e possuíam um arsenal de pensamentos em comum, poderiam rir dos móveis surrados e dos cálculos para saber o quanto poderiam comprar de manteiga e ovos. Porém, a visão poética da pobreza parecia tão distante quanto a despreocupação com a idade do ouro. Na mente da pobre Rosamond, não havia espaço suficiente para que o luxo parecesse insignificante. Ele desceu do cavalo com tristeza e entrou na casa, sem esperar mais alegria do que lhe proporcionaria o jantar, e refletindo que antes que a tarde terminasse seria conveniente contar a Rosamond o seu pedido a Bulstrode, e também o seu fracasso. Seria bom não perder tempo preparando-a para o pior.

Porém, o jantar teve de esperar bastante antes que pudesse ser consumido. Assim que entrou, ele descobriu que o agente de Dover já havia colocado um homem na casa e, quando perguntou por Mrs. Lydgate, foi informado que ela estava em seu quarto. Ele subiu e a encontrou esticada na cama, pálida e silenciosa, sem que um simples gesto oferecesse uma resposta às palavras ou olhar do marido. Ele sentou-se ao seu lado na cama, inclinou-se sobre ela e disse, quase como um grito de súplica:

– Perdoe-me por todo este horror, minha pobre Rosamond! Vamos apenas seguir nos amando.

Ela olhou para ele em silêncio, o rosto pálido pelo desespero, e então as lágrimas começaram a inundar seus olhos azuis e seus lábios tremeram. Aquele homem forte já tinha suportado muita coisa naquele dia. Ele deixou cair a cabeça ao lado da dela e soluçou.

Ele não a impediu de ir para a casa do pai bem cedo no dia seguinte... parecia agora que ele não deveria impedi-la de fazer o que bem entendesse. Ela voltou depois de meia hora dizendo que papai e mamãe queriam que ela ficasse com eles enquanto as coisas estivessem naquele estado calamitoso. Papai disse que nada poderia fazer a respeito da dívida... se pagasse esta, haveria mais meia dúzia delas. Seria melhor ela voltar para casa de seus pais até que Lydgate tivesse encontrado um lar confortável para ela.

– Você se opõe, Tertius?

– Faça como quiser – disse Lydgate. – Mas as coisas não estão chegando a uma crise imediatamente. Não há pressa.

– Eu não devo ir até amanhã – disse Rosamond. Tenho que embalar minhas roupas.

– Eu esperaria um pouco mais, nunca se sabe o que pode acontecer – disse Lydgate, com amarga ironia. – Posso quebrar meu pescoço, e isso pode tornar as coisas mais fáceis para você.

Era um infortúnio para Lydgate, assim como para Rosamond, que seu carinho por ela, que era tanto um estímulo emocional quanto uma resolução bem ponderada, fosse inevitavelmente interrompido por essas explosões de indignação sarcásticas ou recriminatórias. Ela as considerava totalmente injustificadas e a repulsa que essa severidade excepcional lhe provocava corria o risco de tornar inaceitável a ternura mais persistente.

– Vejo que você não quer que eu vá – disse ela, com uma docilidade gélida. – Por que não pode me dizer isso sem essa agressividade? Vou ficar até que você me peça para fazer o contrário.

Lydgate não disse mais nada, mas saiu para fazer a ronda de seus pacientes. Ele se sentia machucado e despedaçado, e havia uma linha escura sob seus olhos que Rosamond não tinha visto antes. Ela não suportava olhar para ele. Tertius tinha um jeito de aceitar as coisas que as tornavam muito mais difíceis para ela.

CAPÍTULO LXX

“Nossas escolhas e feitos viajam de longe para ficar conosco,
E o que temos sido nos torna o que somos.”

O primeiro objetivo de Bulstrode depois que Lydgate deixou Stone Court foi examinar os bolsos de Raffles, que imaginava conteriam recibos de contas de hotel dos lugares onde esteve, caso tivesse mentido ao dizer que vinha direto de Liverpool porque estava doente e não tinha dinheiro. Havia vários recibos enfiados em sua carteira, mas nenhum com data posterior ao Natal, exceto um com a data daquela manhã. Este estava amassado junto com um folheto sobre uma feira de cavalos em um de seus bolsos traseiros e representava o custo de três diárias em uma estalagem em Bilkley, onde a feira era realizada, uma cidade a pelo menos quarenta milhas de Middlemarch. A conta era elevada e, como Raffles não tinha bagagem com ele, parecia provável que tivesse deixado sua mala como pagamento, a fim de economizar dinheiro para a passagem, pois ele não carregava dinheiro e tinha apenas algumas moedas soltas nos bolsos.

Bulstrode foi invadido por uma sensação de tranquilidade a partir daquelas indicações de que Raffles realmente se mantivera distante de Middlemarch desde sua memorável visita no Natal. Distante e em meio a pessoas que eram estranhas a Bulstrode, que satisfação poderia haver na veia provocadora e pretensiosa de Raffles, para contar velhas histórias escandalosas sobre um banqueiro de Middlemarch? E que mal poderia haver se ele falasse? O principal agora era vigiá-lo enquanto houvesse o perigo daquele delírio inteligível, daquele impulso inexplicável de contar coisas como fizera com Caleb Garth, e Bulstrode estava muito ansioso, temendo que o mesmo impulso se apoderasse dele na presença de Lydgate. Ele ficou sentado sozinho com o enfermo durante a noite, apenas dando

ordens à governanta que fosse se deitar vestida, para estar pronta quando ele a chamasse, alegando sua própria indisposição para dormir ou sua preocupação para cumprir as ordens do médico, as quais ele cumpriu fielmente, embora Raffles pedisse incessantemente por conhaque e declarasse que estava afundando, que a terra estava afundando embaixo dele. Ele estava inquieto e sem sono, mas ainda vacilante e controlável. Com a oferta da comida recomendada por Lydgate, que ele recusou, e a negação de outras coisas que exigia, ele parecia concentrar todo o seu terror em Bulstrode, implorando que abandonasse sua raiva, sua vingança matando-o de fome e declarando com veemência que não havia dito a nenhum mortal nem uma palavra contra ele. Bulstrode sentiu que não gostaria que Lydgate ouvisse nem mesmo isso, mas um sinal mais alarmante de alternância espasmódica em seu delírio foi que, ao amanhecer, Raffles de repente pareceu imaginar que havia um médico presente, dirigindo-se a ele e declarando que Bulstrode queria matá-lo de fome por vingança por ter contado o que nunca havia revelado.

A autoridade natural de Bulstrode e sua força de vontade o ajudaram muito. Aquele homem de aparência delicada, de transtornos nervosos, encontrou o estímulo necessário naquelas circunstâncias extenuantes, e durante aquela noite e manhã difíceis, enquanto mantinha o aspecto de um cadáver animado, a quem havia sido devolvida a capacidade de se mover, porém sem o calor vital, que mantinha o domínio por sua impassibilidade gélida, sua mente trabalhava intensamente, pensando contra quem deveria se proteger e no que lhe traria segurança. Independentemente das orações que pudesse elevar, das manifestações internas a respeito da condição espiritual daquele miserável, e da obrigação que ele mesmo tinha de se submeter ao castigo divino, designado a ele para não desejar o mau ao próximo por meio de todo aquele esforço para condensar as palavras em um estado mental sólido, as imagens dos eventos que desejava se impunham e estendiam com irresistível realidade. E na sequência dessas imagens vinha a desculpa. Ele não podia deixar de desejar a morte de Raffles e ver nela sua própria libertação. Que importava a morte desta criatura

miserável? Ele era impenitente... mas, os criminosos públicos não eram todos impenitentes? Se a Providência, neste caso, concedesse sua morte, não haveria pecado em contemplá-la como um desenlace desejável... se ele evitasse que suas mãos a apressassem... se ele seguisse escrupulosamente o que havia sido prescrito. Mesmo aqui, poderia haver um erro; as prescrições humanas são coisas falíveis. Lydgate havia dito que em certas ocasiões o tratamento havia apressado a morte... por que não o seu próprio método de tratamento? Mas é claro que a intenção é tudo na questão do bem e do mal.

Bulstrode se dispôs a manter sua intenção separada de seu desejo. Interiormente declarou que pretendia obedecer às ordens. Por que deveria ter entrado em qualquer discussão sobre a validade dessas ordens? Era apenas um truque comum do desejo, que se aproveita de qualquer ceticismo irrelevante, encontrando um espaço maior para si mesmo na incerteza dos efeitos, na obscuridade que parece uma ausência de lei. Ainda assim, ele obedeceu às ordens.

Sua angústia revertia constantemente a Lydgate, e sua lembrança do que acontecera entre eles na manhã anterior era acompanhada de sentimentos que não haviam sido despertados de forma alguma durante a cena real. Naquele momento, ele se importou muito pouco com os comentários magoados de Lydgate a respeito da mudança sugerida no hospital, ou a atitude que poderia provocar em relação a ele mesmo o que o banqueiro considerava uma recusa justificável a um pedido um tanto exorbitante. Ele revisitou a cena com a percepção de que provavelmente fizera de Lydgate seu inimigo, e manifestou um desejo de se reconciliar com ele, ou melhor, de criar nele um forte sentimento de obrigação pessoal. Ele lamentou não ter feito um sacrifício de dinheiro, mesmo que pouco razoável, pois, no caso de suspeitas desagradáveis, ou mesmo de conhecimento obtido através dos delírios de Raffles, Bulstrode poderia contar com o apoio de Lydgate por ter conferido a ele um benefício tão importante. Mas o arrependimento talvez tenha chegado tarde demais.

Comovente e estranho conflito de alma deste homem infeliz, que durante

anos havia desejado ser melhor do que era, que havia disciplinado suas paixões egoístas com indumentárias diversas, para que pudesse caminhar envolto com elas como se fosse um corista devoto, até que o terror surgisse entre elas e o impedissem de cantar, extraindo por vezes alguns gritos vulgares para se salvar.

Era quase meio-dia quando Lydgate chegou; ele tinha a intenção de ir mais cedo, mas disse que havia sido detido e Bulstrode observou seu aspecto abatido. No entanto, ele imediatamente se dedicou ao paciente e pediu detalhes sobre tudo o que havia acontecido. Raffles estava pior, quase não comia, passava quase todo o tempo desperto e delirava incessantemente, mas seguia sem demonstrar violência. Contrariando a expectativa alarmante de Bulstrode, ele deu pouca atenção à presença de Lydgate, e continuou falando e murmurando coisas sem sentido.

– O que lhe parece? – disse Bulstrode, em privado.

– Os sintomas pioraram.

– Você está menos esperançoso?

– Não, eu ainda acho que ele pode se recuperar. Você vai ficar aqui? – perguntou Lydgate, olhando para Bulstrode com uma pergunta abrupta que o deixou inquieto, embora na realidade não obedecesse a nenhuma conjectura suspeita.

– Sim, creio que sim – disse Bulstrode, controlando-se e falando com deliberação. – Mrs. Bulstrode está informada das razões que me detêm aqui. Mrs. Abel e seu marido não têm experiência o suficiente para ficarem sozinhos e este tipo de responsabilidade dificilmente está incluída no serviço que prestam a mim. Suponho que tenha novas instruções.

A principal e nova instrução de Lydgate era a administração de doses extremamente moderadas de ópio, no caso de a insônia persistir após várias horas. Ele tomara a precaução de colocar o ópio no bolso e deu instruções minuciosas a Bulstrode quanto às doses e o momento em que deveriam cessar. Ele insistiu no risco de não cessar a tempo e repetiu sua ordem de que não dessem álcool ao paciente.

– Pelo que vejo do caso – concluiu ele –, o narcotismo é a única coisa de que devo temer. Ele é capaz de resistir até sem muita comida. Ele tem muita força.

– Você também parece abatido, Mr. Lydgate... algo muito incomum, posso dizer que é algo sem precedentes pelo que sei a seu respeito – disse Bulstrode, mostrando uma solicitude bem distinta da sua indiferença no dia anterior, quando sua preocupação consigo mesmo e sua saúde diferia de sua inquietude atual de ser delatado. – Parece estar aflito.

– Sim, estou – disse Lydgate, bruscamente, com o chapéu nas mãos e pronto para ir embora.

– Algo novo, eu receio – disse Bulstrode, inquisitivamente. – Por favor, sente-se.

– Não, obrigado – disse Lydgate, com alguma altivez. – Eu mencionei a você ontem qual era a minha situação. Não há nada a acrescentar, exceto que a execução, desde então, foi realmente levada para dentro da minha casa. Pode-se dizer uma grande quantidade de problemas em uma frase curta. Tenha um bom dia.

– Fique, Mr. Lydgate, fique – disse Bulstrode –, eu estive reconsiderando este assunto. Eu fui pego de surpresa ontem, e só pensei nisso superficialmente. Mrs. Bulstrode está ansiosa por sua sobrinha, e eu mesmo deveria lamentar uma mudança calamitosa em sua situação. As reclamações sobre mim são numerosas, mas reconsiderando, penso que é justo que eu deva incorrer em um pequeno sacrifício em vez de deixá-lo desassistido. Você disse, eu acho, que mil libras seriam suficientes para livrá-lo de seus fardos e permitir que você recuperasse uma posição firme?

– Sim – disse Lydgate, com uma sensação de imensa alegria que se impunha a todos os outros sentimentos –, isso saldaria todas as minhas dívidas e me deixaria um pouco disponível. Eu poderia começar a economizar em nosso estilo de vida. E, com o tempo, melhorar meu consultório.

– Se você esperar um momento, Mr. Lydgate, vou preencher um cheque nesse valor. Estou ciente de que a ajuda, para ser eficaz nesses casos, deve ser

total.

Enquanto Bulstrode escrevia, Lydgate voltou-se para a janela pensando em sua casa... pensando em sua vida que recomeçava, salva da frustração, seus bons propósitos ainda intactos.

– Você pode me dar um recibo para isso, Mr. Lydgate – disse o banqueiro, avançando em sua direção com o cheque. – E logo, espero, você estará em condições de devolvê-lo gradualmente. Enquanto isso, me contento em pensar que você está livre de novas dificuldades.

– Estou profundamente agradecido – disse Lydgate. – Você me devolveu a perspectiva de trabalhar com alegria e a possibilidade de fazer o bem.

Pareceu a Lydgate um gesto muito natural de Bulstrode que houvesse reconsiderado sua recusa: correspondia ao lado mais generoso de seu caráter. Porém, ao colocar o cavalo para trotar para que pudesse chegar em casa o quanto antes e dar as boas-novas a Rosamond e trocar o cheque no banco para pagar o agente de Dover, passou por sua mente, com uma desagradável impressão de mau augúrio, o pensamento daquele contraste de si mesmo que os últimos meses trouxeram... de estar encantado por estar sob uma forte obrigação pessoal... de estar encantado em conseguir dinheiro através de Bulstrode.

O banqueiro sentiu que havia feito algo para neutralizar uma das causas de sua inquietação e, no entanto, ainda não estava tranquilo. Ele não mediu a quantidade de motivos doentios que o haviam feito desejar a boa vontade de Lydgate, mas eles estavam todos ali, como um agente irritante em seu sangue. Um homem faz votos, mas não rejeita os meios de quebrar seu voto. Teria ele a clara intenção de quebrá-lo? De maneira alguma; mas os desejos que tendem a quebrá-lo estavam agindo de forma sombria dentro dele, penetrando em sua imaginação e relaxando seus músculos nos momentos em que ele repete a si mesmo pela enésima vez as razões de seu voto. Raffles, recuperando-se rapidamente, voltando ao uso livre de seus odiosos poderes... como Bulstrode poderia desejar que isso acontecesse? Raffles morto era a imagem que lhe trazia a liberação e ele indiretamente orava por essa maneira de escapar, suplicando

que, se possível, pelo resto de seus dias na Terra estivesse livre da ameaça de uma ignomínia que o destruiria completamente como um instrumento a serviço de Deus. A opinião de Lydgate não estava do lado da promessa de que essa oração fosse atendida e à medida que o dia avançava, Bulstrode foi ficando mais irritado diante da persistência de vida daquele homem a quem ele gostaria de ter visto afundando no silêncio da morte. A vontade imperiosa despertou seus impulsos assassinos em direção àquela vida bruta, sobre a qual a vontade, por si mesma, tinha mais domínio. Ele disse a si mesmo que estava ficando muito cansado e que não se sentaria ao lado do paciente naquela noite, mas o deixaria com Mrs. Abel, que, se necessário, poderia chamar seu marido.

Às seis horas, Raffles, depois de apenas alguns poucos momentos de sono perturbados e intermitentes, despertou com renovada inquietação e gritos constantes de que estava afundando. Bulstrode começou a administrar o ópio de acordo com as instruções de Lydgate. Ao cabo de meia hora ou mais, ele chamou Mrs. Abel e disse-lhe que não estava em condições de continuar assistindo o doente. Ele agora deveria entregar o paciente aos seus cuidados e repetiu as instruções de Lydgate quanto à quantidade de cada dose. Mrs. Abel não tinha conhecimento das prescrições de Lydgate; ela simplesmente preparou e trouxe tudo o que Bulstrode ordenou, e fez o que ele lhe indicou. Ela perguntou o que mais deveria fazer além de administrar o ópio.

– Nada no momento, exceto a oferta da sopa ou água gasosa. A senhora deve me consultar se precisar de novas instruções. A menos que haja alguma mudança importante, não voltarei ao quarto pelo resto da noite. Se precisar de ajuda, chame seu marido. Devo ir para a cama cedo.

– O senhor precisa mesmo dormir – disse Mrs. Abel –, e de algo mais nutritivo do que o que comeu até agora.

Bulstrode saiu do quarto, mas não sem uma certa ansiedade quanto ao que Raffles poderia dizer em seu delírio, que havia assumido uma incoerência murmurante pouco propícia à credibilidade. De qualquer forma, ele deveria correr o risco. Primeiramente, ele foi à sala com revestimento de madeira e

começou a considerar se não deveria mandar selar o cavalo e votar para casa sob a luz do luar e desistir dos problemas terrenos.

Então, ele desejou ter pedido a Lydgate para voltar naquela noite. Talvez ele pudesse ter uma opinião diferente e pensar que Raffles estava entrando em uma fase menos esperançosa. Será que deveria mandar chamar Lydgate? Se Raffles estivesse realmente piorando e morrendo lentamente, Bulstrode achava que poderia ir para a cama e dormir dando graças à Providência. Mas ele estava realmente pior? Lydgate poderia vir e simplesmente dizer que estava indo como esperava, e prever que logo cairia em um bom sono e ficaria bom. De que adiantaria mandar chamá-lo? Bulstrode se encolheu diante desse prognóstico. Nenhuma ideia ou opinião poderia impedi-lo de ver a única probabilidade de que uma vez recuperado, Raffles continuaria sendo o mesmo homem de antes, com sua força de algoz renovada, obrigando-o a arrastar sua esposa para passar o resto de sua vida afastada de seus parentes e do seu lugar de nascimento, portando em seu coração uma alienante suspeita contra ele.

Estava sentado há uma hora e meia neste conflito diante do brilho do fogo da lareira, quando um pensamento repentino o fez se levantar e acender a vela que trouxera consigo. O pensamento era que ele não havia dito a Mrs. Abel quando as doses de ópio deveriam cessar.

Ele apanhou o castiçal, mas ficou imóvel por um tempo. Ela talvez já tivesse lhe administrado mais do que Lydgate havia prescrito. Mas, na sua atual condição de cansaço, era perdoável para ele que houvesse se esquecido de uma parte das indicações. Ele subiu as escadas com a vela na mão, sem saber se deveria entrar imediatamente em seu quarto e ir para a cama ou se dirigir ao quarto do paciente para retificar sua omissão. Deteve-se no corredor, com o rosto voltado para o quarto de Raffles, e ele podia ouvi-lo gemendo e murmurando. Então, não estava dormindo. Como saber se não seria melhor desobedecer às instruções de Lydgate, já que Raffles ainda não havia conseguido dormir?

Ele entrou em seu próprio quarto. Antes que tivesse acabado de se despir, Mrs. Abel bateu na porta; ele abriu alguns centímetros para que pudesse ouvi-la

dizer em voz baixa.

– Por favor, senhor, eu não deveria ter um pouco de conhaque ou algo parecido para dar ao pobre homem? Ele diz que está afundando e não quer saber de engolir... nada que o fortaleça um pouco... apenas o ópio. E fica repetindo que está afundando.

Para sua surpresa, Mr. Bulstrode não respondeu. Ele travava uma luta consigo mesmo.

– Acho que ele vai morrer por falta de sustento, se continuar assim. Quando cuidei do pobre Mr. Robisson, tinha que lhe dar vinho do porto e conhaque constantemente, e um copo grande de cada vez – acrescentou Mrs. Abel, com um toque de protesto em seu tom.

Novamente, Mr. Bulstrode não respondeu e ela continuou:

– Não há tempo a perder quando as pessoas estão à beira da morte, nem o senhor gostaria disso, estou certa. Do contrário, eu deveria dar a ele nossa própria garrafa de rum que temos guardada. Mas o senhor cuidou dele durante esse tempo todo e fez tudo o que pode...

Neste ponto, uma chave foi passada pela abertura da porta e Mr. Bulstrode disse com voz rouca:

– Esta é a chave do armário. Você encontrará bastante conhaque lá.

No início da manhã, por volta das seis, Mr. Bulstrode se levantou e passou algum tempo orando. Há alguém que supõe que as orações privadas são necessariamente sinceras... que necessariamente vão à raiz das ações? As orações são palavras audíveis, e as palavras são representativas: quem pode representar a si mesmo como realmente é, mesmo em suas próprias reflexões? Bulstrode ainda não havia desvendado em seu pensamento as sugestões confusas das últimas vinte e quatro horas. Ele escutou o corredor e pôde ouvir uma respiração forte e agonizante, esvaindo-se. Em seguida, ele saiu para o jardim e observou a geada matinal que cobria a grama e as folhas frescas da primavera. Quando voltou para casa, ficou surpreso ao ver Mrs. Abel.

– Como está seu paciente? Dormindo, eu suponho? – perguntou ele, tentando

dotar sua voz de uma certa animação.

– Ele está bem prostrado, senhor – disse Mrs. Abel. – Foi-se apagando pouco a pouco entre as três e quatro horas da madrugada. O senhor poderia dar uma olhada nele? Achei que não faria mal deixá-lo sozinho. Meu marido foi para o campo, e a menina está cuidando das chaleiras.

Bulstrode subiu. À primeira vista, ele sabia que Raffles não dormia o sono da reparação, mas aquele que flui cada vez mais fundo no abismo da morte. Ele olhou ao redor da sala e viu uma garrafa com um pouco de conhaque e o frasco de ópio quase vazio. Ele escondeu o frasco e levou a garrafa de conhaque escada abaixo com ele, trancando-a novamente no armário.

Enquanto tomava o café da manhã, ele considerava se deveria ir a Middlemarch imediatamente ou esperar a chegada de Lydgate. Decidiu esperar e pediu a Mrs. Abel que prosseguisse com seus afazeres... ele velaria o paciente.

Enquanto ele estava lá, sentado e contemplando o inimigo de sua paz irrevogavelmente em silêncio, sentiu-se mais descansado do que havia estado em muitos meses. Sua consciência foi tranquilizada pela asa envolvente do segredo, que parecia naquele momento como um anjo enviado para seu consolo. Ele apanhou sua agenda de bolso para revisar vários memorandos sobre os arranjos que havia projetado e parcialmente executado na perspectiva de deixar Middlemarch, e considerou até que ponto deveria seguir adiante ou cancelar os planos, agora que sua ausência seria breve. Talvez seu afastamento temporário da direção de alguns negócios acabasse se tornando uma ocasião adequada para fazer algumas economias que considerava desejáveis, e ainda contava que Mrs. Casaubon continuasse assumindo grande parte dos gastos com o hospital. Dessa forma, os minutos se passaram, até que uma mudança na respiração estertorosa foi marcante o suficiente para atrair sua atenção para a cama, e o obrigou a pensar na vida que partia e que uma vez tinha sido subserviente à sua própria... que um dia foi rasteira o suficiente para fazer o que havia sido ordenado a fazer. Foi a alegria passada que o impeliu agora a se alegrar com o fim daquela vida.

E quem poderia dizer que a morte de Raffles foi precipitada? Quem sabia o

que o teria salvado?

Lydgate chegou às dez e meia, a tempo de testemunhar o último suspiro. Ao entrar no quarto, Bulstrode observou uma expressão repentina em seu rosto, tanto de surpresa quanto de reconhecimento de não haver julgado acertadamente. Ele permaneceu em silêncio ao lado da cama por algum tempo, com os olhos voltados para o moribundo, mas com aquela atividade de expressão contida, que mostrava que ele estava travando um debate interior.

– Quando esta mudança começou? – perguntou ele, olhando para Bulstrode.

– Eu não fiquei com ele na noite passada – disse Bulstrode. – Eu estava exausto e o deixei aos cuidados de Mrs. Abel. Ela disse que ele caiu no sono entre três e quatro horas. Quando cheguei antes das oito, ele estava quase nessa condição.

Lydgate não fez mais perguntas, mas observou em silêncio até dizer:

– Está tudo acabado.

Naquela manhã, Lydgate estava em um estado de esperança e liberdade recuperadas. Ele havia começado seu trabalho com toda a antiga animação e se sentia forte o suficiente para suportar todas as deficiências de sua vida de casado. E ele estava ciente de que Bulstrode havia sido seu benfeitor, mas estava preocupado com aquele caso: não esperava que terminasse assim. No entanto, ele mal sabia como fazer uma pergunta sobre o assunto a Bulstrode sem parecer insultá-lo; e se ele fizesse algumas perguntas à governanta? Ora, o homem estava morto. Parecia não haver sentido em sugerir que a ignorância ou imprudência de alguém o havia matado. E, afinal, ele próprio poderia estar errado.

Lydgate e Bulstrode regressaram juntos a Middlemarch, conversando sobre muitas coisas, principalmente a doença cólera e as probabilidades de aprovação do Projeto de Lei de Reforma na Câmara dos Lordes, assim como a firme decisão das uniões políticas. Nada foi dito sobre Raffles, exceto que Bulstrode mencionou a necessidade de procurar um túmulo para ele no cemitério de Lowick e observou que, até onde ele sabia, o pobre homem não tinha parentes, exceto Rigg, a quem ele havia declarado ser hostil para com ele.

Ao voltar para casa, Lydgate recebeu a visita de Mr. Farebrother. O vigário não tinha estado na cidade no dia anterior, mas a notícia de que havia uma execução na casa de Lydgate havia chegado a Lowick no final da tarde, tendo sido o portador Mr. Spicer, sapateiro e sacristão, que por sua vez a recebeu de seu irmão, o respeitável sineiro em Lowick Gate. Desde aquela noite, quando Lydgate descera da sala de bilhar com Fred Vincy, os pensamentos de Mr. Farebrother sobre ele tinham estado bastante sombrios. Jogar no Green Dragon uma ou mais vezes poderia não ter importância para qualquer outro homem, mas para Lydgate era um dos vários sinais de que ele estava se tornando uma pessoa diferente. Ele começava a fazer coisas pelas quais até então sentia um desprezo quase excessivo. Quaisquer que fossem as insatisfações do casamento, as quais alguns comentários tolos haviam insinuado, elas poderiam estar relacionadas com essa mudança e, principalmente, com as dívidas que estavam sendo relatadas cada vez mais abertamente, e ele começou a temer que qualquer ideia de que Lydgate teria o respaldo de recursos, ou parentes que o ajudariam, fosse bastante ilusória. A rejeição que encontrou em sua primeira tentativa de ganhar a confiança de Lydgate o desencorajou a uma segunda, mas aquela notícia da execução fez o vigário superar sua relutância.

Lydgate acabara de dispensar um pobre paciente, por quem estava muito interessado, e se adiantou para lhe estender a mão com uma animação que surpreendeu Mr. Farebrother. Seria aquela uma outra rejeição orgulhosa à sua ajuda e compreensão? Não fazia diferença: ele ofereceria tanto uma como a outra.

– Como vai, Lydgate? Vim vê-lo, pois ouvi algo a seu respeito que me deixou preocupado – disse o vigário, em tom de camaradagem, mas sem o mínimo toque de censura. Os dois estavam sentados e Lydgate respondeu imediatamente:

– Acho que sei do que se trata. Você ouviu falar sobre a execução na minha casa?

– Sim. É verdade?

– Era verdade – disse Lydgate, com ar de liberdade, como se não se

importasse de falar sobre o tema agora. – Mas o perigo passou; a dívida foi paga. Eu superei minhas dificuldades, estou livre das dívidas e poderei, espero, começar de novo com um plano melhor.

– Fico muito alegre por ouvir isso – disse o vigário, recostando-se na cadeira e falando com aquela rapidez grave que muitas vezes se segue ao desaparecimento de um fardo. – Alegro-me mais com isso do que com todas as notícias do Times. Eu confesso que vim procurá-lo com o coração pesado.

– Eu agradeço por ter vindo – disse Lydgate, cordialmente. – Posso desfrutar da gentileza ainda mais porque estou mais feliz. A verdade é que estive bastante abatido. Receio que os hematomas ainda vão doer por algum tempo – acrescentou ele, sorrindo com tristeza –, mas agora eu só posso sentir o alívio por não estar mais com a corda no pescoço.

Mr. Farebrother ficou em silêncio por um momento e, então, disse seriamente:

– Meu caro amigo, deixe-me fazer uma pergunta. Perdoe-me se tomo tal liberdade.

– Não creio que vá perguntar nada que possa me ofender.

– Então... isso é necessário para tranquilizar meu coração... você não terá contraído... a fim de pagar suas dívidas... outra dívida que poderá atormentá-lo ainda mais?

– Não – disse Lydgate, levemente corado. – Não há razão para que eu não deva dizer a você... já que o fato é que... a pessoa com quem estou em dívida é Bulstrode. Ele me fez um adiantamento muito generoso... mil libras... e pode se dar ao luxo de esperar pelo reembolso.

– Bem, isso é realmente generoso – disse Mr. Farebrother, obrigando-se a elogiar o homem de quem não gostava. Sua delicadeza até mesmo evitou o pensamento de que sempre insistira para que Lydgate evitasse qualquer envolvimento pessoal com Bulstrode. Ele acrescentou imediatamente: – E Bulstrode deve naturalmente sentir interesse em seu bem-estar, depois que você trabalhou com ele de uma maneira que provavelmente reduziu sua renda no

lugar de aumentá-la. Fico feliz em pensar que ele agiu corretamente.

Lydgate se sentiu incomodado com as suposições amáveis. Elas acentuavam ainda mais o mal-estar que surgira lentamente apenas algumas horas antes, de que as razões de Bulstrode para sua repentina generosidade, se acompanhadas com fria indiferença, poderiam ser meramente egoístas. Ele as deixou de lado; não poderia contar a história do empréstimo, mas ela estava mais presente do que nunca, bem como o fato de que o vigário havia ignorado com grande delicadeza que tal relação de dívida pessoal com Bulstrode era exatamente o que ele, em outros tempos, faria de tudo para evitar.

No lugar de responder, ele começou a falar de suas economias futuras e de como considerava agora a sua vida a partir de um ponto de vista diferente.

– Vou montar uma clínica – disse ele. – Eu realmente acredito que fiz um esforço equivocado a esse respeito. Se Rosamond não se importar, eu tomarei um aprendiz. Eu não gosto dessas coisas, mas se alguém as cumprir fielmente, não há razão para serem degradantes. Eu fui muito perseguido no começo e isso fará com que os pequenos golpes pareçam fáceis.

Pobre Lydgate! Aquele “se Rosamond não se importar”, que havia dito involuntariamente como parte de seu pensamento, era uma demonstração significativa do jugo que ele carregava. Porém, Mr. Farebrother, cujas esperanças entraram fortemente na mesma corrente que as de Lydgate, e que nada sabia sobre ele que pudesse agora suscitar um pressentimento melancólico, deixou-o com afetuosas felicitações.

CAPÍTULO LXXI

Cômico: Foi no Cachos de Uvas, onde, de fato, você gosta de se sentar, não foi?
Froth: Sim, porque é uma sala aberta e boa para o inverno.
Cômico: Muito bem, então. Espero que aqui haja verdades.
– SHAKESPEARE: Medida por Medida.

Cinco dias após a morte de Raffles, Mr. Bambridge se encontrava de pé sob o grande arco que conduzia ao pátio do Green Dragon. Ele não gostava da contemplação solitária, mas acabara de sair da casa, e qualquer pessoa parada à toa sob a arcada no início da tarde atrairia companhia com a mesma certeza de um pombo que encontrasse algo que valesse a pena bicar. Neste caso, não havia nada para levar à boca, mas o olho da razão vislumbrou uma probabilidade de sustento mental na forma de boatos. Mr. Hopkins, o humilde comerciante do outro lado da rua, foi o primeiro a agir de acordo com essa visão interior, sempre cobiçando uma pequena prosa masculina, já que seus clientes eram principalmente mulheres. Mr. Bambridge foi bastante rude com o comerciante, assumindo que Hopkins, é claro, ficaria feliz em falar com ele, mas sem a intenção de gastar muita conversa com o comerciante. Entretanto, logo se formou um pequeno grupo de ouvintes mais importantes, composto por alguns transeuntes ou por algumas pessoas que haviam se aproximado do local expressamente para ver se havia algo acontecendo no Green Dragon. Mr. Bambridge, então, achou que valia a pena dizer muitas coisas impressionantes sobre os belos garanhões que tinha visto e as compras que fizera em uma viagem ao Norte de onde acabara de voltar. Aos cavalheiros presentes ele lhes garantiu que se pudessem mostrar a ele qualquer coisa melhor do que uma égua baia puro-sangue, com menos de quatro anos, que se encontrava em Doncaster se eles

decidissem dar uma olhada nela, Mr. Bambridge iria gratificá-los com uma corrida “daqui até Hereford”. Além disso, um par de cavalos negros que ele iria atrelar ao breque trazia-lhe vividamente à lembrança uma outra, que ele vendera para Faulkner por cem guinéus, e que Faulkner vendera apenas dois meses depois por cento e sessenta... a qualquer cavalheiro que pudesse refutar esta afirmação teria sido oferecido o privilégio de chamar Mr. Bambridge por um nome muito feio até que o exercício secasse sua garganta.

Quando o discurso estava nesse ponto de animação, surgiu Mr. Frank Hawley. Ele não era homem de comprometer sua dignidade vagando pelo Green Dragon, mas ao passar casualmente pela High Street e ver Bambridge do outro lado, ele deu alguns de seus longos passos para perguntar ao corretor de cavalos se havia encontrado o cavalo de primeira que ele havia encomendado para sua carruagem. Mr. Hawley foi solicitado a esperar até que ele tivesse visto um tordilho selecionado em Bilkley; se não fosse justamente o que ele buscava, Bambridge não sabia distinguir um cavalo quando estava diante do seu nariz, o que parecia ser absolutamente inconcebível. Mr. Hawley, de costas para a rua, estava marcando um horário para dar uma olhada no tordilho e experimentá-lo, quando um cavaleiro passou lentamente.

– Bulstrode! – disseram duas ou três vozes ao mesmo tempo, uma delas, a do comerciante, respeitosamente prefixando o “Mr.”, mas sem que ninguém desse mais importância ao nome do que se tivesse dito “a diligência de Riverston”, quando o veículo apareceu a distância. Mr. Hawley lançou um olhar distraído para as costas de Bulstrode, mas quando os olhos de Bambridge o seguiram, ele fez uma careta sarcástica.

– Ah, minha nossa, isso me lembra – começou ele, baixando um pouco a voz –, que eu vi e ouvi mais coisas em Bilkley além do seu cavalo, Mr. Hawley. Eu conheci uma bela história sobre Bulstrode. Sabe como ele fez sua fortuna? Qualquer cavalheiro atrás de um pouco de informação curiosa, eu posso oferecer de graça. Se todos recebessem o que merecem, Bulstrode poderia ter que fazer suas orações em Botany Bay.[161]

– O que você quer dizer? – perguntou Mr. Hawley, enfiando as mãos nos bolsos e dando alguns passos para também ficar sob a arcada. Se Bulstrode fosse um patife, Frank Hawley teria a alma de um profeta.

– Eu soube por um velho camarada de Bulstrode. Vou lhe dizer onde o encontrei pela primeira vez – contou Bambridge, com um gesto repentino do indicador. – Ele estava no leilão de Larcher, mas eu não sabia de nada na ocasião. Ele estava atrás de Bulstrode, sem dúvida, e me disse que podia tirar de Bulstrode qualquer quantia, pois conhecia todos os seus segredos. No entanto, ele me contou tudo em Bilkley: ele entorna bastante. Que eu seja enforcado se ele tinha a intenção de me fazer de testemunha de acusação ou querer incriminar seu parceiro, mas ele é esse tipo de sujeito que gosta de se vangloriar, de se gabar até mesmo de um spavin[162] na articulação do animal, como se isso pudesse render algum dinheiro. Um homem deve saber quando parar – Mr. Bambridge fez esta observação com um ar de desgosto, satisfeito porque sua própria gabolice demonstrava um bom senso do que era comercializável.

– Qual é o nome do homem? Onde ele pode ser encontrado? – perguntou Mr. Hawley.

– Quanto ao local onde ele pode ser encontrado, eu o deixei no Sarracen’s Head; mas o nome dele é Raffles.

– Raffles! – exclamou Mr. Hopkins. – Eu providenciei seu funeral ontem. Ele foi enterrado em Lowick. Mr. Bulstrode acompanhou o caixão. Um funeral muito digno.

Uma forte comoção percorreu os presentes. Mr. Bambridge proferiu algumas exclamações onde “fogo do inferno” era a palavra mais branda e Mr. Hawley, franzindo as sobrancelhas e inclinando a cabeça para a frente, exclamou:

– O quê? Onde o homem morreu?

– Em Stone Court – disse o comerciante. – A governanta disse que ele era parente do patrão. Ele chegou doente na sexta-feira.

– Ora, foi na quarta-feira que eu estava bebendo com ele – interpôs Bambridge.

– Algum médico o atendeu? – perguntou Mr. Hawley.

– Sim; Mr. Lydgate. Mr. Bulstrode fez companhia para ele uma noite. Ele morreu no terceiro dia, pela manhã.

– Vá em frente, Bambridge – insistiu Mr. Hawley. – O que esse sujeito disse sobre Bulstrode?

O grupo já havia se tornado maior, sendo a presença do escrivão uma garantia de que ali estava acontecendo algo que valesse a pena ouvir, e Mr. Bambridge entregou sua narrativa no noticiário das sete. Consistia principalmente no que sabemos, incluindo o fato sobre Will Ladislaw, com a adição de algumas cores e circunstâncias locais, justamente o que Bulstrode temia que acontecesse e esperava ter enterrado para sempre com o cadáver de Raffles... aquele fantasma ameaçador de sua vida passada, na qual, ao passar pela arcada do Green Dragon, ele confiava que a Providência o havia livrado. Sim, a Providência. Ele ainda não havia confessado a si mesmo que havia participado de alguma forma para aquele fim; ele havia aceitado o que parecia ter sido oferecido a ele. Mas seria impossível provar que ele havia feito alguma coisa para antecipar a partida da alma daquele homem.

No entanto, o falatório sobre Bulstrode se espalhou por Middlemarch como o cheiro de fogo. Mr. Frank Hawley seguiu com as informações enviando um funcionário de confiança a Stone Court sob o pretexto de perguntar sobre feno, mas na verdade para reunir tudo o que pudesse ser descoberto sobre Raffles e sua doença com Mrs. Abel. Dessa forma, ele soube que Mr. Garth havia levado o homem para Stone Court em sua carruagem e Mr. Hawley, em consequência, buscou uma oportunidade para ver Caleb, indo ao seu escritório para perguntar se ele teria tempo para realizar uma arbitragem, se necessário, e então perguntando casualmente sobre Raffles. Caleb não deixou escapar nenhuma palavra injuriosa a respeito de Bulstrode além do fato de admitir que havia abandonado seus negócios na última semana. Mr. Hawley tirou suas próprias conclusões e, convencido de que Raffles havia contado sua história a Garth, e de que Garth desistira dos negócios de Bulstrode como consequência, contou tudo

algumas horas mais tarde para Mr. Toller. A narração foi passada adiante até perder totalmente as nuances de uma dedução e foi tomada como informação vinda diretamente de Garth, de forma que até mesmo um historiador diligente poderia concluir que Caleb era o editor principal das contravenções de Bulstrode.

Mr. Hawley não demorou a perceber que não havia suporte legal nem nas revelações feitas por Raffles nem nas circunstâncias de sua morte. Ele mesmo foi levado para a aldeia de Lowick para que pudesse olhar o registro e conversar sobre o assunto com Mr. Farebrother, que não ficou mais surpreso do que o advogado de que um segredo deplorável relacionado a Bulstrode pudesse ter vindo à tona, embora ele sempre tivesse senso de justiça suficiente para impedir que sua antipatia se convertesse em conclusões. No entanto, enquanto conversavam, outra combinação avançava silenciosamente na mente de Mr. Farebrother, o que prenunciava o que logo seria falado em voz alta em Middlemarch como uma inevitável “junção de dois e dois”. Junto com as razões que fizeram com que Bulstrode temesse Raffles, veio a ideia de que esse medo poderia ter alguma coisa a ver com a generosidade demonstrada para com seu médico, e embora resistisse à possibilidade de que este tivesse aceitado a ajuda conscientemente como uma forma de suborno, o clérigo teve o pressentimento de que esta complicação das coisas poderia ter um efeito maligno sobre a reputação de Lydgate. Ele percebeu que Mr. Hawley nada sabia no momento sobre o súbito pagamento da dívida, e ele mesmo teve o cuidado de se esquivar de todas as abordagens em relação ao assunto.

– Bem – disse ele, respirando fundo, querendo encerrar a interminável discussão sobre o que poderia ter sido, embora nada pudesse ser provado legalmente. – É uma história estranha. Então, nosso Ladislaw tem uma genealogia exótica! Uma jovem espirituosa e um músico polonês patriota lhe ofereceram um bom estoque de origem, mas eu nunca teria suspeitado de um enxerto do penhorista judeu. No entanto, não há como saber o que uma mistura resultará de antemão. Alguns tipos de sujeira servem para esclarecer.

– É exatamente o que eu havia imaginado – disse Mr. Hawley, montando em seu cavalo. – Qualquer sangue estrangeiro amaldiçoado, judeu, corsa ou cigano.

– Eu sei que ele é uma de suas ovelhas negras, Hawley. Mas ele é realmente um sujeito desinteressado e pouco preocupado com as coisas mundanas – disse Mr. Farebrother, sorrindo.

– Sim, sim, este é o seu toque liberal – disse Mr. Hawley, que costumava dizer se desculpando por Farebrother ser um sujeito tão agradável e de bom coração que você o confundiria com um conservador.

Mr. Hawley voltou para casa sem considerar a assistência que Lydgate prestara a Raffles sob qualquer outra luz que não como uma prova a favor de Bulstrode. Porém, a notícia de que Lydgate, de repente, se tornara capaz não apenas de livrar-se da execução em sua casa, mas de pagar todas as suas dívidas em Middlemarch se espalhava rapidamente, reunindo conjecturas e comentários que lhe deram novo corpo e ímpeto, e não tardou a chegar aos ouvidos de outras pessoas além de Mr. Hawley, que imediatamente viram uma relação significativa entre esta repentina disponibilidade de dinheiro e o desejo de Bulstrode por aplacar o escândalo em torno de Raffles. Que o dinheiro procedia de Bulstrode teria sido infalivelmente adivinhado, mesmo que não houvesse evidência direta disso, pois havia comentários anteriores sobre os negócios de Lydgate que afirmavam que nem seu sogro nem sua própria família fariam qualquer coisa por ele, e evidências diretas foram fornecidas não apenas por um funcionário do banco, mas pela inocência de Mrs. Bulstrode, que mencionou o empréstimo a Mrs. Plymdale, que o mencionou à sua nora, filha de Toller, que contou para todo mundo. O negócio era considerado de índole tão pública e importante que exigia jantares para ser alimentado, e muitos convites foram, então, emitidos e aceitos devido ao escândalo envolvendo Bulstrode e Lydgate; esposas, viúvas e solteiras armadas com seus trabalhos, saíam para tomar chá com mais frequência do que de costume, e todo o convívio público, do Green Dragon ao de Dollop’s, adquiriu um entusiasmo que não poderia ser igualmente causado com a questão se os lordes recusariam o Projeto de Lei da Reforma.

Quase ninguém duvidava de que alguma razão escandalosa ou outra estava na base da generosidade de Bulstrode para com Lydgate. Para começar, Mr. Hawley, de fato, convidou um grupo seleto, incluindo os dois médicos, juntamente com Mr. Toller e Mr. Wrench, expressamente para manter uma discussão acurada quanto às probabilidades da doença de Raffles, relatando a eles todos os detalhes que tinham sido recolhidos com Mrs. Abel em relação à certidão de óbito fornecida por Lydgate, de que a morte foi consequência de um *delirium tremens*, e os médicos que seguiam cegamente os antigos caminhos em relação àquela doença declararam que não podiam ver nada nesses detalhes susceptível de se transformar em um motivo real de suspeita. Porém, permaneciam os motivos morais, os fortes motivos que Bulstrode claramente possuía para desejar se livrar de Raffles e o fato de que, naquele momento crítico, ele havia oferecido a Lydgate a ajuda da qual já há algum tempo sabia que o médico precisava, a disposição para acreditar que Bulstrode seria inescrupuloso, e a ausência de qualquer indisposição para acreditar que Lydgate poderia ser subornado tão facilmente quanto outros homens de mente arrogante quando se descobriam sem dinheiro. Mesmo que o dinheiro tivesse sido dado apenas para fazê-lo manter o silêncio sobre o escândalo da vida passada de Bulstrode, o fato lançava uma luz odiosa sobre Lydgate, que há muito era desprezado por colocar-se ao serviço do banqueiro com o objetivo de assegurar para si uma situação de preponderância, desacreditando os membros mais velhos de sua profissão. Portanto, apesar da ausência de sinais diretos de culpabilidade, o grupo seleto de Mr. Hawley concluiu o caso da morte em Stone Court com a sensação de que o assunto tinha “uma aparência deplorável”.

No entanto, essa vaga convicção de culpabilidade imprecisa, que era suficiente para provocar muitos movimentos de cabeça e comentários sarcásticos, mesmo entre os profissionais mais respeitáveis, tinha para o público a força do mistério sobre os fatos. Todos preferiam especular a simplesmente saber como era a coisa, pois as conjecturas logo adquiriam mais certeza do que o conhecimento e era muito mais tolerante diante das incompatibilidades. Para

alguns, até o escândalo mais definido a respeito da vida passada de Bulstrode fundia-se à massa de mistério, como um forte metal a ser derramado nos diálogos, que assumia formas fantásticas que o céu aprouvesse.

Este era o tom principal sancionado por Mrs. Dollop, a animada senhoria do Tankard em Slaughter Lane, que muitas vezes tinha de resistir ao pragmatismo superficial dos clientes dispostos a pensar que suas notícias procedentes do mundo exterior tinham o mesmo peso do que lhe "vinha à cabeça". Ela não sabia como, mas estava lá, diante dela, tão claro como se estivesse escrito com giz sobre a lareira, e o Bulstrode poderia dizer, "ele que de tão sujo por dentro era bem capaz de arrancar pela raiz os cabelos, se estes soubessem os pensamentos que seu coração abrigava".

– Isso é estranho – disse Mr. Limp, um sapateiro meditativo, com olhos fracos e uma voz aguda. – Ora, eu li no "Trombeta", que foi o duque de Wellington que disse isso, quando ele virou a casaca e passou a apoiar os católicos.

– É bem provável – disse Mrs. Dollop. – Se um patife disse isso, é mais uma razão para que outro repetisse. Hipócrita como ele é, todo cheio de si, como se não houvesse em todo o país um pastor bom o bastante à sua altura... e foi forçado a pedir ajuda ao Old Harry,[163] que acabou lhe dando uma pernada.

– Sim, sim, é um cúmplice que ninguém pode expulsar – disse Crabbe, o vidraceiro, que tateava às cegas em meio aos mexericos que escutava. – Mas pelo que pude entender, há quem diga que Bulstrode pretendia fugir, por medo de ser desmascarado.

– Ele será enxotado, queira ou não – disse Mr. Dill, o cirurgião-barbeiro, que acabara de entrar. – Eu atendi hoje cedo o Fletcher, o empregado de Hawley, aquele que está com um dedo machucado, e ele disse que todos pensam em se livrar de Bulstrode. Mr. Thesiger está voltado contra ele e o quer fora da paróquia. E há cavalheiros nesta cidade que dizem que preferem jantar com um prisioneiro do Hulks.[164] "Eu diria o mesmo" – disse Fletcher, "pois o que é pior para o estômago do que um homem que escolhe uma má companhia na sua

religião e que diz que nem os Dez Mandamentos bastam para ele, e durante todo o tempo é pior do que metade dos homens da prisão?", o próprio Fletcher disse isso.

– No entanto, será ruim para a cidade ficar sem o dinheiro de Bulstrode – disse Mr. Limp, com voz trêmula.

– Ah, gente melhor gasta seu dinheiro pior – disse um tintureiro de voz firme, cujas mãos vermelhas pareciam não combinar com seu rosto bem-humorado.

– Mas, pelo que entendi, ele não vai ficar com o dinheiro – disse o vidraceiro. – Não dizem que há alguém que pode tirar o dinheiro dele? Por mim, eles poderiam tirar cada centavo, se procurassem a justiça.

– Nada disso! – disse o barbeiro, que se sentia um pouco acima de seus companheiros no Dollop's, mas mesmo assim gostava de ir à taberna. – Fletcher diz que não é assim. Ele diz que podem provar mil vezes de quem este Ladislaw é filho, e seria o mesmo se provassem que eu saí das charnecas... ele não poderia tocar em um centavo.

– Vejam só isso! – exclamou Mrs. Dollop, indignada. – Agradeço ao Senhor por ter levado meus filhos para Si, se isso é tudo que a lei pode fazer pelos órfãos. Por essa regra, não adianta nada saber quem são seu pai e sua mãe. Mas quanto a ouvir o que um advogado diz sem perguntar a outro... me admiro um homem com a sua inteligência, Mr. Dill. É sabido que sempre há dois lados, senão mais; ou quem iria à justiça, eu gostaria de saber? É mesmo uma pena, com tantas leis que existem para cima e para baixo, se não servem para provar de quem você é filho. Fletcher pode dizer isso se quiser, mas eu digo, não venha dar um de Fletcher comigo.

Mr. Dill fingiu rir de maneira elogiosa com as palavras de Mrs. Dollop, como uma mulher que era mais do que páreo para os advogados, disposto como estava a submeter-se aos comentários de uma senhoria que possuía uma conta bem longa para lhe apresentar.

– Se eles levarem o caso aos tribunais, e se for tudo verdade, como as pessoas dizem, há coisas mais importantes do que o dinheiro – disse o vidraceiro. – Há

aquela pobre criatura morta e, pelo que ouvi dizer, houve épocas em que ele era mais cavalheiro do que Bulstrode.

– Mais cavalheiro! Estou certa disso – disse Mrs. Dollop –, e muito mais apresentável, pelo que ouvi dizer. É como eu disse a Mr. Baldwin, o coletor de impostos, quando veio e ficou de pé onde você está sentado, e disse: “Bulstrode conseguiu todo o dinheiro que trouxe para esta cidade através de roubo e fraude”, e eu disse: “Você não me conta nada de novo, Mr. Baldwin; eu sinto meu sangue ferver cada vez que olho para ele, desde que veio aqui em Slaughter Lane querendo comprar a casa que está por cima da minha. Ninguém olha para a cor de seu dinheiro e fica encarando a gente como se quisesse ver a gente por dentro à toa”. Foi o que eu disse, e Mr. Baldwin é testemunha.

– E com toda razão – disse Mr. Crabbe. Pois, pelo que sei, esse Raffles, como era chamado, era um homem tão vigoroso e saudável como se pode imaginar, e muito agradável... mas agora está morto e enterrado no cemitério de Lowick; e pelo que pude entender, há quem sabia mais do que deveria saber sobre como ele chegou lá.

– Eu acredito em você! – disse Mrs. Dollop, com um toque de desprezo pela aparente miopia de Mr. Crabbe. – Quando um homem é levado para uma casa solitária e aquele que pode pagar hospitais e enfermeiras em metade do país escolhe velá-lo dia e noite, e não há ninguém por perto, exceto um médico que é conhecido por sua falta de escrúpulos, que é tão pobre quanto um rato de igreja, e logo depois se enche de dinheiro e pode pagar Mr. Byles, o açougueiro... uma conta de carne de primeira pendurada há um ano... não preciso que ninguém venha me dizer que coisas estão acontecendo que não incluem o livro de orações... nem preciso ficar parada piscando e pensando.

Mrs. Dollop olhou em volta com o ar de uma taberneira acostumada a exercer influência sobre seus clientes. Os mais valentes proferiram um coro de adesão, mas Mr. Limp, depois de tomar um gole, juntou as mãos espalmadas e as pressionou com força entre os joelhos, enquanto as observava com olhos turvos de contemplação, como se a força abrasadora da fala de Mrs. Dollop tivesse

secado e anulado sua inteligência até que fosse reavivada com mais líquido.

– Por que não desenterram o homem e trazem o médico-legista? – disse o tintureiro. – Isso já foi feito muitas e muitas vezes. Se houver alguma coisa errada eles podem descobrir.

– Ora, ora, Mr. Jonas! – disse Mrs. Dollop, enfaticamente. – Eu sei como são os médicos. Eles são muito astutos para serem descobertos. E este Dr. Lydgate que queria cortar todo mundo antes do seu último suspiro... está muito claro o que ele queria fazer com gente respeitável. Pode estar certo de que ele conhece as drogas, porque você não consegue cheirar nem ver, nem antes de engolir, nem depois. Ora, eu mesma já vi gotas trazidas pelo Dr. Gambit, assim como o médico da nossa associação que é uma boa pessoa, e trouxe mais crianças vivas ao mundo do que nenhum outro em Middlemarch... eu mesma digo que já vi gotas que não faziam diferença se estivessem dentro ou fora do vidro, e ainda assim no dia seguinte faziam um bruto efeito. Julgue o senhor mesmo. Não diga para mim! Tudo o que digo é que foi uma benção eles não terem levado o Dr. Lydgate para a nossa associação. Muitas mães, por causa de seus filhos, teriam lamentado.

Os tópicos desta discussão no “Dollop’s” tinham sido o tema comum entre todas as classes na cidade, levados por um lado à reitoria de Lowick, por outro a Tipton Grange; chegaram plenamente aos ouvidos da família Vincy e foram comentados com referências tristes a “pobre Harriet” pelas amizades de Mrs. Bulstrode, antes que Lydgate soubesse claramente por que as pessoas o olhavam de maneira estranha, e antes que o próprio Bulstrode suspeitasse da divulgação de seus segredos. Ele não estava acostumado a ter relações muito cordiais com seus vizinhos e, portanto, não sentia falta daqueles sintomas de cordialidade. Além disso, ele tinha feito viagens a negócios de vários tipos, tendo agora decidido que não era preciso deixar Middlemarch, e sentindo-se, consequentemente, capaz de decidir assuntos que antes havia deixado em suspenso.

– Faremos uma viagem a Cheltenham dentro de um ou dois meses – disse ele

à esposa. – É uma cidade que proporciona grandes vantagens espirituais, além do ar e das águas, e seis semanas lá serão muito revigorantes para nós.

Ele realmente acreditava nas vantagens espirituais, e pretendia que sua vida doravante fosse mais devotada por causa daqueles pecados recentes que ele dizia a si mesmo que eram hipotéticos, orando hipoteticamente por seu perdão, “se é que eu cometi alguma transgressão”.

Quanto ao hospital, ele evitou dizer mais alguma coisa a Lydgate, temendo manifestar uma mudança repentina de planos imediatamente após a morte de Raffles. Intimamente, ele acreditava que Lydgate suspeitava que suas ordens tivessem sido desobedecidas intencionalmente e, suspeitando disso, ele também deveria suspeitar que havia um motivo para isso. Mas o médico não havia tido conhecimento de nada a respeito da história de Raffles e Bulstrode, e não tinha a intenção de fazer nada que pudesse aumentar as suspeitas não concretas. Quanto a qualquer certeza de que algum método específico de tratamento pudesse salvar ou matar, o próprio Lydgate constantemente argumentava contra tal dogmatismo; ele não tinha o direito de falar e tinha todos os motivos para ficar calado. Bulstrode sentia-se providencialmente seguro. O único incidente que o havia afetado fortemente havia sido um encontro casual com Caleb Garth, que, no entanto, havia levantado o chapéu para cumprimentá-lo com pouca gravidade.

Enquanto isso, por parte dos principais cidadãos, uma forte determinação crescia contra ele.

Uma reunião deveria ser realizada na Prefeitura sobre uma questão sanitária que havia adquirido principal importância com a ocorrência de um caso de cólera na cidade. Desde que o Parlamento aprovara às pressas uma lei que autorizava implantação de tributos para custear medidas sanitárias, uma comissão para supervisionar tais medidas foi nomeada em Middlemarch, e tanto liberais como conservadores concordaram em realizar uma boa limpeza e providenciar outros preparativos. A questão, agora, consistia em decidir se um terreno fora da cidade deveria ser adquirido para ser usado como cemitério por meio de impostos ou mediante subscrição privada. A reunião seria pública e

quase todas as personalidades importantes da cidade deveriam comparecer.

Mr. Bulstrode era membro do Conselho de Administração e, pouco antes do meio-dia, saiu do banco com a intenção de apoiar a ideia da subscrição popular. Dada às vacilações de seus projetos, ele havia se mantido por algum tempo em segundo plano e sentiu que deveria nesta manhã reassumir sua antiga posição como homem de ação e influência nos assuntos públicos da cidade onde esperava acabar seus dias. Entre as várias pessoas que iam na mesma direção, ele viu Lydgate; eles se aproximaram, conversaram sobre o objetivo da convocação e entraram juntos.

Parecia que todos os que faziam figura haviam chegado antes deles. Porém, ainda havia espaços livres perto da cabeceira da grande mesa central e para lá eles se dirigiram. Mr. Farebrother estava sentado na frente, não muito longe de Mr. Hawley; também estavam presentes todos os homens ligados à medicina; Mr. Thesiger presidia o encontro e Mr. Brooke, de Tipton, estava à sua direita.

Lydgate notou uma troca peculiar de olhares quando ele e Bulstrode se sentaram.

Quando o tema foi totalmente aberto pelo presidente, que apontou as vantagens de adquirir mediante subscrição um terreno grande o suficiente para ser usado como cemitério principal, Mr. Bulstrode, cuja voz bastante aguda, mas contida e fluente que a cidade estava acostumada a ouvir em reuniões deste tipo, levantou-se e pediu permissão para dar sua opinião. Mais uma vez Lydgate pôde ver a troca peculiar de olhares antes que Mr. Hawley se levantasse e dissesse com sua voz firme e ressonante:

– Senhor presidente, solicito que, antes que alguém dê sua opinião sobre este ponto, eu tenha permissão para falar sobre uma questão de sentimento público, que não só por mim, mas por muitos senhores presentes, é considerada como prioritária.

O modo de falar de Mr. Hawley, mesmo quando o decoro público reprimia sua “linguagem horrível”, era formidável em sua concisão e autodomínio. Mr. Thesiger aprovou o pedido, Mr. Bulstrode sentou-se e Mr. Hawley prosseguiu:

– Sobre o que tenho a dizer, senhor presidente, não estou dizendo simplesmente em meu nome: falo com a concordância e pedido expresso de não menos que oito dos meus concidadãos, que estão sentados ao nosso redor. É nosso sentimento unânime que Mr. Bulstrode seja convidado, o que faço agora, a renunciar aos cargos públicos que ocupa, não apenas como contribuinte, mas como cavalheiro entre seus pares. Existem práticas e existem ações que, devido às circunstâncias, não estão dentro do âmbito da lei, embora possam ser piores do que muitas coisas que legalmente constituem um delito. As pessoas honradas e os cavalheiros, se não desejam a companhia daqueles que cometem tais atos, devem se defender da melhor maneira que puderem, e é isso o que eu e os amigos, que posso chamar de meus clientes neste assunto, estamos determinados a fazer. Não digo que Mr. Bulstrode seja culpado de atos infames, mas peço a ele que pelo bem público negue e refute as afirmações escandalosas feitas contra ele por um homem agora morto, e que faleceu em sua casa... a afirmação de que ele esteve por muitos anos envolvido em práticas nefastas, e que obteve sua fortuna com procedimentos desonestos, ou então se retire de cargos que só lhe foram outorgados por ser considerado um cavalheiro entre cavalheiros.

Todos os olhos na sala se voltaram para Mr. Bulstrode, que, desde a primeira menção de seu nome, vinha passando por uma crise de sentimentos violentos demais para sua delicada constituição. Lydgate, que sofreu um impacto muito forte com a terrível interpretação prática de um ligeiro augúrio, ao ver o sofrimento refletido no rosto lívido de Bulstrode, sentiu, no entanto, que seu ódio reprimido era contido pelo instinto curador que primeiramente pensa em salvar ou proporcionar alívio a quem sofre.

A rápida visão de que, depois de tudo, sua vida havia sido um fracasso, de que ele era um homem desonrado e deveria se encolher diante do olhar daqueles para quem ele habitualmente assumia a atitude de um reprovador, de que Deus o havia repudiado diante dos homens e o deixado sem proteção diante do desprezo triunfante daqueles que se alegravam por terem seu ódio justificado, a sensação de absoluta inutilidade naquele equívoco com sua consciência ao lidar com a

vida de seu cúmplice, um equívoco que agora se voltava venenosamente contra ele com toda força peçonhenta das garras de uma mentira descoberta; tudo isso o dominava como a agonia que não mata e ainda deixa os ouvidos abertos para a nova onda de execração. A súbita sensação de ver-se descoberto depois de restabelecia a sensação de segurança, como um criminoso comum, caiu sobre a susceptibilidade nervosa de um homem, cuja essência principal residia na predominância e no domínio que as condições de sua vida haviam moldado para ele.

No entanto, nessa essência estava a força da reação. Por toda a sua constituição débil corria uma veia tenaz de ambiciosa vontade de autopreservação, que continuamente saltava como uma chama, desbaratando todos os temores doutrinários, e que, mesmo quando era objeto de compaixão dos misericordiosos, começava a despertar e brilhar sob sua tez acinzentada. Antes que as últimas palavras saíssem da boca de Mr. Hawley, Bulstrode sentiu que deveria contestar, e que sua resposta seria uma réplica. Ele não ousou se levantar e dizer: “Eu não sou culpado, toda a história é falsa...” e mesmo se tivesse ousado, devido à forte sensação de traição que o acompanhava, teria parecido a ele tão inútil quanto se tivesse usado para cobrir sua nudez um trapo frágil que se rasgaria a cada pequena tensão.

Houve alguns momentos de absoluto silêncio enquanto todos os homens na sala olhavam para Bulstrode. Ele permaneceu imóvel, apoiando-se com força contra as costas da cadeira; ele não ousou se levantar e, quando começou a falar, pressionou as mãos contra os dois lados da cadeira. Mas sua voz era perfeitamente audível, embora mais rouca do que o normal, e suas palavras foram pronunciadas de forma distinta, embora fizesse pequenas pausas entre as frases como se estivesse sem fôlego. Ele voltou-se primeiro para Mr. Thesiger e, em seguida, olhando para Mr. Hawley, disse:

– Eu protesto diante do senhor, cavalheiro, como ministro cristão, por sancionar procedimentos contra mim que são ditados por ódio virulento. Aqueles que me são hostis ficam felizes em acreditar em qualquer calúnia proferida por

um irresponsável. E suas consciências voltam-se com severidade contra mim. Disse que a calúnia da qual sou vítima me acusa de práticas imorais – neste ponto a voz de Bulstrode se elevou e adquiriu um tom mais incisivo, até parecer um grito baixo –, quem é o meu acusador? Não seriam aqueles cujas próprias vidas são anticristãs, até mesmo escandalosas... ou aqueles que se utilizam de instrumentos mesquinhos para realizar seus próprios fins... cuja profissão é um tecido de trapaças... que gastam sua renda em seus próprios prazeres sensuais, enquanto eu tenho dedicado a minha para promover os objetivos mais elevados com relação à vida do próximo?

Depois da palavra “trapaças” houve um barulho crescente, metade de murmúrios e metade de assobios, enquanto quatro pessoas se levantaram ao mesmo tempo: Mr. Hawley, Mr. Toller, Mr. Chichely e Mr. Hackbutt, mas a ira de Mr. Hawley foi instantânea e emudeceu os demais.

– Se está se referindo a mim, senhor, coloco à sua disposição e à de todos os demais a inspeção de minha vida profissional. Quanto a ser cristão ou não, repudio seu cristianismo pomposo e hipócrita; e quanto à maneira como gasto minha renda não está dentro dos meus princípios manter ladrões e extorquir de descendentes a herança que lhes corresponde a fim de sustentar a religião e me tornar um devoto estraga-prazeres. Não simulo pureza de consciência... ainda não encontrei um padrão legal necessário para medir suas ações. E mais uma vez eu lhe peço que explique satisfatoriamente os escândalos que circulam contra o senhor ou então se retire dos cargos nos quais, de qualquer maneira, o recusamos como colega. Repito, senhor, nos recusamos a cooperar com um homem cuja reputação não está limpa das infâmias lançadas contra ela, não apenas por meio de informações, mas de ações recentes.

– Permita-me, Mr. Hawley – disse o presidente, e Mr. Hawley, ainda furioso, consentiu com um gesto de impaciência e sentou-se com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Mr. Bulstrode, não é desejável, creio eu, prolongar a presente discussão – disse Mr. Thesiger, voltando-se para o homem pálido e trêmulo –, devo até agora

concordar com Mr. Hawley tanto para expressar um sentimento generalizado, como para pensar que segundo sua fé cristã, o senhor, se possível deve se livrar de calúnias infelizes. Eu, de minha parte, estaria disposto a lhe dar a oportunidade e o público, mas devo lhe dizer que sua atitude presente é lastimosamente inconsistente com os princípios com os quais o senhor procurou se identificar, e por cujo respeito devo velar. Como seu clérigo e como alguém que espera que recobre sua posição anterior de respeito, recomendo que deixe esta sala e evite maiores obstáculos para a continuidade desta seção.

Bulstrode, após um momento de hesitação, recolheu o chapéu do chão e se levantou devagar, mas agarrou a ponta da cadeira com tanta força que Lydgate teve certeza de que não havia força suficiente nele para caminhar sem apoio. O que ele poderia fazer? Não poderia ver um homem afundar ao seu lado por falta de ajuda. Ele se levantou e ofereceu o braço a Bulstrode, e dessa forma o conduziu para fora da sala. No entanto, o gesto que poderia ter sido um dever gentil e pura compaixão teve um resultado naquele momento indescritivelmente amargo para Lydgate. Parecia que ele estava firmando uma associação com Bulstrode e cujo significado chegava a ele como devia estar sendo representado em outras mentes. Ele tinha a convicção de que aquele homem, que se apoiava trêmulo em seu braço, havia lhe dado as mil libras como suborno, e que de alguma forma o tratamento de Raffles fora modificado por um motivo maligno. As conclusões estavam bastante ligadas: a cidade sabia do empréstimo, acreditava que era um suborno e que ele o havia aceitado como tal.

O pobre Lydgate, enquanto sua mente lutava com o terrível peso dessa revelação, viu-se moralmente obrigado a levar Mr. Bulstrode ao banco, mandar um homem buscar sua carruagem e esperar para acompanhá-lo de volta para casa.

Enquanto isso, o assunto da reunião foi concluído e levado a uma discussão acalorada entre vários grupos a respeito do caso de Bulstrode... e Lydgate.

Mr. Brooke, que até então só ouvira algumas insinuações incompletas e estava muito inquieto por ter ido “um pouco longe demais” ao apoiar Bulstrode,

agora se informava sobre os detalhes e sentia uma tristeza benevolente ao falar com Mr. Farebrother sobre a terrível situação em que se encontrava Lydgate. Mr. Farebrother tinha a intenção de retornar a Lowick caminhando.

– Suba na minha carruagem – disse Mr. Brooke. – Vou ver Mrs. Casaubon. Ela deve ter voltado de Yorkshire ontem à noite. Ela vai gostar de me ver, sabe?

E assim eles seguiram juntos, Mr. Brooke tagarelando afavelmente na esperança de que não houvesse realmente nenhuma maldade no comportamento de Lydgate, um jovem que ele vira estar bem acima da média, quando trouxe uma carta de seu tio, Sir Godwin. Mr. Farebrother falou pouco; ele estava profundamente triste e com uma aguda percepção das fraquezas humanas. Ele não podia ter certeza de que, sob a pressão de necessidades humilhantes, Lydgate não tivesse caído da sua própria altura.

Quando a carruagem se aproximou do portão da mansão, Dorothea estava no caminho de cascalho e foi saudá-los.

– Bem, minha querida – disse Mr. Brooke –, acabamos de vir de uma reunião, uma reunião sanitária, sabe?

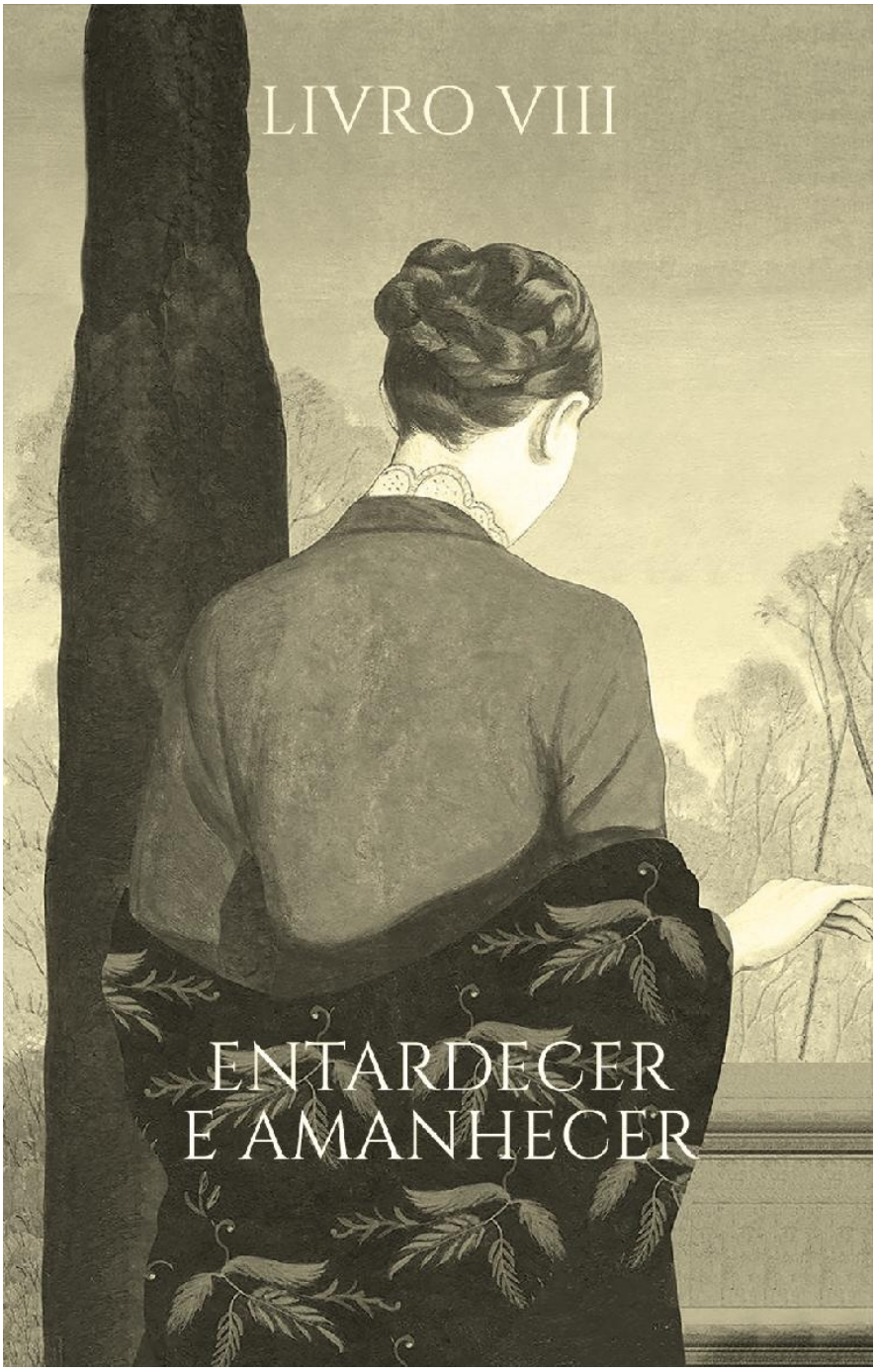
– Mr. Lydgate estava lá? – perguntou Dorothea, que parecia cheia de saúde e animação, com a cabeça descoberta sob as luzes brilhantes de abril. – Eu quero vê-lo e ter uma longa conversa com ele sobre o hospital. Eu me comprometi com Mr. Bulstrode que faria isso.

– Bem, minha querida – disse Mr. Brooke –, temos ouvido más notícias, más notícias, você sabe.

Eles cruzaram o jardim na direção do pátio da igreja, pois Mr. Farebrother queria ir até a casa paroquial e Dorothea ouviu toda a triste história.

Ela escutou com profundo interesse e implorou para ouvir duas vezes os fatos e impressões sobre Lydgate. Depois de um breve silêncio, ela se deteve diante do portão, dirigiu-se a Mr. Farebrother, e disse, energicamente:

– O senhor acredita que Mr. Lydgate seja culpado de alguma coisa desprezível? Eu não acredito. Vamos descobrir a verdade e inocentá-lo.


LIVRO VIII
ENTARDECER
E AMANHECER

CAPÍTULO LXXII

As almas plenas são como espelhos duplos:
Projetam um panorama futuro,
Eterno de beleza duradoura,
Repetindo as coisas que já passaram.

A generosidade impetuosa de Dorothea, que teria saltado imediatamente para reivindicar a inocência de Lydgate da suspeita de ter aceitado dinheiro como suborno, sofreu um entrave melancólico quando ela passou a considerar todas as circunstâncias do caso à luz da experiência de Mr. Farebrother.

– É um assunto delicado de se tocar – disse ele. – Como podemos começar a investigá-lo? Deve ser feito publicamente, mediante um magistrado e um legista, ou em particular, questionando Lydgate. Quanto ao primeiro procedimento, não há fundamento sólido para prosseguir, caso contrário Hawley o teria adotado; e quanto a expor o assunto com Lydgate, confesso que gostaria de me esquivar de fazê-lo. Ele provavelmente tomaria isso como um insulto fatal. Mais de uma vez experimentei a dificuldade de falar com ele sobre assuntos pessoais. E deve-se conhecer a verdade sobre sua conduta de antemão para se sentir confiante de obter um bom resultado.

– Estou convencida de que sua conduta não foi criminosa; creio que as pessoas quase sempre são melhores do que seus vizinhos acreditam que são – disse Dorothea. Algumas de suas intensas experiências nos últimos dois anos haviam-na colocado contra interpretações desfavoráveis de outras pessoas, e pela primeira vez se sentiu bastante descontente com Mr. Farebrother. Ela não gostava daquela ponderação cautelosa das consequências, em vez de uma fé ardente nos esforços de justiça e misericórdia, que triunfariam por sua força

emotiva. Dois dias depois, ele estava jantando na mansão com seu tio e os Chettams, e antes que pudessem tocar na sobremesa, enquanto os criados estavam fora da sala e Mr. Brooke começava a cochilar, Dorothea voltou ao assunto com renovada vivacidade.

– Mr. Lydgate entenderia que se seus amigos ouvissem uma calúnia sobre ele, seu primeiro desejo deveria ser justificá-lo. Para que vivemos, se não é para tornar a vida mais fácil uns dos outros? Não posso ser indiferente aos problemas de um homem que me aconselhou em meus momentos de angústia e me atendeu em minha doença.

O tom e as maneiras de Dorothea não eram menos enérgicos do que quando ela estava na cabeceira da mesa de seu tio quase três anos antes, e sua experiência desde então havia lhe proporcionado mais direito de expressar uma opinião decidida. Porém, Sir James Chettam não era mais o pretendente tímido e condescendente: ele era o cunhado ansioso, com uma devota admiração pela irmã, mas com um alarme constante de que ela caísse em alguma nova ilusão quase tão ruim quanto a de se casar com Casaubon. Ele sorria menos, quando dizia “exatamente”, era mais frequentemente uma introdução a uma opinião dissidente do que havia sido naqueles dias submissos de solteiro e Dorothea descobriu, para sua surpresa, que deveria estar preparada para não ter medo dele, ainda mais porque ele era realmente seu melhor amigo. Ele não estava de acordo com ela agora.

– Mas, Dorothea – disse ele, em protesto –, você não pode pretender administrar a vida de um homem desta maneira. Lydgate deve saber, ao menos virá a saber, o que esperar. Se ele puder se justificar, ele irá fazê-lo. Ele deve agir por si mesmo.

– Acredito que seus amigos devem aguardar que encontrem uma oportunidade – acrescentou Mr. Farebrother. – É possível, muitas vezes tenho sentido tanta fraqueza em mim mesmo que posso conceber até mesmo um homem de disposição honrada, (como sempre acreditei que Lydgate fosse), sucumbir à tentação de aceitar um dinheiro que lhe foi oferecido, mais ou menos

indiretamente como um suborno para garantir seu silêncio sobre fatos escandalosos ocorridos há muito tempo. Eu digo que posso conceber isso, se estivesse sob a pressão de circunstâncias urgentes... se tivesse sido assediado como tenho certeza de que foi. Eu não acreditaria em nada pior, exceto sob provas rigorosas. Mas aí está a terrível Nêmesis perseguindo alguns erros, e sempre é possível para aqueles que tiverem essa intenção, interpretá-los como um crime. Não há prova a favor de um homem fora de sua própria consciência e afirmação.

– Oh, que crueldade! – disse Dorothea, apertando as mãos. – E o senhor não gostaria de ser a única pessoa que acreditou na inocência deste homem, ainda que o resto do mundo o desmentisse? Além disso, há de antemão o caráter de um homem para falar por ele.

– Mas, minha cara Mrs. Casaubon – disse Mr. Farebrother, sorrindo gentilmente diante do seu ardor –, o caráter não é talhado em mármore, não é algo sólido e inalterável. É algo vivo e mutável, e pode tornar-se doente assim como nossos corpos.

– Neste caso, ele pode ser resgatado e curado – disse Dorothea. – Eu não teria receio de perguntar a verdade a Mr. Lydgate, para que eu pudesse ajudá-lo. Por que haveria de ter medo? Já que eu não vou ficar com as terras, James, posso fazer o que Mr. Bulstrode propôs e assumir seu lugar contribuindo com os gastos do hospital, e devo consultar Mr. Lydgate, para me familiarizar com as perspectivas de fazer o bem mantendo os planos atuais. É a melhor oportunidade do mundo para que eu lhe peça sua confiança, e ele poderia me dizer coisas que tornariam todas as circunstâncias mais claras. Então, todos nós ficaríamos do seu lado e o ajudaríamos com o seu problema. As pessoas glorificam todos os tipos de bravura, exceto a bravura que podem demostrar a favor de seus vizinhos mais próximos – os olhos de Dorothea tinham um brilho úmido, e a mudança de tom de sua voz despertou seu tio, que começou a escutar.

– É verdade que uma mulher pode se atrever a expressar alguns impulsos de simpatia que dificilmente teriam sucesso se expressados por nós, homens – disse

Mr. Farebrother, quase convertido pelo ardor de Dorothea.

– Certamente, uma mulher deve ser cautelosa e ouvir aqueles que conhecem o mundo melhor do que ela – disse Sir James, com o cenho franzido. – O que quer que você faça no final, Dorothea, você realmente deveria ficar quieta no momento, e não se envolver neste assunto de Bulstrode. Não sabemos ainda o que pode acontecer. O senhor concorda comigo? – concluiu ele, olhando para Mr. Farebrother.

– Creio que seria melhor esperar – disse o último.

– Sim, sim, minha querida – disse Mr. Brooke, sem saber ao certo em que ponto a discussão havia chegado, mas apresentando uma contribuição que era geralmente apropriada. – É fácil ir longe demais, você sabe. Você não deve deixar suas ideias a dominarem. E quanto a ter pressa em colocar dinheiro em esquemas..., não vai adiantar, você sabe. Garth me apressou muito com reparos, drenagem, esse tipo de coisa; entre uma coisa e outra estou quase sem dinheiro. Devo me deter. Quanto a você, Chettam, você está gastando uma fortuna naquelas cercas de carvalho ao redor de sua propriedade.

Dorothea, submetendo-se a contragosto ao desencorajamento, foi com Celia para a biblioteca, que era sua sala de estar habitual.

– Agora, Dodo, ouça o que James diz – disse Celia – ou você se meterá em encrenca. Você sempre fez, e sempre fará, quando se propõe a fazer o que quiser. E eu acho que é uma benção agora, depois de tudo o que você fez, ter James para pensar por você. Ele permite que você faça seus planos, só a impede de ser enganada. E esta é a vantagem de ter um irmão em vez de um marido. Um marido não permitiria que tivesse seus próprios planos.

– Como se eu quisesse um marido! – disse Dorothea. – Eu só quero não ter meus sentimentos controlados a cada passo – Mrs. Casaubon ainda era indisciplinada o suficiente para romper em lágrimas de indignação.

– Agora, sério, Dodo – continuou Celia, com um tom gutural um tanto mais pronunciado do que o habitual –, você está sempre se contradizendo: primeiro diz uma coisa e depois outra. Você costumava se submeter a Mr. Casaubon de

uma forma bastante vergonhosa; acredito que você teria desistido para sempre de ter vindo me ver se ele tivesse pedido a você.

– É claro que me submeti a ele, porque era meu dever; era meu sentimento por ele – disse Dorothea, olhando através do prisma de suas lágrimas.

– Então por que você não acha que é seu dever submeter-se um pouco ao que James deseja? – disse Celia, com uma certa severidade em seu argumento. – Porque ele só deseja o que é para o seu próprio bem. E, é claro, os homens sempre sabem mais sobre tudo, exceto o que as mulheres sabem melhor.

Dorothea riu e esqueceu as lágrimas.

– Bem, quero dizer sobre bebês coisas assim – explicou Celia. – Eu não cederia a James quando soubesse que ele estava errado, como você costumava fazer com Mr. Casaubon.

CAPÍTULO LXXIII

Sinto pena dos que estão sobrecarregados;
Este pesar errante pode visitá-lo e a mim.

Quando Lydgate acalmou a ansiedade de Mrs. Bulstrode, dizendo-lhe que seu marido havia sofrido um desmaio durante a reunião, mas que ele confiava vê-lo restabelecido em breve e que passaria novamente no dia seguinte, a menos que ela o chamasse mais cedo, ele foi diretamente para casa, montou em seu cavalo e cavalgou três milhas para fora da cidade, para ficar fora do alcance das pessoas.

Ele sentia que estava ficando violento e irracional, como se estivesse furioso sob a dor de uma picada e estava disposto a amaldiçoar o dia em que tinha chegado em Middlemarch. Tudo o que havia acontecido de ruim ali parecia uma mera preparação para essa fatalidade odiosa, que havia caído como uma praga sobre sua ambição honrosa e podia fazer até mesmo com que pessoas que possuíam apenas alguns padrões vulgares considerassem sua reputação irrevogavelmente prejudicada. Em tais momentos, um homem dificilmente pode evitar ser desagradável. Lydgate pensava em si mesmo como o prejudicado e nos outros como os agentes de sua má sorte. Ele havia planejado para que tudo acontecesse de maneira diferente, e outras pessoas haviam se intrometido em sua vida, frustrando seus propósitos. Seu casamento parecia uma calamidade irremediável, e ele estava com medo de voltar para Rosamond antes que pudesse desabafar sua fúria a sós, para que a simples visão dela não o irritasse e o fizesse se comportar de maneira injustificável. Existem episódios na vida de muitos homens nos quais suas qualidades mais elevadas podem apenas lançar uma sombra ameaçadora sobre os objetos que preenchem sua visão interior: a cordialidade de Lydgate estava presente naquele momento apenas como um

medo de que ele pudesse ofendê-la, não como uma emoção que o levasse à ternura. Pois ele estava muito infeliz. Somente aqueles que conhecem a supremacia da vida intelectual, a vida que contém uma semente de pensamento e propósitos enobrecedores, podem compreender a dor de quem desaba dessa atividade serena e cai no absorvente e devastador esforço dos aborrecimentos mundanos.

Como poderia viver sem se justificar entre as pessoas que suspeitavam de sua sordidez? Como poderia se afastar silenciosamente de Middlemarch como se estivesse recuando diante de uma condenação justa? E, no entanto, como poderia tentar se justificar?

Aquela cena na reunião, que ele acabara de presenciar, embora não lhe tivesse proporcionado detalhes, tinha sido suficiente para expor sua própria situação com absoluta claridade. Bulstrode havia sentido medo de revelações escandalosas por parte de Raffles. Lydgate agora podia construir todas as probabilidades do caso. *Tinha medo de alguma traição quando eu tomasse conhecimento do assunto; tudo o que queria era vincular-me a ele por meio de uma forte obrigação; foi por isso que passou repentinamente da dureza à generosidade. E ele pode ter adulterado o tratamento do paciente, pode ter desobedecido minhas ordens. Temo que sim. Mas, tenha ele feito ou não, as pessoas acreditam que ele, de uma forma ou de outra, envenenou o homem e que eu fechei os olhos para o crime, se é que não o ajudei. E, ainda assim, ele pode não ser culpado da última ofensa, e é possível até que a mudança em relação a mim possa ter sido um genuíno arrependimento, o efeito de seus pensamentos posteriores, tal como ele alegou. O que chamamos de 'apenas possível' às vezes é a verdade e aquilo que achamos mais fácil de acreditar é absolutamente falso. Em suas últimas relações com aquele homem, Bulstrode pode ter mantido suas mãos limpas, apesar de minhas suspeitas em contrário.*

Havia uma crueldade comovente em sua posição. Mesmo se ele renunciasse a qualquer outra consideração além da de se justificar... se ele enfrentasse com encolher de ombros aos olhares frios, pessoas evitando sua presença como sinal

de acusação, e fizesse uma declaração pública de todos os fatos como os conhecia, quem ficaria convencido? Seria fazer o papel de um tolo oferecer seu próprio testemunho em favor de si mesmo e dizer: *Não aceitei o dinheiro como suborno*. As circunstâncias sempre seriam mais fortes do que sua afirmação. E, além disso, para se apresentar e contar tudo sobre si mesmo ele deveria incluir declarações sobre Bulstrode que obscureceriam as suspeitas de outros contra ele. Ele deveria dizer que não sabia da existência de Raffles quando mencionou a Bulstrode sua necessidade urgente de dinheiro, e que ele aceitou o dinheiro inocentemente como resultado dessa comunicação, sem saber que havia produzido um novo motivo para o empréstimo ao ser chamado para atender aquele homem. E, apesar de tudo, a suspeita dos motivos de Bulstrode poderia ser injusta.

Mas, então, veio a questão de saber se ele teria agido exatamente da mesma maneira se não houvesse recebido o dinheiro. Certamente, se Raffles tivesse continuado vivo e suscetível ao tratamento posterior quando chegou, e se tivesse então imaginado alguma desobediência às suas ordens por parte de Bulstrode, ele teria feito uma investigação rigorosa e, se sua conjectura tivesse sido verificada, teria abandonado o caso, apesar de sua recente e pesada obrigação. Mas se ele não tivesse recebido nenhum dinheiro, se Bulstrode nunca tivesse revogado sua fria recomendação de falência, teria ele, Lydgate, se abstido de toda a investigação, mesmo ao encontrar o homem morto? O fato de evitar um insulto a Bulstrode, a dúvida sobre todo o tratamento médico e o argumento de que seu próprio tratamento pareceria errado à maioria dos membros de sua profissão... teria tudo isso a mesma força e o mesmo significado para ele?

Este era o ponto desconfortável na consciência de Lydgate enquanto ele examinava os fatos e resistia a todas as acusações. Se ele fosse independente, essa questão do tratamento de um paciente e a regra distinta do que ele deveria fazer ou ver como acreditava ser o melhor para a vida que lhe foi confiada, seria o ponto onde teria sido mais firme. Do jeito que as coisas estavam, ele se agarrou à consideração de que a desobediência às suas ordens, não importando

como pudesse ter acontecido, não poderia ser considerada um crime, que na opinião dominante a obediência às suas ordens era tão provável que também fosse fatal, e que o caso era simplesmente uma questão de protocolo. Considerando que, repetidamente, em sua época de liberdade, ele havia denunciado a deturpação da dúvida patológica em dúvida moral e havia dito que: *o mais puro experimento no tratamento pode ainda ser consciencioso: minha missão é cuidar da vida e fazer o melhor que posso por ela. A ciência é propriamente mais escrupulosa do que o dogma. O dogma dá uma chance para o erro, mas o próprio sopro da ciência é uma disputa com o erro e deve manter a consciência viva.* Que lástima! A consciência científica entrou na companhia degradante das obrigações financeiras e dos respeitos egoístas.

– Existe algum médico em Middlemarch que se questionaria como eu? – disse o pobre Lydgate, com uma nova explosão de rebeldia contra a opressão de seu destino. – E, no entanto, todos se sentirão justificados a manter uma longa distância de mim, como se eu fosse um leproso! Minha prática e minha reputação estão absolutamente condenadas, eu posso ver claramente. Mesmo se pudesse ser eximido por evidências válidas, faria pouca diferença para a bendita sociedade local. Fui acusado de corrupção e todos me desprezariam da mesma forma.

Já havia indícios suficientes que até então o intrigavam, de que justamente quando ele pagou suas dívidas e se recuperou alegremente, os cidadãos o estavam evitando ou olhando para ele de forma estranha, e em dois casos ele soube que seus pacientes haviam chamado outro médico. As razões eram muito claras agora. A exclusão geral havia começado.

Não é de estranhar que, na natureza energética de Lydgate, a sensação de uma desesperançada interpretação errônea se transformasse facilmente em uma resistência obstinada. A carranca que ocasionalmente aparecia em sua testa não era um acidente sem sentido. Quando estava reentrando na cidade após aquela cavalgada nas primeiras horas de dor aguda, ele estava decidido a permanecer em Middlemarch, apesar do pior que pudesse acontecer. Ele não recuaria ante a

calúnia, como se tivesse se submetido a ela. Ele iria enfrentá-la, e nenhum de seus atos deveria demonstrar que estava com medo. A generosidade e a força desafiadora de sua natureza o impulsionavam a não se esquivar e mostrar claramente seu sentido de obrigação para com Bulstrode. Era verdade que sua associação com esse homem tinha sido fatal para ele, e é verdade que se ele tivesse as mil libras ainda em suas mãos, mesmo com todas as suas dívidas não pagas, ele teria devolvido o dinheiro a Bulstrode e se dedicado à mendicância em vez do resgate que havia sido maculado com a suspeita de um suborno (lembrem-se de que ele era um dos homens mais orgulhosos que existia); no entanto, ele não queria abandonar aquele companheiro fatal cuja ajuda ele havia utilizado, e faria um lamentável esforço para obter a absolvição para si mesmo enquanto uivava contra o outro. *Farei o que achar certo e não darei explicações a ninguém. Eles vão tentar me matar de fome, mas...* ele seguia pensando com obstinada resolução; porém, estava se aproximando de casa, e o pensamento em Rosamond assumiu novamente aquele lugar principal de onde havia sido expulso pelas lutas agonizantes de honra e orgulho feridos.

Como Rosamond viria tudo isso? Este era outro peso de corrente para arrastar, e o pobre Lydgate estava de mau humor para suportar o domínio mudo de sua esposa. Ele não tinha nenhum impulso de contar a ela o infortúnio que logo seria comum a ambos. Ele preferia aguardar a revelação incidental que os eventos logo se encarregariam de trazer.

CAPÍTULO LXXIV

“Misericordiosamente permita que possamos envelhecer juntos.”
LIVRO DE TOBIAS: ORAÇÕES MATRIMONIAIS

Em Middlemarch, uma esposa não podia ignorar por muito tempo que a cidade tinha uma opinião ruim sobre seu marido. Nenhuma amiga íntima poderia levar sua amizade ao ponto de fazer uma declaração clara à esposa sobre o acontecimento desagradável, conhecido ou acreditado, sobre seu marido; mas quando uma mulher com pensamentos muito desocupados os empregava subitamente em algo penosamente desvantajoso para seus vizinhos, vários impulsos morais eram acionados, o que tendia a estimular tal manifestação. A sinceridade era uma delas. Ser sincero, na fraseologia de Middlemarch, significava valer-se da primeira oportunidade para tornar seus amigos cientes de que você não participava de uma opinião otimista de sua capacidade, sua conduta ou sua posição, e uma sinceridade firme jamais esperava ser questionada por sua opinião. Então, novamente, havia o amor à verdade, uma frase ampla, mas que neste contexto significava uma viva objeção a ver que uma esposa parecia mais feliz do que o caráter de seu marido justificava, ou que manifestava muita satisfação com seu destino; a coitadinha deveria ser advertida de que, se conhecesse a verdade, teria menos complacência consigo mesma, e com os jantares que oferecia aos seus convidados. No entanto, acima de tudo havia a consideração pelo aperfeiçoamento moral de uma amiga, às vezes chamada de sua alma, que provavelmente seria beneficiada por penosas advertências, proferidas na companhia de olhares pensativos para os móveis e de uma maneira que implicava que a falante não queria dizer o que estava em sua mente, para não ferir os sentimentos da sua ouvinte. De modo geral, pode-se dizer que uma

ardente caridade estava em ação, levando uma mente virtuosa a tornar sua vizinha infeliz, para o seu próprio bem.

Quase não havia esposas em Middlemarch cujos infortúnios matrimoniais, de maneiras diferentes, poderiam suscitar mais desta atividade moral do que Rosamond e sua tia Bulstrode. Mrs. Bulstrode não era objeto de antipatia, e nunca havia caluniado conscientemente nenhum ser humano. Os homens sempre a consideraram uma mulher bonita e agradável, e viam como um dos sinais da hipocrisia de Bulstrode o fato de ele ter escolhido uma Vincy vigorosa, em vez de uma mulher pálida e melancólica, adequada à sua baixa estima pelos prazeres terrestres. Quando o escândalo sobre seu marido foi revelado, eles comentaram: “Pobre mulher! Ela é tão honrada quanto o dia... nunca suspeitou de nada de errado com ele, podem acreditar nisso”. As mulheres, que eram íntimas dela, falavam muito sobre a “pobre Harriet”, imaginavam quais seriam seus sentimentos quando soubesse de tudo e conjeturavam o quanto ela já sabia. Não havia nenhuma disposição rancorosa em relação a ela; em vez disso, havia uma intensa benevolência ansiosa para determinar o que seria bom que ela sentisse e fizesse naquelas circunstâncias, o que naturalmente mantinha a imaginação ocupada com sua reputação e com sua história, desde os tempos em que era Harriet Vincy até agora. Com a análise de Mrs. Bulstrode e sua posição, era inevitável associar Rosamond, cujas perspectivas estavam sob a mesma decadência que as de sua tia. Rosamond era mais severamente criticada e menos compadecida, embora ela também, como membro da boa e antiga família Vincy, que sempre foi muito conhecida em Middlemarch, fosse considerada vítima de um casamento com um intruso. Os Vincys tinham seus pontos fracos, mas eles eram superficiais; nunca havia nada de ruim a ser “descoberto” a respeito deles. Mrs. Bulstrode foi inocentada de qualquer semelhança com seu marido. Os defeitos de Harriet eram só seus.

– Ela sempre foi vaidosa – disse Mrs. Hackbutt, enquanto preparava o chá para um pequeno grupo –, embora tenha se acostumado a colocar a religião em tudo para agradar o marido. Ela tentou manter a cabeça erguida acima de

Middlemarch, dando a entender que recebe clérigos e sabe Deus quem de Riverston e outros lugares.

– Não podemos culpá-la por isso – disse Mrs. Sprague –, porque poucas das melhores pessoas da cidade gostariam de se associar com Bulstrode, e ela deve ter alguém para sentar-se à sua mesa.

– Mr. Thesiger sempre o apoiou – disse Mrs. Hackbutt. – Imagino que deve estar arrependido agora.

– Mas, no fundo, ele nunca gostou dele, todo mundo sabe disso – disse Mrs. Tom Toller. – Mr. Thesiger não gosta de extremos. Ele se ajusta à verdade do Evangelho. Somente os clérigos como Mr. Tyke, que querem usar hinos dissidentes e defendem aquele aspecto vulgar da religião, é que acharam Bulstrode aceitável.

– Eu acredito que Mr. Tyke está muito preocupado com ele – disse Mrs. Hackbutt.

– Faz bem ele; dizem que os Bulstrodes mantiveram metade da família Tyke.

– E naturalmente é um descrédito para sua doutrina – disse Mrs. Sprague, que era idosa e antiquada em suas opiniões. – As pessoas não vão se gabar de serem metodistas em Middlemarch por um bom tempo.

– Acho que não devemos atribuir as más ações das pessoas à sua religião – disse Mrs. Plymdale, com sua cara de falcão, que até então havia apenas escutado a conversa.

– Oh, minha cara, nós nos esquecemos – disse Mrs. Sprague – que não deveríamos falar sobre isso na sua frente.

– Estou certa de que não tenho nenhuma razão para ser parcial – disse Mrs. Plymdale, corando. – É verdade que Mr. Plymdale sempre se deu bem com Mr. Bulstrode, e que Harriet Vincy já era minha amiga muito antes de se casar. Mas eu sempre mantive minhas próprias opiniões e disse a ela onde ela estava errada, pobrezinha. Mesmo assim, no que diz respeito à religião, devo dizer que Mr. Bulstrode pode ter feito o que fez, e pior, e ainda assim ter sido um homem sem religião. Não digo que não tenha havido muito disso, eu gosto de moderação.

Mas a verdade é a verdade. Os homens que julgam nos tribunais não são todos excessivamente religiosos, eu suponho.

– Bem – disse Mrs. Hackbutt, empurrando a cadeira com habilidade –, tudo o que posso dizer é que acho que ela deveria se separar dele.

– Eu não diria isso – disse Mrs. Sprague. – Ela o aceitou para o bem ou para o mal, você sabe.

– Mas "o mal" nunca pode significar descobrir que seu marido merece ir para Newgate [165] – disse Mrs. Hackbutt. – Imagine viver com um homem assim! Eu esperaria ser envenenada.

– Sim, penso que é um convite ao crime que homens desse tipo sejam cuidados e atendidos por boas esposas – disse Mrs. Tom Toller.

– E a pobre Harriet tem sido uma boa esposa – disse Mrs. Plymdale. – Ela acredita que seu marido é o melhor dos homens. É verdade que ele nunca negou nada a ela.

– Bem, veremos o que ela fará – disse Mrs. Hackbutt. – Suponho que ela ainda não saiba de nada, pobre criatura. Espero e confio que não tenha a oportunidade de vê-la, porque morreria de medo de ter que dizer algo sobre seu marido. Acham que algum rumor já chegou até ela?

– Eu diria que ainda não – disse Mrs. Tom Toller. – Ouvi dizer que ele está doente, e que não sai de casa desde a reunião de quinta-feira, mas ela estava com as filhas na igreja ontem e elas estavam estreando novas toucas da Toscana. A dela tinha uma pena. Nunca observei que sua religião fizesse alguma diferença em seus trajes.

– Ela sempre usa padrões muito elegantes – disse Mrs. Plymdale, um pouco irritada. – E aquela pena, eu sei que ela tingiu de um tom lilás claro para combinar com a touca. Deve-se admitir que Harriet gosta de fazer bem as coisas.

– Quanto a ela saber o que aconteceu, não poderá ignorá-lo por muito tempo – disse Mrs. Hackbutt. – Os Vincys sabem, pois Mr. Vincy estava na reunião. Será um grande golpe para ele. A sua filha também está implicada, além de sua irmã.

– Sim, é verdade – disse Mrs. Sprague. – Ninguém espera que Mr. Lydgate continue mantendo a cabeça erguida em Middlemarch; as coisas parecem bem sombrias com as mil libras que ele recebeu logo após a morte daquele homem. Chega a me dar calafrios.

– O orgulho nunca dura muito – disse Mrs. Hackbutt.

– Não lamento tanto por Rosamond Vincy, mas sim por sua tia – disse Mrs. Plymdale. – Aquela mocinha precisava de uma lição.

– Suponho que os Bulstrodes irão morar em algum lugar no exterior – disse Mrs. Sprague. – É o que geralmente acontece quando algo vergonhoso acontece em uma família.

– O que será um golpe mortal para Harriet – disse Mrs. Plymdale. – Se alguma vez uma mulher for destruída, será ela. Sinto pena dela, do fundo do meu coração. Apesar de todos os seus defeitos, há poucas mulheres melhores. Desde menina ela tinha os modos mais elegantes, e sempre teve um coração muito bom, e é tão sincera quanto o dia. Você pode olhar as gavetas dela quantas vezes quiser, ela as mantém sempre em perfeita ordem. E assim ela educou Kate e Ellen. Imagine como será difícil para ela viver entre estrangeiros.

– Diz o doutor que é isso que ele deveria recomendar aos Lydgates – disse Mrs. Sprague. – Ele diz que Lydgate deveria ter ficado entre os franceses.

– Eu diria que isso seria muito adequado para ela – acrescentou Mrs. Plymdale. – Ela tem essa espécie de leveza. Mas ela herdou isso de sua mãe, e não de sua tia Bulstrode, que sempre lhe deu bons conselhos, e, que eu saiba, preferia que ela se casasse com outra pessoa.

Mrs. Plymdale estava em uma situação que lhe causava alguma complicação de sentimentos. Não havia apenas a sua intimidade com Mrs. Bulstrode, mas também uma lucrativa relação comercial da grande tinturaria de Plymdale com Mr. Bulstrode, que por um lado a teria inclinado a desejar que a versão mais branda de seu caráter fosse a verdadeira; mas, por outro, a fazia sentir mais medo de parecer estar atenuando sua culpabilidade. Além disso, a aliança recente de sua família com os Tollers a colocava em conexão com o melhor círculo, o que a

gratificava em todas as direções, exceto na inclinação para aqueles sérios aspectos que ela acreditava serem os melhores em outro sentido. A consciência perspicaz da pequena mulher estava um pouco preocupada com o ajuste desses “melhores” opostos, assim como com suas aflições e satisfações pelos últimos acontecimentos, que provavelmente humilhariam aqueles que precisavam ser humilhados, mas também cairiam pesadamente sobre sua velha amiga, cujas faltas ela teria preferido ver em um contexto de prosperidade.

A pobre Mrs. Bulstrode, enquanto isso, não estava mais abalada com o passo da calamidade que se aproximava do que com a agitação daquela inquietação secreta que sempre estivera presente na sua mente desde a última visita de Raffles. Que aquele homem odioso estivesse doente quando chegou a Stone Court, e que seu marido tivesse decidido permanecer lá e assisti-lo, poderia ser explicado pelo fato de que Raffles tinha sido empregado e ajudado em outros tempos, e isso estabelecia um laço de benevolência para com ele em seu desamparo degradado; e desde então ela tinha sido inocentemente animada pelo discurso mais esperançoso de seu marido sobre sua própria saúde e capacidade de continuar atendendo seus negócios. A calma foi perturbada quando Lydgate o trouxe para casa doente no dia da reunião e, apesar das garantias reconfortantes dos dias seguintes, ela chorava quando estava sozinha pela convicção de que seu marido não estava sofrendo apenas de uma doença física, mas de algo que afligia sua mente. Ele não permitia que ela lesse para ele e dificilmente se sentava com ela, alegando suscetibilidade nervosa a sons e movimentos; no entanto, ela suspeitava que, ao se trancar em seu quarto, ele desejava ocupar-se com seus papéis. Alguma coisa, ela estava certa, tinha acontecido. Talvez alguma grande perda de dinheiro, da qual ela era mantida no escuro.

Não ousando questionar o marido, ela perguntou a Lydgate, no quinto dia após a reunião, quando não havia saído de casa exceto para ir à igreja:

– Mr. Lydgate, por favor, seja franco comigo, eu quero saber a verdade. Aconteceu alguma coisa com Mr. Bulstrode?

– Um pequeno abalo nervoso – disse Lydgate, com tom evasivo. Ele sentia

que não cabia a ele fazer a penosa revelação.

– Mas o que causou isso? – continuou Mrs. Bulstrode, olhando diretamente para ele com seus grandes olhos escuros.

– Muitas vezes existe um ambiente venenoso nos salões públicos – disse Lydgate. – Os homens fortes podem suportá-lo, mas isso afeta as pessoas na proporção da delicadeza de seus organismos. Muitas vezes é impossível explicar o momento preciso de um ataque, ou melhor, determinar por que a energia cede em um determinado momento.

Mrs. Bulstrode não ficou satisfeita com a resposta. Permanecia nela a crença de que alguma desgraça havia acontecido a seu marido, da qual ela deveria ser mantida na ignorância; e era de sua natureza objetar veementemente a tal ocultação. Ela implorou às suas filhas que se sentassem com o pai e foi até a cidade para fazer algumas visitas, conjeturando que, se alguma coisa ruim tivesse acontecido com os negócios de Mr. Bulstrode, ela notaria algum sinal do problema.

Ela visitou Mrs. Thesiger, que não estava em casa, e então dirigiu-se à casa de Mrs. Hackbutt, do outro lado do cemitério. Mrs. Hackbutt a viu se aproximando de uma janela no andar de cima e, lembrando-se de seu antigo alarme pelo temor de encontrar Mrs. Bulstrode, sentiu-se quase obrigada a mandar dizer que não estava em casa, mas contra isso, ela sentia um forte e repentino desejo pela emoção de uma conversa na qual ela estava bastante determinada a não fazer a menor alusão ao que tinha em mente.

Consequentemente, Mrs. Bulstrode foi conduzida à sala de estar, e Mrs. Hackbutt foi recebê-la, com os lábios mais tensos e esfregando as mãos mais do que normalmente acontecia, sendo essas precauções adotadas contra a liberdade de expressão. Ela estava decidida a não perguntar como Mrs. Bulstrode se sentia.

– Faz quase uma semana que eu não vou a parte alguma, exceto à igreja, disse Mrs. Bulstrode, após alguns comentários introdutórios. – Mr. Bulstrode ficou tão doente na reunião de quinta-feira que preferi não sair de casa.

Mrs. Hackbutt esfregou as costas de uma mão com a palma da outra contra o

peito e deixou seus olhos vagarem pelo desenho no tapete.

– Mr. Hackbutt estava na reunião? – insistiu Mrs. Bulstrode.

– Sim, sim – disse Mrs. Hackbutt, com a mesma atitude. – Acredito que o terreno será comprado por subscrição.

– Esperemos que não haja mais casos de cólera para enterrar nele – disse Mrs. Bulstrode. – É um castigo horrível. Mas sempre achei Middlemarch um local muito saudável. Suponho que é porque vivo aqui desde criança, mas nunca vi outra cidade onde gostaria de viver, e especialmente de morrer.

– Não há dúvidas de que me daria muita satisfação se a senhora vivesse para sempre em Middlemarch, Mrs. Bulstrode – disse Mrs. Hackbutt, com um leve suspiro. – Ainda assim, devemos aprender a nos resignar, onde quer que nossa sorte seja lançada. Embora eu tenha certeza de que nesta cidade sempre haverá pessoas que lhe desejarão bem.

Mrs. Hackbutt ansiava por dizer: “Se quer um conselho, separe-se de seu marido”, mas parecia claro para ela que a pobre mulher nada sabia sobre o trovão prestes a explodir em sua cabeça, e ela própria não poderia fazer mais do que prepará-la um pouco. Mrs. Bulstrode, de repente, sentiu um pouco de frio e tremeu; evidentemente, havia algo incomum por trás do discurso de Mrs. Hackbutt, mas embora tivesse saído de casa com o desejo de se inteirar de tudo, ela descobriu ser incapaz de prosseguir com seu corajoso propósito e, desviando a conversa com uma pergunta sobre os jovens Hackbutts, ela se despediu dizendo que iria ver Mrs. Plymdale. Durante o caminho, ela tentou imaginar que poderia ter havido alguma disputa incomumente calorosa na reunião entre Mr. Bulstrode e alguns de seus adversários de sempre... talvez Mr. Hackbutt fosse um deles. Isso explicaria tudo.

Porém, enquanto conversava com Mrs. Plymdale, tal explicação reconfortante parecia não ser mais sustentável. “Selina” a recebeu com uma afetividade patética e uma disposição para dar respostas edificantes sobre os temas mais comuns, que dificilmente poderiam se referir a uma disputa comum, cuja consequência mais importante havia causado a perturbação da saúde de Mr.

Bulstrode. De antemão, Mrs. Bulstrode havia pensado que ela gostaria de questionar Mrs. Plymdale antes de qualquer outra pessoa, mas para sua surpresa ela descobriu que uma velha amiga nem sempre é aquela com quem é mais fácil fazer confidências. Havia a barreira das comunicações compartilhadas em outras circunstâncias... havia a apreensão de ser compadecida e informada por quem há muito tempo lhe havia concedido prioridade. Por certas palavras misteriosamente apropriadas que Mrs. Plymdale deixou escapar sobre sua resolução de nunca virar as costas para seus amigos, ela se convenceu de que o que tinha acontecido devia ser algum tipo de infortúnio, e em vez de sentir-se disposta a dizer com sua franqueza costumeira: “O que é isso que você tem em mente?”, ela se sentiu ansiosa para ir embora antes de ouvir algo mais explícito. Mrs. Bulstrode começou a sentir uma certeza agitada de que o infortúnio significava algo mais do que uma mera perda de dinheiro, sendo muito sensível ao fato de que Selina agora, assim como Mrs. Hackbutt havia feito antes, evitava notar o que ela dizia sobre seu marido, assim como teria evitado notar um defeito pessoal.

Ela se despediu com uma precipitação nervosa e disse ao cocheiro que a levasse até o armazém de Mr. Vincy. Naquele curto trajeto, seu temor ganhou tamanha força com a sensação de escuridão, que quando entrou na tesouraria onde seu irmão estava sentado diante da sua mesa de trabalho, seus joelhos tremiam e seu rosto geralmente rosado estava mortalmente pálido. Um efeito parecido foi causado nele pela presença da irmã: ele se levantou para recebê-la, tomou-a pela mão e disse, com sua impulsiva franqueza:

– Que Deus te abençoe, Harriet! Você já sabe de tudo.

Este momento foi talvez pior do que qualquer outro subsequente. Continha aquela experiência concentrada que em grandes crises emocionais revela a tendência de uma natureza e profetiza o último ato que encerrará uma luta intermediária. Sem a recordação de Raffles, ela poderia ter pensado apenas na ruína monetária, mas agora, ao se deparar com o aspecto e com as palavras de seu irmão, surgiu em sua mente a ideia de alguma culpabilidade da parte de seu

marido... então, sob a pressão do terror, veio a imagem de seu marido exposto ao infortúnio... e, então, após um instante de vergonha abrasadora na qual ela pôde sentir os olhos do mundo, com o coração aos pulos ela estava ao lado de seu marido, em uma dolorosa mas irrepreensível comunhão com a vergonha e o isolamento. Tudo isso aconteceu em seu interior em um mero lampejo de tempo, enquanto ela afundava na cadeira e erguia os olhos para o irmão, que estava de pé, junto a ela.

– Não sei de nada, Walter. Do que se trata? – disse ela, sentindo-se fraca.

Seu irmão lhe contou tudo, com sinceridade e frases cortadas, deixando-a ciente de que o escândalo ia muito além de qualquer prova, principalmente quanto à morte de Raffles.

– As pessoas gostam de falar – disse ele. – Mesmo que um homem tenha sido absolvido por um júri, elas falam, acenam com a cabeça e piscam os olhos, e, enquanto o mundo for mundo, um homem pode muitas vezes ser culpado ou não. É um golpe violento e prejudica tanto a Lydgate quanto Bulstrode. Não pretendo dizer qual é a verdade. Só gostaria que nunca tivéssemos ouvido os nomes de Bulstrode ou Lydgate. Seria melhor você ter continuado uma Vincy por toda sua vida, e o mesmo vale para Rosamond.

Mrs. Bulstrode não respondeu.

– Mas você deve suportar o melhor que puder, Harriet. As pessoas não estão te culpando e eu permanecerei ao seu lado no que você decidir fazer – disse seu irmão, com uma certa indelicadeza, mas bem-intencionado.

– Dê-me seu braço e me acompanhe até a carruagem, Walter – disse Mrs. Bulstrode. – Eu me sinto muito fraca.

Ao chegar em casa, viu-se obrigada a dizer à filha: – Não me sinto muito bem, minha querida; devo ir me deitar. Cuide de seu papai. Deixe-me descansar. Não vou jantar.

Ela se trancou em seu quarto. Necessitava de tempo para se acostumar à sua consciência mutilada, sua pobre e podre vida, antes que pudesse caminhar com firmeza para o lugar que lhe havia sido designado. Uma nova luz inquisidora

recaíra sobre o caráter de seu marido, e ela não podia julgá-lo com indulgência; os 20 anos em que havia acreditado nele e o havia venerado em virtude de seus disfarces voltaram com detalhes que os faziam parecer um engano odioso. Ele havia se casado com ela ocultando aquele aspecto da sua vida passada e Mrs. Bulstrode não tinha mais fé para protestar sua inocência do pior que lhe fora imputado. Sua natureza honesta e ostentosa tornava a participação de uma desonra merecida em algo tão amargo quanto poderia ser para qualquer mortal.

Porém, esta mulher com formação imperfeita, cujas frases e hábitos formavam uma estranha colcha de retalhos, era dona de um espírito leal. O homem cuja prosperidade ela havia compartilhado por quase metade da vida, e que sempre a amara, agora que o castigo se abatera sobre ele, não seria possível para ela de modo algum abandoná-lo. Havia um abandono que se sentava na mesma mesa e que repousava no mesmo divã com a alma abandonada, murchando-a ainda mais com sua proximidade desamorosa. Ela sabia, quando trancou a porta, que ao destrancá-la estaria pronta para ir até seu infeliz marido e consolar sua tristeza, conversar sobre sua culpa, chorar e que não iria censurá-lo. Mas ela necessitava de tempo para recobrar suas forças; ela precisava soluçar e se despedir de toda a alegria e orgulho de sua vida. Quando decidiu descer, ela se preparou com alguns pequenos atos que poderiam parecer tolices para um severo observador; era sua maneira de expressar a todos os espectadores visíveis ou invisíveis que ela havia começado uma nova vida na qual havia abraçado a humilhação. Ela tirou todos os enfeites e colocou um vestido preto simples, e em vez de usar sua touca suntuosa e grandes laços nos cabelos, ela simplesmente os escovou de cima abaixo e vestiu uma touca simples, que a fazia parecer uma velha metodista.

Bulstrode, que sabia que sua esposa havia saído e voltado dizendo que não se sentia bem, passou o tempo em uma agitação similar à dela. Ele havia esperado ansiosamente que ela se inteirasse da verdade através de outras pessoas, e acreditava que esta probabilidade seria algo mais fácil para ele do que qualquer confissão. Mas agora que imaginava que havia chegado o momento, ele

aguardava o resultado com angústia. Suas filhas foram obrigadas a deixá-lo sozinho e, embora tivesse permitido que lhe trouxessem comida, ele não a tocou. Ele sentia que estava morrendo lentamente em uma implacável desgraça. Talvez ele nunca mais pudesse contemplar o rosto de sua esposa com afeto. E quando se voltava para Deus, parecia não haver resposta a não ser a pressão da retribuição.

Eram oito horas da noite quando a porta se abriu e sua esposa entrou. Ele não ousou olhar para ela. Estava sentado, com os olhos baixos, e quando ela caminhou em sua direção, achou que ele parecia menor, tão murcho e encolhido. Um movimento de nova compaixão e velha ternura passou por ela como uma grande onda, e colocando uma das mãos sobre a dele, que repousava no braço da cadeira, e a outra em seu ombro, ela disse, com solenidade, mas gentileza:

– Olhe para mim, Nicholas.

Ele ergueu os olhos com um pequeno sobressalto e olhou para ela meio assombrado por um momento; seu rosto pálido, seu distinto vestido de luto, o tremor nos seus lábios, tudo dizia: “Eu sei”, mas suas mãos e olhos permaneciam suaves. Ele começou a chorar e ambos choraram juntos, ela sentada ao seu lado. Eles ainda não podiam falar sobre a vergonha que ela compartilhava com ele, ou sobre os atos que a haviam causado. Sua confissão foi silenciosa, e a promessa de fidelidade de sua esposa também. Mesmo tendo a mente aberta, ela se encolheu diante das palavras que haviam expressado seu sentimento mútuo, assim como havia se encolhido diante das fagulhas do fogo. Ela não podia dizer: “Quanto é apenas calúnia e falsa suspeita?” e ele não disse: “Eu sou inocente.”

CAPÍTULO LXXV

“O sentimento da falsidade dos prazeres presentes e a ignorância da vaidade dos prazeres ausentes causam inconstância.”
– PASCAL

Rosamond teve um lampejo de alegria quando a casa foi libertada da figura ameaçadora e quando todos os credores desagradáveis foram pagos. Mas ela não estava feliz: sua vida de casada não havia realizado nenhuma de suas esperanças e tinha sido muito prejudicada diante da sua imaginação. Neste breve intervalo de calmaria, Lydgate, lembrando-se de que muitas vezes havia sido tempestuoso em suas horas de perturbação e consciente da dor que Rosamond tivera de suportar, era cuidadosamente gentil com ela. Porém, ele também havia perdido um pouco da sua essência, e ainda achava necessário referir-se a uma mudança econômica em seu modo de vida como algo natural, tentando reconciliá-la gradualmente com a mudança e reprimindo sua raiva quando ela contestava desejo de que ele fosse viver em Londres. Quando não respondia desta forma, ela ouvia com languidez e se perguntava o que ainda havia para valer a pena viver. As palavras duras e desdenhosas proferidas pelo marido em sua cólera haviam ofendido profundamente aquela vaidade que ele a princípio considerara o motivo do vivo prazer, e o que ela considerava o modo contumaz de seu marido de ver as coisas e alimentava uma repulsa secreta, que a fazia receber todo o seu carinho como um pobre substituto da felicidade que ele não havia conseguido lhe proporcionar. Eles estavam em desvantagem com seus vizinhos e não havia mais qualquer perspectiva em relação a Quallingham... não havia perspectiva em lugar algum, exceto em uma carta ocasional de Will Ladislaw. Ela havia se sentido magoada e desapontada com a resolução de Will de deixar

Middlemarch, pois apesar do que sabia e adivinhava sobre sua admiração por Dorothea, secretamente acalentava a crença de que ele tinha, ou necessariamente viria a ter, muito mais admiração por ela mesma. Rosamond era uma dessas mulheres que apreciam muito a ideia de que todos os homens que encontrava a teriam considerado sua predileta, se a preferência não tivesse sido impossível.

Mrs. Casaubon era magnífica, mas o interesse de Will por ela datava de antes de ele conhecer Mrs. Lydgate. Rosamond interpretava sua maneira de falar com ela, que era uma mistura de crítica divertida e hiperbólica galanteria, como o disfarce de um sentimento mais profundo, e na sua presença ela sentia aquela agradável excitação de vaidade e sensação de drama romântico que a presença de Lydgate não tinha mais a magia de produzir. Ela até imaginava (o que os homens e mulheres não imaginam nesses assuntos?) que Will exagerava sua admiração por Mrs. Casaubon para irritá-la. Desta forma, o cérebro da pobre Rosamond estivera ocupado antes da partida de Will. Ela acreditava que ele teria sido um marido muito mais adequado para ela do que Lydgate. Nenhuma opinião poderia ser mais falsa do que esta, pois o descontentamento de Rosamond com seu casamento era devido às condições do próprio casamento, às suas exigências de repressão individual e tolerância, e não à natureza de seu marido, mas a concepção fácil de uma melhora irreal tinha um encanto sentimental que afastava o tédio.

Ela construiu um pequeno romance para variar a monotonia de sua vida: Will Ladislaw seria sempre solteiro e viveria perto dela, para estar sempre às suas ordens, e possuiria uma compreendida, porém nunca expressada paixão por ela, que eventualmente enviaria chamas radiantes em cenas interessantes. Sua partida havia sido uma decepção proporcional e havia reforçado lamentavelmente seu aborrecimento com Middlemarch, embora no início ela tivesse como substituto um sonho alternativo de prazer com relações previsíveis com a família em Quallingham. Desde então, os dissabores de sua vida de casada se aprofundaram, e a ausência de qualquer outro consolo despertou sua pesarosa consideração sobre aquele romance frágil que outrora nutrira. Homens e mulheres cometem

erros tristes sobre seus próprios sintomas, tomando seus anseios inquietos e vagos, ora por gênio, ora por religião, e mais frequentemente ainda por um imenso amor. Will Ladislaw havia escrito cartas tagarelas, metade para ela e metade para Lydgate, e Rosamond respondeu a todas. Ela acreditava que sua separação não seria definitiva e a mudança que mais desejava era que ela e Lydgate fossem viver em Londres; tudo seria agradável lá, e ela estava silenciosamente determinada a trabalhar para tal resultado quando uma promessa repentina e deliciosa a estimulou.

Aconteceu alguns dias antes da memorável reunião na prefeitura e era nada menos do que uma carta de Will Ladislaw para Lydgate, que se voltava principalmente para seu novo interesse em planos de colonização, mas que mencionava incidentalmente que talvez fosse necessário fazer uma visita a Middlemarch nas próximas semanas... uma necessidade muito agradável, dissera ele, quase tão boa quanto férias para um estudante. Ele esperava encontrar seu antigo lugar no tapete e poder desfrutar de uma boa quantidade de música. Mas ele não tinha certeza de quando iria. Enquanto Lydgate lia a carta para Rosamond, sua expressão se animou como uma flor que revivia, e se tornou mais bonita e mais viçosa. Não havia nada que não pudesse suportar agora: as dívidas haviam sido pagas, Mr. Ladislaw estava voltando, e Lydgate seria persuadido a deixar Middlemarch e se estabelecer em Londres, que era “muito diferente de uma cidade provinciana”.

Fora uma manhã brilhante. Mas logo o céu escureceu sobre a pobre Rosamond. A presença de uma nova melancolia que se apoderou do marido, a respeito da qual ele se manteve completamente reservado, pois temia expor seus sentimentos dilacerados à neutralidade e errôneos julgamentos dela. Respondendo a uma indagação de Rosamond, o marido deu uma estranha explicação, alheia a todas as suas noções anteriores do que poderia afetar sua felicidade. Em sua nova elevação de espírito, e acreditando que Lydgate tinha apenas um ataque de mau humor pior do que o normal, fazendo-o deixar seus comentários sem respostas e, evidentemente, afastando-se dela o máximo

possível, ela o deixou de lado. Alguns dias depois da reunião ela decidiu, sem tocar no assunto, enviar alguns convites para uma pequena festa noturna, convencida de que era uma medida prudente, pois as pessoas pareciam ter-se afastado deles e ela queria recuperar o antigo costume de relação sociais. Quando os convites fossem aceitos, ela contaria a Lydgate e lhe daria uma sábia lição sobre como um médico deveria se comportar com seus vizinhos, pois Rosamond tinha ideias muito concretas sobre os deveres dos outros. Porém, todos os convites foram recusados e a última resposta chegou às mãos de Lydgate.

– Esta é a caligrafia de Chichely. Por que está escrevendo para você? – perguntou Lydgate, pensativo ao entregar o envelope para ela. Ela foi obrigada a deixá-lo ver e, olhando para ela com severidade, ele disse:

– Por que diabos você tem enviado convites sem me dizer, Rosamond? Eu imploro, insisto que você não convide ninguém para esta casa. Suponho que também convidou outras pessoas, e que elas também recusaram.

Ela não respondeu.

– Você está me ouvindo? – trovejou Lydgate.

– Sim, é claro que estou ouvindo – disse Rosamond, virando a cabeça para o lado com o movimento de um gracioso pássaro de pescoço longo.

Lydgate sacudiu a cabeça, sem nenhum encanto particular, e saiu da sala, sentindo-se perigoso. O pensamento de Rosamond era que ele estava ficando cada vez mais insuportável... não que houvesse qualquer nova razão especial para essa peremptoriedade. Sua indisposição para explicar a ela qualquer coisa que ele sabia que ela não estaria interessada estava se tornando um hábito irrefletido, e Rosamond ignorava tudo o que estivesse relacionado às mil libras, exceto que o empréstimo viera de seu tio Bulstrode. Os humores odiosos de Lydgate e o aparente distanciamento de seus vizinhos eram uma combinação inexplicável para ela desde o alívio das dificuldades financeiras. Se os convites tivessem sido aceitos, ela teria convidado sua mãe e todos os outros, a quem não via há vários dias, e agora ela vestia sua touca para tentar descobrir o que havia

acontecido com todas as pessoas, sentindo que havia uma conspiração para deixá-la sozinha com o marido disposto a ofender todo mundo. Já passava da hora do jantar e ela encontrou seus pais sentados sozinhos na sala de estar. Eles a cumprimentaram com olhares tristes, dizendo: “Olá, minha querida” e nada mais. Ela nunca tinha visto seu pai tão abatido; ela sentou-se ao seu lado e perguntou:

– Há algum problema, papai?

Ele não respondeu, mas Mrs. Vincy disse:

– Oh, minha querida, você ainda não sabe de nada? Não demorará muito para que chegue até você.

– É alguma coisa sobre Tertius? – perguntou Rosamond, empalidecendo. A ideia de problemas imediatamente se conectou com o que havia sido inexplicável na atitude dele.

– Oh, minha querida, sim. E pensar que você se casou para ter esse tipo de problema. As dívidas já eram ruins, mas isso vai ser pior.

– Calma, calma Lucy – disse Mr. Vincy. – Você não ouviu nada sobre seu tio Bulstrode, Rosamond?

– Não, papai – disse a pobrezinha, sentindo como se os problemas não fossem nada do que ela tivesse experimentado antes, mas algum poder invisível com um aperto de ferro que fazia sua alma desfalecer no seu interior.

O pai contou-lhe tudo, dizendo ao final:

– É melhor que você saiba, minha querida. Penso que Lydgate deveria deixar a cidade. As coisas não estão boas para ele. Atrevo-me a dizer que ele não poderá evitar. Eu não posso acusá-lo de nenhuma injúria – disse Vincy. Antes disso, ele sempre estivera disposto a encontrar falhas em Lydgate.

O choque que Rosamond recebeu foi terrível. Tinha a sensação de que nenhum destino poderia ser tão cruelmente difícil quanto o seu... ter se casado com um homem que se tornara o centro de suspeitas infames. Em muitos casos, é inevitável que a vergonha seja considerada a pior parte do crime, e teria exigido muita reflexão esclarecedora, coisa que nunca havia feito parte da vida

de Rosamond, para que ela agora sentisse que seu problema era pior do que se ela soubesse que seu marido tinha feito algo criminoso. Toda a vergonha parecia estar ali, e ela havia se casado inocentemente com aquele homem, acreditando que ele e sua família seriam uma glória para ela. Rosamond mostrou sua reticência usual para com os pais e apenas disse que se Lydgate tivesse feito o que ela desejava, ele já teria deixado Middlemarch há muito tempo.

– Ela enfrenta tudo de forma admirável – disse sua mãe quando ela se foi.

– Ah, graças a Deus! – disse Vincy, que estava muito abatido.

Mas Rosamond voltou para casa com uma justificada sensação de repugnância pelo marido. O que ele realmente havia feito? Como ele realmente havia se comportado? Ela não sabia. Por que ele não contou tudo a ela? Lydgate não falou com ela sobre o assunto, e, é claro, ela não poderia falar com ele. Uma vez passou pela sua cabeça a ideia de pedir ao pai que a deixasse voltar para casa, mas ao refletir sobre tal perspectiva, pareceu-lhe completamente melancólica: uma mulher casada que voltou a morar com os pais... a vida parecia não ter sentido para ela em tal situação, ela não conseguia ver a si mesma nela.

Nos dois dias seguintes, Lydgate observou uma mudança em sua esposa e supôs que ela havia se inteirado das más notícias. Ela falaria com ele sobre o assunto ou continuaria para sempre em silêncio, o que parecia implicar que ela o considerava culpado? Não podemos nos esquecer de que ele estava em um estado de espírito mórbido, no qual quase todo contato era doloroso. Certamente Rosamond, neste caso, tinha motivos semelhantes para queixar-se da reserva e falta de confiança de sua parte. Porém, na amargura de sua alma, ele desculpava a si mesmo. Não havia razão justificada para recuar diante da decisão de lhe contar, já que agora ela sabia a verdade e não sentia vontade de falar com ele? No entanto, uma consciência mais profunda de que ele era o culpado a inquietava, e o silêncio entre eles tornou-se intolerável; era como se ambos estivessem à deriva em um dos destroços de um naufrágio e evitassem olhar para o outro.

Lydgate pensou: *eu sou um tolo. Já não desisti de toda esperança? Casei-me*

com a preocupação, não com a ajuda. Naquela noite, ele disse:

– Rosamond, você ouviu alguma coisa que a angustiou?

– Sim – respondeu ela, deixando o trabalho de lado, com uma languidez semiconsciente, muito distinta do seu estado habitual.

– O que você ouviu?

– Tudo, suponho. Papai me contou.

– Que as pessoas pensam que eu não tenho honra?

– Sim – disse Rosamond, abatida, voltando-se automaticamente para a costura.

Houve silêncio. Lydgate pensou: *Se ela tivesse alguma confiança em mim... alguma noção do que eu sou, ela deveria dizer agora que não acredita que eu mereço a desonra.*

Mas Rosamond, por sua vez, continuou movendo os dedos languidamente. O que quer que fosse dito sobre o assunto, ela esperava que viesse de Tertius. O que ela sabia? E se ele era inocente de qualquer ofensa, por que não fazia algo para limpar seu nome?

Este silêncio trouxe uma nova onda de amargura ao humor ácido que fazia Lydgate dizer a si mesmo que ninguém acreditava nele... nem mesmo Farebrother havia se manifestado. Ele tinha começado a questioná-la com a intenção de que a conversa dispersasse a névoa fria que os envolvia, mas sentiu que sua resolução era interrompida por um ressentimento desesperado. Mesmo este problema, assim como todo o resto, Rosamond parecia considerar como se fosse só dela. Ele sempre havia sido para ela um ser à parte, que sempre fazia o que ela não queria. Ele se levantou da cadeira com um impulso raivoso, enfiou as mãos nos bolsos e caminhou de um lado para o outro na sala. Havia uma consciência subjacente de que ele deveria dominar aquela raiva, contar-lhe tudo e convencê-la dos fatos. Pois ele quase havia aprendido a lição de que deveria se curvar à natureza dela, e como ela não demonstrava compreensão suficiente, ele deveria se doar mais. Logo recorreu à intenção de se abrir: a ocasião não deveria ser perdida. Se ele pudesse fazê-la sentir com alguma solenidade que havia uma

calúnia que deveria ser enfrentada e da qual não seria possível fugir, e que todo o transtorno havia ocorrido por sua desesperada necessidade de dinheiro, seria o momento para exigir com firmeza que eles deveriam estar unidos na decisão de gastar o mínimo de dinheiro possível, para que pudessem enfrentar os maus momentos e se manterem independentes. Ele mencionaria as medidas definitivas que desejava tomar e conquistaria sua boa vontade. Ele estava obrigado a tentar... o que mais poderia fazer?

Ele não sabia há quanto tempo andava inquieto de lá para cá, mas Rosamond achava que era muito tempo e desejou que ele se sentasse. Ela também começava a achar que aquela era a oportunidade para insistir com Tertius sobre o que ele deveria fazer. Qualquer que fosse a verdade sobre toda aquela desgraça, havia um temor que se afirmava.

Lydgate finalmente sentou-se, não em sua cadeira de costume, mas em uma mais perto de Rosamond, inclinando-se para o lado na direção dela e olhando-a gravemente antes de retomar o lamentável assunto. Ele havia se dominado até então, e estava prestes a falar com seriedade, como se aquela fosse uma ocasião que não iria se repetir. Ele já tinha até aberto os lábios, quando Rosamond, deixando as mãos caírem, olhou para ele e disse:

– Certamente, Tertius...

– Certamente o quê?

– Certamente agora você finalmente abandonou a ideia de continuar em Middlemarch. Eu não posso continuar vivendo aqui. Vamos para Londres. Papai e todos os outros dizem que é o melhor para você. Qualquer que seja o apuro que tiver que suportar, será mais fácil longe daqui.

Lydgate sentiu-se terrivelmente abalado. No lugar daquela efusão crítica para a qual ele havia se preparado com tanto rigor, eles voltavam para o mesmo ponto de partida. Ele não podia mais suportar. Com uma rápida mudança de semblante, ele levantou-se e saiu da sala.

Talvez se ele tivesse sido forte o suficiente para persistir em sua determinação de ser mais porque ela era menos, aquela noite poderia ter tido um

melhor resultado. Se sua energia tivesse vencido aquele teste, ele ainda poderia ter transformado a visão e a vontade de Rosamond. Não podemos ter certeza de que certas naturezas, por mais inflexíveis e peculiares que sejam, resistirão a este efeito de possuir uma personalidade mais forte do que a sua. Elas podem ser surpreendidas e por um momento convertidas, tornando-se parte da alma que as envolve no ardor de seu movimento. Mas o pobre Lydgate sentia uma dor latejante dentro de si e sua energia estava aquém de sua tarefa.

O início de um entendimento mútuo e determinação parecia tão distante como sempre estivera; e mais, parecia bloqueado pela sensação de esforço malsucedido. Eles seguiram vivendo dia após dia com seus pensamentos ainda separados, e enquanto Lydgate saía para realizar seu trabalho com humor desesperançado, Rosamond sentia, com alguma justificativa, que ele se comportava de maneira cruel. Não adiantava dizer coisa alguma a Tertius, mas quando Will Ladislaw chegasse, ela estava determinada a contar-lhe tudo. Apesar de sua reticência usual, ela precisava de alguém que reconhecesse seus erros.

CAPÍTULO LXXVI

Por perdão, misericórdia, amor e paz
Todos imploram em sua angústia,
E a essas deliciosas virtudes,
Retribuem sua gratidão.
Pois o perdão tem um coração humano,
A misericórdia tem rosto humano;
O Amor, a forma humana divina;
E paz usa uma vestimenta humana.
– WILLIAM BLAKE: Canções da Inocência

Alguns dias depois, Lydgate cavalgava para Lowick Manor, atendendo a uma convocação de Dorothea. A convocação não era inesperada, uma vez que se seguiu a uma carta de Mr. Bulstrode, na qual ele afirmava ter resumido seus arranjos para deixar Middlemarch, e deveria lembrar Lydgate de suas conversas anteriores sobre o hospital, cujo propósito desejava cumprir. Antes de tomar outras providências, era seu dever retomar o assunto com Mrs. Casaubon, que agora desejava, assim como antes, discutir o assunto com Lydgate.

“Suas intenções podem ter sofrido alguma alteração”, escrevera Mr. Bulstrode, “mas também, neste caso, é desejável que você as exponha para ela”.

Dorothea aguardava sua chegada com grande interesse. Embora, em deferência a seus conselheiros masculinos, ela tivesse se abstido do que Sir James chamara de “se envolver neste assunto de Bulstrode”, a dificuldade da posição de Lydgate permanecera continuamente em sua mente, e quando Bulstrode voltou a falar com ela sobre o hospital, ela sentiu que havia chegado a oportunidade que havia sido obrigada a adiar. Em sua luxuosa casa, passeando

sob os galhos de suas grandes árvores, seus pensamentos se voltavam para o destino dos outros e suas emoções estavam aprisionadas. A ideia de dedicar-se à prática de alguma boa ação que estivesse ao seu alcance “a assombrava, assim como uma paixão”, e uma vez que a necessidade de outras pessoas era vista a partir de um ponto de vista mais claro, ela ansiava por lhes proporcionar algum alívio, o que tornava insípido o seu próprio conforto. Ela depositava muita esperança naquele encontro com Lydgate, sem considerar o que diziam sobre a reserva pessoal do médico e sem reparar no fato de ser mulher e muito jovem. Nada parecia ser mais irrelevante para Dorothea do que sua juventude e sexo quando se sentia movida a demonstrar compaixão.

Enquanto esperava na biblioteca, ela nada podia fazer a não ser reviver todas as cenas passadas que levaram Lydgate à sua memória. Todas elas deviam sua importância ao seu próprio casamento e seus dissabores... mas, não; havia duas ocasiões em que a imagem de Lydgate aparecia penosamente relacionada com sua esposa e com mais alguém. A dor de Dorothea havia diminuído, mas deixara com ela uma inquietante suspeita sobre o que o casamento de Lydgate poderia ser para ele, uma suscetibilidade à menor referência a Mrs. Lydgate. Estes pensamentos eram para ela um tipo de drama que fazia seus olhos brilharem e produzia uma atividade ansiosa por todo o seu corpo, embora ela estivesse apenas olhando da biblioteca sombria para o gramado e para os botões verdes brilhantes que se destacavam contra as sempre-vivas escuras.

Quando Lydgate entrou, ela ficou comovida pela mudança em seu semblante, surpreendentemente perceptível para ela, que não o via há dois meses. Não era uma mudança causada pelo emagrecimento, mas aquele efeito que mesmo os rostos mais jovens logo demonstram, a presença persistente de ressentimento e desânimo. Seu olhar cordial, quando ela estendeu a mão para ele, suavizou sua expressão, mas apenas com melancolia.

– Faz muito tempo que eu gostaria de vê-lo, Mr. Lydgate – disse Dorothea quando eles se sentaram frente a frente –, mas adiei pedir-lhe que viesse até que Mr. Bulstrode voltasse a me procurar para falar sobre o hospital. Sei que a

vantagem de manter sua gestão separada da gestão da enfermaria depende do senhor, ou, pelo menos, do bem que o senhor é encorajado a esperar por mantê-lo sob seu controle. Estou certa de que o senhor não se recusará a me dizer exatamente o que pensa.

– A senhora quer saber se deve dar um apoio generoso ao hospital? – disse Lydgate. – Não posso aconselhá-la conscienciosamente a fazê-lo na dependência de qualquer atividade minha. Posso ser obrigado a deixar a cidade.

Ele falou bruscamente, sentindo a dor do desespero por ser capaz de realizar qualquer propósito contra o qual Rosamond havia decidido.

– Não seria porque não há ninguém que acredita no senhor? – perguntou Dorothea, derramando as palavras diretamente do seu coração. – Eu conheço os erros infelizes cometidos contra o senhor. Eu os reconheci desde o primeiro momento como erros. O senhor nunca fez nada de errado. O senhor nunca faria nada desonroso.

Aquela foi a primeira afirmação de crença nele que chegou aos ouvidos de Lydgate. Ele respirou fundo e exclamou:

– Obrigado!

Ele não podia dizer mais nada; era algo muito novo e estranho em sua vida que aquelas poucas palavras de confiança vindas de uma mulher significassem tanto para ele.

– Eu imploro que me conte como tudo aconteceu – disse Dorothea, com valentia. Estou certa de que a verdade lhe fará justiça.

Lydgate levantou-se da cadeira e foi até a janela, esquecendo-se de onde estava. Ele tinha tantas vezes repassado em sua mente a possibilidade de explicar tudo sem agravar as aparências que, talvez injustamente, deporiam contra Bulstrode, e tantas vezes a havia rejeitado... ele tantas vezes disse a si mesmo que suas afirmações não alterariam as impressões das pessoas, que as palavras de Dorothea soaram como uma tentação de fazer algo que sua prudência havia declarado ser irracional.

– Conte-me tudo, por favor – insistiu Dorothea, com simples seriedade –,

então poderemos examinar tudo juntos. Não está certo deixar que as pessoas pensem mal de alguém quando se pode evitar.

Lydgate voltou-se para ela, lembrando-se de onde estava, e viu o rosto de Dorothea olhando para ele com uma seriedade doce e confiante. A presença de uma natureza nobre, generosa em seus desejos, ardente em sua caridade, muda a luz para nós: começamos a ver as coisas novamente em seu aspecto mais amplo, mais tranquilo, e a pensar que nós também podemos ser vistos e julgados na totalidade de nosso caráter. Essa influência começava a afetar Lydgate, que por muitos dias havia visto toda a vida como alguém que é arrastado e se debate em meio à multidão. Ele sentou-se novamente e sentiu que estava recuperando seu antigo eu na consciência de que estava diante de alguém que confiava nele.

– Eu não quero – disse ele – dizer coisas ásperas sobre Bulstrode, que me emprestou o dinheiro do qual eu necessitava, embora preferisse ter ficado sem ele agora. Ele está encurralado e infeliz, e só lhe resta um pobre fio de vida. Mas eu gostaria de lhe contar tudo. Será um conforto falar onde a confiança já se foi e quando não parecerá que estou oferecendo afirmações da minha própria honestidade. A senhora compreenderá o que é justo para o outro, como compreendeu o que é justo para mim.

– Confie em mim – disse Dorothea. – Não vou repetir nada sem sua permissão. Mas, pelo menos, poderei dizer que o senhor deixou todas as circunstâncias claras para mim e que sei que não é de forma alguma culpado. Mr. Farebrother acreditará em mim, e também meu tio e Sir James Chettam. Além disso, há mais pessoas em Middlemarch a quem eu poderia me dirigir; embora não me conheçam muito bem, elas acreditariam em mim. Elas sabem que eu não poderia ter outro motivo além da verdade e da justiça. Eu assumirei todo o trabalho possível para limpar o seu nome. Tenho muito pouco a fazer. Não há nada melhor que eu possa fazer no mundo.

A voz de Dorothea, ao fazer esta descrição inocente do que faria, poderia ter sido quase tomada como uma prova de que ela o faria com sucesso. A ternura penetrante do seu tom feminino parecia feita para uma defesa rápida contra os

acusadores. Lydgate não parou para pensar que Dorothea era quixotesca; ele se rendeu, pela primeira vez na vida, ao sentido primoroso de apoiar-se inteiramente em uma compreensão generosa, sem qualquer controle de reserva orgulhosa. Ele contou tudo a ela, desde o momento em que, sob a pressão de suas dificuldades, de forma involuntária fez seu primeiro pedido a Bulstrode; gradativamente, no alívio de falar, entrou em uma explicação mais completa do que se passara em sua mente... indo direto ao fato de que seu tratamento para o paciente se opunha à prática dominante, às suas dúvidas, por fim, ao seu ideal de dever médico, e sua inquietante consciência de que a aceitação do dinheiro fizera alguma diferença em sua inclinação pessoal e conduta profissional, embora não no cumprimento de qualquer obrigação publicamente reconhecida.

– Eu soube desde então – acrescentou ele – que Hawley enviou alguém para interrogar a governanta em Stone Court, e que ela disse que havia administrado ao paciente todo o ópio do frasco que deixei, bem como uma boa dose de conhaque. Mas isso não teria se oposto às prescrições usuais, mesmo para homens de primeira classe. As suspeitas contra mim não encontraram nenhuma motivação neste ponto, elas são baseadas no conhecimento de que eu aceitei o dinheiro, de que Bulstrode tinha fortes razões para desejar que o homem morresse, e que ele me deu o dinheiro como um suborno para concordar com algum tratamento nocivo ou ilegal contra o paciente... que em todo caso eu aceitei um suborno para ficar calado. São precisamente as suspeitas às quais eles se prendem com maior obstinação, porque ficam impregnadas na mente das pessoas e nunca podem ser desmentidas. Como as minhas instruções foram desobedecidas é uma questão para a qual não tenho a resposta. É possível que Bulstrode seja inocente de qualquer intenção criminosa... até mesmo possível que ele não tivesse nada a ver com a desobediência, e apenas se absteve de mencioná-la. Mas tudo isso não tem nada a ver com a crença pública. É um daqueles casos em que um homem é condenado com base em seu caráter... acredita-se que ele cometeu um crime de forma indefinida, porque tinha motivos para fazê-lo; e a personalidade de Bulstrode se misturou com a minha, porque eu

aceitei seu dinheiro. Estou simplesmente arruinado, como uma espiga de milho danificada, o negócio está feito e não pode ser desfeito.

– Que difícil! – exclamou Dorothea. – Compreendo a dificuldade que existe para que o senhor possa se justificar. E que tudo isso tenha acontecido com o senhor, que pretendia levar uma vida mais elevada do que a comum, e descobrir novos caminhos... não posso suportar aceitar o fato como irremediável. Eu sei que estas eram as suas metas. Lembro-me do que me disse quando me falou pela primeira vez sobre o hospital. Não há nenhuma dor pior do que esta: querer a excelência, buscar alcançá-la e, mesmo assim, fracassar.

– Sim – disse Lydgate, sentindo que havia encontrado espaço para o completo significado da sua dor. – Eu tinha ambições. Queria que tudo fosse diferente para mim. Achava que tinha mais força e maestria. Mas os obstáculos mais terríveis são aqueles que ninguém pode ver, exceto você mesmo.

– Suponhamos – disse Dorothea, pensativa –, suponhamos que mantivéssemos o hospital de acordo com o plano atual, e o senhor permanecesse aqui, embora apenas com a amizade e apoio de poucos..., o sentimento adverso contra o senhor desapareceria gradualmente; haveria oportunidades nas quais as pessoas seriam forçadas a reconhecer que foram injustas com o senhor, porque reconheceriam que seus propósitos eram puros. O senhor ainda poderia conseguir uma grande fama, como o Louis e Laennec, de quem ouvi falar, e nós todos sentiríamos muito orgulho do senhor – concluiu ela, com um sorriso.

– Isso poderia funcionar se eu tivesse minha antiga confiança em mim mesmo – disse Lydgate, com pesar. – Nada me incomoda mais do que a ideia de dar meia-volta e fugir diante desta calúnia, abandonando-a sem justificativa. Mesmo assim, não posso pedir a ninguém que coloque muito dinheiro em um plano que depende de mim.

– Valeria a pena – disse Dorothea, simplesmente. – Veja. Estou muito desconfortável com meu dinheiro, porque me dizem que tenho muito pouco para os grandes projetos que aprecio, e mesmo assim, tenho bastante. Não sei o que fazer. Tenho setecentas libras anuais de minha própria fortuna, mais mil e

novecentas deixadas por Mr. Casaubon e entre três e quatro mil em minha conta no banco. Eu queria levantar um empréstimo e ir pagando gradualmente com minha renda que não necessito, para comprar um terreno e fundar uma aldeia que fosse uma escola de formação, mas Sir James e meu tio me convenceram de que os riscos seriam muito grandes. Portanto, o que mais me deixaria feliz seria fazer alguma coisa boa com esse dinheiro, gostaria de melhorar a vida de outras pessoas. Isso me deixa muito angustiada, que venha tudo para mim quando eu não necessito.

Um sorriso surgiu no rosto de Lydgate. A gravidade ingênua estampada nos olhos de Dorothea ao dizer tudo aquilo era irresistível, e se fundia em um todo adorável com sua fácil compreensão de alta experiência (de experiência pequena, como aquela que opera amplamente no mundo, a pobre Mrs. Casaubon tinha um conhecimento míope e confuso, pouco ajudado por sua imaginação). Mas ela interpretou o sorriso como um estímulo para o seu plano.

– Acredito que o senhor vê agora que falo com muitos escrúpulos – disse ela, em tom de persuasão. – O hospital seria uma boa coisa, e fazer a sua vida voltar a ser boa, também.

O sorriso de Lydgate desapareceu.

– A senhora tem a bondade e o dinheiro para fazer tudo isso; se isso puder ser feito – disse ele. – Mas...

Ele hesitou um pouco, olhando vagamente para a janela e Dorothea permaneceu em silenciosa expectativa. Por fim, ele voltou-se para ela e disse, com impetuosidade:

– Por que eu não deveria lhe dizer? A senhora sabe que tipo de vínculo é o casamento. Com certeza vai entender.

Dorothea sentiu que seu coração começava a bater mais rápido. Ele também sentia aquela mesma tristeza? Mas ela temia dizer qualquer palavra, e o médico prosseguiu:

– É impossível para um homem como eu fazer qualquer coisa agora... tomar qualquer decisão sem considerar a felicidade de minha esposa. O que eu teria

gostado de fazer se fosse solteiro tornou-se uma impossibilidade. Não posso vê-la infeliz. Ela se casou comigo sem saber em que estava se metendo, e teria sido melhor para ela se não o tivesse feito.

– Eu sei, eu sei... o senhor não poderia lhe causar nenhuma dor, a menos que fosse obrigado a fazê-lo – disse Dorothea, com uma recordação nítida de sua própria vida.

– E ela decidiu não ficar aqui. Quer ir embora. Os problemas que teve aqui a desgastaram – disse Lydgate, interrompendo-se novamente, para evitar que falasse demais.

– Mas quando ela visse o bem que poderia resultar se ficasse... – disse Dorothea, protestando, olhando para Lydgate como se ele tivesse esquecido as razões que acabaram de considerar. Ele não respondeu imediatamente.

– Ela não conseguiria ver – disse ele por fim, bruscamente, sentindo a princípio que aquela afirmação deveria ser suficiente. – E, na verdade, perdi todo o ânimo para continuar minha vida aqui.

Ele se deteve por um momento e, então, seguindo o impulso de deixar Dorothea compreender mais profundamente a dificuldade de sua vida, ele disse:

– O fato é que este transtorno se abateu sobre ela de forma confusa. Não fomos capazes de conversar sobre o assunto. Não estou certo do que ela pensa sobre isso; ela pode temer que eu realmente tenha feito algo sórdido. A culpa é minha; eu deveria ser mais aberto. Mas tenho sofrido cruelmente em silêncio.

– Eu poderia ir vê-la? – disse Dorothea, ansiosamente. – Ela aceitaria minha simpatia? Eu diria a ela que o senhor não é culpado no julgamento de ninguém, exceto do seu próprio. Eu diria a ela que o senhor será inocentado em todas as mentes justas. Eu alegraria seu coração. Poderia perguntar a ela se posso visitá-la? Eu a vi uma vez.

– Estou certo de que sim – disse Lydgate, aceitando a proposta com alguma esperança. – Ela se sentiria honrada... animada, creio eu, pela prova de que a senhora pelo menos tem algum respeito por mim. Eu não direi nada sobre sua ida... para que ela não a relacione com meus desejos. Eu sei muito bem que não

deveria ter deixado nada para ser dito a ela por outros, mas...

Ele parou e houve um momento de silêncio. Dorothea se absteve de dizer o que estava em sua mente, o quão bem ela sabia que poderia haver barreiras invisíveis para a conversa entre marido e mulher. Este era um ponto em que até mesmo a simpatia poderia ferir. Ela voltou ao aspecto mais externo da situação de Lydgate, dizendo alegremente:

– E se Mrs. Lydgate soubesse que há amigos que acreditam no senhor e que o apoiam, ela ficaria feliz que o senhor permanecesse em seu lugar e recuperasse suas esperanças, e que fizesse o que pretendia fazer. Talvez, então, o senhor veria que seria uma medida acertada concordar com a minha proposta sobre o seu trabalho no hospital. Certamente o faria, se mantivesse sua fé na sua atuação como um meio de tornar útil os seus conhecimentos.

Lydgate não respondeu e ela compreendeu que ele travava uma luta interna.

– Não há necessidade de decidir imediatamente – disse ela, gentilmente. – Mesmo que demore alguns dias, ainda tenho tempo suficiente para enviar minha resposta a Mr. Bulstrode.

Lydgate ainda esperou um pouco, mas finalmente retomou a fala, com tom mais decisivo.

– Não. Prefiro que não haja mais intervalo para hesitar. Não estou mais suficientemente seguro de mim mesmo... quero dizer, o que seria possível fazer nas novas circunstâncias da minha vida. Não seria honroso permitir que outros se comprometam com qualquer coisa séria que dependa de mim. Pode ser que eu me veja obrigado a partir depois de tudo; vejo poucas chances de qualquer outra coisa. O assunto todo é muito problemático: não posso consentir que eu seja a causa da ruína da sua bondade. Não... deixemos que o novo hospital se junte à velha enfermaria, e que tudo continue como teria sido se eu nunca tivesse vindo para cá. Eu mantenho um registro valioso desde que cheguei aqui, vou enviá-lo ao homem que vai fazer uso dele – concluiu, amargamente. – Durante muito tempo, não consigo pensar em mais nada a não ser em obter uma renda.

– Me dói muito ouvi-lo falar com tamanha desesperança – disse Dorothea. –

Seria uma felicidade para os seus amigos, que acreditam no seu futuro, na sua capacidade para realizar grandes coisas, se o senhor permitisse que eles o resgatassem desta situação. Pense em quanto dinheiro eu tenho: seria como tirar um fardo dos meus ombros se o senhor tomasse uma parte todos os anos até se livrar dessa falta de renda. Por que as pessoas não deveriam fazer essas coisas? É tão difícil distribuir de forma igualitária. Esta é uma boa maneira.

– Deus a abençoe, Mrs. Casaubon! – disse Lydgate, levantando-se com o mesmo impulso que tornava suas palavras enérgicas e apoiando o braço nas costas da grande cadeira de couro em que estivera sentado. – É maravilhoso que a senhora tenha tais sentimentos. Mas eu não sou o homem que deveria se permitir beneficiar deles. Eu não lhe ofereço garantias suficientes. Pelo menos, eu não devo me afundar na degradação de aceitar uma pensão por um trabalho que nunca realizei. Está muito claro para mim que não devo contar com outra saída senão me afastar de Middlemarch assim que puder. Com sorte, eu levaria algum tempo para obter alguma renda aqui, e... é mais fácil fazer as mudanças necessárias em outro lugar. Devo fazer o que fazem os outros homens, pensar no que me satisfaz no mundo e no que pode me proporcionar dinheiro; buscar uma pequena chance entre a multidão de Londres, e me ajustar a ela; instalar-me em um balneário ou assentar-me em alguma cidade ao Sul, onde há muitos ingleses ociosos, e apregoar o meu valor... este é o tipo de concha em que devo me enfiar para tentar manter minha alma viva.

– Mas isso não é ser corajoso – disse Dorothea – desistir da luta.

– Não, não é corajoso – disse Lydgate –, mas se um homem tem medo de uma paralisia progressiva? – então, em outro tom: – No entanto, a senhora acrescentou algo de muito valor à minha coragem por acreditar em mim. Tudo parece mais suportável desde a nossa conversa; e se a senhora puder me justificar diante de algumas pessoas, especialmente de Farebrother, eu ficarei profundamente grato. O ponto que gostaria que não mencionasse é o da desobediência às minhas instruções. Seria rapidamente distorcido. Afinal, não há nenhuma evidência a meu favor além da opinião que as pessoas tinham de mim

antes do incidente.

– Mr. Farebrother vai acreditar... outros também irão – disse Dorothea. – Posso dizer a seu respeito coisas que tornariam uma estupidez supor que seria subornado para praticar uma maldade.

– Não sei – disse Lydgate, com algo parecido com um gemido na voz. – No entanto, eu não aceitei o suborno. Mas existe uma sombra de suborno que às vezes é chamada de prosperidade. A senhora me fará outra grande gentileza, então, e virá ver minha esposa?

– Sim, eu irei. Eu me lembro de como ela é bonita – disse Dorothea, em cuja mente cada impressão sobre Rosamond tinha penetrado profundamente. – Espero que ela goste de mim.

Enquanto Lydgate regressava a cavalo, ele pensou: *aquela jovem criatura tem um coração tão grande como o da Virgem Maria. É evidente que não pensa em seu próprio futuro e comprometeria metade de sua renda de uma só vez, como se não quisesse nada para si, exceto uma cadeira para sentar-se da qual ela pudesse contemplar com aqueles olhos claros os pobres mortais que oram por ela. Ela parece ter o que eu nunca vi em nenhuma mulher antes... uma fonte de amizade para os homens... um homem pode ser seu amigo. Casaubon deve ter causado alguma alucinação heroica nela. Eu me pergunto se ela pode estar apaixonada por outro homem. Ladislaw? Certamente, havia um sentimento incomum entre eles. E Casaubon deve ter tido noção disso. Bem, seu amor poderia ajudar um homem mais do que seu dinheiro.*

Dorothea, por sua vez, formou imediatamente um plano para libertar Lydgate de suas obrigações para com Bulstrode, que ela tinha certeza de que era uma parte, embora pequena, da pressão exasperante que ele tinha de suportar. Ela sentou-se sob a inspiração da conversa e escreveu uma breve nota, na qual alegava ter mais direitos do que Mr. Bulstrode quanto à satisfação de proporcionar o dinheiro que havia sido útil a Lydgate, e que seria cruel se Lydgate não lhe desse a oportunidade de ajudá-lo neste assunto, quando o favor estava sendo prestado a ela que tinha tão pouco a fazer com o dinheiro

desnecessário. Ele poderia chamá-la de credora ou por qualquer outro nome, contanto que implicasse que atendia ao seu pedido. Ela anexou um cheque de mil libras e decidiu levar a carta com ela no dia seguinte, quando fosse visitar Rosamond.

CAPÍTULO LXXVII

“E assim, tua queda deixou uma espécie de mancha,
Para marcar o homem mais bem provido e dotado de suspeita.”
– HENRIQUE V

No dia seguinte, Lydgate teve de ir a Brassing e disse a Rosamond que estaria fora até o anoitecer. Ultimamente, sua mulher não tinha ido além do jardim da sua casa, exceto para ir à igreja, e uma vez para ver seu pai, a quem ela disse: “Se Tertius decidir ir embora, o senhor nos ajudará com a mudança, não é, papai? Suponho que teremos muito pouco dinheiro. Espero que alguém nos ajude”. E Mr. Vincy disse: “Sim, minha filha, posso dispor de cem ou duzentas libras. É algo pontual, e posso ajudá-los”.

Com estas exceções, ela havia permanecido em casa em uma lânguida melancolia e incerteza, fixando sua mente na vinda de Will Ladislaw como o único ponto de esperança e interesse, e a associando a alguma nova maneira de pressionar Lydgate a tomar as providências imediatas para deixar Middlemarch e mudar-se para Londres, até que ela estivesse convencida de que aquela vinda seria uma poderosa causa da partida, sem saber ao certo como. Esta maneira de estabelecer sequências é muito comum para ser considerada um desatino peculiar de Rosamond, e é precisamente este tipo de sequência que causa a maior surpresa quando fracionado, pois, observar como um efeito pode ser produzido é frequentemente como observar possíveis falhas e resistências, mas não ver coisa alguma, exceto a causa desejável, e fechar sobre ela o efeito desejável, que nos livra das dúvidas e torna nossas mentes fortemente intuitivas. Este era o processo em andamento na mente da pobre Rosamond, enquanto organizava todos os objetos ao seu redor com a mesma sutileza de sempre,

apenas com mais lentidão... ou sentava-se ao piano, pensando em tocar, e então desistia, ainda se demorando na banqueta com os dedos brancos suspensos sobre as teclas e olhando para elas com um tédio melancólico. Sua melancolia havia se tornado tão acentuada que Lydgate notou uma estranha timidez, como uma constante e silenciosa reprovação, e aquele homem forte, dominado por sua aguda sensibilidade para com aquela frágil criatura cuja vida ele parecia de alguma forma ter extraído, evitava seu olhar, e às vezes se assustava quando ela se aproximava; o medo dela e o medo por ela tornando-se mais forte depois de ter sido expelido pela exasperação em algum momento.

Porém, naquela manhã Rosamond desceu de seu quarto, onde às vezes permanecia o dia todo quando Lydgate não estava, preparada para um passeio pela cidade. Ela tinha uma carta para postar, uma carta endereçada a Mr. Ladislaw e escrita com uma encantadora discrição, mas que continha a intenção de apressar sua chegada com a insinuação de algum problema. A criada, sua única empregada doméstica agora, notou que ela descia as escadas com seu vestido de passeio e pensou “nunca ninguém ficou tão bonita com sua touca, pobrezinha”.

Enquanto isso, a mente de Dorothea fervia com seu projeto de ver Rosamond e com os muitos pensamentos, tanto do passado quanto do provável futuro, que se acumulavam em torno da ideia daquela visita. Até ontem, quando Lydgate lhe havia dado algum vislumbre de problemas em sua vida de casado, a imagem de Mrs. Lydgate sempre estivera para ela associada com a de Will Ladislaw. Mesmo em seus momentos mais inquietantes, quando tinha sido abalada pelo doloroso relato dos rumores de Mrs. Cadwallader, seu esforço, ou melhor, o ditame mais impulsivo de sua consciência, tinha sido no sentido de justificar Will de todas as suposições obscenas; e quando, em seu encontro com ele mais tarde, ela a princípio havia interpretado suas palavras como uma provável alusão a um sentimento em relação a Mrs. Lydgate que ele estava determinado a colocar um fim, ela havia tido uma visão rápida e triste, e uma justificativa do encanto que pudesse haver em suas constantes oportunidades de companhia com aquela bela

criatura, que provavelmente compartilhava de seus gostos, assim como evidentemente sentia seu deleite pela música. Mas, então, vieram as palavras de despedida... as poucas e apaixonadas palavras com as quais ele insinuava que ela mesma era o objeto por quem seu amor o aterrorizava, que era apenas o seu amor por ela que ele estava decidido a não declarar, mas levar para o exílio. Desde o momento da despedida, Dorothea, acreditando no amor de Will por ela, acreditando com deleite em seu delicado senso de honra e em sua determinação de que ninguém poderia acusá-lo com justiça. Desde então ela sentiu seu coração completamente tranquilo quanto à afeição que Will pudesse sentir por Mrs. Lydgate. Estava segura de que o respeito era irrepreensível.

Existem naturezas nas quais, se somos amados, temos consciência de ter uma espécie de batismo e consagração pela crença que temos em nós mesmos, e nossos pecados se tornam o pior tipo de sacrilégio que destrói o invisível altar da confiança. “Se você não é bom, ninguém é bom”; estas poucas palavras podem dar um significado terrível à responsabilidade, podem conter uma intensidade vitriólica para o remorso.

A natureza de Dorothea era desse tipo: seus próprios defeitos passionais residiam nos canais facilmente abertos de seu caráter ardente, e embora sentisse muita pena pelos erros visíveis dos outros, ela ainda não tinha nenhum material em sua experiência para maquinações sutis e suspeitas de erros ocultos. Mas esta simplicidade, que sustentava um ideal para outros de acordo com o conceito que tinha deles, era um dos grandes poderes de sua feminilidade, a qual desde o início havia operado sobre Will Ladislaw. Ao separar-se dela, Will sentiu que as breves palavras com as quais tentou transmitir o sentimento que sentia por ela, e a divisão que sua fortuna colocava entre eles, seriam aprimoradas e abreviadas quando Dorothea tivesse que interpretá-las. Will sentiu que na mente dela ele havia encontrado a mais alta estima.

E ele estava certo. Nos meses que se seguiram à separação, Dorothea sentira uma tranquilidade deliciosa, embora triste, na relação entre ambos, como algo interiormente completo e sem manchas. Ela carregava uma força antagônica

ativa dentro de si, quando o antagonismo se manifestava em defesa de seus planos ou de pessoas em quem ela acreditava, e as injúrias que pensava que Will havia recebido de seu marido, além das condições externas que para outros eram motivos para desprezá-lo, apenas acrescentavam mais tenacidade ao seu afeto e admiração. E, agora, com as revelações sobre Bulstrode, surgia um novo fato que alterava a posição social de Will e que mais uma vez despertou a resistência de Dorothea ao que era dito sobre ele naquela parte do mundo que ficava entre as cercas do pátio.

– O jovem Ladislaw, o neto de um penhorista judeu desonesto – era a frase enfaticamente repetida nos diálogos sobre o assunto de Bulstrode em Lowick, Tipton e Freshitt, e era um tipo de cartaz nas costas do pobre Will, pior do que o "italiano com ratos brancos". O honrado Sir James Chettam estava convencido de que sua própria satisfação era adequada quando pensava com certa complacência que o fato adicionava mais uma légua na distância montanhosa entre Ladislaw e Dorothea, o que lhe permitia descartar qualquer ansiedade neste sentido por ser absurda. E talvez houvesse algum divertimento em chamar a atenção de Mr. Brooke para este aspecto desfavorável da genealogia de Ladislaw, como se fosse uma nova vela em cuja luz ele pudesse enxergar sua própria loucura. Dorothea havia observado a intenção com a qual a atuação de Will fora lembrada mais de uma vez nessa triste história. Porém, ela não havia proferido nenhuma palavra, sentindo-se prejudicada agora, o que não acontecia antes quando falavam sobre Will, pela consciência de uma relação mais profunda entre eles, que deveria para sempre permanecer um segredo sagrado. Mas seu silêncio protegia sua emoção resistente com uma luz mais intensa, e este infortúnio na sorte de Will que, ao que parecia, outros desejavam lançar em suas costas como um demérito, só dava ao seu pensamento persistente um pouco mais de entusiasmo.

Ela não acalentava nenhuma visão de que eles chegassem a uma união mais próxima, e ainda assim não tinha assumido nenhuma postura de resignação. Ela havia aceitado todo o seu relacionamento com Will de uma forma muito simples

e como parte de suas tristezas conjugais, e teria pensado que estava cometendo um grande pecado ao manter um protesto interior por não ser completamente feliz, estando bastante disposta a pensar nas superfluidades de seu destino. Ela podia suportar que os principais prazeres de sua ternura permanecessem na sua memória, e a ideia do casamento foi apresentada a ela apenas como uma proposta repulsiva de algum pretendente de quem ela no momento nada sabia, mas cujos méritos, como vistos por seus parentes, constituiriam uma fonte de tormento para ela: “alguém que possa administrar sua propriedade, minha querida”, era a atraente sugestão de Mr. Brooke sobre as especificações adequadas. “Eu gostaria de cuidar disso sozinha”, respondeu Dorothea. E ela abraçou a determinação de que nunca se casaria novamente, e no longo vale de sua vida, que parecia tão plano e sem marcos, a orientação viria enquanto ela caminhava ao longo da estrada e via seus companheiros de viagem.

Este estado habitual de sentimento em relação a Will Ladislaw havia sido intenso em todas as suas horas de vigília desde que propôs fazer uma visita a Mrs. Lydgate, e formava uma espécie de pano de fundo contra o qual ela viu a figura de Rosamond sem impedimentos para seus interesses e compaixão. Evidentemente, havia alguma separação intelectual, uma certa barreira para a confiança total que havia surgido entre aquela esposa e o marido, que, no entanto, transformou a felicidade dela em lei. Este era um problema que nenhuma terceira pessoa devia tocar diretamente. Mas Dorothea pensava com profunda comiseração na solidão que havia invadido Rosamond pelas suspeitas lançadas sobre seu marido, e aqui certamente seria útil mostrar respeito por ele e compreensão para com ela.

Vou falar com ela sobre seu marido, pensou Dorothea, enquanto era levada para a cidade. A manhã clara de primavera, o cheiro da terra úmida, as folhas frescas apenas mostrando a riqueza de sua vegetação em seus frutos semiabertos pareciam fazer parte da alegria que ela sentia depois de uma longa conversa com Mr. Farebrother, que aceitara com alegria a explicação justificativa da conduta de Lydgate. *Vou levar as boas notícias a Mrs. Lydgate, e talvez ela goste de*

conversar comigo e se torne minha amiga.

Dorothea tinha outra incumbência em Lowick Gate: um novo sino com som agradável para a escola, e como teve que descer da carruagem muito perto da casa de Lydgate, ela seguiu caminhando pela rua depois de dizer ao cocheiro que a aguardasse mais à frente. A porta da rua estava aberta e a criada aproveitava para observar a carruagem que estava parada à sua frente quando percebeu que a senhora que "pertencia a ela" vinha em sua direção.

– Mrs. Lydgate está em casa? – perguntou Dorothea.

– Não estou certa; eu vou ver, se fizer o favor de entrar – disse Martha, um pouco confusa quanto ao avental de cozinha, mas serena o suficiente para ter certeza de que "minha senhora" não era o título apropriado para aquela jovem viúva com uma carruagem e uma parelha. – Faça o favor de entrar, e eu vou ver.

– Diga que Mrs. Casaubon está aqui – disse Dorothea, enquanto Martha avançava com a intenção de levá-la até a sala e depois subir as escadas para ver se Rosamond havia voltado de sua caminhada.

Elas atravessaram a parte mais larga do vestíbulo e entraram na passagem que conduzia ao jardim. A porta da sala estava fechada e Martha, depois de empurrá-la sem olhar para dentro do aposento, esperou que Mrs. Casaubon entrasse e deu as costas para ela, tendo aberto e fechado a porta sem fazer barulho.

Dorothea tinha menos visão externa naquela manhã do que o habitual, encontrando-se repleta com imagens das coisas como elas haviam sido e de como seriam. Ela se viu do outro lado da porta sem observar nada de notável, mas imediatamente ouviu uma voz que falava em um tom muito baixo, o que a surpreendeu, pois era como se estivesse sonhando à luz do dia. Ela avançou de maneira inconsciente um ou dois passos além da projeção de uma estante de livros e viu, na terrível iluminação de uma certeza que preenchia todos os contornos, algo que a deixou paralisada, sem autocontrole o suficiente para falar.

Sentado de costas para ela em um sofá encostado na parede, na mesma linha da porta pela qual ela havia entrado, ela viu Will Ladislaw; perto dele e virada

para ele, com o rosto cheio de lágrimas que davam um novo brilho ao seu semblante, achava-se sentada Rosamond, com o chapéu caído para trás, enquanto Will inclinado sobre ela segurava suas mãos e falava em voz baixa e fervorosa.

Rosamond, em sua absorção agitada, não notou a figura que avançava em silêncio, mas Dorothea, após um incomensurável instante desta visão, moveu-se confusamente para trás e viu-se impedida por um móvel. Rosamond, então, percebeu sua presença e, com um movimento de espasmo, afastou energeticamente as mãos e se levantou, olhando para Dorothea, que permanecia naturalmente deprimida. Will Ladislaw também se levantou, olhou em volta e encontrou os olhos de Dorothea com uma nova luz, como uma estátua de mármore. Porém, ela imediatamente os desviou dele para Rosamond e disse com uma voz firme:

– Peço suas desculpas, Mrs. Lydgate, a criada não sabia que a senhora estava aqui. Eu vim para entregar uma carta importante para Mr. Lydgate, que gostaria de colocar em suas mãos.

Ela deixou a carta na mesinha que havia impedido sua retirada e, em seguida, incluindo Rosamond e Will em um olhar distante e uma reverência, saiu rapidamente da sala, encontrando na passagem a surpresa Martha, que disse lamentar que a patroa não estivesse em casa, e então acompanhou a estranha senhora com uma reflexão interior de que as pessoas importantes eram provavelmente mais impacientes do que outras.

Dorothea atravessou a rua com seu passo mais ágil e voltou rapidamente para a carruagem.

– Vamos para Freshitt Hall – disse ela ao cocheiro, e qualquer um que a visse poderia pensar que, embora estivesse mais pálida do que o normal, nunca estivera animada por uma energia mais serena. E isso era exatamente o que ela sentia. Era como se tivesse bebido um grande gole de desprezo que a estimulava além da suscetibilidade de outros sentimentos. Ela tinha visto algo tão abaixo de sua crença, que suas emoções retrocederam e formaram uma multidão animada

desprovida de objetivo. Sentia-se disposta a caminhar e trabalhar por um dia, sem precisar comer ou beber. E ela cumpriria o propósito com o qual havia iniciado aquela manhã, de ir a Freshitt e a Tipton para contar a Sir James e a seu tio tudo o que desejava que soubessem sobre Lydgate, cuja solidão conjugal acabara de ser apresentada para ela com um novo significado, que a tornava mais ardente e diligente para ser sua defensora. Ela jamais sentira algo parecido com este poder triunfante de indignação na luta da sua própria vida de casada, na qual sempre havia uma dor rápida e opressora, e ela via isso como um sinal de uma nova força.

– Dodo, como seus olhos estão brilhantes! – disse Celia, quando Sir James saiu da sala. – Você está olhando, mas não está vendo nada, nem Arthur ou qualquer outra coisa. Você está prestes a fazer algo desagradável, eu sei. É por causa de Mr. Lydgate ou algo mais aconteceu? – Celia estava acostumada a observar sua irmã com expectativa.

– Sim, querida, muitas coisas aconteceram – disse Dodo, em tom definitivo.

– Eu me pergunto o quê – disse Celia, cruzando os braços confortavelmente e inclinando-se sobre eles.

– Oh, todos os problemas de todas as pessoas sobre a face da terra – disse Dorothea, colocando os braços atrás da cabeça.

– Nossa, Dodo, você vai organizar um projeto para eles? – disse Celia, um pouco inquieta com aquele delírio ao estilo de Hamlet.

Mas Sir James entrou novamente, disposto a acompanhar Dorothea a Tipton Grange, e ela terminou sua expedição de forma satisfatória, sem se desviar de sua resolução até que chegou à porta da sua própria casa.

CAPÍTULO LXXVIII

Se fosse ontem e eu estivesse no túmulo
Com sua doce fé servindo de lápide.

Rosamond e Will não sabiam dizer por quanto tempo ficaram imóveis, ele olhando para o local onde Dorothea estivera, e ela olhando para ele com dúvida. Para Rosamond, pareceu um tempo infinito, e no íntimo da sua alma não havia tanta raiva quanto gratificação pelo que acabara de acontecer. As naturezas superficiais sonham com um fácil domínio sobre as emoções dos outros, confiando implicitamente em sua própria modesta magia para mudar as mais profundas correntes, e confiante, por meio de belos gestos e observações, mostrar como seria o que não é. Ela sabia que Will havia recebido um golpe severo, mas ela estava pouco acostumada a imaginar o estado de espírito de outras pessoas, exceto como um material moldado por seus próprios desejos, e ela acreditava em seu próprio poder de acalmar ou subjugar. Mesmo Tertius, o mais perverso dos homens, sempre havia sido subjugado no longo prazo: os acontecimentos haviam sido obstinados, mas ainda assim Rosamond teria dito agora, como fazia antes de seu casamento, que ela nunca desistiria de fazer o que havia decidido.

Ela estendeu o braço e colocou as pontas dos dedos na manga do casaco de Will.

– Não me toque! – disse ele, expelindo as palavras como um chicote, afastando-se dela, corando e empalidecendo continuamente, como se todo o seu corpo estivesse formigando com a dor de uma ferroada. Ele virou-se para o outro lado da sala e ficou de frente para ela, com as pontas dos dedos nos bolsos e a cabeça jogada para trás, olhando ferozmente não para Rosamond, mas para um

ponto a alguns centímetros dela.

Ela se sentiu profundamente ofendida, mas os sinais que demonstrou só podiam ser interpretados por Lydgate. Ela ficou subitamente quieta e sentou-se, desamarrando o chapéu pendurado e estendendo-o com o xale. Suas pequenas mãos que estavam cruzadas à sua frente estavam muito frias. Teria sido melhor para Will ter apanhado seu chapéu e ido embora imediatamente, mas ele não sentia nenhum impulso para isso; pelo contrário, ele tinha uma inclinação horrível de ficar e despedaçar Rosamond com sua raiva. Parecia tão impossível suportar a fatalidade que ela havia atraído sobre ele sem desabafar sua fúria, como seria para uma pantera suportar o ferimento do dardo sem saltar e morder. E ainda... como ele poderia dizer a uma mulher que estava disposto a amaldiçoá-la? Estava furioso com a repressão de uma lei que era forçado a reconhecer: ele sentia-se em um equilíbrio perigoso e a voz de Rosamond agora trazia a vibração decisiva. Em tom de sarcasmo, ela disse:

– Você pode ir tranquilamente atrás de Mrs. Casaubon e lhe explicar suas preferências.

– Ir atrás dela! – explodiu ele, com um tom cortante em sua voz. – Acha que ela vai voltar a olhar para mim, ou apreciar qualquer palavra que eu possa dizer, com mais interesse do que se aprecia uma pena suja? Explicar! Como um homem pode se explicar às custas de uma mulher?

– Você pode dizer a ela o que quiser – disse Rosamond, com mais tremor.

– Acha que ela me apreciaria mais se eu a sacrificasse? Ela não é mulher que se sente lisonjeada porque me tornei desprezível... para acreditar que serei fiel a ela porque fui um covarde com você.

Ele começou a se mover com a inquietação de um animal selvagem que vê a presa, mas não consegue alcançá-la. Em poucos minutos, explodiu novamente:

– Eu não tinha esperança antes, não muitas, de que algo melhor pudesse acontecer. Mas eu tinha a certeza de que ela acreditava em mim. O que quer que as pessoas tenham dito ou feito sobre mim, ela acreditava em mim. Isso se foi! Ela nunca mais vai acreditar em mim, senão como uma farsa desprezível... bom

demais para aceitar o céu, exceto sob condições favoráveis, mas vendendo a alma ao diabo às escondidas. Ela vai me ver como um insulto encarnado, desde o primeiro momento em que nós...

Will se deteve como se tivesse agarrado algo que não deveria ser jogado fora nem destruído. Ele encontrou outra saída para sua fúria, agarrando-se novamente às palavras de Rosamond, como se fossem répteis que devem ser estrangulados e atirados para longe.

– Explicar! Diga a um homem para explicar como ele foi parar no inferno! Explicar minhas preferências! Eu nunca tive uma preferência por ela, assim como não tenho uma preferência por respirar. Nenhuma outra mulher existe ao seu lado. Eu preferiria tocar a mão dela se estivesse morta do que a de qualquer outra mulher viva.

Rosamond, enquanto essas armas envenenadas eram arremessadas contra ela, estava quase perdendo seu senso de identidade e parecia estar despertando para uma existência nova e terrível. Ela não sentia a rejeição fria e resoluta de uma autojustificativa relutante, tal como experimentava sob a indiferença mais tempestuosa de Lydgate; toda a sua sensibilidade havia se convertido em uma desconcertante novidade de dor; ela sentia um novo recuo aterrorizante sob um chicote que ela nunca havia experimentado. O que a outra natureza sentia em oposição à sua própria estava marcando sua consciência com fogo, corroendo-a. Quando Will parou de falar, Rosamond havia se transformado em uma imagem de doloroso sofrimento: seus lábios estavam pálidos e seus olhos exibiam uma consternação sem lágrimas. Se fosse Tertius quem estivesse na sua frente, aquele olhar de tristeza o teria ferido, ele teria ficado de joelhos ao seu lado para confortá-la, com o conforto dos seus braços fortes que ela com frequência dava pouco valor.

Devemos perdoar Will por não ter feito um movimento tão piedoso. Ele não sentia nenhum vínculo por aquela mulher que havia destruído o tesouro ideal de sua vida e se considerava inocente. Sabia que estava sendo cruel, mas não havia nenhuma ternura em seu coração.

Depois de falar, ele ainda se movia, meio distraído, e Rosamond permaneceu sentada e absolutamente imóvel. Por fim, Will, depois de recobrar o controle sobre si mesmo, pegou o chapéu, mas ficou alguns momentos indeciso. Ele falara com ela de um modo que tornava difícil expressar qualquer frase educada, e, no entanto, agora que chegara o momento de se afastar dela sem mais palavras, encolhia-se diante do que considerava uma brutalidade; ele se sentia reprimido e entorpecido em sua raiva. Will caminhou em direção à lareira, apoiou o braço no console e esperou em silêncio, ele mal sabia o quê. O fogo vingativo ainda queimava no seu interior e ele não conseguia proferir nenhuma palavra de retratação, mas, no entanto, o fato de ter voltado para aquela casa na qual havia desfrutado de uma amizade carinhosa e ter encontrado um infortúnio assentado ali, repentinamente revelou a ele que o problema residia tanto fora da casa, quanto dentro dela. E o que parecia um pressentimento o oprimia com lentas pinceladas: que sua vida pudesse vir a ser escravizada por esta mulher indefesa que havia se jogado sobre ele com a melancólica tristeza de seu coração. Mas ele estava em uma rebelião sombria contra o fato que sua rápida apreensão prenunciava, e quando seus olhos pousaram no rosto frustrado de Rosamond, pareceu-lhe que ele era o mais digno de pena entre os dois, pois a dor deve entrar na glorificada vida da recordação antes que possa se transformar em compaixão.

E assim eles permaneceram por muitos minutos, frente a frente, distantes, em silêncio. O rosto de Will ainda possuído por uma raiva muda, e o de Rosamond por um mudo desamparo. A pobre criatura não tinha forças para contestar com paixão e o terrível colapso da ilusão para a qual todas as suas esperanças haviam sido direcionadas foi um golpe que a abalou profundamente. Seu pequeno mundo estava em ruínas e ela se sentia cambaleando em meio a uma consciência solitária e perplexa.

Will desejou que ela falasse e trouxesse alguma sombra atenuante sobre seu próprio discurso cruel, que parecia estar olhando para os dois, zombando de qualquer tentativa de ressuscitar a amizade. Mas ela não disse nada e, por fim,

com um esforço desesperado para se controlar, ele perguntou:

– Devo voltar para ver Lydgate esta noite?

– Se você quiser – respondeu Rosamond, com voz apenas perceptível.

E, então, Will se foi sem que Martha soubesse que ele tinha estado lá.

Depois que ele se foi, Rosamond tentou se levantar da cadeira, mas caiu desmaiada. Quando voltou a si, sentiu-se mal demais para fazer o esforço de se levantar para tocar a campainha e permaneceu desamparada até que a criada, surpresa pela sua longa ausência, pensou pela primeira vez em procurá-la em todos os ambientes do andar de baixo. Rosamond disse que se sentiu subitamente enjoada e tonta e que desejava ser ajudada a subir as escadas. Uma vez lá, ela se jogou sobre a cama ainda vestida e ficou em aparente torpor, como já havia feito antes em um memorável dia de angústia.

Lydgate voltou para casa mais cedo do que esperava, por volta das cinco e meia, e a encontrou ali. A percepção de que ela estava doente jogou todos os outros pensamentos em segundo plano. Quando ele sentiu seu pulso, os olhos de sua esposa olhavam para ele com mais persistência do que há muito tempo, como se ela se sentisse satisfeita por ele estar ali. Ele percebeu a diferença em um movimento e, sentando-se ao seu lado, passou o braço em volta do seu corpo com suavidade, curvou-se sobre ela e disse:

– Minha pobre Rosamond! Alguma coisa te incomodou?

Agarrada a ele, ela caiu em soluços e gritos histéricos, e durante a hora seguinte ele não fez nada além de tranquilizá-la e cuidar dela. Ele imaginou que Dorothea tinha ido vê-la, e que todo aquele efeito em seu sistema nervoso, que evidentemente implicava em uma nova abordagem em relação a ele, era devido à excitação das recentes impressões que aquela visita havia suscitado.

CAPÍTULO LXXIX

“Então, eu vi em meu sonho, que assim que terminaram sua conversa, eles se aproximaram de um pântano muito lamacento que estava no meio da planície; e eles, distraídos, caíram repentinamente no pântano.
O nome do pântano era Desespero.”
– BUNYAN

Quando Rosamond se acalmou e Lydgate a deixou, na esperança de que ela logo pudesse dormir sob o efeito de um calmante, ele foi até a sala de estar para buscar um livro que havia deixado ali, com a intenção de passar a noite em seu trabalho e ele viu sobre a mesa a carta que Dorothea havia deixado para ele. Lydgate não se atreveu a perguntar a Rosamond se Mrs. Casaubon tinha estado na casa, mas a leitura da carta o assegurou do fato, pois Dorothea mencionou que ela mesma deveria levá-la.

Quando Will Ladislaw chegou um pouco mais tarde, Lydgate o recebeu com uma surpresa que deixou claro que ele não tinha sido informado da sua visita anterior, e Will não poderia simplesmente dizer: “Mrs. Lydgate não lhe disse que vim esta manhã?”

– A pobre Rosamond está doente – acrescentou Lydgate, imediatamente após sua saudação.

– Nada sério, espero – disse Will.

– Não... apenas uma ligeira comoção nervosa... efeito de alguma emoção. Ela tem estado sobrecarregada ultimamente. A verdade, Ladislaw, é que sou um diabo azarado. Passamos por vários círculos do purgatório desde que você se foi, e recentemente eu me meti na pior excrescência de todas. Suponho que você tenha acabado de chegar... parece bastante abatido... você não deve estar na

cidade por tempo suficiente para ouvir alguma coisa, não é?

– Eu viajei a noite toda e cheguei ao White Hart às oito horas desta manhã. Fiquei descansando – disse Will, sentindo-se mal, mas não encontrando alternativa para a evasão.

E, então, ele ouviu o relato de Lydgate sobre os problemas que Rosamond já havia descrito para ele à sua maneira. Ela não havia mencionado o fato de o nome de Will estar relacionado com a história contada pelas pessoas, este detalhe não a afetava diretamente, e ele agora ouvia pela primeira vez.

– Creio que é melhor dizer a você que seu nome está misturado com as revelações – disse Lydgate, que podia entender melhor do que a maioria dos homens como Ladislaw se sentiria ferido pela revelação. – Você com certeza ouvirá a história assim que circular pela cidade. Suponho que seja verdade que Raffles falou com você.

– Sim – disse Will, sarcasticamente. – Terei sorte se a fofoca não me tornar a pessoa mais desonrosa em todo o caso. Acredito que a última versão deve ser a de que planejei com Raffles assassinar Bulstrode e que fugi de Middlemarch com este propósito.

Ele estava pensando: *Aqui está uma nova nota para o som do meu nome para recomendá-lo aos ouvidos de Dorothea; no entanto... o que importa agora?*

Porém, ele nada disse sobre a oferta que Bulstrode lhe fizera. Will era muito sincero e descuidado com seus assuntos pessoais, mas um dos toques mais requintados que a natureza lhe dera ao moldá-lo era aquela generosidade delicada que o alertou sobre a reticência naquele assunto. Ele evitou dizer que rejeitara o dinheiro de Bulstrode no momento em que era informado de que o infortúnio de Lydgate foi tê-lo aceitado.

Lydgate também estava reticente em meio à sua confiança. Ele não fez nenhuma alusão aos sentimentos de Rosamond diante dos seus problemas, e sobre Dorothea ele apenas disse: – Mrs. Casaubon foi a única pessoa a se apresentar e dizer que não acreditava em nenhuma das suspeitas contra mim.

Ao notar uma mudança no rosto de Will, ele evitou qualquer menção

adicional a ela, considerando-se muito ignorante sobre a relação entre eles para não temer que suas palavras pudessem ocultar algum elemento ofensivo. Ocorreu-lhe, então, que Dorothea era a verdadeira causa da sua presente visita a Middlemarch.

Os dois homens sentiam pena um do outro, mas foi apenas Will quem adivinhou a extensão do problema de seu amigo. Quando Lydgate falou com resignação desesperada sobre tentar se estabelecer em Londres e disse com um leve sorriso: – Teremos sua companhia de novo, meu velho – Will sentiu-se inexprimivelmente triste e não disse nada. Rosamond suplicara a ele naquela manhã que insistisse com Lydgate para dar este passo; e agora parecia que estava contemplando, em um panorama mágico, um futuro o qual ele próprio deslizava para a rendição insatisfatória de pequenas solicitações das circunstâncias, que é uma história de perdição mais frequente do que uma única transação importante.

Estamos em um limite perigoso quando começamos a nos contemplar passivamente no futuro e a ver nossas próprias vidas sendo levadas com um consentimento monótono a erros insípidos e realizações mesquinhas. O pobre Lydgate estava gemendo interiormente naquele limite, e Will estava se aproximando dele. Naquela noite lhe parecia que a crueldade de sua explosão para com Rosamond o estava compelindo a isso, e ele temia a obrigação; ele temia a boa vontade desavisada de Lydgate, temia sua própria aversão por sua vida estragada, que o deixaria em uma vida sem objetivos.

CAPÍTULO LXXX

“Severo legislador! Que, no entanto, usa
A graça mais benigna da Divindade;
Não conhecemos nada que seja tão justo, como o sorriso em tua face;
As flores riem para ti dos canteiros,
E a fragrância acompanha teus passos;
Tu impedes que as estrelas vaguem,
E por ti, os céus mais antigos
São novos e consistentes.”
– WORDSWORTH, Ode ao dever

Quando Dorothea viu Mr. Farebrother pela manhã, ela prometeu ir almoçar no presbitério quando voltasse de Freshitt. Havia um intercâmbio frequente de visitas entre ela e a família Farebrother, o que lhe permitia dizer que não estava absolutamente sozinha na mansão e resistir por algum tempo à severa recomendação de uma dama de companhia. Quando chegou em casa e se lembrou do compromisso, ela se alegrou com ele, e ao descobrir que ainda lhe restava uma hora antes de vestir-se, foi direto para a escola e iniciou uma conversa com o professor e a professora sobre o novo sino, dando atenção aos detalhes e repetições, e adquirindo um sentido dramático do quão ocupada era sua vida. Ela fez uma pausa no caminho de volta para falar com o velho Bunney, que estava plantando algumas sementes no jardim, e dialogou de forma sensata com aquele sábio homem do campo sobre as safras que dariam mais retorno em uma elevação do terreno, e o resultado de sessenta anos de experiência com solos, ou seja, se o seu solo fosse bastante rico, ele serviria, mas se houvesse água, água, água para deixá-lo empapado, bem, aí então...

Ao perceber que seu espírito social a enganara levando-a a atrasar-se, ela se vestiu apressadamente e se dirigiu ao presbitério um pouco mais cedo do que o necessário. Aquela casa nunca era entediante, já que Mr. Farebrother, como outro White de Selborne,[166] tinha sempre algo novo para contar sobre seus hóspedes incapazes de se expressar, a quem ele estava ensinando os meninos a não atormentar; ele tinha acabado de destinar duas lindas cabras para serem animais de estimação da aldeia em geral, e para que passeassem por ela como animais sagrados. A tarde passou alegremente até depois do chá, Dorothea falando mais do que o normal e estendendo-se com Mr. Farebrother sobre as possíveis histórias de criaturas que conversam através de suas antenas, e pelo que sabemos, podem realizar parlamentos reformados, quando de repente certos barulhos inarticulados foram ouvidos e chamaram a atenção de todos.

– Henrietta Noble – disse Mrs. Farebrother, vendo sua irmã se mexendo angustiada entre as pernas da mobília –, o que aconteceu?

– Eu perdi minha caixa de casca de tartaruga. Temo que o gatinho a tenha empurrado – disse a velhinha, continuando involuntariamente com seus sons de castor.

– É um tesouro muito grande, tia? – disse Mr. Farebrother, colocando os óculos e olhando para o tapete.

– Foi Mr. Ladislaw quem me deu – disse Miss Noble. – Uma caixa alemã, muito bonita, mas que se cair sempre rola o mais longe que pode.

– Bem, se é um presente de Ladislaw – disse Mr. Farebrother, em um tom profundo de compreensão, levantando-se e procurando. A caixa foi finalmente encontrada sob um *chiffonier*, e Miss Noble agarrou-a com alegria, dizendo: – Da última vez, estava debaixo da grade da lareira.

– Este é um assunto de coração para minha tia – disse Mr. Farebrother, sorrindo para Dorothea, enquanto se sentava novamente.

– Quando Henrietta Noble se apega a alguém, Mrs. Casaubon – disse a mãe, enfaticamente –, ela é como um cachorro; usaria os sapatos deles como travesseiro e dormiria melhor.

– Bem, sim, com os sapatos de Mr. Ladislaw – disse Henrietta Noble.

Dorothea tentou sorrir de volta. Ela estava surpresa e irritada ao sentir que seu coração palpitava violentamente e que era totalmente inútil tentar recuperar sua animação anterior. Alarmada consigo mesma, temendo alguma outra traição de uma mudança tão marcante, ela se levantou e disse em voz baixa, com ansiedade indisfarçável:

– Eu devo ir; estou esgotada.

Mr. Farebrother, de percepção rápida, levantou-se e disse:

– É verdade; a senhora deve estar meio exausta depois de falar sobre Lydgate. Essas coisas acontecem quando a emoção passa.

Ele lhe ofereceu o braço e a acompanhou de volta para a mansão, mas Dorothea não tentou falar, mesmo quando ele disse boa noite.

O limite de resistência havia sido alcançado, e ela caiu indefesa nas garras da angústia inevitável. Dispensando Tantripp com algumas escassas palavras, ela fechou a porta e, virando-se para o quarto vazio, pressionou as mãos com força no topo da cabeça e disse, em um lamento:

– Oh, eu o amava!

Então, chegou o momento em que as ondas de sofrimento a comoveram tão profundamente que a impediram de pensar. Ela só podia chorar com sonoros suspiros, entre soluços, a perda da crença que havia alimentado e mantido viva a partir de uma sementinha desde os dias em Roma... chorar a alegria perdida de se ligar com mudo amor e confiança a um homem que, desprezado pelos outros, era digno do seu pensamento... chorar a perda do orgulho, de como mulher, reinar na memória dele... chorar a perda de sua doce e suave perspectiva de esperança, de que ao longo de algum caminho, eles deveriam se encontrar, retomando os anos transcorridos como se fosse ontem. Nesse momento, Dorothea repetiu o que os olhos misericordiosos da solidão haviam contemplado durante séculos nas lutas espirituais do homem: ela implorava por firmeza, frieza e uma fatiga dolorosa que lhe proporcionasse alívio da misteriosa e incorpórea força de sua angústia; ela se deitou no chão nu e deixou a noite esfriar ao seu

redor, enquanto seu belo corpo feminino era sacudido por soluços, como se ela fosse uma criança desesperada.

Havia duas imagens, duas formas vivas que rasgaram seu coração em dois, como se fosse o coração de uma mãe que parece ver seu filho dividido por uma espada, e pressiona uma metade cheia de sangue contra o seu peito enquanto seu olhar observa com agonia a outra metade que se deixa levar pela falsa mulher que nunca conheceu a dor de uma mãe.[167]

Ela recordou da criatura radiante em quem ela havia confiado; do atencioso sorriso correspondido, do vínculo vibrante do diálogo mútuo. Ele tinha vindo até ela como o espírito da manhã que visitava a cripta escura onde ela estava sentada como se fosse a noiva de uma vida desgastada; e, agora, com uma consciência plena que jamais havia despertado antes, estendia os braços em direção a ele e chorava com amargos soluços o fato de que sua proximidade não passasse de uma linha divisória; ela revelou a si mesma sua paixão em uma tensa manifestação de desespero.

E ali, indiferente, mas persistentemente com ela, movendo-se para onde quer que ela fosse, estava Will Ladislaw, que era uma mudança de crença vazia de esperança, uma ilusão detectada, ou melhor, um homem vivo a quem nenhum gemido de dolorosa piedade ainda poderia enfrentar, em meio ao desprezo, à indignação e orgulho ciumento ofendido. O fogo da ira de Dorothea não se apagou facilmente e explodiu em reflexões intermitentes de reprovação desdenhosa. Por que ele teve de incluir sua vida na dela, na vida que poderia ter sido completa sem ele? Por que havia trazido sua consideração indigna e suas palavras vazias para ela, que não tinha nada a dizer em troca? Ele sabia que a estava iludindo, e desejou, naquele momento de despedida, fazê-la acreditar que lhe entregava todo o apreço de seu coração, sabendo que já havia gastado a metade antes. Por que ele não permaneceu no meio da multidão a quem ela nada pedia, mas apenas orava para que fossem menos desprezíveis?

Mas ela finalmente perdeu a energia, até mesmo para seu pranto e gemidos sussurrados; ela sucumbiu em soluços desamparados, e no chão frio soluçou até

dormir.

Nas horas frias do crepúsculo matutino, quando tudo estava escuro ao seu redor, ela acordou, não com qualquer surpresa sobre onde estava ou o que tinha acontecido, mas com a mais clara consciência de que estava olhando nos olhos da dor. Ela se levantou, envolveu-se com roupas quentes e sentou-se em uma grande cadeira onde ela já havia ficado em vigília antes. Ela era bastante forte para ter suportado aquela noite difícil sem adoecer e sentir apenas algumas dores e cansaço, mas ela havia despertado para uma nova condição: ela se sentia como se sua alma tivesse sido libertada de seu terrível conflito, não lutava mais contra sua dor, mas podia sentar-se com ela como se fosse uma companheira fiel e torná-la uma participante de seus pensamentos. Por enquanto, os pensamentos vinham em abundância. Não era natural para Dorothea, por um período superior ao paroxismo, permanecer na cela estreita de sua calamidade, na miséria embriagada de uma consciência que só vê a sorte dos outros como um acidente da sua.

Dorothea começava, agora, a viver aquela manhã de ontem deliberadamente, forçando-se a pensar em cada detalhe e seu possível significado. Ela estava sozinha naquela cena? Foi um acontecimento só seu? Ela se forçou para pensar no evento como algo ligado à vida de outra mulher, uma mulher para a qual ela havia se dirigido com o desejo de levar alguma clareza e conforto à sua juventude nublada. Em sua primeira manifestação de ciúme, indignação e desgosto, ao deixar a odiosa sala, ela jogou fora toda a misericórdia com que havia empreendido aquela visita. Ela envolveu Will e Rosamond em seu desprezo ardente, e parecia que Rosamond havia desaparecido de vista para sempre. Mas aquela base inspiradora, que torna uma mulher mais cruel com uma rival do que com um amante infiel, não encontrava força de recorrência em Dorothea, quando o espírito dominante de justiça que residia no seu ser havia superado o tumulto e mostrado a ela a verdadeira medida das coisas. Todo o pensamento ativo com o qual ela havia retratado os problemas do futuro de Lydgate para si mesma e àquela jovem união matrimonial que, como a dela,

parecia ter seus problemas ocultos e evidentes, toda essa experiência vívida e compassiva voltava agora para ela como uma potência: afirmava-se como se afirma um conhecimento adquirido e não nos deixa ver como víamos nos dias da nossa ignorância. Ela disse para sua própria dor irreparável, que no lugar de retirá-la à força, deveria torná-la mais útil.

E que tipo de crise não seria essa em três vidas, cujo contato com a dela, previa uma obrigatoriedade, como se fossem suplicantes carregando o ramo sagrado? Os objetos de sua redenção não deviam ser procurados na sua fantasia: eles foram escolhidos para ela. Dorothea ansiava alcançar o bem perfeito, que se entronizasse em seu interior e governasse sua vontade errante. *O que eu deveria fazer... como deveria agir agora, neste mesmo dia, se eu pudesse dominar minha própria dor e obrigá-la ao silêncio, e pensar nessas três pessoas?*

Levou muito tempo para que ela chegasse a uma conclusão, e havia luz penetrando em seu quarto. Ela abriu as cortinas e olhou para o pedaço de estrada que estava à vista, com campos ao fundo, além dos portões de entrada. Na estrada, havia um homem com uma trouxa nas costas e uma mulher carregando o filho nos braços; no campo ela podia ver figuras se movendo, talvez o pastor com seu cachorro. Ao longe, na curvatura do céu, estava a luz perolada, e ela sentiu a grandeza do mundo e o múltiplo despertar dos homens para o trabalho e a perseverança. Ela fazia parte daquela vida involuntária e palpitante, e não podia nem olhar para ela de seu luxuoso abrigo como mera espectadora, nem esconder seus olhos em um lamento egoísta. O que ela iria fazer naquele dia ainda não estava muito claro, mas uma coisa a excitava como um murmúrio que se aproximava e que logo ganharia precisão. Ela tirou as roupas, que pareciam conter um pouco do cansaço de uma vigília severa, e começou a fazer sua toalete. Em seguida, chamou Tantripp, que trouxe seu roupão.

– Ora, madame, a senhora não se deitou à noite toda – disse Tantripp, olhando primeiro para a cama e depois para o rosto de Dorothea, que apesar do banho tinha as bochechas pálidas e as pálpebras rosadas de uma maneira dolorida. – A senhora vai se matar, vai sim. Qualquer um pensaria que agora a

senhora tem o direito de se consolar um pouco.

– Não se preocupe, Tantripp – disse Dorothea, sorrindo. – Eu dormi; não estou doente. Ficarei feliz com uma xícara de café o mais rápido possível. E quero que me traga meu vestido novo; e muito provavelmente vou querer meu novo chapéu.

– Eles estão preparados há um mês, senhora, e ficarei muito satisfeita em vê-la com vários metros a menos de crepe – disse Tantripp, agachando-se para acender o fogo. – Há uma razão para o luto, como eu sempre digo, mas três dobras na parte inferior da saia e uma pena simples no gorro... e se alguém já se pareceu com um anjo, é a senhora com uma rede de cabelo plissada, é mais adequado para o segundo ano. Pelo menos, é o que eu penso – concluiu Tantripp, olhando ansiosamente para o fogo –, e se alguém se casasse comigo dizendo a si mesmo que, por ele, eu deveria usar aqueles odiosos véus de viúva por dois anos, ele seria enganado por sua própria vaidade, isso é tudo.

– O fogo está bom, minha boa Tan – disse Dorothea, falando como costumava fazer nos velhos tempos de Lausanne, apenas em voz muito baixa. – Traga-me o café.

Ela se recostou na grande cadeira e apoiou a cabeça em um estado de cansaço, enquanto Tantripp ia embora, surpresa com o comportamento estranho de sua jovem senhora, que exatamente na manhã em que se parecia mais como uma viúva do que nunca, tivesse solicitado um luto mais leve, que anteriormente havia dispensado. Tantripp jamais encontraria a chave para aquele mistério. Dorothea queria deixar claro para si mesma que não deixava de ter uma vida ativa porque havia enterrado uma alegria pessoal e, tendo em mente que as roupas novas eram próprias do início das coisas, ela se valeu daquela ajuda externa em seu caminho para uma resolução tranquila. Porque a resolução não era fácil.

Mesmo assim, às onze horas, ela caminhava em direção a Middlemarch, tendo decidido que faria o mais silenciosa e imperceptivelmente possível sua segunda tentativa de ver e salvar Rosamond.

CAPÍTULO LXXXI

“Oh, terra, após uma noite de tumulto constante,
Respira revigorada aos meus pés
E já começa a querer me cercar
Você mexe e agita uma forte resolução
Para lutar continuamente pela existência mais elevada.”
– FAUSTO – Parte II

Quando Dorothea estava novamente na porta de Lydgate falando com Martha, ele estava na sala ao lado com a porta entreaberta, se preparando para sair. Ele ouviu sua voz e foi imediatamente recebê-la.

– O senhor acha que Mrs. Lydgate pode me receber esta manhã? – perguntou ela, tendo refletido que seria melhor deixar de lado alusões à sua visita anterior.

– Não tenho dúvidas de que ela o fará – disse Lydgate, suprimindo seu pensamento sobre a aparência de Dorothea, que estava tão alterada quanto a de Rosamond –, se fizer a gentileza de entrar e me deixar ir dizer a ela que está aqui. Ela não esteve muito bem desde que a senhora esteve aqui ontem, mas está melhor esta manhã, e eu acho que é muito provável que fique animada ao vê-la novamente.

Estava claro que Lydgate, como Dorothea esperava, nada sabia sobre as circunstâncias de sua visita do dia anterior. Além disso, ele parecia imaginar que ela o fizera de acordo com sua intenção. Ela havia preparado um pequeno bilhete pedindo a Rosamond para vê-la, bilhete que teria entregado à criada se ele não estivesse no caminho, mas agora ela estava muito ansiosa quanto ao resultado de seu anúncio.

Depois de conduzi-la para a sala de estar, Lydgate fez uma pausa para retirar

uma carta do bolso e colocá-la nas mãos de Dorothea, dizendo:

– Eu escrevi isso ontem à noite e ia levá-la a Lowick no meu caminho. Quando alguém está grato demais para simples agradecimentos, escrever é menos insatisfatório do que falar... pelo menos não se ouve o quão inadequadas são as palavras.

O rosto de Dorothea iluminou-se.

– Sou eu quem mais tenho a agradecer, já que me permitiu ocupar este lugar. O senhor aceitou? – disse ela, de repente duvidando.

– Sim, o cheque vai para Bulstrode hoje.

Lydgate não disse mais nada, mas subiu as escadas para encontrar Rosamond, que havia acabado de se vestir e estava sentada languidamente pensando no que deveria fazer a seguir; sua diligência com as pequenas coisas, mesmo em dias de tristeza, costumavam levá-la a empreender algum tipo de ocupação, que ela se arrastava lentamente ou interrompia por falta de interesse. Seu aspecto ainda era doentio, mas havia recuperado sua calma habitual nas maneiras, e Lydgate temia perturbá-la com perguntas. Ele havia lhe falado sobre a carta de Dorothea que continha o cheque, e depois disse: – Ladislaw chegou, Rosy; ele esteve comigo ontem à noite; atrevo-me a dizer que voltará hoje. Pareceu-me bastante abatido e depressivo – Rosamond não respondeu.

Agora, quando ele subiu novamente, disse com muita doçura: – Rosy, minha querida, Mrs. Casaubon veio vê-la novamente; você gostaria de vê-la, não é?

Ela corou e fez um movimento um tanto assustado, mas o fato não o surpreendeu depois da agitação produzida pela visita do dia anterior, uma agitação benéfica, pensou ele, já que parecia tê-la feito voltar para ele novamente.

Rosamond não ousou dizer não. Ela não ousou tocar nos fatos do dia anterior. Por que Mrs. Casaubon tinha voltado? A resposta era uma lacuna que Rosamond só poderia preencher com pavor, pois as palavras dilacerantes de Will Ladislaw haviam transformado cada pensamento em Dorothea em uma nova ferida para ela. No entanto, em sua atual incerteza humilhante ela não ousava fazer nada

além de obedecer. Ela não disse sim, mas se levantou e deixou Lydgate colocar um xale leve sobre seus ombros, enquanto ele dizia: – Estou de saída, Rosy.

Então, algo passou por sua mente que a levou a dizer: – Por favor, diga a Martha para não levar mais ninguém para a sala de estar.

Lydgate concordou, acreditando que compreendia totalmente o desejo. Ele a conduziu até a porta da sala de estar e depois se afastou, observando para si mesmo que deveria ser um marido um tanto desajeitado por depender, para a confiança de sua esposa, da influência de outra mulher.

Rosamond, envolvendo seu xale macio em torno do seu corpo enquanto caminhava em direção a Dorothea, estava interiormente envolvendo sua alma em uma fria reserva. Teria Mrs. Casaubon vindo dizer algo a ela sobre Will? Nesse caso, era uma liberdade da qual Rosamond se ressentia; e ela se preparou para responder a cada palavra com uma impassibilidade cortês. Will havia machucado seu orgulho de forma muito dolorosa para ela sentir qualquer compaixão em relação a ele e Dorothea; seu próprio ferimento parecia muito maior. Dorothea não era apenas a mulher “preferida”, mas também tinha a formidável vantagem de ser a benfeitora de Lydgate, e para a visão confusa da pobre Rosamond parecia que essa Mrs. Casaubon, essa mulher que se sobressaía em todas as coisas que lhe diziam respeito, viria agora com a sensação de estar em vantagem, o que a levava a usar de animosidade. Na verdade, não apenas Rosamond, mas qualquer outra pessoa conhecedora dos fatos externos do caso, e não a simples inspiração na qual Dorothea se baseava, poderia muito bem ter se perguntado por que ela tinha vindo.

Parecendo o adorável espírito de si mesma, com sua magreza graciosa envolta em seu xale branco macio, a boca infantil arredondada e as bochechas que inevitavelmente sugeriam doçura e inocência, Rosamond se deteve a três metros de distância de sua visitante e fez uma reverência. Porém, Dorothea, que havia tirado as luvas, por um impulso ao qual ela nunca podia resistir quando queria uma sensação de liberdade, adiantou-se e com o rosto cheio de uma triste franqueza, mas doce, estendeu a mão. Rosamond não pôde evitar encontrar seu

olhar, não pôde evitar dar a mão a Dorothea, que a segurou com gentileza maternal, e imediatamente começou a sentir uma dúvida quanto à sua predisposição. Rosamond era rápida para ler os rostos e ela viu que o rosto de Mrs. Casaubon parecia pálido e mudado desde o dia anterior, mas continuava gentil, como a maciez firme de sua mão. No entanto, Dorothea havia confiado demais em sua própria força; a clareza e a intensidade de sua ação mental naquela manhã eram a continuação de uma exaltação nervosa que tornava seu corpo tão perigosamente responsivo quanto uma peça do mais fino cristal veneziano, e ao olhar para Rosamond, ela de repente percebeu que seu coração dilatava, e que não conseguia falar... todo o seu esforço foi necessário para conter as lágrimas. Ela teve êxito, e a emoção só passou por seu rosto como o espírito de um soluço, mas aumentou a impressão de Rosamond de que o estado de espírito de Mrs. Casaubon devia ser bem diferente do que ela havia imaginado.

Assim, elas se sentaram sem uma palavra mais amável em duas cadeiras que por acaso estavam muito próximas uma da outra, embora a ideia de Rosamond quando a cumprimentou era a de que deveria ficar bem afastada de Mrs. Casaubon. Porém, ela parou de pensar em como as coisas aconteceriam... apenas se perguntando o que aconteceria. E Dorothea começou a falar com muita facilidade, adquirindo firmeza à medida que prosseguia.

– Eu vim com uma tarefa ontem que não conclui, é por isso que estou aqui de novo tão cedo. Espero que não me considere muito intrometida se eu lhe disser que vim falar com você sobre a injustiça que estão cometendo com Mr. Lydgate. Isso deve alegrá-la, não é? Saber muitas coisas sobre ele, que ele mesmo não gosta de falar precisamente, porque é em sua própria defesa e em favor da sua própria honra. Você gostaria de saber que seu marido tem amigos calorosos, que não deixaram de acreditar em seu caráter? Você permitirá que eu fale sobre isso sem pensar que estou tomando alguma liberdade?

Os tons cordiais e suplicantes que pareciam fluir com generosa negligência acima de todos os acontecimentos que haviam ocupado a mente de Rosamond

como motivos de obstrução e ódio entre ela e essa mulher chegavam tão suavemente quanto um fluxo morno sobre seus receios cada vez menores. É claro que Mrs. Casaubon tinha os fatos em mente, mas ela não ia dizer nada que se relacionasse com eles. Este alívio era grande demais para que Rosamond sentisse qualquer outra coisa no momento. Ela respondeu graciosamente, com uma nova libertação de sua alma.

– Eu sei que a senhora tem sido muito boa. Gostaria de ouvir qualquer coisa que possa dizer sobre Tertius.

– Anteontem – disse Dorothea – quando lhe pedi que fosse a Lowick para me dar sua opinião sobre os assuntos do hospital, ele me contou tudo sobre sua conduta e sentimentos neste triste acontecimento que fez com que pessoas ignorantes lançassem suspeitas sobre ele. A razão pela qual ele me contou foi porque eu fui muito ousada e o perguntei. Eu acreditava que ele nunca tivesse agido de forma desonrosa e implorei que me contasse toda a história. Ele me confessou que nunca havia contado isso antes, nem mesmo para você, porque tinha uma grande aversão a dizer: “Eu não sou culpado”, como se isso fosse uma prova, quando há tanta gente culpada que diz o mesmo. A verdade é que ele não sabia nada sobre esse homem, Raffles, ou que havia algum segredo terrível sobre ele; e ele achava que Mr. Bulstrode lhe havia oferecido o dinheiro porque se arrependera, por gentileza, de tê-lo recusado antes. Toda a sua ansiedade em relação ao paciente era para tratá-lo bem, e ele ficou um pouco desconfortável porque o caso não terminou como ele esperava, mas ele pensou então e ainda pensa que pode não haver nada de errado nisso da parte de ninguém. E eu contei tudo a Mr. Farebrother, Mr. Brooke e Sir James Chettam: todos eles acreditam em seu marido. Isso vai deixá-la mais animada, não é? Isso vai lhe dar coragem?

O rosto de Dorothea ficou animado e, ao irradiar sobre o rosto de Rosamond, que estava muito perto dela, ela sentiu uma espécie de timidez acanhada diante de alguém superior, na presença desse ardor que a fazia esquecer, e disse, corando de vergonha: – Obrigada, a senhora é muito gentil.

– E ele sentiu que estava tão errado em não lhe contar tudo sobre o caso. Mas

você vai perdoá-lo. É porque ele se preocupa muito mais com a sua felicidade do que com qualquer outra coisa, ele se preocupa com as suas vidas unidas, e isso o machuca mais do que qualquer coisa, que seus infortúnios possam machucá-la. Ele poderia falar comigo porque sou uma pessoa indiferente. E, então, eu perguntei se poderia vir vê-la, porque eu senti muito pelo problema dele e seu. É por isso que vim ontem e voltei hoje. Os problemas são tão difíceis de suportar, não é? Como podemos viver e pensar que alguém está sofrendo, sofrendo muito e que poderíamos ajudá-los, sem nunca tentar?

Dorothea, completamente impulsionada pelo sentimento do que estava dizendo, esqueceu tudo, menos que falava com o coração sobre sua própria aflição por Rosamond. A emoção se impregnava cada vez mais em sua expressão, até que os tons pudessem chegar à medula, como um grito baixo de alguma criatura que sofre na escuridão. Inconscientemente, ela colocou sua mão novamente sobre a pequena mão que havia pressionado antes.

Rosamond, sentindo uma angústia irrefreável, como se uma ferida dentro dela tivesse sido examinada, explodiu em um choro histérico, como fizera no dia anterior, quando se agarrou ao marido. A pobre Dorothea sentiu que uma grande onda de sua própria tristeza voltava sobre ela, e seu pensamento estava voltado para a possível participação que Will Ladislaw poderia ter no tumulto mental de Rosamond. Ela estava começando a temer que não seria capaz de dominar seu autocontrole até o final da reunião, e enquanto sua mão ainda descansava no colo de Rosamond, embora a mão que estivera embaixo tivesse sido retirada, lutava contra seus próprios soluços crescentes. Ela tentou se controlar com o pensamento de que aquele poderia ser um momento decisivo em três vidas, não apenas na sua; ou melhor, ali o irrevogável acontecera, porém naquelas três vidas que a tocavam com a gravidade do perigo e da aflição. A frágil criatura que chorava ao seu lado, talvez ainda houvesse tempo para resgatá-la da infelicidade dos falsos laços incompatíveis, e aquele momento era diferente de qualquer outro: ela e Rosamond nunca mais poderiam se encontrar com a mesma consciência estremecida do dia anterior. Ela sentia que a relação entre elas era

suficientemente peculiar para imprimir em Rosamond uma influência especial, embora não tivesse a menor ideia de que a maneira como seus próprios sentimentos estavam comprometidos fosse completamente conhecida por Mrs. Lydgate.

Aquela era uma crise tão recente na vida de Rosamond que nem mesmo Dorothea poderia imaginar: ela estava sob o primeiro grande confronto que destruiu seu mundo de sonhos, no qual ela com muita facilidade confiara em si mesma e criticava os demais; e aquela estranha e inesperada manifestação de sentimento em uma mulher a quem ela havia se aproximado com resistente aversão e temor, como alguém de quem deveria necessariamente sentir um ódio ciumento, fazia com que sua alma vacilasse ainda mais com a sensação de que caminhava por um mundo desconhecido que acabara de se abrir.

Quando a garganta convulsionada de Rosamond se acalmou e ela retirou o lenço com o qual escondia o rosto, seus olhos encontraram os de Dorothea de forma tão desamparada como se fossem flores azuis. Qual seria a utilidade de pensar sobre o seu comportamento depois daquele choro? E Dorothea parecia quase tão infantil, com o traço esquecido de uma lágrima silenciosa. O orgulho entre as duas havia sido quebrado.

– Falávamos sobre seu marido – disse Dorothea, com certa timidez. – Pensei que sua aparência estava tristemente abalada pelo sofrimento do outro dia. Eu não o via há muitas semanas. Ele disse que se sentia muito sozinho nesta encruzilhada, mas acredito que teria suportado tudo melhor se fosse capaz de se abrir com você.

– Tertius fica tão zangado e impaciente se eu digo alguma coisa – disse Rosamond, imaginando que ele estivera se queixando dela com Dorothea. – Ele não deveria se surpreender que eu me oponha a falar com ele sobre assuntos dolorosos.

– Foi a si mesmo que ele culpou por não ter falado – disse Dorothea. – O que ele disse sobre você foi que ele não poderia ser feliz se fizesse qualquer coisa que a deixasse infeliz, que seu casamento era, naturalmente, um compromisso

que deveria afetar sua escolha sobre todas as coisas. Por este motivo ele recusou minha proposta de manter sua posição no hospital, porque isso o obrigaria a permanecer em Middlemarch, e ele não queria empreender nada que fosse doloroso para você. Ele foi capaz de dizer isso para mim, porque sabe que tive muitas provações no meu casamento, com a doença do meu marido, que atrapalhou os seus planos e o entristeceu, e ele sabe que tenho sentido como é difícil andar sempre com medo de ferir alguém que está ligado a nós.

Dorothea esperou um pouco; ela havia notado uma leve satisfação no rosto de Rosamond. Porém, não houve resposta e ela continuou, com um tremor crescente: – O casamento é tão diferente de tudo. Há algo de assustador na proximidade imposta por ele. Mesmo se amássemos alguém mais do que... do que aqueles com quem nos casamos, de nada adiantaria... – a pobre Dorothea, em sua ansiedade palpitante, só conseguia utilizar uma linguagem desconexa. – O que eu quero dizer é que o casamento consome todo o nosso poder de dar ou receber qualquer felicidade nessa espécie de amor. Sei que pode ser muito intenso, mas a proximidade assassina nosso casamento... e então o casamento permanece conosco como um crime... e todo o resto desaparece. E então, nosso marido... se ele nos amou e confiou em nós, e nós não o ajudamos, mas fizemos uma tragédia da sua vida...

Sua voz estava muito baixa; sentia medo de ir longe demais e falar como se ela própria fosse a perfeição abordando um erro. Ela estava muito preocupada com sua própria ansiedade para perceber que Rosamond também estava tremendo. Dorothea sentiu uma grande necessidade de expressar sua compaixão mais do que repreensão; ela colocou as mãos sobre as de Rosamond e disse com uma rapidez mais agitada:

– Eu sei, eu sei que o sentimento pode ser muito intenso – ele nos pega desprevenidas... é tão difícil que separar-se dele pode parecer a morte, e nós somos fracas... eu sou fraca.

As ondas de sua própria tristeza, das quais ela lutava para salvar a outra, precipitaram-se sobre Dorothea com força arrasadora. Ela se deteve em uma

agitação muda, sem chorar, mas sentindo como se estivesse sendo moída por dentro. Seu rosto adquirira uma palidez mortal, seus lábios tremiam e ela pressionou suas mãos desesperadamente sobre as mãos que estavam embaixo delas.

Rosamond, tomada por uma emoção mais forte do que a sua, apressada em um novo movimento que dava a todas as coisas um aspecto distinto, terrível e indefinido, não conseguia encontrar palavras, mas involuntariamente colocou os lábios na testa de Dorothea que estava muito perto, e então, por um minuto, as duas mulheres se abraçaram como se estivessem em um naufrágio.

– O que a senhora está pensando não é verdade – disse Rosamond, em um meio sussurro ansioso, enquanto ainda sentia o abraço de Dorothea, impelida por uma misteriosa necessidade de se libertar de algo que a oprimia como se fosse um delito de sangue.

Elas se separaram, olhando uma para a outra.

– Quando a senhora veio ontem... não foi o que pensou – disse Rosamond no mesmo tom.

Houve um momento de surpresa em Dorothea. Ela esperava uma vingança da própria Rosamond.

– Ele estava me dizendo o quanto amava outra mulher, para que eu soubesse que ele nunca poderia me amar – disse Rosamond, falando cada vez mais apressadamente à medida que prosseguia. – E agora acredito que ele me odeia, porque... por causa do mal-entendido de ontem. Ele diz que é culpa minha se a senhora pensar mal dele... se pensar que ele é um mentiroso. Mas não será por minha culpa. Ele nunca sentiu nenhum amor por mim, eu sei que não, ele sempre me viu como uma pessoa insignificante. Ele disse ontem que não existe outra mulher para ele além da senhora. A culpa do que aconteceu é inteiramente minha. Ele disse que nunca poderia se explicar com a senhora... por minha causa. Ele disse que a senhora nunca poderia pensar bem dele novamente. Mas agora eu mesma lhe disse, e ele não pode mais me censurar.

Rosamond entregou sua alma a impulsos que nunca havia sentido antes. Ela

havia começado sua confissão sob a influência dominante da emoção de Dorothea e, à medida que prosseguia, teve a sensação de que estava repelindo as reprovações de Will, que ainda guardava no peito como um ferimento de faca.

A reação de Dorothea aos seus sentimentos era muito intensa para ser chamada de alegria. Constituía um tumulto no qual a terrível tensão da noite e da manhã se opunha a uma dor duradoura; ela só poderia perceber que se transformava em alegria quando recuperasse a capacidade de senti-la. Sua reação imediata foi de um imenso carinho; ela se interessava por Rosamond sem precisar fazer qualquer esforço e respondeu às suas últimas palavras:

– Não, ele não pode mais censurá-la.

Com sua tendência usual de superestimar o bem nas outras pessoas, ela se sentiu muito à vontade com Rosamond, pelo esforço generoso que a redimiu do sofrimento, sem contar que o esforço era um reflexo de sua própria energia. Elas permaneceram caladas por um tempo e Dorothea continuou:

– Você não lamenta que eu tenha vindo esta manhã, não é?

– Não, a senhora tem sido muito boa para mim – disse Rosamond. – Não pensava que fosse tão boa. Eu me sentia muito infeliz. Mas também não estou feliz agora. Tudo é tão triste.

– Mas dias melhores virão. Seu marido será dignamente valorizado. E ele depende de você para seu conforto. Ele a ama mais do que tudo. A pior perda seria essa... e você não o perdeu – disse Dorothea.

Ela tentou afastar o pensamento avassalador de seu próprio alívio, para que não perdesse qualquer indício de que o afeto de Rosamond ansiava por retornar ao marido.

– Então, Tertius não fez nenhuma reclamação de mim? – perguntou Rosamond, entendendo agora que Lydgate poderia ter dito qualquer coisa a Mrs. Casaubon, e que ela certamente era diferente das outras mulheres. Talvez houvesse um ligeiro tom de ciúme na pergunta. Um sorriso começou a brincar no rosto de Dorothea enquanto ela dizia:

– De modo algum! Como você pode imaginar isso?

Porém, neste momento a porta se abriu e Lydgate entrou.

– Estou de volta na minha condição de médico – disse ele. – Depois que fui embora, fui assombrado por dois rostos pálidos: Mrs. Casaubon parecia tão necessitada de cuidados quanto você, Rosy. E eu pensei que não tinha cumprido meu dever ao deixá-las juntas. Então, quando saí da casa de Coleman, decidi voltar. Notei que veio caminhando Mrs. Casaubon, e o tempo mudou, acho que vamos ter chuva. Posso enviar alguém para mandar sua carruagem vir buscá-la?

– Oh não! Eu sou forte: eu preciso andar – disse Dorothea, levantando-se com o semblante animado. – Mrs. Lydgate e eu conversamos muito e está na hora de eu ir. Sempre me acusaram de falta de moderação e de falar demais.

Ela estendeu a mão para Rosamond, e elas se despediram com um sincero e tranquilo adeus, sem beijo ou outra demonstração de efusão; havia entre elas muita emoção séria para que a demonstrassem com gestos superficiais.

Enquanto Lydgate a conduzia até a porta, ela não disse nada sobre Rosamond, mas contou-lhe sobre Mr. Farebrother e os outros amigos que acreditaram em seu relato.

Quando ele voltou para Rosamond, ela já havia se jogado no sofá, em um resignado cansaço.

– Bem, Rosy – disse ele, de pé diante dela e tocando seu cabelo –, o que você acha de Mrs. Casaubon agora que passou um tempo com ela?

– Acredito que ela deve ser a melhor pessoa do mundo – disse Rosamond – e é muito bonita. Se você for falar com ela com tanta frequência, ficará mais descontente comigo do que nunca!

Lydgate riu de “tanta frequência”.

– Mas ela a deixou menos descontente comigo?

– Creio que sim – disse Rosamond, olhando para o rosto dele. – Como seus olhos estão pesados, Tertius... e puxe o cabelo para trás.

Ele ergueu sua grande mão branca para obedecê-la e se sentiu grato por este pequeno sinal de interesse para com ele. A fantasia medíocre da pobre Rosamond havia regressado terrivelmente maltratada... humilde o suficiente para

se aninhar sob o velho e desprezado abrigo. E o abrigo ainda estava lá: Lydgate havia aceitado sua minguada sorte com triste resignação. Ele havia escolhido aquela criatura frágil e tomado o fardo de sua vida em seus braços. Ele deveria caminhar como podia, carregando caridosamente aquele fardo.

CAPÍTULO LXXXII

“Minha dor está à frente, e minha alegria atrás.”
– SHAKESPEARE: Sonetos

Os exilados notoriamente se alimentam de esperanças e é improvável que permaneçam no exílio a menos que sejam obrigados. Quando Will Ladislaw exilou-se de Middlemarch, não havia estabelecido nenhum obstáculo maior para o seu retorno do que sua própria resolução, que não era de forma alguma uma barreira de ferro, mas simplesmente um estado de espírito sujeito a derreter-se em um minuto com outros estados de espírito, e terminar curvando-se, sorrindo e cedendo lugar com facilidade cortês. Com o passar dos meses, parecia cada vez mais difícil para ele explicar por que não voltava correndo para Middlemarch, apenas para ouvir algo sobre Dorothea; e se em tal visita rápida ele, por acaso, por alguma estranha coincidência, se encontrasse com ela, não havia razão para se envergonhar de ter feito uma viagem inocente que ele havia suposto de antemão que não deveria fazer. Já que se encontrava irremediavelmente separado dela, ele certamente poderia se aventurar a se apresentar em sua vizinhança; e quanto aos parentes suspeitos que mantinham um dragão cuidando dela, suas opiniões pareciam cada vez menos importantes com o tempo e a mudança de ares.

Havia uma razão totalmente independente de Dorothea, que parecia fazer de uma viagem a Middlemarch uma espécie de dever filantrópico. Will havia dado uma atenção desinteressada à possível instalação de um novo plano de colonização no Velho Oeste, e a necessidade de fundos para realizar um bom projeto o levou a debater consigo mesmo se não seria louvável fazer uso do oferecimento de Bulstrode, instando-o a usar aquele dinheiro que havia sido

oferecido a ele como um meio de executar um esquema que provavelmente seria amplamente benéfico. A questão parecia muito duvidosa para Will, e sua repugnância ao entrar novamente em qualquer relação com o banqueiro poderia tê-lo feito rejeitá-la rapidamente, se não tivesse surgido em sua imaginação a probabilidade de que sua decisão pudesse ser determinada com mais segurança com uma visita a Middlemarch.

Este era o objetivo que Will declarou a si mesmo como uma razão para tal visita. Ele pretendia fazer confidências a Lydgate e discutir a questão do dinheiro com ele, e pretendia se divertir nas poucas tardes de sua estadia com muita música e brincadeiras com a bela Rosamond, sem negligenciar seus amigos da reitoria de Lowick... se a reitoria ficava perto de Lowick Manor não era culpa sua. Ele havia negligenciado os Farebrother antes de partir, devido a uma orgulhosa resistência à possível acusação de indiretamente buscar encontros com Dorothea. Porém, a fome nos amansa, e Will estava faminto da visão de uma certa forma e do som de uma certa voz. Nada era capaz de compensá-la... nem a ópera, nem a conversa com políticos entusiastas, nem a recepção lisonjeira (em cantos escuros) ao novo estilo que ele usava em seus artigos de fundos.

Assim ele havia feito a viagem, prevendo com confiança como estariam as coisas em seu mundinho familiar, suspeitando que não encontraria surpresas em sua visita. No entanto, ele havia encontrado aquele mundo monótono em condições terrivelmente dinâmicas, nas quais até mesmo a brincadeira e o lirismo se tornaram explosivos, e o primeiro dia dessa visita havia se tornado o momento mais fatal de sua vida. Na manhã seguinte, ele se sentiu tão atormentado com o pesadelo das consequências, temia tanto os resultados imediatos que se apresentavam diante dele, que ao ver, enquanto tomava o café da manhã, a chegada da diligência de Riverston, ele saiu apressadamente e tomou um assento, para que pudesse ser aliviado, pelo menos por um dia, da necessidade de fazer ou dizer qualquer coisa em Middlemarch. Will Ladislaw se encontrava em uma daquelas crises confusas que são mais frequentes do que se pode imaginar, segundo a superficialidade dos julgamentos dos homens. Ele

havia encontrado Lydgate, por quem sentia o mais sincero respeito, em circunstâncias que exigiam sua total e francamente declarada simpatia, e a razão pela qual, apesar dessa afirmação, teria sido melhor para Will ter evitado qualquer intimidade posterior, ou mesmo contato com Lydgate, era precisamente do tipo que faria tal curso parecer impossível. Para uma pessoa de um temperamento tão suscetível como Will, desprovido por natureza de uma região mental de indiferença, pronta a transformar tudo o que se abatia sobre ele em colisões de um drama apaixonado, a revelação de que Rosamond tornara sua felicidade de alguma forma dependente dele estabelecia uma dificuldade que sua explosão de ira para com ela havia aumentado incomensuravelmente. Ele odiava sua própria crueldade, mas temia mostrar a plenitude de sua indulgência; ele deveria ir até ela novamente, a amizade não poderia terminar repentinamente e a infelicidade dela era uma força que ele temia. E, para todo o resto, não havia mais promessas de diversão na vida à sua frente do que se seus membros tivessem sido decepados e ele tivesse que usar muletas para caminhar. À noite, ele havia debatido se não deveria embarcar na carruagem, não para Riverston, mas para Londres, deixando um bilhete para Lydgate, no qual lhe daria um motivo improvisado para sua partida. Porém, havia fortes cordões que o puxavam de volta daquela partida abrupta: o flagelo de sua felicidade ao pensar em Dorothea, e a destruição da principal esperança que havia permanecido apesar da reconhecida necessidade de renúncia constituíam uma desgraça muito recente para resignar-se a ela e ir direto para uma distância que também implicava em desespero.

Assim, ele não tomou nenhuma decisão mais difícil do que pegar a diligência de Riverston. Ele voltou de lá enquanto ainda era dia, decidido a ir visitar Lydgate naquela mesma tarde. O Rubicão,[168] como sabemos, era um córrego muito insignificante de se olhar; seu significado reside inteiramente em certas condições invisíveis. Will sentiu como se fosse forçado a cruzar sua pequena vala de fronteira, e o que viu além dela não foi um império, mas uma submissão descontente.

Porém, às vezes é dado a nós, em nossas vidas cotidianas, testemunhar a influência salvadora de uma natureza nobre, da eficácia redentora divina que pode residir em um ato de amizade. Se Dorothea, depois de sua noite de angústia, não tivesse feito aquela caminhada até a casa de Rosamond, ora, ela talvez fosse uma mulher que teria adquirido um grande prestígio por sua discrição, mas certamente não teria sido tão bom para aqueles três sentados ao redor do fogo na casa de Lydgate às sete e meia daquela noite.

Rosamond estava preparada para a visita de Will e recebeu-o com uma frieza lânguida que Lydgate justificou por seu esgotamento nervoso, que ele não podia supor que tivesse qualquer relação com Will. E enquanto ela estava sentada em silêncio, inclinada sobre seu trabalho, ele a desculpou inocentemente de forma indireta, implorando que ela se deitasse e descansasse. Will sentia-se infeliz com a necessidade de desempenhar o papel de um amigo que aparecia pela primeira vez e saudava a Rosamond, enquanto seus pensamentos se ocupavam com os sentimentos dela desde aquela cena do dia anterior, que parecia ainda inexoravelmente envolver os dois, como a dolorosa visão de uma loucura dupla. Aconteceu que nada chamou Lydgate para fora da sala, mas quando Rosamond serviu o chá e Will se aproximou para pegar a xícara, ela colocou um pedacinho de papel dobrado em seu pires. Ele o viu e o segurou rapidamente, mas ao voltar para sua estalagem não teve vontade de desdobrar o papel. O que Rosamond escrevera provavelmente aprofundaria as impressões dolorosas da tarde. Mesmo assim, ele o abriu e leu ao lado da vela da cama. Havia apenas estas poucas palavras, escritas com sua letra precisa e fluída:

– Já conversei com Mrs. Casaubon. Ela não tem nenhuma suspeita do seu caráter. Eu disse tudo a ela porque ela veio me ver e foi muito gentil. Você não terá nada para me censurar agora. Eu não terei feito nenhuma diferença para você.

O efeito dessas palavras não foi completamente de alegria. Enquanto Will pensava nelas com exaltada imaginação, ele sentia suas bochechas e orelhas queimando ao pensar no que havia acontecido entre Dorothea e Rosamond, na

incerteza de quão longe Dorothea ainda poderia sentir sua dignidade ferida por ver assim oferecida uma explicação de sua conduta. Poderia ainda haver em sua consciência uma relação alterada com ele, que constituía uma diferença irremediável, uma falha duradoura. Com fantasia ativa, ele se colocou em um estado de dúvida parecido ao de um homem que havia escapado da desgraça durante a noite e permanecera em terreno desconhecido na escuridão. Até mesmo o infeliz dia de ontem, exceto aquele momento de aborrecimento há muito tempo naquela mesma sala e na mesma presença, todas as suas visões, todos os seus pensamentos um sobre o outro, tinham permanecido como em um mundo à parte, onde o sol caía sobre altos e brancos lírios, onde nenhum mal se escondia e nenhuma outra alma entrava. Mas agora... estaria Dorothea disposta a encontrá-lo naquele mundo novamente?

CAPÍTULO LXXXIII

“E agora, bom dia para nossas almas que despertam,
Que, por medo, não se observam mutuamente;
Pois o amor, todo amor de outras visões controla,
E torna um pequeno lugar, um todo.”
– DR. DONNE

Na segunda manhã após a visita de Dorothea a Rosamond, ela havia tido duas noites de sono profundo, e não só havia perdido todos os vestígios de fadiga, mas sentia como se tivesse uma grande quantidade de força supérflua, ou seja, mais força do que conseguia concentrar em qualquer tipo de ocupação. No dia anterior, ela havia feito longas caminhadas fora da propriedade e duas visitas à reitoria, mas ela jamais contou a alguém a razão pela qual passava seu tempo daquela maneira infrutífera, e naquela manhã ela estava bastante zangada consigo mesma por sua inquietação infantil. O dia de hoje seria bem diferente. O que havia para ser feito na aldeia? Oh céus! Nada! Todos estavam bem e tinham sua flanela, o porco de ninguém havia morrido, e era sábado de manhã, quando havia uma limpeza geral de portas e soleiras, e quando era inútil ir à escola. Porém, havia vários assuntos que Dorothea desejava esclarecer, e ela decidiu se lançar energicamente contra o mais grave de todos: ela se sentou na biblioteca diante de sua pequena pilha particular de livros sobre economia política e assuntos afins, na tentativa de obter uma luz sobre a melhor maneira de gastar dinheiro sem prejudicar os vizinhos, ou, o que vinha a ser a mesma coisa, de modo a fazer o que era melhor para eles. Aqui estava um assunto importante que, se ela pudesse apenas compreendê-lo, certamente manteria sua mente equilibrada. Infelizmente, sua mente ficou distraída por uma hora inteira, e no

final ela se viu lendo as mesmas frases duas vezes com uma intensa consciência de muitas coisas, mas não das coisas contidas no texto. Era enlouquecedor. Deveria ela pedir a carruagem e ir a Tipton? Não; por uma razão ou outra, ela preferia ficar em Lowick. Mas sua mente errante deveria ser reduzida à ordem; havia uma arte na autodisciplina, e ela deu voltas e mais voltas na biblioteca marrom, considerando com que tipo de manobra poderia deter seus pensamentos errantes. Talvez uma simples tarefa fosse o melhor meio, algo que pudesse fazer com tenacidade. Não havia ali uma geografia da Ásia Menor, de cuja ignorância muitas vezes fora acusada por Mr. Casaubon? Ela foi até o armário de mapas e desenrolou um; naquela manhã, ela estava disposta a se certificar de que a Paflagónia não ficava na costa levantina, e reparar sua escuridão total sobre o Cálibes nas margens do Euxino.[169] Um mapa é uma coisa maravilhosa para estudar quando se está disposto a pensar em algo diferente, sendo constituído por nomes que se transformam em uma cantilena quando repetidos. Dorothea começou a trabalhar seriamente, inclinando-se sobre o mapa e pronunciando os nomes em um tom audível, mas baixo, que muitas vezes soava como uma cantilena. Ela parecia divertidamente infantil depois de toda a sua profunda experiência, acenando com a cabeça e apontando os nomes com os dedos, com um pequeno franzido dos lábios e, de vez em quando, colocando as mãos em cada lado do rosto e dizendo: – Ora, ora!

Não havia maior razão para que isso acabasse do que uma nova rodada, mas ela foi finalmente interrompida pela abertura da porta e o anúncio de Miss Noble.

A velhinha, cujo chapéu mal chegava aos ombros de Dorothea, foi calorosamente recebida, mas enquanto segurava a mão de Dorothea, ela produzia alguns de seus ruídos de castor, como se tivesse algo difícil a comunicar.

– Sente-se – disse Dorothea, puxando uma cadeira para frente. – Está precisando de alguma coisa? Ficarei muito feliz se puder ajudar.

– Não vou demorar – disse Miss Noble, colocando a mão em sua pequena cesta e segurando nervosamente alguma coisa dentro dela –, deixei um amigo na

igreja.

Ela retomou seus sons inarticulados e, inconscientemente, retirou o objeto que estava dedilhando. Era a caixa de casco de tartaruga e Dorothea notou a cor que tomava conta do seu rosto.

– Mr. Ladislaw – continuou a tímida e pequena mulher – ele teme tê-la ofendido e me pediu para perguntar se a senhora poderá vê-lo por alguns minutos.

Dorothea não respondeu de imediato; ela pensou que não poderia recebê-lo na biblioteca, onde parecia residir a proibição do marido. Ela olhou para a janela. Poderia encontrá-lo no jardim? O céu estava pesado e as árvores começavam a tremer com a tempestade que se aproximava. Além disso, ela estava evitando a sua companhia.

– Por favor, Mrs. Casaubon – disse Miss Noble, com ternura –, ou terei de voltar e dizer que não concordou e isso vai machucá-lo.

– Sim, eu o verei – disse Dorothea. – Por favor, diga a ele que venha.

O que mais poderia fazer? Não havia nada que desejasse mais naquele momento, exceto ver Will. A possibilidade de vê-lo havia se colocado insistentemente entre ela e qualquer outra coisa; e ainda assim ela sentia uma excitação latejante de alarme, uma sensação de que por ele estava fazendo algo ousado e desafiador.

Quando a pequena senhora se afastou para cumprir sua missão, Dorothea permaneceu no meio da biblioteca, com as mãos cruzadas à sua frente, sem fazer qualquer tentativa para se recompor, em uma atitude de digna inconsciência. O que ela estava menos consciente naquele momento era do seu próprio corpo; ela estava pensando no que provavelmente haveria na mente de Will, e nos ressentimentos que outras pessoas sentiam por ele. Como alguém poderia levá-la a sério? A resistência ao desprezo injusto estava misturada com seus sentimentos por ele desde o primeiro momento, e agora, diante da reação de seu coração após sua angústia, a resistência era mais forte do que nunca. – Se eu o amo tanto é porque as pessoas o trataram muito mal – havia uma voz interior que conversava

com um público imaginário na biblioteca, quando a porta foi aberta, e ela viu Will diante dela.

Ela não se mexeu e ele veio em sua direção com mais dúvida e timidez estampadas no rosto do que ela jamais vira antes. Ele se encontrava em um estado de incerteza que o fazia temer que qualquer olhar ou palavra sua o condenassem a uma nova separação; e Dorothea estava com medo de sua própria emoção. Ela parecia estar sob o efeito de um feitiço que a mantinha imóvel e a impedia de soltar as mãos, enquanto um desejo intenso e sério estava aprisionado em seus olhos. Ao notar que ela não estendia a mão como de costume, Will se deteve a um metro de distância e disse, com um certo embaraço:

– Estou muito grato por me receber.

– Eu queria vê-lo – disse Dorothea, não encontrando outras palavras para dizer. Não ocorreu a ela sentar-se, e Will não deu uma interpretação agradecida àquela maneira majestosa de recebê-lo, mas ele continuou dizendo o que tinha a intenção de dizer.

– Temo que me considere um tolo e talvez ache errado eu ter voltado tão cedo. Fui punido por minha impaciência. Como sabe... todo mundo sabe agora... a triste história do meu parentesco. Eu sabia disso antes de partir, e sempre tive a intenção de lhe contar tudo, se nos encontrássemos novamente.

Dorothea fez um leve movimento e soltou as mãos, mas imediatamente as juntou novamente.

– Mas o assunto agora é uma questão de mexericos – Will continuou –, eu queria que soubesse que algo relacionado a isso, algo que aconteceu antes de eu ir embora, ajudou a me trazer aqui de novo. Pelo menos serviu de desculpa para minha vinda. Foi a ideia de solicitar a Bulstrode que aplicasse algum dinheiro para uma causa pública... um dinheiro que ele havia pensado em me dar. Talvez seja mais para crédito do próprio Bulstrode que ele me ofereceu uma compensação por um antigo prejuízo. Ele se ofereceu a me conceder uma boa renda como indenização, mas suponho que conheça toda a história.

Will olhou de forma duvidosa para Dorothea, mas ele estava adquirindo um pouco da coragem desafiadora, com a qual sempre pensava sobre aquele fato do destino. Ele acrescentou:

– Você deve saber que é tudo muito doloroso para mim.

– Sim, sim, eu sei – disse Dorothea, apressadamente.

– Eu não quis aceitar nenhuma renda de tal procedência. Eu tinha certeza de que você me desprezaria se eu aceitasse – disse Will. Por que ele se importaria em dizer algo desse tipo para ela agora? Ela sabia que ele havia confessado seu amor por ela. – Eu sentia que... – ele se interrompeu.

– Você agiu como eu esperava que agisse – disse Dorothea, enquanto seu rosto se iluminava e sua cabeça se erguia um pouco mais alto em seu lindo pescoço.

– Eu não acreditava que nenhuma circunstância de meu nascimento pudesse criar algum preconceito da sua parte, embora seguramente o faria entre os demais – disse Will, enquanto balançava a cabeça para trás como de costume, e a olhava com olhos suplicantes.

– Se fosse uma nova dificuldade, seria uma nova razão para eu me apegar a você – disse Dorothea, fervorosamente. – Nada poderia ter mudado minha opinião, a não ser... – seu coração batia forte e era difícil continuar; ela fez um grande esforço para dizer em voz baixa e trêmula –, a não ser pensar que você era diferente, que não era tão bom quanto eu acreditava que fosse.

– Você pode ter certeza de que acredita mais em mim do que eu mesmo em todos os aspectos, exceto em uma coisa – disse Will, demonstrando seus próprios sentimentos diante da evidência dos sentimentos dela. – Quero dizer, na minha fidelidade a você. Quando pensei que você duvidava dela, não me importei com mais nada. Pensei que tudo estava acabado para mim, e não havia nada pelo que lutar, apenas coisas para suportar.

– Eu não duvido mais de você – disse Dorothea, estendendo a mão; um vago temor por ele a impulsionava com um afeto indescritível.

Ele tomou a sua mão e a levou aos lábios com algo parecido com um soluço.

No entanto, ele estava com o chapéu e as luvas na outra mão, e poderia ter passado por um monarquista. Mesmo assim, foi difícil soltar sua mão e Dorothea a retirou em uma confusão que a angustiava; ela olhou para ele e se afastou.

– Veja como as nuvens se tornaram escuras e como as árvores estão agitadas – disse ela, caminhando em direção à janela, falando e se movendo apenas com uma vaga noção do que fazia.

Will a acompanhou a uma pequena distância e apoiou-se no encosto de uma cadeira de couro, na qual ele colocou o chapéu e as luvas e se livrou do cativeiro intolerável da formalidade, a que pela primeira vez na presença de Dorothea ele se condenou. É importante salientar que ele se sentia muito feliz naquele momento. Já não sentia muito medo de nada que ela pudesse sentir agora.

Eles permaneceram em silêncio, sem olhar um para o outro, mas olhando para as sempre-vivas que estavam sendo sacudidas e mostravam a pálida parte inferior de suas folhas contra o firmamento enegrecido. Will nunca gostou tanto da perspectiva de uma tempestade: ela o livrava da necessidade de partir. Folhas e pequenos galhos eram arremessados, e o trovão estava se aproximando. A luz estava cada vez mais sombria, mas veio um clarão de um relâmpago que os fez sobressaltar-se e olhar um para o outro, e depois sorrir. Dorothea começou a dizer o que estava pensando.

– Isso foi uma coisa errada para você dizer, que você não teria nada pelo que lutar. Se tivéssemos perdido nosso próprio bem principal, o bem de outras pessoas permaneceria, e valeria a pena lutar por isso. Algumas pessoas podem ser felizes. Eu parecia ver isso mais claro do que nunca quando me sentia mais infeliz. Mal posso imaginar como poderia ter suportado o problema se este sentimento não tivesse vindo a mim para me dar forças.

– Você nunca sentiu a tristeza que eu senti – disse Will –, a tristeza de saber que você poderia me desprezar.

– Mas eu já me senti pior... foi pior pensar mal... – Dorothea começou impetuosamente, mas interrompeu o discurso.

Will enrubesceu. Ele teve a sensação de que tudo o que ela dizia se

manifestava a partir da visão de uma fatalidade que os mantinha separados. Ele permaneceu em silêncio por um momento, e então disse apaixonadamente:

– Podemos pelo menos ter o conforto de falar um com o outro sem fingimento. Já que devo ir embora, já que devemos estar sempre separados, você pode pensar em mim como alguém à beira do túmulo.

Enquanto ele falava, um forte clarão os iluminou completamente, e a luz parecia ser o terror de um amor sem esperança. Dorothea afastou-se instantaneamente da janela; Will a seguiu, segurando sua mão com um movimento espasmódico, e assim eles ficaram, de mãos dadas, como duas crianças contemplando a tempestade, enquanto o trovão fazia um estrondo tremendo e a chuva começava a cair. Então, eles voltaram seus rostos um para o outro, conservando na memória as últimas palavras de Will, ainda mantendo as mãos unidas.

– Não há esperança para mim – disse Will. – Mesmo se você me amasse tanto quanto eu a amo, mesmo se eu fosse tudo para você, eu provavelmente sempre serei muito pobre; fazendo um cálculo sério, não se pode contar com nada além de uma sorte rasteira. É impossível para nós que possamos pertencer um ao outro. Talvez não tenha sido uma boa ideia ter pedido que me atendesse. Eu pretendia ir embora em silêncio, mas não fui capaz de fazê-lo.

– Não se desculpe – disse Dorothea, em um tom claro e carinhoso. – Eu prefiro compartilhar todos os problemas de nossa separação.

Os lábios dela tremeram, e os dele também. Nunca se soube quais lábios foram os primeiros a se mover em direção aos outros; eles se beijaram tremendo, e então se separaram.

A chuva batia contra as vidraças como se contivesse um espírito raivoso, e atrás dela vinha o grande sopro do vento; era um daqueles momentos em que tanto os ocupados quanto os desocupados se detêm com certo temor.

Dorothea sentou-se no assento mais próximo, uma otomana comprida e baixa no meio da sala, e com as mãos juntas uma sobre a outra no colo observava o lúgubre mundo exterior. Will permaneceu parado por um instante, olhando para

ela, então sentou-se ao seu lado e colocou a mão sobre as dela; ela virou a palma das mãos para cima para que ele as tomasse. Eles continuaram sentados sem olhar um para o outro, até que a chuva diminuiu e começou a cair silenciosamente. Ambos estavam repletos de pensamentos que nenhum dos dois se atrevia a expressar.

Porém, quando a chuva parou, Dorothea virou-se para olhar para Will. Com uma exclamação apaixonada, como se ameaçado por uma tortura, ele se levantou e disse:

– É impossível!

Ele voltou a se apoiar no encosto da cadeira e parecia estar lutando contra sua própria raiva, enquanto ela o contemplava com tristeza.

– É tão fatal quanto um assassinato ou qualquer outra coisa horrorosa que divide as pessoas – explodiu ele novamente. – É mais intolerável... ter nossa vida mutilada por pequenos acidentes.

– Não, não diga isso; sua vida não precisa ser mutilada – disse Dorothea, gentilmente.

– Sim, precisa – disse Will, com raiva. – É cruel da sua parte falar dessa maneira, como se houvesse algum consolo. Você pode ver além da infelicidade, mas eu não. É cruel... é jogar de volta meu amor por você como se fosse uma ninharia falar dessa maneira diante dos fatos. Nós nunca poderemos nos casar.

– Algum dia, talvez – disse Dorothea, com uma voz trêmula.

– Quando? – disse Will, amargamente. – De que adianta contar com qualquer sucesso meu? É duvidoso que eu vá fazer qualquer coisa para me manter decentemente, a menos que decida me vender como um mero escritor ou porta-voz. Posso ver isso com bastante clareza. Eu não poderia me oferecer a nenhuma mulher, mesmo que ela não tivesse luxos a renunciar.

Houve silêncio. O coração de Dorothea estava tomado por coisas que ela queria dizer, mas as palavras eram muito difíceis. Ela estava absolutamente possuída por elas; naquele momento, o debate estava mudo em seu interior. Era muito difícil para Dorothea não conseguir dizer o que gostaria. Will continuava

zangado, olhando pela janela. Se ele tivesse olhado para ela e não saído do seu lado, Dorothea acreditava que tudo teria sido mais fácil. Por fim, ele se voltou, ainda apoiado na cadeira, esticou a mão automaticamente em direção ao chapéu e disse com uma espécie de exasperação:

– Adeus.

– Oh, eu não posso suportar, esta situação está partindo meu coração – disse Dorothea, levantando-se de seu assento. A torrente de sua jovem paixão derrubava todos os obstáculos que a mantiveram calada e instantaneamente as lágrimas surgiram e começaram a cair. – Não me importo com a pobreza... eu odeio minha riqueza.

Em um instante, Will estava perto dela; ele a tomou nos braços, mas ela puxou a cabeça para trás e segurou-o gentilmente, para que pudesse continuar a falar. Seus grandes olhos cheios de lágrimas o olhavam com franqueza, enquanto ela dizia entre soluços:

– Nós poderíamos viver muito bem com minha própria fortuna; é até demais: setecentas libras por ano, e eu necessito de tão pouco... nenhuma roupa nova... e eu vou aprender o valor de todas as coisas.

CAPÍTULO LXXXIV

“Embora digam os jovens e os velhos,
Que eu deva ser o culpado,
A falta é sua, por ter falado tanto
E arruinado minha reputação.”
– The Nut-Brown Maid

Foi logo depois que os lordes rejeitaram a Lei da Reforma: isso explica por que Mr. Cadwallader veio caminhando ao longo da encosta do gramado perto da grande estufa de Freshitt Hall, segurando o “Times” nas mãos atrás de si, enquanto conversava com a frieza de um pescador de trutas sobre as perspectivas do país com Sir James Chettam. Mrs. Cadwallader, a viúva lady Chettam e Celia, às vezes, se sentavam em cadeiras do jardim, às vezes caminhavam para encontrar o pequeno Arthur, que estava sendo puxado em sua pequena carruagem e, como convinha a um Buda criança, era protegido por seu guarda-sol sagrado com uma bela franja de seda.

As senhoras também falavam de política, embora de forma mais irregular. Mrs. Cadwallader era firme na criação projetada de pares: ela havia recebido a informação de seu primo de que Truberry tinha se passado para o outro lado inteiramente a pedido de sua esposa, que farejava possibilidades políticas no ar desde a primeira introdução da questão da Reforma, e ela venderia sua alma para ter precedência sobre sua irmã mais nova, que se casou com um baronete. Lady Chettam acreditava que tal conduta era muito repreensível e lembrou-se de que a mãe de Mrs. Truberry tinha sido uma Miss Walsingham de Melspring. Celia confessou que era mais agradável ser “lady” do que “Mrs.” e que Dodo nunca se importava com prioridades, contanto que fizesse o que desejava. Mrs.

Cadwallader argumentou que era uma triste satisfação ter precedência quando todos ao seu redor sabiam que você não tinha uma gota de sangue azul nas veias; e Celia novamente, detendo-se para olhar para Arthur, disse: “Seria muito bom, no entanto, se ele fosse um visconde, e o dentinho de Sua Senhoria está prestes a sair! Ele poderia ter sido, se James fosse um conde”.

– Minha querida Celia – disse a viúva –, o título de James vale muito mais do que qualquer novo condado. Nunca desejei que seu pai fosse outra coisa além de Sir James.

– Bem, eu estava falando do dentinho de Arthur – disse Celia, com tranquilidade. – Mas veja, meu tio está vindo.

Ela caminhou ao encontro do tio, enquanto Sir James e Mr. Cadwallader avançaram para formar um grupo com as mulheres. Celia tinha passado o braço pelo do tio e ele dava tapinhas em sua mão com um tom melancólico. – Bem, minha querida! – à medida que se aproximavam, era evidente que Mr. Brooke parecia abatido, mas isso era totalmente explicado pela situação da política, enquanto ele apertava as mãos de todos sem mais cumprimentos do que um: – Bem, vocês estão todos aqui.

– Não leve a rejeição da lei tão a sério, Brooke; você tem toda a ralé do país ao seu lado – disse o reitor, rindo.

– A lei? Ah! – disse Mr. Brooke, com uma leve distração de maneiras. – Foi rejeitada, vocês sabem, hein? Mas os lordes estão indo longe demais. Eles terão que se conter. Notícias tristes. Quero dizer, para nós... são notícias tristes. Mas você não deve me culpar, Chettam.

– O que aconteceu? – perguntou Sir James. – Nenhum guarda-caças baleado, eu espero. É o que se espera quando um sujeito como Trapping Bass é libertado tão facilmente.

– Guarda-caças? Não. Vamos entrar; eu contarei tudo quando estivermos lá dentro, vocês sabem – disse Mr. Brooke, acenando com a cabeça para o casal Cadwallader, para mostrar que os incluía em sua confiança. – Quanto a caçadores furtivos como Trapping Bass, você sabe, Chettam – continuou ele,

enquanto entravam na casa –, quando você é um magistrado, não é muito fácil se comprometer. A severidade está muito bem, mas é muito mais fácil quando você tem alguém para fazer isso por você. Você tem um ponto fraco em seu coração, você sabe, você não é um Drácon, nem um Jeffreys,[170] esse tipo de coisa.

Mr. Brooke estava evidentemente em um estado de perturbação nervosa. Quando ele tinha algo doloroso para contar, geralmente era sua maneira de apresentá-lo em meio a uma série de detalhes desarticulados, como se fosse um remédio que obteria um sabor mais suave com a mistura. Ele continuou sua conversa com Sir James sobre os caçadores furtivos até que todos estivessem sentados, e Mrs. Cadwallader, impaciente com a conversa, disse:

– Estou morrendo de vontade de saber as notícias tristes. O guarda-caças não foi baleado: assunto resolvido. O que é, então?

– Bem, é uma coisa muito difícil, sabe – disse Mr. Brooke. – Eu me alegro que a senhora e o reitor estejam aqui; é um assunto de família, mas vocês podem ajudar todos nós a suportá-lo, Cadwallader. Eu tenho que te dizer isso, minha querida... – neste momento, Mr. Brooke olhou para Celia –, você nem faz ideia do que é, sabe. E, Chettam, isso vai te deixar muito irritado... mas, veja, você não foi capaz de impedir, assim como eu também não. Há algo de singular nas coisas: elas mudam, sabe.

– Deve ser sobre Dodo – disse Celia, que costumava pensar na irmã como a parte perigosa da máquina familiar. Ela se sentou em um banquinho baixo apoiada no joelho do marido.

– Pelo amor de Deus, diga o que é! – disse Sir James.

– Bem, você sabe, Chettam, não pude evitar o testamento de Casaubon; era uma espécie de testamento que piora as coisas.

– Exatamente – disse Sir James, apressadamente. – Mas o que poderia ser pior?

– Dorothea vai se casar de novo, sabe – disse Mr. Brooke, acenando com a cabeça em direção a Celia, que imediatamente olhou para o marido com um olhar assustado e colocou a mão em seu joelho.

Sir James estava quase branco de raiva, mas não disse nada.

– Santo Deus! – disse Mrs. Cadwallader. – Não com o jovem Ladislaw?

Mr. Brooke assentiu com a cabeça, dizendo:

– Sim, com Ladislaw – e então adotou um silêncio prudente.

– Você está vendo, Humphrey! – disse Mrs. Cadwallader, acenando com o braço na direção do marido. – Mais uma vez você vai ter que admitir que tenho alguma perspicácia; ou vai me contradizer e continuar cego como sempre? Você achava que o jovem cavalheiro tinha saído do condado.

– Ele pode ter saído, e ainda assim voltar – disse o reitor, calmamente.

– Quando você soube disso? – perguntou Sir James, não querendo ouvir mais ninguém, embora ele mesmo tivesse dificuldade em falar.

– Ontem – disse Mr. Brooke, humildemente. – Eu fui a Lowick. Dorothea mandou me chamar, você sabe. Aconteceu de repente... nenhum deles sabia de nada até dois dias atrás... nenhuma ideia, você sabe. Há algo de singular nas coisas. Mas Dorothea é bastante determinada, não adianta se opor. Eu a adverti com firmeza. Eu cumpri com o meu dever, Chettam. Mas ela pode agir como quiser, você sabe.

– Teria sido melhor se eu o tivesse desafiado e atirado nele há um ano – disse Sir James, não por maldade, mas porque precisava de algo forte a dizer.

– Vamos, James, isso teria sido muito desagradável – disse Celia.

– Seja razoável, Chettam. Considere o assunto com mais tranquilidade – disse Mr. Cadwallader, lamentando ver seu amigo bem-humorado tão dominado pela raiva.

– Isso não é tão fácil para um homem com alguma dignidade, com um sentido de dever, quando o caso acontece em sua própria família – disse Sir James, ainda pálido de indignação. – É escandaloso. Se Ladislaw tivesse uma centelha de honra, ele teria saído do condado imediatamente e nunca mais mostrado sua cara aqui. No entanto, não estou surpreso. No dia seguinte ao funeral de Casaubon, eu disse o que deveria ser feito. Mas ninguém me deu ouvidos.

– Você queria o que era impossível, sabe, Chettam – disse Mr. Brooke. – Você queria que ele fosse deportado. Eu disse a você que Ladislaw não era homem que se permitia ser mandado, ele tinha suas ideias. Ele era um sujeito notável, eu sempre disse que ele era um sujeito notável.

– Sim – disse Sir James, incapaz de reprimir uma réplica –, é uma pena que você formou esta opinião tão elevada sobre ele. Somos gratos a isso por ele estar alojado nesta vizinhança. Somos gratos a isso por ver uma mulher como Dorothea degradando-se para se casar com ele – Sir James era interrompido entre uma frase e outra porque as palavras não saíam com facilidade. – Um homem cujo nome foi explicitamente citado no testamento do marido, que a delicadeza deveria tê-la proibido de ver novamente, que a rebaixa de sua própria posição, em direção à pobreza, que tem a mesquinhez de aceitar tal sacrifício... que sempre teve uma posição questionável... uma descendência ruim... e, creio eu, um homem de poucos princípios e caráter leviano. Esta é a minha opinião – concluiu Sir James enfaticamente, virando-se para o lado e cruzando as pernas.

– Eu a adverti de tudo isso – disse Mr. Brooke, desculpando-se –, me refiro à pobreza e ao abandono de sua posição. Eu disse: “Minha querida, você não sabe o que é viver com setecentas libras por ano, não ter uma carruagem, e todas essas coisas, e andar no meio de pessoas que não sabem quem você é”. Eu falei com veemência. Mas aconselho você a falar com Dorothea pessoalmente. O fato é que ela não gosta da herança de Casaubon. Você vai ver o que ela diz.

– Não, me desculpem, mas eu não vou – disse Sir James, com mais frieza. – Eu não suportaria vê-la novamente; é muito doloroso. Dói muito que uma mulher como Dorothea tenha cometido este erro.

– Seja justo, Chettam – disse o reitor tranquilo e de lábios grandes, que se opunha a todo aquele desconforto desnecessário. – Mrs. Casaubon pode estar agindo de forma imprudente: ela está renunciando a uma fortuna por causa de um homem, e nós, homens, temos uma opinião tão pobre uns dos outros que dificilmente podemos chamar de sábia uma mulher que faz o mesmo. Mas eu acho que você não deveria condenar tal ação como se fosse insensata, no sentido

estrito da palavra.

– Mas é o que eu acho – respondeu Sir James. – Eu acho que Dorothea comete um ato insensato ao se casar com Ladislaw.

– Meu caro amigo, estamos bastante propensos a considerar um ato insensato porque é desagradável para nós – disse o reitor, tranquilamente. Como muitos homens que levam a vida com facilidade, ele possuía o dom de dizer uma verdade comum de tempos em tempos para aqueles que se sentiam virtuosamente fora de controle. Sir James tirou o lenço e começou a morder a ponta.

– É espantoso da parte de Dodo – disse Celia, querendo justificar o marido. – Ela disse que nunca mais se casaria... com ninguém.

– Eu mesma a ouvi dizer a mesma coisa – disse lady Chettam, majestosamente, como se isso fosse uma afirmação real.

– Oh, geralmente há uma exceção silenciosa em tais casos – disse Mrs. Cadwallader. – A única coisa que me surpreende é que vocês estejam surpresos. Vocês não fizeram nada para impedir isso. Se nós tivéssemos trazido lorde Triton para cortejá-la com sua filantropia, ele poderia tê-la levado embora antes do final do ano. Não havia segurança em mais nada. Mr. Casaubon preparou tudo da melhor forma possível. Ele se tornou desagradável, ou Deus quis fazê-lo, e então restou a Dorothea contradizê-lo. É a maneira de tornar qualquer traste tentador, agregando um preço elevado a ele.

– Não sei o que você entende por errado, Cadwallader – disse Sir James, ainda se sentindo um pouco magoado e virando-se em sua cadeira em direção ao reitor. – Ele não é um homem que possamos admitir na família. Pelo menos, devo falar por mim mesmo – continuou ele, afastando cuidadosamente os olhos de Mr. Brooke. – Suponho que outros acharão sua companhia agradável demais para se preocupar com a conveniência da coisa.

– Bem, você sabe, Chettam – disse Mr. Brooke, bem-humorado, acariciando a perna –, não posso dar as costas a Dorothea. Devo ser um pai para ela, até certo ponto. Eu disse: “Minha querida, não vou me recusar a ser seu padrinho”. Eu

tinha falado a sério antes. Mas posso cortar o vínculo, você sabe. Vai custar dinheiro e será problemático; mas eu posso fazer isso, sabe.

Mr. Brooke acenou com a cabeça para Sir James e sentiu que estava demonstrando sua própria capacidade de resolução e propiciando o que era motivo de aborrecimento para o baronete. Ele havia descoberto uma maneira mais engenhosa de aparar o golpe do que imaginava. Ele havia tocado em um motivo do qual Sir James se envergonhava. A maior parte dos seus sentimentos sobre o casamento de Dorothea com Ladislaw devia-se em parte a um preconceito desculpável, ou mesmo a uma opinião justificável, e em parte a uma repugnância ciumenta, não menor no caso de Ladislaw do que no de Casaubon. Ele estava convencido de que o casamento seria fatal para Dorothea. Porém, em meio a isso tudo corria uma veia da qual ele era um homem bom e honrado demais para confessá-la até para si mesmo; era inegável que a união das duas propriedades, Tipton e Freshitt, situadas encantadoramente dentro de um mesmo limite, era uma perspectiva que a embelezava para seu filho e herdeiro. Consequentemente, quando Mr. Brooke fez uma menção de ruptura, Sir James sentiu um constrangimento repentino; houve uma obstrução em sua garganta; ele até corou. Ele havia encontrado mais palavras do que o normal no primeiro impulso de sua raiva, mas a conciliação de Mr. Brooke acabou obstruindo sua língua mais do que a cáustica insinuação de Mr. Cadwallader.

Mas Celia se alegrou por ter espaço para falar depois da sugestão de seu tio sobre a cerimônia de casamento, e ela disse, embora com tão pouca ansiedade como se a pergunta se referisse a um convite para jantar.

– O senhor acredita que Dodo vai se casar logo, tio?

– Em três semanas, você sabe – disse Mr. Brooke, em tom desvalido. – Não posso fazer nada para impedi-la, Cadwallader – acrescentou ele, voltando-se para o reitor, que disse:

– Eu não ficaria alarmado com isso. Se ela prefere ser pobre, isso é problema dela. Ninguém teria dito nada se ela tivesse se casado com esse jovem e ele fosse rico. Muitos clérigos beneficiados são mais pobres do que eles serão. Aqui está

Elinor – continuou o marido provocador –, ela decepcionou todos os seus amigos ao se casar comigo, eu mal tinha mil libras por ano... eu era um grosseirão... ninguém conseguia ver nada em mim; meus sapatos não tinham o formato correto, todos os homens me perguntavam como uma mulher poderia gostar de mim. Não tenho outra alternativa a não ser tomar o lado de Ladislaw até ouvir mais coisas ruins sobre ele.

– Humphrey, tudo isso é retórica, e você sabe disso – disse a esposa. – Tudo é a mesma coisa para você... é o começo e o fim para você. Como se você não fosse um Cadwallader! Alguém supõe que eu teria aceitado um monstro como você se tivesse outro nome?

– E também é um clérigo – observou lady Chettam, com aprovação. – Não se pode dizer que Elinor foi rebaixada em sua posição. É difícil dizer o que é Mr. Ladislaw, não é verdade, James?

Sir James deu um pequeno grunhido, que foi menos respeitoso do que seu modo usual de responder à mãe. Celia olhou para ele como uma gatinha pensativa.

– É preciso admitir que o sangue dele é uma mistura assustadora – disse Mrs. Cadwallader. – O fluido insosso de Casaubon, para começar, e depois um rebelde violinista ou mestre de dança polonês, não é isso? E então...

– Bobagem, Elinor – disse o reitor, levantando-se. – Está na hora de irmos.

– No fim das contas, ele é um belo rapazinho – disse Mrs. Cadwallader, levantando-se também e propondo uma retificação. – Se parece com os charmosos retratos de Crichley antes dos idiotas chegarem.

– Eu vou com vocês – disse Mr. Brooke, levantando-se com entusiasmo. – Vocês todos devem vir jantar comigo amanhã, hein, Celia, minha querida?

– Você vai, James, não vai? – perguntou Celia, pegando na mão do marido.

– Oh, claro, se você quiser – disse Sir James, puxando o colete para baixo, mas ainda incapaz de demostrar bom humor. – Quer dizer, se não for para encontrar mais ninguém.

– Não, não, não – disse Mr. Brooke, ao compreender a condição. – Dorothea

não viria, você sabe, a menos que você tivesse ido vê-la.

Quando Sir James e Celia ficaram sozinhos, ela disse:

– Você se importaria se eu usasse a carruagem para ir a Lowick, James?

– O quê, agora mesmo? – perguntou ele, com alguma surpresa.

– Sim, é muito importante – disse Celia.

– Lembre-se, Celia, não posso vê-la – disse Sir James.

– Mesmo se ela desistisse de se casar?

– De que adianta dizer isso? Bom, eu vou para os estábulos. Vou dizer a Briggs para trazer a carruagem.

Celia achou que seria conveniente fazer uma viagem a Lowick, se não para conversar sobre o assunto com a irmã, ao menos para tentar influenciá-la. Durante toda a infância ela havia notado que podia influenciar a irmã com uma palavra bem colocada, que abria uma pequena janela para que a luz do seu próprio entendimento entrasse entre as lâmpadas de cores estranhas que Dodo habitualmente via. E Celia, a matrona, naturalmente se sentia mais capaz de aconselhar a irmã sem filhos. Como alguém poderia compreender Dodo tão bem quanto ela e amá-la tão ternamente?

Dorothea, ocupada em seu *boudoir*, sentiu um intenso prazer ao ver sua irmã logo após a revelação de seu futuro casamento. Ela havia imaginado, mesmo com um certo exagero, o desgosto de seus amigos, e até temeu que Celia pudesse manter-se afastada dela.

– Oh, Kitty, estou muito feliz em ver você! – disse Dorothea, colocando as mãos nos ombros de Celia e sorrindo para ela. – Eu quase pensei que você não viria me ver.

– Eu não trouxe Arthur porque estava com pressa – disse Celia, e elas se sentaram em duas cadeirinhas opostas uma à outra, com os joelhos se tocando.

– Sabe, Dodo, isto não está certo – disse Celia, com seu tom gutural plácido, parecendo o menos irritada possível. – Você desapontou a todos nós. E eu não posso imaginar que isso vai mesmo acontecer... você nunca poderia viver desta forma. Além disso, e os seus planos! Você não deve ter pensado nisso. James

teria se dado ao trabalho por você, e você poderia ter continuado sua vida fazendo o que quisesse.

– Pelo contrário, querida – disse Dorothea –, eu nunca poderia fazer nada que quisesse. Eu nunca executei nenhum dos meus planos.

– Porque você sempre quis coisas impossíveis. Mas outros planos teriam surgido. E como você pode se casar com Mr. Ladislaw, com quem nenhum de nós jamais pensou que poderia se casar? Isso fere James terrivelmente. Além disso, é tudo tão diferente do que você sempre foi. Você se empenhou em se casar com Mr. Casaubon porque ele tinha uma alma tão grande e era tão velho, sombrio e sábio; e agora, pensa em se casar com Mr. Ladislaw, que não tem propriedades nem nada... suponho que seja porque você pretende se sentir desconfortável de uma forma ou de outra.

Dorothea riu.

– Bem, isso é muito sério, Dodo – disse Celia, tornando-se mais solene. – Como você vai viver? E você irá viver entre pessoas estranhas. E eu nunca vou te ver... e você não vai se importar com o pequeno Arthur... e eu pensei que você sempre iria...

As infrequentes lágrimas de Celia surgiram em seus olhos e os cantos de sua boca ficaram agitados.

– Querida Celia – disse Dorothea, com terna gravidade –, se você não vai mais me ver, não será minha culpa.

– Sim, vai, sim – disse Celia, com a mesma comovente distorção de seus pequenos traços. – Como posso ir até você ou ter você comigo se James não puder suportar seu casamento? Isso é... porque ele acha que não está certo... ele acha que você está muito equivocada, Dodo. Mas você sempre esteve equivocada, e eu não posso deixar de amá-la. E ninguém sabe onde você vai viver: para onde você irá?

– Eu estou indo para Londres – disse Dorothea.

– Como você pode viver sempre em uma rua? E você vai ser tão pobre. Eu poderia te dar metade das minhas coisas; mas como poderia, se nunca mais vou

vê-la?

– Deus te abençoe, Kitty – disse Dorothea, com suave fervor. – Conforte-se. Talvez James me perdoe com o tempo.

– Mas seria muito melhor se você não se casasse – disse Celia, enxugando os olhos e voltando ao seu argumento –, então não haveria nenhum desconforto. E você não faria o que ninguém pensou que pudesse fazer. James sempre disse que você deveria ser uma rainha, mas isso não é ser como uma rainha. Você sabe quantos erros já cometeu, Dodo, e este é mais um. Ninguém acredita que Mr. Ladislaw seja um marido adequado para você. E você me disse que nunca mais se casaria.

– É bem verdade que eu poderia ser uma pessoa mais prudente, Celia – disse Dorothea – e que poderia ter feito coisas melhores, se eu fosse melhor. Mas é isso o que eu vou fazer. Eu prometi me casar com Ladislaw e eu vou me casar com ele.

O tom que Dorothea usou para dizer tudo isso era uma nota que Celia há muito aprendera a reconhecer. Ela ficou em silêncio por alguns instantes e então perguntou, como se tivesse abandonado a discussão:

– Ele gosta muito de você, Dodo?

– Espero que sim. Eu gosto muito dele.

– Isso é maravilhoso – disse Celia, com suavidade. – Só que eu preferia que você tivesse um tipo de marido como James, em um lugar muito próximo, para onde eu pudesse ir.

Dorothea sorriu e Celia parecia bastante meditativa. Em seguida, ela disse:

– Não consigo imaginar como tudo aconteceu – Celia achou que seria agradável conhecer a história.

– Eu ouso dizer que não – disse Dorothea, beliscando o queixo de sua irmã. – Se você soubesse como tudo aconteceu, não pareceria tão maravilhoso.

– Você não pode me contar? – perguntou Celia, cruzando os braços confortavelmente.

– Não, querida, você teria que sentir comigo; de outro modo nunca

compreenderia.

CAPÍTULO LXXXV

“Em seguida, saiu o júri, cujos nomes eram: Mr. Cego, Mr. Maligno, Mr. Malícia, Mr. Luxúria, Mr. Libertino, Mr. Impetuoso, Mr. Altivo, Mr. Inimizade, Mr. Mentiroso, Mr. Crueldade, Mr. Antipatizante da Luz e Mr. Implacável, e cada um deu seu veredicto privado contra ele, e depois unanimemente concluíram declarando-o culpado perante o juiz. E o primeiro entre eles, Mr. Cego, o capataz, disse: ‘Vejo claramente que este homem é um herege. Então, Mr. Maligno disse: ‘Fora com este sujeito da Terra! Sim’, disse Mr. Malícia, ‘pois odeio a própria aparência dele’. Então, Mr. Luxúria disse: ‘eu nunca poderia suportá-lo’. ‘Nem eu’, disse Mr. Libertino, ‘pois ele sempre condenaria minha conduta’. ‘Enforquem-no’, disse Mr. Impetuoso. ‘Um reles esfregão’, disse Mr. Altivo. ‘Meu coração se levanta contra ele’, disse Mr. Inimizade. ‘É um trapaceiro’, disse Mr. Mentiroso. ‘A forca é boa demais para ele’, disse Mr. Crueldade. ‘Vamos tirá-lo do caminho’, disse Mr. Antipatizante da Luz. ‘Então’, disse Mr. Implacável, ‘mesmo se me dessem todas as coisas, não poderia me reconciliar com ele; portanto, vamos declará-lo culpado de morte’”.

– O PEREGRINO

Quando o imortal Bunyan construiu esta imagem das paixões persecutórias que proclamam o veredicto de culpabilidade, quem sentiu pena do Fiel? Esta é uma sorte rara e abençoada que alguns dos maiores homens não alcançaram, o de se reconhecer inocente diante de uma multidão condenatória, de estar certo de que somos acusados apenas do bem que há em nós. Infeliz é o destino do homem que não pode ser chamado de mártir, mesmo que se convença de que os homens que o apedrejaram não passam de horríveis paixões encarnadas, que sabe que está sendo apedrejado não por professar o bem, mas por não ser o homem que professava ser.

Este era o estado de consciência que enfraquecia Bulstrode enquanto fazia seus preparativos para deixar Middlemarch, para terminar sua vida maltratada naquele triste refúgio, entre a indiferença de novos rostos. A circunstância delicada e misericordiosa de sua esposa o havia livrado do medo, mas não foi capaz de impedir sua presença de ser ainda um tribunal perante o qual ele evitava confissões e almejava defesa. Seus equívocos consigo mesmo sobre a morte de Raffles haviam sustentado a concepção de uma onisciência a quem ele invocava, embora sentisse um terror que não permitia que fosse exposto a julgamento por uma confissão completa à sua esposa; os atos que ele havia lavado e diluído com argumentação e motivação internas, e para os quais parecia comparativamente fácil obter o perdão invisível... que nome ela daria a eles? Que ela silenciosamente sempre chamaria seus atos de assassinato era o que ele não podia suportar. Ele estava protegido por sua dúvida; encontrava forças para confrontá-la pelo fato de que sua esposa ainda não se sentia autorizada a pronunciar aquela pior condenação sobre ele. Algum dia, talvez, quando estivesse morrendo, ele contaria tudo a ela; na sombra dessa época, quando ela estivesse segurando sua mão na escuridão crescente, talvez ela o ouvisse sem recusar seu toque. Talvez, mas a ocultação era o hábito de sua vida, e este desejo de confissão não tinha força contra o pavor de uma humilhação mais profunda.

Ele estava repleto de tímida solicitude por sua esposa, não apenas porque reprovasse qualquer julgamento severo da sua parte, mas porque sentia uma profunda tristeza ao ver o seu sofrimento. Mrs. Bulstrode havia mandado as filhas para um colégio interno na costa, para que a crise fosse escondida delas o máximo possível. Livre por sua ausência da necessidade intolerável de justificar sua dor ou de observar a surpresa assustada das meninas, ela podia viver sem constrangimento com a tristeza que a cada dia riscava seus cabelos de branco e tornava suas pálpebras lânguidas.

– Diga-me o que você gostaria que eu fizesse, Harriet – disse Bulstrode a ela –, quero dizer, no que diz respeito a acordos de propriedade. É minha intenção não vender o terreno que possuo nesta vizinhança, mas deixá-lo para você como

uma provisão para o futuro. Se você tiver algum desejo sobre tais assuntos, por favor, não me oculte nada.

Poucos dias depois, ao retornar de uma visita ao irmão, ela começou a falar com o marido sobre um assunto que já estava em sua mente há algum tempo.

– Eu gostaria de fazer algo pela família do meu irmão, Nicholas, e acredito que devemos fazer algumas reparações a Rosamond e seu marido. Walter diz que Mr. Lydgate deve deixar a cidade, e que sua clientela quase não serve para nada, e eles têm muito pouco para se estabelecer em algum lugar. Eu poderia renunciar a alguma coisa para compensar a pobre família do meu irmão.

Mrs. Bulstrode não queria chegar mais perto dos fatos do que na frase “fazer algumas reparações”, imaginando que seu marido a entenderia. Ele tinha um motivo particular, do qual ela não tinha conhecimento, para recusar a sugestão. Ele hesitou antes de dizer:

– Não é possível realizar seu desejo da maneira que propõe, minha querida. Mr. Lydgate virtualmente rejeitou qualquer outro serviço meu. Ele devolveu as mil libras que eu lhe emprestei. Mrs. Casaubon lhe adiantou a quantia com este propósito. Aqui está a carta dele.

A carta pareceu surpreender Mrs. Bulstrode. A menção do empréstimo de Mrs. Casaubon parecia um reflexo daquele sentimento público que considerava natural que todos evitassem relacionar-se com seu marido. Ela ficou em silêncio por algum tempo, e as lágrimas caíram uma após a outra, enquanto seu queixo tremia e ela as enxugava. Bulstrode, sentado em frente a ela, ficou desconcertado diante daquele rosto desgastado pela tristeza, rosto que dois meses antes era exuberante e florescente. Ela havia envelhecido para fazer companhia às feições enrugadas do marido. Instado a algum esforço para confortá-la, ele disse:

– Há outro meio, Harriet, pelo qual eu posso prestar um serviço à família do seu irmão, se você quiser fazer parte dele. Parece-me que seria benéfico para você; seria uma forma vantajosa de administrar a terra que pretendo lhe deixar.

Ela parecia atenta.

– Garth, uma vez, pensou em assumir a administração de Stone Court para

colocar seu sobrinho Fred lá. As provisões permaneceriam como estão, e eles deveriam pagar uma certa parte dos lucros em vez de um simples aluguel. Este seria um desejável começo para o jovem, junto com seu emprego com Garth. Você ficaria satisfeita?

– Sim, ficaria – disse Mrs. Bulstrode, com uma nova energia. – O pobre Walter está tão abatido; eu faria qualquer coisa ao meu alcance para ajudá-lo antes de ir embora. Sempre fomos bons irmãos.

– Deve fazer a proposta a Garth você mesma, Harriet – disse Mr. Bulstrode, não gostando do que tinha a dizer, mas desejando o fim que tinha em vista, por outras razões além do consolo de sua esposa. – Você deve declarar a ele que a terra é virtualmente sua e que ele não precisa fazer transações comigo. As comunicações podem ser feitas através do Standish. Digo isto porque Garth deixou de ser meu agente. Posso colocar em suas mãos um papel que ele mesmo redigiu, estabelecendo as condições; e você pode propor a renovação das mesmas. Não creio que ele vá deixar de aceitar quando o que você propõe é para o bem de seu sobrinho.

CAPÍTULO LXXXVI

O coração está saturado de amor como um sal divino que o preserva; da incorruptível aderência de quem se ama desde o alvorecer da vida, e do frescor de velhos amores prolongados. Há um empalhar do amor. É de Daphnis e Chloe que saíram Philemon e Baucis. Essa velhice, a semelhança do entardecer com o amanhecer."

– VICTOR HUGO: O homem que Ri

Ao ouvir Caleb descendo o caminho na hora do chá, Mrs. Garth abriu a porta e disse:

– Aí está você, Caleb. Já comeu?

As refeições de Mr. Garth eram muito subordinadas aos seus "negócios".

– Ah, sim, muito bem, cordeiro frio e não sei mais o quê. Onde está Mary?

– No jardim com Letty, eu acho.

– Fred ainda não chegou?

– Não. Você vai sair de novo sem tomar chá, Caleb? – perguntou Mrs. Garth, vendo que seu distraído marido colocava de novo o chapéu que acabara de tirar.

– Não, não; só vou falar um minuto com Mary.

Mary estava em um charmoso canto do jardim, onde havia um balanço suspenso entre duas pereiras. Ela estava com um lenço rosa amarrado na cabeça, que protegia seus olhos dos raios de sol poente, enquanto dava um forte impulso a Letty, que ria e gritava descontroladamente.

Ao ver o pai, Mary deixou o balanço e foi ao seu encontro, afastando o lenço rosa e sorrindo para ele de longe com o sorriso involuntário de amoroso prazer.

– Vim buscá-la Mary – disse Mr. Garth. – Vamos caminhar um pouco.

Mary sabia muito bem que o pai tinha algo particular a dizer: suas

sobrancelhas formavam um ângulo patético e havia uma terna gravidade em sua voz; estas coisas haviam sido sinais para ela desde que tinha a idade de Letty. Ela colocou o braço no dele e eles caminharam por entre a fileira de nogueiras.

– Infelizmente, ainda vai demorar um pouco até que você possa se casar, Mary – disse seu pai, sem olhar para ela, mas para a ponta da bengala que levava na outra mão.

– Não será um período triste, pai... estou disposta a ser feliz – disse Mary, rindo. – Estou solteira e feliz há 24 anos e mais; suponho que não será tanto tempo assim. – Então, depois de uma breve pausa, ela disse com mais seriedade, inclinando o rosto para o pai: – O senhor está contente com o Fred?

Caleb franziu a boca e desviou a cabeça prudentemente.

– Vamos, pai, o senhor o elogiou na quarta-feira passada. Disse que ele tinha uma noção incomum de provisões e um bom discernimento das coisas.

– Eu disse? – disse Caleb, astutamente.

– Sim, anotei tudo, data, *anno Domini* e tudo mais – disse Mary. – O senhor gosta que as coisas sejam todas organizadas. Além disso, o comportamento dele com o senhor, pai, é muito bom; ele tem um profundo respeito pelo senhor e é impossível ter um temperamento melhor do que o de Fred.

– Sim, sim; você quer me persuadir a considerá-lo um bom partido.

– Não, na verdade, não. Eu não o amo porque ele é um bom partido.

– Por quê, então?

– Oh, Deus, porque eu sempre o amei. Eu nunca poderia repreender alguém tão bom, e este é um ponto a ser considerado em um marido.

– Então, está decidida, Mary? – disse Caleb, voltando ao seu tom inicial. – Não há nenhum outro desejo, já que as coisas estão acontecendo como estão ultimamente? – Caleb queria dizer muitas coisas com aquela frase –, porque, antes tarde do que nunca. Uma mulher não deve forçar seu coração, isso não faria nenhum bem a um homem.

– Meus sentimentos não mudaram, pai – disse Mary, calmamente. – Serei fiel a Fred enquanto ele for fiel a mim. Não creio que nenhum de nós poderia

prescindir um do outro, ou desejar uma pessoa melhor, por mais que a admiremos. Faria uma grande diferença para nós, seria como ver todos os lugares antigos alterados e mudar o nome de todas as coisas. Teremos que esperar muito, mas Fred sabe disso.

Em vez de falar imediatamente, Caleb se deteve e cravou a bengala na estrada gramada. Então, ele disse, com voz emocionada:

– Bem, eu tenho algumas novidades. O que você acharia se Fred fosse viver em Stone Court e administrar as terras de lá?

– Como isso pode ser possível, pai? – disse Mary, maravilhada.

– Ele cuidaria da terra para sua tia Bulstrode. A pobre mulher esteve comigo implorando e orando. Ela quer ajudar o rapaz, e isso pode ser uma coisa muito boa para ele. Com economia, ele pode ir gradualmente comprando as provisões, e ele tem uma tendência para a agricultura.

– Oh, Fred ficará tão feliz! É bom demais para acreditar.

– Ah, mas lembre-se – disse Caleb, voltando a cabeça com outra advertência –, devo assumir a responsabilidade e cuidar de tudo e isso vai aborrecer um pouco sua mãe, embora ela possa não dizer nada. Fred deverá ter cuidado.

– Talvez seja demais, pai – disse Mary, reprimindo sua alegria. – Não há lugar para felicidade se isso vai lhe trazer mais trabalho.

– Não, não; o trabalho é meu prazer, filha, quando não irrita sua mãe. E, então, você e Fred poderiam se casar – neste momento a voz de Caleb tremeu perceptivelmente –, ele estará estável e economizando, e você tem a inteligência da sua mãe, e a minha também, adaptada ao seu caso, e você vai mantê-lo na linha. Ele vai chegar logo, então eu queria te contar primeiro, porque eu acho que você gostaria de contar a ele quando estiverem sozinhos. Depois disso, eu poderia conversar com ele, e poderíamos entrar nos negócios e na natureza das coisas.

– Oh, que bom pai o senhor é! – exclamou Mary, colocando as mãos em volta do pescoço de Caleb, enquanto ele inclinava a cabeça placidamente, disposto a ser acariciado. – Eu me pergunto se alguma outra garota acha que seu pai é o

melhor homem do mundo!

– Bobagem, filha; você vai achar seu marido melhor.

– Impossível – disse Mary, voltando ao seu tom usual. – Os maridos são uma classe inferior de homens, que precisam ser mantidos na linha.

Quando estavam entrando na casa com Letty, que correra para se juntar a eles, Mary viu Fred no portão do pomar e foi ao seu encontro.

– Que roupas finas você veste, seu jovem extravagante! – disse Mary, enquanto Fred se detinha e erguia o chapéu para ela com uma formalidade brincalhona. – Você não está aprendendo a economizar.

– Isso está muito ruim, Mary – disse Fred. – Basta olhar para as bordas dos punhos do casaco! É apenas à força de uma boa escovação que pareço respeitável. Estou guardando três ternos, um para o casamento.

– Como você vai estar engraçado! Como um cavalheiro em uma revista de modas antiquada.

– Oh não, eles vão durar dois anos.

– Dois anos! Seja razoável, Fred – disse Mary, voltando a caminhar. – Não encoraje esperanças favoráveis.

– Por que não? Vive-se melhor com elas do que com as pessimistas. Se não pudermos nos casar em dois anos, a verdade será bastante ruim quando chegar o momento.

– Eu conheço uma história de um jovem cavalheiro que uma vez encorajou expectativas favoráveis, e elas o prejudicaram.

– Mary, se você tem algo desanimador para me dizer, eu não quero ouvir; vou entrar na casa com Mr. Garth. Estou deprimido. Meu pai está tão arrasado, minha casa não é mais a mesma. Eu não posso suportar mais más notícias.

– Você consideraria que são más notícias se alguém te dissesse que você vai viver em Stone Court, administrar a fazenda, ser extremamente prudente e economizar dinheiro todos os anos até que todas as provisões e móveis fossem seus e você fosse um notável fazendeiro, como diz Mr. Borthrop Trumbull, só que mais robusto, diria eu, e com o grego e o latim tristemente desgastado pelo

tempo?

– Você está dizendo um monte de bobagens, Mary – disse Fred, corando levemente.

– Isso é o que meu pai acabou de me dizer que pode acontecer, e ele nunca diz bobagens – disse Mary, olhando para Fred agora, enquanto ele apertava sua mão durante a caminhada, até quase machucá-la, mas ela não reclamou.

– Nesse caso eu seria um sujeito formidavelmente bom, Mary, e poderíamos nos casar imediatamente.

– Não tão rápido, senhor; como sabe que eu não preferiria adiar nosso casamento por alguns anos? Isso lhe daria tempo para se comportar mal e, então, se eu gostasse mais de outra pessoa, teria uma desculpa para abandoná-lo.

– Por favor, não brinque comigo, Mary – disse Fred, com uma forte emoção. – Diga-me seriamente que tudo isso é verdade e que você está feliz por causa disso, porque você me ama mais do que a qualquer um.

– É tudo verdade, Fred, e estou feliz por isso, porque eu te amo mais do que a qualquer um – disse Mary, em tom de recitação obediente.

Eles permaneceram no limiar da porta, sob o pórtico de telhado alto, e Fred quase em um sussurro disse:

– Quando ficamos noivos pela primeira vez, com a argola do guarda-chuva, Mary, você costumava...

O espírito de alegria começou a rir mais decididamente nos olhos de Mary, mas o fatal Ben veio correndo para a porta com Brownie latindo atrás dele e, saltando contra eles, disse:

– Fred e Mary! Vocês vão entrar de uma vez... ou posso comer o seu bolo?

CAPÍTULO FINAL

Todo limite é tanto um começo quanto um fim. Quem pode abandonar os jovens depois de passar tanto tempo em sua companhia, sem desejar saber o que aconteceu com eles em seus anos posteriores? Pois o fragmento de uma vida, por mais típico que seja, não é a amostra de um tecido uniforme; promessas podem não ter sido cumpridas e um início ardente pode ser seguido por uma decadência; forças latentes podem encontrar sua oportunidade tão esperada; um erro passado pode exigir uma grande recuperação.

O casamento, que tem sido o berço de tantas narrativas, ainda é um grande começo, mas como foi com Adão e Eva, que passaram sua lua-de-mel no Éden, mas tiveram seu primeiro filho entre os espinhos e abrolhos do deserto, talvez possa acontecer com muitos. Ainda é o começo da epopeia doméstica, a conquista gradual ou a perda irremediável dessa perfeita união que faz com que os anos avancem em direção a um clímax e a idade seja a colheita de doces lembranças em comum.

Alguns partem, como os cruzados de outrora, com um glorioso equipamento de esperança e entusiasmo e se quebram pelo caminho, pois lhes falta paciência uns com os outros e com o mundo.

Todos os que se interessaram por Fred Vincy e Mary Garth vão gostar de saber que esses dois não fracassaram, mas alcançaram uma sólida e mútua felicidade. Fred surpreendeu seus vizinhos de várias maneiras. Destacou-se em todo o condado como agricultor teórico e prático, e produziu um trabalho sobre o “Cultivo de Vegetais e a Economia da Pecuária” que lhe rendeu muitos cumprimentos nas reuniões agrícolas. Em Middlemarch, a admiração era mais reservada: a maioria das pessoas tendia a acreditar que o mérito da autoria de Fred se devia à sua esposa, uma vez que jamais esperaram que Fred Vincy escrevesse sobre nabos e beterrabas.

Mas quando Mary escreveu um pequeno livro para seus filhos, chamado “Histórias de Grandes Homens, segundo Plutarco”, e o imprimiu e publicou pela Gripp & Co., todos em Middlemarch deram o crédito a Fred, observando que ele havia estudado na universidade, “onde os antigos eram estudados”, e que poderia ter sido um clérigo se quisesse. Desta forma, ficou claro que as pessoas de Middlemarch nunca eram enganadas e que não havia necessidade de elogiar ninguém por escrever um livro, uma vez que sempre era escrito por outra pessoa.

Além disso, Fred permaneceu inabalavelmente estável. Alguns anos depois de seu casamento, ele disse a Mary que parte de sua felicidade se devia a Farebrother, que lhe deu um bom empurrão no momento certo. Não posso dizer que ele nunca mais se deixou enganar por suas esperanças: o rendimento das safras ou os lucros da venda de gado geralmente eram inferiores à sua estimativa, e ele sempre estava inclinado a acreditar que poderia ganhar dinheiro comprando um cavalo que não dava certo, embora isso, Mary dizia, fosse obviamente culpa do cavalo, não do julgamento de Fred. Ele manteve seu amor pela equitação, mas raramente se permitia um dia de caça, e quando o fazia, era notável que se submetesse à zombaria por sua covardia diante das cercas, pois parecia que via Mary e os meninos sentados no portão de cinco barras, ou mostrando suas cabeças encaracoladas entre a sebe e a vala.

Eram três meninos. Mary não estava descontente por dar ao mundo apenas homens, e quando Fred desejou ter uma menina como ela, ela disse, rindo: “Seria uma provação muito grande para sua mãe”. Mrs. Vincy, em seus anos de declínio e com o brilho diminuído de suas tarefas domésticas, sentia-se muito confortada por sua percepção de que pelo menos dois dos meninos de Fred eram verdadeiros Vincys e não se pareciam com os Garths. Mas Mary secretamente se regozijava de que o mais novo dos três era exatamente o que seu pai deveria ser quando usava uma jaqueta infantil e exibia uma esplêndida pontaria ao jogar bolinhas de gude ou atirar pedras para derrubar as peras maduras.

Ben e Letty Garth, que já eram tio e tia antes de chegarem à adolescência, discutiam muito se era mais desejável ter sobrinhos ou sobrinhas. Ben alegava

que estava claro que as meninas valiam menos do que os meninos, do contrário nem sempre usariam saias, o que mostrava o quão pouco significavam; então Letty, que argumentava muito com base nos livros, ficava zangada e respondia que Deus fez casacos de peles tanto para Adão quanto para Eva, e ainda ocorreu a ela que no Oriente os homens também usavam saias. No entanto, este último argumento, que obscurecia a majestade do primeiro, foi demais, porque Ben respondeu com desdém: “Quanta tolice!” e imediatamente apelou para sua mãe para saber se os meninos não eram melhores do que as meninas. Mrs. Garth declarou que ambos eram igualmente travessos, mas que os meninos eram sem dúvida mais fortes, podiam correr mais rápido e atiravam com mais precisão a uma distância maior. Com essa frase oracular, Ben ficou satisfeito, não se importando com as travessuras; mas Letty ficou doente, seu sentimento de superioridade era mais forte do que seus músculos.

Fred nunca ficou rico; suas esperanças não o levaram a esperar por isso, mas aos poucos ele economizou o suficiente para se tornar o proprietário dos pertences e da mobília de Stone Court, e o trabalho que Mr. Garth colocou em suas mãos o manteve com o suficiente naqueles “tempos ruins” que estão sempre presente na vida dos agricultores. Mary, em seus dias de matrona, tornou-se uma figura tão sólida quanto sua mãe; mas, ao contrário dela, dava aos meninos poucos ensinamentos formais, de modo que Mrs. Garth se assustava com a possibilidade de que eles nunca fossem bem fundamentados em gramática e geografia. No entanto, eles foram considerados bastante adiantados quando foram para a escola; talvez porque não gostassem de nada mais do que estar com a mãe. Quando Fred voltava para casa nas tardes de inverno, ele tinha de antemão uma visão agradável da lareira iluminada na sala de lambris, e sentia pelos outros homens que não podiam ter uma mulher como Mary como esposa; especialmente Mr. Farebrother. “Ele era dez vezes mais digno de você do que eu”, Fred poderia agora dizer a ela, magnanimamente. “Com toda certeza”, respondia Mary; “e por esta razão ele não precisava de mim. Mas você... eu estremeço ao pensar o que você teria sido... um pároco endividado com aluguel

de cavalos e lenços de bolso de cambraia!”

Com alguma averiguação, é possível descobrir que Fred e Mary ainda vivem em Stone Court, que as trepadeiras ainda lançam a espuma de suas flores sobre a fina parede de pedra no campo onde as nogueiras se erguem em fileiras majestosas, e que em dias de sol pode-se ver os dois amantes que ficaram noivos pela primeira vez com a argola de um guarda-chuva, instalados com a placidez de seus cabelos grisalhos diante da janela aberta de onde Mary Garth, nos dias do velho Peter Featherstone, muitas vezes recebera ordens de verificar se Mr. Lydgate estava chegando.

O cabelo de Lydgate nunca ficou totalmente branco. Ele morreu quando tinha apenas 50 anos, deixando sua esposa e filhos bem amparados por um importante seguro de vida. Ele conseguiu uma excelente clientela, alternando, conforme a estação, entre Londres e um balneário continental, depois de escrever um tratado sobre a gota, uma doença que é acompanhada de uma grande riqueza. Sua habilidade era respeitada por muitos e bons pacientes, mas ele sempre se considerou um fracasso: ele não realizou o que uma vez teve a intenção de fazer. Seus conhecidos o achavam invejável por ter uma esposa tão encantadora, e nada aconteceu para abalar sua opinião. Rosamond jamais cometeu uma segunda e comprometedora indiscrição. Ela simplesmente continuou a ser branda em seu temperamento, inflexível em seus julgamentos, disposta a advertir o marido e capaz de frustrá-lo com estratagemas. Com o passar dos anos, ele se opôs cada vez menos a ela, o que a fez concluir que seu marido havia aprendido o valor de sua opinião; por outro lado, ela tinha uma convicção mais completa de seus talentos agora que ele ganhava uma boa renda, e no lugar da ameaçadora gaiola da Bride Street lhe havia proporcionado uma casa cheia de flores, adequada para a ave do paraíso com a qual ela se parecia. Em resumo, Lydgate foi o que chamamos de homem de sucesso. Porém, ele morreu prematuramente de difteria, e Rosamond casou-se mais tarde com um médico mais velho e rico, que cuidou bem de seus quatro filhos. Ela fazia uma bonita cena com suas filhas, passeando em sua própria carruagem, e muitas vezes falava de sua felicidade como “uma

recompensa”. Ela não dizia o porquê, mas provavelmente queria dizer que era uma recompensa por sua paciência com Tertius, cujo temperamento nunca se tornou perfeito, e até o final ocasionalmente deixava escapar um discurso amargo, que era mais memorável do que os sinais que ele oferecia de seu arrependimento. Uma vez ele a chamou de seu pé de manjericão, e quando ela lhe pediu uma explicação, ele disse que o manjericão era uma planta que havia florescido maravilhosamente no cérebro de um homem assassinado. Rosamond tinha uma resposta plácida, mas decidida, a tais discursos. Por que então ele a havia escolhido? Era uma pena que ele não tivesse escolhido Mrs. Ladislaw, a quem ele sempre elogiava e colocava acima dela. E assim a conversa terminava com a vantagem do lado de Rosamond. Mas seria injusto não dizer que ela nunca proferiu uma palavra de depreciação a Dorothea, mantendo uma religiosa recordação da generosidade que viera em seu auxílio na crise mais aguda de sua vida.

A própria Dorothea não sonhava em ser elogiada acima das outras mulheres, sentindo que sempre havia algo melhor que poderia ter feito, se ela apenas fosse melhor e mais inteligente. Ainda assim, ela nunca se arrependeu de ter desistido de posição e fortuna para se casar com Will Ladislaw, e ele teria considerado isso uma grande vergonha e tristeza se ela tivesse se arrependido. Eles estavam unidos por um amor mais forte do que quaisquer impulsos que poderiam tê-lo prejudicado. Nenhuma vida teria sido possível para Dorothea se não fosse plena de emoção, e ela agora tinha também uma vida plena de uma atividade benéfica que ela não assumiu as dores da dúvida de descobrir e planejar por si mesma. Will se tornou um homem público fervoroso, que trabalhava bem naqueles tempos em que as reformas foram iniciadas como uma jovem esperança de benefícios imediatos, que tem sido muito refreada em nossos dias, e que finalmente foram devolvidas ao Parlamento por um eleitorado que arcou com suas despesas. Dorothea não poderia ter desejado nada melhor, uma vez que os erros existiam, de que seu marido estivesse no meio de uma luta contra eles, e que ela pudesse ajudá-lo como sua esposa. Muitos que a conheciam achavam

uma pena que uma criatura tão substantiva e extraordinária tivesse sido absorvida pela vida de outra pessoa, e que fosse apenas conhecida em certos círculos como esposa e mãe. Mas ninguém declarava exatamente o que mais estava em seu poder que ela deveria ter feito, nem mesmo Sir James Chettam, que não foi além da prescrição negativa de que ela não deveria ter se casado com Will Ladislaw.

Porém, esta opinião não causou qualquer alienação duradoura, e a maneira pela qual a família foi restaurada era característica de todos os envolvidos. Mr. Brooke não resistiu ao prazer de se corresponder com Will e Dorothea, e em uma manhã, quando sua pena havia se mostrado notavelmente fluída ante as perspectivas da Reforma Municipal, ela passou para um convite a Tipton Grange, que, uma vez escrito, não poderia ser dispensado a um custo menor do que o sacrifício (dificilmente concebível) de toda a valiosa carta. Durante os meses de correspondência, e durante suas conversas com Sir James, Mr. Brooke pressupôs ou insinuou que a intenção de eliminar o vínculo ainda era mantida. No entanto, no dia em que sua pena fez o ousado convite, ele foi a Freshitt expressamente para dar a entender que tinha uma intenção mais forte do que nunca sobre as razões para dar aquele passo enérgico como uma precaução contra qualquer mistura de sangue inferior ao herdeiro dos Brookes.

Porém, naquela manhã algo emocionante aconteceu em Freshitt Hall. Uma carta havia chegado para Celia, o que a fez chorar silenciosamente enquanto a lia, e quando Sir James, que não estava acostumado a vê-la em lágrimas, perguntou ansiosamente o que estava acontecendo, ela soltou um gemido como ele nunca ouvira antes.

– Dorothea tem um filho pequeno. E você não vai me deixar ir vê-la. E estou certa de que ela quer me ver. E ela não vai saber o que fazer com o bebê, ela vai fazer tudo errado. E vão pensar que está morrendo. É assustador! Suponha que fosse eu e o pequeno Arthur, e que Dodo tivesse sido impedida de vir me ver! Gostaria que você fosse menos cruel, James!

– Santo Deus, Celia! – disse Sir James, muito infeliz. – O que você deseja?

Farei o que você quiser. Vou levá-la a Londres amanhã, se desejar – e Celia disse que era o que desejava.

Foi depois disso que Mr. Brooke veio e, ao encontrar o baronete no pátio, começou a conversar com ele ignorando a notícia que Sir James, por alguma razão, não se importou em lhe contar imediatamente. Mas quando a implicação foi abordada da maneira usual, ele disse:

– Meu caro senhor, não cabe a mim dizer o que deve fazer, mas de minha parte, eu deixaria o assunto em paz. Eu deixaria as coisas como estão.

Mr. Brooke ficou tão surpreso que não percebeu de imediato o quanto estava aliviado por não ser esperado que fizesse nada em particular.

Como tal era a disposição do coração de Celia, foi inevitável que Sir James consentisse em uma reconciliação com Dorothea e seu marido. Quando as mulheres se amam, os homens aprendem a sufocar sua antipatia mútua. Sir James nunca gostou de Ladislaw, e Will sempre preferiu mesclar a companhia de Sir James com a de outros: eles conversavam com base em uma tolerância recíproca, que se tornava muito fácil apenas quando Dorothea e Celia estavam presentes.

Ficou acertado que Mr. e Mrs. Ladislaw deveriam fazer pelo menos duas visitas por ano a Tipton Grange, e gradualmente nasceu uma pequena fila de primos em Freshitt, que gostavam tanto de brincar com os dois primos que visitavam Tipton como se o sangue desses primos tivesse sido misturado de forma menos duvidosa.

Mr. Brooke atingiu uma idade muito avançada, e seus bens foram herdados pelo filho de Dorothea, que poderia ter sido um representante de Middlemarch, mas recusou, pensando que suas opiniões teriam menos chance de serem rebatidas se ele estivesse fora do Parlamento.

Sir James nunca deixou de considerar o segundo casamento de Dorothea um erro; e, de fato, esta foi a tradição que sobreviveu em Middlemarch, onde ela era mencionada a uma geração mais jovem como uma bela moça que se casou com um clérigo doente, com idade suficiente para ser seu pai, e em pouco mais de um

ano após sua morte, abandonou sua herança para se casar com seu primo, jovem o suficiente para ter sido filho do falecido, sem fortuna e sem berço. Aqueles que não conheciam nada sobre Dorothea, geralmente, observavam que ela não poderia ter sido “uma boa mulher”, do contrário não teria se casado nem com um nem com o outro.

Na verdade, aqueles atos decisivos de sua vida não foram idealmente bonitos. Foram o resultado da mistura de impulsos jovens e nobres que lutavam em meio às condições de uma situação social imperfeita, na qual grandes sentimentos frequentemente assumem o aspecto de erro, e a grande fé, o aspecto de ilusão. Pois não há criatura cujo ser interior seja tão íntegro que não seja significativamente determinado pelo que existe ao seu redor. Uma nova Teresa dificilmente teria a oportunidade de transformar a vida no convento, assim como uma nova Antígona não usaria sua piedade heroica arriscando tudo para enterrar seu irmão: o meio pelos quais seus atos ardentes tomaram forma desapareceu para sempre. Mas nós, pessoas insignificantes, com nossas ações e discursos diários, preparamos a vida de muitas Dorotheas, algumas das quais podem oferecer um sacrifício muito mais triste do que o de Dorothea cuja história conhecemos.

Sua alma, delicadamente tocada, ainda possuía seus delicados problemas, embora não fossem mais visíveis. Sua natureza plena, como a daquele rio cujas forças Ciro rompeu, desaguava em canais que não eram muito distintos na terra. Porém, o efeito de sua existência sobre as pessoas ao seu redor foi incalculavelmente expansivo, pois o bem crescente do mundo depende em parte de atos sem história, e que as coisas não estejam tão ruins para você e para mim, como poderiam ter sido, deve-se em parte aos muitos que viveram fielmente uma vida oculta e descansam em tumbas não visitadas.

FIM!

CONSIDERAÇÕES DA TRADUÇÃO

Achamos que o depoimento emocionado da tradutora, Maria Aparecida Mello Fontes, merecia perdurar nestas páginas, como um relato de uma jornada enriquecedora para todos que se debruçaram sobre este grandioso livro: tradutor, editor, revisor e muitas outras mãos que foram as responsáveis por este projeto, especialmente você, caro leitor.

“Eu ainda estou digerindo a história. Sem dúvida é um estudo sobre a vida provinciana, como as pessoas vivem e, principalmente, como pensam, como enfrentam seus problemas. Eu sempre disse a mim mesma que ninguém erra porque quer, ninguém toma uma decisão errada de propósito, a gente sempre erra tentando acertar. Mas, em alguns momentos, eu achei que tinha alguma coisa na água dessa cidade que fazia as pessoas tomarem decisões erradas. E elas insistiam no erro! Aos poucos, fui notando que as pessoas mais simples, que aceitavam a vida como ela era, tinham mais facilidade de serem felizes, simplesmente porque se contentavam com o que a vida tinha a lhes oferecer. Casavam-se com as pessoas certas e tudo dava certo. Talvez seja esse o problema dos nossos “heróis”. Eles buscavam uma vida diferente, fizeram escolhas ousadas e sofreram como consequência delas. Mas eles tentaram, e acreditaram que estavam fazendo o certo. E talvez estivessem. O que ficou bem evidente é a maneira como os ingleses enxergam a vida. Acho que foi Poirot quem disse que os ingleses são muito dignos. Eles matam ou morrem para manter a dignidade. Então, é isso. Os personagens de Middlemarch (todos eles) têm muita dignidade, e em nome dela arriscaram sua felicidade. Não deixa de ser um jeito provinciano de ser”.

APOIADORES DO PROJETO MIDDLEMARCH

Aciclea Annucari Garcia
Adriana Aparecida dos Santos
Adriana Bombonato de Carvalho Lauksas
Adriana Breves Soares de Figueiredo
Adriana Campos
Adriana Celia Mattos Teixeira
Adriana de Godoy
Adriana Portela Pereira
Adriana Teodoro da Cruz Silva
Adriane Dias
Adryene Marques Lemos de Oliveira
Ágabo Araújo
Agatha Elena Zago
Agatha Krauss
Alaine
Alana Diniz
Alcione Lima Veiga Lopes
Alessandra Fonte de Azevedo
Alessandra Paula de Almeida Nunes
Alessandra Valles D'Almeida Passador
Alessandro Nogueira da Costa
Alexandra Stedile
Alice de Souza Silva
Alice Maria Marinho Rodrigues Lima
Aline Aparecida Matias
Aline Cristina Sola Orlandi

Aline Farias
Aline Mancino
Aline Mansur Taveira
Aline Nunes de Souza
Amanda Matoso
Amanda Pampaloni Pizzi
Amanda Pereira Costa
Amanda Pessôa
Amanda Soares Teixeira
Amanda Vieira e Silva
Ana Alsan
Ana Beatriz de Seixas Neves
Ana Carolina Alves Dominici Leers
Ana Carolina Silva Chuery
Ana Carolina Valente
Ana Claudia de Campos Godi
Ana Claudia Loyo Ozorio
Ana Claudia Sato
Ana Cláudia Tavares Miranda
Ana Cristina Ferreira Reis
Ana Cristina Schmidt de Oliveira Netto
Ana Cristina Soares
Ana Elisa de Camargo Arndt Toledo
Ana Elsa Sobreira da Silva
Ana Julia Candea
Ana Louise Ferreira de Araújo
Ana Lúcia de Mesquita Sampaio
Ana Lucia R Silva
Ana Maria Alves Itame
Ana Paula Barronca Nogueira

Ana Paula Negrão Ferreira
Anderson Lisboa Miguelon
André da Silveira Gonçalves
André de Albuquerque Brito
Andrea Almeida
Andrea Stockler Bojikian
Andrea Vieira
Andreia Lucia
Andréia Nogueira
Andressa Bristol Silva Oliverio
Andressa Bueno passos
Andrielli Cristina Novais
Ane Caroline Rangel Prado
Angela Rocha Grecchi
Angelica Martins Ferreira Lemos
Angelica Patrícia Lohn
Angelina Yaly
Angély de Paula Miller
Anna Luísa Barbosa Dias de Carvalho
Anna Samyra Oliveira Paiva
Antonia Isadora de Araújo Rodrigues
Antonia Mendes
Antonia Natália Costa de Sales
Aparecida da Conceição Dias
Arian Leite
Aurelina
Bárbara Burgardt Casaletti
Bárbara Machado Santos
Barbara Moura
Barbara Zaghi

Bartira Braga de Aquino
Beatriz Dominicali
Beatriz Leonor de Mello
Beatriz Mattos
Benedito Paulo
Bianca Peixoto
Brenda Nataly
Bruna Cardoso de Araujo
Bruno Carlos Benati da Costa
Bruno Koga
Camila Nakano de Toledo
Camila Pantoja Lopes
Camila Serpa Spina
Camile Freitas
Camilla de Souza Pedrosa
Carina Cantuario
Carla Buffolo
Carlos Magno Reisen
Carlos Thomaz do Prado Lima Albornoz
Carminha Bahiense
Carolina Fim Feliciano
Carolina Mureb Santos
Caroline Bezerra
Caroline da Cruz Alias
Caroline Garcia
Caroline Pinto Duarte
Cesar Lopes Aguiar
Cilaine Nunes Silva
Cinthia Vieira
Cintia Cristina Rodrigues Ferreira

Cintia Daflon
Cintia Suelotto Castro
Clara Daniela Silva de Freitas
Clara Senna
Clarinda Gomes da Silva
Clarissa Maia Batista
Claudia Careli
Claudia Cruz Fialho Santos
Claudia Lemos
Claudia Lima
Claudia Sue Hirano Ogata
Claudia Viana
Cristiano dos Santos Badluk
Cristina Marques de Sousa
Daiane Schmechel
Daiany Martins Viana
Dandara Palmeira Machado
Daniela Aparecida da Silva
Daniela Erika Schneider Sigolin
Daniela Nascimento da Silva
Daniela Oliveira Carvalho
Daniela Vila Pinhalves
Daniela Winter Woelbert Teixeira
Daniele Franco dos Santos Teixeira
Daniele Napoli
Daniella Lopes
Daniella Mancino Caixeta
Danielle Gomes
Danielle Gonçalves
Danuza Goncalves Jammal

Dari Diniz
Darla Gonçalves Monteiro da Silva
Darlene Ramos Barboza
Dayana Moreira
Dayane Montalvão
Dayane Suelen de Lima Neves
Dayse Mello
Débora Oliveira
Débora Souza Silva
Deise Barbosa Gomes
Denise Corrêa
Diana Bezerra de Souza
Diogo Gomes
Dorama de Miranda Carvalho
Dulce de Sousa Morais
Dulce Maria Castro De Azevedo
Ediany Pimentel Sales
Ediclece Sena Vilasboas
Edilane Heringer Coelho do Nascimento
Edinei Chagas
Edith Cristina da Nóbrega
Eduarda Menezes
Eduardo Dias
Elci
Elen Biguelini
Elen Faustino Garcias
Eliana Harume Rodrigues Tamari
Eliane Barbosa Delcolle
Eliane Oliveira de Sousa
Elis Finco

Elizabeth Cunha Lima
Emilia de Cerqueira Lima
Emily Jhoyce Coimbra da Silva
Emily Ribeiro
Eneida Neiro
Érica Alessandra da Silva Woidella
Érica Assis
Erick Richardson Lima de Araújo
Erika Murakami
Erisvania Maria da Silva Matias
Euricelia Oliveira
Eve Valadares
Evely Mendes
Fabiana Aparecida Pereira
Fabiana Nunes Caetano
Fabiola Hessel Bandeira
Felipe Bergamasco Perri Cefali
Fernanda Carolina Martins Lima
Fernanda de Oliveira
Fernanda do Nascimento Santos
Fernanda Ghiggi
Fernanda Hayashi
Fernanda M. C. Hahne
Fernanda Marcelino Guimarães
Fernanda Oliveira Diniz
Fernanda Queiroz Gonçalves
Fernanda Sousa
Fernando Cesar Tofoli Queiroz
Filipe H. C. Alves
Flavia Barros

Fran Luz
Franciele Camargo Martins
Francielly Marques
Francisco Nascimento Silva
Fraternidade Ana Nery
Gabriel Carioly de Albuquerque Siqueira
Gabriel de Paula Campos
Gabriel Prado
Gabriela Araújo Aires Ribeiro
Gabriela Bidin
Gabriela Giacumuzzi
Gabriela Guedes de Souza
Gabriela Lopes Pestana
Gabriela Maia
Gabriela Neres de Oliveira e Silva
Gabriella Ribeiro Ferreira
Gabrielle Maria Barbeta Volpatto
Gabrielle Navarro
Geísa Marília Santos de Matos
Georgia Ferraz
Geórgia Vuotto
Giovana Zukauskas
Giovani Soares Bonela
Gisela Menicucci Bortoloso
Giselda da Silva Mendonça
Gisele Carolina Vicente
Gisele Oliveira
Giuliana Serpa de Carvalho
Glaucia Alves
Gloria Maria Pereira de Souza

Grasielle Fink da Silva
Graziela Fraga
Graziela Nascimento Ferreira Gomes
Gustavo Cassiano
Gustavo Gualda Pereira Contage
Hallyson Figueiredo
Haydee Victorette do Vale Queiroz
Helmar Galvão Pereira Infanti
Heloize Moura
Heniane Passos Aleixo
Herika Bernardino Quintanilla
Hugo Melo da Silva
Iedda Maria de Mesquita Braga
Ines Barria
Inêz Camilla
Ingrid Manhães
Iomara V.
Isabela Favoreto
Isabella Schempp
Isabelle Miranda da Silva
Isis Santiago
Isley Moreira Barreto
Ivânia
Jaciara Aparecida Bertasi
Jacinta Maria Nogueira Camilo
Jackieclou
Janaina Maria de Andrade
Janaina Sousa Battisti
Jane Rodrigues Pereira Andrade
Janes Abreu

Janete Barcelos
Janine Bürger de Assis
Jaqueline Matsuoka
Jaqueline Pantoja do Nascimento
Jaqueline Vinhosa
Jenifer Taila Borchardt
Jennifer Freitas
Jenniffer Andrea Guerrero
Jéssica Burgos
Jessica Larissa
Jessica Santos Da Silva
Joao Paulo Pacheco
Jocelina Lickfedt
Joelma Dias de Souza
Joiran Souza Barreto de Almeida
José Ailton de Souza Santos
Josiane Castro
Joyce Frossard de Oliveira
Julia da Silva Menezes
Julia Proença Reis
Juliana
Juliana Andressa Morais da Silva
Juliana Angélika Cavalcanti Melo
Juliana Donato Hernandez Rustici
Juliana Gonçalves da Silva
Juliana Lira - Literatura
Juliana Mayer
Juliana Rocha
Juliana Salmont Fossa
Juliana Silveira Leonardo de Souza

Júlio Cesar Wandekoken
Jussara Silveira
Karine Lopes
Karine Novaki de Ramos
Karla Edenir Gans de Jesus
Karla Queiroz Tonini
Karla Regina Medeiros L. da Conceição
Karly Cazonato Fernandes
Karolina Pavão Cunha
Kathrine Tonial
Katia Cristina Sinhorini Lima
Katia Miziara de Brito
Katielle Borba
Kecia Rayane Chaves Santos
Keila Rodrigues
Keilany da Silva Sousa
Keite Aparecida Duarte
Kel Sampaio
Kelly Cristina Viana Rodrigues
Kely Cristina Magalhães Cordeiro
Kethlyn Moraes
Kevynyn Onesko
Ladjane Barros
Laianne Fonseca
Lais Fiuza Tesch Altoe
Laís Rios Pereira
Laíssa Dau
Laiz Lima
Lara Marinho
Larissa Alves de Pinho

Larissa Bazan
Larissa Benvindo de Carvalho
Larissa da Cunha Julio Rodrigues
Larissa Yamada
Laura Borges de Carvalho
Laura Maria Bruno
Lauren Guareschi
Leandro Rodrigues Brasil
Leila Cardoso
Leila Maria Torres de Menezes Flesch
Leonardo Ribeiro Da Silva
Letícia Bittes Reino
Letícia da Costa
Letícia Furquim Zanatto
Letícia Prata Juliano Dimatteu Telles
Lidiane Lima Melo
Lígia Souza
Lívia André de Souza Oliveira
Livia de Oliveira Passos
Lívia de Pádua Nóbrega
Lívia Rampazzo Trindade
Liz Torres Pedreira
Logan Casillas
Loja Maçônica Dever e Humanidade 860
Lorena Buffolo
Luana Muzy
Luanna Brunow
Luanna Maia de Andrade Lima
Lucas Cezar Pinheiro
Lucia Helena Cardoso

Luciana
Luciana Barreto de Almeida
Luciana Carla M. Mouta
Luciana José ribeiro
Luciana Liscano Rech
Luciane C. Peixe Gonçalves
Lucimara Diniz Gomes de Almeida
Lucirlei Domene
Luis Carlos Trajano
Luís Gustavo Laranjeiro Alves
Luís Roberto Ferreira
Luisa Caldas
Luiz Carlos Gomes Santiago
Luiz Fernando Cardoso
Luiz Guilherme Puga
Luiz Gustavo Gonçalves Silva
Luiz Nazario
Luiza Herrera
Luiza Morais
Luiza Pimentel de Freitas
Luiza Rosiete Gondin Cavalcante
Luiza S. H.
Luma Almeida Souza
Luzia de Fátima Faria Vieira
Lygia Beatriz Zagordi Ambrosio
Manoel Francisco Xavier
Marcela Victória Aguiar Sachini
Marcella Lobo
Marcelle Campos Duarte Sartori
Marcelo Gabriel da Silva

Marcia Corrocher Santos
Marcia Lema
Marcia Oliveira
Marcia Regina Vieira Muniz
Márcia Rodrigues de Souza Moura
Marciana
Márcio Corrêa
Márcio Tiago Rocha
Marcos Alvito
Marcos Melhado
Mari Vieira
Maria Alice Molina Santos
Maria Antonieta Dias Gomes
Maria Carvalho
Maria Clara Coutinho
Maria Clara Guarino
Maria da Graca Muller
Maria das Graças Rodrigues Campos Corrêa
Maria do Rosário Melo
Maria Eduarda Barroso Alves de Alcantara
Maria Gabrielle Figueirêdo Xavier
Maria Isabel Antunes da Silva
Maria Jacimara de Moura Silva
Maria Lígia Barbosa de Oliveira Carvalho
Maria Salete de Lima
Maria Valéria Barros Santos
Mariana Beatriz Nogueira Martins de Sousa
Mariana Biason
Mariana da Silva Sousa
Mariana do Canto Pereira

Mariana dos Santos
Mariana Hernandez Fioravante
Mariana Ióca
Mariana Navarro
Mariane Belegrino Vieira
Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira
Marielly Inácio do Nascimento
Mariely Mayeski
Marília Daniele Soares Vieira
Marília Poiani Teixeira
Marina Castro
Marina Magalhães da Silva
Mário Silva Araujo
Marisa de Paula Arrais Alencar Brasil
Marisol Prol
Marlene Cardoso da Conceição
Marlon Vasconcelos
Matheus Ryan Pereira
Maura Aparecida Cordeiro Ribeiro
Mayara Andrade
Mayara Capistrano Silva
Melissa Barth
Merelayne Regina Fabiani
Méri Sartori
Mériten Élvia Altelino da Silva
Michele Rodrigues
Michelle de Andrade Passos
Michelle de Carvalho Mallmann
Midiã Ellen White de Aquino
Mileide Teles Pereira

Milka Mantoku
Millene Obregon Garcia
Míriam Almeida
Miriane Ferreira de Lima Oliveira
Monica Fabiane da Silva Sobrinho
Monique de Aguiar Mendes
Monique Emanuelle Oliveira de Queiroz
Monique Lameiras de Amorim
Montecastros
Munike Martins Bonet
Nat Rondán
Natalia Lemos Mataitis
Natália Mileno
Natália Moura Willemann
Natália Stein
Natalie Coppini de Mello
Natercia Pinto
Nathália Cristina Ribeiro A. de Oliveira
Nathalia Stefany
Nayanne Luna
Nayara Maciel Arêas
Neide Pelissoni Silva Pelissoni
Neuraci da Silva Neris
Neusa Matteo Fiberto
Nicole Führ
Niége Casarini Rafael
Nilton Oliveira Silva
Nina França
Nuza Batemarque
Oldair Roballo Mello

Pâmela Godoi
Pâmela Possani
Paola Aleksandra
Patricia Ana Tremarin
Patrícia Mora Pereira
Patricia Quartarollo
Patrícia Silva
Paula Lemos
Paula Safira
Paulo Fonseca Marinho Junior
Pedro Henrique Nunes Carvalho
Perciane Gonçalves de Sá
Poliana da Silva Oliveira
Pri Baeta
Priscila Bortolotti
Priscila C. Morgan
Priscila Cavalcante
Priscila Daniel do Nascimento
Priscila Lopes Polachini
Rafael Machado Saldanha
Rafael Miritz Soares
Rafael Wüthrich
Rafaela Emmanuelli Hubner
Rafaella Barbosa Jatoba
Rafaelle Schütz Kronbauer Vieira
Raissa Pinto
Ramiles da Silva Santos
Ramiro Michelon
Raonny Bryan Metzker
Raquel Cristina Gervino Gale

Raquel Fernandes Mendes Baracuhy
Raquel Galvão Sartório
Raquel Silva
Raquel Silva do Rosario
Rayssa Albuquerque Cruz Abreu
Rebeca Ferreroni
Regina Aparecida de Araújo Almeida
Regina Kfuri
Regina Stein
Reginaldo Claudeonor Calegari
Renan Gomes Barcellos
Renata Alessandra Firmino Wanderley
Renata Alves De Paula
Renata Bertagnoni Miura
Renata Bezerra Onofre
Renata de A. V. Capello
Renata Dias
Renata Guimarães de Araujo
Renata Prado Alves Silva
Renata Souto
Ricardo Ataliba Couto de Resende
Rita de Cássia Dias Moreira de Almeida
Roberta Lessa Ribeiro
Roberta Ouriques
Robson Brito
Rodrigo Silveira Rocha
Rosana Silva dos Santos
Rosangela Bissolotti
Rosineide dos Santos Rebouças
Sabrina Lira Lima

Sabrina Wolf
Samanta Silva Moreira Souza
Samara Mitsue Oda do Nascimento
Sandra Almeida
Sandra Borella
Sandra da Cruz Martins Navarro
Sandra Dias de Oliveira dos Santos
Sandra Parejo Martin
Sandra Regina dos Santos
Sandra Regina Souza
Sanndy Victória Freitas Franklin Silva
Santuza Barros
Séfora Vieira Camelo
Sheylla Adryanny
Shirley Peixe
Silvandir Silva
Silvia Maria dos Santos
Silvia T.
Simone Aparecida de Melo Quattrone
Simone Ethur Cardoso
Sinthia Cunha Benavides Ritter
Sizue Itho
Solange Beatriz Klock Vicari
Sônia de Jesus Santos
Stefânia Sandrelli Duarte
Stephanie Dariva Quiquio
Suélen Mazzardo
Sueli Yoshiko Saito
Suellen Souza Gonçalves
Suzana Chaves de Oliveira Linhares

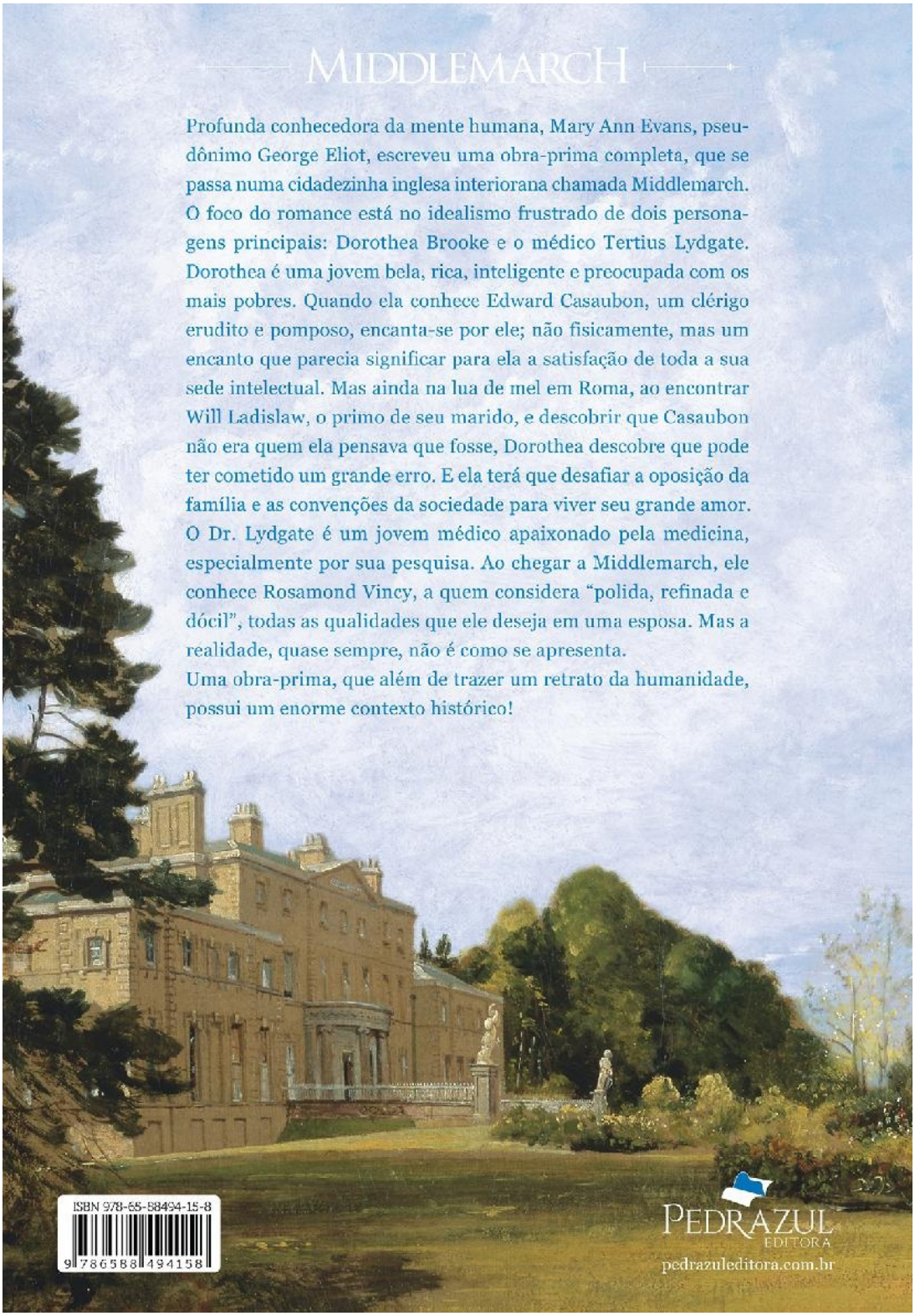
Suzana Dias Vieira
Sylia Rehder
Tais Gregório
Taisa Regina Goi Fydryszeski
Tâmara Assunção
Tânia Carla da Rocha Lozano de Melo
Tânia Maria Florencio
Társila Lino
Tassia Medeiros
Tatiana Fabiana de Mendonça
Tatiana Miranda Souza
Tatiana Petersen Ruschel
Tatiana Rocha de Souza
Taynara Freitas
Tereza Cristina Vargas Carneiro
Tereza Letícia
Thainá Malta
Thais Bueno Louzada
Thais Elen Ribeiro Matias
Thais Tenório
Thais Terzi de Moura
Thalita Oliveira
Thalita Prado
Thalita Rodrigues Ferreira
Thayane Graciano
Thayná Salles Ferreirinha Z. de Campos
Thiago James Rodrigues
Thiago Massimino Suarez
Thiago Ribeiro Barbosa
Tiago Troian Trevisan

Tifani Souto Alves
Tuísa Machado Sampaio
Urraca Mendes
Valeria Gomes Pereira
Valéria Lima de Barros
Valeria Pinto Fonseca
Valquiria Gonçalves
Vanderni Freitas da Silva
Vandrielly Paula
Vanessa Queiroz
Vanessa Ramalho
Vanessa Rodrigues Possel
Vanessa Vargas de Lima Costa
Vanessa Falarz
Vânia Monteiro
Vera Carvalho
Verônica Meira
Vesta de Antares Faria Corradini
Vinicius Marques
Virgínia de Oliveira
Virgínia Maggi
Virgínia Maria de Melo Magalhães
Virgínia Souza Montarde Flores
Vitória Rugieri
Vivian Lira Lima
Vivian Osmari Uhlmann
Viviane Carvalho
Viviane Costa Moreira de Souza
Viviane de Freitas Oliveira
Viviane Feijó Machado

Viviane Tavares Nascimento
Viviane Ventura e Silva Juwer
Walderlania Silva Santos
Walkiria Nascente Valle
Wanda Maria Mancino da Luz Caixeta
Wendell Paiva Vita
Wilma Suely Ribeiro Reque
Yasmine Louro
Yolanda Silva

MIDDLEMARCH

Profunda conhecedora da mente humana, Mary Ann Evans, pseudônimo George Eliot, escreveu uma obra-prima completa, que se passa numa cidadezinha inglesa interiorana chamada Middlemarch. O foco do romance está no idealismo frustrado de dois personagens principais: Dorothea Brooke e o médico Tertius Lydgate. Dorothea é uma jovem bela, rica, inteligente e preocupada com os mais pobres. Quando ela conhece Edward Casaubon, um clérigo erudito e pomposo, encanta-se por ele; não fisicamente, mas um encanto que parecia significar para ela a satisfação de toda a sua sede intelectual. Mas ainda na lua de mel em Roma, ao encontrar Will Ladislaw, o primo de seu marido, e descobrir que Casaubon não era quem ela pensava que fosse, Dorothea descobre que pode ter cometido um grande erro. E ela terá que desafiar a oposição da família e as convenções da sociedade para viver seu grande amor.
O Dr. Lydgate é um jovem médico apaixonado pela medicina, especialmente por sua pesquisa. Ao chegar a Middlemarch, ele conhece Rosamond Vincy, a quem considera "polida, refinada e dócil", todas as qualidades que ele deseja em uma esposa. Mas a realidade, quase sempre, não é como se apresenta.
Uma obra-prima, que além de trazer um retrato da humanidade, possui um enorme contexto histórico!



ISBN 978-65-88494-15-8

PEDRAZUL EDITORA
pedrazuleditora.com.br

Notes

[← 1]

. Coleção de textos filosóficos escritos pelo físico, filósofo e teólogo francês Blaise Pascal, (1670), no intuito de defender o Cristianismo. Pascal era crítico do racionalismo e apresentou suas principais indagações acerca da existência de um Deus baseado no racionalismo. Nas palavras do filósofo: “É o coração que sente Deus e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração”. (N.E.)

[←2]

. Pároco da Igreja Anglicana conhecido como “Shakespeare do Divino” por seu estilo poético de expressão. (N.E.)

[←3]

. Bedlam, ou Bethlem Royal Hospital, hospital psiquiátrico que recebia visitantes que pagavam para ver os pacientes sofrendo extrema tortura durante a era Vitoriana. (N.E.)

[←4]

. Sir Robert Peel (1788-1850), ministro do Interior do governo do duque de Wellington, responsável pelo desenvolvimento de medidas administrativas, imposto de renda etc., contrário à liberdade política e religiosa para os católicos. (N.E.)

[←5]

. Richard Hooker (1554-1600), teólogo inglês, defensor da Igreja Anglicana. (N.T.)

[←6]

. *Parterre*, do francês, significa canteiro. (N.T.)

[← 7]

. Rainha-consorte (1609-1669) de Carlos I da Inglaterra, sempre retratada com um colar de pérolas no pescoço esguio. (N.E.)

[←8]

. *Trumeau* é o nome de um espelho vertical criado na França do séc. XVIII. A palavra designa a parede que existe entre duas janelas. (N.T.)

[←9]

. Livre tradução do espanhol. (N.E.)

[←10]

. Sir Humphry Davy (1778-1829), catedrático em química e escritor, autor de *Elementos de Química Agrícola*. (N.T.)

[← 11]

. John Locke (1632-1704), filósofo inglês, um dos principais representantes do empirismo e grande influenciador do liberalismo. (N.T.)

[←12]

. Adam Smith (1723-90), filósofo escocês que revolucionou a teoria econômica da época. (N.T.)

[←13]

. *A História da Guerra Peninsular*, relato das lutas dos espanhóis contra Napoleão. Robert Southley (1774-1843), poeta romântico inglês, autor de várias obras e tradutor de clássicos medievais. (N.T.)

[← 14]

. Membros de uma seita religiosa fundada por Pierre Valdès, na França do séc. XII. Eles negavam a autoridade do papa e defendiam que mulheres poderiam pregar. (N.T.)

[←15]

. William Wilberforce (1759-1833), filantropo inglês que se destacou na causa da abolição da escravatura no Reino Unido. (N.T.)

[←16]

. Livre tradução do francês: leitão. (N.T.)

[←17]

. Personagem falsamente piedoso da obra de Isaac Biskerstaff, *The Hypocrite* (1769). (N.T.)

[←18]

. Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704), bispo e teólogo francês famoso por sua eloquência. Suas disputas teológicas com os protestantes tiveram alguma influência na Inglaterra. (N.T.)

[←19]

. À época em que se passa o romance, havia protestos sociais generalizados na Inglaterra, destruição de máquinas e grãos por operários e lavradores, respectivamente. (N.E.)

[←20]

. Na Inglaterra do século XIX, cada região possuía um ou mais magistrados, que eram “os guardiões dos arquivos”. Eram notáveis cavalheiros, homens de caracteres ilibados, que eram os primeiros a serem avisados caso um crime ou contravenção ocorresse nas regiões as quais representavam. Não eram juízes da Corte. Interrogavam um criminoso e entregavam-no para julgamento da Lei. (N.T.)

[←21]

. *Strephon e Chloe*, poema de Jonathan Swift (1667-1745), escritor anglo-irlandês. Foi publicado em 1734 e era imensamente popular na Inglaterra. A mensagem geral baseava-se na ideia de conceber um casamento com base em noções mal concebidas de beleza. Swift pega essas ilusões e as exagera quando faz com que Strephon pense que sua esposa era “criatura divina” e que seu corpo era “imaculado”. O choque da realidade com a ficção de suas concepções sociais é revelado quando Strephon é confrontado com a noção de que sua “deusa” não era sobrenatural, mas humana como qualquer outra mulher. Swift utiliza a sátira humorística para ilustrar os padrões impossíveis os quais as mulheres enfrentavam e para sugerir a fonte do estresse conjugal. (N.E.)

[←22]

. *Female Scripture Characters* (1813), de Frances Elizabeth King. (N.E.)

[←23]

. John Claudius Loudon (1783-1843), escocês, filho de um próspero fazendeiro, estudou botânica e biologia, e se dedicou aos estudos e escreveu livros sobre agricultura e construções rurais. (N.E.)

[←24]

. Oberlin (1770-1826), filantropo francês. (N.T.)

[←25]

. Cética rosa e branca, referência ao empirismo inglês que questionava as certezas das nossas crenças e opiniões. (N.T.)

[←26]

. *The Pilgrim's Progress*, obra de John Bunyan (1628-88), publicada em duas partes (1678 e 1684), que traz um relato alegórico de um viajante em busca da cidade celestial e dos desafios e dificuldades que aparecem pelo caminho. Teve uma forte influência no protestantismo inglês. (N.T.)

[←27]

. Referindo-se a Samuel Romilly (1757-1818), político inglês que se empenhou pela reforma na legislação. (N.E.)

[←28]

. Sir Robert Peel (1788-1850) foi um estadista conservador inglês e duas vezes primeiro-ministro do Reino Unido. Peel foi um dos fundadores do moderno Partido Conservador. (N.T.)

[←29]

. *Air with Variations*, obra de Georg Friedrich Händel (1685-1759), compositor alemão, naturalizado britânico. (N.T.)

[←30]

· Soneto de Samuel Daniel (1562–1619). Foi um poeta, dramaturgo e historiador inglês no final da era elizabetana e início da era jacobina. Suas obras mais conhecidas são os ciclos de sonetos de Delia. Ele foi considerado um dos autores mais proeminentes de seu tempo e suas obras tiveram uma influência significativa em escritores contemporâneos, incluindo William Shakespeare, e mais tarde os poetas românticos: Samuel Taylor Coleridge e William Wordsworth. C. S. Lewis chamou Daniel de “o homem de letras mais interessante que o século dezesseis produziu na Inglaterra”. (N.E.)

[←31]

· Referindo-se à base da Igreja da Inglaterra, desde a lei elizabetana de 1563. (N.E.)

[←32]

. Whig, ou Partido Whig, partido político liberal inglês. (N.T.)

[←33]

. Guy Fawkes (1570-1606), também conhecido como Guido Fawkes, foi um soldado inglês católico que teve participação na “Conspiração da Pólvora”, na qual se pretendia assassinar o rei protestante Jaime I da Inglaterra e os membros do Parlamento, durante uma sessão em 1605, e assim dar início a um levante católico. Guy Fawkes era o responsável por guardar os barris de pólvora. Tornou-se o símbolo da conspiração, data que vem sendo comemorada em 5 de novembro desde sua execução na forca. (N.E.)

[←34]

. *Varium et mutabile semper femina* (latim): a mulher é sempre mutável e inconstante. Expressão de Virgílio (Eneida). (N.T.)

[←35]

. Irmandade da Morávia: comunidade cristã fundada no séc. XV na Boêmia (República Checa). (N.T.)

[←36]

. Referindo-se aos Sete Sábios da Grécia. A lista desses sábios, contudo, nem sempre foi a mesma. (N.T.)

[←37]

. “Cilício é uma antiga veste de crina ou cerdas, ou ainda uma faixa de correntes de ferro, cheia de pontas, usada por penitentes diretamente sobre apele. Sinônimo de martírio. (N.T.)

[←38]

. *“Como a doce maçã que rubra, muito rubra, lá em cima, no alto do mais alto ramo os colhedores esqueceram; não, não esqueceram, não puderam atingir”*. Citação de Safo, célebre poetisa grega da Ilha de Lesbos, que liderava um grupo de mulheres que adoravam Afrodite, a deusa do amor. (N.T.)

[←39]

. Instrumento musical semelhante ao piano de cauda antigo. Difere do piano pelo fato de ter seu som produzido através de martinetes que beliscam as cordas. (N.E.)

[←40]

. *Xisuthrus*, personagem da mitologia babilônica; *fee-fo-fum*, gigante do conto de fadas inglês João e o Pé de Feijão. (N.T.)

[←41]

. *Morbidezza*, do italiano, significa suavidade, delicadeza. (N.T.)

[←42]

. James Bruce (1730-1794) e Mungo Park (1771 – 1806), famosos exploradores britânicos da África. (N.T.)

[←43]

. Thomas de Quincey (1758-1859), escritor inglês e autor de “Confissões de um usuário de ópio” (1822), onde descreve suas experiências como um viciado. (N.T.)

[←44]

. Frangois Broussais (1772-1832), médico francês. (N.T.)

[←45]

. *Dramatis personae*, termo literário usado para personagens principais e secundários no teatro ou nos romances. (N.T.)

[←46]

. Moeda em uso até 1813, ocasião em que foi substituída pelo soberano, equivalente a uma libra esterlina. (N.E.)

[←47]

. Io, na mitologia greco-romana, é uma das paixões de Zeus. (N.T.)

[←48]

. Imogem, heroína da obra de Shakespeare, Cymbeline. (N.T.)

[←49]

. Jogo de cartas muito difundido nos séc. XVIII e XIX, ancestral do bridge. (N.T.)

[←50]

. *Ar Hyd y Nos*, canção galesa; *Ye Banks and Braes* ou *The Banks O'Doon*, canção escocesa. (N.T.)

[←51]

. Flávio Josefo, ou apenas Josefo (d.C 38-100), foi um historiador judeu do séc. I; Nicholas Culpeper (1616-1654), foi um boticário e médico inglês que viveu na Inglaterra do séc. XVII. Embora sua vida tenha sido tragicamente curta, foi repleta de significado, pois mais tarde ele veio a ser conhecido como o “Herbalista do Povo”; Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), foi um poeta alemão famoso por sua epopeia religiosa chamada Messias. (N.T.)

[←52]

. Livre tradução do francês: “há algo para todos os gostos”; *mamselle* é abreviação de *mademoiselle*. (N.T.)

[←53]

. Sir Giles Overreach é um personagem da peça teatral de Philip Massinger *A New Way to Pay Old Debts* (Uma Nova Maneira de Pagar Dívidas Antigas) de 1633. Baseado em um personagem real, Overreach se caracteriza pela crueldade e avareza, muito parecido com Featherstone. (N.T.)

[←54]

. O Cão da Manjedoura é uma história que deriva de uma antiga fábula grega usada para descrever alguém que por maldade mantém algo que não precisa só para impedir que outra pessoa o tenha, o típico desmancha-prazeres. (N.T.)

[←55]

. Em inglês, *dead's men's shoes* significa herança. (N.T.)

[←56]

. Brenda Troil, Mordaunt Merton, Minna e Cleveland são personagens de *O Pirata*, de Sir Walter Scott (1822). Waverley e Flora MacIvor são personagens de *Waverley*, também de Sir Walter Scott (1814). Olivia, Sophia Primrose são protagonistas de *The Vicar of Wakefield*, de Oliver Goldsmith (1766). Corinne é protagonista da obra de mesmo nome de Madame de Stael (1807). (N.T.)

[←57]

. Henry Fielding (1707-1754), novelista inglês, autor, entre outras obras de Joseph Andrews (1742) e Tom Jones (1749). (N.T.)

[←58]

. Mammon é filho de Lúcifer e Lilith, o Senhor do Dinheiro e de todas as Riquezas. (N.T.)

[←59]

. A História de Rasselas, Príncipe da Abissínia é uma fábula sobre a conquista da felicidade. As Viagens de Gulliver é uma coleção de clássicos infantis que trazem ensinamentos para a vida. *(N.T.)*

[←60]

. *Chrisal or The Adventures of a Guinea* (1767), de Charles Johnstone, conta as aventuras de uma moeda, passando por mãos de celebridades em vários países. (N.T.)

[←61]

. John Dee (1527-1608 ou 1609) foi um astrólogo, matemático, geógrafo e astrônomo. Também foi um incansável estudioso de Alquimia e ciências herméticas e conselheiro particular da rainha Elizabeth I. (N.T.)

[←62]

. Edward Jenner (1749-1823) foi um naturalista e médico britânico. Ficou conhecido pela invenção da vacina da varíola, a primeira imunização deste tipo na história do ocidente. (N.T.)

[←63]

. Sir William Herschel (1738-1822), astrônomo inglês de origem alemã, descobridor do planeta Urano. (N.T.)

[←64]

. Marie François Xavier Bichat (1771-1802) foi um pioneiro francês da patologia anatômica. (N.T.)

[←65]

. Havia uma parcela da população que comia essa carne na época, o que não tinha aprovação do papa. (N.E.)

[←66]

. Sansimonismo, doutrina política e social desenvolvida pelo francês Claude Henri Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825), cujos estudos sobre a produção nas novas sociedades industriais influenciaram Comte e Marx. (N.T.)

[←67]

. The Lancet, renomada revista científica inglesa sobre medicina do século XIX, uma das “fontes” de George Eliot para compor seu personagem, o médico Lydgate. (N.E.)

[←68]

. Thomas Wakley (1795-1862), médico fundador da The Lancet. (N.T.)

[←69]

. *Kapellmeister*, do alemão, é o condutor de uma orquestra ou de um coro. (N.T.)

[←70]

. Árias das óperas de Mozart, *As Bodas de Fígaro* e Don Giovanni, respectivamente. (N.T.)

[←71]

. Pierre Charles Louis (1787-1872), médico e investigador francês autor de *Recherches sur la Fièvre Typhoide* (1828). (N.T.)

[←72]

. Lalla Rookh, obra do poeta irlandês Thomas Moore (1779-1852). (N.T.)

[←73]

. Os unitaristas acreditavam na unidade de Deus. Já os atanasianos acreditavam na santíssima Trindade. (N. E.)

[←74]

. Alexander Pope (1688-1744), poeta inglês. (N.T.)

[←75]

. Pródico de Ceos (470 – 400 a.C) foi um sábio e filósofo sofista grego, conhecido como o precursor de Sócrates; célebre por seu mito Hércules, a escolher entre a virtude ou o vício, duas musas que visitaram o herói mitológico. (N.T.)

[←76]

. A túnica envenenada de Nessus causou a morte de Hercules (Héracles). A esposa de Héracles, enganada pelo centauro Nessus, enviou a veste envenenada com o sangue do centauro ao marido, acreditando ser um potente ativo para o amor. (N.T.)

[←77]

. Texto original em italiano, citação de Purgatório, a segunda parte da Divina Comédia de Dante Alighieri, traduzido livremente. (N.E.)

[←78]

. Livre tradução do alemão: eclesiástico, ou clérigo, ou pároco, ou pastor. (N.T.)

[←79]

. Livre tradução do alemão: bem, bem. (N.T.)

[←80]

. Livre tradução do alemão: original ou genial. (N.T.)

[←81]

. Livre tradução do alemão: O sobrinho como um tio. (N.E.)

[←82]

. Esta palavra pode ter vários significados no alemão: criatura mítica grande, horrível e aterrorizante, um monstro; algo tremendamente alto etc. (N.E.)

[←83]

. Na mitologia grega, eram deuses gêmeos da fertilidade, que presidiam danças orgiásticas dos mistérios de Samotrácia (ilha grega). (N.T.)

[←84]

. Citação de Shakespeare em *Two Gentlemen of Verona*. (N.E.)

[←85]

. Livre tradução do francês. (N.E.)

[←86]

. Conyers Middleton (1683-1750) foi um clérigo inglês, muito envolvido em disputas e controvérsias. (N.T.)

[←87]

. Bertel Thorvaldsen (1770-1844) foi um escultor proeminente no período neoclássico que realizou a maioria dos seus trabalhos em Roma. (N.T.)

[←88]

. Expressão alemã que pode significar: desajeitado, malfeito. (N.E.)

[←89]

. Jacob Bryant (1715-1804) foi um erudito inglês que acreditava que a mitologia tinha sua origem nas Escrituras Hebraicas. (N.T.)

[←90]

. Kush e Mizraim são descendentes de Noé. (N.T.)

[←91]

. No original em francês: *porte-cochère. (N.E.)*

[←92]

. Lindley Murray (1745-1826) foi um autor de livros didáticos. Richmal Mangnall (1769-1820) foi uma professora e escritora, autora do livro *Historical and Miscellaneous Questions*, também didático. (N.T.)

[←93]

. Mrs. Thrale, mais tarde, Mrs. Piozzi (1741 – 1821), foi uma escritora e amiga do grande escritor inglês Samuel Johnson (1709 – 1784), sobre quem publicou um livro de anedotas. (N.T.)

[←94]

. Lady Blessington (1789-1849), autora de romances sobre a alta sociedade e diretora do anuário. Letitia Elizabeth Landon (1802-1818), romancista popular da época. (N.E.)

[←95]

. Trata-se de “escritos secundários” e “coisas pendentes”, “pensamentos dispersos, embora sistematicamente ordenados, sobre diversos temas. (N.E.)

[←96]

. William Warbuton (1968-1779) foi um bispo e argumentador em questões teológicas. (N.T.)

[←97]

. Livre tradução do Latim: “homens que nunca perecerão”. (N.E.)

[←98]

. Livre tradução do francês: “*Qui veut delasser hors de propos, lasse*”. (N.E.)

[←99]

. Tobias Smollett (1721-1771), novelista escocês, autor das obras citadas. (N.T.)

[←100]

. Heroína do romance *La Solitaire des Pyrénées*, do autor francês Antoine Sabatier de Castres (1742-1817). (N.E.)

[←101]

. Referência à peça de Shakespeare *As You Like It*, em que Orlando se apaixona por Rosalind. (N.E.)

[←102]

. Referência à Odisseia, de Homero. Ulisses sabia que, no calor da hora, ele e seus homens não teriam força e firmeza para resistir ao apelo sedutor das sereias. Foi por isso que, ao se aproximarem da ilha, ele ordenou que todos os tripulantes tapassem os próprios ouvidos com cera e mandou que o amarrassem ao mastro do navio (N.E.)

[←103]

. Referência a *Punch and Judy,* um espetáculo de marionetes tradicional com Mr. Punch e sua esposa Judy. (N.E.)

[←104]

. Referência à terra dos gigantes em *A Viagem de Gulliver*, do escritor anglo-irlandês Jonathan Swift (1667-1745). (N.E.)

[←105]

. George Henry Borrow (1803-1881), pregador protestante que se aproximou do mundo cigano e aprendeu sua língua. (N.T.)

[←106]

. Referindo-se ao baronete Robert Peel, um político britânico, primeiro-ministro de seu país de 1834 a 1835 e 1841 a 1846. Ajudou a criar o conceito moderno da força policial do Reino Unido. (N.E.)

[←107]

. Protagonista da obra de Molière, *O Avarento* (1669). (N.T.)

[←108]

. Livre tradução do Latim: “Ganhou todos os votos o que uniu o útil ao agradável”. Unir, numa composição literária, o útil ao agradável, segundo Horácio, é a base do sucesso. (N.E.)

[←109]

. Jean-François Regnard (1665-1709) foi um pintor francês. (N.E.)

[←110]

. Charles Gray (1764-1845) foi primeiro-ministro da Grã-Bretanha de 1830 a 1834 e apoiou a aprovação da Lei da Grande Reforma em 1832, anunciando o início de uma era de rápida mudança social e política. (N.E.)

[← 111]

. Charles James Fox (1749-1806), estadista e orador inglês, membro do partido liberal (Whigs). (N.T.)

[←112]

. William Huskisson (1770-1830) foi um estadista britânico conservador e contra as reformas. (N.E.)

[←113]

. Percy Bysshe Shelley (1792-1822) foi um controverso poeta romântico inglês, renegado pelos ingleses da época (incluindo o próprio pai barão), por causa de suas falas contra o cristianismo, por adultério, acusado do suicídio de sua primeira esposa ao se casar com Mary Wollstonecraft Godwin; amigo de Byron, que apenas fez sucesso após sua morte devido à interferência de sua esposa, que se tornou a escritora Mary Shelley, que o “pintou” como um “santo”, editando seus poemas e retirando aquilo que a sociedade conservadora não gostaria de ler. (N.E.)

[← 114]

. Palavra em Latim que significa o estudo da origem das palavras e as suas mudanças estruturais e de significado. (N.E.)

[← 115]

. William Lowth (1660-1732) foi um clérigo inglês, conhecido como comentarista bíblico. (N.E.)

[←116]

· A impotência sexual de Edward Casaubon foi mencionada por Diana Culbertson de que “há sugestões claras de que Casaubon era impotente” (1989: 106), enquanto outros, como Edward Alexander, vão além e o descrevem como “o impotente Casaubon” (2012: 187). A. D. Nuttall, em seu estudo sugestivamente intitulado de estudiosos e sexo, Dead from the Waist Down (2003), argumenta que embora o leitor não possa ter certeza, uma vez que o sexo era claramente tão desastroso, Casaubon pode muito bem ser considerado impotente. (N.E.)

[←117]

. *Society for the Diffusion of Useful Knowledge* (SDUK), Sociedade para a Difusão de Conhecimento Útil, fundada em 1826 por Henry Brougham e outros; tinha por objetivo educar o mais amplo leque de leitores. (N.T.)

[←118]

. Partido conservador inglês fundado por Sir Robert Peel em 1834. (N.T.)

[← 119]

. Sujeito que se encarrega de todos os afazeres de outrem. (N.E.)

[←120]

. Uma das técnicas de drenagem do sangue, que empregava agulhas e bolsas coletoras num procedimento parecido com o da atual doação de sangue. Uma terceira técnica era a aplicação de até 50 sanguessugas da espécie *Hirudo medicinalis* – em cada "refeição", elas conseguem sugar até 10 vezes seu próprio peso. (N.E.)

[←121]

. Jacques Lafitte (1767-1844), um político francês, um dos líderes da revolução de 1830. (N.E.)

[←122]

. O atrapalhado Mr. Brooke citou uma frase em latim que não é de Horácio, mas o lema de Ferdinando I, Sacro Imperador Romano (1556-1564), que a usou como seu slogan e tornou-se uma regra importante para controlar a nação. Provavelmente originada do livro Loci Communes de Johannes Jacobus Manlius (1563). Significa: Faça-se justiça, ainda que o mundo morra ou Faça-se justiça, ainda que os céus caiam. (N.E.)

[←123]

. Livre tradução do latim: Suaviza os costumes. (N.E.)

[←124]

. Referindo-se ao poeta inglês Edward Young (1683-1765). (N.E.)

[←125]

. Ninrode, Nimrod ou Nenrode é um personagem bíblico, filho de Cuxe e Semíramis, neto de Cam e bisneto de Noé, descrito como o primeiro poderoso na terra. Ninrode também é descrito como um “poderoso caçador perante o Senhor”. (N.E.)

[←126]

. Referindo-se aos escritores inglês e escocês, respectivamente: Henry Fielding (1707-1754) e Walter Scott (1771-1832). (N.E.)

[←127]

. Expressão que significa: “Uma pessoa que goza de plenos direitos políticos e civis, uma pessoa que não é escrava ou serva”. (N.E.)

[←128]

. Referência a Uriel, de Milton, que é o regente do sol em *O Paraíso Perdido.* (N.E.)

[←129]

. Wag: do inglês, uma pessoa que faz piadas, um comediante; *Bachelor of Arts* ou B.A.: um grau acadêmico comparado a um bacharelado; Ba. (N.T.)

[←130]

. Onomatopeia do balido; Lamb, do inglês: carneiro. (N.T.)

[←131]

. Moeda equivalente a uma libra esterlina. (N.T.)

[←132]

. William Huskisson, político inglês, vítima de um acidente na inauguração da linha Liverpool-Manchester em 1830. (N.T.)

[←133]

. William Burke e William Hare: assassinos que enforcavam as pessoas e vendiam os corpos para o estudo anatômico no início do séc. XIX na Escócia. (N.T.)

[←134]

. No original M.D. = Medical Doctor, título obtido ao término do curso de medicina. (N.T.)

[←135]

.Do latim “*vis medicatrix naturae”:* a “via medicamentosa da natureza” e seu poder curativo. (N.T.)

[←136]

. Curandeiro de Londres que causou a morte de duas pessoas no século XIX. (N.E.)

[←137]

. Químico e fisiologista francês François-Vicente Raspail (1794-1878). (N.E.)

[←138]

. Andreas Vesalius (1514-1564) foi um médico belga, considerado o “pai da anatomia moderna”. Foi o autor da publicação *De Humani Corporis Fabrica*, um atlas de anatomia publicado em 1543. (N.E.)

[←139]

. Lema latim que significa “confiar em alguém experiente”; literalmente ou “confiança especializada”. (N.E.)

[←140]

. No original em espanhol. Tradução livre. (N.E.)

[←141]

. Ministro do governo de lorde Gray, encarregado de apresentar à Câmara dos Comuns o Projeto de Lei da Reforma de 1832. (N.T.)

[←142]

. No original *Punch and Judy*, apresentação tradicional de fantoches personalizando, Mr. Punch e sua esposa, Judy. (N.T.)

[←143]

. Referência a uma canção inglesa popular na época. (N.E.)

[← 144]

. Michael Drayton (1563-1631) foi um poeta inglês de poesias e canções pastoris. (N.E.)

[←145]

. Membro de uma sociedade monástica do século XIV, que se dedicava ao tratamento de doentes e inumação dos mortos. (N.E.)

[←146]

. Hugh Latimer (1487-1555) foi membro do Clare College, Cambridge, e bispo de Worcester durante a Reforma, e mais tarde capelão da Igreja da Inglaterra do rei Eduardo VI. Era um grande pregador e famoso por sua simplicidade. Em 1555, sob a rainha católica Mary I, ele foi queimado na fogueira, tornando-se um dos três mártires do anglicanismo de Oxford. (N.E.)

[←147]

. A lei da reforma de 1832 não estendia o direito ao voto a todos os cidadãos do sexo masculino, somente a quem possuísse uma propriedade de dez libras ou mais por ano. (N.T.)

[←148]

. John Charles Spencer (1782-1845), estadista inglês, 3.º Conde Spencer, conhecido durante o tempo de vida de seu pai como Visconde Althorpe. Foi líder da oposição dos antigos liberais, os whigs, ao governo conservador (1828-1830). (N.E.)

[←149]

. É um modo de apresentação artística de cenas da vida real tridimensional, de maneira muito realista. Um espetáculo de quadros ou vistas de efeitos variados, devidos à projeção móvel de luz artificial (N.E.)

[←150]

. *Old Nick*, ou velho Nick, é um apelido para o diabo. (N.T.)

[←151]

. Livre tradução do italiano. (N.T.)

[←152]

. Dido foi uma figura mitológica grega, rainha de Cartago, que se apaixonou pelo príncipe troiano Enéias. Antes de conhecer Enéias, ela foi casada com Sychaeus, que foi assassinado por seu próprio irmão, Pigmalião. Zenobia também foi uma rainha do século III do Império de Palmira. Provavelmente, Mrs. Cadwallader estava sendo irônica em propor esse assunto. (N.E.)

[←153]

. Mary Ann Evans amava as obras de Walter Scott desde sua adolescência precoce. Aqui ela se refere a *Waverley*, livro de Scott que se passa durante a Rebelião Jacobita de 1745, que procurou restaurar a dinastia Stuart na pessoa de Charles Edward Stuart. A história de um jovem sonhador soldado inglês, Edward Waverley, que foi enviado para a Escócia em 1745. Ele viaja para o norte a partir de sua casa aristocrática, Waverley-Honor, no sul da Inglaterra, primeiro para as Terras Altas da Escócia e a casa do amigo da família, Bradwardine, depois para as Terras Altas e o coração do levante Jacobita. (N.E.)

[←154]

. Richard Poson (1759-1808), filósofo inglês especialista em autores gregos antigos. (N.E.)

[←155]

. *This is the house that Jack built*, ou *Esta é a Casa que Jack Construiu*, em português, é uma poesia infantil na qual há muitos versos, cada um adicionando uma linha extra à última linha. (N.T.)

[←156]

. *Mechanic's Institute* foi uma organização voluntária muito comum nos Estados Unidos e na Inglaterra durante o período de 1820 e 1860. Tinha por objetivo educar trabalhadores manuais. (N.T.)

[←157]

. Personagem de Shakespeare em Henrique IV. (N.T.)

[←158]

. John Bull é uma caricatura da Grã-Bretanha criada por John Arbuthnot. (N.T.)

[←159]

. Rumpelstiltskin é um conto de fadas originado na Alemanha, *O Anão Saltador*, publicado pelos Irmãos Grimm em 1812 (N.E.)

[←160]

. Soberano: moeda de ouro equivalente a uma libra esterlina. (N.T.)

[←161]

. Botany Bay, a apenas alguns quilômetros de Sydney, Austrália, é o lugar onde os ingleses, sob o comando do Capitão James Cook, desembarcaram pela primeira vez em 1770, com a finalidade de ali estabelecer uma colônia penal. (N.T.)

[←162]

. Spavin é um crescimento ósseo na articulação do jarrete inferior de cavalo ou gado. É causado por osteoartrite e o grau de claudicação que resulta pode ser sério o suficiente para terminar a carreira competitiva de um cavalo. (N.E.)

[←163]

. Old Harry, apelido do diabo. (N.T.)

[←164]

. Prison Hulks eram prisões flutuantes, uma espécie de navio prisão. (N.T.)

[←165]

. Prisão de Newgate, em Londres, que existiu até o fim do séc. XIX. (N.T.)

[←166]

. Gilbert White (1720-1793), grande observador da flora e da fauna de Selborne, na Inglaterra. (N.T.)

[←167]

. Referindo-se à passagem bíblica de I Reis 3:16-28, que relata que duas mulheres que moravam na mesma casa, ambas se dizendo mãe de um filho pequeno, foram até o rei Salomão brigando pela maternidade da criança. Pedindo por uma espada, o rei declarou seu julgamento: o bebê seria cortado em dois, cada mulher recebendo uma metade, mas a verdadeira mãe gritou que ele não fizesse aquilo, que ela renunciaria à criança em benefício da outra. Dessa forma, o rei descobriu quem era a verdadeira mãe, dando a ela a criança. (N.E.)

[←168]

. A decisão de “atravessar o Rubicão” remete à decisão de Júlio César de afrontar o Senado e cruzar o rio Rubicão, na Itália, o que era vedado pela lei da época. (N.T.)

[←169]

. Ponto Euxino, antigo nome do mar Negro. (N.T.)

[←170]

. George Jeffreys (1648-1689), juiz inglês notório por sua crueldade e corrupção. O legislador ateniense Drácon foi responsável por um dos códigos de leis mais severos já visto. (N.T.)